

EDIÇÃO BILÍNGUE INGLÊS / PORTUGUÊS



EMMA

JANE AUSTEN: EMMA - A NOVEL IN THREE VOLUMES

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



VOLUME I

CAPÍTULO I

CAPÍTULO II

CAPÍTULO III

CAPÍTULO IV

CAPÍTULO V

CAPÍTULO VI

CAPÍTULO VII

CAPÍTULO VIII

CAPÍTULO IX

CAPÍTULO X

CAPÍTULO XI

CAPÍTULO XII

CAPÍTULO XIII

CAPÍTULO XIV

CAPÍTULO XV

CAPÍTULO XVI

CAPÍTULO XVII

CAPÍTULO XVIII

VOLUME II

CAPÍTULO I

CAPÍTULO II

CAPÍTULO III

CAPÍTULO IV

CAPÍTULO V

CAPÍTULO VI

CAPÍTULO VII

CAPÍTULO VIII

CAPÍTULO IX

CAPÍTULO X

CAPÍTULO XI

CAPÍTULO XII

CAPÍTULO XIII

CAPÍTULO XIV

CAPÍTULO XV

CAPÍTULO XVI

[CAPÍTULO XVII](#)

[CAPÍTULO XVIII](#)

[VOLUME III](#)

[CAPÍTULO I](#)

[CAPÍTULO II](#)

[CAPÍTULO III](#)

[CAPÍTULO IV](#)

[CAPÍTULO V](#)

[CAPÍTULO VI](#)

[CAPÍTULO VII](#)

[CAPÍTULO VIII](#)

[CAPÍTULO IX](#)

[CAPÍTULO X](#)

[CAPÍTULO XI](#)

[CAPÍTULO XII](#)

[CAPÍTULO XIII](#)

[CAPÍTULO XIV](#)

[CAPÍTULO XV](#)

[CAPÍTULO XVI](#)

[CAPÍTULO XVII](#)

[CAPÍTULO XVIII](#)

[CAPÍTULO XIX](#)

[EMMA: A NOVEL IN THREE VOLUMES](#)

[VOLUME I](#)

[CHAPTER I](#)

[CHAPTER II](#)

[CHAPTER III](#)

[CHAPTER IV](#)

[CHAPTER V](#)

[CHAPTER VI](#)

[CHAPTER VII](#)

[CHAPTER VIII](#)

[CHAPTER IX](#)

[CHAPTER X](#)

[CHAPTER XI](#)

[CHAPTER XII](#)

[CHAPTER XIII](#)

[CHAPTER XIV](#)

[CHAPTER XV](#)

[CHAPTER XVI](#)

[CHAPTER XVII](#)

[CHAPTER XVIII](#)

[VOLUME II](#)

[CHAPTER I](#)

[CHAPTER II](#)

[CHAPTER III](#)

[CHAPTER IV](#)

[CHAPTER V](#)

[CHAPTER VI](#)

[CHAPTER VII](#)

[CHAPTER VIII](#)

[CHAPTER IX](#)

[CHAPTER X](#)

[CHAPTER XI](#)

[CHAPTER XII](#)

[CHAPTER XIII](#)

[CHAPTER XIV](#)

[CHAPTER XV](#)

[CHAPTER XVI](#)

[CHAPTER XVII](#)

[CHAPTER XVIII](#)

[VOLUME III](#)

[CHAPTER I](#)

[CHAPTER II](#)

[CHAPTER III](#)

[CHAPTER IV](#)

[CHAPTER V](#)

[CHAPTER VI](#)

[CHAPTER VII](#)

[CHAPTER VIII](#)

[CHAPTER IX](#)

[CHAPTER X](#)

[CHAPTER XI](#)

[CHAPTER XII](#)

CHAPTER XIII

CHAPTER XIV

CHAPTER XV

CHAPTER XVI

CHAPTER XVII

CHAPTER XVIII

CHAPTER XVIII

JANE AUSTEN

JANE AUSTEN

EMMA

EDIÇÃO BILÍNGUE

EMMA: A NOVEL IN THREE VOLUMES



EDITORA LANDMARK

2012

COPYRIGHT © BY EDITORA LANDMARK LTDA.
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À EDITORA LANDMARK LTDA.
TÍTULO ORIGINAL: EMMA: A NOVEL IN THREE VOLUMES
PRIMEIRA EDIÇÃO: JOHN MURRAY PUBLISHING COMPANY, LONDRES,
DEZEMBRO DE 1815

DIRETOR EDITORIAL: FABIO CYRINO
TRADUÇÃO E NOTAS: DORIS GOETTEMS
REVISÃO: FRANCISCO DE FREITAS
DIAGRAMAÇÃO E CAPA: ARQUÉTIPO DESIGN+COMUNICAÇÃO

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, CBL, SP, BRASIL)

AUSTEN, JANE (1775 - 1817)

EMMA - EMMA: A NOVEL IN THREE VOLUMES /
JANE AUSTEN; {TRADUÇÃO E NOTAS DORIS GOETTEMS}

SÃO PAULO : EDITORA LANDMARK, 2010.

EDIÇÃO BILÍNGUE : INGLÊS / PORTUGUÊS

ISBN 978-85-88781-54-2

E-ISBN 978-85-88781-80-1

I. FICÇÃO INGLESA. I. TÍTULO.

II. TÍTULO: EMMA: A NOVEL IN THREE VOLUMES

10-05817 / CDD - 823

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. FICÇÃO: LITERATURA INGLESA / 823

TEXTOS ORIGINAIS EM INGLÊS DE DOMÍNIO PÚBLICO.
RESERVADOS TODOS OS DIREITOS DESTA TRADUÇÃO E PRODUÇÃO.
NENHUMA PARTE DESTA OBRA PODERÁ SER REPRODUZIDA E/OU
ARMAZENADA EM SEU TODO OU EM PARTES POR FOTOCÓPIA
MICROFILME, PROCESSO FOTOMECÂNICO OU ELETRÔNICO SEM
PERMISSÃO EXPRESSA DA EDITORA LANDMARK, CONFORME LEI Nº
9610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998.

EDITORA LANDMARK
RUA ALFREDO PUJOL, 285 - 12º ANDAR - SANTANA
02017-010 - SÃO PAULO - SP

TEL.: +55 (11) 2711-2566 / 2950-9095
E-MAIL: EDITORA@EDITORALANDMARK.COM.BR
WWW.EDITORALANDMARK.COM.BR
IMPRESSO EM SÃO PAULO, SP, BRASIL
PRINTED IN BRAZIL
2012

VOLUME I

CAPÍTULO I

Emma Woodhouse, bonita, inteligente e rica, com uma casa confortável e disposição alegre, parecia reunir algumas das maiores bênçãos da existência; e vivera quase vinte e um anos no mundo com muito pouco a lhe causar angústia ou irritação.

Era a mais jovem das duas filhas do mais afetuoso e indulgente dos pais e, devido ao casamento da irmã, tornara-se a senhora da casa desde muito jovem. Sua mãe morrera há tanto tempo que ela não tinha mais que uma vaga lembrança de seus carinhos, e seu lugar fora ocupado pela governanta, uma excelente mulher que lhe dedicara quase o mesmo afeto da mãe.

Miss Taylor passara dezesseis anos com a família de Mr. Woodhouse, mais como amiga do que como governanta, muito afeiçãoada às duas filhas, mas particularmente à Emma. Entre as duas havia uma intimidade como a de irmãs. Mesmo antes de Miss Taylor deixar de manter o cargo nominal de governanta, a doçura de seu caráter quase a impedia de impor alguma disciplina; e depois que a sombra de autoridade já há muito se desfizera, elas viviam juntas como amigas muito afeiçãoadas, com Emma fazendo só o que queria; levava em alta consideração o julgamento de Miss Taylor, mas guiava-se apenas pelo seu próprio.

Os verdadeiros males da situação de Emma eram, na verdade, o poder de ter as coisas feitas a seu modo e uma disposição para pensar um pouco bem demais de si mesma; estas eram as desvantagens que ameaçavam limitar seus muitos divertimentos. O perigo, entretanto, passava tão despercebido no momento, que elas não o consideravam, de modo algum, como um infortúnio para a jovem.

A tristeza chegou – uma tristeza suave – mas não na forma de uma desagradável conscientização. Miss Taylor casou-se. A perda de Miss Taylor foi a primeira tristeza de sua existência. Foi no dia do casamento dessa amiga querida que Emma primeiro pensou, com pesar, na continuidade da vida. Após a cerimônia, quando os convidados já haviam se retirado, ela e o pai foram deixados para que jantassem sozinhos, sem a perspectiva da chegada de uma terceira pessoa para alegrar uma noite tão longa. Seu pai preparou-se para dormir após o jantar, como sempre, e ela então se sentou e começou a pensar no que perdera.

O evento prometia toda felicidade para sua amiga. Mr. Weston era um homem de caráter excepcional, fortuna razoável, idade adequada e maneiras agradáveis; e ela sentia certa satisfação em considerar com que abnegação e

generosa amizade ela mesma havia desejado e promovido a união. Mas o dia seguinte foi de duro trabalho para Emma. Sentiria a falta de Miss Taylor todas as horas de todos os dias. Lembrou de sua bondade no passado – a bondade e a afeição de dezesseis anos – como a havia ensinado e brincado com ela desde os seus cinco anos; como havia devotado todos os seus sentidos em entretê-la e diverti-la na saúde, e como velara por ela durante as várias doenças da infância. Tinha um grande débito de gratidão. Mas os últimos sete anos eram ainda uma preciosa e terna recordação, dado o grau de intimidade e a perfeita confiança que se seguiram ao casamento de sua irmã Isabella, quando ficaram as duas sozinhas. Tinha sido uma amiga e companheira como poucos possuíam: inteligente, bem informada, prestativa, gentil, conhecendo tudo sobre a família, interessada em todas as suas preocupações, e especialmente interessada por ela, por cada uma de suas alegrias, por qualquer coisa que lhe dissesse respeito. Era alguém com quem podia falar de qualquer pensamento que tivesse, e que lhe dedicava uma afeição tão profunda que jamais poderia terminar.

Como ela suportaria a mudança? Era verdade que sua amiga passaria a viver a apenas oitocentos metros dali; mas Emma tinha consciência de que havia uma grande diferença entre uma Mrs. Weston, a apenas oitocentos metros dali, e uma Miss Taylor dentro da casa; e com todas as suas vantagens, naturais e domésticas, estava agora em grande risco de sofrer de solidão intelectual. Amava ternamente o pai, mas ele não podia ser considerado um companheiro. Sua conversa não se comparava com a dela, fosse o assunto sério ou de brincadeira.

A disparidade de idade entre ela e o pai (e Mr. Woodhouse não se casara cedo) fora muito aumentada pela constituição física dele e por seus hábitos; tendo sido um doente toda sua vida, sem atividade física ou mental, era muito mais velho fisicamente do que de idade, e ainda que todos o estimassem pela afabilidade de seu coração e por seu temperamento amigável, não possuía nenhum talento que o recomendasse.

Sua irmã, ainda que comparativamente pouco afastada dela pelo casamento, vivendo em Londres, a apenas 25 quilômetros, estava muito distante para uma visita diária, e muitas longas noites se passariam em Hartfield em outubro e novembro, até que o Natal trouxesse a visita de Isabella, seu marido e as crianças, para encher a casa e proporcionar-lhe de novo uma agradável companhia.

Highbury, o grande e populoso vilarejo, quase uma cidade, ao qual Hartfield de fato pertencia – apesar dos prados e plantações de arbustos separadas, e do nome diferente – não lhe proporcionava companhia de seu próprio nível. Os Woodhouses eram a família mais importante da região, todos os

tomavam como modelo. Ela tinha muitas relações no lugar, pois seu pai era educado com todos, mas nenhum deles podia ser aceito no lugar de Miss Taylor, nem mesmo por um dia. Era uma mudança melancólica e Emma só podia suspirar e desejar o impossível, até que o pai se apercebesse e ela tivesse que mostrar-se alegre. Ele necessitava de apoio. Era um homem nervoso, que caía facilmente em depressão; apegado a todas as pessoas com quem estava acostumado, detestava separar-se delas e detestava mudanças de qualquer espécie. E o casamento, como fonte da mudança, sempre era desagradável; ainda não havia se conformado com o casamento da própria filha, e só falava dela com compaixão, apesar de ter sido um casamento por amor, e agora era obrigado a aceitar a partida de Miss Taylor também. Graças aos seus hábitos de gentil egoísmo, e por não ser capaz de supor que os outros pudessem pensar diferente dele, estava bastante disposto a acreditar que Miss Taylor tinha feito uma coisa muito triste, tanto para ela como para eles, e que teria sido muito mais feliz se passasse o resto de sua vida em Hartfield. Emma sorria e conversava tão alegremente quanto podia, para ocultar-lhe tais pensamentos; mas quando o chá foi servido naquele dia ele não pode deixar de dizer, exatamente como dissera ao jantar:

– Pobre Miss Taylor! Gostaria muito que ela estivesse aqui. Que pena Mr. Weston ter pensado nela!

– Não posso concordar, papai, o senhor bem sabe. Mr. Weston é tão bem-humorado e agradável, um homem excelente e que merece uma boa esposa; e o senhor acha que Miss Taylor iria viver conosco para sempre, aguentando minhas esquisitices, quando podia ter sua própria casa?

– Sua própria casa! Mas qual é a vantagem de ter sua própria casa? Esta é três vezes maior; e você não é esquisita, minha querida.

– Podemos visitá-los sempre, e eles também podem vir nos visitar! Vamos nos encontrar sempre! Nós devemos visitá-los primeiro, temos que ir logo fazer a visita de cumprimento aos recém-casados.

– Minha querida, como posso ir tão longe? Randalls é muito distante, eu não poderia andar nem a metade do caminho.

– Não, papai, ninguém pensou em fazê-lo andar. Vamos de carruagem, é claro.

– De carruagem! James não vai gostar de preparar os cavalos para uma distância tão pequena. E onde os pobres cavalos vão ficar, enquanto estivermos de visita?

– Vão ficar no estábulo de Mr. Weston, papai. O senhor sabe que nós já

arranjamos tudo, falamos sobre o assunto com Mr. Weston ontem à noite. Quanto a James, o senhor pode estar certo de que ele sempre ficará feliz de ir a Randalls, pois sua filha trabalha lá como criada. Duvido até que ele goste de nos levar a outro lugar. Conseguir este bom emprego para Hannah foi obra sua, papai. Ninguém pensou nela até que o senhor a mencionou, James está muito grato ao senhor!

– Fico contente de ter pensado nela. Foi pura sorte, não gostaria que o pobre James se sentisse obrigado por conta disso. E estou certo que ela será uma boa criada, é uma menina educada e fala muito bem, tenho bastante consideração por ela. Toda vez que a via, ela sempre me fazia uma reverência e perguntava como eu estava, de modo muito gentil. E quando você a chamava ao salão para bordar percebi que ela girava a tranca e fechava a porta do modo certo, sem bater. Tenho certeza que será uma excelente criada, e é um grande conforto para Miss Taylor ter uma pessoa conhecida junto dela. Sempre que James for ver a filha, você sabe, Miss Taylor terá notícias nossas, ele poderá contar-lhe como estamos indo.

Emma não poupou esforços para manter este feliz fluxo de ideias, e, com a ajuda do jogo de gamão, esperava manter o pai em tolerável disposição durante a noite, sem outros pesares além do seu. O tabuleiro de gamão foi arrumado, mas a imediata entrada de um visitante tornou o jogo desnecessário.

Mr. Knightley, um homem sensível de trinta e sete ou trinta e oito anos, não era apenas um amigo íntimo da família, mas especialmente ligado a ela, pois era o irmão mais velho do marido de Isabella. Vivia a cerca de um quilômetro e meio de Highbury, era um visitante frequente e sempre bem-vindo. Nesta ocasião era mais bem vindo que o normal, pois acabava de chegar de uma visita ao irmão e à Isabella em Londres. Voltara depois do jantar, após alguns dias de ausência, e vinha direto a Hartfield para dizer que todos estavam bem em Brunswick Square. Era uma notícia boa e deixou Mr. Woodhouse animado por algum tempo. Mr. Knightley tinha um temperamento alegre, que sempre fazia bem ao velho cavalheiro, e respondeu de modo satisfatório às suas perguntas sobre a “pobre Isabella” e as crianças. Após as notícias, Mr. Woodhouse observou, agradecido:

– É muita bondade sua, Mr. Knightley, sair a uma hora tão tardia para nos visitar. Temo que tenha feito uma caminhada horrível.

– De modo algum, senhor. Está uma bonita noite de luar, e tão amena que é preferível me afastar da sua lareira.

– Mas deve estar muito úmido e enlameado. Espero que não pegue um resfriado.

– Enlameado, senhor? Olhe meus sapatos, não tem nenhuma mancha.

– Bem, isso é surpreendente, pois choveu muito por aqui. Caiu uma chuva terrível durante meia hora, quando tomávamos o café da manhã. Queria até que eles adiassem o casamento.

– A propósito, não lhes desejei felicidades. Sei bastante bem o quanto vocês dois estão felizes, por isso não me apressei em congratulá-los; mas espero que tudo tenha corrido razoavelmente bem. Como todos se comportaram? Quem chorou mais?

– Ah! Pobre Miss Taylor! Isso é muito triste.

– Pobre Mr. e Miss Woodhouse, talvez, mas não posso dizer “pobre Miss Taylor”. Tenho grande estima pelo senhor e por Emma, mas quando é uma questão de dependência ou independência... De qualquer forma, é melhor ter apenas uma pessoa para agradecer do que duas.

– Especialmente quando *uma* delas é uma criatura caprichosa e impertinente! – disse Emma, brincando. – Isso é o que o senhor quis dizer, eu sei... E o que certamente diria se meu pai não estivesse aqui.

– Acho que é bem verdade, minha querida, de fato... – disse Mr. Woodhouse com um suspiro. – Temo que às vezes eu seja bastante caprichoso e impertinente.

– Meu querido papai! Não pode acreditar que eu estivesse me referindo ao *senhor*, ou imaginar que Mr. Knightley se referisse ao *senhor*. Que ideia horrível! Não! Eu me referia a mim mesma. Mr. Knightley adora encontrar defeitos em mim, o senhor sabe... De brincadeira. É tudo brincadeira. Sempre dizemos o que pensamos um ao outro.

Mr. Knightley, de fato, era uma das poucas pessoas que podia encontrar defeitos em Emma Woodhouse, e a única que sempre os apontava para ela. Embora isso não fosse particularmente agradável para Emma, seria muito pior para seu pai; ele jamais imaginaria que ela não fosse perfeita para todo mundo.

– Emma sabe que nunca a lisonjeio – disse Mr. Knightley – mas não estendo isso aos outros. Miss Taylor estava acostumada a ter duas pessoas para agradecer, agora só terá uma. As chances são de que ela saia ganhando.

– Bem – disse Emma, desejando mudar de assunto – o senhor queria ouvir sobre o casamento e ficarei feliz de lhe contar, pois todos nos comportamos de forma encantadora. Todo mundo foi pontual, todos vestindo seus melhores trajes, nem uma lágrima, e apenas uma ou outra cara triste. Ah, não! Todos sabemos que estamos a apenas oitocentos metros de distância, e certos de que

vamos nos ver todos os dias.

– A minha querida Emma suporta tudo tão bem – disse o pai. – Mas saiba, Mr. Knightley, que ela está de fato muito pesarosa de perder a pobre Miss Taylor, e tenho certeza que *vai* sentir a falta dela mais do que imagina.

Emma virou o rosto, dividida entre lágrimas e sorrisos.

– É impossível que Emma não sinta a falta de tal companheira – disse Mr. Knightley. – Não gostaríamos tanto dela como gostamos se isso fosse possível, senhor. Mas ela sabe quanto o casamento é vantajoso para Miss Taylor, sabe que é perfeitamente aceitável que, a esta altura da vida, Miss Taylor tenha sua própria casa, e o quanto é importante a garantia de uma vida confortável com o marido. Portanto, só pode se permitir sentir alegria por ela e não tristeza. Todos os amigos de Miss Taylor devem estar felizes de vê-la tão bem casada.

– E o senhor esqueceu de outro motivo de alegria para mim – disse Emma – e muito importante: eu mesma planejei o casamento. Comecei a planejá-lo, o senhor sabe, há quatro anos. E conseguir que essa união acontecesse, provando que eu estava certa, quando todos diziam que Mr. Weston jamais se casaria de novo, me consola de qualquer coisa.

Mr. Knightley sacudiu a cabeça. Seu pai replicou afetuosamente:

– Bem, minha querida, gostaria que não fizesse mais casamentos nem prognósticos, pois tudo que você diz sempre acaba por acontecer. Por favor, não faça mais casamento algum.

– Prometo não fazer nenhum para mim mesma, papai, mas devo fazer para os outros, de verdade. É a coisa mais divertida do mundo. E depois deste sucesso, então! Todos diziam que Mr. Weston nunca mais se casaria. Ah, não! Estava viúvo há tanto tempo e parecia perfeitamente bem sem uma esposa, sempre ocupado com seus negócios na cidade, ou aqui entre seus amigos, sempre benquistado em todos os lugares, sempre alegre... Mr. Weston não precisaria passar mais uma noite sequer sozinho se não gostasse disso. Ah, não! Mr. Weston com certeza jamais voltaria a se casar. Alguns falavam que ele tinha feito uma promessa à esposa em seu leito de morte, outros diziam que o filho e o cunhado não permitiam. Todos os tipos de solenes bobagens foram ditas sobre o assunto, mas não acreditei em nenhuma delas. Tomei minha decisão sobre o assunto há quatro anos, desde o dia em que Miss Taylor e eu o encontramos em Broadway Lane e, como começasse a chover, ele galantemente correu a buscar duas sombrinhas para nós em Farmer Mitchell. Comecei a planejar o casamento deles naquele momento, e como fui abençoada com o sucesso, papai, o senhor não pode querer que eu deixe de arranjar casamentos.

– Não entendo o que você quer dizer com sucesso – disse Mr. Knightley.
– Sucesso supõe esforço. Seu tempo seria apropriada e delicadamente usado se você tivesse se esforçado durante quatro anos para realizar este casamento. Um digno emprego para a mente de uma jovem! Mas se fazer o casamento no seu entender, como imagino, significa apenas planejá-lo, ou dizer para si mesma em um dia em que não tivesse nada mais para se ocupar “Acho que seria muito bom para Miss Taylor se Mr. Weston se casasse com ela”, e depois repetir isso sempre para si mesma, por que fala em sucesso? Qual o seu mérito? Do que se orgulha? Você teve um palpite feliz, e *isso* é tudo que pode ser dito.

– E o senhor nunca sentiu o prazer e o triunfo de ter tido um palpite feliz? Tenho pena do senhor... Pensei que fosse mais esperto, pois confiar num palpite feliz não é apenas sorte. Tem sempre algum talento envolvido. E quanto à pobre palavra “sucesso”, com a qual implicou, não sei se estou inteiramente errada em reivindicá-lo. O senhor pintou duas lindas situações, mas penso que há uma terceira, algo entre o fazer nada e o fazer tudo. Se eu não tivesse promovido as visitas de Mr. Weston à nossa casa, se não tivesse lhe dado alguns pequenos encorajamentos e contornado alguns obstáculos, poderia não ter acontecido nada, afinal de contas. Penso que conhece Hartfield o suficiente para compreender isso.

– Um homem sincero e honesto como Weston e uma mulher equilibrada e sem afetações como Miss Taylor, podem seguramente conduzir seus próprios assuntos sozinhos. É provável que você tenha feito mais mal a si mesma do que bem a eles, com sua interferência.

– Emma nunca pensa em si mesma, quando pode fazer o bem a outros – replicou Mr. Woodhouse, entendendo apenas em parte a conversa. – Mas, minha querida, por favor, não faça mais casamentos, são coisas tolas e destroem o círculo familiar de modo cruel.

– Só mais um, papai, para Mr. Elton. Pobre Mr. Elton! O senhor gosta dele, papai... Devo encontrar uma esposa para ele. Não há ninguém em Highbury que o mereça, e ele já está aqui há um ano e mobiliou sua casa de modo tão confortável que seria uma vergonha se ficasse solteiro por mais tempo. E hoje, no casamento, quando todos se deram as mãos, pensei que ele parecia querer que fizessem por ele a mesma coisa que fiz por Miss Taylor. Admiro muito Mr. Elton, e esta é a única maneira que tenho de prestar-lhe um serviço.

– Mr. Elton é um jovem muito elegante e de bom caráter, com certeza, tenho grande estima por ele. Mas se deseja mostrar-se atenciosa, minha querida, convide-o para jantar conosco um dia desses. Será muito melhor. Ouso dizer que Mr. Knightley será gentil o bastante para encontrá-lo.

– Com grande prazer, senhor, quando quiser – disse Mr. Knightley rindo – e concordo inteiramente com o senhor que é a melhor coisa a fazer. Convide-o para jantar, Emma, e ofereça-lhe o melhor peixe e a melhor ave, mas deixe-o escolher a própria esposa. Pode acreditar, um homem de vinte e seis ou vinte e sete anos é capaz de tomar conta de si mesmo.

CAPÍTULO II

Mr. Weston era natural de Highbury, de uma família respeitável, que nas últimas duas ou três gerações havia ascendido em nobreza e prosperidade. Recebera uma boa educação, mas, atingindo certa independência ainda muito jovem, não se achava disposto a engajar-se nos negócios corriqueiros a que seus irmãos se dedicavam. Para ocupar sua mente ativa e alegre e seu temperamento sociável, entrou para a milícia do condado, e seguiu a carreira militar.

O capitão Weston era estimado por todos; e quando as circunstâncias de sua carreira militar levaram-no a conhecer Miss Churchill, de uma importante família do Yorkshire, e ela se apaixonou por ele, ninguém ficou surpreso, exceto o irmão dela e a esposa. Como nunca o tinham visto, e eram cheios de orgulho e arrogância, sentiam-se ofendidos com este relacionamento.

Miss Churchill, no entanto, sendo maior de idade e em plena posse de sua fortuna – embora esta fortuna não fosse proporcional às propriedades da família – não se deixou dissuadir, e o casamento se realizou, para infinita mortificação de Mr. e Mrs. Churchill, que se afastaram dela com o devido decoro. Foi uma união inapropriada, e não produziu muita felicidade. Mrs. Weston deve ter sido mais feliz, pois tinha um marido de coração afetuoso e caráter gentil, que achava que ela merecia tudo como retribuição pela grande bondade de ter se apaixonado por ele; e embora ela tivesse alguma disposição de espírito, esta não era das melhores. Teve coragem suficiente para impor sua própria vontade, a despeito da oposição do irmão, mas não para refrear seu insensato pesar ante a insensata ira do irmão, nem para deixar de sentir falta dos luxos do seu antigo lar. Viviam acima de suas posses, mas isso não era nada comparado à sua vida em Enscombe: não deixara de amar o marido, mas queria ser ao mesmo tempo a esposa do Capitão Weston e Miss Churchill de Enscombe.

O Capitão Weston, que na opinião de todos, especialmente dos Churchill, havia feito um excelente casamento, terminou por ficar com a pior parte da barganha. Quando sua esposa morreu, após um casamento de três anos, estava ainda mais pobre do que no início e com um filho para criar. Logo seria liberado das despesas de manutenção da criança, no entanto. O filho havia sido um meio de reconciliação, ajudado pelo suave apelo da prolongada doença da mãe. Mr. e Mrs. Churchill, não possuindo filhos nem qualquer outra criança de igual parentesco para se dedicar, ofereceram-se para cuidar integralmente do pequeno Frank, logo após a morte da mãe. O pai viúvo deve ter relutado e sentido alguns escrúpulos, mas como estes foram superados por outras considerações, a criança foi deixada para desfrutar do cuidado e da riqueza dos Churchills, e ele tinha agora que prover apenas seu próprio conforto e tentar melhorar sua

situação tanto quanto pudesse.

Seria necessária uma completa mudança de vida. O capitão deixou a milícia e dedicou-se ao comércio, pois seus irmãos já haviam se estabelecido com sucesso em Londres e lhe propiciaram uma boa abertura. Era um trabalho que o ocupava bastante. Ele ainda possuía uma pequena casa em Highbury, onde passava a maior parte de seus momentos de descanso; e entre uma ocupação útil e os prazeres da sociedade, os dezoito ou vinte anos seguintes de sua vida passaram animadamente. Por essa época ele já havia se estabelecido com sucesso – o suficiente para comprar uma pequena propriedade vizinha a Highbury, que ele sempre desejara – o suficiente para casar-se com uma mulher sem dote como Miss Taylor, e para viver de acordo com a sua própria disposição amigável e sociável.

E foi desde então que Miss Taylor começou a influenciar suas decisões; como não era a tirânica influência da juventude sobre a juventude, isso não abalou sua determinação de não se casar novamente antes que pudesse comprar Randalls. A compra da propriedade era algo que ele ansiava há muito tempo, mas seguiu firme na perseguição de seus objetivos, até que se realizassem. Fizera sua fortuna, comprara sua casa, e conseguira a sua esposa. Começava um novo período em sua existência, com grandes possibilidades de ser muito feliz, mais do que no passado. Mr. Weston nunca fora um homem infeliz, seu próprio temperamento evitara isso, mesmo durante seu primeiro casamento. Mas o segundo iria demonstrar-lhe como podia ser prazeroso ter uma companheira de bom senso e verdadeiramente amável, e dar-lhe a mais agradável prova de que era melhor escolher do que ser escolhido, despertar gratidão do que senti-la.

Sua escolha devia agradar apenas a ele mesmo, pois tinha sua própria fortuna. Quanto a Frank, havia sido tacitamente criado como herdeiro do tio, e tornou-se tão natural sua adoção a ponto dele assumir o sobrenome Churchill quando atingiu a maioridade. Era bastante provável que nunca precisasse do auxílio financeiro do pai, o qual estava bastante tranquilo quanto a isso. A tia era uma mulher caprichosa e governava o marido totalmente. Mas não era da natureza de Mr. Weston acreditar que um capricho qualquer pudesse afetar alguém tão querido e, como pensava, tão merecedor do afeto que lhe dedicavam. Via o filho uma vez por ano, em Londres, e tinha orgulho dele; e sua afetuosa descrição do filho como sendo um belo rapaz fez com que Highbury sentisse certo orgulho dele também. Era considerado como pertencente à comunidade, a ponto de seus méritos e perspectivas serem alvo do interesse comum.

Mr. Frank Churchill era um dos orgulhos de Highbury, e todos tinham grande curiosidade em conhecê-lo, embora a recíproca não fosse verdadeira,

pois ele nunca estivera lá em toda a sua vida. Falava-se muito que ele viria visitar o pai, mas isso nunca acontecera.

Agora, com o casamento do pai, era em geral aceita que, como demonstração de atenção, a visita deveria acontecer. Não havia uma só voz discordante, nem quando Mrs. Perry tomou chá com Mrs. e Miss Bates, nem quando Mrs. e Miss Bates retribuíram a visita de Mrs. Perry. Agora já era tempo de Mr. Frank Churchill estar entre eles; e as esperanças se renovaram quando se soube que ele escrevera uma carta para a madrastra cumprimentando pelo casamento. Durante alguns dias, cada visita matinal em Highbury incluía alguma menção à bela carta que Mrs. Weston tinha recebido.

“Suponho que tenha ouvido falar da bela carta que Mr. Frank Churchill escreveu para Mrs. Weston. Dizem que é uma carta belíssima, de fato. Foi Mr. Woodhouse que me contou. Mr. Woodhouse viu a carta, e diz que nunca viu uma carta tão bonita em toda a sua vida”.

A carta foi bastante apreciada, na verdade. Mrs. Weston, é claro, havia formado uma impressão muito favorável do jovem; e tão agradável gentileza era uma prova irresistível de seu grande bom senso e a mais bem vinda adição a todas as congratulações que já havia recebido pelo casamento. Sentiu-se como a mais afortunada das mulheres, e vivera o bastante para saber quão afortunada devia se considerar. Seu único pesar era a separação parcial de seus amigos, cuja amizade para com ela nunca esfriara, e que suportavam mal sua partida.

Sabia que de vez em quando sentiriam sua falta, e não podia pensar sem tristeza em Emma perdendo um simples prazer, ou tendo algum aborrecimento por falta de sua companhia. Mas Emma não era fraca de caráter, e estava à altura da situação muito mais do que a maioria das moças estaria; além disso, tinha bom senso, energia e ânimo, que deviam ajudá-la a suportar bem e felizmente suas pequenas dificuldades e privações. E depois, havia o conforto da pequena distância entre Randalls e Hartfield – uma caminhada conveniente para mulheres sozinhas – e da disposição e condições de Mr. Weston, que não haveria nenhum obstáculo para que passassem metade das noites da semana juntos na estação que se aproximava.

A situação de Mrs. Weston era, de forma geral, motivo para muitas horas de gratidão ao marido e poucos momentos de pesar. Sua satisfação, mais do que satisfação, sua prazerosa alegria, era tão aparente que Emma, apesar de conhecer bem o pai, às vezes era tomada de surpresa por ele ser ainda capaz de lamentar a “pobre Miss Taylor” quando a deixavam em Randalls, cercada de todos os confortos domésticos, ou quando a via partir à noite, assistida pelo atencioso marido, em sua própria carruagem. Mas ela nunca partiu sem que Mr.

Woodhouse desse um pequeno suspiro e dissesse “Ah, pobre Miss Taylor! Ela gostaria tanto de ficar!”

Não havia como recuperar Miss Taylor, nem era provável que Mr. Woodhouse parasse de lamentá-la, mas poucas semanas mais lhe trouxeram algum alívio. Os cumprimentos dos vizinhos haviam cessado e ele não era mais obrigado a receber felicitações por um evento tão triste; e o bolo de casamento, que havia sido motivo de grande angústia para ele, fora totalmente comido. Seu estômago não podia suportar alimentos pesados, e ele não podia acreditar que as outras pessoas fossem diferentes dele. O que era prejudicial para ele era considerado impróprio para todo mundo, e ele havia seriamente tentado dissuadi-los de fazer o bolo de casamento; e quando não obteve sucesso, tentou seriamente impedir todo mundo de comê-lo. Deu-se ao trabalho de consultar Mr. Perry, o farmacêutico, sobre o assunto. Mr. Perry era um homem inteligente e cavalheiresco, cujas frequentes visitas eram um dos consolos da vida de Mr. Woodhouse; quando consultado, só pode reconhecer (apesar de parecer um tanto contra a opinião geral) que bolo de casamento poderia com certeza fazer mal a muitos – talvez à maioria das pessoas – a menos que fosse consumido moderadamente. Com tal opinião, que confirmava a sua, Mr. Woodhouse tentava influenciar cada visitante dos recém casados, mas mesmo assim o bolo foi comido; e não houve descanso para seus nervos benevolentes até que todo o bolo acabasse.

Houve um estranho rumor em Highbury, dizendo que todos os filhos dos Perrys foram vistos com um pedaço do bolo de casamento de Mrs. Weston nas mãos: mas Mr. Woodhouse jamais acreditou nisso.

CAPÍTULO III

Mr. Woodhouse apreciava a sociedade à sua própria maneira. Gostava muito que os amigos viessem vê-lo; e devido a vários fatores, desde sua longa residência em Hartfield e sua natureza afável, e também por sua fortuna, sua casa e sua filha, podia comandar em grande parte as visitas de seu pequeno círculo de amigos conforme seus desejos. Não tinha muito contato com nenhuma família fora deste círculo. Seu horror às horas tardias e aos grandes jantares festivos, tornava-o inadequado para qualquer conhecido que não pudesse visitá-lo nos seus próprios termos. Para sua felicidade, Highbury compreendia muitas propriedades, incluindo Randalls na mesma paróquia e Donwell Abbey na paróquia vizinha, a casa de Mr. Knightley. Várias vezes, devido à persuasão de Emma, ele convidava alguns dos melhores amigos para jantar, mas preferia mesmo as festas noturnas. E, a menos que estivesse indisposto para receber visitas, era raro haver uma noite na semana em que Emma não organizasse uma mesa de jogos para ele.

Mr. Knightley e os Westons o visitavam devido à sua verdadeira afeição e ao conhecimento de longa data. Quanto a Mr. Elton, um jovem que vivia sozinho sem apreciar isso, não corria o risco de ser mantido longe do privilégio de trocar qualquer noite livre de sua vazia solidão pela elegância e sociabilidade da sala de estar de Mr. Woodhouse, e os sorrisos de sua encantadora filha.

Depois deste, vinha um segundo grupo. Entre os mais assíduos estavam Mrs. e Miss Bates e também Mrs. Goddard, três senhoras quase sempre à disposição para um convite de Hartfield, e que eram buscadas e levadas em casa com tanta frequência, que Mr. Woodhouse não considerava isso uma inconveniência, nem para James, nem para os cavalos. Se isso acontecesse apenas uma vez por ano seria motivo de queixa.

Mrs. Bates, a viúva de um antigo vigário de Highbury, era uma senhora bastante idosa, que já deixara quase tudo para trás, menos o chá e quadrilha. Vivia de forma bastante modesta, com sua única filha solteira, e era tratado com todo o respeito e consideração que merecia uma velha e inofensiva dama vivendo em condições tão desfavoráveis. Sua filha desfrutava do mais incomum grau de popularidade para uma mulher que não era nem jovem, nem bonita, nem rica e nem casada. Miss Bates se encontrava na pior situação do mundo para obter a boa vontade das pessoas; não possuía nenhuma superioridade intelectual para compensar, nem para intimidar aqueles que poderiam odiá-la, fazendo com que a respeitassem. Nunca ostentara nem beleza nem inteligência. Sua juventude se passou sem distinção alguma, e na meia idade devotava-se ao cuidado de uma mãe doente, e ao esforço de fazer com que seu pequeno

rendimento durasse o mais possível. E, no entanto, era uma pessoa feliz, alguém que todos mencionavam com palavras gentis. Era sua universal boa vontade e temperamento alegre que produziam tais maravilhas. Ela gostava de todo mundo, interessava-se pela felicidade de todos, percebia logo os méritos das pessoas; considerava-se a mais afortunada das criaturas, e rodeada de bênçãos por ter uma mãe excelente, tantos bons amigos e vizinhos, e um lar onde nada faltava. Sua natureza simples e alegre, seu temperamento contente e grato era uma recomendação para todo mundo e uma fonte de alegria para ela mesma. Era ótima para conversar sobre assuntos banais, falava sempre sobre trivialidades e mexericos inofensivos, o que agradava bastante a Mr. Woodhouse.

Mrs. Goddard era a professora de uma escola – não de um seminário, ou de um estabelecimento, ou qualquer lugar que fosse denominado por longas e refinadas frases sem sentido, para combinar conhecimentos liberais com elegante moralismo, em novos princípios e novos métodos – e onde jovens ricas podiam ser despojadas de sua saúde em tributo à vaidade – mas um verdadeiro, honesto e antiquado internato, onde uma quantidade razoável de conhecimentos era vendida a preço razoável, e onde as meninas podiam ser mandadas para ficar fora do caminho dos pais, e se depararem com uma educação moderada, sem nenhum perigo de se tornarem prodígios. A escola de Mrs. Goddard tinha uma elevada reputação – e bastante merecida; para Highbury era considerado um lugar particularmente saudável: possuía uma casa e jardins amplos, fornecia comida saudável às crianças, deixava-as correr bastante ao ar livre durante o verão, e no inverno curava suas freiras com as próprias mãos. Não era de se estranhar que uma fila de vinte jovens casais caminhasse atrás dela para a igreja. Era uma mulher do tipo simples e maternal, que trabalhara duro na juventude, e acreditava ter direito a uma folga ocasional para uma visita na hora do chá. Devera muito à bondade de Mr. Woodhouse anos atrás, portanto, sempre que podia, atendia ao seu chamado, deixando sua organizada sala de estar e seus trabalhos de agulha para ganhar ou perder algumas poucas moedas de meio xelim diante da sua lareira em Hartfield.

Estas eram as damas que Emma podia reunir com frequência, e sentia-se feliz por agradar ao pai, apesar de que, no que lhe dizia respeito, não havia remédio para a ausência de Mrs. Weston. Ficava contente por ver o pai tranquilo e bastante satisfeito por planejar as coisas tão bem. A pacata conversa das três senhoras, no entanto, antecipava uma daquelas longas noites sem atrativos que ela tanto temia.

Certa manhã, enquanto estava sentada pensando exatamente que hoje seria uma destas noites, chegou um bilhete de Mrs. Goddard, solicitando permissão, nos termos mais respeitosos, para trazer consigo Miss Smith. Era um pedido bem-vindo, pois Miss Smith era uma moça de dezessete anos, a quem

Emma conhecia muito bem de vista, e que há muito tinha interesse em conhecer pessoalmente, por conta de sua beleza. Um gracioso convite foi enviado, e a bela dona da mansão deixou de temer o serão daquela noite.

Harriet Smith era a filha natural de alguém. Alguém a colocara, vários anos atrás, na escola de Mrs. Goddard, e esse alguém mais tarde elevou-a da condição de estudante mantida por uma bolsa de estudos à de pensionista, vivendo com a diretora da escola. Isso era tudo que se sabia da história dela. Não tinha amigos conhecidos, a não ser os que fizera em Highbury, e agora acabava de retornar de uma longa visita ao campo, como hóspede de algumas jovens damas que foram suas colegas na escola.

Era uma moça muito bonita, de uma beleza que Emma admirava particularmente. Era pequena, roliça e de tez clara, com uma pele viçosa, olhos azuis, cabelos loiros, feições regulares e um ar de grande doçura. Antes de a noite terminar Emma estava tão contente com seus modos quanto com sua aparência, e bastante determinada a continuar a amizade.

Não ficou impressionada com nada especialmente inteligente na conversa de Miss Smith, porém considerou-a bastante interessante de forma geral – não era tímida em excesso, nem relutante em falar, e estava longe de ser indiscreta. Comportava-se com elegante e apropriada deferência, expressava uma agradável gratidão por ter sido convidada a vir a Hartfield, e mostrava uma admiração tão ingênua por todas as coisas, de estilo muito superior ao que ela estava acostumada, que Emma pensou que devia ter bom senso e merecia ser encorajada. E este encorajamento lhe seria dado. Estes suaves olhos azuis e todas estas graças naturais não deviam ser desperdiçados na sociedade inferior de Highbury e suas ligações. As amigas que ela fizera até agora não eram dignas dela, os amigos a quem recentemente visitara, embora fossem boas pessoas, só podiam prejudicá-la. Emma conhecia bem o caráter da família Martin, pois arrendavam uma grande fazenda nas terras de Mr. Knightley na paróquia de Donwell. Eram pessoas muito dignas, ela supunha, pois Mr. Knightley os considerava bastante, mas deviam ser rudes e incultos, e inadequados como companhia para uma moça que precisava apenas de um pouco mais de instrução e elegância para ser quase perfeita. Ela a ensinaria, ela iria refiná-la, ela a afastaria das amizades impróprias e a introduziria na boa sociedade; ela formaria suas opiniões e suas maneiras. Seria uma tarefa interessante e certamente muito boa, bastante atrativa para sua situação de vida, seu tempo livre e suas possibilidades.

Estava tão ocupada admirando aqueles suaves olhos azuis, falando e ouvindo, e imaginando seus esquemas ao mesmo tempo, que a noite voou de maneira incomum. A mesa da ceia, que sempre encerrava as reuniões, e era

supervisionada por ela, já estava colocada junto à lareira e servida antes que ela se desse conta. Com uma alegria além do natural para alguém que sempre apreciara o crédito de organizar todas as coisas bem e com atenção, com a verdadeira boa vontade de uma mente deliciada com suas próprias ideias, fez as honras da ceia, orientou e recomendou o frango fatiado e as ostras cozidas com uma insistência que sabia aceitável para o avançado da hora e os escrupulos de boa educação dos hóspedes.

Nessas ocasiões os sentimentos do pobre Mr. Woodhouse entravam em triste conflito. Adorava ter a mesa bem posta, sempre fora um dos hábitos da sua juventude, mas estava convencido de que as ceias eram prejudiciais à saúde; enquanto sua hospitalidade o levava a oferecer de tudo aos convidados, ficava apreensivo ao vê-los comer.

Tudo o que ele podia, em sã consciência, recomendar aos outros, era um pequeno prato de mingau ralo igual ao que ele mesmo comia. Tinha que se conter, enquanto as senhoras se serviam das comidas mais apetitosas, para dizer:

– Mrs. Bates, permita-me propor-lhe que experimente um destes ovos. Um ovo quente, muito macio, não é prejudicial. Serle cozinha um ovo como ninguém! Não recomendo ovos cozidos por mais ninguém. Não precisa ter medo, são bem pequenos... Está vendo? Um destes ovos não vai fazer-lhe mal. Miss Bates, deixe que Emma lhe sirva um *pequeno* pedaço de torta... Um pedaço *bem* pequeno. As nossas são tortas de maçã, não precisa temer as compotas que temos aqui. Não recomendo o creme de ovos. Mrs. Goddard, o que acha de *meio* copo de vinho? *Meia* taça com um pouco de água? Acho que não vai lhe fazer mal.

Emma deixava o pai falar, mas atendia os convidados de modo mais satisfatório, e neste dia em particular sentiu prazer em vê-los partir felizes. A felicidade de Miss Smith comparava-se às suas intenções. Miss Woodhouse era uma personagem tão importante em Highbury, que a perspectiva de lhe ser apresentada provocara tanto pânico como prazer; mas a humilde e agradecida menina partiu com sentimentos de grande reconhecimento, deliciada com a amabilidade com que Emma a tratara durante toda a noite, e finalmente apertara sua mão!

CAPÍTULO IV

Logo Harriet Smith tornou-se íntima no círculo de Hartfield. Com seu jeito rápido e decidido Emma não perdeu tempo em convidá-la, encorajá-la e pedir-lhe que viesse visitá-la sempre, e à medida que se conheciam melhor crescia a satisfação que tinham uma com a outra. Emma logo viu que ela seria uma ótima companheira de caminhadas. Neste ponto a perda de Mrs. Weston tinha sido importante, pois seu pai nunca ia além da fileira de arbustos, onde duas divisões no terreno determinavam seu percurso, longo ou curto, conforme a estação do ano. Desde o casamento de Mrs. Weston ela havia restringido bastante suas caminhadas, tinha ido sozinha a Randalls uma vez, mas não achou agradável. E uma Harriet Smith, a quem podia convocar a qualquer momento para um passeio, seria uma feliz adição aos seus privilégios. Mas, em todos os sentidos, quanto mais a conhecia, mais a aprovava, e confirmou que era adequada a todos os seus belos projetos.

Harriet com certeza não possuía uma inteligência brilhante, mas tinha uma dócil, grata e encantadora disposição, não era presunçosa, e desejava apenas ser guiada por qualquer um a quem admirasse. Sua responsabilidade sobre si mesma, desde tenra idade, era muito agradável; e sua inclinação pelas boas companhias e a capacidade de apreciar tudo o que era elegante e inteligente, mostrava que não tinha falta de gosto, apesar de que não se esperava que tivesse grande profundidade de entendimento. De forma geral estava bastante convencida de que Harriet Smith era a jovem amiga de que precisava... Exatamente o que era necessário no seu lar. Uma amiga como Mrs. Weston estava fora de questão. Duas iguais jamais poderia haver, e nem ela desejava isso. Era algo diferente, um sentimento distinto e independente. O afeto que sentia por Mrs. Weston baseava-se na gratidão e estima. Harriet seria apreciada como alguém a quem ela poderia ser útil. Por Mrs. Weston não tinha nada mais a fazer, por Harriet tudo.

Suas primeiras tentativas de ser útil foram no sentido de descobrir quem eram os pais de Harriet, mas ela não sabia dizer. Estava pronta para contar tudo que soubesse, porém sobre tal assunto era inútil perguntar. Emma era obrigada a imaginar o que quisesse, mas acreditava firmemente que, se estivesse na mesma situação da amiga, *ela* teria descoberto a verdade. Harriet não tinha percepção. Ficava satisfeita em ouvir e acreditar em qualquer coisa que Mrs. Goddard resolvesse lhe contar, e não procurava saber mais.

Mrs. Goddard, e as professoras, e as alunas, e os assuntos da escola em geral, constituíam, naturalmente, grande parte de suas conversas... E, se não fosse sua amizade com a família Martin, da fazenda Abbey-Mill, isso seria tudo.

Mas os Martins ocupavam boa parte de seus pensamentos; tinha passado dois meses muito felizes com a família, e adorava falar dos prazeres da visita, e descrever os muitos confortos e maravilhas do lugar. Emma encorajava sua loquacidade, divertida com a descrição de outro tipo de gente, e apreciava a ingênua simplicidade com que dizia, com muito entusiasmo, que Mrs. Martin tinha “duas salas, duas salas muito boas, na verdade; uma delas quase tão grande quanto a sala de estar de Mrs. Goddard; e ela tem uma governanta que está na família há vinte e cinco anos; e eles tem oito vacas, duas delas são Alderneys[1], além de uma pequena vaca galesa, uma pequena vaca galesa muito bonita, de fato, e Mrs. Martin tinha tanto afeto por essa vaquinha que a chamava de *sua* vaca; e eles tinham uma casa de verão muito bonita no jardim, aonde, no próximo ano, iriam todos tomar chá... uma casa de verão muito bonita, grande o bastante para comportar uma dúzia de pessoas”.

Por algum tempo ela se divertiu, sem pensar em nada além da causa aparente, mas quando passou a conhecer melhor a família surgiram outros sentimentos. Tivera uma ideia equivocada, imaginando tratar-se de uma mãe, sua filha, o filho e a esposa deste, que viviam todos juntos. Quando ficou claro que o Mr. Martin que ocupava boa parte da narrativa, e era sempre mencionado com aprovação por conta de sua boa vontade em ter feito isso ou aquilo, era na realidade um homem solteiro, e que não havia nenhuma jovem Mrs. Martin, nenhuma esposa no caso, Emma suspeitou que toda essa hospitalidade e bondade oferecia perigo para sua pobre e querida amiga, e caso não tomassem conta dela, poderia afundar para sempre.

Com esse fato em mente, as perguntas de Emma cresceram em número e em significado, levando Harriet a falar um pouco mais dele, o que ela fazia com gosto evidente. Harriet logo se prontificou a contar como ele participava de seus passeios ao luar e dos alegres jogos noturnos, como era bem-humorado e atencioso.

“Certa ocasião, ele andara quase cinco quilômetros ao redor da propriedade apenas para trazer-lhe algumas nozes, só porque ela dissera quanto as apreciava, e era assim prestativo em tudo o mais. Levou o filho do seu pastor de ovelhas até o salão da casa uma noite apenas para cantar para ela, pois ela adorava o canto. Ele mesmo costumava cantar um pouco. Achava que ele era muito inteligente e entendia de tudo. Possuía um rebanho muito bom, e enquanto ela estava lá, conseguiu um alto valor pela sua lã, mais do que qualquer outro na região. Todos falavam bem dele, segundo ela. A mãe e as irmãs o adoravam. Mrs. Martin havia lhe contado um dia (e ela corou quando falou nisso) que era impossível alguém ter um filho melhor, e que ela estava certa de que daria um ótimo marido quando se casasse. Não que ela *quisesse* que ele se casasse logo, não havia pressa”.

“Muito bem, Mrs. Martin!”, pensou Emma. “A senhora sabe o que faz”.

“E quando ela viera embora, Mrs. Martin foi muito gentil e enviou um belo ganso para Mrs. Goddard, o ganso mais lindo que Mrs. Goddard já tinha visto na vida. Mrs. Goddard preparou o ganso num domingo e convidou todas as três professoras, Miss Nash, e Miss Prince e Miss Richardson para jantar com ela”.

– E Mr. Martin tem alguma instrução, além de seu próprio negócio? Ele não costuma ler?

– Oh, sim!... Isto é, não... Eu não sei... Acho que ele lê bastante bem, mas não da forma que a senhorita imagina. Ele costuma ler o *Jornal Agrícola*, e alguns outros livros que ficam no peitoril da janela... Mas ele lê *todos* eles apenas para si mesmo. Certa vez, à noite, antes de jogarmos cartas, ele leu em voz alta algumas passagens dos “*Extratos Elegantes*”, foi bastante divertido. E eu sei que ele leu “*O Vigário de Wakefield*”. Ele nunca leu o “*Romance da Floresta*”, nem “*As Crianças da Abadia*”. Nunca ouviu falar nesses livros, até que eu os mencionei para ele, mas sei que está disposto a lê-los assim que puder.

E a próxima pergunta foi...

– E como é a aparência dele?

– Ah! Não é bonito... De forma nenhuma. No início achei-o muito comum, mas agora já não acho tanto. Depois de um tempo, a gente deixa de achar... Mas a senhorita nunca o viu? Ele vem a *Highbury* vez por outra, e passa a cavalo por aqui toda semana, quando vai a *Kingston*. Deve ter passado pela senhorita muitas vezes.

– Pode ser, e devo tê-lo visto uma cinquenta vezes, mas sem ter ideia de quem era. Um jovem fazendeiro, a cavalo ou a pé, seria a última pessoa a despertar minha curiosidade. Os pequenos fazendeiros são o tipo de pessoas com quem eu sinto que não tenho nada a ver. Um grau ou dois mais abaixo, e uma aparência honesta, podem até me interessar, procuro ser útil para estas famílias do jeito que posso. Mas um fazendeiro não precisa da minha ajuda, e está, de certa maneira, mais além da minha atenção do que qualquer outro que esteja abaixo dele.

– Ah, certamente. Não é provável que alguma vez o tenha notado, mas ele conhece a senhorita muito bem, na verdade... De vista, quero dizer.

– Não tenho dúvida de que se trata de um jovem bastante respeitável. Eu sei, na verdade, que ele é, e isso só pode trazer-lhe o bem. Que idade acha que tem?

– Ele fez vinte e quatro anos no dia oito de junho passado, e meu aniversário é no dia vinte e três de junho, apenas uma quinzena depois... O que é muito curioso.

– Apenas vinte e quatro anos. É muito jovem para casar, a mãe dele tem razão em não ter pressa. Parece que estão bem confortáveis assim, e se ela se apressasse em casá-lo acabaria por se arrepender. O mais apropriado seria que se casasse daqui a uns seis anos, se puder encontrar uma boa moça do seu próprio nível, com pouco dinheiro.

– Daqui a seis anos! Querida Miss Woodhouse, ele teria então trinta anos!

– Bem, e essa é a idade mínima com que a maioria dos homens que não nasceram independentes consegue se casar. Mr. Martin, eu creio, ainda tem que construir sua fortuna... Não pode adiantar-se às circunstâncias. Seja qual for o dinheiro que ele tenha recebido quando o pai morreu, seja qual for a sua parte na propriedade da família, deve estar tudo em circulação, empregado em seu próprio negócio, e assim por diante; e embora ele possa, com esforço e boa sorte, ficar rico dentro de algum tempo, é quase impossível que já o tenha conseguido.

– Para dizer a verdade, é isso mesmo. Mas eles vivem de modo bastante confortável. Não tem empregados em casa, mas isso não lhes faz falta. Mrs. Martin pensa em empregar um rapazinho no ano que vem.

– Espero que não se meta em uma enrascada, Harriet, quando ele vier a se casar... Quero dizer, ficar amiga de sua esposa... Apesar das irmãs dele, que tem educação superior, não criarem obstáculos, não quer dizer que possa casar-se com qualquer uma que você deva aceitar. A infelicidade do seu nascimento deve fazê-la especialmente cuidadosa na escolha de suas amigas. Não há dúvida de que você é filha de um cavalheiro, e deve reivindicar esta posição por todos os meios ao seu alcance, ou haverá muita gente que terá prazer em degradá-la.

– Sim, com certeza, imagino que sim. Mas enquanto eu for aceita em Hartfield, e a senhorita for tão boa para mim, Miss Woodhouse, não tenho medo do que alguém possa me fazer.

– Você entende a força da influência muito bem, Harriet, mas queria ver você tão bem estabelecida na boa sociedade que possa ser independente tanto da proteção de Hartfield quanto de Miss Woodhouse. Quero vê-la sempre bem relacionada, e para este fim é importante que não tenha amigas pouco adequadas. E, além disso, se você ainda estiver na região quando Mr. Martin se casar, espero que não seja levada, pela amizade com suas irmãs, a se tornar

amiga da esposa dele, que provavelmente será a simples filha de algum fazendeiro, sem nenhuma instrução.

– Sim, sem dúvida. Não que eu pense que Mr. Martin não possa vir a se casar com alguém que tenha alguma instrução e seja muito bem nascida. Mas não quero ir contra a opinião da senhorita... e certamente não gostaria de me tornar amiga da esposa dele. Sempre terei profunda estima pelas senhoritas Martin, em especial por Elizabeth, e lamentaria muito me afastar delas, pois são quase tão bem educadas como eu. Mas se ele se casar com uma mulher muito ignorante e vulgar, com certeza não vou visitá-la, se puder evitar.

Emma observou enquanto a moça falava, mas não viu nenhum alarmante sintoma de amor. O rapaz havia sido seu primeiro admirador, mas ela acreditava que não havia nenhum laço mais forte, assim não deveria haver sérias dificuldades da parte de Harriet, que não se oporia a qualquer arranjo amigável que ela fizesse.

Encontraram Mr. Martin já no dia seguinte, quando caminhavam pela estrada de Donwell. Estava a pé, e depois de olhar com muito respeito para Emma, olhou com a mais sincera satisfação para sua companheira. Emma não lamentou o encontro e considerou-o uma boa oportunidade para observar. Caminhando um pouco à frente, enquanto os dois conversavam, logo seu olhar arguto fez uma avaliação de Mr. Robert Martin. Sua aparência era bastante arrumada, e parecia um jovem sensível, mas as vantagens acabavam aí; e quando fosse comparado a um cavalheiro, perderia todo o terreno que ganhara na afeição de Harriet. O temperamento de Harriet não era insensível, ela havia por si mesma percebido a gentileza de seu pai, com admiração e fascínio. Mr. Martin parecia desconhecer o que eram as boas maneiras.

Conversaram apenas por alguns minutos, pois não deviam deixar Miss Woodhouse esperando; Harriet então veio correndo até ela, com um sorriso no rosto e o espírito bastante animado, com o que Emma esperava acabar num instante.

– Que felicidade encontrá-lo!... Que estranho! Foi muita sorte, ele disse, que não tivesse ido pelo caminho de Randalls. Ele nem imaginava que costumávamos passear por esta estrada. Achou que sempre íamos pelo caminho de Randalls. Ele ainda não conseguiu o Romance da Floresta, esteve tão ocupado a última vez que esteve em Kingston que quase esqueceu, mas amanhã ele vai de novo. Que curioso termos encontrado com ele! Bem, Miss Woodhouse, o que achou dele? Achou-o muito comum?

– Ele é bem simples, sem dúvida... Notavelmente simples; mas isso não é nada comparado à total falta de cavalheirismo. Não tenho direito de esperar

muito e não espero muito, mas não imaginava que ele fosse tão grosseiro, tão sem porte. Eu imaginava, devo confessar, que estivesse um pouco abaixo de um cavalheiro.

– Com certeza – disse Harriet em uma voz mortificada – ele não é tão refinado quanto um verdadeiro cavalheiro.

– Eu acho, Harriet, que desde que você começou sua amizade conosco tem estado com tanta frequência na companhia de cavalheiros de verdade, que deve ter se impressionado com a diferença entre eles e Mr. Martin. Em Hartfield você viu vários homens bem-educados e bem-nascidos. Eu ficaria surpresa se, depois de vê-los, você pudesse ficar na companhia de Mr. Martin sem perceber o quanto ele é inferior, e se perguntar como pode um dia achá-lo um homem agradável. Não começou a sentir isso ainda? Não está impressionada? Tenho certeza que deve estar chocada com seu olhar desajeitado e suas maneiras grosseiras, e a voz tão rude que pude ouvir de longe.

– Sem dúvida, ele não é como Mr. Knightley. Não tem o ar refinado nem a maneira de andar de Mr. Knightley. Vejo a diferença com bastante clareza. Mas Mr. Knightley é um cavalheiro tão refinado!

– A aparência de Mr. Knightley é tão superior que não é justo comparar Mr. Martin com *ele*. Você não verá um em mil com a palavra *cavalheiro* tão claramente escrita na aparência como Mr. Knightley. Mas ele não é o único cavalheiro com quem você tem tido contato. O que acha de Mr. Weston e Mr. Elton? Compare Mr. Martin com qualquer um *deles*. Compare sua maneira de se comportar, de andar, de falar, de silenciar. Você deve ver a diferença.

– Ah, sim! Há uma grande diferença. Mas Mr. Weston é quase um senhor de idade, deve ter entre quarenta e cinquenta anos.

– O que torna suas boas maneiras ainda mais apreciáveis. Quanto mais uma pessoa envelhece, Harriet, mais importante se tornam as boas maneiras; as asperezas, barulheiras e animosidades se tornam ainda mais irritantes e repulsivas. O que é tolerável na juventude torna-se detestável na velhice. Mr. Martin já é um homem desajeitado e grosseiro, o que será dele quando tiver a idade de Mr. Weston?

– Não há como saber, na verdade – replicou Harriet, um tanto solene.

– Mas é fácil imaginar. Ele se tornará um fazendeiro completamente rude e vulgar, sem dar a mínima atenção à aparência, pensando apenas em lucros e perdas.

– Será mesmo? Isso seria muito desagradável.

– Quanto mais ele se ocupar de seus negócios, mais chances terá de esquecer de procurar pelo livro que você recomendou. Vai estar ocupado demais com as oscilações do mercado para pensar em qualquer outra coisa, o que é normal para um homem de negócios. O que ele tem a ver com livros? E tenho certeza que ele *vai* prosperar e tornar-se um homem rico – e *nós* não temos que nos perturbar por ele ser rude e sem instrução.

– Me admira que ele não tenha se lembrado do livro... – foi tudo que Harriet respondeu.

Falou com tão evidente desprazer que Emma julgou melhor não insistir no assunto. Durante algum tempo não disse nada. O próximo comentário de Emma foi:

– Talvez as maneiras de Mr. Elton sejam melhores do que as de Mr. Weston ou Mr. Knightley em um aspecto. São mais suaves, podem ser tomadas como modelo, seguramente. Há uma franqueza, uma vivacidade, quase uma brusquidão em Mr. Weston, que todos apreciam *nele* porque são sempre acompanhadas de muito bom humor, mas não devem ser imitadas. Já Mr. Knightley tem maneiras perfeitas, decididas, de comando, que ficam muito bem *nele*; sua posição, sua aparência e sua situação de vida permitem isso. Mas se qualquer jovem cavalheiro resolvesse copiá-lo não seria tolerável. Por outro lado, acho que Mr. Elton pode ser recomendado com segurança como modelo para qualquer jovem cavalheiro. Mr. Elton é bem humorado, agradável, atencioso e gentil. Parece que nos últimos tempos se tornou ainda mais gentil. Não sei se ele tem algum plano de se insinuar nas graças de alguma de nós, Harriet, com essa gentileza adicional, mas me ocorreu que suas maneiras estão mais gentis que antes. Se ele tem alguma intenção, deve ser a de agradá-la. Não lhe contei o que ele disse de você outro dia?

Ela então contou alguns calorosos elogios pessoais que extorquiria de Mr. Elton, e aos quais agora fazia inteira justiça. Harriet corou e sorriu, e disse que sempre achara Mr. Elton muito agradável.

Mr. Elton era exatamente a pessoa que Emma escolhera para tirar o jovem fazendeiro da cabeça de Harriet. Achava que seria uma excelente união, e que era muito desejável, natural e provável que ela tivesse o mérito de planejá-la. Temia que todos já tivessem pensado e profetizado a mesma coisa. Não era provável, porém, que alguém tivesse pensado nisso tão cedo quanto ela, pois imaginou isso na primeira noite que Harriet foi a Hartfield. Quanto mais pensava no assunto, mais o achava conveniente. A situação de Mr. Elton era muito apropriada, assim como o próprio cavalheiro, além de não possuir ligações escusas nem uma família que pudesse opor-se devido à baixa condição de

nascimento de Harriet. Tinha uma casa confortável, e renda suficiente, pensava Emma; apesar do vicariato[2] de Hartfield não ser muito grande, sabia que ele possuía algumas outras propriedades. Pensava muito bem dele, como um jovem bem-humorado, de boas intenções e respeitável, sem deficiências de instrução ou conhecimento do mundo.

Estava bastante satisfeita que ele achasse Harriet uma bela moça, e com alguns frequentes encontros em Hartfield, isso seria suficiente da parte dele. Quanto à Harriet não havia dúvida que a simples preferência dele por ela seria bastante eficaz e teria um peso considerável. E ele era de fato um jovem agradável, de quem qualquer mulher sem melindres gostaria. Tinha reputação de ser muito bonito, e muito admirado de forma geral, não por ela, é claro, que não dispensava alguém de feições mais elegantes; mas uma menina que se satisfazia com um Robert Martin correndo pelos campos para trazer-lhe algumas nozes podia muito bem ser conquistada pela admiração de Mr. Elton.

[1] Alderney é a ilha mais setentrional do Canal da Mancha. As vacas Alderney, muito comuns na Inglaterra dos séculos dezoito e dezenove, eram vacas leiteiras, para uso doméstico, pequenas e de pelo castanho, originárias da ilha.

[2] Na Inglaterra da época o cargo de vigário ou pároco era ocupado por um cavalheiro, que recebia remuneração (advinda de taxas) e uma casa para instalar-se com a esposa e filhos, participando da sociedade local. No caso o cargo era ocupado por Mr. Elton.

CAPÍTULO V

– Não sei o que a senhora pensa, Mrs. Weston, dessa grande intimidade entre Emma e Harriet Smith – disse Mr. Knightley – mas acho que é algo ruim.

– Algo ruim! Acha mesmo essa amizade ruim? Por quê?

– Acho que nenhuma das duas pode fazer bem à outra.

– O senhor me surpreende! Emma pode fazer bem a Harriet, e por trazer-lhe um novo interesse Harriet pode fazer bem a Emma também. Tenho visto a amizade das duas com bastante prazer. Como pensamos diferente! Achar que não possam fazer bem uma à outra, isto é certamente o começo de uma de nossas discussões sobre Emma, Mr. Knightley.

– Talvez pense que vim com a intenção de discutir com a senhora, sabendo que Mr. Weston está fora e terá que defender-se sozinho.

– Mr. Weston com certeza me apoiaria, se estivesse aqui, pois pensamos da mesma maneira sobre o assunto. Falávamos justamente disso ontem, e concordamos que é uma benção para Emma que exista uma moça assim em Highbury, com quem Emma possa fazer amizade. Mr. Knightley, acho que o senhor não é um juiz adequado neste caso. Está tão acostumado a viver sozinho que não compreende o valor de uma companhia; e talvez um homem não possa ser um bom juiz para avaliar a tranquilidade que uma mulher sente na companhia de outra, depois de ter se acostumado a isso durante toda a vida. Posso imaginar sua objeção a Harriet. Ela não é a jovem superior que se espera de uma amiga de Emma. Por outro lado, como Emma deseja que ela se instrua mais, pode ser um incentivo para que ela própria leia mais. Podem ler juntas, acho que é o que Emma pretende.

– Emma pretende ler mais desde os doze anos de idade. Vi várias listas que ela fazia, em épocas diferentes, de livros que pretendia ler regularmente, e eram listas muito boas, livros bem escolhidos, bem organizados por ordem alfabética ou por outros critérios. Quando ela tinha apenas quatorze anos me lembro que guardei sua lista por algum tempo, pois achei que os livros estavam acima do seu entendimento. Ouso dizer que agora mesmo ela deve ter preparado uma lista muito boa. Mas desisti de achar alguma regularidade nas leituras por parte de Emma. Ela nunca se submeterá a nada que requeira empenho e paciência e a sujeição da fantasia ao conhecimento. Onde Miss Taylor falhou em estimulá-la, posso afirmar com segurança que Harriet Smith não terá sucesso... A senhora sabe que nunca consegui que ela lesse tanto quanto gostaria... Sabe que não.

– Atrevo-me a dizer – respondeu Mrs. Weston, sorrindo – que eu até pensava assim *naquela época...* Mas desde que nos separamos não me lembro de Emma recusar-se a fazer qualquer coisa que eu tenha pedido.

– Acho que não é desejável lembrar-se *desse* tipo de coisa – disse Mr. Knightley, pensativo, e ficou em silêncio por alguns momentos. – Mas eu – acrescentou em seguida – que não tive tal encantamento sobre os meus sentidos, ainda posso ver, ouvir e lembrar. Emma foi mimada por ser a mais inteligente da família. Aos dez anos ela teve a infelicidade de ser capaz de responder questões que sua irmã de dezessete anos não sabia responder. Ela sempre foi rápida e segura, enquanto Isabella era lenta e reservada. E desde os seus doze anos Emma tem sido a senhora da casa e de todos vocês. Com a mãe ela perdeu a única pessoa capaz de lidar com ela. Herdou os talentos da mãe, a quem deveria estar sujeita.

– Eu lamentaria, Mr. Knightley, se tivesse que depender da *sua* recomendação, caso deixasse a família de Mr. Woodhouse e necessitasse de outra colocação. Acho que não diria sequer uma palavra boa sobre mim para ninguém. Estou certa que sempre me achou incompetente para a função que exerci.

– Sim – disse ele, sorrindo – a senhora está mais bem colocada *aqui*, é perfeita para ser uma esposa, mas não para governanta. Todo o tempo que passou em Hartfield, porém, preparou-a para ser uma excelente esposa. A senhora pode não ter dado a Emma a completa educação que estava em seu poder ministrar, mas recebeu uma boa educação da parte *dela*, no que se refere à condição principal do casamento que é submeter à própria vontade e fazer o que é requerido. Se Weston tivesse me pedido para recomendar-lhe uma esposa eu certamente teria nomeado Miss Taylor.

– Obrigada. Não há muito mérito em ser uma boa esposa para um homem como Mr. Weston.

– Para dizer a verdade, temo que a senhora tenha sido desperdiçada, e com toda disposição que tem para suportar não haverá nada mais para criar. Não vamos desesperar, no entanto. Weston deve crescer ainda mais, apesar do excesso de conforto, ou o filho pode incomodá-lo.

– Espero que *isso* não aconteça. Não é provável. Não, Mr. Knightley, não pressagiar uma afronta por esse lado.

– Claro que não, apenas sugiro possibilidades. Não pretendo ter a capacidade de Emma de pressagiar e adivinhar. Espero, do fundo do coração, que o jovem seja um Weston no caráter e um Churchill na fortuna... Mas Harriet

Smith... Não disse nem a metade sobre Harriet Smith. Acho que é o pior tipo de companhia que Emma poderia ter. Não sabe nada, e trata Emma como se ela soubesse tudo. É uma adúladora em todos os sentidos, e pior ainda, porque adula sem intenção. Sua ignorância é toda bajulação. Como Emma pode imaginar que tenha algo a aprender com Harriet demonstrando tão deliciosa inferioridade? E quanto à Harriet, me arrisco a dizer que *ela* não ganhará nada com essa amizade. Hartfield apenas fará com que fique presunçosa e se indisponha com a sociedade a que pertence. Ela se tornará refinada apenas o suficiente para sentir-se desconfortável entre aqueles com os quais deve viver, por nascimento e circunstâncias. Estarei muito enganado se as doutrinas de Emma lhe derem alguma força de caráter, ou fizerem com que essa moça se adapte racionalmente às variações de sua situação de vida. Não, acho que lhe darão apenas algum polimento.

– Eu acredito mais no bom senso de Emma do que o senhor, ou estou mais ansiosa pelo seu conforto, pois não lamento a amizade. Como ela estava bem ontem à noite!

– Ah! Prefere então falar de sua aparência a seu espírito, não é? Muito bem, não pretendo negar que Emma seja bonita.

– Bonita! É melhor dizer que é linda! Pode imaginar alguma coisa mais perto da perfeita beleza do que Emma em seu conjunto – corpo e rosto?

– Não sei o que posso imaginar, mas devo confessar que raramente vi um corpo ou rosto que me agradasse mais do que os dela. Mas sou um velho amigo parcial.

– E que olhos! Os verdadeiros olhos cor de avelã, e tão brilhantes! Traços regulares, semblante aberto, e uma bela compleição! Ah, que viço e ar de saúde, e a altura e peso perfeitos. Que silhueta firme e altiva. Há um ar saudável não apenas no viço da pele, mas no semblante, na cabeça, no olhar. Às vezes ouvimos dizer que uma criança é “o retrato da saúde”; bem, Emma sempre me deu a impressão de ser a imagem completa da saúde adulta. Ela é adorável em si mesma, Mr. Knightley, não acha?

– Não vejo nenhum defeito nela – ele respondeu. – Penso que ela é tudo que a senhora descreveu. Gosto muito de olhá-la, e acrescento um elogio, que eu não a considero pessoalmente fútil. Levando em conta como é bonita, ela parece pouco preocupada com isso, sua vaidade reside em outro lugar. Mrs. Weston, não vou falar mais sobre minha desaprovação à Harriet Smith, ou do meu temor de que essa amizade faça mal às duas.

– E eu, Mr. Knightley, estou igualmente firme na minha convicção de

que isso não lhes fará mal algum. Com todos os seus pequenos defeitos, a querida Emma é uma excelente criatura. Onde poderíamos ver uma filha melhor, ou uma irmã mais carinhosa, ou uma amiga mais verdadeira? Não, não, ela tem qualidades que merecem confiança, nunca cometerá um grande erro. Onde Emma erra uma vez, acerta cem.

– Muito bem, não vou incomodá-la mais. Ela pode ser um anjo, e vou guardar meu mau humor até o Natal, quando vierem John e Isabella. John tem grande afeição por Emma, apesar de não ser cego aos seus defeitos, e Isabella sempre está de acordo com ele, a não ser quando ele não se alarma o suficiente pelas crianças. Estou certo de que concordarão comigo.

– Sei que todos vocês gostam demais dela para serem injustos ou cruéis. Desculpe, Mr. Knightley, se tomo a liberdade (considero-me como tendo o privilégio de falar como a mãe de Emma teria feito) a liberdade de sugerir que não acho que nada de bom possa advir do fato de discutirem entre si sobre a amizade com Harriet Smith. Peço que me perdoe, mas se alguma pequena inconveniência vier desse relacionamento, não se pode esperar que Emma, sob a responsabilidade apenas do pai, o qual aprova totalmente a amizade, acabe pondo um fim na relação, ainda mais que lhe traz tanto prazer. Durante tantos anos me acostumei a dar conselhos, Mr. Knightley, que não devem surpreendê-lo estes resquícios do meu ofício.

– De forma alguma – exclamou ele. – Até lhe agradeço por isso. É um conselho muito bom, e deve ter melhor destino que os seus conselhos muitas vezes tiveram, pois ele será seguido.

– Mrs. John Knightley se alarma facilmente, e pode ficar infeliz por causa da irmã.

– Esteja tranquila – disse ele. – Não vou levantar nenhum clamor, guardarei meu mau humor para mim mesmo. Tenho sincero interesse por Emma. Isabella não parece mais minha irmã do que ela, nunca me despertou maior interesse, talvez não tanto quanto Emma. Há uma ansiedade, uma curiosidade naquilo que as pessoas sentem por Emma. Pergunto-me o que será dela!

– Eu também – disse Mrs. Weston gentilmente – me preocupo muito.

– Ela sempre disse que nunca se casará, o que, é claro, não significa nada. Mas não tenho ideia se já se interessou por algum homem. Não seria mau se ela se apaixonasse pela pessoa certa. Gostaria de ver Emma apaixonada, mas em dúvida se é correspondida; isso lhe faria bem. Mas não há ninguém nas vizinhanças que possa atraí-la, e ela raramente sai de casa.

– Isso de fato contribui para que ela não mude de ideia no momento – disse Mrs. Weston. – E enquanto ela for feliz em Hartfield, não posso desejar que venha a gostar de alguém, pois isso criaria muitos problemas para o pobre Mr. Hartfield. Não recomendaria que Emma se casasse agora, embora não desconsidere esta possibilidade, posso lhe assegurar.

Mrs. Weston desejava, em parte, ocultar alguma ideias que ela e o marido acalentavam em relação ao assunto, tanto quanto possível. Em Randalls havia intenções quanto ao destino de Emma, mas eles não desejavam que alguém suspeitasse. E a mudança de assunto que se seguiu, com Mr. Knightley perguntando “o que Weston acha do tempo, será que vai chover?”, convenceu-a de que ele não tinha nada mais a dizer ou conjecturar sobre Hartfield.

CAPÍTULO VI

Emma estava certa de ter encaminhado a fantasia de Harriet na direção apropriada, e despertado sua jovem vaidade para um propósito mais elevado, pois a achou mais interessada do que antes no fato de que Mr. Elton era um homem notavelmente bonito, com as mais agradáveis maneiras. Não hesitou em assegurar a continuidade da admiração de Mr. Elton com delicadas insinuações, e logo estava certa de ter criado o mesmo interesse por parte de Harriet, a cada ocasião que se apresentava. Tinha certeza que Mr. Elton estava a caminho de se apaixonar, se já não estava apaixonado. Não tinha escrúpulos em relação a ele, que falava de Harriet e a elogiava de modo tão caloroso, que Emma achou que não faltava nada que um pouco mais de tempo não pudesse proporcionar. A percepção dele da melhora dos modos de Harriet, desde que começara a frequentar Hartfield, foi apenas uma das mais agradáveis provas de seu crescente envolvimento.

– A senhorita deu a Miss Smith tudo de que ela precisava – disse ele – tornou-a graciosa e dócil. Ela era uma bela moça quando a conheceu, mas, em minha opinião, os atrativos que a senhorita lhe conferiu são muito superiores aos que ela recebeu da natureza.

– Fico feliz que pense que fui útil a ela, mas Harriet necessitava apenas de estímulo e de alguns pequenos encorajamentos. Ela já possuía toda a graça natural de um temperamento meigo e sincero. Eu fiz muito pouco.

– Se for aceitável contradizer uma dama... – disse o galante Mr. Elton.

– Talvez eu tenha lhe dado um pouco mais de firmeza de caráter, ensinando-a a considerar coisas que antes não percebia.

– Exatamente, isso é o que me espanta. Muito mais firmeza de caráter! Habilidosa a mão que o fez!

– Tive muito prazer em fazê-lo, asseguro-lhe. Nunca conheci alguém com disposição mais amável.

– Não tenho dúvida disso.

Disse isso com uma espécie de animação suspirosa, que tinha muito de um enamorado. E, num outro dia, Emma não ficou menos feliz de vê-lo apoiar o súbito desejo dela de ter um retrato de Harriet.

– Nunca foi feito um retrato seu, Harriet? – disse ela. – Nunca posou para um quadro?

Harriet estava a ponto de sair da sala, e parou apenas para dizer, com encantadora ingenuidade:

– Oh, não! Nunca.

Logo que ela saiu, Emma exclamou:

– Que requintado prazer seria ter uma bela pintura de Harriet. Daria qualquer dinheiro por isso. Quase tenho vontade de pintar este retrato eu mesma. O senhor não sabe, mas dois ou três anos atrás eu tinha enorme prazer em fazer retratos e pintei vários dos meus amigos. Diziam que eu tinha algum talento, de forma geral. Mas, por uma coisa ou outra, acabei deixando de gostar disso. Pensando bem, até posso até me aventurar, se Harriet se dispuser a posar para mim. Seria tão agradável ter o retrato dela!

– Insisto em que o faça – exclamou Mr. Elton – isso seria muito agradável, de verdade! Permita que eu insista, Miss Woodhouse, em que use seu encantador talento para retratar sua amiga. Conheço suas pinturas. Como poderia imaginar que eu não as conhecesse? Esta sala não está cheia de suas paisagens e flores? E não há algumas inimitáveis gravuras na sala de estar de Mrs. Weston, em Randalls?

“Sim, santo homem!” pensou Emma, “mas o que isso tudo tem a ver com fazer retratos? O senhor não entende nada de desenho. Não finja ficar arrebatado por conta das minhas pinturas. Guarde seus arroubos para o retrato de Harriet”.

– Bem, Mr. Elton, com tal encorajamento da sua parte, acho que vou tentar ver o que posso fazer. Harriet tem feições tão delicadas que é difícil retratá-las. Além disso, há certas peculiaridades no formato dos olhos e nas linhas ao redor da boca que são difíceis de captar.

– Exato... O formato dos olhos e as linhas ao redor da boca... Não tenho dúvida do seu sucesso. Por favor, tente fazê-lo. Se conseguir, tenho certeza que será, nas suas próprias palavras, um requintado prazer.

– Temo, Mr. Elton, que Harriet não gostará de posar. Ela não dá valor à própria beleza. Não notou a maneira como me respondeu? Como se dissesse “para que fazer meu retrato”?

– Oh, sim! Claro que notei. Mas me recuso a crer que ela não possa ser persuadida.

Harriet voltou pouco tempo depois, e a proposta foi feita quase em seguida; ela, porém, não tinha escusas suficientes para suportar por muito tempo a firme pressão dos dois amigos. Emma desejava começar imediatamente, e

pegou um álbum contendo vários esboços, nenhum deles terminado, para que pudessem decidir juntos qual seria o melhor tamanho para o retrato de Harriet. Seus materiais de trabalho foram dispostos: miniaturas, meio-corpo, corpo inteiro, lápis, crayon e aquarela, todos foram examinados, um a um. Emma sempre quis fazer de tudo, e fizera mais progressos, tanto em música como em pintura, do que muitos teriam conseguido com tão pouco empenho. Ela tocava e cantava; e desenhava também, em quase qualquer estilo. Mas sempre lhe faltava perseverança, nunca atingira em nenhuma dessas atividades o grau de perfeição que gostaria de possuir, e onde não devia ter falhado. Não estava muito decepcionada com as próprias habilidades, seja como pintora ou musicista, mas não gostava de decepcionar os outros, nem lamentar-se por ver que haviam considerado suas habilidades maiores do que ela de fato merecia.

Havia mérito nos desenhos de Emma, nos poucos que terminara, talvez na maioria. Tinha um estilo vivaz, mas mesmo que fossem bem piores, ou dez vezes melhores, a admiração de seus dois amigos seria a mesma. Estavam ambos em êxtase. Um retrato encanta todo mundo, e o desempenho de Miss Woodhouse devia ser impecável.

– Não há muita variedade de modelos – disse Emma – tive apenas minha própria família para treinar. Aqui está meu pai... Outro de meu pai... Mas a ideia de posar para um retrato seu deixou-o tão nervoso que pude apenas retratá-lo em segredo, quando não estava vendo; nenhum deles está muito parecido, no entanto. Aqui está Mrs. Weston, de novo, e de novo. Querida Mrs. Weston, sempre minha melhor amiga, em qualquer situação. Ela posava sempre que eu lhe pedia. Aqui está minha irmã; e bastante fiel à sua pequena e elegante figura... Mas o rosto não está muito parecido. Eu teria feito um bom retrato dela, se tivesse posado mais tempo, mas ela tinha tanta pressa que eu pintasse seus quatro filhos que não parava quieta. Aqui estão os esboços de três das quatro crianças... Aqui estão, Henry, John e Bella, de um lado a outro da folha, faziam todos sempre a mesma coisa. Isabella estava tão ansiosa para que eu desenhasse que não pude recusar; mas não dá para esperar que crianças de três ou quatro anos fiquem quietas, você sabe... Nem é muito fácil conseguir alguma semelhança, além do aspecto geral, a menos que tenham feições grosseiras, o que os filhos de nenhuma mãe nunca tem. Aqui temos o quarto filho, que é o bebê. Fiz o esboço quando ele dormia no sofá e seu topete está tão parecido quanto se desejaria, pois aninhou a cabeça de forma muito conveniente. Parece bastante com ele, tenho muito orgulho do pequeno George, o canto do sofá também ficou muito bom. Aqui temos o último – Emma mostrou um pequeno esboço, muito bonito, de um cavalheiro de corpo inteiro. – O último e o melhor... Meu cunhado, Mr. John Knightley. Este não consegui terminar, então o pus de lado num acesso de mau humor, e decidi nunca mais fazer um retrato. Mas eu

fui provocada, depois de todo meu esforço, e quando consegui fazer um retrato muito parecido com ele (Mrs. Weston e eu concordamos que estava *muito* parecido), apenas um pouco bonito demais, lisonjeiro demais, com uma pequena falha no lado direito, depois de tudo isso recebi a fria aprovação da querida Isabella que disse “é, está um pouco parecido... mas com certeza não lhe faz justiça”. Tivemos o maior trabalho para convencê-lo a posar, e agia como se estivesse fazendo um favor. Bem, depois disso não pude suportar mais. E também jamais vou terminá-lo, para que não tenham que se desculpar com cada visitante matinal que aparecer em Brunswick Square, pela falta de parença do retrato. E como eu disse, resolvi nunca mais pintar ninguém. Mas pela querida Harriet, e até por mim mesma, já que não há nenhum marido ou esposa envolvidos no caso, pelo menos *no momento*, vou quebrar minha promessa.

Mr. Elton parecia muito impressionado e deliciado com a ideia, e repetiu:

– Nem maridos nem esposas envolvidos no caso no momento, de fato. Exatamente isso. Nem maridos nem esposas.

Disse isso com tal consciência que Emma pensou se não seria melhor deixá-los a sós de uma vez. Mas como ela desejava desenhar, a declaração devia esperar um pouco mais.

Ela logo determinou o tamanho e o estilo do retrato. Seria um corpo inteiro em aquarela, como o de Mr. John Knightley, e estava destinado a ocupar um lugar de destaque sobre a lareira, já que podia fazê-lo do seu agrado.

A sessão começou. Harriet, sorrindo e corando, e temerosa de não conseguir manter a pose e a expressão, mostrava um doce ar de juventude aos atentos olhos da artista. Mas não dava para fazer nada com Mr. Elton inquieto atrás dela, observando cada traço. Deu-lhe crédito por ficar sentado olhando extasiado, sem parar, mas era obrigada a por um fim nisso e pedir que fosse sentar-se em outro lugar. Teve a ideia de pedir que ele lesse alguma coisa.

Se ele se dispusesse a ler para elas, seria muita bondade! Ajudaria a tornar mais fácil sua tarefa e diminuiria o aborrecimento de Miss Smith.

Mr. Elton ficou feliz de ler. Harriet ouvia e Emma foi deixada em paz. Devia permitir-lhe que viesse olhar com frequência, menos que isso não seria aceitável num homem apaixonado. Ele estava pronto, a cada vez que Emma suspendia o lápis, a correr para olhar o progresso do desenho e ficar encantado. Não tinha como zangar-se com alguém tão encorajador, pois a admiração dele o fazia ver parenças no desenho quando isso ainda nem era possível. Ela não acreditava nos seus olhos, mas seu amor e complacência eram excepcionais.

A sessão fora satisfatória, de maneira geral. Emma ficara satisfeita com os esboços deste primeiro dia e animou-se a prosseguir. Achou que estava bem semelhante, fora feliz na escolha da pose, e apesar de ter feito pequenas melhorias na figura para que parecesse um pouco mais alta, e bem mais elegante, estava bastante segura de que faria um quadro muito bonito no final, o que daria crédito às duas; um perene memorial à beleza de uma, à habilidade da outra e à amizade de ambas; sem falar em outras agradáveis associações que a afeição de Mr. Elton prometia adicionar.

Harriet viria posar de novo no dia seguinte, e Mr. Elton pediu permissão para assistir e ler outra vez para elas.

– Claro que sim. Ficaremos muito felizes em considerá-lo como parte do grupo.

As mesmas civilidades e cortesias, o mesmo sucesso e satisfação tiveram lugar no dia seguinte, e acompanharam todo o progresso da pintura, que foi rápido e feliz. Todo mundo que viu o quadro gostou, mas Mr. Elton estava em constante arrebatamento, e a defendia de qualquer crítica.

– Miss Woodhouse deu à amiga a única beleza que lhe falta – observou Mrs. Weston, sem imaginar que se dirigia a um apaixonado. – A expressão dos olhos está correta, mas Miss Smith não tem aquelas sobranceiras nem aqueles cílios. É só o que lhe falta no rosto.

– A senhora acha? – replicou ele. – Não posso concordar. Parece-me que guarda a mais perfeita semelhança, em todos os traços. Jamais vi um retrato tão fiel em minha vida. Devemos considerar o efeito das sombras, a senhora sabe.

– Você a fez alta demais, Emma – disse Mr. Knightley.

Emma sabia que havia feito isso, mas não admitiria. Mr. Elton acrescentou, de forma incisiva:

– Ah, não! Não está alta demais, de modo nenhum. Repare que ela está sentada... o que em si já faz diferença... Acho que dá a ideia exata... As proporções devem ser mantidas, o senhor sabe. Proporções, perspectivas... não, acho que dá a ideia exata da altura de Miss Smith. Exatamente isso, de fato!

– É muito bonita – disse Mr. Woodhouse. – Tão bem feita! Como as suas pinturas sempre são, minha querida. Não conheço ninguém que pinte tão bem como você. A única coisa que não gostei foi que ela parece estar sentada ao ar livre, apenas com um pequeno xale sobre os ombros... Faz a gente temer que apanhe um resfriado.

– Mas, papai, trata-se de um dia de verão, um dia quente de verão. Veja a árvore.

– Mas nunca é seguro sentar-se ao ar livre, minha querida.

– O senhor pode pensar assim – exclamou Mr. Elton – mas devo confessar que achei uma escolha feliz da parte de Emma tê-la colocado ao ar livre. E a árvore dá uma impressão de vida inimitável. Qualquer outra pose não teria feito justiça ao caráter de Miss Smith, assim se pode apreciar a ingenuidade dos seus modos... E todo o resto... É admirável! Não posso tirar os olhos do quadro, nunca vi tal semelhança.

O próximo passo seria emoldurar o quadro, e aqui surgiram algumas dificuldades. A escolha da moldura devia ser feita em Londres, diretamente no local, pelas mãos de alguma pessoa inteligente em cujo gosto se pudesse confiar. E Isabella, a encarregada natural de todas as encomendas, não poderia fazê-lo, pois era dezembro, e Mr. Woodhouse jamais permitiria que ela saísse de casa com o neveiro desta época do ano. Tão logo Mr. Elton tomou conhecimento do problema tratou de resolvê-lo. Sua galanteria estava sempre alerta.

“Podiam confiar a missão a ele, que imenso prazer teria em executá-la! Podia ir a Londres a qualquer momento. Não tinha palavras para dizer o quanto se sentiria grato por ser encarregado de tal tarefa”.

“Ele era tão gentil! Emma não podia nem pensar nisso!... jamais iria lhe dar tanto trabalho, de jeito nenhum”. Repetiram-se os rogos e certezas, e em poucos minutos o assunto estava acertado.

Mr. Elton levaria o quadro a Londres, escolheria a moldura, e daria as instruções. Emma pensou que ele podia empacotar o quadro para garantir-lhe a segurança, se não fosse muito incômodo, enquanto ele parecia temeroso de não ter sido incomodado o suficiente.

– Que encargo precioso! – disse ele com um terno suspiro, ao receber a pintura.

“Este homem é quase galante demais para estar apaixonado” pensava Emma. “É o que eu diria, mas suponho que existam centenas de maneiras diferentes de amar. É um jovem excelente e será perfeito para Harriet. Vai ser ‘exatamente isso’ como ele mesmo diz; mas ele suspira, lânguido e se desvanece em cumprimentos, mais do que posso suportar como mentora, já tive que partilhar bastante disso. Mas é seu afeto por Harriet que conta”.

CAPÍTULO VII

No mesmo dia em que Mr. Elton foi para Londres Emma teve uma nova oportunidade de favorecer a amiga. Harriet fora a Hartfield, como de costume, logo após o café da manhã. Depois de um tempo voltou para casa com a intenção de retornar para o jantar. Ela voltou, e logo após os cumprimentos, com um ar agitado e ansioso, disse que lhe acontecera uma coisa extraordinária e não via a hora de contar. Bastou meio minuto para dizer tudo. Quando chegou em casa, Mrs. Goddard disse-lhe que Mr. Martin havia estado lá uma hora antes, e como ela não estava em casa, nem era esperada, deixou um pequeno pacote para ela, da parte de uma das irmãs dele, e partiu. Ao abrir o pacote na verdade encontrou, além das duas canções que emprestara para Elizabeth copiar, uma carta para ela; a carta era dele, de Mr. Martin, e continha uma proposta direta de casamento.

“Quem poderia imaginar tal coisa? Ela estava tão surpresa que nem sabia o que fazer. Sim, um verdadeiro pedido de casamento. E a carta era muito boa, ao menos ela pensava assim. Ele escreveu como se a amasse muito – mas ela não sabia - e assim por diante, e ela viera correndo perguntar a Miss Woodhouse o que devia fazer”.

Emma estava um pouco envergonhada por ver a amiga tão contente e com tanta dúvida.

– Palavra de honra – disse Emma – o rapaz está determinado a não perder nada por falta de perguntar. Pretende se relacionar bem, se puder.

– Quer ler a carta? – exclamou Harriet. – Por favor, leia. Acho de deveria ler.

Emma não lamentava que Harriet lhe pedisse isso. Ela leu e surpreendeu-se. O estilo da carta era melhor do que esperava. Não só não continha erros de gramática como a composição estava à altura da carta de um cavalheiro. A linguagem, apesar de simples, era vigorosa e sem afetação, e os sentimentos conferiam muito crédito ao remetente. Era curta, mas mostrava bom senso, cálida afeição, liberalidade, propriedade e até mesmo delicadeza de sentimentos. Ela parou, enquanto Harriet esperava ansiosamente sua opinião com um “bem, bem” e por fim foi forçada a dizer:

– A carta é boa? Ou é muito curta?

– A carta é muito boa, de fato... – replicou Emma, um pouco pensativa.
– Tão boa, Harriet, que acho provável que uma das irmãs o tenha ajudado. Não posso imaginar que o rapaz com quem eu a vi falando no outro dia possa

expressar-se tão bem, se contar apenas consigo mesmo... E mesmo assim não é o estilo de uma mulher. Não, com certeza, o estilo é forte e conciso e não disperso como o de uma mulher. Não há dúvida de que é um homem sensível, e suponho que tenha um talento natural, pensa com clareza, de modo firme, e quando pega a pena para escrever seus pensamentos encontram as palavras adequadas. Isso acontece com alguns homens, compreendo esse tipo de mente. Vigoroso, decidido, expressa sentimentos até certo ponto, mas sem ser rude. Uma carta mais bem escrita, Harriet (devolvendo a ela), do que eu teria esperado.

– Bem – disse a ansiosa Harriet – bem... E... E o que devo fazer?

– O que deve fazer? A respeito de quê? Quer dizer, em relação à carta?

– Sim.

– Mas qual é a sua dúvida? Deve respondê-la, é claro... E depressa.

– Sim, mas o que devo responder? Querida Miss Woodhouse, peço que me aconselhe.

– Oh, não, de forma alguma. A carta deve ser inteiramente sua, tenho certeza que saberá expressar-se da forma correta. Não há perigo de que não seja clara o suficiente, isso é o principal. O sentido de suas palavras deve ser inequívoco, sem dúvidas ou rodeios. E algumas expressões de gratidão e preocupação pela mágoa que possa estar causando, como exige o decoro, vão surgir naturalmente na *sua* mente, tenho certeza. Não deve escrever como se estivesse triste com a decepção dele.

– Acha então que devo recusá-lo? – disse Harriet, de cabeça baixa.

– Se deve recusá-lo! Minha querida Harriet, o que quer dizer? Tem alguma dúvida disso? Eu pensei... Mas peço desculpas, eu devo ter-me enganado. Com certeza me enganei, se você tem dúvida quanto ao *sentido* da sua resposta, achei que estivesse me consultando apenas quanto ao que devia escrever.

Harriet ficou em silêncio. Com maneiras um pouco mais reservadas, Emma continuou:

– Você pretende dar uma resposta favorável, imagino.

– Não, não é isso... Quero dizer, eu não pretendo... Que devo fazer? O que me aconselha? Peço-lhe, Miss Woodhouse, diga-me o que devo fazer.

– Não devo dar-lhe nenhum conselho, Harriet. Nada tenho a ver com isso. Isso você deve resolver de acordo com seus sentimentos.

– Não imaginava que ele gostasse tanto de mim – disse Harriet,

contemplando a carta.

Por alguns momentos Emma ficou em silêncio, mas começando a suspeitar que o lisonjeiro feitiço da carta fosse muito poderoso, achou melhor dizer:

– Tenho como princípio, Harriet, que se uma mulher tem *dúvida* se deve aceitar um homem ou não, com certeza deve recusá-lo. Se ela hesita em dizer ‘sim’, deve logo dizer ‘não’, pois é uma situação na qual não se deve entrar com sentimentos de dúvida, apenas com a metade do coração. Penso que é meu dever, como amiga e como alguém mais velha do que você, dizer-lhe isso. Mas não imagine que pretendo influenciá-la.

– Oh, não! Sei que é bondosa demais para isso... Mas se pudesse apenas me aconselhar sobre o que seria melhor... Não, não é isso... Como a senhorita diz, é preciso ter certeza, não se deve hesitar... É uma coisa muito séria. Talvez seja melhor dizer não... Acha que é melhor dizer não?

– Por nada do mundo eu iria aconselhá-la nesse sentido – disse Emma, sorrindo graciosamente. – Você é o melhor juiz de sua própria felicidade. Se prefere Mr. Martin a qualquer outra pessoa, se o considera o homem mais agradável com quem já estive, por que hesita? Você corou, Harriet. Ocorreu-lhe mais alguém que se encaixe nessa definição? Harriet, Harriet, não decepcione a si mesma, não se atire em uma relação apenas por gratidão ou compaixão. Em quem está pensando neste momento?

Os sintomas eram promissores. Em vez de responder, Harriet voltou-se confusa e ficou parada junto à lareira, e ainda que a carta continuasse em sua mão, ela agora a apertava de forma automática, sem cuidado. Emma esperava o resultado com impaciência, mas também com grandes esperanças. Por fim, com alguma hesitação, Harriet disse:

– Miss Woodhouse, como não vai me dar sua opinião, devo eu mesma fazer o melhor que puder. Estou agora bastante determinada, quase resolvida mesmo... A recusar Mr. Martin. Acha que estou certa?

– Perfeitamente, perfeitamente certa, minha querida Harriet, está fazendo apenas o que deve fazer. Enquanto estava pensando guardei meus sentimentos para mim, mas agora que está tão decidida, não hesito em aprovar. Querida Harriet, fico feliz com isso. Seria muito triste perder sua amizade, que é o que aconteceria se você se casasse com Mr. Martin. Enquanto você tinha a menor dúvida, não falei nada sobre isso, para não influenciá-la; mas para mim significaria a perda de uma amiga. Eu não poderia visitar Mrs. Martin, da fazenda Abbey-Mill. Agora tenho a garantia de sua amizade para sempre.

Harriet não havia suposto que corresse algum perigo, mas a ideia acabou por atingi-la.

– A senhorita não poderia visitar-me! – ela exclamou, parecendo perplexa. – Não, claro que não poderia, mas nunca pensei nisso antes. Seria horrível demais!...Do que me livre!... Querida Miss Woodhouse, jamais desistiria do prazer e da honra de ser sua amiga por nada deste mundo.

– Na verdade, Harriet, seria um grande golpe perdê-la, mas teria que acontecer. Você se afastaria de toda a boa sociedade, e eu teria que desistir de você.

– Pobre de mim!... Jamais poderia suportar isso! Eu morreria se não pudesse vir a Hartfield nunca mais.

– Querida e afetuosa criatura!... Imagine *você* banida para a fazenda Abbey-Mill!... *Você* confinada para sempre nessa sociedade vulgar e iletrada! Pergunto-me como esse rapaz teve a coragem de pedi-la em casamento. Ele deve ter uma opinião muito boa sobre si mesmo.

– Não acho que ele seja presunçoso, de forma geral – disse Harriet, cuja consciência se opunha a tal censura – pelo menos ele tem uma boa natureza, e eu sempre lhe serei muito grata e terei grande estima por ele... Mas isso é uma coisa muito diferente... E a senhorita sabe, apesar dele gostar de mim não quer dizer que eu deva... E devo confessar que desde que visitei os Martins tenho conhecido outras pessoas... E quando os comparo, na aparência e nas maneiras, vejo que não há comparação possível, *um deles* é tão bonito e agradável. Acho, no entanto, que Mr. Martin é um jovem muito gentil, e o tenho em alta conta; o fato de gostar tanto de mim... E escrever tal carta... Mas ter que deixá-la, Miss Woodhouse, isso eu não quero nem levar em consideração.

– Obrigada, muito obrigada, minha pequena e doce amiga. Não vamos nos separar. Uma mulher não tem que casar com um homem só porque ele a pediu, ou porque está apaixonado por ela e é capaz de escrever uma carta razoável.

– Ah, não! Além disso, a carta é bem curta.

Emma percebeu o mau gosto da amiga, mas deixou passar com um “é verdade; e seria um pequeno consolo para ela saber que o marido era capaz de escrever uma boa carta, depois de se sentir ofendida todas as horas do dia pelas suas maneiras grosseiras”.

– Oh, sim! De fato. Ninguém liga para uma carta, o importante é ser sempre feliz em boa companhia. Estou totalmente decidida a recusá-lo. Mas

como devo proceder? O que devo dizer?

Emma assegurou-lhe que não haveria dificuldade em responder, e aconselhou-a a escrever imediatamente. Harriet concordou, na esperança de que ela a ajudasse. E ainda que Emma insistisse em que ela não precisava de ajuda, de fato a auxiliou em cada frase da carta. Harriet tornou a lê-la, a fim de responder e, como começasse a fraquejar, Emma sentiu que era necessário forçá-la um pouco, para que se expressasse de forma mais direta. A jovem estava tão preocupada com a possibilidade de torná-lo infeliz, e com o que a mãe e as irmãs dele iriam pensar, e tão ansiosa para que não a imaginassem arrogante ou ingrata, que Emma achou que se o rapaz aparecesse na sua frente naquele momento ela o aceitaria sem hesitar.

A carta, no entanto, foi escrita, selada e enviada. O assunto havia sido resolvido e Harriet estava salva. Ela ficou um pouco desanimada durante toda a noite, mas Emma tolerou seus suaves lamentos; algumas vezes tentava distraí-la falando da afeição entre as duas, outras vezes falava de Mr. Elton.

– Nunca mais serei convidada para ir a Abbey-Mill – Harriet comentou num tom um pouco triste.

– E se fosse, minha queria Harriet, eu não suportaria dividi-la. Você é muito necessária em Hartfield para ser desperdiçada em Abbey-Mill.

– E eu sei que nunca mais quero ir lá, pois nunca fui tão feliz como em Hartfield.

Algum tempo depois, o comentário foi:

– Acho que Mrs. Goddard ficaria muito surpresa se soubesse o que aconteceu. Sei que Miss Nash ficaria, pois acha que sua irmã está muito bem casada, e ela é apenas a esposa de um negociante de tecidos.

– Devíamos lamentar ver grande orgulho ou refinamento em uma professora de escola, Harriet. Ouso dizer que Miss Nash invejaria uma oportunidade como essa que você teve de se casar. Até mesmo a sua conquista deve ter muito valor aos olhos dela. Como qualquer um superior a você, acho que ela não sabe de nada. As atenções de certa pessoa ainda não devem ser motivo de mexericos em Highbury. Penso que você e eu somos as únicas pessoas a quem seus olhares e maneiras indicaram alguma coisa até agora.

Harriet corou, sorriu e disse alguma coisa a respeito de não saber que alguém estava interessado nela. A ideia de Mr. Elton era animadora, sem dúvida; mas, após algum tempo, estava de novo triste por causa do rejeitado Mr. Martin.

– A essa hora ele já deve ter recebido minha carta – disse ela, com

brandura. – Imagino o que eles todos estarão fazendo... Se as suas irmãs já sabem... Se ele está infeliz, elas também devem estar. Espero que ele não sofra muito com isso.

– Vamos pensar naqueles entre nossos amigos ausentes que estão empregando seu tempo de forma mais alegre – exclamou Emma. – Mr. Elton talvez esteja neste momento mostrando seu retrato para a mãe e as irmãs, contando-lhes como o original é muito mais bonito, e após ser instado cinco ou seis vezes, se permitindo dizer-lhes o seu nome, seu próprio e querido nome.

– Meu retrato!... Mas se ele o deixou em Bond Street[1].

– Se ele deixou então não conheço direito Mr. Elton. Não, minha pequena, querida e modesta Harriet, pode contar que o quadro não estará em Bond Street até que ele monte em seu cavalo amanhã. Esta noite o quadro será seu companheiro, seu consolo, sua alegria. Mostrará suas intenções para a família, apresentará você a eles, difundirá entre todos prazerosos sentimentos, ávida curiosidade sobre a nossa natureza e calorosa posse. Como as imaginações deles deverão estar alegres, animadas, suspeitosas e ocupadas.

Harriet sorriu de novo, desta vez com mais firmeza.

[1] Famosa rua de Londres, onde se localizava o comércio elegante da época.

CAPÍTULO VIII

Harriet dormiu em Hartfield naquela noite. Nas últimas semanas passava mais da metade do tempo ali, e aos poucos foi ficando com um quarto especialmente para ela. Até o momento, Emma achava melhor em todos os sentidos, mais seguro e mais generoso, mantê-la perto o maior tempo possível. No dia seguinte Harriet deveria ir à casa de Mrs. Goddard, por uma ou duas horas, mas ficara acertado que voltaria a Hartfield para uma visita de alguns dias.

Enquanto ela estava fora Mr. Knightley veio visitá-los, e sentou-se com Mr. Woodhouse e Emma durante algum tempo. Mr. Woodhouse, que havia previamente se disposto a sair, foi persuadido pela filha a não adiar o passeio, e atendendo ao pedido dos dois acabou por deixá-los, embora contra os escrúpulos ditados pela sua boa educação. Mr. Knightley, que não tinha cerimônia com o anfitrião, oferecia um divertido contraste, com suas respostas curtas e decididas, aos prolongados protestos e bem-educada hesitação do outro.

– Bem, se o senhor me desculpar, Mr. Knightley, se não considerar minha atitude muito rude, creio que vou aceitar o conselho de Emma e sair por um quarto de hora. Como está um dia de sol, creio que é melhor fazer a caminhada enquanto posso. Eu o trato sem cerimônia, Mr. Knightley. Nós, os inválidos, acreditamos que temos alguns privilégios.

– Meu caro senhor, não me trate como um estranho, por favor.

– Minha filha será uma substituta à altura. Emma ficará feliz em fazer-lhe companhia. E agora acho que vou pedir-lhe desculpas e fazer minha caminhada... Minha caminhada de inverno.

– É a melhor coisa a fazer, senhor.

– Eu pediria o prazer da sua companhia, Mr. Knightley, mas caminho muito devagar, e meu passo seria aborrecido para o senhor. Além disso, o senhor terá que fazer uma longa caminhada, de volta a Donwell Abbey.

– Obrigado, senhor, obrigado. Estou indo daqui a pouco também, e acho que quanto *antes* o senhor for melhor será. Vou pegar seu casaco e abrir a porta do jardim para o senhor.

Mr. Woodhouse finalmente partiu, mas Mr. Knightley, em vez de sair também, sentou-se novamente, parecendo disposto a conversar. Começou perguntando por Harriet, e de forma muito mais elogiosa do que já havia feito.

– Não a considero tão bela como você – disse ele – mas é uma

criaturinha bonita, e acho que tem um bom temperamento. Seu caráter depende das companhias, mas acredito que em boas mãos se tornará uma mulher de valor.

– Fico feliz que pense assim; e as boas mãos, espero, não faltarão.

– Deixe disso, sei que está ansiosa por um cumprimento, assim vou dizer-lhe que você a melhorou. Você a curou das suas risadinhas de menina de escola, ela de fato faz-lhe justiça.

– Obrigada. Eu ficaria mortificada se acreditasse não ter sido útil. Mas não é todo mundo que se dispõe a elogiar quando devido; o *senhor* mesmo não costuma elogiar-me.

– Você está esperando por ela ainda esta manhã?

– A qualquer momento. Ela já se demorou mais do que pretendia.

– Algo aconteceu para atrasá-la, talvez alguma visita.

– Fofocas de Highbury! Daqueles miseráveis cansativos!

– Talvez Harriet não considere todo mundo cansativo como você.

Emma sabia que isso era verdade, não podia contradizê-lo, e preferiu não dizer nada. Ele então falou, com um sorriso:

– Não pretendo determinar a hora nem o lugar, mas devo dizer que tenho boas razões para acreditar que sua pequena amiga logo vai ouvir uma proposta vantajosa.

– Verdade? Como assim, que espécie de proposta?

– De uma espécie muito séria, asseguro-lhe – disse, ainda sorrindo.

– Muito séria! Só posso imaginar uma coisa... Quem se apaixonou por ela? Quem confidenciou isso ao senhor?

Emma tinha quase certeza de que Mr. Elton insinuara alguma coisa para Mr. Knightley, que era considerado uma espécie de amigo e conselheiro de todos; ela sabia que Mr. Elton o admirava muito.

– Tenho razões para pensar – disse ele – que Harriet Smith logo receberá uma proposta de casamento, e de alguém irrepreensível: Mr. Robert Martin. Parece que sua visita à Abbey-Mill neste verão deu resultados. Ele está loucamente apaixonado e vai casar-se com ela.

– É muito amável da parte dele – disse Emma – mas ele tem certeza de que Harriet pretende casar-se com ele?

– Bem, bem, ele vai tentar pedi-la, então. Está melhor assim? Ele veio me visitar em Abbey, duas noites atrás, com a intenção de consultar-me sobre o assunto. Sabe que tenho a máxima consideração por ele e toda sua família, e creio que me considera um de seus melhores amigos. Veio perguntar-me se eu achava muito imprudente da parte dele casar-se tão cedo, se eu a considerava jovem demais, em suma, se eu aprovava sua escolha. Tinha alguns temores de que ela poderia ser considerada acima dele no nível social (especialmente depois que você fez tanto por ela). Fiquei bastante contente com tudo que ele me disse, nunca vi alguém com tanto bom senso como Robert Martin. Sempre fala de forma direta, aberta, sem rodeios, e é muito ajuizado. Contou-me tudo, suas condições, seus planos, e o que todos pretendem fazer caso ele se case. É um excelente homem, bom filho, bom irmão. Não hesitei em aconselhá-lo a casar-se. Provou-me que tem condições financeiras para isso, e nesse caso, acho que não poderia fazer nada melhor. Elogiei a escolha da noiva também, e ele partiu muito feliz. Se antes ele nunca tivesse considerado minha opinião, tenho certeza que naquele momento passou a considerar-me muito, foi embora pensando que eu era o melhor amigo e conselheiro que ele já tivera. Isso aconteceu há duas noites. E agora, como podemos bem supor, ele não deve ter deixado passar muito tempo antes de falar com a moça. Como parece que ele não falou ontem, acho que foi hoje à casa de Mrs. Goddard. Ela pode ter sido atrasada por alguma visita, como vê, e não deve considerá-lo um miserável cansativo de forma nenhuma.

– Por favor, Mr. Knightley – disse Emma, que estivera sorrindo interiormente durante a maior parte do discurso dele – como sabe que ele não falou com ela ontem?

– É claro – replicou ele, surpreso – que eu não sei disso, mas posso supor. Ela não esteve aqui o dia todo, com você?

– Bom – disse ela – vou contar-lhe algo também, como retribuição ao que o senhor me contou. Ele falou ontem... Quer dizer, ele escreveu uma carta, e foi recusado.

Foi necessário repetir para que Mr. Knightley acreditasse. Levantou-se indignado, ruborizado de surpresa e desprazer, dizendo:

– Então ela é ainda mais simplória do que imaginei. O que essa menina tola está pensando?

– Ah, é claro – exclamou Emma – um homem nunca entende que uma mulher possa recusar uma proposta de casamento. Acham sempre que as mulheres devem estar dispostas a aceitar o primeiro que as peça.

– Que bobagem! Os homens não acham uma coisa dessas. Mas qual é o sentido disso? Harriet Smith recusar Robert Martin? Loucura, se isso for verdade; mas espero que você esteja enganada.

– Eu vi a resposta dela!... E estava bem clara.

– Você viu a resposta dela!... Você escreveu a resposta, também. Emma, isso é obra sua. Você a persuadiu a recusá-lo.

– E se eu tivesse feito isso (o que estou longe de admitir), não acho que teria agido errado. Mr. Martin é um jovem muito respeitável, mas não posso admitir que esteja ao nível de Harriet, e até me surpreende que tenha se aventurado a pedi-la. Pelo que o senhor me disse, parece que ele tinha alguns escrúpulos, pena que tenha se livrado deles.

– Não está ao nível de Harriet! – exclamou Mr. Knightley em voz alta e enérgica. Após alguns momentos, acrescentou com calma aspereza – Não, ele de fato não é do mesmo nível de Harriet, pois é superior a ela em situação e em bom senso. Emma, seu orgulho em relação a essa menina a está cegando. Que aspirações Harriet Smith pode ter, seja por nascimento, educação ou natureza, para pretender alguém de nível mais elevado que Robert Martin? Ela é a filha natural de alguém que ninguém conhece, sem meios para se estabelecer, e certamente sem relações sociais respeitáveis. É apenas uma pensionista em uma escola comum. Não tem sensibilidade, nem conhecimento. Não lhe ensinaram nada de útil e é muito jovem para ter aprendido alguma coisa por si mesma. Ainda não tem experiência de vida, e com sua pouca inteligência, provavelmente jamais surgirá alguém que lhe dê valor. Ela é bonita e tem bom gênio, e isso é tudo. Minha única dúvida em aconselhar o casamento foi em relação a Robert, pois achei que ela podia estar abaixo do que ele merece e a relação lhe seria desfavorável. Sei que, em termos de fortuna, ele provavelmente vai chegar bem mais longe, e como companheiro sensato e prestativo não se saíria mal. Mas não se pode argumentar tal coisa com um homem apaixonado; e fui levado a acreditar que ela não teria como fazer-lhe mal, e que em boas mãos, como as dele, poderia até melhorar e sair-se bem. A vantagem do casamento, penso, seria toda dela, e não tive a menor dúvida (nem tenho agora) de que haveria um comentário geral sobre a enorme sorte de Harriet. Tinha certeza até mesmo da *sua* satisfação, Emma. Imediatamente passou pela minha cabeça que você não iria lamentar que sua amiga deixasse Highbury, se fosse para vê-la tão bem casada. Lembro que cheguei a pensar “até mesmo Emma, com toda sua predileção por Harriet, vai achar este casamento muito bom”.

– Não posso deixar de pensar que o senhor conhece Emma bem pouco, para dizer uma coisa dessas. O quê? Achar que um fazendeiro (e com todo seu

bom senso e todo seu mérito Mr. Martin não é nada além disso) possa ser um bom marido para minha amiga íntima! Não lamentar vê-la deixar Highbury para casar-se com um homem que eu mesma jamais aceitaria entre as minhas relações! Admira-me que o senhor possa ter me considerado capaz de ter tais pensamentos. Os meus são bem diferentes, asseguro-lhe. Acho suas opiniões muito erradas, não é justo com as aspirações de Harriet. Assim como eu, outros também consideram muito as qualidades dela. Mr. Martin pode ser o mais rico dos dois, mas é inferior a ela em posição, sem a menor dúvida. A esfera em que ela transita está muito acima da dele. Isso seria uma degradação.

– Uma degradação para uma moça ilegítima e ignorante, casar-se com um respeitável e inteligente senhor fazendeiro!

– Quanto às circunstâncias do seu nascimento, apesar de legalmente ela não ostentar um sobrenome, isso não se aplica ao senso comum. Ela não deve ser responsabilizada pelos erros dos outros, a ponto de ser mantida abaixo do nível das pessoas com as quais cresceu. Ela é filha de um cavalheiro, sem dúvida... E um cavalheiro de fortuna. Sua pensão é bem alta, nada foi poupado para sua educação e conforto. Não tenho dúvida que ela seja filha de um cavalheiro, nem se pode negar que esteja associada a filhas de cavalheiros. Ela é superior a Mr. Robert Martin.

– Sejam quem forem seus pais – disse Mr. Knightley – seja quem for que tenha se encarregado do sustento dela, não parece que tenha tido a intenção de introduzi-la no que você chamaria de boa sociedade. Recebeu apenas uma educação indiferente, e foi deixada nas mãos de Mrs. Goddard para que fizesse o que pudesse... Para viver no círculo de Mrs. Goddard e contar com a amizade de Mrs. Goddard. É evidente que seus amigos acharam que isso era bom o bastante para ela, e *foi* bom o bastante. Ela mesma não desejava nada melhor. Até que você decidiu torná-la sua amiga, Harriet nunca se desgostara com sua posição, nem ambicionava nada além disso. Passou um verão bastante feliz com os Martins, sem considerar-se superior, e se agora ela acha que é deve-o a você. Você não tem sido amiga de Harriet Smith, Emma. Robert Martin jamais teria ido tão longe se não sentisse que era correspondido, eu o conheço bem. Tem bastante senso de realidade para dirigir-se a uma mulher apenas ao acaso de sua própria paixão. E quanto à presunção, ele é o homem mais humilde que conheço. Aposto que ele foi encorajado.

Para Emma era mais conveniente não responder diretamente a essas afirmações. Preferiu retomar sua própria linha de raciocínio.

– O senhor é um dedicado amigo de Mr. Martin, mas, como eu disse, está sendo injusto com Harriet. As aspirações de Harriet de casar-se bem não

são tão desprezíveis como o senhor faz parecer. Ela não é esperta, mas tem melhor senso do que o senhor pode imaginar, e não merece que falem de sua inteligência de forma tão desdenhosa. Mesmo que se despreze este ponto, no entanto, e supondo que ela seja apenas, como o senhor diz, bonita e de boa índole, devo dizer-lhe que essas qualidades, no grau em que Harriet as possui, não são apenas recomendações triviais para o mundo em geral, pois ela é, de fato, uma bela moça e deve ser considerada assim por noventa e nove pessoas em cem. E como parece que os homens são muito mais filosóficos a respeito da beleza do que em geral se pensa, ainda que se apaixonem por mentes bem esclarecidas ao invés de rostos bonitos, uma moça tão bonita como Harriet pode ter a certeza de ser admirada e pretendida e de ter o poder de escolher entre muitos, como consequência de ser bonita. Sua boa índole também não é um atrativo desprezível, porque inclui no caso dela total docilidade de temperamento e maneiras, uma modesta opinião de si mesma e grande disposição para agradar aos outros. Estou muito enganada se o seu sexo em geral não considerar tal beleza e tal temperamento as mais altas qualidades que uma mulher pode possuir.

– Dou-lhe minha palavra, Emma, que vê-la abusar do raciocínio que possui é quase suficiente para me levar a pensar assim, também. É melhor não ter inteligência alguma do que empregá-la tão mal como você faz.

– Com toda certeza! – disse ela, brincando. – Eu sei que *esse* é o sentimento de todos os senhores. Sei que uma moça como Harriet é exatamente o tipo que todo homem aprecia... O que encanta seus sentidos e satisfaz seu julgamento. Ah, Harriet pode escolher à vontade. Se o senhor mesmo pretendesse um dia se casar, ela seria a mulher ideal. E será que ela, com apenas dezessete anos, começando a viver, aprendendo a conhecer a vida, deve ser questionada por não aceitar a primeira oferta de casamento que recebe? Não... Por favor, permita que ela tenha tempo de conhecer a si mesma.

– Sempre julguei essa amizade de vocês uma bobagem – disse então Mr. Knightley – apesar de guardar essa opinião para mim mesmo, mas agora percebo que trará muito mais infelicidade para Harriet. Você vai torná-la tão vaidosa da própria beleza, e fazê-la crer que merece alguma coisa em troca disso, que em pouco tempo ninguém das suas relações será bom o suficiente para ela. A vaidade em uma mente fraca produz todo tipo de danos. Nada é mais fácil para uma dama do que colocar suas expectativas alto demais. Miss Harriet Smith pode não receber tantas propostas de casamento assim, embora seja uma moça bonita. Homens de bom senso, não importa o que você diga, não querem esposas tolas. Homens de família não estariam muito interessados em relacionar-se com uma moça de origem obscura... E os homens mais prudentes teriam medo do inconveniente e da desgraça a que poderiam estar expostos, quando se revelasse o mistério do seu nascimento. Deixe-a casar-se com Robert Martin e ela estará

segura, será respeitável e feliz para sempre. Mas se a encorajar a esperar um casamento grandioso e ensiná-la a ficar satisfeita apenas com um homem de grande projeção e fortuna, ela pode acabar como pensionista de Mrs. Goddard pelo resto da vida... Ou, pelo menos até que (pois Harriet é o tipo de moça que acabará se casando com um ou outro) fique desesperada e acabe aceitando casar-se com o filho do professor de caligrafia.

– Temos opiniões tão diferentes sobre o assunto, Mr. Knightley, que não há sentido em discutirmos. Só aumentaremos nossa raiva um do outro. Mas quanto a minha *permissão* para que ela se case com Robert Martin, isso é impossível, ela o recusou de maneira tão firme que acho melhor impedir uma segunda tentativa. Ela deve conformar-se com as consequências da recusa, sejam quais forem. Quanto à recusa em si, não pretendo negar que talvez a tenha influenciado um pouquinho, mas lhe asseguro que eu ou qualquer outra pessoa teria muito pouco a fazer. A aparência dele é tão desfavorável, e suas maneiras tão rudes, que mesmo que ela tenha um dia pensado em aceitá-lo, agora já não pensa. Imagino que antes de ver alguém superior Harriet talvez o tivesse tolerado, era o irmão das suas amigas e fez o possível para agradá-la. E como ela não encontrou ninguém melhor em Abbey-Mill (o que deve ter sido de grande ajuda para ele), não o achou desagradável enquanto esteve lá. Mas agora a situação é diferente, ela sabe o que é um cavalheiro, e ninguém menos que um verdadeiro cavalheiro, tanto na educação quanto nas maneiras, tem alguma chance com Harriet.

– Que tolice, isso é a coisa mais tola que alguém já disse! – exclamou Mr. Knightley. – O comportamento de Mr. Robert Martin é sensato, sincero e bem-humorado, qualidades que muito o recomendam; e seu caráter possui mais gentileza do que Harriet Smith é capaz de compreender.

Emma não respondeu e tentou aparentar alegre despreocupação, mas no fundo se sentia desconfortável, desejando que ele fosse logo embora. Ela não se arrependia do que fizera, ainda se achava melhor juiz dos direitos de uma mulher e do seu refinamento do que ele. Mas ainda tinha o hábito de respeitar os julgamentos de Mr. Knightley, de forma geral, e a desgostava que ele se opusesse a ela de forma tão veemente; era muito desagradável vê-lo sentado em frente a ela em tal estado de raiva. Passaram-se alguns minutos nesse silêncio desconfortável. Emma fez uma tentativa de falar sobre o tempo, mas não obteve resposta. Ele estava pensando, e o resultado foram estas palavras:

– Robert Martin não perdeu grande coisa... Ele ainda não sabe disso, mas acredito que logo irá perceber. Suas ideias para o futuro de Harriet só você sabe; mas conhecendo seu gosto por fazer casamentos, é fácil imaginar que tenha planos, ideias e projetos... E como seu amigo, digo apenas que, se é Mr.

Elton que você tem em mente, todo o trabalho será em vão.

Emma sorriu e negou, mas ele continuou:

– Pode acreditar, Elton não vai fazê-lo. Ele é um homem excelente, e o respeitável vigário de Highbury, mas de modo algum fará um casamento imprudente. Conhece bem o valor de uma boa renda, como todo mundo. Elton pode ser sentimental nas palavras, mas suas ações são racionais, ele cuida tão bem dos próprios interesses quanto você dos de Harriet. Sabe que é um homem bonito e bem recebido onde quer que vá, e pelo seu modo aberto de falar, quando está apenas entre cavalheiros, estou convencido de que ele não pretende desperdiçar sua vida. Eu o ouvi falar com grande animação sobre uma numerosa família de jovens damas, amigas de suas irmãs, que possuem vinte mil libras de renda cada uma.

– Estou muito grata ao senhor – disse Emma, rindo de novo. – Se eu tivesse pensado num casamento entre Harriet e Mr. Elton, seria muita bondade sua abrir meus olhos, mas no momento só desejo mantê-la junto a mim. Desisti de fazer casamentos, na verdade. Jamais faria um igual ao de Mrs. Weston, vou desistir enquanto é tempo.

– Passe muito bem, então! – disse o cavalheiro, levantando-se e saindo de modo abrupto.

Sentia-se profundamente irritado. Imaginava o desapontamento do jovem fazendeiro, e estava mortificado por ter contribuído para isso ao encorajá-lo. E o comportamento de Emma em todo o caso o incomodava mais do que tudo.

Emma também ficou num estado de grande agitação, mas as causas disso não estavam tão claras para ela quanto para ele. Emma nem sempre estava absolutamente satisfeita consigo mesma, nem tinha tanta certeza assim de que suas opiniões eram corretas e as do adversário erradas quanto Mr. Knightley. Ele saíra com a certeza de estar com a razão, o que não ocorria com ela. Sentia-se um pouco abatida, no entanto, mas nada que o retorno de Harriet e um pouco de tempo não pudessem restaurar. Estava ficando apreensiva com a demora da moça. A possibilidade de o jovem fazendeiro ter ido à casa de Mrs. Goddard, encontrar-se pessoalmente com Harriet e defender sua causa, deixava Emma alarmada. A ideia de tal fracasso, depois de tudo, transformou-se em aflição; e quando Harriet apareceu, muito bem disposta, e sem invocar nenhuma razão desse tipo para a demora, sentiu uma satisfação que a reconciliou consigo mesma. Convenceu-se que, não importa o que Mr. Knightley pensasse ou dissesse, não havia feito nada que os sentimentos ou a amizade de uma mulher não pudessem justificar.

Mr. Knightley a deixara um pouco temerosa a respeito de Mr. Elton. Considerou então que ele não o havia observado tão bem quanto ela, nem com o interesse, nem (e ela devia admiti-lo a si mesma, apesar das pretensões de Mr. Knightley) com a habilidade que ela tinha para observar essas questões. Acreditava que, embora ele falasse com aspereza e ressentimento, dizendo o que pensava ser verdade, não sabia de fato nada sobre o assunto. Com certeza ouvira Mr. Elton falar com mais liberdade do que ela jamais tinha ouvido, e Mr. Elton podia não ser irresponsável ou imprudente em questões de dinheiro; era natural que fosse mais atento do que descuidado nessas questões. Mr. Knightley, todavia, não estava considerando a influência que uma grande paixão pode ter na guerra contra os motivos de interesse. Mr. Knightley não conhecia tal paixão, e é claro que não sabia nada de seus efeitos; mas ela vira o suficiente disso para não duvidar da capacidade desse sentimento de superar quaisquer hesitações que uma razoável prudência pudesse sugerir; e ela estava certa que a prudência de Mr. Elton não ia além do razoável.

Os modos e a aparência alegre de Harriet melhoraram sua disposição: ela viera para falar de Mr. Elton e não para pensar em Mr. Martin. Miss Nash havia lhe contado uma coisa, que Harriet logo repetiu com grande prazer. Mr. Perry fora à casa de Mrs. Goddard para atender uma criança doente e contara a Miss Nash que, quando voltava de Clayton Park no dia anterior, encontrara Mr. Elton, e descobriu com grande surpresa que Mr. Elton estava na verdade indo para Londres, e não pretendia voltar senão no dia seguinte, e essa noite era reservada ao jogo de cartas, ao qual Mr. Elton jamais havia faltado. E Mr. Perry reprovou-o por isso, e disse-lhe que era muito desagradável que o melhor jogador do grupo estivesse ausente, e tentou persuadi-lo a postergar a viagem por um dia, mas isso não era possível. Mr. Elton então resolveu seguir viagem, e disse de modo muito *reservado* que estava indo resolver um negócio que não podia ser adiado por nenhum motivo do mundo. E falou alguma coisa a respeito de uma invejável encomenda, e de ser o portador de algo muito precioso. Mr. Perry não entendeu muito bem, mas teve certeza de que havia uma *dama* envolvida, e lhe disse isso. Mr. Elton apenas olhou-o sorrindo e seguiu seu caminho bastante alegre. Miss Nash havia lhe contado tudo, e muitas outras coisas a respeito de Mr. Elton, e olhara de forma muito significativa para Harriet ao dizer que “ela não sabia qual era o negócio que Mr. Elton ia resolver, mas sabia que qualquer mulher que Mr. Elton escolhesse, ela achava que seria a mulher mais feliz do mundo, pois não havia ninguém que se comparasse a ele em beleza e amabilidade, sem dúvida”.

CAPÍTULO IX

Mr. Knightley podia discutir com Emma, mas ela não podia discutir consigo mesma. Ele ficara tão desgostoso que demorou mais tempo do que o habitual para voltar a Hartfield; e quando se encontraram, o grave olhar dele mostrou que não a havia perdoado. Ela lamentava, mas não estava arrependida. Ao contrário, seus planos e ações foram ainda mais justificados e fortalecidos pelos acontecimentos dos poucos dias que se seguiram.

O Retrato, elegantemente emoldurado, foi entregue em segurança logo após o retorno de Mr. Elton, pendurado sobre a lareira da sala de estar, e apreciado por ele entre suspiros e meias frases de admiração. Quanto aos sentimentos de Harriet, prenunciavam claramente uma forte e profunda afeição, tanto quanto sua juventude e caráter permitiam. Emma ficou muito satisfeita de que Mr. Martin não fosse mais lembrado, a não ser como contraste a Mr. Elton, com enorme vantagem para este último.

Suas intenções de melhorar a cultura de Harriet através de leituras úteis e conversas nunca passara dos primeiros capítulos de algum livro, e fora sempre adiada para o dia seguinte. Era bem mais fácil conversar do que ler, deixar sua imaginação divagar e trabalhar a favor de Harriet do que tentar aumentar a compreensão dela sobre fatos concretos. A única atividade literária em que Harriet estava empenhada até o momento, a única provisão mental que reservava para o entardecer da vida, era coletar e transcrever enigmas de todos os tipos que pudesse encontrar para um elegante caderno, fornecido pela amiga, com finas e macias folhas de papel ornamentadas com criptogramas e troféus.

Nessa época da literatura, tais coleções em grande escala não eram incomuns. Miss Nash, professora-chefe da escola de Mrs. Goddard tinha escrito pelo menos trezentos enigmas, e Harriet, que a princípio se inspirara nela, pretendia fazer uma coleção ainda maior com a ajuda de Miss Woodhouse. Emma a auxiliava com sua memória, bom gosto e criatividade, e como Harriet tinha uma bela letra, resultara em um trabalho de primeira classe, tanto na forma como no conteúdo.

Mr. Woodhouse estava quase tão interessado no assunto quanto as moças, e com frequência tentava lembrar-se de algum enigma que merecesse figurar no caderno. “Quando ele era jovem havia tantos enigmas inteligentes... não entendia porque não era capaz de lembrar-se! Mas esperava consegui-lo um dia”. E ele sempre terminava com “Cathy, uma bela, mas fria donzela”.

Seu amigo Perry, a quem ele falara do assunto, ainda não se lembrava de nenhuma charada, mas pediu a Perry que ficasse atento, e como ele estava

tentando com afinco, Mr. Woodhouse acreditava que alguma coisa poderia surgir daquele lado.

Não era o desejo de sua filha que os intelectos de Highbury em geral fossem requisitados para tal propósito, e Mr. Elton foi o único a quem ela pediu ajuda. Ele foi convidado a contribuir com quaisquer bons enigmas, adivinhas ou charadas de que conseguisse lembrar-se. Emma teve o prazer de vê-lo dedicar-se bastante ao assunto, e também percebeu que tinha o cuidado de não proferir nenhuma palavra menos galante ou que pudesse ser ofensiva ao sexo frágil. Deviam a ele as duas ou três charadas mais elegantes, e foi com alegria e enlevo que ele afinal lembrou-se e recitou, de forma bastante sentimental, esta bem conhecida charada:

*Minha primeira a aflição revela
O que a segunda está destinada a notar
E o conjunto das duas é o melhor remédio
Para esta aflição abrandar e curar.*

que a deixou um tanto triste, ao verificar que já havia sido transcrita para o caderno, algumas páginas antes.

– Por que o senhor mesmo não cria um enigma, Mr. Elton? – disse Emma. – Assim teríamos uma charada inédita, e sei que nada seria mais fácil para o senhor.

– Oh, não! Jamais escrevi alguma coisa nem vagamente parecida em toda minha vida. Sou um estúpido! Temo que nem mesmo Miss Woodhouse – e ele parou por um momento – nem Miss Smith possam me inspirar.

Logo no dia seguinte, entretanto, forneceu uma prova de inspiração. Fez uma rápida visita a Highbury, apenas para deixar um pequeno pedaço de papel sobre a mesa, contendo uma charada. Disse que fora escrita por um amigo, e dirigida a uma jovem dama a quem ele admirava, mas Emma imediatamente convenceu-se, pelo estilo, que ele mesmo devia tê-la escrito.

– Não posso oferecê-la para a coleção de Miss Smith – disse ele. – Sendo de um amigo, não tenho direito de expô-lo à curiosidade pública, mas talvez a senhorita queira dar uma olhada.

Estas palavras foram dirigidas mais a Emma do que a Harriet, o que Emma compreendia. Ele tinha um comportamento muito apropriado e achou

mais fácil sustentar o olhar dela do que o da amiga. Em seguida saiu, e após alguns momentos Emma sorriu e empurrou o papel na direção da amiga.

– Pegue – disse ela. – É para você, pegue-o.

Mas Harriet tremia tanto que não conseguia tocá-lo. E Emma, ainda que não quisesse ser a primeira, foi obrigada a ler.

Para Miss...

CHARADA

A primeira ostenta a riqueza e a pompa dos reis

Senhores do universo! Seu luxo e esplendor:

E da segunda já outra visão do homem vem,

O rei dos mares, a sofrer sua dor!

Mas, unidas! Que reverso veremos!

Perde o homem a liberdade e o poder do agravo.

E o senhor da terra e do mar curva-se escravo,

A uma mulher, adorável mulher que sozinha reinará.

Tua sagaz inteligência a palavra logo vai conjurar,

Possa a aprovação emanar de esse suave olhar!

Ela leu o texto, ponderou, apreendeu o significado, leu outra vez para ter certeza e dominar bem seu conteúdo, e então o passou para Harriet. Sentou-se, sorrindo alegremente, e enquanto Harriet se debruçava confusa sobre o papel, num misto de esperança e estupidez, Emma pensava:

“Muito bem, Mr. Elton, muito bem mesmo. Já li charadas piores. *Cortejar...* uma pista muito boa. Merece crédito por isso, é como dizer claramente ‘Por favor, Miss Smith, permita que me dirija a você. Aceite minha charada e minhas intenções ao mesmo tempo’.

Possa a aprovação emanar de esse suave olhar!

Harriet, exatamente. Suave é a palavra certa para seus olhos... De todos os adjetivos este é o mais apropriado.

Tua sagaz inteligência a palavra logo vai conjurar

Hum!... A sagaz inteligência de Harriet. Um homem tem que estar muito apaixonado para descrevê-la dessa forma. Ah, Mr. Knightley! Queria que o senhor estivesse aqui para ver isso, acho que se convenceria. Pela primeira vez na vida teria que admitir que se enganou. Uma charada excelente, de fato, e muito a propósito. Logo as coisas vão entrar no estado de crise”.

Emma foi obrigada a suspender estes agradáveis pensamentos, que podiam ir bem longe, para responder às ansiosas e espantadas perguntas de Harriet.

– O que pode significar isso, Miss Woodhouse? ... O que pode ser? Não tenho a menor ideia... não consigo nem adivinhar. O que tudo isso quer dizer? Tente descobrir, Miss Woodhouse, me ajude, nunca vi nada tão difícil. Pergunto-me quem foi o senhor da terra... E quem pode ser a mulher? Acha que é uma charada boa? Que mulher é essa?

A uma mulher, adorável mulher que sozinha reinará.

Será que é Netuno?

O rei dos mares, a sofrer sua dor!

Ou seria um tridente? Ou uma sereia? Ou o mar? Oh, não, mar tem apenas uma sílaba. Ele deve ser muito inteligente, ou não teria escrito isso. Ah, Miss Woodhouse, acha que algum dia vamos descobrir?

– Sereias e tridentes! Bobagem! Minha querida Harriet, o que está pensando? Qual seria o sentido dele nos trazer uma charada feita por um amigo sobre uma sereia ou um tridente? Dê-me o papel e escute:

Para Miss... aqui você pode ler ‘Para Miss Smith’.

*A primeira ostenta a riqueza e a pompa dos reis
Senhores do universo! Seu luxo e esplendor.*

Esta primeira parte é corte.

*E da segunda já outra visão do homem vem,
O rei dos mares, a sofrer sua dor!*

Esta é já. Sem a menor dúvida. E aí temos *corteja*, cortejar. Agora o principal.

*Mas, unidas! (a corte, você sabe) Que reverso veremos!
Perde o homem a liberdade e o poder do agravo.
E o senhor da terra e do mar curva-se escravo,
A uma mulher, adorável mulher que sozinha reinará.*

Um cumprimento muito apropriado, sem dúvida! ... E então temos a explicação que eu acho, minha querida Harriet, você não terá muita dificuldade em entender. Leia sozinha, com calma. Não há dúvida de que foi escrito para você e somente você.

Harriet não podia resistir muito tempo a tão deliciosa persuasão. Leu as linhas finais com o coração palpitando de felicidade. Não conseguia falar, e nem desejava, bastava apenas sentir. Emma falou por ela.

– Este cumprimento tem um sentido tão profundo e particular – disse ela – que não pode haver dúvida sobre as intenções de Mr. Elton. É a você que ele se refere... E logo terá uma prova cabal. Só pode ser isso, não posso estar tão enganada. Agora, porém, tudo ficou claro. Ele está tão decidido quanto sempre desejei, desde que a conheci. Sim, Harriet, desde então venho desejando que isso aconteça. Jamais poderia dizer se uma ligação entre você e Mr. Elton é a mais desejável ou a mais natural das circunstâncias. Sua elegibilidade e sua probabilidade se igualam. Estou muito feliz. Parabéns, minha querida Harriet, de todo coração. Essa é uma união que uma mulher deve se sentir orgulhosa em planejar, e que só pode trazer coisas boas. Vai lhe trazer tudo de que precisa – consideração, independência, um lar apropriado – vai colocá-la junto de seus

verdadeiros amigos, perto de Hartfield e de mim, e selará nossa amizade para sempre. Esta é uma aliança, Harriet, que jamais envergonhará nenhuma de nós.

– Querida Miss Woodhouse!...

E “querida Miss Woodhouse” era tudo que Harriet conseguia articular no início, entre ternos abraços. E quando afinal chegaram a algo mais parecido com uma conversa, ficou claro para Emma que sua amiga via, sentia, antecipava e se lembrava apenas do que ela desejava. A superioridade de Mr. Elton fora amplamente aceita.

– Tudo que a senhorita fala sempre está correto – exclamou Harriet – e agora eu acredito e tenho esperanças de que esteja certa; de outra forma, eu não teria imaginado isso. Está muito além do que mereço, pois Mr. Elton pode se casar com qualquer pessoa! Não pode haver duas opiniões a respeito *dele*. Ele é tão superior! Imagine, tão lindos versos... ‘Para Miss...’. Que inteligente da parte dele!... Será que é mesmo dirigido a mim?

– Não quero fazer nem ouvir nenhuma pergunta sobre isso. É uma certeza. Pode acreditar no meu julgamento. É uma espécie de prólogo para uma peça, uma introdução para um capítulo, e logo será seguida pelo texto em si.

– É uma coisa que ninguém esperaria. Estou certa de que um mês atrás eu mesma não imaginaria isso!... As coisas estranhas que acontecem na vida!

– Quando as senhoritas Smith e os senhores Elton se relacionam, e eles de fato o fazem, é realmente estranho; é tão fora do curso natural das coisas, do que é evidente e verdadeiramente desejável, que necessitam do pré-arranjo de outras pessoas para colocar as coisas na sua forma correta. Você e Mr. Elton estão juntos por circunstâncias, pertencem um ao outro por cada circunstância de seus respectivos lares. Seu casamento será igual ao dos Westons. Parece haver algo no ar de Hartfield que dá ao amor a direção correta, e leva-o ao exato canal por onde deve fluir.

A trajetória de um amor verdadeiro nunca percorreu caminhos suaves...

[\[1\]](#)

Uma edição Hartfield de Shakespeare teria uma longa dissertação sobre esta passagem.

– É uma surpresa que Mr. Elton tenha se apaixonado por mim... Eu, entre todas as mulheres, que não o conhecia, que sequer havia lhe dirigido a palavra até a Festa de São Miguel. E logo ele, o mais belo homem que já vi, a

quem todo mundo admira, quase como Mr. Knightley! Sua companhia é tão disputada que dizem que ele jamais precisaria fazer uma refeição sozinho, a não ser que quisesse, e que recebe mais convites do que os dias da semana. E é tão competente na igreja! Miss Nash copiou todos os sermões que ele fez desde que chegou a Highbury. Oh, Deus! Quando me lembro da primeira vez que o vi! Como é pequeno, pensei. As duas Abbots e eu corremos para a sala da frente e ficamos espiando pela veneziana quando nos disseram que ele ia embora, e Miss Nash veio e nos repreendeu, mandou que saíssemos e ficou lá para espiar ela mesma. Depois me chamou de volta e me mandou olhar também, o que foi muito gentil. E como nós o achamos bonito! Ele vinha de braço dado com Mr. Cole.

– Esta é uma aliança que todos os seus amigos, sejam eles quem forem, vão considerar agradável, desde que tenham bom senso; não vamos submeter nossa conduta aos tolos. Se os seus amigos estão ansiosos para vê-la casada e *feliz*, eis um homem cujo amável caráter garante isso; se desejam que você frequente o mesmo círculo a que pertencem, é dessa forma que conseguirão. E se o único desejo deles é vê-la *bem casada*, como se costuma dizer, eis aí a tranquila fortuna, o respeitável estabelecimento e a elevada posição social que deve satisfazê-los.

– Sim, é bem verdade. Como a senhorita fala bem, adoro ouvi-la. A senhorita entende tudo. Mr. Elton e a senhorita são cada um mais inteligente que o outro. Esta charada!... Mesmo que eu estudasse durante um ano, jamais conseguiria fazer nada igual.

– Acho que ele estava testando suas habilidades, pela forma com que negou isso ontem.

– Acho que é, sem exceção, a melhor charada que já li.

– Eu nunca li uma charada mais a propósito, com certeza.

– E é mais longa que quase todas que já vi.

– Não acho que o tamanho a favoreça muito. Essas coisas, de forma geral, não podem ser muito curtas.

Harriet estava por demais atenta aos versos para escutar. As mais elevadas comparações surgiam em sua mente.

– São coisas diferentes – disse ela, então, com as faces coradas. – Uma coisa é ter bom senso como todo mundo e, tendo algo a dizer, sentar-se e escrever uma carta dizendo só o que deve, sem rodeios; outra coisa é escrever versos e enigmas como estes.

Emma não poderia desejar uma rejeição mais veemente à carta escrita por Mr. Martin.

– Que versos tão doces! – continuou Harriet. – Especialmente os dois últimos. Como farei para retornar-lhe a poesia ou dizer que descobri a charada? Ah, Miss Woodhouse, o que vamos fazer?

– Deixe que eu me encarregue disso. Não precisa fazer nada. Ele voltará esta noite, tenho certeza, e então eu lhe devolverei o papel, dizendo alguma coisa sem importância que não a comprometa... Seus olhos suaves devem esperar o tempo certo para emanar. Confie em mim.

– Ah, Miss Woodhouse, é uma pena que eu não possa copiar a charada no caderno. Nunca consegui uma que valesse nem a metade.

– Deixe de fora as duas últimas linhas, e não haverá razão para que não possa copiá-la.

– Ah, mas aquelas duas linhas são...

– O melhor de tudo. Concordo... Mas para o seu prazer particular; e deve guardá-las apenas para isso. Mesmo que não as compartilhe com ninguém, não deixam de ter sido escritas, nem mudam de significado. Se as eliminar, toda a *apropriação* cessará, e restará apenas uma charada muito galante e bonita, digna de qualquer coleção. Pode acreditar, ele não deseja ver sua charada desprezada, muito menos sua paixão. Um poeta apaixonado deve ser incentivado em ambas as capacidades, ou em nenhuma. Dê-me o caderno, escreverei eu mesma, assim ninguém poderá acusá-la de nada.

Harriet submeteu-se. Apesar de sua mente não ser capaz de separar aquela parte, ficou a observar para ter certeza que sua amiga não escrevia a declaração de amor. Parecia-lhe algo muito precioso para ser divulgado.

– Nunca devo permitir que esse caderno saia das minhas mãos – disse ela.

– Muito bem – replicou Emma – é um sentimento muito natural, e quanto mais durar, mais me fará feliz. Mas aí vem meu pai, espero que não se importe que eu leia a charada para ele, vai deixá-lo tão contente! Ele gosta de qualquer coisa do gênero, especialmente aquelas que louvam as mulheres. Ele tem o mais terno espírito de galanteria em relação a todas nós! Você tem que permitir que eu leia para ele.

Harriet estava séria.

– Minha querida Harriet, você não deve exaltar tanto essa charada...

Acabará traido seus sentimentos de forma pouco apropriada, se for consciente demais ou ansiosa demais, e se atribuir mais significado ou talvez até todo o significado que esses versos possam ter. Não permita que um pequeno tributo de admiração a domine. Se ele desejasse tanto segredo não teria deixado a charada enquanto eu estava presente, mas parece que a entregou mais para mim do que para você. Não vamos ser tão solenes sobre o assunto, ele já tem encorajamento suficiente sem que nossas almas precisem suspirar diante dessa charada.

– Oh, claro que não! Espero não estar sendo ridícula sobre isso, faça como achar melhor.

Mr. Woodhouse entrou e logo tocou no assunto, perguntando como fazia a toda hora:

– Bem, minhas queridas, como vai indo o caderno? Conseguiram alguma coisa nova?

– Sim, papai, temos algo para ler, algo bem novo. Achamos um papel sobre a mesa esta manhã... (deixado por uma fada, talvez)... Contendo uma charada muito bonita, acabamos de copiá-la.

Ela leu lenta e distintamente, como ele gostava, e repetiu duas ou três vezes, explicando cada parte enquanto prosseguia. Ele ficou muito contente, e bastante impressionado com a conclusão, como Emma havia previsto.

– Ah, muito justo, muito apropriado, de fato... Verdade. ‘Mulher, adorável mulher’. É uma charada tão bonita, minha querida, que posso facilmente imaginar quem é a fada que a trouxe. Ninguém a não ser você Emma, escreveria de forma tão bela.

Ela apenas inclinou a cabeça e sorriu. Depois de pensar um pouco e dar um pequeno suspiro, Mr. Woodhouse acrescentou:

– Ah! Não é difícil saber de quem você herdou esse talento! Sua querida mãe era tão inteligente para todas essas coisas! Se ao menos eu tivesse a memória dela, mas não consigo lembrar-me de nada... Nada além dessa charada que você me ouviu mencionar, só consigo lembrar-me da primeira estrofe e sei que tem várias.

*Cathy, uma bela, mas fria donzela,
Acendeu uma vela que ainda lamento,
O rapaz de capuz que chamei para ajudar,
Temeroso de tão perto se aproximar,*

Foi fatal para o meu terno no momento.

Isso é tudo de que consigo lembrar-me... Mas é um enigma muito inteligente, todo ele. Eu pensei, minha querida, que já o tivesse conseguido.

– Sim, papai, está na segunda página. Nós o copiamos dos Extratos Elegantes. É de Garrick^[2], como sabe.

– Ah, é verdade. Gostaria de me lembrar um pouco mais dele.

Cathy, uma bela, mas fria donzela,

O nome me faz lembrar a pobre Isabella, pois quase a batizamos de Catherine, como a sua avó. Espero que ela venha semana que vem. Você já pensou, minha querida, onde vai colocá-la, e qual será o quarto das crianças?

– Ah, sim! Ela ocupará seu antigo quarto, é claro, o mesmo que sempre ocupa aqui. E as crianças ficarão no quarto destinado a elas, como sempre, o senhor sabe. Por que deveria haver alguma mudança?

– Não sei, minha querida... Mas faz tanto tempo que ela não vem aqui! Desde a última Páscoa e mesmo assim por poucos dias... É muito desagradável que Mr. John Knightley seja um advogado... Pobre Isabella!... Foi afastada de todos nós de modo muito triste!... E como vai lamentar que Miss Taylor não esteja aqui!

– Pelo menos não vai ser uma surpresa, papai.

– Não sei, minha querida. Posso afirmar que fiquei muito surpreso quando soube que Miss Taylor ia casar-se.

– Podemos pedir a Mr. e Mrs. Weston que venham jantar conosco, enquanto Isabella estiver aqui.

– Sim, minha querida, se houver tempo... Mas... (em um tom de voz muito deprimido)... Ela vem para ficar uma semana, apenas. Não haverá tempo para nada.

– É uma pena que eles não possam ficar mais... Mas parece que é questão de necessidade. Mr. John Knightley deve estar de volta a Londres no dia vinte e oito, e devemos ser gratos, papai, pois ficarão conosco todo o tempo em que estiverem aqui na região, não irão ficar dois ou três dias em Donwell Abbey. Mr. Knightley foi bastante gentil em desistir da visita deles neste Natal, apesar de

que não os recebe em sua casa há tanto tempo como nós.

– Seria de fato bastante difícil, minha querida, se a pobre Isabella tivesse que ir a outro lugar além de Hartfield.

Mr. Woodhouse jamais permitiria que Mr. Knightley tivesse algum direito sobre o irmão, nem que qualquer pessoa tivesse direitos sobre Isabella, além dele mesmo. Sentou-se e meditou por alguns momentos, depois disse:

– Não sei por que a pobre Isabella seria obrigada a voltar tão cedo, mesmo que o marido tenha que voltar. Acho, Emma, que vou tentar persuadi-la a ficar mais um tempo conosco, ela e as crianças podem muito bem ficar.

– Ah, papai... Isso é uma coisa que o senhor nunca foi capaz de compreender, e acho que nunca será. Isabella não gosta de ficar longe do marido.

Era uma verdade incontestável. Apesar de contrariado, Mr. Woodhouse apenas concordou com um suspiro de submissão. Quando Emma viu que ele estava desanimado pela ideia de sua querida filha ser tão apegada ao marido, imediatamente levou o assunto por outro caminho, de modo a melhorar a disposição do pai.

– Harriet nos dará o prazer da sua companhia tanto quanto puder, enquanto minha irmã e o marido estiverem aqui. Tenho certeza que vai adorar as crianças. Temos muito orgulho das crianças, não é papai? Quem será que ela vai achar mais bonito, Henry ou John?

– Ah, me pergunto qual dos dois. Meus pobres queridos, como ficarão felizes em vir. Eles adoram ficar em Hartfield, Harriet.

– Imagino que sim, senhor. Não conheço ninguém que não goste.

– Henry é um ótimo menino, mas John é igual à mãe. Henry é o mais velho, e recebeu o meu nome, não o do pai. John, o segundo, recebeu o nome do pai. Algumas pessoas se surpreendem, eu acho, que o mais velho não tenha o nome do pai, mas Isabella quis que ele se chamasse Henry, o que achei muito bonito da parte dela. E é um menino muito inteligente, de fato. Todos são notavelmente inteligentes, e tem modos tão bonitos. Eles chegam perto da minha cadeira e dizem “Vovô, pode me dar um pedaço de barbante?”, e uma vez Henry me pediu uma faca, mas eu lhe disse que facas são apenas para avós. Acho que às vezes o pai é rude demais com eles.

– Ele lhe parece rude porque o senhor é tão gentil, papai – disse Emma – mas se o comparar com outros pais verá que ele não é rude. Ele quer que os meninos sejam ativos e fortes, e se eles se comportam mal, ele os repreende na

mesma hora. Mas Mr. John Knightley é um pai afeiçoado, com toda certeza. As crianças o adoram.

– E então vem o tio e os joga para o alto, daquele jeito assustador!

– Mas eles gostam, papai, não há nada de que gostem mais. É tão divertido para eles, que se o tio não organizasse um revezamento, aquele que começasse jamais daria lugar ao outro.

– Bem, não posso entender isso.

– Isso acontece com todos nós, papai. A metade do mundo não consegue entender os prazeres da outra metade.

Mais tarde naquela manhã, quando as moças iam separar-se a fim de se prepararem para o encontro usual no chá das quatro horas, o herói da inimitável charada voltou. Harriet afastou-se, mas Emma o recebeu com o sorriso de sempre; seu olhar atento logo percebeu nele a consciência de ter feito uma jogada... Lançado um dado... E voltava para ver o resultado. Seu motivo ostensivo, no entanto, era saber se a sua presença era necessária em Hartfield naquela noite como parceiro de jogo para Mr. Woodhouse, ou se ele poderia ser dispensado. Se fosse necessário, poria tudo o mais de lado; mas se não fosse o caso, seu amigo Cole o havia convidado com tanta insistência para jantar... E tinha feito tanta questão disso que ele prometera ir, dependendo de confirmação.

Emma agradeceu-lhe, mas não podia permitir que desapontasse seu amigo, seu pai certamente teria parceiros de jogo. Ele insistiu... Ela tornou a declinar. Quando Mr. Elton parecia prestes a fazer a saudação de despedida, ela pegou o papel e devolveu-lhe, dizendo:

– Ah! Aqui está a charada que o senhor foi tão gentil em deixar conosco, obrigado por nos deixar vê-la. Nós a admiramos tanto que tomei a liberdade de copiá-la na coleção de Miss Smith. Seu amigo não se importará, espero. É claro que só transcrevi as oito primeiras linhas.

Mr. Elton certamente não sabia bem o que dizer. Parecia estar em dúvida... Um tanto confuso. Disse alguma coisa sobre “honra”, olhou para Emma e para Harriet e, vendo o livro aberto sobre a mesa, pegou-o e passou a examiná-lo com a maior atenção. Tentando superar aquele momento embaraçoso, Emma sorriu e disse:

– Peço que me desculpe com seu amigo, mas uma charada tão boa não pode ser conhecida apenas de umas poucas pessoas. Ele pode contar com a aprovação de qualquer mulher, enquanto escrever de modo tão galante.

– Não hesito em dizer – respondeu Mr. Elton, apesar de hesitar bastante

enquanto falava – não hesito em dizer.. Enfim, se meu amigo sentir o mesmo que *eu* sinto... Não tenho a menor dúvida que, se pudesse ver seu pequeno poema tão apreciado como *eu* vi (olhando de novo para o livro e recolocando-o sobre a mesa), consideraria este o momento mais importante de sua vida.

Depois de dizer estas palavras o jovem saiu rapidamente. Emma não pode refletir logo no assunto, pois apesar de todas as agradáveis qualidades de Mr. Elton, havia certo exibicionismo nas palavras dele que lhe dava ímpetos de rir. Ela afastou essa vontade e partilhou com Harriet a sensação de terno e sublime prazer.

[1] No original: “The course of true love never did run smooth”. Shakespeare em “Sonho de Uma Noite de Verão”, ato I, cena I.

[2] David Garrick (1717-1779) – teatrólogo, ator, diretor e produtor inglês. Dedicou sua vida ao teatro e teve grande influência na cultura inglesa nos séculos XVIII e XIX.

CAPÍTULO X

Apesar do mês de dezembro já estar na metade, o tempo ainda estava bom o suficiente para permitir às jovens exercitar-se regularmente. No dia seguinte Emma devia fazer uma visita de caridade, para uma pobre família doente que vivia a pouca distância de Highbury.

Seu caminho para essa cabana um pouco afastada ficava abaixo da alameda do Vicariato, uma estrada em ângulos retos que levava à larga, porém irregular, rua principal do povoado. E, como se pode deduzir, era nesse caminho que se encontrava a abençoada residência de Mr. Elton. Passava-se primeiro por algumas poucas casas de qualidade inferior, e depois, descendo cerca de quatrocentos metros pela alameda, encontrava-se o Vicariato. Era uma casa antiga e não muito boa, quase tão perto da estrada como seria possível. Não era uma localização privilegiada, mas fora bastante melhorada pelo atual ocupante; da maneira como agora se encontrava, era impossível para as duas amigas passarem por ali sem diminuir o passo e observá-la com atenção. O comentário de Emma foi:

– Aí está, onde você e seu caderno de enigmas vão estar um dia desses.

E o comentário de Harriet:

– Ah, que casa encantadora!... Como é linda!... Tem cortinas amarelas, daquelas que Miss Nash tanto admira.

– Não costumo andar muito por esse caminho *agora* – disse Emma, enquanto prosseguiam – mas acho que *quando* houver um motivo, gradualmente ficarei conhecendo todas as sebes, portões, laguinhos e árvores desta parte de Highbury.

Emma descobriu que Harriet nunca havia visto o interior do Vicariato e ardia de curiosidade. Ela só podia classificar a atitude da jovem, considerando as aparências e probabilidades, como uma prova de amor; e também de Mr. Elton que via nela uma sagaz inteligência.

– Gostaria que arranjassemos uma desculpa para entrar – disse ela – mas não consigo pensar em um pretexto razoável... Nenhuma criada sobre quem eu possa perguntar à governanta dele... Nenhum recado de meu pai.

Ela ponderou por um momento, mas não conseguia pensar em nada. Depois de alguns minutos de silêncio mútuo, Harriet falou:

– Me admira muito, Miss Woodhouse, que a senhorita não tenha se casado nem esteja por fazê-lo! Tão encantadora como é!

Emma riu e respondeu:

– Meu encanto, Harriet, não é o suficiente para me induzir a casar; devo achar outras pessoas encantadoras... Pelo menos uma outra pessoa. E não só não estou para me casar no momento, como não tenho intenção de um dia vir a fazê-lo.

– Ah! Isso é o que a senhorita diz. Mas não posso acreditar.

– Eu teria que encontrar alguém muito superior às pessoas que conheço para sentir-me tentada. Mr. Elton, você sabe (lembrando-se a tempo), está fora de questão, e *não* consigo ver mais ninguém igual. Espero não ser tentada, não posso de fato mudar para melhor, se me casasse sei que iria me arrepender.

– Meu Deus! É tão estranho ver uma mulher falar dessa maneira!

– Não tenho nenhum dos motivos que as mulheres normalmente têm para se casar. Se eu me apaixonasse, é claro, seria outra coisa! Mas nunca me apaixonei, não é o meu jeito, não está na minha natureza, e acho que isso nunca acontecerá. E sem amor eu seria uma tola em mudar minha situação atual. Não preciso de fortuna, nem ocupação, nem importância; acho que poucas mulheres casadas são tão donas de suas casas como eu sou de Hartfield. E nunca, nunca mesmo, poderia esperar ser tão verdadeiramente amada, tão importante, ser a primeira e a mais admirada aos olhos de um homem, como sou aos olhos de meu pai.

– Mas então a senhorita quer se tornar uma velha solteirona, como Miss Bates!

– É uma imagem realmente espantosa essa que você apresenta, Harriet. Se eu achesse que podia me tornar igual a Miss Bates... Tão tola, tão satisfeita, tão sorridente, tão conversadora, tão insignificante e subserviente como ela, e tão pronta a falar tudo sobre todo mundo, eu me casaria amanhã. Mas entre *nós duas* estou certa de que não haverá nenhuma semelhança, exceto o fato de sermos solteiras.

– Mas ainda assim seria uma velha solteirona! Isso é tão terrível!

– Não se preocupe, Harriet, jamais serei uma velha solteirona pobre. E é a pobreza que torna o celibato desprezível para muita gente! Uma mulher solteira, com uma renda ínfima, é uma ridícula e desagradável solteirona, motivo de riso para os rapazes e moças. Uma mulher solteira de fortuna, no entanto, sempre será respeitável, e pode ser tão agradável e sensível quanto qualquer outra pessoa. E essa distinção não está tão contra a candura e o bom senso do mundo, como parece à primeira vista, pois uma renda insuficiente tem a

tendência de estreitar a mente e azedar o caráter. Aqueles que mal conseguem sobreviver, e que são forçados a viver em uma sociedade muito restrita e muito inferior, podem se tornar intolerantes e mesquinhos. Isso, é claro, não se aplica a Miss Bates, ela é apenas amável e tola demais para o meu gosto. Mas, de forma geral, ela agrada a muita gente, ainda que seja solteira e pobre. A pobreza, com certeza, nunca a tornou mesquinha: acredito que se ela tivesse apenas um xelim no mundo, seria bem capaz de doar a metade. E ninguém tem medo dela: isso é um grande encanto.

– Meu Deus! Mas o que a senhorita fará? Como vai empregar seu tempo quando ficar mais velha?

– Se me conheço bem, Harriet, possuo uma mente ativa, ocupada e com muitos recursos independentes; não vejo por que eu teria menos coisas para me ocupar aos quarenta ou cinquenta anos do que tenho agora aos vinte e um. As ocupações usuais das mulheres, com as mãos ou com a cabeça, estarão à minha disposição no futuro tanto quanto estão agora, ou ao menos não serão muito diferentes. Se eu pintar menos, posso ler mais; se desistir da música, posso fazer tapeçaria. E quanto aos objetos de interesse, ou mesmo de afeição, cuja falta é o único verdadeiro mal de não ser casada, acredito que sempre terei os filhos de uma irmã que adoro, a quem posso me dedicar. Com toda certeza vai haver bastante deles para suprir qualquer necessidade da idade madura; haverá afeição suficiente para manter a esperança e evitar o medo. Mesmo que o meu afeto por eles não possa se igualar ao de uma mãe, satisfaz mais minha ideia de tranquilidade do que se fosse mais caloroso e mais cego. Meus sobrinhos e sobrinhas! Poderei sempre ter uma sobrinha comigo.

– A senhorita conhece a sobrinha de Miss Bates? Isto é, sei que deve tê-la visto mil vezes... Mas são amigas?

– Ah, sim! Somos forçadas a ser amigas sempre que ela vem a Highbury. Pensando bem, *ela* é suficiente para diminuir o conceito em que se tem uma sobrinha. Que Deus me perdoe! Que eu jamais aborreça alguém a respeito de todos os Knightleys juntos, quanto Miss Bates faz com Jane Fairfax. Chego a ficar enjoada só de ouvir o nome Jane Fairfax. As cartas dela são lidas pelo menos quarenta vezes; seus cumprimentos aos amigos são transmitidos e retransmitidos de novo; e se ela manda para a tia o modelo de algum colete, ou tricota um par de ligas para a avó, não se ouve falar de outra coisa durante um mês. Desejo todo o bem a ela, mas ela me cansa mortalmente.

Estavam chegando à cabana, e os assuntos triviais foram deixados de lado. Emma era muito compassiva, e aliviava os sofrimentos dos pobres com toda sua atenção e bondade, seus conselhos e paciência, assim como com sua

bolsa. Ela entendia suas atitudes, aceitava sua ignorância e tentações e não tinha expectativas românticas de extraordinária virtude a respeito de pessoas tão desfavorecidas pela educação. Procurava saber de seus problemas com pronta simpatia, e sempre lhes prestava ajuda com boa vontade e inteligência. Naquele momento visitava a pobreza e a doença juntas, e ficou ali tempo suficiente para dar-lhes conforto e conselhos. Quando saiu, sua impressão era tão profunda que a fez dizer para Harriet, enquanto caminhavam:

– Esta é a visão que temos, Harriet, quando fazemos o bem ao próximo. Perto deles todas as coisas parecem tão fúteis! Sinto agora como se não pudesse deixar de pensar nessas pobres criaturas durante o resto do dia. Quem poderá dizer quando tudo isso desaparecerá da minha mente?

– É verdade – disse Harriet. – Pobres criaturas! Não se pode pensar em outra coisa.

– Realmente, acho que não vou esquecer tão cedo – disse Emma, enquanto cruzava a sebe baixa, e percorria com passos cambaleantes o estreito e deslizante caminho que levava do terreno da cabana até a alameda. – Acho que não vou mesmo – e parou para olhar de novo e lembrar toda a infelicidade daquele lugar, que era ainda maior no seu interior.

– Oh, meu Deus! Não! – disse a sua companheira.

Elas retomaram o caminho. A alameda fazia uma curva, e quando a curva terminou imediatamente viram Mr. Elton, tão perto que Emma mal teve tempo de dizer a Harriet:

– Ah, Harriet, aí vem um desafio inesperado para a estabilidade dos nossos bons pensamentos. Bem (sorrindo), pelo menos espero que seja aceitável que, se a compaixão e o empenho trouxeram alívio para os sofredores, já fizeram tudo o que era importante de verdade. Se tivermos bondade suficiente para fazer o que pudermos por esses infelizes, o resto é apenas simpatia sem sentido, só estaremos nos afligindo.

– Oh, sim, é claro!

Isso foi tudo o que Harriet conseguiu responder antes que o cavalheiro se juntasse a elas. As necessidades e sofrimentos da pobre família, no entanto, foram o primeiro assunto de sua conversa. Ele estava vindo visitá-los, mas agora sua visita poderia ser postergada. Tiveram uma interessante conversa sobre o que poderia e deveria ser feito pela família. Mr. Elton então resolveu retornar para acompanhá-las.

“Encontrarem um ao outro em uma missão desse tipo – pensava

Emma – uma visita de caridade, com certeza vai aumentar o amor de ambos. Não sei se ele não está a ponto de se declarar. Se eu não estivesse aqui, acho que o faria. Como gostaria de estar em outro lugar”.

Ansiosa para afastar-se tanto quanto pudesse, ela logo enveredou por um estreito caminho, um pouco acima da lateral da rua, e os deixou sozinhos na alameda principal. Mas não estava ali há dois minutos quando viu que Harriet a seguia, obedecendo aos seus hábitos de dependência e imitação, e logo os dois estavam bem próximos dela. Isso não podia acontecer. Ela então parou, e pretextando amarrar o laço de sua botina, abaixou-se ocupando toda a largura da estradinha e pediu-lhes que seguissem em frente, ela os alcançaria em meio minuto. Eles fizeram o que fora pedido, e depois de esperar pelo tempo que achou razoável para amarrar a botina, viu nova oportunidade para atrasar-se. Uma criança da cabana, que saíra com uma vasilha de barro, a pedido dela, para buscar um pouco de sopa em Hartfield, apareceu na estrada, e Emma se dispôs a tomar conta dela. Caminhar ao lado da criança, falar com ela e questioná-la era a coisa mais natural do mundo, ou seria a coisa mais natural se ela estivesse agindo sem intenção. Assim, os dois podiam seguir na frente, sem ter que esperá-la. Ela os alcançou, no entanto, sem querer, pois o passo da criança era muito rápido e o deles muito lento. Emma ficou consternada por interrompê-los em uma conversa que parecia ser de mútuo interesse; Mr. Elton falava com animação e Harriet escutava atentamente. Emma, tendo despachado a criança, estava pensando se devia atrasar-se um pouco mais, quando os dois olharam ao redor e ela foi obrigada a juntar-se a eles.

Mr. Elton ainda estava falando, entusiasmado com algum detalhe interessante. Emma desapontou-se quando percebeu que ele apenas fazia um minucioso relato à sua bela companheira da festa na casa de seu amigo Cole, ocorrida na véspera; e que ela deveria estar lá para provar o queijo Stilton, a manteiga, o aipo, a beterraba, e todas as sobremesas.

“Esse assunto com certeza vai levar a algo melhor” – pensava Emma, consolando-se. – “Afinal, todos os assuntos são interessantes para aqueles que se amam, e além do mais pode servir de introdução para os assuntos do coração. Se ao menos eu tivesse me afastado por mais tempo!”

Continuaram andando juntos, em silêncio, quando avistaram o Vicariato ao longe. Emma lembrou-se então de sua intenção de fazer Harriet entrar na casa, e logo voltou a encontrar alguma coisa muito errada com sua botina, que mais uma vez obrigou-a a ficar para trás. Desta vez arrebitou o cordão, e atirando-o em uma valeta com grande destreza, foi obrigada a pedir-lhes que parassem, e reconhecer que não podia consertar a botina muito menos andar até em casa.

– O cordão arrebentou – disse ela – e não sei como vou fazer. Sou uma companheira muito desajeitada, mas espero nem sempre ficar em tão más condições. Mr. Elton, sou obrigada a pedir-lhe para parar em sua casa e pedir à sua governanta algum pedaço de cordão, fita ou qualquer outra coisa para amarrar minha botina.

Mr. Elton parecia a felicidade em pessoa ao ouvir a proposta, e conduziu-as até a casa com toda atenção e cuidado, esforçando-se por causar-lhes uma impressão favorável. A sala em que entraram, localizada na frente, era o lugar onde ele passava a maior parte do tempo, e comunicava-se por uma porta com outra sala na parte posterior. Emma passou pela porta entreaberta junto com a governanta, para que esta a auxiliasse de modo mais confortável. Foi obrigada a deixar a porta entreaberta como estava, mas esperava que Mr. Elton tomasse a iniciativa de fechá-la. Como ele não a fechou, Emma empenhou-se em conversar com a governanta, esperando que ele aproveitasse a oportunidade de ficar a sós com Harriet para entrar no assunto de seu interesse. Por dez minutos, no entanto, não ouviu nenhum som que não fosse a própria voz. Não era mais possível protelar e ela foi obrigada a voltar para a sala da frente.

Os namorados estavam de pé junto a uma das janelas. Seu aspecto era promissor e durante meio minuto Emma sentiu o triunfo de ver que seu plano tivera sucesso. Mas isso não acontecera, ele não tocara no assunto. Fora o mais agradável e encantador possível, contando a Harriet que as seguira de propósito, depois de vê-las deixar Hartfield; dissera mais algumas galanterias e fizera algumas insinuações, mas nada sério.

“Cauteloso, bastante cauteloso, de fato”, pensava Emma. “Avança centímetro a centímetro, e não vai arriscar nada até se sentir seguro”.

Ainda que as coisas não tivessem saído de acordo com o seu inteligente esquema, ela não podia senão felicitar a si mesma, pois o encontro havia trazido muita alegria a ambas, e devia levar os dois em direção ao grande evento.

CAPÍTULO XI

Mr. Elton agora devia ser deixado por conta própria. Não estava mais nas mãos de Emma apressar suas decisões ou supervisionar sua felicidade. A visita da família de sua irmã estava tão próxima que, tanto pela expectativa quanto pela visita em si, tornou-se seu principal interesse a partir daquele momento. Durante os dez dias de sua estada em Hartfield, ninguém esperava – nem ela mesma – que pudesse prestar alguma assistência aos namorados que não fosse fortuita e ocasional. Podiam avançar rápido, se quisessem; mas iriam avançar de um jeito ou de outro, quisessem ou não. Emma não pensava em ocupar-se muito deles, pois eram do tipo de pessoas que quanto mais se fizesse por elas, menos faziam por si próprias.

Mr. e Mrs. John Knightley não iam a Surry há bastante tempo, por isso estavam mais animados que o normal com a perspectiva da viagem. Até agora, todas as viagens que fizeram à região desde que se casaram foram divididas entre Hartfield e Donwell Abbey. Neste outono, todavia, haviam levado as crianças à praia em todos os feriados, e fazia vários meses que não visitavam seus parentes de Surry nem viam Mr. Woodhouse. O velho cavalheiro, que não aceitava ir a um lugar tão distante quanto Londres, mesmo por amor à sua pobre Isabella, estava agora na mais nervosa e feliz apreensão com essa visita tão curta.

Ele temia os perigos da viagem por causa da filha, mas não se preocupava nem um pouco com a fadiga dos cavalos ou de seu cocheiro, que fora encarregado de trazer parte da família no último trecho do caminho. Mas seus temores foram em vão, pois os vinte e cinco quilômetros foram tranquilamente vencidos, e Mr. e Mrs. John Knightley, seus cinco filhos, e um número conveniente de babás chegaram a Hartfield sãos e salvos. O prazer e a correria de tal chegada, o muito que tinham para falar, saudar, encorajar, decidir e providenciar, produziu um barulho e uma confusão que os nervos de Mr. Woodhouse jamais suportariam em outra situação, e mesmo neste caso não aguentavam muito tempo. Mas Mrs. John Knightley prezava tanto os costumes de Hartfield e os sentimentos do pai que, apesar de sua solicitude maternal, as crianças não tiveram permissão para perturbar Mr. Woodhouse por muito tempo, por si mesmas ou pela necessidade da atenção dela. Providenciou sem a menor demora que tivessem toda a assistência para se acomodar, toda a comida e bebida necessárias, que dormissem, brincassem ou o que mais desejassem.

Mrs. John Knightley era pequena, elegante e bonita, de modos calmos e gentis e temperamento notavelmente amigável e afetuoso. Dedicada à família, esposa devotada e mão extremosa, e tão afeiçoada ao pai e à irmã que seria

impossível encontrar um amor maior que o dela. Jamais via defeito em nenhum deles. Não era uma mulher de profunda inteligência ou sagacidade, características estas que herdara do pai. Possuía também a mesma constituição física dele, evidente na sua saúde delicada, no extremo cuidado com a saúde dos filhos, no nervosismo e no temor a muitas coisas, e era tão apegada ao seu farmacêutico na cidade quanto o pai o era com Mr. Perry. Também se pareciam na bondade geral do caráter e no extremo afeto por todas as antigas amigas.

Mr. Knightley era um homem alto, de aspecto cavalheiresco e muito inteligente. Profissionalmente estava em ascensão, apreciava a vida doméstica e era muito respeitável na vida privada. Suas maneiras, porém, eram um tanto reservadas, o que evitava que fosse amplamente apreciado, e algumas vezes perdia o bom humor. Não era mal humorado, nem tão irritadiço que merecesse tal censura, mas seu temperamento não era sua melhor qualidade; e, na verdade, com uma esposa que o adorava, era quase impossível que seus defeitos não aumentassem. A extrema doçura do caráter dela devia feri-lo, pois possuía toda a clareza e inteligência que faltavam à esposa, e às vezes agia de modo desagradável ou dizia alguma coisa mais severa.

Não era exatamente um favorito da cunhada, pois Emma não deixava escapar nada de errado que houvesse nele. Percebia com rapidez as pequenas ofensas à irmã, o que nem a própria Isabella notava. Talvez Emma passasse por cima disso, se suas maneiras para com ela fossem mais lisonjeiras, mas eram apenas aquelas apropriadas a um calmo cunhado e amigo, sem elogios nem cegueira. Nenhum tipo de cumprimento pessoal, no entanto, seria suficiente para fazê-la esquecer da maior falha de todas aos seus olhos, na qual ele às vezes incorria: a falta de respeitosa paciência para com seu pai. Mr. Knightley nem sempre possuía a paciência necessária. As peculiaridades e inquietações de Mr. Woodhouse provocavam-lhe às vezes uma reclamação racional ou uma resposta áspera, igualmente desagradáveis. Isso não ocorria com frequência, pois Mr. John Knightley tinha verdadeiro afeto pelo sogro, e a consciência do quanto lhe devia. Para Emma, porém, era demais, e ela estava sempre muito apreensiva procurando evitar a ofensa, mesmo que não acontecesse. No começo da visita, entretanto, a floravam apenas os bons sentimentos, e já que desta vez a visita seria mais curta, havia esperanças de que passasse na mais pura cordialidade. Estavam sentados há não muito tempo, conversando, quando Mr. Woodhouse, balançando a cabeça e suspirando, chamou a atenção da filha para a triste mudança ocorrida em Hartfield desde que ela estivera ali pela última vez.

– Ah, minha querida – disse ele – pobre Miss Taylor... É um caso muito triste.

– Ah sim! – ela exclamou, com pronta simpatia. – O senhor deve sentir

muita a falta dela! E a querida Emma também! Que grande perda para os dois... Senti tanto por vocês! Não imagino como estão vivendo sem ela, foi uma mudança muito triste, de fato... Mas espero que ela esteja bem, senhor.

– Muito bem, minha querida... Espero que sim... Muito bem. Mas não sei se aquele lugar é tolerável para ela.

Mr. John Knightley então perguntou em voz baixa para Emma se havia algum problema com Randalls.

– Oh, não! Nenhum problema. Nunca vi Mrs. Weston tão bem em minha vida, nunca me pareceu tão bem disposta. Papai está falando apenas de sua própria tristeza.

– O que é uma grande honra para ambos – foi a educada resposta.

– E o senhor a vê com frequência? – perguntou Isabella em um tom lamentoso que combinava com o do pai.

Mr. Woodhouse hesitou.

– Não tanto quanto gostaria, minha querida.

– Ah, papai, desde que eles se casaram só deixamos de vê-los por um único dia. Todos os dias, com exceção de um, de manhã ou ao entardecer, nós vemos Mr. ou Mrs. Weston, geralmente os dois, ou aqui ou em Randalls... e como você deve imaginar, Isabella, normalmente é aqui. Eles são muito gentis, muito mesmo, Mr. Weston é de fato tão gentil quanto ela. Se o senhor continuar falando nesse tom melancólico, papai, vai dar a Isabella uma ideia errada sobre nós. Todos devem saber que sentimos a falta dela, mas todos também devem estar cientes de que os dois fazem tudo que é possível para evitar que sintamos a falta dela... O que é a exata verdade.

– Como deve ser, é claro – disse Mr. John Knightley – e como pensei que fosse, pelas suas cartas. Não há dúvida do desejo dela de ser atenciosa, e o fato dele ser um homem sociável e com tempo livre torna tudo mais fácil. Eu sempre lhe disse, meu amor, que eu não imaginava a mudança em Hartfield tão grande quanto você temia. Agora que temos o relato de Emma espero que fique satisfeita.

– Bem, na verdade... – disse Mr. Woodhouse. – Sim, com certeza... Não posso negar que a pobre Mrs. Weston vem nos ver com bastante frequência... É que depois ela é sempre obrigada a ir embora outra vez.

– Seria muito triste para Mr. Weston se ela não fosse, papai. O senhor está se esquecendo do pobre Mr. Weston.

– Eu acredito, de fato – disse Mr. John Knightley, brincando – que Mr. Weston tem alguns direitos. Você e eu, Emma, devemos nos aventurar a tomar o partido do pobre marido. Eu, sendo um marido, e você, mesmo não sendo uma esposa, podemos ser atingidos com igual força pelos direitos do pobre homem. Quanto a Isabella, está casada há tempo suficiente para achar conveniente colocar de lado todos os direitos de Mr. Weston, tanto quanto possível.

– Eu, meu amor? – exclamou Isabella, entendendo apenas em parte. – Está falando de mim?... Tenho certeza que ninguém deve ser, ou pode ser, um defensor mais ardoroso do casamento do que eu sou. E se não fosse pelo infortúnio dela ter deixado Hartfield, nunca pensaria em Miss Taylor senão como a mulher mais feliz do mundo; e quanto a desdenhar de Mr. Weston, esse excelente homem, acredito que não há nada que ele não mereça. Acho que é um dos homens de melhor índole que já existiram. Exceto você e seu irmão, não conheço nenhum outro de igual temperamento. Nunca vou me esquecer daquele dia ventoso, na última Páscoa, quando ele empinou o papagaio para Henry... Nem da enorme bondade dele em setembro do ano passado, quando escreveu aquele bilhete, tarde da noite, para me assegurar de que não havia um surto de escarlatina em Cobham. Desde então estou convencida de que não pode existir um homem melhor ou mais bondoso que Mr. Weston. Se alguém o merece, é Miss Taylor.

– E onde se encontra o jovem cavalheiro? – disse John Knightley. – Veio para cumprimentá-los pelo casamento ou não?

– Ele ainda não esteve aqui – respondeu Emma. – Houve muita expectativa sobre sua chegada logo após o casamento, mas não deu em nada. E não tenho ouvido falar nele ultimamente.

– Mas você tem que contar-lhes sobre a carta, minha querida – disse o pai. – Ele escreveu uma carta para a pobre Mrs. Weston, congratulando-a pelo casamento. Ela me mostrou, é uma carta muito apropriada, muito linda, de fato. Achei muito bonito da parte dele, mas se a ideia foi dele mesmo, ninguém sabe. Ele é muito jovem, talvez o tio...

– Papai, querido, ele já tem vinte e três anos. O senhor se esquece como o tempo passa depressa.

– Vinte e três!... É mesmo?... Bem, eu jamais imaginaria... E ele tinha apenas dois anos quando sua pobre mãe morreu! O tempo voa, de fato, e minha memória é muito ruim. Todavia, foi uma bela carta, muito bem escrita, e deu bastante alegria a Mr. e Mrs. Weston. Lembro-me que foi escrita de Weymouth, no dia 28 de setembro... e começava assim “Minha cara senhora”, mas me esqueço de como continuava. E estava assinada “F. C. Weston Churchill”.

Lembro-me disso perfeitamente.

– Que agradável e apropriado da parte dele – exclamou a bondosa Mrs. John Knightley. – Não tenho dúvida de que deve ser um jovem bastante amável. Mas é muito triste que ele não viva em casa com o pai! Há alguma coisa tão chocante em tirar uma criança dos pais e do lar natural! Nunca entendi como Mr. Weston pode se separar dele. Desistir de um filho! Na verdade nunca consegui pensar bem de ninguém que propusesse tal tipo de coisa a outra pessoa.

– Ninguém nunca pensou bem dos Churchills, eu imagino – observou Mr. John Knightley, friamente. – Mas não deve imaginar que Mr. Weston sentiria o mesmo que você se tivesse que desistir de Henry ou de John. Mr. Weston é mais um homem afável e de temperamento alegre, do que um homem de fortes sentimentos. Ele aceita as coisas como são, e as utiliza para o seu prazer de um modo ou outro. Gosta do que chamamos de sociedade muito mais pelos seus confortos – comer bem, beber, jogar cartas com seus vizinhos cinco vezes na semana – do que pelos prazeres do lar e da afeição familiar.

Emma não gostava de semelhante reflexão sobre Mr. Weston, e esteve a ponto de iniciar uma discussão, mas pensou melhor e deixou passar. Queria manter a paz familiar, se possível. No entender do cunhado havia algo de tão honrado e valioso nos hábitos familiares e na autossuficiência do lar, que resultava nessa disposição de menosprezar as relações sociais comuns, e aqueles para quem isso era importante. Ele tinha todo direito à indulgência.

CAPÍTULO XII

Mr. Knightley veio jantar com eles, um tanto contra o desejo de Mr. Woodhouse, que não gostava de partilhar Isabella com ninguém no primeiro dia da visita. Emma decidira assim, no entanto, atendendo ao seu senso de dever. Ela teve grande prazer em fazer-lhe o convite apropriado, tanto pela consideração que era devida aos dois irmãos, quanto pelo recente desentendimento ente ela e Mr. Knightley.

Esperava que agora voltassem a ser amigos, pois já era tempo de se reconciliarem. Uma reconciliação, de fato, não seria possível. *Ela* com certeza não estava errada, e *ele* nunca admitiria que o erro fosse dele. Qualquer concessão estava fora de questão, mas chegara a hora de demonstrar esquecer que eles um dia discutiram. Emma pensou que poderia ajudar a restauração da amizade se, quando ele entrasse na sala, ela estivesse com uma das crianças, a menorzinha, uma linda menina de oito meses que fazia a sua primeira visita a Hartfield e estava muito feliz de ser balançada nos braços da tia. E de fato ajudou, pois embora ele entrasse na sala com ar sério e poucas palavras, logo passou a conversar com todos na maneira de sempre, e pegou a menininha dos braços dela com a sem cerimônia da perfeita amizade. Emma sentiu que eram amigos de novo. A certeza deu-lhe grande satisfação, e ela não pode evitar dizer, com uma ponta de atrevimento, enquanto ele admirava o bebê:

– Como é agradável que a gente pense da mesma maneira a respeito dos nossos sobrinhos e sobrinhas. Quando se trata de homens e mulheres podemos às vezes ter opiniões diferentes, mas no que diz respeito a essas crianças vejo que nunca discordamos.

– Se você fosse guiada mais pela natureza na sua avaliação dos homens e mulheres em vez de lidar com eles com a força da fantasia e do capricho, como faz com essas crianças, nós poderíamos estar sempre de acordo.

– Mas é claro... nossas discordâncias sempre surgem porque estou errada!

– Sim, por um bom motivo – disse ele, sorrindo. – Eu tinha dezesseis anos quando você nasceu.

– Uma diferença apreciável, de fato – ela respondeu – e não há dúvida que o seu poder de julgamento era superior ao meu naquela época das nossas vidas. Mas não acha que o lapso de vinte e um anos tenha tornado nossos intelectos bem mais próximos?

– Sim, bem mais *próximos*.

– Mas ainda não o suficiente para me dar a chance de estar certa, quando tivermos opiniões diferentes.

– Eu ainda tenho a vantagem de dezesseis anos a mais de experiência, e de não ser uma bela jovem nem ter sido uma criança mimada. Vamos ser amigos, minha querida Emma, não falemos mais disso. Diga à sua tia, pequena Emma, que ela deve dar melhor exemplo do que ficar relembando antigas queixas, e que se ela não estava errada antes, está errada agora.

– É verdade – ela exclamou – a mais pura verdade. Pequena Emma, cresça e torne-se uma mulher melhor que sua tia. Seja bem mais inteligente e muito menos convencida. Agora, Mr. Knightley, devo lhe dizer apenas mais uma ou duas palavras. Quanto às boas intenções, ambos estávamos certos, e não vi nada ainda que provasse que meus argumentos estavam errados. Só queria saber se Mr. Martin não está amargamente desapontado.

– Nenhum homem poderia estar mais triste – foi sua curta e pronta resposta.

– Ah! Eu sinto muito, de fato... Vamos apertar as mãos, está bem?

Acabavam de trocar um cordial aperto de mãos quando John Knightley entrou. Os cumprimentos entre os dois irmãos não passaram de “Como vai, George?” e “John, como está você?” no verdadeiro estilo inglês. Sob esta calma que parecia indiferença, os dois ocultavam um afeto verdadeiro, que os teria levado, se necessário, a fazer qualquer coisa pelo bem do outro.

A noite transcorreu em calma e tranquilidade. Mr. Woodhouse desistiu por inteiro do jogo de cartas pelo prazer de conversar com sua querida Isabella, e o grupo se dividiu naturalmente em dois: de um lado ele e a filha, do outro os dois Mr. Knightley. Os assuntos eram bem distintos, raramente havia uma conversa comum, e Emma só às vezes se juntava a um ou outro grupo.

Os irmãos conversavam sobre suas próprias preocupações e atividades, mas principalmente sobre as do mais velho, cujo temperamento era bem mais comunicativo, e que sempre fora o mais falante. Como magistrado geralmente consultava John a respeito de algum ponto da lei, ou contava alguma anedota, pelo menos. Como fazendeiro, responsável pela administração das terras de Donwell Abbey, tinha que prestar contas sobre os rendimentos dos campos no próximo ano, e dar-lhe todas as informações locais que pudessem interessá-lo, pois a propriedade fora o lar de John durante a maior parte da vida e ele tinha forte apego a ela. Os planos para um dreno, a mudança de uma cerca, a queda de uma árvore, e a destinação dos campos para o plantio de trigo, nabos ou milho eram de grande interesse para John, mais do que permitiam supor suas maneiras

reservadas. E se o disposto irmão deixasse alguma pergunta por fazer, suas questões seriam até mesmo ansiosas.

Enquanto eles estavam agradavelmente ocupados, Mr. Woodhouse desfrutava de uma torrente contínua de felizes lamentos e temerosa afeição na companhia da filha.

– Minha pobre querida Isabella – disse ele, pegando sua mão com carinho, e interrompendo por alguns momentos o ágil trabalho de agulha que ela fazia para algum dos cinco filhos. – Quanto tempo, muito tempo mesmo, desde que você esteve aqui! E como deve estar cansada depois dessa viagem! Deve se deitar cedo, minha querida, e eu sugiro que tome um pouco de mingau de aveia antes. Eu e você tomaremos um belo prato de mingau juntos. Minha querida Emma, imagino que todos vamos tomar mingau.

Emma jamais suporia tal coisa, pois sabia que os dois Knightleys detestavam mingau tanto quanto ela, por isso mandara preparar apenas dois pratos. Mr. Woodhouse ainda falou mais um pouco sobre os benefícios do mingau, e questionava as razões por que todos não tomavam um prato todas as noites. Depois disso continuou, com ar de grande reflexão:

– Foi muito estranho, minha querida, você passar o outono em South End em vez de vir aqui. Nunca gostei muito do ar marinho.

– Mr. Wingfield recomendou-nos com muita insistência, senhor... do contrário não teríamos ido. Ele recomendou isso para todas as crianças, mas em especial para a fraqueza da garganta da pequena Bella, tanto o ar marinho como o banho de mar.

– Ah, minha querida, Mr. Perry teve muitas dúvidas de que o mar fizesse algum bem a ela. Eu mesmo há muito tempo estou perfeitamente convencido de que o mar não é útil para ninguém, embora nunca tenha lhe dito isso. Tenho certeza que ele quase me matou, uma vez.

– Vamos, vamos – exclamou Emma, sentindo que o assunto era perigoso. – Peço-lhe que não fale do mar, pois me deixa invejosa e infeliz... Logo eu, que nunca vi o mar! Falar de South End está proibido, por favor. Minha querida Isabella, não a ouvi perguntar por Mr. Perry e ele nunca se esquece de você.

– Ah! O bom Mr. Perry. Como está ele, senhor?

– Está bastante bem, embora não totalmente. O pobre Perry é bilioso e não tem tempo para cuidar de si mesmo... ele mesmo me disse que não tem tempo para cuidar de si mesmo... O que é muito triste, mas ele está sempre

sendo chamado em toda a região. Suponho que não haja outro médico tão bonninhos lugares. De qualquer modo não há outro tão inteligente como ele.

– E Mrs. Perry e as crianças, como estão? As crianças estão muito crescidas? Tenho grande afeição por Mr. Perry, espero que venha nos visitar logo. Ele ficaria tão feliz de ver os meus pequenos.

– Espero que ele venha amanhã, pois tenho algumas perguntas importantes a fazer-lhe sobre a minha saúde. E quando ele vier, minha querida, você deve permitir-lhe examinar a garganta de Bella.

– Ah, querido senhor, a garganta dela melhorou tanto que quase não tenho mais preocupações a esse respeito. Pode ser que o banho de mar tenha feito bem a ela, ou então foi o linimento preparado por Mr. Wingfield, que estamos aplicando desde agosto.

– Não é provável que o banho de mar tenha feito bem a ela, minha querida... E se eu soubesse que estava usando um linimento, teria pedido a...

– Parece que você se esqueceu de Mrs. e Miss Bates – disse Emma. – Não a ouvi perguntar por elas.

– Ah! As boas Bates... estou tão envergonhada... mas você as menciona em quase todas as suas cartas. Espero que estejam bem. A boa e velha Mrs. Bates, vou visitá-la amanhã e levar as crianças. E a excelente Miss Bates! São pessoas tão dignas!... Como elas estão, senhor?

– Estão bastante bem, minha querida, de modo geral. Mas a pobre Mrs. Bates teve um resfriado muito forte um mês atrás.

– Como lamento! Mas os resfriados nunca foram tão comuns quanto neste outono. Mr. Wingfield disse-me que nunca viu um muito intenso ou forte... exceto quando eram casos de gripe.

– Aqui tivemos os muitos casos, minha querida, mas não tanto quanto você diz. Perry diz que os resfriados foram bastante comuns, mas não tão fortes como em novembro passado. Mesmo assim ele acha que não foi um inverno de muitas doenças.

– Bem, acho que Mr. Wingfield também não achou que houvesse *muitas* doenças no inverno passado...

– Ah, minha pobre querida criança, a verdade é que em Londres sempre há muitas doenças. Ninguém é saudável em Londres, nem pode ser. É muito doloroso que você tenha sido forçada a viver lá! Tão longe... e o ar é tão ruim!

– Oh, não! Na verdade, *nós* não estamos em uma zona de ar ruim, de jeito nenhum. Moramos em uma parte de Londres bem superior às outras. Não deve confundir o nosso lar com Londres de forma geral, meu querido senhor. A vizinhança de Brunswick Square é bem diferente de quase todo o resto. É bastante arejada! Eu não gostaria de viver em nenhuma outra parte da cidade, nem ficaria satisfeita de manter meus filhos em outro lugar. Mas a *nossa* região é tão notavelmente arejada! Mr. Wingfield acha que o mais notável de Brunswick Square é justamente o ar.

– Ah, minha querida, mas não é como Hartfield. Você faz o melhor que pode, mas depois de uma semana em Hartfield verá como todos estarão diferentes, nem parecerão os mesmos. Não deveria dizer isso, mas acho que nenhum de vocês parece muito bem no momento.

– Sinto que diga isso, senhor, mas lhe asseguro que estou muito bem, com exceção de algumas pequenas dores de cabeça nervosas e palpitações, das quais não consigo me livrar em lugar nenhum. Se as crianças pareceram um pouco pálidas antes de se deitar é porque estavam mais cansadas que o normal, por causa da viagem e da emoção da chegada. Espero que amanhã o senhor as encontre com uma aparência melhor. Mr. Wingfield disse-me que jamais permitiria a viagem se não estivéssemos bem, posso lhe garantir. Acredito que pelo menos Mr. Knightley não lhe pareça doente.

Isabella então voltou os olhos para o marido, com afetuosa ansiedade.

– Mais ou menos, minha querida, não posso lhe dar os cumprimentos. Acho que Mr. John Knightley está muito longe de parecer saudável.

– Qual é o problema, senhor? Está falando comigo? – exclamou Mr. John Knightley, ouvindo seu nome.

– Lamento dizer, meu amor, que meu pai acha que você não parece muito saudável... mas espero que seja só um pouco de cansaço. Eu gostaria que você tivesse consultado Mr. Wingfield antes de deixarmos Londres, como já sabe.

– Minha querida Isabella – exclamou ele, rapidamente. – Peça-lhe que não se preocupe com a minha aparência. Conte-se em fazer consultas e tratamentos para você e as crianças, e permita-me ficar com a aparência que eu escolher.

– Não entendi bem o que o senhor estava contando ao seu irmão – exclamou Emma – sobre seu amigo Mr. Graham estar procurando um oficial escocês para tomar conta de sua nova propriedade. Será que vai funcionar? O antigo preconceito não será forte demais?

E Emma continuou falando do assunto por algum tempo e com tanto sucesso que, ao voltar sua atenção outra vez para o pai e a irmã, teve o desprazer de ouvir as amáveis perguntas de Isabella sobre Jane Fairfax. E embora ela não apreciasse Jane Fairfax tanto assim, estava bastante feliz de poder elogiá-la agora.

– A doce e amável Jane Fairfax! – disse Mrs. John Knightley. – Faz tanto tempo que não a vejo, exceto por alguns momentos, quando a encontro na cidade por acaso. Que alegria deve ser a visita dela para a boa e velha avó e sua excelente tia! Eu sempre lamentei muito que ela não pudesse vir mais a Highbury por causa da querida Emma, mas agora que a filha deles está casada, acho que o coronel e Mrs. Campbell não serão capazes de dispensá-la. Ela seria uma companheira maravilhosa para Emma.

Mr. Woodhouse concordava com tudo, e acrescentou:

– A nossa pequena amiga Harriet Smith, todavia, é outra jovem da mesma espécie encantadora. Você vai gostar dela. Emma não pode ter uma companheira melhor que Harriet.

– Fico feliz em ouvir isso... mas apenas Jane Fairfax sabe ser tão perfeita e superior! E tem a exata idade de Emma.

Esse assunto foi discutido com muita alegria, e outros semelhantes se sucederam do mesmo jeito harmonioso. Mas a noite não terminou sem que houvesse nova agitação. O mingau foi servido e motivou uma enorme discussão, com vários elogios e muitos comentários. Foram feitas veementes afirmativas a respeito dos seus benefícios para qualquer constituição física e severas filípicas[1] contra as muitas casas que não o toleravam. Infelizmente, porém entre as falhas que Isabella citou, a mais recente e por isso mais importante, era relacionada à cozinheira que a acompanhara a South End, uma jovem contratada para a ocasião, e que nunca fora capaz de entender o que ela queria dizer com um prato de saboroso mingau, um pouco ralo, mas não ralo demais. Cada vez que pedia o mingau, Isabella nunca conseguira que a moça o preparasse de modo pelo menos tolerável. E aí estava uma perigosa abertura.

– Ah! – disse Mr. Woodhouse, balançando a cabeça e olhando a filha com terna preocupação, enquanto Emma ouvia atentamente. – Ah! Esta é outra terrível consequência de sua ida a South End. Nem é bom falar disso.

Por alguns momentos Emma achou que o pai nãoalaria mais do assunto, e que uma silenciosa ruminação seria suficiente para que ele retornasse ao seu delicioso e suave mingau. Após alguns minutos, no entanto, ele recomeçou.

– Eu sempre vou lamentar que você tenha ido à praia neste outono, ao invés de vir aqui.

– Mas por que lamentar, senhor? Eu lhe asseguro que fez muito bem às crianças.

– E, além do mais, se fosse necessário ir à praia seria melhor não ter ido a South End. Esse lugar não é saudável. Perry ficou surpreso ao saber que você escolheu South End.

– Sei que muitos pensam assim, mas é um grande engano, senhor. Todos nós nos mantivemos perfeitamente saudáveis lá, não tivemos nenhum problema com a lama. Mr. Wingfield diz que é um enorme erro achar que o lugar não é saudável. E estou certa de que podemos confiar nele, pois ele entende tudo sobre a natureza do ar, e seu próprio irmão sempre vai para lá com a família.

– Vocês deveriam ter ido para Cromer, minha querida, se fosse necessário ir à praia. Perry esteve uma semana em Cromer certa vez, e acha que é o melhor de todos os lugares para o banho de mar. Tem um belo mar aberto e o ar é muito puro. E, pelo que entendi, pode-se conseguir alojamentos muito confortáveis bem longe do mar, cerca de quatrocentos metros. Você devia ter consultado Mr. Perry.

– Mas meu querido senhor, a distância seria bem maior. Pense na diferença... cento e sessenta quilômetros, em vez de sessenta e quatro.

– Ah, minha querida, como diz Perry, quando se trata da saúde nada mais importa. E se uma pessoa resolve viajar não há muita diferença entre sessenta quilômetros e cento e sessenta... É melhor nem viajar e ficar em casa em Londres, do que viajar sessenta quilômetros para um lugar onde o ar é pior. Isso foi exatamente o que Perry disse, ele achou essa medida muito imprudente.

Emma tentou em vão fazer o pai calar-se. E quando chegou a esse ponto ela não se surpreendeu de ver o cunhado interromper bruscamente a conversa.

– Mr. Perry – disse ele, revelando no tom de voz seu enorme desprazer – deveria guardar sua opinião até que ela lhe fosse solicitada. Como ele pode pensar que seja da conta dele o que eu faço? Se levo minha família para uma parte ou outra do litoral?... Tenho direito ao meu próprio julgamento, assim como Mr. Perry. Desejo suas opiniões tanto quanto seus remédios. – Ele parou, e controlando-se por um instante, acrescentou com sarcástica frieza – Se Mr. Perry puder me dizer como transportar uma esposa e cinco filhos por uma distância de duzentos quilômetros, sem maiores despesas ou inconvenientes que uma viagem

de sessenta, estarei tão disposto quanto ele a escolher Cromer em vez de South End.

– Verdade, verdade – exclamou Mr. Knightley, interpondo-se prontamente – absoluta verdade. Esta é uma consideração importante, sem dúvida. Mas John, quanto àquela ideia de que lhe falei sobre a mudança do caminho para Langham, de desviá-lo um pouco para a direita a fim de que não atravesse o gramado junto a casa, acho que não haverá nenhuma dificuldade. Eu não faria isso se viesse a trazer algum inconveniente para os habitantes de Highbury, mas se você se lembrar exatamente do traçado atual da estrada... O único meio de termos certeza, no entanto, será olharmos os mapas de novo. Espero que amanhã de manhã você vá até Abbey, vamos consultá-los e você me dará sua opinião.

Mr. Woodhouse estava bastante agitado com essas ásperas ponderações sobre seu amigo Perry, a quem ele tinha, ainda que de forma inconsciente, atribuído várias de suas próprias opiniões e ideias. Mas as carinhosas atenções das filhas afastaram aos poucos o desconforto. Além disso, a pronta e alerta intervenção de um irmão e as boas lembranças do outro impediram que a situação voltasse a ocorrer.

[\[1\]](#) Filípicas são discursos violentos e injuriosos. O nome é inspirado nos discursos desse tipo que Demóstenes fez contra o rei Felipe da Macedônia.

CAPÍTULO XIII

Difícilmente haveria no mundo criatura mais feliz que Mrs. John Hartfield em sua curta visita a Hartfield. Saía quase todas as manhãs com seus cinco filhos para visitar antigos conhecidos e contar-lhes o que tinha feito a cada noite, na companhia do pai e da irmã. A única coisa que desejava é que os dias não passassem tão depressa. Era uma visita encantadora e perfeita, justamente por ser tão curta.

As noites, em geral, eram menos dedicadas aos amigos do que as manhãs. Não havia como evitar, porém, um convite para um jantar formal fora de casa no Natal. Mr. Weston não aceitou desculpas, deviam todos ir a Randalls para jantar; até mesmo Mr. Woodhouse foi persuadido a comparecer, para evitar a divisão do grupo.

Mr. Woodhouse teria criado obstáculos, se pudesse, quanto ao transporte do grupo a Randalls, mas como a carruagem e os cavalos do genro e da filha estivessem em Hartfield ele não pode fazer nenhuma pergunta a respeito, nem pode levantar dúvidas. Emma não teve muito trabalho em convencê-lo de que deviam encontrar lugar também para Harriet em uma das carruagens.

Harriet, Mr. Elton e Mr. Knightley, acompanhantes do velho senhor, foram as únicas outras pessoas convidadas; o jantar deveria ser servido cedo e os convidados em pequeno número. Os hábitos e gostos de Mr. Woodhouse foram consultados e respeitados em todos os detalhes.

Na noite anterior ao grande acontecimento (pois era um grande acontecimento que Mr. Woodhouse jantasse fora no dia 24 de dezembro) Harriet passara o serão em Hartfield. Estava, porém, tão indisposta ao ir embora, com um resfriado, que se não fosse pelo seu intenso desejo de ser confiada aos cuidados de Mrs. Goddard, Emma não teria permitido que partisse. No dia seguinte Emma foi visitá-la, e encontrou Harriet fraca e sem condições de ir a Randalls, com muita febre e uma forte dor de garganta. Mrs. Goddard cuidava da moça com todo o carinho e afeição, e Mr. Perry fora avisado. Harriet estava fraca e doente demais para resistir à autoridade que a excluiu do delicioso compromisso, mas não podia falar nessa perda sem muitas lágrimas.

Emma ficou ao lado dela o maior tempo possível, para assisti-la quando Mrs. Goddard precisasse afastar-se, e também para animá-la, dizendo-lhe o quanto Mr. Elton ficaria deprimido ao saber de seu estado. Deixou-a afinal em relativo conforto, com o doce consolo de ter recebido uma visita bastante alentadora, e a certeza de que todos sentiriam muito a sua falta. Emma não tinha se afastado mais do que alguns metros da porta da casa de Mrs. Goddard quando

encontrou o próprio Mr. Elton, que vinha saber da doente, e caminharam um pouco juntos, devagar, falando sobre Harriet. Mr. Elton estava contando que ouvira um rumor sobre uma forte indisposição e vinha saber notícias para levar a Hartfield, quando encontraram Mr. John Knightley. O cavalheiro voltava de sua visita diária a Donwell Abbey, e estava com os dois filhos mais velhos, cujas faces saudáveis e brilhantes mostravam os benefícios de um passeio pelo campo e faziam prever um rápido fim para o carneiro assado e o pudim de arroz que os esperavam em casa. Juntaram-se a eles e prosseguiram, enquanto Emma descrevia a natureza das queixas da amiga como “uma garganta muito inflamada, bastante febre e calor, pulso fraco, etc., e que lamentara saber por Mrs. Goddard que Harriet era predisposta a sérias dores de garganta e que sempre a alarmara com esse problema”. Mr. Elton ficou bastante alarmado e exclamou:

– Uma dor de garganta!... Espero que não seja infecciosa, pelo menos não daquele tipo pútrido de infecção. Mr. Perry foi vê-la? Acho que a senhoria devia cuidar-se também, tanto quanto sua amiga. Permita que lhe peça para não correr riscos. Por que Perry não foi vê-la?

Emma não estava tão assustada assim, na verdade, e acalmou esse excesso de preocupação assegurando-lhe que Mrs. Goddard era experiente e cuidadosa. Permaneceu ainda um pouco de inquietação, que Emma não via razão para desfazer, e preferia mesmo alimentar. Por isso disse logo depois, como se estivesse falando de outro assunto:

– Está fazendo frio, tanto frio... parece mesmo que vai nevar. Se fosse outro lugar ou outras pessoas, eu preferiria não sair esta noite e tentaria convencer meu pai a não se aventurar. Mas como ele já se decidiu e parece não sentir tanto frio, não quero interferir, ainda mais que sei o desapontamento que seria para Mr. e Mrs. Weston. Mas no seu caso, Mr. Elton, eu certamente não iria. O senhor já me parece um pouco rouco, e se pensar em quanto terá que falar e se desgastar com o sermão de amanhã, acho que seria mais prudente se ficasse em casa esta noite e se cuidasse bem.

Mr. Elton aparentava não saber bem que resposta devia dar, o que era exatamente o caso. Apesar de sentir-se bastante gratificado pela bondosa preocupação de uma jovem tão bela, a cujos conselhos não pretendia resistir, na verdade não tinha nenhuma intenção de desistir da visita. Mas Emma estava ansiosa e ocupada demais com suas próprias ideias e conceitos para ouvi-lo de forma imparcial, ou vê-lo com mais clareza, e ficou bastante satisfeita quando ele limitou-se a gaguejar sua concordância dizendo “muito frio, com certeza, muito frio”. Ela então seguiu em frente, regozijando-se por tê-lo livrado de Randalls e lhe dado a possibilidade de ir saber de Harriet a cada hora da tarde e

início da noite.

– O senhor está fazendo o que é certo – disse ela. – Vou apresentar suas desculpas a Mr. e Mrs. Weston.

Mal tinha dito essas palavras quando percebeu que seu cunhado estava gentilmente oferecendo um lugar em sua carruagem para Mr. Elton, caso seu único problema fosse o tempo, e Mr. Elton estava aceitando a oferta com a maior satisfação. Estava resolvido. Mr. Elton iria ao jantar, e nunca seu belo rosto redondo expressara tanta satisfação, seu sorriso nunca fora tão aberto e nem seus olhos tão exultantes como no momento em que olhou para Emma.

“Bem” – pensava Emma consigo – “que coisa mais estranha! Depois do trabalho que tive para dispensá-lo ele prefere ir conosco e deixar Harriet para trás, doente como está! É muito estranho, de fato. Mas isso acontece com muitos homens, eu acho, especialmente os solteiros. Eles têm tamanha disposição – tamanha paixão por jantar fora – que deixam qualquer coisa para trás. Um convite para jantar está colocado tão alto na sua lista de prazeres e ocupações que é quase uma obrigação; o caso de Mr. Elton deve ser esse. É sem dúvida um jovem muito valioso, amável e agradável, e está muito apaixonado por Harriet, mas mesmo assim não pode recusar um pedido para jantar, quando é convidado. Que coisa estranha é o amor! Ele é capaz de ver uma sagaz inteligência em Harriet mas não é capaz de jantar sozinho por causa dela”.

Mr. Elton deixou-os em seguida, e Emma fez-lhe a justiça de admitir que havia uma grande dose de sentimento na maneira com que disse o nome de Harriet, no momento de despedir-se, e na emoção da sua voz enquanto lhe assegurava que iria fazer uma visita a Mrs. Goddard para saber notícias de sua querida amiga. Depois disso iria preparar-se para a felicidade de encontrá-la novamente, quando então esperava ser capaz de dar-lhe notícias melhores. Suspirou e sorriu consigo de um modo que fez a balança pender bastante a seu favor.

Depois de alguns minutos de silêncio, John Knightley disse:

– Jamais na minha vida vi um homem com tanta vontade de ser agradável como Mr. Elton. Ele se empenha totalmente quando as damas estão envolvidas. Com os homens ele é racional e despretensioso, mas muda de maneiras sempre que existam damas a quem agradar.

– As maneiras de Mr. Elton não são perfeitas – respondeu Emma – mas onde existe o desejo de agradar deve-se tolerar muitas coisas, e é isso que ocorre. Quando um homem faz o melhor com um esforço apenas moderado, terá a vantagem de ser superior à negligência. Mr. Elton tem tão bom caráter e

tanta boa vontade, que mal podemos avaliar.

– Sim – concordou Mr. John Knightley, com ar um pouco malicioso – ele parece que tem muito boa vontade para com *você*.

– Eu? – ela replicou, com um sorriso de surpresa. – Acha que Mr. Elton está interessado em mim?

– Tal ideia já passou pela minha cabeça, Emma, eu admito. E se nunca ocorreu a você antes, é melhor que passe a considerá-la a partir de agora.

– Mr. Elton apaixonado por mim! Que ideia!

– Não sei se é o caso, de fato. Mas você faria melhor se considerasse assim, fosse o caso ou não, para adaptar seu comportamento às circunstâncias. Acho que suas maneiras para com ele são encorajadoras. Falo como amigo, Emma. Você é quem deve analisar sua mente, decidir o que quer e agir de acordo.

– Eu agradeço, mas asseguro-lhe que está muito enganado. Mr. Elton e eu somos bons amigos e nada mais.

Ela seguiu em frente, divertindo-se com as tolices que surgem às vezes por um conhecimento parcial das circunstâncias, e com os enganos em que incorrem as pessoas que tem altas pretensões sobre seu poder de julgamento. Não estava muito satisfeita com o cunhado, julgando-o cego e ignorante, e necessitado de conselhos. Ele não disse mais nada.

Mr. Woodhouse aceitara tão completamente a ideia da visita que, a despeito do frio estar aumentando, não parecia ter a menor intenção de encolher-se. Sentou-se pontualmente ao lado da filha mais velha na sua própria carruagem, aparentando não ter consciência nem do tempo nem dos outros. Estava tão satisfeito com sua ousadia de sair e com o prazer que teria em Randalls, que nem percebia que estava frio. Além disso, estava bem agasalhado demais para senti-lo. O frio, todavia, era intenso; e quando a segunda carruagem movimentou-se os primeiros flocos de neve começaram a cair. O céu parecia estar sobrecarregado, esperando apenas um ar mais ameno para produzir um mundo todo branco em bem pouco tempo.

Emma logo viu que seu companheiro não estava de bom humor. Preparar-se para sair com esse tempo, e separar-se das crianças logo após o jantar, eram males, ou inconvenientes pelo menos, que Mr. John Knightley não aceitava de bom grado. Não via nada na visita que valesse todo esse esforço, e expressou o seu desgosto durante a maior parte do tempo da viagem até o Vicariato.

– Um homem – disse ele – deve pensar muito bem de si mesmo, para pedir às pessoas que abandonem o aconchego de suas lareiras e saiam com um tempo desses, apenas pelo prazer de vê-lo. Deve se achar a pessoa mais agradável do mundo, e não posso aceitar uma coisa dessas. É o maior absurdo... Na verdade, está nevando neste momento!... A loucura de não permitir que as pessoas fiquem confortavelmente em casa... e a loucura das pessoas não ficarem confortavelmente em casa, se podem fazê-lo! Se fosse necessário sair em uma noite como essa, por uma questão de dever ou de negócios, seria considerada uma grande dificuldade... e aqui estamos nós, provavelmente com roupas insuficientes, seguindo voluntariamente, sem desculpas, desafiando a voz da natureza que diz ao homem, quaisquer que sejam suas opiniões ou sentimentos, para ficar em seu próprio lar e manter-se ao abrigo o quanto puder... E aqui estamos nós, seguindo em frente para passar cinco horas aborrecidas na casa de outro homem, sem nada para dizer ou ouvir que já não tenha sido dito ou ouvido ontem, e que não possa ser dito ou ouvido amanhã. Vamos com um tempo péssimo para voltar com um tempo pior ainda, provavelmente... Quatro cavalos e quatro criados que foram levados para nada, além de transportar cinco criaturas ociosas e trêmulas para salas ainda mais frias e companhia pior do que teriam em casa.

Emma não se achava em condições de oferecer-lhe o gentil assentimento, que sem dúvida ele tinha o hábito de receber. Não conseguia emular o “É verdade, meu amor” que seria a resposta usual da sua companheira de viagem. Teve, porém, resolução suficiente para não dar resposta alguma. Ela não podia concordar e temia ser briguenta; seu heroísmo chegou apenas até o silêncio. Deixou-o falar, fechou a janela, enrolou-se no abrigo, e não abriu a boca.

Chegaram ao Vicariato, a carruagem deu a volta, o estribo foi baixado e Mr. Elton, elegantemente vestido de preto e sorridente, juntou-se a eles imediatamente. Emma pensou com prazer na mudança de assunto que se seguiria. Mr. Elton era todo amabilidades e gentilezas. Suas maneiras eram de fato tão alegres que Emma pensou que talvez ele tivesse melhores notícias sobre a saúde de Harriet do que as que ela tivera. Mandara um criado indagar enquanto se vestia e a resposta fora “Está na mesma... ainda não melhorou”.

– A informação que *eu* recebi de Mrs. Goddard – disse ela então – não foi tão boa quanto esperava... “não melhorou” foi a resposta que recebi.

O rosto de Mr. Elton se contraiu imediatamente e sua voz era emocionada quando respondeu.

– Ah, não... Fico tão triste em saber... Estava para lhe dizer que quando

bati à porta de Mrs. Goddard, logo antes de voltar para me vestir, me disseram que Miss Smith não estava melhor, de modo nenhum, talvez até pior. Fiquei muito triste e preocupado, mas me animei pensando que ela com certeza vai melhorar depois do verdadeiro remédio fortificante que foi a visita que ela recebeu pela manhã.

Emma sorriu e respondeu:

– Minha visita foi útil apenas para a parte espiritual da doença, espero. Não tenho esse poder de curar uma dor de garganta; o resfriado é muito severo, na verdade. Mr. Perry foi vê-la, como o senhor deve saber.

– Sim... Eu imagino que sim... quer dizer... eu não...

– Ele está acostumado a tratar desse problema dela, e espero que amanhã de manhã nos traga notícias mais alentadoras. Mas é difícil não se inquietar. Que perda para o nosso grupo hoje!

– Terrível! Exatamente isso, de fato. Sentiremos a falta dela a cada momento.

Foi muito apropriado da parte dele, e o suspiro que acompanhou a resposta foi mais apreciado ainda, mas não durou muito tempo. Emma ficou bastante triste quando, apenas meio minuto depois, ele começou a falar de outras coisas, demonstrando grande alegria e contentamento.

– Que ideia excelente – disse ele – usar uma pele de carneiro em carruagens. Torna tudo tão confortável, é impossível sentir frio com essas precauções. Os dispositivos da vida moderna de fato tornam a carruagem de um cavaleiro totalmente completa. Fica-se tão resguardado do frio, que não entra sequer uma leve brisa sem que se permita. Fica-se livre das consequências do mau tempo. Está uma tarde muito fria, mas nesta carruagem nem se percebe isso. Ah! Está nevando um pouco.

– Sim – disse John Knightley – e parece que vamos ter bastante neve.

– É o tempo de Natal – observou Mr. Elton. – Bem próprio da estação. Acho que temos muita sorte de que não tenha começado ontem, pois provavelmente impediria a festa de hoje. Mr. Woodhouse com certeza não se aventuraria a sair se houvesse muita neve no caminho, mas agora já não tem importância. É uma estação bastante apropriada para os encontros entre amigos. No Natal todo mundo convida os amigos para uma visita e ninguém dá a menor importância ao tempo, por pior que seja. Uma vez fiquei retido pela neve durante uma semana na casa de um amigo. Nada podia ter sido mais agradável. Fui para ficar uma noite e não pude ir embora senão uma semana depois.

Mr. John Knightley olhou-o como se não entendesse o prazer daquilo, mas apenas disse, com frieza:

– Não tenho a menor intenção de ficar uma semana retido pela neve em Randalls.

Se a ocasião fosse outra Emma teria achado engraçado, mas agora estava surpresa demais com a alegria demonstrada por Mr. Elton. Parecia ter esquecido totalmente de Harriet, na expectativa de uma agradável noite.

– Tenho certeza que existem excelentes lareiras lá – ele continuou – e tudo será muito confortável. Mr. e Mrs. Weston são pessoas encantadoras... Mrs. Weston está acima de qualquer elogio, e Mr. Weston é um homem de valor, tão hospitaleiro e tão apegado à sociedade... O grupo é pequeno, mas quando se escolhe bem as pessoas são as festas mais agradáveis de todas. A sala de jantar de Mr. Weston não acomoda mais de dez pessoas com conforto e, da minha parte, prefiro dois convidados a menos que dois a mais. Acho que a senhorita concordará comigo (voltando-se para Emma com ar suave), e tenho certeza que aprovará, embora Mr. Knightley talvez não sinta o mesmo, pois deve estar acostumado com as grandes festas de Londres.

– Não sei nada sobre as grandes festas de Londres, senhor... Nunca janto com ninguém.

– Verdade? (em tom de admiração e piedade.) Nunca imaginei que a profissão de advogado escravizasse tanto. Bem, senhor, chegará o tempo em que será recompensado por tudo isso, quando terá pouco trabalho e muito prazer.

– Meu primeiro prazer – respondeu John Knightley, enquanto passavam pelo portão de Randalls – seria estar são e salvo em Hartfield outra vez.

CAPÍTULO XIV

Era necessária uma mudança na expressão dos dois cavalheiros ao entrarem na sala de estar de Mrs. Weston. Mr. Elton devia refrear a alegria e Mr. Knightley espantar o mau humor. Para estarem de acordo com o ambiente Mr. Elton devia sorrir menos e Mr. Knightley um pouco mais. Emma podia mostrar-se apenas como a natureza a fizera, uma pessoa feliz. Para ela era um grande prazer estar com os Westons. Mr. Weston era seu grande favorito, e não havia pessoa no mundo com quem ela falasse mais abertamente do que sua esposa, ninguém com quem pudesse falar na certeza de ser ouvida e compreendida. Mrs. Weston sempre era interessada e compreensiva com os pequenos assuntos, arranjos, perplexidades e prazeres do pai e dela própria. Não havia nada que se referisse a Hartfield que não interessasse vivamente a Mrs. Weston. A conversa de meia hora que mantinham sobre todos esses pequenos assuntos, dos quais depende a felicidade diária da vida privada, era um dos grandes prazeres de ambas.

Este era um prazer que uma visita de dia inteiro talvez não pudesse proporcionar, nem seria possível no momento obter aquela meia hora de conversa. Mas a simples visão de Mrs. Weston, seu sorriso, seu toque, sua voz já era gratificante para Emma, e ela decidiu pensar o menos possível nas esquisitices de Mr. Elton e em qualquer outra coisa desagradável, e aproveitar ao máximo tudo que houvesse de bom.

A desventura do resfriado de Harriet já havia sido discutida antes que chegassem. Mr. Woodhouse estava sentado confortavelmente a tempo suficiente para relatar todo o caso do resfriado, bem como a história de sua vinda junto com Isabella, a vinda de Emma prevista para breve, e já tinha na verdade chegado até a sua satisfação de que James pudesse ver a filha, quando os outros apareceram. Mrs. Weston, que dedicava sua atenção quase totalmente ao cavalheiro, afastou-se para dar as boas vindas à sua querida Emma.

O projeto de Emma de esquecer Mr. Elton por um tempo foi um pouco abalado quando tomaram seus lugares na sala de estar e ela constatou que ele se sentara ao lado dela. Teve grande dificuldade em tirar da mente sua estranha insensibilidade em relação à Harriet, pois ele não só estava sentado junto ao seu cotovelo, como impunha-lhe seu feliz semblante e dirigia-lhe a palavra a todo o momento. O comportamento de Mr. Elton era tal que Emma, em vez de esquecê-lo, não pode evitar pensar que “Será que meu cunhado tem razão? Será possível que este homem esteja transferindo suas atenções de Harriet para mim?... Absurdo e intolerável!...”. Ainda assim ele parecia tão ansioso para que ela não sentisse frio, interessava-se tanto por seu pai, estava tão encantado com

Mrs. Weston, e por fim parecia admirar suas pinturas com tanto zelo e tão pouco conhecimento como faria um futuro namorado, que custou algum esforço a Emma manter as boas maneiras. Por si mesma não podia ser rude, e por Harriet ela foi até mesmo bastante educada, na esperança de que logo as coisas voltassem ao normal entre os dois. Mas o esforço foi grande, especialmente quando os outros comentaram um assunto que ela desejava muito ouvir, bem no momento em que Mr. Elton estava no auge da tolice. Ela conseguiu ouvir o bastante para entender que Mr. Weston estava falando do filho, ouviu as palavras “meu filho” e “Frank” repetidas vezes, e por algumas outras palavras esparsas suspeitou que ele anunciava uma visita do filho para breve. Mas antes que ela pudesse calar Mr. Elton o assunto já terminara, e perguntar alguma coisa agora pareceria estranho.

Apesar da decisão de Emma de nunca se casar havia algo no nome, na própria ideia de Mr. Frank Churchill, que sempre a interessara. Ela pensava com frequência, especialmente depois do casamento do pai dele com Miss Taylor, que se ela *tivesse* que se casar, ele era a pessoa adequada, pela idade, caráter e condição social. Ele parecia quase pertencer-lhe, dada a ligação entre as duas famílias. Emma supunha que esse casamento era a ideia de todas as pessoas que os conheciam. Acreditava firmemente que Mr. e Mrs. Weston pensavam assim. Emma tinha grande curiosidade em conhecê-lo, desejava que fosse agradável e que tivesse algum grau de afeto por ela, e sentia certo prazer na ideia de que formassem um casal na imaginação dos amigos, apesar de não ser induzida pelos Weston, nem por ninguém, a trocar sua situação atual que era melhor que qualquer outra pelo casamento.

Com tais pensamentos, as delicadezas de Mr. Elton pareciam terrivelmente fora de hora. Mas ela teve o consolo de parecer muito polida, enquanto se sentia irritada... Pensou que a visita não terminaria sem que o assunto voltasse a ser discutido, e ela obtivesse a informação do afável Mr. Weston. E assim aconteceu. Quando foi aliviada da presença de Mr. Elton e sentou-se junto a Mr. Weston para o jantar, ele aproveitou a primeira oportunidade que surgiu entre seus deveres de anfitrião, o primeiro descanso oferecido pela perna de carneiro, para dizer a ela:

– Faltam apenas duas pessoas para termos o número certo de convidados. Gostaria de ver mais duas pessoas aqui, sua linda amiguinha Miss Smith e meu filho... e aí eu poderia dizer que somos um grupo completo. Acredito que você não me ouviu contar aos outros na sala de estar que estamos esperando Frank. Recebi uma carta dele esta manhã e ele diz que estará aqui dentro de quinze dias.

Emma respondeu com bastante alegria, e concordou amplamente que

Mr. Frank Churchill e Miss Smith tornariam o grupo completo.

– Ele está nos devendo essa visita – continuou Mr. Weston – desde setembro passado. Todas as cartas falavam disso, mas ele não é dono do próprio tempo. Tem que agradar àqueles que precisam ser agradados, e que (aqui entre nós) muitas vezes só se sentem agradados com grandes sacrifícios. Mas agora não tenho mais dúvidas de que ele estará aqui na segunda semana de janeiro.

– Que grande prazer essa visita vai lhe trazer! E Mrs. Weston está tão ansiosa por conhecê-lo, que deve estar quase tão feliz quanto o senhor.

– Sim, ela deveria estar, mas acha que pode haver outro adiamento. Ela não conta com sua visita tanto quanto eu: mas também não conhece as pessoas envolvidas tanto quanto eu. O caso é que (mas isso fica só entre nós, não disse uma palavra sobre o assunto na outra sala, todas as famílias tem segredos, como sabe)... O caso é que um grupo de amigos foi convidado para uma visita a Enscombe em janeiro; e a vinda de Frank depende da desistência deles. Se eles não adiarem a visita, Frank não poderá vir. Mas eu sei que vão adiar, pois na família de Enscombe há uma certa dama, bastante importante, que não gosta deles. E apesar de que isso não os impeça de convidá-los uma vez a cada dois ou três anos, eles sempre desistem quando chega a hora. Não tenho a menor dúvida sobre isso. Tenho tanta certeza de ver Frank aqui em janeiro quanto sei que eu mesmo estarei aqui. Sua boa amiga, porém (indicando o outro lado da mesa) tem tão poucos caprichos, e foi tão pouco acostumada a isso em Hartfield, que não pode calcular seus efeitos assim como eu que tenho longa prática nesses assuntos.

– Lamento que exista ainda alguma dúvida sobre o caso – respondeu Emma – mas estou disposta a concordar com o senhor, Mr. Weston. Se acredita que ele virá pensarei o mesmo, pois o senhor conhece Enscombe.

– Sim... Conheço bastante bem, embora nunca tenha estado lá em toda minha vida... Ela é uma mulher muito estranha!... Mas nunca me permito falar mal dela, por causa de Frank. Acredito que ela seja muito afeiçoada a ele. Eu costumava pensar que não fosse capaz de gostar de ninguém, exceto de si mesma, mas sempre foi muito boa com ele (do jeito dela, cheia de caprichos e vontades, e querendo todas as coisas a seu modo). E é mérito dele, por certo, ter despertado tal afeição. Embora eu não diga isso a mais ninguém, posso afirmar que ela tem uma pedra no lugar do coração no que respeita ao mundo em geral, e um temperamento dos diabos.

Emma apreciara tanto a conversa que tocou no assunto com Mrs. Weston logo que retornaram à sala de estar. Desejou-lhe muita alegria, mesmo sabendo que um primeiro encontro podia ser um pouco alarmante. Mrs. Weston concordou, e acrescentou que ficaria feliz se pudesse deixar de lado a ansiedade

do primeiro encontro “pois não posso contar com a vinda dele, não sou tão otimista quanto Mr. Weston. Tenho medo que tudo acabe em nada. Imagino que Mr. Weston lhe contou exatamente como é a situação?”

– Sim... Parece que tudo depende apenas do mau humor de Mrs. Churchill que, eu imagino, seja a coisa mais certa deste mundo.

– Querida Emma! – replicou Mrs. Weston, sorrindo. – Qual é a certeza de um capricho? – E voltando-se para Isabella, que não ouvira o que diziam – Deve saber, minha querida Mrs. Knightley, que não estamos tão certos de receber a visita de Mr. Frank Churchill quanto seu pai acredita. Tudo depende inteiramente da disposição e vontade da tia dele, quer dizer, do humor dela. Para vocês – minhas duas filhas – eu me animo a contar a verdade. Mrs. Churchill reina em Enscombe, e é uma mulher de gênio muito difícil. A vinda de Frank agora depende da sua disposição para dispensá-lo.

– Ah! Mrs. Churchill! Todo mundo conhece Mrs. Churchill! – respondeu Isabella. – E lhe garanto que nunca penso nesse pobre rapaz sem grande compaixão. Viver sempre com uma pessoa dessas deve ser assustador, ainda bem que nunca soubemos de nenhum detalhe, mas ele deve levar uma vida miserável. É uma benção que ela nunca tenha tido filhos! Pobres criaturas, teriam sido muito infelizes!

Emma desejou que estivesse sozinha com Mrs. Weston. Poderia então ouvir mais, pois Mrs. Weston falaria com ela com mais intimidade do que com Isabella. Dificilmente tentaria ocultar-lhe alguma coisa relativa aos Churchills, exceto as intenções dela e do marido para o rapaz, que Emma já adivinhara usando sua imaginação. No momento não havia mais nada a ser dito. Mr. Woodhouse logo os seguiu na sala de estar, não suportava ficar sentado muito tempo após o jantar. Nem o vinho nem a conversa significavam alguma coisa para ele, e foi com prazer que se dirigiu até aqueles com quem se sentia à vontade.

Enquanto ele conversava com Isabella, Emma encontrou uma oportunidade para dizer a Mrs. Weston:

– Então não considera certa a visita de seu enteado. Lamento por isso. O primeiro encontro com alguém é sempre mais difícil, não importa onde seja. E quanto antes acontecer, melhor.

– Sim, e cada adiamento nos faz temer que outros venham a acontecer. Mesmo que essa família, os Braithwaites, desista da visita, temo que encontrem outra desculpa para nos desapontar. Não posso imaginar que o rapaz tenha alguma relutância em vir, mas estou certa de que os Churchills fazem tudo que é

possível para impedi-lo. Existe muito ciúme, eles são ciumentos até do afeto dele pelo pai. Em suma, não conto com a vinda dele, e gostaria que Mr. Weston fosse menos otimista.

– Ele deve vir – disse Emma. – Se puder ficar apenas alguns dias, ele virá. É difícil conceber que um rapaz não tenha a liberdade de fazer uma coisa desse tipo. Uma jovem *mulher*, se cair em mãos erradas, pode ser mantida a distância daqueles com quem gostaria de estar. Mas não se pode imaginar que um *rapaz* fique impedido de passar uma semana com o pai, se for o seu desejo.

– É preciso estar em Enscombe, e conhecer os costumes da família antes de decidir sobre o que ele pode ou não fazer – respondeu Mrs. Weston. – Devemos usar as mesmas precauções, talvez, para julgar a conduta de qualquer pessoa, de qualquer família. Mas Enscombe, eu creio, não pode ser julgada pelos padrões normais. *Ela* é tão irracional, e tudo tem que ser do modo dela.

– Mas ela gosta tanto do sobrinho, ele é mesmo seu favorito. Agora, de acordo com a ideia que faço de Mrs. Churchill, já que ela não faz sacrifício nenhum para o conforto do marido, a quem deve tudo, já que exercita seus caprichos com *ele*, seria mais natural que fosse governada pelo sobrinho, a quem não deve nada.

– Minha querida Emma, com seu caráter tão gentil não deve ter pretensões de entender um mau caráter, ou ditar regras para seu comportamento. Deve deixar as coisas seguirem seu curso. Não tenho dúvidas de que ele tem considerável influência, algumas vezes, mas pode ser que não consiga saber de antemão *quando* poderá exercê-la.

Emma escutou e então disse calmamente:

– Não ficarei satisfeita até que ele venha.

– Ele pode ter muita influência em certas coisas – continuou Mrs. Weston – e muito pouca em outras. E entre estas poucas que estão além do seu alcance, é provável que esteja a questão da sua visita ao pai.

CAPÍTULO XV

Mr. Woodhouse em pouco tempo estava pronto para tomar o chá, e depois do chá estaria quase pronto para partir. Seus três companheiros de viagem fizeram o máximo que podiam para que ele não notasse o adiantado da hora, até que os demais cavalheiros se juntassem a eles. Mr. Weston estava falante e desejoso de companhia e não permitiria separações prematuras de nenhum tipo; mas por fim o grupo da sala de estar recebeu reforços. Mr. Elton foi um dos primeiros a entrar, bastante animado. Mrs. Weston e Emma sentavam-se juntas no sofá, e ele imediatamente sentou-se entre elas, sem esperar convite.

Emma também estava de bom humor, na expectativa da vinda de Mr. Frank Churchill, e dispunha-se a esquecer as recentes impropriedades dele e ficar satisfeita como antes. Como o primeiro assunto de sua conversa fosse Harriet, Emma passou a ouvi-lo com o mais amável dos sorrisos.

Ele confessou que estava muito ansioso a respeito da saúde da sua bela amiga... a bela, amável e encantadora Harriet. “Será que ela tivera alguma notícia? Soubera de alguma coisa sobre Harriet desde que chegaram a Randalls? Ele estava muito ansioso... devia confessar que a natureza de suas queixas o deixara muito alarmado”. E continuou nesse estilo por algum tempo, com muita propriedade e sem esperar resposta, mas demonstrando total conhecimento do terror que representava uma garganta inflamada. Emma quase sentia pena dele.

A conversa, por fim, tomou um rumo inesperado. Parece que Mr. Elton estava mais preocupado com a inflamação de garganta por causa de Emma do que por Harriet... mais ansioso para que ela escapasse da infecção do que se não houvesse infecção alguma a lamentar. Começou a rogar-lhe com insistência que desistisse de visitar novamente o quarto da doente por enquanto, a obrigá-la a *prometer-lhe* que não se aventuraria a correr tal risco até que ele tivesse conversado com Mr. Perry e soubesse a opinião dele. E embora ela tentasse brincar e colocar o assunto de novo nos trilhos ele não desistia dessa solicitude. Emma estava irritada. Parecia – e não havia como não ver isso – exatamente como se ele tivesse a pretensão de estar apaixonado por ela, em vez de Harriet. Se fosse verdade seria uma traição inominável e desprezível! Ela teve dificuldade para controlar-se. Mr. Elton voltou-se para Mrs. Weston pedindo sua ajuda. “Será que ela lhe daria seu apoio? Não poderia juntar seus pedidos aos dele para que Miss Woodhouse não fosse à casa de Mrs. Goddard até que se tivesse certeza de que Miss Smith não tinha uma infecção? Ele não ficaria satisfeito se Emma não promettesse... será que ela não juntaria seus rogos aos dele para conseguir essa promessa?”

– Ela é tão escrupulosa com os outros – ele continuou – e tão descuidada consigo mesma. Miss Woodhouse queria que eu ficasse em casa esta noite para prevenir-me de um resfriado, mas não quer prometer que evitará o perigo de pegar uma terrível infecção de garganta. Será que isso é justo, Mrs. Weston? Julgue a senhora. Não tenho algum direito de queixar-me? Conto com seu apoio e ajuda.

Emma viu a surpresa de Mrs. Weston, e sentiu que ela estava bastante espantada com as palavras e os modos de Mr. Elton. A forma com que se dirigia a ela parecia indicar que ele se achava no direito de defender os interesses de Emma. A própria Emma estava tão chocada e ofendida que não teve condições de dizer diretamente alguma coisa a respeito. Deu-lhe apenas um olhar, mas nesse olhar havia tal expressão que ela julgou suficiente para reconduzir o cavalheiro à razão. Depois disso levantou-se e foi sentar-se junto à irmã, a quem passou a dar toda a sua atenção.

Emma não teve tempo de ver a reação de Mr. Elton ao seu olhar de reprovação, pois imediatamente surgiu outro assunto. Mr. John Knightley entrava na sala, depois de ter examinado o tempo, surpreendendo a todos com a informação de que o solo estava coberto de neve, que continuava a nevar com intensidade e havia um vento muito forte, terminando com estas palavras para Mr. Woodhouse:

– Este é um começo bem animado para os seus compromissos de inverno, senhor. Vai ser um novo desafio para o seu cocheiro e os cavalos: abrir caminho através de uma tempestade de neve.

O pobre Mr. Woodhouse ficou tão consternado que permaneceu em silêncio, mas todos os outros tinham algum comentário a fazer. Alguns ficaram surpresos, outros não ficaram; uns faziam perguntas, outros ofereciam consolo. Mrs. Weston e Emma tentaram, com todo ardor, animar Mr. Woodhouse e desviar a atenção dele do genro, que continuava a gozar insensivelmente o seu triunfo.

–Admiro muito a sua determinação de ter saído com este tempo, senhor, pois deve ter visto que ia nevar muito em breve. Todo o mundo deve ter visto que ia nevar. Admiro sua disposição, e ousou dizer que chegaremos muito bem em casa. Mais uma ou duas horas de neve dificilmente vão deixar a estrada intransitável, e estamos em duas carruagens. Se uma delas por acaso estragar na parte mais escura do caminho, teremos outra à mão. Ouso dizer que estaremos em Hartfield antes da meia noite.

Mr. Weston, com outro tipo de triunfo, confessou que já sabia há algum tempo que estava nevando, mas não disse nada para não alarmar Mr. Woodhouse

e dar-lhe uma desculpa para partir logo. Quanto a haver uma grande quantidade de neve no caminho, ou ainda por cair, suficiente para impedi-los de voltar, era apenas brincadeira. Ele achava que não teriam dificuldade alguma. Até desejava que a estrada estivesse intransitável, assim podia manter a todos em Randalls; com alguma boa vontade certamente podiam providenciar as acomodações necessárias, e chamou a esposa para confirmar que, com poucos inconvenientes, todos seriam acomodados. Mrs. Weston não sabia o que fazer, pois só tinham dois quartos de hóspedes na casa.

– O que vamos fazer, minha querida Emma?... O que vamos fazer? – foi a primeira coisa que Mr. Woodhouse conseguiu dizer, e por algum tempo não falou mais nada. Olhava para a filha em busca de consolo. E ficou um pouco mais animado quando ela lhe garantiu que estariam seguros, que os cavalos eram excelentes e James muito experiente e que tinham muitos amigos.

O alarme da filha mais velha era semelhante ao dele. O horror de ficar bloqueada em Randalls enquanto seus filhos estavam em Hartfield ocupava todos os seus pensamentos. Imaginando que a estrada agora só dava passagem aos mais aventureiros, assim mesmo sem mais demora, ficou ansiosa para ver tudo resolvido. Seu pai e Emma ficariam em Randalls, enquanto ela e o marido deviam partir imediatamente, enfrentando a nevasca antes que ela os impedisse de seguir.

– É melhor chamar logo a carruagem, meu amor – disse ela. – Ouso dizer que vamos conseguir chegar bem, se seguirmos direto para Hartfield. E se acontecer alguma coisa muito ruim eu posso descer e caminhar. Não tenho medo nenhum. Não me importo de caminhar a metade do caminho, posso trocar meus sapatos assim que chegar em casa. E isso não é o tipo de coisa que me cause um resfriado.

– Verdade? – replicou ele – Então, minha querida Isabella, é a coisa mais extraordinária do mundo, pois qualquer coisa de forma geral lhe causa resfriado... Caminhar até em casa! Seus sapatos são bonitos demais para caminhar, eu diria. Já vai ser bastante ruim para os cavalos...

Isabella voltou-se para Mrs. Weston, buscando sua aprovação para o plano. Ela só podia aprovar. Isabella então buscou a aprovação de Emma, mas esta ainda não havia abandonado a esperança de que todos fossem capazes de ir. Ainda discutiam a questão quando Mr. Knightley, que deixara a sala logo após o primeiro relato do irmão sobre a neve, voltou e disse-lhes que saíra para examinar e constatara que não haveria a menor dificuldade em voltarem para casa. Podiam ir agora, ou dentro de uma hora, como quisessem, pois ele fora além do portão, onde estava a estrada para Hartfield, e a neve só tinha meia

polegada de espessura. Em alguns lugares mal cobria o caminho, e agora caíam poucos flocos; as nuvens, porém, estavam se dissipando e tinha toda a aparência de que logo iria parar de nevar. Falara com os cocheiros e ambos concordaram com ele de que não havia motivos de apreensão.

Para Isabella, o alívio causado por essas notícias foi enorme, e Emma também se sentiu bastante aliviada por causa do pai. Mr. Woodhouse tranquilizou-se tanto quanto lhe permitiam seus nervos sensíveis, mas o alarme provocado por Mr. John Knightley não lhe permitia ficar calmo enquanto estivesse em Randalls. Ninguém conseguiu convencê-lo de que era seguro permanecer ali, apesar de ter ficado satisfeito ao saber que a viagem de retorno não oferecia perigo. E enquanto os outros trocavam recomendações e se apressavam, Mr. Knightley e Emma resolveram tudo com poucas palavras.

– Seu pai não está tranquilo, por que não partem agora?

– Estou pronta para ir, se os outros estiverem.

– Posso tocar a campainha?

– Sim.

Mr. Knightley tocou a campainha e as carruagens foram solicitadas. Em poucos minutos Emma esperava ver um perturbado companheiro de viagem chegar a sua casa, sóbrio e controlado, e outro recuperar a disposição e a felicidade quando aquela visita desventurosa estivesse encerrada.

A carruagem chegou e Mr. Woodhouse, sempre o primeiro na atenção de todos, foi cuidadosamente conduzido a ela por Mr. Knightley e Mr. Weston. Mas nada do que qualquer um deles pudesse dizer impediu que ele se sentisse de novo alarmado ao ver a quantidade de neve que efetivamente caíra, e reparar que a noite estava bem mais escura do que pensara. “Tinha medo que tivessem uma viagem muito ruim. Temia que a pobre Isabella não gostasse da viagem, e a pobre Emma ficaria na carruagem de trás! Não sabia bem o que deviam fazer, achava melhor ficarem todos juntos tanto quanto possível”. Falou com James e recomendou-lhe que fosse muito devagar e esperasse a outra carruagem.

Isabella subiu logo após o pai, e John Knightley, esquecendo que não fizera parte daquele grupo na viagem de ida, subiu naturalmente logo após a esposa. Emma foi escoltada e acompanhada por Mr. Elton até a segunda carruagem. Ao ver a que a porta se fechava após a entrada deles, Emma descobriu que teriam uma viagem a sós. Se não fosse o embarço que durou só um momento, se não houvesse a suspeita levantada naquele dia, talvez fosse até um prazer, poderia lhe falar de Harriet e a viagem de um quilômetro pareceria apenas alguns metros. Mas agora preferia que isso não tivesse acontecido.

Achava que Mr. Elton havia bebido demais do excelente vinho de Mr. Weston e estava certa de que ele haveria de falar bobagens.

Na intenção de refreá-lo como pudesse usando suas boas maneiras, Emma logo se preparou para falar com agradável calma e seriedade sobre o tempo e a noite. Mas mal começara a falar, mal tinham passado do portão e alcançado a outra carruagem, quando Mr. Elton cortou-lhe a palavra, tomou-lhe a mão e prendeu sua atenção ao fazer-lhe uma ardorosa declaração de amor. Aproveitava aquela oportunidade para declarar sentimentos que já deviam ser bem conhecidos, que estava esperançoso, temeroso, que a adorava, e estava pronto a morrer se ela o recusasse. E se gabava de acreditar que sua ardente afeição, inigualável amor e extraordinária paixão não deixariam de ter algum efeito sobre ela e, em suma, estava bastante disposto a acreditar que ela o aceitaria prontamente. As coisas eram assim, então. Sem escrúpulos, sem apologias, sem nenhuma reserva aparente, Mr. Elton, o amado de Harriet, estava confessando seu amor por *ela*. Tentou interrompê-lo sem que tivesse sucesso, pois ele seguiu em frente e disse tudo. Mesmo zangada como estava, resolveu se conter ao falar, dada a situação em que estavam no momento. Acreditava que metade daquela loucura se devia à bebida, e que estaria acabada dentro de uma hora. Com uma mistura de seriedade e brincadeira, o que ela achava melhor em razão do dúbio estado dele, respondeu:

– Estou profundamente espantada, Mr. Elton. Esse tipo de declaração para *mim!* O senhor está enganado... tomou-me pela minha amiga... Se tiver alguma mensagem para Harriet ficarei feliz em levar. Mas não aja mais dessa maneira *comigo*, por favor.

– Miss Smith!... Mensagem para Miss Smith!... O que ela pode significar?... – e ele repetia estas palavras com um tom de voz tão seguro, com um espanto tão fingido, que ela não pode deixar de responder prontamente:

– Mr. Elton, a sua conduta é a mais extraordinária que já vi! E só posso entender isso de uma forma: o senhor está fora de si, ou não falaria dessa maneira comigo, nem de Harriet. Controle-se para não dizer mais nada e eu tentarei esquecer tudo isso.

Mr. Elton, no entanto, havia bebido vinho apenas suficiente para elevar seu ânimo, não para confundir sua mente. Sabia perfeitamente do que estava falando e protestou com muita veemência contra sua injuriosa suspeita. Estava tocado pelo respeito que dedicava a Miss Smith como amiga dela, mas se admirava por achar que ela não tinha por que ser mencionada agora. Retomou então o assunto de sua própria paixão e tinha pressa de obter uma resposta favorável.

Embora Emma agora acreditasse menos na embriaguez dele, passara a acreditar mais na sua inconstância e presunção. Sem maiores preocupações com a polidez, ela respondeu:

– Não posso duvidar mais, o senhor foi muito claro. Mr. Elton, minha surpresa é maior do que posso expressar. Depois do seu comportamento com Miss Smith, que venho observando no último mês, depois das atenções que passei a observar diariamente... Depois disso, o senhor ter a coragem de dirigir-se a mim dessa maneira... Isso revela uma instabilidade de caráter, na verdade, que nunca julguei possível. Pode acreditar em mim, senhor, estou longe, muito longe de ficar lisonjeada por ser o objeto de tais declarações.

– Deus do céu! – exclamou Mr. Elton. – O que pode significar isso?... Miss Smith!... Nunca pensei em Miss Smith em toda a minha vida, nunca tive uma atenção com ela que não fosse a de um amigo... Nunca me importei se ela estava viva ou morta, a não ser porque era sua amiga. Se ela imaginou outra coisa, deve ter sido enganada pelos seus próprios desejos e sinto muito por isso... muito mesmo. Mas Miss Smith, francamente!... Ah, Miss Woodhouse, quem poderia pensar em Miss Smith quando está junto de Miss Woodhouse! Não, pela minha honra, não sou um homem de caráter volúvel! Sempre pensei apenas na senhorita. Protesto quanto à sua ideia de que eu tenha dado a menor atenção a qualquer outra dama. Tudo que fiz e disse nas últimas semanas foi com o único propósito de demonstrar minha adoração pela senhorita. Na verdade, a senhorita não pode duvidar disso. Não... (em um tom de voz insinuante)... tenho certeza que a senhorita me entendeu.

Seria impossível dizer o que Emma sentiu ao ouvir tais palavras, de todos os sentimentos desagradáveis esse era o pior. Ela estava tão arrasada que não foi capaz de responder imediatamente. Os poucos momentos de silêncio que se seguiram foram encorajadores para Mr. Elton, dada a sua disposição otimista. Tentou de novo tomar a mão dela entre as suas, dizendo com muita alegria:

– Minha encantadora Miss Woodhouse, permita-me interpretar este silêncio tão interessante. Ele confessa que a senhorita há muito tempo me entendeu.

– Não, senhor – exclamou Emma – ele não confessa isso. Em vez de havê-lo entendido há muito tempo, tenho estado completamente enganada com respeito aos seus propósitos até agora. Quanto a mim, lamento muito que o senhor tenha alimentado tais sentimentos... Nada poderia estar mais distante dos meus desejos. Sua afeição por minha amiga Harriet, sua corte a ela (pareceu-me que a cortejava), deu-me grande prazer, e desejei ardentemente que tivesse sucesso. Mas se eu soubesse que não era ela que o atraía a Hartfield, certamente

teria pensado que o senhor estava errado em fazer-nos visitas tão frequentes. E devo acreditar que o senhor nunca desejou uma aproximação com Miss Smith?... Nunca pensou seriamente nela?

– Nunca, senhorita – exclamou ele, ofendido também – nunca, eu lhe asseguro. Na verdade, *penso* seriamente nela, pois Miss Smith é uma moça muito boa, e ficaria feliz de vê-la respeitavelmente estabelecida. Desejo-lhe todo o bem, e sei que há homens que não se importariam... cada um tem seu nível. Mas quanto a mim, eu acho... não pretendo expor-me a isso... Não estou tão desesperado para casar-me a ponto de pretender uma aliança com alguém do nível de Miss Smith! Não, Miss Woodhouse, minhas visitas a Hartfield eram só para a senhorita, e o encorajamento que recebi...

– Encorajamento!... Eu o encorajei?!... O senhor está inteiramente enganado em supor tal coisa. Eu o via apenas como admirador da minha amiga. O senhor nunca poderia ser nada para mim além de uma amizade comum. Lamento profundamente, mas é bom que este engano se desfaça agora. Se o seu comportamento continuasse, Miss Smith poderia interpretar erradamente seus propósitos, pois não deve ter consciência, assim como eu, da enorme desigualdade ao qual o senhor é tão sensível. Mas, da forma como as coisas estão, o desapontamento não será grande, nem deverá durar muito. Não tenho nenhuma intenção de casar-me no momento.

Ele estava zangado demais para dizer alguma coisa, e a atitude de Emma era definitiva o suficiente para evitar súplicas. Continuaram neste estado de grande ressentimento e profunda mortificação por mais alguns minutos, pois o medo de Mr. Woodhouse obrigava-os a andarem bem devagar. Se não estivessem com tanta raiva talvez ficassem constrangidos. Mas a franca expressão de seus sentimentos não deixou lugar aos pequenos meandros da vergonha. Sem perceber quando a carruagem virou na alameda do Vicariato, ou quando parou, de repente se viram à porta da casa de Mr. Elton. Ele saiu sem dizer uma palavra... Emma então achou necessário desejar-lhe boa noite. Ele apenas retribuiu seu cumprimento, com orgulho e frieza. Emma fez a viagem de volta a Hartfield na mais completa irritação.

Em casa Emma foi recebida pelo pai com extrema alegria, pois o cavalheiro estivera temeroso da solitária viagem de volta pela alameda do Vicariato. Havia uma curva tão perigosa que ele nem podia pensar, e em mãos estranhas, um cocheiro comum ao invés de James. Parece que só esperavam seu retorno para que tudo voltasse a ficar em paz. Mr. John Knightley, envergonhado de seu mau humor, era agora só bondade e sorrisos. Mostrava-se tão atencioso com o bem estar do sogro que – embora ainda não disposto a acompanhá-lo em um prato de mingau – concordava que o alimento era bastante saudável. E o dia

terminou em paz e conforto para toda sua família, exceto ela. Sua mente nunca estivera tão perturbada, e precisou fazer um grande esforço para parecer atenta e alegre, até que chegou a hora de se recolherem, e ela pode então entregar-se ao alívio de uma calma reflexão.

CAPÍTULO XVI

A criada já havia enrolado seu cabelo e fora dispensada, quando Emma finalmente sentou-se para pensar e sentir-se infeliz. Era uma situação deplorável, sem dúvida!... Uma verdadeira reviravolta em tudo que havia planejado! E quantas coisas desagradáveis aconteceram! Que golpe para Harriet! Isso era o pior de tudo. Aquela situação trazia dor e humilhação, de um tipo ou de outro, mas comparado ao sofrimento de Harriet não era nada. E ela teria concordado, de bom grado, em submeter-se a um erro ainda maior, em sentir-se mais enganada, mais infeliz do que já estava por tamanho erro de julgamento, se os efeitos de seus enganos se limitassem a ela.

“Se não a tivesse persuadido a gostar desse homem, eu poderia suportar qualquer coisa. Ele devia ter uma grande certeza a meu respeito... mas pobre Harriet”.

Como pudera se enganar tanto! Ele dissera que nunca havia pensado em Harriet... nunca! Olhou para o passado, tanto quanto podia, mas era tudo muito confuso. Ela concebera uma ideia, fizera suposições, e depois interpretara tudo de modo a se adequar a essa suposição. As maneiras dele, todavia, deviam ter sido imprecisas, vacilantes, duvidosas, ou ela nunca teria cometido tal erro.

O quadro! Como ele ficara animado com o quadro!... E a charada... e tantas outras circunstâncias. Como pareciam todas apontar claramente para Harriet. Na verdade, a charada, com o tal verso sobre a “sagaz inteligência”... bem.... mas também tinha a parte do “suave olhar”... não se adaptava a ninguém, de fato. Era uma misturada sem sentido nem bom gosto. Quem poderia entender alguma coisa no meio de tanta burrice?

Emma com certeza notara que muitas vezes, especialmente nos últimos tempos, as maneiras dele para com ela eram desnecessariamente galantes. Ela tomara aquilo como uma maneira própria dele, uma mera falha de julgamento, de conhecimento e de gosto, como uma prova entre outras de que ele nem sempre frequentara a melhor sociedade, que apesar de toda a gentileza de suas maneiras faltava-lhe a verdadeira elegância. Mas até o momento jamais suspeitara, nem por um instante, que isso significasse algo além de um agradecido respeito por ela como amiga de Harriet.

Devia a Mr. John Knightley a primeira ideia sobre o assunto, o primeiro indício dessa possibilidade. Não havia como negar que os dois irmãos eram muito observadores. Lembrou-se do que Mr. Knightley dissera uma vez sobre Mr. Elton, da advertência que havia feito, de sua convicção de que Mr. Elton não faria um casamento imprudente. E corou ao pensar em como era verdadeiro o

conhecimento que ele mostrara do caráter dele, muito melhor do que o dela. Sentia-se terrivelmente mortificada! Mr. Elton estava provando ser, em muitos aspectos, exatamente o contrário do que ela pensara e acreditara que ele fosse: orgulhoso, arrogante, vaidoso, cheio de si e pouco preocupado com os sentimentos dos outros.

Contrariando o curso natural das coisas, a necessidade de Mr. Elton de declarar-se a ela o diminuía em sua opinião. Suas declarações e propostas não o ajudaram. Desprezava seu afeto e sentia-se insultada por suas pretensões. Ele desejava fazer um bom casamento, e tendo a arrogância de levantar seus olhos para ela, fingia estar apaixonado. Estava bastante certa de que ele não sofreria desapontamento algum que necessitasse de cuidados. Não havia nada parecido com um afeto verdadeiro, nem em suas palavras, nem em suas maneiras. Mr. Elton podia suspirar e falar palavras bonitas em abundância, mas ela dificilmente vira ou percebera alguma expressão ou tom de voz menos próximos do verdadeiro amor. Não precisava se incomodar em ter pena dele, pois ele desejava apenas subir na vida e enriquecer. E se Miss Woodhouse de Hartfield, a herdeira de trinta mil libras, não era tão fácil de conquistar como ele pensara, logo tentaria com uma Miss Alguém qualquer, herdeira de vinte ou de dez mil libras.

Mas o que mais a irritava era ele ter falado em encorajamento, ter achado que ela estava ciente das suas pretensões, que estava disposta a aceitar a sua corte, e que desejava (em suma) casar-se com ele! Ter tido a pretensão de considerar-se igual a ela em condição social e em intelecto! Colocara sua amiga num nível tão baixo, demonstrando conhecer bem as gradações de nível que estavam abaixo dele, e era tão cego aos níveis mais elevados, a ponto de imaginar que tivesse o direito de declarar-se a ela!

Talvez não fosse justo esperar que Mr. Elton tivesse consciência do quanto era inferior a ela em talento e nos refinamentos da mente. A própria falta dessas qualidades impediam que ele percebesse isso. Mas devia saber que em fortuna e importância ela era muito superior a ele. Devia saber que os Woodhouses estavam estabelecidos em Hartfield há várias gerações, e eram o ramo mais novo de uma família muito antiga... e que os Eltons não eram ninguém. As terras de Hartfield não eram consideráveis, por certo, eram apenas um ponto dentro da propriedade de Donwell Abbey, à qual o restante de Highbury pertencia. Mas a fortuna dos Woodhouse, vinda de outras fontes, era grande o suficiente para torná-los quase tão importantes quanto a própria Donwell Abbey, em todos os outros aspectos. E os Woodhouses desfrutavam de um alto grau de consideração na vizinhança, da qual Mr. Elton passara a fazer parte havia apenas dois anos. Viera para abrir seu caminho como pudesse, com relacionamentos apenas no ramo do comércio, e nada para recomendá-lo que

não fosse sua posição de vigário e suas boas maneiras. Mas imaginara que Emma estava apaixonada por ele, e contava com isso. Depois de zangar-se um pouco sobre a incongruência de maneiras gentis e uma cabeça vaidosa, Emma viu-se obrigada a honestamente parar e admitir que seu próprio comportamento para com ele tinha sido tão amável e prestativo, tão cheio de cortesia e atenção, como (supondo que seu motivo real era despercebido) podem justificar um homem de observação comum e delicadeza, como o Sr. Elton, em se imaginando como um favorito muito decidido. Se ela tivesse interpretado tão mal seus sentimentos, ela teria pouco direito de saber que ele, com um auto-interesse de enganá-lo, poderia tê-la confundido.

O primeiro e pior erro fora da parte dela. Foi uma loucura, foi errado desempenhar um papel tão ativo para tentar unir duas pessoas. Era aventurar-se a ir longe demais, assumir um risco grande demais, tornando superficial o que devia ser sério, complicado o que devia ser simples. Ela estava tão preocupada e consternada que resolveu não fazer mais esse tipo de coisa.

“E ainda levei a pobre Harriet a ficar completamente apaixonada por esse homem. Ela nunca teria pensado nele se não fosse por mim, nunca teria tido esperanças a seu respeito se eu não tivesse lhe garantido que ele estava apaixonado, pois é tão modesta e humilde como pensei que ele fosse. Ah! E pensar que fiquei satisfeita em persuadi-la a não aceitar o jovem Martin! Eu sei que estava certa, e fiz muito bem, mas devia ter parado por aí e deixado o resto ao acaso. Eu a apresentei à melhor sociedade e dei-lhe a oportunidade de agradar a alguém de maior importância, não devia ter ido mais longe. Mas agora, pobre moça, vai perder a paz de espírito por algum tempo. Fui amiga dela apenas pela metade, e se ela *não* ficar muito desapontada, sei que não consigo pensar em qualquer outro que seja conveniente para ela. William Coxe, talvez... Ah, não! Não suporto William Coxe... é um jovem advogado atrevido”.

Emma parou de rir e corou ante sua própria recaída, e então voltou aos pensamentos mais sérios, ainda que desanimadores, sobre o que acontecera, como podia ter sido e como devia ter sido. A terrível explicação que tinha que dar a Harriet, o quanto a pobre Harriet sofreria com o terror de futuros encontros, a dificuldade de terminar ou não a amizade, a necessidade de dominar os sentimentos, esconder ressentimentos e evitar escândalos. Tudo isso era o bastante para ocupá-la por mais algum tempo em tristes reflexões. Acabou por deitar-se, finalmente, sem ter nada ainda acertado, a não ser sua convicção de ter cometido uma terrível tolice.

Para uma disposição jovem e alegre como a de Emma, ainda que temporariamente melancólica durante a noite, o retorno do dia sempre trazia a renovação do espírito. A juventude e alegria da própria manhã faziam uma feliz

analogia e operavam milagres. E se a angústia não fosse suficiente para manter os olhos abertos durante a noite, era certo que se abririam pela manhã com a dor suavizada e brilhantes esperanças.

Emma levantou-se no dia seguinte mais disposta ao consolo do que quando se deitara, mais inclinada a ver o fim dos males que se abateram sobre ela, os quais esperava resolver de forma tolerável.

Era um grande consolo saber que Mr. Elton não a amava de fato, nem era tão amigável a ponto de deixá-la melindrada por desapontá-lo, e que Harriet não possuía aquela natureza superior em que os sentimentos são mais profundos e duradouros. Também se sentia aliviada por não haver necessidade de que alguém soubesse o que se passara, exceto os três envolvidos, e especialmente por não causar nem um momento de ansiedade ao pai.

Eram pensamentos bastante reconfortantes, e a espessa camada de neve que cobria o solo veio em sua ajuda, pois era a melhor justificativa de todas para que os três se mantivessem afastados no momento.

O tempo era o mais favorável aos seus propósitos. Apesar de ser o dia de Natal ela não poderia ir à igreja. Seu pai ficaria infeliz se a filha tentasse sair, e ela estaria a salvo de ter ou despertar ideias desagradáveis. Durante vários dias foi a mais digna prisioneira, pois o solo estava coberto de neve e a atmosfera nesse estado indefinido entre o gelo e o degelo, que é o pior de todos para caminhadas. Todas as manhãs começavam com chuva ou neve, e cada noite se iniciava com um frio de gelar. Não era possível nenhuma comunicação com Harriet, a não ser por bilhetes. Não poderia ir a igreja no domingo, como no dia de Natal, e nenhuma desculpa seria necessária para justificar a ausência de Mr. Elton.

Era o tipo de tempo que podia confinar todos dentro de suas casas. Embora Emma desejasse que o pai tivesse o conforto da companhia eventual de um ou outro amigo, achava muito agradável vê-lo tão satisfeito por estar sozinho em sua própria casa, pois era prudente demais para sair. Ouviu-o dizer a Mr. Knightley, a quem nem o mau tempo podia afastar totalmente da companhia deles:

– Ah, Mr. Knightley, por que o senhor não fica em casa como o pobre Mr. Elton?

Esses dias de confinamento foram notavelmente agradáveis, para surpresa de Emma. Tal reclusão era o que mais convinha ao cunhado, cujos sentimentos deviam ser de suma importância para toda a família. Ele deixara de lado por inteiro o mau humor que o acometera em Randalls, e passara o resto de

sua estada em Hartfield sendo amável com todos. Era sempre agradável e atencioso e falava bem de todo mundo. Apesar das alegrias e esperanças e do conforto dessa demora, Emma sentia uma sombra pairando sobre ela quando pensava na explicação que devia à Harriet, e por isso não pode ficar completamente à vontade.

CAPÍTULO XVII

Mr. e Mrs. John Knightley não permaneceram muito tempo em Hartfield. Logo o tempo melhorou o suficiente para que aqueles que precisassem pudessem viajar. Mr. Woodhouse, como sempre acontecia, depois de tentar persuadir a filha a ficar com todas as crianças, foi obrigado a ver o grupo inteiro partir, e voltou então às suas lamentações sobre o destino da pobre Isabella – a mesma pobre Isabella que, passando sua vida entre aqueles a quem amava com loucura, orgulhosa de seus méritos, cega às suas faltas, sempre alegremente ocupada, podia ser considerada um modelo da completa felicidade feminina.

Ao anoitecer daquele mesmo dia chegou um bilhete de Mr. Elton para Mr. Woodhouse, um longo, bem educado e cerimonioso bilhete para dizer, com os cumprimentos de Mr. Elton “que ele se propunha a deixar Highbury na manhã seguinte para dirigir-se a Bath, onde, atendendo ao insistente convite de alguns amigos, comprometera-se a passar algumas semanas; lamentava muito estar impossibilitado, tanto pela condição do tempo como pelos negócios, de despedir-se pessoalmente de Mr. Woodhouse, a quem sempre seria grato pelas imensas gentilezas recebidas... e se Mr. Woodhouse tivesse algum pedido a fazer ficaria feliz de atendê-lo”.

Emma ficou agradavelmente surpresa... A ausência de Mr. Elton, justo neste momento, era o que mais desejava. Ela o admirou por ter planejado a viagem, embora não pudesse lhe dar muito crédito pela maneira com que foi anunciada. Não havia como expressar de forma mais clara o ressentimento do que usar de enorme civilidade para com seu pai, enquanto ela era obviamente excluída; seu nome nem fora mencionado. Era uma mudança tão surpreendente, e havia uma solenidade tão imprudente naquela despedida cheia de gratiosos agradecimentos, que ela de início pensou que o pai tivesse percebido.

Mas isso não aconteceu... Seu pai foi tomado de surpresa por uma viagem tão repentina e tinha medo que Mr. Elton não chegasse são e salvo ao fim dela, mas não viu nada de extraordinário na linguagem que ele usara. O bilhete foi de grande utilidade, pois forneceu-lhes um novo assunto para pensar e conversar durante o resto daquela noite solitária. Mr. Woodhouse falava de suas preocupações e Emma teve disposição para afastá-las com toda a solicitude costumeira.

Ela resolvera que Harriet não devia continuar no escuro por mais tempo. Tinha razões para acreditar que a amiga já estava quase recuperada do resfriado, e seria conveniente que ela tivesse o maior tempo possível para lamentar e recuperar-se antes do retorno do cavalheiro. Com essa intenção

Emma foi à casa de Mrs. Goddard logo no dia seguinte, disposta a submeter-se às penas impostas pela tarefa, mesmo sendo severas. Devia destruir todas as esperanças que havia cuidadosamente alimentado – para aparecer no infeliz papel de preferida – e admitir que errara grosseiramente em todas as suas ideias sobre o assunto, em todas as observações, convicções e profecias que fizera nas últimas seis semanas.

A confissão a fez reviver a grande vergonha que sentira no primeiro momento, e a visão das lágrimas de Harriet a fez pensar que jamais seria benevolente consigo mesma no futuro.

Harriet suportou a notícia muito bem, sem culpar ninguém, e demonstrando grande ingenuidade e uma baixa opinião sobre si mesma que naquele momento pareceram vantagens muito especiais para sua amiga.

Emma estava disposta a valorizar ao extremo a simplicidade e a modéstia; e tudo o que era mais amável e mais afetuoso partiu de Harriet, e não dela. Harriet achava que não tinha motivo algum para queixar-se. O afeto de um homem como Mr. Elton era uma distinção grande demais, que ela nunca poderia merecer... e apenas uma amiga tão dedicada e parcial como Miss Woodhouse poderia acreditar que isso fosse possível.

As lágrimas de Harriet foram abundantes... Mas a tristeza da moça era tão verdadeira e sem artificios, que nenhuma nobreza seria capaz de torná-la mais respeitável aos olhos de sua amiga... Emma a ouvia e tentava consolá-la com toda a sua compreensão e carinho, convencida, no fundo do seu coração, de que entre as duas Harriet era a criatura superior, e que parecer-se com ela faria mais por seu bem estar e felicidade do que toda a inteligência e espírito do mundo.

Era de fato muito tarde para que Emma pudesse tornar-se simplória e ignorante, mas deixou a amiga com a firme intenção de manter a resolução que tomara, de ser humilde e discreta e reprimir a imaginação pelo resto da vida. Sua segunda tarefa, abaixo apenas de suas atenções para com o pai, era proporcionar conforto a Harriet, e esforçar-se para provar sua afeição de uma maneira melhor que não fosse arranjar-lhe casamento. Levou-a para Hartfield, e mostrou-se muito carinhosa, procurando ocupá-la e distraí-la, e tentando afastar Mr. Elton de seus pensamentos com leituras e conversas.

O tempo, ela sabia, era o mais importante para que o assunto fosse esquecido. Podia considerar-se tudo, menos um juiz indiferente em tais questões em geral, e muito pouco inclinada a manter uma amizade com Mr. Elton em particular. Parecia-lhe razoável que na idade de Harriet, e com o fim de qualquer esperança, ela poderia progredir até um estado de compostura quando do retorno

de Mr. Elton, de modo a permitir que todos se encontrassem outra vez, na rotina normal das amizades, sem nenhum perigo de trair sentimentos ou aprofundá-los.

Harriet ainda acreditava que Mr. Elton era a imagem da perfeição, e achava que não existia ninguém igual a ele em aparência e bondade – e na verdade provou-se mais apaixonada do que Emma havia previsto. Parecia-lhe, porém, tão natural, tão inevitável lutar contra um afeto de tal forma *não correspondido*, que ela não acreditava que esse amor fosse perdurar com igual força.

Se, ao voltar, Mr. Elton mostrasse uma indiferença tão evidente e indubitável como ela pensava que ele estaria ansioso por fazer, não podia imaginar que Harriet fosse insistir em colocar sua felicidade apenas na oportunidade de vê-lo ou lembrar-se dele.

O fato de estarem fixados, e tão absolutamente fixados no mesmo lugar, era ruim para todos os três. Nenhum deles tinha o poder de mudar-se, ou mudar sua posição efetiva na sociedade. Deviam encontrar-se e procurar conviver da melhor maneira possível.

Harriet era ainda mais desventurada por causa de suas colegas do pensionato de Mrs. Goddard, pois Mr. Elton era o queridinho de todas as professoras e das moças da escola. Apenas em Hartfield tinha chance de ouvir alguém falar dele com fria moderação ou amarga veracidade. Onde a ferida fora provocada, lá devia ser buscada a cura, e não em algum outro lugar. Emma sabia que enquanto não visse Harriet a caminho da cura, não haveria paz verdadeira para ela.

CAPÍTULO XVIII

Mr. Frank Churchill não veio. Quando chegou a época prevista, os temores de Mrs. Weston se confirmaram ao receber uma carta de desculpas. No momento não podiam prescindir da presença dele, para sua “enorme mortificação e desgosto; mas tinha a esperança de ir a Randalls num período não muito distante”.

Mrs. Weston ficou extremamente desapontada... muito mais desapontada, de fato, que o marido, apesar de que sua ansiedade em ver o jovem cavalheiro fosse muito menor. As pessoas otimistas, embora sempre esperem que coisas melhores ocorram, não pagam por suas esperanças com uma depressão proporcional. Passam logo por cima do desgosto e começam outra vez a ter esperanças. Por meia hora Mr. Weston ficou surpreso e sentido, depois começou a pensar que se Frank viesse dali a dois ou três meses seria bem melhor, a estação do ano seria melhor, o tempo estaria melhor, e ele poderia ficar por um tempo consideravelmente mais longo que se tivesse vindo antes.

Esses pensamentos logo lhe restauraram o ânimo, enquanto Mrs. Weston, de temperamento mais apreensivo, só via uma repetição das mesmas desculpas e adiamentos. Depois de toda sua preocupação pelo sofrimento do marido, acabava por sofrer mais do que ele.

Emma não tinha disposição de espírito nessa ocasião para preocupar-se de verdade se Mr. Frank Churchill viria ou não, a não ser pela decepção que provocaria em Randalls. Não tinha interesse algum em fazer uma nova amizade no momento; preferia, antes de tudo, ficar sossegada e longe de qualquer tentação. Mas era preciso que agisse na maneira de sempre, por isso tomou cuidado em expressar bastante interesse pelo que acontecia e participou calorosamente do desapontamento de Mr. e Mrs. Weston, como era costume na amizade que os unia.

Ela foi a primeira a contar a novidade a Mr. Knightley, e criticou tanto quanto necessário (ou talvez um pouco mais, pois representava um papel) a atitude dos Churchills em manter o jovem afastado de Randalls. Expressando mais do que sentia prosseguiu falando sobre as vantagens da inclusão desse jovem no restrito círculo social de Surry, do prazer de conhecer gente nova, da festa de gala que haveria em toda Highbury quando o cavalheiro chegasse; e terminava com novas ponderações sobre os Churchills, quando viu-se de novo envolvida em um desentendimento com Mr. Knightley. Para seu grande divertimento, percebeu que ele tomava o outro lado da sua opinião e usava os argumentos de Mrs. Weston contra ela.

– Os Churchills provavelmente estão errados – disse Mr. Knightley com frieza – mas me pergunto se ele de fato viria, se pudesse.

– Como pode dizer uma coisa dessas? Ele deseja ardentemente vir, mas o tio e a tia não podem dispensá-lo.

– Não acredito que ele não tenha o poder de vir, se fizesse questão absoluta. Não posso acreditar nisso sem que haja prova.

– Como o senhor é esquisito! O que Mr. Frank Churchill lhe fez para que o julgue uma criatura tão desnaturada?

– Não acho que o esteja considerando desnaturado, de forma alguma, ao supor que ele deve ter sido ensinado a considerar-se acima dos demais. Acho que ele se preocupa muito pouco com qualquer coisa que não seja o próprio prazer, pois sempre viveu com pessoas que lhe deram esse tipo de exemplo. É muito mais natural do que se desejaria, que um jovem criado por pessoas orgulhosas, requeintados e egoístas, acabe por se tornar orgulhoso, requeintado e egoísta também. Se Mr. Frank Churchill desejasse ver o pai, teria planejado isso entre setembro e janeiro. Um jovem da idade dele... quantos anos mesmo ele tem?... vinte e três ou vinte e quatro; não pode ser impedido de fazer uma coisa tão simples. É impossível.

– É fácil para o senhor pensar e dizer coisas como essas, pois sempre foi dono de si mesmo. O senhor é o pior juiz do mundo quando se trata de julgar as dificuldades da dependência. Não imagina como custa lidar com isso.

– Não é presunção achar que um jovem de vinte e três ou vinte e quatro anos não tenha liberdade de espírito ou de movimento até esse ponto. Não lhe falta dinheiro... também não lhe falta tempo. Sabemos, ao contrário, que ele tem tanto de ambos que fica feliz de desperdiçá-los em fúteis andanças pelo país. Sempre ouvimos dizer que está em um ou outro balneário. Há pouco tempo atrás estava em Weymouth. Isso prova que ele pode deixar a companhia dos Churchills.

– Sim, às vezes ele pode.

– E essas vezes são aquelas em que ele acha que vale a pena; quando existe alguma tentação de prazer envolvida.

– É injusto julgar a conduta de qualquer pessoa sem conhecer profundamente a sua situação. Ninguém que não conheça a intimidade de uma família pode avaliar as dificuldades de qualquer membro dela. Devemos conhecer bem Enscombe e o temperamento de Mrs. Churchill antes de termos a pretensão de decidir o que seu sobrinho pode fazer. É possível que ele possa fazer

algumas coisas e outras não.

– Existe algo, Emma, que um homem sempre pode fazer, se quiser: o seu dever. Não através de manobras e astúcias, mas com vigor e decisão. É obrigação de Frank Churchill fazer essa visita ao pai. Ele sabe disso, veja as cartas com promessas, se ele quisesse fazê-lo já teria feito. Um homem honesto teria dito de uma vez, de maneira simples e resoluta, para Mrs. Churchill: “Sempre estarei pronto a sacrificar qualquer prazer para agradá-la, mas devo partir para ver meu pai imediatamente. Sei que ele deve estar magoado por minha falta de respeito para com ele nessa ocasião. Portanto, vou partir amanhã”. Se ele dissesse isso para ela de uma vez, no tom de decisão apropriado a um homem, não haveria oposição à sua partida.

– Não – disse Emma, rindo – mas talvez houvesse oposição à sua volta. Um homem completamente dependente usar tal linguagem, imagine!... Só o senhor, Mr. Knightley, poderia julgar isso possível. O senhor não tem a menor ideia do que é exigido em uma situação tão diferente da sua. Imaginar que Mr. Frank Churchill possa falar dessa maneira com o tio e a tia, que o criaram, e de quem é herdeiro!... De pé no meio da sala, creio eu, e falando tão alto quanto possa!... Como pode achar aceitável essa conduta?

– Confie no que digo, Emma, um homem sensível não encontraria dificuldade nisso. Ele estaria no seu direito, e se fizesse tal declaração – na maneira apropriada a um homem de bom senso, é claro – ela atuaria a seu favor, iria elevar seu conceito ainda mais alto e firmar seus interesses entre as pessoas das quais depende, muito mais do que qualquer manobra ou expediente poderia fazer. O respeito deve se somar à afeição. Eles sentiriam que podem confiar nele, que o sobrinho que age corretamente com o pai faria o mesmo com eles. Ambos sabem, como ele mesmo sabe, como o mundo inteiro sabe, que Frank Churchill deve fazer essa visita ao pai. E enquanto eles exercem seu poder de impedi-lo, no fundo de seu coração não devem pensar bem dele por submeter-se aos seus caprichos. Todos sentem respeito pela boa conduta. Se ele agisse dessa maneira por princípio, de forma consistente e regular, as mentes estreitas dos Churchills acabariam por curvar-se à dele.

– Duvido muito disso. O senhor adora curvar mentes pequenas, mas quando as mentes pequenas pertencem a pessoas ricas e poderosas, acho que têm uma tendência a inchar até se tornarem impensavelmente grandes. Imagino que o senhor, Mr. Knightley, da maneira como é, se fosse transportado e colocado de uma vez na situação de Mr. Frank Churchill, seria capaz de dizer e fazer o que está recomendando a ele, e poderia ter um efeito muito positivo. Os Churchill não conseguiriam dizer uma palavra em resposta, mas o senhor não teria que quebrar um antigo hábito de obediência e longa observância. Para ele

que tem, não deve ser fácil revoltar-se até se tornar independente, e fazer voltar à estaca zero todos os direitos dos tios à sua afeição e gratidão. Ele deve ter bastante noção do que é apropriado, tanto quanto o senhor, embora sem poder agir de acordo, em determinadas circunstâncias.

– Essa noção talvez não seja tão forte assim. Se falha em produzir um esforço de acordo, então a convicção pode não ser suficiente.

– Ah! As diferenças de hábitos e de situação! Gostaria que o senhor tentasse entender o que um amável jovem cavalheiro provavelmente sentiria ao se opor diretamente àqueles a quem sempre obedeceu, como criança e rapaz.

– Nosso amável jovem cavalheiro é um jovem muito fraco, se esta for a primeira oportunidade que tem de agir corretamente contra a vontade dos outros. A esta altura da vida esse jovem já deveria ter por hábito fazer o seu dever, ao invés de recorrer a expedientes. Posso entender o medo de uma criança, mas não o de um homem. Quando se tornou racional Mr. Frank Churchill devia ter se insurgido e se livrado de tudo que fosse indigno na autoridade dos tios. Ele devia ter-se oposto, quando os Churchill tentaram fazê-lo negligenciar o pai pela primeira vez. Se tivesse feito isso antes, agora não teria dificuldade alguma.

– Jamais iremos concordar em relação a ele – exclamou Emma – mas isso não é nada extraordinário. Nunca tive a impressão de que ele fosse um homem fraco: tenho certeza que não é. Mr. Weston jamais seria cego ao ponto da insensatez, mesmo em se tratando do próprio filho. Mas provavelmente a disposição dele é submissa, obediente e suave demais para adequar-se ao seu ideal de perfeição masculina. Acho que de fato é assim, e se isso lhe tira algumas vantagens, pode lhe trazer muitas outras.

– Sim, todas as vantagens de ficar sentado quando deveria se mover; de levar uma vida de prazeres vazios e se imaginar muito esperto por encontrar desculpas para isso. Ele pode sentar-se e escrever uma bela carta, cheia de floreios, belas declarações e falsidades, e ficar convencido de que encontrou o melhor método do mundo para preservar a paz doméstica e evitar que o pai tenha algum direito de queixar-se. As cartas dele me repugnam.

– Sua reação é estranha. Todos gostaram das cartas.

– Acho que Mrs. Weston não gostou. Elas dificilmente satisfariam uma mulher com o bom senso e a sensibilidade dela, que está no lugar de mãe, mas não tem o afeto materno a cegá-la. É por causa dela que ele deve duplamente respeito aos Randalls, e ela deve ter sentido a omissão em dobro. Acho que se ela fosse uma pessoa de importância, ele teria vindo. Pode imaginar sua amiga debatendo-se neste tipo de considerações? Acha que ela não diz isso para si

mesma muitas vezes? Não, Emma, seu amável amigo pode ser amável apenas em francês, não em inglês. Ele pode ser 'aimable', ter boas maneiras e ser muito agradável, mas não tem a delicadeza inglesa para com os sentimentos dos outros. Não há nada de amável nele.

– O senhor está determinado a pensar mal dele.

– Eu! De modo algum! – replicou Mr. Knightley, um tanto aborrecido. – Não quero pensar mal dele. Estou disposto a aceitar seus méritos, como os de qualquer homem. Mas até agora não soube de nenhum, exceto os que são de caráter pessoal: que ele é bem criado, bonito e tem maneiras muito suaves e educadas.

– Bem, se ele não tem nada mais a recomendá-lo, será um tesouro para Highbury. Quase nunca temos oportunidade de admirar jovens belos, bem educados e agradáveis. Não devemos exigir todas as virtudes na mesma barganha. O senhor já imaginou, Mr. Knightley, a *sensação* que sua chegada irá provocar? Não haverá outro assunto nas paróquias de Donwell e Highbury. Apenas um interesse, um objeto de curiosidade: Mr. Frank Churchill. Ninguém poderá pensar ou falar de outra coisa.

– Peço que me perdoe se exagerei. Se eu o achar sociável terei o maior prazer de conhecê-lo, mas se ele for apenas um janota pretensioso, não ocuparei muito do meu tempo ou do meu pensamento com ele.

– Tenho a impressão que ele saberá adaptar sua conversa ao gosto de todo mundo, e tem o poder e o desejo de ser universalmente agradável. Com o senhor, ele falará sobre fazendas, comigo, sobre pintura ou música, e assim com todos, obtendo informação geral sobre quaisquer assuntos que lhe permitam seguir o rumo, ou definir o rumo de uma conversa, como a educação exige, e a falar muito bem com todas as pessoas. Essa é a minha ideia dele.

– E a minha – disse Mr. Knightley, com ardor – é que, se ele for assim como você diz, vai ser a pessoa mais insuportável do mundo! Era só o que faltava! Aos vinte e três anos ser o rei do seu grupo... o grande homem... o político prático, que consegue ler o caráter de todo mundo e usar os talentos dos outros para colocar em evidência sua própria superioridade. Disparando cortêsias por aí, para que todos pareçam tolos comparados a ele! Minha querida Emma, o seu bom senso não lhe permitirá suportar esse cãozinho quando chegar a hora.

– Não vou dizer mais nada sobre ele – exclamou Emma – o senhor distorce tudo que eu digo. Os dois temos preconceitos: o senhor contra, eu a favor. E não temos nenhuma chance de chegar a um acordo até que ele esteja realmente aqui.

– Preconceito? Eu não sou preconceituoso.

– Pois eu sou, muito, e não tenho vergonha disso. Meu afeto por Mr. e Mrs. Weston me leva a ser preconceituosa a favor deles.

– Ele é uma pessoa em quem eu não pensaria do fim de um mês até o início do outro! – disse Mr. Knightley, com um grau de irritação que levou Emma a mudar imediatamente de assunto, embora ela não compreendesse por que ele estava tão zangado.

Desgostar de um homem apenas porque pensava de modo diferente do seu era algo que não combinava com a verdadeira liberalidade de pensamento de Mr. Knightley, a que ela já se acostumara. Com toda a boa opinião que tinha de si mesmo, Emma nunca poderia supor que ele fosse injusto com os méritos de outro.

VOLUME II

CAPÍTULO I

Certa manhã Emma e Harriet passeavam juntas e, na opinião de Emma, já haviam falado o suficiente sobre Mr. Elton por aquele dia. Achava que aquilo bastava para o consolo de Harriet ou para pagar seus próprios pecados, e enquanto voltavam Emma punha em prática um engenhoso plano para livrar-se do assunto. Quando ela pensou que havia conseguido, porém, o assunto voltou à tona. Após falar um pouco sobre o quanto os pobres deviam sofrer no inverno, e tendo recebido nada mais que um choroso “Mr. Elton é tão bom para os pobres!”, Emma achou que era necessário fazer alguma coisa mais.

Estavam se aproximando da casa de Mrs. e Miss Bates, e ela decidiu visitá-las e procurar segurança na companhia de outras pessoas. Sempre havia motivos para tal atenção: elas adoravam receber visitas, e Emma sabia que era considerada pelas poucas pessoas que sempre achavam imperfeições nela como negligente a esse respeito, e culpada de não contribuir com alguma coisa para o aumento do escasso conforto das duas senhoras.

Ela já recebera mais de uma insinuação de Mr. Knightley a respeito de tal deficiência, além do que lhe dizia seu próprio coração, mas nada podia diminuir sua certeza de que isso era muito desagradável, uma perda de tempo, eram mulheres cansativas. Além de tudo havia o horror de encontrar-se com o segundo e o terceiro escalões de Highbury, que estavam sempre visitando as Bates, por isso ela raramente passava perto da casa. Mas agora decidira de repente não passar pela porta de Mrs. Bates sem entrar, e enquanto propunha a visita a Harriet, observou que, tanto quanto podia calcular, estavam a salvo de alguma nova carta de Jane Fairfax.

A casa pertencia a pessoas de negócios. Mrs. e Miss Bates ocupavam o andar onde se encontrava a sala de estar, e ali, no apartamento de tamanho bem modesto, que era tudo para elas, recebiam as visitas com a maior cordialidade e até mesmo com gratidão. A velha e ordeira senhora, que se sentava com seu tricô no canto mais aquecido da sala, queria ceder seu lugar a Miss Woodhouse, e sua filha, a ativa e falante Miss Bates, parecia pronta a sufocá-las com tanta bondade e cuidados, agradecendo pela visita, preocupada pelo estado de seus sapatos, perguntando ansiosamente pelo estado de saúde de Mr. Woodhouse, fazendo alegres comentários sobre sua mãe, e oferecendo o bolo que estava sobre o bufê... “Mrs. Cole, que acabara de sair não fazia nem dez minutos, e que estivera com elas durante uma hora, *ela* tinha provado o bolo e tivera a bondade de dizer que estava muito bom; e ela esperava que Miss Woodhouse e Miss Smith fizessem o favor de aceitar um pedaço também”.

A menção aos Coles certamente seria seguida pela de Mr. Elton. Havia intimidade entre eles, e Mr. Cole havia recebido notícias de Mr. Elton depois que ele viajara. Emma sabia o que viria a seguir. Elas deviam mencionar a carta outra vez, e dizer há quanto tempo ele se fora, e quantos novos amigos fizera, e como se tornava o favorito onde quer que fosse, e quão concorrido fora o Baile do Mestre de Cerimônias... Emma suportou tudo muito bem, com todo o interesse e os elogios que se faziam necessários, e sempre se adiantando para evitar que Harriet fosse obrigada a dizer alguma coisa.

Ela estava preparada para isso quando entrara na casa. Mas, uma vez que já falara graciosamente sobre o cavalheiro ausente, esperava não ser incomodada por nenhum outro tópico. Perguntou então longamente por todas as senhoras e senhoritas de Highbury e seus jogos de cartas. Não estava preparada, porém, para ver Jane Fairfax suceder a Mr. Elton de novo nos assuntos do dia. Ela fora na verdade trazida para a conversa por Miss Bates, que pulou direto de Mr. Elton para os Coles e acabou por introduzir uma carta de sua sobrinha.

– Ah, sim... Mr. Elton, é claro... Parece que foi visto dançando... Mrs. Cole estava me contando que dançar nos salões de Bath foi... Mrs. Cole foi tão gentil em sentar-se conosco e conversar sobre Jane; logo que chegou ela já começou perguntando por Jane, ela é tão querida na casa deles! Quando ela está aqui conosco, Mrs. Cole nem sabe como demonstrar tanta bondade, e devo dizer que Jane de fato merece tudo isso mais do que muita gente. E ela começou diretamente perguntando por ela, dizendo “Sei que vocês não têm notícias recentes de Jane, pois ainda não é a época dela escrever” e quando eu disse imediatamente “Mas na verdade nós temos, recebemos uma carta hoje pela manhã” devo dizer que nunca vi uma pessoa mais surpresa. “Você jura que é verdade?” ela disse “Bem, isso é muito inesperado, deixe-me ver o que ela diz”.

A polidez de Emma estava bem à mão para poder dizer, com um sorriso interessado:

– Tiveram notícias tão recentes de Miss Fairfax? Estou extremamente feliz. Ela está bem, espero?

– Muito obrigada. A senhorita é tão bondosa! – respondeu feliz a iludida tia, enquanto se esforçava para achar a carta. – Ah! Aqui está. Sabia que não podia estar longe, mas acabei pondo minha caixa de costura sobre ela, como vê, sem me dar conta, e então ela ficou quase escondida, mas eu estava segurando a carta na minha mão não faz muito tempo, por isso sabia que devia estar sobre a mesa. Eu li a carta para Mrs. Cole, e desde que ela foi embora eu li de novo para minha mãe, pois é um prazer tão grande para ela... uma carta de Jane... ela nunca se cansa de ouvir. Eu sabia que não devia estar longe, e aqui está, embaixo

da minha caixa de costura... e já que as senhoritas são tão gentis para querer ouvir o que ela diz... Mas antes de tudo eu devo, para fazer justiça a Jane, devo me desculpar por ela ter escrito uma carta tão curta, somente duas páginas... só duas, estão vendo?... e geralmente ela escreve várias folhas, dos dois lados... Minha mãe sempre se admira que eu consiga organizar todas as folhas, e sempre diz, quando abrimos a carta pela primeira vez “Bem, Hetty, agora você vai ter que resolver esse quebra-cabeça”... não é verdade, madame?... Bem, eu sempre digo a ela que tenho certeza que ela poderia fazer isso sozinha, se não tivesse alguém para fazer isso para ela... cada palavra da carta... tenho certeza que ela iria estudar a carta até conseguir por em ordem cada palavra. E, na verdade, ainda que os olhos da mamãe não sejam mais tão bons quanto eram, ela ainda enxerga espantosamente bem, graças a Deus! com os óculos. Isso é uma benção! Minha mãe está muito bem, de fato. Jane sempre diz, quando está aqui “Tenho certeza, vovó, que os seus olhos devem ter sido muito fortes, para enxergar tão bem... e para fazer os trabalhos de agulha tão lindos que fez! Só espero que meus olhos possam se conservar tão bem como os seus”.

Depois de falar tudo isso extremamente rápido, Miss Bates foi obrigada a parar para respirar. Emma então disse alguma coisa muito educada a respeito da excelência da letra de Miss Fairfax.

– A senhorita é extremamente gentil – replicou Miss Bates com enorme gratidão – e é o melhor juiz também, pois tem uma letra tão bonita! Estou certa que os elogios de qualquer outra pessoa não poderiam nos dar tanto prazer como um elogio de Miss Woodhouse. Minha mãe não ouve, ela é um pouco surda, como sabe. Madame – dirigindo-se à mãe – a senhora ouviu o que Miss Woodhouse teve a amabilidade de dizer sobre a letra de Jane?

E Emma teve a vantagem de ouvir o tolo cumprimento que fizera repetido duas vezes, antes que a boa e velha senhora conseguisse entender. Nesse meio tempo ela pensava na possibilidade de escapar da carta de Jane Fairfax sem parecer rude. Estava quase resolvida a se apressar, apresentando alguma pequena desculpa, quando Miss Bates dirigiu-se a ela, e Emma viu-se obrigada a dedicar-lhe sua atenção.

– A surdez de minha mãe é bastante superficial, como a senhorita viu... não é quase nada. Basta eu levantar a voz e repetir alguma coisa duas ou três vezes, e com certeza ela ouve, mas ela está acostumada com a minha voz. O mais interessante é que ela sempre consegue ouvir Jane melhor do que me ouve. Jane fala com tanta distinção! Por sorte ela não vai encontrar a avó mais surda do que estava dois anos atrás – o que já é dizer muito na idade em que minha mãe se encontra – e faz realmente dois anos inteiros, a senhorita sabe, desde que Jane esteve aqui. Nunca ficamos tanto tempo sem vê-la, e eu estava mesmo

dizendo a Mrs. Cole, não sabemos o que fazer para ela agora.

– Estão esperando a visita de Miss Fairfax para breve?

– Oh, sim! Na semana que vem.

– É mesmo?... Será um enorme prazer.

– Obrigada. A senhorita é muito bondosa. Sim, na semana que vem. Todos estão muito surpresos, e todos dizem as mesmas coisas amáveis. Tenho certeza que ela ficará tão feliz de ver seus amigos de Highbury quanto eles ficarão em vê-la. Sim, sexta-feira ou sábado, ela não sabe bem o dia porque o coronel Campbell vai precisar usar a carruagem num desses dois dias. É tão gentil da parte deles mandá-la de carruagem até aqui! Mas eles sempre fazem isso, a senhorita sabe. Ah, sim, será na sexta-feira ou no sábado. Foi sobre isso que ela escreveu, essa foi a razão de ter escrito fora da época, como costumamos dizer. Pois, se fosse uma situação normal, só devíamos receber notícias dela na próxima terça ou quarta-feira.

– Sim, foi o que imaginei. Eu temia que houvesse pouca chance de saber alguma notícia de Miss Fairfax no dia de hoje.

– Como a senhorita é gentil! De fato, não teríamos notícias, se não fosse essa circunstância especial, isto é, que ela estará aqui muito em breve. Minha mãe está encantada!... Pois ela deve ficar pelo menos três meses aqui. Três meses, é o que ela diz, com toda certeza, como vou ter o prazer de ler para a senhorita. O caso é que os Campbells estão indo para a Irlanda. Mrs. Dixon convenceu o pai e a mãe a irem visitá-la na Irlanda. Eles não pretendiam ir antes do verão, mas ela está tão impaciente para vê-los – pois até se casar, em novembro passado, ela nunca ficou longe deles por mais de uma semana, e deve ter sido muito estranho viver num reino diferente, quero dizer, num país diferente, e então ela escreveu uma carta com muita urgência para a mãe, ou para o pai, confesso que não sei bem para quem ela escreveu, mas podemos ver na carta de Jane, e escreveu no nome dela e do marido, Mr. Dixon, para pedir que viessem imediatamente, e que iriam encontrá-los em Dublin e levá-los até a propriedade deles em Baly-craig, um lugar muito bonito, imagino. Jane ouviu falar muito das belezas do lugar por Mr. Dixon, quer dizer, acho que ela nunca ouviu falar de lá a não ser por ele; mas é muito natural, a senhorita sabe, que ele gostasse de falar do seu país enquanto estava fazendo a corte a Miss Campbell... e Jane costumava passear sempre com eles, pois o coronel e Mrs. Campbell faziam absoluta questão que a filha não saísse a passear sozinha com Mr. Dixon, pelo que não posso censurá-los. Claro que Jane ouviu tudo o que ele dizia para Miss Campbell sobre o seu lar na Irlanda; e acho que ela nos escreveu contando que ele tinha mostrado até alguns desenhos do lugar, umas paisagens que ele

mesmo fizera. Ele é o jovem mais amável e encantador, creio eu. Jane estava quase desejando conhecer a Irlanda, só de ouvi-lo falar de lá.

Neste momento, uma engenhosa e animadora suspeita começou a formar-se na mente de Emma, e dizia respeito à Jane Fairfax, o encantador Mr. Dixon, e o fato dela não ir para a Irlanda. Com a insidiosa intenção de descobrir mais, Emma disse:

– A senhorita deve ter considerado uma sorte que Miss Fairfax possa vir a Highbury agora. Considerando a amizade tão especial entre ela e Mrs. Dixon, seria difícil imaginar que ela não fosse acompanhar o coronel e Mrs. Campbell.

– É verdade, é verdade mesmo. Essa é a única coisa de que tínhamos medo; pois não gostaríamos que Jane ficasse tão longe de nós, por meses e meses... sem possibilidade de vir, caso alguma coisa acontecesse. Mas, a senhorita vê, tudo se resolveu da melhor maneira. Eles (Mr. e Mrs. Dixon) queriam demais que ela fosse com o coronel e Mrs. Campbell, já contavam com isso, nada pode ser mais gentil e insistente que o convite que mandaram *anexo*, conforme Jane disse, e como a senhorita irá ouvir agora mesmo. Mr. Dixon não parece nem um pouco relutante em todas as suas atenções, ele é um jovem muito encantador. Depois do favor que prestou a Jane em Weymouth, quando estavam naquela festa no barco, e alguma coisa se desprendeu das velas e girou de repente na direção de Jane, ela poderia ter sido atirada ao mar, e teria sido de fato, se ele não tivesse, com a maior presença de espírito, segurado Jane pela roupa (nunca consigo me lembrar disso sem tremer!). Desde o dia em que ouvi essa história fiquei tão afeiçoada a Mr. Dixon!

– E, a despeito da insistência dos amigos e do desejo dela de conhecer a Irlanda, Miss Fairfax preferiu dedicar seu tempo à senhorita e à Mrs. Bates?

– Sim... Foi inteiramente ideia dela, inteiramente sua escolha; e o coronel e Mrs. Campbell acharam que ela estava muito certa, era exatamente o que eles recomendariam e, na verdade, *desejavam* que ela viesse tomar o ar de sua terra natal, pois Jane não tem estado muito bem ultimamente.

– Fico triste em ouvir isso. Acho que eles têm razão. Mas Mrs. Dixon deve ter ficado muito desapontada. Segundo eu soube, Mrs. Dixon não é nenhuma beleza notável; pelo menos não pode ser comparada à Miss Fairfax.

– Ah, não! A senhorita é muito gentil em dizer essas coisas... mas com certeza não é. Não há comparação entre as duas. Miss Campbell sempre foi totalmente comum... mas é muito elegante e gentil.

– Sim, é claro.

– Jane pegou um resfriado terrível, pobrezinha! Faz bastante tempo, foi no dia sete de novembro (como vou ler para a senhorita), e desde então não vem se sentindo bem. É muito tempo para permanecer resfriada, não acha? Ela nunca falou nada disso para não nos deixar alarmadas. É bem o jeito dela! Tem tanta consideração!... Mas, de qualquer forma, ela está tão longe de ficar boa que seus bondosos amigos, os Campbells, acharam melhor que ela viesse para casa, onde o ar sempre lhe fez bem. Eles não têm dúvida que três ou quatro meses em Highbury vão curá-la inteiramente... E certamente é bem melhor que ela venha para cá do que ir para a Irlanda, se ela não está bem. Ninguém pode cuidá-la como nós.

– Me parece o melhor arranjo do mudo.

– Então ela virá na próxima sexta-feira ou sábado, e os Campbells vão deixar a cidade a caminho de Holyhead na segunda-feira seguinte... como a senhorita vai ver na carta de Jane. Tão de repente!... A senhorita pode adivinhar, Miss Woodhouse, como fiquei nervosa com isso! Se não fosse o inconveniente da doença dela... tenho medo que ela esteja muito magra, muito abatida. Devo dizer-lhe que isso foi um grande infortúnio para mim. Sempre faço questão de ler as cartas de Jane primeiro, só para mim, antes de ler para minha mãe, a senhorita sabe, tenho medo que possa haver alguma coisa que a deixe angustiada. Jane me pediu para fazer assim, então eu sempre faço. E hoje de manhã fiz a mesma coisa, tomando todas as precauções, mas quando cheguei ao ponto em que ela diz que não está bem, eu exclamei, muito assustada: “Meu bom Deus, a pobre Jane está doente!”... e minha pobre mãe, que estava atenta, ouviu muito bem, e ficou bastante transtornada. No entanto, quando continuei a ler vi que ela não estava tão mal quanto pensei a princípio, então acalmei minha mãe e agora ela não pensa muito no assunto. Mas não imagino como pude me descontrolar tanto. Se Jane não melhorar logo, vamos chamar Mr. Perry. Nem vamos pensar nas despesas em uma hora dessas, se bem que Mr. Perry é tão liberal, e gosta tanto de Jane, que acho que ele nem vai querer cobrar pelo atendimento, o que não podemos permitir de jeito nenhum, a senhorita sabe. Ele tem uma esposa e filhos para sustentar e não pode desperdiçar seu tempo de graça. Bem, agora que já lhe dei uma ideia do que Jane escreveu podemos ler a carta, e tenho certeza que ela conta sua própria história muito melhor do que eu poderia contar.

– Temo que precisemos ir embora – disse Emma, olhando de relance para Harriet e começando a levantar-se. – Meu pai deve estar nos esperando. Eu não tinha intenção de demorar tanto, pensei que não ficaria mais do que cinco minutos quando cheguei aqui. Vim visitá-las porque não poderia passar pela sua casa sem entrar para saber como está Mrs. Bates. Mas foi uma demora tão agradável! Agora, no entanto, somos obrigadas a desejar um bom dia para a senhorita e Mrs. Bates.

E não houve nada que pudessem fazer para detê-la. Emma ganhou a rua feliz, pois embora tivesse sido forçada contra a vontade, embora tivesse que ouvir um resumo do conteúdo da carta de Jane Fairfax, escapou de ouvir a leitura da carta em si.

CAPÍTULO II

Jane Fairfax era órfã, a filha única da filha mais nova de Mrs. Bates.

O casamento do tenente Fairfax, do __ Regimento de Infantaria, com Miss Jane Bates, havia tido seu dia de fama e esplendor, de esperança e interesse; mas nada restara dele a não ser a melancólica lembrança do jovem tenente morrendo em ação no exterior, da viúva morrendo logo depois, mergulhada na dor e na saudade, e essa menina.

Pelo nascimento ela pertencia a Highbury, e quando perdeu a mãe aos três anos de idade tornou-se a propriedade, o encargo, o consolo e o amor da avó e da tia. Tudo levava a crer que ela ficaria estabelecida permanentemente ali, que receberia a limitada educação que seus poucos recursos permitiam, e que cresceria sem bons relacionamentos ou vantagens que lhe permitissem melhorar o que a natureza lhe dera: aparência agradável, inteligência, bom coração e facilidade de relacionamento.

Mas os compassivos sentimentos de um amigo de seu pai, o coronel Campbell, provocariam uma mudança em seu destino. O coronel tinha grande amizade pelo tenente Fairfax, a quem considerava um excelente oficial e um jovem muito merecedor. Além disso, estava em débito com ele, pois quando o coronel adoecera com tifo o jovem cuidara dele, e o coronel acreditava que lhe devia a vida. Ele nunca esqueceu essa dívida, apesar de terem se passado muitos anos desde a morte do pobre Fairfax e antes que ele próprio voltasse à Inglaterra e tivesse condições de fazer alguma coisa a respeito. Logo que voltou procurou notícias da criança. Era um homem casado com apenas uma filha, uma menina da mesma idade de Jane, e ela passou a ser hóspede deles, ficando longas temporadas, e tornou-se a favorita de todos. Antes que Jane completasse nove anos a filha dos Campbells já havia se afeiçoado muito a ela, e o desejo do coronel de ser um verdadeiro amigo levou-o a se oferecer para encarregar-se completamente da educação de Jane. A proposta foi aceita, e desde então Jane passou a pertencer à família Campbell, vivendo com eles e apenas visitando a avó de tempos em tempos.

A ideia era que ela fosse criada para ser governanta. As poucas centenas de libras que herdara do pai tornavam sua independência impossível. Fazer-lhe um legado estava além das condições do coronel Campbell. Embora seus ganhos fossem razoáveis, incluindo o soldo e as vantagens do cargo, sua fortuna era modesta e devia passar para a filha, mas ele acreditava que a educação lhe garantiria meios para uma subsistência digna no futuro.

Essa era a história de Jane Fairfax. Ela caíra em boas mãos, só

conhecera bondade da parte dos Campbells e recebera uma excelente educação. Vivendo constantemente com pessoas honestas e bem informadas, seus sentimentos e inteligência receberam as vantagens da disciplina e da cultura. Como a residência do coronel era em Londres, ela teve contato com todos os brilhantes talentos através de professores de primeira classe. Seu caráter e seus talentos também se beneficiaram dessa amizade. Aos dezoito ou dezenove anos ela era totalmente competente no ofício de educar, tanto quanto uma idade tão tenra permitisse cuidar de crianças. Mas os Campbells a amavam demais para deixá-la partir. Nem o pai nem a mãe aceitariam isso, e ela não conseguiria suportá-lo. O dia fatídico foi adiado. Era fácil para eles argumentar que ela ainda era muito jovem, e Jane permaneceu com eles, dividindo, como se fosse outra filha, todos os prazeres da sociedade elegante e uma judiciosa mistura de lar e divertimento, com a inconveniência de um futuro incerto e as sensatas reflexões do seu bom entendimento a lembrá-la que tudo isso logo iria terminar.

A afeição de toda a família, em particular o caloroso apego de Mrs. Campbell, era ainda mais admirável em função da clara superioridade de Jane, tanto em beleza quanto em capacidade mental. A beleza que a natureza havia lhe dado não passara despercebida a Miss Campbell, nem sua grande inteligência deixou de ser notada pelos pais. Continuaram juntos com a mesma profunda afeição, todavia, até o casamento de Miss Campbell, que por mero acaso, por aquela sorte que desafia os projetos de matrimônio, quando a moderação vence a superioridade, ganhou a afeição de Mr. Dixon, um jovem cavalheiro rico e agradável, pouco tempo depois de se conhecerem, e acabou por ficar feliz e convenientemente estabelecida, enquanto Jane Fairfax ainda tinha que ganhar o pão de cada dia.

Esse casamento acontecera há bem pouco tempo. Era recente demais para que a amiga menos afortunada dos Campbells tentasse alguma coisa para iniciar-se no caminho do dever, apesar de já ter atingido a idade que ela própria fixara para começar. Jane resolvera há muito tempo que vinte e um anos seria a idade certa. Com a fortaleza de um devotado noviciado ela chegara à conclusão que com a idade de vinte e um anos faria o sacrifício completo, quando se afastaria de todos os prazeres da vida, das conversas sociais, da paz e da esperança, para enfrentar a penitência e a mortificação para sempre.

O bom senso do coronel e de Mrs. Campbell não podia se opor a uma resolução como essa, apesar de seus sentimentos em contrário. Enquanto vissem ela não precisaria fazer sacrifícios, teria sempre um lar em sua casa; e para seu conforto a teriam mantido com eles. Mas isso seria egoísta... O que tivesse que ser, era melhor que fosse logo. Talvez eles tenham começado a sentir que seria mais caridoso e sábio se tivessem resistido à tentação de adiar a partida de Jane, e assim poupá-la de ter desfrutado do luxo e dos prazeres para agora ter

que abandoná-los. A afeição, entretanto, sempre podia ser usada como desculpa para não terem apressado o infeliz momento. Ela nunca mais estivera bem de saúde, desde o casamento, e os Campbells a proibiram de assumir qualquer compromisso até que estivesse completamente restabelecida. Essa tarefa não era adequada a uma constituição fraca e um espírito inconstante e exigiria, na melhor das circunstâncias, algo mais que a perfeição de corpo e mente para ser desempenhada com tolerável conforto.

No que diz respeito ao fato dela não ter acompanhado os Campbells à Irlanda, o relato que fizera à tia continha apenas a verdade, apesar de que podia haver algumas verdades não ditas. Fora escolha de ela ficar em Highbury enquanto eles estivessem ausentes. Desejava, talvez, passar seus últimos meses de completa liberdade entre aqueles que a amavam. E os Campbells, qualquer que tenha sido seu motivo ou motivos, se simples, duplo ou triplo, deram seu completo apoio à decisão, e afirmaram que a recuperação da saúde dela dependia mais de que passasse alguns meses respirando o ar da sua terra natal, do que de qualquer outra coisa. O fato é que ela estava para chegar. E Highbury, em vez de dar as boas vindas à verdadeira novidade longamente prometida – Mr. Frank Churchill – deveria se contentar no momento com Jane Fairfax, que traria apenas a novidade de uma ausência de dois anos.

Emma estava aborrecida. Ter que se mostrar gentil com uma pessoa de quem não gostava durante três longos meses, sempre fazendo mais do que queria e menos do que deveria! A razão pela qual não gostava de Jane Fairfax era uma questão difícil de responder. Mr. Knightley dissera uma vez que era porque ela via em Jane Fairfax a jovem mulher realmente completa que ela mesma gostaria de ser. Apesar de ter refutado a acusação com veemência, havia momentos de autoanálise em que sua consciência não podia absolvê-la. Mas “nunca conseguira se dar bem com ela, não sabia o porquê, mas sentia certa frieza e reserva – uma aparente indiferença quer ela gostasse ou não – e depois sua tia falava o tempo todo! E fazia tanto estardalhaço a respeito de qualquer pessoa! E todos sempre imaginavam que elas deviam ser amigas íntimas, só porque tinham a mesma idade, e que deviam gostar muito uma da outra”. Estas eram as suas razões, ela não tinha outras melhores.

Era um desprezo tão injusto... Emma, em sua imaginação, aumentava cada pequena falta dela a ponto de não conseguir ver Jane, após qualquer ausência mais prolongada, sem sentir-se ofendida por ela. E agora, depois que fizera a visita obrigatória às Bates na chegada de Jane, após dois anos de ausência, ficara particularmente impressionada com a aparência e as maneiras dela, que Emma tanto depreciara durante esse tempo. Jane Fairfax era muito elegante, notavelmente elegante, e Emma valorizava muito a elegância. Sua altura era perfeita, apenas o suficiente para que todos a considerassem alta, sem

que fosse considerada alta demais. Sua figura era muito graciosa, o corpo harmonioso, nem magra nem gorda, ainda que uma leve aparência de saúde abalada pusesse em evidência o pior dos dois. Emma não podia deixar de perceber tudo isso. Sua face, seus traços... havia mais beleza em seu conjunto do que ela se lembrava. Não eram traços regulares, mas sua beleza era muito agradável. Seus olhos – de um cinza profundo, com sobrancelhas e cílios negros – não negavam a beleza do rosto. A pele, em que ela costumava reparar, estava sem cor, mas tinha uma transparência e delicadeza que não necessitava de colorido. Era um estilo de beleza, no qual a elegância era o traço mais notável, e que Emma, honrando seus princípios, só podia admirar. Tal elegância, de aparência ou caráter, raramente se via em Highbury. E Jane, longe de ser vulgar, possuía distinção e mérito.

Em suma, durante aquela primeira visita, Emma ficou sentada, olhando para Jane Fairfax com dupla complacência. O senso de prazer e o senso de fazer-lhe justiça foram determinantes para que resolvesse deixar de lado a antipatia por ela no futuro. Quando pensava na sua história, de fato, na sua situação de vida, na sua beleza, no destino que teria toda sua elegância, no que ela teria que enfrentar em breve, como passaria a viver, Emma só podia sentir compaixão e respeito. Se cada detalhe de sua vida lhe despertava o interesse, este aumentava ainda mais quando considerava a circunstância altamente provável de que ela estivesse apaixonada por Mr. Dixon, e que este interesse iniciara por ela. Nesse caso, nada podia ser mais honrado e digno de pena do que o sacrifício que ela impusera a si própria. Estava bastante decidida a aceitar que ela não tentara roubar a afeição de Mr. Dixon pela esposa, nem agira da maneira danosa que sua imaginação tinha sugerido a princípio. Se fora amor, devia ter sido simples e não correspondido, apenas do lado dela. Ela podia ter inconscientemente absorvido esse veneno enquanto trocava confidências com a amiga. E com os melhores e mais puros motivos recusara a viagem à Irlanda, e resolvera de fato afastar-se dele e de seu círculo de amigos e começar logo a trabalhar.

No geral, Emma deixou-a sentindo os mais ternos e caridosos sentimentos, o que a fez olhar em volta quando voltava para casa, e lamentar que Highbury não tivesse nenhum jovem cavalheiro capaz de dar independência a Jane, ninguém que ela pudesse incluir num esquema apropriado para ela.

Esses sentimentos eram encantadores, mas não duraram. Antes que ela se comprometesse com uma declaração pública de eterna amizade por Jane Fairfax, ou fizesse uma retratação de seus antigos erros e preconceitos – apenas dizendo a Mr. Knightley “ela certamente é bonita, mais do que bonita!” – Jane passou um serão em Hartfield com a avó e a tia, e todas as coisas voltaram ao estado usual. Antigas provocações reapareceram. A tia estava tão cansativa

como sempre; mais cansativa ainda, pois juntou à sua admiração pelos talentos da sobrinha a ansiedade pela saúde dela. Tiveram que ouvir a descrição exata da pequenina quantidade de pão e manteiga que ela comeria no café da manhã e da fina fatia de carneiro que almoçara, além de terem que admirar os novos chapéus e sacolas de costura que ela fizera para a tia e a avó. E as ofensas de Jane voltaram. Como houvesse música, Emma foi obrigada a tocar. Os agradecimentos e elogios que necessariamente se seguiram pareciam ter uma falsa candura, um ar de grandeza, como se Jane quisesse apenas mostrar em alto estilo a superioridade de seu próprio desempenho. Além disso, o que era ainda pior, ela parecia tão fria e cautelosa! Não havia como saber a verdadeira opinião de Jane. Envolta em uma capa de polidez parecia determinada a não arriscar coisa alguma. Sua reserva chegava a ser suspeita e repulsiva.

Onde tudo era reservado, se alguma coisa podia ser ainda mais reservada era o assunto de sua viagem à Weymouth e os Dixons. Parecia inclinada a não dar indicação alguma sobre o caráter de Mr. Dixon, ou do valor que atribuía à companhia dele, ou ainda sua opinião sobre a conveniência do casamento. Tudo era apenas aprovação e suavidade, nada de positivo ou determinante. Mas de nada adiantou, sua reserva foi desconsiderada. Emma percebeu o artifício e retornou às suas primeiras suspeitas. Com certeza *havia* alguma coisa a esconder, além da preferência dela. Mr. Dixon provavelmente trocara uma amiga pela outra, ou se fixara apenas em Miss Campbell, a fim de garantir suas doze mil libras para o futuro.

A reserva prevaleceu sobre outros assuntos. Ela e Mr. Frank Churchill estiveram em Weymouth ao mesmo tempo. Sabia-se que eles se conheciam um pouco, mas Emma não conseguiu sequer uma informação concreta sobre como ele realmente era. “Ele é bonito?”... “Ela acreditava que ele tinha a reputação de ser um jovem muito refinado”. “Ele é agradável?”... “Ele era geralmente considerado assim”. “Ele parecia um jovem sensível, culto?”... “Em uma estação de águas, ou em uma reunião social na casa de conhecidos em Londres, era muito difícil avaliar essas coisas. Pelo tanto que conheciam Mr. Churchill só podiam avaliar suas boas maneiras. Ela acreditava que todos consideravam suas maneiras agradáveis”. Emma não podia perdôá-la.

CAPÍTULO III

Emma não podia perdoá-la, mas nenhum ressentimento ou provocação foi percebido por Mr. Knightley, que fazia parte do grupo e viu apenas a atenção apropriada e o comportamento gentil de ambas as moças. Na manhã seguinte ele retornou a Hartfield para tratar de negócios com Mr. Woodhouse, e expressou sua aprovação geral, não tão abertamente como teria falado se o pai não estivesse na sala, mas de maneira simples o suficiente para ser bem entendido por Emma. Ele costumava criticá-la por ser injusta com Jane, e estava muito satisfeito de ver que ela melhorara nesse aspecto.

Tão logo Mr. Woodhouse determinou o que era necessário, disse que entendera tudo e os papéis foram guardados, Mr. Knightley começou dizendo:

– Um serão muito agradável, especialmente agradável. Você e Miss Fairfax nos brindaram com excelente música. Não conheço luxo maior, senhor, do que ficar sentado confortavelmente e ser entretido a noite toda por duas jovens como essas, às vezes com música, outras com conversa. Tenho certeza que Miss Fairfax apreciou a noite, Emma. Você cuidou de tudo perfeitamente. Fiquei feliz de ver que você conseguiu que ela tocasse bastante. Como não existe piano na casa da avó, deve ter sido uma verdadeira satisfação para ela.

– Fico feliz em saber que aprova – disse Emma, sorrindo – mas espero não ser muito deficiente quanto às cortesias devidas aos hóspedes de Hartfield.

– Não, minha querida – disse o pai, imediatamente – tenho certeza que *isso* você não é. Não há ninguém que tenha a metade da atenção e da gentileza que você possui. Para as mínimas coisas, você sempre está atenta. Mas os muffins^[1] a noite passada, se tivessem sido passados apenas uma vez acho que teria sido o bastante.

– Não – disse Mr. Knightley, quase ao mesmo tempo – você não é sempre deficiente, não é deficiente nem em boas maneiras nem em discernimento. Acho que você me entende...

Com uma sobrancelha erguida Emma expressou que estava entendendo perfeitamente bem, mas falou apenas:

– Miss Fairfax é muito reservada.

– Eu sempre lhe disse que ela era... um pouco. Mas logo você irá superar essa reserva, pois ela tem fundamento na desconfiança. O que nasce da discricção deve ser louvado.

– O senhor a considera desconfiada, eu não vejo assim.

– Minha querida Emma – disse ele, sentando-se em uma cadeira mais perto dela – você não está querendo me dizer que não apreciou a noite de ontem.

– Ah, não. Fiquei feliz com a minha perseverança em fazer perguntas, e me diverti com a pouca informação que consegui.

– Estou desapontado – foi a única resposta dele.

– Espero que todos tenham tido uma noite agradável – disse Mr. Woodhouse, em seu jeito calmo. – Sei que eu tive. Uma vez, durante a noite, achei que a lareira estava esquentando demais, então movi minha cadeira um pouquinho para trás, só um pouquinho, e não me senti mais incomodado. Miss Bates estava muito falante e bem humorada, como é o jeito dela, embora ela fale um pouco rápido demais. Ela é muito agradável, no entanto, e Mrs. Bates também, de um modo diferente. Gosto dos velhos amigos. E Miss Fairfax é um tipo de jovem muito bonita, uma moça muito bonita e muito bem educada, de fato. Ela deve ter gostado da noite, Mr. Knightley, porque teve a companhia de Emma.

– É verdade, senhor, e Emma gostou porque teve a companhia de Miss Fairfax.

Emma viu a ansiedade dele e, com a intenção de acalmá-lo, pelo menos no momento, disse com uma sinceridade que ninguém poderia questionar:

– Ela é uma criatura tão elegante que não se consegue tirar os olhos dela. Gosto muito de admirá-la, e sinto pena dela com todo o meu coração.

Mr. Knightley olhou como se estivesse mais contente do que pretendia expressar, e antes que ele pudesse responder Mr. Woodhouse disse, ainda com o pensamento nas Bates:

– É uma pena que as condições delas sejam tão restritas! É mesmo uma pena! Eu sempre desejei... Mas é tão pouco o que podemos fazer... Alguns pequenos presentes, algumas coisas especiais... Agora mesmo matamos um porco e Emma pensou em enviar-lhes um pernil ou um lombo. É algo pequeno e delicado... os porcos de Hartfield não são como os outros... Mas mesmo assim ainda é um porco... E, além disso, minha querida Emma, a menos que tenhamos certeza que elas irão preparar o lombo em pequenos bifes, bem fritinhos, assim como os nossos, sem a menor gordura, e não assado, pois nenhum estômago pode suportar carne de porco assada... Penso que seria melhor mandar-lhes o pernil... Não acha, minha querida?

– Meu querido papai, mandei-lhes todo o quarto traseiro. Sei que o senhor gostaria que fosse assim. Elas terão o pernil para salgar, que é muito bom,

o senhor sabe, e o lombo para ser preparado da maneira que preferirem.

– Muito bem, minha querida, muito bem. Eu não tinha pensado nisso, mas é a melhor maneira. Elas não devem salgar demais o pernil; e se não salgarem demais, e ele for levemente cozido, como Serle cozinha os nossos, e comido com bastante moderação, com nabo cozido, e um pouco de cenoura ou batata, acho que não será prejudicial.

– Emma – atalhou Mr. Knightley – tenho uma notícia para você. Você gosta de novidades, e ouvi uma coisa quando vinha para cá que eu acho que vai interessá-la.

– Novidades! Ah, sim, eu sempre adoro novidades. O que é?... Porque está rindo?... Onde ouviu a novidade? Em Randalls?

Ele teve tempo apenas para dizer:

– Não, não foi em Randalls, nem estive perto de lá...

Nesse momento a porta foi aberta e Miss Bates e Miss Fairfax entraram na sala. Cheia de agradecimentos e de novidades, Miss Bates não sabia o que devia dizer primeiro. Mr. Knightley percebeu que perdera a oportunidade e que não conseguiria dizer nem mais uma palavra.

– Ah, meu caro senhor, como se sente esta manhã? Minha querida Miss Woodhouse, eu estou encantada, nem sei o que dizer. Que belíssimo quarto de porco! A senhorita é tão generosa! Já sabem das novidades? Mr. Elton vai se casar.

Emma não tivera tempo sequer de pensar em Mr. Elton, e ficou de tal maneira surpresa que não conseguiu evitar um pequeno sobressalto, nem de ficar ruborizada, quando ouviu aquilo.

– Esta era a minha novidade... Achei que iria interessá-la – disse Mr. Knightley, com um sorriso que indicava a presunção de pelo menos uma parte do que acontecera entre eles.

– Mas como o *senhor* soube disso? – exclamou Miss Bates. – Como é possível que o senhor tenha tomado conhecimento disso, Mr. Knightley? Pois não faz cinco minutos que recebi o bilhete de Mrs. Cole... não, não pode fazer mais de cinco minutos... talvez dez... pois eu vesti meu chapéu e meu casaco e me aprontei para sair... e tinha acabado de descer para falar de novo com Patty sobre o porco... Jane estava de pé no corredor... não é mesmo, Jane? Mamãe estava preocupada que não tivéssemos uma panela grande o bastante para salgar o porco. Então eu lhe disse que ia descer e verificar, e Jane disse “Posso ir em seu lugar? Acho que a senhora está um pouco resfriada e Patty esteve lavando a

cozinha”... “Oh, minha querida” eu disse... bem, e aí chegou o bilhete. Chama-se Miss Hawkins... é tudo que sei. Miss Hawkins, de Bath. Mas, Mr. Knightley, como o senhor pôde saber disso? Pois no mesmo momento em que Mr. Cole contou isso a Mrs. Cole ela sentou-se e me escreveu. Miss Hawkins...

– Estive com Mr. Cole há uma hora e meia, tratando de negócios. Ele tinha acabado de ler a carta de Mr. Elton quando cheguei, e me deu para que a lesse.

– Bem! Isso é realmente... Creio que nunca houve uma notícia tão interessante para toda a Highbury. Meu caro senhor, é realmente muito generoso da sua parte. Minha mãe lhe manda seus melhores cumprimentos e lembranças, e milhões de agradecimentos, ela diz que o senhor quase a sufoca com tanta gentileza.

– Consideramos nosso porco, aqui de Hartfield – replicou Mr. Woodhouse – ele realmente é, de fato, tão superior aos outros porcos, que Emma e eu não poderíamos ter maior prazer que...

– Ah! Meu caro senhor, como minha mãe costuma dizer, nossos amigos são bons demais para nós. Se já existiram pessoas que, mesmo não tendo grande riqueza, têm tudo que podem desejar, essas pessoas certamente somos nós. Podemos dizer que “nosso lote fica em uma boa propriedade”^[2]. Bem, Mr. Knightley, então o senhor realmente viu a carta. Muito bem...

– A carta era curta, apenas para anunciar... mas o tom era alegre, exultante, é claro – e Mr. Knightley lançou um olhar de relance para Emma. – Ele teve sorte o bastante para... eu esqueço as palavras exatas... para não ter com que se preocupar. A informação era essa mesma que a senhora disse, que ele ia se casar com Miss Hawkins. Pela maneira com que se expressou, imagino que já esteja tudo acertado.

– Então Mr. Elton vai se casar! – disse Emma, assim que conseguiu recuperar a fala – Ele receberá de todos os melhores votos de felicidades.

– Ele é muito jovem para se casar – foi a observação de Mr. Woodhouse. – Seria melhor não se apressar. Ele me parece muito bem como está, sempre ficamos felizes de vê-lo em Hartfield.

– Teremos uma nova vizinha, Miss Woodhouse! – alegrou-se Miss Bates. – Minha mãe está tão contente! Diz que não suportava mais ver o pobre e velho Vicariato sem uma senhora. São excelentes notícias, de fato. Jane, você nunca viu Mr. Elton! Não é de admirar que tenha tanta curiosidade de conhecê-lo.

A curiosidade de Jane não parecia ser de natureza a tomar conta do seu pensamento.

– Não... nunca vi Mr. Elton – ela respondeu ao apelo da tia. – Ele é... ele é alto?

– Quem poderia responder a esta questão? – exclamou Emma. – Meu pai diria “sim”, Mr. Knightley diria “não”, e Miss Bates e eu diríamos que ele é apenas de uma conveniente altura média. Quando estiver aqui por algum tempo, Miss Fairfax, vai perceber que Mr. Elton é o modelo de perfeição de Highbury, tanto física como mentalmente.

– É verdade, Miss Woodhouse, ela vai perceber. Ele é o melhor jovem cavalheiro... Mas, minha querida Jane, você deve lembrar-se que eu lhe disse ontem que ele é exatamente da altura de Mr. Perry. Miss Hawkins... deve ser uma jovem excelente. A extrema atenção dele com minha mãe... fazendo com que se sentasse no primeiro banco da igreja para ouvir melhor, pois ela é um pouco surda, a senhorita sabe... Não é muito, mas ela realmente não consegue ouvir logo. Jane disse que o coronel Campbell é um pouco surdo. Ele pensou que os banhos pudessem fazer-lhe bem, os banhos termais... mas Jane disse que ele não teve nenhuma melhora. O coronel Campbell é um anjo para nós. E Mr. Dixon parece ser um jovem tão encantador, bastante merecedor de entrar para a família. É uma felicidade quando as pessoas boas se juntam... e elas sempre se juntam. Agora temos Mr. Elton e Miss Hawkins, e há os Coles, pessoas excelentes; e os Perrys também... acho que nunca houve um casal mais feliz que Mr. e Mrs. Perry. É o que sempre digo, senhor – voltando-se para Mr. Woodhouse – acho que poucos lugares tem uma sociedade como Highbury. Sempre digo que somos abençoadas com os vizinhos que temos... Meu caro senhor, se há uma coisa que minha mãe adora acima de tudo é porco... um belo lombo de porco assado...

– Quanto a quem ou o que é essa Hawkins, ou há quanto tempo ele a conhece – disse Emma – suponho que ninguém saiba. Não deve ser um conhecimento muito longo, faz só quatro semanas que ele viajou.

Ninguém tinha informação alguma, e após refletir um pouco Emma disse:

– Está muito silenciosa, Miss Fairfax... mas espero que tenha interesse nesta notícia. Imagino que tenha ouvido e visto muita coisa ultimamente a respeito desse tipo de assunto, deve estar bastante informada sobre isso, pois assistiu ao namoro de Miss Campbell. Não vamos aceitar que fique tão indiferente ao casamento de Mr. Elton e Miss Hawkins.

– Quando eu tiver conhecido Mr. Elton – respondeu Jane – talvez eu fique interessada... Mas acredito que *isso* dependa apenas de mim. E como já faz alguns meses que Miss Campbell se casou, minhas lembranças podem estar um pouco desvanecidas.

– Sim, faz apenas quatro semanas que ele viajou, como a senhorita observou muito bem, Miss Woodhouse – disse Miss Bates – fez quatro semanas ontem... Quanto a Miss Hawkins!... Bem, eu sempre imaginei que ele se casaria com alguma moça aqui da região. Não que eu alguma vez... Mrs. Cole uma vez me segredou alguma coisa... mas eu retruquei imediatamente “Não, Mr. Elton é o homem mais digno que existe”, mas... Eu acho que não sou muito esperta nesse tipo de descoberta. Nem pretendo ser. O que está diante de mim eu vejo. E também, ninguém sabe se realmente Mr. Elton alguma vez desejou... Miss Woodhouse me deixa ficar falando, tão bem humorada que ela é. Ela sabe que jamais a ofenderia, por nada no mundo. O que Miss Smith pode fazer? Ela parece estar recuperada agora. Tiveram notícias de Mrs. John Knightley ultimamente? Ah, aquelas crianças adoráveis! Jane, você sabia que eu sempre imaginei Mr. Dixon parecido com Mr. Knightley?... Quero dizer, na aparência... alto, com aquele tipo de olhar... e um pouco calado.

– Totalmente errado, minha querida tia. Não existe semelhança alguma.

– Muito estranho! Mas não é possível formar uma ideia sobre uma pessoa de antemão, a gente se apegando a uma noção e tudo gira em torno dela. Mas você disse que Mr. Dixon não é bonito, estritamente falando?

– Bonito? Oh, não, longe disso. Ele é bastante comum. Eu disse à senhora que ele era comum.

– Minha querida, você disse que Miss Campbell jamais permitiria que ele fosse comum, e que você mesma...

– Oh, quanto a mim, meu julgamento não tem valor. Quando estimo uma pessoa sempre acho que ela tem boa aparência. Mas eu falei o que é considerado a opinião geral, quando disse que ele era comum.

– Bem, minha querida Jane, acho que devemos nos apressar. O tempo não parece bom, e você deve estar inquieta. A senhorita é muito amável, minha querida Miss Woodhouse, mas nós realmente devemos ir. Essa foi uma notícia muito agradável, de fato. Eu agora devo passar na casa de Mrs. Cole, mas não vou demorar nem três minutos... Jane, é melhor você ir direto para casa... Não gostaria que apanhasse chuva! Achamos que o melhor para ela é Highbury, de fato. Muito obrigado, mas temos mesmo que ir. Acho que não vou tentar convidar

Mrs. Goddard, pois penso que ela não gosta de outra coisa a não ser porco *cozido*, mas quando prepararmos o nosso pernil vamos fazer de outro jeito. Bom dia para o senhor, meu caro Mr. Woodhouse. Oh! Mr. Knightley também está indo. Bem, isso é tão apropriado! Tenho certeza que se Jane estiver cansada o senhor será bastante gentil de lhe oferecer seu braço... Mr. Elton e Miss Hawkins, imaginem!... Bom dia para todos.

Emma, ao ficar sozinha com o pai, dedicava metade de sua atenção a ele, enquanto Mr. Woodhouse lamentava que as pessoas jovens se apressassem tanto para casar... e casar-se com estranhos, ainda por cima... e a outra metade ela dedicava aos seus próprios pensamentos a respeito do assunto. Para ela esta notícia era divertida e muito bem vinda, pois demonstrava que ele não sofrera muito. Mas lamentava por Harriet, que devia sentir bastante. Tudo que podia esperar era dar ela mesma a notícia, antes que Harriet soubesse disso abruptamente pelos outros. Estava quase na hora em que Harriet costumava visitá-la. E se ela encontrasse Miss Bates no caminho?! Como começasse a chover Emma temeu que ela ficasse detida na casa de Mrs. Goddard e que acabasse por saber da notícia sem estar preparada.

A chuva foi pesada, mas de curta duração, e parara havia não mais de cinco minutos quando Harriet chegou. Tinha o olhar brilhante e agitado, como se tivesse corrido de casa com o coração transtornado. E o “Oh, Miss Woodhouse, não imagina o que aconteceu” que lhe escapou imediatamente, correspondia à agitação em que estava. Já que o mal estava feito, Emma sentiu que a única forma de mostrar-se bondosa seria ouvi-la. E Harriet, descontrolada, começou ansiosamente a contar-lhe o que se passara. “Ela saíra da casa de Mrs. Goddard há meia hora... tinha medo que fosse chover, achava que a chuva ia desabar a qualquer momento... mas pensou que conseguiria chegar a Hartfield antes disso, e correu tanto quanto podia; e quando passou por uma loja onde tinha mandado fazer um vestido resolveu entrar um instantinho, só para ver como estava indo o trabalho; embora não tenha ficado mais de um momento ali, assim que saiu começou a chuva, e ela não sabia o que fazer; então correu e abrigou-se na Ford’s”. Ford’s era a principal loja de artigos de lã, roupa de cama e artigos masculinos, tudo junto, a maior e mais elegante loja do lugar. “E ela ficara ali, sem pensar em nada, durante dez minutos, talvez... quando, de repente, imagine quem chegou... por certo que era muito estranho! Mas eles sempre compravam na Ford’s... quem chegou, senão Elizabeth Martin e seu irmão! Querida Miss Woodhouse, imagine. Achei que ia desmaiar. Não sabia o que fazer. Eu estava sentada perto da porta e Elizabeth me viu logo que entrou. Mas ele não, estava ocupado com o guarda-chuva. Tenho certeza que ela me viu, mas olhou para outro lado e fez que não me notou. Os dois se dirigiram ao fundo da loja enquanto eu fiquei sentada perto da porta. Oh, Deus, eu estava tão aflita! Tenho certeza que

estava tão branca como meu vestido, e não podia ir embora, por causa da chuva. Queria estar em qualquer outro lugar do mundo que não fosse ali. Oh! Querida Miss Woodhouse... bem, por fim, eu imagino que ele tenha olhado ao redor e me visto. Então, em vez de ir fazer suas compras eles começaram a cochichar um com o outro. Tenho certeza que falavam de mim, e acho que ele estava convencendo a irmã a vir falar comigo (acha que ele estava, Miss Woodhouse?), pois ela se adiantou e veio direto para mim, me perguntou como eu estava passando, e parecia disposta a apertar minha mão, se eu permitisse. Ela não falou comigo da forma como estava acostumada, logo vi que estava alterada. Mas, de qualquer forma ela *tentava* parecer agradável, então nos apertamos as mãos e ficamos conversando um pouco. Nem me lembro do que disse... eu tremia tanto! Recordo-me de ela dizer que lamentava que não tivéssemos nos encontrado mais. Achei até bastante gentil! Querida Miss Woodhouse, eu estava absolutamente infeliz. Nesse momento a chuva estava parando, e decidi que nada iria me impedir de ir embora, e então... imagine!... vi que ele mesmo estava se dirigindo para mim, bem devagar, a senhorita sabe, como se não soubesse bem o que fazer. Ele veio, falou comigo e eu respondi, e fiquei parada um minuto parecendo apavorada, a senhorita nem imagina quanto! Então tomei coragem, disse que parara de chover e que eu precisava ir. Assim que saí, não tinha me afastado nem três metros da porta quando ele veio atrás de mim, só para dizer que, se eu estivesse indo para Hartfield, devia dar a volta pelos estábulos de Mr. Cole, pois o caminho mais perto estava encharcado. Oh, Deus! Achei que ia morrer! Então eu disse que agradecia muito, sabe, não poderia fazer outra coisa; depois ele voltou para junto de Elizabeth e eu vim, dando a volta pelos estábulos... pelo menos eu acho que fiz isso, mal sabia onde estava, ou por onde andava. Oh, Miss Woodhouse, eu não teria feito nada para que isso acontecesse. Mas agora, a senhorita sabe, fiquei bem satisfeita de vê-lo comportar-se com tanta gentileza e bondade. E Elizabeth, também. Oh, Miss Woodhouse, fale comigo e faça com que eu me sinta bem de novo”.

Emma desejava sinceramente poder fazê-lo, mas isso não estava ao seu alcance no momento. Era obrigada a parar e refletir, e não se sentia totalmente à vontade. A conduta do rapaz e da irmã parecia revelar um afeto verdadeiro, e ela só podia sentir pena deles. Da forma como Harriet descrevera a cena, houvera uma interessante mistura de afeição ferida e genuína delicadeza no comportamento dos dois. Ela sempre acreditara que eles fossem pessoas bem intencionadas e dignas, mas que diferença isso faria se a ligação era imprópria em si? Era tolice ficar incomodada com isso. Claro que eles lamentaram perdê-la... todos eles deviam lamentar. A ambição, assim como o amor, provavelmente os mortificou, pois pretendiam ascender socialmente através da amizade com Harriet. E depois, que valor tinha a descrição que Harriet fizera? Ela era tão fácil de contentar, tinha tão pouco discernimento... o que podiam significar os seus

louvores?

Emma fez um esforço e tentou acalmar Harriet, considerando o que se passara uma bobagem que não merecia maiores preocupações.

– Pode parecer angustiante no momento – disse ela – mas você se comportou extremamente bem. Agora acabou, e pode ser que nunca mais aconteça um encontro desse tipo, portanto, não pense mais nisso.

Harriet disse “é verdade” e que “não pensaria mais nisso”, mas continuou falando sobre o assunto... não conseguia falar de outra coisa. Por fim, para tirar os Martins da cabeça dela, Emma foi obrigada a contar-lhe as notícias de forma apressada, quando pretendia fazê-lo com muita cautela. Emma não sabia se devia ficar alegre ou zangada, envergonhada ou divertida diante do estado da pobre Harriet, ao perceber quanto Mr. Elton era pouco importante para ela!

Aos poucos, porém, Mr. Elton recuperou seus direitos. Apesar de Harriet não sentir a notícia como teria feito um dia antes, ou mesmo uma hora antes, logo seu interesse cresceu. Antes que terminassem de conversar ela passara por todas as sensações, desde a curiosidade, o espanto, o remorso, a dor e o prazer, pensando na afortunada Miss Hawkins, que conseguira desbancar os Martins na sua imaginação.

Emma acabou por ficar feliz que tivesse ocorrido esse encontro, pois atenuou o primeiro choque sem deixar nenhuma influência digna de alarme. Da maneira que Harriet vivia agora, os Martins não poderiam mais ter acesso a ela sem que fossem procurá-la, o que não teriam nem a coragem nem a complacência de fazer. Desde que ela recusara a proposta do irmão as jovens Martin nunca mais foram à casa de Mrs. Goddard, e podia se passar um ano sem que voltassem a se encontrar, não havendo nenhuma necessidade ou possibilidade de conversarem.

[1] Muffins são pequenos bolinhos doces redondos, típicos da Inglaterra.

[2] Citação da Bíblia, Salmo 16:6.

CAPÍTULO IV

A natureza humana é tão indulgente com aqueles que se encontram em situações interessantes que um jovem, quer venha a se casar ou morrer, com certeza será elogiado nas conversas de todos.

Não se passou uma semana desde que o nome de Miss Hawkins fora mencionado pela primeira vez em Highbury antes que se descobrisse, de uma forma ou de outra, que ela possuía as mais altas recomendações, tanto de aparência quanto de caráter. Ela seria bonita, elegante, muito bem educada e perfeitamente amável, e quando Mr. Elton finalmente voltou para concretizar em triunfo seus felizes planos e fazer circular a fama dos méritos de sua futura esposa, havia muito pouco a fazer, além de revelar seu nome de batismo e que tipo de música, principalmente, ela tocava.

Mr. Elton retornou como um homem muito feliz. Partira rejeitado e mortificado, desapontado na sua otimista esperança, após uma serie de coisas que lhe pareceram decididos encorajamentos. Não apenas perdera a moça certa como se vira rebaixado ao nível da moça errada. Partira profundamente ofendido, e voltara noivo de outra, e outra tão superior, é claro, à primeira, e sob tais circunstâncias que ganhara tudo que antes havia perdido. Voltara alegre e satisfeito consigo mesmo, animado e cheio de planos, não ligando para Miss Woodhouse e desdenhando Miss Smith.

A encantadora Augusta Hawkins, além das óbvias vantagens da beleza perfeita e dos méritos pessoais, estava de posse de uma fortuna independente de vários milhares de libras, que se estimava em torno de dez mil. Um ponto para a dignidade de Mr. Elton, assim como para sua conveniência, como a história contava: ele não fora prejudicado, pois havia ganhado uma esposa de dez mil libras ou mais. E a conquistara com deliciosa facilidade, pois depois da primeira hora que se seguira à apresentação logo surgiu um distinguido interesse. A história que ele contara à Mrs. Cole sobre o início e o progresso do namoro foi tão gloriosa... os passos tão rápidos, desde o encontro acidental no jantar de Mrs. Green, a festa na casa de Mrs. Brown... sorrisos e rubores crescendo em importância... consciência e agitação ricamente dispersas. A moça impressionada com tanta facilidade, tão suavemente disposta e - para usar uma frase mais usual - tão disposta a aceitá-lo, que a vaidade e a prudência foram igualmente contentadas.

Ele conquistara tanto riqueza quanto segurança, fortuna e afeição, e tornara-se o homem feliz que devia ser. Falava apenas de si mesmo e de seus próprios interesses - esperando congratulações, pronto para rir de tudo - e agora

se dirigia com cordiais e destemidos sorrisos a todas as jovens do lugar, com quem, algumas semanas atrás, teria sido mais cautelosamente galante.

O casamento devia se realizar logo, pois os noivos só tinham a si mesmos para dar satisfações, e não precisavam esperar nada além dos trâmites necessários. E quando ele partiu de novo para Bath houve uma expectativa geral, que certo olhar de Mrs. Cole não contradizia, de que, quando voltasse, iria trazer consigo a esposa.

Durante esta curta estada Emma quase não o viu. Sentiu apenas alívio após o primeiro encontro, e ele lhe deixara a impressão de não ter melhorado nada com a mistura de ressentimento e pretensão, que agora tomava conta de toda a sua pessoa. Ela começou, na verdade, a se questionar se alguma vez realmente o achara agradável. E a visão dele estava tão ligada a sentimentos ruins que ela ficaria agradecida se nunca mais precisasse vê-lo, exceto como uma circunstância moral, como um castigo, uma lição, uma fonte de apropriada penitência para sua própria presunção. Desejava-lhe todo o bem, mas ele lhe trouxera dor e ficaria bastante satisfeita se a riqueza desse cavalheiro fosse localizar-se a trinta quilômetros de distância.

A mágoa causada pela sua residência permanente em Highbury, no entanto, certamente seria diminuída pelo casamento. Muitas gentilezas inúteis seriam evitadas e muitos constrangimentos suavizados por essa circunstância. A presença de uma *Mrs. Elton* seria motivo para uma mudança de tratamento entre eles, e a antiga intimidade poderia ser esquecida sem que se notasse. Seria quase como começar um novo e educado relacionamento social.

Quanto à Miss Hawkins em si, Emma não pensava muito nela. Ela era boa o suficiente para Mr. Elton, não havia dúvida; perfeita o suficiente para Highbury... e com certeza bonita o suficiente para parecer uma beleza comum ao lado de Harriet. Quanto a algum contato Emma estava tranquila, persuadida de que após suas arrogantes afirmações e do desdém por Harriet, ele nada mais faria. Nesse aspecto, era possível descobrir a verdade. *O que* ela era não se sabia, mas *quem* ela era podia ser descoberto, e fora as dez mil libras não parecia superior a Harriet em nenhum aspecto. Miss Hawkins não tinha nome, nem sangue, nem alianças favoráveis, era apenas a mais nova das duas filhas de um comerciante de Bristol, por assim dizer. Os lucros do seu negócio pareciam ter sido tão moderados que se podia supor que sua linha de negócios também fosse modesta. Ela costumava passar parte do inverno em Bath, mas Bristol era o seu lar, o próprio coração de Bristol. Tanto o pai quanto a mãe haviam morrido anos atrás, e restara um tio, na linha direta de sucessão. Nada era possível dizer nada mais honorável sobre ele, a não ser que era um parente direto e a filha vivia com ele. Emma o imaginava como o burro de carga de algum advogado, muito

estúpido para subir na profissão. Toda a grandeza da ligação parecia depender da irmã mais velha, que era *muito bem casada*, com um cavalheiro de *grande projeção*, morava perto de Bristol e possuía duas carruagens. Este era o fim da história, esta era a glória de Miss Hawkins.

Se ao menos Emma pudesse falar a Harriet do que sentia sobre tudo isso! Ela a tinha levado ao amor, mas, quem dera, não era fácil desviá-la dele. Depois que alguma coisa ocupava os pontos vazios da cabeça de Harriet, não havia como tirá-la de lá. Mr. Elton devia ser substituído por outro. E ele certamente seria, isso era claro, até um Robert Martin serviria para isso. Mas nada mais seria capaz de curá-la, Emma temia. Harriet era do tipo que, uma vez que se apaixonasse, amaria para sempre. E agora, pobrezinha, ficara pior com o reaparecimento de Mr. Elton. Ela sempre o veria por ali, de um jeito ou outro. Emma o viu apenas uma vez, mas Harriet estava certa de *quase* tê-lo encontrado duas ou três vezes por dia, *quase* topado com ele, *quase* ouvido sua voz, ou visto seu ombro, *quase* o esquecera, mas sempre ocorria alguma coisa para mantê-lo na mente dela, com todo o favorável entusiasmo das surpresas e das conjeturas. Além disso, ouvia falar nele o tempo todo. Exceto quando estava em Hartfield, vivia cercada por pessoas que não viam defeitos em Mr. Elton e não tinham nada mais interessante para discutir a não ser sobre ele e seus assuntos. Assim, cada relato e cada suposição sobre tudo que ocorrera ou deveria ocorrer nos assuntos relativos ao casamento, incluindo sua renda, seus criados e seu mobiliário, viviam em perpétua agitação à volta de Harriet. Seu afeto estava sendo fortalecido pelos frequentes elogios que eram feitos a ele, sua tristeza era mantida viva, e seus sentimentos irritados pelas incansáveis menções à felicidade de Miss Hawkins e as contínuas observações sobre como eles deviam estar apaixonados!... A expressão de Mr. Elton quando andava pela casa, o próprio local onde colocava o chapéu, tudo era prova de como ele estava apaixonado!

Se fosse um divertimento apropriado e não causasse dor para Harriet, nem reprovação ao seu próprio comportamento, Emma acharia até divertidas estas variações na mente de Harriet. Às vezes Mr. Elton predominava, outras vezes eram os Martins, e um servia para comparar com o outro. O noivado de Mr. Elton fora a cura para o encontro com Mr. Martin, e a infelicidade causada pela notícia do casamento ficara um pouco de lado pela visita de Elizabeth Martin à casa de Mrs. Goddard alguns dias depois. Harriet não estava em casa, mas um bilhete fora deixado, escrito num estilo bastante tocante: uma pequena mistura de reprovação com uma grande dose de bondade. E até que o próprio Mr. Elton aparecesse, ela ficou ocupada lendo o bilhete, ponderando sobre qual deveria ser sua resposta, e desejando fazer mais do que ousava confessar. Mas Mr. Elton em pessoa espantou todos esses cuidados. Enquanto ele esteve na cidade os Martins foram esquecidos, e na própria manhã em que ele partiu para Bath, Emma

julgou melhor que Harriet retornasse a visita de Elizabeth, para dissipar a angústia que a tal viagem provocara.

Como essa visita se daria, o que seria necessário de atenções, e o que seria mais seguro, foram alguns pontos de hesitantes considerações. Harriet não poderia negligenciar totalmente o convite da mãe e das irmãs para visitá-las, seria ingratidão. Não era possível, mas havia o perigo da renovação da amizade!

Depois de muito pensar Emma chegou à conclusão de que o melhor seria retornar a visita, mas de uma forma que, se eles tivessem bom entendimento, os convencesse que a amizade seria apenas formal. Ela pensara em levar Harriet de carruagem até Abbey-Mill, deixá-la ali, seguir um pouco mais adiante e pegá-la na volta, de modo que não houvesse tempo para insidiosas insinuações nem deliciosas lembranças do passado. Ao mesmo tempo ela daria a mais decidida prova do grau de intimidade que estava reservado para o futuro.

Emma não conseguiu pensar em nada melhor, e embora houvesse alguma coisa nisso que seu coração não aprovava – algo como uma ingratidão simplesmente descartada – teria que ser feito, senão o que seria de Harriet?

CAPÍTULO V

O coração de Harriet estava apertado com a expectativa da visita. Apenas meia hora antes de Emma buscá-la na casa de Mrs. Goddard, a má estrela de Harriet levou-a ao exato lugar onde, naquele momento, um baú endereçado ao *Rev. Philip Elton, White Hart, Bath* estava para ser erguido até a carroça do açougueiro, que o levaria ao local de despacho. Tudo mais desapareceu da sua mente, exceto o baú e o endereço.

No entanto, ela foi; quando chegaram e Harriet ia descer, no fim do largo e limpo caminho de cascalhos, coberto de macieiras, que levava à porta de entrada, a vista de cada uma das coisas que haviam lhe dado tanto prazer no outono anterior provocou-lhe uma leve agitação. E quando se separaram Emma observou que ela olhava ao redor com temerosa curiosidade, o que a levou à decisão de não permitir que a visita durasse mais do que os quinze minutos combinados. Ela continuou, pensando em ocupar aquele tempo visitando uma velha criada que se casara e vivia em Donwell.

Depois de exatos quinze minutos Emma estava de volta diante do portão branco. Miss Smith, tendo sido avisada, logo se juntou a ela, sem a companhia de nenhum rapaz alarmado. Ela veio sozinha pelo caminho de cascalho e Miss Martin ficou na porta, depois de despedir-se dela com cerimoniosa civilidade.

Nos primeiros momentos Harriet foi incapaz de fazer um relato inteligível da visita. Seus sentimentos estavam à flor da pele, mas, por fim, Emma conseguiu que ela falasse o suficiente para saber como fora o encontro, e que tipo de dor havia causado. Ela vira apenas Mrs. Martin e as duas moças, que a receberam com relutância, senão com certa frieza. Falaram apenas de assuntos banais quase o tempo todo, até que Mrs. Martin disse repentinamente, quase ao final da visita, que achava que Miss Smith havia crescido. A conversa se tornou mais interessante e mais calorosa, pois haviam medido suas alturas nesta mesma sala, em setembro passado. Ainda havia as marcas de lápis e as anotações na moldura da janela. *Ele* as fizera. Todas pareciam lembrar o dia, a hora, as pessoas presentes, a própria ocasião – e tinham o mesmo sentimento, as mesmas lembranças. Pareciam dispostas a retornar ao bom entendimento de antes, e quando estavam voltando a ser as mesmas (Harriet, Emma suspeitava, mais disposta do que as demais a ser cordial e feliz), a carruagem chegou e tudo se acabou. O estilo da visita e a pequena duração foram o fator decisivo para impedir isso. Passar apenas quatorze minutos com aquelas pessoas com quem convivera durante seis semanas, há menos de seis meses! ... Emma só podia imaginar tudo isso e sentir como eram justos os ressentimentos, como Harriet devia estar sofrendo, o que era natural. Fora uma situação terrível. Ela daria tudo

para que os Martins estivessem mais bem colocados socialmente. Eles mereciam tanto, que um *pouco* mais de importância social seria suficiente. Mas assim como estavam as coisas, o que ela poderia fazer?... Era impossível!... Ela não podia se arrepende. Eles deviam se afastar, mas esse processo trazia uma grande dor. A própria Emma estava sofrendo tanto que sentia necessidade de um pouco de consolo, e por isso resolveu ir até Randalls. Sua mente estava quase doente com esse assunto dos Martins e de Mr. Elton. O consolo propiciado por Randalls era absolutamente necessário.

Fora uma boa ideia, mas ao chegar ouviram que “nem o senhor nem a senhora” estavam em casa, haviam saído por algum tempo. O criado acreditava que tinham ido a Hartfield.

– Que pena – exclamou Emma, enquanto voltavam. – Agora vamos nos desencontrar deles, que coisa irritante! Não me lembro da última vez em que estive tão desafortunada.

Emma reclinou-se no canto da carruagem para entregar-se aos seus murmúrios ou afastá-los, talvez as duas coisas, o que era comum quando sua mente estava pouco disposta. A carruagem parou de repente e ela olhou para fora. Foram detidos por Mr. e Mrs. Weston, que estavam de pé desejando falar-lhe. Ficou imediatamente contente ao vê-los, e mais ainda ao ouvi-los, pois Mr. Weston logo disse:

– Onde você foi?... Onde esteve?... Estivemos conversando com seu pai, ficamos contentes por ver que ele está bem. Frank chega amanhã. Recebemos uma carta hoje cedo, ele estará aqui amanhã mais ou menos na hora do jantar, com certeza... Está em Oxford hoje e vem para ficar quinze dias. Eu sabia que seria assim, se tivesse vindo no Natal não poderia ficar mais do que três dias. Sempre preferi que ele não tivesse vindo no Natal, pois agora teremos o tempo perfeito para recebê-lo, tempo firme e claro. Vamos aproveitar completamente a companhia dele, tudo acabou melhor do que poderíamos desejar.

Não havia como resistir a tão boas notícias. Era impossível evitar a felicidade estampada no rosto de Mr. Weston, confirmada também pelas palavras e pela expressão de sua esposa que, embora menos agitada e mais contida, não estava menos feliz. Saber que *ela* considerava a vinda do rapaz como certa, era o suficiente para Emma acreditar nisso também, e participou sinceramente da alegria deles. Era a mais deliciosa maneira de animar um espírito exausto. O desencanto do passado fora anulado pelo frescor do que estava por vir e, com a rapidez de um raio, Emma pensou que agora não sealaria mais de Mr. Elton.

Mr. Weston fez-lhe um relato dos compromissos em Enscombe que permitiram a Frank escrever contando que dispunha de quinze dias para fazer-lhe

uma visita, assim como a rota a ser seguida e os meios que utilizaria para viajar. Emma ouviu, sorriu e congratulou-se com eles.

– Eu logo o levarei a Hartfield – disse ele, ao concluir o relato.

Emma teve a impressão que sua esposa lhe tocava o braço, ao ouvir isso.

– É melhor irmos, Mr. Weston – disse ela – estamos atrasando as meninas.

– Está bem, está bem, eu estou pronto – e voltando-se para Emma. – Mas não espere ver um jovem *muito* refinado, você tem apenas a *minha* opinião a respeito. Ouso dizer que ele, na verdade, não é tão extraordinário.

Seus olhos brilhantes ao falar disso, no entanto, manifestavam uma opinião bem diferente. Emma conseguiu parecer perfeitamente inocente e inconsciente, e respondeu de forma correta, sem expressar coisa alguma.

– Pense em mim amanhã, em torno das quatro horas – foram as palavras de despedida de Mrs. Weston. Ela falara com certa ansiedade, especialmente para Emma.

– Quatro horas!... Aposto como ele chegará às três!... – corrigiu prontamente Mr. Weston.

Assim terminou este encontro tão agradável. O espírito de Emma chegara quase à felicidade, tudo tinha um ar diferente. James e os cavalos não pareciam tão lerdos como antes. Quando ela olhou para as sebes, pensou que o filho pródigo logo voltaria, e ao olhar para Harriet viu um terno sorriso, como um ar de primavera.

– Será que Mr. Frank Churchill passará por Bath, ao vir de Oxford? – foi a pergunta de Harriet, que não renunciava nada de bom.

Mas nem a geografia nem a tranquilidade costumam vir juntas, e Emma estava disposta a acreditar que com o tempo ambas chegariam.

A manhã do dia prometido chegou, e a fiel pupila de Mrs. Weston não se esqueceu nem as dez, nem as onze, nem ao meio-dia que devia pensar nela às quatro horas.

“Minha querida e ansiosa amiga” pensava Emma, em seu monólogo mental, enquanto descia as escadas ao sair do quarto, “sempre pensando na felicidade de todos, menos na sua própria. Vejo-a agora um pouco inquieta, voltando várias vezes ao quarto dele para ter certeza de que tudo está arrumado”. O relógio bateu as doze horas enquanto ela passava pelo vestibulo. “Não me

esqueço de pensar em você nas quatro horas que faltam, e a essa hora amanhã, ou talvez um pouco mais tarde, poderei estar recebendo todos aqui. Tenho certeza que logo irão trazê-lo a Hartfield”.

Emma abriu a porta da sala e viu dois cavalheiros sentados com seu pai: Mr. Weston e o filho. Haviam chegado há cinco minutos, e Mr. Weston terminava a explicação de que Frank chegara um dia antes do programado. O pai ainda estava embrulhado em uma bela recepção de boas vindas muito civilizada e congratulava Mr. Weston, quando ela apareceu para participar da surpresa, das apresentações e do prazer do encontro.

O Frank Churchill de quem tanto se falava, que provocava tanto interesse, estava finalmente diante dela. Ao ser apresentada ao cavalheiro, ela achou que o que se dissera dele ficava aquém da realidade. Ele era um jovem *muito* bonito; sua altura, aparência e porte eram excepcionais e seu temperamento possuía muito da alegria e vivacidade do pai. Parecia inteligente e sensível. Ela sentiu logo que poderia gostar dele. Além disso, ele tinha maneiras descontraídas, mas muito bem educadas, e falava com franqueza; Emma percebeu que ele viera com a intenção de conhecê-la, o que logo iria acontecer.

Ele tinha chegado a Randalls na noite anterior. Emma ficou contente de ver a sua pressa em chegar, por isso alterou seus planos partindo antes, viajando mais rápido e por mais tempo, a fim de ganhar meio dia.

– Eu lhes disse ontem – exclamou Mr. Weston, exultante – eu disse a todos que ele estaria aqui antes do dia marcado. Lembro-me de que eu mesmo costumava agir assim. Não conseguia atrasar uma viagem, não podia evitar ir mais depressa do que o planejado, e o prazer de chegar à casa dos amigos antes que estivessem me esperando era tão grande que não precisava de incentivo.

– É uma grande alegria quando se consegue fazer isso – disse o jovem – embora existam poucas casas a que eu me esforçaria para chegar; mas como vinha para a *minha casa* pensei que poderia fazê-lo.

As palavras *minha casa* fizeram o pai olhá-lo com nova complacência. Emma estava certa que o jovem sabia como agradar, e sua convicção se fortaleceu com o que veio a seguir. Ele estava encantado com Randalls, considerava-a uma casa admiravelmente bem planejada, não admitia que fosse assim tão pequena, admirou sua localização, o caminho até Highbury, a própria Highbury e Hartfield ainda mais; confessou sempre haver sentido um interesse pela região que só pode ser proporcionado pela *própria* região de nascimento, e tinha grande curiosidade de conhecê-la. Rapidamente passou uma suspeita pela mente de Emma, ao pensar no porque ele não se permitira tão encantador sentimento antes. Mas se era uma falsidade, pelo menos era lisonjeira e fora dita

de forma muito agradável. Mr. Frank Churchill não tinha um ar artificial ou exagerado, realmente parecia e falava como se estivesse num estado de incomum felicidade.

Os assuntos tratados, de forma geral, foram aqueles usuais no início de um relacionamento. Ele fizera perguntas... “Ela cavalgava?”... “Quais os melhores locais para cavalgar?”... “E para um passeio a pé?”... “Tinham muitos vizinhos?”... “Havia suficiente atividade social em Highbury?”... “Havia várias casas bonitas na cidade?”... “Costumavam fazer bailes?”... “Era uma sociedade musical?”

Quando todas as questões foram respondidas e seu relacionamento gradualmente avançava, ele aproveitou uma oportunidade, enquanto seus pais conversavam entre si, para falar de sua madrastra. Referiu-se a ela com tão bonitos elogios, tão calorosa admiração, tanta gratidão pela felicidade que ela proporcionava ao pai, e como o recebera com tanta bondade, que constituiu uma prova a mais de que ele sabia como agradar... e que certamente pensava que valia a pena tentar agradar a ela, Emma. Não disse uma palavra elogiosa além daquilo que ela sabia que Mrs. Weston merecia, mas, sem dúvida, devia saber muito pouco sobre o assunto. Entendeu o que seria bem recebido, e estava certo de pouco mais.

– O casamento de meu pai – ele disse – foi a medida mais sábia, todos os amigos deviam ficar felizes com isso. E a família de quem ele recebera tal benção, deveria ser considerada por ele credora da mais alta admiração.

Ele chegou perto de agradecer a Emma pelos méritos de Miss Taylor, sem parecer esquecer que, no curso natural das coisas, podia-se supor que Miss Taylor formara o caráter de Miss Woodhouse, mais do que Miss Woodhouse o de Miss Taylor. E, ao final, para qualificar completamente sua opinião, passando de leve ao redor do assunto, contou a surpresa que tivera pela beleza e juventude da madrastra.

– Eu estava preparado para encontrar uma senhora elegante e de boas maneiras – disse ele – mas confesso que, considerando tudo, não esperava mais que uma pessoa de certa idade, razoavelmente bonita. Não imaginei uma mulher jovem e bonita como Mrs. Weston.

– Não pode esperar ver mais perfeição em Mrs. Weston do que eu vejo – disse Emma. – Quando diz que imaginou que ela tivesse *dezoito* anos, eu ouço com prazer. Mas *ela* pode discutir com o senhor por usar tais palavras. Não a deixe saber que a chamou de jovem e bonita mulher.

– Espero aprender mais coisas com o tempo – ele replicou – mas, pode

contar com isso (fez uma reverência galante), que ao me dirigir a Mrs. Weston eu sei a quem devo elogiar sem o perigo de ser extravagante nas palavras.

Emma se perguntava se a mesma suspeita que tomava conta da mente dela, sobre o que deveria acontecer quando se conhecessem, alguma vez passara pela mente dele. E também se os cumprimentos que ele lhe dirigia deviam ser aceitos como sinais de concordância ou provas de desafio. Desejava conhecê-lo melhor para entender suas maneiras; até o momento só sabia que eram agradáveis.

Ela não tinha dúvida alguma sobre o que Mr. Weston estava pensando a respeito do assunto. Observara que ele os olhava de relance repetidas vezes, com ar bastante satisfeito. E mesmo quando se determinava a não olhar, ela sabia que estava escutando.

A ausência de qualquer pensamento dessa ordem por parte de seu pai, sua total deficiência para todo tipo de percepção ou suspeita, era uma circunstância bastante favorável. Felizmente ele estava tão longe de aprovar o matrimônio quanto de prevê-lo. Apesar de sempre objetar a qualquer casamento que era arranjado, nunca sofria antecipadamente pela possibilidade de nenhum. Parecia que nunca conseguia pensar tão mal da capacidade mental de duas pessoas a ponto de imaginar que pretendessem se casar, até que o fato fosse comprovado. Ela bendizia essa favorável cegueira. Mr. Woodhouse podia assim, sem a desvantagem de uma única conjectura inquietante, sem prever qualquer possível deslealdade por parte do seu hóspede, dar vazão a toda sua natural amabilidade, com solícitas perguntas a respeito das acomodações de Mr. Frank Churchill durante a viagem, sobre o terrível mal de passar duas noites na estrada, e expressar sua genuína ansiedade por ele ter escapado de pegar um resfriado, do que, aliás, só se poderia ter certeza depois de passada mais uma noite.

Após o tempo apropriado para a visita Mr. Weston começou a levantar-se. “Ele devia ir. Tinha negócios a tratar na Crown sobre seu feno, e várias encomendas de Mrs. Weston para buscar na Ford’s, mas não queria apressar ninguém”.

Seu filho, bem educado demais para entender a insinuação, levantou-se imediatamente, dizendo:

– Como o senhor tem negócios a tratar, meu pai, aproveitarei a oportunidade para fazer uma visita que pode ser feita outro dia, mas também pode ser agora. Tenho a honra de conhecer uma vizinha dos senhores (virando-se para Emma), uma senhora que reside em Highbury ou perto dali, a família tem o nome de Fairfax. Não devo encontrar dificuldade, imagino, para achar a casa. Embora Fairfax não seja o nome exato dos parentes... eu acho que deve ser

Barnes ou Bates. A senhorita conhece uma família com esse nome?

– Certamente que conhecemos – exclamou seu pai. – Mrs. Bates, passamos pela casa dela, cheguei a ver Miss Bates na janela. Claro, claro, você conhece Miss Fairfax, me lembro que a conheceu em Weymouth, ela é uma moça excelente. Vá visitá-la, de qualquer maneira.

– Não há necessidade de ir hoje pela manhã – disse o jovem – outro dia servirá também. Mas houve um grau de conhecimento em Weymouth que...

– Oh! Vá hoje mesmo, vá hoje mesmo. Não adie a visita. Nunca é cedo demais para fazer o que deve ser feito. Além disso, Frank, vou lhe dar um conselho. Deve evitar cuidadosamente qualquer falta de atenção para com ela *aqui*. Você a conheceu com os Campbells, onde ela era igual a todas as outras pessoas, mas aqui ela vive com uma avó muito pobre, que mal tem como viver. Se não for visitá-la logo, pode parecer falta de consideração.

O filho pareceu convencido.

– Eu ouvi falar que se conheceram – disse Emma. – Ela é uma jovem muito elegante.

Ele concordou com um “sim” tão fraco que Emma estava inclinada a duvidar de sua real concordância. Além disso, devia haver um tipo muito diferente de elegância no mundo da alta sociedade, se Jane Fairfax podia ser considerada apenas comum neste aspecto.

– Se o senhor não se impressionou particularmente com as maneiras de Miss Fairfax – disse ela – creio que hoje isso acontecerá. Verá que ela está muito melhor, poderá vê-la e ouvi-la... Não, acho que não conseguirá ouvi-la, pois ela tem uma tia que não para de falar um só instante.

– O senhor conhece Miss Jane Fairfax, não é? – disse Mr. Woodhouse, sempre o último a entrar na conversa. – Então me permita assegurar-lhe que vai achá-la uma jovem muito agradável. Está aqui visitando a avó e a tia, pessoas muito boas. Eu as conheço durante a minha vida inteira. Elas ficarão extremamente felizes em vê-lo, tenho certeza. Um dos nossos criados pode acompanhá-lo, para mostrar-lhe o caminho.

– Meu caro senhor, por nada deste mundo. Meu pai poderá levar-me.

– Mas seu pai não está indo até lá, ele vai apenas até a Crown, quase do outro lado da rua. Além disso, existem várias casas grandes, o senhor pode se perder; e o caminho está enlameado, a não ser que o senhor se mantenha na trilha para pedestres. Meu cocheiro, porém, pode indicar-lhe o melhor lugar para atravessar a rua.

Mr. Frank Churchill ainda assim declinou, parecendo muito sério, e seu pai lhe deu cordial apoio dizendo:

– Meu bom amigo, isso não é necessário. Frank conhece uma poça de água quando a vê, e quanto a Mrs. Bates ele poderá ir da Crown até lá num pulo.

Mr. Woodhouse, por fim, permitiu que fossem sozinhos; com um cordial aceno de um e uma graciosa reverência do outro, os dois cavaleiros partiram. Emma ficou bastante feliz com este início de amizade, e podia agora pensar em todos eles em Randalls a qualquer hora do dia, com plena confiança na felicidade dos amigos.

CAPÍTULO VI

A manhã seguinte trouxe novamente Mr. Frank Churchill. Ele viera com Mrs. Weston, a quem parecia considerar com muita cordialidade, assim como a Highbury. Estivera sentado com a madrastra em casa, ao que parece, até que chegou a hora em que ela costumava fazer sua caminhada. Desejando escolher o caminho, Frank sugerira Highbury. “Ele não duvidava que houvesse vários caminhos interessantes, mas se fosse deixado à sua escolha, sempre iria escolher o mesmo. Highbury, essa arejada, aprazível e feliz Highbury, seria sua atração constante”. Highbury, onde Mrs. Weston sempre parava em Hartfield. Ela achava que o mesmo pensamento se passava na mente do enteado. Vieram então diretamente.

Emma não os esperava. Mr. Weston, que passara ali por alguns minutos, nada sabia dos planos deles: ficara apenas o suficiente para ouvir que o filho era muito bonito. Foi uma agradável surpresa para ela, portanto, vê-los chegar caminhando de braços dados. Ela desejava vê-lo de novo, especialmente na companhia de Mrs. Weston, pois sua opinião sobre o jovem dependia do comportamento dele para com a madrastra. Se fosse deficiente nesse aspecto, não poderia haver reparação, mas Emma ficou perfeitamente satisfeita ao vê-los juntos. O rapaz não cumpria com seu dever apenas com palavras bonitas ou elogios hiperbólicos. Suas maneiras para com Mrs. Weston não podiam ser mais apropriadas ou gentis – nada podia denotar mais agradavelmente seu desejo de tê-la como amiga e conquistar sua afeição. Emma teve tempo bastante para formar seu julgamento, pois a visita estendeu-se pelo resto da manhã. Estiveram caminhando todos juntos por uma ou duas horas, primeiro pelo bosque de Hartfield, depois por Highbury. Ele estava encantado com tudo, admirou Hartfield suficientemente para a alegria de Mr. Woodhouse, e quando se dispunham a ir mais longe confessou seu desejo de ficar amigo de todos na cidade, e achou muito mais assuntos dignos de comentários e de interesse do que Emma poderia supor.

Alguns dos seus objetos de interesse demonstravam os mais louváveis sentimentos. Pediu para ver a casa onde seu pai vivera por longo tempo, e desejava saber qual havia sido o lar de seu avô. Quando soube que uma velha senhora que havia sido sua ama ainda vivia, andou de uma ponta à outra da rua perguntando pela casinha dela; e apesar de não haver grande mérito em alguns pontos pelos quais demonstrou interesse, mostrava uma grande boa vontade em relação à Highbury de forma geral, o que impressionou muito bem as damas com quem estava.

Emma observava e decidiu que, à vista dos sentimentos que ele agora

demonstrava, não seria justo supor que ficara ausente dali por sua vontade. Resolveu que ele não estava representando um papel ou fazendo declarações falsas, e que Mr. Knightley com certeza não lhe fizera justiça.

A primeira parada deles foi na Hospedaria Crown, um prédio insignificante, apesar de ser o único do gênero, onde eram mantidos alguns pares de cavalos de aluguel, mais para a conveniência da vizinhança do que para algum trajeto mais longo na estrada. Suas companheiras não esperavam ser detidas por nada de mais interessante ali, mas ao passar contaram-lhe da grande sala que fora visivelmente adicionada ao prédio. Tinha sido construída há muitos anos para ser um salão de baile, e enquanto a população de Highbury era maior e mais adepta de danças, foi ocasionalmente usada como tal. Esses dias gloriosos, no entanto, há muito haviam terminado e agora o local abrigava um clube de uíste[1], do qual participavam os cavalheiros e os menos cavalheiros do lugar. Mr. Frank Churchill se interessou imediatamente. Sua qualidade de salão de baile prendeu-lhe a atenção e, ao invés de passar direto, ele parou durante alguns minutos para olhar pelas duas janelas decoradas que estavam abertas, imaginando sua capacidade e lamentando que não fosse mais usado para seu propósito original. Não viu defeitos no salão, e não concordou com os defeitos que elas sugeriram. Não, o salão era longo o bastante, largo o bastante, bonito o bastante. Comportaria o número certo de pessoas com conforto. Seria possível organizar bailes pelo menos uma vez a cada quinze dias, durante o inverno. Por que Miss Woodhouse não revivia os velhos bons tempos do lugar?... Ela podia fazer qualquer coisa em Highbury! Mencionou-se a falta de famílias adequadas em número suficiente na cidade, bem como a certeza de que as famílias das vizinhanças não se sentiriam motivadas a vir, mas ele não se contentou. Recusava-se a acreditar que, com tantas casas bonitas que vira na vizinhança, não houvesse pessoas em número bastante para um baile. E mesmo quando lhe deram os detalhes e descreveram as famílias, Mr. Frank Churchill não se dispunha a admitir a inconveniência dessa mistura, que isso poderia ser ruim, ou que houvesse a menor dificuldade em que todos retornassem para casa na manhã seguinte. Falava como um jovem bastante apreciador de danças. Emma ficou surpresa ao ver a personalidade dos Westons sobrepor-se aos hábitos dos Churchill. Ele parecia ter toda a vivacidade, o ânimo, os calorosos sentimentos e a disposição social de seu pai, e nada do orgulho e da reserva de Enscombe. Orgulho, de fato, ele tinha muito pouco. Sua indiferença à mistura de classes, beirava quase a deselegância. Não poderia julgar, todavia, o mal que não levava em conta. Esse entusiasmo não era senão a efusão de um espírito intenso.

Foi persuadido, afinal, a sair da frente da Crown, e como agora passavam pela casa das Bates, Emma lembrou-se da visita que ele pretendia fazer no dia anterior, e perguntou-lhe se de fato fora visitá-las.

– Ah, sim! Sim! – ele respondeu. – Eu ia justamente mencionar isso. Uma visita de grande sucesso, vi todas as três senhoras, e lhe agradeço muito por haver-me prevenido. Se a tia falante me tivesse pego de surpresa teria sido a morte para mim. Da forma como foi, estava preparado para fazer uma visita razoável. Dez minutos seria o suficiente, talvez até o mais apropriado, então disse a meu pai que provavelmente estaria em casa antes dele. Mas não havia pausa no assunto, e para meu espanto, quando meu pai (não me encontrando em lugar algum) foi buscar-me lá, descobri que havia passado ali quase três quartos de hora. A boa senhora não me deu oportunidade de escapar antes.

– E o que achou da aparência de Miss Fairfax?

– Doente, muito doente... isto é, se for permitido achar que uma jovem pode parecer doente. Mas é uma expressão pouco admissível, não acha Mrs. Weston? As damas nunca devem parecer doentes. Mas, falando sério, Miss Fairfax é naturalmente tão pálida que dá a impressão de má saúde. Um falta de cor na pele muito lamentável.

Emma não podia concordar com isso, e começou a defender calorosamente a cor de pele de Miss Fairfax. “A pele dela não era brilhante, com certeza, mas não se podia dizer que tivesse aspecto doentio; além disso, tinha uma suavidade e delicadeza que conferiam uma elegância peculiar ao seu feitio de rosto”. Ele escutou com a devida atenção. Admitiu que ouvira muitas pessoas dizerem o mesmo... Mas ainda assim devia confessar que, para ele, nada poderia substituir o colorido de uma pele saudável. Quando os traços eram comuns, um belo tom de pele conferia-lhes beleza. E se os traços fossem belos, o efeito era... felizmente ele não precisava tentar descrever esse efeito.

– Bem – disse Emma – gosto não se discute. Afinal, o senhor a admira em tudo, exceto no tom da pele.

Ele balançou a cabeça e riu.

– Não consigo separar Miss Fairfax de seu tom de pele.

– O senhor a viu muitas vezes em Weymouth? Frequentavam o mesmo grupo social?

Nesse momento aproximavam-se da Ford’s, e ele rapidamente exclamou:

– Ah! Essa deve ser a loja à qual todo o mundo vem todos os dias de suas vidas, segundo meu pai me informou. Ele mesmo vem a Highbury seis dias por semana, e sempre tem coisas a fazer na Ford’s. Se não for inconveniente para as senhoras, permitam-me entrar, assim sentirei que faço parte do lugar, que sou

um verdadeiro cidadão de Highbury. Preciso comprar algo na Ford's. Isso vai garantir a minha liberdade... Imagino que eles vendam luvas.

– Oh, sim! Luvas e tudo o mais. Admiro seu patriotismo, vai ser adorado em Highbury. O senhor já era bastante popular antes de vir, só por ser filho de Mr. Weston. Mas gaste apenas meio guinéu na Ford's e verá sua popularidade superar suas próprias virtudes.

Entraram na loja, e enquanto os macios e bem embrulhados pacotes de “Men's Beavers” e “York Tan” eram retirados das prateleiras e colocados no balcão, ele disse:

– Peço-lhe perdão, Miss Woodhouse, mas a senhorita estava dizendo alguma coisa bem no momento em que tive essa explosão de *amor patriae* [2]. Não me deixe perder o que ia dizer. Asseguro-lhe que nem a mais clamorosa fama pública me compensaria a perda dessa felicidade na minha vida privada.

– Apenas perguntei se o senhor chegou a conhecer bem Miss Fairfax e o grupo que ela frequentava, em Weymouth.

– Agora que sei o que perguntou, digo que essa questão é muito injusta. É sempre um direito da dama decidir o grau de amizade. Miss Fairfax já deve ter lhe feito seu relato. Não devo me comprometer dizendo mais do que ela desejaria revelar.

– Sob minha palavra! O senhor respondeu com mais discrição ainda do que ela. Mas o relato de Miss Fairfax sobre qualquer coisa sempre deixa muito a desejar; ela é tão reservada, tão relutante em dar qualquer informação sobre qualquer pessoa, que acho que o senhor pode dizer o que quiser a respeito de sua amizade com ela.

– Posso mesmo? Então vou falar a verdade, e nada me é mais conveniente. Eu a encontrava frequentemente em Weymouth. Conhecia os Campbells de vista, na cidade, mas em Weymouth ficamos no mesmo grupo. O coronel Campbell é um homem muito agradável e Mrs. Campbell é uma senhora muito bondosa e amável. Gosto muito de todos eles.

– O senhor conhece a situação de Miss Fairfax, eu suponho, e o que ela está destinada a ser.

– Sim... (um pouco hesitante) acredito que sim.

– Você está tocando em assuntos delicados, Emma – disse Mrs. Weston, sorrindo – lembre-se de que estou aqui. Mr. Frank Churchill mal sabe o que dizer quando você fala da situação de vida de Miss Fairfax. Vou me distanciar um pouco.

– É verdade, me esqueci de pensar *nela* – disse Emma – pois sempre considerei Mrs. Weston minha amiga, minha melhor amiga.

Mr. Frank pareceu compreender totalmente e admirar tal sentimento.

Quando já haviam comprado as luvas e deixado a loja, Frank Churchill disse:

– Você já viu a moça de quem falávamos tocando piano?

– Eu sempre a ouço – respondeu Emma. – O senhor se esquece do quanto ela pertence à *Highbury*. Eu a ouvi tocar durante cada ano de nossas vidas, desde que começamos. Ela toca de forma encantadora.

– Realmente acha isso, não é?... Queria a opinião de alguém que pudesse avaliar de fato. Eu acho que ela toca muito bem, com bastante gosto, mas não sou entendido no assunto. Adoro a música, embora não tenha a menor habilidade para tocar nem o direito de julgar o talento de ninguém. Acostumei-me a ver que a elogiavam, e lembro-me de uma prova do quanto ela tocava bem. Um homem, com muito gosto por música, e apaixonado por outra pessoa... noivo desta outra, prestes a casar-se... nunca pedia que a própria noiva se sentasse ao piano, se a dama em questão pudesse fazê-lo. Parecia nunca gostar de ouvir a noiva quando podia ouvir a outra. Acho que isso é uma prova, vinda de um homem de conhecido talento musical.

– É uma prova, de fato! – disse Emma, achando muito engraçado. – Mr. Dixon é muito musical, então? Conseguimos saber mais sobre todos eles em meia hora, pelo senhor, do que Miss Fairfax dignou-se a nos dizer em meio ano.

– Sim, essas pessoas eram Mr. Dixon e Miss Campbell. E penso que é uma prova muito importante.

– Com certeza... muito importante. Para dizer a verdade, mesmo sendo uma prova importante, se *eu* fosse Miss Campbell, isso não seria agradável para mim. Não poderia admitir que um homem gostasse mais da música do que do amor... desse mais importância aos ouvidos do que aos olhos... tivesse uma sensibilidade mais aguçada para os belos sons do que para os meus sentimentos. E Miss Campbell parecia gostar disso?

– Elas eram grandes amigas, a senhorita sabe.

– Grande consolo! – disse Emma, rindo. – É melhor ver uma estranha preferida a nossa melhor amiga... uma estranha podemos deixar de encontrar, mas é terrível ter ao lado uma amiga íntima que faz tudo melhor do que nós fazemos.. Pobre Mrs. Dixon! Bem, estou feliz que ela tenha ido morar na Irlanda.

– A senhorita tem razão. Não era muito lisonjeiro para Miss Campbell, mas ela realmente parecia não sentir assim.

– Tanto melhor... ou tanto pior. Não sei qual dos dois. Mas fosse isso doçura de temperamento ou estupidez, força da amizade ou lentidão de raciocínio... havia uma pessoa que devia ter se importado com isso: a própria Miss Fairfax. Ela deve ter sentido a impropriedade e o perigo dessa distinção.

– Quanto a isso, eu não...

– Oh! Não pense que espero um relato dos sentimentos de Miss Fairfax, do senhor ou de qualquer outra pessoa. Eles não são conhecidos por nenhum ser humano, a não ser ela mesma. Mas se ela continuava a tocar toda vez que Mr. Dixon pedia, pode-se adivinhar o que cada um escolhe.

– Eles pareciam todos se dar perfeitamente bem – ele começou, rápido. Pensou um pouco, porém, e acrescentou – se bem que é impossível dizer em que termos eles realmente estavam... Como as coisas deviam ser além das aparências. Apenas posso dizer que eles aparentavam estar em harmonia. Mas a senhorita, que conhece Miss Fairfax desde criança, pode julgar melhor do que eu o seu caráter e a sua conduta em situações críticas.

– Conheço-a desde criança, sem dúvida. Fomos crianças e nos tornamos adultas ao mesmo tempo. É natural supor que devíamos ser íntimas, que fizéssemos confidências uma à outra sempre que ela visitava os amigos. Mas nunca foi assim. Mal posso saber como isso aconteceu. Talvez por alguma fraqueza minha que me levou a sentir aversão por uma menina tão idolatrada e louvada como ela sempre foi, pela tia e pela avó, e todos os seus amigos. E depois, ela é muito reservada... Nunca pude me afeiçoar a alguém que fosse tão reservado.

– É uma qualidade que afasta as pessoas, de fato – disse ele. – Às vezes é bastante conveniente, sem dúvida, mas nunca é agradável. Há segurança na reserva, mas não atração. Não se pode amar uma pessoa reservada.

– Não até que a reserva deixe de existir em relação a uma determinada pessoa; então a atração pode vir a ser maior do que nunca. Mas eu teria que estar muito necessitada de uma amiga, ou de uma companhia agradável, para me dar ao trabalho de acabar com a reserva de alguém a fim de conquistar sua amizade. Intimidade entre Miss Fairfax e eu está fora de questão. Não tenho motivos para pensar mal dela, de modo algum, exceto por sua extrema e perpétua cautela no falar e no agir; esse medo de dar uma ideia clara a respeito de qualquer pessoa, que passa a suspeita de que ela tem algo a esconder.

Ele concordava inteiramente com ela. Depois de caminharem juntos

por longo tempo, e pensarem de forma semelhante, Emma sentia-se tão próxima dele que mal podia acreditar que era apenas o segundo encontro entre os dois. Frank Churchill não era exatamente o que ela esperava: muitas de suas ideias não eram as de um homem do mundo e também não era uma criança rica e mimada, o que vinha a ser melhor do que ela esperava. Suas ideias pareciam mais moderadas e seus sentimentos mais intensos do que pensara. Ela ficou particularmente impressionada por sua maneira de considerar a casa de Mr. Elton, que, assim como a igreja, ele quis visitar. Não concordou com elas, que viam muitos defeitos na casa. Não, a casa não era assim tão má, pelo menos não era uma casa que nos fizesse ter pena de quem morasse nela. Se fosse para dividir com a mulher amada, não se poderia ter pena do homem que morasse ali. Devia haver peças amplas que propiciassem conforto. O homem que desejasse mais devia ser um estúpido.

Mrs. Weston riu e disse que ele não sabia do que estava falando. Acostumado com uma casa grande, e sem pensar em quantas vantagens e confortos estavam relacionados ao seu tamanho, Mr. Frank Churchill não podia julgar as privações que uma casa pequena trazia. Mas Emma, em sua mente, estava certa de que ele *sabia* do que estava falando, e que mostrava uma agradável inclinação para estabelecer-se cedo na vida, e casar-se por motivos dignos. Ele podia não estar a par dos problemas causados pela falta de um quarto para a governanta, ou uma copa inadequada, mas não havia dúvida de que ele pensava que Enscombe não podia torná-lo feliz. E que quando se apaixonasse, desistiria voluntariamente de muito de sua riqueza para ter seu próprio lar.

[1] Jogo de cartas de origem inglesa, jogado por duas duplas, muito popular nos séculos XVIII e XIX. É considerado o ancestral do bridge.

[2] Expressão latina que significa amor pela pátria. Em latim no original.

CAPÍTULO VII

A excelente opinião de Emma sobre Frank Churchill foi um pouco abalada no dia seguinte, quando soube que ele fora a Londres apenas para cortar o cabelo. Durante o café da manhã ele pareceu tomado por súbita agitação. Mandou chamar a carruagem e partiu com a intenção de retornar para o jantar, ao que parece sem nenhum propósito mais importante do que cortar o cabelo. Certamente não havia mal algum em viajar vinte e cinco quilômetros de ida e outro tanto de volta para uma incumbência desse tipo, mas havia nessa atitude um tanto de presunção e tolice que Emma não podia aprovar. Não estava de acordo com a racionalidade, a moderação de gastos e mesmo a generosidade de coração que ela julgara ver nele no dia anterior. Vaidade, extravagância, amor pela novidade, impaciência, são coisas que podiam ser boas ou ruins. Negligência para com os sentimentos do pai e de Mrs. Weston, indiferença aos comentários que sua conduta podia despertar nas demais pessoas; ele tornou-se culpado de todos estes males. Seu pai o chamou apenas de dândi vaidoso, e achou a história muito boa. Mas ficou bastante claro que Mrs. Weston não havia gostado, pois encerrou logo o assunto dizendo que “todos os jovens tem seus pequenos caprichos”.

Com exceção dessa pequena mancha, Emma achou que a visita dele, até o momento, despertara apenas boas impressões em sua amiga. Mrs. Weston estava sempre disposta a declarar como ele era um companheiro atencioso e amável, e o quanto apreciava sua disposição para tudo. O jovem parecia ter um temperamento bastante franco, com certeza era muito alegre e vivaz. Emma não observou nada errado em suas ideias, que eram muito ajuizadas. Falou do tio com cálida afeição e adorava falar nele – disse que o tio seria o melhor homem do mundo se o deixassem à vontade. Embora não fosse apegado à tia, reconheceu sua bondade e mostrou-se grato, e falava dela sempre com grande respeito. Isso tudo era muito promissor, e exceto pela inoportuna vaidade de cortar o cabelo em Londres, não havia nada que o tornasse indigno da distinguida honra que a imaginação de Emma lhe havia conferido. A honra, se não de amá-la, mas de estar bem próximo disso, salvo apenas pela própria indiferença de Emma (ela ainda mantinha a decisão de não se casar). A honra, em suma, de ser destinado a ela pelos laços entre as duas famílias.

Mr. Weston, por sua vez, acrescentou a virtude de uma revelação que devia ter algum peso. Ele deu a entender para Emma que Frank tinha extrema admiração por ela, achava-a muito bonita e bastante encantadora. E com tantas coisas boas para se dizer sobre ele, ela achou que não devia julgá-lo com muita severidade. Como Mrs. Weston observou “todos os jovens tem seus pequenos

caprichos”.

Havia uma pessoa, entre os novos conhecidos de Frank Churchill em Surry, que não estava disposto a considerá-lo com tanta brandura. De forma geral, ele era julgado com muita boa vontade nas paróquias de Donwell e Highbury, onde todos faziam concessões liberais aos pequenos excessos de um jovem tão bonito – ninguém sorria com tanta frequência ou fazia reverências tão graciosas como ele. Mas havia um espírito entre eles cujo poder de censura não podia ser aplacado por sorrisos ou reverências: Mr. Knightley. Ele soube do fato em Hartfield e, por um momento, ficou em silêncio. Mas Emma ouviu-o dizer a si mesmo, logo após, sobre um jornal que segurava nas mãos:

– Hum! É bem o rapaz bobo e frívolo que pensei que fosse.

Emma tinha motivos para se ressentir, mas após uma breve observação convenceu-se que ele dissera aquilo apenas para aplacar os próprios sentimentos, e não para provocá-la. Então, deixou passar.

Apesar de não serem portadores de boas notícias, a visita de Mr. e Mrs. Weston nesta manhã revelou-se particularmente oportuna em outro aspecto. Algo ocorreu enquanto estavam em Hartfield, que fez com que Emma procurasse seu conselho. E, o que era ainda melhor, o conselho que ela desejava ouvir foi exatamente o que eles lhe deram.

O que ocorreu foi o seguinte: Os Coles estavam estabelecidos em Highbury há vários anos, e eram pessoas muito boas – amigáveis, liberais e despreziosas. Por outro lado, eram de origem inferior, do comércio, e apenas moderadamente educados. Logo que chegaram à região viviam de acordo com a sua renda, modestamente, recebendo poucas pessoas, e mesmo assim com poucas despesas; nos últimos dois anos, porém, sua renda cresceu muito, o estabelecimento que tinham na cidade dera bastante lucro, e a fortuna lhes sorriu de forma geral. Com sua riqueza, os horizontes dos Coles se ampliaram, desejavam uma casa melhor e receber mais pessoas. Aumentaram a casa, o número de criados, e as despesas de todo tipo; por essa época já tinham se tornado, na fortuna e estilo de vida, a segunda família mais importante do lugar, abaixo apenas de Hartfield. Seu amor pela sociedade, e sua nova sala de jantar, estavam preparados para receber convidados; já haviam realizado algumas reuniões, principalmente de homens solteiros. Emma dificilmente poderia supor que eles se atrevessem a convidar as melhores famílias: nem Donwell, nem Hartfield, nem Randalls. Nada faria com que *ela* fosse, mesmo que os outros aceitassem. Apenas lamentava que os conhecidos hábitos do pai tornassem sua recusa menos significativa do que ela desejava. Os Coles eram muito respeitáveis à sua maneira, mas deviam aprender que não lhes competia

estabelecer os termos nos quais as melhores famílias passariam a visitá-los. Temia que eles deveriam receber essa lição somente dela, tinha pouca esperança em Mr. Knightley e nenhuma em Mr. Weston.

Ela havia se preparado para esta circunstância com tantas semanas de antecedência, que quando o insulto finalmente aconteceu afetou-a de forma diferente do que esperava. As famílias de Donwell e de Randalls receberam seus convites, mas nenhum foi enviado para ela ou o pai. As palavras ditas por Mrs. Weston “Imaginei que eles não tomariam a liberdade de convidá-los. Sabem que vocês não costumam jantar fora”. não foram suficientes para acalmá-la. Emma achava que devia ter o direito de recusar. Além disso, o encontro a ser realizado contava exatamente com as pessoas mais queridas para ela, e não sabia se não seria tentada a aceitar, caso viesse a receber um convite. Harriet estaria lá, assim como as Bates. Havia conversado sobre isso enquanto passeavam por Highbury no dia anterior, e Frank Churchill lamentou profundamente a ausência dela. Pergantara mesmo se “a noite não vai terminar com um baile?” A mera possibilidade de isso acontecer a irritava profundamente, e era um pobre consolo ficar solitária em sua grandeza, mesmo que a omissão pretendesse ser um cumprimento.

Foi a chegada do próprio convite, no momento em que os Westons estavam em Hartfield, que tornou a presença deles tão oportuna. Embora a primeira coisa que Emma notou ao lê-lo fosse a observação ao final “é evidente que pode ser declinado”, ela começou logo a perguntar-lhes o que devia fazer, e o conselho deles para que aceitasse foi muito bem recebido.

Emma merecia isso; considerando-se tudo, ela não deixava de sentir vontade de ir à festa. Os Coles haviam se expressado de forma tão apropriada – havia verdadeira atenção nos termos do convite – e com bastante consideração por seu pai. “Eles teriam solicitado a honra com mais antecedência, mas estavam aguardando a chegada de um biombo vindo de Londres que, esperavam, poderia manter Mr. Woodhouse abrigado de qualquer corrente de ar, e assim induzi-lo com mais facilidade a dar-lhes a honra de sua companhia”. Emma logo se deixou persuadir. E os três rapidamente acertaram entre si o que deveria ser feito para que o conforto do idoso cavalheiro não fosse negligenciado – certamente podia-se contar com Mrs. Goddard, senão com Mrs. Bates, para fazer-lhe companhia. Deveriam conseguir a anuência de Mr. Woodhouse para que sua filha saísse para jantar fora e passasse a noite toda longe dele. Quanto à ida *dele*, Emma não queria que ele a julgasse possível, pois a festa terminaria tarde demais e haveria muita gente. Ele logo se conformou.

– Nunca gostei de jantares – disse ele – jamais gostei. Emma também não. Nós não gostamos de horas tardias. Sinto que Mr. e Mrs. Cole tenham

organizado dessa forma. Acho que seria bem melhor se eles viessem aqui em uma tarde do próximo verão para tomar chá conosco, ou para um passeio à tarde – o que eles por certo poderiam fazer, pois nossos horários são bem razoáveis – e podem voltar para sua casa antes que caia o orvalho da noite. Eu não exporia ninguém ao orvalho de uma noite de verão. No entanto, se querem tanto que a querida Emma vá jantar com eles, e como vocês dois irão, e Mr. Knightley também, para cuidar dela, não desejo impedir isso, desde que o tempo esteja bom, sem umidade, sem frio e sem vento. – Voltando-se, então, para Mrs. Weston, com um leve ar de censura – Ah, Miss Taylor! Se a senhora não tivesse se casado poderia ficar em casa comigo!

– Bem, senhor – exclamou Mr. Weston – como fui eu que levei Miss Taylor embora, é minha incumbência arranjar-lhe uma substituta, se puder. Vou pedir a Mrs. Goddard no momento, se não se opõe.

Mas a ideia de fazer qualquer coisa *no momento* aumentava a ansiedade de Mr. Woodhouse, ao invés de diminuí-la. As senhoras sabiam melhor como lidar com isso. Bastava Mr. Weston se calar que tudo se arranjaria.

Com as atenções das duas logo Mr. Woodhouse acalmou-se o suficiente para falar da forma usual. “Ficaria feliz de ver Mrs. Goddard. Gostava muito de Mrs. Goddard, e Emma devia escrever uma carta convidando-a. James poderia levar o bilhete. Mas antes de tudo deviam escrever a resposta para Mrs. Cole”.

– Você deverá pedir desculpas em meu nome, minha querida, com a maior gentileza possível. Pode dizer-lhes que estou quase inválido, que não vou a lugar algum, por isso me vejo obrigado a declinar do seu amável convite. Comece com os meus *cumprimentos*, é claro. Mas tenho certeza que fará tudo certo, não preciso dizer-lhe o que escrever. Não podemos esquecer-nos de avisar a James que a carruagem deverá estar à disposição na terça-feira. Não tenho medo algum sabendo que ele a levará. Nunca estivemos lá, desde que foi aberta a nova estrada, mas ainda assim não tenho dúvidas que James a levará com toda a segurança. E quando chegar lá deverá avisá-lo a que horas poderá retornar para buscá-la. É bom que venha cedo, pois eu sei que não gosta de voltar tarde. Você já estará muito cansada depois que servirem o chá.

– Mas o senhor não gostaria que eu voltasse antes de ficar cansada, não é, papai?

– Ah, não, meu amor. Mas logo estará cansada. Haverá muitas pessoas falando ao mesmo tempo, e sei que você não gosta de barulho.

– Mas, meu caro senhor – exclamou Mr. Weston – se Emma sair cedo vai estragar a festa.

– Será até bom que isso aconteça, quanto mais cedo acaba uma festa, melhor.

– Mas o senhor não está considerando como isso vai afetar os Coles. Se Emma sair logo após o chá pode parecer ofensa. São pessoas muito bondosas, e pensam pouco de seus próprios direitos, mas ainda assim irão sentir que não é muito lisonjeiro que as pessoas saiam apressadamente da festa. E sentirão mais se Miss Woodhouse fizer isso do que qualquer outra pessoa presente. O senhor com certeza não deseja desapontar e ofender os Coles. Eles são tão amigáveis, as melhores pessoas do mundo, e são seus vizinhos há *dez* anos.

– Não, por nada no mundo, Mr. Weston, sou-lhe muito agradecido por me lembrar disso. Eu ficaria extremamente aflito se causasse algum aborrecimento aos Coles. Sei o quanto são dignos. Perry disse-me que Mr. Cole nunca bebe nenhuma bebida alcoólica de malte. Não se pode adivinhar só de olhá-lo, mas ele é bilioso. Mr. Cole é muito bilioso. Não, eu jamais desejaria lhe causar qualquer mal estar. Minha querida Emma, devemos considerar isso. Tenho certeza que você preferirá ficar na festa um pouco mais do que gostaria do que correr o risco de magoar os Coles. Você não vai se importar se ficar cansada, estará perfeitamente segura entre os amigos, você sabe.

– Oh, sim, papai. Não tenho medo nenhum por mim mesma, e não me importaria de ficar até mais tarde com Mrs. Weston, a não ser por sua causa, papai. Só tenho medo que o senhor fique sentado me esperando. Tenho certeza que vai ficar muito confortável com Mrs. Goddard. Ela adora *piquet*^[1], o senhor sabe, mas quando ela for embora temo que o senhor fique sentado sozinho, ao invés de ir para a cama no seu horário normal – e a ideia de que isso possa acontecer destruiria minha tranquilidade por completo. O senhor deve me prometer que não ficará acordado.

Ele prometeu, em troca de algumas promessas da parte da filha. Tais como: se ela chegasse com frio, deveria se aquecer completamente; se estivesse com fome, teria que comer alguma coisa; que a criada particular dela a esperasse acordada; e que Serle e o mordomo deviam verificar se tudo estava seguro na casa, como sempre.

[1] Jogo de cartas para dois jogadores, de origem francesa. Conhecido desde o século XVI, era muito popular em toda a Europa. Em francês no original.

CAPÍTULO VIII

Mr. Frank Churchill voltou finalmente. Se o pai atrasou o jantar para esperá-lo ninguém ficou sabendo em Hartfield, pois Mrs. Weston desejava que ele caísse nas graças de Mr. Woodhouse, e não mencionava nenhum defeito dele que pudesse ser escondido.

Ele voltou com o cabelo devidamente cortado, e riu de si mesmo com muita desenvoltura, não parecendo de fato envergonhado pelo que havia feito. Não tinha motivos para manter o cabelo longo, nem para evitar alguma confusão, se houvesse; também não tinha razão nenhuma para economizar dinheiro, se isso melhorasse sua disposição. Estava tão destemido e animado como sempre, e quando o viu Emma deu uma lição de moral a si mesma:

“Não sei se é assim ou não, mas com certeza as coisas bobas deixam de ser bobas quando são feitas por pessoas sensíveis de forma destemida. A maldade é sempre maldade, mas a tolice nem sempre é tolice. Depende do caráter de quem a pratica. Mr. Knightley, ele *não* é um rapaz tolo e frívolo. Se fosse, teria feito isso de outra forma. Teria se vangloriado do fato, ou se mostraria envergonhado. Seria a ostentação de um vaidoso, ou a evasão de uma mente fraca demais para sustentar sua própria vaidade. Não, tenho certeza absoluta que ele não é bobo nem frívolo”.

Com a terça-feira chegou para Emma a agradável possibilidade de vê-lo novamente, e desta vez por um tempo mais longo que antes. Esperava poder julgar melhor suas maneiras de forma geral, e em especial as maneiras dele para com ela. Poderia também imaginar quanto tempo levaria para dissipar a frieza dele, e observar as reações das outras pessoas em relação aos dois, já que era a primeira vez que os veriam juntos.

Ela desejava divertir-se bastante, apesar do cenário não ser muito bonito na casa de Mr. Cole. Também não era capaz de esquecer que, entre as falhas de Mr. Elton mesmo nos seus dias favoráveis, nada a incomodava mais do que sua propensão a jantar com os Coles.

O conforto de seu pai estava amplamente assegurado. Tanto Mrs. Bates, quanto Mrs. Goddard foram passar o serão com ele. A obrigação mais prazerosa de Emma, antes de sair de casa, foi cumprimentá-las respeitosamente, enquanto as duas damas sentavam-se juntas após o jantar. O pai, encantado, elogiava a beleza do seu vestido, enquanto Emma fazia todas as recomendações ao seu alcance, ajudando-as a servir-se de grandes pedaços de bolo e a encher os copos de vinho. Estas recusavam contra a vontade, pois precisavam cuidar-se depois do que haviam comido ao jantar. Emma providenciara um jantar completo, queria

ter certeza de oferecer-lhes uma boa refeição.

Ao chegar à porta de Mr. Cole viu uma carruagem à sua frente, e ficou contente ao ver que se tratava da carruagem de Mr. Knightley. Uma vez que ele não possuía cavalos, gastava menos dinheiro, além de aumentar sua saúde, atividade e independência. Estava bastante apto, na opinião de Emma, a caminhar para onde quisesse, e não usava sua carruagem tanto quanto se esperaria do proprietário de Donwell Abbey. Ela tinha agora uma oportunidade de manifestar sua aprovação e seu carinho, pois ele estendera a mão para ajudá-la a descer.

– O senhor sempre deveria chegar assim, como um cavalheiro – disse ela. – Estou muito feliz em vê-lo.

Ele lhe agradeceu, observando:

– Que sorte chegarmos juntos! Pois se nos encontrássemos na sala de estar duvido que tivesse me considerado mais cavalheiro do que o normal. Não saberia, pela minha aparência ou modos, como vim para cá.

– Saberá sim, claro que saberá. Há sempre um ar de consciência ou de agitação quando uma pessoa chega de um jeito que todos sabem ser superior a eles. O senhor pensa que disfarça muito bem, mas ousou dizer que com o senhor se trata de um tipo de bravata, um ar de delicioso pouco caso que sempre observei quando o encontro nessas circunstâncias. *Agora* o senhor não tem mais o que provar. Não teme que possam achar que se sente envergonhado. Não precisa lutar para parecer maior do que os outros. *Agora* me sinto realmente contente de entrar com o senhor na mesma sala.

– Menina absurda! – foi a resposta dele, mas não estava zangado.

Emma tinha razão para estar tão satisfeita com os demais convidados como estava com Mr. Knightley. Foi recebida com um cordial respeito e todas as honras que poderia desejar, o que só podia agradá-la. Quando os Weston chegaram, os olhares mais cálidos, a mais forte admiração foram todos para ela, vindos tanto do marido quanto da esposa. O filho aproximou-se com entusiasmada alegria, o bastante para indicar que ela era a razão das suas atenções. Frank sentou-se ao seu lado durante o jantar, o que deve ter lhe custado algum esforço, como ela acreditava firmemente.

O grupo era bastante grande, pois incluía outra família – uma correta e irrepreensível família residente no campo, de quem os Coles tinham a honra de serem amigos – e a parte masculina da família de Mr. Cox, o advogado de Highbury. As senhoras menos importantes iriam chegar para o serão, entre elas Miss Bates, Miss Fairfax e Miss Smith. Durante o jantar, porém, já havia

convidados em número suficiente para evitar que qualquer assunto se tornasse geral. Enquanto falavam de política e de Mr. Elton, Emma pode dedicar sua total atenção ao agradável vizinho. O primeiro som mais distante que ela viu-se obrigada a ouvir foi o nome de Jane Fairfax. Mrs. Cole estava contando algo sobre ela que parecia muito interessante. Emma ouviu e achou que valia a pena prestar atenção, pois sua imaginação, parte mais querida do seu ser, recebia um divertido suprimento. Mrs. Cole dizia que fora visitar Miss Bates, e logo que entrou na sala ficou espantada de ver um piano – um instrumento muito elegante – não era um piano de cauda, mas do tipo quadrado e bastante grande. A essência da narrativa – o fim de toda conversa que começara com a surpresa, as perguntas, os parabéns da parte dela e a explicação de Miss Bates – era que o piano havia chegado da Broadwood's no dia anterior. Fora um grande choque para a tia e a sobrinha, algo totalmente inesperado. A princípio, segundo Miss Bates contara, a própria Jane ficara perdida, pensando em quem poderia tê-lo mandado, mas agora estavam perfeitamente satisfeitas em pensar que só poderia vir de um lugar – é claro que fora o coronel Campbell quem o enviara.

– Não há outra hipótese – acrescentou Mrs. Cole – e fiquei surpresa de que houvesse alguma dúvida a respeito. Mas parece que Jane recebeu uma carta deles recentemente, e não havia uma palavra sobre isso. Ela os conhece melhor do que eu, mas não acho que seu silêncio seja razão para que não mandassem o presente: talvez quisessem surpreendê-la.

Havia muitas pessoas dispostas a concordar com Mrs. Cole. Todos que comentaram o assunto disseram que devia ter sido mesmo enviado pelo coronel Campbell, e ficaram igualmente felizes por ela ter recebido tal presente. Como havia várias pessoas falando sobre o assunto, Emma pode dar asas à imaginação, enquanto ouvia Mrs. Cole.

– Confesso que não sei quando foi a última vez que ouvi uma notícia que me desse mais satisfação! Sempre lamentei que Jane não tivesse um piano... ela toca tão bem! Parece-me até vergonhoso, quando penso na quantidade de casas onde existem belos instrumentos totalmente desprezados. É um tapa de luvas, com toda certeza! E pensar que ontem mesmo eu estava dizendo a Mr. Cole o quanto fico envergonhada de olhar para o nosso novo piano de cauda, que está na sala de visitas, enquanto eu mesma não distingo uma nota de outra, e as nossas meninas recém começaram a aprender, talvez nem venham a tocar. E a pobre Jane, que é mestra em matéria de música, não tem nada que se pareça com um piano, nem mesmo a mais velha e lamentável das espinetas^[1] do mundo para se distrair. Eu estava dizendo isso a Mr. Cole ontem, e ele concordou totalmente comigo; o fato é que meu marido adora tanto a música que não pode resistir à compra do piano, na esperança de que algum dos nossos bons vizinhos seja amável o suficiente para fazer melhor uso dele do que nós. E foi para isso

mesmo que o compramos, do contrário ficaríamos envergonhados. Temos esperança de que Miss Woodhouse seja persuadida a experimentá-lo esta noite.

Miss Woodhouse concordou da forma apropriada, e vendo que nada mais poderia ser extraído da comunicação de Mrs. Cole, voltou sua atenção para Frank Churchill.

– Por que o senhor está sorrindo? – disse ela.

– Por nada. E a senhorita?

– Eu?... Suponho que seja pela satisfação de ver que o coronel Campbell é tão rico e tão generoso... O presente é muito bonito.

– Muito, de fato.

– Eu me pergunto por que não fizeram isso antes.

– Talvez porque Miss Fairfax nunca tenha ficado ausente por tanto tempo antes.

– Ou porque ele não permite que ela use seu próprio piano... que agora deve estar na casa deles em Londres, sem ser tocado por ninguém.

– O piano deles é de cauda, ele deve achá-lo grande demais para a casa de Miss Bates.

– O senhor *diz* o que é apropriado, mas o seu semblante indica que seus *pensamentos* a respeito do assunto devem ser parecidos com os meus.

– Não saberia dizer. Prefiro acreditar que a senhorita está concedendo mais crédito à minha perspicácia do que eu mereço. Estou sorrindo porque a senhorita sorri, e pode ser que esteja suspeitando do que a senhorita suspeita; mas no momento não vejo nada para questionar. Se o presente não é do coronel, de quem poderia ser?

– O que acha de Mrs. Dixon?

– Mrs. Dixon, de fato. Não havia pensado em Mrs. Dixon. Ela deve saber, assim como o pai, o quanto esse piano seria apreciado. E talvez a maneira como foi presenteado, a surpresa, o mistério, seja mais própria de uma mulher jovem do que de um homem mais velho. Com certeza deve ser de Mrs. Dixon. Eu lhe disse que a sua suspeita iria guiar a minha.

– Se assim for, o senhor deve estender as suas suspeitas de modo a incluir Mr. Dixon.

– Mr. Dixon. É claro... Bem, estou percebendo que deve ter sido um

presente conjunto de Mr. e Mrs. Dixon. Estávamos falando no outro dia, acho que a senhorita se lembra, do quanto Mr. Dixon admira as execuções musicais de Miss Fairfax.

– Sim, e o que o senhor me contou a respeito veio confirmar uma ideia que já tinha me ocorrido... Não pretendo duvidar das boas intenções, nem de Mr. Dixon nem de Miss Fairfax, mas não consigo deixar de pensar que ele pode ter tido a infelicidade de se apaixonar por *ela*, após ter pedido a amiga em casamento. Ou talvez tenha percebido certo sentimento da parte de Miss Fairfax. Podemos pensar em mil coisas, sem saber o que houve de fato. Mas imagino que tenha sido uma decisão difícil para ela vir a Highbury, ao invés de ir para a Irlanda com os Campbells. Aqui ela vai viver uma vida de pena e privação, lá tudo seria alegria. Quanto ao motivo de sua vinda, para recuperar-se com o ar de sua terra natal, acho que foi uma mera desculpa. No verão até seria aceitável, mas que bem o ar desta terra natal poderia fazer nos meses de inverno? Boas lareiras e carruagens fechadas podem fazer muito mais pela maioria das pessoas que tem saúde delicada, especialmente no caso dela, devo dizer. Não acho necessário que o senhor compartilhe de todas as minhas suspeitas, apesar de ter feito a nobre promessa de segui-las, mas lhe contei honestamente o que sinto.

– Dou-lhe minha palavra que suas suspeitas tem grande probabilidade de se revelarem verdadeiras. A preferência de Mr. Dixon pela música de Miss Fairfax, ao invés de preferir a da noiva, acho que é muito sugestivo.

– Além disso, ele salvou a vida dela. Ouvia falar disso? – Era uma festa num barco, ao que parece, e por um acidente qualquer ela estava quase caindo na água quando ele a salvou.

– Ele salvou, sim. Eu estava lá, fazia parte do grupo.

– Estava realmente? Bem!... Então não deve ter visto muita coisa, pois essa ideia parece ser nova para o senhor... Se eu estivesse lá tenho certeza de que teria feito algumas descobertas.

– Imagino que faria, sim. Mas eu, simplesmente, não vi nada além do fato: que Miss Fairfax estava a ponto de ser arremessada do barco quando Mr. Dixon segurou-a... Foi coisa de um momento. E apesar de que o conseqüente choque e alarme foram muito grandes e duraram bem mais tempo... na verdade acho que se passou meia hora antes que qualquer um de nós se sentisse tranquilo outra vez... bem, ainda assim a sensação de alarma foi tão geral que não deu para observar nada de peculiar. Não quero dizer, no entanto, que a senhorita não teria feito descobertas.

Neste ponto a conversação foi interrompida. Os dois tiveram que

participar daquele estranho intervalo que acontece entre dois pratos, e obrigados a agir de modo tão formal e ordeiro quanto os outros. Mas quando a mesa foi novamente coberta com a toalha, cada travessa disposta na forma correta, e todos voltaram a se ocupar com a comida, Emma disse:

– A chegada desse piano foi decisiva, no meu entender. Eu pretendia saber um pouco mais, e esse fato veio dizer-me quase tudo. Pode contar que logo vamos ouvir que foi um presente de Mr. e Mrs. Dixon.

– E se os Dixons negarem saber qualquer coisa sobre o assunto devemos concluir que veio dos Campbells.

– Não, tenho certeza que não foi mandado pelos Campbells. Miss Fairfax sabe disso, senão ela teria adivinhado logo. É evidente que não ficaria confusa se tivesse pensado neles. Posso não ter conseguido convencê-lo, mas eu mesma estou perfeitamente convencida que Mr. Dixon é o personagem principal nessa história.

– A senhorita na verdade me ofende, ao supor que não estou convencido. Suas razões levaram meu julgamento consigo inteiramente. A princípio, quando imaginei que estivesse satisfeita em considerar o coronel Campbell como o responsável pelo presente, eu o vi apenas como bondade paternal, e achei a coisa mais natural do mundo. Mas quando mencionou Mrs. Dixon achei muito mais provável que fosse o tributo de uma amizade feminina. E agora só posso considerar o presente à luz de uma oferenda de amor.

Não houve mais oportunidade para que continuassem a discutir o assunto. Ele parecia estar convencido, pelo menos tinha o ar de quem acreditava nisso. Ela não disse mais nada e passaram a tratar de outros assuntos. O resto do jantar transcorreu normalmente, a sobremesa foi servida, as crianças vieram à sala e foram objeto de comentários e admiração no meio da conversação geral. Foram ditas algumas poucas coisas inteligentes, outras completamente tolas, mas a maior parte da conversa não se constituía nem de uma coisa nem de outra, nada pior do que os comentários comuns, repetições aborrecidas, velhas novidades e anedotas pesadas.

As senhoras não se encontravam há muito tempo na sala de estar, quando as outras damas chegaram, cada uma com seu grupo. Emma observou a entrada da sua querida amiguinha e, se não exultou com sua dignidade e graça, não pode deixar de admirar sua meiguice juvenil e modos ingênuos, assim como pode regozijar-se do fundo do coração com a luminosidade, a alegria e o temperamento sereno de Harriet, que lhe permitiam ter algum alívio em meio aos sofrimentos de uma decepção amorosa. Ali estava ela sentada... e quem poderia adivinhar quantas lágrimas havia derramado ultimamente? Para a

felicidade de Harriet naquele momento bastava estar na companhia de amigos, muito bem vestida e vendo outras pessoas elegantes também, sentar-se, sorrir, parecer bonita e não dizer nada. Jane Fairfax olhava e andava de modo superior, mas Emma imaginava que ela ficaria contente de trocar confidências com Harriet, muito feliz de ter se permitido a mortificação de haver amado – sim, ela também amara Mr. Elton em vão – para submeter-se ao perigoso prazer de saber-se amada pelo marido da amiga.

Em uma festa com tantas pessoas não havia necessidade de Emma aproximar-se de Jane Fairfax. Ela não desejava falar do piano, imaginava saber demais sobre o segredo para achar justo manter uma aparência de curiosidade ou interesse, por isso guardou distância da jovem. As demais pessoas, no entanto, entraram quase imediatamente no assunto, e ela viu o rubor da consciência pesada com que ela recebia as congratulações, e o rubor da culpa que acompanhava o nome do “meu excelente amigo coronel Campbell”.

Mrs. Weston, bondosa e amante da música, estava particularmente interessada pela circunstância, e Emma não ajudava, mostrando-se divertida com sua insistência no assunto. Ela tinha tanto a perguntar e a dizer sobre coisas como o tom do piano, o toque e os pedais, que nem sequer suspeitava do desejo de falar o menos possível sobre isso, desejo que Emma leu claramente no semblante da bela heroína da festa.

Logo alguns dos cavalheiros juntaram-se a elas, e o primeiro de todos era Frank Churchill. Era o cavalheiro mais importante e o mais bonito, e depois de cumprimentar de passagem Miss Bates e a sobrinha, dirigiu-se ao extremo oposto do círculo, onde estava Miss Woodhouse. Não se sentou enquanto não pudesse arranjar um lugar ao lado dela, e Emma adivinhava o que todos os presentes estavam pensando. Ela era o alvo das atenções dele, e todos podiam perceber isso. Emma o apresentou à sua amiga Miss Smith, e mais adiante, no momento oportuno, ouviu o que cada um pensava do outro. “Ele nunca havia visto um rosto tão adorável, e estava encantado com sua ingenuidade”. E ela “com certeza ele lhe fazia um grande cumprimento, mas achava que ele tinha uma expressão um pouco parecida com Mr. Elton”. Emma conteve a indignação e apenas voltou-se para ela em silêncio.

Emma e o cavalheiro trocaram sorrisos de cumplicidade, quando pela primeira vez dirigiram o olhar para Miss Fairfax, mas era mais prudente evitar comentários. Ele contou-lhe que estivera impaciente para deixar a sala de jantar, detestava ficar sentado muito tempo, sempre era o primeiro a levantar-se assim que fosse permitido fazê-lo. O pai dele, Mr. Knightley, Mr. Cox e Mr. Cole permaneceram sentados, bastante ocupados em discutir assuntos da paróquia e, enquanto ele esteve ali tivera muito prazer com a conversa, considerava a todos

verdadeiros cavalheiros e homens muito sensíveis. Falou de forma tão bonita sobre Highbury em geral – achava que tinha tantas famílias agradáveis – que Emma começou a sentir que talvez o desprezo que ela costumava ter pelo lugar fosse excessivo. Emma perguntou-lhe sobre a sociedade em Yorkshire – a extensão e o tipo de vizinhança que tinham em Enscombe, e pôde descobrir pelas suas respostas que, no que dizia respeito à Enscombe havia pouco movimento. Seus visitantes pertenciam a algumas poucas e destacadas famílias, nenhuma residindo muito perto. E mesmo quando marcavam a data e os convites eram aceitos, Mrs. Churchill nem sempre estava com saúde ou disposição para ir. Os Churchills haviam decidido não visitar nenhuma pessoa recém conhecida, e isso oferecia algumas dificuldades, apesar dele ter suas próprias amizades; precisava de muita habilidade para poder sair *algumas vezes*, ou apresentar algum amigo que viesse visitá-lo.

Emma percebeu que Enscombe não podia satisfazê-lo e que Highbury, no que tinha de melhor, podia agradar de forma razoável um jovem cavalheiro que era retido em casa mais do que gostaria. A importância dele em Enscombe era bastante evidente. Frank Churchill não se vangloriava, mas traiu-se naturalmente ao dizer que podia persuadir a tia quando o próprio Mr. Churchill nada conseguia. Diante do riso de Emma ao saber disso, afirmou acreditar que (exceto em um ou dois pontos) ele poderia, *com o tempo*, persuadi-la de qualquer coisa. Mencionou então um dos pontos em que sua influência falhara. Desejava muito viajar para o exterior – tinha insistido muito, de fato, que lhe fosse permitido viajar – mas a tia não queria ouvir falar no assunto. Isso acontecera no ano anterior. *Agora*, dizia ele, seu desejo não era mais tão intenso.

Não mencionou qual era o outro ponto em que não conseguira persuadi-la, e Emma adivinhou tratar-se do pai dele.

– Fiz uma triste descoberta – disse ele, após uma curta pausa. – Amanhã vai fazer uma semana que estou em Highbury – a metade do tempo que disponho. Nunca pensei que os dias passassem tão depressa. Uma semana, amanhã! E eu mal comecei a me divertir, recém comecei a ficar amigo de Mrs. Weston e das outras pessoas! Detesto me lembrar disso.

– Talvez agora o senhor comece a lamentar por ter perdido um dia inteiro apenas para cortar o cabelo, já que dispõe de poucos dias.

– Não – disse ele, sorrindo. – Não me arrependo disso, absolutamente. Não tenho prazer em ver meus amigos se não me sentir em condições de ser visto.

Os demais cavalheiros chegavam agora à sala, e Emma foi obrigada a desviar sua atenção por alguns minutos e dedicá-la a Mr. Cole. Quando Mr. Cole

afastou-se e Emma voltou-se para ele, viu Frank Churchill olhando intensamente para Miss Fairfax, que estava sentada do outro lado da sala, exatamente em frente a eles.

– Qual é o problema? – ela disse.

Ele teve um sobressalto:

– Obrigada por me despertar – ele respondeu. – Acho que fui muito rude. Mas estava observando que Miss Fairfax arrumou seu cabelo de um jeito tão esquisito – muito esquisito mesmo – que não pude deixar de olhá-la. Nunca vi nada mais antiquado!... E aqueles cachos!... Deve ter sido ideia dela. Não vi nenhuma outra jovem com um penteado parecido! Acho que vou perguntar-lhe se isso é moda na Irlanda, acha que devo?... Sim, eu vou... Afirmo que vou... e a senhorita poderá observar como ela reage, se vai ficar ruborizada.

Ele foi imediatamente e Emma logo o viu de pé junto a Miss Fairfax, falando com ela; no entanto, Emma não pode ver nada da reação da jovem, pois ele postou-se entre as duas.

Antes que ele pudesse retornar ao seu lugar, Mrs. Weston sentou-se na cadeira ao lado de Emma.

– Este é o luxo de uma grande festa – disse ela – podemos nos sentar perto de qualquer pessoa e dizer o que quisermos. Minha querida Emma, há algum tempo que venho querendo falar-lhe. Fiz algumas descobertas e elaborei alguns planos, como você sempre faz, e quero lhe contar enquanto as ideias ainda estão frescas na memória. Você sabe como Miss Bates e a sobrinha vieram para cá?

– Como? Elas foram convidadas, não foram?

– Oh, sim. Mas como foram transportadas até aqui?... De que modo vieram?

– Caminhando, eu imagino. De que outro modo viriam?

– É verdade. Bem, há pouco me ocorreu como seria triste se Jane Fairfax tivesse que voltar andando para casa, tarde da noite, e com o frio que está fazendo. E quando olhei para ela, apesar de nunca tê-la visto melhor, me ocorreu que ela está tão bem porque está aquecida, por isso mesmo estaria mais exposta a pegar um resfriado. Pobre menina! Não posso suportar essa ideia e, assim que Mr. Weston voltou à sala, aproximei-me dele e lhe falei sobre a carruagem. Ele prontamente concordou, como pode adivinhar, e contando com sua aprovação fui direto a Miss Bates avisá-la que a carruagem estaria à disposição delas antes de nos levar para casa. Achei que assim ela se sentiria mais confortável. Que boa

alma! Ela ficou tão agradecida, pode ter certeza! Agradeceu muito, muito mesmo e disse que “ninguém era tão afortunada como ela, mas não havia razão para nos incomodar, pois a carruagem de Mr. Knightley fora buscá-las e estava à disposição para levá-las para casa”. Fiquei totalmente surpresa – bastante feliz, com certeza, mas muito surpresa. Que atenção da parte dele... E tão conveniente! O tipo de coisa em que poucos homens teriam pensado. E, em suma, por conhecê-lo tão bem, acho que foi só por causa delas que ele usou a carruagem esta noite. Suspeito que não teria mandado atrelar um par de cavalos só para ele, era apenas uma desculpa para servi-las.

– Muito provável – disse Emma – nada mais provável. Não conheço nenhum outro homem, além de Mr. Knightley, capaz de tomar semelhante atitude. É algo tão bondoso e útil, um ato de consideração e benevolência. Ele não é um homem galante, mas é muito humano. E essa situação, considerando a saúde delicada de Jane Fairfax, deve ter-lhe parecido um caso de humanidade. Só posso pensar em Mr. Knightley para agir de forma tão bondosa sem ostentação. Vi que ele chegou de carruagem, pois chegamos juntos, e eu ri dele por causa disso, mas não falou uma palavra que pudesse trai-lo.

– Bem – disse Mrs. Weston, sorrindo – você lhe dá mais crédito por esse ato de bondade, simples e desinteressado, do que eu. Pois enquanto Miss Bates estava falando, passou-me uma suspeita pela mente, e não fui mais capaz de me livrar dela. Quanto mais penso nisso, mais provável me parece. Em resumo: imaginei um casamento entre Mr. Knightley e Jane Fairfax. Viu o que me acontece por estar sempre em sua companhia? O que pensa disso?

– Mr. Knightley e Jane Fairfax! – exclamou Emma. – Minha querida Mrs. Weston, como pode pensar em uma coisa dessas?... Mr. Knightley!... Mr. Knightley não pode se casar!... A senhora gostaria de ver o pequeno Henry impedido de herdar Donwell?... Oh, não! De jeito nenhum! Henry tem que ser o dono de Donwell. Não posso aceitar de modo algum que Mr. Knightley se case, e tenho certeza que isso não vai acontecer. Estou espantada que a senhora tenha pensado em uma coisa dessas.

– Emma, minha querida, apenas lhe disse o que me levou a pensar nisso. Não que eu queira o casamento... não tenho a menor intenção de ofender o pequeno Henry, mas a ideia me veio em vista das circunstâncias. E se Mr. Knightley realmente quiser se casar, Emma, você não pode esperar que ele deixe de fazê-lo por causa de Henry, um garoto de seis anos que nada sabe do assunto.

– Posso, sim. Não suporto a ideia de ver Henry prejudicado... Mr. Knightley casar-se!!... Não, jamais essa ideia me passou pela cabeça, e não vou

aceitá-la agora. E logo com Jane Fairfax, entre tantas mulheres!

– Não sei por quê... Ela sempre foi a preferida dele, você sabe disso muito bem.

– Mas seria um casamento muito imprudente!

– Não estou falando de imprudência, apenas considero a probabilidade.

– Não vejo nenhuma probabilidade, há menos que a senhora tenha razões melhores do que essas que apresentou. Ele pode ter cedido a carruagem apenas por sua boa natureza e humanidade, como eu lhe disse. Mr. Knightley tem muita estima pelas Bates, a senhora sabe, independente de Jane Fairfax... e está sempre pronto a ser atencioso com elas. Minha querida amiga, não tente fazer casamentos, pois faz isso muito mal. Jane Fairfax senhora de Donwell Abbey!... Oh, não, não! Fico revoltada só de pensar em tal coisa! Pelo próprio bem dele, espero que não cometa uma loucura dessas.

– Imprudente até pode ser... mas não é nenhuma loucura. A não ser pela desigualdade de fortuna e talvez uma pequena diferença de idade, não vejo nada inconveniente.

– Mas Mr. Knightley não deseja se casar. Tenho certeza que nem sequer pensa nisso. Não ponha essa ideia na cabeça dele. Por que ele se casaria?... Está muito feliz consigo mesmo: tem sua fazenda, seus carneiros, sua biblioteca e toda a paróquia para administrar. Além disso, ele adora os filhos do irmão. Mr. Knightley não tem motivos para se casar, seja para preencher seu tempo ou seu coração.

– Minha querida Emma, enquanto ele pensar desse modo, que assim seja. Mas se ele realmente amar Jane Fairfax...

– Que tolice! Ele não se importa com Jane Fairfax. Não no sentido de amor, tenho certeza. Ele faria qualquer coisa de bom para ela ou sua família, mas...

– Bem – disse Mrs. Weston, sorrindo – talvez a melhor coisa que ele possa fazer por elas seja dar a Jane um lar respeitável.

– Se isso for bom para ela, tenho certeza que seria o pior para ele; um casamento muito vergonhoso e degradante. Como Mr. Knightley suportaria ter Miss Bates morando com ele?... Vê-la assombrando Donwell Abbey e lhe agradecendo o dia inteiro por sua grande bondade em casar-se com Jane?... “Tão amável e atencioso!... Mas ele sempre foi o melhor dos vizinhos”. E então mudar de assunto de repente, no meio de uma frase, para a saia velha da mãe. “Não que seja uma saia assim tão velha, ainda deve durar um bom tempo... e, na

verdade, tinha que agradecer por suas saias serem todas muito duráveis”.

– Que vergonha, Emma. Não a imite! Você me faz rir, mesmo contra a minha consciência. E posso assegurar que Mr. Knightley não ficaria muito perturbado com a presença de Miss Bates. As pequenas coisas não o irritam. Ela poderia falar sem parar, e se ele quisesse dizer alguma coisa bastaria apenas falar mais alto, e a voz dela sumiria. Mas a questão não é se essa ligação seria ruim para ele, mas se ele a deseja. Eu sempre ouvi Mr. Knightley falar muito bem de Jane Fairfax, e você também ouviu. O interesse que tem por ela, a ansiedade que demonstra pela sua saúde, a preocupação de que Jane não tenha boas perspectivas na vida! Sempre o ouvi falar com tanto ardor a respeito dessas coisas. Além disso, ele admira tanto a execução dela ao piano e a sua voz! Eu o ouvi falar que poderia escutá-la para sempre. Ah, ia me esquecendo de outra ideia que me ocorreu: esse piano, que foi mandado por alguém... Apesar de ficarmos todos contentes em pensar que foi um presente dos Campbells, não poderia ter vindo da parte de Mr. Knightley? Não posso evitar essa suspeita. Acho que ele é o tipo de pessoa que faria isso, mesmo sem estar apaixonado.

– Então não existe argumento algum para provar que ele está apaixonado. Mas não acredito que ele tenha feito isso. Mr. Knightley não faz nada escondido.

– Eu o ouvi lamentar que ela não tivesse um piano para tocar diariamente. E falou tantas vezes que eu pensei que, no curso natural das coisas, tal ideia pudesse ter lhe ocorrido.

– Muito bem. Mas se ele pretendesse dar-lhe um piano, teria contado a ela.

– Poderia haver escrúpulos de delicadeza, minha querida Emma. Tenho quase certeza que foi ele quem mandou. Pelo menos ficou particularmente silencioso quando Mrs. Cole contou-nos durante o jantar.

– Quando a senhora tem uma ideia, Mrs. Weston, segue em frente com ela, como tantas vezes me reprovou por fazê-lo. Não vejo sinal nenhum de afeição, não creio na história do piano, e as provas só me convencem de que Mr. Knightley não tem a menor intenção de se casar com Jane Fairfax.

Elas discutiram o assunto ainda por algum tempo, da mesma maneira; Emma parecia ganhar um pouco de terreno sobre a mente da amiga, pois, entre as duas, era Mrs. Weston quem estava mais acostumada a ceder. Uma pequena agitação na outra sala indicou-lhes que o chá fora servido, e que o piano estava sendo preparado. No mesmo momento Mr. Cole aproximou-se para pedir a Emma que lhes desse a honra de ouvi-la tocar. Mr. Frank Churchill, a quem no

calor da discussão com Mrs. Weston ela não vira mais, e apenas notara que ele encontrara um lugar ao lado de Miss Fairfax, seguiu Mr. Cole para juntar suas súplicas às dele. E como Emma gostava mais de liderar, em qualquer coisa que fosse, concordou amavelmente.

Ela conhecia bem demais suas próprias limitações, o suficiente para não tentar ir além das músicas que conseguisse executar com perfeição. Não lhe faltava gosto nem disposição para as pequenas coisas que eram agradáveis a todos, e pôde acompanhar com sucesso sua própria voz. Emma teve uma surpresa ao ouvir outro acompanhamento para sua música – uma segunda voz foi feita com suavidade e correção por Mr. Frank Churchill. Ao fim da execução ele pediu-lhe perdão, educadamente, e seguiram-se as manifestações usuais. Todos o cumprimentaram por ter uma bela voz e perfeito conhecimento de música. O cavalheiro negou apropriadamente, dizendo não conhecer nada de música e não possuir uma boa voz, em hipótese alguma. Cantaram juntos mais uma vez, e Emma então podia ceder o lugar para Miss Fairfax, cuja execução, tanto vocal quanto instrumental, era infinitamente superior à dela, o que Emma não podia esconder nem de si mesma.

Com sentimentos contraditórios, ela sentou-se um pouco distante das pessoas que rodeavam o piano para ouvir melhor. Frank Churchill cantou novamente, parece que já haviam cantado juntos uma ou duas vezes antes, em Weymouth. A visão de Mr. Knightley, entre os ouvintes mais atentos, logo prendeu metade da atenção de Emma. Ela viu-se a pensar sobre as suspeitas de Mrs. Weston, e o suave som das belas vozes unidas apenas propiciava interrupções momentâneas. Suas objeções ao casamento de Mr. Knightley não se sustentavam mais, mas ela só podia ver mal nisso. Seria um grande desapontamento para Mr. John Knightley, e logo para Isabella. Uma verdadeira afronta às crianças... uma mudança atroz e uma grande perda para todas. Seria um motivo de desconforto diário para seu pai, e quanto a ela, não podia de jeito nenhum suportar a ideia de Jane Fairfax em Donwell Abbey. Uma Mrs. Knightley para se sobrepor a todos eles! Não... Mr. Knightley nunca deveria se casar. O pequeno Henry deveria continuar sendo o herdeiro de Donwell.

Naquele momento Mr. Knightley olhou para trás, viu-a e veio sentar-se ao seu lado. Falaram primeiro apenas da música de Miss Fairfax, e a admiração dele era certamente muito calorosa, mas ela pensou que, se não fosse por Mrs. Weston, isso não a teria impressionado. Como pedra de toque, Emma começou a falar da sua bondade em oferecer transporte para Miss Bates e a sobrinha. Achou que as respostas dele eram curtas o suficiente para acabar com o assunto, mas acreditava que isso era apenas falta de vontade de falar de sua própria bondade.

– Eu sempre lamentei – disse ela – que nossa carruagem não seja mais

útil em tais ocasiões. Não é que me falte vontade, mas sabe como papai iria considerar impensável que James fosse ocupado para tais propósitos.

– Isso está fora de questão, totalmente fora de questão – ele respondeu – mas você deve ter sentido assim, tenho certeza.

Ele então sorriu com tão aparente prazer ao dizer isso que Emma resolveu avançar mais um passo.

– Esse presente dos Campbells – ela disse – foi muita bondade deles mandarem o piano.

– Sim – respondeu ele, sem demonstrar sinais aparentes de embaraço. – Mas acho que teriam feito melhor se a avisassem do presente. Surpresas são coisas muito tolas. O prazer de quem recebe não é maior, e a inconveniência muitas vezes é considerável. Eu esperava melhor julgamento da parte do coronel Campbell.

A partir desse momento Emma poderia jurar que Mr. Knightley não havia presenteado o piano. Mas ainda lhe restavam dúvidas sobre os sentimentos dele, se realmente estava livre de algum apego por Jane Fairfax, se não tinha uma preferência por ela. Ao final da segunda música, a voz de Jane tornou-se rouca.

– Aí está – disse ele, pensando alto, enquanto Jane terminava de cantar. – Você já cantou o bastante por uma noite, agora pode calar-se.

Logo pediram uma nova canção. “Só mais uma canção... isso não cansaria Miss Fairfax de modo algum, só o que pediam era mais uma”. Ouviram então a voz de Frank Churchill dizendo “Acho que a senhorita vai conseguir sem nenhum esforço, a primeira voz é muito fraca. A força do som fica com a segunda voz”.

Mr. Knightley ficou furioso.

– Esse janota – disse ele, indignado – não pensa em outra coisa além de exhibir a própria voz. Isso não pode continuar.

E interpelou Miss Bates, que nesse momento passava perto dele.

– Miss Bates, a senhora está louca em permitir que sua sobrinha cante rouca dessa maneira? Vá lá e interfira. Eles não têm piedade dela.

Miss Bates, na sua ansiedade pela saúde de Jane, mal teve tempo para agradecer antes de entrar no salão e acabar com qualquer ideia de cantoria. Assim terminou a parte da noite dedicada aos concertos, pois Miss Fairfax e Miss Woodhouse eram as únicas jovens damas que tocavam e cantavam. Mas, logo

depois (cerca de cinco minutos) a proposta de dançar, surgida não se sabia bem de onde, foi tão bem divulgada por Mr. e Mrs. Cole, que logo abriram o espaço apropriado para o baile. Mrs. Weston, mestra em danças campestres, sentou-se e começou uma irresistível valsa. Mr. Frank Churchill, dirigindo-se a Emma com imensa galanteria, tomou-a pela mão e levou-a ao centro do salão.

Enquanto esperava que os outros jovens formassem seus pares, e apesar dos cumprimentos que recebia pela sua voz e seu bom gosto, Emma achou tempo para olhar ao redor e ver o que era feito de Mr. Knightley. Isso seria uma prova cabal. Ele não gostava de dançar, mas se fizesse um esforço para dançar com Jane Fairfax agora, poderia significar alguma coisa importante. Não conseguiu vê-lo logo. Não, ele estava conversando com Mrs. Cole e olhava distraído. Jane foi convidada por algum outro cavalheiro e ele continuava conversando com Mrs. Cole.

Emma deixou de se alarmar por causa de Henry: os interesses dele estavam salvos, por enquanto. E ela liderou a dança com verdadeira alegria e prazer. Não havia mais de cinco pares, mas a raridade de dançarinos e a espontaneidade da dança tornavam-no delicioso, e Emma descobriu que tinha um par excelente. Formavam um casal que valia a pena admirar.

Infelizmente, duas danças era o máximo que lhes permitiram. Estava ficando tarde, e Miss Bates ficou ansiosa para voltar para casa, preocupada com sua mãe. Após algumas tentativas de continuar dançando, foram obrigados a agradecer a Mrs. Weston e, com tristeza, terminar com o baile.

– Talvez seja melhor – disse Frank Churchill ao levar Emma até a carruagem dela – Eu teria que convidar Miss Fairfax, mas o jeito lânguido que ela tem de dançar não ia combinar comigo, após dançar com a senhorita.

[1] Antigo instrumento de cordas de percussão e teclado, semelhante ao cravo.

CAPÍTULO IX

Emma não se arrependeu de ter feito a concessão de ir à festa dos Coles. A visita lhe proporcionara muitas recordações agradáveis no dia seguinte. E tudo que ela poderia supor ter perdido em função de seu majestoso isolamento, podia ser amplamente compensado pelo esplendor da popularidade. Ela devia ter agradado bastante aos Coles – pessoas muito dignas, que mereciam ser feitas felizes! E deixara atrás de si uma reputação que não se apagaria tão cedo.

A felicidade perfeita não é comum, mesmo nas lembranças; e havia dois pontos sobre os quais Emma não se sentia tranquila. Perguntava a si mesma se não havia transgredido o dever de mulher para mulher, ao revelar suas suspeitas sobre os sentimentos de Jane Fairfax para Frank Churchill. Dificilmente podia considerar isso certo, mas sua ideia a respeito era tão forte que acabou escapando; e a concordância dele com tudo que ela falou era um cumprimento à sua argúcia, tornando difícil para ela lembrar-se de que devia segurar a língua.

A outra coisa que a incomodava também dizia respeito à Jane Fairfax, mas quanto a essa não havia dúvida. Ela lamentava, sinceramente e sem qualquer equívoco, a sua inferioridade em cantar e tocar. E assim, com profundo pesar pela indolência que a dominara na infância, sentou-se ao piano e praticou com determinação por uma hora e meia.

Foi interrompida pela chegada de Harriet. E se os elogios de Harriet pudessem satisfazê-la, logo ela se sentiria confortada.

– Ah, se eu pudesse tocar tão bem como a senhorita e Miss Fairfax!

– Não nos ponha no mesmo nível, Harriet. Minha execução está tão distante da dela, como uma lâmpada da luz do sol.

– Oh, Deus... Acho que, entre as duas, a senhorita toca melhor. Acho sua execução tão boa quanto à dela, só sei que prefiro ouvir a senhorita. Todos comentaram na noite passada como a senhorita tocou bem.

– As pessoas que conhecem alguma coisa de música devem ter sentido a diferença. A verdade, Harriet, é que toco bem o bastante apenas para ser elogiada, mas Jane Fairfax está muito acima disso.

– Bem, eu sempre achei que a senhorita toca tão bem como ela, e se houver alguma diferença ninguém nunca irá perceber. Mr. Cole comentou o bom gosto que a senhorita tem, e Mr. Frank Churchill também falou bastante sobre o bom gosto da senhorita, e que ele valoriza mais o gosto que a execução.

– Ah, mas Jane Fairfax possui ambos, Harriet.

– A senhorita tem certeza? Eu vi que ela toca muito bem, mas não sabia que tinha bom gosto. Ninguém falou a respeito disso. E eu detesto música italiana... não se entende uma palavra. Além disso, se ela toca tão bem, a senhorita sabe, é porque tem obrigação, afinal vai ter que dar aulas. Os Coxes estavam conversando a noite passada se ela poderia ser introduzida em alguma família de renome. O que acha dos Coxes, Miss Woodhouse?

– Exatamente o que são: muito vulgares.

– Eles me contaram uma coisa – disse Harriet, um pouco hesitante – mas não é nada importante.

Emma foi obrigada a perguntar o que eles haviam dito, apesar do temor de que se tratasse de algo a ver com Mr. Elton.

– Eles me disseram... que Mr. Martin jantou na casa deles no sábado passado.

– Oh!

– Ele veio falar com Mr. Cox sobre algum negócio, e Mr. Cox o convidou para ficar e jantar com eles.

– Oh!

– Falaram bastante sobre ele, especialmente Anne Cox. Não sei o que ela quis dizer com isso, mas perguntou-me se eu achava que poderia ficar de novo com eles, no próximo verão.

– Ela pretendia ser impertinente e curiosa, como só uma Anne Cox poderia ser.

– Ela contou que ele foi muito agradável, no dia que jantou lá, e sentou-se ao lado dela na mesa. Miss Nash acha que qualquer uma das Coxes ficaria muito feliz de casar-se com ele.

– É bem provável... Acho que elas são, sem exceção, as moças mais vulgares de Highbury.

Harriet tinha compras a fazer da Ford's e Emma achou mais prudente acompanhá-la. Poderia acontecer outro encontro acidental com os Martins, e no estado de espírito em que ela se encontrava atualmente isso podia ser perigoso.

Harriet, tentada por todas as coisas e facilmente influenciada por qualquer palavra, sempre demorava muito nas compras, e enquanto ela passeava entre os tecidos de musselina, mudando de ideia a cada momento, Emma foi até a porta para distrair-se... Não se podia esperar muita coisa do tráfego de

Highbury, mesmo na sua parte mais movimentada. Mr. Perry caminhando apressado, Mr. William Cox chegando à porta do escritório, os cavalos da carruagem de Mr. Cole retornando do seu exercício, ou um garoto de recados perdido com uma mula obstinada eram as coisas mais agitadas que ela poderia esperar. E quando seus olhos por fim se depararam com o açougueiro levando sua gamela, com uma respeitável senhora idosa voltando para casa com a sacola cheia de compras, com dois vira-latas disputando um osso sujo, e com um grupo de crianças vadias grudadas na pequena vitrine da padaria, olhando os pães doces, Emma achou que não tinha motivos para queixar-se, pois se divertira bastante, o suficiente para continuar parada na porta. Uma mente viva e disposta pode fazer muito com o pouco que vê, e pode ver nada que não ofereça respostas.

Ela olhou para baixo, na direção da estrada de Randalls. O cenário se tornou mais nítido e duas pessoas surgiram: Mrs. Weston e o enteado caminhando em direção a Highbury, provavelmente para irem a Hartfield. Parecia, no entanto, que iam parar antes na casa de Mrs. Bates, que ficava um pouco mais perto de Randalls, quase em frente à Ford's. Ainda não haviam batido à porta quando viram Emma. No mesmo instante cruzaram a rua e vieram falar com ela, e o prazer compartilhado na noite anterior conferiu uma nova alegria ao presente encontro. Mrs. Weston informou-a que estava indo visitar as Bates para ouvir o piano novo.

– Pois o meu companheiro me afirma – disse ela – que eu prometi solenemente à Miss Bates, na noite de ontem, que viria hoje de manhã. Eu mesma não me lembrava disso. Não me recordava de ter marcado o dia, mas como ele disse que marquei, estou indo lá agora.

– E enquanto Mrs. Weston faz a visita – disse Frank Churchill – espero que me seja permitido juntar-me à senhorita e esperar por ela em Hartfield – se a senhorita estiver indo para casa.

Mrs. Weston ficou desapontada.

– Pensei que pretendia ir comigo. Elas ficariam muito contentes.

– Eu? Acho que só iria atrapalhar. Mas, quem sabe... Posso estar atrapalhando igualmente aqui. Miss Woodhouse parece que não quer a minha companhia... Minha tia sempre me expulsa de perto dela quando está fazendo compras. Diz que eu a irrita até a morte. E Miss Woodhouse parece que está a ponto de dizer o mesmo. O que vou fazer?

– Não vim fazer compras para mim – disse Emma – estou apenas esperando minha amiga. Provavelmente ela logo terminará, e então voltaremos

para casa. Mas é melhor que o senhor vá com Mrs. Weston e ouça o piano.

– Bem, se esse é o seu conselho... Mas (com um sorriso), se o coronel Campbell tiver encarregado da compra um amigo descuidado, e o piano não tiver o som correto... o que devo dizer? Não poderei apoiar Mrs. Weston. Ela pode sair-se muito bem sozinha. Uma verdade desagradável pode parecer aceitável se ouvida de seus lábios, mas sou a pessoa mais deplorável do mundo para dizer mentiras bem educadas.

– Não acredito em nada disso – respondeu Emma – Tenho certeza que o senhor pode ser tão pouco sincero quanto seus companheiros, quando é necessário. Mas não há razão para supor que o piano não seja bom. Bem ao contrário, de fato, se entendi corretamente a opinião de Miss Fairfax na noite passada.

– Venha comigo, Frank – disse Mrs. Weston – se não for muito desagradável para você. Não precisamos demorar muito. Depois disso vamos a Hartfield, logo depois delas. Eu gostaria muito que você me acompanhasse na visita, elas vão considerar uma atenção tão grande da sua parte! Pensei que você pretendia ir.

Ele não pôde recusar, e com a promessa de Hartfield como recompensa, retornou com Mrs. Weston à porta de Mrs. Bates. Emma observou-os entrar e então se juntou à Harriet no interessante balcão. Tentou com toda insistência possível convencê-la de que se ela desejava comprar musselina lisa, de nada adiantava olhar as estampadas; e que aquela fita azul, apesar de bonita, nunca combinaria com o tom amarelo do tecido. Por fim acertaram tudo, menos a entrega do pacote.

– Devo enviá-lo para a residência de Mrs. Goddard, madame? – perguntou Mrs. Ford.

– Sim... Não... Sim, envie para a casa de Mrs. Goddard. Mas o molde do vestido está em Hartfield. Não, a senhora deve mandá-lo para Hartfield, se não for incômodo. Mas Mrs. Goddard vai querer vê-lo... E posso levar o molde do vestido para casa um outro dia. Mas gostaria de levar a fita pessoalmente... então é melhor mandar para Hartfield... pelo menos a fita. A senhora pode fazer dois pacotes, não pode, Mrs. Ford?

– Não vale à pena incomodar Mrs. Ford para fazer dois pacotes, Harriet.

– Não precisa mais.

– Não é incômodo nenhum, madame – disse a atenciosa Mrs. Ford.

– Ah, mas eu de fato prefiro que a senhora faça só um. Então, por favor, mande tudo para a casa de Mrs. Goddard. Bem, não sei... Não, acho melhor Miss Woodhouse, que tudo seja mandado para Hartfield, e então levarei comigo à noite. O que a senhorita acha?

– Que você não precisa pensar nem mais meio segundo nesse assunto. Para Hartfield, por favor, Mrs. Ford.

– Bem, será muito melhor – disse Harriet, bastante satisfeita – eu não gostaria mesmo que ele fosse mandado para a casa de Mrs. Goddard.

Ouviram vozes que se aproximavam da loja... ou melhor, uma só voz e duas damas. Mrs. Weston e Miss Bates vieram encontrá-las à porta.

– Minha querida Miss Woodhouse – disse a última – eu vim correndo apenas para pedir-lhe o favor de vir sentar-se um pouco conosco e dar sua opinião sobre o nosso novo piano. A senhorita e Miss Smith também. Como vai, Miss Smith?... Muito bem, obrigada... Implorei a Mrs. Weston que viesse comigo, para ter certeza de que seria bem sucedida.

– Espero que Mrs. Bates e Miss Fairfax estejam...

– Muito bem, obrigada, a senhorita é muito amável. Minha mãe está deliciosamente bem, e Jane não se resfriou a noite passada. Como está Mr. Woodhouse?... Fico tão feliz de ouvir que ele está bem. Mrs. Weston me disse que estavam aqui... Bem, eu disse, devo então correr até lá e tenho certeza que Miss Woodhouse não se negará a vir se eu pedir-lhe que venha; minha mãe ficará tão feliz de vê-la... e o grupo que está reunido aqui é tão agradável, ela não pode recusar... “Por favor, faça isso” foi o que Mr. Frank Churchill disse “será bom ouvir a valiosa opinião de Miss Woodhouse sobre o piano”. Mas, eu disse, estou certa de que serei mais bem sucedida se um dos senhores for comigo. “Oh” disse ele “espere um minuto até que eu termine o que estou fazendo”. Porque, a senhorita não acreditaria, Miss Woodhouse, da maneira mais atenciosa do mundo, ele está consertando o pequeno parafuso da haste dos óculos da minha mãe. O parafuso caiu esta manhã, a senhorita sabe?... Tão amável da parte dele! Pois os óculos ficaram imprestáveis, minha mãe não consegue colocá-los. E, de qualquer forma, todo mundo deve ter dois pares de óculos, deve mesmo. Jane também acha isso. Pretendia levá-los para John Saunders, era a primeira coisa que ia fazer hoje de manhã, mas sempre tinha uma coisa ou outra para reter-me durante toda a manhã, primeiro era isso, depois aquilo, nem sei dizer mais o quê, a senhorita sabe. Uma hora Patty veio me dizer que a chaminé da cozinha precisava de limpeza. Oh, eu disse, não venha com más notícias agora, Patty. Veja, caiu o parafuso dos óculos da sua patroa. Então chegaram as maçãs assadas, Mrs. Wallis mandou seu menino trazer. Eles são tão gentis conosco, os

Wallis, sempre foram... ouvi algumas pessoas dizerem que Mrs. Wallis pode ser mal educada e dar respostas rudes, mas nós só recebemos a maior atenção da parte deles. E não deve ser pelo nosso valor como fregueses, pois o nosso consumo de pão é irrisório, sabe? Somos apenas três... além da querida Jane que está conosco no momento... mas ela na verdade não come nada... o café da manhã dela é chocante, a senhorita ficaria apavorada se visse. Nem deixo mamãe saber que ela come tão pouco... então digo uma coisa, depois digo outra, e ela não nota. Mas no meio do dia Jane sente fome, e não tem nada que ela goste mais do que essas maçãs assadas, e elas são muito saudáveis, pois eu aproveitei a oportunidade para perguntar a Mr. Perry outro dia; encontrei Mr. Perry por acaso na rua. Não que eu tivesse alguma dúvida antes... ouvi tantas vezes Mr. Woodhouse recomendar uma maçã assada... Acho que é o único jeito que Mr. Woodhouse acredita que a fruta fica perfeitamente saudável. No entanto, nós temos bolinhos de maçã com bastante frequência. Patty faz excelentes bolinhos de maçã. Bem, Mrs. Weston, espero que a senhora prevaleça e que as senhoritas nos deem a honra.

Emma ficaria “muito feliz de esperar na companhia de Mrs. Bates, etc..” e finalmente saíram da loja sem mais demora por parte de Miss Bates, a não ser para que ela dissesse:

– Como vai a senhora, Mrs. Ford? Peço perdão, eu não a tinha visto antes. Ouvi dizer que a senhora tem uma encantadora coleção de fitas novas vindas da cidade. Jane voltou para casa encantada, ontem. Muito obrigada, as luvas ficaram muito boas... talvez um pouquinho largas no punho, mas Jane vai usá-las assim mesmo.

– Sobre o que mesmo eu estava falando? – disse ela, recomeçando a falar quando já estavam na rua.

Emma se perguntava qual assunto, no meio daquela miscelânea, ela gostaria de retomar.

– Confesso que não me lembro do que estava falando... Ah, sim! Eu falava dos óculos de minha mãe. Tão amável da parte de Mr. Frank Churchill. “Oh!” ele disse “acho que posso apertar o parafuso. Adoro esse tipo de trabalho” O que só mostra como ele é tão... Apesar de tudo que ouvi sobre ele antes e do que eu mesma esperava, devo dizer que ele, na verdade, excede toda expectativa... Eu lhe dou os parabéns, Mrs. Weston, calorosos parabéns. Ele parece ser tudo o que os pais mais afetuosos podem desejar... “Oh!” ele disse “posso apertar o parafuso. Adoro esse tipo de trabalho delicado” Nunca esquecerei sua gentileza. E quanto eu tirei as maçãs assadas do armário, esperando que os nossos convidados fizessem a gentileza de aceitar um pouco

“Oh!” ele disse diretamente “não existe nenhuma fruta que eu goste mais, e essas são as mais belas maçãs assadas em casa que eu já vi na minha vida” o que foi muito... E tenho certeza que não era apenas um cumprimento, pela maneira como ele falou. As maçãs são realmente deliciosas, na verdade, e Mrs. Wallis as cozinha muito bem... só que nós preferimos que elas sejam cozidas apenas duas vezes, e Mr. Woodhouse nos fez prometer que as cozinharíamos três vezes... mas Miss Woodhouse será gentil o suficiente para não lhe contar. As maçãs são as melhores que existem para assar, sem dúvida. Vieram todas de Donwell, uma parte do generoso estoque de Mr. Knightley. Ele nos manda um saco todo ano, e nunca reserva para si mais do que a produção de uma das suas macieiras... acho que existem duas delas, de fato. Minha mãe diz que o pomar deles já era famoso quando ela era jovem. Mas fiquei muito chocado no outro dia, pois Mr. Knightley veio nos visitar pela manhã, e Jane estava comendo essas maçãs, então falamos do assunto e de como ela gostava, e ele perguntou se nosso estoque já tinha terminado. “Tenho certeza que já acabou” ele disse “e vou mandar-lhes outra remessa, pois tenho muito mais do que preciso. William Larkins mandou-me uma quantidade maior do que o normal esse ano. Vou mandar-lhes mais algumas antes que estraguem”. Eu implorei para que ele não fizesse isso, mas como as nossas maçãs tinham quase acabado eu não pude dizer que tínhamos muitas, havia ainda meia dúzia, de fato. Elas estavam separadas para Jane, mas eu não podia permitir que ele mandasse mais, por mais generoso que ele seja. E Jane disse o mesmo. E quando ele se foi, Jane quase discutiu comigo. Não, não posso dizer que tenha sido uma discussão, pois nunca discutimos em toda a nossa vida, mas ela estava aflita por eu ter admitido que as maçãs se acabaram, queria que eu fizesse Mr. Knightley acreditar que ainda tínhamos bastante. Então eu disse a ela: Oh! minha querida, eu disse tanto quanto podia. No entanto, na mesma tarde Mr. Larkins veio com um grande cesto de maçãs... cerca de trinta e seis litros, pelo menos... do mesmo tipo das outras, e fiquei muito agradecida, fui lá e falei com William Larkins e disse tudo que era necessário, como a senhorita deve imaginar. Conheço William Larkins há tanto tempo! Sempre fico feliz de vê-lo. Entretanto, fiquei sabendo por Patty que William disse que essas eram todas as maçãs *desse* tipo que seu patrão tinha. Ele trouxe todas, e agora seu patrão não tem nenhuma maçã *desse* tipo, para assar ou cozinhar. William pareceu não se importar muito, ficou feliz em ver que o patrão vendeu tantas esse ano, porque o William, a senhorita sabe, pensa mais nos lucros do seu patrão do que em qualquer outra coisa. Mas Mrs. Hodges, ele disse, ficara muito aborrecida por ele ter mandado todas as maçãs. Ela não pode suportar que seu patrão não possa mais comer nenhuma torta de maçã nessa primavera. Ele contou isso a Patty, mas pediu para ela não nos contar nada disso, pois Mrs. Hodges *podia* ser bastante rabugenta às vezes, e como venderam muitas sacas não importava quem comesse o restante. Foi o que Patty me contou, e fiquei

extremamente chocada, na verdade! Não gostaria que Mr. Knightley soubesse disso por nada no mundo! Ele ficaria tão... Não queria que Jane soubesse disso também, mas acabei deixando escapar antes de me dar conta.

Miss Bates acabara de falar quando Patty abriu a porta. Os visitantes subiram sem nenhuma narrativa regular para ouvir, seguidos apenas pelos sons um tanto desconexos da sua gentileza.

– Tome cuidado, Mrs. Weston, tem um degrau na curva da escada. Tome cuidado, Miss Woodhouse, nossa escada é muito escura... mais escura e estreita do que desejaríamos. Tome cuidado, Miss Smith. Miss Woodhouse, estou consternada, mas tenho certeza que a senhorita tropeçou. Miss Smith, cuidado com o degrau na curva da escada.

CAPÍTULO X

A aparência da pequena sala de estar em que entraram era de perfeita tranquilidade. Mrs. Bates, impedida de executar seus trabalhos usuais, cochilava junto à lareira; Frank Churchill, em uma mesa ao lado, ocupava-se com o conserto dos óculos e Jane Fairfax, de costas para eles, estava atenta ao piano.

Ocupado como estava, no entanto, o jovem cavalheiro ainda foi capaz de mostrar seu contentamento quando viu Emma de novo.

– Este é um prazer – disse ele, falando bem baixinho – que chega pelo menos dez minutos antes do que eu havia previsto. Como pode ver, estou tentando ser útil; diga-me se acha que vou conseguir.

– Como? – disse Mrs. Weston – Ainda não terminou? Você não conseguiria ganhar a vida com sucesso trabalhando como artesão em prata, lento desse jeito.

– Não estou trabalhando sem interrupção – ele respondeu – estive ajudando Miss Fairfax a tentar manter o piano no nível, ele não está muito firme. Uma irregularidade no assoalho, eu acho. Pode ver que preenchemos um dos pés do piano com papel. Foi muita gentileza sua ter concordado em vir. Eu temia que já tivesse voltado para casa.

Ele manobrou para que Emma sentasse ao seu lado, gastou algum tempo procurando a melhor maçã assada para ela, e tentou fazer com que o ajudasse em seu trabalho, ou pelo menos o aconselhasse, até que Jane Fairfax estivesse quase pronta para sentar-se ao piano de novo. Que a jovem não estava totalmente preparada, Emma percebeu pelo seu estado de nervos. O piano ainda não ficara em seu poder por tempo suficiente para que pudesse tocá-lo sem emoção, desejava talvez fazer uma execução perfeita, e Emma só pôde sentir pena dela por esses sentimentos, fosse qual fosse a sua origem. Ela não podia fazer mais nada, apenas resolveu que nunca mais falaria desse assunto com seu vizinho.

Por fim Jane começou a tocar, e apesar dos primeiros acordes saírem um pouco fracos, logo o instrumento revelou-se à altura da intérprete. Mrs. Weston ficara encantada antes, e estava encantada de novo. Emma juntou-se a ela nos elogios, e o piano, com todas as discriminações apropriadas, foi declarado altamente promissor.

– Seja quem for que o coronel Campbell tenha encarregado da compra – disse Frank Churchill com um sorriso para Emma – essa pessoa não fez uma má escolha. Ouvi falar bastante do gosto do coronel Campbell em Weymouth, e

a suavidade das notas mais altas é justo o que ele e *todo seu grupo* apreciariam particularmente, tenho certeza. Eu ousou dizer, Miss Fairfax, que ele deu instruções minuciosas ao seu amigo, ou ele mesmo escreveu para a Broadwood. Não pensa assim?

Jane não olhou para ele, pois não era obrigada a ouvir. Mrs. Weston estava falando com ela nesse mesmo momento.

– Isso não é justo – sussurrou Emma – fiz apenas uma suposição sem nenhuma base. Não a deixe angustiada.

Frank Churchill sacudiu a cabeça com um sorriso, e olhou como se não tivesse nenhuma dúvida e nenhuma misericórdia, pois logo recomeçou:

– Já imaginou como os seus amigos na Irlanda devem se alegrar com o seu prazer neste momento, Miss Fairfax? Ouso dizer que eles sempre pensam na senhorita e ficam imaginando qual seria o dia, o dia exato em que o piano chegaria a suas mãos. Acha que o coronel Campbell já sabe que o negócio saiu exato como ele desejava? Acredita que foi o resultado de uma encomenda direta dele, ou que mandou apenas uma instrução geral, uma ordem indefinida que dependeria de contingências e conveniências?

Ele parou. Ela não podia deixar de ouvir, nem podia deixar de responder.

– Até que eu receba uma carta do coronel Campbell – disse ela, fazendo um esforço para manter a voz calma – não posso imaginar nada com certeza. Tudo seria apenas conjectura.

– Conjeturas, pode ser... algumas vezes as conjecturas estão certas, outras vezes erradas. Quem me dera pudesse conjecturar em quanto tempo posso deixar este parafuso firme. Quantas bobagens dizemos, Miss Woodhouse, quando estamos entretidos no trabalho e falamos ao mesmo tempo. Suponho que os trabalhadores de verdade seguram suas línguas, mas nós, cavalheiros laboriosos, se pudéssemos conter a palavra... Miss Fairfax disse algo sobre conjecturas. Aí está, terminei. Tive o prazer, madame (para Mrs. Bates), de consertar os seus óculos, que no momento estão perfeitos.

Tanto a mãe como a filha agradeceram-lhe efusivamente; para escapar um pouco, principalmente da última, ele foi até o piano e pediu a Miss Fairfax, que ainda estava sentada ao instrumento, para tocar mais uma música.

– Se a senhorita tiver a bondade – disse ele – gostaria que fosse uma das valsas que dançamos na noite passada... para que eu possa reviver aquele momento. A senhorita não as apreciou tanto quanto eu; parecia estar cansada o

tempo todo. Acredito que ficou até feliz por não podermos dançar mais, mas eu teria dado mundos... todos os mundos que alguém poderia dar... por mais meia hora.

Ela tocou.

– Que felicidade ouvir de novo uma música que nos *fez* felizes um dia!... Se não estou enganado, nenhuma destas foi dançada em Weymouth.

Ela levantou os olhos para ele durante um momento, corou fortemente, e tocou outra música. Frank Churchill pegou algumas partituras de uma cadeira próxima ao piano e, voltando-se para Emma, disse:

– Aqui está uma música nova para mim, a senhorita a conhece? É de Cramer... E aqui temos algumas melodias irlandesas novas. Essas seriam de se esperar, vindo da parte de quem veio. Todas foram mandadas junto com o piano. Muito atencioso da parte do coronel Campbell, não acha? Ele sabia que Miss Fairfax não tinha partitura alguma aqui. Eu louvo a atenção dele, mostra que o presente foi dado de coração. Não fez nada apressado, nem deixou faltar nada. Apenas uma verdadeira afeição poderia proporcionar isso.

Emma desejava que ele não fosse tão incisivo... mas não deixou de achar divertido. E quando olhou de relance para Jane Fairfax viu a sombra de um sorriso nos lábios dela; percebeu que, mesmo com o profundo rubor da conscientização, ela tinha um sorriso de secreto prazer. Emma então passou a ter menos escrúpulos por estar achando engraçado, e sentiu menos pena dela. Essa agradável, honrada e perfeita Jane Fairfax aparentemente estava acalentando pensamentos reprováveis.

Frank Churchill trouxe todas as partituras para Emma e começaram a olhá-las juntos. Emma aproveitou a oportunidade para sussurrar.

– O senhor está falando de forma muito direta. Ela deve ter entendido.

– Espero que sim. Quero que ela me entenda, não estou nem um pouco envergonhado do que disse.

– Mas eu, de fato, estou um pouco envergonhada. Gostaria de jamais ter tido essa ideia.

– Pois eu fico feliz que tenha tido a ideia, e que a tenha comunicado a mim. Agora entendo todos os modos e olhares estranhos dessa moça. Deixe que ela sintam vergonha. Se ela agiu errado, deve mesmo sentir vergonha.

– Ela está um pouco envergonhada, eu acho.

– Não vejo muitos sinais disso. Ela está tocando *Robin Adair* neste

momento... a música favorita *dele*.

Pouco depois, Miss Bates, ao passar perto da janela, viu Mr. Knightley a cavalo, não muito distante.

– Olhem só, é Mr. Knightley! Preciso falar com ele, se for possível, apenas para agradecer-lhe. Não vou abrir esta janela, pois vocês todos ficariam resfriados, mas posso ir até o quarto de minha mãe, vocês sabem. Tenho certeza que ele vai querer entrar quando souber quem está aqui. Que coisa maravilhosa ver todos vocês reunidos aqui!... Nossa pequena sala está tão honrada!

Enquanto falava dirigiu-se ao quarto ao lado e, abrindo a janela, imediatamente chamou a atenção de Mr. Knightley; cada sílaba da conversa entre eles foi distintamente ouvida por todos os outros, como se estivessem na mesma sala.

– Como vai o senhor? Como vai o senhor?... Muito bem, obrigada. Muito obrigada pela carruagem da noite passada. Chegamos bem na hora, minha mãe já estava nos esperando. Entre, por favor, entre... vai encontrar alguns dos seus amigos aqui.

Assim começou Miss Bates, e Mr. Knightley parecia determinado a se fazer ouvir por sua vez, pois falou com voz resoluta e em tom de comando:

– Como vai a sua sobrinha, Miss Bates? Vim saber da saúde de todas, mas especialmente da sua sobrinha. Como está Miss Fairfax? Espero que não tenha se resfriado ontem à noite. Como está ela hoje? Diga-me como Miss Fairfax está passando.

E Miss Bates foi obrigada a dar uma resposta direta, antes que ele a ouvisse falar de qualquer outra coisa. Os ouvintes se divertiam, e Mrs. Weston deu a Emma um olhar particularmente significativo. Mas Emma sacudiu a cabeça com descrença.

– Agradecemos muito ao senhor! Agradecemos tanto pela carruagem!
– recomeçou Miss Bates.

Ele cortou o assunto, dizendo:

– Estou indo para Kingston. Há alguma coisa que eu possa fazer pela senhorita?

– Ah, Deus! Para Kingston?... Está mesmo indo para lá?... Mrs. Cole estava me dizendo outro dia que precisava alguma coisa de Kingston.

– Mrs. Cole tem empregados para mandar até lá. Posso fazer alguma coisa pela *senhorita*?

– Não, eu lhe agradeço. Mas entre, por favor. Quem o senhor acha que está aqui?... Miss Woodhouse e Miss Smith são tão gentis de nos visitar para ouvir o piano. Deixe o cavalo na Crown e venha, por favor.

– Bem – disse ele, de forma deliberada – talvez por cinco minutos.

– E Mrs. Weston e Mr. Frank Churchill também estão aqui! Que maravilha! Tantos amigos reunidos!

– Não, agora não é possível. Muito obrigado. Não poderia ficar nem por dois minutos, tenho que ir a Kingston o mais depressa que puder.

– Oh! Entre por favor. Eles vão ficar tão felizes de vê-lo.

– Não, não, sua sala já está bastante cheia. Venho visitá-la outro dia para ouvir o piano.

– Bem, lamento tanto!... Oh! Mr. Knightley, que festa maravilhosa a de ontem; foi muito agradável... O senhor viu o baile? Não era lindo?... Miss Woodhouse e Mr. Frank Churchill, nunca vi nada igual.

– Oh! Maravilhoso, de fato. Não posso dizer mais nada, pois imagino que Miss Woodhouse e Mr. Frank Churchill estejam ouvindo cada palavra. E (levantando ainda mais a voz) não sei por que a senhorita não mencionou Miss Fairfax também. Acho que ela dança muito bem. E Mrs. Weston é a maior executante de música campestre da Inglaterra, sem exceção. Agora, se os seus amigos tiverem alguma gratidão, dirão alguma coisa agradável a nosso respeito em voz bem alta, como retribuição... Mas não posso ficar para ouvir.

– Oh! Mr. Knightley, só mais uma coisa; é muito importante... Estou tão chocada!... Jane e eu estamos chocadas com a história das maçãs!

– O que aconteceu?

– Imagine nos mandar todo o seu estoque de maçãs! O senhor disse que tinha muitas e agora não tem nem mais uma sequer. Estamos muito chocadas, realmente! Mrs. Hodges tem toda razão de estar zangada. Foi William Larkins quem nos contou. O senhor não devia ter feito isso, não devia mesmo. Ah! Ele se foi. Não suporta que lhe agradeçam. Mas achei que ele ficaria mais um pouco, e seria uma pena não falar nada... Bem (voltando para a sala), não fui bem sucedida. Mr. Knightley não pôde ficar. Ele está indo para Kingston. Perguntou-me se podia fazer alguma coisa...

– Sim – apartou Jane – nós ouvimos o seu generoso oferecimento, ouvimos tudo.

– Oh! É claro, minha querida, imagino que ouviram, porque a porta

estava aberta, você sabe, e a janela também estava aberta, e Mr. Knightley fala muito alto. Com certeza devem ter ouvido tudo. “Posso fazer alguma coisa pela senhorita em Kingston?” ele disse. Então eu apenas mencionei... Oh! Miss Woodhouse, a senhorita já vai embora?... Parece que recém chegou... É muita bondade sua.

Emma achou que realmente estava na hora de voltar para casa. A visita já durara bastante; quando olharam seus relógios, perceberam que a manhã já se havia passado, e Mrs. Weston e seu acompanhante também deviam ir. Tinham tempo apenas para acompanhar as duas jovens até o portão de Hartfield, antes de seguirem direto para Randalls.

CAPÍTULO XI

É possível ficar totalmente sem dançar. São conhecidos vários casos de jovens que passaram meses e meses sucessivos sem ir a qualquer espécie de baile, e não sofreram nenhum dano na mente ou no corpo. Mas uma vez que se começa, quando se sente a felicidade de rodopiar, nem que seja só um pouquinho... seria muito difícil não desejar mais.

Frank Churchill havia dançado uma vez em Highbury, e ansiava por dançar novamente. E a última meia hora de um serão que Mr. Woodhouse foi persuadido a passar com a filha em Randalls, foi ocupada com os dois jovens fazendo planos para consegui-lo. A ideia inicial fora de Frank, e também a determinação de pô-la em prática. Para a senhorita ficou a avaliação das dificuldades, e o que seria mais conveniente em termos de aparência e acomodações. Mas, ainda assim, ela estava inclinada o suficiente para mostrar a todos como Miss Woodhouse e Mr. Frank Churchill dançavam divinamente; para fazer uma coisa que não a deixava envergonhada quando comparada à Jane Fairfax; e também pelo simples prazer de dançar, sem nenhum maldoso apelo à vaidade. Emma ajudou-o a medir a sala em que estavam para ver o que podia comportar. E depois, a despeito das afirmações de Mr. Weston de que as salas eram exatamente do mesmo tamanho, tiraram as medidas do outro salão, na esperança de descobrir que era um pouquinho maior.

A primeira proposta e pedido dele, de que o baile que começara na casa de Mr. Cole terminasse ali, de que as mesmas pessoas estivessem presentes e os mesmos músicos fossem contratados, encontrou pronta acolhida. Mr. Weston aprovou a ideia com muita alegria e Mrs. Weston concordou em tocar durante todo o tempo em que eles desajassem dançar. Proseguiram com o interessante projeto, calculando exatamente quem estaria presente, e prevendo o espaço indispensável para cada casal.

– A senhorita, Miss Smith e Miss Fairfax são três, e com as duas senhoritas Cox, são cinco – foi a frase repetida muitas vezes. – E ainda temos os dois Gilberts, o jovem Cox, meu pai e eu, além de Mr. Knightley. Sim, haverá gente suficiente para uma bela festa. A senhorita, Miss Smith e Miss Fairfax são três, e com as duas senhoritas Cox, são cinco. E para cinco casais haverá lugar suficiente.

Mas logo alguém objetou:

– Será que haverá lugar suficiente para cinco casais? Eu acho, realmente, que não há.

Ou então:

– Afinal de contas, cinco casais não são o bastante para valer a pena uma festa. Cinco casais são quase nada, quando se pensa seriamente no assunto. Não se pode *convidar* cinco casais. Só se permite isso como uma coisa decidida no último momento.

Alguém comentou que *Miss* Gilbert estava sendo esperada na casa do irmão, e devia ser convidada com os demais. Outro alguém acreditava que *Mrs.* Gilbert teria dançado na outra noite, se a tivessem convidado. Falou-se em convidar o outro jovem Cox. E, por fim, quando Mr. Weston nomeou uma família de primos que devia ser incluída e outra, de velhos amigos, que não poderia ser deixada de fora, ficou evidente que os cinco casais seriam, pelo menos, dez. Seguiu-se uma especulação muito interessante sobre a melhor maneira de acomodá-los.

As portas das duas salas eram opostas uma à outra. “Não poderiam usar as duas salas e dançar na passagem entre elas?” Parecia a melhor solução, mas ainda assim não era tão boa, pois muitos queriam uma solução melhor. Emma disse que seria embaraçoso. *Mrs.* Weston estava angustiada com o jantar. E Mr. Woodhouse se opôs a isso com veemência, por causa da saúde. Esses planos o deixaram tão triste que não havia como mantê-los.

– Oh, não! – disse ele. – Seria extremamente imprudente. Não posso permitir isso por causa de Emma!... Emma não é forte. Ela pegaria um terrível resfriado. E também a pobrezinha da Harriet. E todos vocês. *Mrs.* Weston, a senhora ficaria prostrada, não permita nem que falem em uma coisa tão selvagem. Por favor, não permita que falem mais nisso. Aquele jovem (falando baixinho) é muito descuidado. Não conte ao pai dele, mas esse jovem não é grande coisa. Andou abrindo as portas muitas vezes esta noite, e as manteve abertas sem ter consideração. Ele não se lembrou das correntes de ar. Não quero colocá-la contra ele, mas ele realmente não é grande coisa.

Mrs. Weston ficou triste com tal ataque. Sabia a importância da situação e fez tudo que podia para consertá-la. Todas as portas foram então fechadas, desistiram da ideia da passagem, e voltaram ao primeiro plano de dançar apenas na sala em que estavam. E com toda a boa vontade da parte de Frank Churchill, o espaço que há quinze minutos mal seria suficiente para cinco casais, agora poderia facilmente comportar os dez.

– Fomos muito exagerados – disse ele. – Calculamos espaço demais, dez casais podem acomodar-se aqui muito bem.

Emma discordava.

– Seria uma multidão... uma multidão triste. O que pode ser pior que dançar sem espaço para girar?

– É verdade – respondeu Frank Churchill, com ar sério – seria muito ruim. – E voltou a medir a sala, e voltou a dizer – Acho que haverá espaço suficiente para dez casais.

– Não, não – disse ela – o senhor não está sendo razoável. Seria horrível ficar tão perto! Nada pode dar menos prazer que dançar no meio de uma multidão... e uma multidão em uma sala pequena.

– Não há como negar – ele respondeu. – Concordo com a senhorita, exatamente. Uma multidão em uma sala pequena... Miss Woodhouse, a senhorita tem o dom de pintar uma situação com poucas palavras. Maravilhoso, é de fato maravilhoso!... Ainda assim, no entanto, já que chegamos tão longe, não podemos desistir agora. Seria um grande desapontamento para meu pai, e além do mais... não sei bem... eu ainda sou de opinião que dez casais podem dançar aqui muito bem.

Emma percebeu que a natureza de sua galanteria era um pouco obstinada, e que ele preferia se opor a perder o prazer de dançar com ela. Então aceitou o elogio e esqueceu o resto. Se ela estivesse pensando em se *casar* com ele, talvez valesse a pena parar e considerar o assunto, tentar entender a importância da sua opinião e o caráter de seu temperamento. Mas, para o propósito único de amizade, ele era bastante agradável.

No dia seguinte, antes do meio-dia, Frank Churchill já estava em Hartfield. Entrou na sala com um sorriso tão encantador que confirmava a continuação dos planos, e logo ficou claro que viera anunciar algum progresso.

– Bem, Miss Woodhouse – começou ele, quase imediatamente – espero que seu desejo de dançar ainda não tenha sido afastado pelo terror que são as pequenas salas de meu pai. Venho fazer-lhe uma nova proposta: uma ideia de meu pai que espera apenas a sua aprovação para ser posta em prática. Posso ter a honra de ser seu par nas duas primeiras danças desse pequeno baile, que será dado não em Randalls, mas na Hospedaria Crown?

– Na Crown?!

– Sim, caso a senhorita e Mr. Woodhouse não façam objeções, e creio que não farão, pois meu pai acredita que os amigos serão gentis o bastante para ir até lá. Teremos acomodações melhores, e a recepção não seria menos calorosa do que em Randalls. É tudo ideia dele. Mrs. Weston também concordou, desde que a senhorita prove. É o que todos esperamos. Ah! A senhorita tem toda a razão, dez casais em qualquer uma das salas de Randalls seria insuportável!...

Horrível!... Eu sabia o tempo todo que a senhorita estava certa, mas estava tão ansioso que faria *qualquer coisa* para não desistir. Não é uma boa troca? A senhorita concorda?... Posso contar com sua concordância?

– Me parece um plano ao qual ninguém poderá fazer qualquer objeção, se Mr. e Mrs. Weston o aprovam. Acho a ideia admirável, e no que posso responder por mim, fico muito contente. Parece que era apenas isso que faltava. Papai, o senhor não acha a ideia excelente?

Ela foi obrigada a repetir e explicar tudo, antes que Mr. Woodhouse compreendesse afinal. E, como se tratava de uma ideia nova, eram necessários maiores argumentos e explicações para que fosse aceita.

“Não, ele achava que estava muito longe de ser uma boa ideia... Era um plano muito ruim, muito pior que o outro. Um salão de hospedaria era sempre perigoso, por causa da umidade, nunca era arejado o suficiente, nem servia para as pessoas ficarem dentro dele. Se fosse para dançar seria melhor dançar em Randalls. Ele nunca estivera no salão da Crown em toda a sua vida, nem conhecia pessoa alguma que sequer o tivesse visto. Oh! não. O plano era péssimo. Todos iriam apanhar um resfriado pior na Crown do que em qualquer outro lugar”.

– Eu estava a ponto de observar, senhor – disse Frank Churchill – que uma das melhores recomendações dessa troca seria a pequena chance de que qualquer pessoa apanhasse um resfriado. O perigo seria muito menor na Crown do que em Randalls! Mr. Perry talvez tenha razões para lamentar a alteração, mas ninguém mais as tem.

– Cavaleiro – disse Mr. Woodhouse, num tom caloroso – o senhor está muitíssimo enganado, se pensa que Mr. Perry seja esse tipo de pessoa. Mr. Perry se preocupa extremamente se qualquer um de nós fica doente. Mas não entendo como o salão da Crown pode lhe parecer mais seguro do que a sala da casa de seu pai.

– Pelo simples motivo de ser maior, senhor. Não haverá necessidade alguma de abrir as janelas nem uma vez durante a noite inteira. E, como o senhor bem sabe, é esse terrível hábito de abrir as janelas, deixando que o ar frio entre em contato com o calor das pessoas, que provoca todo o problema.

– Abrir as janelas!... Mas certamente, Mr. Churchill, ninguém pensaria em abrir as janelas em Randalls. Ninguém seria tão imprudente! Nunca ouvi uma coisa dessas. Dançar com as janelas abertas! Tenho certeza que nem seu pai nem Mrs. Weston (que era a pobre Miss Taylor) permitiriam isso.

– Bem, senhor, mas às vezes alguma pessoa descuidada entra atrás das

cortinas e abre uma vidraça, sem que ninguém perceba. Eu mesmo já vi isso acontecer várias vezes.

– Viu mesmo, senhor?... Por Deus! Eu jamais imaginaria uma coisa dessas. Mas eu vivo afastado do mundo e muitas vezes fico espantado com as coisas que ouço. Isso faz toda diferença, no entanto. Algo assim requer longa consideração. Não se pode decidir de maneira apressada. Se Mr. e Mrs. Weston forem gentis de vir nos visitar uma manhã dessas, podemos falar sobre o assunto e ver o que pode ser feito.

– Infelizmente, senhor, meu tempo é tão limitado...

– Oh! – interrompeu Emma - Haverá tempo suficiente para falar sobre tudo. Não há pressa alguma. Se for combinado que deverá acontecer na Crown, papai, será muito conveniente para os cavalos. Eles estarão muito próximos de seu estábulo.

– Estarão mesmo, minha querida. Isso é muito bom. Não que James algum dia tenha se queixado, mas é melhor poupar os cavalos quando possível. Se eu tivesse certeza que o local é bem arejado... Será que podemos confiar no que Mrs. Stokes disse? Eu tenho minhas dúvidas, não a conheço, nem de vista.

– Posso garantir qualquer coisa quanto a isso, senhor, pois tudo estará sob os cuidados de Mrs. Weston. Ela aceitou assumir a supervisão de tudo.

– Ai está, papai! Agora o senhor deve ficar satisfeito. Nossa querida Mrs. Weston, que é tão cuidadosa. O senhor se lembra do que Mr. Perry falou, tantos anos atrás, quando tive sarampo? “Se *Miss Taylor* se encarregar de cuidar de Emma, o senhor não precisa ter nenhuma preocupação”. Quantas vezes o ouvi mencionar isso como um elogio a ela!

– Ah, é verdade! Mr. Perry disse isso mesmo. Nunca vou esquecer. Pobrezinha da Emma! Você esteve bem mal com o sarampo; quer dizer, você teria ficado muito mal, se não fosse a dedicada atenção de Mr. Perry. Ele veio quatro vezes ao dia, durante uma semana. Disse, no início, que era de um tipo mais brando, o que foi um grande conforto para nós. Mas o sarampo é terrível. Espero que a pobre Isabella mande chamar Mr. Perry quando as crianças dela tiverem sarampo.

– Meu pai e Mrs. Weston estão na Crown neste momento – disse Frank Churchill – examinando as condições da casa. Eu os deixei lá e vim para Hartfield, impaciente para ouvir sua opinião, e esperando que a senhorita pudesse ser persuadida a se juntar a eles no local e dizer o que acha. Os dois me pediram para dizer-lhe que seria um grande prazer se a senhorita me permitisse acompanhá-la até lá. Eles não podem decidir nada com certeza sem a sua

presença.

Emma estava mais do que feliz de ser convocada para esse tipo de conselho. E seu pai, resolvido a pensar no assunto enquanto ela estava fora, mandou que os dois jovens partissem sem demora para a Crown. Ali encontraram Mr. e Mrs. Weston. Os dois ficaram encantados de vê-la e receber sua aprovação, muito ocupados e muito felizes, cada qual à sua maneira. Ela, um pouco ansiosa, e ele achando tudo perfeito.

– Emma – disse Mrs. Weston – o papel de parede está num estado pior do que eu esperava. Olhe! Tem lugares em que está muito sujo. E o lambri está mais amarelado e desgastado do que eu jamais poderia imaginar.

– Minha querida, você é muito detalhista – disse o marido. – Que importância têm esses pormenores? Com a luz dos candelabros não se verá nada disso. Ficará tão limpo quanto Randalls, à luz das velas. Nunca reparamos em nada desse tipo quando vamos aos nossos clubes.

As senhoras trocaram olhares que provavelmente significavam “Os homens nunca sabem quando as coisas estão sujas ou não”, e os cavalheiros talvez pensassem, cada um para si, “As mulheres se preocupam com bobagens e cuidados desnecessários”.

Surgiu, no entanto, uma dificuldade que os cavalheiros não ousaram desdenhar. Era a respeito da sala de jantar. Na época da construção do salão de baile não se pensava em jantares, e uma pequena sala para jogos de cartas era a única anexa ao salão. O que deveria ser feito? Essa sala de jogos seria necessária com o mesmo propósito agora também. E mesmo que os quatro julgassem desnecessário organizar jogos de cartas, ainda assim a sala era pequena demais para o jantar. Havia outra sala, de tamanho bem maior, que serviria para isso. Esta, porém, ficava no outro lado do prédio, e para alcançá-la era necessário percorrer uma longa e estranha passagem. Isso tornava a situação difícil. Mrs. Weston temia que as correntes de ar atingissem os jovens na passagem, enquanto nem Emma nem os cavalheiros toleravam a ideia de ficarem todos amontoados para jantar.

Mrs. Weston propôs que não se servisse um jantar tradicional, mas apenas sanduíches, etc. na sala pequena. A ideia foi logo descartada como sendo uma solução deplorável. Um baile particular sem um jantar adequado foi considerado uma fraude infame contra os direitos de homens e mulheres. Mrs. Weston não devia nem mencionar isso de novo. Ela olhou então para a duvidosa sala, e enquanto seus pensamentos tomavam outra direção, observou:

– Não acho que a sala seja assim *tão* pequena. Não seremos muitos,

vocês sabem.

Enquanto isso Mr. Weston, caminhando rapidamente em largos passos através da passagem, anunciou:

– Você exagerou a extensão da passagem, minha querida. Não é quase nada, afinal de contas, e não vem nenhuma corrente de ar da escada.

– Gostaria que pudéssemos saber – disse Mrs. Weston – que tipo de arranjo os nossos convidados iriam preferir. O nosso objetivo é fazer o que for do agrado da maioria, o difícil é saber o que preferem.

– Sim, é verdade – exclamou Frank – é verdade. A senhora deseja a opinião dos seus vizinhos, não discordo da senhora. Se tivéssemos a opinião de um deles... os Coles, por exemplo, eles não moram longe. Devo chamá-los? Ou talvez Miss Bates? Ela também mora perto, e me parece uma pessoa mais indicada que qualquer outra para conhecer a opinião dos demais. Penso que precisamos de um grupo maior para decidir. O que acham de eu ir até a casa de Miss Bates e convidá-la para juntar-se a nós?

– Bem, se assim deseja... – disse Mrs. Weston, um pouco hesitante – Se acha que ela pode ser de alguma ajuda...

– Não vamos conseguir nada com Miss Bates a respeito do assunto – atalhou Emma. – Ela será todo encanto e agradecimentos, mas não vai dar opinião alguma. Ela nem sequer escuta as perguntas. Não vejo vantagem em consultar Miss Bates.

– Mas ela é tão divertida, tão incrivelmente divertida! Eu adoro ouvir Miss Bates falar. E não precisamos trazer a família toda, a senhorita sabe.

Nesse momento Mr. Weston retornou para junto deles e, ao ouvir o que fora proposto, deu sua imediata aprovação.

– Sim, faça isso, Frank.. Vá procurar Miss Bates e vamos terminar logo com esse assunto. Ela vai adorar o esquema que adotamos, tenho certeza. E não conheço uma pessoa melhor para nos ensinar como superar as dificuldades. Vá procurar Miss Bates. Estamos ficando gentis demais. Ela é uma lição viva de como ser feliz. Mas traga ambas, convide as duas.

– Ambas, senhor! Até a velha senhora?

– A velha senhora não! A jovem senhorita, com certeza. Eu o consideraria um tolo, Frank, se trouxesse a tia sem a sobrinha.

– Peço desculpas, senhor. Não me dei conta logo. Sem dúvida, se o senhor deseja, vou me esforçar para trazer as duas.

E com isso ele se retirou.

Bem antes que ele retornasse, acompanhando a tia pequena, bem arrumada e ativa e sua elegante sobrinha, Mrs. Weston, como a mulher de temperamento doce e boa esposa que era, examinou a passagem outra vez, e viu que as desvantagens eram menores do que julgara a princípio, na verdade eram sem importância. E aqui terminaram as dificuldades da decisão. Quanto ao resto, pelo menos nos planos, era bastante simples. Todos os pequenos arranjos de mesas e cadeiras, luzes e música, chá e jantar foram feitos rapidamente, ou foram deixados para serem acertados depois entre Mrs. Weston e Mrs. Stokes. Todos os convidados certamente viriam. Frank já escrevera a Enscombe, propondo ficar mais alguns dias além da quinzena determinada, o que não poderia ser recusado. E seria um baile maravilhoso.

Quando chegou, Miss Bates concordou com tudo, muito cordialmente. Como conselheira ela não seria mais necessária, mas como aprovadora (o que era bem mais seguro) era muito bem vinda. Sua aprovação, ao mesmo tempo geral e minuciosa, calorosa e incessante, foi muito apreciada. E por mais meia hora caminharam para lá e para cá, entre as duas salas, alguns sugerindo coisas, outros só acompanhando, e todos felizes com o projeto. O grupo não se separou enquanto Emma não concordou em dançar as duas primeiras músicas com o herói do dia, nem sem que ouvisse Mr. Weston sussurrar para a esposa:

– Ele pediu a ela, minha querida. Isso mesmo, eu sabia que ele o faria.

CAPÍTULO XII

Faltava apenas uma coisa para tornar a perspectiva do baile completamente agradável para Emma: que a data fosse marcada dentro do período de quinze dias que Frank Churchill estabelecera para ficar em Surry. Pois, apesar da confiança de Mr. Weston, Emma não achava impossível que os Churchills não concedessem permissão ao sobrinho para ficar um dia além da quinzena programada. Mas o desejo dela não poderia ser atendido. As preparações exigiam tempo, nada ficaria pronto antes de, pelo menos, três semanas. Por alguns dias eles estariam planejando, trabalhando e esperando, sem certeza de nada. Corriam o risco, o grande risco na opinião de Emma, de que tudo isso fosse em vão.

Enscombe na verdade foi graciosa, graciosa de fato, não de palavra. O desejo do sobrinho de permanecer por mais tempo não lhes agradou, é evidente, mas não se opuseram. Tudo estava salvo e em ordem. Mas uma preocupação removida sempre dá lugar à outra. Agora que Emma estava certa de que o baile aconteceria, começou a se aborrecer com a indiferença provocante de Mr. Knightley a respeito do assunto. Fosse porque ele mesmo não dançava, ou porque o plano fora feito sem consultá-lo, resolvera que o baile não era do seu interesse, e determinou-se a evitar qualquer curiosidade sobre o assunto no presente e qualquer esperança de divertimento no futuro. Para a voluntária comunicação que fez, Emma não obteve nada além de:

– Muito bem. Se os Weston acham que vale a pena dar-se a todo este trabalho por algumas horas de diversão barulhenta, não tenho nada contra, mas que não escolham prazeres para mim. Oh! Sim, eu devo ir ao baile, não poderia recusar, e vou tentar ficar acordado o máximo que puder. Mas eu preferiria estar em casa, olhando as contas da semana com William Larkins. Prefiro muito mais isso, eu confesso. Prazer em ver os outros dançarem! Eu não, é evidente! Nunca olho essas coisas, nem sei de alguém que o faça. Acredito que dançar bem, assim como a virtude, deve ser uma recompensa em si. Os que ficam sentados normalmente estão pensando em coisas muito diferentes.

Emma sentiu que isso fora dito para ela e ficou bastante zangada. Todavia, não era como cumprimento à Jane Fairfax que ele se mostrava tão indiferente e tão indignado. Ele não era guiado pelos sentimentos *dela* ao reprovar o baile, pois ela aprovara a ideia de forma entusiástica. Ficara animada, abriu o coração e espontaneamente dissera:

– Ah! Miss Woodhouse, espero que não aconteça nada que impeça o baile. Seria um grande desapontamento! Espero ansiosa por ele, será um *enorme*

prazer.

Portanto, não era para agradar Jane Fairfax que ele preferia a companhia de William Larkins. Não! Cada dia ela estava mais convencida que Mrs. Weston se enganara em fazer tal conjectura. Da parte dele havia um sentimento de grande amizade e compaixão, mas não amor.

Muito bem! Logo não houve mais motivos para discutir com Mr. Knightley, pois dois dias de alegre despreocupação foram seguidos por uma enorme reviravolta. Chegou uma carta de Mr. Churchill pedindo o imediato retorno do sobrinho. Mrs. Churchill não passava bem... Na verdade estava mal o bastante para desejar a presença dele. Ela já estava bem mal (foi o que disse o marido) dois dias antes, quando escrevera para o sobrinho, embora não tenha comentado nada devido ao seu desejo de não causar preocupações aos outros, e também por seu hábito de nunca pensar em si mesma. Mas agora estava mal demais para fingir que nada estava acontecendo e devia pedir ao sobrinho que fosse para Encombe sem demora.

Assim que recebeu a carta, Mrs. Weston mandou um bilhete para Emma, onde relatava o seu conteúdo. Quanto ao retorno de Frank, era inevitável. Devia partir dentro de algumas horas, apesar de não estar tão alarmado pela saúde da tia a ponto de deixar de lado a revolta. Ele conhecia bem seus achaques, que só aconteciam quando era da conveniência dela.

Mrs. Weston acrescentou “que ele apenas se permitira o tempo de correr até Highbury, após o café da manhã, para se despedir dos poucos amigos que tinham alguma afeição por ele, e que devia ser esperado em Hartfield muito em breve”.

Esta nota infeliz foi o toque final do café da manhã de Emma. Depois que a leu, não havia mais nada a fazer além de lamentar. A perda do baile, a perda do jovem cavalheiro e tudo que ele deveria estar sentindo! Era muita infelicidade! Que noite agradável teria sido! Todos tão felizes! Ela e seu acompanhante seriam os mais felizes de todos! “Eu sabia que seria assim”, era o que dizia a si mesma como único consolo.

Os sentimentos de seu pai foram bem diferentes. Ele pensava principalmente na doença de Mrs. Churchill, e queria saber como ela estava sendo tratada. Quanto ao baile, estava chocado por ver sua querida Emma desapontada, mas ficariam mais seguros em casa.

Emma estava à espera do visitante bem antes que ele chegasse. Mas se isso a deixara impaciente, o olhar pesaroso e o total desânimo que ele demonstrou ao entrar podiam redimi-lo. Ele sentia tanto a partida que quase não

podia falar. Sua decepção era bastante evidente. Sentou-se e ficou calado, realmente perdido em seus pensamentos por alguns minutos; quando se levantou, foi apenas para dizer:

– De todas as coisas horríveis, partir é a pior.

– Mas o senhor vai voltar – disse Emma. – Esta não será sua única visita a Randalls.

– Ah!...- ele exclamou, balançando a cabeça. – A incerteza de quando poderei retornar!... Vou tentar voltar com todas as minhas forças. Será o objetivo final de todos os meus pensamentos e atenções! E se os meus tios forem para a capital nesta primavera... Mas estou receoso, eles não foram na primavera passada. Temo que isso tenha se tornado um hábito eterno.

– Teremos que desistir do nosso pobre baile.

– Ah, o baile! Por que esperamos tanto? Por que não agarramos logo esse prazer? Quantas vezes a felicidade é destruída pela preparação, tola preparação! A senhorita nos avisou que isso poderia acontecer. Ah, Miss Woodhouse, por que sempre está tão certa?

– Na verdade, estou muito triste por estar certa desta vez. Eu preferia bem mais ser feliz a ser sábia.

– Se eu puder voltar, ainda teremos nosso baile. Meu pai está contando com isso. Não esqueça sua promessa.

Emma olhou-o com graça.

– Que quinzena foi essa! – ele continuou – Cada dia mais feliz e mais delicioso que o dia anterior! Cada dia me tornou mais incapaz de suportar qualquer outro lugar. Felizes aqueles que podem permanecer em Highbury!

– Como o senhor agora nos faz tão grande justiça – disse Emma, rindo – eu me aventuro a perguntar-lhe se não duvidou um pouco, no início? Não superamos suas expectativas? Tenho certeza que sim. Tenho certeza que o senhor não esperava gostar de nós. Não teria tardado tanto em vir, se tivesse uma boa impressão de Highbury.

Ele riu constrangido, e apesar de negar tais sentimentos Emma estava convencida de que fora assim.

– O senhor vai partir ainda esta manhã?

– Sim, meu pai vai me encontrar aqui: vamos voltar juntos e parto em seguida. Temo que ele chegue a qualquer momento.

– Não teve cinco minutos para passar com suas amigas Miss Fairfax e Miss Bates? Que falta de sorte! A mente poderosa e argumentativa de Miss Bates poderia fortalecer a sua.

– Sim, eu *fui* visitá-las. Passei pela porta e, pensando melhor, achei que era a coisa certa a fazer. Entrei por três minutos, e fui retido porque Miss Bates não estava. Achei, então, que devia esperar até que voltasse. Ela é uma mulher de quem a gente pode, ou até *deve* rir, mas a quem não se ousa desprezar. Era melhor visitá-la, portanto...

Ele hesitou, levantou-se e foi até a janela.

– Para resumir, Miss Woodhouse, acho que a senhorita dificilmente não suspeitaria...

Ele a olhou como se quisesse ler seus pensamentos. Ela mal sabia o que dizer. Parecia o preâmbulo de alguma coisa muito séria, que ela não desejava. Forçando-se a falar para superar a situação, ela disse calmamente:

– O senhor fez muito bem, era melhor visitá-las mesmo.

Ele ficou em silêncio. Emma acreditava que ele a olhava, talvez refletindo sobre o que ela dissera, tentando entender o sentido. Ouviu-o suspirar. Era natural para ele achar que tinha *motivo* para suspirar. Não podia acreditar que ela o estivesse encorajando. Alguns momentos constrangedores se passaram, e ele sentou-se outra vez. De um modo mais determinado, disse:

– Foi muito bom sentir que todo o resto do meu tempo deve ser dedicado a Hartfield. Meu apego por Hartfield é o mais caloroso...

Ele parou de novo, levantou-se outra vez e pareceu muito embaraçado. Estava mais apaixonado do que Emma havia suposto. E quem sabe como tudo teria terminado se o pai dele não aparecesse naquele momento? Logo Mr. Woodhouse também apareceu, e ele fez um grande esforço para se recompor.

A reunião ainda durou mais alguns minutos. Mr. Weston, sempre alerta no que se refere às obrigações, e tão incapaz de retardar qualquer mal que fosse inevitável quanto incapaz de adivinhar um mal incerto, disse:

– Está na hora de irmos.

E o jovem cavalheiro, com mais um suspiro, não podia senão concordar em partir.

– Queria ter notícias de todos vocês – disse ele – é meu único consolo. Queria saber de tudo que acontecer por aqui. Incumbi Mrs. Weston de me escrever, e ela foi muito gentil em concordar. Ah! A benção de uma

correspondente mulher, quando estamos de fato interessados em outra que está ausente!... Ela vai me contar tudo, ao ler suas cartas me sentirei em Highbury novamente.

Um amigável aperto de mãos e um sincero “até logo” terminaram o discurso e logo a porta foi fechada atrás de Frank Churchill. A notícia viera rápido... e rápido também havia sido o encontro dos dois. Ele se fora. Emma sentiu a sua partida, e previa uma grande perda para a pequena sociedade local com a sua ausência. Logo começou a temer que fosse lamentar demais e sentir demais a falta dele.

Foi uma mudança triste. Haviam se encontrado quase todos os dias, desde que ele chegara. Certamente sua vinda a Randalls dera novo ânimo às duas últimas semanas, um ânimo indescritível. A ideia, a expectativa de vê-lo a cada manhã, a certeza de saber que seria alvo de suas atenções, sua vivacidade, suas maneiras elegantes! Havia sido uma quinzena muito feliz, e lastimava vê-la sucumbir no curso normal dos dias de Hartfield. Para completar todas as outras recomendações, ele *quase* havia dito que a amava. A que força ou a que constância de afeto ele estava submetido era outra questão. Mas, no momento, não podia duvidar de sua calorosa admiração, da sua preferência consciente por ela, e esta certeza, unida a todo o resto, a fazia pensar que *devia* estar um pouco apaixonada por ele, a despeito de toda sua prévia determinação contra isso.

“Eu certamente devo estar apaixonada” pensava ela. “Esta sensação de letargia, desânimo, estupidez, essa falta de vontade de sentar e me ocupar, esse sentimento de que tudo é sombrio e insípido nesta casa! Devo estar apaixonada! Eu seria a criatura mais estranha do mundo se não estivesse, pelo menos por algumas semanas. Bem! O mal de alguns é o bem de outros. Eu verei muita gente se lamentando pelo baile, senão por Frank Churchill, mas Mr. Knightley vai ficar feliz. Ele agora poderá passar a noite com seu querido William Larkins se quiser”.

Mr. Knightley, entretanto, não demonstrou uma felicidade triunfante. Não podia dizer que lamentava por Frank Churchill, seu olhar de alegria o teria denunciado se o fizesse. Mas ele disse, com muita firmeza, que sentia pelo desapontamento dos outros, e com considerável gentileza, acrescentou:

– E você, Emma, que tem tão poucas oportunidades de dançar, está realmente sem sorte. Está mesmo com pouca sorte!

Isso fora poucos dias antes que Emma encontrasse Jane Fairfax, e pudesse julgar a honestidade de sua tristeza por esta lastimável mudança. Mas quando se encontraram, a correta compostura dela foi odiosa. Jane estivera particularmente mal, no entanto, sofrendo de terríveis dores de cabeça, a ponto

de sua tia declarar que, caso o baile acontecesse, Jane não teria podido participar. E era caridoso imputar parte de sua inconveniente indiferença ao mal estar produzido pela doença.

CAPÍTULO XIII

Emma continuou a acreditar que estava apaixonada. Sua ideia apenas mudava em relação à extensão desse amor. No início pensou que fosse muito, mais tarde achou que era pouco. Tinha grande prazer em ouvir falar dele. E, por afeto a ele, tinha um prazer ainda maior em visitar Mr. e Mrs. Weston. Pensava nele frequentemente e estava impaciente por receber uma carta, para que pudesse saber como ele estava, qual era seu estado de ânimo, como estava a tia dele, e qual era a chance dele vir a Randalls de novo nesta primavera. Mas, por outro lado, não podia admitir que estivesse triste, nem, após a primeira manhã, que estava menos disposta para suas atividades habituais. Continuava ocupada e alegre, e apesar do quanto ele era agradável ela podia ainda imaginar que Frank Churchill tivesse defeitos. E, mais do que pensar muito nele, enquanto se sentava para desenhar ou trabalhar, criava milhares de esquemas divertidos para o progresso e o fim do seu relacionamento; imaginava diálogos interessantes e inventava cartas elegantes; a conclusão de cada declaração imaginária da parte dele era que ela o *recusava*. O afeto deles sempre se transformava em amizade. Cada cena terna ou encantadora era para marcar sua separação, e sempre deviam se separar. Quando percebeu isso, ocorreu-lhe a ideia de que não devia estar assim tão apaixonada, pois, a despeito de sua prévia determinação de jamais deixar o pai, de nunca se casar, um afeto de fato profundo devia provocar uma luta interna maior do que ela podia adivinhar em seus próprios sentimentos.

“Não posso me imaginar fazendo uso da palavra *sacrifício*” pensava Emma. “Em nenhuma das minhas respostas inteligentes, minhas delicadas negativas, há alguma alusão a sacrifício. Suspeito que Frank Churchill não seja realmente necessário para a minha felicidade. Tanto melhor. Não vou me persuadir a sentir mais do que sinto, com certeza. Estou amando o suficiente, e lamentaria se estivesse mais”.

De forma geral, ela estava igualmente contente com sua visão dos sentimentos dele.

“*Ele* certamente está bem mais apaixonado, tudo denota isto. Bem mais apaixonado, de fato! E quando ele voltar, se a afeição dele permanecer, devo cuidar para não encorajá-lo. Seria imperdoável fazer outra coisa, já que estou bastante decidida. Não que eu imagine que algum dia o tenha encorajado. Não, se ele acreditasse que eu correspondia aos seus sentimentos, não estaria tão infeliz. Se estivesse se sentisse encorajado, seus olhares e palavras ao partir teriam sido diferentes. Ainda assim devo ficar atenta. Isto na suposição de que seu afeto continue como está agora, mas não sei se continuará. Não consigo vê-lo como esse tipo de homem. Também não consigo confiar na sua firmeza ou

constância. Seus sentimentos são ardorosos, mas acho que mudam muito. Em suma, qualquer consideração que eu faça sobre esse assunto, me faz agradecer pela grande felicidade de não estar mais profundamente envolvida. Devo me sentir muito bem de novo, depois de algum tempo. E, então, isso será uma boa lembrança. Dizem que todos amam pelo menos uma vez na vida, e devo deixar que esse amor se acabe naturalmente”.

Quando chegou a carta de Frank Churchill para Mrs. Weston, Emma a leu com muita atenção. E sentiu tal prazer e admiração ao lê-la, que primeiro sacudiu a cabeça ao pensar em suas próprias sensações, imaginando que subestimara a força do que sentia. Era uma carta longa e bem escrita, explicando os pormenores da viagem e dos sentimentos dele; expressando toda a afeição, gratidão e respeito, o que era natural e honrado; e descrevendo com espírito e precisão cada detalhe exterior e local que pudesse ser considerado atraente. Não havia nenhum indício de desculpas ou preocupação. Era a expressão de real sentimento por Mrs. Weston. E a transição de Highbury para Enscombe, o contraste entre os dois lugares em algumas das primeiras bênçãos da vida social eram mencionados de forma breve, apenas o bastante para mostrar quão profundamente ele as sentia, e quanto mais ele diria, se não fossem as restrições apropriadas. O charme de seu próprio nome não fora esquecido. *Miss Woodhouse* aparecia mais de uma vez, e nunca sem alguma conexão agradável, seja um cumprimento ao seu gosto, ou uma lembrança de algo que ela havia dito. E na última vez em que se seus olhos se haviam encontrado, quando haviam expressado os sentimentos dele sem nenhuma galanteria, ela ainda podia distinguir o efeito da sua influência e modo de pensar, o que era o maior cumprimento de todos. Comprimidas no último canto vazio da folha de papel estavam estas palavras “Não tive tempo na terça, para despedir-me da bela amiguinha de Miss Woodhouse. Por favor, mande-lhe minhas desculpas e despedidas”. Isso, Emma não podia duvidar, era para ela mesma. Harriet era lembrada apenas por ser amiga *dela*. As informações e projetos dele para Enscombe não eram nada mais do que Emma havia antecipado. Mrs. Churchill estava se recuperando e ele não ousara ainda, mesmo em pensamento, fixar uma data para seu retorno a Randalls.

A carta era bastante gratificante e muito estimulante no aspecto material. Apesar disso, ao dobrá-la e devolvê-la a Mrs. Weston, ela descobriu que não adicionara nenhum entusiasmo que ela não pudesse sentir sem a influência de seu autor, e que ele devia aprender a viver sem ela. Suas intenções não haviam mudado. A decisão de recusá-lo apenas tornou-se mais interessante pela adição de um esquema para o subsequente consolo e felicidade dele. Sua lembrança de Harriet e as palavras que fecharam a carta, “bela amiguinha”, sugeriram-lhe a ideia de Harriet sucedê-la no afeto dele. Seria impossível!...

Não. Harriet era muito inferior a ele em inteligência, mas o deixara bastante impressionado com a beleza de seu rosto e a calorosa simplicidade de seu temperamento. E todas as probabilidades de circunstâncias e amizades estavam a favor dela. Para Harriet seria ao mesmo tempo vantajoso e agradável.

“Não devo insistir nessa ideia” ela pensava. “Nem devo pensar nisso. Conheço o perigo de fazer tais especulações. Mas coisas estranhas aconteceram; e quando deixarmos de nos preocupar um com o outro, como fazemos agora, será a maneira de passarmos a ter uma amizade desinteressada, que já posso vislumbrar no futuro com muito prazer”.

Era bom ter uma possibilidade à mão, para o bem de Harriet, embora fosse mais sábio não permitir que a imaginação tomasse conta, pois nestes casos o mal ficava à espreita. Assim como a chegada de Frank Churchill sucedera o casamento de Mr. Elton nas conversas de Highbury, o interesse mais novo sempre sepulta o anterior. Agora, com o desaparecimento de Frank Churchill, as preocupações com Mr. Elton estavam de novo assumindo uma atração irresistível. O dia do casamento foi anunciado. Logo ele estaria de novo em Highbury, junto com a noiva. Mal houve tempo para comentar a primeira carta vinda de Enscombe quando as palavras “Mr. Elton e sua noiva” já estavam na boca de todos, e Frank Churchill foi esquecido. Emma ficava doente só de ouvir. Ficara livre de Mr. Elton durante três felizes semanas, e estava disposta a acreditar que a mente de Harriet começara a recobrar-se nos últimos tempos. E também com a perspectiva do baile de Mrs. Weston houvera grande desinteresse por outros assuntos. Mas agora estava bastante evidente que Harriet ainda não tinha atingido um estado de compostura que pudesse suportar a realidade que se aproximava: carruagem nova, sinos badalando e tudo o mais.

A pobre Harriet ainda estava em uma confusão de sentimentos que requeria todos os arrazoados, incentivos e atenções, de todos os tipos, que Emma pudesse lhe dar. Emma sentia que não poderia fazer muito por ela, e que Harriet tinha direito a toda a sua espontaneidade e toda a sua paciência. Mas era um trabalho difícil tentar ser convincente sem obter qualquer resultado. Apesar de concordarem, não conseguia fazer com que suas opiniões fossem as mesmas. Harriet ouviu submissa e disse “é verdade... exatamente como Miss Woodhouse disse que seria... não vale a pena pensar nisso... e ela não pensaria mais nisso”. No entanto, não adiantava mudar de assunto, pois na meia hora seguinte voltava a ficar tão ansiosa e agitada a respeito dos Eltons como antes. Por fim, Emma resolveu atacar em outra frente.

– Permitir-se ficar tão ocupada e tão infeliz a respeito do casamento de Mr. Elton, Harriet, é a maior reprovação que você pode fazer a *mim*. Não poderia reprovar-me de modo pior do que esse, pelo erro que cometi. Foi tudo obra

minha, eu sei. Não me esqueci disso, posso lhe assegurar. Decepcionei a mim mesma por ter lhe causado tamanha decepção, e isso para mim será uma dor eterna. Não pense que corro o risco de esquecer.

Harriet sentiu tanto ao ouvir isso que não pôde pronunciar mais que umas poucas palavras desconexas. Emma continuou:

– Eu não lhe pedi que se esforçasse mais por minha causa; nem lhe pedi que pensasse menos ou falasse menos em Mr. Elton, por minha causa. Gostaria que isso acontecesse, não por minha causa, mas por algo mais importante que a minha tranquilidade: para que passe a ter o hábito do autocontrole, para que reflita sobre as suas obrigações, para que respeite o que é apropriado e faça um esforço para evitar as suspeitas dos outros; e também para salvar sua saúde e sua reputação, e restaurar sua tranquilidade. Estes foram os motivos pelos quais insisti com você. Eles são muito importantes – e estou muito sentida, por ver que você não os considera o bastante para agir como deve. Poupar-me da tristeza é uma consideração muito secundária. Quero ver *ocê* a salvo de uma dor maior. Gostaria de sentir que não irá esquecer o seu dever.

Este apelo à sua afeição fez mais do que todo o resto. A ideia de estar faltando com a consideração e a gratidão à Miss Woodhouse, por quem tinha profundo afeto, angustiou Harriet por algum tempo. Mas quando a violência de sua dor foi suavizada, ainda lhe restava força suficiente para fazer o que era certo e para ajudá-la a suportar a situação de modo tolerável.

– A senhorita, que foi a melhor amiga que já tive na vida... Que falta de gratidão da minha parte! Ninguém é igual à senhorita! Não me preocupo com ninguém, só com a senhorita! Oh, Miss Woodhouse! Como tenho sido ingrata!

Tais expressões, que eram acompanhadas por olhares e gestos eloquentes, fizeram Emma sentir que nunca amara tanto Harriet, nem jamais valorizara tanto sua amizade.

“Não existe maior encanto que a ternura de coração” pensava Emma consigo mesma, mais tarde. “Nada se compara a isso. Calor e ternura de coração, aliadas a um temperamento afetuoso e franco, são muito mais atraentes que toda a clareza e inteligência do mundo, estou certa disso. É o coração terno que torna meu querido pai tão amado por todos, e o que dá a Isabella toda a sua popularidade. Não posso essa qualidade, mas sei como valorizá-la e respeitá-la. Harriet é superior a mim por todo o encanto e felicidade que essa ternura lhe confere. Querida Harriet! Eu não a trocaria pela mulher mais inteligente, de melhor discernimento ou mais sensata desse mundo. Ah! A frieza de uma Jane Fairfax! Harriet vale cem vezes mais... E como esposa, esposa de um homem sensível, seu valor é incalculável. Não vou mencionar nomes, mas feliz do

homem que trocar Emma por Harriet!”

CAPÍTULO XIV

Mrs. Elton foi vista primeiro na igreja. Mas apesar da devoção poder ser interrompida, a curiosidade não podia ser satisfeita apenas com a visão de uma noiva num banco de igreja. Isso devia ser deixado para as visitas que seriam feitas, e que serviriam para determinar se ela era de fato muito bonita, apenas um pouco bonita, ou não era bonita de modo algum.

Emma tinha sentimentos, menos de curiosidade do que de orgulho ou senso de propriedade, que a fizeram decidir que não seria a última a apresentar seus respeitos ao casal. Fez questão de que Harriet fosse com ela, pois era melhor acabar logo com esse assunto desagradável.

Não poderia entrar de novo na casa, nem estar na mesma sala em que entrara graças ao vão artifício de amarrar o cadarço da botina, três meses atrás, sem que as *lembranças* a atingissem. Teve mil pensamentos vexatórios. Cumprimentos, charadas e horríveis asneiras. E era de se supor que a pobre Harriet também estivesse se lembrando. Mas ela se comportou muito bem, apesar de estar um pouco pálida e silenciosa. A visita foi curta, evidentemente, mas havia tanto embaraço e as mentes se ocupavam tanto em diminuí-lo, que Emma não pôde se permitir formar uma opinião definitiva sobre a dama, e não tinha nada para falar, além dos termos banais “muito elegante e agradável”.

Emma realmente não gostou de Mrs. Elton. Não pretendia se apressar em encontrar falhas, mas suspeitava que não houvesse verdadeira elegância nela; desembaraço, sim, mas não elegância. Estava quase certa que para uma jovem, uma estranha, uma recém casada, havia desembaraço demais. Sua aparência era bastante aceitável, o rosto não era feio, mas nem as feições, nem o jeito, nem a voz, nem os modos eram elegantes. Emma pensou, por fim, que acabaria sendo assim mesmo.

Quanto a Mr. Elton, suas maneiras não pareciam... Mas não, ela não se permitiria qualquer gracejo sobre as maneiras dele. Era uma cerimônia embaraçosa, a qualquer tempo, receber visitas de cumprimentos pelo casamento, e um homem necessita de toda sua presença de espírito para suportar isso com desenvoltura. A mulher se sente mais à vontade, pois tem a ajuda de belas roupas e o privilégio da timidez, mas o homem só pode contar com seu bom senso. E quando ela considerava o quanto Mr. Elton devia estar particularmente infeliz, por estar na mesma sala em companhia da mulher com quem acabara de se casar, da mulher com quem ele desejava se casar e da mulher com quem se esperava que se casasse, ela podia conceder-lhe o direito de parecer pouco inteligente e de estar tão emocionalmente afetado e

embaraçado quanto fosse possível.

– Bem, Miss Woodhouse – disse Harriet, quando deixaram a casa, após esperar em vão que a amiga falasse primeiro. – Bem, Miss Woodhouse (com um suave suspiro), o que pensa dela?... Não acha que é encantadora?

Houve uma pequena hesitação antes que Emma respondesse.

– Oh, sim, muito... uma jovem muito agradável.

– Acho que é bonita... muito bonita.

– Muito bem vestida, com certeza; usava um vestido notavelmente elegante.

– Não me surpreende que ele tenha se apaixonado.

– Ah, não... não é mesmo para surpreender, de forma nenhuma. Uma bela fortuna! E ela se atravessou no caminho dele.

– Eu ousou dizer – continuou Harriet, suspirando outra vez – eu ousou dizer que ela está muito apaixonada por ele.

– Talvez esteja, mas não é o destino dos homens casarem-se com as mulheres que mais os amam. Miss Hawkins talvez quisesse ter seu próprio lar, e achou que essa era a melhor oferta que poderia receber.

– Sim – disse Harriet, com ar sério – e penso que ela fez muito bem, ninguém teria uma oferta melhor. Bem, desejo-lhes felicidades, de todo o coração. E agora, Miss Woodhouse, não acho que me importaria se tivesse que vê-los novamente. Ele continua tão superior como sempre... mas agora está casado, o que é muito diferente. Não, Miss Woodhouse, a senhorita não precisa se preocupar, agora posso sentar-me e admirá-lo sem me sentir muito infeliz. E saber que ele não se desesperou é um grande conforto!... Ela parece uma jovem encantadora, justo o que ele merece. Que criatura feliz! Ele a chamou de “Augusta”. Que romântico!

Quando o casal retornou a visita Emma já estava preparada. Podia agora observar mais e julgar melhor. Como Harriet não se encontrava em Hartfield no momento, e com seu pai entretido com Mr. Elton, ela pode conversar unicamente com a jovem dama durante um quarto de hora, e observá-la com calma. Esse quarto de hora foi suficiente para convencê-la que Mrs. Elton era uma mulher superficial, extremamente satisfeita consigo mesma, e que valorizava demais sua própria importância. Pretendia ser brilhante e superior, mas como suas maneiras vieram de uma escola ruim, parecia apenas atrevida e sem cerimônia. Todas as suas noções provinham de um único tipo de

peças e de um único estilo de vida. Se não era tola, era ignorante, e uma associação desse tipo não faria nenhum bem a Mr. Elton.

Harriet teria sido uma escolha melhor. Se ela mesma não era refinada ou inteligente, poderia levá-lo a conviver com pessoas que fossem. Mas Miss Hawkins, como se podia facilmente supor pelo alto conceito que tinha de si mesma, devia ser o melhor que havia em seu grupo social. O rico cunhado que vivia perto de Bristol – orgulhoso de sua casa e suas carruagens – era o trunfo desse casamento.

O primeiro assunto da conversa, logo que se sentaram, fora comparar Maple Grove “o lar de meu cunhado, Mr. Suckling” com Hartfield. Os campos de Hartfield não eram muito grandes, mas eram bonitos e bem cuidados, e a casa era moderna e sólida. Mrs. Elton pareceu muito impressionada pelo tamanho da sala, a entrada e tudo que podia ver ou imaginar. “Parece tanto com Maple Grove!... Estava muito impressionada com a semelhança!... Esta sala tinha o mesmo tamanho e formato da sala do café da manhã em Maple Grove, a sala preferida de sua irmã”. Mr. Elton foi chamado a confirmar. “Não era impressionante a semelhança?... Ela podia até se imaginar em Maple Grove”.

– E a escada... – ela continuou. – A senhorita sabe? Quando cheguei eu logo vi como a escada é parecida, colocada exatamente na mesma parte da casa. Não pude deixar de me espantar! Eu lhe asseguro, Miss Woodhouse, é muito agradável para mim ser lembrada de um lugar pelo qual tenho tanta afeição como Maple Grove. Passei tantos meses felizes lá! (com um pequeno suspiro de saudade). Um lugar encantador, sem dúvida. Todo mundo que o vê fica impressionado com sua beleza, mas para mim tem sido um verdadeiro lar. Sempre que se é obrigada a viver longe de casa, como eu, Miss Woodhouse, não imagina a delícia que é encontrar um lugar quase igual ao que deixamos para trás. Eu sempre digo que este é um dos males do casamento.

Emma respondeu tão brevemente quanto pôde, mas foi o bastante para Mrs. Elton, que só queria continuar falando.

– Tão parecida com Maple Grove! E não é apenas a casa... os terrenos também, tanto quanto pude observar, são extremamente parecidos, eu lhe asseguro. Os loureiros em Maple Grove crescem em profusão, assim como aqui, e estão quase nos mesmos lugares, logo após o gramado. E vislumbrei uma árvore muito grande, com um banco em volta, que me lembrou tanto de lá! Minha irmã e meu cunhado ficariam maravilhados com este lugar. As pessoas que possuem grandes propriedades sempre ficam encantadas quando veem qualquer outra no mesmo estilo.

Emma duvidava da veracidade desse sentimento. Ela sabia que as

peessoas que possuíam grandes extensões de terra ligavam muito pouco para as grandes extensões de terra dos outros. Mas não valia a pena discutir por um erro tão grosseiro, então disse apenas em resposta:

– Quando a senhora tiver visto mais desta região, temo que vá achar que valorizou Hartfield demais. Surry possui muitas belezas.

– Oh, sim, estou consciente disso. É o jardim da Inglaterra, a senhorita sabe. Surry é o jardim da Inglaterra!

– Sim, mas não devemos aceitar essa distinção. Muitas regiões, eu creio, são consideradas o jardim da Inglaterra, tanto quanto Surry.

– Não, acho que não – respondeu Mrs. Elton, com um sorriso satisfeito. – Nunca ouvi outra região ser chamada assim, apenas Surry.

Emma ficou em silêncio.

– Meu cunhado e minha irmã prometeram nos visitar na primavera ou, o mais tardar, no verão – continuou Mrs. Elton – e esse será o período para explorações. Quando estiverem aqui devemos fazer muitos passeios, ousado dizer. Eles virão com seu landau^[1], é claro, que comporta muito bem quatro pessoas. Portanto, sem precisar utilizar a *nossa* carruagem, poderemos explorar as diferentes belezas daqui com extremo conforto. Nessa época do ano acho que não virão com a caleche, na verdade, mas quando o tempo melhorar, eu decididamente recomendarei que venham com o landau. Será bem melhor. Quando alguém vem para uma região tão linda como essa, Miss Woodhouse, a senhorita sabe que desejamos que vejam tantas belezas quanto for possível, e Mr. Suckling adora explorações. Estivemos explorando King’s Weston duas vezes no verão passado, logo que eles compraram o landau, e foi delicioso. Suponho que aqui costumem fazer muitos passeios como esse no verão, não é Miss Woodhouse?

– Não, aqui não. Estamos um pouco distantes dessas belezas tão impressionantes que possam atrair o tipo de grupos a que a senhora se refere. E somos muito caseiros, de fato. Preferimos ficar em casa a nos aventurar em viagens de prazer.

– Ah! Não há nada como ficar em casa para ter conforto de verdade. Ninguém pode ser mais devotada ao lar do que eu. Isso já era uma tradição em Maple Grove. Mais de uma vez Selina disse, quando estava indo para Bristol “eu realmente não consigo que essa menina saia de casa. Preciso mesmo ir, apesar de detestar andar sozinha no landau, mas Augusta, por sua própria vontade, nunca passaria do jardim”. Mais de uma vez ela disse isso, mas mesmo assim não sou a favor da completa reclusão. Eu acho, pelo contrário, que quando as pessoas se

isolam totalmente da sociedade, é muito ruim. É muito mais aconselhável misturar-se ao mundo em um grau adequado, sem dedicar-se a ele demais nem de menos. Entendo perfeitamente sua situação, no entanto, Miss Woodhouse (olhando para Mr. Woodhouse). O estado de saúde de seu pai deve ser um grande impedimento. Por que ele não vai a Bath? Ele devia ir, sem dúvida. Permita-me recomendar-lhe que vá a Bath, eu lhe asseguro que fará muito bem a seu pai.

– Meu pai já tentou isso mais de uma vez, tempos atrás, mas não obteve benefício algum. E Mr. Perry, de quem a senhora já deve ter ouvido falar, não cre que isso possa ser de alguma utilidade agora.

– Ah! É realmente uma pena. Eu lhe asseguro, Miss Woodhouse, que quando as águas concordam, é maravilhoso o alívio que proporcionam. Nas minhas temporadas em Bath, vi isso muitas vezes! E é um lugar tão alegre, que não deixaria de fazer bem ao espírito de Mr. Woodhouse, que, pelo que entendi, às vezes fica muito deprimido. E quanto às recomendações para a *senhorita*, imagino que não precise fazer um esforço para dizer-lhe quais são. As vantagens de Bath para os jovens são bastante conhecidas. Seria uma apresentação encantadora para a senhorita, que viveu uma vida tão reclusa. Posso lhe apresentar à melhor sociedade local. Bastaria que eu escrevesse uma linha para lhe garantir um pequeno séquito de amigos. E minha amiga particular, Mrs. Partridge, a dama com quem sempre me hospedo quando vou a Bath, ficaria felicíssima de recebê-la com todas as atenções, e seria a pessoa adequada para a senhorita aparecer em público.

Era mais do que Emma podia suportar sem ser mal educada. A ideia de que devesse a Mrs. Elton o que ela chamava de *apresentação*, e, além de tudo, sair em público sob os auspícios de uma amiga de Mrs. Elton – provavelmente alguma viúva vulgar e escandalosa, que fazia o possível para sobreviver com a ajuda de algumas pensionistas!... A dignidade de Miss Woodhouse, de Hartfield acabaria por afundar, sem dúvida!

Ela se controlou, no entanto, evitando dar uma das respostas que passaram por sua mente, e apenas agradeceu friamente a Mrs. Elton “infelizmente não havia como ir a Bath agora, e não tinha certeza se o lugar faria mais bem a ela do que fizera ao pai”. E então, para evitar qualquer outro ultraje ou desconsideração, mudou imediatamente de assunto.

– Não vou lhe perguntar se a senhora aprecia música, Mrs. Elton. Nesses casos, a reputação de uma dama geralmente a precede, e Highbury há muito tem conhecimento que a senhora é uma exímia musicista.

– Oh, não! Na verdade não. Devo protestar contra tal ideia. Uma exímia musicista!... Bem longe disso, lhe asseguro. Considere que a sua

informação veio de uma fonte muito parcial. Tenho profundo gosto por música – uma verdadeira paixão, e meus amigos dizem que não sou inteiramente destituída de bom gosto, mas quanto ao resto, lhe dou minha palavra que minha execução é *mediocre*, no máximo. Mas a senhorita, Miss Woodhouse, eu já ouvi falar que toca divinamente. Posso lhe garantir que para mim foi a maior satisfação, conforto e alegria saber que eu estou prestes a entrar em uma deliciosa sociedade musical. Eu não vivo sem música, absolutamente. Para mim é uma necessidade vital, e como sempre fui acostumada a fazer parte de uma sociedade onde se cultivava muito a música, tanto em Maple Grove como em Bath, teria sido um sacrifício muito grande ficar longe dela. Eu disse isso sinceramente a Mr. E quando ele estava falando do nosso futuro lar. Ele expressou sua preocupação de que a tranquilidade do lugar pudesse ser desagradável, e também quanto à inferioridade da casa, sabendo a que estou acostumada... naturalmente que ele estava apreensivo. Quando ele falou dessa forma, eu honestamente disse que poderia desistir do *mundo* – festas, bailes, jogos – pois não tenho medo de me isolar. Abençoada com tantos recursos em mim mesma, o mundo não era necessário para *mim*. Posso passar muito bem sem ele. Para aqueles que não possuem recursos, as coisas são diferentes, mas meus recursos me tornam bastante independente. E quanto às salas serem menores do que eu estava acostumada, não dei a menor importância. Esperava estar à altura de qualquer sacrifício desse tipo. Certamente me acostumei com todo o luxo de Maple Grove, mas eu lhe assegurei que duas carruagens não eram necessárias para a minha felicidade, e nem acomodações espaçosas. “Mas”, eu disse, “para ser honesta não acredito que poderia viver sem música. Não imponho nenhuma outra condição, mas sem música, a vida não teria sentido para mim”.

– Não é de se supor – disse Emma, sorrindo – que Mr. Elton tenha hesitado em lhe assegurar que existe uma sociedade *muito* musical em Highbury. E espero que ele não tenha ultrapassado a verdade para além do que é permitido, considerando seus motivos.

– Não, realmente, não tenho a menor dúvida nesse sentido. Estou encantada por encontrar-me em tal círculo. Espero que possamos fazer alguns pequenos concertos juntas. Acho, Miss Woodhouse, que a senhorita e eu podemos criar um clube musical e ter encontros semanais regulares, na sua casa ou na nossa. Não seria um belo plano? Se nos esforçarmos acho que logo teremos muitos associados. Algo assim seria particularmente interessante para *mim*, pois me ajudaria a manter a prática. As mulheres casadas, a senhorita sabe... há muitas histórias tristes. Em geral estão sempre prontas a desistir da música.

– Mas a senhora, que gosta extremamente de música, não corre esse risco, eu imagino...

– Espero que não, mas quando olho à minha volta, para minhas amigas, chego a tremer. Selina desistiu inteiramente da música, nem sequer chega perto do piano, apesar de tocar de forma muito doce. O mesmo pode ser dito de Mrs. Jeffereys – Clara Partridge, quando solteira – e das duas Milmans, agora Mrs. Bird e Mrs. James Cooper; e tantas outras que poderia enumerar. Dou-lhe minha palavra que isso me dá medo. Eu costumava ficar muito zangada com Selina, mas agora começo a compreender que uma mulher casada tem muitas coisas a exigir-lhe a atenção. Creio que passei meia hora esta manhã fechada com minha governanta.

– Mas as coisas desse tipo – disse Emma – logo estarão correndo de forma regular..

– Bem – disse Mrs. Elton, rindo – veremos.

Emma, percebendo que ela estava determinada a não negligenciar sua música, não encontrou mais nada para dizer. E, após uma pausa, Mrs. Elton encontrou outro assunto.

– Estivemos visitando Randalls – disse ela – e encontramos os dois em casa. São pessoas muito agradáveis. Gostei extremamente deles. Mr. Weston parece uma excelente criatura... já é um dos meus favoritos, lhe asseguro. E *ela* parece tão bondosa, de verdade... Há alguma coisa de maternal e de bom coração em Mrs. Weston que nos conquista de imediato. Ela foi sua governanta, eu creio...

Emma ficou quase chocada demais para responder, mas Mrs. Elton dificilmente esperava pela confirmação antes de continuar.

– Sabendo disso, eu fiquei um tanto espantada de achá-la tão parecida com uma verdadeira dama! Mas ela é realmente muito gentil.

– As maneiras de Mrs. Weston – disse Emma – sempre foram particularmente boas. Seu caráter, simplicidade e elegância, fazem dela o melhor modelo para qualquer jovem dama.

– E quem a senhorita acha que apareceu enquanto estávamos lá?

Emma ficou sem saber o que dizer. O tom dela indicava que devia ser alguma amizade antiga. Mas como ela poderia adivinhar?

– Knightley! – continuou Mrs. Elton – O próprio Knightley! Não foi uma sorte? Como eu não estava em casa quando ele veio nos visitar, não o conhecia pessoalmente. E, é claro, sendo um amigo tão próximo de Mr. E eu estava bastante curiosa. “Meu amigo Knightley” foi pronunciado tantas vezes que eu estava impaciente para conhecê-lo. E devo fazer justiça ao meu *caro esposo*^[2]

ao lhe dizer que ele não tem motivo para se envergonhar de seu amigo. Knightley é um verdadeiro cavalheiro! Gostei muitíssimo dele. Decididamente, acho que ele é um verdadeiro cavalheiro.

Felizmente, chegara a hora de se despedirem. Eles se foram, e Emma pôde voltar a respirar.

“Mulher insuportável!” foi sua imediata exclamação mental. “Ela é muito pior do que eu imaginava. Absolutamente insuportável! Knightley! Nem pude acreditar nisso. Knightley!... Nunca o viu na vida e o chama de Knightley!... E descobriu que ele é um cavalheiro! Uma pequena arrogante, uma criatura vulgar, com seu Mr. E, e seu *caro sposo*, e seus recursos, e todos os seus ares de pretensão e fineza mal educada. Realmente, descobrir que Mr. Knightley é um cavalheiro! Duvido que ele vá retribuir o cumprimento descobrindo que ela é uma dama. Nem pude acreditar nisso. E propor que nos unamos para formar um grupo musical! Não imaginar que somos amigas íntimas. E Mrs. Weston!... Admirar-se que a pessoa que me criou seja uma dama! Pior e pior. Nunca conheci ninguém igual. Muito pior do que eu esperava. Harriet já está desgraçada por qualquer comparação. Oh! O que Frank Churchill diria dela, se estivesse aqui? Como ficaria zangado e divertido! Ah! Aqui estou eu pensando de novo nele. Sempre a primeira pessoa em quem eu penso! Como me pego em erro. Frank Churchill a toda hora me vem à mente!”

Tudo isso passava depressa pela sua mente, mas quando o pai se recompôs após o alvoroço da partida dos Eltons, e estava pronto para falar, ela já se achava em condições de se comportar de maneira tolerável.

– Bem, minha querida – ele começou, entrando no assunto – considerando que nunca a vimos antes ela parece uma jovem dama muito bonita. E ousou dizer que gostou muito de você. Ela fala um pouco rápido demais, e essa rapidez às vezes fere os ouvidos. Mas acho que me comportei bem. Não gosto de vozes estranhas, e ninguém fala como você e a pobre Miss Taylor. No entanto, ela parece muito amável e bem educada, sem dúvida vai ser uma boa esposa para Mr. Elton. Apesar de eu achar que ele não devia ter se casado. Desculpei-me o melhor que pude por não ter podido visitar a ela e a Mr. Elton, por ocasião do casamento. Disse que *talvez* eu possa durante o verão. Mas eu devia ter ido antes. Não visitar uma noiva é uma falta imperdoável. Ah! Isso mostra que triste inválido eu me tornei! Mas não gosto da esquina da alameda do Vicariato.

– Acredito que suas desculpas tenham sido aceitas, senhor. Mr. Elton o conhece bem.

– Sim, mas uma jovem dama – uma noiva – eu deveria ter ido

apresentar meus respeitos a ela, se possível. Foi uma grande deficiência.

– Mas, meu querido papai, o senhor não é a favor do matrimônio. Por que então ficar tão ansioso para apresentar seus respeitos a uma *noiva*? Não seria uma boa recomendação para o *senhor*. Se fizesse isso estaria encorajando as pessoas a se casarem.

– Não, minha querida, nunca encorajei ninguém a se casar, mas sempre demonstrei a atenção devida a uma dama... e uma noiva, especialmente, não deve ser negligenciada. *Ela* tem direito ao maior reconhecimento. Uma noiva, você sabe, minha querida, é sempre a primeira nas atenções, deixa os outros em segundo plano.

– Bem, papai, se isso não é encorajar o matrimônio, não sei o que possa ser. E nunca esperaria que o senhor desse sua aprovação a essas tais vaidades-iscas para as pobres jovens damas.

– Minha querida, você não está me entendendo. Isso é uma mera questão de polidez comum e boa educação, não tem nada a ver com encorajar as pessoas a se casarem.

Emma não disse mais nada. Seu pai estava ficando nervoso, e não podia entendê-la. Sua mente retornou às ofensas de Mrs. Elton, que a ocuparam por um longo, longo tempo.

[1] Carruagem de quatro rodas, com dois bancos situados frente a frente, e dupla capota que pode ser levantada ou abaixada. Deve seu nome à cidade alemã de Landau, onde foi produzida.

[2] *Caro sposo* = querido esposo. Em italiano no original

CAPÍTULO XV

Emma não fez nenhuma descoberta subsequente que a fizesse retratar-se de sua má opinião sobre Mrs. Elton. Suas observações haviam sido absolutamente corretas. Da mesma forma que se mostrara em seu segundo encontro, Mrs. Elton também se mostrara nos encontros que se seguiram – arrogante, presunçosa, atrevida, ignorante e mal educada. Tinha alguma beleza e algum talento, mas um julgamento tão falho a ponto de acreditar que possuía um conhecimento superior do mundo, e por isso poderia enriquecer e melhorar seus vizinhos do campo. Imaginava que, como Miss Hawkins, ocupara um lugar tão elevado na sociedade que só a importância de Mrs. Elton poderia sobrepujar.

Não havia razões para supor que Mr. Elton pensasse de forma diferente da esposa. Ele parecia não apenas feliz com ela, mas orgulhoso. Tinha o ar de quem se congratulava intimamente por ter trazido tal mulher para Highbury, a quem nem Miss Woodhouse poderia se igualar. E grande parte de seus novos amigos, dispostos a aprovar, ou não tendo o hábito de julgar, mostrava-se satisfeita com ela, seguindo a liderança da boa natureza de Miss Bates, ou tomando como certeza que a noiva era tão inteligente e agradável como ela mesma se dizia. Assim, os elogios a Mrs. Elton passavam de boca em boca, como devia ser, sem intervenção da parte de Miss Woodhouse, que prontamente confirmava sua primeira opinião, dizendo com extrema graça que ela era “muito agradável e muito bem vestida”.

Num aspecto, porém, Mrs. Elton tornou-se ainda pior do que a princípio se mostrara. Seus sentimentos se modificaram em relação à Emma. Provavelmente ofendida pelo pouco entusiasmo que suas propostas de intimidade haviam despertado, ela recuou e se tornou aos poucos mais fria e distante. Apesar de o resultado ser agradável, a má vontade que o acompanhava estava aumentando a antipatia de Emma em relação a ela. As maneiras do casal eram muito desagradáveis para com Harriet. Eram sarcásticos e negligentes. Emma esperava que isso apressasse a cura da jovem, mas as sensações provocadas por tal comportamento abatiam muito as duas moças. Não havia dúvida de que o afeto demonstrado pela pobre Harriet tinha intenções matrimoniais, e seu próprio papel na história provavelmente também fora comunicado à esposa com um colorido desfavorável a ela e favorável a ele. Harriet, é claro, era o objeto do desprezo do casal. Quando não tinham nada para falar, era fácil começarem a dizer coisas maldosas sobre Miss Woodhouse; e a animosidade e o desrespeito que não ousavam demonstrar abertamente por ela, encontrara um objetivo mais adequado no tratamento desprezível que davam a Harriet.

Mrs. Elton teve grande simpatia por Jane Fairfax, e desde o início. Não

apenas porque a guerra declarada a uma mulher supostamente a inclinasse a gostar de outra, mas fora assim desde o princípio. E ela não ficava satisfeita em demonstrar uma afeição natural e razoável, mas sem nenhuma solicitação, privilégio ou desculpa, desejava por todos os meios ser amiga de Miss Fairfax. Antes que Emma houvesse lhe recusado sua confiança, na terceira vez que se encontraram, tivera que ouvir todo o quixotismo de Mrs. Elton a respeito do assunto.

– Jane Fairfax é absolutamente encantadora, Miss Woodhouse... Eu a adoro, de verdade! Que criatura doce e interessante! Tão meiga, educada... e tão talentosa! Ela tem um talento extraordinário, posso lhe assegurar. Não tenho escrúpulos em dizer que ela toca extremamente bem. Conheço o suficiente de música para dar minha opinião cabal sobre isso. Oh! Ela é absolutamente encantadora! Você vai rir do meu entusiasmo, mas dou-lhe minha palavra que não consigo falar de outra coisa além de Jane Fairfax! E a situação dela é de cortar o coração! Miss Woodhouse, devemos juntar nossos esforços para fazer algo por ela. Precisamos ampará-la. Um talento como o dela não pode permanecer desconhecido. Acredito que a senhorita conheça estes belos versos do poeta:

*Muitas flores desabrocham para não serem vistas
E desperdiçam sua fragrância no ar do deserto*

Não podemos permitir que isso aconteça com a doce Jane Fairfax.

– Acho que não há perigo de que isso aconteça – foi a calma resposta de Emma – e quando a senhora ficar conhecendo melhor a situação de Jane Fairfax e entender o tipo de lar que ela teve, com o coronel e Mrs. Campbell, tenho certeza que irá perceber que seu talento jamais passará despercebido.

– Mas, querida Miss Woodhouse, ela está agora em tal isolamento, tal obscuridade, tão desperdiçada. Qualquer vantagem que possa ter usufruído com os Campbells agora está chegando ao fim! E acho que ela sente isso. Estou certa que sim. Ela é muito tímida e silenciosa, mas pode-se ver que sente a falta de encorajamento. Gosto ainda mais dela por isso. Devo confessar que essa maneira de ser é uma recomendação para mim. Sou uma grande defensora da timidez, e estou certa que não se encontra isso com frequência. Mas naqueles que são inferiores em tudo, é extremamente simpático. Oh! Jane Fairfax tem um caráter adorável, posso lhe assegurar, e me interessa mais do que posso expressar.

– A senhora parece gostar muito dela. Mas não sei por que a senhora, ou qualquer outra conhecida de Miss Fairfax aqui, nenhuma daquelas que a conhecem há mais tempo do que a senhora, possam mostrar por ela mais atenção do que...

– Minha querida Miss Woodhouse, muita coisa pode ser feita por aqueles que ousam agir. A senhorita e eu não precisamos ter medo. Se *nós* dermos o exemplo, muitos nos seguirão enquanto puderem, apesar de não se encontrarem na nossa situação. *Nós* temos carruagens para pegá-la e levá-la em casa, e *nós* vivemos em um estilo em que a adição de Jane Fairfax não causará o menor inconveniente, em tempo algum. Eu ficaria muito contrariada se tivesse que retribuir o convite que Wright nos fez para jantar, e depois me lamentasse por não ter insistido mais para que Jane Fairfax participasse dele. Não tenho ideia de como são essas coisas. Não é de se *esperar* que eu tenha, considerando o nível a que estou acostumada. Meu grande risco, talvez, como dona de casa, seria bem o contrário, de fazer demais, e ser muito descuidada com as despesas. Maple Grove acabaria por ser meu modelo, mais do que deveria, pois não podemos, de modo algum, nos igualar ao meu cunhado, Mr. Suckling, em termos de renda. No entanto, minha decisão está tomada quanto a conhecer melhor Jane Fairfax. Eu sei, com certeza, que a terei frequentemente em minha casa, vou apresentá-la aonde eu for, farei saraus musicais para mostrar seu talento, e vou estar sempre em busca de uma situação adequada para casamento. Tenho tantas amizades, que não duvido de encontrar alguém conveniente para ela. Eu devo apresentá-la, naturalmente, para minha irmã e meu cunhado, quando vierem nos visitar. Tenho certeza de que vão gostar dela extremamente. E quando Jane os conhecer melhor seus temores deixarão de existir, pois as maneiras deles são bastante conciliadoras. Devo recebê-la muitas vezes enquanto eles estiverem comigo, e tenho certeza que vamos encontrar um lugar para ela no nosso landau quando sairmos em exploração.

“Pobre Jane Fairfax!” pensava Emma. “A senhorita não merece isso. Mesmo que tenha agido errado em relação a Mr. Dixon essa é uma punição muito além do que a senhorita merece! A bondade e a proteção de Mrs. Elton! ‘Jane Fairfax isso, Jane Fairfax aquilo’ Deus do Céu! Espero que ela não faça o mesmo comigo, e saia falando o tempo todo de Emma Woodhouse por ai! Mas parece não haver limite para a licenciosidade da língua dessa mulher”.

Emma não iria ouvir tais disparates novamente, pelo menos nenhum tão diretamente dirigido a ela, tão desagradavelmente enfeitado com um “querida Miss Woodhouse”. Logo em seguida Mrs. Elton mudou de lado e ela foi deixada em paz. Nem foi forçada a ser a amiga muito especial de Mrs. Elton, nem, sob o comando de Mrs. Elton, ser a ativa benfeitora de Jane Fairfax. Passara a conviver com elas de modo geral, sabendo o que era sentido, o que

pensado e o que era feito.

Ela observava tudo com algum divertimento. A gratidão de Miss Bates pelas atenções de Mrs. Elton para com Jane era naquele seu estilo de franca simplicidade e calor. Ela era uma pessoa das mais valiosas, a mais amigável, mais afável e mais adorável mulher que havia, tão talentosa e condescendente quanto Mrs. Elton pretendia ser considerada. Emma só ficou surpresa por Jane Fairfax aceitar tais atenções e tolerar Mrs. Elton como ela parecia fazer. Passava o tempo todo ouvindo que Jane fora passear com os Eltons, que se sentara com os Eltons, que passara o dia com os Eltons! Era espantoso! Ela não podia acreditar que fosse possível que o gosto ou o orgulho de Miss Fairfax pudesse aceitar manter o tipo de amizade que os moradores do Vicariato tinham para oferecer.

“Ela é um enigma, um verdadeiro enigma!” pensava Emma. “Escolher ficar aqui, mês após mês, sofrendo privações de todo tipo! E agora preferir a mortificação da amizade de Mrs. Elton e a penúria de sua conversa, em vez de retornar para a companhia muito superior daqueles que sempre a amaram com real e generosa afeição”.

Jane viera para Highbury por três meses, em princípio. Os Campbells foram para a Irlanda por três meses, mas agora haviam prometido à filha que ficariam pelo menos até a metade do verão, e um novo convite foi enviado a Jane para juntar-se a eles lá. De acordo com Miss Bates – as informações vinham todas dela – Mrs. Dixon havia escrito insistindo para que ela fosse. Se Jane resolvesse ir, tomariam as providências, enviariam criados, pediriam a ajuda dos amigos e não haveria dificuldade alguma para viajar. Mas, ainda assim, ela recusou!

“Jane Fairfax deve ter algum motivo, mais poderoso do que parece, para recusar o convite” foi a conclusão de Emma. “Ela deve estar sofrendo algum castigo, infligido pelos Campbells ou por ela mesma. Existe um grande medo, uma grande cautela, e uma grande determinação em algum lugar. Ela *não* deve visitar os *Dixons*. Alguém dera essa ordem. Mas por que ela concordava em ficar com os Eltons? Essa era uma outra charada”.

Quando Emma falou de suas especulações a respeito para os poucos que conheciam sua opinião sobre Mrs. Elton, Mrs. Weston arriscou esta justificativa para Jane:

– Não podemos supor que ela tenha grande divertimento no Vicariato, minha querida Emma, mas é melhor que estar sempre em casa. Sua tia é uma criatura muito boa, mas deve ser cansativa como companheira constante. Devemos pensar no que Miss Fairfax evita, antes que possamos condenar seu gosto por aquilo que aceita.

– A senhora está certa, Mrs. Weston – disse Mr. Knightley, de forma calorosa – Miss Fairfax é tão capaz como nós de formar uma opinião justa sobre Mrs. Elton. Se ela pudesse escolher as pessoas com quem se associa, não a teria escolhido. Mas (com um sorriso de reprovação para Emma), ela recebe atenções de Mrs. Elton que mais ninguém lhe concede.

Emma sentiu que Mrs. Weston dava-lhe um olhar de relance. Ela mesma estava espantada com a veemência dele, e ruborizando levemente respondeu:

– Essas atenções de Mrs. Elton, eu creio, deviam antes desgostar do que gratificar Miss Fairfax. Preferiria qualquer coisa, menos aceitar os convites de Mrs. Elton.

– Pergunto-me – disse Mrs. Weston – se Miss Fairfax não foi levada a isso, contra sua própria vontade, apenas pela ansiedade de sua tia em aceitar as atenções de Mrs. Elton. A pobre Miss Bates muito possivelmente comprometeu a sobrinha e levou-a a mostrar mais intimidade do que seu bom senso teria recomendado, a despeito de algum desejo natural de um pouco de mudança.

As duas estavam ansiosas para ouvir a opinião de Mr. Knightley e, depois de alguns minutos de silêncio, ele disse:

– Outra coisa também deve ser levada em consideração... Mrs. Elton não fala tanto *com* Miss Fairfax quanto fala *de* Miss Fairfax. Todos sabemos a diferença entre os pronomes *ele*, *ela* e *ocê*, os mais simplesmente usados entre nós. Todos sentimos a influência de algo além da simples boa educação nas nossas relações com os outros, alguma coisa implantada anteriormente. Não podemos dar a ninguém a desagradável impressão de que estamos aborrecidos pelo que fizemos na hora anterior. Sentimos as coisas de forma diferente. Além disso, como princípio geral, pode-se estar certo de que Miss Fairfax impressiona Mrs. Elton por sua superioridade, tanto de mente como de maneiras. E que, face a face, Mrs. Elton a trata com todo o respeito que ela merece. Uma mulher como Jane Fairfax provavelmente nunca apareceu na vida de Mrs. Elton antes, e nenhum grau de vaidade pode impedir que essa senhora reconheça sua própria inferioridade, tanto em atitudes como em pensamentos.

– Sei o quanto o senhor aprecia Jane Fairfax... – disse Emma.

Pensava no pequeno Henry, e um misto de alarme e delicadeza impediu-a de dizer mais.

– Sim – ele respondeu – todos devem saber o quanto eu a aprecio.

– Mesmo assim...

Emma começou a falar com um olhar atravessado, mas se conteve. Então achou que era melhor que ele soubesse logo do pior, e apressou-se em dizer:

– Talvez o senhor não possa avaliar o quanto a aprecia. A extensão de sua admiração pode surpreendê-lo qualquer dia desses.

Mr. Knightley estava ocupado neste momento, mexendo nos botões de suas grossas polainas de couro e, seja pelo esforço de abotoá-los, seja por qualquer outro motivo, ficou ruborizado enquanto respondia:

– Ah! Você já chegou a esse ponto?... Pois saiba que está miseravelmente atrasada. Mr. Cole já me insinuou a mesma coisa seis semanas atrás.

Ele se calou. Emma sentiu que Mrs. Weston cutucava-lhe o pé, e ela mesma não sabia o que dizer. Um momento depois, ele continuou:

– Isso nunca vai acontecer, posso lhe assegurar. Ouso dizer que Miss Fairfax não me aceitaria se eu a pedisse. E tenho absoluta certeza de que jamais pedirei.

Emma cutucou o pé de Mrs. Weston por sua vez. E foi com satisfação que exclamou:

– O senhor não é fútil, Mr. Knightley. Admiro isso no senhor.

Ele mal pareceu ouvi-la, estava pensativo. Pouco depois ele disse, aparentando desagrado:

– Então você andou decidindo que devo me casar com Jane Fairfax?

– Não, na verdade, não. O senhor me repreendeu demais sobre minha mania de tentar fazer casamentos para que eu possa tomar tal liberdade a seu respeito. O que acabei de dizer não significa nada. Falamos esse tipo de coisas, é claro, sem nenhum significado sério. Oh, não! Dou-lhe minha palavra que nunca desejei que o senhor se casasse com Jane Fairfax nem com Jane nenhuma. O senhor não poderia mais vir e sentar-se conosco como faz agora se fosse casado.

Mr. Knightley ficou pensativo de novo. O resultado de seu devaneio foi:

– Não, Emma, não acho que a extensão de minha admiração por ela algum dia vá me pegar de surpresa. Nunca pensei nela dessa forma, lhe asseguro. Jane Fairfax é uma moça muito encantadora, mas nem Jane Fairfax é perfeita. Ela tem um defeito. Não tem o temperamento franco que um homem deseja em uma esposa.

Emma só podia se alegrar por saber que ela tinha um defeito.

– Bem – disse ela – imagino que o senhor tenha silenciado Mr. Cole imediatamente.

– Sim, imediatamente. Ele me fez uma insinuação clara. Eu disse-lhe que estava enganado. Ele pediu-me desculpas e não disse mais nada. Cole não quer ser mais inteligente ou mais esperto que seus vizinhos.

– Quanto a isso, como é diferente da querida Mrs. Elton, que quer ser mais inteligente e mais esperta do que todo o mundo! Imagino como ela fala dos Coles, como os chama! Que apelido será que lhes deu, com sua vulgaridade sem cerimônia? Se ela chama o senhor de Knightley... como será que chama Mr. Cole? E ainda assim eu não deveria estar surpresa de Jane aceitar suas atenções e consentir em ser sua amiga. Mrs. Weston, seu argumento tem grande peso sobre mim. Posso cair mais prontamente na tentação de afastar-me de Miss Bates, do que acreditar no triunfo da mente de Miss Fairfax sobre a de Mrs. Elton. Não acredito que Mrs. Elton se dê conta de sua inferioridade, seja em pensamento, palavra ou ação, ou que tenha qualquer contenção, além de sua deficiente regra a respeito de ser bem nascido. Não creio que ela deixe de insultar sua visitante com elogios, encorajamentos e ofertas de favores. Que não esteja continuamente detalhando suas magníficas intenções, tanto em conseguir-lhe uma situação permanente, como em incluí-la nessas maravilhosas excursões de exploração que devem ter lugar no landau do cunhado.

– Miss Fairfax possui intuição – disse Mr. Knightley – não a estou acusando de não ter intuição. Sua sensibilidade, imagino, é poderosa, e tem um temperamento excelente no que se refere à paciência e ao autocontrole, mas falta-lhe franqueza. Ela é reservada, mais reservada, eu acho, do que costumava ser. E eu gosto de um temperamento franco, aberto. Não, até que Cole aludisse ao meu suposto interesse por ela, isso nunca tinha passado pela minha mente. Eu sempre vi e conversei com Jane Fairfax com admiração e prazer, mas nunca tive um pensamento além disso.

– Bem, Mrs. Weston – disse Emma, triunfantemente, quando ele as deixou – o que tem a me dizer agora sobre Mr. Knightley casar-se com Jane Fairfax?

– Bem, na verdade, minha querida Emma, digo que ele está tão ocupado em afirmar que *não* está apaixonado, que eu me pergunto se ele não vai acabar exatamente assim, afinal. Não me critique.

CAPÍTULO XVI

Todas as pessoas em Highbury e arredores que já haviam visitado Mr. Elton, estavam dispostas a prestar-lhe homenagens pelo casamento. Foram oferecidos jantares e festas à noite para ele e a esposa. E os convites se sucediam em tal quantidade, que ela logo teve a satisfação de perceber que não tinham sequer uma noite livre.

– Já vi como vai ser – ela disse – Já sei que vida deverei levar entre vocês. Posso garantir que vamos ficar esgotados. Nós realmente estamos ditando moda. Se isso é viver no campo, não pode haver nada melhor. De domingo a sábado, posso lhe afirmar que não temos sequer um dia livre! Uma mulher que tivesse menos recursos do que eu tenho talvez não soubesse lidar com isso.

Nenhum convite pareceu-lhe inoportuno. Seu hábito de viver em Bath tornava as festas noturnas absolutamente naturais para ela, e em Maple Grove aprendera a apreciar jantares. Ficara um pouco chocada pela ausência de duas salas de estar, pelas pobres tentativas de fazer bolos especiais, e por não haver gelo nas reuniões para jogos de cartas em Highbury. Mrs. Bates, Mrs. Perry, Mrs. Goddard e outras, estavam bastante atrasadas em conhecimento do mundo, mas ela logo iria mostrar-lhes como as coisas deviam ser feitas. No decorrer da primavera poderia retribuir suas atenções com uma festa muito superior – na qual as mesas de jogo seriam montadas cada uma com suas próprias velas, e com maços de cartas fechados, no verdadeiro estilo – e mais criados contratados para essa noite, além dos que possuíam, apenas para passar as bebidas exatamente na hora apropriada, e na ordem apropriada.

Emma, nesse meio tempo, não poderia ficar satisfeita se não organizasse um jantar em Hartfield para homenagear os Eltons. Não deviam fazer menos que os outros, ou ela estaria exposta a odiosas suspeitas, e imaginariam que era capaz de um ressentimento digno de pena. Deviam fazer um jantar. Depois que Emma falou disso por dez minutos, Mr. Woodhouse não pôde negar-se, e apenas fez o pedido usual de não sentar-se à cabeceira da mesa, seguido pela usual dificuldade de decidir quem deveria fazer isso por ele.

Quanto aos convidados, era necessária pouca reflexão. Além dos Eltons, deviam vir os Westons e Mr. Knightley, isso era evidente. E também era evidente que não podiam evitar convidar a pobre Harriet para formar oito pessoas. Mas esse convite não foi feito com a mesma satisfação, e Emma, por várias razões, ficou particularmente satisfeita quando Harriet lhe implorou para que lhe permitisse recusar. “Ela preferia não estar em companhia dele se pudesse evitar. Ainda não estava em condições de vê-lo e à sua encantadora

esposa juntos sem se sentir desconfortável. Se Miss Woodhouse não ficasse ofendida, ela preferia ficar em casa”. Era exatamente o que Emma teria desejado, se achasse isso possível o bastante para ser desejado. Estava encantada com a fortaleza de caráter de sua jovem amiga, achou corajoso da parte dela abrir mão do prazer de estar em companhia para ficar em casa. Ela poderia então convidar a pessoa que realmente desejava para formar os oito: Jane Fairfax. Desde sua conversa com Mrs. Weston e Mr. Knightley ficara mais consciente em relação à Jane Fairfax do que costumava. As palavras de Mr. Knightley calaram fundo em sua mente. Ele dissera que Jane Fairfax recebia de Mrs. Elton atenções que ninguém mais lhe concedia.

“Isso é a mais pura verdade”, pensava Emma “pelo menos no que se refere a mim, que era o que ele queria dizer, e me deixou envergonhada. Temos a mesma idade... Eu a conheço desde criança, deveria ter sido mais amistosa. Ela nunca mais vai gostar de mim, eu a negligenciei por tempo demais. Mas vou mostrar mais atenção para com ela do que fiz até agora”.

Os convites foram todos aceitos. Ninguém tinha outros compromissos e ficaram felizes. Os preparativos, no entanto, ainda não estavam concluídos quando uma circunstância bastante infeliz ocorreu. Os dois meninos Knightley mais velhos deveriam fazer uma visita de algumas semanas ao avô e à tia, na primavera. O pai dos meninos se propunha a trazê-los e passar o dia todo em Hartfield nessa ocasião, mas o dia marcado era exatamente o dia da festa. Os compromissos profissionais não permitiam a Mr. John Knightley modificar a data de sua visita, mas tanto Emma quanto seu pai ficaram perturbados com isso. Mr. Woodhouse achava que oito pessoas à mesa era o máximo que seus nervos podiam suportar, e agora haveria uma nona. Emma imaginava que seria uma nona pessoa muito mal humorada, por não poder vir nem a Hartfield por quarenta e oito horas sem se deparar com um jantar.

Ela confortou o pai melhor do que a si mesma, dizendo-lhe que apesar de serem nove, Mr. John sempre falava tão pouco que o acréscimo de ruído seria mínimo. No íntimo, porém, achava a troca muito desfavorável, pois teria o olhar sério e a conversa relutante do cunhado bem em frente a ela, ao invés do irmão.

O evento foi mais favorável a Mr. Woodhouse do que a Emma. John Knightley compareceu, mas Mr. Weston foi chamado à cidade com urgência e estaria ausente justo naquele dia. Deveria voltar a tempo de juntar-se a eles à noite, mas não para jantar. Mr. Woodhouse estava bastante à vontade e, vendo-o assim, feliz com a chegada das crianças, e observando a filosófica compostura do cunhado em aceitar sua desventura, Emma perdeu boa parte de sua ansiedade.

O dia chegou, o grupo se reuniu pontualmente, e Mr. John Knightley parecia seriamente disposto a mostrar-se agradável. Ao invés de carregar o irmão para junto de uma janela enquanto esperavam pelo jantar, ele se dedicava a conversar com Jane Fairfax. Olhava para Mrs. Elton, tão elegante quanto os laços e as pérolas podiam torná-la, em profundo silêncio – desejando apenas observar o suficiente para informar Isabella. Mas Miss Fairfax era uma velha conhecida e uma moça tranquila, e podia conversar com ela. Ele a encontrara pela manhã, quando voltava de um passeio com os garotos, justo quando começava a chover. Era natural que comentasse sobre o assunto:

– Espero que não tenha ido muito longe essa manhã, Miss Fairfax, pois tenho certeza que ficaria molhada. Nós mal conseguimos chegar em casa a tempo, espero que tenha voltado diretamente.

– Fui apenas até o correio – disse ela – e cheguei em casa antes que a chuva ficasse forte. É minha tarefa diária. Sempre sou eu quem busca as cartas quando estou aqui. Evita preocupações e me permite sair um pouco. Um passeio antes do café da manhã me faz muito bem.

– Mas não um passeio na chuva, eu imagino.

– Não, mas não estava chovendo quando saí.

Mr. John Knightley então sorriu e respondeu:

– Quer dizer que decidiu fazer seu passeio mesmo assim, pois a senhorita não estava a mais de dez metros da porta de sua casa quando tive o prazer de encontrá-la. Henry e John viram mais pingos de chuva do que podiam contar. O correio exerce uma grande atração em determinado período de nossas vidas. Quando chegar à minha idade vai se dar conta que as cartas não valem o transtorno de andar na chuva.

Ela ficou um pouco ruborizada, e então respondeu:

– Não devo nunca esperar ter uma situação como a sua, no meio de tantas pessoas queridas. E, portanto, não tenho esperança de que simplesmente ficando mais velha possa me tornar indiferente às cartas.

– Indiferente! Oh, não! Nunca pensei que a senhorita pudesse ficar indiferente. As cartas nunca são objeto de indiferença, geralmente são uma maldição muito positiva.

– O senhor está falando de cartas de negócios, as minhas são cartas de amizade.

– Sempre achei que fossem as piores das duas – respondeu ele, com

frieza. – Negócios, a senhorita sabe, podem trazer dinheiro; mas a amizade dificilmente o faz.

– Ah! O senhor não pode estar falando sério. Conheço Mr. John Knightley muito bem e sei que ele entende o valor da amizade tão bem quanto qualquer um. Posso imaginar com facilidade que as cartas representem pouco para o senhor, muito menos que para mim. Não é o fato de o senhor ser dez anos mais velho do que eu, porém, que faz a diferença; não é a idade, mas a situação. O senhor está próximo de todas as pessoas a quem ama, enquanto eu, provavelmente, nunca mais as terei por perto. E, portanto, até que eu tenha sobrevivido a todas as minhas afeições, uma agência de correio sempre terá o poder de me fazer sair, mesmo com um tempo pior do que o de hoje.

– Quando me referi à sua alteração pelo tempo, pelo passar dos anos – disse John Knightley – quis me referir a uma mudança de situação que os anos geralmente trazem. Acho que uma inclui a outra. O tempo diminui o interesse por qualquer afeição que não esteja dentro do nosso círculo de convívio diário, mas não é essa a mudança que imaginei para a senhorita. Como um velho amigo, espero que me permita esperar, Miss Fairfax, que daqui a dez anos a senhorita tenha tantas afeições junto a si como eu tenho.

Essas palavras foram ditas com muita gentileza, e muito longe de causar ofensa. Um agradável “obrigada” seria o suficiente como resposta bem humorada, mas um rubor, um lábio que tremia e uma lágrima furtiva, mostravam que elas foram sentidas de modo bem diferente da alegria. A atenção da moça foi então solicitada por Mr. Woodhouse que, conforme seu costume nessas ocasiões, circulava entre os convidados cumprimentando especialmente as damas, e agora se dirigia a ela. Com toda a sua meiga civilidade, o velho cavalheiro disse:

– Lamentei ouvir que a senhorita tomou chuva esta manhã, Miss Fairfax. As jovens damas devem se cuidar muito bem, pois são como plantas delicadas. Devem tomar conta da saúde e da aparência. Minha querida, você trocou as meias?

– Sim, senhor, eu troquei. E agradeço muito sua bondosa solicitude para comigo.

– Minha querida Miss Fairfax, as jovens damas devem ser bem cuidadas. Espero que sua boa avó e sua tia estejam bem. São algumas das minhas mais antigas amigas. Gostaria que minha saúde me permitisse ser um vizinho melhor. A senhorita muito nos honra vindo aqui esta noite, certamente. Minha filha e eu estamos altamente sensibilizados com sua bondade, e temos a maior satisfação de vê-la em Hartfield.

O velho cavalheiro, tão bondoso e bem educado, sentou-se então com o sentimento de haver cumprido seu dever. Fizera cada uma das senhoras sentir-se bem vinda e à vontade.

A essa altura, a caminhada na chuva já havia chegado aos ouvidos de Mrs. Elton, e seu desagrado agora desabava sobre Jane.

– Minha querida Jane, o que foi que ouvi?... Ir ao correio na chuva! Isso não pode acontecer, eu lhe asseguro. Menina travessa, como pode fazer uma coisa dessas? Só porque eu não estava lá para tomar conta de você.

Jane pacientemente assegurou-lhe que não pegara nenhum resfriado.

– Oh! Não diga isso a *mim*. Você é mesmo uma menina travessa e não sabe cuidar de si mesma. Ir ao correio, francamente! Mrs. Weston, já ouviu falar de algo assim? A senhora e eu devemos, de fato, exercer nossa autoridade.

– Com certeza – disse Mrs. Weston, de modo bondoso e persuasivo – sinto-me tentada a dar meu conselho. Miss Fairfax, a senhorita não deve correr tais riscos. Como é sujeita a resfriados fortes, deve ser particularmente cuidadosa, em especial nesta época do ano. Sempre achei que a primavera requer um maior cuidado que o normal. É melhor esperar uma ou duas horas, ou até mesmo meio dia pelas suas cartas do que correr o risco da tosse voltar. Ainda não sentiu isso, sentiu? Sim, estou certa que a senhorita é bastante razoável. Acredito que não fará isso outra vez.

– Oh! Ela *não vai* mesmo fazer isso de novo – apartou ansiosamente Mrs. Elton. – Não vamos permitir que faça tal coisa outra vez – e meneou a cabeça de modo significativo. – Devemos tomar alguma providência, devemos mesmo, vou falar com Mr. E. O homem que busca nossas cartas todas as manhãs (um dos nossos homens, eu esqueço seu nome), pode pegar as suas também e entregá-las. Isso vai eliminar todas as dificuldades. Eu acho, minha querida Jane, que você realmente não deve ter escrúpulos em aceitar tal oferta de *nossa* parte.

– A senhora é extremamente bondosa – disse Jane – mas não quero desistir da minha caminhada matinal. Fui aconselhada a ficar ao ar livre tanto quanto pudesse e, como devo caminhar um pouco, ir ao correio é um bom objetivo. Asseguro-lhe que nunca tive uma manhã tão ruim antes.

– Minha querida Jane, não diga mais uma palavra a respeito. Está tudo acertado, isto é (rindo com afetação), tanto quanto posso acertar alguma coisa sem a concordância do meu amo e senhor. Como sabe, Mrs. Weston, a senhora e eu devemos ser cautelosas na maneira como nos expressamos. Mas estou envaidecida, minha querida Jane, por ver que a minha influência não está sendo totalmente desperdiçada. Se eu não encontrar nenhuma dificuldade insuperável,

considere este ponto acertado.

– Desculpe-me – disse Jane, com ar sério – mas não posso consentir nesse arranjo de modo algum, seria um trabalho desnecessário para o seu criado. Se a tarefa não fosse um prazer para mim, ela seria feita pela criada de minha avó, como sempre acontece quando não estou aqui.

– Oh, querida, mas Patty tem tanto o que fazer! E é uma gentileza utilizar nossos criados.

Jane olhou como se não desejasse ceder, mas em vez de responder, voltou a falar com Mr. John Knightley.

– O correio é um estabelecimento maravilhoso! – ela disse. – A regularidade e rapidez com que agem! Se pensarmos em tudo o que é preciso fazer e em tudo que fazem tão bem, é de fato impressionante!

– É certamente muito bem controlado.

– Raramente ocorre algum erro ou negligência! E raramente, entre as milhares de cartas que circulam constantemente por todo o país, uma delas é entregue em endereço errado. Nem uma em um milhão, eu creio, é efetivamente perdida! E quando se imagina a variedade de letras, algumas muito ruins, que devem ser decifradas, isso aumenta a maravilha.

– Os funcionários ficam exímios por conta do hábito. Eles devem ter agilidade de vista e rapidez com as mãos para começar, e o exercício acaba por melhorá-los. E se a senhorita quiser alguma explicação mais completa – continuou ele, sorrindo – eles são pagos para isso. Esta é a chave para uma grande capacidade. O público paga e deve ser bem servido.

Falaram sobre as diversas variedades de caligrafia, e foram feitas as observações usuais.

– Ouvi dizer – disse John Knightley – que o mesmo tipo de letra sempre prevalece em uma família e onde o mesmo professor ensina, o que é bastante natural. Mas, por essa razão, imagino que a semelhança seja principalmente da parte das meninas, pois os meninos tem muito pouco ensino de caligrafia após certa idade, e rabiscam de qualquer jeito que encontram. Isabella e Emma escrevem de modo muito parecido, eu acho. Eu mesmo nem sempre consigo distinguir a letra de uma e de outra.

– Sim – disse seu irmão, hesitante – existe uma semelhança. Sei o que quer dizer, mas a letra de Emma é mais forte.

– Tanto Isabella como Emma têm uma letra muito bonita – disse Mr.

Woodhouse – e sempre tiveram. E a pobre Mrs. Weston também – olhando para ela com um meio sorriso e um leve suspiro.

– Nunca vi a letra de um cavalheiro... – Emma começou, também olhando para Mrs. Weston.

Parou de falar quando percebeu que Mrs. Weston dava atenção à outra pessoa, e a pausa deu-lhe tempo para refletir. “Como vou introduzi-lo na conversa? Serei capaz de falar seu nome na frente de todas estas pessoas? Será que preciso usar uma frase que faça um rodeio? Seu amigo de Yorkshire... Seu correspondente em Yorkshire... esses seriam os termos, suponho, se eu fosse muito má. Não. Posso pronunciar o nome dele sem nenhuma aflição. Com certeza estou melhorando a cada dia... Então vamos a isso!”

Mrs. Weston ficou livre novamente e Emma recomeçou:

– Mr. Frank Churchill tem uma das melhores letras que já vi, para um cavalheiro.

– Eu não a admiro – disse Mr. Knightley. – É muito pequena, falta-lhe força. É como a letra de uma mulher.

Nenhuma das damas concordou. Elas o defenderam contra esta indigna calúnia. “Não, não lhe faltava força de modo algum. Não era uma letra grande, mas muito clara e certamente forte. Mrs. Weston por acaso não teria uma carta dele consigo para mostrar?” Não, ela recebera notícias do enteado recentemente, mas guardara a carta depois de respondê-la.

– Se estivéssemos na outra sala – disse Emma – se eu tivesse aqui a minha escrivainha, tenho certeza que poderia encontrar uma amostra. Tenho um bilhete dele. Não se lembra, Mrs. Weston, de ter-lhe pedido que escrevesse em seu lugar uma vez?

– Ele preferiu dizer que gostaria de ocupar-se...

– Bem, bem... Eu tenho esse bilhete. Vou mostrá-lo após o jantar para convencer Mr. Knightley.

– Ah! Mas quando um jovem galante como Mr. Frank Churchill – disse secamente Mr. Knightley – escreve para uma linda moça como Miss Woodhouse, ele certamente dará o melhor de si.

O jantar foi servido. Mrs. Elton estava pronta antes de ser chamada a falar; e antes que Mr. Woodhouse pudesse chegar junto dela e oferecer seu braço para conduzi-la até a sala de jantar, já estava dizendo:

– Devo ir à frente? Fico tão envergonhada de ser sempre a primeira!

A preocupação de Jane em buscar suas próprias cartas não escapou à Emma. Ela vira e ouvira tudo, e tinha alguma curiosidade em saber se a caminhada na chuva daquela manhã rendera alguma carta. Ela achava que *sim*, que ela não teria ido ao correio tão resolutamente se não fosse para ter notícias de alguém muito querido, e que isso não fora em vão. Achava que Jane Fairfax ostentava um ar de alegria maior do que o normal, um brilho que tanto emanava do espírito quanto do semblante.

Ela poderia fazer uma pergunta ou duas, a respeito da expedição ou do custo de uma carta para a Irlanda. Estava na ponta da língua... mas Emma se conteve. Estava disposta a não dizer uma palavra que pudesse ferir os sentimentos de Jane Fairfax. E as duas jovens seguiram as demais damas para a outra sala, de braços dados, com uma aparência de boa vontade que aumentava significativamente a beleza e a graça de cada uma.

CAPÍTULO XVII

Quando as damas retornaram à sala de estar, após o jantar, Emma descobriu que dificilmente poderia impedir que formassem dois grupos distintos. Com enorme perseverança em julgar e comportar-se mal, Mrs. Elton juntou-se à Jane Fairfax e desprezou a companhia de Emma. Ela e Mrs. Weston eram quase sempre obrigadas a conversar entre si ou a ficar caladas. Mrs. Elton não lhes deu outra chance. Se Jane a continha por algum tempo, ela logo recomeçava a falar. Embora falassem através de sussurros, especialmente Mrs. Elton, não havia como evitar ouvir seus principais assuntos: o correio, pegar um resfriado, buscar cartas e amizade, temas longamente discutidos. A isso se seguiu outro assunto, que devia ser desagradável pelo menos para Jane: perguntas sobre se ela já soubera de alguma colocação que lhe fosse conveniente, e declarações de Mrs. Elton de que estava meditando sobre o assunto.

– Já estamos quase em abril! – ela disse. – Estou muito preocupada com você, logo estaremos em junho.

– Mas eu não me fixei em junho ou qualquer outro mês, falei apenas no verão de modo geral.

– Mas realmente não soube de nada?

– Eu, na verdade, nem sequer procurei; não desejo fazer isso agora.

– Oh, minha querida, nunca é cedo para começar. Você não tem ideia da dificuldade de encontrar exatamente o que se deseja.

– Não tenho ideia? – disse Jane, sacudindo a cabeça. – Cara Mrs. Elton, quem pensa nisso mais do que eu?

– Mas você não viu tanto do mundo quanto eu. Não sabe quantos candidatos existem sempre para as *melhores* colocações. Vi muito disso nos arredores de Maple Grove. Uma prima de Mr. Suckling, Mrs. Bragge, tinha uma infinidade de solicitações, todos queriam trabalhar para a família dela, pois pertencia ao círculo mais elevado da sociedade. Velas de cera na sala de estudos! Pode imaginar como era agradável! De todas as casas do país, a casa de Mrs. Bragge é a única na qual eu gostaria de vê-la.

– O coronel e Mrs. Campbell devem retornar à cidade pela metade do verão – disse Jane. – Devo ficar algum tempo com eles, sei que desejam isso. Depois disso é provável que fique feliz em dispor de mim mesma. Mas eu não gostaria que a senhora se desse ao trabalho de procurar alguma coisa no momento.

– Trabalho! Bem, conheço seus escrúpulos. Está com medo de me causar preocupações. Mas lhe asseguro, minha querida Jane, que os Campbells dificilmente poderiam estar mais interessados em você do que eu. Escreverei a Mrs. Partridge em um ou dois dias, e vou dar-lhe a estrita incumbência de procurar por alguma colocação adequada.

– Obrigada, mas preferia que a senhora não mencionasse o assunto para ela. Enquanto não chegar o momento, não desejo causar problemas a ninguém.

– Mas, minha querida criança, o tempo está passando. Estamos quase em abril, logo estaremos em junho, ou mesmo julho, e temos tanto trabalho a realizar. Sua inexperiência realmente me surpreende! Uma colocação como você merece, e na qual seus amigos desejariam vê-la, não é uma coisa que acontece todos os dias. Devemos começar a procurar imediatamente, na verdade!

– Perdoe-me, madame, mas essa não é minha intenção, absolutamente. Eu mesma não procurei ainda, e lamentaria se meus amigos o fizessem. Quando eu me decidir a respeito da época apropriada, não tenho medo algum de ficar desempregada. Na cidade existem lugares, escritórios, onde uma busca logo traria resultados... Escritórios para a venda, não de carne humana, mas sim de intelectos humanos.

– Oh, minha querida, carne humana! Você me choca, realmente; se estiver se referindo ao comércio de escravos, asseguro-lhe que Mr. Suckling sempre foi um amigo da abolição.

– Não me refiro a isso, não falei do comércio de escravos – respondeu Jane. – Comércio de governantas era o que eu tinha em mente. É bastante diferente, com certeza, no que se refere à culpa daqueles que o realizam, mas para a grande miséria das vítimas, não sei o que fere mais. Eu queria dizer apenas que existem escritórios de anúncios, e se eu me inscrever em um deles, não tenho dúvidas de logo em seguida encontrar alguma coisa que me sirva.

– Alguma coisa que lhe sirva! – repetiu Mrs. Elton. – *Isso* deve satisfazer sua humilde ideia a respeito de si mesma. Sei o quanto você é modesta, mas suas amigas não ficarão satisfeitas de vê-la aceitar qualquer emprego que lhe seja oferecido, alguma situação comum e inferior, em uma família que não pertença aos altos círculos, ou que não seja capaz de viver com os refinamentos da vida.

– A senhora é muito amável, mas sou indiferente a tudo isso. Não faço questão de viver entre os ricos, pois acho que minha mortificação seria maior, eu

sofreria mais com a comparação. A família de um cavalheiro é tudo que desejo.

– Eu a conheço, eu a conheço! Você ficaria contente com qualquer coisa. Mas eu serei um pouco mais amável e tenho certeza de que os bons Campbells estarão do meu lado. Com seu talento superior você tem direito a mover-se na alta roda. Seu conhecimento musical, sozinho, lhe dá o direito de ditar seus próprios termos, ter à disposição as acomodações que desejar, e participar da vida da família tanto quanto queira. Isto é, eu não sei... se você souber tocar harpa também, tem direito a tudo isso, tenho certeza. Mas você canta tão bem quanto toca. Eu realmente acho que, mesmo sem tocar harpa, pode estipular suas condições. E você deverá estar deliciosa, honrada e confortavelmente instalada antes que os Campbells e eu tenhamos algum descanso.

– A senhora pode colocar a delícia, a honra e o conforto de uma situação como essa sempre juntos – disse Jane – eles certamente se equivalem. No entanto, falo seriamente quando digo que não desejo que nada seja feito no momento. Sou extremamente grata à senhora, Mrs. Elton, sou grata a todos que sentem algo por mim, mas estou seriamente decidida a não querer que nada seja feito até o verão. Por mais dois ou três meses eu pretendo continuar onde estou e da forma que estou.

– E eu também falo sério, posso lhe garantir – disse Mrs. Elton, brincando – quando digo que estarei sempre buscando alguma coisa, e empregarei meus amigos para fazer o mesmo, de modo que nada realmente excepcional nos escape.

E ela continuou nesse estilo, sem nada que a fizesse parar, até que Mr. Woodhouse entrou na sala. A vaidade dela então mudou de objeto, e Emma a ouviu dizer para Jane, no mesmo tom de sussurro:

– Ai vem este velho e querido admirador meu, posso afirmar! Pense só na galanteria dele em vir antes dos outros homens! Que criatura adorável ele é! Asseguro-lhe que gosto dele excessivamente. Admiro toda essa pitoresca polidez à moda antiga, é muito mais ao meu gosto do que os costumes modernos, que às vezes me desagradam. Mas este bom e velho Mr. Woodhouse gostaria que ouvisse o modo galante com que se dirigiu a mim durante o jantar. Oh! Asseguro-lhe que comecei a pensar que meu *caro sposo* ficaria absolutamente enciumado. Imagino que eu seja sua favorita, pois ele notou o meu vestido. O que acha dele? Foi escolha de Selina, é bonito, eu acho, mas não sei se não é enfeitado demais. Detesto a ideia de parecer enfeitada demais... tenho horror de enfeites. Preciso usar alguns ornamentos agora, porque é o que se espera de mim. Uma noiva, você sabe, deve parecer uma noiva, mas meu gosto natural é

mais para a simplicidade. Um estilo simples de vestir é tão preferível aos enfeites! Mas estou em minoria, poucas pessoas parecem valorizar a simplicidade no vestir, ostentação e requinte é que são importantes. Pensei em colocar algum enfeite igual a este no meu vestido branco e prata de popelina. Acha que ficará bem?

O grupo inteiro mal voltara a se reunir na sala de estar, quando Mr. Weston chegou finalmente. Ele voltara para jantar em casa e, logo que terminou, caminhou até Hartfield. Não se esperava que fosse uma surpresa, mas houve grande alegria. Mr. Woodhouse estava tão contente de vê-lo agora quanto teria lamentado se o visse chegar antes. Apenas John Knightley estava mudo de espanto... um homem que podia passar a noite tranquilamente em casa, depois de um dia de negócios em Londres, se dignava a sair novamente e caminhar oitocentos metros até a casa de outro homem, apenas pelo prazer da companhia de um grupo de pessoas até a hora de dormir. Que esse homem passasse o final de seu dia em demonstrações de civilidade entre o barulho dos convidados, era uma circunstância que o impressionava profundamente. Um homem que estava em movimento desde as oito horas da manhã, e podia agora estar parado, que passara o dia inteiro falando e podia estar calado, que estivera em mais de uma multidão e podia estar sozinho! Um homem que deixara a tranquilidade e independência de sua própria lareira e que, na noite de um gelado dia de abril, corra para misturar-se de novo ao mundo! Se ele pudesse, com um toque de seus dedos, levar a esposa de volta imediatamente, então haveria um motivo. Mas sua chegada provavelmente prolongaria a festa, ao invés de encerrá-la. John Knightley olhava para ele com espanto, então deu de ombros e pensou “eu nunca acreditaria nisso, mesmo vindo *dele*”.

Enquanto isso Mr. Weston, sem nem suspeitar da indignação que causava, alegre e feliz como sempre – e com todo o direito de ser o principal a falar, pois passara o dia longe de casa – estava ficando à vontade na companhia dos demais. E tendo respondido às perguntas de sua esposa quanto ao jantar, convencendo-a de que nenhuma das suas cuidadosas instruções aos criados fora esquecida, contou aos outros as novidades que ouvira, e começou uma comunicação familiar. Embora principalmente dirigida a Mrs. Weston, não havia a menor dúvida que interessaria a todos os presentes na sala. Ele lhe entregou uma carta de Frank endereçada a ela, que pegara no caminho e tomara a liberdade de abrir.

– Leia, leia – ele dizia – vai lhe dar prazer. São só algumas linhas, não vai demorar, leia a carta para Emma.

As duas damas leram a carta juntas. Ele sentou-se com elas, sorrindo e falando o tempo todo, em uma voz um tanto baixa, mas bastante audível para

todos.

– Bem, ele está vindo, como pode ver. São boas notícias, creio. O que acha disso? Sempre lhe disse que ele voltaria logo, não disse? Anne, minha querida, não lhe falei sempre isso e você não me acreditou? Chegará à cidade na semana que vem, no máximo, eu acredito. Pois *ela* é tão impaciente quanto o cavaleiro negro, quando é preciso fazer alguma coisa. É mais provável que estejam aqui amanhã ou sábado. Quanto à doença dela, não foi nada, é claro. Mas é muito bom ter Frank de novo entre nós, na cidade, aqui tão perto. Quando vierem vão ficar uma boa temporada e ele passará a metade desse tempo conosco. É precisamente o que desejo. Bem, as notícias são ótimas, não acha? Já terminou de ler? Guarde, guarde a carta, vamos falar sobre isso com calma, depois, mas não agora. Apenas queria comunicar a notícia aos outros de forma geral.

Mrs. Weston estava o mais feliz que podia com a notícia. Seus modos e olhares não faziam nada para reprimir esta alegria. Estava feliz, sabia que estava feliz e sabia que merecia estar feliz. Suas congratulações ao marido foram calorosas e francas, mas Emma não podia expressar-se com tanta fluência. *Ela* estava um tanto ocupada em pesar seus próprios sentimentos, tentando entender a extensão da agitação que a dominava, que achou bastante considerável.

Mr. Weston, entretanto, ansioso demais para ser bom observador, comunicativo demais para permitir que os outros falassem, ficou muito satisfeito com o que Emma disse, e logo se dirigiu aos outros para fazer os amigos felizes, comunicando parcialmente algo que toda a sala já tinha ouvido.

Foi muito bom que Mr. Weston tomasse a alegria de todos como certa, ou não teria considerado nem Mr. Woodhouse nem Mr. Knightley particularmente encantados com a notícia. Eles eram os primeiros que deveriam ficar felizes, após Mrs. Weston e Emma. Depois viria Miss Fairfax, mas ela estava muito entretida conversando com John Knightley e não seria correto interromper. E achando-se perto de Mrs. Elton, que não conversava com ninguém, imediatamente entrou no assunto com ela.

CAPÍTULO XVIII

– Espero logo ter o prazer de apresentar-lhe meu filho – disse Mr. Weston.

Mrs. Elton, desejando supor que a esperança mencionada era um cumprimento especial para ela, sorriu com infinita graça.

– A senhora com certeza já ouviu falar de um certo Frank Churchill, eu suponho – continuou ele – e sabe que se trata de meu filho, embora não use o meu nome.

– Oh, sim, e ficarei muito feliz em conhecê-lo. Tenho certeza que Mr. Elton não perderá tempo em visitá-lo, e nós dois ficaremos muito felizes em recebê-lo no Vicariato.

– A senhora é muito amável, Frank ficará extremamente feliz, tenho certeza. Ele deverá chegar à capital na próxima semana, se não antes. Soubemos disso por uma carta que recebemos hoje. Peguei as cartas quando estava a caminho de Londres, hoje de manhã, e vendo a letra de meu filho me permiti abri-la, embora não fosse dirigida a mim diretamente. Era para Mrs. Weston, ela é a principal correspondente dele, asseguro-lhe. Eu mesmo raramente recebo uma carta.

– E então o senhor simplesmente abriu a que estava endereçada a ela! Oh, Mr. Weston! Devo protestar contra isso. (rindo afetadamente) Um precedente muito perigoso, de fato! Espero que não permita que seus vizinhos sigam seu exemplo. Se é isso que devo esperar, nós, mulheres casadas, devemos começar a nos cuidar! Oh, Mr. Weston, eu nunca poderia acreditar que fosse capaz de fazer isso!

– Bem, nós, homens, somos terríveis. A senhora deve tomar cuidado, Mrs. Elton. Esta carta nos diz... É uma carta curta, na verdade, escrita às pressas, apenas para nos dar a notícia... A carta diz que estão todos vindo diretamente para a capital por causa de Mrs. Churchill, que não passou bem durante todo o inverno, e acha que Enscombe é fria demais. Assim, decidiram partir para o sul sem mais demora.

– Não me diga! Eles vêm de Yorkshire, eu acho. Enscombe fica em Yorkshire?

– Sim, a cerca de trezentos quilômetros de Londres. É uma distância considerável.

– Sim, de fato, muito considerável. São cem quilômetros a mais do que

de Maple Grove a Londres. Mas o que significa a distância, Mr. Weston, para as pessoas ricas? O senhor ficaria espantado de saber quantas vezes meu cunhado, Mr. Suckling, viaja por aí. O senhor mal vai acreditar, mas ele e Mr. Bragge foram a Londres e voltaram duas vezes na mesma semana com quatro cavalos.

– O mal da distância de Enscombe – disse Mr. Weston – é que Mrs. Churchill, tanto quanto *nós sabemos*, não foi capaz de deixar o sofá por uma semana inteira. Na última carta de Frank ele se queixava de que ela estava tão fraca que não era capaz de ir até a estufa, a não ser que tivesse o apoio do braço dele e do marido! Isso mostra um alto grau de fraqueza, a senhora sabe, mas agora ela está tão impaciente para ir à cidade que pretende dormir apenas duas noites no caminho. Foi o que Frank nos contou na carta. Certamente, as damas delicadas têm constituições muito fortes, Mrs. Elton. A senhora há de concordar comigo nisso.

– Não, de fato, não concordo absolutamente. Sempre tomo o partido do meu próprio sexo, sempre mesmo. E lhe digo que vai encontrar em mim uma antagonista formidável nessa questão. Sempre defendo as mulheres, e posso lhe afirmar que se o senhor soubesse como Selina se sente a respeito de dormir em uma estalagem, não se espantaria de Mrs. Churchill fazer incríveis esforços para evitar isso. Selina diz que é um horror, e acho que peguei um pouco de seu refinamento. Ela sempre viaja com seus próprios lençóis, o que é uma excelente precaução. Mrs. Churchill faz o mesmo?

– Pode acreditar que Mrs. Churchill faz todas as coisas que qualquer outra dama refinada faria. Mrs. Churchill nunca fica atrás de nenhuma dama do mundo no que diz respeito...

Mrs. Elton interrompeu ansiosamente, dizendo:

– Oh! Mr. Weston, não me entenda mal. Selina não é uma dama refinada, eu lhe garanto. Não leve adiante essa ideia.

– Oh, não? Então ela não serve de exemplo para Mrs. Churchill, que é uma dama completamente refinada, como nunca se viu outra.

Mrs. Elton começou a pensar que errara em discordar com tanta veemência. Não era absolutamente sua intenção que alguém acreditasse que sua irmã *não* era uma dama refinada. Talvez faltasse algum espírito nessa afirmativa. Ela estava pensando em qual seria a melhor forma de retratar-se quando Mr. Weston continuou:

– Mrs. Churchill não desfruta das minhas boas graças, como a senhora deve suspeitar... mas isso fica entre nós. Ela é muito afeiçãoada a Frank e, portanto, não vou falar mal dela. Além disso, ela está doente no momento. Mas

isso, na verdade, segundo suas próprias palavras, ela sempre esteve. Eu não costumo dizer isso para todo mundo, Mrs. Elton, mas não acredito muito na doença de Mrs. Churchill.

– Se ela realmente está doente, por que não vai para Bath, Mr. Weston? Para Bath, ou para Clifton?

– Ela se apegou à ideia de que Enscombe é frio demais para ela. O fato é, creio eu, que está cansada de Enscombe. Ela está ali há muito tempo, mais tempo do que ficou em qualquer outro lugar, e começa a desejar uma mudança. É um lugar muito retirado. Muito bonito, mas muito retirado.

– Ah! É como Maple Grove, ousou dizer. Nenhum lugar fica tão afastado da estrada como Maple Grove. Tem uma enorme plantação em volta! Sinto-me excluída de tudo, no mais completo isolamento. E Mrs. Churchill provavelmente não possui saúde ou espírito como Selina para apreciar esse tipo de reclusão. Ou talvez ela não possua em si os recursos necessários para qualificar-se para a vida no campo. Sempre digo que uma mulher não deve ter muitos recursos... e me sinto agradecida por possuir tantos, o bastante para ser independente na sociedade.

– Frank esteve aqui por quinze dias, em fevereiro.

– Foi o que me lembro de ter ouvido. Ele encontrará uma *adição* à sociedade de Highbury quando voltar, isto é, se tenho o direito de declarar a mim mesma uma *adição*. Mas talvez ele nunca tenha ouvido falar de que existe tal criatura no mundo.

Esta era uma insinuação tão grande para um cumprimento, que ele não pode ignorar. Mr. Weston então exclamou imediatamente, com muita graça:

– Minha cara madame! Ninguém a não ser a senhora poderia imaginar tal coisa possível. Não ouvir falar da senhora! Creio que as últimas cartas de Mrs. Weston trataram de muito poucos assuntos além de Mrs. Elton.

Tendo feito sua obrigação, podia retornar ao filho.

– Quando Frank nos deixou – continuou ele – ficamos na incerteza de quando ele poderia voltar, o que torna as notícias de hoje duplamente felizes. Foi totalmente inesperado. Isto é, *eu* sempre tive a forte impressão de que ele voltaria logo, sempre achei que alguma coisa muito favorável iria acontecer, mas ninguém acreditava em mim. Ele e Mrs. Weston estavam ambos terrivelmente desanimados. “Como ele poderia ser persuadido a vir? E como supor que a tia e o tio pudessem dispensá-lo de novo?” e assim por diante. Eu sempre acreditei que algo aconteceria para nos favorecer, e assim aconteceu,

como pode ver. No decorrer da minha vida, Mrs. Elton, observei que se as coisas estavam ruins em um mês, sempre melhoravam no mês seguinte.

– É verdade, Mr. Weston, absolutamente verdade. Era justo o que eu costumava dizer para certo cavalheiro que estava sempre em minha companhia, nos dias em que me fazia a corte. Pois quando as coisas não iam muito bem e não seguiam adiante com toda a rapidez que ele desejava, começava a entrar em desespero e exclamar que estava certo, a essa altura, que chegaria o mês de *maio* antes que o manto cor de açafão de Himeneu[1] fosse estendido para nós. Ah! As dificuldades que tive para expulsar essas ideias sombrias e lhe trazer perspectivas mais alegres! A carruagem, então... Tivemos muitos problemas com a carruagem. Lembro-me que uma manhã ele me procurou em tal desespero...

Ela foi obrigada a parar por causa de uma leve tosse, e Mr. Weston imediatamente aproveitou a oportunidade para prosseguir.

– A senhora mencionou o mês de maio. Maio é justo o mês em que ordenaram a Mrs. Churchill, ou ela ordenou a si mesma, para passar em algum lugar mais quente que Enscombe. Em suma, ela virá para Londres, e assim teremos a agradável perspectiva das visitas frequentes de Frank durante toda a primavera, precisamente a estação do ano que se costuma escolher para uma visita. Os dias são bastante longos, o tempo é ameno e claro, convidativo a sair, e não é muito quente para caminhadas. Quando ele esteve aqui antes nós aproveitamos bastante. Mas houve vários dias chuvosos, úmidos e nublados. Em fevereiro sempre é assim, a senhora sabe, e não pudemos fazer metade dos passeios que desejávamos. Agora teremos tempo. Será uma enorme alegria, e eu mesmo não sei, Mrs. Elton, se a incerteza de nossos encontros, a constante expectativa da vinda dele para hoje ou amanhã, a qualquer hora, não seria mais propícia a nos trazer felicidade do que tê-lo realmente em casa. Creio, de fato, que é assim. Acho que é o estado da mente que nos traz mais ânimo e delícia. Espero que a senhora goste do meu filho, mas não espere um prodígio. Ele é tido como um jovem cavalheiro muito agradável, mas não deve esperar um prodígio. O afeto de Mrs. Weston por Frank é muito grande, com a senhora pode supor, e muito gratificante para mim. Ela acha que não existe ninguém igual a ele.

– E eu lhe asseguro, Mr. Weston, que tenho poucas dúvidas de que minha opinião será decididamente a favor dele. Ouvi tantos elogios a Mr. Frank Churchill! Ao mesmo tempo, é justo observar que sou uma daquelas pessoas que sempre julgam por si mesmas, e não me deixo guiar pelos outros de forma alguma. Eu lhe digo que tão logo conheça seu filho, farei o julgamento dele. Não sou uma adúladora.

Mr. Weston estava meditando.

– Espero – disse ele, então – não ter sido muito severo a respeito da pobre Mrs. Churchill. Se ela está mesmo doente, ficaria triste por fazer-lhe uma injustiça. Mas há alguns traços em seu caráter que tornam difícil para eu falar dela com a indulgência que eu gostaria. A senhora não deve ignorar, Mrs. Elton, o tipo de ligação que tenho com a família, nem o tratamento que recebi da parte deles. E, cá entre nós, a culpa disso tudo é inteiramente dela. Ela foi a instigadora. A mãe de Frank jamais teria sido desprezada como foi se não fosse por ela. Mr. Churchill é orgulhoso, mas seu orgulho não significa nada para a esposa. O orgulho dele é do tipo calmo, cavalheiresco e indolente, incapaz de ferir alguém, e apenas o torna um tanto desamparado e aborrecido. Mas o orgulho dela é arrogância e insolência! E o que leva as pessoas a não suportarem Mrs. Churchill, é que ela não tem nenhum direito de família ou de sangue. Não era ninguém quando se casou com ele, mal se podia dizer que era a filha de um cavaleiro. Desde que se tornou uma Churchill, no entanto, passou a usar o nome para exigir tudo de todos. Mas em si, garanto-lhe, ela é uma nova rica.

– Imagine! Bem, isso deve ser infinitamente irritante! Eu tenho profundo horror a novos ricos. Maple Grove me ensinou a detestar gente desse tipo, pois existe uma família na vizinhança que é um aborrecimento para minha irmã e meu cunhado, pelos ares de grandeza que têm! Sua descrição de Mrs. Churchill me levou imediatamente a pensar neles. O nome da família é Tupman, estão estabelecidos lá há pouco tempo, e se misturaram com pessoas muito inferiores, mas se dão ares de grandeza, esperando ficar no mesmo nível das famílias mais antigas. Devem estar em West Hall no máximo há um ano e meio, e ninguém sabe de que modo fizeram fortuna. Vieram de Birmingham, que não é um lugar muito promissor, como o senhor sabe, Mr. Weston. Não se deve esperar muito de quem vem de Birmingham. Sempre digo que existe algo de pavoroso no som desse nome, mas nada mais se sabe sobre os Tupmans, embora haja muitas suspeitas, garanto-lhe. E pelos seus modos é evidente que se imaginam iguais até mesmo ao meu cunhado, Mr. Suckling, que por acaso é um dos seus vizinhos mais próximos. É uma situação muito ruim. Mr. Suckling, que vive em Maple Grove há onze anos, e cujo pai possuía essa propriedade antes dele... Pelo menos eu acho, estou quase certa de que o velho Mr. Suckling adquiriu a propriedade antes de morrer.

Foram interrompidos, pois o chá estava sendo servido. Mr. Weston, tendo dito tudo o que queria dizer, logo aproveitou a oportunidade para afastar-se.

Após o chá, Mr. e Mrs. Weston e Mr. Elton sentaram-se com Mr. Woodhouse para jogar cartas. Os outros cinco ficaram por sua conta, e Emma duvidava que conseguissem se sair bem. Mr. Knightley não parecia disposto a

conversar, Mrs. Elton queria atenções que ninguém desejava lhe dar, e ela mesma estava com o espírito tão agitado que preferia ficar calada.

Mr. John Knightley mostrou-se mais falante que o irmão. Devia deixá-los bem cedo na manhã seguinte, e logo começou a dizer:

– Bem, Emma, acho que não preciso dizer-lhe mais nada a respeito dos meninos. Você tem a carta de sua irmã, e tudo está muito bem explicado nela, tenho plena certeza. Minha recomendação seria muito mais concisa do que a dela, e provavelmente não teria o mesmo espírito, pois tudo o que teria para recomendar se resume a não mimá-los e não medicá-los.

– Espero muito poder satisfazê-lo em ambas as coisas – disse Emma – pois farei tudo ao meu alcance para deixá-los felizes, o que dever ser suficiente para Isabella. E a felicidade deve excluir a falsa indulgência e a medicação.

– E se você os achar cansativos pode mandá-los de volta para casa.

– Isso é possível. O senhor realmente acha isso, não é?

– Tenho consciência que eles podem ser barulhentos demais para o seu pai, ou talvez sejam um empecilho para você, se os seus compromissos sociais continuarem a aumentar da forma que aumentaram ultimamente.

– Aumentar?

– Certamente. Você deve estar ciente que os últimos seis meses fizeram uma grande diferença no seu modo de vida.

– Diferença? Não, eu de fato não estou ciente disso.

– Não há dúvida de que você está muito mais envolvida com suas companhias do que costumava estar. Agora mesmo, por exemplo. Vim aqui para ficar apenas um dia, e você está dando um jantar! Pode me dizer se isso ou alguma coisa parecida já aconteceu antes? Sua vizinhança está crescendo, e você se relaciona mais com ela. Há algum tempo que qualquer carta sua para Isabella traz um relato de novas festividades: jantares em casa de Mr. Cole ou bailes na Crown. É bastante grande a diferença para a época em que Randalls, e apenas Randalls, era o destino de seus passeios.

– Sim – disse seu irmão rapidamente – e é de Randalls que vem tudo isso.

– Muito bem. E como Randalls, provavelmente, não possui menos influência do que antes, me ocorreu, Emma, que Henry e John talvez possam atrapalhar algumas vezes. E se isso acontecer, só lhe peço que os mande de volta para casa.

– Não – exclamou Mr. Knightley. – Não é preciso chegar a esse ponto. Mande-os para Donwell, eu certamente estarei livre.

– Dou-lhe minha palavra – disse Emma – o senhor me diverte! Gostaria de saber em quantos dos meus numerosos compromissos o senhor não estava presente também. E por que supõem que eu corra o risco de não ter tempo para os meninos? Esses meus espantosos compromissos... quais foram? Jantar uma vez com os Coles, e ter ajudado a organizar um baile que nunca chegou a se realizar. Posso entender o senhor (fazendo um gesto na direção de Mr. John Knightley), a sua sorte de encontrar tantos de seus amigos reunidos aqui, de uma vez só, o deixa tão encantado que não pode deixar de mencionar. Mas o senhor (voltando-se para Mr. Knightley), que sabe muito bem como raramente fico mais de duas horas afastada de Hartfield, não posso imaginar por que prevê tal dissipação da minha parte. E quantos aos meus queridos meninos, se a Tia Emma não tiver tempo para eles, não sei se estarão mais bem servidos com o Tio Knightley, que fica fora de casa por cinco horas enquanto ela fica uma. E que, além de tudo, quando está em casa passa o tempo lendo ou cuidando das contas.

Mr. Knightley parecia esforçar-se para não rir. E conseguiu controlar-se com facilidade, pois Mrs. Elton começou a falar com ele.

[\[1\]](#) Himeneu é o deus do casamento na mitologia grega.

VOLUME III

CAPÍTULO I

Uma pequena e calma reflexão foi suficiente para satisfazer Emma quanto à natureza de sua agitação ao ouvir essas notícias sobre Frank Churchill. Logo se convenceu de que não era por ela que estava apreensiva ou embaraçada, mas por ele. Seu sentimento por Frank Churchill logo se reduziu a nada, nem valia a pena pensar nisso. Mas se ele, que sem dúvida era o mais apaixonado dos dois, voltasse com os mesmos sentimentos ardorosos de quando partira, seria muito angustiante. Se uma separação de dois meses não o tivesse esfriado, teria perigos e males pela frente. Seria necessária cautela, por si mesma e também por ele. Não desejava ver sua afeição novamente envolvida, e teria a tarefa de evitar encorajá-lo de qualquer maneira que fosse.

Desejava que ele se abstivesse de fazer uma declaração direta. Seria uma conclusão tão dolorosa para o seu relacionamento! E assim mesmo ela não podia deixar de antecipar que algo decisivo aconteceria. Achava que a primavera não terminaria sem trazer alguma crise, algum evento, ou outro fato que viesse alterar seu atual estado de espírito composto e tranquilo.

Não demorou muito, apesar de demorar mais do que Mr. Weston previa, para que tivesse oportunidade de formar uma opinião sobre os sentimentos de Frank Churchill. A família de Enscombe não viera para a cidade tão cedo como ele imaginava, mas ele viera a Highbury logo depois. Cavalgara por umas duas horas, pois não poderia ter feito mais. Como viera de Randalls direto para Highbury, ela pode então exercitar seu profundo poder de observação, e rapidamente determinar qual era a disposição dele e como ela deveria agir. Encontraram-se com a maior amizade. Não havia dúvida quanto ao grande prazer que ele sentia ao vê-la. Emma teve, no entanto, um instante de dúvida quanto a Frank ainda sentir o mesmo por ela, ou que a ternura que demonstrara ainda tivesse a mesma intensidade. Ela o observou bem. Era evidente que estava menos apaixonado. A ausência, assim como a convicção da indiferença dela, produzira este efeito muito natural e muito desejável.

Ele estava muito animado, pronto para brincar e rir como sempre, e parecia deliciado em falar de sua visita anterior, recordando velhas histórias. Não parava de se agitar, não era na sua calma que Emma percebia a diferença de seus sentimentos. Mostrava-se bastante nervoso, seu espírito estava evidentemente inquieto, não conseguia se tranquilizar. Frank Churchill sempre fora vivaz, mas essa vivacidade não parecia mais ser suficiente para satisfazê-lo. O que a fez ter certeza de que havia algo diferente, porém, foi o fato dele passar apenas quinze minutos em Hartfield, e depois correr a Highbury para fazer outras visitas. “Ele vira um grupo de amigos na rua quando passou – não podia

parar, é claro, não iria parar por nada no mundo – mas teve a vaidade de acreditar que eles ficariam desapontados se ele não os visitasse, e por mais que desejasse ficar mais tempo em Hartfield, devia se apressar”. Não havia dúvida que ele estava menos apaixonado, mas seu espírito agitado e sua pressa em sair pareciam indicar que a cura talvez não tivesse sido perfeita. Ela preferia acreditar que isso significava o medo de que os sentimentos voltassem, e uma discreta resolução de não confiar em si mesmo enquanto estivesse ao lado dela.

Esta foi a única visita de Frank Churchill em dez dias. Ele estava sempre esperando, pretendendo vir, mas era sempre impedido. A tia ainda não podia suportar que ele a deixasse, pelo menos foi o que contou em Randalls. Se fora sincero, se realmente tentou vir, podia-se deduzir que a vinda de Mrs. Churchill para Londres de nada adiantara para a teimosia dela ou para a parte nervosa de sua doença. Que ela estava de fato doente era algo certo. Ele se declarou convencido disso em Randalls. Mesmo que uma parte da doença pudesse ser fantasia, não podia duvidar, quando olhava para trás, que ela estava em um estado de saúde pior do que há seis meses. Ele não acreditava, no entanto, que acabasse se tornando tão grave que os cuidados e a medicina não pudessem resolver, ou pelo menos achava que ela tinha muitos anos de vida pela frente. Não podia dizer, apesar de todas as dúvidas do pai, que os males dela eram meramente imaginários, e que estava tão forte como antes.

Logo se tornou evidente que Londres não era o local adequado para Mrs. Churchill. Não conseguia suportar o barulho. Seus nervos estavam sob contínua tensão e sofria muito, e ao fim de dez dias, a carta que o sobrinho enviou a Randalls comunicava uma mudança de planos. Iriam partir imediatamente para Richmond. Recomendaram à Mrs. Churchill um competente médico naquela cidade, e ela sempre tivera desejo de conhecer o lugar. Conseguiram uma casa mobiliada num local elegante e esperavam grandes benefícios com a mudança.

Emma ouviu dizer que Frank escrevera com grande animação sobre essa nova decisão, e parecia encantado com a benção de ter diante de si dois meses em uma vizinhança tão próxima de tantos amigos queridos, pois a casa fora alugada pelos meses de maio e junho. Disseram-lhe que agora ele escrevera com grande confiança de poder vê-los com frequência, quase tanto quanto podia desejar.

Emma viu como Mr. Weston estava interpretando esses felizes projetos. Ele estava considerando que ela era a fonte de toda essa felicidade. Ela esperava que não. Dois meses seriam o suficiente para prová-lo.

A própria felicidade de Mr. Weston era indiscutível. Estava de fato

delicioso. Era essa a circunstancia que ele tanto desejava, agora sim teria Frank na vizinhança. O que eram quatorze quilômetros para um homem jovem? Uma viagem de uma hora. Ele viria vê-los sempre. A diferença entre a distância de Londres e de Richmond para Highbury, era a diferença entre vê-lo seguidamente e não vê-lo quase nunca. Vinte e cinco quilômetros – não, vinte e oito, pois deviam ser exatos vinte e oito quilômetros até a Manchester Street – eram um sério obstáculo. Se ele conseguisse sair, o dia seria perdido apenas em ir e voltar. Não havia vantagem em tê-lo em Londres, era como se estivesse em Enscombe. Mas Richmond era a distância perfeita para uma viagem fácil. Era melhor que estivesse tão perto!

Uma coisa foi imediatamente acertada graças a essa mudança: o baile na Crown. Não que houvesse sido esquecido, mas ficara decidido que não adiantava determinar uma data. Agora, no entanto, aconteceria de qualquer maneira. Os preparativos foram retomados. Tão logo os Churchills partiram para Richmond, algumas linhas de Frank dizendo que a tia já se sentia muito melhor com a mudança, e que ele não duvidava que a qualquer momento pudesse juntar-se a eles por vinte e quatro horas, levou-os a marcar a data mais próxima possível.

O baile de Mr. Weston seria um acontecimento. Uns poucos dias se interpunham entre os jovens de Highbury e a felicidade.

Mr. Woodhouse se conformou. A época do ano diminuiria seus temores. Maio era muito melhor para qualquer coisa do que fevereiro. Mrs. Bates foi convidada a passar a noite em Hartfield, James já fora avisado, e ele esperava de coração que não acontecesse nada nem com o pequeno Henry nem com o pequeno John, enquanto Emma estivesse ausente.

CAPÍTULO II

Nenhum infortúnio aconteceu dessa vez para impedir o baile. O dia se aproximou e finalmente chegou. E depois de uma manhã de ansiosa espera, Frank Churchill, com toda a confiança que tinha em si mesmo, chegou a Randalls antes do jantar, e tudo ficou em ordem.

Não houvera ainda um segundo encontro entre ele e Emma. O salão do Crown deveria ser o palco desse evento – mas seria melhor que um encontro comum no meio da multidão. Mr. Weston pedira com muita insistência que ela chegasse tão cedo quanto possível, logo depois deles, para poder dar sua opinião sobre o conforto e a adequação das salas antes da chegada dos demais convidados. Emma não pôde recusar e pretendia passar algum tempo na companhia do jovem cavalheiro. Foi buscar Harriet, e ambas chegaram ao Crown na hora combinada, logo depois da família de Randalls.

Frank Churchill parecia estar à espera, e embora não dissesse muita coisa, seus olhos mostravam que esperava ter uma noite maravilhosa. Percorreram as salas todos juntos, para ver se tudo estava como devia. Dentro de alguns minutos se juntaram a eles os ocupantes de outra carruagem. Emma ficou surpresa, pois não ouvira o barulho. Estava a ponto de exclamar “Vieram tão cedo!” quando se deu conta de que era uma família de velhos amigos que viera mais cedo atendendo ao pedido especial de Mr. Weston para opinar. E à carruagem deles seguiu-se outra, de primos, que também fora convidada a vir mais cedo distinguida com a mesma tarefa. Parecia que metade dos convidados estava chegando antes com o propósito de fazer uma inspeção preparatória.

Emma percebeu que o seu gosto não era o único com o qual Mr. Weston contava, e sentiu que ser a favorita e amiga íntima de um homem que tinha tantos favoritos e amigos íntimos não era a maior distinção na escala das vaidades. Gostava de suas maneiras francas, mas um pouco menos de franqueza teria tornado seu caráter melhor. Benevolência geral, mas não amizade geral, era o que fazia de um homem o que ele devia ser. Ela podia imaginar esse tipo de homem. O grupo inteiro caminhou pelos salões, olhando e elogiando de novo. E então, como não tinham mais o que fazer, formaram um semicírculo em volta da lareira, fazendo observações sobre diversos assuntos. Mesmo sendo *maio*, uma lareira à noite ainda era muito agradável.

Emma descobriu que não era por culpa de Mr. Weston que o grupo de conselheiros privados não era ainda maior. Pararam à porta de Mrs. Bates para oferecer a carruagem, mas a tia e a sobrinha deviam vir com os Eltons.

Frank estava de pé junto dela, mas não parava quieto. Havia uma

agitação nele que revelava uma mente inquieta. Olhava para os lados, ia até a porta, parava para ouvir o barulho de alguma carruagem, impaciente para que começasse o baile ou temeroso de ficar muito próximo dela.

Falaram de Mrs. Elton.

– Acho que ela chegará logo – ele disse. – Tenho grande curiosidade de conhecê-la, ouvi tantas coisas a respeito dela. Não deve demorar a chegar, eu acho.

Ouviu-se uma carruagem. Ele se moveu imediatamente, mas logo voltou dizendo:

– Me esqueci que não a conheço. Nunca vi nem ela nem Mr. Elton. Não tenho motivos para ser o primeiro a cumprimentá-los.

Mr. e Mrs. Elton apareceram nesse momento, e seguiram-se todos os sorrisos e cumprimentos de praxe.

– Mas não vejo Miss Bates e Miss Fairfax – disse Mr. Weston. – Achei que iriam trazê-las.

O engano não fora grave. A carruagem foi enviada então para buscá-las. Emma desejava saber qual seria a opinião de Frank sobre Mrs. Elton, o quanto ele seria afetado pela estudada elegância de seu vestido e seus sorrisos graciosos. Ele estava justamente formando uma opinião, dando-lhe a necessária atenção logo após terem sido apresentados.

Poucos minutos depois a carruagem voltou. Alguém falou em chuva.

– Vou ver se encontro algum guarda-chuva, senhor – disse ele ao pai. – Não devemos esquecer de Miss Bates.

O rapaz saiu e Mr. Weston se preparava para segui-lo quando foi detido por Mrs. Elton, que pretendia gratificá-lo com sua opinião sobre o filho. E começou a falar tão depressa que o jovem cavalheiro, apesar de não andar devagar, não pôde deixar de ouvir o que ela dizia ao pai.

– Um rapaz muito elegante, de fato, Mr. Weston. O senhor se lembra que eu lhe disse que possuo minha própria opinião. E devo dizer que ele me agradou extremamente. Pode acreditar, eu nunca elogio ninguém sem motivo. É um jovem muito bonito, e seus modos são exatamente do tipo que eu gosto e aprovo. Um verdadeiro cavalheiro, sem a menor arrogância ou afetação. O senhor sabe que eu detesto gente afetada, tenho horror deles. Nunca foram tolerados em Maple Grove. Nem eu nem Mr. Suckling temos paciência com eles, e costumamos dizer coisas muito duras! Selina, que é meiga até não poder mais,

lida com eles muito melhor.

Enquanto ela falava de seu filho a atenção de Mr. Weston estava garantida, mas quando começou com Maple Grove ele se lembrou que havia senhoras chegando a quem devia receber, e com muitos sorrisos tratou de afastar-se correndo.

Mrs. Elton então se voltou para Mrs. Weston.

– Não tenho dúvida que é a nossa carruagem que chegou trazendo Miss Bates e Jane. Nosso cocheiro e cavalos são tão rápidos! Acho que somos mais rápidos que qualquer outro. Que prazer mandar a carruagem para uma amiga! Soube que a senhora foi gentil o bastante para oferecer, mas agora não será mais necessário. Pode ficar certa de que sempre tomarei conta *delas*.

Miss Bates e Miss Fairfax entraram na sala, escoltadas pelos dois cavalheiros. E Mrs. Elton parecia pensar que era sua obrigação recebê-las, tanto quanto de Mrs. Weston. Seus gestos e movimentos podiam ser compreendidos por qualquer pessoa que observasse, como Emma. Mas suas palavras, assim como as dos outros, logo foram abafadas pelo fluxo incessante das palavras de Miss Bates, que chegou falando e ainda não tinha terminado seu discurso quando se juntou ao círculo junto à lareira. Logo que a porta se abriu já podiam ouvi-la:

– Tão amável da sua parte!... Não, não está chovendo, absolutamente. Pelo menos não uma chuva forte. Não me preocupo por mim mesma. Meus sapatos são bem grossos. E Jane diz.. Bem!... (e logo que entrou pela porta) Bem! Está de fato brilhante!... Realmente admirável!... Foi muito bem planejado, dou minha palavra. Não falta nada. Nem poderia imaginar isso... Tão bem iluminado!... Jane, Jane, olhe isso! Você já viu alguma coisa parecida? Ah! Mr. Weston o senhor deve realmente ter a lâmpada de Aladim. A boa Mrs. Stokes nem conseguiria reconhecer sua própria sala. Eu a vi quando cheguei, estava parada à entrada. Então eu disse “Oh! Mrs. Stokes!”, mas não tive tempo de dizer mais nada. – Nesse momento Mrs. Weston aproximou-se para recebê-la. – Muito bem, obrigada, madame. Espero que a senhora esteja passando bem. Fico muito feliz em ouvir isso... Tive tanto medo que a senhora arranjasse uma dor de cabeça! Eu a via passar muitas vezes, sabendo quantos problemas devia estar tendo. Fico feliz em ouvir isso, de fato. Ah! Cara Mrs. Elton. Agradeço-lhe tanto pela carruagem! Chegou bem a tempo, Jane e eu estávamos prontas. Os cavalos não esperaram nem um momento. A carruagem é muito confortável. Oh! Tenho certeza que devo agradecer à senhora, Mrs. Weston, neste aspecto. Mrs. Elton foi gentil de enviar um bilhete para Jane, ou nós teríamos ficado... Mas duas ofertas no mesmo dia!... Nunca houve vizinhos melhores. Eu disse à minha mãe “Dou-lhe minha palavra, madame..”. Muito obrigada, minha mãe está muito bem, foi à

casa de Mr. Woodhouse. Eu a fiz levar o xale, pois as noites não são quentes ainda... o xale novo, grande, que foi presente de casamento de Mrs. Dixon... Tanta bondade da parte dela pensar em minha mãe! Foi trazido de Weymouth, a senhora sabe, foi escolha da própria Mrs. Dixon. Jane disse que havia outros três, e Mrs. Dixon hesitou durante algum tempo. O coronel Campbell preferia o xale cor de oliva. Minha querida Jane, tem certeza que não molhou os pés? Não foi mais que uma gota ou duas, mas tenho tanto medo... Mr. Frank Churchill, contudo, foi extremamente... e havia um tapete sobre o qual caminhar. Nunca vou esquecer sua extrema educação. Oh! Mr. Frank Churchill, quero dizer-lhe que os óculos de minha mãe nunca mais se estragaram, o parafuso nunca mais caiu. Minha mãe seguidamente fala de sua bondade, não é verdade Jane?... Não falamos sempre de Mr. Frank Churchill?... Ah! Aqui está Miss Woodhouse... Querida Miss Woodhouse, como vai a senhorita?... Muito bem, obrigada, muito bem. Isso é um encontro no reino das fadas!... Que transformação!... Não devo cumprimentá-la, eu sei (olhando Emma de modo complacente), seria muito rude... mas, dou-lhe minha palavra, Miss Woodhouse, a senhorita parece... O que acha do cabelo de Jane? A senhorita vai ser a juíza... ela fez tudo sozinha. É espantoso como ela consegue arrumar seu próprio cabelo!... Acho que nem uma cabeleireira de Londres seria capaz de fazer um penteado igual. Ah! Se não é o Dr. Hughes... e Mrs. Hughes. Devo falar um instante com o doutor e Mrs. Hughes... Como vai? Como vai?... Muito bem, obrigada. Isso é maravilhoso, não acha?... Onde está o querido Mr. Richard? Ah! Lá está ele. Não o perturbe, está muito ocupado falando com as damas. Como vai, Mr. Richard?... Eu o vi outro dia, cavalgando pela cidade... Ora, se não é Mrs. Otway!... e o bom Mr. Otway, e Miss Otway e Miss Caroline... Quantos amigos reunidos!... E Mr. George e Mr. Arthur! Como vão? Como estão todos?... Muito bem, lhe agradeço muito. Nunca estive melhor... Não ouviram outra carruagem?... Quem poderia ser?... É provável que sejam os queridos Coles... Dou minha palavra, é absolutamente encantador estar entre tais amigos! E que fogo maravilhoso! Estou quase assando. Café para mim não, muito obrigada. Nunca tomo café... Um pouco de chá, se não for incômodo. Mas não se apresse... Ah, aqui está. Tudo tão bem organizado!

Frank Churchill retornou ao seu lugar junto de Emma. E assim que Miss Bates parou de falar Emma pôde ouvir a conversa de Mrs. Elton e Miss Fairfax, que estavam paradas um pouco atrás dela. Ele estava pensativo. Se ele ouvia ou não a conversa, ela não saberia dizer. Após muitos cumprimentos a Jane pelo seu vestido e pelo cabelo, recebidos com bastante calma e propriedade, Mrs. Elton estava obviamente esperando ser também elogiada, então começou com “O que achou do meu vestido?... O que achou dos enfeites?... Como ficou o cabelo que Wright fez?”, e várias outras questões no mesmo estilo, todas respondidas com paciente educação. Mrs. Elton disse então:

– Ninguém liga menos para vestidos em geral do que eu... mas em uma ocasião como esta, em que todos os olhos estarão voltados para mim, não queria parecer inferior aos outros. E também como cumprimento aos Westons, pois não tenho dúvida que estão dando este baile principalmente em minha honra. Vejo tão poucas pérolas no salão, além das minhas. Então Frank Churchill é um excelente dançarino, pelo que ouvi. Vamos ver se nossos estilos combinam. Ele é um jovem muito elegante, gostei muito dele.

Nesse momento Frank começou a falar com tanto ardor, que Emma só podia imaginar que ele estivesse querendo abafar os elogios, e não desejava ouvir mais nada. As vozes foram abafadas por um tempo, até que uma nova pausa trouxe a voz de Mrs. Elton outra vez, distintamente. Mr. Elton havia se juntado a elas, e sua esposa exclamava:

– Ah! Finalmente você nos encontrou em nosso isolamento, não é?... Eu estava dizendo agora mesmo à Jane que você devia estar impaciente por nos encontrar.

– Jane! – repetiu Frank Churchill, com um ar de surpresa e desprazer. – Que falta de cerimônia... mas suponho que Miss Fairfax não desaprove isso.

– Gostou de Mrs. Elton? – perguntou Emma, sussurrando.

– Nem um pouco.

– O senhor é ingrato.

– Ingrato? O que quer dizer? – então mudou o cenho franzido para um sorriso. – Não, não me conte, não quero saber o que significa. Onde está meu pai? Quando vamos começar a dançar?

Emma mal conseguia entendê-lo. Frank parecia estar com um humor estranho. Saiu para buscar o pai, mas logo voltou com Mr. e Mrs. Weston. Ele os encontrara um pouco perplexos e queriam expor a situação para Emma. Ocorreria a Mrs. Weston que deviam convidar Mrs. Elton para abrir o baile. Certamente ela esperava por isso, o que contrariava todos os desejos deles de conceder a Emma tal distinção. Emma ouviu a dura verdade com coragem.

– E como vamos encontrar um parceiro adequado para ela? – disse Mr. Weston. – Ela deve estar esperando que Frank a convide.

Frank virou-se para Emma, cobrando sua antiga promessa das duas danças, e declarou que já estava comprometido, o que o pai aprovou imediatamente. Então pareceu que Mrs. Weston desejava que ele mesmo dançasse com Mrs. Elton, e o trabalho deles seria persuadi-lo a concordar, o que foi feito logo. Mr. Weston e Mrs. Elton abriram o cortejo, seguidos por Mr. Frank

Churchill e Miss Woodhouse. Emma teve que submeter-se a ficar atrás de Mrs. Elton, embora sempre tivesse considerado o baile especialmente seu. Era quase o bastante para fazê-la pensar em se casar. Mrs. Elton, sem dúvida, tinha a vantagem no momento de ver sua vaidade completamente satisfeita. Embora pretendesse abrir o baile com Frank Churchill, não sairia perdendo com a troca, pois Mr. Weston era superior ao filho. Fora esse pequeno embaraço, Emma estava bastante feliz, encantada de ver a fila de pares que se formara, e por saber que ainda teria muitas horas de divertimento à sua frente. O que mais a perturbava, porém, era ver que Mr. Knightley não estava dançando. Lá estava ele, entre os observadores, onde não devia estar; deveria estar dançando, e não em companhia dos maridos, pais e jogadores de uíste, que fingiam sentir interesse pela dança enquanto as mesas de jogos não estavam prontas. Tão jovem como ele era! Nunca parecera levar tanta vantagem sobre os outros como agora, no local em que se encontrava. Sua figura alta, firme e esguia, entre as formas volumosas e os ombros caídos dos homens mais velhos, se destacava tanto que Emma sentiu que devia atrair todos os olhares. E, exceto seu parceiro, não havia um entre todo o grupo de homens mais jovens que pudesse se comparar a ele. Mr. Knightley avançou alguns passos, e com isso apenas demonstrou com que cavalheirismo e graça natural teria dançado, se apenas se desse ao trabalho. Sempre que seus olhos se encontravam Emma o fazia sorrir, mas em geral ele permanecia sério. Ela gostaria que ele apreciasse mais os bailes, e apreciasse mais Frank Churchill. Mr. Knightley parecia estar sempre a observá-la. Emma não podia se orgulhar do que ele pensava de sua dança, mas não tinha medo algum de sofrer críticas ao seu comportamento. Não havia nada parecido com um flerte entre ela e seu parceiro. Pareciam mais como bons e alegres amigos do que namorados. Sem dúvida, Frank Churchill pensava menos nela agora do que antes.

O baile prosseguiu agradavelmente. Os ansiosos cuidados e as incessantes atenções de Mrs. Weston não foram desperdiçados. Todos pareciam felizes, e os elogios sobre a beleza do baile, que em geral eram concedidos depois que a festa terminava, foram feitos de forma constante desde o princípio. Quanto aos eventos importantes, do tipo que fica na lembrança, o baile foi tão produtivo como qualquer outra festa desse tipo. Havia um, no entanto, que preocupava Emma. As duas últimas danças antes do jantar já tinham começado e Harriet não tinha parceiro. Era a única jovem dama que estava sentada. O número de dançarinos era tão justo que ter um cavalheiro sobrando seria um sonho! Mas a esperança de Emma diminuiu logo depois, ao ver Mr. Elton perambulando por ali. Ele não convidaria Harriet para dançar, se pudesse evitar, tinha certeza que não. Ela esperava que a qualquer momento ele escapasse para a sala de jogos.

Escapar, entretanto, não estava nos planos dele. Mr. Elton dirigiu-se à

parte da sala onde os observadores estavam reunidos, caminhou na frente deles e falou com alguns, como para mostrar que estava livre e pretendia manter-se assim. Não evitou ficar bem diante de Miss Smith algumas vezes, ou falando com pessoas próximas a ela. Emma observou tudo isso, pois não dançava naquele momento, estava caminhando para o fundo do salão e podia olhar ao redor, bastava-lhe virar um pouco a cabeça. Quando se encontrava no meio da pista de dança, com o grupo todo atrás dela, não podia mais olhar para trás. Mas Mr. Elton estava tão próximo que Emma não pode deixar de ouvir o diálogo que se seguiu entre ele e Mrs. Weston. Percebeu também que sua esposa, colocada imediatamente à frente dela, não só observava tudo isso como dava ao marido significativos olhares de encorajamento. A bondosa e gentil Mrs. Weston deixara sua cadeira para juntar-se a ele, dizendo:

– O senhor não dança, Mr. Elton?

– Com muito prazer, Mrs. Weston, se me der a honra de dançar comigo – respondeu ele, prontamente.

– Eu? Oh, não!... Vou conseguir-lhe uma parceira melhor do que eu. Não sou boa dançarina.

– Se Mrs. Gilbert deseja dançar – disse ele – terei grande prazer, com certeza. Embora comece a me sentir um velho homem casado, e que meus dias de dançarino acabaram, teria grande prazer em dançar com uma velha amiga como Mrs. Gilbert, a qualquer momento.

– Mrs. Gilbert não pretende dançar, mas há uma jovem dama sem par que eu gostaria muito de ver dançando: Miss Smith.

– Miss Smith! Oh! Não tinha percebido. A senhora é muito gentil, e se eu não fosse um velho homem casado... Mas meus dias de dançarino estão acabados, Mrs. Weston, peça-lhe que me perdoe. Faria qualquer outra coisa que me pedisse, mas meus dias de dançarino realmente acabaram.

Mrs. Weston não disse mais nada, e Emma podia imaginar com que surpresa e mortificação ela retornou para sua cadeira. Este era Mr. Elton! O educado, amável e gentil Mr. Elton. Ela olhou ao redor por um momento. Ele se juntara à Mr. Knightley, a uma pequena distância, e estava se preparando para iniciar uma conversa, enquanto trocava olhares de grande satisfação com a esposa.

Emma não quis mais olhar. Seu coração estava em fogo, e achava que seu rosto devia estar igualmente quente.

No momento seguinte uma visão feliz apresentou-se diante de seus

olhos: Mr. Knightley conduzia Harriet para a pista de dança! Ela nunca estivera mais surpresa, nem mais encantada, do que naquele instante. Era toda prazer e gratidão, tanto por Harriet quanto por ela, e ansiava por agradecer-lhe. Embora não pudesse falar, seu semblante dizia muito assim que conseguiu encontrar o olhar dele outra vez.

Ele era um excelente dançarino, exatamente como ela imaginara, e Harriet seria a mulher mais feliz do salão, se não fosse a crueldade da cena que acontecera antes. O rosto feliz de Harriet demonstrava a mais completa alegria e o alto senso da distinção de que fora alvo. O gesto dele não foi em vão, ela dançou com mais leveza e graça do que nunca, sorrindo o tempo todo.

Mr. Elton retirou-se para a sala de jogos parecendo (era o que Emma achava) muito tolo. Ela não acreditava que ele fosse tão insensível como a esposa, apesar de estar ficando igual a ela. Mrs. Elton tratou de expressar seus sentimentos, dizendo em voz bem alta para seu parceiro.

– Knightley ficou com pena da pobrezinha da Miss Smith!... Ele tem um coração tão bom!

O jantar foi anunciado, e as pessoas começaram a se movimentar. Miss Bates poderia ser ouvida a partir daquele momento, sem interrupção, até se sentar à mesa e pegar sua colher.

– Jane, Jane, minha querida, onde você está?... Aqui está seu xale, Mrs. Weston pediu que você colocasse o xale. Ela acha que pode haver correntes de ar na passagem, embora tudo tenha sido feito para evitar... Uma porta foi pregada, uma quantidade de metais... Minha querida Jane, você deve mesmo colocar o xale. Oh! Mr. Churchill! O senhor é tão amável. Como colocou o xale tão bem!... Muito obrigada! A dança foi excelente, de fato!... Sim, querida, corri até em casa, como eu disse que faria, para ajudar vovó a deitar-se, e voltei logo, ninguém notou a minha falta... Sai sem dizer uma palavra, como eu disse que ia fazer. Vovó está muito bem, teve uma noite encantadora com Mr. Woodhouse, eles conversaram muito e jogaram gamão... O chá foi servido no andar de baixo, com biscoitos, maçãs assadas e vinho, antes que ela voltasse para casa. Ela teve muita sorte em algumas jogadas. Perguntou muito sobre você, se estava se divertindo, e quem eram seus parceiros de dança. E eu disse “Oh! Não vou me antecipar a Jane, deixei-a dançando com Mr. George Otway, mas ela mesma vai adorar lhe contar tudo amanhã. Seu primeiro parceiro foi Mr. Elton, não sei quem vai convidá-la a seguir, talvez Mr. William Cox. Meu caro senhor, é tão amável!... Não há mais ninguém a quem prefira acompanhar?... Não sou uma inválida. Ah, como o senhor é bondoso. Juro por Deus, Jane em um braço e eu no outro!... Pare, pare, vamos nos atrasar um pouco, Mrs. Elton está vindo... A

querida Mrs. Elton, como está elegante!... Que rendas bonitas!... Agora podemos seguir atrás dela. Ela é mesmo a rainha da noite!... Bem, aí está a passagem. Olhe os dois degraus, Jane, tome cuidado com os dois degraus. Ah! Só tem um...Bem. eu tinha certeza que eram dois. Que estranho! Estava de fato convencida que eram dois, mas só tem um. Nunca vi nada igual, com tanto conforto e estilo... Há velas por toda a parte!... Mas eu estava lhe contando sobre a sua avó, Jane... houve um pequeno desapontamento. As maçãs assadas e os biscoitos estavam muito bons a seu modo. Mas antes disso serviram um delicado fricassê de pão doce e aspargos, e o bom Mr. Woodhouse, achando que os aspargos não estavam bem cozidos, mandou levar tudo de volta... E você sabe que não há nada no mundo que a sua avó goste tanto quanto pão doce e aspargos... então ela ficou um tanto desapontada, mas concordamos em não falar disso para ninguém, pois pode acontecer de cair nos ouvidos da querida Miss Woodhouse, e ela ficaria tão preocupada!... Bem, está tudo tão brilhante! Tão maravilhoso! Eu jamais imaginaria uma coisa assim!... Tanto elegância em profusão!... Não vejo nada assim desde... Bem, aonde vamos nos sentar? Aonde vamos nos sentar? Oh, pode ser qualquer lugar desde que Jane não fique exposta a uma corrente de ar. Onde *eu* vou sentar não tem a menor importância. Ah, o senhor recomenda este lado?... Bem, tenho certeza, Mr. Churchill... é que parece um lugar tão bom... mas é claro, já que o senhor deseja... Tudo que o senhor aconselha nesta casa não pode estar errado. Querida Jane, como vamos recordar de todos os pratos servidos para contar à sua avó? Sopa, também! Deus me abençoe! Não esperava ser servida tão cedo, mas o cheiro está tão bom, mal posso esperar para começar.

Emma não teve oportunidade de agradecer a Mr. Knightley antes que o jantar terminasse, mas quando estavam todos no salão de baile novamente, os olhos dela o convidaram para se aproximar e receber os agradecimentos. Ele condenou com veemência a conduta de Mr. Elton, fora uma grosseria imperdoável. E os olhares de Mrs. Elton também receberam a devida cota de censura.

– Eles pretendiam ferir mais do que Harriet – disse ele. – Diga-me, Emma, porque eles são seus inimigos?

Mr. Knightley sorriu como se entendesse o que se passava, e não recebendo nenhuma resposta, acrescentou:

– *Ela* não devia estar zangada com você, embora ele possa estar... Você não vai dizer nada a esse respeito, é claro, mas confesse Emma, você queria que ele se casasse com Harriet.

– É verdade – ela concordou. – E eles não conseguem me perdoar.

Ele sacudiu a cabeça, mas havia um sorriso de indulgência no seu rosto, e apenas disse:

– Não vou repreendê-la. Deixo isso com a sua consciência.

– O senhor vai acreditar em mim ou nesses bajuladores? Será que o meu fútil espírito vai-me dizer que estou errada?

– Não o seu espírito fútil, mas o seu espírito sério. Se um a leva para o caminho errado, tenho certeza que o outro a faz perceber o erro.

– Eu admito que me enganei completamente com Mr. Elton. Há uma mesquinhez nele que o senhor percebeu e eu não. Além disso, eu estava plenamente convencida de que ele estava apaixonado por Harriet. Foi uma série de pequenos erros!

– E, como retribuição por você ter admitido isso, vou fazer a justiça de dizer-lhe que você teria escolhido por ele melhor do que ele escolheu por si próprio. Harriet Smith tem algumas qualidades admiráveis, que faltam totalmente à Mrs. Elton. Uma menina desprezível, educada e sem maldade, infinitamente preferível para qualquer homem de bom senso e bom gosto do que uma mulher como Mrs. Elton. Achei que Harriet conversa bem melhor do que eu esperava.

Emma ficou extremamente agradecida. Foram interrompidos pela agitação de Mr. Weston, que chamava a todos para dançarem outra vez.

– Venham, por favor, Miss Woodhouse, Miss Otway, Miss Fairfax, o que estão esperando?... Venha, Emma, dê o exemplo às suas companheiras. Todos estão muito preguiçosos! Estão muito sonolentos!

– Estou pronta – disse Emma – assim que for convidada.

– Com quem você vai dançar? – perguntou Mr. Knightley.

Ela hesitou por um momento, e então disse:

– Com o senhor, se tiver a bondade de me convidar.

– Você gostaria? – disse ele, estendendo-lhe a mão.

– Gostaria muito. O senhor mostrou que dança muito bem, e sabe que não somos realmente irmão e irmã para tornar isso impróprio.

– Irmão e irmã! Não, realmente.

CAPÍTULO III

Essa pequena conversa com Mr. Knightley deu a Emma considerável prazer. Era uma das agradáveis recordações que ela tinha do baile, enquanto passeava pelo jardim na manhã seguinte. Ficara feliz de que tivessem chegado a tão bom entendimento a respeito dos Eltons, e que as opiniões deles sobre marido e mulher fossem tão parecidas. E seu elogio a Harriet, sua concessão em favor dela, foi especialmente gratificante para Emma. A impertinência dos Eltons, que por alguns minutos ameaçou arruinar o restante da noite, revelou-se a causadora de uma das suas maiores satisfações. Ela olhava para o futuro na esperança de outro resultado feliz: a cura da paixão de Harriet. Pela maneira como a amiga falou da circunstância antes que deixassem o salão de baile, Emma tinha grandes esperanças. Foi como se os seus olhos de repente se abrissem, e ela fosse capaz de ver que Mr. Elton não era a criatura superior que ela acreditava. A febre passara, e Emma não tinha mais medo que seu pulso fosse acelerado novamente por cortesias injuriosas. Ela contava com os maldosos sentimentos dos Eltons para suprir-lhe toda a disciplina necessária a fim de tratá-los com a mais contundente indiferença dali em diante. Com Harriet racional outra vez, Frank Churchill menos apaixonado, e Mr. Knightley evitando discutir com ela, que verão feliz teria pela frente!

Ela não deveria encontrar Frank Churchill naquela manhã. Ele dissera que não poderia permitir-se o prazer de passar em Hartfield, pois deveria estar em casa ao meio-dia. Emma não lamentou.

Depois de ter pensado, analisado e colocado em ordem todos esses assuntos, Emma estava justamente voltando para a casa com o espírito renovado, pronta para atender as demandas dos dois pequenos sobrinhos e do avô deles, quando o imenso portão de ferro abriu-se e duas pessoas entraram. Ela nunca imaginara ver essas duas pessoas juntas: Frank Churchill de braço dado com Harriet. Harriet!... Bastou um momento para convencê-la que algo de extraordinário havia ocorrido. Harriet parecia pálida e assustada, e ele tentava acalmá-la... Os portões de ferro não distavam mais que vinte metros da porta da casa, e logo os três se encontravam no vestibulo. Harriet afundou em uma cadeira e desmaiou.

Uma jovem dama que desmaia deve ser socorrida. Perguntas devem ser feitas e respondidas, e surpresas explicadas. Esses eventos são muito interessantes, mas o suspense não pode se prolongar muito. Poucos minutos foram suficientes para que Emma ficasse a par de tudo.

Miss Smith e Miss Bickerton, outra pensionista de Mrs. Goddard e que

também estivera no baile, saíram para passear e pegaram uma estrada, a estrada de Richmond, que embora fosse movimentada o suficiente para ser segura, levou-as a uma situação de alarme. A cerca de oitocentos metros além de Highbury, quando a estrada fazia uma curva repentina, e era profundamente sombreada por duas fileiras de olmos, uma de cada lado, o lugar tornava-se bastante ermo. Quando as jovens avançaram um pouco por esse trecho, subitamente perceberam um grupo de ciganos, a pouca distância, em uma área aberta ao lado da estrada. Uma criança que estava de vigia veio até elas para pedir alguma coisa. Miss Bickerton, muito assustada, deu um grito alto e, dizendo a Harriet que a seguisse, subiu em um barranco íngreme, pulou uma pequena sebe lá no alto e correu de volta à Highbury por um atalho. Mas a pobre Harriet não pôde segui-la. Tivera muitas câibras depois de dançar, e sua primeira tentativa de subir o barranco trouxe as câibras de volta e deixou-a completamente sem ação. Nesse estado, e totalmente apavorada, ela foi obrigada a ficar.

Não se pode saber como os vadios teriam se comportado, caso as moças tivessem sido mais corajosas, mas tal oportunidade para atacar não podia ser desperdiçada. Harriet foi logo cercada por meia dúzia de crianças, lideradas por uma mulher corpulenta e um garoto maior; todos muito barulhentos e olhando de modo impertinente, mas sem pronunciar palavra. Cada vez mais apavorada, Harriet imediatamente lhes prometeu dinheiro, e pegando da bolsa deu-lhes um xelim, suplicando que não lhe pedissem mais e não lhe fizessem mal. Só então ela foi capaz de caminhar, embora devagar, e conseguiu se afastar um pouco. Seu terror e sua bolsa, porém, eram tentadores demais e ela foi seguida, ou melhor, cercada pela gangue inteira, que exigia mais.

Frank Churchill encontrou-a nesse estado, tremendo e aterrorizada, cercada pelo bando barulhento e insolente. Por um acaso do destino a partida dele de Highbury fora retardada, e permitiu-lhe prestar assistência à jovem naquele momento crítico. A beleza da manhã o induzira a caminhar, e combinara que seus cavalos deviam esperá-lo um pouco mais adiante na estrada, a dois ou três quilômetros de Highbury. Como havia pegado uma tesoura emprestada de Miss Bates na noite anterior, fora até sua casa na intenção de devolvê-la, e virasse obrigado a entrar por alguns minutos; por isso atrasou-se e, estando a pé, não foi visto pelo bando até que estivesse bem próximo. O terror que a mulher e o rapaz haviam provocado em Harriet foi o mesmo que o cavalheiro provocou neles. Deixou-os completamente apavorados, e Harriet ansiosamente agarrou-se a ele, mal podendo falar; teve força apenas para chegar até Hartfield, antes que seu espírito se recobrasse. Fora ideia dele vir a Hartfield, não conseguiu pensar em nenhum outro lugar.

Esta era a história inteira, contada por ele e depois por Harriet, assim

que recobrou os sentidos e a voz. Ele só podia ficar o tempo suficiente para vê-la recuperada, os sucessivos atrasos não lhe permitiam perder nem mais um minuto. Emma comprometeu-se a mandar notícias a Mrs. Goddard, informando que Harriet estava bem, e também avisar a Mr. Knightley sobre a presença daquela gente na vizinhança. Ele então partiu, após receber todos os agradecimentos que ela pôde fazer por si própria e pela amiga.

Uma aventura como esta, um belo jovem cavalheiro e uma linda jovem dama, reunidos de tal forma, não podia deixar de dar certas ideias nem ao mais frio dos corações nem ao mais inflexível dos cérebros. Pelo menos foi o que Emma pensou. Poderia um linguista, um gramático, ou até mesmo um matemático ter visto o que ela vira, testemunhado a chegada dos dois juntos e ouvido sua história, sem sentir que as circunstâncias haviam conspirado para torná-los especialmente interessantes um para o outro? E uma mente imaginativa como a dela, com muito mais razão arderia no fogo de especulações e previsões! Ainda mais com o terreno preparado pelas ideias sobre o assunto que já lhe haviam passado pela mente.

Era uma coisa extraordinária! Nunca ocorrera nada desse tipo com nenhuma jovem dama do lugar, tanto quanto se sabia; nenhum encontro, nenhum alarme parecido. E agora acontecia com uma determinada pessoa, na hora exata em que outra determinada pessoa estava passando por acaso para socorrê-la! Era realmente extraordinário! E conhecendo, como ela conhecia, o estado de espírito favorável de cada um nessa ocasião, era ainda mais impressionante. Ele estava tentando melhorar seu relacionamento com ela, Harriet mal estava recuperada de sua obsessão por Mr. Elton. A reunião dessas duas coisas parecia prometer os mais interessantes resultados. Não era possível que tal ocorrência não os levasse a se interessar fortemente um pelo outro.

Nos poucos minutos em que Emma pôde conversar com ele, enquanto Harriet ainda estava parcialmente consciente, Frank Churchill falou com encantadora e deliciosa sensibilidade sobre o terror de Harriet, sua ingenuidade e seu desespero quando se agarrou ao braço dele. E depois que Harriet deu sua própria versão, ele expressou indignação pelo abominável comportamento de Miss Bickerton nos mais calorosos termos. No entanto, tudo deveria seguir seu curso natural, sem que fosse impedido ou conduzido. Ela não iria mexer um dedo, nem fazer qualquer insinuação. Não, já interferira demais. Mas não poderia haver mal em um esquema, um simples esquema passivo. Na verdade, não era mais que um desejo. Não iria além disso, em hipótese alguma.

A primeira decisão de Emma foi impedir que o pai tomasse conhecimento do que acontecera, sabendo a ansiedade e o alarme que isso lhe provocaria. Mas logo sentiu que seria impossível esconder a situação, pois depois

de meia hora o fato já era conhecido de toda Highbury. Era o tipo de acontecimento que interessava aos que mais apreciavam falatórios: os jovens e os criados. E toda a juventude e a criadagem de Highbury logo estavam gozando a felicidade dessas excitantes notícias. O baile da noite passada foi esquecido por causa dos ciganos. O pobre Mr. Woodhouse tremeu sentado em sua poltrona e, como Emma previra, não ficou satisfeito enquanto elas não prometessem que não iriam até o bosque novamente. O cavalheiro ficou um pouco confortado pelo fato de terem feito muitas perguntas a ele e Miss Woodhouse, assim como a Miss Smith, durante o resto do dia (seus vizinhos sabiam que ele adorava responder perguntas). Teve o prazer de responder que todos estavam indiferentes, o que Emma permitiu, embora não fosse exatamente a verdade, já que ela estava muito bem e Harriet apenas um pouco menos. Emma possuía um infeliz estado de saúde para a filha de alguém como Mr. Woodhouse, pois raramente sentia alguma indisposição. E se ele não inventasse doenças para ela, Emma jamais poderia fazer boa figura nas suas interessantes conversas.

Os ciganos não esperaram pela ação da justiça, eles próprios se retiraram apressadamente do lugar. As jovens damas de Highbury podiam novamente passear em segurança desde que o pânico começara. A história logo se transformou em um incidente de pouca importância, a não ser para Emma e os sobrinhos. Na imaginação dela a situação ainda permanecia, e Henry e John todos os dias lhe pediam que contasse a história de Harriet e os ciganos; e ainda a corrigiam tenazmente se ela mudava o menor detalhe da história original.

CAPÍTULO IV

Poucos dias haviam se passado desde esse acontecimento quando, certa manhã, Harriet foi visitar Emma com um pequeno pacote na mão. Sentou-se e, após hesitar um pouco, começou dizendo:

– Miss Woodhouse, se a senhorita tiver tempo... existe algo que gostaria de lhe contar... Tenho que lhe confessar algo... e então, tudo estará terminado.

Emma ficou bastante surpresa, mas pediu-lhe que continuasse. Havia uma seriedade tanto no semblante quanto nas palavras de Harriet que a prepararam para algo fora do comum.

– É meu dever, e também meu desejo – ela continuou – não esconder nada da senhorita a respeito deste assunto. Como sou uma pessoa bastante mudada em *um aspecto*, acho que é certo que a senhorita tenha a satisfação de saber disso. Não quero dizer mais do que o necessário... Estou muito envergonhada por ter permitido que isso acontecesse, mas espero que a senhorita me entenda.

– Sim – disse Emma – espero que sim.

– Como pude me iludir por tanto tempo!... – exclamou Harriet, calorosamente – Parece que foi uma loucura! Agora não consigo ver mais nada de extraordinário nele... Não me importo se vou encontrá-lo ou não, apesar de que entre as duas opções prefiro não encontrá-lo; na verdade, percorreria qualquer distância para evitá-lo. Mas não invejo sua esposa em nada; nem a admiro nem a invejo, como fiz antes. Ela é encantadora e tudo o mais, admito, mas acho que tem um temperamento muito ruim e é desagradável... Nunca vou esquecer o seu olhar na outra noite! Entretanto, eu lhe asseguro, Miss Woodhouse, que não desejo mal a ela. Não, desejo que sejam felizes juntos, isso não vai me provocar a menor dor. E para convencê-la de que estou falando a verdade, vou destruir agora o que já deveria ter destruído há muito tempo, o que nunca deveria ter juntado. Sei disso muito bem (ficando corada enquanto falava)... No entanto, agora vou destruir tudo, e é meu particular desejo fazer isso na sua presença, para que possa ver como me tornei mais racional. – E acrescentou, com um olhar consciencioso – A senhorita não adivinha o que há neste pacote?

– Não faço a menor ideia... Ele chegou a lhe dar alguma coisa?

– Não... Não posso dizer que sejam presentes, mas são coisas que eu valorizava muito.

Harriet segurava o pacote na direção de Emma e ela leu *Tesouros*

Muito Preciosos escrito em cima. Sua curiosidade aumentou muito. Harriet desembalou o pacote enquanto Emma olhava impacientemente. Enrolada em uma enorme quantidade de papel prateado estava uma bela caixinha Tunbridge^[1] que Harriet abriu: era forrada pelo mais suave algodão, mas além do algodão Emma viu apenas um pequeno pedaço de esparadrapo.

– Agora – disse Harriet – a senhorita *deve* lembrar-se.

– Não, não me lembro, realmente.

– Oh, Deus! Não posso acreditar que a senhorita tenha esquecido o que se passou aqui mesmo nesta sala, com o esparadrapo, em uma das últimas vezes que o encontramos!... Foi apenas alguns dias antes que eu tivesse aquela dor de garganta, pouco antes da chegada de Mr. e Mrs. John Knightley... Acho até que foi na mesma noite. Não se lembra que ele cortou o dedo com seu canivete novo e a senhorita recomendou que pusesse um esparadrapo? Mas como a senhorita não tinha nenhum consigo e sabia que eu tinha, pedi-me que eu o fornecesse a ele. E assim eu peguei o meu e cortei um pedaço, mas era muito grande e o corte era pequeno, e ele ficou segurando um tempo o pedaço que sobrou, antes de me devolver. Então, em minha loucura, não pude evitar transformar isso em um tesouro. Guardei-o para que nunca fosse usado e olhava para ele de vez em quando como um grande presente.

– Minha querida Harriet! – exclamou Emma, colocando as mãos no rosto e levantando-se. – Você me faz ter mais vergonha de mim mesma do que posso suportar. Lembrar-me disso? Sim, eu agora me lembro de tudo, de tudo exceto de você guardando essa relíquia... Não sabia nada disso até agora, mas me lembro do dedo cortado, de minha recomendação do esparadrapo, e de dizer que não tinha nenhum comigo!... Oh, meus pecados, meus pecados! E eu tinha tantos no meu bolso! Foi mais um dos meus truques insensatos! Mereço ficar ruborizada pelo resto de minha vida! Bem... (sentando-se novamente)... prossiga... E o que mais?

– A senhorita tinha mesmo algum esparadrapo à mão? Nunca suspeitei disso, a senhorita agiu de modo tão natural.

– E você, realmente, guardou este pedaço de esparadrapo por amor a ele! – disse Emma, recobrando-se da sua vergonha e sentindo-se dividida entre o espanto e o divertimento. Secretamente ela dizia a si mesma: “Deus me abençoe! Eu jamais pensaria em guardar no algodão um pedaço de esparadrapo que Frank Churchill tivesse segurado! Nunca faria nada igual”.

– Aqui... – disse Harriet, retornando à sua caixinha – aqui tem algo ainda mais valioso, quero dizer, que *foi* mais valioso, porque realmente pertencia

a ele, enquanto o esparadrapo nunca pertenceu.

Emma estava bastante ansiosa para ver esse supremo tesouro. Era o toco de um velho lápis, que já estava sem grafite.

– Isto de fato pertencia a ele – disse Harriet – A senhorita não se lembra daquela manhã? Não, imagino que não se lembre. Mas certa manhã... eu esqueço o dia exato... talvez tenha sido a terça ou a quarta-feira antes *daquela noite*, ele queria fazer uma anotação na sua caderneta; era algo sobre cerveja caseira. Mr. Knightley estava contando a ele algo sobre fazer cerveja e ele quis anotar. Mas quando pegou seu lápis havia tão pouca grafite que logo acabou; como não dava para escrever a senhorita lhe emprestou outro, e ele deixou este toco sobre a mesa, como se fosse lixo. Mas eu mantive os olhos sobre ele e, assim que foi possível, peguei-o e desde então nunca mais me separei dele.

– Eu me lembro – exclamou Emma – eu me lembro perfeitamente disso. Lembro que falávamos de cerveja... Ah, sim! Mr. Knightley e eu dizíamos que gostávamos dela, e Mr. Elton resolveu que aprenderia a gostar dessa cerveja também... Espere!... Mr. Knightley estava parado bem aqui, não estava? Eu me lembro que ele estava bem aqui.

– Ah! Eu não sei. Não consigo me lembrar. É muito estranho, mas não me lembro. Mr. Elton estava sentado aqui, eu me lembro, exatamente onde estou agora...

– Bem, continue.

– Oh, isso é tudo. Não tenho mais nada para mostrar, ou para dizer... Exceto que eu agora vou jogar tudo no fogo, e gostaria que a senhorita me visse fazendo isso.

– Minha pobre e querida Harriet! Você se sentiu realmente feliz em guardar essas coisas?

– Sim, como fui boba!... Mas estou muito envergonhada disso agora, e espero poder esquecer tudo assim que terminar de queimá-las. Foi muito errado da minha parte, a senhorita sabe, guardar estas lembranças depois que ele se casou. Eu sabia disso... mas não tinha coragem suficiente para me desfazer delas.

– Mas, Harriet, é preciso queimar o esparadrapo? Não tenho nada contra queimar o lápis, mas o esparadrapo ainda pode ser útil.

– Eu ficarei mais feliz se queimá-lo – respondeu Harriet. – É uma visão desagradável para mim. Quero me livrar de tudo! Ai vão elas e, graças a Deus, isto é o fim de Mr. Elton.

“E quando será o começo de Mr. Churchill?”, pensou Emma.

Pouco depois disso, ela teve razões para acreditar que o começo já acontecera, e podia apenas esperar que a cigana, embora não tivesse *predito* a sorte de Harriet, podia tê-la trazido para ela. Mais ou menos quinze dias depois do susto, as duas jovens encontraram uma explicação, embora sem pretendê-lo. Emma não estava pensando nisso no momento, o que tornava ainda mais valiosa a informação que recebera. Ela apenas disse, em uma conversa trivial “Bem, Harriet, quando você se casar, eu vou dar-lhe conselhos sobre várias coisas”. Não pensou mais nisso até que, após um minuto de silêncio, ouviu Harriet dizer em um tom muito sério “Eu nunca vou me casar”.

Emma levantou os olhos e imediatamente viu o que acontecia. Depois de pensar um pouco se devia ou não deixar passar essa observação, respondeu:

– Não vai se casar? Esta é uma resolução nova!

– Sim, mas esta eu jamais irei mudar.

Depois de outra curta hesitação, Emma disse:

– Espero que não seja por causa de... Não seria um cumprimento a Mr. Elton, seria?

– Mr. Elton, francamente! – exclamou Harriet, indignada. – Oh, não... – Emma pôde apenas ouvir as palavras finais – tão superior a Mr. Elton!

Emma ficou um longo tempo pensando. Devia deter-se naquele momento? Devia deixar passar e não demonstrar nenhuma suspeita? Talvez Harriet acreditasse que ela ficaria fria ou zangada, se soubesse. Ou, talvez, se ficasse totalmente em silêncio, isso apenas levaria Harriet a pedir-lhe para ouvir mais. E como era contrária a qualquer coisa reservada, que não fosse aberta a uma discussão de esperanças e possibilidades, ela por fim se resolveu. Acreditava que seria mais conveniente falar e saber tudo de uma só vez, tudo que ela desejava dizer e saber. Agir com franqueza era sempre melhor. Ela já havia previamente determinado até onde iria em uma situação como aquela, e seria mais seguro para as duas ter a judiciosa lei de seu cérebro aplicada com rapidez. Ela se decidiu, e então falou:

– Harriet, não vou fingir que estou em dúvida sobre o que você quis dizer. Sua resolução, ou melhor, sua expectativa de nunca vir a se casar, resulta da ideia de que a pessoa que você poderia preferir estaria em uma situação muito superior para nem sequer pensar em você. Não é assim?

– Oh, Miss Woodhouse, acredite, não tenho a presunção de supor... Não sou tão louca, na verdade. Mas é um prazer para mim admirá-lo à distância,

pensar na sua infinita superioridade em relação ao resto do mundo, com a gratidão, o deslumbramento e a veneração que são tão próprios, especialmente em mim.

– Isso não me surpreende nem um pouco, Harriet. O serviço que ele lhe prestou foi o bastante para aquecer seu coração.

– Serviço? Oh, foi uma obrigação tão inexpressiva! A simples lembrança disso, e tudo que senti no momento... quando o vi chegando, seu olhar nobre e meu estado infeliz momentos antes. Que mudança! Em apenas um momento houve uma completa mudança! Da perfeita miséria para a perfeita felicidade.

– É muito natural. É natural e louvável. Sim, louvável, eu penso, escolher tão bem e com tanta propriedade. Mas que seja uma preferência afortunada é mais do que posso prometer. Não a aconselho a levar isso adiante, Harriet, nem posso me comprometer que ele vá retribuir. Considere tudo que está envolvido. Talvez seja mais sensato que você analise seus sentimentos enquanto pode e, sobretudo, não os deixe levá-la muito longe, a não ser que esteja persuadida de que ele gosta de você. Observe-o, deixe o comportamento dele servir de guia para os seus sentimentos. Eu lhe dou este conselho agora porque nunca mais vou falar do assunto, estou determinada a não interferir. Daqui por diante não sei nada sobre isso. Não permita jamais que seus lábios pronunciem nenhum nome. Erramos muito antes, agora vamos ser mais cautelosas. Ele é superior a você, não há dúvida, e existem objeções e obstáculos de natureza muito séria. Ainda assim, Harriet, coisas mais maravilhosas já aconteceram, já houve casamentos de maior disparidade. Mas, tome cuidado, não gostaria que ficasse muito animada. No entanto, qualquer que seja o fim disso, saiba que você ter voltado seus pensamentos para *ele*, é um sinal de bom gosto que eu sempre saberei valorizar.

Harriet beijou-lhe a mão em silenciosa e submissa gratidão. Emma estava decidida a pensar que este relacionamento não seria ruim para sua amiga. A tendência seria elevar e refinar a mente de Harriet e devia salvá-la do risco da degradação.

[1] Estilo de trabalho de marchetaria em madeira, formando mosaicos de cores diferentes, originário da cidade de Tunbridge Wells, condado de Kent, Inglaterra. Era muito apreciado nos séculos XVIII e XIX.

CAPÍTULO V

E foi nesse ambiente de esquemas, esperanças e conivências que junho chegou a Hartfield. Para Highbury, de forma geral, o mês não trouxe nenhuma mudança material. Os Eltons continuavam falando de uma visita dos Sucklings, e do uso que deviam fazer do famoso landau. Jane Fairfax continuava na casa da avó e, como o retorno dos Campbells da Irlanda fora novamente adiado – fixaram o mês de agosto ao invés da metade do verão – ela provavelmente ainda permaneceria ali por mais dois meses, desde que fosse capaz de escapar das ações que Mrs. Elton fazia a seu favor, e evitasse sair correndo para ocupar uma situação deliciosa contra sua vontade.

Mr. Knightley que, por alguma razão conhecida apenas dele mesmo, desgostara de Frank Churchill desde o início, passara a desgostar dele ainda mais. Começou a suspeitar que o jovem fizesse um jogo duplo na sua perseguição a Emma. Parecia indiscutível que Emma era seu objetivo. Tudo mostrava isso: as próprias atenções dele, as insinuações de Mr. Weston, o silêncio reservado da madrastra, estava tudo em uníssono. Palavras, atitudes, discricção e indiscricção, tudo contava a mesma história. Mas enquanto tantos empurravam o jovem cavalheiro para Emma, e Emma por sua vez o levava para o lado de Harriet, Mr. Knightley começou a suspeitar que ele tivesse alguma inclinação por Jane Fairfax. Ele não podia compreender bem, mas havia sinais de um entendimento entre os dois, pelo menos foi o que ele achou. Sintomas de admiração da parte de Frank Churchill que, uma vez observados, não podiam convencê-lo de que fossem simplesmente desprovidos de sentido. Mr. Knightley desejava escapar, no entanto, a qualquer erro de imaginação como aqueles cometidos por Emma. *Ela* não estava presente quando a suspeita surgiu. Mr. Knightley estava jantando na casa dos Eltons, juntamente com a família de Randalls e Jane, quando vira um olhar, mais do que um simples olhar, para Miss Fairfax que, vindo de um admirador de Miss Woodhouse, pareceu um tanto fora de lugar. Quando estava novamente em companhia deles, não pôde evitar lembrar-se do que vira, nem evitar observações que, a menos que isso fosse como Cowper^[1] e seu fogo no crepúsculo:

Eu mesmo criando o que vi

trouxeram-lhe suspeitas ainda mais fortes de que havia um enamoramento privado, até mesmo um entendimento secreto entre Frank Churchill e Jane.

Certo dia, após o jantar, ele foi a pé até Hartfield para passar o serão, como sempre fazia. Emma e Harriet estavam saindo para caminhar e ele se juntou a elas. Quando voltavam encontraram um grande grupo que, como eles, achara mais conveniente fazer seu exercício mais cedo, pois ameaçava chover. O grupo que se encontrara por acaso era constituído por Mr. e Mrs. Weston, seu filho, Miss Bates e a sobrinha. Todos se juntaram e, ao chegarem aos portões de Hartfield, sabendo que esse era o tipo de visita que agradava a seu pai, Emma insistiu para que todos entrassem para tomar o chá. A família de Randalls logo aceitou, e após um longo discurso de Miss Bates, que poucos escutaram, ela achou que seria possível aceitar o amável convite da querida Miss Woodhouse.

Quando entravam nos terrenos da mansão, Mr. Perry passou a cavalo. Os cavalheiros falaram do cavalo dele.

– A propósito – disse Frank Churchill então para Mrs. Weston – o que aconteceu com o plano de Mr. Perry de comprar uma carruagem?

Mrs. Weston pareceu surpresa e disse:

– Eu jamais soube que ele tivesse algum plano desse tipo.

– Como assim? Foi a senhora quem me informou. Escreveu-me uma palavra a respeito, três meses atrás.

– Eu? Impossível!

– Mas a senhora o fez, sim. Lembro-me perfeitamente. Mencionou que isso devia acontecer logo. Mrs. Perry havia contado a alguém e estava muito feliz com isso. Tudo se devia à persuasão *dela*, pois achou que o fato dele se expor ao mau tempo estava lhe fazendo muito mal. A senhora lembra, agora?

– Dou-lhe minha palavra que não sabia nada disso até este momento.

– Nunca soube?... Deus me abençoe, como pode ser? Devo ter sonhado, então... mas eu estava inteiramente convencido disso. Miss Smith, a senhorita está caminhando como se estivesse cansada, parece que não lamentaria estar em sua casa agora.

– O que foi? O que foi? – exclamou Mr. Weston – É sobre Perry comprar uma carruagem? Perry vai comprar uma carruagem, Frank? Estou feliz que ele tenha condições para isso. Foi ele mesmo que lhe contou, é?

– Não, senhor – replicou o filho, rindo. – Parece que eu soube do assunto sem ninguém me contar. É muito estranho!... Eu estava convencido de que Mrs. Weston havia mencionado isso em uma de suas cartas a Enscombe, várias semanas atrás, com todos os detalhes. Mas como ela declara que nunca

ouviu uma palavra a respeito, é claro que deve ter sido um sonho. Sou um grande sonhador. Sonho com as pessoas de Highbury quando estou longe daqui. Como já sonhei com todos os meus amigos, comecei agora a sonhar com Mr. e Mrs. Perry.

– É muito estranho – observou seu pai – que você sonhe regularmente com pessoas sobre as quais não é provável que pense quando está em Enscombe. Perry comprando uma carruagem! E sua esposa persuadindo-o a fazer isso por causa de sua saúde... Isso vai acabar acontecendo, eu acho, um dia ou outro, é só um pouco prematuro. Como uma pequena probabilidade às vezes leva a um sonho! E alguns são bem absurdos! Bem, Frank, seu sonho apenas mostra que Highbury permanece em seus pensamentos, quando não está aqui. Emma, você sonha muito, não é?

Emma estava fora do alcance da voz dele. Saiu apressada na frente dos hóspedes para avisar ao pai da sua chegada, e não conseguira ouvir a insinuação de Mr. Weston.

– Bem, para dizer a verdade – exclamou Miss Bates, que estava em vão tentando falar nos últimos dois minutos – se posso dar minha opinião sobre isso, não há como negar que Mr. Frank Churchill deve ter... Não quero dizer que ele não tenha sonhado, sei que às vezes tenho os sonhos mais estranhos do mundo... mas, se me perguntassem, eu diria que ouvi comentários sobre essa ideia na última primavera, pois a própria Mrs. Perry mencionou isso para minha mãe, e os Coles também sabiam... Mas era um segredo, ninguém mais sabia, e ele pensou nisso só por uns três dias. Mrs. Perry estava muito ansiosa para que ele comprasse a carruagem, e veio conversar com minha mãe muito animada um dia, porque achou que o tinha convencido. Jane, você não se lembra da vovó contando-nos isso quando chegamos em casa? Não me lembro por onde andávamos passeando, acho que perto de Randalls... Sim, acho que era Randalls. Mrs. Perry sempre gostou muito de minha mãe, na verdade não sei de alguém que não goste... e contou a ela em segredo. Não fez nenhuma objeção a que ela nos contasse, é claro, mas não devia ir além. E desse dia em diante nunca falei uma palavra para ninguém que eu conheça. Ao mesmo tempo, não posso garantir que não tenha insinuado isso, pois muitas vezes eu acabo falando uma coisa sem me dar conta. Eu falo muito, e aqui ou ali, deixo escapar alguma coisa que não devia. Não sou como Jane. Quem me dera eu fosse! Posso afirmar que *ela* nunca traiu segredo algum no mundo. Onde está ela?... Oh, vem ali atrás... Lembro-me perfeitamente da chegada de Mrs. Perry... Que sonho extraordinário, de fato!

Estavam entrando no vestibulo. Os olhos de Mr. Knightley procuraram Jane antes de Miss Bates. Quando olhou para Frank Churchill e pensou ver um ar

de confusão reprimido ou disfarçado por um sorriso, involuntariamente se virou para ela. Mas Jane estava realmente mais para trás, muito ocupada com seu xale. Mr. Weston já havia entrado. Os dois outros cavalheiros esperavam na porta para deixá-la passar. Mr. Knightley suspeitou que Frank Churchill estava determinado a atrair o olhar dela... parecia que a fitava intensamente. Se ele tinha essa intenção foi em vão, pois Jane passou entre eles sem olhar para ninguém.

Não houve tempo para mais observações ou explicações. O sonho devia ser aceito como tal e Mr. Knightley teve que ocupar seu lugar junto aos outros em volta da grande e moderna mesa circular, que Emma havia introduzido em Hartfield. Ninguém além dela teria a ousadia de utilizar uma mesa assim, e persuadir o pai a aceitá-la, ao invés da pequena mesa Pembroke [2] em que Mr. Woodhouse fizera suas duas refeições diárias durante quarenta anos. O chá transcorreu agradavelmente e ninguém parecia apressado em sair.

– Miss Woodhouse – disse Frank Churchill, após examinar uma mesa atrás dele, que podia alcançar de onde estava sentado – seus sobrinhos levaram o alfabeto deles... a caixa de letras? Ela costumava ficar aqui. Onde está? Esta parece ser uma tarde monótona e merece ser tratada mais como uma tarde de inverno do que de verão. Divertimos-nos muito com aquelas letras, certa manhã. Gostaria de jogar outra vez.

Emma ficou feliz com a lembrança e foi buscar a caixa. As letras logo foram dispostas sobre a mesa, mas ninguém parecia tão interessado como os dois. Começaram rapidamente a formar palavras para si mesmos ou para os outros completarem. A quietude do jogo o tornava especialmente agradável para Mr. Woodhouse que teria ficado perturbado com alguma brincadeira mais animada, como Mr. Weston costumava fazer. E agora o velho senhor se encontrava sentado, agradavelmente ocupado em lamentar a partida dos “pobres menininhos”, ou em comentar com grande animação, quando pegava alguma letra perto dele, como Emma as desenhara tão bem.

Frank Churchill colocou uma palavra diante de Miss Fairfax, que deu um rápido olhar ao redor e se concentrou no jogo. Frank estava ao lado de Emma, Jane do lado oposto e Mr. Knightley em uma posição que lhe permitia ver a todos. E ele tinha mesmo o objetivo de ver tudo o que pudesse, sem despertar muita atenção. A palavra foi descoberta e posta de lado com um leve sorriso. Devia ser imediatamente misturada com as outras e escondida de vista, mas Jane deveria ter olhado para a mesa, ao invés de olhar para frente, pois as letras não foram misturadas. E Harriet, ansiosa por achar qualquer palavra nova, e não encontrando outra, pegou-a e imediatamente começou a trabalhar. Estava

sentada ao lado de Mr. Knightley e virou-se para ele pedindo ajuda. A palavra era *tolice*, e quando Harriet a soletrou em voz alta, exultante, as faces de Jane ficaram coradas, o que deu à palavra um significado que de outra forma não seria percebido. Mr. Knightley ligou isso ao sonho de Frank Churchill, mas não conseguiu compreender tudo que se passava. Como a sua favorita pudera permitir que sua delicadeza e discrição ficassem entorpecidas! Ele temia que houvesse algum envolvimento entre os dois. Falsidade e jogo duplo pareciam envolvê-lo a todo o momento. As letras não foram mais que o motivo para galanerias e brincadeiras ardilosas. Era um jogo de criança, escolhido para esconder um jogo mais profundo por parte de Frank Churchill.

Mr. Knightley continuou a observá-lo indignado, e com grande alarme e desconfiança observava também suas duas ingênuas companheiras. Viu que Frank preparou uma pequena palavra para Emma, e deu a ela com um olhar astuto e discreto. Emma logo a decifrou e achou altamente divertido, embora fosse algo que ela julgava censurável, pois disse:

– Que bobagem! Devia ter vergonha!

Ouviu Frank Churchill dizer, olhando rapidamente para Jane.

– Vou dar a ela, então... Será que devo?

E viu Emma se opor, com uma ansiosa e calorosa risada.

– Não, não, claro que não deve. Não deve mesmo, de modo algum.

Mas já estava feito. Este jovem e galante cavalheiro, que parecia amar sem sentimentos e recomendar-se sem nenhuma complacência, entregou a palavra diretamente à Miss Fairfax, e com um alto grau de tranquila civilidade insistiu para que ela a estudasse. A grande curiosidade de Mr. Knightley em descobrir qual era a palavra o fazia aproveitar qualquer ocasião para esticar-se e lançar os olhos sobre ela; não demorou muito a ver que as letras formavam o nome *Dixon*. A percepção de Jane Fairfax pareceu acontecer ao mesmo tempo. Só que a compreensão dela era mais adequada a descobrir o sentido escondido, o significado superior daquelas cinco letras colocadas em ordem. Miss Fairfax ficou evidentemente incomodada, olhou para ele e, vendo que estava sendo observada, corou tão fortemente como Mr. Knightley jamais havia visto, e disse apenas:

– Eu não sabia que era permitido usar nomes próprios.

Empurrou as letras um tanto raivosa, e pareceu decidida a parar de jogar. Desviou o rosto daqueles que fizeram o ataque e virou-se para a tia.

– Sim, sim, é verdade, minha querida – exclamou esta última, embora

Jane não tivesse dito uma palavra. – Eu ia dizer a mesma coisa. Está na hora de irmos, de fato. A noite está chegando e a vovó deve estar nos esperando. Meu caro senhor, é muito amável. Nós realmente precisamos despedir-nos, tenha uma boa noite.

A presteza de Jane em partir demonstrou que estava pronta. Levantou-se imediatamente, deixando a mesa, mas muitos outros se levantaram também. Mr. Knightley pensou ter visto outro grupo de letras ser ansiosamente empurrado na direção dela, que as espalhou sem olhar. Depois disso começou a procurar o xale, e Frank Churchill ajudou-a a procurar. Começava a escurecer e a sala ficou imersa em confusão; como conseguiram partir Mr. Knightley não saberia dizer.

Ele permaneceu em Hartfield depois que todos se foram, pensando no que acabara de ver. E estava tão impressionado que, quando as velas foram acesas, ele pensou que devia – sim, certamente devia, como amigo, um amigo preocupado – dar a Emma alguma indicação do que se passava, fazer-lhe algumas perguntas. Não poderia vê-la em uma situação de tamanho perigo sem tentar preservá-la. Era seu dever.

– Diga-me, Emma – disse ele – posso perguntar em que consistia o grande divertimento, ou a estocada certa, da última palavra mostrada a você e a Miss Fairfax? Eu vi a palavra, e queria saber por que foi tão divertida para uma e tão perturbadora para a outra.

Emma ficou extremamente confusa. Ela não suportaria dar-lhe a verdadeira explicação, pois embora suas suspeitas permanecessem, estava muito envergonhada de tê-las partilhado com alguém.

– Oh! – exclamou ela, com evidente embaraço. – Não significa nada. É uma simples brincadeira entre nós.

– A brincadeira – ele respondeu com gravidade – parece ter ficado restrita a você e Mr. Churchill.

Ele esperava que ela falasse mais, mas ela não o fez; preferia se ocupar com qualquer outra coisa a falar. Mr. Knightley sentou-se em dúvida, por algum tempo, e uma variedade de males cruzou pela sua mente. Interferência – infrutífera, além do mais. A confusão de Emma e a intimidade percebida por ele pareciam indicar que o afeto dela estava comprometido. Assim mesmo ele falaria. Devia isso a ela, pelo seu bem estar, mesmo aceitando o risco de que sua interferência fosse mal recebida. Preferia enfrentar qualquer coisa a lamentar-se depois por ter sido negligente num caso desses.

– Minha querida Emma – ele disse, afinal, com muita bondade – acha que entende perfeitamente o grau de relacionamento entre o cavalheiro e a

jovem dama de quem estivemos falando?

– Entre Mr. Frank Churchill e Miss Fairfax? Oh, sim, perfeitamente. Por que duvida disso?

– Você nunca teve motivos para pensar que ele a admira, ou que ela tenha admiração por ele?

– Nunca, nunca! – exclamou ela, com franca certeza. – Nunca, nem por um vigésimo de segundo, me ocorreu tal ideia. Como isso surgiu na sua mente?

– Ultimamente acredito ter notado alguns sintomas de afeto entre eles – alguns olhares expressivos, que não acredito que eles pretendam tornar público.

– Oh, o senhor me diverte muito. Estou encantada por saber que o senhor permite que sua imaginação se solte – mas não deu certo – lamento muito dar-lhe essa notícia em sua primeira tentativa, mas com certeza não é verdade. Não há admiração entre eles, eu lhe asseguro. E as aparências que o surpreenderam foram provocadas por algumas circunstâncias particulares – sentimentos de uma natureza totalmente diferente. É impossível explicar-lhe exatamente, há muita coisa sem sentido envolvida nisso. Mas o que pode ser dito, e que é mais sensato, é que eles estão longe de qualquer admiração ou afeto um pelo outro, tanto quanto é possível que duas pessoas possam estar. Isto é, eu *presumo* que deve ser assim da parte dela, e posso *afirmar* que é assim da parte dele. Posso responder pela indiferença do cavalheiro nesse aspecto.

Emma falou com tal confiança e satisfação que chocou e silenciou Mr. Knightley. Estava com o espírito alegre, e teria prolongado a conversa para ouvir os detalhes das suspeitas dele, a descrição de cada olhar e todos os “comos” e “ondes” de uma circunstância que a divertia imensamente. Mas a alegria dela não encontrou respaldo nele. O cavalheiro percebeu que não poderia ser útil e sentia-se irritado demais para conversar. Antes que sua irritação se transformasse em uma febre fortíssima, com a ajuda da lareira acesa que os delicados hábitos de Mr. Woodhouse exigiam quase todas as noites do ano, ele partiu logo em seguida; fez o caminho de volta para casa, a fria e solitária Donwell Abbey.

[1] William Cowper (1731-1800) – poeta inglês; um dos mais populares poetas do século XVIII.

[2] Pequena mesa de fino acabamento, com tampo dobrável, utilizada para refeições informais. Originária do século XVIII.

CAPÍTULO VI

Depois de longamente abastecido com a expectativa de uma pronta visita de Mr. e Mrs. Suckling, o mundo de Highbury foi obrigado a suportar a mortificação de saber que eles não poderiam vir antes do outono. Uma novidade importada como essa não iria enriquecer suas reservas intelectuais no momento. No intercâmbio diário de notícias deveriam ficar novamente restritos a outros tópicos que, por um tempo, estiveram relegados a um segundo plano pela visita dos Sucklings – como as últimas notícias sobre Mrs. Churchill, cuja saúde era objeto de um relato diferente a cada dia, e a situação de Mrs. Weston, que deveria ver sua felicidade muito aumentada pela vinda de um filho, assim como a de todos os seus vizinhos, felizes com a notícia.

Mrs. Elton estava muito desapontada com o adiamento de seus vários prazeres e festividades. Suas apresentações e recomendações deveriam esperar, e cada festa projetada, por enquanto, ficaria apenas nas palavras. Assim ela pensou a princípio, mas uma pequena consideração convenceu-a de que nem tudo precisava ser adiado. Por que não poderiam fazer um passeio de exploração à Box Hill, embora sem os Sucklings? Poderiam voltar lá com eles no outono. Ficou decidido que iriam a Box Hill. Há muito circulavam rumores sobre esta pretensa excursão, o que lhes deu a ideia de outra. Emma nunca tinha ido a Box Hill, queria conhecer o que as pessoas julgavam que valia tanto a pena ver. Ela e Mr. Weston concordaram então em escolher uma bela manhã para fazer o passeio. Aceitariam a companhia de mais duas ou três pessoas apenas, e tudo deveria acontecer de modo calmo, despretensioso e elegante – muito superior ao alarido da preparação das comidas e bebidas comuns e dos piqueniques dos Eltons e dos Sucklings.

Ficara tudo tão bem acertado entre eles, que Emma não pode evitar certa surpresa e uma pequena contrariedade, ao ouvir Mr. Weston dizer que havia proposto aos Eltons, já que a irmã e o cunhado não poderiam vir, que os dois grupos se unissem e fossem juntos. E que Mrs. Elton estava pronta a concordar, desde que ela não tivesse objeções. Bem, como sua objeção nada mais era senão o fato de não gostar de Mrs. Elton, o que Mr. Weston já devia estar perfeitamente a par, não valia a pena mencionar isso de novo. Não poderia fazer isso sem reprová-lo, o que causaria desgosto à sua esposa. Emma se viu então obrigada a aceitar uma situação que faria tudo para evitar, um arranjo que poderia expô-la até mesmo à degradação de ouvir dizer que fizera parte do grupo de Mrs. Elton! Seus sentimentos estavam ofendidos, e a paciência de ostentar uma aparente submissão deixou uma pesada dívida, devido à severidade de suas reflexões sobre a incontrolável boa vontade de Mr. Weston.

– Fico feliz que tenha aprovado o que fiz – disse ele, tranquilamente. – Mas sabia que aprovaria. Um passeio como esse precisa de mais gente. Não poderíamos ter um grupo tão grande, e um grupo assim garante sua própria diversão. E ela é uma boa mulher, afinal. Não podíamos deixá-la de fora.

Emma não contestou nada em voz alta, nem concordou com nada intimamente.

Estavam agora no meio de junho e o tempo era bom. Mrs. Elton estava ficando impaciente para fixar a data, e combinara com Mr. Weston de levar tortas de pombo e carneiro frio, quando um dos cavalos da carruagem ficou doente e colocou todo o plano em triste incerteza. Poderia levar dias ou semanas até que pudessem usar o cavalo novamente, mas não era possível prosseguir nos preparativos e tudo ficou em uma melancólica estagnação. Os famosos recursos de Mrs. Elton não eram de nenhuma valia em uma situação dessas.

– Não é a coisa mais irritante, Knightley? – ela exclamou. – E um tempo maravilhoso como esse para explorar! Esses atrasos e desapontamentos são odiosos. O que vamos fazer? Desse jeito o ano vai acabar antes que possamos fazer alguma coisa. Por essa época, no ano passado, afirmo-lhe que já tínhamos feito um delicioso passeio de Maple Grove a Kings Weston.

– Vocês fariam melhor se fossem a Donwell Abbey – respondeu Mr. Knightley. – Lá se pode ir sem cavalos. Venham provar os meus morangos, estão amadurecendo bem rápido.

Se Mr. Knightley não falara seriamente a princípio, acabou obrigado a fazê-lo, pois sua proposta foi recebida com enorme entusiasmo. E o “Oh! Eu gostaria disso mais do que tudo” não foi discreto nem nas palavras nem nas maneiras. Donwell era famosa por suas plantações de morangos, que pareciam implorar por um convite, mas não era preciso implorar. Plantações de repolho seriam o suficiente para tentar a dama, que só queria ir a algum lugar. Ela prometeu e tornou a prometer-lhe que iria – muito mais do que ele duvidava – e ficara muito gratificada por essa prova de intimidade, que considerava o mais distinto cumprimento.

– Pode contar comigo – disse ela. – Eu irei com certeza. Diga a data e eu irei. Permite que eu leve Jane Fairfax?

– Não posso fixar uma data – respondeu ele – sem falar com outras pessoas que eu gostaria que também a acompanhassem.

– Oh! Deixe tudo comigo. Apenas me dê carta branca. Eu sou a Senhora Patrocinadora, como sabe. É a minha festa, levarei alguns amigos comigo.

– Espero que leve Elton – disse ele – mas não gostaria de lhe dar o trabalho de fazer os outros convites.

– Oh! Agora está parecendo muito dissimulado. Mas considere – não precisa ficar com medo de delegar poderes a *mim*. Não sou uma jovem dama novata. Mulheres casadas, como sabe, podem ser autorizadas com segurança. É a minha festa, deixe tudo comigo. Eu farei os convites.

– Não – ele respondeu, calmamente – só existe uma mulher casada no mundo a quem eu permitiria que convidasse as pessoas que desejasse para ir a Donwell, e essa mulher é...

– Mrs. Weston, eu imagino – interrompeu Mrs. Elton, um tanto ofendida.

– Não... Mrs. Knightley, e até que ela exista, eu cuidarei dessas coisas sozinho.

– Ah, mas você é uma criatura peculiar! – ela exclamou, satisfeita por não ser preterida por outra. – Você é um humorista, e pode dizer o que quiser. Que humorista! Bem, vou levar Jane comigo, ela e a tia. O resto eu deixo com você. Não tenho objeção alguma quanto à família de Hartfield. Não tenha escrúpulos, sei que é ligado a eles.

– A senhora certamente os encontrará, se a minha opinião prevalecer, e eu mesmo visitarei Miss Bates no meu caminho para casa.

– Isso é totalmente desnecessário, eu vejo Jane todos os dias. Mas faça como quiser. Deve ser um passeio pela manhã, você sabe, Knightley, uma coisa bem simples. Vou usar um grande chapéu, e levarei uma cestinha pendurada no braço. Aqui, veja, talvez esta cesta com a fita cor-de-rosa. Nada pode ser mais simples. E Jane também vai usar algo parecido. Não haverá nenhuma formalidade ou ostentação, será um tipo de festa cigana. Vamos caminhar pelos seus jardins, colher nós mesmas os morangos, e sentar debaixo das árvores... E qualquer outra coisa que você queira oferecer, mas deve ser tudo ao ar livre. Uma mesa colocada na sombra, você sabe... Tudo o mais natural e simples possível. Não é essa a sua ideia?

– Não exatamente. Minha ideia de simples e natural é colocar a mesa na sala de jantar. A natureza e a simplicidade das damas e cavalheiros, com seus servos e móveis, acho que pode ser mais bem observada nas refeições dentro de casa. Quando se cansarem de comer morangos ao ar livre, haverá uma refeição de carnes frias dentro da casa.

– Bem, como desejar. Mas que não seja nada muito elaborado. E, a

propósito, eu ou minha governanta podemos ser de alguma ajuda para você com nossas opiniões? Peço que seja sincero, Knightley. Se desejar que eu fale com Mrs. Hodges ou que inspecione alguma coisa...

– Não preciso de nada, mesmo. Muito obrigada.

– Bem, mas se houver alguma dificuldade, minha governanta é muito competente.

– Responderei a isso dizendo-lhe que a minha se acha mais do que competente, e desprezaria a ajuda de qualquer pessoa.

– Gostaria que tivéssemos um burrinho. Seria interessante se chegássemos montadas em burrinhos... Jane, Miss Bates e eu... e meu *caro sposo* caminhando ao lado. Eu de fato vou falar com ele sobre comprar um burrinho. Na vida do campo acho que é uma necessidade, pois se uma mulher não possui muitos recursos, não deve ficar sempre trancada em casa. E quanto às longas caminhadas, você sabe... no verão existe a poeira, no inverno o barro.

– Não vai encontrar nenhum dos dois entre Donwell e Highbury. O caminho para Donwell nunca fica empoeirado, e agora está perfeitamente seco. Venha num burrinho, no entanto, se assim desejar. Pode pedir emprestado o de Mr. Cole. Gostaria que tudo fosse feito de acordo com o seu gosto, tanto quanto possível.

– Tenho certeza que sim. De fato, devo fazer-lhe justiça, meu amigo. Sob seus modos peculiarmente bruscos e secos, sei que existe um grande coração. Como eu digo a Mr. E, você é um grande humorista. Sim, pode acreditar, Knightley, que tenho plena certeza de sua atenção para comigo em todo esse esquema. Cuidou de cada coisa para me agradar.

Mr. Knightley tinha outra razão para evitar a mesa sob as árvores. Tinha intenção de persuadir Mr. Woodhouse, assim como Emma, a juntarem-se ao grupo. E sabia que obrigá-los a sentar ao ar livre para uma refeição deixaria o velho senhor doente. Mr. Woodhouse não devia, sob o pretexto de um passeio matinal para passar uma ou duas horas em Donwell, ser tentado a concordar com algo que lhe faria sentir-se infeliz.

Ele foi convidado de boa fé. Não haveria terrores à espreita para aproveitar-se de sua ingênua credulidade. Ele concordou, pois fazia dois anos que não ia à Donwell. “Em uma manhã bonita, ele, Emma e Harriet podiam ir muito bem. E ele poderia sentar-se com Mrs. Weston, enquanto as queridas meninas passeassem nos jardins. Ele acreditava que não deveria haver umidade, no meio do dia. Desejava muito ver de novo a antiga casa, e ficaria muito feliz de encontrar Mr. e Mrs. Elton e outros de seus vizinhos. Não faria objeção alguma,

nem ele, nem Emma e nem Harriet, iriam todos lá em uma bela manhã. Achou muito bonito da parte de Mr. Knightley convidá-los... muito gentil e atencioso, muito mais inteligente do que um convite para jantar. Ele não gostava de jantar fora”.

Mr. Knightley foi feliz na escolha dos convidados. Todos receberam muito bem os convites, a ponto de parecer que, como Mrs. Elton, cada um considerava a festa como uma homenagem pessoal. Emma e Harriet demonstraram altas expectativas de prazer na festa. Mr. Weston, sem que lhe fosse pedido, prometeu levar Frank consigo, se possível. Mr. Knightley teria de bom grado dispensado essa prova de aprovação e gratidão, mas foi obrigado a dizer que teria muito prazer em vê-lo. Mr. Weston então não perdeu tempo em escrever ao filho, sem poupar argumentos para convencê-lo a vir.

Nesse meio tempo o cavalo doente recuperou-se com tal rapidez, que voltaram a considerar alegremente a ideia de formar um grupo para ir a Box Hill. No final, marcaram de ir a Donwell num dia e a Box Hill no dia seguinte, visto que o tempo estava perfeito.

Sob o brilhante sol do meio-dia, em pleno verão, Mr. Woodhouse foi transportado com segurança em sua carruagem, com uma das janelas aberta, para participar dessa festa ao ar livre. Instalaram-no alegremente em uma das mais confortáveis salas de Donwell Abbey, especialmente preparada para ele e aquecida pela lareira que fora acesa durante toda a manhã. Ficou muito à vontade, pronto a falar com satisfação da proeza que acabara de realizar, e aconselhando a todos que se sentassem e não se aquecessem demais. Mrs. Weston, que parecia ter caminhado até lá com o único propósito de se cansar e sentar-se o tempo todo ao lado dele, ficou fazendo companhia ao velho cavalheiro como ouvinte tomada de paciência, enquanto os demais foram convidados ou convencidos a sair.

Fazia tanto tempo que Emma não ia à Abbey que, tão logo se assegurou que o pai estava confortável, ficou feliz de deixá-lo para dar uma volta pela casa. Estava ansiosa para refrescar e corrigir sua memória com uma cuidadosa observação e melhor compreensão da casa e das terras, que sempre haviam sido tão interessantes para ela e toda a sua família.

Sentiu todo o honesto orgulho e benevolência que sua ligação com o presente e o futuro proprietário poderia garantir. Observou o tamanho respeitável e o estilo do prédio, que era baixo e abrigado, assim como sua localização característica e atraente – seus amplos jardins descendo até a pradaria, cortada por um riacho que se perdia na distância, mal podendo ser avistado da casa. E a abundância de árvores, formando extensas alas e avenidas, que nem a maior

extravagância conseguiria abater. A casa era maior que Hartfield, e totalmente diferente: espalhava-se por um bom pedaço do terreno irregular, com muitas salas confortáveis e uma ou duas bastante bonitas. Era exatamente como devia ser, e parecia o que realmente era. Emma sentiu um grande respeito por isso, pois era a residência de uma família da mais genuína nobreza, sem mistura de sangue. John Knightley podia ter algumas falhas de caráter, mas Isabella fizera um casamento excepcional. Ela não lhes dera pessoas, nem nomes, nem lugares que pudessem provocar constrangimento. Eram sentimentos agradáveis, e ela caminhou por ali acalentando esses pensamentos até que fosse necessário fazer o mesmo que os outros, então foi colher morangos. Estavam todos juntos, exceto Frank Churchill, que viria de Richmond e estava sendo esperado a qualquer momento. Mrs. Elton, com todo o seu aparato de felicidade, o grande chapéu de abas largas e o cestinho, estava muito feliz de liderar o grupo enquanto juntavam os morangos e conversavam. O assunto agora era morangos, e não era permitido falar de outra coisa.

“A melhor fruta da Inglaterra, a favorita de todos, sempre saudável... Esses eram os melhores canteiros e as melhores espécies... Encantada de colher os próprios morangos... a única forma de apreciá-los realmente... pela manhã era sempre melhor, com certeza... não se cansava nunca... todos os tipos eram bons... infinitamente superior... sem comparação... os outros mal se podiam comer... alguns tipos eram muito raros... havia um que era o mais saboroso... o preço dos morangos em Londres... eram abundantes em Bristol... Maple Grove... cultivo... quando os canteiros precisam ser replantados... os jardineiros achavam o contrário... não, não havia regra geral... os jardineiros nunca deviam fazer alguma coisa que não quisessem... frutos deliciosos... muito nutritivos, não se deve comer em excesso... inferior às cerejas... groselhas são mais refrescantes... a única objeção a colher morangos era ter que se abaixar... sol forte... cansada demais... não podia suportar mais... devia ir sentar à sombra”.

Essa foi a conversa durante meia hora. Houve apenas uma interrupção de Mrs. Weston, que em sua solicitude pelo enteado veio perguntar se ele já chegara, e parecia um pouco preocupada. Tinha alguns receios em relação ao cavalo dele.

Acharam assentos relativamente bons na sombra, e Emma então foi obrigada a ouvir a conversa de Mrs. Elton e Jane Fairfax. Falavam de uma colocação, a colocação mais desejável que podia haver. Mrs. Elton soubera disso pela manhã e estava exultante. Não era na casa de Mrs. Suckling, nem na de Mrs. Bragge, mas em felicidade e esplendor era quase como se fosse. Tratava-se de uma prima de Mrs. Bragge, uma dama amiga de Mrs. Suckling, muito conhecida em Maple Grove. Agradável, encantadora, superior, de primeira classe, das principais esferas, linhas e posições sociais. Tudo!... Mrs. Elton estava ansiosa

para que a oferta fosse aceita imediatamente. Da parte dela, tudo era animação, energia e triunfo. Decididamente se recusava a aceitar uma negativa, embora Miss Fairfax continuasse lhe dizendo que não queria comprometer-se com nada no momento, repetindo os mesmos motivos que mencionara antes. Ainda assim Mrs. Elton insistia em que a autorizasse a escrever uma carta aceitando, para ser enviada pelo correio logo na manhã seguinte. Emma não compreendia como Jane podia suportar aquilo. Parecia irritada, falava com severidade e, por fim, com uma decisão de ação incomum para ela, propôs que saíssem dali. “Não era melhor caminhar um pouco? Mr. Knightley não ficara de lhes mostrar os jardins? Todos os jardins? Ela queria conhecer tudo”. A pertinácia da amiga parecia mais do que Jane Fairfax podia suportar.

Estava bastante quente. Depois de caminharem por um tempo pelos jardins, dispersos em pequenos grupos de no máximo três pessoas, os convidados se encaminharam, quase sem perceber, para a deliciosa sombra de uma larga alameda de limeiras, que se estendia além do jardim, a uma distância sempre igual do rio, e parecia delimitar o final da área própria para passeios. Dali para diante não havia nada, a não ser a vista para além de um muro baixo de pedras com altos pilares que, em sua forma ereta, parecia tratar-se de um portal para a casa, que nunca fora colocado. Embora o bom gosto desse tipo de acabamento pudesse ser discutível, era uma caminhada encantadora em si mesma, e a vista que se descortinava dali era extremamente bonita. A encosta de altura considerável, em cujo sopé se encontrava Abbey, adquiria gradualmente um perfil mais íngreme nos terrenos mais afastados da casa. A cerca de oitocentos metros ficava uma abrupta encosta de considerável grandeza, bem coberta por árvores, e ao fundo dela, num lugar favorável e abrigado, encontrava-se a fazenda Abbey-Mill, com os prados à frente e rodeada pela curva fechada e bonita que o rio fazia naquele lugar.

Era uma vista cativante, tão doce para os olhos quanto para a mente. A vegetação inglesa, a cultura inglesa, o conforto inglês, vistos sob um sol brilhante, sem ser opressivo.

Durante a caminhada Emma e Mr. Weston notaram que os outros haviam voltado a se reunir. Olhando para o grupo, Emma percebeu imediatamente Mr. Knightley e Harriet, um pouco à frente dos demais, calmamente liderando o grupo. Mr. Knightley e Harriet!... Era um estranho *tête à tête* [1], mas ela ficou feliz de vê-lo. Houvera um tempo em que ele teria evitado a companhia dela, e se afastado sem muita cerimônia. Agora eles pareciam conversar agradavelmente. Houvera um tempo também em que Emma teria lamentado ver Harriet num lugar tão perto da fazenda Abbey-Mill, mas agora não temia isso. A fazenda podia ser vista com todos os seus belos e prósperos anexos, seus ricos pastos, os enormes rebanhos espalhados, o pomar coberto de

frutos e a leve coluna de fumaça que subia da chaminé. Emma se juntou a eles próximo ao muro, e descobriu que estavam mais interessados na conversa do que em olhar a vista. Ele estava explicando a Harriet as várias modalidades de agricultura, etc., e sorriu para Emma como se dissesse “Estas são as minhas preocupações, tenho direito de falar desses assuntos sem levantar suspeitas de me referir a Robert Martin”. Emma não suspeitava de Mr. Knightley, aquela história já ficara no passado. Robert Martin provavelmente já nem pensava mais em Harriet. Caminharam um pouco juntos. A sombra era muito refrescante, e Emma considerou aquela a melhor parte do dia.

A próxima caminhada seria em direção a casa, onde deviam fazer a refeição. Já estavam todos sentados à mesa, ocupados em comer, e Mr. Frank Churchill ainda não chegara. Mrs. Weston olhava para a porta a todo o momento, mas em vão. Mr. Weston não se permitia ficar preocupado e ria dos temores da esposa, que não podia evitar o desejo de que ele tivesse vindo na sua égua preta. Frank Churchill tinha dito que viria com a mais plena certeza. “Sua tia havia melhorado tanto, que ele não tinha a menor dúvida de que poderia vir”. Mrs. Churchill, no entanto, como muitos gostavam de lembrá-la, era sujeita a variações repentinas de humor, que poderiam obrigar o sobrinho a permanecer. Mrs. Weston foi afinal convencida a acreditar, ou a fingir que acreditava, que ele não pudera vir devido a algum ataque de Mrs. Churchill. Emma olhou para Harriet enquanto discutiam o assunto, mas ela comportou-se muito bem, sem traír a menor emoção.

A refeição fria terminara, e o grupo saiu outra vez para ver o que ainda não tinham visto: os antigos tanques de peixes de Abbey; talvez para ir até o campo de trevos, que começariam a ser cortados no dia seguinte ou, em último caso, para ter o prazer de se aquecer ao sol e refrescar-se novamente. Mr. Woodhouse, que já fizera um pequeno passeio na parte mais elevada dos jardins, onde não havia nenhuma umidade do rio, não pretendia mais sair. Emma decidiu ficar com ele, para que Mrs. Weston pudesse sair com o marido, a fim de exercitar-se e distrair um pouco o espírito.

Mr. Knightley fizera tudo ao seu alcance para entreter Mr. Woodhouse. Livros de gravuras e desenhos, caixas com medalhas, camafeus, corais, conchas e todas as outras coleções da família que estavam nos armários foram dispostas para seu velho amigo se distrair durante toda a manhã. A bondade dele rendeu frutos, pois Mr. Woodhouse estava extremamente bem disposto. Mrs. Weston estivera mostrando-lhe todas essas coisas, e agora ele poderia mostrá-las a Emma. Por sorte o velho senhor não se parecia com uma criança, a não ser na total falta de gosto em apreciar aquelas coisas, pois era lento, constante e metódico. Antes que começasse essa segunda passagem pelas coleções, Emma foi até o vestibulo, para ter o prazer de olhar livremente para a entrada da casa e

o jardim em frente. Mal tinha chegado lá quando Jane Fairfax entrou, vindo apressada do jardim com um olhar de quem desejava escapar. Como não esperava encontrar Miss Woodhouse tão cedo, teve um momento de surpresa; mas Emma era justamente a pessoa que ela estava procurando.

– A senhorita faria a gentileza – disse ela – de dizer que eu já fui para casa, quando derem pela minha falta?... Estou indo neste momento... Minha tia não se deu conta da hora, nem de quanto tempo estivemos fora, mas tenho certeza que precisam de nós, e estou determinada a ir sem mais demora. Não disse nada a ninguém, pois só traria problemas e nervosismo. Alguns foram até os tanques e outros para a alameda de limeiras. Não darão pela minha falta até que retornem e, quando vierem, a senhorita teria a bondade de dizer que eu já fui?

– Com certeza, se é o que deseja. Mas a senhorita vai voltar para Highbury sozinha?

– Sim, não há perigo algum, e eu caminho muito rápido. Estarei em casa em vinte minutos.

– Mas é muito longe, no entanto, para caminhar sozinha. Deixe que o criado de meu pai a acompanhe, deixe-me pedir a carruagem, estará aqui em cinco minutos.

– Muito obrigada, muito obrigada... mas não é preciso, de modo algum. Eu prefiro andar. Imagine *eu* ter medo de andar sozinha! Eu que muito breve tomarei conta de outras pessoas!

Ela falou com grande agitação. Emma sentiu por ela e respondeu:

– Isso não é motivo para que se exponha a algum perigo agora. Vou pedir a carruagem. Até mesmo o calor pode ser perigoso e a senhorita já está cansada.

– Estou – ela respondeu – estou mesmo fatigada, mas não desse tipo de fadiga; uma caminhada rápida vai me animar. Miss Woodhouse, todos nós sabemos o que é estar casada de espírito, algumas vezes. O meu, confesso, está exausto. A maior gentileza que a senhorita pode me fazer é deixar que eu siga o meu caminho, e apenas dizer que já fui embora, quando for necessário.

Emma não se opôs mais. Compreendeu tudo; percebendo os sentimentos da outra, ajudou-a a ir embora imediatamente, observando-a sair em segurança, com o zelo de uma amiga. Jane deu-lhe um olhar de gratidão e disse:

– Oh, Miss Woodhouse, como é reconfortante ficar sozinha às vezes!

Essas palavras de despedida pareceram sair de um coração angustiado, e mostravam a contínua pressão que era exercida sobre ela, mesmo por alguns daqueles que mais a amavam.

“Que casa ela tem, realmente! E que tia!” pensava Emma, enquanto voltava ao vestibulo. “Tenho pena de você. E quanto mais sensibilidade demonstrar pelos horrores que sofre, mais gostarei de você”.

Não fazia nem quinze minutos que Jane partira, e Emma e o pai tinham apenas começado a olhar algumas gravuras da Praça São Marcos, em Veneza, quando Frank Churchill entrou na sala. Emma não estava mais pensando nele, esquecera dele por completo, mas ficou muito contente em vê-lo. Mrs. Weston ficaria tranquila. A égua preta não tinha culpa alguma, *aqueles* que disseram que Mrs. Churchill era a causa do atraso é que estavam certos. Ele fora detido temporariamente por um agravamento da doença da tia, um choque nervoso que durara algumas horas; ele quase desistira de vir, até que fosse bem mais tarde. Se soubesse como seria quente a cavalgada, e como estaria atrasado, com toda essa correria, talvez nem tivesse vindo. O calor era excessivo, nunca sofrera algo assim... quase desejava ter ficado em casa... nada o deixava mais prostrado que o calor. Podia suportar qualquer grau de frio, mas o calor era intolerável, e sentou-se à maior distância possível dos resquícios do fogo da lareira de Mr. Woodhouse. Estava num estado lastimável.

– O senhor vai refrescar-se logo, se permanecer parado – disse Emma.

– Logo que me refrescar já estará na hora de voltar. Eu podia ter sido poupado de vir... Mas fizeram tanta questão da minha vinda! Todos logo estarão partindo, eu creio, o grupo todo vai se dispersar. Encontrei *uma*, quando vinha para cá... Que loucura, com um tempo desses! Absoluta loucura!

Emma ouviu, olhou e logo percebeu que o estado de espírito de Frank Churchill poderia ser mais bem definido pela expressão de mau humor. Algumas pessoas sempre ficavam infelizes quando sentiam calor, este devia ser o caso dele. Como ela sabia que comida e bebida eram normalmente a cura dessas queixas incidentais, recomendou-lhe beber alguma coisa. Encontraria todo tipo de bebida e comida na sala de jantar, e indicou-lhe a porta.

“Não, ele não queria comer. Não tinha fome, isso só o deixaria com mais calor”. Dois minutos depois, no entanto, ele agiu a seu favor; murmurando algo sobre cerveja, saiu da sala. Emma voltou toda sua atenção para o pai, dizendo secretamente a si mesma:

“Estou feliz de não ter me apaixonado por ele. Não gostaria de um homem que é tão afetado por uma manhã de calor. O doce e tranquilo

temperamento de Harriet não se importaria com isso”.

Ela partira há tempo suficiente para ter feito uma boa refeição quando voltou sentindo-se melhor. Estava mais refrescado e voltara às boas maneiras que costumava ter. Foi capaz de pegar uma cadeira e aproximar-se deles, interessando-se pelo que faziam, e lamentou, com as maneiras corretas, que tivesse chegado tão tarde. Não estava no seu melhor espírito, mas tentava melhorar sua disposição. Ao final, já estava falando amenidades e se tornara muito agradável. Estavam olhando gravuras da Suíça.

– Logo que minha tia se recuperar quero ir para o exterior – disse ele. – Não me sentirei feliz até que tenha visto alguns desses lugares. Daqui a algum tempo a senhorita terá os meus esboços para olhar, ou meus relatos para ler, ou meus poemas. Devo fazer alguma coisa para me tornar conhecido.

– Isso pode ser, mas não com esboços da Suíça. O senhor nunca irá à Suíça, sua tia e seu tio jamais permitirão que saia da Inglaterra.

– Poderei convencê-los a ir também. Recomendaram um clima quente para minha tia. Tenho muita esperança de que possamos todos ir para o exterior. Garanto que tenho. Tive uma forte impressão, esta manhã, de que logo estarei no exterior. Devo mesmo viajar, estou cansado de não fazer nada. Preciso de uma mudança. Falo sério, Miss Woodhouse, seja o que for que seus penetrantes olhos possam imaginar. Estou enjoado da Inglaterra. Partiria amanhã, se pudesse.

– O senhor está enjoado da prosperidade e da indulgência. Não poderia criar algumas dificuldades para si mesmo e contentar-se em ficar aqui?

– *Eu*, enjoado da prosperidade e da indulgência? Está completamente enganada. Não me vejo como próspero ou indulgente. Tudo que é material me contraria. Não me considero uma pessoa afortunada, absolutamente.

– O senhor não parece tão infeliz, no entanto, como quando chegou. Vá, coma e beba mais um pouco, e vai se sentir ainda melhor. Mais um pedaço de carne fria, outro cálice de vinho Madeira e um pouco de água vão deixá-lo quase igual ao resto de nós.

– Não, não pretendo sair. Vou ficar sentado ao lado da senhorita e de seu pai. Vocês são a minha melhor cura.

– Vamos todos a Box Hill amanhã, pode se juntar a nós? Não é a Suíça, mas deve significar algo para um jovem cavalheiro que deseja uma mudança. Vai ficar para ir conosco?

– Não, certamente não. Devo partir no frescor do final da tarde.

– Mas pode voltar no frescor da madrugada, amanhã.

– Não, não vale a pena. Se eu vier vou sentir-me infeliz.

– Então, por favor, fique em Richmond.

– Mas, se ficar, vou me sentir ainda mais infeliz. Não posso suportar a ideia de que todos vocês estejam lá sem mim.

– Estas dificuldades o senhor mesmo terá que resolver. Escolha o seu grau de infelicidade, não vou insistir mais.

O resto do grupo começava a retornar, e logo estavam todos juntos. Alguns ficaram muito felizes ao ver Frank Churchill, outros o receberam com formalidade. Mas todos sem exceção ficaram perturbados e angustiados quando foi explicado o desaparecimento de Miss Fairfax. A conclusão foi que todos resolveram que era hora de irem embora. E, com uma rápida combinação para o passeio do dia seguinte, eles partiram. A pouca vontade de Frank Churchill de participar do grupo aumentou muito, tanto que suas últimas palavras para Emma foram:

– Bem, se *a senhorita* deseja que eu fique e vá ao passeio amanhã, eu irei.

Ela sorriu, concordando. Nada, a não ser uma convocação para voltar a Richmond, seria capaz de levá-lo de volta antes da noite seguinte.

[1] Tête à tête – conversa a sós, entre duas pessoas. Em francês no original.

CAPÍTULO VII

O dia estava lindo para ir a Box Hill, e todos os demais detalhes de organização, acomodação e pontualidade colaboraram para um passeio agradável. Mr. Weston organizou tudo, dirigindo os grupos de Hartfield e do Vicariato, e todos estavam prontos a tempo. Emma e Harriet foram juntas, Miss Bates e a sobrinha, com os Eltons e os cavalheiros, a cavalo. Mrs. Weston ficou com Mr. Woodhouse. Nada mais faltava, a não ser que fossem felizes quando chegassem lá. Viajaram onze quilômetros na expectativa de diversão, e todos tiveram exclamações de admiração quando chegaram. Mas, no cômputo geral do dia, houve deficiência. Havia um langor, uma falta de ânimo, uma falta de união que não podiam passar despercebidos. Separaram-se em grupos muito pequenos. Os Eltons caminhavam juntos, Mr. Knightley tomou conta de Miss Bates e de Jane, e Emma e Harriet ficaram sob os cuidados de Frank Churchill. Mr. Weston tentou, em vão, fazer com que se harmonizassem melhor. No início pareceu uma divisão accidental, mas os grupos permaneceram os mesmos. Mr. e Mrs. Elton, na verdade, demonstravam disposição para se juntar aos demais, e eram tão agradáveis quanto podiam. Mas durante as duas horas que passaram na colina, pareceu haver um princípio de separação entre os outros grupos, forte demais para ser removido por qualquer perspectiva mais aprazível, pela ótima refeição fria ou pela alegria de Mr. Weston.

Emma sentiu-se decididamente entediada, a princípio. Nunca vira Frank Churchill tão silencioso e letárgico. Não disse nada que valesse a pena ouvir, olhava sem ver, admirava sem conhecimento, ouvia sem entender o que ela dizia. Como ele se mostrava tão lerdo, não é de se estranhar que Harriet fosse igualmente lerda, e os dois estavam insuportáveis.

Quando se sentaram todos juntos as coisas melhoraram, e para o gosto de Emma melhoraram muito, pois Frank Churchill tornou-se falante e alegre, dedicando-se a ela. Qualquer gesto de atenção que tivesse era dirigido a Emma. Parecia que tudo o que desejava era diverti-la e ser agradável aos seus olhos, e Emma, feliz por ser notada e apreciando muito ser elogiada, ficou alegre e tranquila também, e deu-lhe todo o amigável encorajamento e o direito de ser galante como nunca fizera no período inicial e mais intenso de seu relacionamento. Mas agora, no que lhe dizia respeito, isso já não significava nada. No julgamento das pessoas que assistiam à cena, no entanto, apenas uma palavra na língua inglesa poderia descrever com exatidão o que viam: flerte. “Mr. Frank Churchill e Miss Woodhouse estão flertando em excesso”. Eles estavam merecendo esse tipo de comentário, e ele foi escrito em uma carta enviada a Maple Grove por uma dama, e em outra carta para a Irlanda,

remetida por outra dama. Não que Emma estivesse alegre por sentir uma felicidade real, era mais porque se sentia menos feliz do que esperava. Ela ria porque estava desapontada, e ainda que apreciasse as atenções dele – mesmo que fossem de amizade, de admiração, de brincadeira ou extremamente judiciosas – não estavam reconquistando seu coração. Ainda tinha intenções de tê-lo apenas como amigo.

– Quanta gentileza da sua parte – disse ele –ter insistido para que eu viesse hoje! Se não fosse pela senhorita, eu perderia toda a alegria deste passeio. Eu estava determinado a voltar ontem.

– Sim, o senhor estava muito mal-humorado. E não sei bem a razão, exceto que chegou atrasado para colher os melhores morangos. Fui uma amiga mais bondosa do que merecia. Mas o senhor é humilde, implorou para ser convidado a vir.

– Não diga que eu estava mal-humorado. Eu estava fatigado por causa do calor.

– Hoje está ainda mais quente do que ontem.

– Não para os meus sentidos. Hoje estou perfeitamente confortável.

– Está confortável porque está sob controle.

– Controlado pela senhorita?... Sim, claro.

– Talvez eu pretendesse ouvir isso também, mas na verdade quis dizer autocontrole. O senhor ultrapassou alguns limites ontem, de uma forma ou de outra, e escapou de seu próprio controle, mas hoje retornou a ele. Como não posso estar sempre com o senhor, é melhor que mantenha seu temperamento sob seu próprio comando do que sob o meu.

– Vem a ser a mesma coisa. Não posso ter autocontrole sem um motivo. A senhorita me controla, quer expresse isso em voz alta ou não. E pode estar sempre comigo. Está sempre comigo.

– Desde ontem às três da tarde. Minha influência perpétua não pode ter começado antes, ou o senhor não teria se descontrolado tanto.

– Desde ontem às três da tarde! Então essa é a sua data. Pensei que a tivesse conhecido em fevereiro.

– Sua galanteria é realmente insuperável. Mas (baixando a voz) ninguém está falando a não ser nós dois. E é demais ficar falando bobagens para a diversão de sete pessoas silenciosas.

– Não me envergonho de nada – ele respondeu, com atrevida imprudência. – Eu a vi pela primeira vez em fevereiro. Deixe que todos aqui me escutem, se quiserem. Deixe que minhas palavras ecoem até Mickleham de um lado e Dorking do outro. Eu a conheci em fevereiro. – E então, sussurrando – Nossos companheiros são muito lerdos. O que podemos fazer para animá-los? Qualquer bobagem serve. Eles *devem* falar. Damas e cavalheiros! Miss Woodhouse (que, onde quer que se encontre, é quem comanda) ordenou-me que lhes dissesse que deseja saber o que todos estão pensando.

Alguns riram e responderam bem humorados. Miss Bates falou bastante; Mrs. Elton reclamou da ideia de Miss Woodhouse comandar. A resposta de Mr. Knightley foi a mais distinta:

– Miss Woodhouse tem certeza que gostaria de ouvir o que todos estamos pensando?

– Oh, não, não... – exclamou Emma, rindo da forma mais encantadora que conseguiu. – Por nada deste mundo. O impacto seria forte demais para que eu pudesse suportar. Digam-me qualquer coisa, menos o que estão pensando realmente. Não me refiro a todos. Há um ou dois, talvez (dando um rápido olhar para Mr. Weston e Harriet), cujos pensamentos não tenho medo algum de conhecer.

– É o tipo de coisa – exclamou Mrs. Elton, enfática – que *eu* não me considero privilegiada o suficiente para perguntar. Exceto, talvez, como a *guardiã moral* do grupo... nunca estive em um círculo... grupos de exploração... jovens damas... mulheres casadas...

Seus murmúrios eram basicamente para o marido, e ele murmurava também em resposta.

– É verdade, minha querida, é verdade... Exatamente isso, de fato... não ouvi bem... Mas há damas que dizem o que querem. Melhor deixar passar como brincadeira. Todos sabem muito bem *quem* você é.

– Não vai dar certo – sussurrou Frank para Emma – a maioria deles ficou ofendida. Vou fazer-lhes um ataque mais certo. Damas e cavalheiros! Miss Woodhouse ordenou-me que dissesse que ela renuncia a seu direito de saber exatamente o que todos estão pensando e apenas pede que digam alguma coisa engraçada, de forma geral. Aqui estão sete pessoas, além de mim (que, ela tem o prazer de dizer, já fui divertido o bastante.) Ela apenas pede que digam uma coisa inteligente, seja em prosa, em verso, original ou conhecida, ou duas coisas modestamente inteligentes, ou três coisas decididamente tolas, e promete de coração rir de todas elas.

– Oh, muito bem! – exclamou Miss Bates. – Então não preciso me preocupar. “Três coisas muito tolas”, de fato. Isso serve muito bem para mim, vocês sabem. Tenho certeza que digo mais de três coisas muito tolas sempre que abro a boca, não é? (olhou ao redor contando com a divertida concordância de todos). Não concordam comigo?

Emma não pôde resistir.

– Ah, madame, há uma dificuldade. Perdoe-me, mas existe uma limitação de número: somente três coisas de cada vez.

Miss Bates, enganada pela imitação cerimoniosa que Emma fizera de suas maneiras, a princípio não entendeu bem. Mas, quando entendeu, não ficou zangada, apenas corou levemente, mostrando o quanto se sentira ofendida.

– Ah, bem... Certamente... Sim, entendo o que ela quer dizer... (virando-se para Mr. Knightley) Tentarei segurar minha língua. Devo ter sido muito desagradável, ou ela não teria dito uma coisa dessas a uma velha amiga.

– Gosto da sua ideia – exclamou Mr. Weston. – De acordo, de acordo. Farei o melhor possível. Estou fazendo uma charada. Uma charada conta muitos pontos?

– Temo que conte muito pouco, senhor – respondeu-lhe o filho – mas seremos indulgentes. Especialmente com a pessoa que nos trouxe aqui.

– Não, não – disse Emma – não conta pouco, não. Uma charada de Mr. Weston contará por ele e pela pessoa que estiver ao seu lado. Por favor, senhor, permita-me ouvir sua charada.

– Eu mesmo duvido que seja muito inteligente – disse Mr. Weston. – É bem comum, mas aí está. Quais são as duas letras do alfabeto que expressam perfeição?

– Duas letras!... Expressam perfeição?... Tenho certeza que não sei.

– Ah, nunca vai adivinhar. A senhorita (para Emma), tenho certeza que nunca irá adivinhar. Mas eu vou lhe dizer. São o M e o A... Em-ma... Entende agora?

A compreensão e a gratificação vieram juntas. Era uma adivinhação um tanto simplória, mas Emma riu muito e gostou, assim como Frank e Harriet. O resto do grupo, porém, não pareceu igualmente tocado. Alguns olhavam com um olhar um tanto tolo, e Mr. Knightley disse:

– Bem, isso explica o tipo de coisa inteligente que foi solicitada. Mr. Weston saiu-se muito bem, mas tirou a oportunidade do resto do grupo. A

perfeição não deveria vir tão depressa.

– Oh! Por mim eu peço que me dispensem – disse Mrs. Elton – *eu* realmente não consigo fazer isso... não gosto nem um pouco deste tipo de coisa. Uma vez alguém fez um acróstico com o meu nome do qual eu não gostei nada. Lembro-me de quem o mandou, era um rapaz abominável! Você sabe de quem eu falo (fazendo um sinal para o marido). Essas coisas ficam muito bem no Natal, quando sentamos ao redor do fogo. Mas em minha opinião ficam fora de lugar num passeio ao ar livre, no verão. Miss Woodhouse deve desculpar-me. Não sou daquelas que tem coisas inteligentes à disposição dos outros. Não pretendo ser uma intelectual. Tenho grande vivacidade ao meu próprio estilo, mas quero que me permitam decidir quando devo falar e quando devo segurar minha língua. Eu passo, se me permite, Mr. Churchill. Mr. E também passa, assim como Knightley, Jane e eu mesma. Não temos nada inteligente para dizer, nenhum de nós.

– Sim, sim, eu passo também, por favor – disse seu marido, com um tipo de sorriso escarinho. – *Eu* não tenho nada a dizer que possa entreter Miss Woodhouse, ou nenhuma outra jovem. Sou um velho homem casado, que não serve mais para nada. Vamos caminhar, Augusta?

– Com muito prazer. Estou cansada de ficar parada tanto tempo em um mesmo lugar. Venha, Jane, tome o meu outro braço.

Jane declinou, e o casal afastou-se.

– Que casal feliz! – disse Frank Churchill, logo que eles se distanciaram. – Como são perfeitos um para o outro! Tiveram muita sorte de casar-se como fizeram, depois de se conhecerem apenas em um lugar público!... Creio que se conheceram apenas durante umas poucas semanas em Bath! Tiveram uma sorte peculiar! Pois em Bath, ou qualquer outro lugar público, o conhecimento que se pode ter de uma pessoa é praticamente nenhum. Somente quando se conhece uma mulher em sua própria casa, entre as pessoas com quem convive, como ela é realmente, pode-se formar algum julgamento mais preciso. Fora isso, o resto é adivinhação e sorte... o que geralmente significa má-sorte. Quantos homens já se comprometeram após um curto conhecimento e se arrependeram pelo resto de suas vidas!

Miss Fairfax, que praticamente não falara antes, exceto com aqueles de seu pequeno grupo, falou nesse momento.

– Essas coisas podem acontecer, sem dúvida.

Foi interrompida por um acesso de tosse, e Frank Churchill virou-se para ouvir melhor.

– A senhorita estava dizendo... – disse ele, gravemente.

Ela recobrou a voz.

– Eu ia apenas observar que, embora estas circunstâncias infelizes possam ocorrer às vezes, tanto com homens quanto com mulheres, não acho que sejam muito frequentes. Pode surgir uma ligação apressada e imprudente, mas geralmente há tempo para recuperar-se dela depois. O que eu quero dizer é que apenas as pessoas de caráter fraco e indeciso, cuja felicidade sempre estará ao sabor do acaso, permitem que uma ligação menos afortunada se torne um inconveniente, uma opressão para sempre.

Ele não respondeu, simplesmente olhou e meneou a cabeça em assentimento. Logo depois, disse num tom animado:

– Bem, tenho tão pouca confiança em meu próprio julgamento que quando vier a me casar espero que alguém escolha a esposa para mim. A senhorita fará isso? (virando-se para Emma) Escolherá uma esposa para mim?... Tenho certeza que gostarei de qualquer pessoa escolhida pela senhorita. Estará trabalhando pelo bem da família, como sabe (com um sorriso para seu pai). Encontre alguém para mim. Não tenho pressa, adote-a, eduque-a.

– Para torná-la parecida comigo.

– Pode ser, se conseguir.

– Muito bem, eu aceito a missão. O senhor terá uma esposa encantadora.

– Ela deve ser animada e ter olhos castanhos. Não exijo mais nada. Devo viajar para o exterior por um ou dois anos, e quando retornar virei procurá-la para conhecer minha esposa. Não esqueça.

Emma não corria o risco de esquecer. Era o tipo de missão que tocava cada um dos seus sentimentos favoritos. Não era Harriet exatamente a criatura que ele desprezava? Fora os olhos, mais dois anos a tornariam tudo o que ele desejava. Ele já poderia até estar pensando em Harriet no momento. Quem poderia dizer? O fato de referir-se à educação da futura esposa parecia indicar que falava dela.

– Bem, madame – disse Jane para a tia – podemos nos juntar à Mrs. Elton?

– Se deseja, minha querida. Com todo o meu coração. Já estou pronta. Eu já estava pronta para ir com ela antes, mas vamos agora. Logo vamos ultrapassá-la. Aí está ela!... Não, é outra pessoa. É uma das damas do grupo

irlandês, não parece com ela... Bem, eu acho que...

Elas se afastaram, imediatamente seguidas por Mr. Knightley. Ficaram apenas Mr. Weston, o filho, Emma e Harriet. A animação do rapaz aumentara, a ponto de se tornar quase desagradável. Até Emma já estava cansada de lisonjas e divertimentos; preferia caminhar tranquila com qualquer um dos outros, ou sentar-se sozinha e despreocupada, apreciando a linda vista. A visão dos criados a procurá-los para dar notícias sobre as carruagens foi um alívio para ela. E mesmo a agitação dos preparativos para a partida, e a ansiedade de Mrs. Elton em ter *sua* carruagem preparada primeiro, foram suportadas com alegria, na perspectiva da tranquila viagem de volta que encerraria os divertimentos um tanto questionáveis desse dia de prazer. Ela esperava nunca mais ser envolvida num esquema desse tipo, composto por pessoas tão mal escolhidas.

Enquanto esperava a carruagem, Emma notou que Mr. Knightley estava ao seu lado. Ele olhou ao redor, para ver se não havia mais ninguém por perto, e então disse:

– Emma, preciso falar com você mais uma vez de modo franco, como tenho feito. Sei que é um privilégio mais suportado do que permitido, talvez, mas ainda assim devo usá-lo. Não posso vê-la agindo errado, sem fazer-lhe uma advertência. Como pôde ser tão insensível com Miss Bates? Como pôde ser tão insolente usando sua sagacidade com uma mulher com o caráter, a idade e a situação dela? Emma, jamais pensei que isso fosse possível.

Emma relembrou a situação, ficou corada, lamentou e tentou rir.

– Como poderia evitar dizer o que disse? Ninguém poderia evitar. Não foi tão ruim assim, acho que ela nem entendeu direito.

– Posso lhe afirmar que ela entendeu. Compreendeu exatamente o que você quis dizer, e desde então só fala disso. Gostaria que tivesse ouvido como ela falou a respeito... com tanta candura e generosidade. Gostaria que tivesse ouvido como era agradecida pela sua paciência em conceder a ela tantas atenções, como aquelas que ela sempre recebeu de você e de seu pai, quando a companhia dela é tão aborrecida.

– Oh! – exclamou Emma – sei que não há criatura melhor no mundo. Mas o senhor deve admitir que tudo o que é bom e o que é ridículo estão misturados nela, infelizmente.

– Realmente estão – disse ele – eu reconheço. Se ela fosse rica, eu poderia admitir que há um ocasional domínio do ridículo sobre o bom. Se ela fosse uma mulher de fortuna, deixaria qualquer absurdo inofensivo dela seguir seu curso, não discutiria com você por tomar essa liberdade. Se ela tivesse a

mesma situação que você... mas, Emma, pense quão longe isso está de ser verdade. Ela é pobre, perdeu os confortos com os quais nasceu, e se viver muitos anos perderá ainda mais. A situação dela deveria garantir sua compaixão. Você fez muito mal, sem dúvida! Logo você, que ela conhece desde criança, a quem ela viu crescer, quando a atenção dela era uma honra. E ver você agora, com a maior desatenção e num momento de orgulho, rir dela, humilhá-la... e na frente da sobrinha. E perante os outros, também... muitos dos quais (ou, pelo menos, *alguns*) serão levados a dispensar a ela o mesmo tratamento que *você* . Isso não é agradável para você, Emma, e está longe de ser agradável para mim. Mas eu posso, e devo, dizer-lhe algumas verdades enquanto puder, satisfeito em provar que sou seu amigo e confiável conselheiro, acreditando que um dia ou outro você me fará mais justiça do que faz agora.

Enquanto falavam iam avançando na direção da carruagem, que já estava preparada. E antes que ela pudesse falar alguma coisa ele estendeu-lhe a mão para ajudá-la a subir. Mr. Knightley entendera errado os sentimentos que a faziam manter o rosto baixo e a boca calada. Tratava-se apenas de raiva contra si mesma, mortificação e profunda inquietação. Ela não fora capaz de falar, e entrando na carruagem, recostou-se nas almofadas por um momento. Depois se reprovou por não ter dito nada, por não ter reconhecido seu erro, e ter partido aparentemente ofendida. Olhou para fora pronta a mostrar-lhe que não se tratava disso, mas já era tarde demais. Ele voltara-lhe as costas e os cavalos já começavam a movimentar-se. Emma continuou a olhar para trás, mas em vão. E no que parecia uma velocidade maior do que o normal, logo estavam a meio caminho colina abaixo, e tudo ficou para trás. Sentia-se angustiada além do que poderia expressar, quase mais do que conseguiria esconder. Nunca, em nenhuma circunstância de sua vida, se sentira tão agitada, mortificada e triste. Estava muito impressionada. Não havia como negar a verdade do que ele havia dito. Sentiu isso dentro do coração. Como pudera ser tão brutal, tão cruel com Miss Bates? Como pudera expor-se a uma opinião tão cruel de alguém a quem estimava tanto? E como pudera permitir que ele a deixasse sem dizer-lhe uma palavra de gratidão, de concordância, ou de simples bondade?

O tempo não a ajudou a se recompor. Quanto mais refletia, mais sentia o que fizera. Nunca estivera tão deprimida. Felizmente, não precisava falar. Estava sozinha com Harriet, que também parecia pensativa, cansada e desejava de ficar em silêncio. E Emma sentiu as lágrimas correrem por seu rosto durante todo o caminho de volta, sem se dar ao trabalho de escondê-las, tão extraordinárias elas eram.

CAPÍTULO VIII

A desventura do passeio a Box Hill ficou em sua mente durante toda a noite. Como isso seria considerado pelo resto do grupo ela não saberia dizer. Em seus diferentes lares, e de modos distintos, eles deviam estar olhando para trás com prazer. Mas, na opinião de Emma, aquela fora uma manhã totalmente desperdiçada, despida de qualquer satisfação racional o tempo todo, pior do que qualquer outra manhã que já vivera, e se aborrecia ainda mais ao lembrá-la. Uma tarde inteira jogando gamão com o pai era a felicidade para ela. *Nisso*, realmente, estava o real prazer, pois estaria dando as mais doces das vinte e quatro horas do seu dia para o conforto dele. Sentia que, mesmo não merecendo a profunda afeição e a confiante estima que o pai lhe dedicava, ela não poderia receber nenhuma reprovação severa por sua conduta em relação a ele. Como filha, acreditava que não pudessem considerá-la sem coração. Esperava que nunca alguém lhe dissesse “Como pôde ser tão desalmada em relação ao seu pai? Eu devo e vou dizer-lhe algumas verdades enquanto puder”. Miss Bates nunca a perdoaria, não, nunca! Se as atenções que lhe dirigisse no futuro pudessem compensar o passado, ela teria esperanças de ser perdoada. Fora negligente muitas vezes, sua consciência lhe dizia. Negligente, talvez, mais em pensamento do que de fato; indelicada, desdenhosa. Mas não seria mais assim. No calor do arrependimento, decidiu que visitaria Miss Bates na manhã seguinte, e isso seria o começo, da parte dela, de um relacionamento regular, igual e gentil.

Continuava com a mesma determinação quando chegou a manhã, e foi logo cedo, para que nada pudesse impedi-la. Não era improvável que encontrasse Mr. Knightley no caminho, pensou Emma. Ou talvez ele viesse enquanto ela estivesse visitando Miss Bates. Não tinha objeções. Ela não ficaria envergonhada se parecesse estar cumprindo uma penitência, pois seria muito verdadeira e justa. Os olhos dela se voltavam para Donwell enquanto caminhava, mas não o viu.

– As senhoras estão todas em casa.

Nunca antes ficara tão contente com o som dessas palavras. Também nunca entrara no corredor, nem subira as escadas, com tanto desejo de causar alegria. Sempre entrara ali como uma obrigação, o que agora parecia ridículo.

Houve alguma agitação enquanto ela se aproximava. Ouviu ruídos de movimentos e vozes. Escutou a voz de Miss Bates dizendo que algo devia ser feito às pressas. A empregada parecia assustada e embaraçada. Esperava que lhe pedissem para esperar um momento, mas foi logo conduzida para a sala. A tia e

a sobrinha pareciam estar fugindo para o aposento ao lado, e viu Jane de relance, parecendo estar doente. Antes que a porta fosse fechada ouviu Miss Bates dizer:

– Bem, minha querida, eu *vou dizer* que você está de cama. Tenho certeza mesmo que está doente...

A pobre Mrs. Bates, educada e humilde como sempre, dava a impressão de não entender bem o que se passava.

– Temo que Jane não esteja muito bem – ela disse – mas não sei com certeza. Disseram-me que ela está bem. Minha filha logo vai chegar, Miss Woodhouse. Espero que encontre uma cadeira. Gostaria de Hetty não tivesse descido. Eu não sou capaz de fazer muita coisa... Achou uma cadeira, madame? Está sentada onde deseja? Tenho certeza que ela logo estará aqui.

Emma esperava sinceramente que ela viesse. Temeu por um momento que Miss Bates não quisesse recebê-la, mas ela logo chegou... “muito feliz pela gentileza”... mas a consciência de Emma lhe disse que ela não agia com a mesma alegre volubilidade de antes, havia menos tranquilidade no olhar e nas maneiras. Emma calculava que um amigável questionário sobre Miss Fairfax abriria o caminho para a volta dos antigos sentimentos. O resultado pareceu imediato.

– Ah, Miss Woodhouse! Como a senhorita é gentil!... Creio que ouviu dizer... e que por isso veio nos dar essa alegria. Não parece uma grande alegria para mim, de fato (derramando uma ou duas lágrimas)... mas será muito difícil para nós nos separarmos dela, após ter estado conosco por tanto tempo, e ela teve uma terrível dor de cabeça justamente hoje. Escreveu cartas tão longas, a senhorita sabe, para o coronel Campbell e Mrs. Dixon. “Minha querida” eu disse “você vai ficar cega”... pois havia lágrimas perpetuamente nos olhos dela. Não dá para imaginar, não dá mesmo para imaginar. É uma mudança grande demais, e ainda que ela seja imensamente venturosa... uma colocação tal que nenhuma moça consegue no seu primeiro emprego... não pense que não somos gratas, Miss Woodhouse, por esta grande felicidade (novamente derramando algumas lágrimas)... mas a minha pobre querida! Se visse a dor de cabeça com que ela está. Quando se sente uma grande dor não podemos agradecer as bênçãos que recebemos como merecem. Ela está muito mal. Se olhar para ela ninguém dirá que está feliz por conseguir uma colocação tão boa. Deve desculpá-la por não vir recebê-la, mas ela não é capaz, foi para seu próprio quarto... Quero que ela se deite um pouco. “Minha querida”, eu disse, “vou dizer que você está de cama”, mas, no entanto, ela não está deitada. Está caminhando pelo quarto sem parar. Mas, agora que escreveu as cartas, ela diz que ficará bem. Jane vai lamentar muito não ter visto a senhorita, Miss Woodhouse, mas sei que a perdoará, na sua

bondade. A senhorita teve que esperar na porta... Fiquei tão envergonhada! Mas houve uma pequena agitação, pois não ouvimos a senhorita bater, e até que estivesse na escada não sabíamos que havia alguém chegando. “É apenas Mrs. Cole” eu disse “posso apostar. Ninguém mais viria tão cedo”. E ela então disse “Bem, todos saberão um dia ou outro, então pode muito bem ser agora”. Então Patty chegou e disse que era a senhorita. “Oh” eu disse “é Miss Woodhouse, tenho certeza que gostará de vê-la”. “Não posso ver ninguém”, ela disse, então se levantou e saiu da sala. E foi por isso que a deixamos esperando, estamos muito sentidas e envergonhadas. “Se você deve ir, minha querida, então vá” eu disse “vou dizer a ela que você está de cama”.

Emma estava sinceramente interessada. Seu coração vinha ficando mais gentil em relação à Jane. E esse quadro vivo dos sofrimentos dela agiu como uma cura para qualquer ingrata suspeita que pudesse ter tido; Emma não podia sentir outra coisa a não ser piedade. A lembrança das sensações menos justas e menos gentis do passado obrigavam-na a admitir que Jane pudesse ter naturalmente resolvido ver Mrs. Cole ou qualquer outra amiga fiel, enquanto não aceitava recebê-la. Ela falou do que sentia, com arrependimento e solicitude, desejando sinceramente que as circunstâncias que Miss Bates acabara de mencionar, realmente trouxessem a maiores vantagens e confortos para Miss Fairfax. “Seria uma severa prova para todas elas. Havia entendido que isso deveria ser adiado até o retorno do coronel Campbell”.

– Que bondade a sua! – respondeu Miss Bates. – Mas a senhorita sempre é bondosa.

Emma não conseguiu aceitar o “sempre” e, para interromper essa espantosa gratidão, perguntou diretamente:

– E para onde, se posso perguntar, Miss Fairfax está indo?

– Para a casa de Mrs. Smallridge... uma dama encantadora... muito superior. Vai encarregar-se de suas três meninas, crianças maravilhosas. Não pode existir uma colocação que lhe ofereça mais conforto, a não ser, talvez, a própria família de Mrs. Suckling ou de Mrs. Bragge. Mas Mrs. Smallridge é íntima das duas e mora na mesma vizinhança... a apenas seis quilômetros de Maple Grove. Jane vai estar a apenas seis quilômetros de Maple Grove.

– Mrs. Elton, eu creio, é a pessoa a quem Miss Fairfax deve...

– Sim, nossa querida Mrs. Elton. A amiga mais verdadeira e infatigável. Ela não aceitaria uma negativa. Não deixaria que Jane dissesse “não”, pois quando Jane ouviu falar disso pela primeira vez (foi antes de ontem, na própria manhã em que fomos a Donwell), quando Jane soube disso, estava bastante

decidida a não aceitar a oferta, pelas razões que mencionou. Exatamente o que a senhorita disse, ela decidira não aceitar nada até que o coronel Campbell voltasse e nada a teria levado a aceitar um compromisso no momento... Ela disse isso a Mrs. Elton várias vezes... E nem ela mesma sabia que mudaria de opinião! Mas a boa Mrs. Elton, cujo bom senso jamais falha, viu mais longe do que eu. Não é qualquer uma que se manteria firme do mesmo modo que ela, pois se recusou a aceitar a recusa de Jane. Disse que *não* iria mandar uma carta de negativa ontem, como Jane desejava. Pretendia esperar e, então, ontem à noite tudo foi acertado para que Jane fosse. Foi uma enorme surpresa para mim! Eu não tinha a menor ideia! Jane chamou Mrs. Elton à parte e lhe disse que após pensar nas vantagens da colocação na casa de Mrs. Smallridge tomara a decisão de aceitar. Eu não soube de uma palavra sobre isso até que estivesse decidido.

– Então as senhoras estiveram com Mrs. Elton na noite de ontem?

– Sim, todas nós. Mrs. Elton nos convidou. Isso foi combinado no passeio, em Box Hill, enquanto caminhávamos com Mr. Knightley. “Vocês *todos* devem passar o serão lá em casa” ela disse “eu faço questão absoluta que *todos* venham”.

– E Mr. Knightley também foi?

– Não, Mr. Knightley não. Ele declinou do convite desde o início e, embora eu pensasse que ele iria porque Mrs. Elton disse que não o deixaria escapar, ele não foi. Mas minha mãe, Jane e eu fomos todas para lá e tivemos uma noite muito agradável. São amigos tão bons, Miss Woodhouse, foram sempre agradáveis, apesar de todos estarem cansados depois do passeio da manhã. Até o prazer, a senhorita sabe, às vezes cansa, e não posso dizer que algum deles pareça ter apreciado muito aquele passeio. No entanto, *eu* sempre pensarei que foi um passeio agradável, e me sinto extremamente grata aos bons amigos que me convidaram para acompanhá-los.

– Miss Fairfax, imagino, embora a senhora não soubesse de nada, deve ter passado o dia todo pensando nisso?

– Eu ousou dizer que sim.

– Quando chegar a hora dela partir vai ser muito doloroso, tanto para ela como para todos os seus amigos... Mas espero que a sua colocação lhe traga todo o alívio possível, quero dizer, no que se refere ao caráter e posição da família.

– Obrigada, minha querida Miss Woodhouse. Sim, de fato, lá há de tudo que possa existir no mundo para fazê-la feliz. Excetuando-se os Sucklings e os Braggés, não há nenhuma outra colocação para cuidar de crianças tão liberal e

elegante, entre todas as amizades de Mrs. Elton. Mrs. Smallridge é a dama mais adorável! O estilo de vida deles é quase igual ao de Maple Grove... E quanto às crianças, exceto os pequenos Sucklings e Braggés, não há crianças mais encantadoras em nenhum outro lugar. Jane será tratada com tanta consideração e bondade! Tudo será só alegria para ela. E o salário! Realmente, não posso lhe dizer o salário dela, Miss Woodhouse. Mesmo a senhorita, acostumada como está às grandes somas, dificilmente acreditará que possam pagar tanto a uma pessoa tão jovem como Jane.

– Ah, madame – exclamou Emma – se as outras crianças forem todas como eu me lembro de ter sido, acho que um salário cinco vezes maior do que o maior salário que ouvi dizer que é pago para essa função, seria muito bem merecido.

– A senhorita tem ideias tão nobres!

– E quando Miss Fairfax deverá partir?

– Muito breve, muito breve, na verdade. Isso é o pior de tudo, daqui a quinze dias. Mrs. Smallridge tem muita pressa. Minha pobre mãe nem sabe como vai suportar isso. Então tento tirar isso dos seus pensamentos e digo “Ora, madame, não vamos mais pensar nisso!”

– Todos os amigos de Miss Fairfax sentirão muito perdê-la. E o coronel e Mrs. Campbell, não vão lamentar que ela tenha se comprometido antes do retorno deles?

– Sim, Jane tem certeza que sim, mas, como a senhorita vê, essa é uma colocação que ela não poderia recusar. Fiquei tão espantada quando ela me contou o que estivera falando com Mrs. Elton, e ao mesmo tempo Mrs. Elton veio me dar os cumprimentos por isso! Foi antes do chá... Espere, não, não pode ter sido antes do chá, pois íamos começar a jogar cartas... mas foi mesmo antes do chá, pois eu me lembro de ter pensado... Oh! Não, não, agora me lembro, lembro direitinho, aconteceu alguma coisa antes do chá, mas foi outra coisa. Mr. Elton foi chamado e afastou-se da sala antes do chá, pois o filho do velho John Abdy queria falar com ele. Pobre velho John, tenho grande consideração por ele, ele foi escrívão do meu pobre pai durante vinte e sete anos. Agora, pobre homem, está preso à cama, e sofre muito de reumatismo e gota nas juntas. Devo ir visitá-lo hoje, e Jane também irá, estou certa, se ela resolver sair afinal de contas. E o filho do pobre John veio falar com Mr. Elton sobre o alívio da paróquia. Ele se saiu muito bem, a senhorita sabe, pois é o encarregado da Crown, é cavalariço e outras coisas desse tipo, mas ainda assim não pode sustentar o pai sem alguma ajuda. Quando Mr. Elton voltou nos disse o que o John estivera lhe contando, falou sobre a *chaise* [\[1\]](#) que mandara a Randalls para levar

Mr. Frank Churchill de volta a Richmond. Isso foi o que aconteceu antes do chá. Foi depois do chá que Jane falou com Mrs. Elton.

Miss Bates dificilmente daria a Emma tempo para dizer que essa circunstância era nova para ela. E prosseguiu contando tudo, sem supor que ela podia ignorar qualquer detalhe da partida de Mr. Frank Churchill, mas não tinha importância.

O que Mr. Elton soubera do cavaliço a respeito do assunto era a soma do que o próprio cavaliço sabia mais o que os criados de Randalls tinham contado, ou seja, que chegara um mensageiro de Richmond, logo depois que o grupo havia retornado de Box Hill. A mensagem, no entanto, não fora mais do que se esperava: Mr. Churchill escrevera algumas linhas ao sobrinho contendo, em resumo, um relato da saúde de Mrs. Churchill e pedindo-lhe que não deixasse de voltar na manhã seguinte, bem cedo. Mas Mr. Frank Churchill resolvera partir no mesmo instante, sem esperar, e como seu cavalo parecia ter pego um resfriado, mandaram Tom buscar uma *chaise* imediatamente na Crown. O cavaliço o vira passar, e o rapaz ia a uma boa velocidade, dirigindo com firmeza.

Nada havia de espantoso ou interessante nesse relato, e Emma só se interessou porque se relacionava com uma ideia que já estava em sua mente. Ficara impressionada com o contraste entre a importância, no mundo, de Mrs. Churchill e a de Jane Fairfax. Uma era tudo e a outra, nada... E Emma ficou pensando na diferença de destino entre as mulheres, sem se dar conta do que os seus olhos fixavam, até que foi despertada pela voz de Miss Bates, que dizia:

– Ah, eu sei no que a senhorita está pensando... O piano. O que vamos fazer com ele?... É verdade. A pobre Jane estava falando nisso agora mesmo. “Você deve ir embora” ela disse. “Você e eu devemos nos separar. Você não terá utilidade lá”... “Deixe que fique, no entanto..”. ela disse “Deixe que fique aqui até que o coronel volte. Vou falar com ele sobre o assunto; ele vai resolver isso para mim. Vai me ajudar em todas as dificuldades” E até agora, eu creio, ela não sabe se foi presente dele ou da filha.

Agora, Emma via-se obrigada a pensar no piano. E a lembrança de todas as suas fantasiosas e injustas conjeturas era tão desagradável que ela logo se convenceu de que a visita já durara o bastante. E, repetindo tudo o que podia se aventurar a dizer sobre as coisas boas que desejava e que de fato sentia, ela foi embora.

[1] Pequena carruagem para uma pessoa, com um assento e coberta por uma capota, puxada por apenas um cavalo.

CAPÍTULO IX

As meditações de Emma, enquanto caminhava de volta para casa, não foram interrompidas. Mas, ao entrar na sala, encontrou aqueles que deviam provocá-las. Mr. Knightley e Harriet haviam chegado durante a sua ausência, e estavam sentados com seu pai. Mr. Knightley levantou-se de imediato e, de modo decididamente mais grave do que o habitual, disse:

– Eu não partiria sem que pudesse vê-la, mas não tenho tempo a perder, e daqui estou partindo diretamente. Vou a Londres, passar alguns dias com John e Isabella. Você tem alguma coisa a mandar ou dizer, além do “amor” que não é preciso carregar?

– Não, não tenho nada. Essa não é uma decisão muito repentina?

– Sim, um pouco... Andei pensando nisso por algum tempo.

Emma tinha certeza de que ele não a havia perdoado, nem parecia o mesmo. O tempo, todavia, iria mostrar-lhe que deviam voltar a ser amigos. Enquanto o cavalheiro estava de pé, como se pretendesse ir embora, mas sem conseguir sair... Mr. Woodhouse começou com suas perguntas.

– Bem, minha querida, conseguiu chegar lá a salvo?... E como estão minha boa e velha amiga e sua filha?... Garanto que ficaram encantadas com sua visita. A querida Emma foi visitar Mrs. e Miss Bates, Mr. Knightley, como eu já lhe disse. Ela é sempre tão atenciosa com as Bates!

Emma ficou ruborizada diante desse elogio que não merecia. Então, com um sorriso e um meneio de cabeça, que diziam muito, olhou para Mr. Knightley... Pareceu-lhe que houvera uma impressão instantânea a seu favor, como se os olhos dele captassem a verdade nos olhos dela, e tudo de bom que havia nos sentimentos dela fosse, ao mesmo tempo, percebido e apreciado. Seus olhos a fitaram com um brilho de afeição. Ela ficou muito grata, e essa gratidão aumentou no momento seguinte, quando ele fez um movimento que mostrava mais do que amizade... Tomou a mão dela... se fora ela que fizera o primeiro movimento, Emma não saberia dizer, talvez tivesse oferecido a mão... Ele então a pegou, apertou-a e certamente estava a ponto de levá-la aos lábios, quando de repente desistiu por algum motivo. Ela não podia entender porque ele sentira tal escrúpulo, porque mudara de ideia quanto já tinha chegado quase ao ponto de beijar-lhe a mão. Talvez houvesse pensado melhor, imaginou Emma. Era indiscutível, no entanto, que a intenção existira. E fosse porque Mr. Knightley, de forma geral, não era dado a galanteios, fosse por qualquer outra coisa que acontecesse, ela achou o gesto adequado. Era próprio dele, com sua natureza tão

simples e ao mesmo tempo tão digna. Emma só podia lembrar com grande satisfação daquele impulso contido, pois mostrava uma perfeita amizade. Mr. Knightley partiu em seguida... saiu rapidamente. Ele sempre agia com a vivacidade característica de sua mente, que não era indecisa nem hesitante, mas no momento da partida sua atitude pareceu ainda mais decidida do que o normal.

Emma não se arrependia de ter ido visitar Miss Bates, mas desejava ter saído de lá uns dez minutos antes. Teria sido um grande prazer falar sobre a situação de Jane Fairfax com Mr. Knightley. Também não poderia lamentar a partida dele para Brunswick Square, pois sabia o quanto sua visita seria apreciada, mas poderia acontecer em uma ocasião melhor; e se tivessem conhecimento dela antes, a visita seria mais apreciada. Eles se separaram como amigos, no entanto, e ela não poderia se enganar sobre o significado da expressão dele e do galanteio não concluído. Tudo fora feito para assegurar-lhe que recuperara completamente seu bom conceito junto a ele. Soube que Mr. Knightley estivera em Hartfield por meia hora. Era uma pena que não tivesse retornado antes!

Na esperança de distrair o espírito de seu pai do desagrado da partida de Mr. Knightley para Londres – e de forma tão rápida, e ainda por cima a cavalo, o que ela sabia que tornaria tudo pior – Emma contou as novidades sobre Jane Fairfax. Sua esperança no efeito dessas notícias foi justificada, pois forneceu um assunto muito útil e interessante que não perturbava o velho senhor. Há muito tempo ele já aceitara a ideia de Jane Fairfax tornar-se governanta em outro local, e pôde falar disso com satisfação. Mas a ida de Mr. Knightley para Londres era um golpe inesperado.

– Estou muito feliz, minha querida, de saber que ela estará tão bem instalada. Mrs. Elton tem uma boa natureza, é muito agradável, e ousou dizer que suas amigas são justamente o que deveriam ser. Espero que o lugar seja bastante seco e que a saúde de Miss Fairfax receba bons cuidados. Isso deve ser prioridade para eles, assim como a saúde de Miss Taylor sempre foi para mim. Você sabe, minha querida, Miss Fairfax vai ser para essa dama o mesmo que Miss Taylor foi para nós. E espero que seja melhor em um aspecto: que não seja induzida a ir embora depois de fazer da casa dessa senhora o seu lar por muito tempo.

O dia seguinte trouxe notícias de Richmond que deixaram tudo o mais em segundo plano. Um correio expresso chegou a Randalls para anunciar a morte de Mrs. Churchill! Embora o sobrinho não tivesse nenhuma razão particular para se apressar por causa dela, a senhora não vivera mais do que trinta e seis horas após o retorno dele. Um repentino ataque apoplético, de natureza diferente de qualquer outra coisa que seu estado geral de saúde indicava, provocara sua morte, após uma curta agonia. A grande Mrs. Churchill

não existia mais.

O acontecimento foi sentido como essas coisas devem ser sentidas. Todos estavam graves e tristes de alguma maneira, sentiam ternura pela pessoa que partira, solicitude para com os amigos sobreviventes e, depois de um espaço de tempo razoável, curiosidade para saber onde ela seria enterrada. Segundo Goldsmith[1], quando uma mulher adorável se inclina à insensatez, nada mais tem a fazer senão morrer; e quando se torna desagradável a morte é igualmente recomendada como forma de acabar com a má-fama. Mrs. Churchill, após ser detestada por pelo menos vinte e cinco anos, era agora lembrada com compassiva tolerância. Em um ponto ela recebeu plena justiça: ninguém jamais admitira que ela estivesse seriamente doente. A morte absolveu-a de todas as acusações de fingimento, de egoísmo e de queixas imaginárias.

“Pobre Mrs. Churchill, com certeza estava sofrendo muito, mais do que qualquer um jamais poderia suportar... e a dor contínua é uma prova para o espírito. Foi uma coisa muito triste... um grande choque... Apesar de todas as suas falhas, o que seria de Mr. Churchill sem ela? A falta de Mrs. Churchill seria terrível para Mr. Churchill, realmente. Ele jamais se recuperaria..”.

Até mesmo Mr. Weston sacudiu a cabeça, solenemente, e disse:

– Ah, pobre criatura! Quem poderia imaginar uma coisa dessas!

E resolveu que o seu luto deveria ser o mais elegante possível. Sua esposa permaneceu sentada, suspirando e falando sobre as grandes qualidades da falecida com comiseração e bom senso, verdadeira e firme. Como isso afetaria Frank foi uma das primeiras preocupações de ambos. Essa também foi uma especulação que logo surgiu na mente de Emma. Ela dedicou alguns pensamentos ao caráter de Mrs. Churchill e à tristeza do marido, com reverência e compaixão, e então passou a considerar outros sentimentos mais suaves, como o modo com que Frank seria afetado, quais os benefícios que teria, se passaria a ter mais liberdade. Ela viu, num momento, tudo de bom que poderia advir dessa circunstância. Agora, um relacionamento com Harriet não encontraria oposição. Mr. Churchill, sem a esposa, não era temido por ninguém. Era um homem tranquilo, manejável, que podia ser persuadido pelo sobrinho a fazer qualquer coisa. Tudo que restava a Emma desejar era que o sobrinho de fato quisesse o compromisso, pois com toda sua boa vontade, ela não sentia que ele já houvesse se decidido.

Harriet se comportou muito bem na ocasião, com grande autocontrole. Se ela sentiu alguma esperança, não manifestou nada. Emma ficou gratificada por observar tamanha prova de força de caráter, e evitou fazer qualquer alusão que pudesse por em risco essa força. Falaram de Mrs. Churchill, portanto, com

mútua contenção.

Chegaram a Randalls algumas breves cartas de Frank, comunicando o que era mais urgente em relação ao seu estado e seus planos. Mr. Churchill estava melhor do que se esperava. Sua primeira atitude, depois que o caixão fúnebre foi enviado para Yorkshire, foi visitar um grande e velho amigo em Windsor, a quem Mr. Churchill vinha prometendo uma visita havia dez anos.

No momento, não havia nada a fazer por Harriet. Só o que restava a Emma era desejar-lhe felicidades no futuro.

Havia mais urgência em mostrar atenção para com Jane Fairfax, cujos projetos estavam por ser concluídos, enquanto os de Harriet apenas começavam, e cujo compromisso de trabalho não permitia nenhum atraso por parte de ninguém, em Highbury, que desejasse demonstrar-lhe gentileza. Para Emma, esse desejo era de primeira ordem. Sentia um grande arrependimento por sua antiga frieza, e a pessoa a quem ela passara tantos meses desprezando era a mesma a quem agora desejava dar mostras de afeto e simpatia. Desejava ser-lhe útil, desejava mostrar que dava valor à sua amizade e que tinha respeito e consideração por ela. Resolvera insistir para que a moça passasse um dia em Hartfield, e mandara um bilhete convidando-a. O convite foi recusado com uma mensagem verbal “Miss Fairfax não se sentia bem o suficiente para escrever”. E quando Mr. Perry visitou Hartfield, naquela mesma manhã, parecia que ela estava tão indisposta que não poderia sequer receber visitas, mesmo contra a vontade dela. Miss Fairfax vinha sofrendo de crises severas de enxaqueca e de uma febre nervosa, a tal ponto que ele achava que ela não poderia ir para a casa de Mrs. Smallridge na data combinada. Sua saúde estava completamente abalada no momento – não tinha quase apetite algum – e embora não houvesse sintomas que provocassem alarme, nada relacionado ao problema pulmonar que era a preocupação da família, Mr. Perry estava preocupado com ela. Achava que a jovem fizera um esforço maior do que poderia suportar, e que ela própria sentia isso, embora não pudesse fazer nada. Seu espírito estava abatido. Além disso, pelo que ele observara, a casa da avó não era o lugar adequado para uma pessoa que sofresse de uma doença nervosa. Ficava confinada apenas ao seu quarto, e ele desejasse que fosse diferente. Sua boa tia, mesmo sendo uma velha amiga, não era a companhia adequada para uma doente desse tipo. Seus cuidados e atenções não podiam ser questionados, eram grandes até demais, na verdade. Mas temia que isso fizesse mais mal do que bem à Miss Fairfax. Emma ouviu com a mais profunda consternação. Sentia pena dela, cada vez mais, e olhava ao redor ansiosa por achar algum modo de ser útil. Pensou em tirá-la da companhia da tia, nem que fosse por uma ou duas horas, para que pudesse respirar ar puro e mudar um pouco de cenário, além de ouvir uma conversa racional. Mesmo que fosse por apenas uma ou duas horas, devia fazer-lhe bem. No dia seguinte

escreveu novamente para dizer, na linguagem mais delicada que pode, que mandaria a carruagem buscá-la na hora que ela determinasse, dizendo que Mr. Perry decididamente aprovara tal exercício para sua paciente. A resposta fora este curto bilhete:

“Miss Fairfax manda seus cumprimentos e agradece, mas não pode fazer qualquer exercício”.

Emma sentiu que seu bilhete merecia uma resposta melhor, mas era impossível discutir com palavras, cujo desenho trêmulo e desigual mostrava claramente a indisposição da remetente. Então apenas pensou em como poderia combater essa falta de vontade da moça em ser vista ou ajudada. A despeito da resposta, pediu a carruagem e dirigiu-se à casa de Miss Bates, na esperança de que Jane fosse convencida a juntar-se a ela, mas isso não aconteceu. Miss Bates veio até a carruagem, cheia de gratidão, concordando plenamente que um passeio ao ar livre faria muito bem à sobrinha, e que tentara tudo que a mensagem dela dizia, mas fora em vão. Foi obrigada a admitir que não tivera sucesso, Jane estava irredutível, a mera ideia de sair fazia com que se sentisse pior. Emma desejava vê-la para tentar persuadi-la, mas antes que pudesse insinuar isso, Miss Bates deu a entender que prometera à sobrinha não deixar que Miss Woodhouse entrasse sob nenhum pretexto.

“A verdade é que a pobre Jane não suportava ver ninguém – ninguém mesmo. Mrs. Elton, na verdade, não podia ser impedida, e Mrs. Cole insistira tanto... e Mrs. Perry dissera tanta coisa... mas, exceto elas, Jane realmente não podia receber ninguém”.

Emma não desejava ser incluída na mesma classe que as Mrs. Elton, Perry ou Cole, que forçavam sua presença em qualquer lugar. Nem achava que tinha algum direito de preferência, portanto submeteu-se e apenas perguntou à Miss Bates sobre o apetite e a dieta da sobrinha, no que ela achava que podia ajudar. Quanto a isso a pobre Miss Bates foi muito infeliz e muito comunicativa. Jane mal tocava na comida. Mr. Perry recomendara uma comida nutritiva, mas nada do que mandavam (e ninguém nunca tivera vizinhos tão bons) era do agrado dela.

Assim que chegou em casa Emma chamou a governanta, pensando em examinar a despensa, e logo despachou para a casa de Miss Bates uma porção de ararutas da mais alta qualidade, com um bilhete amigável. Meia hora depois as ararutas foram devolvidas, com milhões de agradecimentos de Miss Bates, mas “a querida Jane não ficaria satisfeita se não devolvesse, era algo que ela não podia aceitar e, além disso, ela insistia em dizer que não precisava de nada”.

Mais tarde Emma soube que Jane Fairfax fora vista passeando pelos

campos, a alguma distância de Highbury, na tarde do mesmo dia em que, sob a alegação de que não estava em condições de fazer qualquer exercício, recusara peremptoriamente acompanhá-la em sua carruagem. Não teve mais dúvida então, considerando todas as coisas, que Jane resolvera não aceitar nada *dela*. Ficou triste, muito triste. Seu coração estava aflito, deixando-a em um estado lamentável, por conta da impotência a que se via reduzida, da inquietude de espírito e da impossibilidade de ação. E o que mais a mortificava era receber tão pouco crédito por seus sentimentos, ou ser tão pouco estimada como amiga, mas tinha o consolo de saber que suas intenções eram boas. Era capaz de dizer a si mesma que, se Mr. Knightley tivesse conhecimento de todas as suas tentativas de ajudar Jane Fairfax, se pudesse enxergar dentro do seu coração, ele não teria, nesse momento, encontrado nada para reprovar.

[1] Oliver Goldsmith (1728-1774) – escritor, poeta e médico irlandês. Publicou romances, poemas e peças teatrais.

CAPÍTULO X

Uma manhã, cerca de dez dias após a morte de Mrs. Churchill, Emma foi avisada que Mr. Weston estava no andar de baixo e “não poderia ficar mais de cinco minutos, mas precisava falar com ela em particular”. Ele a encontrou na porta da sala de estar e, depois de perguntar rapidamente como ela estava no seu tom normal de voz, logo passou a falar baixo, par que o pai dela não ouvisse:

– Pode vir a Randalls ainda esta manhã? Mrs. Weston deseja muito vê-la. Precisa vê-la, na verdade.

– Ela não está se sentindo bem?

– Não, não, não é nada disso... está só um pouco agitada. Ela podia ter pedido a carruagem e vindo aqui vê-la, mas quer falar com você a sós e aqui é difícil, como sabe (fazendo um gesto em direção a Mr. Woodhouse)... Humm!... Será que pode vir?

– Certamente! Agora mesmo, se quiser. É impossível recusar um convite dessa ordem. Mas o que pode ter acontecido? Ela de fato não está doente?

– Confie em mim... mas não me pergunte mais nada. Vai saber de tudo logo, é a coisa mais inexplicável. Mas fale baixo, silêncio!

Era impossível até mesmo para Emma adivinhar o que se passava. Era alguma coisa muito importante, a julgar pela aparência dele. Mas como a amiga estava bem, ela esforçou-se para não ficar ansiosa. Dizendo ao pai que sairia para fazer sua caminhada habitual, ela e Mr. Weston logo saíram a passos rápidos em direção a Randalls.

– Bem, Mr. Weston – disse Emma, quando tinham se afastado bastante dos portões – agora pode dizer-me o que aconteceu.

– Não, não – ele respondeu, gravemente. – Não me pergunte. Prometi a minha esposa que deixaria tudo por conta dela. Ela saberá lhe dar a notícia melhor do que eu. Não seja impaciente, Emma, logo vai saber de tudo.

– Dar-me a notícia! – exclamou Emma, parando aterrorizada. – Santo Deus!... Mr. Weston, diga-me de uma vez... Aconteceu alguma coisa em Brunswick Square? Eu sei que foi isso. Diga-me, eu lhe imploro, diga-me agora mesmo o que aconteceu.

– Não é isso, você está enganada.

– Mr. Weston, não brinque comigo... Considere quantas das pessoas mais queridas para mim estão agora em Brunswick Square. De quem se trata?

Peço-lhe, por tudo que é mais sagrado, que não tente esconder nada de mim.

– Dou-lhe minha palavra, Emma.

– Sua palavra! Por que não jura pela sua honra?... Por que não jura pela sua honra que não aconteceu nada com nenhum deles? Meu bom Deus!... Que *notícia* devo receber que não se relacione com alguém dessa família?

– Juro pela minha honra – disse ele, com seriedade. – Não é isso. Não é nada relacionado nem remotamente com alguém da família Knightley.

A coragem de Emma retornou, e ela voltou a andar.

– Eu errei – continuou ele – quando lhe falei em dar a *notícia*. Não deveria ter usado essa expressão. Na verdade não se refere a você, mas apenas a mim... quer dizer, nós esperamos... Bem! Em suma, querida Emma, não há motivos para ficar infeliz por causa disso. Não posso dizer que o assunto não seja desagradável, mas as coisas poderiam ter sido bem piores. Se andarmos rápido logo chegaremos a Randalls.

Emma percebeu que teria de esperar, mas agora não era preciso muito esforço. Não perguntou mais nada e começou a usar a imaginação. Logo lhe ocorreu que poderia tratar-se de algum problema de dinheiro, algo desagradável devia ter surgido, relacionado com a família Weston – algo que o luto recente em Richmond trouxera à tona. Sua imaginação estava muito ativa. Meia dúzia de filhos naturais, talvez, e o pobre do Frank cortado do testamento! Isso, ainda que indesejável, não seria motivo de agonia para ela. Inspirava-lhe nada mais que uma animada curiosidade.

– Quem é aquele cavalheiro a cavalo? – disse ela, enquanto prosseguiam.

Falava mais para ajudar Mr. Weston a manter seu segredo do que por algum real interesse.

– Não sei... talvez algum dos Otways. Não é Frank.. não é Frank, posso lhe afirmar. Você não vai vê-lo. Ele está a caminho de Windsor neste momento.

– Então seu filho esteve aqui?

– Oh, sim! Você não soube?... Bem, não importa.

Mr. Weston ficou em silêncio por um momento, depois acrescentou, em um tom mais cuidadoso.

– Sim, Frank veio esta manhã, apenas para saber como estamos.

Eles se apressaram e logo estavam em Randalls.

– Bem, minha querida – disse ele, enquanto entravam na sala – eu a trouxe. Espero que logo você esteja melhor. Vou deixá-las a sós, não há porque adiar isso. Estarei por perto, se precisar de mim.

E Emma ouviu distintamente que ele dizia, em voz mais baixa:

– Mantive minha palavra. Ela não tem a mínima ideia.

Mrs. Weston parecia tão abatida e tinha um ar tão perturbado que a preocupação de Emma aumentou. E assim que ficaram a sós, ela disse, com ansiedade:

– O que está acontecendo, minha querida amiga? Alguma coisa muito desagradável aconteceu, imagino. Diga-me logo do que se trata. Vim o caminho todo em completo suspense. Nós duas detestamos suspense, não deixe que o meu se prolongue por mais tempo. Vai fazer-lhe bem falar de sua preocupação, qualquer que ela seja.

– Não tem a menor ideia, então? – disse Mrs. Weston, com a voz trêmula. – Não pode imaginar... Não consegue imaginar o que estou para lhe contar?

– Só posso imaginar que se trate de Frank Churchill.

– Você está certa. Trata-se de Frank e vou contar-lhe sem rodeios (retomando seu trabalho manual, decidida a não olhar para Emma). Ele esteve aqui hoje de manhã bem cedo, para realizar uma tarefa extraordinária. É impossível expressar a nossa surpresa. Veio falar com o pai sobre um assunto... para anunciar um compromisso...

Ela parou para respirar. Emma pensou primeiro em si mesma, depois em Harriet.

– É mais que um compromisso, na verdade – continuou Mrs. Weston – trata-se de um noivado... decididamente um noivado... O que você diria, Emma, o que todos dirão, quando souberem que Frank Churchill está noivo de Miss Fairfax?... Pois é, eles estão noivos há bastante tempo!

Emma quase pulou com a surpresa. Horrorizada, exclamou:

– Jane Fairfax!... Meu bom Deus! Não está falando sério, está? Não quer realmente dizer isso...?

– Você deve mesmo estar surpresa – continuou Mrs. Weston, ainda evitando os olhos de Emma. Falava de modo ansioso, sem dar tempo à jovem de se recuperar. – Você deve mesmo estar surpresa. Mas é assim mesmo. Há um compromisso formal entre eles desde outubro passado, desde que estiveram em

Weymouth, e que foi mantido em segredo de todos. Ninguém sabia disso, a não ser os dois... nem os Campbells, nem a família dela, nem a dele. É tão surpreendente, que apesar de estar perfeitamente convencida do fato, ainda me parece inacreditável. Mal posso crer nisso, pensei que o conhecesse.

Emma mal ouvia o que ela dizia. Sua mente estava dividida entre duas ideias: suas antigas conversas com ele sobre Miss Fairfax e a pobre Harriet. E, por algum tempo, ela só podia exclamar sua surpresa e pedir confirmação, repetida confirmação.

– Bem – ela disse, afinal, tentando se recobrar – esta é uma circunstância em que eu preciso pensar por pelo menos meio dia, antes que possa compreendê-la. Imagine! Estiveram noivos durante todo o inverno, antes mesmo que qualquer dos dois viesse a Highbury?

– Estão noivos desde outubro, secretamente noivos. Isso me feriu muito, Emma, e feriu o pai dele igualmente. *Essa parte* da conduta dele nós não podemos perdoar.

Emma pensou um momento, e então respondeu:

– Não vou fingir que *não* a compreendo. E para proporcionar-lhe todo alívio que posso, pode ter certeza que as atenções dele para comigo não surtiram o efeito que imagina. Sei que está apreensiva por isso.

Mrs. Weston olhou-a, com receio de acreditar, mas o semblante de Emma transmitia a mesma firmeza de suas palavras.

– Para que possa compreender melhor como posso me gabar de ser perfeitamente indiferente a ele – ela continuou – vou contar-lhe que houve uma época, no início do nosso relacionamento, em que eu gostava dele, em que estava bastante disposta a me apaixonar por ele... não, na verdade cheguei a me apaixonar. Como isso veio a acabar, é talvez o mais fantástico. Felizmente, no entanto, isso acabou. Já há algum tempo, pelo menos nos últimos três meses, não tenho mais pensado nele. Deve acreditar em mim, Mrs. Weston. É a mais pura verdade.

Mrs. Weston beijou-a entre lágrimas de alegria. E quando recobrou a palavra assegurou que essas palavras tinham-lhe feito mais bem que qualquer outra coisa no mundo.

– Mr. Weston vai ficar quase tão aliviado como eu – disse ela. – Estávamos profundamente infelizes por causa disso. Era o nosso desejo secreto que vocês viessem a se apaixonar... e estávamos convencidos de que era assim. Imagine o que sentimos quando ele nos contou.

– Eu consegui escapar, e o fato de ter escapado deve ser motivo de assombrosa gratidão para mim e para a senhora. Mas isso não desculpa o que *ele* fez, Mrs. Weston. Devo dizer que o considero grandemente culpado. Que direito ele tinha de vir para o nosso meio, com seu afeto e sua palavra empenhados, e agir como se estivesse livre? Que direito ele tinha de esforçar-se para agradar, como certamente fez – e de distinguir qualquer jovem dama com suas perseverantes atenções, como certamente fez – enquanto pertencia à outra? Como ele pode dizer que não estava causando algum dano? Como ele pode dizer que não estava me fazendo ficar apaixonada por ele? Foi muito errado da parte dele, muito errado mesmo.

– Por uma coisa que ele disse, minha querida Emma, eu imagino...

– E como *ela* pôde aceitar tal comportamento? Manteve-se firme enquanto testemunhava tudo! Observava enquanto ele oferecia suas atenções à outra, na frente dela, e não ficou ressentida. Esse é um grau de placidez que não consigo compreender nem respeitar.

– Houve alguns desentendimentos entre eles, Emma, ele disse isso expressamente. Não teve tempo para explicar muita coisa. Ficou aqui apenas por quinze minutos, e estava tão agitado que mesmo esse tempo não foi completamente aproveitado. Mas ele com certeza disse que houve desentendimentos. A crise atual, na verdade, parece que foi provocada por eles mesmos, e aqueles desentendimentos devem ter tido origem na conduta imprópria de Frank.

– Imprópria! Ah! Mrs. Weston... é uma censura muito branda. Foi muito mais que imprópria, muito mais! Como ele caiu... não posso dizer o quanto ele caiu no meu conceito. Tão diferente do comportamento de um verdadeiro cavalheiro! Ele não tem nada da integridade, da estrita observância à verdade e aos princípios, que despreza a artimanha e a mesquinhez, e que deve pautar o comportamento de um homem em qualquer coisa que faça na vida.

– Não, minha querida Emma, agora devo tomar o partido dele. Mesmo que Frank tenha errado nesse caso, eu o conheço há tempo suficiente para saber que possui muitas, muitas boas qualidades, e...

– Meu bom Deus! – exclamou Emma, sem ouvi-la. – E Mrs. Smallridge, também! Jane na verdade estava a ponto de tornar-se governanta! O que ele pretendia com tão completa indelicadeza? Tolerar que ela se compromettesse... tolerar que ela tenha mesmo pensado em uma medida dessas!

– Ele não sabia de nada disso, Emma. Nesse ponto posso absolvê-lo completamente. Foi uma decisão só dela, que não comunicou nada a ele... ou

pelo menos não falou de modo a tornar-se convincente. Frank disse que até ontem não sabia nada dos planos dela. Tomou conhecimento, não sei bem como, por alguma carta ou mensagem. E foi a descoberta do que ela pretendia fazer, desse plano dela, que o decidi a resolver a situação de uma vez, contar tudo ao tio e sujeitar-se à sua bondade; em suma, colocar um ponto final nessa miserável situação de segredo que eles vêm mantendo há tanto tempo.

Emma começava a ouvir com mais atenção.

– Devo ter notícias dele em breve – prosseguiu Mrs. Weston. – Quando partiu ele me disse que logo escreveria, e falou de uma maneira que parecia prometer alguns detalhes que não podem ser explicados agora. Vamos esperar pela carta dele, então. Deve trazer muitas explicações. Deve tornar mais compreensíveis e desculpáveis algumas coisas que agora não estão claras. Não vamos ser tão severas, não nos apressemos em condená-lo. Precisamos ter paciência. Eu devo amá-lo, e agora que estou satisfeita em um ponto, o único que realmente me importa, estou ansiosa para que tudo termine bem e pronta a esperar que seja assim. Eles devem ter sofrido muito com todo esse esquema de segredo e dissimulação.

– Os sofrimentos *dele* – replicou Emma, secamente – não parecem ter-lhe causado muito dano. Bem, e como Mr. Churchill recebeu a notícia?

– Da forma mais favorável para o sobrinho, deu seu consentimento praticamente sem dificuldade alguma. Pense como os acontecimentos de apenas uma semana afetaram aquela família! Enquanto a pobre Mrs. Churchill era viva, imagino que não devia haver esperança, nenhuma chance, nem possibilidade... Mas, assim que seus restos mortais passaram a descansar na sepultura da família, seu marido foi persuadido a agir da forma exatamente oposta ao que ela teria exigido. É uma benção que tal influência negativa não tenha sobrevivido ao túmulo! Mr. Churchill deu seu consentimento com um mínimo de persuasão.

“Ah!” pensou Emma “ele teria dado o mesmo consentimento para Harriet”.

– Foi tudo acertado ontem à noite, e Frank partiu com a primeira luz da manhã. Parou em Highbury por algum tempo, na casa das Bates, eu imagino, e depois veio direto para cá. Mas estava com muita pressa de voltar para junto do tio, a quem agora é mais necessário do que nunca... por isso ficou aqui apenas um quarto de hora, como eu lhe disse. Estava muito agitado, muito, mesmo... a tal ponto que parecia uma criatura bastante diferente do que sempre foi. Além de tudo, teve o choque de encontrá-la tão doente, o que ele nem sequer suspeitava. Pela aparência dele posso dizer que estava sofrendo muito.

– E a senhora acredita que o caso foi mantido em tão perfeito segredo? Os Campbells, os Dixons, ninguém sabia nada do noivado?

Emma não conseguia falar o nome Dixon sem ficar levemente ruborizada.

– Não, ninguém sabia. Ele afirmou categoricamente que o fato não era conhecido de ninguém no mundo, apenas dos dois.

– Bem – disse Emma – suponho que aos poucos possamos nos acostumar com a ideia e desejo que sejam felizes. Mas sempre vou achar que foi um procedimento abominável. Não foi outra coisa além de um esquema de hipocrisia, fraude... espionagem e traição. Vir para o nosso meio se dizendo uma pessoa franca e simples, e depois agir em segredo para nos julgar a todos! E aqui estávamos nós, durante o inverno e a primavera, completamente enganados, e nos imaginando todos no mesmo nível de verdade e honra, com duas pessoas no nosso meio que estavam comparando e julgando sentimentos e palavras que nunca deveriam ter visto ou ouvido. Eles devem aceitar as consequências, se alguma vez ouvirem falar de um ou de outro de uma forma não exatamente agradável.

– Estou bem tranquila quanto a isso – respondeu Mrs. Weston. – Tenho certeza que nunca falei nada de um para o outro que ambos não pudessem ter ouvido.

– A senhora tem sorte... Seu único engano foi ouvido somente por mim, quando imaginou que um certo amigo nosso pudesse estar apaixonado pela dama.

– É verdade. Mas como sempre tive uma excelente opinião de Miss Fairfax, nunca poderia cometer o erro de falar mal dela. Quanto a falar mal dele, disso eu estou protegida.

Nesse momento viram Mr. Weston pela janela, a certa distância, evidentemente observando-as. Sua esposa olhou-o de forma a convidá-lo a entrar e, enquanto ele se aproximava, ela acrescentou:

– Agora, minha querida Emma, deixe-me pedir-lhe que diga tudo que estiver ao seu alcance para deixá-lo tranquilo e incliná-lo a ficar satisfeito com o casamento. Vamos tirar o melhor desta situação e, na verdade, quase tudo de bom pode ser dito com justiça sobre ela. Não é um casamento que traga grande gratificação, mas se Mr. Churchill não se importou com isso porque nós deveríamos? E pode ser muito bom para ele, para Frank quero dizer, estar ligado a uma moça de tanta firmeza de caráter e bom senso. Sempre pensei isso dela, e continuo disposta a dar-lhe crédito por isso, a despeito deste grande desvio da

estrita regra do que é certo. E quanto pode ser dito da situação dela para justificar esse erro!

– Muito, na verdade – exclamou Emma, calorosamente. – Se uma mulher pode ser desculpada por pensar apenas em si mesma é alguém na situação de Jane Fairfax. Quanto a isso podemos até dizer que “o mundo não é deles, nem o são as leis do mundo”. [\[1\]](#)

Emma encontrou Mr. Weston na entrada e, mostrando alegria, exclamou:

– Que belo truque o senhor me aplicou! Foi uma artimanha para incitar a minha curiosidade e exercitar meu poder de adivinhação. Mas o senhor chegou a me assustar! Pensei que tivesse perdido metade da sua propriedade, pelo menos. E quando cheguei aqui, em vez de ter motivo para condolências, descubro que tenho motivo para congratulações. Eu o felicito, Mr. Weston, com todo meu coração, pela perspectiva do senhor ter uma das mais adoráveis e completas jovens damas da Inglaterra como nora.

Um ou dois olhares trocados entre ele e a esposa o convenceram que tudo estava tão bem quanto as palavras de Emma diziam. E o efeito feliz dessas palavras no espírito dele foi imediato. Seu rosto e sua voz recobriram a vivacidade habitual. Ele apertou a mão de Emma com emocionada gratidão, e entrou no assunto de modo a provar que apenas precisava de um pouco de tempo para persuadir-se de que o casamento não era ruim. Emma e Mrs. Weston sugeriram só o que pudesse reduzir a imprudência e suavizar as objeções. Depois que falaram de tudo outra vez juntos, ele acompanhou Emma de volta a Hartfield e, no caminho, falou de tudo novamente. A essa altura Mr. Weston já estava perfeitamente reconciliado com a ideia e faltava pouco para dizer que esta fora a melhor coisa que Frank poderia ter feito.

[\[1\]](#) Emma está adaptando uma frase de William Shakespeare em “Romeu e Julieta”, ato V, cena I, quando diz “o mundo não lhe é complacente, nem o são as leis do mundo”.

CAPÍTULO XI

“Harriet, pobre Harriet!”... Essas foram as palavras; nelas repousavam as ideias atormentadas das quais Emma não conseguia se livrar, e que constituíam a verdadeira infelicidade que sentia diante de toda a situação. Frank Churchill tinha se comportado muito mal em relação a ela – e de vários outros modos também – mas não era tanto o comportamento *dele*, mas o *dela mesma*, que a deixava tão zangada com ele. Era a enrascada na qual Frank Churchill a envolvera por causa de Harriet que dava um tom mais profundo à ofensa dele. Pobre Harriet!... Pela segunda vez seria a vítima das suas concepções erradas e lisonjas. Mr. Knightley havia sido profético quando dissera: “Emma, você não tem sido amiga de Harriet Smith”. Temia que não tivesse feito nada por ela além de prestar-lhe um desserviço. Era verdade que não tinha nada por que culpar-se agora, como na outra vez, em que fora a única autora do engano, ao ter sugerido sentimentos que de outra forma nunca teriam sido cogitados por Harriet. Sua amiga havia falado da própria admiração e preferência por Frank Churchill antes que ela pudesse fazer-lhe qualquer insinuação a respeito. Sentia-se, porém, culpada por ter encorajado o que deveria ter reprimido. Devia ter evitado a indulgência e o aumento da força desses sentimentos. Sua influência teria sido o bastante. E agora tinha plena consciência de que devia tê-los impedido. Sentiu que pusera em risco a felicidade da amiga sem nenhuma base. O bom senso devia ter feito com que dissesse a Harriet que não devia pensar em Frank Churchill, e que havia quinhentas chances contra uma de que ele algum dia gostasse dela. “Mas, com bom senso,” ela pensou “temo que tivesse pouco a fazer”.

Estava muito zangada consigo mesma. Se não pudesse ficar zangada também com Frank Churchill teria sido terrível. Quanto à Jane Fairfax, podia finalmente aliviar seu coração da necessidade de alguma solicitude em relação a ela no momento. Harriet já constituía ansiedade suficiente para Emma. Não precisava mais ficar infeliz por causa de Jane, cujos problemas e cuja doença tinham, é evidente, a mesma origem, e deviam estar igualmente sendo curados. Seus dias de privações e de ostracismo estavam terminados. Logo ela estaria bem de saúde, feliz e próspera. Emma podia agora imaginar por que suas atenções para com ela foram desprezadas. Essa descoberta esclarecia muitas pequenas questões. Não havia dúvida de que fora por ciúmes. Aos olhos de Jane ela era uma rival e, por isso, qualquer oferecimento de ajuda ou consideração devia ser recusado. Um passeio na carruagem de Hartfield teria sido uma tortura, e a araruta da dispensa de Hartfield devia estar envenenada. Ela entendeu tudo isso – e tanto quanto sua mente podia se distanciar da injustiça e do egoísmo provocados por sentimentos de raiva – dava-se conta que Jane Fairfax

nunca teria nem elevação nem felicidade além do seu deserto. Mas a pobre Harriet era um fardo tão pesado! Ela tinha pouca simpatia para dispensar a qualquer outra pessoa. Emma temia que esse segundo desapontamento fosse mais severo que o primeiro. Achava que podia ser assim, considerando-se o valor muito superior do segundo objeto de interesse. E devia mesmo ser assim, a julgar pelo seu efeito aparentemente mais forte na mente de Harriet, produzindo reserva e autocontrole. No entanto, ela devia comunicar a dolorosa verdade, e o mais cedo possível. Houvera um pedido de segredo nas palavras de despedida de Mr. Weston. “No momento, o caso todo devia ficar em completo segredo. Mr. Churchill fizera questão disso, como mostra de respeito pela esposa recentemente falecida; e todos concordaram que isso não era mais que o devido decoro”. Emma havia prometido. Mesmo assim Harriet devia ser excluída da promessa, era sua obrigação contar-lhe.

A despeito da vergonha, não podia deixar de achar quase ridículo que ela tivesse que desempenhar em relação à Harriet a mesma tarefa angustiante e delicada que Mrs. Weston acabara de desempenhar junto dela. A informação que lhe fora dada com tanta ansiedade, Emma devia agora dar ansiosamente à outra. Seu coração bateu mais forte ao ouvir os passos e a voz de Harriet, assim como o coração da pobre Mrs. Weston devia ter disparado ao vê-la se aproximar de Randalls. Se a revelação ao menos tivesse o mesmo desfecho! Mas quanto a isso, infelizmente, não havia a menor chance.

– Bem, Miss Woodhouse – exclamou Harriet, entrando ansiosamente na sala – essa não é a notícia mais estranha do mundo?

– A que notícia se refere, Harriet? – respondeu Emma, incapaz de adivinhar, pela voz ou pela expressão, se a amiga já recebera alguma informação a respeito.

– Sobre Jane Fairfax. Já ouviu alguma coisa mais estranha? Oh!... A senhorita não deve ter medo de me contar, pois o próprio Mr. Weston me disse. Acabei de encontrá-lo. Ele me falou que era um grande segredo. Eu não pensaria em mencionar isso para ninguém, a não ser a senhorita, mas ele disse que a senhorita já sabia.

– O que Mr. Weston lhe contou? – disse Emma, ainda perplexa.

– Oh! Ele me contou tudo sobre isso! Que Jane Fairfax e Mr. Frank Churchill vão se casar e que estiveram noivos em segredo por um bom tempo. Que estranho!

Era, de fato, muito estranho. O comportamento de Harriet era tão estranho que Emma não sabia como interpretá-lo. Parecia que seu caráter

mudara completamente. Estava decidida a não mostrar nenhuma agitação ou desapontamento, ou qualquer preocupação especial pela descoberta. Emma olhava para ela sem conseguir falar.

– A senhorita tinha alguma ideia – exclamou Harriet – de que ele estava apaixonado por ela? A senhorita talvez tivesse... (e ficando corada enquanto falava) É capaz de enxergar o que se passa no coração de qualquer pessoa. Mas ninguém mais poderia...

– Dou-lhe minha palavra – disse Emma – que começo a duvidar de ter algum talento desse tipo. Você pode me perguntar com seriedade, Harriet, se eu imaginava que ele estava comprometido com outra mulher ao mesmo tempo em que encorajava você a dar vazão aos seus sentimentos? Creio que o fiz pelo menos de forma tácita, se não abertamente. Nunca tive a menor suspeita, até uma hora atrás, de que Mr. Frank Churchill tivesse qualquer sentimento por Jane Fairfax. Pode ter certeza de que, se eu soubesse, teria prevenido você.

– A mim?! – exclamou Harriet, atônita e ruborizando intensamente – Por que deveria me prevenir?... A senhorita não pode estar pensando que gosto de Mr. Frank Churchill...

– Estou encantada de vê-la falar com tanta firmeza sobre esse assunto – respondeu Emma, sorrindo. – Mas não deve negar que houve um tempo, que não está muito distante, em que me deu razões para acreditar que estava interessada nele.

– Nele? Nunca, nunca... Querida Miss Woodhouse, como pode ter me entendido tão mal? – virando-se angustiada.

– Harriet! – exclamou Emma, após um momento. – O que quer dizer com isso?... Deus do céu! O que quer dizer?... Entendê-la mal!... Devo supor, então...

Ela não podia dizer mais nenhuma palavra... Perdera a voz, e sentou-se, esperando aterrorizada pela resposta de Harriet.

Harriet, que estava sentada a alguma distância, e com o rosto virado para o outro lado, não disse nada por algum tempo. E, quando falou, sua voz estava quase tão agitada quanto a de Emma.

– Nunca pensei que fosse possível – ela começou – que a senhorita me entendesse mal! Sei que combinamos de nunca mencionar o nome dele... mas considerando como ele é superior a todos os outros, não achei que fosse possível a senhorita pensar que eu falava de outra pessoa. Mr. Frank Churchill, realmente! Não sei quem poderia olhar para ele na presença do outro. Espero ter um gosto

bem melhor do que pensar em Mr. Frank Churchill, que não é ninguém ao lado dele. E que a senhorita tenha se enganado tanto, é espantoso! Eu acreditava que a senhorita aprovava e encorajava o meu afeto. Em princípio, considere uma grande presunção de minha parte ousar pensar nele. Em princípio, se a senhorita não tivesse me dito que coisas mais espantosas já aconteceram, que já houve casamentos de maior disparidade (essas foram suas palavras exatas), eu não teria ousado me permitir... não teria pensado possível... Mas se a senhorita, que o conhece há longos anos...

– Harriet! – exclamou Emma, recompondo-se. – Vamos nos entender agora, de uma vez por todas, sem deixar qualquer possibilidade de engano. Você está falando de... Mr. Knightley?

– Por certo que estou. Nunca pensei em mais ninguém... e achei que senhorita soubesse. Quando falamos nele, ficou tão claro quanto possível.

– Nem tanto – respondeu Emma, com calma forçada – pois tudo que você me disse na ocasião parecia referir-se à outra pessoa. Eu posso quase jurar que você *disse* o nome de Mr. Frank Churchill. Tenho certeza que falamos do serviço que Mr. Frank Churchill lhe prestou, salvando-a dos ciganos.

– Oh, Miss Woodhouse! Como pôde se esquecer?

– Minha querida Harriet, lembro-me perfeitamente do teor do que eu lhe disse naquela ocasião. Disse-lhe que não me surpreendia com o seu interesse, considerando o serviço que ele lhe prestou, e que era muito natural. E você concordou, falando calorosamente de sua consciência a respeito disso, e mencionando até mesmo o que sentiu quando o viu aproximar-se para salvá-la. Isso tudo está bem vivo na minha memória.

– Oh, Deus! – exclamou Harriet – Agora entendo o que quer dizer. Mas eu pensava em algo bem diferente no momento. Não me referia aos ciganos... nem a Mr. Frank Churchill. Não! (levantando-se) Pensava em uma circunstância muito mais importante... em Mr. Knightley caminhando na minha direção e me convidando para dançar, quando Mr. Elton recusou-se a fazê-lo e não havia outro cavalheiro disponível no salão. Foi a essa boa ação que me referi, um ato de nobre generosidade e benevolência. Foi essa atitude que me fez pensar em como ele era superior a qualquer outro ser humano na face da terra.

– Meu bom Deus! – exclamou Emma – esse foi o mais infeliz... o mais deplorável dos enganados!... O que se pode fazer?

– A senhorita não teria me encorajado, então, se tivesse me compreendido? Pelo menos não posso estar pior do que estaria, se o outro fosse a pessoa em questão. E agora, acho que *existe* uma possibilidade...

Ela fez uma pausa por alguns momentos. Emma não conseguia falar.

– Eu não duvido, Miss Woodhouse – ela prosseguiu – que a senhorita veja uma grande diferença entre os dois, no que se refere a mim ou a qualquer outra pessoa. Deve achar que ele está quinhentos milhões de vezes acima de mim, muito mais do que o outro. Mas espero, Miss Woodhouse, que... mesmo que possa parecer estranho... A senhorita sabe que foram suas próprias palavras, que coisas *mais* maravilhosas já aconteceram, casamentos de maior disparidade já ocorreram, até mais do que entre Frank Churchill e eu. E se uma coisa como essa já ocorreu antes, e se eu for bastante afortunada para... Se Mr. Knightley realmente desejar, se não se importar com a disparidade, eu espero, minha querida Miss Woodhouse, que a senhorita não seja contra, que não tente colocar dificuldades no meu caminho. Mas a senhorita é boa demais para isso, tenho certeza.

Harriet estava parada junto a uma das janelas. Emma virou-se para ela, consternada, e disse apressadamente:

– Você tem alguma ideia se Mr. Knightley corresponde à sua afeição?

– Sim – respondeu Harriet, com modéstia, mas sem temor. – Devo dizer que sim.

Os olhos de Emma se fecharam imediatamente. Ela ficou sentada, meditando em silêncio sem se mover por alguns minutos. Esses poucos minutos foram suficientes para que conhecesse os segredos de seu próprio coração. Uma mente como a dela, uma vez aberta para a suspeita, fazia progressos rápidos. Ela entreviu... ela admitiu... ela soube a verdade inteira. Por que sentia que era muito pior que Harriet estivesse apaixonada por Mr. Knightley em vez de Frank Churchill? Por que o mal se tornou ainda maior ao descobrir que Harriet tinha esperanças de ser correspondida? E a verdade atravessou sua mente, com a rapidez de uma flecha: Mr. Knightley não podia se casar com ninguém a não ser com ela.

Nesses poucos minutos, sua própria conduta, assim como seu próprio coração, estavam diante dela. Viu com clareza tudo que nunca vira antes. Como agira de modo impróprio por Harriet! Como sua conduta fora irracional, indelicada e sem consideração! Que cegueira, que loucura a tinham conduzido! Foi atingida pela força terrível dessas revelações, e estava pronta a dar os piores nomes do mundo para o seu comportamento. No entanto, um pouco de respeito próprio, a despeito de todos esses deméritos, deu-lhe forças para sentar-se e suportar o restante com calma, até mesmo com aparente gentileza. Preocupava-se um pouco com sua aparência, e devia fazer justiça a Harriet, embora não necessitasse ter *compaixão* pela moça que acreditava ser amada por Mr.

Knightley. Seu senso de justiça, porém, lhe dizia que não devia tornar Harriet infeliz, tratando-a com frieza. Para sua própria tranquilidade, de fato, devia perguntar a respeito da extensão das esperanças de Harriet. A jovem, afinal, não fizera nada para ser privada da amizade e do interesse que lhe tinham sido tão voluntariamente oferecidos, nem merecia ser desprezada pela pessoa cujos conselhos nunca lhe fizeram bem. Emma despertou dessas reflexões e, dominando a emoção, voltou-se de novo para a amiga. Com uma voz mais convidativa, retomou a conversa, pois o assunto que a introduzira, a incrível história de Jane Fairfax, estava quase esquecida. Nenhuma das duas pensava em outra coisa que não fosse Mr. Knightley e elas mesmas.

Harriet, que estivera mergulhada em um sonho nem um pouco infeliz, ainda assim ficou muito contente de vê-lo interrompido pela maneira encorajadora de tão grande juíza e grande amiga como Miss Woodhouse, e precisava apenas de um estímulo para contar a história completa de suas esperanças com grande e emocionado deleite. Emma escondia melhor seu tremor do que Harriet, enquanto perguntava e ouvia, embora ele não fosse menor do que o da jovem. Mantinha a voz firme, mas sua mente estava bastante perturbada por essa descoberta de si mesma, pela eclosão de um mal traiçoeiro e pela confusão e perplexidade de emoções inesperadas. Ouviu os detalhes contados por Harriet com grande sofrimento interior, mas aparentando paciência. Não podia esperar que o relato dela tivesse qualquer método ou arranjo conveniente de ideias, ou mesmo que fosse bem descrito. Mas quando se separava toda a fraqueza e tautologia da narração, continha o bastante para deprimir seu espírito, ainda mais com as circunstâncias que o corroboravam, que sua própria memória adicionava em favor da alta opinião que Mr. Knightley tinha de Harriet.

Harriet notara uma diferença no comportamento dele desde aquelas duas danças decisivas. Emma sabia que Mr. Knightley, naquela ocasião, achara Harriet muito superior às suas expectativas. Desde aquela noite, ou pelo menos desde que Miss Woodhouse encorajou-a a pensar nele, Harriet começou a notar que ele conversava com ela muito mais do que costumava, e falava de uma maneira diferente, com mais gentileza e suavidade! Nos últimos tempos estava cada vez mais consciente disso. Quando estavam todos caminhando juntos, ele com frequência vinha caminhar ao lado dela, e falava de maneira tão deliciosa! Parecia querer conhecê-la melhor. Emma sabia que esse era exatamente o caso. Ela tinha notado a mudança, quase com a mesma extensão da amiga. Harriet repetia expressões de aprovação e elogios a Mr. Knightley que, pelo que Emma sabia, estavam bem de acordo com a opinião dele sobre Harriet. Ele a elogiara por ser uma moça sem artificios ou afetação, por ter sentimentos simples, honestos e generosos. Ela sabia que ele vira essas qualidades em Harriet, falara

delas com Emma mais de uma vez. Muito do que Harriet guardara na memória, vários pequenos detalhes das atenções que recebera dele, um olhar, uma fala, uma mudança de cadeira, um cumprimento implícito, uma suposta preferência, não foram notados por Emma porque ela não tinha suspeita alguma. Circunstâncias que poderiam intensificar um relacionamento de meia hora, e que continham muitas provas para ela que as vira, passaram-lhe despercebidas, e agora as reconhecia ao ouvi-las. Mas as duas últimas ocorrências que Harriet mencionara, e que continham as maiores promessas para ela, foram também testemunhadas pela própria Emma. A primeira fora a caminhada dele ao lado dela, separados dos demais, na alameda de limeiras em Donwell, onde andaram caminhando por algum tempo antes de Emma juntar-se a eles. Parecia que ele tomava cuidado (como Harriet estava convencida) de afastá-la dos outros para retê-la junto a si. Pela primeira vez falara com ela de forma particular, como nunca falara antes. De modo bastante particular, na verdade! (Harriet não conseguia lembrar-se disso sem corar). Ela parecia quase a ponto de perguntar se sua afeição já estava comprometida... Mas assim que ela (Miss Woodhouse) se aproximara com a intenção de juntar-se a eles, ele mudou de assunto e começou a falar sobre a fazenda. A segunda fora quando Mr. Knightley sentara-se com ela conversando por quase meia hora, enquanto esperavam Emma voltar da sua visita, exatamente na última manhã em que ele estivera em Hartfield, mesmo tendo dito, quando chegou, que não poderia ficar mais do que cinco minutos. E ele contou-lhe, durante essa conversa, que embora estivesse indo para Londres, deixava sua casa muito contra a vontade. Isso era muito mais (Emma sentiu) do que ele havia dito a *ela*. Esse grau de confiança em relação à Harriet, mostrado apenas por esse fato, causou-lhe enorme dor.

Depois de alguma reflexão em relação à primeira das duas circunstâncias, Emma aventurou-se a perguntar:

– Será que ele não pretendia, quando lhe perguntou, como você imagina, sobre o comprometimento de sua afeição... Será que ele não estava se referindo a Mr. Martin?... Ou tinha o interesse de Mr. Martin em vista?

Mas Harriet rejeitou a suspeita com veemência.

– Mr. Martin? Oh, não, de forma alguma!... Não houve nem sequer uma insinuação sobre Mr. Martin. Espero me conhecer melhor agora, a ponto de não me interessar por Mr. Martin, ou ser suspeita de fazê-lo.

Quando concluiu o seu relato, Harriet apelou para sua querida Miss Woodhouse, para dizer-lhe se tinha motivos para ter esperanças.

– Eu nunca teria a pretensão de pensar nisso, no início – disse ela – se não fosse a senhorita. Foi a senhorita que me disse para observá-lo

cuidadosamente e deixar que o comportamento dele servisse de guia para o meu. E assim fiz. Mas agora sinto que posso merecê-lo. E se ele me escolher, isso não será uma coisa assim tão extraordinária.

Os amargos sentimentos provocados por essa declaração, os muitos sentimentos amargos, na verdade, exigiram um último esforço da parte de Emma, de forma a poder dar uma resposta para Harriet.

– Harriet, a única coisa que ousou dizer é que Mr. Knightley é o último homem no mundo que intencionalmente daria para qualquer mulher a ideia do sentimento dele por ela ser maior do que realmente é.

Harriet parecia disposta a adorar a amiga por uma resposta tão satisfatória. Emma só foi salva de suas expressões de profundo afeto e gratidão, que nesse momento teriam lhe causado uma terrível dor, pelo som dos passos de seu pai. Ele vinha para o vestibulo. Harriet estava muito agitada para encontrá-lo. “Ela não conseguia se recompor, Mr. Woodhouse ficaria alarmado, era melhor ela ir”... Com o mais pronto encorajamento da parte de Emma ela passou pela outra porta da sala. No momento em que Harriet saía da casa, Emma desabafou seus sentimentos, dizendo a si mesma: “Oh, Deus! Gostaria que nunca a tivesse visto”.

O resto do dia e a noite que se seguiu mal foram suficientes para seus pensamentos. Estava perplexa com a confusão de tudo que a acometera nas últimas horas. Cada momento trazia uma nova surpresa, e cada surpresa devia ser motivo de humilhação para ela. Como compreender tudo aquilo? Como entender as decepções que ela mesma provocara para si, e viver com isso? Os enganos, a cegueira de sua própria mente e coração! Ela ficara sentada pensativa, caminhara pelos jardins, tentara ficar no quarto, tentara passear no bosque... Em cada lugar, em cada atitude, percebeu que agira com fraqueza, que lhe fora imposto pelos outros o mais alto grau de sofrimento, e que ela mesma se impusera um grau de sofrimento ainda maior. Que estava infeliz, e que no futuro descobriria que esse dia era apenas o começo do seu sofrimento.

Tentar compreender, compreender totalmente seu próprio coração, era o primeiro esforço. Para isso utilizaria qualquer momento livre que seus cuidados com o pai permitissem, e qualquer momento de distração involuntária.

Há quanto tempo Mr. Knightley se tornara tão querido para ela, como cada sentimento demonstrava agora que ele era? Quando a influência dele, aquela influência, começara? Quando ele alcançara esse lugar na sua afeição que Frank Churchill ocupara uma vez, por pouco tempo? Ela olhou para o passado e comparou os dois... Comparou-os pelo lugar que sempre ocuparam em sua estima, desde o momento em que conhecera o último... E como deviam ter sido

comparados por ela há muito tempo. Oh! Que abençoada felicidade se tivesse lhe ocorrido fazer essa comparação antes! Percebeu que nunca houve um tempo em que não tivesse considerado Mr. Knightley infinitamente superior, ou que seu afeto por ela não fosse infinitamente mais apreciado. Percebeu que, convencendo-se de certas coisas, fantasiando, agindo contra as circunstâncias, incorrera no mais completo engano, ignorando totalmente seu próprio coração... E, em suma, que nunca se importara com Frank Churchill, afinal de contas!

Esta foi a conclusão da primeira série de reflexões. Este foi o conhecimento de si mesma que alcançou com a primeira inquirição, e sem demorar muito a conseguiu-lo. Estava indignada e triste, envergonhada de cada sensação, menos da que se revelara a ela: sua afeição por Mr. Knightley. Tudo o mais em sua mente era repulsivo.

Com que insuperável vaidade ela acreditara estar de posse do segredo do coração de todas as pessoas, com que imperdoável arrogância se propusera a arranjar o destino dos outros! Provou estar universalmente errada, e não conseguira quase nada... apenas causar mal. Causara mal a Harriet, a si mesma, e temia que a Mr. Knightley também. Caso essa união, que era a mais desigual do mundo, chegasse a acontecer, ela deveria arcar com o desgosto de ter começado tudo, pois o afeto dele só poderia existir pela consciência do afeto de Harriet. E mesmo que não fosse esse o caso, ele jamais teria reparado em Harriet se não fosse a sua loucura.

Mr. Knightley e Harriet Smith! Era uma união para provocar choque e espanto além de qualquer imaginação. A ligação entre Frank Churchill e Jane Fairfax tornava-se apenas um lugar comum comparada a essa, apenas uma bobagem que não causaria a menor surpresa, não mostraria a menor disparidade, nem provocaria comentários de espécie alguma. Mr. Knightley e Harriet Smith! Que elevação seria para ela! Que queda seria para ele! Era horrível para Emma pensar em quanto isso o diminuiria perante a opinião pública. Previa os sorrisos de chacota, os narizes torcidos, o divertimento que causaria. O sofrimento e o desprezo de seu irmão, e outras milhares de inconveniências para si mesmo. Será que isso poderia acontecer? Não, era impossível. E, no entanto, estava longe, muito longe, de ser impossível. O que há de novo em um homem de primeira classe ser cativado por uma jovem de nível inferior? O que havia de novo em um cavalheiro, talvez muito ocupado para procurar, ser o prêmio de uma moça que o procurasse? Seria isto uma novidade no mundo por ser desigual, inconsistente, incongruente... ou pelo fato do acaso e as circunstâncias (como segundas causas) dirigirem o destino humano?

Oh! Se ao menos não houvesse incentivado Harriet! Se a tivesse deixado no lugar a que pertencia, e ao qual Mr. Knightley lhe dissera que ela

pertencia!... Se não tivesse, com uma tolice que não havia palavras para expressar, impedido que ela desposasse o irrepreensível jovem que a teria feito feliz e respeitável no nível de vida a que ela devia pertencer – tudo poderia ter sido salvo. Nenhum desses terríveis acontecimentos teria ocorrido.

Como Harriet tivera a presunção de levantar os olhos para Mr. Knightley? Como ousara imaginar que pudesse ser escolhida por tal homem, até ter quase certeza disso? Mas Harriet estava menos humilde, tinha menos escrúpulos do que antes. Parecia perceber muito pouco sua inferioridade, fosse de mente ou de situação. Parecera mais sensível à possibilidade de Mr. Elton não querer casar-se com ela, do que mostrava sentir agora com Mr. Knightley. Ah! Por acaso isso também não era obra dela? Quem se dera ao trabalho de dar ideias de grandeza a Harriet, se não ela? Quem, se não ela, ensinara Harriet a elevar-se o mais possível e a pensar que tinha direito a conseguir um lugar melhor no mundo? E se Harriet passara de humilde a vaidosa, também era obra sua.

CAPÍTULO XII

Até o momento em que se vira ameaçada com essa perda, Emma nunca soubera quanto sua felicidade dependia de ser a *primeira* aos olhos de Mr. Knightley, primeira em interesse e afeição. Satisfeita de saber que era assim, e acreditando que era seu direito, desfrutara disso sem refletir, e apenas quando sentiu o temor de ser suplantada percebeu o quanto isso era importante. Havia muito, muito tempo que era a primeira. Como ele não tinha amigas entre as jovens damas, somente Isabella possuía direitos iguais aos seus, e ela sabia exatamente o quanto ele amava e estimava Isabella. Ela fora a primeira por longos anos, mas não merecera isso; muitas vezes fora negligente ou perversa, desprezando seus conselhos ou se opondo a ele com veemência; fora insensível à metade dos seus méritos, discutindo com ele porque não aceitava a falsa e insolente avaliação que ela fazia de si mesma. Ainda assim, por hábito e afeto familiar, e pela total excelência de sua mente, ele a amara e zelara por ela desde criança, esforçando-se para que se tornasse melhor; ansiava por vê-la agir certo, o que nenhuma criatura no mundo fizera. A despeito de todas as suas falhas ela sabia que era querida para ele – e por que não dizer, muito querida? Quando surgiram as sugestões de esperança que deviam se seguir, entretanto, Emma não pôde ter a pretensão de ceder a elas. Harriet Smith devia achar que merecia ser singular, exclusiva e apaixonadamente amada por Mr. Knightley. Ela não podia. Ela não podia se vangloriar de imaginar que Mr. Knightley ficaria cego aos seus defeitos por amor a ela. Tivera uma prova muito recente de sua imparcialidade. Como ele ficara chocado com seu comportamento para com Miss Bates! Como fora direto e incisivo, ao proclamar seu desgosto pela atitude dela! Não fora incisivo a ponto de ofendê-la... mas o suficiente para se distanciar de qualquer sentimento mais suave do que a justiça e a boa vontade. Ela não tinha qualquer esperança, nada que pudesse merecer o nome de esperança, de que ele tivesse por ela o tipo de afeto que agora estava em questão. Mas havia uma esperança (às vezes fraca, às vezes bem forte) de que Harriet viesse a se decepcionar, e que tivesse exagerado o significado das atenções dele. Ela desejava que assim fosse, pelo bem dele; quanto a ela não haveria consequências, se ele permanecesse solteiro pelo resto da vida. Se pudesse ter certeza de que ele nunca se casaria, acreditava que ficaria perfeitamente satisfeita. Que ele permanecesse o mesmo Mr. Knightley, para ela e o pai, o mesmo Mr. Knightley para todo o mundo. Que Hartfield e Donwell não perdessem nada daquela troca diária de amizade e confiança, e sua paz estaria garantida. O casamento, na verdade, não servia para ela. Seria incompatível com seus sentimentos para com o pai e seus deveres de filha. Nada devia separá-la do pai. Ela não se casaria, mesmo que Mr. Knightley a pedisse.

Era seu ardente desejo que Harriet estivesse enganada. Ela esperava que quando voltasse a vê-los juntos fosse capaz de determinar quais as chances disso acontecer. Devia observá-los de perto, dali para frente. E apesar dos erros que cometera nas observações que fizera até então, não podia admitir que fosse se enganar agora. Mr. Knightley estava sendo esperado de volta a qualquer momento, e logo teria o poder de observar. Parecia-lhe assustadoramente cedo, quando seus pensamentos seguiam em uma determinada direção. Nesse meio tempo resolveu não ver Harriet novamente. Não faria bem a nenhuma das duas falar mais disso, não acrescentaria nada ao que fora dito. Ela resolvera não se convencer, enquanto pudesse haver dúvidas, mas ainda assim não tinha autoridade para se opor à confiança de Harriet. Falar serviria apenas para irritá-la. Escreveu para a amiga, com bondade, mas de modo decidido, pedindo-lhe que no momento evitasse vir a Hartfield, declarando que era sua convicção que toda discussão sobre *determinado* assunto devia ser evitada. Esperava que alguns dias se passassem antes que voltassem a se encontrar, exceto na companhia de outras pessoas, tinha objeções apenas a uma conversa privada. Deviam agir como se tivessem esquecido a conversa do dia anterior. Harriet aceitou, aprovou e ficou grata.

Esse ponto acabara de ser acertado quando chegou uma visitante para distrair um pouco seus pensamentos do assunto que a obcecava, dormindo ou acordada, nas últimas vinte e quatro horas. Tratava-se de Mrs. Weston, que fora fazer uma visita à futura nora, e passara em Hartfield a caminho de casa, tanto por dever para com Emma como pelo seu próprio prazer, para relatar todos os detalhes dessa visita tão interessante.

Mr. Weston acompanhara a esposa à casa de Mrs. Bates, e se comportara da forma mais agradável nessa visita de cortesia. Como Mrs. Weston convencera Miss Fairfax a acompanhá-la em um passeio, agora tinha muito mais a contar, e com muito maior satisfação do que o quarto de hora passado na sala de visitas de Mrs. Bates poderia proporcionar, com todo o ônus daqueles sentimentos embaraçosos.

Emma tinha alguma curiosidade, que satisfez quase totalmente ao ouvir o relato da amiga. Mrs. Weston saíra para fazer a visita em grande estado de agitação. No início pensou em não ir, pelo menos no momento e, em vez disso, escrever apenas uma carta a Miss Fairfax. Pretendia adiar a visita de cerimônia até que passasse algum tempo e Mr. Churchill pudesse aceitar que o noivado se tornasse público, pois, considerando tudo, ela achava que uma visita dessas acabaria suscitando comentários. Mr. Weston, no entanto, pensava diferente, e estava bastante ansioso em mostrar sua aprovação à Miss Fairfax e à família dela. Não admitia que surgisse nenhuma suspeita dessa visita e, caso surgisse, não teria consequência alguma, pois, como ele observou, “essas coisas sempre se

sabem”. Emma sorriu e concordou que Mr. Weston tinha boas razões para dizer tal coisa. Enfim resolveram ir, e a moça estava evidentemente em grande angústia e confusão. Mal conseguira dizer uma palavra, e cada um dos seus olhares e atitudes mostrava o quanto ela sentia a consciência culpada. A calma e emocionada satisfação da velha senhora, e o barulhento deleite da filha – que provara estar feliz demais para falar como de hábito – tinha sido uma cena muito gratificante e afetiva. Ambas eram tão genuinamente respeitáveis em sua felicidade, tão desinteressadas em cada atitude, pensavam tanto em Jane e em todo o mundo, e tão pouco em si mesmas, que esses bons sentimentos só podiam resultar em extrema felicidade. A recente doença de Jane oferecera um pretexto a Mrs. Weston para convidá-la a dar um passeio. A princípio a jovem se retraira e recusara, mas quando insistiram voltou atrás. No decorrer do passeio Mrs. Weston conseguiu, através de gentil encorajamento, superar o embaraço da moça a ponto de fazê-la falar sobre o importante assunto. As desculpas de Jane pelo seu desagradável silêncio na primeira recepção oferecida por eles, e as maiores expressões da gratidão que ela sempre sentira pelo casal deviam necessariamente começar a conversa. E quando estas primeiras efusões foram postas de lado, as duas conversaram longamente sobre o presente e o futuro do noivado. Mrs. Weston estava convencida que essa conversa representara um grande alívio para Miss Fairfax, pois lhe permitira falar de coisas que guardava dentro de si há muito tempo, e ficara bastante contente com tudo que ela dissera.

– Sobre a infelicidade que ela sofreu, escondendo isso por tantos meses – continuou Mrs. Weston – ela foi enfática. Uma de suas expressões foi “Não vou dizer que, desde que fiquei comprometida, não tive alguns momentos de felicidade; mas posso dizer que nunca conheci a benção de uma hora tranquila”, e o tremor dos seus lábios, Emma, foi um atestado da verdade do que ela dizia. Senti isso de todo coração.

– Pobre menina! – disse Emma. – Então ela acha que está errada por ter concordado em esconder o noivado?

– Errada? Ninguém, eu acho, pode culpá-la mais do que ela mesma se culpa. “A consequência” disse-me ela “foi um estado de perpétuo sofrimento para mim, e deve mesmo ser assim. Por mais que a má conduta seja punida, continua sendo má conduta. A dor não é expiação. Nunca vou me livrar desta culpa. Venho agindo contra o meu senso de certo e errado; a afortunada reviravolta dos acontecimentos, e a bondade que venho recebendo agora, é tudo que minha consciência diz que não mereço”. E ela continuou “Não imagine, madame, que eu fui mal educada. Não deixe que qualquer reflexo disso caia sobre os princípios ou os cuidados das pessoas que me criaram. O erro foi todo meu, e eu lhe asseguro que, apesar de toda a desculpa que as presentes circunstâncias possam propiciar, eu ainda temo contar a história ao coronel

Campbell”.

– Pobre menina! – disse Emma novamente – Ela o ama excessivamente, eu imagino. Deve ter sido apenas por amor que ela consentiu no noivado. Sua afeição deve ter suplantado seu julgamento.

– Sim, não tenho dúvidas que ela o ama extremamente.

– Eu temo – continuou Emma, suspirando – que muitas vezes tenha contribuído para torná-la infeliz.

– Da sua parte, meu amor, foi algo totalmente sem intenção. Mas ela devia estar pensando nisso quando aludiu aos mal entendidos da parte dele, que poderiam ter nos dado alguma pista antes. Uma consequência natural desse esquema em que ela se envolveu, segundo me disse, foi tornar-se pouco razoável. A consciência de ter agido mal a expôs a milhares de inquietudes e tornou-a desconfiada e irritável, até um grau que deve ter sido muito difícil para ele suportar. “Não fiz as concessões” disse-me ela “que devia ter feito para o temperamento e o espírito dele... seu delicioso espírito, essa alegria, essa disposição para brincar que, em outras circunstâncias, teriam me deixado encantada, como foi no início”. Ela começou então a falar de você, Emma, e da grande bondade que mostrou durante a doença dela. Com um rubor que demonstrava como tudo estava ligado, pediu-me que lhe agradecesse assim que tivesse uma oportunidade. E eu nunca poderia agradecer-lhe o suficiente por todo o desejo e os esforços no sentido de fazer-lhe o bem. Ela tem consciência de que você nunca recebeu o devido reconhecimento da parte dela.

– Se eu não soubesse que ela agora está feliz – disse Emma, seriamente – como deve estar, a despeito de cada uma das reações da sua escrupulosa consciência, eu não poderia aceitar esses agradecimentos. Ah, Mrs. Weston! Se fosse feito um balanço de todo o bem e todo o mal que eu fiz a ela! Bem (recompondo-se e tentando parecer mais animada), devemos esquecer tudo isso. A senhora foi muito bondosa de ter me contado esses detalhes. Eles melhoram muito o conceito dela. Tenho certeza que ela é uma pessoa muito boa, e espero que venha a ser muito feliz. É justo que a fortuna tenha sorrido para Frank, embora eu ache que o mérito é todo dela.

Tal conclusão não podia deixar de suscitar uma resposta da parte de Mrs. Weston. Ela tinha bom conceito de Frank em quase todos os aspectos e, além disso, amava-o de todo coração e o defendeu com ardor. Falou com muita razão e igual afeição, mas isso foi demais para a atenção de Emma, que logo voou em direção a Brunswick Square e Donwell. Esqueceu-se de prestar atenção, e quando Mrs. Weston terminou com “Ainda não recebemos a carta pela qual ansiamos tanto, você sabe, mas acho que logo chegará”, Emma teve que parar

para pensar antes de responder, e foi obrigada a dar uma resposta aleatória, antes que pudesse lembrar-se qual era a carta que os deixava tão ansiosos.

– Você está bem, Emma? – foi a pergunta de Mrs. Weston ao partir.

– Oh, perfeitamente! Sempre estou bem, a senhora sabe. Lembre-se de me avisar sobre a carta assim que possível.

As notícias de Mrs. Weston alimentaram ainda mais as desagradáveis reflexões de Emma, aumentando sua estima e compaixão por Jane Fairfax, assim como o senso das injustiças passadas que cometera em relação a ela. Lamentou amargamente não ter se tornado mais amiga da jovem, e corou ao reconhecer os sentimentos de inveja que foram, em grande parte, responsáveis por isso. Se tivesse seguido os desejos de Mr. Knightley e dado mais atenção a Miss Fairfax, o que, aliás, era sua obrigação; se tentasse conhecê-la melhor; se tivesse procurado ser mais íntima dela; se procurasse torná-la sua amiga, ao invés de Harriet Smith, ela teria, muito provavelmente, sido poupada de todo o sofrimento que agora sentia. O nascimento, os talentos e a educação, tudo a recomendava como amiga de Emma, para ser recebida com gratidão. E a outra... quem ela era? Mesmo supondo que nunca tivessem se tornado amigas, que ela nunca houvesse desfrutado da confiança de Miss Fairfax naquele importante assunto – o que era o mais provável – ainda assim, conhecendo-a como conhecia, e como devia conhecer, nunca deveria ter se permitido suspeitar que ela estivesse apaixonada por Mr. Dixon. No entanto, ela não só criara e alimentara loucamente tal fantasia, como acabara por passá-la adiante de forma imperdoável. Esse fato, ela temia, devia ter provocado imensa dor para os delicados sentimentos de Jane, pela leviandade e negligência de Frank Churchill. De todas as fontes de maldades que espreitavam Miss Fairfax desde que chegara a Highbury, Emma estava persuadida de que ela devia ser a pior. Devia ter sido a perpétua inimiga. Eles nunca podiam estar os três juntos, sem que ela acabasse com a paz de Jane em poucos momentos. E em Box Hill, talvez, Jane devia ter atingido um estado de agonia mental que não pudera mais suportar.

A tarde desse dia foi muito longa e melancólica em Hartfield. O tempo escuro colaborava com essa tristeza. Esfriou e caiu uma tempestade, e nada parecia típico do verão, a não ser a folhagem das árvores e arbustos, que o vento arrancava; e a duração dos dias, que só tornava esses cruéis sinais visíveis por mais tempo.

O clima afetara Mr. Woodhouse, e ele só podia ficar toleravelmente confortável com as incessantes atenções da filha, cujos esforços nunca haviam custado a ela a metade do que custavam agora. Emma lembrou-se de seu infeliz *tête a tête* na noite que se seguira ao casamento de Mrs. Weston. Mas Mr.

Knightley havia chegado, logo após o chá, e dissipara qualquer pensamento melancólico. Ah, essas deliciosas provas de sua atração por Hartfield, como esse tipo de visita, logo estariam acabadas. A ideia que fizera então sobre as privações do inverno que se aproximava mostrou-se errada; nenhum amigo desertara, nenhum prazer se perdera. Mas achava que a previsão que fazia no momento não iria experimentar uma contradição similar. A perspectiva que se apresentava a ela agora era uma ameaça de um nível que não poderia ser inteiramente dissipado, nem ao menos parcialmente atenuado. Se acontecesse tudo que estava para acontecer no círculo de seus amigos, Hartfield ficaria comparativamente deserta. E ela seria deixada ali para animar o pai, com o pensamento apenas na felicidade perdida.

A criança que estava para nascer em Randalls representava um laço maior do que ela mesma, e o tempo e o coração de Mrs. Weston seriam agora ocupados pelo filho. Emma e o pai iriam perdê-la, e provavelmente ao marido também, em grande parte. Frank Churchill não mais retornaria para junto deles, e Miss Fairfax, era razoável supor, logo deixaria de pertencer à Highbury. Eles deviam se casar e morar em Enscombe ou perto de lá. Tudo o que era bom devia acabar. E se a essas perdas fosse acrescentada a perda de Donwell, o que sobraria de uma sociedade alegre e inteligente para ocupar seu tempo? Mr. Knightley não viria mais para confortar as noites deles! Não chegaria mais caminhando a qualquer hora, como se quisesse trocar seu próprio lar pelo deles! Como iria suportar isso? E se tivessem que perdê-lo pelo bem de Harriet, se dali em diante ele achasse na companhia de Harriet tudo o que precisava, se Harriet fosse a escolhida, a primeira, a mais querida, a amiga, a esposa em quem ele buscaria as maiores bênçãos da existência... O que poderia aumentar ainda mais a infelicidade de Emma, a não ser a reflexão que estaria sempre em sua mente de que tudo fora obra sua?

Quando chegava a esse ponto não podia impedir um sobressalto, ou um suspiro profundo, ou mesmo levantar-se e caminhar pela sala por alguns momentos. A única fonte de consolo ou qualquer coisa semelhante que possuía era a resolução de melhorar sua conduta, e a esperança de que, embora o inverno seguinte, ou qualquer outro inverno de sua vida futura fosse inferior em alegria e animação, iria encontrá-la mais racional, conhecendo melhor a si mesma, e deixaria menos arrependimentos ao ir embora.

CAPÍTULO XIII

O tempo continuou o mesmo durante toda a manhã seguinte. A mesma solidão e a mesma melancolia pareciam reinar em Hartfield. Mas o clima melhorou durante a tarde, o vento tornou-se uma brisa suave, as nuvens se dispersaram, o sol voltou a brilhar: era verão novamente. Com todo o entusiasmo trazido por uma mudança dessa ordem, Emma decidiu sair de casa tão logo fosse possível. Nunca a deliciosa vista, o cheiro, a sensação da natureza, a tranquilidade, o calor e o brilho que surgiam após uma tempestade foram tão atraentes para ela. Ansiava pela serenidade que eles gradualmente trariam. E quando Mr. Perry chegou, logo após o jantar, para fazer sua costumeira visita ao pai dela, Emma não perdeu mais tempo e se apressou em direção ao bosque. Ali, com o espírito renovado e os pensamentos mais aliviados, deu algumas voltas, até que viu Mr. Knightley passando pela porta do jardim e vindo em sua direção. Era a primeira notícia que tinha de que ele retornara de Londres. Havia pensado nele momentos antes, como se estivesse a vinte e cinco quilômetros de distância. Havia tempo apenas para recompor os pensamentos rapidamente. Ela devia mostrar-se tranquila e composta. Em meio minuto estavam juntos. Os “como vai” foram calmos e constrangidos de ambos os lados. Ela perguntou pelos parentes comuns. Estavam todos bem... E quando ele deixara Londres? Apenas esta manhã... Devia ter cavalgado sob a chuva. Sim... Emma achou que ele pretendia caminhar com ela. Ele então dissera que “acabara de olhar na sala de jantar, e como vira que sua presença não era necessária ali, preferiu sair para os jardins”... Ela percebeu que ele não falava nem parecia alegre ou animado. A primeira causa possível que Emma encontrou, em seu pensamento, era que ele devia ter comunicado seus planos ao irmão, e estava incomodado pela maneira com que foram recebidos.

Caminharam juntos. Mr. Knightley estava silencioso. Emma achou que ele a olhava a todo o momento, tentando ver melhor a expressão do rosto dela, mais do que mostrava. E essa crença produziu outro temor. Talvez ele quisesse falar com ela do seu afeto por Harriet. Devia estar esperando ser encorajado para começar. Ela não podia, não queria nem pensar em levar o assunto nessa direção. Ele devia fazer tudo por si. Ainda assim, Emma não podia suportar esse silêncio, que era tão pouco natural nele. Ela considerou, decidiu e, tentando sorrir, começou:

– O senhor tem algumas notícias para ouvir, agora que voltou, que vão surpreendê-lo bastante.

– Tenho? – disse ele, calmamente, olhando para ela. – De que natureza?

–Oh! Da melhor natureza possível: um casamento.

Depois de esperar um momento, como se pretendesse ter certeza de que ela não diria mais nada, ele respondeu:

– Se você se refere à Miss Fairfax e Frank Churchill, eu já soube.

– Como é possível!? – exclamou Emma.

Virou o rosto ruborizado para ele. Enquanto falava, ocorreu-lhe que ele poderia ter passado na casa de Mrs. Goddard no caminho.

– Recebi um bilhete de Mr. Weston sobre negócios esta manhã, e no final ele me fez um breve relato do que aconteceu.

Emma ficou muito aliviada, e pôde então dizer, com um pouco mais de compostura.

– Provavelmente, o *senhor* ficou menos surpreso do que qualquer um de nós, pois já suspeitava disso. Não esqueci que uma vez tentou me advertir a respeito. Se ao menos eu o tivesse ouvido... Mas (com uma voz baixa e olhar triste) parece que fui condenada à cegueira.

Por um momento ou dois nada foi dito, e Emma não suspeitava ter despertado qualquer interesse, até que ele tomou seu braço e apertando sua mão contra o peito, disse em voz baixa, com grande emoção:

– O tempo, minha querida Emma, o tempo vai curar a ferida. Seu próprio bom senso, seus esforços para o bem de seu pai... sei que não vai se permitir... – Sua mão foi apertada novamente, enquanto ele acrescentava, num tom menos seguro – Os sentimentos da mais calorosa amizade... Indignação... Abominável patife! – E com voz mais firme, concluiu – Ele logo irá embora. Logo os dois estarão em Yorkshire. Sinto pena *dela*, merecia um destino melhor.

Emma compreendeu-o, e logo que pode se recobrar da onda de prazer provocada por essa terna consideração, respondeu:

– O senhor é muito bom, mas está enganado... e devo corrigi-lo. Não necessito desse tipo de compaixão. Minha cegueira para o que estava acontecendo levou-me a agir em relação a eles de um modo de que sempre me envergonharei. Fui toalmente tentada a dizer e fazer coisas que poderiam me expor a considerações desagradáveis. A única coisa que tenho a lamentar, no entanto, é não ter sabido do segredo antes.

– Emma – exclamou ele, olhando-a com ansiedade – isso é verdade? – Interrompendo-se em seguida. – Não, não, eu a compreendo... perdoe-me. Fico feliz de ouvi-la dizer até mesmo algo assim. Ele não é motivo de lamentações, de

fato! E não falta muito, eu espero, para que sua razão leve esse conhecimento ao seu coração. Por sorte, sua afeição não foi totalmente comprometida!... Confesso que nunca consegui ter certeza, pela maneira que você agia, da extensão dos seus sentimentos... Só tinha certeza que havia uma preferência... e uma preferência que nunca achei que ele merecesse. Ele é uma desgraça para o sexo masculino... e recebe como prêmio essa doce criatura? Jane, Jane, você vai ser muito infeliz.

– Mr. Knightley – disse Emma, tentando ser eloquente, mas na verdade estava confusa – eu me encontro em uma situação extraordinária. Não posso permitir que continue persistindo em seu engano. E, no entanto, talvez porque minhas maneiras deram essa impressão, tenho tantas razões para me sentir envergonhada de confessar que nunca, em absoluto, estive apaixonada pela pessoa de quem falamos – tanto quanto seria natural para uma mulher sentir em confessar exatamente o contrário. Mas eu nunca estive, de fato.

Ele ouviu em perfeito silêncio. Emma desejava que ele falasse, mas Mr. Knightley não o fez. Ela achou que devia dizer mais alguma coisa, antes que conseguisse obter a sua clemência, mas era difícil ser obrigada a degradar-se ainda mais na opinião dele. No entanto, ela continuou:

– Tenho muito pouco a dizer sobre a minha conduta. Fui tentada pelas atenções dele, e me permiti ser apreciada. É uma história antiga, provavelmente, um caso comum... não mais do que já aconteceu com centenas de pessoas do meu sexo antes. Ainda assim não serve como desculpa para alguém como eu, que tem em alta conta a inteligência. Muitas circunstâncias colaboraram para a tentação. Ele é o filho de Mr. Weston... estava sempre aqui... eu o achava muito agradável. Em resumo (suspirando), deixe que eu separe as causas tão engenhosamente criadas por mim para lhe dizer... bem, elas se resumem em uma coisa: minha vaidade se sentiu recompensada e por isso aceitei as atenções. Nos últimos tempos, no entanto... já há algum tempo, na verdade, elas não significavam coisa alguma para mim. Tratava-as como um hábito, um jogo, nada que exigisse seriedade da minha parte. Ele me impressionou, mas não me ofendeu. Nunca estive apaixonada por ele. E agora posso compreender em parte seu comportamento. Ele nunca pensou em me dar sua afeição, era só uma cortina para esconder sua real situação com outra pessoa. Era sua intenção cegar a todos, e ninguém, tenho certeza, poderia ser mais útil para esse propósito do que eu... Exceto pelo fato de que eu *não* estava cega, e essa foi a minha sorte. Em suma, de um modo ou de outro eu me salvei.

Ela parou para esperar uma resposta... Algumas palavras que dissessem que sua conduta fora, ao menos, compreensível. Mas Mr. Knightley mantinha-se em silêncio e, tanto quanto ela podia perceber, imerso em pensamentos. Por fim, quase no seu tom normal de voz, ele disse:

– Nunca tive uma boa opinião de Frank Churchill. Suponho, no entanto, que devo tê-lo subestimado. Meu conhecimento dele foi superficial. E mesmo que eu não o houvesse subestimado até esse ponto, ele ainda poderia sair-se bem. Com uma mulher como Jane ele tem uma chance. Não tenho motivos para desejar-lhe mal, e para o bem dela, cuja felicidade dependerá do bom caráter e conduta dele, eu certamente desejo-lhe o bem.

– Não tenho dúvidas de que serão felizes juntos – disse Emma. – Acredito que os dois estão sinceramente apaixonados um pelo outro.

– Ele é um homem afortunado! – continuou Mr. Knightley, com energia. – Tão cedo na vida, aos vinte e três anos, um período em que, se um homem escolhe uma esposa, geralmente escolhe mal. Aos vinte e três anos ganhar um prêmio dessa ordem! Quantos anos de felicidade esse homem, por todos os cálculos humanos, tem diante de si! Certo do amor de tal mulher, um amor desinteressado, pois o caráter de Jane Fairfax mostra seu total desinteresse. Tudo está a favor dele... igualdade de situação, pelo menos no que se refere à sociedade, e todos os hábitos e modos que são importantes. Igualdade em todos os pontos, menos um. E este um, já que a pureza do coração dela é indubitável, o que muito aumenta a sua felicidade, permitirá a ele proporcionar-lhe a única vantagem que falta a ela. Um homem sempre deseja dar a uma mulher um lar melhor do que aquele do qual ele a tirou. E aquele que consegue isso, desde que não haja dúvida do amor *dela*, deve, no meu entender, ser o mais feliz dos mortais. Frank Churchill é, sem dúvida, um favorito da sorte. Todas as coisas se resolvem para o bem dele. Ele conhece uma jovem em uma estação de águas, ganha o coração dela, não consegue afastá-la nem com seu tratamento negligente... e mesmo que ele e toda a sua família procurassem uma esposa ao redor do mundo, não poderiam ter encontrado ninguém superior a ela. A tia está no caminho... a tia morre. Ele nada mais precisa fazer a não ser falar, e seus amigos estão ansiosos para promover a sua felicidade. Ele usou todo mundo, e todos ficam deliciados em perdoá-lo! Ele é um homem de muita sorte, de fato!

– O senhor fala como se o invejasse.

– E eu de fato o invejo, Emma. Em um aspecto ele é objeto da minha inveja.

Emma não pôde dizer mais nada. Pareciam estar a ponto de falar de Harriet, e o primeiro sentimento de Emma foi evitar o assunto, se pudesse. Elaborou um plano. Falaria de algo totalmente diferente... seus sobrinhos de Brunswick Square, por exemplo. Respirou fundo e ia começar a falar quando Mr. Knightley a surpreendeu, dizendo:

– Não vai me perguntar qual é o ponto em que o invejo?... Está

determinada, pelo que vejo, a não ser curiosa. Sábia decisão... mas *eu* não posso ser sábio, Emma. Devo dizer-lhe aquilo que não quer perguntar, mesmo que, no momento seguinte, me arrependa de ter falado.

– Oh! Então não fale, não fale – ela exclamou, ansiosamente. – Espere um pouco, pense no assunto, não se comprometa.

– Obrigado – disse ele, num tom de profunda mortificação. E não falou nem mais uma sílaba.

Emma não suportava provocar-lhe sofrimento. Ele desejava fazer-lhe uma confidência, talvez até consultá-la... Custasse o que custasse, deveria ouvi-lo. Devia ajudar na decisão dele, ou reconciliá-lo com sua decisão. Devia fazer os justos elogios a Harriet ou, mostrando-lhe sua própria independência, aliviá-lo desse estado de indecisão, que era o que podia haver de pior para uma mente como a dele. Nesse momento chegaram a casa.

– Você vai entrar, imagino? – disse ele.

– Não – respondeu Emma, confirmando suas apreensões pelo tom depressivo com que ele falava. – Gostaria de dar mais uma volta. Mr. Perry ainda não saiu.

Depois de andarem alguns passos, ela acrescentou:

– Eu o interrompi de forma desagraciosa agora há pouco, Mr. Knightley, e temo que o tenha ofendido. Mas se o senhor tem algum desejo de me falar abertamente como amigo, ou pedir minha opinião sobre algum assunto como amiga, pode falar. Vou ouvir o que desejar me contar, e lhe direi exatamente o que penso.

– Como amiga! – repetiu Mr. Knightley. – Emma, o que eu temo é uma palavra... Não, não desejo... Espere... Sim, por que estou hesitando?... Já fui longe demais para tentar esconder alguma coisa... Emma, aceito sua oferta, por mais extraordinário que possa parecer eu aceito, e vou me dirigir a você como amigo... Diga-me, então, tenho alguma chance de ser bem sucedido?

Ele parou na sua seriedade para ver como ela receberia a pergunta, e a expressão dos olhos dele subjuguou-a.

– Minha querida Emma – ele disse – pois você sempre será querida, não importa o resultado dessa hora de conversa. Minha querida, minha amada Emma... Diga-me de uma vez. Diga “não” se essa for a sua resposta.

Ela não conseguia dizer uma palavra.

– Você fica em silêncio – exclamou ele, com grande animação. –

Absolutamente silenciosa! No momento, não peço mais nada.

Emma estava a ponto de sucumbir à agitação desse momento. O medo de ser despertada de um sonho feliz foi talvez o sentimento predominante.

– Não sei fazer discursos, Emma – ele logo recomeçou, num tom de sincera e decidida ternura, que foi bastante convincente. – Se eu a amasse menos, poderia ser capaz de dizer mais sobre isso. Mas você sabe como eu sou, não vai ouvir de mim senão a verdade. Eu a culpei e a repreendi, e você suportou isso como nenhuma mulher na Inglaterra teria feito. Peço que suporte as verdades que vou lhe dizer agora, querida Emma, tão bem como suportou as outras. O modo como vou dizer, talvez, faça pouco por recomendá-las. Deus sabe que tenho sido um apaixonado muito indiferente. Mas você me entende... Sim, veja, você entende meus sentimentos... e irá retribuí-los, se puder. No momento dejejo apenas ouvir sua voz, pelo menos uma vez.

Enquanto ele falava a mente de Emma estava trabalhando depressa e, graças à espantosa velocidade de seu pensamento, sem perder uma palavra, foi capaz de ouvir e compreender exatamente o sentido do que ele dizia. Foi capaz de ver que as esperanças de Harriet eram inteiramente infundadas, um erro, uma ilusão, uma completa ilusão como qualquer uma das suas... Que Harriet não representava nada, e que ela era tudo! Compreendeu que o que havia dito em relação à Harriet foi entendido como a linguagem de seus próprios sentimentos. E que sua agitação, suas dúvidas, sua relutância, seu desânimo, tinham sido recebidos como desalento da parte dela... Entendeu que chegara o momento de convencer-se dessas verdades, com todo o brilho de felicidade que prometiam, e que devia se alegrar por não ter revelado o segredo de Harriet, que ele não devia e não seria revelado. Isso era tudo o que ela podia fazer agora por sua pobre amiga, pois não possuía o heroísmo de sentimentos que a teria levado a rogar a Mr. Knightley que transferisse sua afeição dela para Harriet, que era a mais merecedora das duas. Também não podia realizar o sublime gesto de recusá-lo de uma vez para sempre, sem apresentar nenhum motivo, uma vez que ele não poderia casar-se com as duas. Sentia por Harriet, dolorosa e contritamente. Mas nenhuma louca generosidade, oposta a tudo que podia ser provável ou razoável, apoderou-se de sua mente. Ela levava a amiga a erro, e sempre se reprovava por isso. Mas seu juízo era tão forte quanto seus sentimentos, e tão forte como sempre fora, reprovando uma aliança que fosse desigual e degradante para ele. O caminho a seguir era claro, ainda que não fosse suave... Ela falou, então. O que ela disse? Só o que devia, claro. Uma dama sempre age assim. Disse o suficiente para mostrar que não havia necessidade de desespero... e para convidá-lo a dizer mais. Ele *tinha* se desesperado por um tempo, recebera esse silêncio e cautela como o fim de qualquer esperança... Ela começara por recusar-se a ouvi-lo. A mudança talvez tenha sido um tanto repentina. A proposta

dela de caminhar um pouco mais, depois voltar atrás e renovar a conversa que ela mesma terminara talvez tivesse sido um pouco extraordinária! Ela sentia que estava sendo inconsistente, mas Mr. Knightley foi amável o suficiente para deixar isso de lado e não pedir explicações adicionais.

Raramente, muito raramente a verdade é totalmente revelada; raramente acontece de não ficar alguma parte um pouco disfarçada, ou um pouco mal compreendida. Mas num caso como esse, onde apesar da conduta estar errada os sentimentos estão certos, não pode haver maiores consequências. Mr. Knightley não poderia exigir de Emma um coração mais brando do que ela possuía, ou um coração mais disposto a aceitá-lo.

Na verdade, Mr. Knightley não suspeitava da sua própria influencia. Ele a seguira até o jardim sem intenção de tentar nada. Viera ansioso para saber como ela estava suportando o noivado de Frank Churchill, sem nenhuma intenção egoísta, sem nenhuma intenção, na verdade. Pretendia apenas tentar consolá-la ou aconselhá-la, caso ela lhe desse alguma oportunidade. O resto fora obra do momento, o efeito imediato daquilo que ouvira sobre os seus sentimentos. A deliciosa certeza de que Emma era totalmente indiferente a Frank Churchill, e que estava com o coração completamente livre para ele, dera lugar à esperança de que, com o tempo, pudesse conquistar a afeição dela. Mas não havia esperanças para o presente. No momento em que a ansiedade sobrepujou a razão, ele desejava apenas saber que ela não proibiria sua tentativa de fazer-se amado. As supremas esperanças que foram gradualmente aumentando, era o mais encantador de tudo. A afeição que ele desejava apenas ter permissão para criar, já pertencia a ele! Em apenas meia hora passara de um estado mental de profundo desespero para algo bem parecido com a felicidade perfeita, ou algo que não merecia qualquer outro nome.

A mudança *nela* havia sido igual. Essa meia hora dera a cada um deles a mesma preciosa certeza de ser amado, tirara de cada um o mesmo grau de desconhecimento, ciúme ou desconfiança. Da parte dele havia ciúmes de longa data, desde a chegada de Frank Churchill, e até antes, desde a expectativa da chegada do jovem. Ele estava apaixonado por Emma e com ciúmes de Frank Churchill desde essa época. Provavelmente, um sentimento jogara luz sobre o outro e o alertara. Fora o ciúme de Frank Churchill que o fizera afastar-se de Highbury. A excursão à Box Hill o levava à decisão de ir embora. Queria evitar testemunhar novamente aquelas atenções permitidas e encorajadas. Partira para aprender a ser indiferente. Mas tinha ido para o lugar errado. Havia muita felicidade doméstica na casa do irmão, o papel da mulher era agradável demais, e Isabella era muito parecida com Emma, diferia apenas naquelas notáveis inferioridades que sempre fizeram a outra brilhar ainda mais perante ele. E, no entanto, ele ficara lá, esforçando-se para fazer o melhor, suportando tudo com

vigor dia após dia, até que o correio desta mesma manhã trouxera a história de Jane Fairfax. Então, com a alegria que sentiu... Bem, que não teve escrúpulos de sentir, pois nunca acreditara que Frank Churchill merecesse Emma. Não pôde ficar mais, tamanha era sua solicitude e ansiedade em relação a ela. Fizera a viagem de volta sob a chuva, cavalgando, e seguira a pé para Hartfield logo após o jantar, para ver como a melhor e mais doce de todas as criaturas – perfeita apesar de todos os defeitos – suportara a revelação.

Ele a encontrara agitada e triste. Frank Churchill era um vilão... Depois a ouvira declarar que nunca o amara, e o caráter de Frank Churchill deixou de ser desesperador. Ela era sua Emma, prometida por palavra e sentimento, enquanto se dirigiam para a casa. E se ele conseguisse pensar em Frank Churchill naquele momento, teria até achado que era um bom rapaz.

CAPÍTULO XIV

Como eram diferentes os sentimentos de Emma ao voltar para casa, comparados aos que sentira ao sair! Quando saíra, estava apenas buscando algum alívio para o sofrimento. Agora sentia uma agradável palpitação de felicidade, e acreditava que a felicidade seria ainda maior quando a palpitação passasse.

Sentaram-se para tomar chá – o mesmo grupo em volta da mesma mesa – quantas vezes haviam se reunido assim! Quantas vezes seus olhos se dirigiram para os mesmos arbustos na alameda e observaram os mesmos belos efeitos do pôr-do-sol a oeste! Mas nunca em tal estado de espírito, pois nunca vivera algo assim. Foi com dificuldade que conseguiu reunir o suficiente do seu modo usual de ser para agir como a atenta dona da casa, ou mesmo como a filha devotada.

O pobre Mr. Woodhouse mal desconfiava da conspiração que se armava contra ele no peito do homem a quem recebia tão cordialmente, e que esperava não tivesse apanhado um resfriado durante sua viagem na chuva. Se ele pudesse ver o coração de Mr. Knightley, ligaria muito pouco para os pulmões dele. Mas, sem a mais remota ideia do mal iminente, sem a menor percepção de nada extraordinário nos olhares e modos dos dois, o velho senhor lhes repetia, com muita tranquilidade, todas as novidades que recebera de Mr. Perry. Falava com muita disposição, sem sequer suspeitar daquilo que eles poderiam ter contado a ele em retribuição.

Enquanto Mr. Knightley esteve com eles, Emma continuava naquele estado febril. Mas quando ele se foi, ela começou a ficar mais tranquila e, no decorrer da noite insone, que era o preço de uma tarde como aquela, encontrou um ou dois pontos que mereciam ser seriamente considerados, como se sentisse que até mesmo a sua felicidade devia ter um preço. Seu pai... e Harriet. Não podia ficar sozinha sem sentir o peso do que era devido a cada um. Como poderia manter o conforto de ambos, essa era a questão. No que dizia respeito ao pai, logo a questão foi respondida. Ela não sabia ainda o que Mr. Knightley lhe pediria, mas uma breve consulta ao seu coração resultou na solene resolução de nunca deixar seu pai. Ela chegou a chorar ante a ideia, como se fosse um pecado. Enquanto ele vivesse, deviam ficar apenas noivos. Mas ela se orgulhava de que, longe do perigo de afastá-la do pai, aquele compromisso devia aumentar o conforto dele. Como fazer o melhor por Harriet era uma decisão mais difícil. Como poupá-la de qualquer sofrimento desnecessário, como proporcionar-lhe uma reparação, como não parecer sua inimiga? Estas questões lhe provocaram enorme perplexidade e angústia. Sua mente passou muitas e muitas vezes por

cada uma das amargas reprovações e dos dolorosos arrependimentos que sempre envolviam estas questões. Por fim, ela apenas resolveu que continuaria a evitar um encontro com Harriet agora, e que lhe comunicaria tudo o que precisasse por carta. Iria dizer-lhe que seria expressamente desejável que ela saísse de Highbury por um tempo e, permitindo-se planejar apenas mais um esquema, calculou que seria fácil conseguir que ela fosse convidada para a casa da irmã em Brunswick Square. Isabella gostara de Harriet, e algumas semanas em Londres deviam proporcionar-lhe algum divertimento. Ela achava que a natureza de Harriet não escaparia à tentação de distrair-se com a novidade e a variedade, com as crianças, as ruas e as lojas. De qualquer forma seria uma prova de atenção e bondade para com alguém que merecia tudo que ela pudesse fazer. Seria uma separação no presente, um adiamento daquele dia em que deveriam se encontrar novamente.

Ela levantou-se cedo e escreveu a carta para Harriet, uma tarefa que a deixou tão séria, tão triste, que Mr. Knightley, tendo ido a Hartfield para o café da manhã, não chegou cedo demais. A meia hora que passou com ele andando pelos jardins foi, tanto literal quanto figurativamente, necessária para recolocá-la no mesmo estado de felicidade do dia anterior.

Não fazia muito tempo que ele a deixara, pelo menos não o suficiente para permitir-lhe pensar em qualquer outra coisa, quando chegou uma carta vinda de Randalls. Era uma carta tão volumosa que ela perguntou-se o que poderia conter, lamentando a necessidade de lê-la. Estava agora em perfeita paz em relação a Frank Churchill. Não queria explicações, queria apenas ser deixada com seus pensamentos. Além disso, achava-se incapaz de entender qualquer coisa que ele pudesse ter escrito. Mas teria que lê-la. Abriu o pacote, e havia um bilhete de Mrs. Weston para ela, incluído na carta de Frank Weston para Mrs. Weston.

“Tenho o grande prazer, minha querida Emma, de enviar-lhe a carta anexa. Sei que lhe fará total justiça, e tenho pouca dívida de seus felizes efeitos... Acho que não vamos discordar a respeito do missivista outra vez, mas não vou atrasá-la com um longo prefácio. Estamos muito bem. Esta carta foi a cura de todo o nervosismo que vinha sentindo nos últimos dias. Não gostei da sua aparência na terça-feira passada, mas foi uma manhã incomum. E ainda que você nunca tenha sido afetada pelo tempo, acho que todos sentem o vento nordeste. Senti temor pelo seu pai devido à tempestade da tarde de terça e de ontem de manhã, mas tive a satisfação de ouvir ontem à noite de Mr. Perry, que ele não ficou doente”.

“Sempre sua”

“A. W”.

“(Para Mrs. Weston)”

“Windsor – Julho”

“Minha querida madame”

“Se me fiz entender bem ontem, esta carta deve estar sendo esperada; mas, esperada ou não, sei que será lida com imparcialidade e indulgência. A senhora é só bondade, e creio que será preciso mesmo toda a sua bondade para aceitar algumas passagens da minha conduta passada. Mas fui perdoado por aquela que tinha ainda mais motivos para estar ressentida. Minha coragem aumenta enquanto escrevo. É muito difícil para o próspero ser humilde. Já obtive sucesso em dois pedidos de perdão, a ponto de me arriscar a pensar que devo obter também o seu, assim como o dos amigos que eu possa por algum motivo ter ofendido. Peço-lhe todo o empenho em compreender a exata natureza da minha situação quando cheguei a Randalls pela primeira vez. Deve considerar que eu tinha um segredo que devia ser mantido a qualquer custo. Este era o fato. Meu direito de colocar-me em uma situação que exigisse tal encobrimento é outra questão. Não vou discutir isto aqui. Quanto à minha tentação de pensar que eu tinha esse direito, transfiro todas as cavalações para uma casa de tijolos em Highbury, com janelas de guilhotina embaixo e venezianas em cima. Não ousava dirigir-me a ela abertamente. As dificuldades que eu tinha em Enscombe na ocasião são bastante conhecidas para dispensar explicações. Tive a sorte de fazer prevalecer a minha vontade e, antes de partirmos de Weymouth, induzir a mais correta mente feminina da criação a submeter-se, por caridade, a um noivado secreto. Se ela tivesse recusado, eu teria enlouquecido... A senhora pode estar pronta a questionar o que eu pretendia com isso. O que esperava do futuro? Eu esperava alguma coisa, qualquer coisa: tempo, sorte, circunstâncias, efeitos lentos, explosões repentinas, perseverança e fadiga, saúde e doença. Todas as possibilidades do bem estavam diante de mim, e a primeira das bênçãos estava assegurada, já que obtivera a promessa dela de confiança e retribuição. Se a senhora precisa de mais explicações, eu tenho a honra, minha querida senhora, de ser o filho do seu marido, e a vantagem de ter herdado sua disposição de esperar sempre o melhor; herança essa que nenhum legado de casas ou cavalos jamais poderá igualar em valor. Peço que me veja à luz dessas circunstâncias, quando cheguei para a minha primeira visita a Randalls. E aqui eu tenho a consciência de ter errado, pois essa visita deveria ter sido realizada antes. Se a senhora olhar para trás, verá

que eu não cheguei até que Miss Fairfax já estivesse em Highbury. E como a senhora foi a pessoa que eu desconsiderarei, sei que vai me perdoar imediatamente. Mas devo esforçar-me para obter o perdão do meu pai, lembrando-o que quanto mais me abstive de visitá-lo, mais fui privado da benção de conhecê-la. Meu comportamento durante aquela quinzena tão feliz que passei em Randalls não deixou margem a repreensões, eu espero, exceto em um ponto. E agora chego ao ponto principal, a única parte importante da minha conduta no que diz respeito à senhora que provoca minha ansiedade, e requer a mais ampla explicação. Com o maior respeito e a mais calorosa amizade, menciono Miss Woodhouse. Meu pai talvez espere que eu acrescento que essa menção deve ser feita também com a mais profunda humilhação. As poucas palavras que ele deixou escapar, ontem, revelaram sua opinião e também a censura que julgo merecer. Meu comportamento com Miss Woodhouse, acredito, indicava mais do que eu pretendia. Para manter um segredo tão essencial para mim, fui levado a fazer mais do que o uso apropriado da intimidade que logo se estabeleceu entre nós. Não posso negar que Miss Woodhouse era o objeto ostensivo de minhas atenções. Mas estou certo que a senhora vai acreditar se eu disser que, caso não estivesse convencido da indiferença dela, não teria sido induzido por qualquer desejo egoísta a prosseguir nessa atitude. Amigável e gentil como é Miss Woodhouse, ela nunca me deu a ideia de uma jovem dama disposta a se comprometer. Parecia totalmente livre de qualquer disposição a se apaixonar por mim, e esta era minha profunda convicção, assim como meu desejo. Recebeu minhas atenções com uma graça natural, amigável e bem humorada, que era exatamente o que me convinha. Nós parecíamos nos entender. Considerando as nossas situações, estas atenções eram um direito dela, e eram sentidas dessa forma. Se Miss Woodhouse chegou realmente a me entender antes que terminasse a quinzena, eu não saberia dizer. Quando a visitei para despedir-me, lembro-me que houve um momento em que quase lhe contei a verdade, e imaginei que ela já havia suspeitado do meu segredo. Não tinha dúvidas de que percebera o que ocorria, ao menos em parte. Talvez não soubesse de tudo, mas com sua rapidez de pensamento deve ter desconfiado de alguma coisa. Não tenho dúvida disso. A senhora perceberá, quando este assunto não for mais restrito, que ela não foi apanhada totalmente de surpresa. Miss Woodhouse muitas vezes me deu indicações disso. Lembro-me de ela ter dito no baile que eu devia agradecer a Mrs. Elton pelas suas atenções para com Miss Fairfax. Espero que a história de minha conduta em relação a ela seja considerada, pela senhora e pelo meu pai, como uma justificativa para os erros que me viram cometer. Enquanto considerarem que cometi um pecado contra Emma Woodhouse, não posso merecer nada dos dois. Peço que me absolvam disso, e obtenham para mim, assim que for possível, o perdão e os votos de felicidade de Emma Woodhouse, a quem estimo com um afeto de irmão, e desejo que logo esteja tão profundamente enamorada e feliz como eu estou. Sejam quais forem as coisas estranhas que eu fiz ou disse naqueles quinze dias, a senhora agora tem uma explicação para compreendê-las. Meu coração estava em Highbury, e meu esforço era dirigido a evitar qualquer

suspeita. Se a senhora se lembrar de qualquer estranheza, leve-a pelo lado bom. Sobre o piano de que tanto se falou, acho apenas necessário dizer que ele foi encomendado sem o menor conhecimento de Miss F., e que ela nunca teria permitido que eu o enviasse, se tivesse oportunidade. A delicadeza dos sentimentos dela durante todo o noivado, minha querida senhora, está muito além do meu poder de fazer-lhe justiça. Logo a senhora vai conhecê-la melhor, e espero isso ansiosamente. Não há palavras para descrevê-la. Ela logo lhe contará quem é – não através de palavras, pois nunca houve uma criatura que tão ostensivamente diminua seus próprios méritos. Desde que comecei esta carta, que será mais longa do que previ, tive notícias dela. Fez-me um bom relato de sua saúde, mas como nunca se queixa, não ousou depender disso. Quero saber a opinião da senhora sobre a aparência dela. Sei que logo irá visitá-la, e que ela está temendo essa visita, que talvez até já tenha acontecido. Mande-me notícias sem mais demora, estou impaciente por saber os milhares de detalhes. Lembre-se do meu estado nos poucos minutos em que estive em Randalls, como estava confuso e fora de mim. Ainda não estou recuperado, continuo enlouquecido, seja pela felicidade ou pela angústia. Quando penso na gentileza e consideração que recebi, na bondade e paciência dela e na generosidade de meu tio, fico louco de alegria. Mas quando me lembro da inquietude que causei, e como mereço pouco ser perdoado, fico louco de raiva. Não desejo nada além de vê-la novamente! Mas não devo me propor a isso agora. Meu tio foi bom demais para que eu abuse de sua boa vontade. Devo ainda acrescentar algo a esta longa carta. A senhora e meu pai ainda não souberam de tudo que precisam saber. Não pude dar-lhes nenhum detalhe ontem, mas a forma súbita e, sob certo aspecto, intempestiva com que o caso foi revelado, necessita explicação. Mesmo que o triste evento do dia vinte e seis passado, como a senhora deve ter concluído, imediatamente me abrisse as mais felizes perspectivas, eu não teria consentido em tais medidas tão cedo, porém surgiram circunstâncias particulares que não me permitiram perder uma hora sequer. Eu devia ter evitado algo assim tão apressado, e sei que ela teria os mesmos escrúpulos, com multiplicada força e refinamento. Mas não tive escolha. O apressado compromisso de trabalho que ela firmou com aquela dama... Neste ponto, minha cara senhora, fui obrigado a sair imediatamente de casa, para pensar e me recompor. Estive caminhando pela região, e agora acredito estar racional o suficiente para terminar a carta do modo como deve ser. É, realmente, uma lembrança mortificante para mim. Eu me comportei de forma vergonhosa. E aqui, devo admitir, minhas maneiras para com Miss W., por serem descorteses em relação à Miss F., foram altamente reprováveis. Ela as desaprovou, e tinha bastante razão. Não achou suficiente o motivo que aleguei, de que agia assim para esconder a verdade. Ficou aborrecida. Pensei ter alguma razão ao achar que ela agia, muitas vezes, com excessiva cautela e escrúpulos. Parecia até mesmo fria. Mas ela sempre esteve certa. Se eu tivesse seguido o julgamento dela e me submetido ao que ela considerava apropriado, teria escapado à maior infelicidade que já sofri. Nós discutimos. A senhora deve se lembrar da manhã que passamos em Donwell. Naquela ocasião, todas as

pequenas insatisfações que ocorreram antes levaram a uma crise. Eu estava atrasado. Encontrei-a caminhando sozinha para casa e quis acompanhá-la, mas ela não permitiu. Recusou-se absolutamente a permitir que eu a acompanhasse, o que achei um grande absurdo. Agora, entretanto, consigo ver nisso apenas um grau de discricção muito natural e consistente. Enquanto eu, para cegar o mundo ao nosso compromisso, me comportava dedicando condenáveis atenções a outra mulher; deveria ela consentir num passeio que tornaria todas as cautelas anteriores inúteis? Se tivéssemos caminhado sozinhos entre Donwell e Highbury, teriam suspeitado da verdade. Eu fui louco o bastante para ficar ressentido. Duvidei da afeição dela, e duvidei ainda mais na manhã seguinte em Box Hill, quando ela falou de seu ressentimento com palavras perfeitamente claras para mim, provocada pela minha conduta e pela vergonhosa e insolente negligência em relação a ela, além da aparente devoção a Miss W., que seria impossível para qualquer mulher de bom senso suportar. Em suma, minha querida senhora, foi uma discussão em que ela não teve nenhuma culpa, mas eu fui abominável. E retornei a Richmond na mesma noite, embora devesse ficar com a senhora e meu pai até o dia seguinte, apenas porque estava zangado com ela até o limite. Mesmo então, eu não estava louco o bastante para não procurar uma reconciliação em seguida. Mas me sentia ofendido, ofendido pela frieza dela, e fui embora determinado a esperar que ela desse o primeiro passo. Sempre agradei a Deus que a senhora não tivesse feito parte do grupo que foi a Box Hill. Se tivesse testemunhado meu comportamento na ocasião, duvido que algum dia viesse a pensar bem de mim novamente. O efeito sobre ela foi a imediata decisão que tomou: assim que descobriu que eu partira de Randalls aceitou a oferta dessa prestativa Mrs. Elton. O tratamento geral que ela dava a Miss F., a propósito, enchia-me de indignação e ódio. Não devo discutir com um espírito de paciência que me envolveu tão prodigamente, mas de outra forma teria protestado em altos brados contra a participação dessa senhora no episódio. Chamá-la de 'Jane', imagine! A senhora deve observar que eu ainda não me permiti chamá-la por esse nome, mesmo me dirigindo à senhora. Pense, então, no que eu tive que suportar ao ouvir o nome dela sendo brandido pelos Eltons com toda a vulgaridade da repetição desnecessária e toda a insolência da imaginária superioridade deles. Peço-lhe que tenha paciência comigo, logo concluirei. Ela aceitou aquela oferta de emprego, resolvida a terminar inteiramente comigo, e no dia seguinte escreveu-me para dizer que nunca mais deveríamos nos encontrar. Sentia que o noivado era uma fonte de sofrimento e arrependimento para ambos e, portanto, estava terminado. Esta carta chegou às minhas mãos na mesma manhã da morte de minha pobre tia. Eu a respondi menos de uma hora depois, mas, com a confusão em minha mente e todas as coisas acontecendo ao mesmo tempo, a resposta, ao invés de ser enviada junto com as outras cartas daquele dia, ficou trancada na minha escrivaninha. E eu, acreditando ter escrito o suficiente para satisfazê-la, embora em poucas linhas, permaneci à espera sem qualquer inquietação. Fiquei desapontado por não ter notícias tão rapidamente quanto esperava, mas imaginava desculpas para ela, estava

muito ocupado e... devo acrescentar?... muito confiante no futuro para imaginar algum mal. Eu e meu tio fomos para Windsor; e dois dias depois recebi um pacote da parte dela, com todas as minhas cartas de volta! Junto chegou um bilhete, no qual ela manifestava sua extrema surpresa por não ter tido uma resposta à última carta que escrevera e acrescentando que, como tal silêncio não podia ser interpretado de maneira errada, e que seria igualmente desejável para os dois terminar o compromisso o mais rápido possível, ela estava remetendo, pelo transporte mais seguro, todas as minhas cartas. Pedia-me que, caso não pudesse mandar as dela para Highbury dentro de uma semana, deveria mandá-las depois para... E seguia-se o endereço completo de Mrs. Smallridge, perto de Bristol, que saltou diante de meus olhos. Eu conhecia o nome, o lugar, sabia tudo sobre o assunto e imediatamente vi o que ela pretendia fazer. Estava perfeitamente de acordo com a firmeza de caráter que eu sabia que ela possuía. E o segredo que mantivera com tanto cuidado na última carta era igualmente um indicio de sua ansiosa delicadeza. Jamais poderia parecer, perante o mundo inteiro, que ela tentasse ameaçar-me. A senhora pode imaginar o choque, até que eu descobrisse meu próprio erro fiquei culpando o correio. O que devia ser feito? Apenas uma coisa: eu devia falar com meu tio. Sem o consentimento dele, não tinha esperanças de que ela me ouvisse. Falei com ele e as circunstâncias estavam a meu favor. O evento recente havia suavizado seu orgulho, e ele tornou-se, muito antes do que eu imaginara, bastante reconciliado com a ideia e conformado. Por fim, o pobre homem conseguiu dizer, com um profundo suspiro, que desejava que eu encontrasse no casamento a mesma felicidade que ele tivera no dele. Senti que a minha felicidade seria de um tipo diferente... A senhora estaria disposta a ter pena de mim por tudo que sofri ao contar a situação a ele, por todo o meu suspense enquanto a situação não se resolvia? Não, não me perdoe antes de eu lhe contar o que senti ao voltar a Highbury e ver como a deixei doente. Não me perdoe antes de saber como a aparência dela era pálida e doentia. Cheguei a Highbury em uma hora do dia em que, conhecendo o horário tardio em que tomavam o café da manhã, sabia que teria uma boa chance de encontrá-la sozinha. Não me desapontei, nem tampouco me decepcionei com o objetivo da minha viagem. Tive que lutar para persuadi-la e desfazer todos os desgostos que causei, que com justa razão a magoaram. Mas está feito, estamos reconciliados. Ela me é muito querida, muito mais do que antes, e nem uma inquietação momentânea poderá ocorrer entre nós outra vez. Agora, minha cara senhora, devo liberá-la, mas não posso concluir ainda. Milhares e milhares de agradecimentos pela bondade que a senhora sempre demonstrou para comigo, e dezenas de milhares pelas atenções que o seu coração dará a ela. Se acha que estou a caminho de ser mais feliz do que mereço, sou da mesma opinião. Miss W. diz que sou um favorito da fortuna. Espero que esteja certa. Em um aspecto minha fortuna é certa, o de ser capaz de me subscrever”.

“Seu grato e afetuoso filho”

“F. C. Weston Churchill”

CAPÍTULO XV

Esta carta deve ter encontrado o caminho para o coração de Emma. Como Mrs. Weston previra, ela foi obrigada a fazer total justiça a ele, apesar de sua prévia determinação em contrário. Assim que chegou à parte em que seu nome era citado, ficou irresistível. Cada linha que se referia a ela era interessante, e quase tudo era agradável. E quando este encanto cessou, ainda assim o assunto se manteve por si só, devido ao retorno natural de seu antigo afeto pelo autor da carta, e a forte atração que qualquer história de amor exercia sobre ela no momento. Emma não parou até ler tudo, e ainda que fosse impossível deixar de sentir que ele errara, estivera menos errado do que ela havia pensado. Além disso, ele sofrera e sentia tanto... e era tão agradecido a Mrs. Weston, e tão apaixonado por Miss Fairfax, e ela mesma estava tão feliz que não podia ser muito severa. Se ele entrasse na sala naquele momento, ela o teria cumprimentado tão calorosamente como sempre.

Ficara tão bem impressionada com a carta que, quando Mr. Knightley voltou a visitá-la, pediu que ele a lesse. Estava certa de que Mrs. Weston gostaria que o seu conteúdo fosse comunicado, especialmente para alguém como Mr. Knightley, que vira tantas coisas condenáveis na conduta de Frank Churchill.

– Ficaria muito feliz em ler a carta – disse ele – mas me parece um tanto longa. Vou levá-la para casa à noite.

Mas não era possível, Mr. Weston viria visitá-los à tardinha e Emma deveria devolver a carta por ele.

– Eu preferia ficar conversando com você – ele respondeu – mas como é uma questão de justiça, então que seja.

Mr. Knightley começou a ler, mas parou logo em seguida para dizer:

– Se tivessem me oferecido para ler uma das cartas desse cavalheiro para sua madrastra alguns meses atrás, Emma, eu não agiria com a mesma indiferença de agora.

Continuou lendo para si mesmo por mais algum tempo. E então, com um sorriso, observou:

– Humm!... Uma bela introdução, com os cumprimentos, bem no estilo dele. O estilo de um homem não deve servir de regra para outro. Não devemos ser severos.

– Seria natural para mim dizer minha opinião em voz alta enquanto leio – observou ele, pouco depois. – Dessa maneira eu sentiria que estou perto de

você, e não consideraria uma perda tão grande de tempo. Mas se você não gosta...

– Absolutamente. Gostaria muito disso.

Mr. Knightley retornou à leitura com grande entusiasmo.

– Ele está gracejando quanto à tentação – disse ele. – Sabe que está errado e não tem nada racional para alegar como motivo. Mau... Não devia ter ficado noivo. “A índole do pai”, ele é injusto com o pai, no entanto. O temperamento otimista de Mr. Weston foi uma benção em todos os seus honrados e corretos esforços; mas Mr. Weston merecia que ele primeiro o confortasse antes de pretender ganhar o seu perdão... Verdade, ele não chegou até que Miss Fairfax estivesse aqui.

– E eu não esqueci – disse Emma – como você estava seguro de que ele poderia ter vindo antes, se quisesse. Você foi muito elegante em não mencionar isso... mas estava perfeitamente certo.

– Eu não estava sendo imparcial no meu julgamento, Emma... Mas, mesmo que *você* não estivesse envolvida no caso, ainda assim eu acho que não confiaria nele.

Quando ele chegou à parte que mencionava Miss Woodhouse, obrigou-se a ler em voz alta tudo o que se referia a ela, parando às vezes para um sorriso, um olhar, um meneio de cabeça, uma ou duas palavras de concordância ou desaprovação, ou simplesmente de amor, conforme o assunto requeria. No entanto, concluiu com seriedade e, depois de uma profunda reflexão, disse:

– Muito mau, embora pudesse ter sido pior. Ele fez um jogo muito perigoso. A dívida moral dele em toda essa situação é muito grande para permitir sua absolvição. Não julgue as atitudes dele pelas suas. Sempre decepcionado em seus próprios desejos, e pouco se importando com nada que não fosse sua própria conveniência. Imaginou que você tivesse descoberto seu segredo. Bastante natural! Como a mente dele estava cheia de intrigas, achava a mesma coisa dos outros. Mistério, refinamento... Como ele subverte a compreensão! Minha Emma, isso tudo não serve para provar cada vez mais a beleza da verdade e da sinceridade que sempre estão presentes no modo com que lidamos um com o outro?

Emma concordou, mas ficou corada ao pensar em Harriet, em relação a quem não podia dar nenhuma explicação sincera.

– É melhor continuar a ler – disse ela.

Ele o fez, mas logo parou novamente para dizer:

– O piano! Ah! Esse foi o ato de um homem jovem, jovem demais para considerar que a inconveniência de tal presente poderia suplantar o prazer de recebê-lo. Uma atitude infantil, na verdade! Não posso compreender que um homem decida dar a uma mulher uma prova de amor que ela não deseja. E ele sabia que ela teria impedido a chegada do instrumento, se pudesse.

Depois disso ele seguiu com a leitura, sem fazer mais pausas. A confissão de Frank Churchill, de que se comportara de modo vergonhoso, foi a primeira coisa que requeria mais do que uma palavra a respeito.

– Concordo totalmente com o senhor, Mr. Frank Churchill – foi a observação de Mr. Knightley. – O senhor agiu de forma vergonhosa. Nunca escreveu uma frase mais verdadeira.

E começando a ler o que se seguia, sobre os motivos do seu desentendimento, e a persistência dele em agir contra os princípios de certo e errado de Jane Fairfax, Mr. Knightley fez uma longa pausa para dizer:

– Isto é muito ruim. Ele a induziu, pelo bem dele, a colocar-se em uma situação de extrema dificuldade e desconforto, quando o primeiro objetivo dele deveria ser o de evitar qualquer sofrimento a ela. Ela deve ter tido muito mais problemas do que ele, para manter esse tipo de situação. Ele deveria ter respeitado os escrúpulos dela, até mesmo os menos razoáveis, se fosse o caso. Mas eram todos muito razoáveis. Devemos considerar que a única falta dela, quando agiu errado em concordar com o noivado secreto, não merecia ser punida com tal rigor.

Emma sabia que agora ele estava chegando à parte da excursão a Box Hill, e tornou-se mais inquieta. O comportamento dela mesma havia sido tão impróprio! Estava profundamente envergonhada, e um pouco temerosa do próximo olhar dele. No entanto, ele terminou a leitura de modo firme e atento, sem fazer a menor observação. Exceto por um único olhar, que ele logo desviou para não causar-lhe dor, não parecia existir mais nenhuma lembrança de Box Hill.

– Não há muito que dizer sobre a delicadeza de nossos bons amigos, os Eltons – foi a próxima observação dele. – Os sentimentos dele são muito naturais... O quê? Ela decidiu terminar tudo com ele?... Sentia que o noivado era uma fonte de sofrimento e arrependimento para ambos, e terminou com tudo... Que boa noção isso nos dá da percepção dela sobre o comportamento dele!... Bem, esse rapaz deve ser o mais extraordinário...

– Não, não, continue a ler!... Verá o quanto ele realmente sofreu.

– Espero que sim – respondeu Mr. Knightley, friamente, retomando a

leitura. – Smallridge! O que significa isso? O que quer dizer?

– Jane Fairfax havia concordado em trabalhar como governanta das crianças de Mrs. Smallridge... uma querida amiga de Mrs. Elton, vizinha de Maple Grove. E, a propósito, como será que Mrs. Elton suportou a decepção?

– Não diga mais nada, minha querida Emma, enquanto sou obrigado a ler... Nem mesmo sobre Mrs. Elton. Só mais uma página, e logo vou terminar. Que carta enorme esse rapaz escreveu!

– Gostaria que tivesse lido com um espírito mais benevolente em relação a ele.

– Bem, *existe* realmente sentimento no que ele escreve... Parece ter de fato sofrido ao vê-la doente. Certamente não posso ter dúvida de que ele realmente a ama. “Querida, mais querida do que nunca”... Espero que ele continue por muito tempo a sentir todo o valor dessa reconciliação. Ele agradece de modo muito liberal, com seus milhares e dezenas de milhares. “Mais feliz do que mereço” Ele conhece bem a si mesmo, de fato... “Miss Woodhouse diz que sou um favorito da fortuna” Estas foram mesmo as palavras de Miss Woodhouse, então?... E um belo final. Aqui está a carta... O favorito da fortuna! Foi assim que o chamou, não é?

– Você não parece tão satisfeito com a carta quanto eu. Ainda assim acho que deve, pelo menos eu espero que deva, pensar melhor dele por causa disso. Espero que a carta o ajude a aceitá-lo um pouco mais.

– Sim, com certeza isso aconteceu. Ele cometeu muitos erros, de falta de consideração, falta de raciocínio, e concordo plenamente com a opinião dele de que provavelmente será mais feliz do que merece. Mas ele está, sem dúvida nenhuma, muito apaixonado por Miss Fairfax, e logo terá, eu espero, a vantagem de estar constantemente com ela. Estou pronto a acreditar que seu caráter irá melhorar, e que deve adquirir pela convivência com ela a firmeza e delicadeza de princípios que lhe faltam. Agora, gostaria de falar-lhe de outra coisa. Tenho os interesses de outra pessoa tão presentes no meu coração, no momento, que não posso pensar muito tempo sobre Frank Churchill. Desde que a deixei hoje de manhã, Emma, tenho pensado muito em outro assunto.

O assunto foi dito simplesmente, naquele inglês sem afetação e cortês que um cavalheiro como Mr. Knightley usava mesmo com a mulher a quem amava. Tratava-se de pedi-la em casamento sem prejudicar a felicidade de seu pai. A resposta de Emma estava na ponta da língua. “Enquanto seu querido pai visse, não deveria mudar sua condição. Jamais poderia deixá-lo”. No entanto, apenas parte desta resposta foi aceita por ele. Mr. Knightley sentia que a

impossibilidade de ela deixar o pai era tão forte quanto ela mesma, mas não podia concordar que não fosse possível qualquer outra mudança. Ele estivera pensando nisso, profunda e intensamente. A princípio pensara em convencer Mr. Woodhouse a mudar-se para Donwell com eles. Desejava acreditar que era possível, mas conhecia bem demais Mr. Woodhouse para não suportar decepcioná-lo. Acabou por convencer-se que essa mudança seria um risco para o conforto de Mr. Woodhouse, talvez até para sua vida, que não podia ser arriscada absolutamente. Tirar Mr. Woodhouse de Hartfield! Não, sentia que não devia tentar uma coisa assim. Mas o plano que surgiu, quando este foi posto de lado, ele achava que não iria encontrar nenhuma objeção por parte de sua querida Emma. Era a proposta de que ele mesmo se mudasse para Hartfield, enquanto a felicidade ou a vida de Mr. Woodhouse dependesse de continuar em Hartfield que era o lar dele. Neste caso passaria a ser o lar de Mr. Knightley também.

Emma já havia pensado na possibilidade de todos se mudarem para Donwell. Como ele, pensara nesse plano e o rejeitara, mas não lhe ocorrera outra possibilidade. Ela tinha consciência de todo o afeto que ele demonstrava. Sentia que, ao deixar Donwell, Mr. Knightley estaria sacrificando uma grande parte de sua independência de tempo e hábitos. Que viver constantemente com seu pai, e em uma casa que não era a sua, implicaria suportar muitas coisas. Ela prometeu pensar no assunto, e aconselhou-o a pensar mais sobre isso também, mas Mr. Knightley tinha certeza que nenhuma reflexão posterior iria alterar seus desejos ou sua opinião sobre o assunto. Ele considerara todas as possibilidades, longa e calmamente, podia garantir a ela. Afastara-se de William Larkins durante toda a manhã, para poder pensar no assunto.

– Ah! Ai está uma dificuldade em que não pensei – exclamou Emma.
– Tenho certeza que William Larkins não vai gostar disso. Deve pedir o consentimento dele antes de pedir o meu.

Ela prometeu, no entanto, pensar sobre isso. E prometeu ainda um pouco mais, que pensaria no assunto com a intenção de considerá-lo um bom esquema.

É impressionante que Emma, nos muitos e muitos pontos de vista sob os quais agora considerava Donwell Abbey, não fosse acometida por nenhum senso de injustiça em relação ao seu sobrinho Henry, cujos direitos como herdeiro foram outrora tão tenazmente defendidos por ela. Considerou a possível diferença que isso faria para o pobre garoto, e mesmo assim apenas sorriu ao pensar no assunto. Achou divertido descobrir a verdadeira causa de seu desgosto com a ideia de ver Mr. Knightley casado com Jane Fairfax, ou qualquer outra dama, que na época ela imputara apenas à sua amável solicitude de tia e irmã.

A proposta dele, de que se casassem e continuassem em Hartfield, quanto mais Emma a considerava, mais agradável lhe parecia. Os problemas pareciam diminuir, as vantagens para ela aumentavam, e o bem de todos parecia superar qualquer inconveniente. Ter tal companheiro junto dela nas horas de ansiedade e alegria que viriam no futuro! Um companheiro como ele para ajudá-la em todos aqueles cuidados e obrigações, que com o tempo apenas aumentariam em melancolia!

Ela estaria muito feliz, se não fosse pela pobre Harriet. Cada benção que caía sobre ela, porém, parecia aumentar os sofrimentos da amiga, que agora deveria ser até mesmo excluída de Hartfield. O delicioso grupo familiar que Emma estava assegurando para si não poderia contar, por caridosa cautela, com a presença da pobre Harriet. Ela seria desafortunada em qualquer sentido e Emma não podia deplorar a sua futura ausência como qualquer diminuição de seu próprio prazer. Em tal grupo Harriet seria mais um peso morto que o contrário, mas para a pobre moça devia parecer uma necessidade cruel e peculiar, que a colocaria em um estado de punição imerecida.

Com o tempo, é claro, Mr. Knightley seria esquecido, isto é, suplantado, mas não se poderia esperar que fosse logo. Mr. Knightley, por si mesmo, nada faria para apressar a cura, como Mr. Elton fizera. Mr. Knightley, sempre tão bondoso, tão sensível, tão cheio de consideração por todos, nunca mereceria ser menos adorado do que era agora. E seria demais esperar, mesmo de Harriet, que ela se apaixonasse por mais do que *três* homens no mesmo ano.

CAPÍTULO XVI

Foi um grande alívio para Emma perceber que Harriet estava tão desejosa de evitar um encontro quanto ela própria. Sua comunicação por carta já fora dolorosa o suficiente, quanto pior seria se elas fossem obrigadas a se encontrar!

Harriet expressou-se muito melhor do que seria de se esperar, sem reprovações ou consciência aparente de ter sido maltratada. Emma imaginava, no entanto, que devia haver um pouco de ressentimento, algo que parecia envolver o sentido de suas palavras, o que aumentava a conveniência de ficarem separadas. Podia ser apenas sua própria consciência, mas lhe parecia que só um anjo não se ressentiria diante de tal golpe.

Emma não teve dificuldade em obter um convite de Isabella, e foi afortunada em ter um bom motivo para isso sem recorrer a mentiras. Harriet tinha um problema nos dentes e, já há algum tempo, desejava realmente consultar um dentista. Mrs. John Knightley ficara encantada em ajudar, tudo que se referisse a problemas de saúde era uma recomendação para ela. Embora não confiasse tanto num dentista quanto em Mr. Wingfield ficou ansiosa para ter Harriet sob seus cuidados. Depois de acertar tudo com a irmã, Emma fez a proposta para a amiga, e achou-a bastante receptiva. Harriet resolveu aceitar e foi convidada a ficar pelo menos quinze dias; a carruagem de Mr. Woodhouse deveria levá-la. Foi tudo organizado e acertado, e logo depois Harriet estava a salvo em Brunswick Square.

Agora Emma podia, de fato, apreciar as visitas de Mr. Knightley. Agora podia falar e ouvir com verdadeira felicidade, sem ser acometida por aquela sensação de injustiça, de culpa, ou até de algo mais doloroso que a assombrava quando se lembrava da amiga, ali tão perto dela e com o coração partido. Era difícil pensar em quanto Harriet devia estar triste no momento, suportando um sofrimento que fora provocado por ela.

A diferença de Harriet na casa de Mrs. Goddard ou em Londres era bastante grande para os sentimentos de Emma. Talvez fosse até pouco razoável, mas ela não podia pensar na amiga em Londres sem ter diversas coisas para diverti-la e ocupá-la, que fariam com que evitasse pensar no passado, levando-a a superar.

Emma não permitiria que outra preocupação tomasse o lugar que Harriet tinha ocupado em sua mente. Havia uma comunicação que apenas *ela* era encarregada de fazer: a confissão de seu noivado ao pai. Mas não faria nada no momento, resolvera postergar a revelação até que Mrs. Weston estivesse

tranquila e bem. Nenhuma outra agitação deveria surgir nesse período entre aquelas pessoas a quem amava... Não se permitiria sofrer por antecipação, antes do tempo certo. Devia ter para si pelo menos quinze dias de lazer e paz de espírito, para coroar aquele cáldo deleite, sem qualquer preocupação.

Ela logo decidiu, tanto por dever como por prazer, usar meia hora desse período tão tranquilo para visitar Miss Fairfax. Devia ir, realmente, e estava ansiosa por vê-la. A semelhança de suas situações aumentava os motivos que já tinha para demonstrar sua boa vontade. Seria uma satisfação *secreta*, mas a consciência de que estavam diante de perspectivas bastante similares com certeza aumentava muito o interesse com que ela esperava qualquer coisa que Jane desejasse confidenciar-lhe.

Ela foi, afinal. Já havia batido na porta sem sucesso uma vez, mas não havia entrado na casa desde a manhã seguinte ao passeio a Box Hill, quando a pobre Jane estava de tal forma angustiada que a encheria de compaixão, ainda que não suspeitasse a causa do seu maior sofrimento. O medo de ser novamente mal recebida, apesar da certeza de que estavam em casa, levou-a a esperar no corredor e pedir que anunciassem seu nome. Ouvia que Patty a anunciava, mas não houve a agitação que houvera da outra vez, quando a pobre Miss Bates se alarmou. Não, desta vez não ouviu nada além da imediata resposta “Peça-lhe que suba”. Um momento depois foi recebida ainda na escada pela própria Jane, que se adiantara ansiosamente, como se nenhuma outra recepção fosse digna dela. Emma nunca a vira tão bem, tão adorável, tão cativante. Havia nela confiança, animação e vivacidade; havia tudo que sempre faltara à sua aparência e maneiras. A moça adiantou-se com a mão estendida e disse, com voz baixa e bastante emocionada:

– É muita bondade sua, sem dúvida!... Miss Woodhouse, é impossível para eu expressar... espero que acredite... Desculpe-me por estar completamente sem palavras.

Emma ficou gratificada, e logo mostraria que a ela não faltavam palavras, se não ouvisse a voz de Mrs. Elton vinda da sala de estar. Ao invés de falar, Emma teve que expressar todos os seus sentimentos de amizade e congratulações num sincero e entusiasmado aperto de mãos.

Mrs. Bates fazia companhia a Mrs. Elton. Miss Bates não estava, o que contribuía para a tranquilidade do ambiente. Emma desejaria que Mrs. Elton estivesse em qualquer outro lugar, mas seu humor atual a levava a ter paciência com todos. E como Mrs. Elton cumprimentou-a com uma amabilidade pouco usual, ela esperou que o encontro não a aborresse.

Logo percebeu o que se passava na cabeça de Mrs. Elton, e entendeu

por que essa senhora estava, assim como ela, em tão bom humor. Ela estivera ouvindo as confidências de Miss Fairfax, e imaginava saber de algo que ainda era um completo segredo para todo mundo. Emma logo viu sintomas disso na expressão do seu rosto e, enquanto cumprimentava Mrs. Bates e aparentava ouvir a gentil resposta da velha senhora, viu Mrs. Elton dobrar uma carta – que aparentemente estivera lendo em voz alta para Miss Fairfax – com gestos misteriosos, e colocá-la na pequena bolsa cor de púrpura e dourada que estava ao seu lado. Em seguida disse, com acenos significativos:

– Podemos terminar isso outra hora, você sabe. Não faltarão oportunidades para você nem para mim. E, na verdade, você já ouviu o principal. Eu apenas queria provar-lhe que Mrs. S. aceitou nossas desculpas e não está ofendida. Você viu como ela escreve de forma deliciosa! Oh! Ela é uma doce criatura! Você teria gostado dela, se fosse para lá. Mas não falemos mais disso. Vamos ser discretas... e manter o bom comportamento. Silêncio!... Lembra-se daqueles versos... esqueci o poema no momento...

Quando uma dama está em relevância

Tudo o mais perde a importância...

Mas eu diria que no *nosso* caso, minha querida, quando se fala em *dama* deve-se entender... Humm! Não devo dizer mais nada... Estou muito animada hoje, não acha? Mas quero deixar você tranquila com relação à Mrs. S. A *minha* intervenção acalmou-a bastante.

E, mais uma vez, assim que Emma virou a cabeça para olhar o tricô que Mrs. Bates fazia, ela acrescentou, num sussurro:

– Não mencionei nenhum *nome*, você viu... Oh! Não! A cautelosa é uma questão de estado. Sei lidar com isso muitíssimo bem.

Emma não tinha a menor dúvida. Era um lugar comum, repetido sempre que havia ocasião. Depois que falaram um pouco, em completa harmonia, sobre o tempo e Mrs. Weston, Mrs. Elton dirigiu-se abruptamente a Emma, dizendo:

– A senhorita não acha, Miss Woodhouse, que nossa esperta amiguinha recuperou-se encantadoramente? Não acha que Perry tem um alto crédito por tê-la curado? (e lançou um olhar muito significativo para Jane) Posso lhe afirmar que Perry restaurou-lhe a saúde num tempo espantosamente curto!... Ah! Se a senhorita a tivesse visto, como eu, quando ela estava muito pior!...

No momento em que Mrs. Bates dizia alguma coisa para Emma, Mrs. Elton voltou a sussurrar:

– Não dissemos nada sobre alguma *consulta* que Perry possa ter feito. Nem uma palavra sobre certo jovem médico de Windsor. Oh, não! Perry deve ter todo o crédito.

– Raramente tive o prazer de vê-la, Miss Woodhouse, desde a excursão a Box Hill – ela recomeçou logo em seguida. – Um passeio muito agradável. Ainda assim acho que faltou alguma coisa. As coisas pareciam um tanto... quer dizer, algumas pessoas estavam um tanto sombrias... Pelo menos foi o que achei, mas posso ter me enganado. De qualquer forma, acho que deveríamos fazer esse passeio outra vez. O que vocês duas acham de reunirmos o mesmo grupo e irmos de novo lá enquanto o tempo ainda está bom? Tem que ser o mesmo grupo, exatamente o mesmo, sem *uma* exceção sequer.

Logo depois disso, Miss Bates chegou e Emma não pôde evitar se distrair com a perplexidade da primeira resposta dela. Achava que, pelo visto, isso se devia ao fato de Miss Bates não saber o que dizer, e também à impaciência para dizer tudo.

– Obrigada, Miss Woodhouse, a senhorita é tão bondosa... É impossível expressar... Sim, de fato, entendo perfeitamente... As perspectivas da querida Jane, quero dizer, não sei se... Mas ela está bastante recuperada... Como está Mr. Woodhouse?... Fico tão feliz.. Não está em minhas mãos... Que bela reunião temos aqui... Sim, de fato... Um jovem encantador!... Isto é... Tão amigável. Refiro-me ao nosso querido Mr. Perry! Foi tão atencioso com Jane!...

Pela demonstração de sua enorme, sua mais do que habitual enorme delícia de ver Mrs. Elton ali, Emma suspeitou que devesse ter havido algum ressentimento em relação à Jane, da parte do Vicariato, e que agora já estava graciosamente superado. Após mais alguns sussurros, que só vieram confirmar as suspeitas de Emma, Mrs. Elton falou de novo em voz alta:

– Sim, aqui estou, minha boa amiga. E aqui estou há tanto tempo que acredito ser necessário desculpar-se. A verdade é que estou esperando pelo meu amo e senhor. Ele prometeu vir buscar-me aqui e apresentar-lhes seus respeitos.

– Como? Então teremos o prazer de uma visita de Mr. Elton? Seria uma grande honra, de fato! Eu sei que os cavalheiros não gostam de fazer visitas matinais, e ele está sempre tão ocupado!

– Dou-lhe minha palavra que é mesmo assim, Miss Bates. Ele realmente vive ocupado da manhã à noite. Não dá para contar a quantidade de pessoas que o procuram, por um motivo ou outro. Os magistrados, os

supervisores, os administradores da igreja estão sempre lhe pedindo opiniões. Parece que não são capazes de fazer nada sem ele! “Pelo amor de Deus, Mr. E” eu lhe digo sempre “antes o senhor do que eu... não sei o que seria dos meus lápis de desenho ou do meu piano, se eu tivesse a metade dos seus requerentes”. O pior de tudo é que venho negligenciando a música e a pintura até um grau imperdoável. Não creio que tenha tocado um acorde sequer na última quinzena. Bem, ele está chegando, posso assegurar. Não creio que devam esperar muito. – Então colocou uma mão sobre a boca, para que Emma não ouvisse o que ia dizer – Uma visita de congratulações, como sabe... Oh, sim! É indispensável!

Miss Bates olhava para ela com tanta felicidade!

– Ele prometeu que viria assim que conseguisse se liberar da reunião com Knightley. Ele e Knightley estão juntos em profunda consulta. Mr. E é o braço direito de Knightley.

Emma não iria sorrir por nada deste mundo, e apenas perguntou:

– Mr. Elton foi a pé até Donwell? Vai ser uma caminhada um tanto quente.

– Oh, não! É uma reunião na Crown, uma das reuniões periódicas. Weston e Cole vão estar lá também, mas devemos falar apenas dos que dirigem. Imagino que Mr. E e Knightley façam as coisas todas do seu modo.

– A senhora não se enganou sobre o dia? – disse Emma. – Estou quase certa de que a reunião na Crown será amanhã... Mr. Knightley esteve em Hartfield ontem e disse que seria no sábado.

– Oh, não, não, a reunião é hoje, com certeza – foi a abrupta resposta, que demonstrava a impossibilidade de qualquer erro da parte de Mrs. Elton. – Acredito – continuou ela – que esta seja a paróquia mais cheia de problemas que já existiu, nunca ouvi falar de tais coisas em Maple Grove.

– Mas a paróquia de lá deve ser pequena – disse Jane.

– Dou-lhe minha palavra que não sei, minha querida, jamais ouvi falar disso.

– Mas está provado pelo pequeno tamanho da escola, da qual a senhora me falou, que está sob os cuidados da sua irmã e de Mrs. Bragge. É a única escola, e não tem mais de vinte e cinco crianças.

– Ah, criatura esperta, é verdade. Que cabecinha pensante você tem! Olhe, Jane, fico pensando em que criatura perfeita nós faríamos, se fôssemos misturadas. Minha vivacidade e a sua firmeza produziriam a perfeição. Não que

eu pretenda insinuar que *alguém* não imagine que *você* já é perfeita como está. Mas, silêncio! Nem uma palavra, por favor.

Parecia uma cautela desnecessária, pois Jane pretendia falar com Miss Woodhouse e não com Mrs. Elton, como Emma claramente notou. O desejo de distingui-la, tanto quanto a civilidade permitia, era bastante evidente, embora não pudesse muitas vezes passar de um olhar.

Mr. Elton chegou, e sua esposa saudou-o com um pouco de sua luminosa vivacidade.

– Muito bonito, meu senhor! Mandar-me para cá, para estorvar meus amigos até que o senhor se dignasse vir buscar-me!... Mas conhece a criatura obediente com a qual está lidando. Sabe que eu não iria embora até que meu amo e senhor aparecesse. Estive aqui na última hora, dando a essas damas um exemplo de obediência conjugal... pois quem poderá dizer, você sabe, se logo não irão precisar dela?

Mr. Elton estava com tanto calor, e tão cansado, que toda essa esperteza parecia desperdiçada. No entanto, devia apresentar seus cumprimentos às outras damas. Logo em seguida começou a lamentar-se sobre o calor que sentia e a caminhada que fizera à toa.

– Quando cheguei a Donwell – ele disse – não encontrei Knightley. Muito esquisito! Inexplicável, até, depois do bilhete que mandei esta manhã e que ele respondeu dizendo que estaria em casa até a uma hora.

– Donwell! – exclamou sua esposa. – Meu querido Mr. E, você não foi a Donwell!... Você quer dizer a Crown, está voltando da reunião na Crown.

– Não, não, essa reunião é amanhã, e eu queria conversar com Knightley hoje, justo sobre isso. Que manhã terrivelmente quente! Eu fui pelos campos, também... (falando num tom de profunda irritação) o que tornou tudo ainda pior. E no final não o achei em casa! Garanto-lhe que não estou nem um pouco satisfeito. Ele não deixou nem um bilhete de desculpas. A governanta disse que ele não sabia de nada sobre a minha vinda... Realmente extraordinário! E ninguém sabia sequer a direção que tomou. Talvez tivesse ido a Hartfield, talvez a Abbey-Mill, talvez para os bosques. Miss Woodhouse, isso não é próprio de Mr. Knightley! Será que pode explicar?

Emma divertiu-se muito em dizer que era realmente extraordinário, mas que não tinha nada a dizer sobre ele.

– Não posso imaginar – disse Mrs. Elton (sentindo a indignação que se espera de uma esposa) – não posso imaginar como ele pôde fazer uma coisa

dessas com você, entre todas as pessoas no mundo! A última pessoa que se imaginária pudesse ser esquecida!... Meu querido Mr. E, ele deve ter lhe deixado uma mensagem, tenho certeza que deixou. Nem mesmo Knightley pode ser tão excêntrico. Talvez os empregados tenham esquecido a mensagem, pode contar que foi isso que aconteceu. E isso só poderia ter acontecido com os criados de Donwell que, como eu mesma observei, são todos muito desajeitados e relapsos. Tenho certeza que não gostaria de ter aquele tal de Harry na nossa sala de jantar, de maneira nenhuma. E quanto a Mrs. Hodges... Wright acha que ela é muito vulgar, de fato. Prometeu uma receita para Wright e nunca a enviou.

– Encontrei William Larkins – continuou Mr. Elton – quando estava perto da casa, e ele me disse que não encontraria seu patrão em casa, mas não acreditei nele. William parecia um tanto mal humorado. Disse que não sabia o que estava acontecendo com o patrão ultimamente, mas que raramente conseguia falar com ele. Não sei nada das necessidades de William, mas é realmente muito importante que *eu* converse com Knightley hoje. E foi um transtorno muito sério, fazer essa caminhada no calor a troco de nada.

Emma sentiu que o melhor a fazer era ir para casa diretamente. Era provável que já estivessem esperando por ela, e talvez conseguisse evitar que Mr. Knightley fosse ainda mais agressivo com relação a Mr. Elton, para não falar de William Larkins.

Ela ficou contente, quando saiu, de ver que Miss Fairfax estava determinada a acompanhá-la na saída da sala, descendo até mesmo as escadas com ela. Isto lhe forneceu uma oportunidade para que ela logo aproveitasse para dizer:

– Talvez seja melhor que eu não tenha tido a possibilidade de falar-lhe a sós. Se a senhorita não estivesse cercada de amigos, talvez eu ficasse tentada a mencionar um determinado assunto, a fazer perguntas, e acabaria falando mais abertamente do que seria estritamente correto. Sinto que, com certeza, teria sido impertinente.

– Oh! – exclamou Jane, com um rubor e uma hesitação que Emma achou que lhe ficavam infinitamente melhor que toda a elegância de sua compostura habitual. – Não haveria perigo algum. O perigo teria sido eu incomodá-la. A senhorita não poderia me agradar mais do que manifestando seu interesse. Na verdade, Miss Woodhouse (falando mais recatadamente), com a consciência que tenho de ter errado em minha conduta, e errado bastante, é um grande consolo saber que aqueles entre os meus amigos cuja opinião é mais importante para mim, não ficaram desgostosos comigo ao ponto de... Não tenho tempo para dizer nem a metade do que gostaria. Eu ansiava por me desculpar,

justificar minhas atitudes. Sei que é meu dever. Mas, infelizmente... Em resumo, se a sua compaixão me permitir ser sua amiga...

– Ah, a senhorita é muito escrupulosa, de fato é – exclamou Emma, calorosamente, pegando a mão da amiga. – A senhorita não me deve desculpas, e todas as pessoas com quem acha que deve se desculpar estão tão satisfeitas, até mesmo deliciadas...

– A senhorita é muito bondosa, mas eu sei como me comportei com a senhorita... Fui tão fria e artificial!... Estava sempre representando. Foi uma vida de farsa, de enganos! Sei que devo tê-la desgostado.

– Por favor, não diga mais nada. Sou eu que devo pedir todas as desculpas. Vamos perdoar uma à outra de uma vez por todas. Façamos isso o mais breve possível para que nossos sentimentos não percam mais tempo com isso. Espero que tenha notícias boas de Windsor?

– Muitas.

– E a próxima notícia, eu creio, é que devemos perdê-la... justo quando começo a conhecê-la.

– Bem, quanto a isso nada foi decidido ainda. Vou ficar aqui até ser chamada pelo coronel e Mrs. Campbell.

– Talvez nada tenha sido decidido ainda – disse Emma, sorrindo – mas, perdoe-me, já devem ter pensado a respeito.

Jane sorriu também, ao responder:

– A senhorita está certa, já pensamos nisso. E vou lhe confessar... (tenho certeza que guardará o segredo) que já está tudo acertado quanto a vivermos com Mr. Churchill, em Enscombe. Devemos aguardar pelo menos três meses, por causa do luto fechado, mas quando esse período terminar imagino que não teremos mais motivo para esperar.

– Obrigada, muito obrigada... Era disso que eu queria ter certeza. Ah, se a senhorita soubesse quanto fico feliz que as coisas estejam decididas e claras! Adeus, adeus.

CAPÍTULO XVII

Todos os amigos de Mrs. Weston ficaram muito felizes de saber que ela estava bem. E se fosse possível aumentar a satisfação de Emma em ver a amiga bem de saúde, só podia ser por saber que ela se tornara mãe de uma menininha. Emma decidira torcer pela chegada de uma senhorita Weston, e não admitiria jamais que era com intenção de conseguir-lhe um casamento com algum dos meninos de Isabella. Estava convencida, porém, que uma menina seria o melhor para os dois, pai e mãe. Seria um grande conforto para Mr. Weston quando começasse a envelhecer – mesmo que Mr. Weston só fosse começar a envelhecer dali a uns dez anos – ter ao seu lado junto à lareira o alento das brincadeiras e diversões, dos caprichos e fantasias de uma criança que nunca precisasse ser banida do lar. E quanto a Mrs. Weston, ninguém podia duvidar que uma filha fosse o melhor para ela, pois seria uma pena que alguém tão capacitada para educar uma criança não pudesse mais exercitar suas aptidões e habilidades.

– Ela teve a vantagem, sabe, de praticar comigo – continuou Emma – como a baronesa d’Almane fez com a condessa d’Ostalis, em “Adelaide e Theodore”, de Madame de Genlis.^[1] Agora poderemos ver Mrs. Weston educar a sua própria Adelaide de acordo com o plano mais perfeito.

– Isso quer dizer – respondeu Mr. Knightley – que ela vai ser ainda mais indulgente com a filha do que foi com você, acreditando que não está, em absoluto, sendo indulgente. Será a única diferença.

– Pobre menina! – exclamou Emma – Desse jeito, o que será dela?

– Nada de muito ruim. Terá o mesmo destino de milhares de outras. Será desagradável na infância e aprenderá a se corrigir na medida em que crescer. Estou perdendo toda minha amargura contra crianças mimadas, minha querida Emma. Logo eu, que devo toda minha felicidade a *você*, não estaria sendo terrivelmente ingrato se fosse severo para com elas?

Emma riu e respondeu:

– Mas eu contei com todos os seus esforços no sentido de contrabalançar a indulgência das outras pessoas. Duvido que meu próprio bom senso tivesse me corrigido, se não fosse isso.

– Acha mesmo? Eu não tenho dúvidas, a natureza lhe deu compreensão e Miss Taylor lhe deu princípios. Você teria se saído bem. Minha interferência poderia causar tanto bem quanto mal. Seria muito natural para você dizer “que direito ele tem de me repreender?”... E temo que também seria natural se

achasse que eu o fazia de forma muito desagradável. Não acho que tenha lhe feito algum bem. O bem foi todo para mim, por fazer de você o objeto da minha mais terna afeição. Não poderia pensar tanto em você, se não lhe tivesse amor, apesar das suas falhas. E à custa de imaginar tantos erros, acabei me apaixonando por você desde que tinha no mínimo treze anos.

– Tenho certeza que foi muito útil para mim – exclamou Emma. – Muitas vezes fui influenciada positivamente por você, mais do que podia admitir na época. Estou bastante certa que me ajudou muito. E se a pobrezinha da Anna Weston vier a ser mimada, seria um gesto de grande humanidade de sua parte fazer por ela o mesmo que fez por mim... exceto apaixonar-se pela menina quando tiver treze anos.

– Quantas vezes, quando era uma garotinha, você me dizia, com um daqueles olhares atrevidos “Mr. Knightley, pretendo fazer isso e aquilo; papai diz que posso” ou então “Tenho a permissão de Miss Taylor”... Era algo que você sabia que eu não aprovava. Nesses casos, minha interferência lhe dava dois sentimentos ruins, ao invés de um.

– Que criaturinha agradável eu era!... Não é de admirar que guarde lembranças tão afetuosas dos meus desmandos...

– “Mr. Knightley”... Você sempre me chamava de Mr. Knightley e, por força do hábito, não me parecia tão formal. Mas, ainda assim, é muito formal. Gostaria que me chamasse de outra coisa, mas não sei de quê.

– Eu me lembro de tê-lo chamado de “George” uma vez, quando estava em uma das minhas disposições mais amigáveis, há uns dez anos atrás. Falei aquilo porque queria ofendê-lo, mas como você não reclamou, nunca mais o chamei desse modo.

– E não pode me chamar de George agora?

– É impossível!... Nunca poderei chamá-lo de outra coisa que não seja “Mr. Knightley”. Não prometo nem igualar a elegante concisão de Mrs. Elton, chamando-o de Mr. K... Mas prometo – ela acrescentou, rindo e ficando ruborizada – prometo que vou chamá-lo pelo seu nome de batismo pelo menos uma vez. Não posso dizer quando, mas talvez você adivinhe onde... No recinto onde os noivos recebem um ao outro, para o melhor e o pior.

Emma afligia-se por não poder falar mais abertamente sobre algo em que o bom senso dele teria sido de grande valia, pois poderia dar-lhe o conselho que a salvaria da pior de todas as suas tolices femininas: sua obstinada amizade com Harriet Smith. O assunto, porém, era muito delicado... Não podia falar disso, Harriet raramente era mencionada entre eles. Da parte dele, isso podia

simplesmente significar que não pensava muito na moça. Mas Emma estava mais inclinada a achar que ele agia assim por delicadeza, e por uma suspeita, provocada por algumas evidências, de que a amizade delas estava declinando. Emma tinha consciência de que, fossem outras as circunstâncias, elas certamente estariam se correspondendo com mais frequência, e que as notícias de Harriet não viriam, como era o caso, apenas das cartas de Isabella. Ele devia ter observado isso. No entanto, a dor de ter que esconder alguma coisa dele era ainda menor que a dor de ter feito Harriet infeliz.

Isabella mandava relatos tão bons sobre a visitante quanto seria de se esperar. Logo que Harriet chegara, Isabella havia achado que ela estava um tanto desanimada, o que parecia bastante natural, visto que teria que consultar um dentista. Mas, uma vez feito isso, ela não parecia achar que Harriet estivesse diferente de quando chegara. Isabella, com certeza, não era uma observadora muito boa, mas se Harriet não estivesse disposta a brincar com as crianças ela teria notado. Emma sentiu-se mais confortável e segura, porém, ao saber que Harriet deveria ficar por mais tempo. Seus quinze dias acabariam se tornando um mês, pelo menos. Mr. e Mrs. John Knightley deveriam vir a Hartfield em agosto, e a convidaram a ficar até que pudesse fazer a viagem de volta em companhia deles.

– John nem sequer menciona sua amiga – disse Mr. Knightley. – Eis a carta, se quiser ver.

Era a resposta à carta em que Mr. Knightley comunicava ao irmão sua intenção de casar-se. Emma pegou-a ansiosamente, impaciente para saber o que ele diria a respeito, e nem um pouco preocupada em saber que sua amiga não fora mencionada.

– John aceita a minha felicidade como um irmão deve fazer – continuou Mr. Knightley – mas não é pródigo em elogios. E mesmo que eu saiba que ele tem, provavelmente, o afeto de um verdadeiro irmão por você, ele está longe de fazer floreios, e qualquer outra mulher acharia que está sendo frio demais na maneira como se expressa. Mas não temo que você veja o que ele escreveu.

– Ele escreve como um homem sensível – respondeu Emma, após ler a carta. – Louvo a sinceridade dele. Está muito clara sua convicção de que a vantagem do casamento é inteiramente para mim, mas tem esperanças de que, com o tempo, eu venha a me tornar merecedora do seu afeto, da forma que você já me considera agora. Se ele tivesse se expressado de forma diferente, eu não teria acreditado na sua sinceridade.

– Minha Emma, ele não quis dizer isso. Apenas quis dizer...

– Eu e ele diferimos muito pouco em nossas opiniões a respeito um do outro – interrompeu ela, com um sorriso um pouco triste – menos, talvez, do que ele imagina, se é que podemos falar sobre esse assunto sem reserva ou cerimônia.

– Emma, minha querida Emma...

– Oh! – exclamou ela, com mais alegria. – Se você acha que seu irmão não me faz justiça, espere até que meu querido pai esteja de posse do nosso segredo, e dê a opinião dele. Escute o que digo, ele estará ainda mais distante de fazer justiça a *você*. Vai achar que toda a felicidade, todas as vantagens serão suas, e todo o mérito será meu. Espero que ele não me deixe oprimida com muitos “pobre Emma” da parte dele. Mas sua terna compaixão para com os oprimidos não vai além disso.

– Ah! – ele exclamou. – Espero que seu pai seja tão facilmente convencido como John será, de que nós dois temos os mesmos direitos de sermos felizes juntos. Fiquei divertido com uma parte da carta de John... Você reparou?... Onde ele diz que a notícia não o pegou inteiramente de surpresa, que ele já esperava ouvir alguma coisa desse tipo.

– Se entendi bem o seu irmão, ele apenas disse algo sobre você ter planos de se casar. Não pensava a meu respeito, estava completamente despreparado para isso.

– Sim, sim... Mas acho interessante que ele tenha conseguido enxergar tão longe nos meus sentimentos. Com base em que ele teria feito esse julgamento? Não tenho consciência de ter mudado alguma coisa na minha disposição ou no meu modo de conversar, que possa tê-lo preparado para a ideia de que eu iria me casar neste momento e não em outro. Mas assim foi, eu creio. Ouso dizer que houve alguma diferença na minha estadia com eles, nessa última vez. Acho que não brinquei com as crianças como sempre fiz. Lembro-me que uma tarde, os pobres garotos disseram “O titio parece que está sempre cansado, agora”.

Chegara a hora em que as notícias deviam ser espalhadas, para que fosse testada a sua recepção por outras pessoas. Logo que Mrs. Weston recuperou-se o suficiente para receber as visitas de Mr. Woodhouse, Emma, pensando que a gentil compreensão dela podia ser empregada em proveito de sua causa, resolveu primeiro anunciar ao pai, e depois em Randalls. Mas como dar a notícia ao pai, afinal? Pensou em fazer isso em uma hora em que Mr. Knightley estivesse ausente, ou quando seu coração não aguentasse mais e ela tivesse que falar. Mas Mr. Knightley chegou justo nessa hora, e como já tinha começado, viu-se obrigada a continuar. Teve que contar tudo ao pai, e de modo

alegre. Ela não devia transformar a notícia em motivo de tristeza para ele, falando-lhe em tom melancólico. Não devia parecer que considerava isso uma infelicidade. Com todo o controle que conseguiu reunir, preparou-o primeiro para ouvir algo estranho, e então, com poucas palavras, disse que, caso ele concordasse em dar seu consentimento e aprovação – que ela esperava seria concedido sem dificuldade, pois se tratava de um plano para promover a felicidade de todos – ela e Mr. Knightley desejavam se casar. Dessa maneira, Hartfield receberia o acréscimo da companhia de uma pessoa que ela sabia que merecia o afeto dele e que, depois das filhas e de Mrs. Weston, era quem ele mais amava no mundo.

Pobre homem!... No início ficou muito chocado, e tentou sinceramente fazê-la desistir da ideia. Lembrou a filha de que ela sempre dissera que jamais se casaria, e assegurou-lhe que seria muito melhor se continuasse solteira. Falou da pobre Isabella, e da pobre Miss Taylor... mas não adiantou. Emma abraçou-o afetuosamente, sorriu e disse que devia ser assim. Pediu-lhe que não a comparasse com Isabella ou Mrs. Weston, cujos casamentos fizeram com que se afastassem de Hartfield, produzindo, é verdade, uma melancólica mudança. Ela não sairia de Hartfield, estaria sempre ali, e não haveria mudança alguma nos seus hábitos ou confortos, a não ser para melhor. Ela estava bastante certa de que ele ficaria muito mais feliz por ter Mr. Knightley sempre à disposição, assim que se acostumasse com a ideia. Ele não adorava Mr. Knightley? Não poderia negar isso, ela sabia. A quem ele sempre consultava a respeito de negócios, se não Mr. Knightley? Quem era tão útil para ele, sempre disposto a ler suas cartas, sempre feliz em auxiliá-lo? Quem era tão gentil, tão atencioso e tão apegado a ele? Será que não gostaria de tê-lo sempre por perto?... Sim. Tudo isso era verdade. Mr. Knightley não podia ficar em Hartfield tanto quanto ele desejava. Ficaria contente de vê-lo todos os dias. Mas eles o viam todos os dias, do jeito que as coisas estavam agora... Por que não podiam continuar assim?

Mr. Woodhouse não podia aceitar a situação tão prontamente, mas o pior estava feito, a ideia fora lançada. O tempo e a constante repetição deviam fazer o resto. Aos rogos e promessas dela seguiram-se os de Mr. Knightley, cujos enormes elogios a Emma levaram a situação a um ponto mais favorável. E ele logo se acostumou a ouvi-los falar do assunto, sempre que havia uma oportunidade. Receberam todo o apoio de Isabella, que enviava ao pai cartas com a mais decidida aprovação. No primeiro encontro que tiveram, Mrs. Weston também estava pronta a considerar a situação sob a luz mais favorável; primeiro, como coisa já acertada e, segundo, como excelente ideia, sabendo da importância quase igual dessas duas recomendações para a mente de Mr. Woodhouse. Houve uma concordância geral a respeito, e todos aqueles cuja opinião Mr. Woodhouse mais respeitava, asseguraram-lhe que isso seria para a

sua felicidade. Como ele mesmo tinha alguns sentimentos que o levavam a quase dar sua aprovação, começou a pensar que dali a algum tempo, dentro de um ou dois anos, talvez, não seria assim tão ruim se o casamento se realizasse.

Mrs. Weston não estava representando um papel nem fingindo algum sentimento em tudo que dissera a favor do casamento... Havia ficado extremamente surpresa, como nunca acontecera antes, quando Emma contou-lhe sobre o assunto. Mas viu nisso um aumento da felicidade de todos, e não teve escrúpulos em encorajar Mr. Woodhouse a aceitar. Tinha tanto afeto por Mr. Knightley, a ponto de pensar que ele merecia até mesmo a sua querida Emma. E seria, em todos os aspectos, uma ligação apropriada, conveniente e irrepreensível. E havia mais um aspecto, pelo menos, da maior importância: a união era tão perfeitamente adequada, tão singularmente afortunada que agora lhe parecia que Emma jamais poderia apaixonar-se de modo seguro por qualquer outro homem no mundo, e que ela mesma havia sido a mais estúpida das criaturas, por não ter pensado nisso antes e promovido essa união há muito tempo... Quantos homens em condições de pretender a mão de Emma teriam renunciado ao próprio lar para viver em Hartfield? E quem, além de Mr. Knightley, podia conhecer bem e aceitar as manias de Mr. Woodhouse, a ponto de imaginar um arranjo tão conveniente? A dificuldade da situação do pobre Mr. Woodhouse sempre fora sentida nos planos dela e do marido, quando pensavam num casamento entre Frank e Emma. Como combinar as necessidades de Enscombe e Hartfield era um constante impedimento – menos conhecido de Mr. Weston do que dela mesma – mas mesmo ele nunca conseguia terminar o assunto sem dizer “Essas coisas se arranjam por si mesmas, os jovens encontrarão uma maneira de resolvê-las”. Mas, agora, não havia nada para ser mudado, se fosse feita qualquer especulação quanto ao futuro. Estava tudo certo, tudo claro, tudo igual. Não haveria nenhum sacrifício de alguma das partes que merecesse esse nome. Era uma união que trazia em si mesma a mais alta promessa de felicidade, sem que houvesse nenhuma dificuldade real ou racional para opor-se a ela ou adiá-la.

Mrs. Weston, com o bebê no colo, permitindo-se pensar em coisas como essas, era uma das mulheres mais felizes do mundo. Se alguma coisa podia aumentar sua felicidade era perceber que o bebê logo teria crescido o bastante para não caber mais no seu primeiro conjunto de roupinhas.

A notícia foi uma surpresa universal, onde quer que se fizesse ouvir. E Mr. Weston teve seus cinco minutos de participação nisso; mas, com sua mente rápida, cinco minutos foram suficientes para que se familiarizasse com a ideia. Viu a conveniência da união e se alegrou com ela tanto quanto sua esposa. Mas logo o espanto inicial passou e, em menos de uma hora, ele não estava longe de acreditar que sempre previra isso.

– Isso deve ficar em segredo, eu concluo – disse ele. – Essas coisas sempre são secretas, até que se descobre que todo mundo já sabia. Só me avise quando vou poder falar do assunto. Fico imaginando se Jane tem alguma suspeita...

Ele foi a Highbury na manhã seguinte e satisfez sua curiosidade quanto a esse ponto. Contou-lhe a notícia, afinal ela não era uma espécie de filha, sua filha mais velha?... Devia contar-lhe! E como Miss Bates estava presente, assim que ouviu a notícia passou-a, é claro, para Mrs. Cole, em seguida para Mrs. Perry e imediatamente após para Mrs. Elton. Isso não era nada mais do que os principais interessados esperavam. Tinham calculado quanto tempo a notícia levaria para se espalhar por toda Highbury, desde que fosse ouvida em Randalls. E quando chegou o entardecer já eram considerados muito sagazes, em vários círculos familiares da redondeza.

De forma geral, o casamento foi muito bem aprovado. Alguns achavam que era ele o mais afortunado, outros pensavam que era ela. Uma parte achava que eles deviam se mudar para Donwell e deixar Hartfield para a família de John Knightley; a outra parte previa desentendimentos entre os criados das duas casas. Ainda assim, tudo considerado, ninguém levantou nenhuma objeção séria, exceto os moradores do Vicariato... Lá, a surpresa não foi atenuada por nenhum sentimento de satisfação. Mr. Elton não ligou muito para isso, comparado à sua esposa. Ele apenas esperava que “o orgulho da jovem dama agora estivesse satisfeito” e imaginava que “ela sempre pretendia ‘fisar’ Knightley, se pudesse”. Quanto a viverem em Hartfield, exclamou ousadamente:

– Antes ele do que eu!...

Mrs. Elton ficou muito mais perturbada, na verdade.

– Pobre Knightley! Pobre homem!... Que situação triste para ele...

Ela estava muito preocupada, pois, apesar de um pouco excêntrico, ele tinha muitas qualidades. Como se deixara agarrar dessa maneira? Não podia imaginar que ele estivesse apaixonado... de forma alguma! Pobre Knightley! As alegres conversas com ele agora teriam fim... Como ele ficava feliz de jantar com eles, sempre que o convidavam! Mas tudo isso agora iria acabar. Pobre homem! Não haveria mais passeios de exploração em Donwell organizados especialmente para *ela*. Oh, não! Haveria uma Mrs. Knightley para jogar água fria em tudo. Era extremamente desagradável! Mas não lamentava ter falado mal da governanta dele, no outro dia... Que plano mais chocante esse de viverem todos juntos. Nunca iria dar certo. Conhecia uma família, perto de Maple Grove, que havia tentado algo assim e fora obrigada a separar-se em menos de três meses.

[1] Madame de Genlis (1746-1830): Governanta e escritora francesa. Foi governanta da família Bourbon e do futuro rei francês Luis Felipe e precursora de modernos métodos educacionais que seriam adotados mais tarde. Escreveu diversos livros sobre suas teorias em educação, além de novelas e romances históricos. A obra citada, “Adelaide e Theodoro”, escrita em 1783, era bastante popular na Inglaterra, onde a própria escritora gozava de muito prestígio, desde o final do século XVIII. O livro trata da educação da menina Adelaide, e é considerado parte do cânone que discute a educação feminina naquele período.

CAPÍTULO XVIII

O tempo passou. Mais alguns dias e a família de Londres estaria chegando. Seria uma mudança alarmante. Certa manhã, Emma estava pensando se isso lhe traria muita agitação ou tristeza quando Mr. Knightley chegou, e ela pôs de lado os maus pensamentos. Trocaram algumas palavras alegres e ele ficou silencioso. Depois, em tom sombrio, começou dizendo:

– Tenho uma notícia para lhe dar, Emma...

– Boa ou má? – perguntou ela, rapidamente, olhando para o rosto dele.

– Não sei bem como deve ser considerada.

– Ah! É boa, tenho certeza, vejo isso no seu rosto. Você está tentando não rir!

– Receio, minha querida Emma – disse ele, recompondo-se – que você não vai achar engraçado quando ouvir.

– É mesmo? Mas por quê?... É difícil imaginar que algo que o agrade e divirta desse modo não me agrade também.

– Há um assunto – ele respondeu – a respeito do qual nós não pensamos da mesma maneira. – Ele parou por um momento, sorrindo outra vez, com os olhos fixos no rosto de Emma – Não lhe ocorre nada? Não se lembra?... Harriet Smith.

As faces de Emma ficaram coradas à menção desse nome, e ela sentiu medo, embora não soubesse de quê.

– Teve alguma notícia dela esta manhã? – exclamou ele. – Você teve sim, eu acho, e já sabe de tudo.

– Não, não tive. Não sei de nada, por favor, diga-me.

– Vejo que está preparada para o pior... e é mesmo ruim. Harriet Smith vai se casar com Robert Martin.

Emma teve um sobressalto, mostrando que não estava preparada. Seus olhos se abriram espantados, enquanto pensava “Não, é impossível!”, mas não disse nada.

– É verdade – continuou Mr. Knightley – ouvi a notícia do próprio Robert Martin. Estava com ele até meia hora atrás.

Ela ainda olhava para ele com extraordinário espanto.

– Você não ficou satisfeita, minha querida Emma, como eu temia... Gostaria que nossas opiniões fossem as mesmas, mas com o tempo chegarão a ser. O tempo fará um de nós pensar de forma diferente, pode estar certa. E, enquanto isso, não precisamos falar muito no assunto.

– Você não está me entendendo, não está entendendo nada – respondeu Emma, com grande esforço. – Não é que essa circunstância me deixe infeliz, só que eu não consigo acreditar. Parece impossível!... Você não pode estar dizendo que Harriet Smith aceitou Robert Martin. Não pode estar dizendo que ele já propôs casamento a ela novamente... Você quer dizer apenas que ele pretende pedir, não é?

– Quero dizer que ele já fez isso – respondeu Mr. Knightley, sorrindo, mas em tom bastante decidido – e foi aceito.

– Bom Deus! – ela exclamou. – Bem!...

Então recorreu ao seu cesto de costura para esconder o rosto, e evitar que ele visse todos os agradáveis sentimentos de alívio e prazer que deviam estar expressos nele. Controlando-se, acrescentou:

– Bem, conte-me tudo, torne os fatos inteligíveis para mim. Como, onde, quando? Conte-me tudo, nunca fiquei mais surpresa, mas não estou infeliz, asseguro-lhe. Como... Como é possível?

– É uma história muito simples. Ele teve que ir a Londres a negócios, três dias atrás, e eu lhe pedi que levasse alguns documentos que eu precisava mandar para John. Ele foi até o escritório de John para entregar os papéis, e meu irmão convidou-o para juntar-se a eles aquela tarde no Astley's. Eles iam levar também os dois meninos mais velhos a essa recepção. O grupo incluía meu irmão, sua irmã, Henry, John e Miss Smith. O meu amigo Robert não pôde resistir. Eles o pegaram no caminho e todos se divertiram muito. Meu irmão então o convidou para jantar com eles no dia seguinte... e ele aceitou. Durante esse jantar, pelo que entendi, ele encontrou uma oportunidade de conversar com Harriet, e não falou em vão, com certeza. Ela aceitou o pedido e o tornou tão feliz quanto ele merecia. Robert Martin tomou a carruagem de ontem à noite e, na manhã de hoje, logo após o café, veio me ver. Deu-me primeiro as notícias sobre os meus negócios e depois me falou de seus próprios assuntos. Isso é tudo que posso dizer quanto ao onde, como e quando. Sua amiga Harriet vai contar uma história bem mais longa quando você a encontrar. Ela vai lhe dar todos os detalhes que só a linguagem feminina consegue tornar interessantes. Nós, os homens, tratamos apenas do que é essencial. Mas devo dizer que o coração de Robert Martin parece, tanto para *ele* quanto para *mim*, transbordante de felicidade. Ele mencionou também, embora não viesse muito a propósito, que

quando deixaram Astley, meu irmão tomou uma carruagem com Mrs. Knightley e o pequeno John, e Robert foi com Miss Smith e Henry em outra... E que ela ficava pouco à vontade quando estavam no meio de outras pessoas.

Ele se calou. Emma não ousava dar nenhuma resposta imediata. Estava certa de que, se falasse, iria trair sua absurda felicidade. Devia esperar um momento, ou ele pensaria que ela estava louca. Mr. Knightley estava perturbado com o silêncio dela e, depois de observá-la por um instante, acrescentou:

– Emma, meu amor, você disse que agora este fato não iria deixá-la infeliz, mas temo que tenha lhe causado mais dor do que esperava. A situação dele não é muito boa, mas você deve considerar que satisfaz sua amiga. E garanto-lhe que, à medida que o conhecer, pensará cada vez melhor dele, seus bons princípios e bom senso vão encantá-la... No que diz respeito ao rapaz, sua amiga não poderia estar em melhores mãos. Se eu puder vou elevar a posição social dele, o que é uma grande coisa, posso lhe assegurar, Emma. Você ri de mim por causa de William Larkins, mas eu podia ser poupado em relação a Robert Martin.

Ele gostaria que ela olhasse e sorrisse daquela observação. E Emma, contendo-se para não rir demais, apenas sorriu e respondeu alegremente:

– Você não precisa se incomodar em me fazer aceitar o casamento. Acho que Harriet está agindo extremamente bem. As ligações familiares *dela* podem ser piores do que as *dele*. No que se refere ao caráter, no entanto, não há dúvida de que ambos são respeitáveis. Fiquei calada porque estava surpresa, excessivamente surpresa. Não imagina como isso foi inesperado para mim, como estava despreparada!... Tinha razões para acreditar que, ultimamente, ela estava ainda mais determinada a não aceitá-lo do que antes.

– Você deve conhecer bem a sua amiga – respondeu Mr. Knightley – mas devo dizer que ela é uma menina de bom temperamento e bom coração, e não é provável que ficasse muito determinada contra um jovem que diga que a ama.

Emma não pôde se impedir de sorrir ao dizer:

– Posso jurar que você a conhece tão bem quanto eu. Mas tem certeza que ela o *aceitou*, completa e definitivamente? Posso imaginar que ela o fizesse com o tempo... mas agora já?... Será que não o entendeu mal? Vocês dois estavam falando de outras coisas, negócios, mostras de gado ou novas sementeiras... não poderia, na confusão de tantos assuntos, tê-lo entendido mal?... Não era da mão de Harriet que ele estava tão seguro, mas das dimensões de alguns touros famosos.

O contraste entre a aparência de Mr. Knightley e Robert Martin era, nesse momento, tão forte para os sentidos de Emma, quanto forte era a lembrança de tudo que se passara com Harriet. Ainda se recordava vividamente das palavras da moça, ditas com tanta veemência: “Não, acho que já me conheço o suficiente para não me interessar por Robert Martin” – que ela realmente esperava que a notícia se provasse, de alguma forma, prematura. Não podia ser de outro modo.

– Como ousa dizer algo assim? – exclamou Mr. Knightley. – Ousa supor que sou estúpido o suficiente para não entender o que um homem diz?... Sabe o que merece?

– Oh, eu sempre mereço o melhor tratamento, pois nunca aceito nenhum outro. E, além disso, você me deve uma resposta simples e direta. Tem certeza que conhece bem os termos em que se encontra agora o relacionamento de Robert Martin e Harriet?

– Tenho absoluta certeza – ele respondeu, falando de forma precisa – que Robert Martin me disse que Harriet aceitou seu pedido, e não havia nada de obscuro ou duvidoso nas palavras que ele usou. E acho que posso dar-lhe uma prova de que realmente é assim. Ele pediu minha opinião sobre o que fazer a seguir. Robert Martin não sabe de mais ninguém, além de Mrs. Goddard, a quem ele possa pedir informações sobre os parentes ou amigos de Harriet. Pedi-me que dissesse se havia algo mais adequado a fazer, além de dirigir-se a Mrs. Goddard. Assegurei-lhe que não, e ele então me disse que iria procurá-la ainda hoje.

– Estou perfeitamente satisfeita – declarou Emma, com seu sorriso mais brilhante – e desejo sinceramente que sejam muito felizes.

– Você mudou radicalmente desde que conversamos sobre o assunto a última vez.

– Espero que sim, pois naquela época eu era uma tola.

– Eu também mudei, pois agora estou bastante disposto a creditar a você todas as boas qualidades de Harriet. Fiquei muito preocupado por você e por Robert Martin (que sempre acreditei estar mais apaixonado por ela do que nunca), se viesse a se casar com Harriet. Falei bastante com ela várias vezes, você deve ter reparado. Em algumas ocasiões imagino que você tenha achado que eu estava defendendo a causa do pobre Robert Martin, o que nunca foi o caso. Mas, pelas observações que fiz, fiquei convencido que ela é uma moça ingênua, amável, de bom senso e de muito bons princípios, que deseja apenas ter a felicidade de possuir um lar e uma família. Não tenho dúvidas de que ela deve

muitas dessas coisas a você.

– A mim? – exclamou Emma, sacudindo a cabeça. – Ah! Pobre Harriet!

Ela se conteve, porém, e aceitou um pouco mais de elogios do que realmente merecia.

Mr. Woodhouse entrou na sala, interrompendo a conversa. Ela não lamentou, pois queria ficar um pouco sozinha. Sentia a mente flutuar num estado de graça, e achava impossível controlar-se. Seu espírito desejava dançar e cantar, e até que ela parasse para refletir e expressar livremente sua alegria a respeito de tudo isso não estaria pronta para fazer nada que fosse racional.

O pai viera anunciar que James estava preparando os cavalos para que fizessem a visita diária a Randalls, e Emma imediatamente aproveitou a desculpa para retirar-se.

Pode-se imaginar a sensação de alegria, gratidão e encantamento que tomou conta de Emma. O seu único motivo de queixa e tristeza era agora removido e, com a perspectiva do bem estar de Harriet, ela estava extremamente segura e feliz. O que mais poderia desejar? Nada, além de ser ainda mais merecedora dele, cujas intenções e discernimento sempre foram muito superiores aos dela. Nada, a não ser que as lições dos seus erros passados a ensinassem a ser mais humilde e circunspeta no futuro.

Ela era muito séria em sua gratidão e em suas resoluções. Ainda assim não podia evitar sorrir enquanto pensava em algumas coisas. Vibrava de alegria com tal desfecho! Um final tão feliz para o terrível desapontamento de cinco semanas atrás! Que coração... que pessoa boa era Harriet!

Agora poderia ver com alegria o próximo retorno da jovem. Tudo seria apenas prazer, como seria também um prazer conhecer Robert Martin.

A maior de suas alegrias, no entanto, era não precisar mais esconder tudo de Mr. Knightley. A dissimulação, o equívoco, o mistério, essas coisas tão odiosas de manter, logo estariam terminadas. Ela poderia olhar para ele de frente e dar-lhe a perfeita e completa confiança de que estava pronta a cumprir com sua obrigação.

Foi com a maior felicidade que Emma saiu com o pai, nem sempre ouvindo o que ele dizia, mas concordando com tudo. E, em silêncio ou com palavras, congratulando-se pela sua cômoda persuasão de fazê-lo ir a Randalls todo dia, ou a pobre Mrs. Weston ficaria desapontada.

Eles chegaram e encontraram Mrs. Weston sozinha na sala de estar.

Mas mal tinham ouvido as notícias do bebê e os agradecimentos da dama pela bondade de Mr. Woodhouse em ter ido até lá, quando perceberam de relance, através da janela, duas pessoas que passeavam no jardim.

– É Frank e Miss Fairfax – disse Mrs. Weston. – Eu ia justamente contar-lhes da agradável surpresa que tivemos ao vê-lo chegar hoje cedo. Ele fica até amanhã, e conseguimos persuadir Miss Fairfax a passar o dia conosco. Eles estão entrando, eu acho.

Em menos de um minuto os jovens entraram na sala. Emma ficou extremamente feliz ao vê-lo, porém, por causa de algumas lembranças embaraçosas da parte de ambos, houve certa perturbação naquele encontro. Cumprimentaram-se sorrindo, mas um pouco constrangidos, o que no início não lhes permitiu falar muito. Logo que se sentaram houve um silêncio geral por alguns momentos, o que levou Emma a perguntar a si mesma se o desejo que há muito sentia de rever Frank Churchill, especialmente ao lado de Jane Fairfax, lhe traria algum prazer. Quando Mr. Weston juntou-se ao grupo, no entanto, e assim que trouxeram o bebê, não faltou mais assunto para uma animada conversa. Isso proporcionou a Frank Churchill a oportunidade e a coragem para aproximar-se dela e dizer:

– Gostaria de agradecer-lhe, Miss Woodhouse, pela bondosa mensagem de perdão que me enviou em uma das cartas de Mrs. Weston. Espero que o tempo não a tenha tornado menos disposta a perdoar. Espero que não se retrate do que disse antes.

– Não, realmente – exclamou Emma, muito feliz com aquele começo – de forma alguma. Estou especialmente feliz em vê-lo e apertar sua mão... E desejar-lhe felicidades pessoalmente.

Ele agradeceu-lhe de todo coração, e continuou a conversar por algum tempo, demonstrando sinceramente sua gratidão e felicidade.

– Ela não está com uma boa aparência? – disse ele, olhando na direção de Jane. – Mais do que costumava estar?... A senhorita sabe como meu pai e Mrs. Weston a adoram.

Logo seu espírito estava novamente brincalhão e, com expressão risonha, após falar no esperado retorno dos Campbells, ele mencionou os Dixons. Emma enrubescceu, e proibiu-o de falar novamente nesse nome em sua presença.

– Não posso nem pensar nisso – ela exclamou – sem sentir extrema vergonha.

– A vergonha é toda minha – ele respondeu – ou deveria ser. Mas a senhorita nunca suspeitou?... Digo, no final... No início eu percebi que não tinha suspeita alguma.

– Nunca tive a menor desconfiança, asseguro-lhe.

– Parece espantoso. Estive muito perto de lhe contar... e quem me dera tivesse feito isso, teria sido muito melhor. Mas eu estava sempre fazendo coisas erradas, foram coisas muito ruins, de fato, e que não me ajudaram em nada. Teria cometido uma transgressão muito melhor se tivesse quebrado o segredo e lhe contado tudo!

– De nada adianta arrepende-se agora – disse Emma.

– Tenho alguma esperança – recomeçou ele – de que meu tio possa ser convencido a visitar Randalls, ele deseja conhecer Jane. Quando os Campbells voltarem devemos encontrá-los em Londres, e espero continuar lá até que eu possa levá-la ao norte. Mas agora estou tão distante dela... Não é horrível, Miss Woodhouse?... Até esta manhã, não havíamos nos encontrado desde o dia em que nos reconciliamos. A senhorita não tem pena de mim?

Emma falou de sua piedade com tanta gentileza que ele teve um acesso de riso e exclamou:

– Ah! A propósito – baixando a voz e parecendo tímido por um momento – espero que Mr. Knightley esteja bem...

Ele fez uma pausa, enquanto Emma corava e sorria. Então continuou:

– Sei que a senhorita leu a minha carta, e espero que se lembre do meu desejo a seu favor. Permita que retorne suas congratulações. Asseguro-lhe que soube da notícia com o mais cáldo interesse e satisfação... Ele é um homem que dispensa elogios, em todos os aspectos.

Emma ficou encantada e esperava que ele continuasse a falar disso no mesmo tom. Mas a mente do rapaz já voltara aos seus próprios assuntos e à sua querida Jane. Em seguida disse:

– A senhorita já viu uma pele como a dela? Tão suave e delicada!... E sem ser clara, na verdade. Não se pode dizer que seja clara. Ela tem uma aparência incomum, com seus cílios e cabelos negros e a pele perfeita para isso! A beleza dela é muito peculiar! Sua pele tem apenas cor suficiente para dar-lhe uma beleza especial.

– Sempre admirei a cútis de Jane – respondeu Emma – mas me lembro do tempo em que o senhor a criticava por ser tão pálida... Quando falamos sobre

ela a primeira vez... Será que esqueceu?

– Oh, não!... Eu era um cão cínico naquela época!... Como tive essa ousadia?...

Mas ele ria com tanto gosto dessa lembrança que Emma não pode evitar dizer:

– Desconfio que, apesar de suas confusões naquela época, o senhor divertiu-se bastante em enganar a todos nós... Tenho certeza que sim... Tenho certeza que isso lhe serviu de consolo.

– Oh, não! Não, de forma alguma... Como pode me julgar capaz disso? Eu era o mais infeliz dos homens!

– Nem tão infeliz assim a ponto de não ficar alegre. Tenho certeza que foi uma fonte de enorme divertimento sentir que estava enganando a todos nós. Talvez eu seja a pessoa indicada para suspeitar, pois, para dizer a verdade, creio que também me divertiria muito em uma ocasião como essa. Acho que há alguma semelhança entre nós.

Ele fez uma reverência.

– Se não temos naturezas semelhantes – ela acrescentou, com um olhar de profunda reflexão – há semelhança em nossos destinos, que nos presenteou com duas pessoas de caráter muito superior ao nosso.

– É verdade, é bem verdade – ele exclamou, calorosamente. – Não, não é verdade no seu caso. Não há ninguém superior à senhorita, mas no meu caso é verdade. Ela é um verdadeiro anjo. Olhe para ela, não é um anjo em cada gesto? Observe a curva do pescoço, os olhos dela enquanto fita meu pai. A senhorita ficará contente em saber (inclinando a cabeça e sussurrando com toda seriedade) que meu tio pretende dar-lhe todas as jóias que foram de minha tia. Vou mandar montá-las novamente, e estou disposto a transformar algumas delas em uma tiara. Não ficaria linda nos cabelos negros dela?

– Muito linda, realmente.

Emma falou com tanta gentileza que ele não se conteve e exclamou:

– Como fiquei encantado de vê-la novamente! E com uma aparência tão boa! Não gostaria de ter perdido este encontro por nada no mundo. Se a senhorita não viesse, eu teria ido visitá-la em Hartfield.

Os outros continuavam falando da criança e Mrs. Weston lhes contava do pequeno alarme que sentira na noite anterior, quando a pequena parecia não estar muito bem. Ela agora achava que tinha sido tola, mas ficara tão alarmada

que estivera a ponto de mandar chamar Mr. Perry. Talvez ficasse envergonhada, mas Mr. Weston estava tão alarmado quanto ela... Dez minutos depois, no entanto, a criança parecia perfeitamente bem. Ao ouvir a história Mr. Woodhouse considerou-a particularmente interessante; achava muito conveniente da parte dela ter pensado em chamar Mr. Perry, e apenas lamentava que ela não o tivesse feito. “Ela devia sempre chamar Mr. Perry se a criança apresentasse o menor sinal de distúrbio, mesmo que fosse apenas por um momento. Nunca era cedo para se alarmar, nem era demais chamar Mr. Perry. Era uma pena que o médico não tivesse vindo na noite passada, pois embora a criança parecesse bem agora, provavelmente teria sido melhor se Mr. Perry a tivesse visto”.

Frank Churchill pegou o nome de Mr. Perry no meio da conversa.

– Perry! – disse para Emma, enquanto tentava encontrar o olhar de Jane. – Meu amigo Mr. Perry! O que estão dizendo sobre Mr. Perry?... Ele esteve aqui esta manhã?... E como ele se desloca agora, já comprou a carruagem?

Emma lembrou-se imediatamente e entendeu a brincadeira. E, enquanto ria junto com ele, era evidente pelo semblante de Jane que ela também estava ouvindo, apesar de fingir-se de surda.

– Que sonho extraordinário aquele que eu tive! – ele exclamou. – Não consigo pensar nisso sem rir. Ela está nos ouvindo, Miss Woodhouse, está ouvindo sim... Vejo isso no seu rosto, no sorriso e na tentativa fracassada de manter-se séria. Olhe para ela. Não dá para perceber que, neste mesmo instante, está passando pela sua mente o trecho da carta em que me contava esse fato? Está pensando no próprio engano... Reparou que ela só consegue ouvir o que digo, enquanto finge escutar os outros?

Jane foi obrigada a abrir um largo sorriso. Ainda sorrindo, virou-se para ele e disse com uma voz baixa, mas firme:

– Como você suporta essas lembranças é algo que ainda me espanta!... Algumas vezes elas com certeza *irão* impor-se... Mas como pode *buscá-las* deliberadamente?

Ele tinha muito a dizer em resposta, e de modo bastante divertido. Emma, porém, concordava com Jane nessa questão. Ao deixar Randalls, Emma começou naturalmente a fazer uma comparação entre os dois homens. Sentia que, mesmo bastante contente por ter encontrado Frank Churchill e apesar de apreciar sua amizade, nunca estivera mais consciente da imensa superioridade de caráter de Mr. Knightley. Para Emma, a felicidade maior que completou um dia em si tão feliz, foi o alegre reconhecimento dos grandes méritos do noivo, que a comparação com o outro produziu.

CAPÍTULO XIX

Emma ainda tinha, de vez em quando, certo sentimento de ansiedade em relação à Harriet. Tinha até uma dúvida momentânea de que fosse possível para ela curar-se realmente de seu afeto por Mr. Knightley, e estar realmente disposta a aceitar outro homem de forma imparcial. Não sofreria destas incertezas por longo tempo, porém. Dentro de poucos dias o grupo chegou de Londres, e Emma logo teve uma oportunidade de passar uma hora sozinha com Harriet, quando ficou perfeitamente satisfeita ao saber que – por mais inacreditável que fosse! – Robert Martin havia suplantado totalmente Mr. Knightley nas afeições da moça e representava agora todos os seus sonhos de felicidade.

Harriet ainda estava um pouco angustiada, e pareceu insegura logo que se encontraram. Ao admitir, porém, que fora presunçosa e tola, e que decepcionara a si mesma, sua dor e confusão pareciam dissolver-se com as palavras; demonstrava não se importar mais com o passado, e estava exultante quanto ao presente e o futuro. Harriet temia que a amiga não aprovasse sua decisão, mas Emma imediatamente a tranquilizou quanto a qualquer medo dessa natureza, recebendo-a com as mais sinceras congratulações. Harriet ficou bastante feliz de lhe contar todos os detalhes da noite no Astley's e do jantar do dia seguinte. Podia falar disso com a maior felicidade, mas o que esses detalhes significavam? Emma agora percebia que Harriet sempre gostara de Robert Martin, e o fato dele continuar a amá-la era algo irresistível. Qualquer coisa além disso seria sempre um mistério para ela.

O reencontro, porém, foi muito alegre, e a cada dia Emma tinha novas razões para pensar assim. Descobriu-se a paternidade de Harriet. Ela era a filha de um comerciante, rico o bastante para mantê-la com o conforto que sempre desfrutara, e decente o bastante para sempre ter desejado esconder a verdade. Esse era o sangue nobre que Emma antigamente estava tão disposta a atestar! Era provavelmente menos contaminado que o sangue de muitos nobres, mas que ligação ela estivera preparando para Mr. Knightley... ou para os Churchill... ou mesmo para Mr. Elton! A mancha da ilegitimidade, não suavizada pela nobreza ou pela riqueza, teria sido sempre uma mancha.

Não houve objeção alguma da parte do pai de Harriet, e o rapaz foi tratado com liberalidade. Tudo correu como esperado, e quando Emma passou a conhecer Robert Martin, que foi apresentado em Hartfield, reconheceu nele todo o bom senso e a retidão que desejaria para sua amiga. Emma não tinha dúvida da felicidade de Harriet com qualquer homem de bom temperamento, mas com Robert Martin, e no lar que ele lhe oferecia, havia esperança de mais: segurança,

estabilidade e prosperidade. Estaria entre pessoas que a amavam e que tinham melhor senso do que ela própria, viveria retirada o bastante para estar segura e ocupada o bastante para ser alegre. Nunca estaria exposta a tentações, nem ficaria sem proteção, mas seria respeitável e feliz. Emma acreditava que Harriet tivera a maior sorte do mundo por ter inspirado um afeto tão firme e perseverante num homem como ele. E, se não era a mais protegida pela sorte, vinha logo depois da própria Emma.

Harriet passou a ir cada vez com menos frequência a Hartfield, por conta de seus compromissos com os Martins, e isso não era motivo para lamentar. A intimidade entre elas devia diminuir, e sua amizade iria transformar-se num tipo de calmo relacionamento entre pessoas conhecidas. Afortunadamente, o que devia acontecer já estava começando, de forma gradual e com muita naturalidade.

Antes que o mês de setembro chegasse ao fim Emma acompanhou Harriet à igreja e viu sua mão ser concedida a Robert Martin. Sentia tamanha satisfação que nenhuma lembrança poderia empanar, nem mesmo aquelas ligadas a Mr. Elton quando se colocou de pé diante deles para celebrar. Talvez até, a esta altura, ela não visse Mr. Elton senão como o clérigo cuja próxima bênção nupcial devia recair sobre ela. Apesar de ser o último casal a ficar noivo entre os três, Robert Martin e Harriet Smith era o primeiro a casar-se.

Jane Fairfax já deixara Highbury e estava desfrutando do conforto de seu amado lar junto aos Campbells. Os dois Churchills também estavam na capital, esperando apenas a chegada do mês de novembro, quando terminaria o luto.

O mês intermediário, outubro, foi o escolhido por Emma e Mr. Knightley, tanto quanto se permitiam esperar. Haviam determinado que seu casamento devia acontecer enquanto John e Isabella ainda estivessem em Hartfield, a fim de permitir que partissem para uma programada viagem de quinze dias ao litoral. John e Isabella, assim como todos os seus amigos, aprovaram a ideia. Mas quanto a Mr. Woodhouse... como poderiam induzi-lo a consentir nisso?... Logo ele, que ainda falava no casamento de Emma como um evento distante.

Quando falaram no assunto pela primeira vez ele ficou tão infeliz que eles quase perderam as esperanças... Uma segunda alusão ao assunto, no entanto, provocou menos dor. Ele começou a aceitar que isso iria acontecer, e que não teria como impedir... um degrau muito promissor da mente no caminho da resignação. No entanto, ele não estava feliz. Parecia, de fato, tão infeliz que a coragem de Emma começou a fraquejar. Ela não suportava vê-lo sofrer,

sabendo que se sentiria abandonado. E ainda que Mr. Knightley e o irmão lhe assegurassem que, uma vez acontecido o casamento, ele logo deixaria de ficar tão angustiado, ela hesitava... não podia prosseguir com os planos.

Nesse estado de suspense eles foram ajudados, não por alguma súbita iluminação na mente de Mr. Woodhouse, nem por alguma mudança no seu sistema nervoso, mas pela atuação desse mesmo sistema nervoso de outra maneira. Uma noite, todos os perus do aviário de Mrs. Weston foram roubados... Outros aviários das redondezas também sofreram o mesmo dano. Para Mr. Woodhouse, o furto significava que havia ladrões *arrombando* as casas. Ele ficou muito alarmado. E teria continuado assim por todas as noites restantes de sua vida se não fosse o senso de proteção de seu genro. A força, a resolução e a presença de espírito dos dois irmãos Knightley foram determinantes para sua completa rendição. Enquanto um dos dois estivesse ali para protegê-lo e aos seus, Hartfield estaria segura. Mas Mr. John Knightley devia voltar a Londres no final da primeira semana de novembro.

O resultado dessa angústia foi que, com um consentimento muito mais voluntário e alegre do que sua filha teria sequer imaginado naquele momento, ele foi capaz de marcar a data do casamento. Mr. Elton foi então novamente chamado, menos de um mês depois do casamento de Mr. e Mrs. Robert Martin, para unir Mr. Knightley e Miss Woodhouse.

O casamento foi igual a muitos outros, nos quais os convidados nem sempre tem bom gosto, exibindo refinamento ou esbanjando ostentação. Mrs. Elton, ao ouvir os detalhes contados pelo marido, achou que o casamento fora extremamente deselegante e muito inferior ao dela própria... “Pouquíssimo cetim branco, poucos véus de renda, verdadeiramente digno de pena!... Selina ficaria chocada quando soubesse”. Mas, apesar dessas deficiências, os votos, as esperanças, a confiança, e as previsões do pequeno grupo de verdadeiros amigos que testemunharam a cerimônia, foram plenamente recompensados pela perfeita felicidade da união.

FIM

EMMA: A NOVEL IN THREE VOLUMES

VOLUME I

CHAPTER I

Emma Woodhouse, handsome, clever, and rich, with a comfortable home and happy disposition, seemed to unite some of the best blessings of existence; and had lived nearly twenty-one years in the world with very little to distress or vex her.

She was the youngest of the two daughters of a most affectionate, indulgent father; and had, in consequence of her sister's marriage, been mistress of his house from a very early period. Her mother had died too long ago for her to have more than an indistinct remembrance of her caresses; and her place had been supplied by an excellent woman as governess, who had fallen little short of a mother in affection.

Sixteen years had Miss Taylor been in Mr. Woodhouse's family, less as a governess than a friend, very fond of both daughters, but particularly of Emma. Between them it was more the intimacy of sisters. Even before Miss Taylor had ceased to hold the nominal office of governess, the mildness of her temper had hardly allowed her to impose any restraint; and the shadow of authority being now long passed away, they had been living together as friend and friend very mutually attached, and Emma doing just what she liked; highly esteeming Miss Taylor's judgment, but directed chiefly by her own.

The real evils, indeed, of Emma's situation were the power of having rather too much her own way, and a disposition to think a little too well of herself; these were the disadvantages which threatened alloy to her many enjoyments. The danger, however, was at present so unperceived, that they did not by any means rank as misfortunes with her.

Sorrow came – a gentle sorrow – but not at all in the shape of any disagreeable consciousness. – Miss Taylor married. It was Miss Taylor's loss which first brought grief. It was on the wedding-day of this beloved friend that Emma first sat in mournful thought of any continuance. The wedding over, and the bride-people gone, her father and herself were left to dine together, with no prospect of a third to cheer a long evening. Her father composed himself to sleep after dinner, as usual, and she had then only to sit and think of what she had lost.

The event had every promise of happiness for her friend. Mr. Weston was a man of unexceptionable character, easy fortune, suitable age, and pleasant manners; and there was some satisfaction in considering with what self-denying, generous friendship she had always wished and promoted the match; but it was a black morning's work for her. The want of Miss Taylor would be felt every hour of every day. She recalled her past kindness – the kindness, the affection of

sixteen years – how she had taught and how she had played with her from five years old – how she had devoted all her powers to attach and amuse her in health – and how nursed her through the various illnesses of childhood. A large debt of gratitude was owing here; but the intercourse of the last seven years, the equal footing and perfect unreserve which had soon followed Isabella's marriage, on their being left to each other, was yet a dearer, tenderer recollection. She had been a friend and companion such as few possessed: intelligent, well-informed, useful, gentle, knowing all the ways of the family, interested in all its concerns, and peculiarly interested in herself, in every pleasure, every scheme of hers – one to whom she could speak every thought as it arose, and who had such an affection for her as could never find fault.

How was she to bear the change? – It was true that her friend was going only half a mile from them; but Emma was aware that great must be the difference between a Mrs. Weston, only half a mile from them, and a Miss Taylor in the house; and with all her advantages, natural and domestic, she was now in great danger of suffering from intellectual solitude. She dearly loved her father, but he was no companion for her. He could not meet her in conversation, rational or playful.

The evil of the actual disparity in their ages (and Mr. Woodhouse had not married early) was much increased by his constitution and habits; for having been a valetudinarian all his life, without activity of mind or body, he was a much older man in ways than in years; and though everywhere beloved for the friendliness of his heart and his amiable temper, his talents could not have recommended him at any time.

Her sister, though comparatively but little removed by matrimony, being settled in London, only sixteen miles off, was much beyond her daily reach; and many a long October and November evening must be struggled through at Hartfield, before Christmas brought the next visit from Isabella and her husband, and their little children, to fill the house, and give her pleasant society again.

Highbury, the large and populous village, almost amounting to a town, to which Hartfield, in spite of its separate lawn, and shrubberies, and name, did really belong, afforded her no equals. The Woodhouses were first in consequence there. All looked up to them. She had many acquaintance in the place, for her father was universally civil, but not one among them who could be accepted in lieu of Miss Taylor for even half a day. It was a melancholy change; and Emma could not but sigh over it, and wish for impossible things, till her father awoke, and made it necessary to be cheerful. His spirits required support. He was a nervous man, easily depressed; fond of every body that he was used to, and hating to part

with them; hating change of every kind. Matrimony, as the origin of change, was always disagreeable; and he was by no means yet reconciled to his own daughter's marrying, nor could ever speak of her but with compassion, though it had been entirely a match of affection, when he was now obliged to part with Miss Taylor too; and from his habits of gentle selfishness, and of being never able to suppose that other people could feel differently from himself, he was very much disposed to think Miss Taylor had done as sad a thing for herself as for them, and would have been a great deal happier if she had spent all the rest of her life at Hartfield. Emma smiled and chatted as cheerfully as she could, to keep him from such thoughts; but when tea came, it was impossible for him not to say exactly as he had said at dinner,

"Poor Miss Taylor! – I wish she were here again. What a pity it is that Mr. Weston ever thought of her!"

"I cannot agree with you, papa; you know I cannot. Mr. Weston is such a good-humoured, pleasant, excellent man, that he thoroughly deserves a good wife; – and you would not have had Miss Taylor live with us for ever, and bear all my odd humours, when she might have a house of her own?"

"A house of her own! – But where is the advantage of a house of her own? This is three times as large. – And you have never any odd humours, my dear."

"How often we shall be going to see them, and they coming to see us! – We shall be always meeting! We must begin; we must go and pay wedding visit very soon."

"My dear, how am I to get so far? Randalls is such a distance. I could not walk half so far."

"No, papa, nobody thought of your walking. We must go in the carriage, to be sure."

"The carriage! But James will not like to put the horses to for such a little way; – and where are the poor horses to be while we are paying our visit?"

"They are to be put into Mr. Weston's stable, papa. You know we have settled all that already. We talked it all over with Mr. Weston last night. And as for James, you may be very sure he will always like going to Randalls, because of his daughter's being housemaid there. I only doubt whether he will ever take us anywhere else. That was your doing, papa. You got Hannah that good place. Nobody thought of Hannah till you mentioned her – James is so obliged to you!"

"I am very glad I did think of her. It was very lucky, for I would not

have had poor James think himself slighted upon any account; and I am sure she will make a very good servant: she is a civil, pretty-spoken girl; I have a great opinion of her. Whenever I see her, she always curtsies and asks me how I do, in a very pretty manner; and when you have had her here to do needlework, I observe she always turns the lock of the door the right way and never bangs it. I am sure she will be an excellent servant; and it will be a great comfort to poor Miss Taylor to have somebody about her that she is used to see. Whenever James goes over to see his daughter, you know, she will be hearing of us. He will be able to tell her how we all are.”

Emma spared no exertions to maintain this happier flow of ideas, and hoped, by the help of backgammon, to get her father tolerably through the evening, and be attacked by no regrets but her own. The backgammon-table was placed; but a visitor immediately afterwards walked in and made it unnecessary.

Mr. Knightley, a sensible man about seven or eight-and-thirty, was not only a very old and intimate friend of the family, but particularly connected with it, as the elder brother of Isabella’s husband. He lived about a mile from Highbury, was a frequent visitor, and always welcome, and at this time more welcome than usual, as coming directly from their mutual connexions in London. He had returned to a late dinner, after some days’ absence, and now walked up to Hartfield to say that all were well in Brunswick Square. It was a happy circumstance, and animated Mr. Woodhouse for some time. Mr. Knightley had a cheerful manner, which always did him good; and his many inquiries after “poor Isabella” and her children were answered most satisfactorily. When this was over, Mr. Woodhouse gratefully observed, “It is very kind of you, Mr. Knightley, to come out at this late hour to call upon us. I am afraid you must have had a shocking walk”

“Not at all, sir. It is a beautiful moonlight night; and so mild that I must draw back from your great fire.”

“But you must have found it very damp and dirty. I wish you may not catch cold.”

“Dirty, sir! Look at my shoes. Not a speck on them.”

“Well! that is quite surprising, for we have had a vast deal of rain here. It rained dreadfully hard for half an hour while we were at breakfast. I wanted them to put off the wedding.”

“By the bye – I have not wished you joy. Being pretty well aware of what sort of joy you must both be feeling, I have been in no hurry with my congratulations; but I hope it all went off tolerably well. How did you all behave?”

Who cried most?"

"Ah! poor Miss Taylor! 'Tis a sad business."

"Poor Mr. and Miss Woodhouse, if you please; but I cannot possibly say 'poor Miss Taylor.' I have a great regard for you and Emma; but when it comes to the question of dependence or independence! – At any rate, it must be better to have only one to please than two."

"Especially when one of those two is such a fanciful, troublesome creature!" said Emma playfully. "That is what you have in your head, I know – and what you would certainly say if my father were not by."

"I believe it is very true, my dear, indeed," said Mr. Woodhouse, with a sigh. "I am afraid I am sometimes very fanciful and troublesome."

"My dearest papa! You do not think I could mean you, or suppose Mr. Knightley to mean you. What a horrible idea! Oh no! I meant only myself. Mr. Knightley loves to find fault with me, you know – in a joke – it is all a joke. We always say what we like to one another."

Mr. Knightley, in fact, was one of the few people who could see faults in Emma Woodhouse, and the only one who ever told her of them: and though this was not particularly agreeable to Emma herself, she knew it would be so much less so to her father, that she would not have him really suspect such a circumstance as her not being thought perfect by every body.

"Emma knows I never flatter her," said Mr. Knightley, "but I meant no reflection on any body. Miss Taylor has been used to have two persons to please; she will now have but one. The chances are that she must be a gainer."

"Well," said Emma, willing to let it pass – "you want to hear about the wedding; and I shall be happy to tell you, for we all behaved charmingly. Every body was punctual, every body in their best looks: not a tear, and hardly a long face to be seen. Oh no; we all felt that we were going to be only half a mile apart, and were sure of meeting every day."

"Dear Emma bears every thing so well," said her father. "But, Mr. Knightley, she is really very sorry to lose poor Miss Taylor, and I am sure she will miss her more than she thinks for."

Emma turned away her head, divided between tears and smiles. "It is impossible that Emma should not miss such a companion," said Mr. Knightley. "We should not like her so well as we do, sir, if we could suppose it; but she knows how much the marriage is to Miss Taylor's advantage; she knows how very acceptable it must be, at Miss Taylor's time of life, to be settled in a home of her

own, and how important to her to be secure of a comfortable provision, and therefore cannot allow herself to feel so much pain as pleasure. Every friend of Miss Taylor must be glad to have her so happily married.”

“And you have forgotten one matter of joy to me,” said Emma, “and a very considerable one – that I made the match myself. I made the match, you know, four years ago; and to have it take place, and be proved in the right, when so many people said Mr. Weston would never marry again, may comfort me for any thing.”

Mr. Knightley shook his head at her. Her father fondly replied, “Ah! my dear, I wish you would not make matches and foretell things, for whatever you say always comes to pass. Pray do not make any more matches.”

“I promise you to make none for myself, papa; but I must, indeed, for other people. It is the greatest amusement in the world! And after such success, you know! – Every body said that Mr. Weston would never marry again. Oh dear, no! Mr. Weston, who had been a widower so long, and who seemed so perfectly comfortable without a wife, so constantly occupied either in his business in town or among his friends here, always acceptable wherever he went, always cheerful – Mr. Weston need not spend a single evening in the year alone if he did not like it. Oh no! Mr. Weston certainly would never marry again. Some people even talked of a promise to his wife on her deathbed, and others of the son and the uncle not letting him. All manner of solemn nonsense was talked on the subject, but I believed none of it.

“Ever since the day – about four years ago – that Miss Taylor and I met with him in Broadway Lane, when, because it began to drizzle, he darted away with so much gallantry, and borrowed two umbrellas for us from Farmer Mitchell’s, I made up my mind on the subject. I planned the match from that hour; and when such success has blessed me in this instance, dear papa, you cannot think that I shall leave off match-making.”

“I do not understand what you mean by ‘success,’” said Mr. Knightley. “Success supposes endeavour. Your time has been properly and delicately spent, if you have been endeavouring for the last four years to bring about this marriage. A worthy employment for a young lady’s mind! But if, which I rather imagine, your making the match, as you call it, means only your planning it, your saying to yourself one idle day, ‘I think it would be a very good thing for Miss Taylor if Mr. Weston were to marry her,’ and saying it again to yourself every now and then afterwards, why do you talk of success? Where is your merit? What are you proud of? You made a lucky guess; and that is all that can be said.”

“And have you never known the pleasure and triumph of a lucky guess? – I pity you. – I thought you cleverer – for, depend upon it a lucky guess is never merely luck. There is always some talent in it. And as to my poor word ‘success,’ which you quarrel with, I do not know that I am so entirely without any claim to it. You have drawn two pretty pictures; but I think there may be a third – a something between the do-nothing and the do-all. If I had not promoted Mr. Weston’s visits here, and given many little encouragements, and smoothed many little matters, it might not have come to any thing after all. I think you must know Hartfield enough to comprehend that.”

“A straightforward, open-hearted man like Weston, and a rational, unaffected woman like Miss Taylor, may be safely left to manage their own concerns. You are more likely to have done harm to yourself, than good to them, by interference.”

“Emma never thinks of herself, if she can do good to others,” rejoined Mr. Woodhouse, understanding but in part. “But, my dear, pray do not make any more matches; they are silly things, and break up one’s family circle grievously.”

“Only one more, papa; only for Mr. Elton. Poor Mr. Elton! You like Mr. Elton, papa, – I must look about for a wife for him. There is nobody in Highbury who deserves him – and he has been here a whole year, and has fitted up his house so comfortably, that it would be a shame to have him single any longer – and I thought when he was joining their hands to-day, he looked so very much as if he would like to have the same kind office done for him! I think very well of Mr. Elton, and this is the only way I have of doing him a service.”

“Mr. Elton is a very pretty young man, to be sure, and a very good young man, and I have a great regard for him. But if you want to shew him any attention, my dear, ask him to come and dine with us some day. That will be a much better thing. I dare say Mr. Knightley will be so kind as to meet him.”

“With a great deal of pleasure, sir, at any time,” said Mr. Knightley, laughing, “and I agree with you entirely, that it will be a much better thing. Invite him to dinner, Emma, and help him to the best of the fish and the chicken, but leave him to chuse his own wife. Depend upon it, a man of six or seven-and-twenty can take care of himself.”

CHAPTER II

Mr. Weston was a native of Highbury, and born of a respectable family, which for the last two or three generations had been rising into gentility and property. He had received a good education, but, on succeeding early in life to a small independence, had become indisposed for any of the more homely pursuits in which his brothers were engaged, and had satisfied an active, cheerful mind and social temper by entering into the militia of his county, then embodied.

Captain Weston was a general favourite; and when the chances of his military life had introduced him to Miss Churchill, of a great Yorkshire family, and Miss Churchill fell in love with him, nobody was surprized, except her brother and his wife, who had never seen him, and who were full of pride and importance, which the connexion would offend.

Miss Churchill, however, being of age, and with the full command of her fortune – though her fortune bore no proportion to the family-estate – was not to be dissuaded from the marriage, and it took place, to the infinite mortification of Mr. and Mrs. Churchill, who threw her off with due decorum. It was an unsuitable connexion, and did not produce much happiness. Mrs. Weston ought to have found more in it, for she had a husband whose warm heart and sweet temper made him think every thing due to her in return for the great goodness of being in love with him; but though she had one sort of spirit, she had not the best. She had resolution enough to pursue her own will in spite of her brother, but not enough to refrain from unreasonable regrets at that brother's unreasonable anger, nor from missing the luxuries of her former home. They lived beyond their income, but still it was nothing in comparison of Enscombe: she did not cease to love her husband, but she wanted at once to be the wife of Captain Weston, and Miss Churchill of Enscombe.

Captain Weston, who had been considered, especially by the Churchills, as making such an amazing match, was proved to have much the worst of the bargain; for when his wife died, after a three years' marriage, he was rather a poorer man than at first, and with a child to maintain. From the expense of the child, however, he was soon relieved. The boy had, with the additional softening claim of a lingering illness of his mother's, been the means of a sort of reconciliation; and Mr. and Mrs. Churchill, having no children of their own, nor any other young creature of equal kindred to care for, offered to take the whole charge of the little Frank soon after her decease. Some scruples and some reluctance the widower-father may be supposed to have felt; but as they were overcome by other considerations, the child was given up to the care and the wealth of the Churchills, and he had only his own comfort to seek, and his own

situation to improve as he could.

A complete change of life became desirable. He quitted the militia and engaged in trade, having brothers already established in a good way in London, which afforded him a favourable opening. It was a concern which brought just employment enough. He had still a small house in Highbury, where most of his leisure days were spent; and between useful occupation and the pleasures of society, the next eighteen or twenty years of his life passed cheerfully away. He had, by that time, realised an easy competence – enough to secure the purchase of a little estate adjoining Highbury, which he had always longed for – enough to marry a woman as portionless even as Miss Taylor, and to live according to the wishes of his own friendly and social disposition.

It was now some time since Miss Taylor had begun to influence his schemes; but as it was not the tyrannic influence of youth on youth, it had not shaken his determination of never settling till he could purchase Randalls, and the sale of Randalls was long looked forward to; but he had gone steadily on, with these objects in view, till they were accomplished. He had made his fortune, bought his house, and obtained his wife; and was beginning a new period of existence, with every probability of greater happiness than in any yet passed through. He had never been an unhappy man; his own temper had secured him from that, even in his first marriage; but his second must shew him how delightful a well-judging and truly amiable woman could be, and must give him the pleasantest proof of its being a great deal better to choose than to be chosen, to excite gratitude than to feel it.

He had only himself to please in his choice: his fortune was his own; for as to Frank, it was more than being tacitly brought up as his uncle's heir, it had become so avowed an adoption as to have him assume the name of Churchill on coming of age. It was most unlikely, therefore, that he should ever want his father's assistance. His father had no apprehension of it. The aunt was a capricious woman, and governed her husband entirely; but it was not in Mr. Weston's nature to imagine that any caprice could be strong enough to affect one so dear, and, as he believed, so deservedly dear. He saw his son every year in London, and was proud of him; and his fond report of him as a very fine young man had made Highbury feel a sort of pride in him too. He was looked on as sufficiently belonging to the place to make his merits and prospects a kind of common concern.

Mr. Frank Churchill was one of the boasts of Highbury, and a lively curiosity to see him prevailed, though the compliment was so little returned that he had never been there in his life. His coming to visit his father had been often talked of but never achieved.

Now, upon his father's marriage, it was very generally proposed, as a most proper attention, that the visit should take place. There was not a dissentient voice on the subject, either when Mrs. Perry drank tea with Mrs. and Miss Bates, or when Mrs. and Miss Bates returned the visit. Now was the time for Mr. Frank Churchill to come among them; and the hope strengthened when it was understood that he had written to his new mother on the occasion. For a few days, every morning visit in Highbury included some mention of the handsome letter Mrs. Weston had received. "I suppose you have heard of the handsome letter Mr. Frank Churchill has written to Mrs. Weston? I understand it was a very handsome letter, indeed. Mr. Woodhouse told me of it. Mr. Woodhouse saw the letter, and he says he never saw such a handsome letter in his life."

It was, indeed, a highly prized letter. Mrs. Weston had, of course, formed a very favourable idea of the young man; and such a pleasing attention was an irresistible proof of his great good sense, and a most welcome addition to every source and every expression of congratulation which her marriage had already secured. She felt herself a most fortunate woman; and she had lived long enough to know how fortunate she might well be thought, where the only regret was for a partial separation from friends whose friendship for her had never cooled, and who could ill bear to part with her.

She knew that at times she must be missed; and could not think, without pain, of Emma's losing a single pleasure, or suffering an hour's ennui, from the want of her companionableness: but dear Emma was of no feeble character; she was more equal to her situation than most girls would have been, and had sense, and energy, and spirits that might be hoped would bear her well and happily through its little difficulties and privations. And then there was such comfort in the very easy distance of Randalls from Hartfield, so convenient for even solitary female walking, and in Mr. Weston's disposition and circumstances, which would make the approaching season no hindrance to their spending half the evenings in the week together.

Her situation was altogether the subject of hours of gratitude to Mrs. Weston, and of moments only of regret; and her satisfaction – her more than satisfaction – her cheerful enjoyment, was so just and so apparent, that Emma, well as she knew her father, was sometimes taken by surprize at his being still able to pity 'poor Miss Taylor,' when they left her at Randalls in the centre of every domestic comfort, or saw her go away in the evening attended by her pleasant husband to a carriage of her own. But never did she go without Mr. Woodhouse's giving a gentle sigh, and saying, "Ah, poor Miss Taylor! She would be very glad to stay."

There was no recovering Miss Taylor – nor much likelihood of ceasing

to pity her; but a few weeks brought some alleviation to Mr. Woodhouse. The compliments of his neighbours were over; he was no longer teased by being wished joy of so sorrowful an event; and the wedding-cake, which had been a great distress to him, was all eat up. His own stomach could bear nothing rich, and he could never believe other people to be different from himself. What was unwholesome to him he regarded as unfit for any body; and he had, therefore, earnestly tried to dissuade them from having any wedding-cake at all, and when that proved vain, as earnestly tried to prevent any body's eating it. He had been at the pains of consulting Mr. Perry, the apothecary, on the subject. Mr. Perry was an intelligent, gentlemanlike man, whose frequent visits were one of the comforts of Mr. Woodhouse's life; and upon being applied to, he could not but acknowledge (though it seemed rather against the bias of inclination) that wedding-cake might certainly disagree with many – perhaps with most people, unless taken moderately. With such an opinion, in confirmation of his own, Mr. Woodhouse hoped to influence every visitor of the newly married pair; but still the cake was eaten; and there was no rest for his benevolent nerves till it was all gone.

There was a strange rumour in Highbury of all the little Perrys being seen with a slice of Mrs. Weston's wedding-cake in their hands: but Mr. Woodhouse would never believe it.

CHAPTER III

Mr. Woodhouse was fond of society in his own way. He liked very much to have his friends come and see him; and from various united causes, from his long residence at Hartfield, and his good nature, from his fortune, his house, and his daughter, he could command the visits of his own little circle, in a great measure, as he liked. He had not much intercourse with any families beyond that circle; his horror of late hours, and large dinner-parties, made him unfit for any acquaintance but such as would visit him on his own terms. Fortunately for him, Highbury, including Randalls in the same parish, and Donwell Abbey in the parish adjoining, the seat of Mr. Knightley, comprehended many such. Not unfrequently, through Emma's persuasion, he had some of the chosen and the best to dine with him: but evening parties were what he preferred; and, unless he fancied himself at any time unequal to company, there was scarcely an evening in the week in which Emma could not make up a card-table for him.

Real, long-standing regard brought the Westons and Mr. Knightley; and by Mr. Elton, a young man living alone without liking it, the privilege of exchanging any vacant evening of his own blank solitude for the elegancies and society of Mr. Woodhouse's drawing-room, and the smiles of his lovely daughter, was in no danger of being thrown away.

After these came a second set; among the most come-at-able of whom were Mrs. and Miss Bates, and Mrs. Goddard, three ladies almost always at the service of an invitation from Hartfield, and who were fetched and carried home so often, that Mr. Woodhouse thought it no hardship for either James or the horses. Had it taken place only once a year, it would have been a grievance.

Mrs. Bates, the widow of a former vicar of Highbury, was a very old lady, almost past every thing but tea and quadrille. She lived with her single daughter in a very small way, and was considered with all the regard and respect which a harmless old lady, under such untoward circumstances, can excite. Her daughter enjoyed a most uncommon degree of popularity for a woman neither young, handsome, rich, nor married. Miss Bates stood in the very worst predicament in the world for having much of the public favour; and she had no intellectual superiority to make atonement to herself, or frighten those who might hate her into outward respect. She had never boasted either beauty or cleverness. Her youth had passed without distinction, and her middle of life was devoted to the care of a failing mother, and the endeavour to make a small income go as far as possible. And yet she was a happy woman, and a woman whom no one named without good-will. It was her own universal good-will and contented

temper which worked such wonders. She loved every body, was interested in every body's happiness, quicksighted to every body's merits; thought herself a most fortunate creature, and surrounded with blessings in such an excellent mother, and so many good neighbours and friends, and a home that wanted for nothing. The simplicity and cheerfulness of her nature, her contented and grateful spirit, were a recommendation to every body, and a mine of felicity to herself. She was a great talker upon little matters, which exactly suited Mr. Woodhouse, full of trivial communications and harmless gossip.

Mrs. Goddard was the mistress of a School – not of a seminary, or an establishment, or any thing which professed, in long sentences of refined nonsense, to combine liberal acquirements with elegant morality, upon new principles and new systems – and where young ladies for enormous pay might be screwed out of health and into vanity – but a real, honest, old-fashioned Boarding-school, where a reasonable quantity of accomplishments were sold at a reasonable price, and where girls might be sent to be out of the way, and scramble themselves into a little education, without any danger of coming back prodigies. Mrs. Goddard's school was in high repute – and very deservedly; for Highbury was reckoned a particularly healthy spot: she had an ample house and garden, gave the children plenty of wholesome food, let them run about a great deal in the summer, and in winter dressed their chilblains with her own hands. It was no wonder that a train of twenty young couple now walked after her to church. She was a plain, motherly kind of woman, who had worked hard in her youth, and now thought herself entitled to the occasional holiday of a tea-visit; and having formerly owed much to Mr. Woodhouse's kindness, felt his particular claim on her to leave her neat parlour, hung round with fancy-work, whenever she could, and win or lose a few sixpences by his fireside.

These were the ladies whom Emma found herself very frequently able to collect; and happy was she, for her father's sake, in the power; though, as far as she was herself concerned, it was no remedy for the absence of Mrs. Weston. She was delighted to see her father look comfortable, and very much pleased with herself for contriving things so well; but the quiet prosings of three such women made her feel that every evening so spent was indeed one of the long evenings she had fearfully anticipated.

As she sat one morning, looking forward to exactly such a close of the present day, a note was brought from Mrs. Goddard, requesting, in most respectful terms, to be allowed to bring Miss Smith with her; a most welcome request: for Miss Smith was a girl of seventeen, whom Emma knew very well by sight, and had long felt an interest in, on account of her beauty. A very gracious invitation was returned, and the evening no longer dreaded by the fair mistress of the mansion.

Harriet Smith was the natural daughter of somebody. Somebody had placed her, several years back, at Mrs. Goddard's school, and somebody had lately raised her from the condition of scholar to that of parlour-boarder. This was all that was generally known of her history. She had no visible friends but what had been acquired at Highbury, and was now just returned from a long visit in the country to some young ladies who had been at school there with her.

She was a very pretty girl, and her beauty happened to be of a sort which Emma particularly admired. She was short, plump, and fair, with a fine bloom, blue eyes, light hair, regular features, and a look of great sweetness, and, before the end of the evening, Emma was as much pleased with her manners as her person, and quite determined to continue the acquaintance.

She was not struck by any thing remarkably clever in Miss Smith's conversation, but she found her altogether very engaging – not inconveniently shy, not unwilling to talk – and yet so far from pushing, shewing so proper and becoming a deference, seeming so pleasantly grateful for being admitted to Hartfield, and so artlessly impressed by the appearance of every thing in so superior a style to what she had been used to, that she must have good sense, and deserve encouragement. Encouragement should be given. Those soft blue eyes, and all those natural graces, should not be wasted on the inferior society of Highbury and its connexions. The acquaintance she had already formed were unworthy of her. The friends from whom she had just parted, though very good sort of people, must be doing her harm. They were a family of the name of Martin, whom Emma well knew by character, as renting a large farm of Mr. Knightley, and residing in the parish of Donwell – very creditably, she believed – she knew Mr. Knightley thought highly of them – but they must be coarse and unpolished, and very unfit to be the intimates of a girl who wanted only a little more knowledge and elegance to be quite perfect. She would notice her; she would improve her; she would detach her from her bad acquaintance, and introduce her into good society; she would form her opinions and her manners. It would be an interesting, and certainly a very kind undertaking; highly becoming her own situation in life, her leisure, and powers.

She was so busy in admiring those soft blue eyes, in talking and listening, and forming all these schemes in the in-betweens, that the evening flew away at a very unusual rate; and the supper-table, which always closed such parties, and for which she had been used to sit and watch the due time, was all set out and ready, and moved forwards to the fire, before she was aware. With an alacrity beyond the common impulse of a spirit which yet was never indifferent to the credit of doing every thing well and attentively, with the real good-will of a mind delighted with its own ideas, did she then do all the honours of the meal, and help and recommend the minced chicken and scalloped oysters, with an urgency

which she knew would be acceptable to the early hours and civil scruples of their guests.

Upon such occasions poor Mr. Woodhouse's feelings were in sad warfare. He loved to have the cloth laid, because it had been the fashion of his youth, but his conviction of suppers being very unwholesome made him rather sorry to see any thing put on it; and while his hospitality would have welcomed his visitors to every thing, his care for their health made him grieve that they would eat.

Such another small basin of thin gruel as his own was all that he could, with thorough self-approbation, recommend; though he might constrain himself, while the ladies were comfortably clearing the nicer things, to say:

“Mrs. Bates, let me propose your venturing on one of these eggs. An egg boiled very soft is not unwholesome. Serle understands boiling an egg better than any body. I would not recommend an egg boiled by any body else; but you need not be afraid, they are very small, you see – one of our small eggs will not hurt you. Miss Bates, let Emma help you to a little bit of tart – a very little bit. Ours are all apple-tarts. You need not be afraid of unwholesome preserves here. I do not advise the custard. Mrs. Goddard, what say you to half a glass of wine? A small half-glass, put into a tumbler of water? I do not think it could disagree with you.”

Emma allowed her father to talk – but supplied her visitors in a much more satisfactory style, and on the present evening had particular pleasure in sending them away happy. The happiness of Miss Smith was quite equal to her intentions. Miss Woodhouse was so great a personage in Highbury, that the prospect of the introduction had given as much panic as pleasure; but the humble, grateful little girl went off with highly gratified feelings, delighted with the affability with which Miss Woodhouse had treated her all the evening, and actually shaken hands with her at last!

CHAPTER IV

Harriet Smith's intimacy at Hartfield was soon a settled thing. Quick and decided in her ways, Emma lost no time in inviting, encouraging, and telling her to come very often; and as their acquaintance increased, so did their satisfaction in each other. As a walking companion, Emma had very early foreseen how useful she might find her. In that respect Mrs. Weston's loss had been important. Her father never went beyond the shrubbery, where two divisions of the ground sufficed him for his long walk, or his short, as the year varied; and since Mrs. Weston's marriage her exercise had been too much confined. She had ventured once alone to Randalls, but it was not pleasant; and a Harriet Smith, therefore, one whom she could summon at any time to a walk, would be a valuable addition to her privileges. But in every respect, as she saw more of her, she approved her, and was confirmed in all her kind designs.

Harriet certainly was not clever, but she had a sweet, docile, grateful disposition, was totally free from conceit, and only desiring to be guided by any one she looked up to. Her early attachment to herself was very amiable; and her inclination for good company, and power of appreciating what was elegant and clever, shewed that there was no want of taste, though strength of understanding must not be expected. Altogether she was quite convinced of Harriet Smith's being exactly the young friend she wanted – exactly the something which her home required. Such a friend as Mrs. Weston was out of the question. Two such could never be granted. Two such she did not want. It was quite a different sort of thing, a sentiment distinct and independent. Mrs. Weston was the object of a regard which had its basis in gratitude and esteem. Harriet would be loved as one to whom she could be useful. For Mrs. Weston there was nothing to be done; for Harriet every thing.

Her first attempts at usefulness were in an endeavour to find out who were the parents, but Harriet could not tell. She was ready to tell every thing in her power, but on this subject questions were vain. Emma was obliged to fancy what she liked – but she could never believe that in the same situation she should not have discovered the truth. Harriet had no penetration. She had been satisfied to hear and believe just what Mrs. Goddard chose to tell her; and looked no farther.

Mrs. Goddard, and the teachers, and the girls and the affairs of the school in general, formed naturally a great part of the conversation – and but for her acquaintance with the Martins of Abbey-Mill Farm, it must have been the whole. But the Martins occupied her thoughts a good deal; she had spent two very happy months with them, and now loved to talk of the pleasures of her visit, and

describe the many comforts and wonders of the place. Emma encouraged her talkativeness – amused by such a picture of another set of beings, and enjoying the youthful simplicity which could speak with so much exultation of Mrs. Martin's having “two parlours, two very good parlours, indeed; one of them quite as large as Mrs. Goddard's drawing-room; and of her having an upper maid who had lived five-and-twenty years with her; and of their having eight cows, two of them Alderneys, and one a little Welch cow, a very pretty little Welch cow indeed; and of Mrs. Martin's saying as she was so fond of it, it should be called her cow; and of their having a very handsome summer-house in their garden, where some day next year they were all to drink tea: – a very handsome summer-house, large enough to hold a dozen people.”

For some time she was amused, without thinking beyond the immediate cause; but as she came to understand the family better, other feelings arose. She had taken up a wrong idea, fancying it was a mother and daughter, a son and son's wife, who all lived together; but when it appeared that the Mr. Martin, who bore a part in the narrative, and was always mentioned with approbation for his great good-nature in doing something or other, was a single man; that there was no young Mrs. Martin, no wife in the case; she did suspect danger to her poor little friend from all this hospitality and kindness, and that, if she were not taken care of, she might be required to sink herself forever.

With this inspiring notion, her questions increased in number and meaning; and she particularly led Harriet to talk more of Mr. Martin, and there was evidently no dislike to it. Harriet was very ready to speak of the share he had had in their moonlight walks and merry evening games; and dwelt a good deal upon his being so very good-humoured and obliging. He had gone three miles round one day in order to bring her some walnuts, because she had said how fond she was of them, and in every thing else he was so very obliging. He had his shepherd's son into the parlour one night on purpose to sing to her. She was very fond of singing. He could sing a little himself. She believed he was very clever, and understood every thing. He had a very fine flock, and, while she was with them, he had been bid more for his wool than any body in the country. She believed every body spoke well of him. His mother and sisters were very fond of him. Mrs. Martin had told her one day (and there was a blush as she said it,) that it was impossible for any body to be a better son, and therefore she was sure, whenever he married, he would make a good husband. Not that she wanted him to marry. She was in no hurry at all.

“Well done, Mrs. Martin!” thought Emma. “You know what you are about.”

“And when she had come away, Mrs. Martin was so very kind as to

send Mrs. Goddard a beautiful goose – the finest goose Mrs. Goddard had ever seen. Mrs. Goddard had dressed it on a Sunday, and asked all the three teachers, Miss Nash, and Miss Prince, and Miss Richardson, to sup with her.”

“Mr. Martin, I suppose, is not a man of information beyond the line of his own business? He does not read?”

“Oh yes! – that is, no – I do not know – but I believe he has read a good deal – but not what you would think any thing of. He reads the Agricultural Reports, and some other books that lay in one of the window seats – but he reads all them to himself. But sometimes of an evening, before we went to cards, he would read something aloud out of the Elegant Extracts, very entertaining. And I know he has read the Vicar of Wakefield. He never read the Romance of the Forest, nor The Children of the Abbey. He had never heard of such books before I mentioned them, but he is determined to get them now as soon as ever he can.”

The next question was –

“What sort of looking man is Mr. Martin?”

“Oh! not handsome – not at all handsome. I thought him very plain at first, but I do not think him so plain now. One does not, you know, after a time. But did you never see him? He is in Highbury every now and then, and he is sure to ride through every week in his way to Kingston. He has passed you very often.”

“That may be, and I may have seen him fifty times, but without having any idea of his name. A young farmer, whether on horseback or on foot, is the very last sort of person to raise my curiosity. The yeomanry are precisely the order of people with whom I feel I can have nothing to do. A degree or two lower, and a creditable appearance might interest me; I might hope to be useful to their families in some way or other. But a farmer can need none of my help, and is, therefore, in one sense, as much above my notice as in every other he is below it.”

“To be sure. Oh yes! It is not likely you should ever have observed him; but he knows you very well indeed – I mean by sight.”

“I have no doubt of his being a very respectable young man. I know, indeed, that he is so, and, as such, wish him well. What do you imagine his age to be?”

“He was four-and-twenty the 8th of last June, and my birthday is the 23rd just a fortnight and a day’s difference – which is very odd.”

“Only four-and-twenty. That is too young to settle. His mother is perfectly right not to be in a hurry. They seem very comfortable as they are, and

if she were to take any pains to marry him, she would probably repent it. Six years hence, if he could meet with a good sort of young woman in the same rank as his own, with a little money, it might be very desirable.”

“Six years hence! Dear Miss Woodhouse, he would be thirty years old!”

“Well, and that is as early as most men can afford to marry, who are not born to an independence. Mr. Martin, I imagine, has his fortune entirely to make – cannot be at all beforehand with the world. Whatever money he might come into when his father died, whatever his share of the family property, it is, I dare say, all afloat, all employed in his stock, and so forth; and though, with diligence and good luck, he may be rich in time, it is next to impossible that he should have realised any thing yet.”

“To be sure, so it is. But they live very comfortably. They have no indoors man, else they do not want for any thing; and Mrs. Martin talks of taking a boy another year.”

“I wish you may not get into a scrape, Harriet, whenever he does marry; – I mean, as to being acquainted with his wife – for though his sisters, from a superior education, are not to be altogether objected to, it does not follow that he might marry any body at all fit for you to notice. The misfortune of your birth ought to make you particularly careful as to your associates. There can be no doubt of your being a gentleman’s daughter, and you must support your claim to that station by every thing within your own power, or there will be plenty of people who would take pleasure in degrading you.”

“Yes, to be sure, I suppose there are. But while I visit at Hartfield, and you are so kind to me, Miss Woodhouse, I am not afraid of what any body can do.”

“You understand the force of influence pretty well, Harriet; but I would have you so firmly established in good society, as to be independent even of Hartfield and Miss Woodhouse. I want to see you permanently well connected, and to that end it will be advisable to have as few odd acquaintance as may be; and, therefore, I say that if you should still be in this country when Mr. Martin marries, I wish you may not be drawn in by your intimacy with the sisters, to be acquainted with the wife, who will probably be some mere farmer’s daughter, without education.”

“To be sure. Yes. Not that I think Mr. Martin would ever marry any body but what had had some education – and been very well brought up. However, I do not mean to set up my opinion against yours – and I am sure I

shall not wish for the acquaintance of his wife. I shall always have a great regard for the Miss Martins, especially Elizabeth, and should be very sorry to give them up, for they are quite as well educated as me. But if he marries a very ignorant, vulgar woman, certainly I had better not visit her, if I can help it.”

Emma watched her through the fluctuations of this speech, and saw no alarming symptoms of love. The young man had been the first admirer, but she trusted there was no other hold, and that there would be no serious difficulty, on Harriet’s side, to oppose any friendly arrangement of her own.

They met Mr. Martin the very next day, as they were walking on the Donwell road. He was on foot, and after looking very respectfully at her, looked with most unfeigned satisfaction at her companion. Emma was not sorry to have such an opportunity of survey; and walking a few yards forward, while they talked together, soon made her quick eye sufficiently acquainted with Mr. Robert Martin. His appearance was very neat, and he looked like a sensible young man, but his person had no other advantage; and when he came to be contrasted with gentlemen, she thought he must lose all the ground he had gained in Harriet’s inclination. Harriet was not insensible of manner; she had voluntarily noticed her father’s gentleness with admiration as well as wonder. Mr. Martin looked as if he did not know what manner was.

They remained but a few minutes together, as Miss Woodhouse must not be kept waiting; and Harriet then came running to her with a smiling face, and in a flutter of spirits, which Miss Woodhouse hoped very soon to compose.

“Only think of our happening to meet him! – How very odd! It was quite a chance, he said, that he had not gone round by Randalls. He did not think we ever walked this road. He thought we walked towards Randalls most days. He has not been able to get the Romance of the Forest yet. He was so busy the last time he was at Kingston that he quite forgot it, but he goes again to-morrow. So very odd we should happen to meet! Well, Miss Woodhouse, is he like what you expected? What do you think of him? Do you think him so very plain?”

“He is very plain, undoubtedly – remarkably plain: – but that is nothing compared with his entire want of gentility. I had no right to expect much, and I did not expect much; but I had no idea that he could be so very clownish, so totally without air. I had imagined him, I confess, a degree or two nearer gentility.”

“To be sure,” said Harriet, in a mortified voice, “he is not so genteel as real gentlemen.”

“I think, Harriet, since your acquaintance with us, you have been

repeatedly in the company of some such very real gentlemen, that you must yourself be struck with the difference in Mr. Martin. At Hartfield, you have had very good specimens of well educated, well bred men. I should be surprised if, after seeing them, you could be in company with Mr. Martin again without perceiving him to be a very inferior creature – and rather wondering at yourself for having ever thought him at all agreeable before. Do not you begin to feel that now? Were not you struck? I am sure you must have been struck by his awkward look and abrupt manner, and the uncouthness of a voice which I heard to be wholly unmodulated as I stood here.”

“Certainly, he is not like Mr. Knightley. He has not such a fine air and way of walking as Mr. Knightley. I see the difference plain enough. But Mr. Knightley is so very fine a man!”

“Mr. Knightley’s air is so remarkably good that it is not fair to compare Mr. Martin with him. You might not see one in a hundred with gentleman so plainly written as in Mr. Knightley. But he is not the only gentleman you have been lately used to. What say you to Mr. Weston and Mr. Elton? Compare Mr. Martin with either of them. Compare their manner of carrying themselves; of walking; of speaking; of being silent. You must see the difference.”

“Oh yes! – there is a great difference. But Mr. Weston is almost an old man. Mr. Weston must be between forty and fifty.”

“Which makes his good manners the more valuable. The older a person grows, Harriet, the more important it is that their manners should not be bad; the more glaring and disgusting any loudness, or coarseness, or awkwardness becomes. What is passable in youth is detestable in later age. Mr. Martin is now awkward and abrupt; what will he be at Mr. Weston’s time of life?”

“There is no saying, indeed,” replied Harriet rather solemnly.

“But there may be pretty good guessing. He will be a completely gross, vulgar farmer, totally inattentive to appearances, and thinking of nothing but profit and loss.”

“Will he, indeed? That will be very bad.”

“How much his business engrosses him already is very plain from the circumstance of his forgetting to inquire for the book you recommended. He was a great deal too full of the market to think of any thing else – which is just as it should be, for a thriving man. What has he to do with books? And I have no doubt that he will thrive, and be a very rich man in time – and his being illiterate and coarse need not disturb us.”

“I wonder he did not remember the book” – was all Harriet’s answer, and spoken with a degree of grave displeasure which Emma thought might be safely left to itself. She, therefore, said no more for some time. Her next beginning was,

“In one respect, perhaps, Mr. Elton’s manners are superior to Mr. Knightley’s or Mr. Weston’s. They have more gentleness. They might be more safely held up as a pattern. There is an openness, a quickness, almost a bluntness in Mr. Weston, which every body likes in him, because there is so much good-humour with it – but that would not do to be copied. Neither would Mr. Knightley’s downright, decided, commanding sort of manner, though it suits him very well; his figure, and look, and situation in life seem to allow it; but if any young man were to set about copying him, he would not be sufferable. On the contrary, I think a young man might be very safely recommended to take Mr. Elton as a model. Mr. Elton is good-humoured, cheerful, obliging, and gentle. He seems to me to be grown particularly gentle of late. I do not know whether he has any design of ingratiating himself with either of us, Harriet, by additional softness, but it strikes me that his manners are softer than they used to be. If he means any thing, it must be to please you. Did not I tell you what he said of you the other day?”

She then repeated some warm personal praise which she had drawn from Mr. Elton, and now did full justice to; and Harriet blushed and smiled, and said she had always thought Mr. Elton very agreeable.

Mr. Elton was the very person fixed on by Emma for driving the young farmer out of Harriet’s head. She thought it would be an excellent match; and only too palpably desirable, natural, and probable, for her to have much merit in planning it. She feared it was what every body else must think of and predict. It was not likely, however, that any body should have equalled her in the date of the plan, as it had entered her brain during the very first evening of Harriet’s coming to Hartfield. The longer she considered it, the greater was her sense of its expediency. Mr. Elton’s situation was most suitable, quite the gentleman himself, and without low connexions; at the same time, not of any family that could fairly object to the doubtful birth of Harriet. He had a comfortable home for her, and Emma imagined a very sufficient income; for though the vicarage of Highbury was not large, he was known to have some independent property; and she thought very highly of him as a good-humoured, well-meaning, respectable young man, without any deficiency of useful understanding or knowledge of the world.

She had already satisfied herself that he thought Harriet a beautiful girl, which she trusted, with such frequent meetings at Hartfield, was foundation enough on his side; and on Harriet’s there could be little doubt that the idea of

being preferred by him would have all the usual weight and efficacy. And he was really a very pleasing young man, a young man whom any woman not fastidious might like. He was reckoned very handsome; his person much admired in general, though not by her, there being a want of elegance of feature which she could not dispense with: – but the girl who could be gratified by a Robert Martin's riding about the country to get walnuts for her might very well be conquered by Mr. Elton's admiration.

CHAPTER V

“I do not know what your opinion may be, Mrs. Weston,” said Mr. Knightley, “of this great intimacy between Emma and Harriet Smith, but I think it a bad thing.”

“A bad thing! Do you really think it a bad thing? – why so?”

“I think they will neither of them do the other any good.”

“You surprize me! Emma must do Harriet good: and by supplying her with a new object of interest, Harriet may be said to do Emma good. I have been seeing their intimacy with the greatest pleasure. How very differently we feel! – Not think they will do each other any good! This will certainly be the beginning of one of our quarrels about Emma, Mr. Knightley.”

“Perhaps you think I am come on purpose to quarrel with you, knowing Weston to be out, and that you must still fight your own battle.”

“Mr. Weston would undoubtedly support me, if he were here, for he thinks exactly as I do on the subject. We were speaking of it only yesterday, and agreeing how fortunate it was for Emma, that there should be such a girl in Highbury for her to associate with. Mr. Knightley, I shall not allow you to be a fair judge in this case. You are so much used to live alone, that you do not know the value of a companion; and, perhaps no man can be a good judge of the comfort a woman feels in the society of one of her own sex, after being used to it all her life. I can imagine your objection to Harriet Smith. She is not the superior young woman which Emma’s friend ought to be. But on the other hand, as Emma wants to see her better informed, it will be an inducement to her to read more herself. They will read together. She means it, I know.”

“Emma has been meaning to read more ever since she was twelve years old. I have seen a great many lists of her drawing-up at various times of books that she meant to read regularly through – and very good lists they were – very well chosen, and very neatly arranged – sometimes alphabetically, and sometimes by some other rule. The list she drew up when only fourteen – I remember thinking it did her judgment so much credit, that I preserved it some time; and I dare say she may have made out a very good list now. But I have done with expecting any course of steady reading from Emma. She will never submit to any thing requiring industry and patience, and a subjection of the fancy to the understanding. Where Miss Taylor failed to stimulate, I may safely affirm that Harriet Smith will do nothing. – You never could persuade her to read half so much as you wished. – You know you could not.”

“I dare say,” replied Mrs. Weston, smiling, “that I thought so then; – but since we have parted, I can never remember Emma’s omitting to do any thing I wished.”

“There is hardly any desiring to refresh such a memory as that,” – said Mr. Knightley, feelingly; and for a moment or two he had done. “But I,” he soon added, “who have had no such charm thrown over my senses, must still see, hear, and remember. Emma is spoiled by being the cleverest of her family. At ten years old, she had the misfortune of being able to answer questions which puzzled her sister at seventeen. She was always quick and assured: Isabella slow and diffident. And ever since she was twelve, Emma has been mistress of the house and of you all. In her mother she lost the only person able to cope with her. She inherits her mother’s talents, and must have been under subjection to her.”

“I should have been sorry, Mr. Knightley, to be dependent on your recommendation, had I quitted Mr. Woodhouse’s family and wanted another situation; I do not think you would have spoken a good word for me to any body. I am sure you always thought me unfit for the office I held.”

“Yes,” said he, smiling. “You are better placed here; very fit for a wife, but not at all for a governess. But you were preparing yourself to be an excellent wife all the time you were at Hartfield. You might not give Emma such a complete education as your powers would seem to promise; but you were receiving a very good education from her, on the very material matrimonial point of submitting your own will, and doing as you were bid; and if Weston had asked me to recommend him a wife, I should certainly have named Miss Taylor.”

“Thank you. There will be very little merit in making a good wife to such a man as Mr. Weston.”

“Why, to own the truth, I am afraid you are rather thrown away, and that with every disposition to bear, there will be nothing to be borne. We will not despair, however. Weston may grow cross from the wantonness of comfort, or his son may plague him.”

“I hope not that. – It is not likely. No, Mr. Knightley, do not foretell vexation from that quarter.”

“Not I, indeed. I only name possibilities. I do not pretend to Emma’s genius for foretelling and guessing. I hope, with all my heart, the young man may be a Weston in merit, and a Churchill in fortune. – But Harriet Smith – I have not half done about Harriet Smith. I think her the very worst sort of companion that Emma could possibly have. She knows nothing herself, and looks

upon Emma as knowing every thing. She is a flatterer in all her ways; and so much the worse, because undesigned. Her ignorance is hourly flattery. How can Emma imagine she has any thing to learn herself, while Harriet is presenting such a delightful inferiority? And as for Harriet, I will venture to say that she cannot gain by the acquaintance. Hartfield will only put her out of conceit with all the other places she belongs to. She will grow just refined enough to be uncomfortable with those among whom birth and circumstances have placed her home. I am much mistaken if Emma's doctrines give any strength of mind, or tend at all to make a girl adapt herself rationally to the varieties of her situation in life. – They only give a little polish.”

“I either depend more upon Emma's good sense than you do, or am more anxious for her present comfort; for I cannot lament the acquaintance. How well she looked last night!”

“Oh! you would rather talk of her person than her mind, would you? Very well; I shall not attempt to deny Emma's being pretty.”

“Pretty! say beautiful rather. Can you imagine any thing nearer perfect beauty than Emma altogether – face and figure?”

“I do not know what I could imagine, but I confess that I have seldom seen a face or figure more pleasing to me than hers. But I am a partial old friend.”

“Such an eye! – the true hazle eye – and so brilliant! regular features, open countenance, with a complexion! oh! what a bloom of full health, and such a pretty height and size; such a firm and upright figure! There is health, not merely in her bloom, but in her air, her head, her glance. One hears sometimes of a child being ‘the picture of health;’ now, Emma always gives me the idea of being the complete picture of grown-up health. She is loveliness itself. Mr. Knightley, is not she?”

“I have not a fault to find with her person,” he replied. “I think her all you describe. I love to look at her; and I will add this praise, that I do not think her personally vain. Considering how very handsome she is, she appears to be little occupied with it; her vanity lies another way. Mrs. Weston, I am not to be talked out of my dislike of Harriet Smith, or my dread of its doing them both harm.”

“And I, Mr. Knightley, am equally stout in my confidence of its not doing them any harm. With all dear Emma's little faults, she is an excellent creature. Where shall we see a better daughter, or a kinder sister, or a truer friend? No, no; she has qualities which may be trusted; she will never lead any one really wrong; she will make no lasting blunder; where Emma errs once, she

is in the right a hundred times.”

“Very well; I will not plague you any more. Emma shall be an angel, and I will keep my spleen to myself till Christmas brings John and Isabella. John loves Emma with a reasonable and therefore not a blind affection, and Isabella always thinks as he does; except when he is not quite frightened enough about the children. I am sure of having their opinions with me.”

“I know that you all love her really too well to be unjust or unkind; but excuse me, Mr. Knightley, if I take the liberty (I consider myself, you know, as having somewhat of the privilege of speech that Emma’s mother might have had) the liberty of hinting that I do not think any possible good can arise from Harriet Smith’s intimacy being made a matter of much discussion among you. Pray excuse me; but supposing any little inconvenience may be apprehended from the intimacy, it cannot be expected that Emma, accountable to nobody but her father, who perfectly approves the acquaintance, should put an end to it, so long as it is a source of pleasure to herself. It has been so many years my province to give advice, that you cannot be surprized, Mr. Knightley, at this little remains of office.”

“Not at all,” cried he; “I am much obliged to you for it. It is very good advice, and it shall have a better fate than your advice has often found; for it shall be attended to.”

“Mrs. John Knightley is easily alarmed, and might be made unhappy about her sister.”

“Be satisfied,” said he, “I will not raise any outcry. I will keep my humour to myself. I have a very sincere interest in Emma. Isabella does not seem more my sister; has never excited a greater interest; perhaps hardly so great. There is an anxiety, a curiosity in what one feels for Emma. I wonder what will become of her!”

“So do I,” said Mrs. Weston gently, “very much.”

“She always declares she will never marry, which, of course, means just nothing at all. But I have no idea that she has yet ever seen a man she cared for. It would not be a bad thing for her to be very much in love with a proper object. I should like to see Emma in love, and in some doubt of a return; it would do her good. But there is nobody hereabouts to attach her; and she goes so seldom from home.”

“There does, indeed, seem as little to tempt her to break her resolution at present,” said Mrs. Weston, “as can well be; and while she is so happy at Hartfield, I cannot wish her to be forming any attachment which would be

creating such difficulties on poor Mr. Woodhouse's account. I do not recommend matrimony at present to Emma, though I mean no slight to the state, I assure you."

Part of her meaning was to conceal some favourite thoughts of her own and Mr. Weston's on the subject, as much as possible. There were wishes at Randalls respecting Emma's destiny, but it was not desirable to have them suspected; and the quiet transition which Mr. Knightley soon afterwards made to "What does Weston think of the weather; shall we have rain?" convinced her that he had nothing more to say or surmise about Hartfield.

CHAPTER VI

Emma could not feel a doubt of having given Harriet's fancy a proper direction and raised the gratitude of her young vanity to a very good purpose, for she found her decidedly more sensible than before of Mr. Elton's being a remarkably handsome man, with most agreeable manners; and as she had no hesitation in following up the assurance of his admiration by agreeable hints, she was soon pretty confident of creating as much liking on Harriet's side, as there could be any occasion for. She was quite convinced of Mr. Elton's being in the fairest way of falling in love, if not in love already. She had no scruple with regard to him. He talked of Harriet, and praised her so warmly, that she could not suppose any thing wanting which a little time would not add. His perception of the striking improvement of Harriet's manner, since her introduction at Hartfield, was not one of the least agreeable proofs of his growing attachment.

"You have given Miss Smith all that she required," said he; "you have made her graceful and easy. She was a beautiful creature when she came to you, but, in my opinion, the attractions you have added are infinitely superior to what she received from nature."

"I am glad you think I have been useful to her; but Harriet only wanted drawing out, and receiving a few, very few hints. She had all the natural grace of sweetness of temper and artlessness in herself. I have done very little."

"If it were admissible to contradict a lady," said the gallant Mr. Elton –

"I have perhaps given her a little more decision of character, have taught her to think on points which had not fallen in her way before."

"Exactly so; that is what principally strikes me. So much superadded decision of character! Skilful has been the hand!"

"Great has been the pleasure, I am sure. I never met with a disposition more truly amiable."

"I have no doubt of it." And it was spoken with a sort of sighing animation, which had a vast deal of the lover. She was not less pleased another day with the manner in which he seconded a sudden wish of hers, to have Harriet's picture.

"Did you ever have your likeness taken, Harriet?" said she: "did you ever sit for your picture?"

Harriet was on the point of leaving the room, and only stopt to say, with a very interesting naivete,

“Oh! dear, no, never.”

No sooner was she out of sight, than Emma exclaimed,

“What an exquisite possession a good picture of her would be! I would give any money for it. I almost long to attempt her likeness myself. You do not know it I dare say, but two or three years ago I had a great passion for taking likenesses, and attempted several of my friends, and was thought to have a tolerable eye in general. But from one cause or another, I gave it up in disgust. But really, I could almost venture, if Harriet would sit to me. It would be such a delight to have her picture!”

“Let me entreat you,” cried Mr. Elton; “it would indeed be a delight! Let me entreat you, Miss Woodhouse, to exercise so charming a talent in favour of your friend. I know what your drawings are. How could you suppose me ignorant? Is not this room rich in specimens of your landscapes and flowers; and has not Mrs. Weston some inimitable figure-pieces in her drawing-room, at Randalls?”

Yes, good man! – thought Emma – but what has all that to do with taking likenesses? You know nothing of drawing. Don’t pretend to be in raptures about mine. Keep your raptures for Harriet’s face. “Well, if you give me such kind encouragement, Mr. Elton, I believe I shall try what I can do. Harriet’s features are very delicate, which makes a likeness difficult; and yet there is a peculiarity in the shape of the eye and the lines about the mouth which one ought to catch.”

“Exactly so – The shape of the eye and the lines about the mouth – I have not a doubt of your success. Pray, pray attempt it. As you will do it, it will indeed, to use your own words, be an exquisite possession.”

“But I am afraid, Mr. Elton, Harriet will not like to sit. She thinks so little of her own beauty. Did not you observe her manner of answering me? How completely it meant, ‘why should my picture be drawn?’”

“Oh! yes, I observed it, I assure you. It was not lost on me. But still I cannot imagine she would not be persuaded.”

Harriet was soon back again, and the proposal almost immediately made; and she had no scruples which could stand many minutes against the earnest pressing of both the others. Emma wished to go to work directly, and therefore produced the portfolio containing her various attempts at portraits, for not one of them had ever been finished, that they might decide together on the best size for Harriet. Her many beginnings were displayed. Miniatures, half-lengths, whole-lengths, pencil, crayon, and water-colours had been all tried in turn. She had always wanted to do every thing, and had made more progress both

in drawing and music than many might have done with so little labour as she would ever submit to. She played and sang; – and drew in almost every style; but steadiness had always been wanting; and in nothing had she approached the degree of excellence which she would have been glad to command, and ought not to have failed of. She was not much deceived as to her own skill either as an artist or a musician, but she was not unwilling to have others deceived, or sorry to know her reputation for accomplishment often higher than it deserved.

There was merit in every drawing – in the least finished, perhaps the most; her style was spirited; but had there been much less, or had there been ten times more, the delight and admiration of her two companions would have been the same. They were both in ecstasies. A likeness pleases every body; and Miss Woodhouse's performances must be capital.

“No great variety of faces for you,” said Emma. “I had only my own family to study from. There is my father – another of my father – but the idea of sitting for his picture made him so nervous, that I could only take him by stealth; neither of them very like therefore. Mrs. Weston again, and again, and again, you see. Dear Mrs. Weston! always my kindest friend on every occasion. She would sit whenever I asked her. There is my sister; and really quite her own little elegant figure! – and the face not unlike. I should have made a good likeness of her, if she would have sat longer, but she was in such a hurry to have me draw her four children that she would not be quiet. Then, here come all my attempts at three of those four children; – there they are, Henry and John and Bella, from one end of the sheet to the other, and any one of them might do for any one of the rest. She was so eager to have them drawn that I could not refuse; but there is no making children of three or four years old stand still you know; nor can it be very easy to take any likeness of them, beyond the air and complexion, unless they are coarser featured than any of mama's children ever were. Here is my sketch of the fourth, who was a baby. I took him as he was sleeping on the sofa, and it is as strong a likeness of his cockade as you would wish to see. He had nestled down his head most conveniently. That's very like. I am rather proud of little George. The corner of the sofa is very good. Then here is my last,” – unclosing a pretty sketch of a gentleman in small size, whole-length – “my last and my best – my brother, Mr. John Knightley. – This did not want much of being finished, when I put it away in a pet, and vowed I would never take another likeness. I could not help being provoked; for after all my pains, and when I had really made a very good likeness of it – (Mrs. Weston and I were quite agreed in thinking it very like) – only too handsome – too flattering – but that was a fault on the right side” – after all this, came poor dear Isabella's cold approbation of – “Yes, it was a little like – but to be sure it did not do him justice. We had had a great deal of trouble in persuading him to sit at all. It was made a great favour of; and altogether it was

more than I could bear; and so I never would finish it, to have it apologised over as an unfavourable likeness, to every morning visitor in Brunswick Square; – and, as I said, I did then forswear ever drawing any body again. But for Harriet's sake, or rather for my own, and as there are no husbands and wives in the case at present, I will break my resolution now."

Mr. Elton seemed very properly struck and delighted by the idea, and was repeating, "No husbands and wives in the case at present indeed, as you observe. Exactly so. No husbands and wives," with so interesting a consciousness, that Emma began to consider whether she had not better leave them together at once. But as she wanted to be drawing, the declaration must wait a little longer.

She had soon fixed on the size and sort of portrait. It was to be a whole-length in water-colours, like Mr. John Knightley's, and was destined, if she could please herself, to hold a very honourable station over the mantelpiece.

The sitting began; and Harriet, smiling and blushing, and afraid of not keeping her attitude and countenance, presented a very sweet mixture of youthful expression to the steady eyes of the artist. But there was no doing any thing, with Mr. Elton fidgeting behind her and watching every touch. She gave him credit for stationing himself where he might gaze and gaze again without offence; but was really obliged to put an end to it, and request him to place himself elsewhere. It then occurred to her to employ him in reading.

"If he would be so good as to read to them, it would be a kindness indeed! It would amuse away the difficulties of her part, and lessen the irksomeness of Miss Smith's."

Mr. Elton was only too happy. Harriet listened, and Emma drew in peace. She must allow him to be still frequently coming to look; any thing less would certainly have been too little in a lover; and he was ready at the smallest intermission of the pencil, to jump up and see the progress, and be charmed. – There was no being displeased with such an encourager, for his admiration made him discern a likeness almost before it was possible. She could not respect his eye, but his love and his complaisance were unexceptionable.

The sitting was altogether very satisfactory; she was quite enough pleased with the first day's sketch to wish to go on. There was no want of likeness, she had been fortunate in the attitude, and as she meant to throw in a little improvement to the figure, to give a little more height, and considerably more elegance, she had great confidence of its being in every way a pretty drawing at last, and of its filling its destined place with credit to them both – a standing memorial of the beauty of one, the skill of the other, and the friendship of both; with as many other agreeable associations as Mr. Elton's very promising

attachment was likely to add.

Harriet was to sit again the next day; and Mr. Elton, just as he ought, entreated for the permission of attending and reading to them again.

“By all means. We shall be most happy to consider you as one of the party.”

The same civilities and courtesies, the same success and satisfaction, took place on the morrow, and accompanied the whole progress of the picture, which was rapid and happy. Every body who saw it was pleased, but Mr. Elton was in continual raptures, and defended it through every criticism.

“Miss Woodhouse has given her friend the only beauty she wanted,” – observed Mrs. Weston to him – not in the least suspecting that she was addressing a lover. – “The expression of the eye is most correct, but Miss Smith has not those eyebrows and eyelashes. It is the fault of her face that she has them not.”

“Do you think so?” replied he. “I cannot agree with you. It appears to me a most perfect resemblance in every feature. I never saw such a likeness in my life. We must allow for the effect of shade, you know.”

“You have made her too tall, Emma,” said Mr. Knightley.

Emma knew that she had, but would not own it; and Mr. Elton warmly added,

“Oh no! certainly not too tall; not in the least too tall. Consider, she is sitting down – which naturally presents a different – which in short gives exactly the idea – and the proportions must be preserved, you know. Proportions, fore-shortening. – Oh no! it gives one exactly the idea of such a height as Miss Smith’s. Exactly so indeed!”

“It is very pretty,” said Mr. Woodhouse. “So prettily done! Just as your drawings always are, my dear. I do not know any body who draws so well as you do. The only thing I do not thoroughly like is, that she seems to be sitting out of doors, with only a little shawl over her shoulders – and it makes one think she must catch cold.”

“But, my dear papa, it is supposed to be summer; a warm day in summer. Look at the tree.”

“But it is never safe to sit out of doors, my dear.”

“You, sir, may say any thing,” cried Mr. Elton, “but I must confess that I regard it as a most happy thought, the placing of Miss Smith out of doors; and the tree is touched with such inimitable spirit! Any other situation would have

been much less in character. The naivete of Miss Smith's manners – and altogether – Oh, it is most admirable! I cannot keep my eyes from it. I never saw such a likeness.”

The next thing wanted was to get the picture framed; and here were a few difficulties. It must be done directly; it must be done in London; the order must go through the hands of some intelligent person whose taste could be depended on; and Isabella, the usual doer of all commissions, must not be applied to, because it was December, and Mr. Woodhouse could not bear the idea of her stirring out of her house in the fogs of December. But no sooner was the distress known to Mr. Elton, than it was removed. His gallantry was always on the alert. “Might he be trusted with the commission, what infinite pleasure should he have in executing it! he could ride to London at any time. It was impossible to say how much he should be gratified by being employed on such an errand.”

“He was too good! – she could not endure the thought! – she would not give him such a troublesome office for the world,” – brought on the desired repetition of entreaties and assurances, – and a very few minutes settled the business.

Mr. Elton was to take the drawing to London, chuse the frame, and give the directions; and Emma thought she could so pack it as to ensure its safety without much incommoding him, while he seemed mostly fearful of not being incommoded enough.

“What a precious deposit!” said he with a tender sigh, as he received it.

“This man is almost too gallant to be in love,” thought Emma. “I should say so, but that I suppose there may be a hundred different ways of being in love. He is an excellent young man, and will suit Harriet exactly; it will be an ‘Exactly so,’ as he says himself; but he does sigh and languish, and study for compliments rather more than I could endure as a principal. I come in for a pretty good share as a second. But it is his gratitude on Harriet's account.”

CHAPTER VII

The very day of Mr. Elton's going to London produced a fresh occasion for Emma's services towards her friend. Harriet had been at Hartfield, as usual, soon after breakfast; and, after a time, had gone home to return again to dinner: she returned, and sooner than had been talked of, and with an agitated, hurried look, announcing something extraordinary to have happened which she was longing to tell. Half a minute brought it all out. She had heard, as soon as she got back to Mrs. Goddard's, that Mr. Martin had been there an hour before, and finding she was not at home, nor particularly expected, had left a little parcel for her from one of his sisters, and gone away; and on opening this parcel, she had actually found, besides the two songs which she had lent Elizabeth to copy, a letter to herself; and this letter was from him, from Mr. Martin, and contained a direct proposal of marriage. "Who could have thought it? She was so surprized she did not know what to do. Yes, quite a proposal of marriage; and a very good letter, at least she thought so. And he wrote as if he really loved her very much – but she did not know – and so, she was come as fast as she could to ask Miss Woodhouse what she should do. – " Emma was half-ashamed of her friend for seeming so pleased and so doubtful.

"Upon my word," she cried, "the young man is determined not to lose any thing for want of asking. He will connect himself well if he can."

"Will you read the letter?" cried Harriet. "Pray do. I'd rather you would."

Emma was not sorry to be pressed. She read, and was surprized. The style of the letter was much above her expectation. There were not merely no grammatical errors, but as a composition it would not have disgraced a gentleman; the language, though plain, was strong and unaffected, and the sentiments it conveyed very much to the credit of the writer. It was short, but expressed good sense, warm attachment, liberality, propriety, even delicacy of feeling. She paused over it, while Harriet stood anxiously watching for her opinion, with a "Well, well," and was at last forced to add, "Is it a good letter? or is it too short?"

"Yes, indeed, a very good letter," replied Emma rather slowly – "so good a letter, Harriet, that every thing considered, I think one of his sisters must have helped him. I can hardly imagine the young man whom I saw talking with you the other day could express himself so well, if left quite to his own powers, and yet it is not the style of a woman; no, certainly, it is too strong and concise; not diffuse enough for a woman. No doubt he is a sensible man, and I suppose

may have a natural talent for – thinks strongly and clearly – and when he takes a pen in hand, his thoughts naturally find proper words. It is so with some men. Yes, I understand the sort of mind. Vigorous, decided, with sentiments to a certain point, not coarse. A better written letter, Harriet (returning it,) than I had expected.”

“Well,” said the still waiting Harriet; – “well – and – and what shall I do?”

“What shall you do! In what respect? Do you mean with regard to this letter?”

“Yes.”

“But what are you in doubt of? You must answer it of course – and speedily.”

“Yes. But what shall I say? Dear Miss Woodhouse, do advise me.”

“Oh no, no! the letter had much better be all your own. You will express yourself very properly, I am sure. There is no danger of your not being intelligible, which is the first thing. Your meaning must be unequivocal; no doubts or demurs: and such expressions of gratitude and concern for the pain you are inflicting as propriety requires, will present themselves unbidden to your mind, I am persuaded. You need not be prompted to write with the appearance of sorrow for his disappointment.”

“You think I ought to refuse him then,” said Harriet, looking down.

“Ought to refuse him! My dear Harriet, what do you mean? Are you in any doubt as to that? I thought – but I beg your pardon, perhaps I have been under a mistake. I certainly have been misunderstanding you, if you feel in doubt as to the purport of your answer. I had imagined you were consulting me only as to the wording of it.”

Harriet was silent. With a little reserve of manner, Emma continued:

“You mean to return a favourable answer, I collect.”

“No, I do not; that is, I do not mean – What shall I do? What would you advise me to do? Pray, dear Miss Woodhouse, tell me what I ought to do.”

“I shall not give you any advice, Harriet. I will have nothing to do with it. This is a point which you must settle with your feelings.”

“I had no notion that he liked me so very much,” said Harriet, contemplating the letter. For a little while Emma persevered in her silence; but

beginning to apprehend the bewitching flattery of that letter might be too powerful, she thought it best to say,

“I lay it down as a general rule, Harriet, that if a woman doubts as to whether she should accept a man or not, she certainly ought to refuse him. If she can hesitate as to ‘Yes,’ she ought to say ‘No’ directly. It is not a state to be safely entered into with doubtful feelings, with half a heart. I thought it my duty as a friend, and older than yourself, to say thus much to you. But do not imagine that I want to influence you.”

“Oh! no, I am sure you are a great deal too kind to – but if you would just advise me what I had best do – No, no, I do not mean that – As you say, one’s mind ought to be quite made up – One should not be hesitating – It is a very serious thing. – It will be safer to say ‘No,’ perhaps. – Do you think I had better say ‘No?’”

“Not for the world,” said Emma, smiling graciously, “would I advise you either way. You must be the best judge of your own happiness. If you prefer Mr. Martin to every other person; if you think him the most agreeable man you have ever been in company with, why should you hesitate? You blush, Harriet. – Does any body else occur to you at this moment under such a definition? Harriet, Harriet, do not deceive yourself; do not be run away with by gratitude and compassion. At this moment whom are you thinking of?”

The symptoms were favourable. – Instead of answering, Harriet turned away confused, and stood thoughtfully by the fire; and though the letter was still in her hand, it was now mechanically twisted about without regard. Emma waited the result with impatience, but not without strong hopes. At last, with some hesitation, Harriet said –

“Miss Woodhouse, as you will not give me your opinion, I must do as well as I can by myself; and I have now quite determined, and really almost made up my mind – to refuse Mr. Martin. Do you think I am right?”

“Perfectly, perfectly right, my dearest Harriet; you are doing just what you ought. While you were at all in suspense I kept my feelings to myself, but now that you are so completely decided I have no hesitation in approving. Dear Harriet, I give myself joy of this. It would have grieved me to lose your acquaintance, which must have been the consequence of your marrying Mr. Martin. While you were in the smallest degree wavering, I said nothing about it, because I would not influence; but it would have been the loss of a friend to me. I could not have visited Mrs. Robert Martin, of Abbey-Mill Farm. Now I am secure of you for ever.”

Harriet had not surmised her own danger, but the idea of it struck her forcibly.

“You could not have visited me!” she cried, looking aghast. “No, to be sure you could not; but I never thought of that before. That would have been too dreadful! – What an escape! – Dear Miss Woodhouse, I would not give up the pleasure and honour of being intimate with you for any thing in the world.”

“Indeed, Harriet, it would have been a severe pang to lose you; but it must have been. You would have thrown yourself out of all good society. I must have given you up.”

“Dear me! – How should I ever have borne it! It would have killed me never to come to Hartfield any more!”

“Dear affectionate creature! – You banished to Abbey-Mill Farm! – You confined to the society of the illiterate and vulgar all your life! I wonder how the young man could have the assurance to ask it. He must have a pretty good opinion of himself.”

“I do not think he is conceited either, in general,” said Harriet, her conscience opposing such censure; “at least, he is very good natured, and I shall always feel much obliged to him, and have a great regard for – but that is quite a different thing from – and you know, though he may like me, it does not follow that I should – and certainly I must confess that since my visiting here I have seen people – and if one comes to compare them, person and manners, there is no comparison at all, one is so very handsome and agreeable. However, I do really think Mr. Martin a very amiable young man, and have a great opinion of him; and his being so much attached to me – and his writing such a letter – but as to leaving you, it is what I would not do upon any consideration.”

“Thank you, thank you, my own sweet little friend. We will not be parted. A woman is not to marry a man merely because she is asked, or because he is attached to her, and can write a tolerable letter.”

“Oh no; – and it is but a short letter too.”

Emma felt the bad taste of her friend, but let it pass with a “very true; and it would be a small consolation to her, for the clownish manner which might be offending her every hour of the day, to know that her husband could write a good letter.”

“Oh! yes, very. Nobody cares for a letter; the thing is, to be always happy with pleasant companions. I am quite determined to refuse him. But how shall I do? What shall I say?”

Emma assured her there would be no difficulty in the answer, and advised its being written directly, which was agreed to, in the hope of her assistance; and though Emma continued to protest against any assistance being wanted, it was in fact given in the formation of every sentence. The looking over his letter again, in replying to it, had such a softening tendency, that it was particularly necessary to brace her up with a few decisive expressions; and she was so very much concerned at the idea of making him unhappy, and thought so much of what his mother and sisters would think and say, and was so anxious that they should not fancy her ungrateful, that Emma believed if the young man had come in her way at that moment, he would have been accepted after all.

This letter, however, was written, and sealed, and sent. The business was finished, and Harriet safe. She was rather low all the evening, but Emma could allow for her amiable regrets, and sometimes relieved them by speaking of her own affection, sometimes by bringing forward the idea of Mr. Elton.

“I shall never be invited to Abbey-Mill again,” was said in rather a sorrowful tone.

“Nor, if you were, could I ever bear to part with you, my Harriet. You are a great deal too necessary at Hartfield to be spared to Abbey-Mill.”

“And I am sure I should never want to go there; for I am never happy but at Hartfield.”

Some time afterwards it was, “I think Mrs. Goddard would be very much surprized if she knew what had happened. I am sure Miss Nash would – for Miss Nash thinks her own sister very well married, and it is only a linen-drapeer.”

“One should be sorry to see greater pride or refinement in the teacher of a school, Harriet. I dare say Miss Nash would envy you such an opportunity as this of being married. Even this conquest would appear valuable in her eyes. As to any thing superior for you, I suppose she is quite in the dark. The attentions of a certain person can hardly be among the tittle-tattle of Highbury yet. Hitherto I fancy you and I are the only people to whom his looks and manners have explained themselves.”

Harriet blushed and smiled, and said something about wondering that people should like her so much. The idea of Mr. Elton was certainly cheering; but still, after a time, she was tender-hearted again towards the rejected Mr. Martin.

“Now he has got my letter,” said she softly. “I wonder what they are all doing – whether his sisters know – if he is unhappy, they will be unhappy too. I hope he will not mind it so very much.”

“Let us think of those among our absent friends who are more cheerfully employed,” cried Emma. “At this moment, perhaps, Mr. Elton is shewing your picture to his mother and sisters, telling how much more beautiful is the original, and after being asked for it five or six times, allowing them to hear your name, your own dear name.”

“My picture! – But he has left my picture in Bond-street.”

“Has he so! – Then I know nothing of Mr. Elton. No, my dear little modest Harriet, depend upon it the picture will not be in Bond-street till just before he mounts his horse to-morrow. It is his companion all this evening, his solace, his delight. It opens his designs to his family, it introduces you among them, it diffuses through the party those pleasantest feelings of our nature, eager curiosity and warm prepossession. How cheerful, how animated, how suspicious, how busy their imaginations all are!”

Harriet smiled again, and her smiles grew stronger.

CHAPTER VIII

Harriet slept at Hartfield that night. For some weeks past she had been spending more than half her time there, and gradually getting to have a bed-room appropriated to herself; and Emma judged it best in every respect, safest and kindest, to keep her with them as much as possible just at present. She was obliged to go the next morning for an hour or two to Mrs. Goddard's, but it was then to be settled that she should return to Hartfield, to make a regular visit of some days.

While she was gone, Mr. Knightley called, and sat some time with Mr. Woodhouse and Emma, till Mr. Woodhouse, who had previously made up his mind to walk out, was persuaded by his daughter not to defer it, and was induced by the entreaties of both, though against the scruples of his own civility, to leave Mr. Knightley for that purpose. Mr. Knightley, who had nothing of ceremony about him, was offering by his short, decided answers, an amusing contrast to the protracted apologies and civil hesitations of the other.

"Well, I believe, if you will excuse me, Mr. Knightley, if you will not consider me as doing a very rude thing, I shall take Emma's advice and go out for a quarter of an hour. As the sun is out, I believe I had better take my three turns while I can. I treat you without ceremony, Mr. Knightley. We invalids think we are privileged people."

"My dear sir, do not make a stranger of me."

"I leave an excellent substitute in my daughter. Emma will be happy to entertain you. And therefore I think I will beg your excuse and take my three turns – my winter walk."

"You cannot do better, sir."

"I would ask for the pleasure of your company, Mr. Knightley, but I am a very slow walker, and my pace would be tedious to you; and, besides, you have another long walk before you, to Donwell Abbey."

"Thank you, sir, thank you; I am going this moment myself; and I think the sooner you go the better. I will fetch your greatcoat and open the garden door for you."

Mr. Woodhouse at last was off; but Mr. Knightley, instead of being immediately off likewise, sat down again, seemingly inclined for more chat. He began speaking of Harriet, and speaking of her with more voluntary praise than Emma had ever heard before.

"I cannot rate her beauty as you do," said he; "but she is a pretty little

creature, and I am inclined to think very well of her disposition. Her character depends upon those she is with; but in good hands she will turn out a valuable woman.”

“I am glad you think so; and the good hands, I hope, may not be wanting.”

“Come,” said he, “you are anxious for a compliment, so I will tell you that you have improved her. You have cured her of her school-girl’s giggle; she really does you credit.”

“Thank you. I should be mortified indeed if I did not believe I had been of some use; but it is not every body who will bestow praise where they may. You do not often overpower me with it.”

“You are expecting her again, you say, this morning?”

“Almost every moment. She has been gone longer already than she intended.”

“Something has happened to delay her; some visitors perhaps.”

“Highbury gossips! – Tiresome wretches!”

“Harriet may not consider every body tiresome that you would.”

Emma knew this was too true for contradiction, and therefore said nothing. He presently added, with a smile,

“I do not pretend to fix on times or places, but I must tell you that I have good reason to believe your little friend will soon hear of something to her advantage.”

“Indeed! how so? of what sort?”

“A very serious sort, I assure you;” still smiling.

“Very serious! I can think of but one thing – Who is in love with her? Who makes you their confidant?”

Emma was more than half in hopes of Mr. Elton’s having dropt a hint. Mr. Knightley was a sort of general friend and adviser, and she knew Mr. Elton looked up to him.

“I have reason to think,” he replied, “that Harriet Smith will soon have an offer of marriage, and from a most unexceptionable quarter: – Robert Martin is the man. Her visit to Abbey-Mill, this summer, seems to have done his business. He is desperately in love and means to marry her.”

“He is very obliging,” said Emma; “but is he sure that Harriet means to marry him?”

“Well, well, means to make her an offer then. Will that do? He came to the Abbey two evenings ago, on purpose to consult me about it. He knows I have a thorough regard for him and all his family, and, I believe, considers me as one of his best friends. He came to ask me whether I thought it would be imprudent in him to settle so early; whether I thought her too young: in short, whether I approved his choice altogether; having some apprehension perhaps of her being considered (especially since your making so much of her) as in a line of society above him. I was very much pleased with all that he said. I never hear better sense from any one than Robert Martin. He always speaks to the purpose; open, straightforward, and very well judging. He told me every thing; his circumstances and plans, and what they all proposed doing in the event of his marriage. He is an excellent young man, both as son and brother. I had no hesitation in advising him to marry. He proved to me that he could afford it; and that being the case, I was convinced he could not do better. I praised the fair lady too, and altogether sent him away very happy. If he had never esteemed my opinion before, he would have thought highly of me then; and, I dare say, left the house thinking me the best friend and counsellor man ever had. This happened the night before last. Now, as we may fairly suppose, he would not allow much time to pass before he spoke to the lady, and as he does not appear to have spoken yesterday, it is not unlikely that he should be at Mrs. Goddard’s to-day; and she may be detained by a visitor, without thinking him at all a tiresome wretch.”

“Pray, Mr. Knightley,” said Emma, who had been smiling to herself through a great part of this speech, “how do you know that Mr. Martin did not speak yesterday?”

“Certainly,” replied he, surprized, “I do not absolutely know it; but it may be inferred. Was not she the whole day with you?”

“Come,” said she, “I will tell you something, in return for what you have told me. He did speak yesterday – that is, he wrote, and was refused.”

This was obliged to be repeated before it could be believed; and Mr. Knightley actually looked red with surprize and displeasure, as he stood up, in tall indignation, and said,

“Then she is a greater simpleton than I ever believed her. What is the foolish girl about?”

“Oh! to be sure,” cried Emma, “it is always incomprehensible to a man that a woman should ever refuse an offer of marriage. A man always imagines a

woman to be ready for any body who asks her.”

“Nonsense! a man does not imagine any such thing. But what is the meaning of this? Harriet Smith refuse Robert Martin? madness, if it is so; but I hope you are mistaken.”

“I saw her answer! – nothing could be clearer.”

“You saw her answer! – you wrote her answer too. Emma, this is your doing. You persuaded her to refuse him.”

“And if I did, (which, however, I am far from allowing) I should not feel that I had done wrong. Mr. Martin is a very respectable young man, but I cannot admit him to be Harriet’s equal; and am rather surprized indeed that he should have ventured to address her. By your account, he does seem to have had some scruples. It is a pity that they were ever got over.”

“Not Harriet’s equal!” exclaimed Mr. Knightley loudly and warmly; and with calmer asperity, added, a few moments afterwards, “No, he is not her equal indeed, for he is as much her superior in sense as in situation. Emma, your infatuation about that girl blinds you. What are Harriet Smith’s claims, either of birth, nature or education, to any connexion higher than Robert Martin? She is the natural daughter of nobody knows whom, with probably no settled provision at all, and certainly no respectable relations. She is known only as parlour-boarder at a common school. She is not a sensible girl, nor a girl of any information. She has been taught nothing useful, and is too young and too simple to have acquired any thing herself. At her age she can have no experience, and with her little wit, is not very likely ever to have any that can avail her. She is pretty, and she is good tempered, and that is all. My only scruple in advising the match was on his account, as being beneath his deserts, and a bad connexion for him. I felt that, as to fortune, in all probability he might do much better; and that as to a rational companion or useful helpmate, he could not do worse. But I could not reason so to a man in love, and was willing to trust to there being no harm in her, to her having that sort of disposition, which, in good hands, like his, might be easily led aright and turn out very well. The advantage of the match I felt to be all on her side; and had not the smallest doubt (nor have I now) that there would be a general cry-out upon her extreme good luck. Even your satisfaction I made sure of. It crossed my mind immediately that you would not regret your friend’s leaving Highbury, for the sake of her being settled so well. I remember saying to myself, ‘Even Emma, with all her partiality for Harriet, will think this a good match.’”

“I cannot help wondering at your knowing so little of Emma as to say any such thing. What! think a farmer, (and with all his sense and all his merit Mr. Martin is nothing more,) a good match for my intimate friend! Not regret her

leaving Highbury for the sake of marrying a man whom I could never admit as an acquaintance of my own! I wonder you should think it possible for me to have such feelings. I assure you mine are very different. I must think your statement by no means fair. You are not just to Harriet's claims. They would be estimated very differently by others as well as myself; Mr. Martin may be the richest of the two, but he is undoubtedly her inferior as to rank in society. – The sphere in which she moves is much above his. – It would be a degradation.”

“A degradation to illegitimacy and ignorance, to be married to a respectable, intelligent gentleman-farmer!”

“As to the circumstances of her birth, though in a legal sense she may be called Nobody, it will not hold in common sense. She is not to pay for the offence of others, by being held below the level of those with whom she is brought up. – There can scarcely be a doubt that her father is a gentleman – and a gentleman of fortune. – Her allowance is very liberal; nothing has ever been grudged for her improvement or comfort. – That she is a gentleman's daughter, is indubitable to me; that she associates with gentlemen's daughters, no one, I apprehend, will deny. – She is superior to Mr. Robert Martin.”

“Whoever might be her parents,” said Mr. Knightley, “whoever may have had the charge of her, it does not appear to have been any part of their plan to introduce her into what you would call good society. After receiving a very indifferent education she is left in Mrs. Goddard's hands to shift as she can; – to move, in short, in Mrs. Goddard's line, to have Mrs. Goddard's acquaintance. Her friends evidently thought this good enough for her; and it was good enough. She desired nothing better herself. Till you chose to turn her into a friend, her mind had no distaste for her own set, nor any ambition beyond it. She was as happy as possible with the Martins in the summer. She had no sense of superiority then. If she has it now, you have given it. You have been no friend to Harriet Smith, Emma. Robert Martin would never have proceeded so far, if he had not felt persuaded of her not being disinclined to him. I know him well. He has too much real feeling to address any woman on the haphazard of selfish passion. And as to conceit, he is the farthest from it of any man I know. Depend upon it he had encouragement.”

It was most convenient to Emma not to make a direct reply to this assertion; she chose rather to take up her own line of the subject again.

“You are a very warm friend to Mr. Martin; but, as I said before, are unjust to Harriet. Harriet's claims to marry well are not so contemptible as you represent them. She is not a clever girl, but she has better sense than you are aware of, and does not deserve to have her understanding spoken of so slightly.

Waiving that point, however, and supposing her to be, as you describe her, only pretty and good-natured, let me tell you, that in the degree she possesses them, they are not trivial recommendations to the world in general, for she is, in fact, a beautiful girl, and must be thought so by ninety-nine people out of an hundred; and till it appears that men are much more philosophic on the subject of beauty than they are generally supposed; till they do fall in love with well-informed minds instead of handsome faces, a girl, with such loveliness as Harriet, has a certainty of being admired and sought after, of having the power of chusing from among many, consequently a claim to be nice. Her good-nature, too, is not so very slight a claim, comprehending, as it does, real, thorough sweetness of temper and manner, a very humble opinion of herself, and a great readiness to be pleased with other people. I am very much mistaken if your sex in general would not think such beauty, and such temper, the highest claims a woman could possess.”

“Upon my word, Emma, to hear you abusing the reason you have, is almost enough to make me think so too. Better be without sense, than misapply it as you do.”

“To be sure!” cried she playfully. “I know that is the feeling of you all. I know that such a girl as Harriet is exactly what every man delights in – what at once bewitches his senses and satisfies his judgment. Oh! Harriet may pick and chuse. Were you, yourself, ever to marry, she is the very woman for you. And is she, at seventeen, just entering into life, just beginning to be known, to be wondered at because she does not accept the first offer she receives? No – pray let her have time to look about her.”

“I have always thought it a very foolish intimacy,” said Mr. Knightley presently, “though I have kept my thoughts to myself; but I now perceive that it will be a very unfortunate one for Harriet. You will puff her up with such ideas of her own beauty, and of what she has a claim to, that, in a little while, nobody within her reach will be good enough for her. Vanity working on a weak head, produces every sort of mischief. Nothing so easy as for a young lady to raise her expectations too high. Miss Harriet Smith may not find offers of marriage flow in so fast, though she is a very pretty girl. Men of sense, whatever you may chuse to say, do not want silly wives. Men of family would not be very fond of connecting themselves with a girl of such obscurity – and most prudent men would be afraid of the inconvenience and disgrace they might be involved in, when the mystery of her parentage came to be revealed. Let her marry Robert Martin, and she is safe, respectable, and happy for ever; but if you encourage her to expect to marry greatly, and teach her to be satisfied with nothing less than a man of consequence and large fortune, she may be a parlour-boarder at Mrs. Goddard’s all the rest of her life – or, at least, (for Harriet Smith is a girl who will

marry somebody or other,) till she grow desperate, and is glad to catch at the old writing-master's son."

"We think so very differently on this point, Mr. Knightley, that there can be no use in canvassing it. We shall only be making each other more angry. But as to my letting her marry Robert Martin, it is impossible; she has refused him, and so decidedly, I think, as must prevent any second application. She must abide by the evil of having refused him, whatever it may be; and as to the refusal itself, I will not pretend to say that I might not influence her a little; but I assure you there was very little for me or for any body to do. His appearance is so much against him, and his manner so bad, that if she ever were disposed to favour him, she is not now. I can imagine, that before she had seen any body superior, she might tolerate him. He was the brother of her friends, and he took pains to please her; and altogether, having seen nobody better (that must have been his great assistant) she might not, while she was at Abbey-Mill, find him disagreeable. But the case is altered now. She knows now what gentlemen are; and nothing but a gentleman in education and manner has any chance with Harriet."

"Nonsense, errant nonsense, as ever was talked!" cried Mr. Knightley. – "Robert Martin's manners have sense, sincerity, and good-humour to recommend them; and his mind has more true gentility than Harriet Smith could understand."

Emma made no answer, and tried to look cheerfully unconcerned, but was really feeling uncomfortable and wanting him very much to be gone. She did not repent what she had done; she still thought herself a better judge of such a point of female right and refinement than he could be; but yet she had a sort of habitual respect for his judgment in general, which made her dislike having it so loudly against her; and to have him sitting just opposite to her in angry state, was very disagreeable. Some minutes passed in this unpleasant silence, with only one attempt on Emma's side to talk of the weather, but he made no answer. He was thinking. The result of his thoughts appeared at last in these words.

"Robert Martin has no great loss – if he can but think so; and I hope it will not be long before he does. Your views for Harriet are best known to yourself; but as you make no secret of your love of match-making, it is fair to suppose that views, and plans, and projects you have; – and as a friend I shall just hint to you that if Elton is the man, I think it will be all labour in vain."

Emma laughed and disclaimed. He continued,

"Depend upon it, Elton will not do. Elton is a very good sort of man, and a very respectable vicar of Highbury, but not at all likely to make an imprudent match. He knows the value of a good income as well as any body. Elton may talk sentimentally, but he will act rationally. He is as well acquainted with his own

claims, as you can be with Harriet's. He knows that he is a very handsome young man, and a great favourite wherever he goes; and from his general way of talking in unreserved moments, when there are only men present, I am convinced that he does not mean to throw himself away. I have heard him speak with great animation of a large family of young ladies that his sisters are intimate with, who have all twenty thousand pounds apiece."

"I am very much obliged to you," said Emma, laughing again. "If I had set my heart on Mr. Elton's marrying Harriet, it would have been very kind to open my eyes; but at present I only want to keep Harriet to myself. I have done with match-making indeed. I could never hope to equal my own doings at Randalls. I shall leave off while I am well."

"Good morning to you," – said he, rising and walking off abruptly. He was very much vexed. He felt the disappointment of the young man, and was mortified to have been the means of promoting it, by the sanction he had given; and the part which he was persuaded Emma had taken in the affair, was provoking him exceedingly.

Emma remained in a state of vexation too; but there was more indistinctness in the causes of her's, than in his. She did not always feel so absolutely satisfied with herself, so entirely convinced that her opinions were right and her adversary's wrong, as Mr. Knightley. He walked off in more complete self-approbation than he left for her. She was not so materially cast down, however, but that a little time and the return of Harriet were very adequate restoratives. Harriet's staying away so long was beginning to make her uneasy. The possibility of the young man's coming to Mrs. Goddard's that morning, and meeting with Harriet and pleading his own cause, gave alarming ideas. The dread of such a failure after all became the prominent uneasiness; and when Harriet appeared, and in very good spirits, and without having any such reason to give for her long absence, she felt a satisfaction which settled her with her own mind, and convinced her, that let Mr. Knightley think or say what he would, she had done nothing which woman's friendship and woman's feelings would not justify.

He had frightened her a little about Mr. Elton; but when she considered that Mr. Knightley could not have observed him as she had done, neither with the interest, nor (she must be allowed to tell herself, in spite of Mr. Knightley's pretensions) with the skill of such an observer on such a question as herself, that he had spoken it hastily and in anger, she was able to believe, that he had rather said what he wished resentfully to be true, than what he knew any thing about. He certainly might have heard Mr. Elton speak with more unreserve than she had ever done, and Mr. Elton might not be of an imprudent, inconsiderate disposition as to money matters; he might naturally be rather attentive than otherwise to

them; but then, Mr. Knightley did not make due allowance for the influence of a strong passion at war with all interested motives. Mr. Knightley saw no such passion, and of course thought nothing of its effects; but she saw too much of it to feel a doubt of its overcoming any hesitations that a reasonable prudence might originally suggest; and more than a reasonable, becoming degree of prudence, she was very sure did not belong to Mr. Elton.

Harriet's cheerful look and manner established hers: she came back, not to think of Mr. Martin, but to talk of Mr. Elton. Miss Nash had been telling her something, which she repeated immediately with great delight. Mr. Perry had been to Mrs. Goddard's to attend a sick child, and Miss Nash had seen him, and he had told Miss Nash, that as he was coming back yesterday from Clayton Park, he had met Mr. Elton, and found to his great surprize, that Mr. Elton was actually on his road to London, and not meaning to return till the morrow, though it was the whist-club night, which he had been never known to miss before; and Mr. Perry had remonstrated with him about it, and told him how shabby it was in him, their best player, to absent himself, and tried very much to persuade him to put off his journey only one day; but it would not do; Mr. Elton had been determined to go on, and had said in a very particular way indeed, that he was going on business which he would not put off for any inducement in the world; and something about a very enviable commission, and being the bearer of something exceedingly precious. Mr. Perry could not quite understand him, but he was very sure there must be a lady in the case, and he told him so; and Mr. Elton only looked very conscious and smiling, and rode off in great spirits. Miss Nash had told her all this, and had talked a great deal more about Mr. Elton; and said, looking so very significantly at her, "that she did not pretend to understand what his business might be, but she only knew that any woman whom Mr. Elton could prefer, she should think the luckiest woman in the world; for, beyond a doubt, Mr. Elton had not his equal for beauty or agreeableness."

CHAPTER IX

Mr. Knightley might quarrel with her, but Emma could not quarrel with herself. He was so much displeased, that it was longer than usual before he came to Hartfield again; and when they did meet, his grave looks shewed that she was not forgiven. She was sorry, but could not repent. On the contrary, her plans and proceedings were more and more justified and endeared to her by the general appearances of the next few days.

The Picture, elegantly framed, came safely to hand soon after Mr. Elton's return, and being hung over the mantelpiece of the common sitting-room, he got up to look at it, and sighed out his half sentences of admiration just as he ought; and as for Harriet's feelings, they were visibly forming themselves into a strong and steady attachment as her youth and sort of mind admitted. Emma was soon perfectly satisfied of Mr. Martin's being no otherwise remembered, than as he furnished a contrast with Mr. Elton, of the utmost advantage to the latter.

Her views of improving her little friend's mind, by a great deal of useful reading and conversation, had never yet led to more than a few first chapters, and the intention of going on to-morrow. It was much easier to chat than to study; much pleasanter to let her imagination range and work at Harriet's fortune, than to be labouring to enlarge her comprehension or exercise it on sober facts; and the only literary pursuit which engaged Harriet at present, the only mental provision she was making for the evening of life, was the collecting and transcribing all the riddles of every sort that she could meet with, into a thin quarto of hot-pressed paper, made up by her friend, and ornamented with ciphers and trophies.

In this age of literature, such collections on a very grand scale are not uncommon. Miss Nash, head-teacher at Mrs. Goddard's, had written out at least three hundred; and Harriet, who had taken the first hint of it from her, hoped, with Miss Woodhouse's help, to get a great many more. Emma assisted with her invention, memory and taste; and as Harriet wrote a very pretty hand, it was likely to be an arrangement of the first order, in form as well as quantity.

Mr. Woodhouse was almost as much interested in the business as the girls, and tried very often to recollect something worth their putting in. "So many clever riddles as there used to be when he was young – he wondered he could not remember them! but he hoped he should in time." And it always ended in "Kitty, a fair but frozen maid."

His good friend Perry, too, whom he had spoken to on the subject, did not at present recollect any thing of the riddle kind; but he had desired Perry to be upon the watch, and as he went about so much, something, he thought, might

come from that quarter.

It was by no means his daughter's wish that the intellects of Highbury in general should be put under requisition. Mr. Elton was the only one whose assistance she asked. He was invited to contribute any really good enigmas, charades, or conundrums that he might recollect; and she had the pleasure of seeing him most intently at work with his recollections; and at the same time, as she could perceive, most earnestly careful that nothing ungallant, nothing that did not breathe a compliment to the sex should pass his lips. They owed to him their two or three politest puzzles; and the joy and exultation with which at last he recalled, and rather sentimentally recited, that well-known charade,

*My first doth affliction denote,
Which my second is destin'd to feel
And my whole is the best antidote
That affliction to soften and heal. –*

made her quite sorry to acknowledge that they had transcribed it some pages ago already.

“Why will not you write one yourself for us, Mr. Elton?” said she; “that is the only security for its freshness; and nothing could be easier to you.”

“Oh no! he had never written, hardly ever, any thing of the kind in his life. The stupidest fellow! He was afraid not even Miss Woodhouse” – he stopt a moment – “or Miss Smith could inspire him.”

The very next day however produced some proof of inspiration. He called for a few moments, just to leave a piece of paper on the table containing, as he said, a charade, which a friend of his had addressed to a young lady, the object of his admiration, but which, from his manner, Emma was immediately convinced must be his own.

“I do not offer it for Miss Smith's collection,” said he. “Being my friend's, I have no right to expose it in any degree to the public eye, but perhaps you may not dislike looking at it.”

The speech was more to Emma than to Harriet, which Emma could understand. There was deep consciousness about him, and he found it easier to meet her eye than her friend's. He was gone the next moment: – after another moment's pause,

“Take it,” said Emma, smiling, and pushing the paper towards Harriet – “it is for you. Take your own.”

But Harriet was in a tremor, and could not touch it; and Emma, never loth to be first, was obliged to examine it herself.

To Miss –

CHARADE.

*My first displays the wealth and pomp of kings,
Lords of the earth! their luxury and ease.
Another view of man, my second brings,
Behold him there, the monarch of the seas!*

*But ah! united, what reverse we have!
Man's boasted power and freedom, all are flown;
Lord of the earth and sea, he bends a slave,
And woman, lovely woman, reigns alone.*

*Thy ready wit the word will soon supply,
May its approval beam in that soft eye!*

She cast her eye over it, pondered, caught the meaning, read it through again to be quite certain, and quite mistress of the lines, and then passing it to Harriet, sat happily smiling, and saying to herself, while Harriet was puzzling over the paper in all the confusion of hope and dulness, “Very well, Mr. Elton, very well indeed. I have read worse charades. Courtship – a very good hint. I give you credit for it. This is feeling your way. This is saying very plainly – ‘Pray, Miss Smith, give me leave to pay my addresses to you. Approve my charade and my intentions in the same glance.’”

May its approval beam in that soft eye!

Harriet exactly. Soft is the very word for her eye – of all epithets, the justest that could be given.

Thy ready wit the word will soon supply.

Humph – Harriet’s ready wit! All the better. A man must be very much in love, indeed, to describe her so. Ah! Mr. Knightley, I wish you had the benefit of this; I think this would convince you. For once in your life you would be obliged to own yourself mistaken. An excellent charade indeed! and very much to the purpose. Things must come to a crisis soon now.”

She was obliged to break off from these very pleasant observations, which were otherwise of a sort to run into great length, by the eagerness of Harriet’s wondering questions.

“What can it be, Miss Woodhouse? – what can it be? I have not an idea – I cannot guess it in the least. What can it possibly be? Do try to find it out, Miss Woodhouse. Do help me. I never saw any thing so hard. Is it kingdom? I wonder who the friend was – and who could be the young lady. Do you think it is a good one? Can it be woman?”

And woman, lovely woman, reigns alone.

Can it be Neptune?

Behold him there, the monarch of the seas!

Or a trident? or a mermaid? or a shark? Oh, no! shark is only one syllable. It must be very clever, or he would not have brought it. Oh! Miss Woodhouse, do you think we shall ever find it out?”

“Mermaids and sharks! Nonsense! My dear Harriet, what are you thinking of? Where would be the use of his bringing us a charade made by a friend upon a mermaid or a shark? Give me the paper and listen.

For Miss ---, read Miss Smith.

*My first displays the wealth and pomp of kings,
Lords of the earth! their luxury and ease.*

That is court.

*Another view of man, my second brings;
Behold him there, the monarch of the seas!*

That is ship; – plain as it can be. – Now for the cream.

*But ah! united, (courtship, you know,) what reverse we have!
Man's boasted power and freedom, all are flown.
Lord of the earth and sea, he bends a slave,
And woman, lovely woman, reigns alone.*

A very proper compliment! – and then follows the application, which I think, my dear Harriet, you cannot find much difficulty in comprehending. Read it in comfort to yourself. There can be no doubt of its being written for you and to you.”

Harriet could not long resist so delightful a persuasion. She read the concluding lines, and was all flutter and happiness. She could not speak. But she was not wanted to speak. It was enough for her to feel. Emma spoke for her.

“There is so pointed, and so particular a meaning in this compliment,” said she, “that I cannot have a doubt as to Mr. Elton’s intentions. You are his object – and you will soon receive the completest proof of it. I thought it must be so. I thought I could not be so deceived; but now, it is clear; the state of his mind is as clear and decided, as my wishes on the subject have been ever since I knew you. Yes, Harriet, just so long have I been wanting the very circumstance to happen what has happened. I could never tell whether an attachment between you and Mr. Elton were most desirable or most natural. Its probability and its eligibility have really so equalled each other! I am very happy. I congratulate you, my dear Harriet, with all my heart. This is an attachment which a woman may well feel pride in creating. This is a connexion which offers nothing but good. It will give you every thing that you want – consideration, independence, a proper

home – it will fix you in the centre of all your real friends, close to Hartfield and to me, and confirm our intimacy for ever. This, Harriet, is an alliance which can never raise a blush in either of us.”

“Dear Miss Woodhouse!” – and “Dear Miss Woodhouse,” was all that Harriet, with many tender embraces could articulate at first; but when they did arrive at something more like conversation, it was sufficiently clear to her friend that she saw, felt, anticipated, and remembered just as she ought. Mr. Elton’s superiority had very ample acknowledgment.

“Whatever you say is always right,” cried Harriet, “and therefore I suppose, and believe, and hope it must be so; but otherwise I could not have imagined it. It is so much beyond any thing I deserve. Mr. Elton, who might marry any body! There cannot be two opinions about him. He is so very superior. Only think of those sweet verses – ‘To Miss – – – .’ Dear me, how clever! – Could it really be meant for me?”

“I cannot make a question, or listen to a question about that. It is a certainty. Receive it on my judgment. It is a sort of prologue to the play, a motto to the chapter; and will be soon followed by matter-of-fact prose.”

“It is a sort of thing which nobody could have expected. I am sure, a month ago, I had no more idea myself! – The strangest things do take place!”

“When Miss Smiths and Mr. Eltons get acquainted – they do indeed – and really it is strange; it is out of the common course that what is so evidently, so palpably desirable – what courts the pre-arrangement of other people, should so immediately shape itself into the proper form. You and Mr. Elton are by situation called together; you belong to one another by every circumstance of your respective homes. Your marrying will be equal to the match at Randalls. There does seem to be a something in the air of Hartfield which gives love exactly the right direction, and sends it into the very channel where it ought to flow.

The course of true love never did run smooth –

A Hartfield edition of Shakespeare would have a long note on that passage.”

“That Mr. Elton should really be in love with me, – me, of all people, who did not know him, to speak to him, at Michaelmas! And he, the very handsomest man that ever was, and a man that every body looks up to, quite like Mr. Knightley! His company so sought after, that every body says he need not

eat a single meal by himself if he does not chuse it; that he has more invitations than there are days in the week. And so excellent in the Church! Miss Nash has put down all the texts he has ever preached from since he came to Highbury. Dear me! When I look back to the first time I saw him! How little did I think! – The two Abbots and I ran into the front room and peeped through the blind when we heard he was going by, and Miss Nash came and scolded us away, and staid to look through herself; however, she called me back presently, and let me look too, which was very good-natured. And how beautiful we thought he looked! He was arm-in-arm with Mr. Cole.”

“This is an alliance which, whoever – whatever your friends may be, must be agreeable to them, provided at least they have common sense; and we are not to be addressing our conduct to fools. If they are anxious to see you happily married, here is a man whose amiable character gives every assurance of it; – if they wish to have you settled in the same country and circle which they have chosen to place you in, here it will be accomplished; and if their only object is that you should, in the common phrase, be well married, here is the comfortable fortune, the respectable establishment, the rise in the world which must satisfy them.”

“Yes, very true. How nicely you talk; I love to hear you. You understand every thing. You and Mr. Elton are one as clever as the other. This charade! – If I had studied a twelvemonth, I could never have made any thing like it.”

“I thought he meant to try his skill, by his manner of declining it yesterday.”

“I do think it is, without exception, the best charade I ever read.”

“I never read one more to the purpose, certainly.”

“It is as long again as almost all we have had before.”

“I do not consider its length as particularly in its favour. Such things in general cannot be too short.”

Harriet was too intent on the lines to hear. The most satisfactory comparisons were rising in her mind.

“It is one thing,” said she, presently – her cheeks in a glow – “to have very good sense in a common way, like every body else, and if there is any thing to say, to sit down and write a letter, and say just what you must, in a short way; and another, to write verses and charades like this.”

Emma could not have desired a more spirited rejection of Mr. Martin’s

prose.

“Such sweet lines!” continued Harriet – “these two last! – But how shall I ever be able to return the paper, or say I have found it out? – Oh! Miss Woodhouse, what can we do about that?”

“Leave it to me. You do nothing. He will be here this evening, I dare say, and then I will give it him back, and some nonsense or other will pass between us, and you shall not be committed. – Your soft eyes shall chuse their own time for beaming. Trust to me.”

“Oh! Miss Woodhouse, what a pity that I must not write this beautiful charade into my book! I am sure I have not got one half so good.”

“Leave out the two last lines, and there is no reason why you should not write it into your book.”

“Oh! but those two lines are” –

– “The best of all. Granted; – for private enjoyment; and for private enjoyment keep them. They are not at all the less written you know, because you divide them. The couplet does not cease to be, nor does its meaning change. But take it away, and all appropriation ceases, and a very pretty gallant charade remains, fit for any collection. Depend upon it, he would not like to have his charade slighted, much better than his passion. A poet in love must be encouraged in both capacities, or neither. Give me the book, I will write it down, and then there can be no possible reflection on you.”

Harriet submitted, though her mind could hardly separate the parts, so as to feel quite sure that her friend were not writing down a declaration of love. It seemed too precious an offering for any degree of publicity.

“I shall never let that book go out of my own hands,” said she.

“Very well,” replied Emma; “a most natural feeling; and the longer it lasts, the better I shall be pleased. But here is my father coming: you will not object to my reading the charade to him. It will be giving him so much pleasure! He loves any thing of the sort, and especially any thing that pays woman a compliment. He has the tenderest spirit of gallantry towards us all! – You must let me read it to him.”

Harriet looked grave.

“My dear Harriet, you must not refine too much upon this charade. – You will betray your feelings improperly, if you are too conscious and too quick, and appear to affix more meaning, or even quite all the meaning which may be

affixed to it. Do not be overpowered by such a little tribute of admiration. If he had been anxious for secrecy, he would not have left the paper while I was by; but he rather pushed it towards me than towards you. Do not let us be too solemn on the business. He has encouragement enough to proceed, without our sighing out our souls over this charade.”

“Oh! no – I hope I shall not be ridiculous about it. Do as you please.”

Mr. Woodhouse came in, and very soon led to the subject again, by the recurrence of his very frequent inquiry of “Well, my dears, how does your book go on? – Have you got any thing fresh?”

“Yes, papa; we have something to read you, something quite fresh. A piece of paper was found on the table this morning – (dropt, we suppose, by a fairy) – containing a very pretty charade, and we have just copied it in.”

She read it to him, just as he liked to have any thing read, slowly and distinctly, and two or three times over, with explanations of every part as she proceeded – and he was very much pleased, and, as she had foreseen, especially struck with the complimentary conclusion.

“Aye, that’s very just, indeed, that’s very properly said. Very true. ‘Woman, lovely woman.’ It is such a pretty charade, my dear, that I can easily guess what fairy brought it. – Nobody could have written so prettily, but you, Emma.”

Emma only nodded, and smiled. – After a little thinking, and a very tender sigh, he added,

“Ah! it is no difficulty to see who you take after! Your dear mother was so clever at all those things! If I had but her memory! But I can remember nothing; – not even that particular riddle which you have heard me mention; I can only recollect the first stanza; and there are several.

*Kitty, a fair but frozen maid,
Kindled a flame I yet deplore,
The hood-wink’d boy I called to aid,
Though of his near approach afraid,*

So fatal to my suit before.

And that is all that I can recollect of it – but it is very clever all the way

through. But I think, my dear, you said you had got it.”

“Yes, papa, it is written out in our second page. We copied it from the *Elegant Extracts*. It was Garrick’s, you know.”

“Aye, very true. – I wish I could recollect more of it.

Kitty, a fair but frozen maid.

The name makes me think of poor Isabella; for she was very near being christened Catherine after her grandmama. I hope we shall have her here next week. Have you thought, my dear, where you shall put her – and what room there will be for the children?”

“Oh! yes – she will have her own room, of course; the room she always has; – and there is the nursery for the children, – just as usual, you know. Why should there be any change?”

“I do not know, my dear – but it is so long since she was here! – not since last Easter, and then only for a few days. – Mr. John Knightley’s being a lawyer is very inconvenient. – Poor Isabella! – she is sadly taken away from us all! – and how sorry she will be when she comes, not to see Miss Taylor here!”

“She will not be surprized, papa, at least.”

“I do not know, my dear. I am sure I was very much surprized when I first heard she was going to be married.”

“We must ask Mr. and Mrs. Weston to dine with us, while Isabella is here.”

“Yes, my dear, if there is time. – But – (in a very depressed tone) – she is coming for only one week. There will not be time for any thing.”

“It is unfortunate that they cannot stay longer – but it seems a case of necessity. Mr. John Knightley must be in town again on the 28th, and we ought to be thankful, papa, that we are to have the whole of the time they can give to the country, that two or three days are not to be taken out for the Abbey. Mr. Knightley promises to give up his claim this Christmas – though you know it is longer since they were with him, than with us.”

“It would be very hard, indeed, my dear, if poor Isabella were to be any where but at Hartfield.”

Mr. Woodhouse could never allow for Mr. Knightley’s claims on his

brother, or any body's claims on Isabella, except his own. He sat musing a little while, and then said,

"But I do not see why poor Isabella should be obliged to go back so soon, though he does. I think, Emma, I shall try and persuade her to stay longer with us. She and the children might stay very well."

"Ah! papa – that is what you never have been able to accomplish, and I do not think you ever will. Isabella cannot bear to stay behind her husband."

This was too true for contradiction. Unwelcome as it was, Mr. Woodhouse could only give a submissive sigh; and as Emma saw his spirits affected by the idea of his daughter's attachment to her husband, she immediately led to such a branch of the subject as must raise them.

"Harriet must give us as much of her company as she can while my brother and sister are here. I am sure she will be pleased with the children. We are very proud of the children, are not we, papa? I wonder which she will think the handsomest, Henry or John?"

"Aye, I wonder which she will. Poor little dears, how glad they will be to come. They are very fond of being at Hartfield, Harriet."

"I dare say they are, sir. I am sure I do not know who is not."

"Henry is a fine boy, but John is very like his mama. Henry is the eldest, he was named after me, not after his father. John, the second, is named after his father. Some people are surprized, I believe, that the eldest was not, but Isabella would have him called Henry, which I thought very pretty of her. And he is a very clever boy, indeed. They are all remarkably clever; and they have so many pretty ways. They will come and stand by my chair, and say, 'Grandpapa, can you give me a bit of string?' and once Henry asked me for a knife, but I told him knives were only made for grandpapas. I think their father is too rough with them very often."

"He appears rough to you," said Emma, "because you are so very gentle yourself; but if you could compare him with other papas, you would not think him rough. He wishes his boys to be active and hardy; and if they misbehave, can give them a sharp word now and then; but he is an affectionate father – certainly Mr. John Knightley is an affectionate father. The children are all fond of him."

"And then their uncle comes in, and tosses them up to the ceiling in a very frightful way!"

"But they like it, papa; there is nothing they like so much. It is such

enjoyment to them, that if their uncle did not lay down the rule of their taking turns, whichever began would never give way to the other.”

“Well, I cannot understand it.”

“That is the case with us all, papa. One half of the world cannot understand the pleasures of the other.”

Later in the morning, and just as the girls were going to separate in preparation for the regular four o'clock dinner, the hero of this inimitable charade walked in again. Harriet turned away; but Emma could receive him with the usual smile, and her quick eye soon discerned in his the consciousness of having made a push – of having thrown a die; and she imagined he was come to see how it might turn up. His ostensible reason, however, was to ask whether Mr. Woodhouse's party could be made up in the evening without him, or whether he should be in the smallest degree necessary at Hartfield. If he were, every thing else must give way; but otherwise his friend Cole had been saying so much about his dining with him – had made such a point of it, that he had promised him conditionally to come.

Emma thanked him, but could not allow of his disappointing his friend on their account; her father was sure of his rubber. He re-urged – she re-declined; and he seemed then about to make his bow, when taking the paper from the table, she returned it –

“Oh! here is the charade you were so obliging as to leave with us; thank you for the sight of it. We admired it so much, that I have ventured to write it into Miss Smith's collection. Your friend will not take it amiss I hope. Of course I have not transcribed beyond the first eight lines.”

Mr. Elton certainly did not very well know what to say. He looked rather doubtfully – rather confused; said something about “honour,” – glanced at Emma and at Harriet, and then seeing the book open on the table, took it up, and examined it very attentively. With the view of passing off an awkward moment, Emma smilingly said,

“You must make my apologies to your friend; but so good a charade must not be confined to one or two. He may be sure of every woman's approbation while he writes with such gallantry.”

“I have no hesitation in saying,” replied Mr. Elton, though hesitating a good deal while he spoke; “I have no hesitation in saying – at least if my friend feels at all as I do – I have not the smallest doubt that, could he see his little effusion honoured as I see it, (looking at the book again, and replacing it on the table), he would consider it as the proudest moment of his life.”

After this speech he was gone as soon as possible. Emma could not think it too soon; for with all his good and agreeable qualities, there was a sort of parade in his speeches which was very apt to incline her to laugh. She ran away to indulge the inclination, leaving the tender and the sublime of pleasure to Harriet's share.

CHAPTER X

Though now the middle of December, there had yet been no weather to prevent the young ladies from tolerably regular exercise; and on the morrow, Emma had a charitable visit to pay to a poor sick family, who lived a little way out of Highbury.

Their road to this detached cottage was down Vicarage Lane, a lane leading at right angles from the broad, though irregular, main street of the place; and, as may be inferred, containing the blessed abode of Mr. Elton. A few inferior dwellings were first to be passed, and then, about a quarter of a mile down the lane rose the Vicarage, an old and not very good house, almost as close to the road as it could be. It had no advantage of situation; but had been very much smartened up by the present proprietor; and, such as it was, there could be no possibility of the two friends passing it without a slackened pace and observing eyes. – Emma’s remark was –

“There it is. There go you and your riddle-book one of these days.” – Harriet’s was –

“Oh, what a sweet house! – How very beautiful! – There are the yellow curtains that Miss Nash admires so much.”

“I do not often walk this way now,” said Emma, as they proceeded, “but then there will be an inducement, and I shall gradually get intimately acquainted with all the hedges, gates, pools and pollards of this part of Highbury.”

Harriet, she found, had never in her life been within side the Vicarage, and her curiosity to see it was so extreme, that, considering exteriors and probabilities, Emma could only class it, as a proof of love, with Mr. Elton’s seeing ready wit in her.

“I wish we could contrive it,” said she; “but I cannot think of any tolerable pretence for going in; – no servant that I want to inquire about of his housekeeper – no message from my father.”

She pondered, but could think of nothing. After a mutual silence of some minutes, Harriet thus began again –

“I do so wonder, Miss Woodhouse, that you should not be married, or going to be married! so charming as you are!” –

Emma laughed, and replied,

“My being charming, Harriet, is not quite enough to induce me to

marry; I must find other people charming – one other person at least. And I am not only, not going to be married, at present, but have very little intention of ever marrying at all.”

“Ah! – so you say; but I cannot believe it.”

“I must see somebody very superior to any one I have seen yet, to be tempted; Mr. Elton, you know, (recollecting herself,) is out of the question: and I do not wish to see any such person. I would rather not be tempted. I cannot really change for the better. If I were to marry, I must expect to repent it.”

“Dear me! – it is so odd to hear a woman talk so!” –

“I have none of the usual inducements of women to marry. Were I to fall in love, indeed, it would be a different thing! but I never have been in love; it is not my way, or my nature; and I do not think I ever shall. And, without love, I am sure I should be a fool to change such a situation as mine. Fortune I do not want; employment I do not want; consequence I do not want: I believe few married women are half as much mistress of their husband’s house as I am of Hartfield; and never, never could I expect to be so truly beloved and important; so always first and always right in any man’s eyes as I am in my father’s.”

“But then, to be an old maid at last, like Miss Bates!”

“That is as formidable an image as you could present, Harriet; and if I thought I should ever be like Miss Bates! so silly – so satisfied – so smiling – so prosing – so undistinguishing and unfastidious – and so apt to tell every thing relative to every body about me, I would marry to-morrow. But between us, I am convinced there never can be any likeness, except in being unmarried.”

“But still, you will be an old maid! and that’s so dreadful!”

“Never mind, Harriet, I shall not be a poor old maid; and it is poverty only which makes celibacy contemptible to a generous public! A single woman, with a very narrow income, must be a ridiculous, disagreeable old maid! the proper sport of boys and girls, but a single woman, of good fortune, is always respectable, and may be as sensible and pleasant as any body else. And the distinction is not quite so much against the candour and common sense of the world as appears at first; for a very narrow income has a tendency to contract the mind, and sour the temper. Those who can barely live, and who live perforce in a very small, and generally very inferior, society, may well be illiberal and cross. This does not apply, however, to Miss Bates; she is only too good natured and too silly to suit me; but, in general, she is very much to the taste of every body, though single and though poor. Poverty certainly has not contracted her mind: I really believe, if she had only a shilling in the world, she would be very

likely to give away sixpence of it; and nobody is afraid of her: that is a great charm.”

“Dear me! but what shall you do? how shall you employ yourself when you grow old?”

“If I know myself, Harriet, mine is an active, busy mind, with a great many independent resources; and I do not perceive why I should be more in want of employment at forty or fifty than one-and-twenty. Woman’s usual occupations of hand and mind will be as open to me then as they are now; or with no important variation. If I draw less, I shall read more; if I give up music, I shall take to carpet-work. And as for objects of interest, objects for the affections, which is in truth the great point of inferiority, the want of which is really the great evil to be avoided in not marrying, I shall be very well off, with all the children of a sister I love so much, to care about. There will be enough of them, in all probability, to supply every sort of sensation that declining life can need. There will be enough for every hope and every fear; and though my attachment to none can equal that of a parent, it suits my ideas of comfort better than what is warmer and blinder. My nephews and nieces! – I shall often have a niece with me.”

“Do you know Miss Bates’s niece? That is, I know you must have seen her a hundred times – but are you acquainted?”

“Oh! yes; we are always forced to be acquainted whenever she comes to Highbury. By the bye, that is almost enough to put one out of conceit with a niece. Heaven forbid! at least, that I should ever bore people half so much about all the Knightleys together, as she does about Jane Fairfax. One is sick of the very name of Jane Fairfax. Every letter from her is read forty times over; her compliments to all friends go round and round again; and if she does but send her aunt the pattern of a stomacher, or knit a pair of garters for her grandmother, one hears of nothing else for a month. I wish Jane Fairfax very well; but she tires me to death.”

They were now approaching the cottage, and all idle topics were superseded. Emma was very compassionate; and the distresses of the poor were as sure of relief from her personal attention and kindness, her counsel and her patience, as from her purse. She understood their ways, could allow for their ignorance and their temptations, had no romantic expectations of extraordinary virtue from those for whom education had done so little; entered into their troubles with ready sympathy, and always gave her assistance with as much intelligence as good-will. In the present instance, it was sickness and poverty together which she came to visit; and after remaining there as long as she could

give comfort or advice, she quitted the cottage with such an impression of the scene as made her say to Harriet, as they walked away,

“These are the sights, Harriet, to do one good. How trifling they make every thing else appear! – I feel now as if I could think of nothing but these poor creatures all the rest of the day; and yet, who can say how soon it may all vanish from my mind?”

“Very true,” said Harriet. “Poor creatures! one can think of nothing else.”

“And really, I do not think the impression will soon be over,” said Emma, as she crossed the low hedge, and tottering footstep which ended the narrow, slippery path through the cottage garden, and brought them into the lane again. “I do not think it will,” stopping to look once more at all the outward wretchedness of the place, and recall the still greater within.

“Oh! dear, no,” said her companion.

They walked on. The lane made a slight bend; and when that bend was passed, Mr. Elton was immediately in sight; and so near as to give Emma time only to say farther,

“Ah! Harriet, here comes a very sudden trial of our stability in good thoughts. Well, (smiling,) I hope it may be allowed that if compassion has produced exertion and relief to the sufferers, it has done all that is truly important. If we feel for the wretched, enough to do all we can for them, the rest is empty sympathy, only distressing to ourselves.”

Harriet could just answer, “Oh! dear, yes,” before the gentleman joined them. The wants and sufferings of the poor family, however, were the first subject on meeting. He had been going to call on them. His visit he would now defer; but they had a very interesting parley about what could be done and should be done. Mr. Elton then turned back to accompany them.

“To fall in with each other on such an errand as this,” thought Emma; “to meet in a charitable scheme; this will bring a great increase of love on each side. I should not wonder if it were to bring on the declaration. It must, if I were not here. I wish I were anywhere else.”

Anxious to separate herself from them as far as she could, she soon afterwards took possession of a narrow footpath, a little raised on one side of the lane, leaving them together in the main road. But she had not been there two minutes when she found that Harriet’s habits of dependence and imitation were bringing her up too, and that, in short, they would both be soon after her. This

would not do; she immediately stopped, under pretence of having some alteration to make in the lacing of her half-boot, and stooping down in complete occupation of the footpath, begged them to have the goodness to walk on, and she would follow in half a minute. They did as they were desired; and by the time she judged it reasonable to have done with her boot, she had the comfort of farther delay in her power, being overtaken by a child from the cottage, setting out, according to orders, with her pitcher, to fetch broth from Hartfield. To walk by the side of this child, and talk to and question her, was the most natural thing in the world, or would have been the most natural, had she been acting just then without design; and by this means the others were still able to keep ahead, without any obligation of waiting for her. She gained on them, however, involuntarily: the child's pace was quick, and theirs rather slow; and she was the more concerned at it, from their being evidently in a conversation which interested them. Mr. Elton was speaking with animation, Harriet listening with a very pleased attention; and Emma, having sent the child on, was beginning to think how she might draw back a little more, when they both looked around, and she was obliged to join them.

Mr. Elton was still talking, still engaged in some interesting detail; and Emma experienced some disappointment when she found that he was only giving his fair companion an account of the yesterday's party at his friend Cole's, and that she was come in herself for the Stilton cheese, the north Wiltshire, the butter, the celery, the beet-root, and all the dessert.

"This would soon have led to something better, of course," was her consoling reflection; "any thing interests between those who love; and any thing will serve as introduction to what is near the heart. If I could but have kept longer away!"

They now walked on together quietly, till within view of the vicarage pales, when a sudden resolution, of at least getting Harriet into the house, made her again find something very much amiss about her boot, and fall behind to arrange it once more. She then broke the lace off short, and dexterously throwing it into a ditch, was presently obliged to entreat them to stop, and acknowledged her inability to put herself to rights so as to be able to walk home in tolerable comfort.

"Part of my lace is gone," said she, "and I do not know how I am to contrive. I really am a most troublesome companion to you both, but I hope I am not often so ill-equipped. Mr. Elton, I must beg leave to stop at your house, and ask your housekeeper for a bit of ribband or string, or any thing just to keep my boot on."

Mr. Elton looked all happiness at this proposition; and nothing could

exceed his alertness and attention in conducting them into his house and endeavouring to make every thing appear to advantage. The room they were taken into was the one he chiefly occupied, and looking forwards; behind it was another with which it immediately communicated; the door between them was open, and Emma passed into it with the housekeeper to receive her assistance in the most comfortable manner. She was obliged to leave the door ajar as she found it; but she fully intended that Mr. Elton should close it. It was not closed, however, it still remained ajar; but by engaging the housekeeper in incessant conversation, she hoped to make it practicable for him to chuse his own subject in the adjoining room. For ten minutes she could hear nothing but herself. It could be protracted no longer. She was then obliged to be finished, and make her appearance.

The lovers were standing together at one of the windows. It had a most favourable aspect; and, for half a minute, Emma felt the glory of having schemed successfully. But it would not do; he had not come to the point. He had been most agreeable, most delightful; he had told Harriet that he had seen them go by, and had purposely followed them; other little gallantries and allusions had been dropt, but nothing serious.

“Cautious, very cautious,” thought Emma; “he advances inch by inch, and will hazard nothing till he believes himself secure.”

Still, however, though every thing had not been accomplished by her ingenious device, she could not but flatter herself that it had been the occasion of much present enjoyment to both, and must be leading them forward to the great event.

CHAPTER XI

Mr. Elton must now be left to himself. It was no longer in Emma's power to superintend his happiness or quicken his measures. The coming of her sister's family was so very near at hand, that first in anticipation, and then in reality, it became henceforth her prime object of interest; and during the ten days of their stay at Hartfield it was not to be expected – she did not herself expect – that any thing beyond occasional, fortuitous assistance could be afforded by her to the lovers. They might advance rapidly if they would, however; they must advance somehow or other whether they would or no. She hardly wished to have more leisure for them. There are people, who the more you do for them, the less they will do for themselves.

Mr. and Mrs. John Knightley, from having been longer than usual absent from Surry, were exciting of course rather more than the usual interest. Till this year, every long vacation since their marriage had been divided between Hartfield and Donwell Abbey; but all the holidays of this autumn had been given to sea-bathing for the children, and it was therefore many months since they had been seen in a regular way by their Surry connexions, or seen at all by Mr. Woodhouse, who could not be induced to get so far as London, even for poor Isabella's sake; and who consequently was now most nervously and apprehensively happy in forestalling this too short visit.

He thought much of the evils of the journey for her, and not a little of the fatigues of his own horses and coachman who were to bring some of the party the last half of the way; but his alarms were needless; the sixteen miles being happily accomplished, and Mr. and Mrs. John Knightley, their five children, and a competent number of nursery-maids, all reaching Hartfield in safety. The bustle and joy of such an arrival, the many to be talked to, welcomed, encouraged, and variously dispersed and disposed of, produced a noise and confusion which his nerves could not have borne under any other cause, nor have endured much longer even for this; but the ways of Hartfield and the feelings of her father were so respected by Mrs. John Knightley, that in spite of maternal solicitude for the immediate enjoyment of her little ones, and for their having instantly all the liberty and attendance, all the eating and drinking, and sleeping and playing, which they could possibly wish for, without the smallest delay, the children were never allowed to be long a disturbance to him, either in themselves or in any restless attendance on them.

Mrs. John Knightley was a pretty, elegant little woman, of gentle, quiet manners, and a disposition remarkably amiable and affectionate; wrapped up in her family; a devoted wife, a doating mother, and so tenderly attached to her father

and sister that, but for these higher ties, a warmer love might have seemed impossible. She could never see a fault in any of them. She was not a woman of strong understanding or any quickness; and with this resemblance of her father, she inherited also much of his constitution; was delicate in her own health, over-careful of that of her children, had many fears and many nerves, and was as fond of her own Mr. Wingfield in town as her father could be of Mr. Perry. They were alike too, in a general benevolence of temper, and a strong habit of regard for every old acquaintance.

Mr. John Knightley was a tall, gentleman-like, and very clever man; rising in his profession, domestic, and respectable in his private character; but with reserved manners which prevented his being generally pleasing; and capable of being sometimes out of humour. He was not an ill-tempered man, not so often unreasonably cross as to deserve such a reproach; but his temper was not his great perfection; and, indeed, with such a worshipping wife, it was hardly possible that any natural defects in it should not be increased. The extreme sweetness of her temper must hurt his. He had all the clearness and quickness of mind which she wanted, and he could sometimes act an ungracious, or say a severe thing.

He was not a great favourite with his fair sister-in-law. Nothing wrong in him escaped her. She was quick in feeling the little injuries to Isabella, which Isabella never felt herself. Perhaps she might have passed over more had his manners been flattering to Isabella's sister, but they were only those of a calmly kind brother and friend, without praise and without blindness; but hardly any degree of personal compliment could have made her regardless of that greatest fault of all in her eyes which he sometimes fell into, the want of respectful forbearance towards her father. There he had not always the patience that could have been wished. Mr. Woodhouse's peculiarities and fidgetiness were sometimes provoking him to a rational remonstrance or sharp retort equally ill-bestowed. It did not often happen; for Mr. John Knightley had really a great regard for his father-in-law, and generally a strong sense of what was due to him; but it was too often for Emma's charity, especially as there was all the pain of apprehension frequently to be endured, though the offence came not. The beginning, however, of every visit displayed none but the properest feelings, and this being of necessity so short might be hoped to pass away in unsullied cordiality. They had not been long seated and composed when Mr. Woodhouse, with a melancholy shake of the head and a sigh, called his daughter's attention to the sad change at Hartfield since she had been there last.

"Ah, my dear," said he, "poor Miss Taylor – It is a grievous business."

"Oh yes, sir," cried she with ready sympathy, "how you must miss

her! And dear Emma, too! – What a dreadful loss to you both! – I have been so grieved for you. – I could not imagine how you could possibly do without her. – It is a sad change indeed. – But I hope she is pretty well, sir.”

“Pretty well, my dear – I hope – pretty well. – I do not know but that the place agrees with her tolerably.”

Mr. John Knightley here asked Emma quietly whether there were any doubts of the air of Randalls.

“Oh! no – none in the least. I never saw Mrs. Weston better in my life – never looking so well. Papa is only speaking his own regret.”

“Very much to the honour of both,” was the handsome reply.

“And do you see her, sir, tolerably often?” asked Isabella in the plaintive tone which just suited her father.

Mr. Woodhouse hesitated. – “Not near so often, my dear, as I could wish.”

“Oh! papa, we have missed seeing them but one entire day since they married. Either in the morning or evening of every day, excepting one, have we seen either Mr. Weston or Mrs. Weston, and generally both, either at Randalls or here – and as you may suppose, Isabella, most frequently here. They are very, very kind in their visits. Mr. Weston is really as kind as herself. Papa, if you speak in that melancholy way, you will be giving Isabella a false idea of us all. Every body must be aware that Miss Taylor must be missed, but every body ought also to be assured that Mr. and Mrs. Weston do really prevent our missing her by any means to the extent we ourselves anticipated – which is the exact truth.”

“Just as it should be,” said Mr. John Knightley, “and just as I hoped it was from your letters. Her wish of shewing you attention could not be doubted, and his being a disengaged and social man makes it all easy. I have been always telling you, my love, that I had no idea of the change being so very material to Hartfield as you apprehended; and now you have Emma’s account, I hope you will be satisfied.”

“Why, to be sure,” said Mr. Woodhouse – “yes, certainly – I cannot deny that Mrs. Weston, poor Mrs. Weston, does come and see us pretty often – but then – she is always obliged to go away again.”

“It would be very hard upon Mr. Weston if she did not, papa. – You quite forget poor Mr. Weston.”

“I think, indeed,” said John Knightley pleasantly, “that Mr. Weston has

some little claim. You and I, Emma, will venture to take the part of the poor husband. I, being a husband, and you not being a wife, the claims of the man may very likely strike us with equal force. As for Isabella, she has been married long enough to see the convenience of putting all the Mr. Westons aside as much as she can.”

“Me, my love,” cried his wife, hearing and understanding only in part. – “Are you talking about me? – I am sure nobody ought to be, or can be, a greater advocate for matrimony than I am; and if it had not been for the misery of her leaving Hartfield, I should never have thought of Miss Taylor but as the most fortunate woman in the world; and as to slighting Mr. Weston, that excellent Mr. Weston, I think there is nothing he does not deserve. I believe he is one of the very best-tempered men that ever existed. Excepting yourself and your brother, I do not know his equal for temper. I shall never forget his flying Henry’s kite for him that very windy day last Easter – and ever since his particular kindness last September twelvemonth in writing that note, at twelve o’clock at night, on purpose to assure me that there was no scarlet fever at Cobham, I have been convinced there could not be a more feeling heart nor a better man in existence. – If any body can deserve him, it must be Miss Taylor.”

“Where is the young man?” said John Knightley. “Has he been here on this occasion – or has he not?”

“He has not been here yet,” replied Emma. “There was a strong expectation of his coming soon after the marriage, but it ended in nothing; and I have not heard him mentioned lately.”

“But you should tell them of the letter, my dear,” said her father. “He wrote a letter to poor Mrs. Weston, to congratulate her, and a very proper, handsome letter it was. She shewed it to me. I thought it very well done of him indeed. Whether it was his own idea you know, one cannot tell. He is but young, and his uncle, perhaps – “

“My dear papa, he is three-and-twenty. You forget how time passes.”

“Three-and-twenty! – is he indeed? – Well, I could not have thought it – and he was but two years old when he lost his poor mother! Well, time does fly indeed! – and my memory is very bad. However, it was an exceeding good, pretty letter, and gave Mr. and Mrs. Weston a great deal of pleasure. I remember it was written from Weymouth, and dated Sept. 28th – and began, ‘My dear Madam,’ but I forget how it went on; and it was signed ‘F. C. Weston Churchill.’ – I remember that perfectly.”

“How very pleasing and proper of him!” cried the good-hearted Mrs.

John Knightley. "I have no doubt of his being a most amiable young man. But how sad it is that he should not live at home with his father! There is something so shocking in a child's being taken away from his parents and natural home! I never could comprehend how Mr. Weston could part with him. To give up one's child! I really never could think well of any body who proposed such a thing to any body else."

"Nobody ever did think well of the Churchills, I fancy," observed Mr. John Knightley coolly. "But you need not imagine Mr. Weston to have felt what you would feel in giving up Henry or John. Mr. Weston is rather an easy, cheerful-tempered man, than a man of strong feelings; he takes things as he finds them, and makes enjoyment of them somehow or other, depending, I suspect, much more upon what is called society for his comforts, that is, upon the power of eating and drinking, and playing whist with his neighbours five times a week, than upon family affection, or any thing that home affords."

Emma could not like what bordered on a reflection on Mr. Weston, and had half a mind to take it up; but she struggled, and let it pass. She would keep the peace if possible; and there was something honourable and valuable in the strong domestic habits, the all-sufficiency of home to himself, whence resulted her brother's disposition to look down on the common rate of social intercourse, and those to whom it was important. – It had a high claim to forbearance.

CHAPTER XII

Mr. Knightley was to dine with them – rather against the inclination of Mr. Woodhouse, who did not like that any one should share with him in Isabella's first day. Emma's sense of right however had decided it; and besides the consideration of what was due to each brother, she had particular pleasure, from the circumstance of the late disagreement between Mr. Knightley and herself, in procuring him the proper invitation.

She hoped they might now become friends again. She thought it was time to make up. Making-up indeed would not do. She certainly had not been in the wrong, and he would never own that he had. Concession must be out of the question; but it was time to appear to forget that they had ever quarrelled; and she hoped it might rather assist the restoration of friendship, that when he came into the room she had one of the children with her – the youngest, a nice little girl about eight months old, who was now making her first visit to Hartfield, and very happy to be danced about in her aunt's arms. It did assist; for though he began with grave looks and short questions, he was soon led on to talk of them all in the usual way, and to take the child out of her arms with all the unceremoniousness of perfect amity. Emma felt they were friends again; and the conviction giving her at first great satisfaction, and then a little sauciness, she could not help saying, as he was admiring the baby,

“What a comfort it is, that we think alike about our nephews and nieces. As to men and women, our opinions are sometimes very different; but with regard to these children, I observe we never disagree.”

“If you were as much guided by nature in your estimate of men and women, and as little under the power of fancy and whim in your dealings with them, as you are where these children are concerned, we might always think alike.”

“To be sure – our discordancies must always arise from my being in the wrong.”

“Yes,” said he, smiling – “and reason good. I was sixteen years old when you were born.”

“A material difference then,” she replied – “and no doubt you were much my superior in judgment at that period of our lives; but does not the lapse of one-and-twenty years bring our understandings a good deal nearer?”

“Yes – a good deal nearer.”

“But still, not near enough to give me a chance of being right, if we think differently.”

“I have still the advantage of you by sixteen years’ experience, and by not being a pretty young woman and a spoiled child. Come, my dear Emma, let us be friends, and say no more about it. Tell your aunt, little Emma, that she ought to set you a better example than to be renewing old grievances, and that if she were not wrong before, she is now.”

“That’s true,” she cried – “very true. Little Emma, grow up a better woman than your aunt. Be infinitely cleverer and not half so conceited. Now, Mr. Knightley, a word or two more, and I have done. As far as good intentions went, we were both right, and I must say that no effects on my side of the argument have yet proved wrong. I only want to know that Mr. Martin is not very, very bitterly disappointed.”

“A man cannot be more so,” was his short, full answer.

“Ah! – Indeed I am very sorry. – Come, shake hands with me.”

This had just taken place and with great cordiality, when John Knightley made his appearance, and “How d’ye do, George?” and “John, how are you?” succeeded in the true English style, burying under a calmness that seemed all but indifference, the real attachment which would have led either of them, if requisite, to do every thing for the good of the other.

The evening was quiet and conversable, as Mr. Woodhouse declined cards entirely for the sake of comfortable talk with his dear Isabella, and the little party made two natural divisions; on one side he and his daughter; on the other the two Mr. Knightleys; their subjects totally distinct, or very rarely mixing – and Emma only occasionally joining in one or the other.

The brothers talked of their own concerns and pursuits, but principally of those of the elder, whose temper was by much the most communicative, and who was always the greater talker. As a magistrate, he had generally some point of law to consult John about, or, at least, some curious anecdote to give; and as a farmer, as keeping in hand the home-farm at Donwell, he had to tell what every field was to bear next year, and to give all such local information as could not fail of being interesting to a brother whose home it had equally been the longest part of his life, and whose attachments were strong. The plan of a drain, the change of a fence, the felling of a tree, and the destination of every acre for wheat, turnips, or spring corn, was entered into with as much equality of interest by John, as his cooler manners rendered possible; and if his willing brother ever left him any thing to inquire about, his inquiries even approached a tone of eagerness.

While they were thus comfortably occupied, Mr. Woodhouse was enjoying a full flow of happy regrets and fearful affection with his daughter.

“My poor dear Isabella,” said he, fondly taking her hand, and interrupting, for a few moments, her busy labours for some one of her five children – “How long it is, how terribly long since you were here! And how tired you must be after your journey! You must go to bed early, my dear – and I recommend a little gruel to you before you go. – You and I will have a nice basin of gruel together. My dear Emma, suppose we all have a little gruel.”

Emma could not suppose any such thing, knowing as she did, that both the Mr. Knightleys were as unpersuadable on that article as herself; – and two basins only were ordered. After a little more discourse in praise of gruel, with some wondering at its not being taken every evening by every body, he proceeded to say, with an air of grave reflection,

“It was an awkward business, my dear, your spending the autumn at South End instead of coming here. I never had much opinion of the sea air.”

“Mr. Wingfield most strenuously recommended it, sir – or we should not have gone. He recommended it for all the children, but particularly for the weakness in little Bella’s throat, – both sea air and bathing.”

“Ah! my dear, but Perry had many doubts about the sea doing her any good; and as to myself, I have been long perfectly convinced, though perhaps I never told you so before, that the sea is very rarely of use to any body. I am sure it almost killed me once.”

“Come, come,” cried Emma, feeling this to be an unsafe subject, “I must beg you not to talk of the sea. It makes me envious and miserable; – I who have never seen it! South End is prohibited, if you please. My dear Isabella, I have not heard you make one inquiry about Mr. Perry yet; and he never forgets you.”

“Oh! good Mr. Perry – how is he, sir?”

“Why, pretty well; but not quite well. Poor Perry is bilious, and he has not time to take care of himself – he tells me he has not time to take care of himself – which is very sad – but he is always wanted all round the country. I suppose there is not a man in such practice anywhere. But then there is not so clever a man any where.”

“And Mrs. Perry and the children, how are they? do the children grow? I have a great regard for Mr. Perry. I hope he will be calling soon. He will be so pleased to see my little ones.”

“I hope he will be here to-morrow, for I have a question or two to ask him about myself of some consequence. And, my dear, whenever he comes, you had better let him look at little Bella’s throat.”

“Oh! my dear sir, her throat is so much better that I have hardly any uneasiness about it. Either bathing has been of the greatest service to her, or else it is to be attributed to an excellent embrocation of Mr. Wingfield’s, which we have been applying at times ever since August.”

“It is not very likely, my dear, that bathing should have been of use to her – and if I had known you were wanting an embrocation, I would have spoken to –

“You seem to me to have forgotten Mrs. and Miss Bates,” said Emma, “I have not heard one inquiry after them.”

“Oh! the good Bateses – I am quite ashamed of myself – but you mention them in most of your letters. I hope they are quite well. Good old Mrs. Bates – I will call upon her to-morrow, and take my children. – They are always so pleased to see my children. – And that excellent Miss Bates! – such thorough worthy people! – How are they, sir?”

“Why, pretty well, my dear, upon the whole. But poor Mrs. Bates had a bad cold about a month ago.”

“How sorry I am! But colds were never so prevalent as they have been this autumn. Mr. Wingfield told me that he has never known them more general or heavy – except when it has been quite an influenza.”

“That has been a good deal the case, my dear; but not to the degree you mention. Perry says that colds have been very general, but not so heavy as he has very often known them in November. Perry does not call it altogether a sickly season.”

“No, I do not know that Mr. Wingfield considers it very sickly except –

“Ah! my poor dear child, the truth is, that in London it is always a sickly season. Nobody is healthy in London, nobody can be. It is a dreadful thing to have you forced to live there! so far off! – and the air so bad!”

“No, indeed – we are not at all in a bad air. Our part of London is very superior to most others! – You must not confound us with London in general, my dear sir. The neighbourhood of Brunswick Square is very different from almost all the rest. We are so very airy! I should be unwilling, I own, to live in any other part of the town; – there is hardly any other that I could be satisfied to have my children in: but we are so remarkably airy! – Mr. Wingfield thinks the vicinity of

Brunswick Square decidedly the most favourable as to air.”

“Ah! my dear, it is not like Hartfield. You make the best of it – but after you have been a week at Hartfield, you are all of you different creatures; you do not look like the same. Now I cannot say, that I think you are any of you looking well at present.”

“I am sorry to hear you say so, sir; but I assure you, excepting those little nervous head-aches and palpitations which I am never entirely free from anywhere, I am quite well myself; and if the children were rather pale before they went to bed, it was only because they were a little more tired than usual, from their journey and the happiness of coming. I hope you will think better of their looks to-morrow; for I assure you Mr. Wingfield told me, that he did not believe he had ever sent us off altogether, in such good case. I trust, at least, that you do not think Mr. Knightley looking ill,” turning her eyes with affectionate anxiety towards her husband.

“Middling, my dear; I cannot compliment you. I think Mr. John Knightley very far from looking well.”

“What is the matter, sir? – Did you speak to me?” cried Mr. John Knightley, hearing his own name.

“I am sorry to find, my love, that my father does not think you looking well – but I hope it is only from being a little fatigued. I could have wished, however, as you know, that you had seen Mr. Wingfield before you left home.”

“My dear Isabella,” – exclaimed he hastily – “pray do not concern yourself about my looks. Be satisfied with doctoring and coddling yourself and the children, and let me look as I chuse.”

“I did not thoroughly understand what you were telling your brother,” cried Emma, “about your friend Mr. Graham’s intending to have a bailiff from Scotland, to look after his new estate. What will it answer? Will not the old prejudice be too strong?”

And she talked in this way so long and successfully that, when forced to give her attention again to her father and sister, she had nothing worse to hear than Isabella’s kind inquiry after Jane Fairfax; and Jane Fairfax, though no great favourite with her in general, she was at that moment very happy to assist in praising.

“That sweet, amiable Jane Fairfax!” said Mrs. John Knightley. – “It is so long since I have seen her, except now and then for a moment accidentally in town! What happiness it must be to her good old grandmother and excellent aunt,

when she comes to visit them! I always regret excessively on dear Emma's account that she cannot be more at Highbury; but now their daughter is married, I suppose Colonel and Mrs. Campbell will not be able to part with her at all. She would be such a delightful companion for Emma."

Mr. Woodhouse agreed to it all, but added,

"Our little friend Harriet Smith, however, is just such another pretty kind of young person. You will like Harriet. Emma could not have a better companion than Harriet."

"I am most happy to hear it – but only Jane Fairfax one knows to be so very accomplished and superior! – and exactly Emma's age."

This topic was discussed very happily, and others succeeded of similar moment, and passed away with similar harmony; but the evening did not close without a little return of agitation. The gruel came and supplied a great deal to be said – much praise and many comments – undoubting decision of its wholesomeness for every constitution, and pretty severe Philippics upon the many houses where it was never met with tolerable; – but, unfortunately, among the failures which the daughter had to instance, the most recent, and therefore most prominent, was in her own cook at South End, a young woman hired for the time, who never had been able to understand what she meant by a basin of nice smooth gruel, thin, but not too thin. Often as she had wished for and ordered it, she had never been able to get any thing tolerable. Here was a dangerous opening.

"Ah!" said Mr. Woodhouse, shaking his head and fixing his eyes on her with tender concern. – The ejaculation in Emma's ear expressed, "Ah! there is no end of the sad consequences of your going to South End. It does not bear talking of." And for a little while she hoped he would not talk of it, and that a silent rumination might suffice to restore him to the relish of his own smooth gruel. After an interval of some minutes, however, he began with,

"I shall always be very sorry that you went to the sea this autumn, instead of coming here."

"But why should you be sorry, sir? – I assure you, it did the children a great deal of good."

"And, moreover, if you must go to the sea, it had better not have been to South End. South End is an unhealthy place. Perry was surprized to hear you had fixed upon South End."

"I know there is such an idea with many people, but indeed it is quite a mistake, sir. – We all had our health perfectly well there, never found the least

inconvenience from the mud; and Mr. Wingfield says it is entirely a mistake to suppose the place unhealthy; and I am sure he may be depended on, for he thoroughly understands the nature of the air, and his own brother and family have been there repeatedly.”

“You should have gone to Cromer, my dear, if you went anywhere. – Perry was a week at Cromer once, and he holds it to be the best of all the sea-bathing places. A fine open sea, he says, and very pure air. And, by what I understand, you might have had lodgings there quite away from the sea – a quarter of a mile off – very comfortable. You should have consulted Perry.”

“But, my dear sir, the difference of the journey; – only consider how great it would have been. – An hundred miles, perhaps, instead of forty.”

“Ah! my dear, as Perry says, where health is at stake, nothing else should be considered; and if one is to travel, there is not much to chuse between forty miles and an hundred. – Better not move at all, better stay in London altogether than travel forty miles to get into a worse air. This is just what Perry said. It seemed to him a very ill-judged measure.”

Emma’s attempts to stop her father had been vain; and when he had reached such a point as this, she could not wonder at her brother-in-law’s breaking out.

“Mr. Perry,” said he, in a voice of very strong displeasure, “would do as well to keep his opinion till it is asked for. Why does he make it any business of his, to wonder at what I do? – at my taking my family to one part of the coast or another? – I may be allowed, I hope, the use of my judgment as well as Mr. Perry. – I want his directions no more than his drugs.” He paused – and growing cooler in a moment, added, with only sarcastic dryness, “If Mr. Perry can tell me how to convey a wife and five children a distance of an hundred and thirty miles with no greater expense or inconvenience than a distance of forty, I should be as willing to prefer Cromer to South End as he could himself.”

“True, true,” cried Mr. Knightley, with most ready interposition – “very true. That’s a consideration indeed. – But John, as to what I was telling you of my idea of moving the path to Langham, of turning it more to the right that it may not cut through the home meadows, I cannot conceive any difficulty. I should not attempt it, if it were to be the means of inconvenience to the Highbury people, but if you call to mind exactly the present line of the path.... The only way of proving it, however, will be to turn to our maps. I shall see you at the Abbey to-morrow morning I hope, and then we will look them over, and you shall give me your opinion.”

Mr. Woodhouse was rather agitated by such harsh reflections on his friend Perry, to whom he had, in fact, though unconsciously, been attributing many of his own feelings and expressions; – but the soothing attentions of his daughters gradually removed the present evil, and the immediate alertness of one brother, and better recollections of the other, prevented any renewal of it.

CHAPTER XIII

There could hardly be a happier creature in the world than Mrs. John Knightley, in this short visit to Hartfield, going about every morning among her old acquaintance with her five children, and talking over what she had done every evening with her father and sister. She had nothing to wish otherwise, but that the days did not pass so swiftly. It was a delightful visit; – perfect, in being much too short.

In general their evenings were less engaged with friends than their mornings; but one complete dinner engagement, and out of the house too, there was no avoiding, though at Christmas. Mr. Weston would take no denial; they must all dine at Randalls one day; – even Mr. Woodhouse was persuaded to think it a possible thing in preference to a division of the party.

How they were all to be conveyed, he would have made a difficulty if he could, but as his son and daughter's carriage and horses were actually at Hartfield, he was not able to make more than a simple question on that head; it hardly amounted to a doubt; nor did it occupy Emma long to convince him that they might in one of the carriages find room for Harriet also.

Harriet, Mr. Elton, and Mr. Knightley, their own especial set, were the only persons invited to meet them; – the hours were to be early, as well as the numbers few; Mr. Woodhouse's habits and inclination being consulted in every thing.

The evening before this great event (for it was a very great event that Mr. Woodhouse should dine out, on the 24th of December) had been spent by Harriet at Hartfield, and she had gone home so much indisposed with a cold, that, but for her own earnest wish of being nursed by Mrs. Goddard, Emma could not have allowed her to leave the house. Emma called on her the next day, and found her doom already signed with regard to Randalls. She was very feverish and had a bad sore throat: Mrs. Goddard was full of care and affection, Mr. Perry was talked of, and Harriet herself was too ill and low to resist the authority which excluded her from this delightful engagement, though she could not speak of her loss without many tears.

Emma sat with her as long as she could, to attend her in Mrs. Goddard's unavoidable absences, and raise her spirits by representing how much Mr. Elton's would be depressed when he knew her state; and left her at last tolerably comfortable, in the sweet dependence of his having a most comfortable visit, and of their all missing her very much. She had not advanced many yards from Mrs. Goddard's door, when she was met by Mr. Elton himself, evidently coming

towards it, and as they walked on slowly together in conversation about the invalid – of whom he, on the rumour of considerable illness, had been going to inquire, that he might carry some report of her to Hartfield – they were overtaken by Mr. John Knightley returning from the daily visit to Donwell, with his two eldest boys, whose healthy, glowing faces shewed all the benefit of a country run, and seemed to ensure a quick despatch of the roast mutton and rice pudding they were hastening home for. They joined company and proceeded together. Emma was just describing the nature of her friend's complaint; – “a throat very much inflamed, with a great deal of heat about her, a quick, low pulse, &c. and she was sorry to find from Mrs. Goddard that Harriet was liable to very bad sore-throats, and had often alarmed her with them.” Mr. Elton looked all alarm on the occasion, as he exclaimed,

“A sore-throat! – I hope not infectious. I hope not of a putrid infectious sort. Has Perry seen her? Indeed you should take care of yourself as well as of your friend. Let me entreat you to run no risks. Why does not Perry see her?”

Emma, who was not really at all frightened herself, tranquillised this excess of apprehension by assurances of Mrs. Goddard's experience and care; but as there must still remain a degree of uneasiness which she could not wish to reason away, which she would rather feed and assist than not, she added soon afterwards – as if quite another subject,

“It is so cold, so very cold – and looks and feels so very much like snow, that if it were to any other place or with any other party, I should really try not to go out to-day – and dissuade my father from venturing; but as he has made up his mind, and does not seem to feel the cold himself, I do not like to interfere, as I know it would be so great a disappointment to Mr. and Mrs. Weston. But, upon my word, Mr. Elton, in your case, I should certainly excuse myself. You appear to me a little hoarse already, and when you consider what demand of voice and what fatigues to-morrow will bring, I think it would be no more than common prudence to stay at home and take care of yourself to-night.”

Mr. Elton looked as if he did not very well know what answer to make; which was exactly the case; for though very much gratified by the kind care of such a fair lady, and not liking to resist any advice of her's, he had not really the least inclination to give up the visit; – but Emma, too eager and busy in her own previous conceptions and views to hear him impartially, or see him with clear vision, was very well satisfied with his muttering acknowledgment of its being “very cold, certainly very cold,” and walked on, rejoicing in having extricated him from Randalls, and secured him the power of sending to inquire after Harriet every hour of the evening.

“You do quite right,” said she; – “we will make your apologies to Mr. and Mrs. Weston.”

But hardly had she so spoken, when she found her brother was civilly offering a seat in his carriage, if the weather were Mr. Elton’s only objection, and Mr. Elton actually accepting the offer with much prompt satisfaction. It was a done thing; Mr. Elton was to go, and never had his broad handsome face expressed more pleasure than at this moment; never had his smile been stronger, nor his eyes more exulting than when he next looked at her.

“Well,” said she to herself, “this is most strange! – After I had got him off so well, to chuse to go into company, and leave Harriet ill behind! – Most strange indeed! – But there is, I believe, in many men, especially single men, such an inclination – such a passion for dining out – a dinner engagement is so high in the class of their pleasures, their employments, their dignities, almost their duties, that any thing gives way to it – and this must be the case with Mr. Elton; a most valuable, amiable, pleasing young man undoubtedly, and very much in love with Harriet; but still, he cannot refuse an invitation, he must dine out wherever he is asked. What a strange thing love is! he can see ready wit in Harriet, but will not dine alone for her.”

Soon afterwards Mr. Elton quitted them, and she could not but do him the justice of feeling that there was a great deal of sentiment in his manner of naming Harriet at parting; in the tone of his voice while assuring her that he should call at Mrs. Goddard’s for news of her fair friend, the last thing before he prepared for the happiness of meeting her again, when he hoped to be able to give a better report; and he sighed and smiled himself off in a way that left the balance of approbation much in his favour.

After a few minutes of entire silence between them, John Knightley began with –

“I never in my life saw a man more intent on being agreeable than Mr. Elton. It is downright labour to him where ladies are concerned. With men he can be rational and unaffected, but when he has ladies to please, every feature works.”

“Mr. Elton’s manners are not perfect,” replied Emma; “but where there is a wish to please, one ought to overlook, and one does overlook a great deal. Where a man does his best with only moderate powers, he will have the advantage over negligent superiority. There is such perfect good-temper and good-will in Mr. Elton as one cannot but value.”

“Yes,” said Mr. John Knightley presently, with some slyness, “he seems

to have a great deal of good-will towards you.”

“Me!” she replied with a smile of astonishment, “are you imagining me to be Mr. Elton’s object?”

“Such an imagination has crossed me, I own, Emma; and if it never occurred to you before, you may as well take it into consideration now.”

“Mr. Elton in love with me! – What an idea!”

“I do not say it is so; but you will do well to consider whether it is so or not, and to regulate your behaviour accordingly. I think your manners to him encouraging. I speak as a friend, Emma. You had better look about you, and ascertain what you do, and what you mean to do.”

“I thank you; but I assure you you are quite mistaken. Mr. Elton and I are very good friends, and nothing more;” and she walked on, amusing herself in the consideration of the blunders which often arise from a partial knowledge of circumstances, of the mistakes which people of high pretensions to judgment are for ever falling into; and not very well pleased with her brother for imagining her blind and ignorant, and in want of counsel. He said no more.

Mr. Woodhouse had so completely made up his mind to the visit, that in spite of the increasing coldness, he seemed to have no idea of shrinking from it, and set forward at last most punctually with his eldest daughter in his own carriage, with less apparent consciousness of the weather than either of the others; too full of the wonder of his own going, and the pleasure it was to afford at Randalls to see that it was cold, and too well wrapt up to feel it. The cold, however, was severe; and by the time the second carriage was in motion, a few flakes of snow were finding their way down, and the sky had the appearance of being so overcharged as to want only a milder air to produce a very white world in a very short time.

Emma soon saw that her companion was not in the happiest humour. The preparing and the going abroad in such weather, with the sacrifice of his children after dinner, were evils, were disagreeables at least, which Mr. John Knightley did not by any means like; he anticipated nothing in the visit that could be at all worth the purchase; and the whole of their drive to the vicarage was spent by him in expressing his discontent.

“A man,” said he, “must have a very good opinion of himself when he asks people to leave their own fireside, and encounter such a day as this, for the sake of coming to see him. He must think himself a most agreeable fellow; I could not do such a thing. It is the greatest absurdity – Actually snowing at this moment! – The folly of not allowing people to be comfortable at home – and the

folly of people's not staying comfortably at home when they can! If we were obliged to go out such an evening as this, by any call of duty or business, what a hardship we should deem it; – and here are we, probably with rather thinner clothing than usual, setting forward voluntarily, without excuse, in defiance of the voice of nature, which tells man, in every thing given to his view or his feelings, to stay at home himself, and keep all under shelter that he can; – here are we setting forward to spend five dull hours in another man's house, with nothing to say or to hear that was not said and heard yesterday, and may not be said and heard again to-morrow. Going in dismal weather, to return probably in worse; – four horses and four servants taken out for nothing but to convey five idle, shivering creatures into colder rooms and worse company than they might have had at home."

Emma did not find herself equal to give the pleased assent, which no doubt he was in the habit of receiving, to emulate the "Very true, my love," which must have been usually administered by his travelling companion; but she had resolution enough to refrain from making any answer at all. She could not be complying, she dreaded being quarrelsome; her heroism reached only to silence. She allowed him to talk, and arranged the glasses, and wrapped herself up, without opening her lips.

They arrived, the carriage turned, the step was let down, and Mr. Elton, spruce, black, and smiling, was with them instantly. Emma thought with pleasure of some change of subject. Mr. Elton was all obligation and cheerfulness; he was so very cheerful in his civilities indeed, that she began to think he must have received a different account of Harriet from what had reached her. She had sent while dressing, and the answer had been, "Much the same – not better."

"My report from Mrs. Goddard's," said she presently, "was not so pleasant as I had hoped – 'Not better' was my answer."

His face lengthened immediately; and his voice was the voice of sentiment as he answered.

"Oh! no – I am grieved to find – I was on the point of telling you that when I called at Mrs. Goddard's door, which I did the very last thing before I returned to dress, I was told that Miss Smith was not better, by no means better, rather worse. Very much grieved and concerned – I had flattered myself that she must be better after such a cordial as I knew had been given her in the morning."

Emma smiled and answered – "My visit was of use to the nervous part of her complaint, I hope; but not even I can charm away a sore throat; it is a most severe cold indeed. Mr. Perry has been with her, as you probably heard."

“Yes – I imagined – that is – I did not – “

“He has been used to her in these complaints, and I hope to-morrow morning will bring us both a more comfortable report. But it is impossible not to feel uneasiness. Such a sad loss to our party to-day!”

“Dreadful! – Exactly so, indeed. – She will be missed every moment.”

This was very proper; the sigh which accompanied it was really estimable; but it should have lasted longer. Emma was rather in dismay when only half a minute afterwards he began to speak of other things, and in a voice of the greatest alacrity and enjoyment.

“What an excellent device,” said he, “the use of a sheepskin for carriages. How very comfortable they make it; – impossible to feel cold with such precautions. The contrivances of modern days indeed have rendered a gentleman’s carriage perfectly complete. One is so fenced and guarded from the weather, that not a breath of air can find its way unpermitted. Weather becomes absolutely of no consequence. It is a very cold afternoon – but in this carriage we know nothing of the matter. – Ha! snows a little I see.”

“Yes,” said John Knightley, “and I think we shall have a good deal of it.”

“Christmas weather,” observed Mr. Elton. “Quite seasonable; and extremely fortunate we may think ourselves that it did not begin yesterday, and prevent this day’s party, which it might very possibly have done, for Mr. Woodhouse would hardly have ventured had there been much snow on the ground; but now it is of no consequence. This is quite the season indeed for friendly meetings. At Christmas every body invites their friends about them, and people think little of even the worst weather. I was snowed up at a friend’s house once for a week. Nothing could be pleasanter. I went for only one night, and could not get away till that very day se’night.”

Mr. John Knightley looked as if he did not comprehend the pleasure, but said only, coolly,

“I cannot wish to be snowed up a week at Randalls.”

At another time Emma might have been amused, but she was too much astonished now at Mr. Elton’s spirits for other feelings. Harriet seemed quite forgotten in the expectation of a pleasant party.

“We are sure of excellent fires,” continued he, “and every thing in the greatest comfort. Charming people, Mr. and Mrs. Weston; – Mrs. Weston indeed is much beyond praise, and he is exactly what one values, so hospitable, and so fond of society; – it will be a small party, but where small parties are select, they

are perhaps the most agreeable of any. Mr. Weston's dining-room does not accommodate more than ten comfortably; and for my part, I would rather, under such circumstances, fall short by two than exceed by two. I think you will agree with me, (turning with a soft air to Emma,) I think I shall certainly have your approbation, though Mr. Knightley perhaps, from being used to the large parties of London, may not quite enter into our feelings."

"I know nothing of the large parties of London, sir – I never dine with any body."

"Indeed! (in a tone of wonder and pity,) I had no idea that the law had been so great a slavery. Well, sir, the time must come when you will be paid for all this, when you will have little labour and great enjoyment."

"My first enjoyment," replied John Knightley, as they passed through the sweep-gate, "will be to find myself safe at Hartfield again."

CHAPTER XIV

Some change of countenance was necessary for each gentleman as they walked into Mrs. Weston's drawing-room; – Mr. Elton must compose his joyous looks, and Mr. John Knightley disperse his ill-humour. Mr. Elton must smile less, and Mr. John Knightley more, to fit them for the place. – Emma only might be as nature prompted, and shew herself just as happy as she was. To her it was real enjoyment to be with the Westons. Mr. Weston was a great favourite, and there was not a creature in the world to whom she spoke with such unreserve, as to his wife; not any one, to whom she related with such conviction of being listened to and understood, of being always interesting and always intelligible, the little affairs, arrangements, perplexities, and pleasures of her father and herself. She could tell nothing of Hartfield, in which Mrs. Weston had not a lively concern; and half an hour's uninterrupted communication of all those little matters on which the daily happiness of private life depends, was one of the first gratifications of each.

This was a pleasure which perhaps the whole day's visit might not afford, which certainly did not belong to the present half-hour; but the very sight of Mrs. Weston, her smile, her touch, her voice was grateful to Emma, and she determined to think as little as possible of Mr. Elton's oddities, or of any thing else unpleasant, and enjoy all that was enjoyable to the utmost.

The misfortune of Harriet's cold had been pretty well gone through before her arrival. Mr. Woodhouse had been safely seated long enough to give the history of it, besides all the history of his own and Isabella's coming, and of Emma's being to follow, and had indeed just got to the end of his satisfaction that James should come and see his daughter, when the others appeared, and Mrs. Weston, who had been almost wholly engrossed by her attentions to him, was able to turn away and welcome her dear Emma.

Emma's project of forgetting Mr. Elton for a while made her rather sorry to find, when they had all taken their places, that he was close to her. The difficulty was great of driving his strange insensibility towards Harriet, from her mind, while he not only sat at her elbow, but was continually obtruding his happy countenance on her notice, and solicitously addressing her upon every occasion. Instead of forgetting him, his behaviour was such that she could not avoid the internal suggestion of "Can it really be as my brother imagined? can it be possible for this man to be beginning to transfer his affections from Harriet to me? – Absurd and insufferable!" – Yet he would be so anxious for her being perfectly warm, would be so interested about her father, and so delighted with Mrs. Weston; and at last would begin admiring her drawings with so much zeal and so little

knowledge as seemed terribly like a would-be lover, and made it some effort with her to preserve her good manners. For her own sake she could not be rude; and for Harriet's, in the hope that all would yet turn out right, she was even positively civil; but it was an effort; especially as something was going on amongst the others, in the most overpowering period of Mr. Elton's nonsense, which she particularly wished to listen to. She heard enough to know that Mr. Weston was giving some information about his son; she heard the words "my son," and "Frank," and "my son," repeated several times over; and, from a few other half-syllables very much suspected that he was announcing an early visit from his son; but before she could quiet Mr. Elton, the subject was so completely past that any reviving question from her would have been awkward.

Now, it so happened that in spite of Emma's resolution of never marrying, there was something in the name, in the idea of Mr. Frank Churchill, which always interested her. She had frequently thought – especially since his father's marriage with Miss Taylor – that if she were to marry, he was the very person to suit her in age, character and condition. He seemed by this connexion between the families, quite to belong to her. She could not but suppose it to be a match that every body who knew them must think of. That Mr. and Mrs. Weston did think of it, she was very strongly persuaded; and though not meaning to be induced by him, or by any body else, to give up a situation which she believed more replete with good than any she could change it for, she had a great curiosity to see him, a decided intention of finding him pleasant, of being liked by him to a certain degree, and a sort of pleasure in the idea of their being coupled in their friends' imaginations.

With such sensations, Mr. Elton's civilities were dreadfully ill-timed; but she had the comfort of appearing very polite, while feeling very cross – and of thinking that the rest of the visit could not possibly pass without bringing forward the same information again, or the substance of it, from the open-hearted Mr. Weston. – So it proved; – for when happily released from Mr. Elton, and seated by Mr. Weston, at dinner, he made use of the very first interval in the cares of hospitality, the very first leisure from the saddle of mutton, to say to her,

"We want only two more to be just the right number. I should like to see two more here, – your pretty little friend, Miss Smith, and my son – and then I should say we were quite complete. I believe you did not hear me telling the others in the drawing-room that we are expecting Frank. I had a letter from him this morning, and he will be with us within a fortnight."

Emma spoke with a very proper degree of pleasure; and fully assented to his proposition of Mr. Frank Churchill and Miss Smith making their party quite complete.

“He has been wanting to come to us,” continued Mr. Weston, “ever since September: every letter has been full of it; but he cannot command his own time. He has those to please who must be pleased, and who (between ourselves) are sometimes to be pleased only by a good many sacrifices. But now I have no doubt of seeing him here about the second week in January.”

“What a very great pleasure it will be to you! and Mrs. Weston is so anxious to be acquainted with him, that she must be almost as happy as yourself.”

“Yes, she would be, but that she thinks there will be another put-off. She does not depend upon his coming so much as I do: but she does not know the parties so well as I do. The case, you see, is – (but this is quite between ourselves: I did not mention a syllable of it in the other room. There are secrets in all families, you know) – The case is, that a party of friends are invited to pay a visit at Enscombe in January; and that Frank’s coming depends upon their being put off. If they are not put off, he cannot stir. But I know they will, because it is a family that a certain lady, of some consequence, at Enscombe, has a particular dislike to: and though it is thought necessary to invite them once in two or three years, they always are put off when it comes to the point. I have not the smallest doubt of the issue. I am as confident of seeing Frank here before the middle of January, as I am of being here myself: but your good friend there (nodding towards the upper end of the table) has so few vagaries herself, and has been so little used to them at Hartfield, that she cannot calculate on their effects, as I have been long in the practice of doing.”

“I am sorry there should be any thing like doubt in the case,” replied Emma; “but am disposed to side with you, Mr. Weston. If you think he will come, I shall think so too; for you know Enscombe.”

“Yes – I have some right to that knowledge; though I have never been at the place in my life. – She is an odd woman! – But I never allow myself to speak ill of her, on Frank’s account; for I do believe her to be very fond of him. I used to think she was not capable of being fond of any body, except herself: but she has always been kind to him (in her way – allowing for little whims and caprices, and expecting every thing to be as she likes). And it is no small credit, in my opinion, to him, that he should excite such an affection; for, though I would not say it to any body else, she has no more heart than a stone to people in general; and the devil of a temper.”

Emma liked the subject so well, that she began upon it, to Mrs. Weston, very soon after their moving into the drawing-room: wishing her joy – yet observing, that she knew the first meeting must be rather alarming. – Mrs. Weston agreed to it; but added, that she should be very glad to be secure of undergoing

the anxiety of a first meeting at the time talked of: “for I cannot depend upon his coming. I cannot be so sanguine as Mr. Weston. I am very much afraid that it will all end in nothing. Mr. Weston, I dare say, has been telling you exactly how the matter stands?”

“Yes – it seems to depend upon nothing but the ill-humour of Mrs. Churchill, which I imagine to be the most certain thing in the world.”

“My Emma!” replied Mrs. Weston, smiling, “what is the certainty of caprice?” Then turning to Isabella, who had not been attending before – “You must know, my dear Mrs. Knightley, that we are by no means so sure of seeing Mr. Frank Churchill, in my opinion, as his father thinks. It depends entirely upon his aunt’s spirits and pleasure; in short, upon her temper. To you – to my two daughters – I may venture on the truth. Mrs. Churchill rules at Enscombe, and is a very odd-tempered woman; and his coming now, depends upon her being willing to spare him.”

“Oh, Mrs. Churchill; every body knows Mrs. Churchill,” replied Isabella: “and I am sure I never think of that poor young man without the greatest compassion. To be constantly living with an ill-tempered person, must be dreadful. It is what we happily have never known any thing of; but it must be a life of misery. What a blessing, that she never had any children! Poor little creatures, how unhappy she would have made them!”

Emma wished she had been alone with Mrs. Weston. She should then have heard more: Mrs. Weston would speak to her, with a degree of unreserve which she would not hazard with Isabella; and, she really believed, would scarcely try to conceal any thing relative to the Churchills from her, excepting those views on the young man, of which her own imagination had already given her such instinctive knowledge. But at present there was nothing more to be said. Mr. Woodhouse very soon followed them into the drawing-room. To be sitting long after dinner, was a confinement that he could not endure. Neither wine nor conversation was any thing to him; and gladly did he move to those with whom he was always comfortable.

While he talked to Isabella, however, Emma found an opportunity of saying,

“And so you do not consider this visit from your son as by any means certain. I am sorry for it. The introduction must be unpleasant, whenever it takes place; and the sooner it could be over, the better.”

“Yes; and every delay makes one more apprehensive of other delays. Even if this family, the Braithwaites, are put off, I am still afraid that some

excuse may be found for disappointing us. I cannot bear to imagine any reluctance on his side; but I am sure there is a great wish on the Churchills' to keep him to themselves. There is jealousy. They are jealous even of his regard for his father. In short, I can feel no dependence on his coming, and I wish Mr. Weston were less sanguine."

"He ought to come," said Emma. "If he could stay only a couple of days, he ought to come; and one can hardly conceive a young man's not having it in his power to do as much as that. A young woman, if she fall into bad hands, may be teased, and kept at a distance from those she wants to be with; but one cannot comprehend a young man's being under such restraint, as not to be able to spend a week with his father, if he likes it."

"One ought to be at Enscombe, and know the ways of the family, before one decides upon what he can do," replied Mrs. Weston. "One ought to use the same caution, perhaps, in judging of the conduct of any one individual of any one family; but Enscombe, I believe, certainly must not be judged by general rules: she is so very unreasonable; and every thing gives way to her."

"But she is so fond of the nephew: he is so very great a favourite. Now, according to my idea of Mrs. Churchill, it would be most natural, that while she makes no sacrifice for the comfort of the husband, to whom she owes every thing, while she exercises incessant caprice towards him, she should frequently be governed by the nephew, to whom she owes nothing at all."

"My dearest Emma, do not pretend, with your sweet temper, to understand a bad one, or to lay down rules for it: you must let it go its own way. I have no doubt of his having, at times, considerable influence; but it may be perfectly impossible for him to know beforehand when it will be."

Emma listened, and then coolly said, "I shall not be satisfied, unless he comes."

"He may have a great deal of influence on some points," continued Mrs. Weston, "and on others, very little: and among those, on which she is beyond his reach, it is but too likely, may be this very circumstance of his coming away from them to visit us."

CHAPTER XV

Mr. Woodhouse was soon ready for his tea; and when he had drank his tea he was quite ready to go home; and it was as much as his three companions could do, to entertain away his notice of the lateness of the hour, before the other gentlemen appeared. Mr. Weston was chatty and convivial, and no friend to early separations of any sort; but at last the drawing-room party did receive an augmentation. Mr. Elton, in very good spirits, was one of the first to walk in. Mrs. Weston and Emma were sitting together on a sofa. He joined them immediately, and, with scarcely an invitation, seated himself between them.

Emma, in good spirits too, from the amusement afforded her mind by the expectation of Mr. Frank Churchill, was willing to forget his late improprieties, and be as well satisfied with him as before, and on his making Harriet his very first subject, was ready to listen with most friendly smiles.

He professed himself extremely anxious about her fair friend – her fair, lovely, amiable friend. “Did she know? – had she heard any thing about her, since their being at Randalls? – he felt much anxiety – he must confess that the nature of her complaint alarmed him considerably.” And in this style he talked on for some time very properly, not much attending to any answer, but altogether sufficiently awake to the terror of a bad sore throat; and Emma was quite in charity with him.

But at last there seemed a perverse turn; it seemed all at once as if he were more afraid of its being a bad sore throat on her account, than on Harriet’s – more anxious that she should escape the infection, than that there should be no infection in the complaint. He began with great earnestness to entreat her to refrain from visiting the sick-chamber again, for the present – to entreat her to promise him not to venture into such hazard till he had seen Mr. Perry and learnt his opinion; and though she tried to laugh it off and bring the subject back into its proper course, there was no putting an end to his extreme solicitude about her. She was vexed. It did appear – there was no concealing it – exactly like the pretence of being in love with her, instead of Harriet; an inconstancy, if real, the most contemptible and abominable! and she had difficulty in behaving with temper. He turned to Mrs. Weston to implore her assistance, “Would not she give him her support? – would not she add her persuasions to his, to induce Miss Woodhouse not to go to Mrs. Goddard’s till it were certain that Miss Smith’s disorder had no infection? He could not be satisfied without a promise – would not she give him her influence in procuring it?”

“So scrupulous for others,” he continued, “and yet so careless for

herself! She wanted me to nurse my cold by staying at home to-day, and yet will not promise to avoid the danger of catching an ulcerated sore throat herself. Is this fair, Mrs. Weston? – Judge between us. Have not I some right to complain? I am sure of your kind support and aid.”

Emma saw Mrs. Weston’s surprize, and felt that it must be great, at an address which, in words and manner, was assuming to himself the right of first interest in her; and as for herself, she was too much provoked and offended to have the power of directly saying any thing to the purpose. She could only give him a look; but it was such a look as she thought must restore him to his senses, and then left the sofa, removing to a seat by her sister, and giving her all her attention.

She had not time to know how Mr. Elton took the reproof, so rapidly did another subject succeed; for Mr. John Knightley now came into the room from examining the weather, and opened on them all with the information of the ground being covered with snow, and of its still snowing fast, with a strong drifting wind; concluding with these words to Mr. Woodhouse:

“This will prove a spirited beginning of your winter engagements, sir. Something new for your coachman and horses to be making their way through a storm of snow.”

Poor Mr. Woodhouse was silent from consternation; but every body else had something to say; every body was either surprized or not surprized, and had some question to ask, or some comfort to offer. Mrs. Weston and Emma tried earnestly to cheer him and turn his attention from his son-in-law, who was pursuing his triumph rather unfeelingly.

“I admired your resolution very much, sir,” said he, “in venturing out in such weather, for of course you saw there would be snow very soon. Every body must have seen the snow coming on. I admired your spirit; and I dare say we shall get home very well. Another hour or two’s snow can hardly make the road impassable; and we are two carriages; if one is blown over in the bleak part of the common field there will be the other at hand. I dare say we shall be all safe at Hartfield before midnight.”

Mr. Weston, with triumph of a different sort, was confessing that he had known it to be snowing some time, but had not said a word, lest it should make Mr. Woodhouse uncomfortable, and be an excuse for his hurrying away. As to there being any quantity of snow fallen or likely to fall to impede their return, that was a mere joke; he was afraid they would find no difficulty. He wished the road might be impassable, that he might be able to keep them all at Randalls; and with the utmost good-will was sure that accommodation might be found for every

body, calling on his wife to agree with him, that with a little contrivance, every body might be lodged, which she hardly knew how to do, from the consciousness of there being but two spare rooms in the house.

“What is to be done, my dear Emma? – what is to be done?” was Mr. Woodhouse’s first exclamation, and all that he could say for some time. To her he looked for comfort; and her assurances of safety, her representation of the excellence of the horses, and of James, and of their having so many friends about them, revived him a little.

His eldest daughter’s alarm was equal to his own. The horror of being blockèd up at Randalls, while her children were at Hartfield, was full in her imagination; and fancying the road to be now just passable for adventurous people, but in a state that admitted no delay, she was eager to have it settled, that her father and Emma should remain at Randalls, while she and her husband set forward instantly through all the possible accumulations of drifted snow that might impede them.

“You had better order the carriage directly, my love,” said she; “I dare say we shall be able to get along, if we set off directly; and if we do come to any thing very bad, I can get out and walk. I am not at all afraid. I should not mind walking half the way. I could change my shoes, you know, the moment I got home; and it is not the sort of thing that gives me cold.”

“Indeed!” replied he. “Then, my dear Isabella, it is the most extraordinary sort of thing in the world, for in general every thing does give you cold. Walk home! – you are prettily shod for walking home, I dare say. It will be bad enough for the horses.”

Isabella turned to Mrs. Weston for her approbation of the plan. Mrs. Weston could only approve. Isabella then went to Emma; but Emma could not so entirely give up the hope of their being all able to get away; and they were still discussing the point, when Mr. Knightley, who had left the room immediately after his brother’s first report of the snow, came back again, and told them that he had been out of doors to examine, and could answer for there not being the smallest difficulty in their getting home, whenever they liked it, either now or an hour hence. He had gone beyond the sweep – some way along the Highbury road – the snow was nowhere above half an inch deep – in many places hardly enough to whiten the ground; a very few flakes were falling at present, but the clouds were parting, and there was every appearance of its being soon over. He had seen the coachmen, and they both agreed with him in there being nothing to apprehend.

To Isabella, the relief of such tidings was very great, and they were

scarcely less acceptable to Emma on her father's account, who was immediately set as much at ease on the subject as his nervous constitution allowed; but the alarm that had been raised could not be appeased so as to admit of any comfort for him while he continued at Randalls. He was satisfied of there being no present danger in returning home, but no assurances could convince him that it was safe to stay; and while the others were variously urging and recommending, Mr. Knightley and Emma settled it in a few brief sentences: thus –

“Your father will not be easy; why do not you go?”

“I am ready, if the others are.”

“Shall I ring the bell?”

“Yes, do.”

And the bell was rung, and the carriages spoken for. A few minutes more, and Emma hoped to see one troublesome companion deposited in his own house, to get sober and cool, and the other recover his temper and happiness when this visit of hardship were over.

The carriage came: and Mr. Woodhouse, always the first object on such occasions, was carefully attended to his own by Mr. Knightley and Mr. Weston; but not all that either could say could prevent some renewal of alarm at the sight of the snow which had actually fallen, and the discovery of a much darker night than he had been prepared for. “He was afraid they should have a very bad drive. He was afraid poor Isabella would not like it. And there would be poor Emma in the carriage behind. He did not know what they had best do. They must keep as much together as they could;” and James was talked to, and given a charge to go very slow and wait for the other carriage.

Isabella stepped in after her father; John Knightley, forgetting that he did not belong to their party, stepped in after his wife very naturally; so that Emma found, on being escorted and followed into the second carriage by Mr. Elton, that the door was to be lawfully shut on them, and that they were to have a *tete-a-tete* drive. It would not have been the awkwardness of a moment, it would have been rather a pleasure, previous to the suspicions of this very day; she could have talked to him of Harriet, and the three-quarters of a mile would have seemed but one. But now, she would rather it had not happened. She believed he had been drinking too much of Mr. Weston's good wine, and felt sure that he would want to be talking nonsense.

To restrain him as much as might be, by her own manners, she was immediately preparing to speak with exquisite calmness and gravity of the weather and the night; but scarcely had she begun, scarcely had they passed the

sweep-gate and joined the other carriage, than she found her subject cut up – her hand seized – her attention demanded, and Mr. Elton actually making violent love to her: availing himself of the precious opportunity, declaring sentiments which must be already well known, hoping – fearing – adoring – ready to die if she refused him; but flattering himself that his ardent attachment and unequalled love and unexampled passion could not fail of having some effect, and in short, very much resolved on being seriously accepted as soon as possible. It really was so. Without scruple – without apology – without much apparent diffidence, Mr. Elton, the lover of Harriet, was professing himself her lover. She tried to stop him; but vainly; he would go on, and say it all. Angry as she was, the thought of the moment made her resolve to restrain herself when she did speak. She felt that half this folly must be drunkenness, and therefore could hope that it might belong only to the passing hour. Accordingly, with a mixture of the serious and the playful, which she hoped would best suit his half and half state, she replied,

“I am very much astonished, Mr. Elton. This to me! you forget yourself – you take me for my friend – any message to Miss Smith I shall be happy to deliver; but no more of this to me, if you please.”

“Miss Smith! – message to Miss Smith! – What could she possibly mean!” – And he repeated her words with such assurance of accent, such boastful pretence of amazement, that she could not help replying with quickness,

“Mr. Elton, this is the most extraordinary conduct! and I can account for it only in one way; you are not yourself, or you could not speak either to me, or of Harriet, in such a manner. Command yourself enough to say no more, and I will endeavour to forget it.”

But Mr. Elton had only drunk wine enough to elevate his spirits, not at all to confuse his intellects. He perfectly knew his own meaning; and having warmly protested against her suspicion as most injurious, and slightly touched upon his respect for Miss Smith as her friend, – but acknowledging his wonder that Miss Smith should be mentioned at all, – he resumed the subject of his own passion, and was very urgent for a favourable answer.

As she thought less of his inebriety, she thought more of his inconstancy and presumption; and with fewer struggles for politeness, replied,

“It is impossible for me to doubt any longer. You have made yourself too clear. Mr. Elton, my astonishment is much beyond any thing I can express. After such behaviour, as I have witnessed during the last month, to Miss Smith – such attentions as I have been in the daily habit of observing – to be addressing me in this manner – this is an unsteadiness of character, indeed, which I had not supposed possible! Believe me, sir, I am far, very far, from gratified in being the

object of such professions.”

“Good Heaven!” cried Mr. Elton, “what can be the meaning of this? – Miss Smith! – I never thought of Miss Smith in the whole course of my existence – never paid her any attentions, but as your friend: never cared whether she were dead or alive, but as your friend. If she has fancied otherwise, her own wishes have misled her, and I am very sorry – extremely sorry – But, Miss Smith, indeed! – Oh! Miss Woodhouse! who can think of Miss Smith, when Miss Woodhouse is near! No, upon my honour, there is no unsteadiness of character. I have thought only of you. I protest against having paid the smallest attention to any one else. Every thing that I have said or done, for many weeks past, has been with the sole view of marking my adoration of yourself. You cannot really, seriously, doubt it. No! – (in an accent meant to be insinuating) – I am sure you have seen and understood me.”

It would be impossible to say what Emma felt, on hearing this – which of all her unpleasant sensations was uppermost. She was too completely overpowered to be immediately able to reply: and two moments of silence being ample encouragement for Mr. Elton’s sanguine state of mind, he tried to take her hand again, as he joyously exclaimed –

“Charming Miss Woodhouse! allow me to interpret this interesting silence. It confesses that you have long understood me.”

“No, sir,” cried Emma, “it confesses no such thing. So far from having long understood you, I have been in a most complete error with respect to your views, till this moment. As to myself, I am very sorry that you should have been giving way to any feelings – Nothing could be farther from my wishes – your attachment to my friend Harriet – your pursuit of her, (pursuit, it appeared,) gave me great pleasure, and I have been very earnestly wishing you success: but had I supposed that she were not your attraction to Hartfield, I should certainly have thought you judged ill in making your visits so frequent. Am I to believe that you have never sought to recommend yourself particularly to Miss Smith? – that you have never thought seriously of her?”

“Never, madam,” cried he, affronted in his turn: “never, I assure you. I think seriously of Miss Smith! – Miss Smith is a very good sort of girl; and I should be happy to see her respectably settled. I wish her extremely well: and, no doubt, there are men who might not object to – Every body has their level: but as for myself, I am not, I think, quite so much at a loss. I need not so totally despair of an equal alliance, as to be addressing myself to Miss Smith! – No, madam, my visits to Hartfield have been for yourself only; and the encouragement I received – “

“Encouragement! – I give you encouragement! – Sir, you have been entirely mistaken in supposing it. I have seen you only as the admirer of my friend. In no other light could you have been more to me than a common acquaintance. I am exceedingly sorry: but it is well that the mistake ends where it does. Had the same behaviour continued, Miss Smith might have been led into a misconception of your views; not being aware, probably, any more than myself, of the very great inequality which you are so sensible of. But, as it is, the disappointment is single, and, I trust, will not be lasting. I have no thoughts of matrimony at present.”

He was too angry to say another word; her manner too decided to invite supplication; and in this state of swelling resentment, and mutually deep mortification, they had to continue together a few minutes longer, for the fears of Mr. Woodhouse had confined them to a foot-pace. If there had not been so much anger, there would have been desperate awkwardness; but their straightforward emotions left no room for the little zigzags of embarrassment. Without knowing when the carriage turned into Vicarage Lane, or when it stopped, they found themselves, all at once, at the door of his house; and he was out before another syllable passed. – Emma then felt it indispensable to wish him a good night. The compliment was just returned, coldly and proudly; and, under indescribable irritation of spirits, she was then conveyed to Hartfield.

There she was welcomed, with the utmost delight, by her father, who had been trembling for the dangers of a solitary drive from Vicarage Lane – turning a corner which he could never bear to think of – and in strange hands – a mere common coachman – no James; and there it seemed as if her return only were wanted to make every thing go well: for Mr. John Knightley, ashamed of his ill-humour, was now all kindness and attention; and so particularly solicitous for the comfort of her father, as to seem – if not quite ready to join him in a basin of gruel – perfectly sensible of its being exceedingly wholesome; and the day was concluding in peace and comfort to all their little party, except herself. – But her mind had never been in such perturbation; and it needed a very strong effort to appear attentive and cheerful till the usual hour of separating allowed her the relief of quiet reflection.

CHAPTER XVI

The hair was curled, and the maid sent away, and Emma sat down to think and be miserable. – It was a wretched business indeed! – Such an overthrow of every thing she had been wishing for! – Such a development of every thing most unwelcome! – Such a blow for Harriet! – that was the worst of all. Every part of it brought pain and humiliation, of some sort or other; but, compared with the evil to Harriet, all was light; and she would gladly have submitted to feel yet more mistaken – more in error – more disgraced by mis-judgment, than she actually was, could the effects of her blunders have been confined to herself.

“If I had not persuaded Harriet into liking the man, I could have borne any thing. He might have doubled his presumption to me – but poor Harriet!”

How she could have been so deceived! – He protested that he had never thought seriously of Harriet – never! She looked back as well as she could; but it was all confusion. She had taken up the idea, she supposed, and made every thing bend to it. His manners, however, must have been unmarked, wavering, dubious, or she could not have been so misled.

The picture! – How eager he had been about the picture! – and the charade! – and an hundred other circumstances; – how clearly they had seemed to point at Harriet. To be sure, the charade, with its “ready wit” – but then the “soft eyes” – in fact it suited neither; it was a jumble without taste or truth. Who could have seen through such thick-headed nonsense?

Certainly she had often, especially of late, thought his manners to herself unnecessarily gallant; but it had passed as his way, as a mere error of judgment, of knowledge, of taste, as one proof among others that he had not always lived in the best society, that with all the gentleness of his address, true elegance was sometimes wanting; but, till this very day, she had never, for an instant, suspected it to mean any thing but grateful respect to her as Harriet’s friend.

To Mr. John Knightley was she indebted for her first idea on the subject, for the first start of its possibility. There was no denying that those brothers had penetration. She remembered what Mr. Knightley had once said to her about Mr. Elton, the caution he had given, the conviction he had professed that Mr. Elton would never marry indiscreetly; and blushed to think how much truer a knowledge of his character had been there shewn than any she had reached herself. It was dreadfully mortifying; but Mr. Elton was proving himself, in many respects, the very reverse of what she had meant and believed him; proud, assuming, conceited; very full of his own claims, and little concerned about the

feelings of others.

Contrary to the usual course of things, Mr. Elton's wanting to pay his addresses to her had sunk him in her opinion. His professions and his proposals did him no service. She thought nothing of his attachment, and was insulted by his hopes. He wanted to marry well, and having the arrogance to raise his eyes to her, pretended to be in love; but she was perfectly easy as to his not suffering any disappointment that need be cared for. There had been no real affection either in his language or manners. Sighs and fine words had been given in abundance; but she could hardly devise any set of expressions, or fancy any tone of voice, less allied with real love. She need not trouble herself to pity him. He only wanted to aggrandise and enrich himself; and if Miss Woodhouse of Hartfield, the heiress of thirty thousand pounds, were not quite so easily obtained as he had fancied, he would soon try for Miss Somebody else with twenty, or with ten.

But – that he should talk of encouragement, should consider her as aware of his views, accepting his attentions, meaning (in short), to marry him! – should suppose himself her equal in connexion or mind! – look down upon her friend, so well understanding the gradations of rank below him, and be so blind to what rose above, as to fancy himself shewing no presumption in addressing her! – It was most provoking.

Perhaps it was not fair to expect him to feel how very much he was her inferior in talent, and all the elegancies of mind. The very want of such equality might prevent his perception of it; but he must know that in fortune and consequence she was greatly his superior. He must know that the Woodhouses had been settled for several generations at Hartfield, the younger branch of a very ancient family – and that the Eltons were nobody. The landed property of Hartfield certainly was inconsiderable, being but a sort of notch in the Donwell Abbey estate, to which all the rest of Highbury belonged; but their fortune, from other sources, was such as to make them scarcely secondary to Donwell Abbey itself, in every other kind of consequence; and the Woodhouses had long held a high place in the consideration of the neighbourhood which Mr. Elton had first entered not two years ago, to make his way as he could, without any alliances but in trade, or any thing to recommend him to notice but his situation and his civility. – But he had fancied her in love with him; that evidently must have been his dependence; and after raving a little about the seeming incongruity of gentle manners and a conceited head, Emma was obliged in common honesty to stop and admit that her own behaviour to him had been so complaisant and obliging, so full of courtesy and attention, as (supposing her real motive unperceived) might warrant a man of ordinary observation and delicacy, like Mr. Elton, in fancying himself a very decided favourite. If she had so misinterpreted his feelings, she had little right to wonder that he, with self-interest to blind him, should have

mistaken hers.

The first error and the worst lay at her door. It was foolish, it was wrong, to take so active a part in bringing any two people together. It was adventuring too far, assuming too much, making light of what ought to be serious, a trick of what ought to be simple. She was quite concerned and ashamed, and resolved to do such things no more.

“Here have I,” said she, “actually talked poor Harriet into being very much attached to this man. She might never have thought of him but for me; and certainly never would have thought of him with hope, if I had not assured her of his attachment, for she is as modest and humble as I used to think him. Oh! that I had been satisfied with persuading her not to accept young Martin. There I was quite right. That was well done of me; but there I should have stopped, and left the rest to time and chance. I was introducing her into good company, and giving her the opportunity of pleasing some one worth having; I ought not to have attempted more. But now, poor girl, her peace is cut up for some time. I have been but half a friend to her; and if she were not to feel this disappointment so very much, I am sure I have not an idea of any body else who would be at all desirable for her; – William Coxe – Oh! no, I could not endure William Coxe – a pert young lawyer.”

She stopt to blush and laugh at her own relapse, and then resumed a more serious, more dispiriting cogitation upon what had been, and might be, and must be. The distressing explanation she had to make to Harriet, and all that poor Harriet would be suffering, with the awkwardness of future meetings, the difficulties of continuing or discontinuing the acquaintance, of subduing feelings, concealing resentment, and avoiding eclat, were enough to occupy her in most unmirthful reflections some time longer, and she went to bed at last with nothing settled but the conviction of her having blundered most dreadfully.

To youth and natural cheerfulness like Emma's, though under temporary gloom at night, the return of day will hardly fail to bring return of spirits. The youth and cheerfulness of morning are in happy analogy, and of powerful operation; and if the distress be not poignant enough to keep the eyes unclosed, they will be sure to open to sensations of softened pain and brighter hope.

Emma got up on the morrow more disposed for comfort than she had gone to bed, more ready to see alleviations of the evil before her, and to depend on getting tolerably out of it.

It was a great consolation that Mr. Elton should not be really in love with her, or so particularly amiable as to make it shocking to disappoint him – that Harriet's nature should not be of that superior sort in which the feelings are most

acute and retentive – and that there could be no necessity for any body’s knowing what had passed except the three principals, and especially for her father’s being given a moment’s uneasiness about it.

These were very cheering thoughts; and the sight of a great deal of snow on the ground did her further service, for any thing was welcome that might justify their all three being quite asunder at present.

The weather was most favourable for her; though Christmas Day, she could not go to church. Mr. Woodhouse would have been miserable had his daughter attempted it, and she was therefore safe from either exciting or receiving unpleasant and most unsuitable ideas. The ground covered with snow, and the atmosphere in that unsettled state between frost and thaw, which is of all others the most unfriendly for exercise, every morning beginning in rain or snow, and every evening setting in to freeze, she was for many days a most honourable prisoner. No intercourse with Harriet possible but by note; no church for her on Sunday any more than on Christmas Day; and no need to find excuses for Mr. Elton’s absenting himself.

It was weather which might fairly confine every body at home; and though she hoped and believed him to be really taking comfort in some society or other, it was very pleasant to have her father so well satisfied with his being all alone in his own house, too wise to stir out; and to hear him say to Mr. Knightley, whom no weather could keep entirely from them, –

“Ah! Mr. Knightley, why do not you stay at home like poor Mr. Elton?”

These days of confinement would have been, but for her private perplexities, remarkably comfortable, as such seclusion exactly suited her brother, whose feelings must always be of great importance to his companions; and he had, besides, so thoroughly cleared off his ill-humour at Randalls, that his amiableness never failed him during the rest of his stay at Hartfield. He was always agreeable and obliging, and speaking pleasantly of every body. But with all the hopes of cheerfulness, and all the present comfort of delay, there was still such an evil hanging over her in the hour of explanation with Harriet, as made it impossible for Emma to be ever perfectly at ease.

CHAPTER XVII

Mr. and Mrs. John Knightley were not detained long at Hartfield. The weather soon improved enough for those to move who must move; and Mr. Woodhouse having, as usual, tried to persuade his daughter to stay behind with all her children, was obliged to see the whole party set off, and return to his lamentations over the destiny of poor Isabella; – which poor Isabella, passing her life with those she doated on, full of their merits, blind to their faults, and always innocently busy, might have been a model of right feminine happiness.

The evening of the very day on which they went brought a note from Mr. Elton to Mr. Woodhouse, a long, civil, ceremonious note, to say, with Mr. Elton's best compliments, "that he was proposing to leave Highbury the following morning in his way to Bath; where, in compliance with the pressing entreaties of some friends, he had engaged to spend a few weeks, and very much regretted the impossibility he was under, from various circumstances of weather and business, of taking a personal leave of Mr. Woodhouse, of whose friendly civilities he should ever retain a grateful sense – and had Mr. Woodhouse any commands, should be happy to attend to them."

Emma was most agreeably surprized. – Mr. Elton's absence just at this time was the very thing to be desired. She admired him for contriving it, though not able to give him much credit for the manner in which it was announced. Resentment could not have been more plainly spoken than in a civility to her father, from which she was so pointedly excluded. She had not even a share in his opening compliments. – Her name was not mentioned; – and there was so striking a change in all this, and such an ill-judged solemnity of leave-taking in his graceful acknowledgments, as she thought, at first, could not escape her father's suspicion.

It did, however. – Her father was quite taken up with the surprize of so sudden a journey, and his fears that Mr. Elton might never get safely to the end of it, and saw nothing extraordinary in his language. It was a very useful note, for it supplied them with fresh matter for thought and conversation during the rest of their lonely evening. Mr. Woodhouse talked over his alarms, and Emma was in spirits to persuade them away with all her usual promptitude.

She now resolved to keep Harriet no longer in the dark. She had reason to believe her nearly recovered from her cold, and it was desirable that she should have as much time as possible for getting the better of her other complaint before the gentleman's return. She went to Mrs. Goddard's accordingly the very next day, to undergo the necessary penance of communication; and a severe one

it was. – She had to destroy all the hopes which she had been so industriously feeding – to appear in the ungracious character of the one preferred – and acknowledge herself grossly mistaken and mis-judging in all her ideas on one subject, all her observations, all her convictions, all her prophecies for the last six weeks.

The confession completely renewed her first shame – and the sight of Harriet's tears made her think that she should never be in charity with herself again.

Harriet bore the intelligence very well – blaming nobody – and in every thing testifying such an ingenuousness of disposition and lowly opinion of herself, as must appear with particular advantage at that moment to her friend.

Emma was in the humour to value simplicity and modesty to the utmost; and all that was amiable, all that ought to be attaching, seemed on Harriet's side, not her own. Harriet did not consider herself as having any thing to complain of. The affection of such a man as Mr. Elton would have been too great a distinction. – She never could have deserved him – and nobody but so partial and kind a friend as Miss Woodhouse would have thought it possible.

Her tears fell abundantly – but her grief was so truly artless, that no dignity could have made it more respectable in Emma's eyes – and she listened to her and tried to console her with all her heart and understanding – really for the time convinced that Harriet was the superior creature of the two – and that to resemble her would be more for her own welfare and happiness than all that genius or intelligence could do.

It was rather too late in the day to set about being simple-minded and ignorant; but she left her with every previous resolution confirmed of being humble and discreet, and repressing imagination all the rest of her life. Her second duty now, inferior only to her father's claims, was to promote Harriet's comfort, and endeavour to prove her own affection in some better method than by match-making. She got her to Hartfield, and shewed her the most unvarying kindness, striving to occupy and amuse her, and by books and conversation, to drive Mr. Elton from her thoughts.

Time, she knew, must be allowed for this being thoroughly done; and she could suppose herself but an indifferent judge of such matters in general, and very inadequate to sympathise in an attachment to Mr. Elton in particular; but it seemed to her reasonable that at Harriet's age, and with the entire extinction of all hope, such a progress might be made towards a state of composure by the time of Mr. Elton's return, as to allow them all to meet again in the common routine of acquaintance, without any danger of betraying sentiments or increasing them.

Harriet did think him all perfection, and maintained the non-existence of any body equal to him in person or goodness – and did, in truth, prove herself more resolutely in love than Emma had foreseen; but yet it appeared to her so natural, so inevitable to strive against an inclination of that sort unrequited, that she could not comprehend its continuing very long in equal force.

If Mr. Elton, on his return, made his own indifference as evident and indubitable as she could not doubt he would anxiously do, she could not imagine Harriet's persisting to place her happiness in the sight or the recollection of him.

Their being fixed, so absolutely fixed, in the same place, was bad for each, for all three. Not one of them had the power of removal, or of effecting any material change of society. They must encounter each other, and make the best of it.

Harriet was farther unfortunate in the tone of her companions at Mrs. Goddard's; Mr. Elton being the adoration of all the teachers and great girls in the school; and it must be at Hartfield only that she could have any chance of hearing him spoken of with cooling moderation or repellent truth. Where the wound had been given, there must the cure be found if any where; and Emma felt that, till she saw her in the way of cure, there could be no true peace for herself.

CHAPTER XVIII

Mr. Frank Churchill did not come. When the time proposed drew near, Mrs. Weston's fears were justified in the arrival of a letter of excuse. For the present, he could not be spared, to his "very great mortification and regret; but still he looked forward with the hope of coming to Randalls at no distant period."

Mrs. Weston was exceedingly disappointed – much more disappointed, in fact, than her husband, though her dependence on seeing the young man had been so much more sober: but a sanguine temper, though for ever expecting more good than occurs, does not always pay for its hopes by any proportionate depression. It soon flies over the present failure, and begins to hope again. For half an hour Mr. Weston was surprized and sorry; but then he began to perceive that Frank's coming two or three months later would be a much better plan; better time of year; better weather; and that he would be able, without any doubt, to stay considerably longer with them than if he had come sooner.

These feelings rapidly restored his comfort, while Mrs. Weston, of a more apprehensive disposition, foresaw nothing but a repetition of excuses and delays; and after all her concern for what her husband was to suffer, suffered a great deal more herself.

Emma was not at this time in a state of spirits to care really about Mr. Frank Churchill's not coming, except as a disappointment at Randalls. The acquaintance at present had no charm for her. She wanted, rather, to be quiet, and out of temptation; but still, as it was desirable that she should appear, in general, like her usual self, she took care to express as much interest in the circumstance, and enter as warmly into Mr. and Mrs. Weston's disappointment, as might naturally belong to their friendship.

She was the first to announce it to Mr. Knightley; and exclaimed quite as much as was necessary, (or, being acting a part, perhaps rather more,) at the conduct of the Churchills, in keeping him away. She then proceeded to say a good deal more than she felt, of the advantage of such an addition to their confined society in Surry; the pleasure of looking at somebody new; the gala-day to Highbury entire, which the sight of him would have made; and ending with reflections on the Churchills again, found herself directly involved in a disagreement with Mr. Knightley; and, to her great amusement, perceived that she was taking the other side of the question from her real opinion, and making use of Mrs. Weston's arguments against herself.

"The Churchills are very likely in fault," said Mr. Knightley, coolly; "but I dare say he might come if he would."

“I do not know why you should say so. He wishes exceedingly to come; but his uncle and aunt will not spare him.”

“I cannot believe that he has not the power of coming, if he made a point of it. It is too unlikely, for me to believe it without proof.”

“How odd you are! What has Mr. Frank Churchill done, to make you suppose him such an unnatural creature?”

“I am not supposing him at all an unnatural creature, in suspecting that he may have learnt to be above his connexions, and to care very little for any thing but his own pleasure, from living with those who have always set him the example of it. It is a great deal more natural than one could wish, that a young man, brought up by those who are proud, luxurious, and selfish, should be proud, luxurious, and selfish too. If Frank Churchill had wanted to see his father, he would have contrived it between September and January. A man at his age – what is he? – three or four-and-twenty – cannot be without the means of doing as much as that. It is impossible.”

“That’s easily said, and easily felt by you, who have always been your own master. You are the worst judge in the world, Mr. Knightley, of the difficulties of dependence. You do not know what it is to have tempers to manage.”

“It is not to be conceived that a man of three or four-and-twenty should not have liberty of mind or limb to that amount. He cannot want money – he cannot want leisure. We know, on the contrary, that he has so much of both, that he is glad to get rid of them at the idlest haunts in the kingdom. We hear of him for ever at some watering-place or other. A little while ago, he was at Weymouth. This proves that he can leave the Churchills.”

“Yes, sometimes he can.”

“And those times are whenever he thinks it worth his while; whenever there is any temptation of pleasure.”

“It is very unfair to judge of any body’s conduct, without an intimate knowledge of their situation. Nobody, who has not been in the interior of a family, can say what the difficulties of any individual of that family may be. We ought to be acquainted with Enscombe, and with Mrs. Churchill’s temper, before we pretend to decide upon what her nephew can do. He may, at times, be able to do a great deal more than he can at others.”

“There is one thing, Emma, which a man can always do, if he chuses, and that is, his duty; not by manoeuvring and finessing, but by vigour and

resolution. It is Frank Churchill's duty to pay this attention to his father. He knows it to be so, by his promises and messages; but if he wished to do it, it might be done. A man who felt rightly would say at once, simply and resolutely, to Mrs. Churchill – 'Every sacrifice of mere pleasure you will always find me ready to make to your convenience; but I must go and see my father immediately. I know he would be hurt by my failing in such a mark of respect to him on the present occasion. I shall, therefore, set off to-morrow.' – If he would say so to her at once, in the tone of decision becoming a man, there would be no opposition made to his going."

"No," said Emma, laughing; "but perhaps there might be some made to his coming back again. Such language for a young man entirely dependent, to use! – Nobody but you, Mr. Knightley, would imagine it possible. But you have not an idea of what is requisite in situations directly opposite to your own. Mr. Frank Churchill to be making such a speech as that to the uncle and aunt, who have brought him up, and are to provide for him! – Standing up in the middle of the room, I suppose, and speaking as loud as he could! – How can you imagine such conduct practicable?"

"Depend upon it, Emma, a sensible man would find no difficulty in it. He would feel himself in the right; and the declaration – made, of course, as a man of sense would make it, in a proper manner – would do him more good, raise him higher, fix his interest stronger with the people he depended on, than all that a line of shifts and expedients can ever do. Respect would be added to affection. They would feel that they could trust him; that the nephew who had done rightly by his father, would do rightly by them; for they know, as well as he does, as well as all the world must know, that he ought to pay this visit to his father; and while meanly exerting their power to delay it, are in their hearts not thinking the better of him for submitting to their whims. Respect for right conduct is felt by every body. If he would act in this sort of manner, on principle, consistently, regularly, their little minds would bend to his."

"I rather doubt that. You are very fond of bending little minds; but where little minds belong to rich people in authority, I think they have a knack of swelling out, till they are quite as unmanageable as great ones. I can imagine, that if you, as you are, Mr. Knightley, were to be transported and placed all at once in Mr. Frank Churchill's situation, you would be able to say and do just what you have been recommending for him; and it might have a very good effect. The Churchills might not have a word to say in return; but then, you would have no habits of early obedience and long observance to break through. To him who has, it might not be so easy to burst forth at once into perfect independence, and set all their claims on his gratitude and regard at naught. He may have as strong a sense of what would be right, as you can have, without being so equal, under particular

circumstances, to act up to it.”

“Then it would not be so strong a sense. If it failed to produce equal exertion, it could not be an equal conviction.”

“Oh, the difference of situation and habit! I wish you would try to understand what an amiable young man may be likely to feel in directly opposing those, whom as child and boy he has been looking up to all his life.”

“Our amiable young man is a very weak young man, if this be the first occasion of his carrying through a resolution to do right against the will of others. It ought to have been a habit with him by this time, of following his duty, instead of consulting expediency. I can allow for the fears of the child, but not of the man. As he became rational, he ought to have roused himself and shaken off all that was unworthy in their authority. He ought to have opposed the first attempt on their side to make him slight his father. Had he begun as he ought, there would have been no difficulty now.”

“We shall never agree about him,” cried Emma; “but that is nothing extraordinary. I have not the least idea of his being a weak young man: I feel sure that he is not. Mr. Weston would not be blind to folly, though in his own son; but he is very likely to have a more yielding, complying, mild disposition than would suit your notions of man’s perfection. I dare say he has; and though it may cut him off from some advantages, it will secure him many others.”

“Yes; all the advantages of sitting still when he ought to move, and of leading a life of mere idle pleasure, and fancying himself extremely expert in finding excuses for it. He can sit down and write a fine flourishing letter, full of professions and falsehoods, and persuade himself that he has hit upon the very best method in the world of preserving peace at home and preventing his father’s having any right to complain. His letters disgust me.”

“Your feelings are singular. They seem to satisfy every body else.”

“I suspect they do not satisfy Mrs. Weston. They hardly can satisfy a woman of her good sense and quick feelings: standing in a mother’s place, but without a mother’s affection to blind her. It is on her account that attention to Randalls is doubly due, and she must doubly feel the omission. Had she been a person of consequence herself, he would have come I dare say; and it would not have signified whether he did or no. Can you think your friend behindhand in these sort of considerations? Do you suppose she does not often say all this to herself? No, Emma, your amiable young man can be amiable only in French, not in English. He may be very ‘aimable,’ have very good manners, and be very agreeable; but he can have no English delicacy towards the feelings of other

people: nothing really amiable about him.”

“You seem determined to think ill of him.”

“Me! – not at all,” replied Mr. Knightley, rather displeased; “I do not want to think ill of him. I should be as ready to acknowledge his merits as any other man; but I hear of none, except what are merely personal; that he is well-grown and good-looking, with smooth, plausible manners.”

“Well, if he have nothing else to recommend him, he will be a treasure at Highbury. We do not often look upon fine young men, well-bred and agreeable. We must not be nice and ask for all the virtues into the bargain. Cannot you imagine, Mr. Knightley, what a sensation his coming will produce? There will be but one subject throughout the parishes of Donwell and Highbury; but one interest – one object of curiosity; it will be all Mr. Frank Churchill; we shall think and speak of nobody else.”

“You will excuse my being so much over-powered. If I find him conversable, I shall be glad of his acquaintance; but if he is only a chattering coxcomb, he will not occupy much of my time or thoughts.”

“My idea of him is, that he can adapt his conversation to the taste of every body, and has the power as well as the wish of being universally agreeable. To you, he will talk of farming; to me, of drawing or music; and so on to every body, having that general information on all subjects which will enable him to follow the lead, or take the lead, just as propriety may require, and to speak extremely well on each; that is my idea of him.”

“And mine,” said Mr. Knightley warmly, “is, that if he turn out any thing like it, he will be the most insufferable fellow breathing! What! at three-and-twenty to be the king of his company – the great man – the practised politician, who is to read every body’s character, and make every body’s talents conduce to the display of his own superiority; to be dispensing his flatteries around, that he may make all appear like fools compared with himself! My dear Emma, your own good sense could not endure such a puppy when it came to the point.”

“I will say no more about him,” cried Emma, “you turn every thing to evil. We are both prejudiced; you against, I for him; and we have no chance of agreeing till he is really here.”

“Prejudiced! I am not prejudiced.”

“But I am very much, and without being at all ashamed of it. My love for Mr. and Mrs. Weston gives me a decided prejudice in his favour.”

“He is a person I never think of from one month’s end to another,” said

Mr. Knightley, with a degree of vexation, which made Emma immediately talk of something else, though she could not comprehend why he should be angry.

To take a dislike to a young man, only because he appeared to be of a different disposition from himself, was unworthy the real liberality of mind which she was always used to acknowledge in him; for with all the high opinion of himself, which she had often laid to his charge, she had never before for a moment supposed it could make him unjust to the merit of another.

VOLUME II

CHAPTER I

Emma and Harriet had been walking together one morning, and, in Emma's opinion, had been talking enough of Mr. Elton for that day. She could not think that Harriet's solace or her own sins required more; and she was therefore industriously getting rid of the subject as they returned; – but it burst out again when she thought she had succeeded, and after speaking some time of what the poor must suffer in winter, and receiving no other answer than a very plaintive – “Mr. Elton is so good to the poor!” she found something else must be done.

They were just approaching the house where lived Mrs. and Miss Bates. She determined to call upon them and seek safety in numbers. There was always sufficient reason for such an attention; Mrs. and Miss Bates loved to be called on, and she knew she was considered by the very few who presumed ever to see imperfection in her, as rather negligent in that respect, and as not contributing what she ought to the stock of their scanty comforts.

She had had many a hint from Mr. Knightley and some from her own heart, as to her deficiency – but none were equal to counteract the persuasion of its being very disagreeable, – a waste of time – tiresome women – and all the horror of being in danger of falling in with the second-rate and third-rate of Highbury, who were calling on them for ever, and therefore she seldom went near them. But now she made the sudden resolution of not passing their door without going in – observing, as she proposed it to Harriet, that, as well as she could calculate, they were just now quite safe from any letter from Jane Fairfax.

The house belonged to people in business. Mrs. and Miss Bates occupied the drawing-room floor; and there, in the very moderate-sized apartment, which was every thing to them, the visitors were most cordially and even gratefully welcomed; the quiet neat old lady, who with her knitting was seated in the warmest corner, wanting even to give up her place to Miss Woodhouse, and her more active, talking daughter, almost ready to overpower them with care and kindness, thanks for their visit, solicitude for their shoes, anxious inquiries after Mr. Woodhouse's health, cheerful communications about her mother's, and sweet-cake from the beaufet – “Mrs. Cole had just been there, just called in for ten minutes, and had been so good as to sit an hour with them, and she had taken a piece of cake and been so kind as to say she liked it very much; and, therefore, she hoped Miss Woodhouse and Miss Smith would do them the favour to eat a piece too.”

The mention of the Coles was sure to be followed by that of Mr. Elton. There was intimacy between them, and Mr. Cole had heard from Mr. Elton since

his going away. Emma knew what was coming; they must have the letter over again, and settle how long he had been gone, and how much he was engaged in company, and what a favourite he was wherever he went, and how full the Master of the Ceremonies' ball had been; and she went through it very well, with all the interest and all the commendation that could be requisite, and always putting forward to prevent Harriet's being obliged to say a word.

This she had been prepared for when she entered the house; but meant, having once talked him handsomely over, to be no farther incommoded by any troublesome topic, and to wander at large amongst all the Mistresses and Misses of Highbury, and their card-parties. She had not been prepared to have Jane Fairfax succeed Mr. Elton; but he was actually hurried off by Miss Bates, she jumped away from him at last abruptly to the Coles, to usher in a letter from her niece.

"Oh! yes – Mr. Elton, I understand – certainly as to dancing – Mrs. Cole was telling me that dancing at the rooms at Bath was – Mrs. Cole was so kind as to sit some time with us, talking of Jane; for as soon as she came in, she began inquiring after her, Jane is so very great a favourite there. Whenever she is with us, Mrs. Cole does not know how to shew her kindness enough; and I must say that Jane deserves it as much as any body can. And so she began inquiring after her directly, saying, 'I know you cannot have heard from Jane lately, because it is not her time for writing;' and when I immediately said, 'But indeed we have, we had a letter this very morning,' I do not know that I ever saw any body more surprized. 'Have you, upon your honour?' said she; 'well, that is quite unexpected. Do let me hear what she says.'"

Emma's politeness was at hand directly, to say, with smiling interest –

"Have you heard from Miss Fairfax so lately? I am extremely happy. I hope she is well?"

"Thank you. You are so kind!" replied the happily deceived aunt, while eagerly hunting for the letter. – "Oh! here it is. I was sure it could not be far off; but I had put my huswife upon it, you see, without being aware, and so it was quite hid, but I had it in my hand so very lately that I was almost sure it must be on the table. I was reading it to Mrs. Cole, and since she went away, I was reading it again to my mother, for it is such a pleasure to her – a letter from Jane – that she can never hear it often enough; so I knew it could not be far off, and here it is, only just under my huswife – and since you are so kind as to wish to hear what she says; – but, first of all, I really must, in justice to Jane, apologise for her writing so short a letter – only two pages you see – hardly two – and in general she fills the whole paper and crosses half. My mother often wonders that I can

make it out so well. She often says, when the letter is first opened, ‘Well, Hetty, now I think you will be put to it to make out all that checker-work’ – don’t you, ma’am? – And then I tell her, I am sure she would contrive to make it out herself, if she had nobody to do it for her – every word of it – I am sure she would pore over it till she had made out every word. And, indeed, though my mother’s eyes are not so good as they were, she can see amazingly well still, thank God! with the help of spectacles. It is such a blessing! My mother’s are really very good indeed. Jane often says, when she is here, ‘I am sure, grandmama, you must have had very strong eyes to see as you do – and so much fine work as you have done too! – I only wish my eyes may last me as well.’”

All this spoken extremely fast obliged Miss Bates to stop for breath; and Emma said something very civil about the excellence of Miss Fairfax’s handwriting.

“You are extremely kind,” replied Miss Bates, highly gratified; “you who are such a judge, and write so beautifully yourself. I am sure there is nobody’s praise that could give us so much pleasure as Miss Woodhouse’s. My mother does not hear; she is a little deaf you know. Ma’am,” addressing her, “do you hear what Miss Woodhouse is so obliging to say about Jane’s handwriting?”

And Emma had the advantage of hearing her own silly compliment repeated twice over before the good old lady could comprehend it. She was pondering, in the meanwhile, upon the possibility, without seeming very rude, of making her escape from Jane Fairfax’s letter, and had almost resolved on hurrying away directly under some slight excuse, when Miss Bates turned to her again and seized her attention.

“My mother’s deafness is very trifling you see – just nothing at all. By only raising my voice, and saying any thing two or three times over, she is sure to hear; but then she is used to my voice. But it is very remarkable that she should always hear Jane better than she does me. Jane speaks so distinct! However, she will not find her grandmama at all deafer than she was two years ago; which is saying a great deal at my mother’s time of life – and it really is full two years, you know, since she was here. We never were so long without seeing her before, and as I was telling Mrs. Cole, we shall hardly know how to make enough of her now.”

“Are you expecting Miss Fairfax here soon?”

“Oh yes; next week”

“Indeed! – that must be a very great pleasure.”

“Thank you. You are very kind. Yes, next week. Every body is so

surprized; and every body says the same obliging things. I am sure she will be as happy to see her friends at Highbury, as they can be to see her. Yes, Friday or Saturday; she cannot say which, because Colonel Campbell will be wanting the carriage himself one of those days. So very good of them to send her the whole way! But they always do, you know. Oh yes, Friday or Saturday next. That is what she writes about. That is the reason of her writing out of rule, as we call it; for, in the common course, we should not have heard from her before next Tuesday or Wednesday.”

“Yes, so I imagined. I was afraid there could be little chance of my hearing any thing of Miss Fairfax to-day.”

“So obliging of you! No, we should not have heard, if it had not been for this particular circumstance, of her being to come here so soon. My mother is so delighted! – for she is to be three months with us at least. Three months, she says so, positively, as I am going to have the pleasure of reading to you. The case is, you see, that the Campbells are going to Ireland. Mrs. Dixon has persuaded her father and mother to come over and see her directly. They had not intended to go over till the summer, but she is so impatient to see them again – for till she married, last October, she was never away from them so much as a week, which must make it very strange to be in different kingdoms, I was going to say, but however different countries, and so she wrote a very urgent letter to her mother – or her father, I declare I do not know which it was, but we shall see presently in Jane’s letter – wrote in Mr. Dixon’s name as well as her own, to press their coming over directly, and they would give them the meeting in Dublin, and take them back to their country seat, Baly-craig, a beautiful place, I fancy. Jane has heard a great deal of its beauty; from Mr. Dixon, I mean – I do not know that she ever heard about it from any body else; but it was very natural, you know, that he should like to speak of his own place while he was paying his addresses – and as Jane used to be very often walking out with them – for Colonel and Mrs. Campbell were very particular about their daughter’s not walking out often with only Mr. Dixon, for which I do not at all blame them; of course she heard every thing he might be telling Miss Campbell about his own home in Ireland; and I think she wrote us word that he had shewn them some drawings of the place, views that he had taken himself. He is a most amiable, charming young man, I believe. Jane was quite longing to go to Ireland, from his account of things.”

At this moment, an ingenious and animating suspicion entering Emma’s brain with regard to Jane Fairfax, this charming Mr. Dixon, and the not going to Ireland, she said, with the insidious design of farther discovery,

“You must feel it very fortunate that Miss Fairfax should be allowed to come to you at such a time. Considering the very particular friendship between

her and Mrs. Dixon, you could hardly have expected her to be excused from accompanying Colonel and Mrs. Campbell.”

“Very true, very true, indeed. The very thing that we have always been rather afraid of; for we should not have liked to have her at such a distance from us, for months together – not able to come if any thing was to happen. But you see, every thing turns out for the best. They want her (Mr. and Mrs. Dixon) excessively to come over with Colonel and Mrs. Campbell; quite depend upon it; nothing can be more kind or pressing than their joint invitation, Jane says, as you will hear presently; Mr. Dixon does not seem in the least backward in any attention. He is a most charming young man. Ever since the service he rendered Jane at Weymouth, when they were out in that party on the water, and she, by the sudden whirling round of something or other among the sails, would have been dashed into the sea at once, and actually was all but gone, if he had not, with the greatest presence of mind, caught hold of her habit – (I can never think of it without trembling!) – But ever since we had the history of that day, I have been so fond of Mr. Dixon!”

“But, in spite of all her friends’ urgency, and her own wish of seeing Ireland, Miss Fairfax prefers devoting the time to you and Mrs. Bates?”

“Yes – entirely her own doing, entirely her own choice; and Colonel and Mrs. Campbell think she does quite right, just what they should recommend; and indeed they particularly wish her to try her native air, as she has not been quite so well as usual lately.”

“I am concerned to hear of it. I think they judge wisely. But Mrs. Dixon must be very much disappointed. Mrs. Dixon, I understand, has no remarkable degree of personal beauty; is not, by any means, to be compared with Miss Fairfax.”

“Oh! no. You are very obliging to say such things – but certainly not. There is no comparison between them. Miss Campbell always was absolutely plain – but extremely elegant and amiable.”

“Yes, that of course.”

“Jane caught a bad cold, poor thing! so long ago as the 7th of November, (as I am going to read to you,) and has never been well since. A long time, is not it, for a cold to hang upon her? She never mentioned it before, because she would not alarm us. Just like her! so considerate! – But however, she is so far from well, that her kind friends the Campbells think she had better come home, and try an air that always agrees with her; and they have no doubt that three or four months at Highbury will entirely cure her – and it is certainly a

great deal better that she should come here, than go to Ireland, if she is unwell. Nobody could nurse her, as we should do.”

“It appears to me the most desirable arrangement in the world.”

“And so she is to come to us next Friday or Saturday, and the Campbells leave town in their way to Holyhead the Monday following – as you will find from Jane’s letter. So sudden! – You may guess, dear Miss Woodhouse, what a flurry it has thrown me in! If it was not for the drawback of her illness – but I am afraid we must expect to see her grown thin, and looking very poorly. I must tell you what an unlucky thing happened to me, as to that. I always make a point of reading Jane’s letters through to myself first, before I read them aloud to my mother, you know, for fear of there being any thing in them to distress her. Jane desired me to do it, so I always do: and so I began to-day with my usual caution; but no sooner did I come to the mention of her being unwell, than I burst out, quite frightened, with ‘Bless me! poor Jane is ill!’ – which my mother, being on the watch, heard distinctly, and was sadly alarmed at. However, when I read on, I found it was not near so bad as I had fancied at first; and I make so light of it now to her, that she does not think much about it. But I cannot imagine how I could be so off my guard. If Jane does not get well soon, we will call in Mr. Perry. The expense shall not be thought of; and though he is so liberal, and so fond of Jane that I dare say he would not mean to charge any thing for attendance, we could not suffer it to be so, you know. He has a wife and family to maintain, and is not to be giving away his time. Well, now I have just given you a hint of what Jane writes about, we will turn to her letter, and I am sure she tells her own story a great deal better than I can tell it for her.”

“I am afraid we must be running away,” said Emma, glancing at Harriet, and beginning to rise – “My father will be expecting us. I had no intention, I thought I had no power of staying more than five minutes, when I first entered the house. I merely called, because I would not pass the door without inquiring after Mrs. Bates; but I have been so pleasantly detained! Now, however, we must wish you and Mrs. Bates good morning.”

And not all that could be urged to detain her succeeded. She regained the street – happy in this, that though much had been forced on her against her will, though she had in fact heard the whole substance of Jane Fairfax’s letter, she had been able to escape the letter itself.

CHAPTER II

Jane Fairfax was an orphan, the only child of Mrs. Bates's youngest daughter.

The marriage of Lieut. Fairfax of the -- regiment of infantry, and Miss Jane Bates, had had its day of fame and pleasure, hope and interest; but nothing now remained of it, save the melancholy remembrance of him dying in action abroad -- of his widow sinking under consumption and grief soon afterwards -- and this girl.

By birth she belonged to Highbury: and when at three years old, on losing her mother, she became the property, the charge, the consolation, the fondling of her grandmother and aunt, there had seemed every probability of her being permanently fixed there; of her being taught only what very limited means could command, and growing up with no advantages of connexion or improvement, to be engrafted on what nature had given her in a pleasing person, good understanding, and warm-hearted, well-meaning relations.

But the compassionate feelings of a friend of her father gave a change to her destiny. This was Colonel Campbell, who had very highly regarded Fairfax, as an excellent officer and most deserving young man; and farther, had been indebted to him for such attentions, during a severe camp-fever, as he believed had saved his life. These were claims which he did not learn to overlook, though some years passed away from the death of poor Fairfax, before his own return to England put any thing in his power. When he did return, he sought out the child and took notice of her. He was a married man, with only one living child, a girl, about Jane's age: and Jane became their guest, paying them long visits and growing a favourite with all; and before she was nine years old, his daughter's great fondness for her, and his own wish of being a real friend, united to produce an offer from Colonel Campbell of undertaking the whole charge of her education. It was accepted; and from that period Jane had belonged to Colonel Campbell's family, and had lived with them entirely, only visiting her grandmother from time to time.

The plan was that she should be brought up for educating others; the very few hundred pounds which she inherited from her father making independence impossible. To provide for her otherwise was out of Colonel Campbell's power; for though his income, by pay and appointments, was handsome, his fortune was moderate and must be all his daughter's; but, by giving her an education, he hoped to be supplying the means of respectable subsistence hereafter.

Such was Jane Fairfax's history. She had fallen into good hands, known nothing but kindness from the Campbells, and been given an excellent education. Living constantly with right-minded and well-informed people, her heart and understanding had received every advantage of discipline and culture; and Colonel Campbell's residence being in London, every lighter talent had been done full justice to, by the attendance of first-rate masters. Her disposition and abilities were equally worthy of all that friendship could do; and at eighteen or nineteen she was, as far as such an early age can be qualified for the care of children, fully competent to the office of instruction herself; but she was too much beloved to be parted with. Neither father nor mother could promote, and the daughter could not endure it. The evil day was put off. It was easy to decide that she was still too young; and Jane remained with them, sharing, as another daughter, in all the rational pleasures of an elegant society, and a judicious mixture of home and amusement, with only the drawback of the future, the sobering suggestions of her own good understanding to remind her that all this might soon be over.

The affection of the whole family, the warm attachment of Miss Campbell in particular, was the more honourable to each party from the circumstance of Jane's decided superiority both in beauty and acquirements. That nature had given it in feature could not be unseen by the young woman, nor could her higher powers of mind be unfelt by the parents. They continued together with unabated regard however, till the marriage of Miss Campbell, who by that chance, that luck which so often defies anticipation in matrimonial affairs, giving attraction to what is moderate rather than to what is superior, engaged the affections of Mr. Dixon, a young man, rich and agreeable, almost as soon as they were acquainted; and was eligibly and happily settled, while Jane Fairfax had yet her bread to earn.

This event had very lately taken place; too lately for any thing to be yet attempted by her less fortunate friend towards entering on her path of duty; though she had now reached the age which her own judgment had fixed on for beginning. She had long resolved that one-and-twenty should be the period. With the fortitude of a devoted novice, she had resolved at one-and-twenty to complete the sacrifice, and retire from all the pleasures of life, of rational intercourse, equal society, peace and hope, to penance and mortification for ever.

The good sense of Colonel and Mrs. Campbell could not oppose such a resolution, though their feelings did. As long as they lived, no exertions would be necessary, their home might be hers for ever; and for their own comfort they would have retained her wholly; but this would be selfishness: – what must be at last, had better be soon. Perhaps they began to feel it might have been kinder and wiser to have resisted the temptation of any delay, and spared her from a taste of such enjoyments of ease and leisure as must now be relinquished. Still, however,

affection was glad to catch at any reasonable excuse for not hurrying on the wretched moment. She had never been quite well since the time of their daughter's marriage; and till she should have completely recovered her usual strength, they must forbid her engaging in duties, which, so far from being compatible with a weakened frame and varying spirits, seemed, under the most favourable circumstances, to require something more than human perfection of body and mind to be discharged with tolerable comfort.

With regard to her not accompanying them to Ireland, her account to her aunt contained nothing but truth, though there might be some truths not told. It was her own choice to give the time of their absence to Highbury; to spend, perhaps, her last months of perfect liberty with those kind relations to whom she was so very dear: and the Campbells, whatever might be their motive or motives, whether single, or double, or treble, gave the arrangement their ready sanction, and said, that they depended more on a few months spent in her native air, for the recovery of her health, than on any thing else. Certain it was that she was to come; and that Highbury, instead of welcoming that perfect novelty which had been so long promised it – Mr. Frank Churchill – must put up for the present with Jane Fairfax, who could bring only the freshness of a two years' absence.

Emma was sorry; – to have to pay civilities to a person she did not like through three long months! – to be always doing more than she wished, and less than she ought! Why she did not like Jane Fairfax might be a difficult question to answer; Mr. Knightley had once told her it was because she saw in her the really accomplished young woman, which she wanted to be thought herself; and though the accusation had been eagerly refuted at the time, there were moments of self-examination in which her conscience could not quite acquit her. But “she could never get acquainted with her: she did not know how it was, but there was such coldness and reserve – such apparent indifference whether she pleased or not – and then, her aunt was such an eternal talker! – and she was made such a fuss with by every body! – and it had been always imagined that they were to be so intimate – because their ages were the same, every body had supposed they must be so fond of each other.” These were her reasons – she had no better.

It was a dislike so little just – every imputed fault was so magnified by fancy, that she never saw Jane Fairfax the first time after any considerable absence, without feeling that she had injured her; and now, when the due visit was paid, on her arrival, after a two years' interval, she was particularly struck with the very appearance and manners, which for those two whole years she had been depreciating. Jane Fairfax was very elegant, remarkably elegant; and she had herself the highest value for elegance. Her height was pretty, just such as almost every body would think tall, and nobody could think very tall; her figure particularly graceful; her size a most becoming medium, between fat and thin,

though a slight appearance of ill-health seemed to point out the likeliest evil of the two. Emma could not but feel all this; and then, her face – her features – there was more beauty in them altogether than she had remembered; it was not regular, but it was very pleasing beauty. Her eyes, a deep grey, with dark eye-lashes and eyebrows, had never been denied their praise; but the skin, which she had been used to cavil at, as wanting colour, had a clearness and delicacy which really needed no fuller bloom. It was a style of beauty, of which elegance was the reigning character, and as such, she must, in honour, by all her principles, admire it: – elegance, which, whether of person or of mind, she saw so little in Highbury. There, not to be vulgar, was distinction, and merit.

In short, she sat, during the first visit, looking at Jane Fairfax with twofold complacency; the sense of pleasure and the sense of rendering justice, and was determining that she would dislike her no longer. When she took in her history, indeed, her situation, as well as her beauty; when she considered what all this elegance was destined to, what she was going to sink from, how she was going to live, it seemed impossible to feel any thing but compassion and respect; especially, if to every well-known particular entitling her to interest, were added the highly probable circumstance of an attachment to Mr. Dixon, which she had so naturally started to herself. In that case, nothing could be more pitiable or more honourable than the sacrifices she had resolved on. Emma was very willing now to acquit her of having seduced Mr. Dixon's actions from his wife, or of any thing mischievous which her imagination had suggested at first. If it were love, it might be simple, single, successful love on her side alone. She might have been unconsciously sucking in the sad poison, while a sharer of his conversation with her friend; and from the best, the purest of motives, might now be denying herself this visit to Ireland, and resolving to divide herself effectually from him and his connexions by soon beginning her career of laborious duty.

Upon the whole, Emma left her with such softened, charitable feelings, as made her look around in walking home, and lament that Highbury afforded no young man worthy of giving her independence; nobody that she could wish to scheme about for her.

These were charming feelings – but not lasting. Before she had committed herself by any public profession of eternal friendship for Jane Fairfax, or done more towards a recantation of past prejudices and errors, than saying to Mr. Knightley, “She certainly is handsome; she is better than handsome!” Jane had spent an evening at Hartfield with her grandmother and aunt, and every thing was relapsing much into its usual state. Former provocations reappeared. The aunt was as tiresome as ever; more tiresome, because anxiety for her health was now added to admiration of her powers; and they had to listen to the description of exactly how little bread and butter she ate for breakfast, and

how small a slice of mutton for dinner, as well as to see exhibitions of new caps and new workbags for her mother and herself; and Jane's offences rose again. They had music; Emma was obliged to play; and the thanks and praise which necessarily followed appeared to her an affectation of candour, an air of greatness, meaning only to shew off in higher style her own very superior performance. She was, besides, which was the worst of all, so cold, so cautious! There was no getting at her real opinion. Wrapt up in a cloak of politeness, she seemed determined to hazard nothing. She was disgustingly, was suspiciously reserved.

If any thing could be more, where all was most, she was more reserved on the subject of Weymouth and the Dixons than any thing. She seemed bent on giving no real insight into Mr. Dixon's character, or her own value for his company, or opinion of the suitableness of the match. It was all general approbation and smoothness; nothing delineated or distinguished. It did her no service however. Her caution was thrown away. Emma saw its artifice, and returned to her first surmises. There probably was something more to conceal than her own preference; Mr. Dixon, perhaps, had been very near changing one friend for the other, or been fixed only to Miss Campbell, for the sake of the future twelve thousand pounds.

The like reserve prevailed on other topics. She and Mr. Frank Churchill had been at Weymouth at the same time. It was known that they were a little acquainted; but not a syllable of real information could Emma procure as to what he truly was. "Was he handsome?" – "She believed he was reckoned a very fine young man." "Was he agreeable?" – "He was generally thought so." "Did he appear a sensible young man; a young man of information?" – "At a watering-place, or in a common London acquaintance, it was difficult to decide on such points. Manners were all that could be safely judged of, under a much longer knowledge than they had yet had of Mr. Churchill. She believed every body found his manners pleasing." Emma could not forgive her.

CHAPTER III

Emma could not forgive her; – but as neither provocation nor resentment were discerned by Mr. Knightley, who had been of the party, and had seen only proper attention and pleasing behaviour on each side, he was expressing the next morning, being at Hartfield again on business with Mr. Woodhouse, his approbation of the whole; not so openly as he might have done had her father been out of the room, but speaking plain enough to be very intelligible to Emma. He had been used to think her unjust to Jane, and had now great pleasure in marking an improvement.

“A very pleasant evening,” he began, as soon as Mr. Woodhouse had been talked into what was necessary, told that he understood, and the papers swept away; – “particularly pleasant. You and Miss Fairfax gave us some very good music. I do not know a more luxurious state, sir, than sitting at one’s ease to be entertained a whole evening by two such young women; sometimes with music and sometimes with conversation. I am sure Miss Fairfax must have found the evening pleasant, Emma. You left nothing undone. I was glad you made her play so much, for having no instrument at her grandmother’s, it must have been a real indulgence.”

“I am happy you approved,” said Emma, smiling; “but I hope I am not often deficient in what is due to guests at Hartfield.”

“No, my dear,” said her father instantly; “that I am sure you are not. There is nobody half so attentive and civil as you are. If any thing, you are too attentive. The muffin last night – if it had been handed round once, I think it would have been enough.”

“No,” said Mr. Knightley, nearly at the same time; “you are not often deficient; not often deficient either in manner or comprehension. I think you understand me, therefore.”

An arch look expressed – “I understand you well enough;” but she said only, “Miss Fairfax is reserved.”

“I always told you she was – a little; but you will soon overcome all that part of her reserve which ought to be overcome, all that has its foundation in diffidence. What arises from discretion must be honoured.”

“You think her diffident. I do not see it.”

“My dear Emma,” said he, moving from his chair into one close by her, “you are not going to tell me, I hope, that you had not a pleasant evening.”

“Oh! no; I was pleased with my own perseverance in asking questions; and amused to think how little information I obtained.”

“I am disappointed,” was his only answer.

“I hope every body had a pleasant evening,” said Mr. Woodhouse, in his quiet way. “I had. Once, I felt the fire rather too much; but then I moved back my chair a little, a very little, and it did not disturb me. Miss Bates was very chatty and good-humoured, as she always is, though she speaks rather too quick. However, she is very agreeable, and Mrs. Bates too, in a different way. I like old friends; and Miss Jane Fairfax is a very pretty sort of young lady, a very pretty and a very well-behaved young lady indeed. She must have found the evening agreeable, Mr. Knightley, because she had Emma.”

“True, sir; and Emma, because she had Miss Fairfax.”

Emma saw his anxiety, and wishing to appease it, at least for the present, said, and with a sincerity which no one could question –

“She is a sort of elegant creature that one cannot keep one’s eyes from. I am always watching her to admire; and I do pity her from my heart.”

Mr. Knightley looked as if he were more gratified than he cared to express; and before he could make any reply, Mr. Woodhouse, whose thoughts were on the Bates’s, said –

“It is a great pity that their circumstances should be so confined! a great pity indeed! and I have often wished – but it is so little one can venture to do – small, trifling presents, of any thing uncommon – Now we have killed a porker, and Emma thinks of sending them a loin or a leg; it is very small and delicate – Hartfield pork is not like any other pork – but still it is pork – and, my dear Emma, unless one could be sure of their making it into steaks, nicely fried, as ours are fried, without the smallest grease, and not roast it, for no stomach can bear roast pork – I think we had better send the leg – do not you think so, my dear?”

“My dear papa, I sent the whole hind-quarter. I knew you would wish it. There will be the leg to be salted, you know, which is so very nice, and the loin to be dressed directly in any manner they like.”

“That’s right, my dear, very right. I had not thought of it before, but that is the best way. They must not over-salt the leg; and then, if it is not over-salted, and if it is very thoroughly boiled, just as Serle boils ours, and eaten very moderately of, with a boiled turnip, and a little carrot or parsnip, I do not consider it unwholesome.”

“Emma,” said Mr. Knightley presently, “I have a piece of news for

you. You like news – and I heard an article in my way hither that I think will interest you.”

“News! Oh! yes, I always like news. What is it? – why do you smile so? – where did you hear it? – at Randalls?”

He had time only to say,

“No, not at Randalls; I have not been near Randalls,” when the door was thrown open, and Miss Bates and Miss Fairfax walked into the room. Full of thanks, and full of news, Miss Bates knew not which to give quickest. Mr. Knightley soon saw that he had lost his moment, and that not another syllable of communication could rest with him.

“Oh! my dear sir, how are you this morning? My dear Miss Woodhouse – I come quite over-powered. Such a beautiful hind-quarter of pork! You are too bountiful! Have you heard the news? Mr. Elton is going to be married.”

Emma had not had time even to think of Mr. Elton, and she was so completely surprized that she could not avoid a little start, and a little blush, at the sound.

“There is my news: – I thought it would interest you,” said Mr. Knightley, with a smile which implied a conviction of some part of what had passed between them.

“But where could you hear it?” cried Miss Bates. “Where could you possibly hear it, Mr. Knightley? For it is not five minutes since I received Mrs. Cole’s note – no, it cannot be more than five – or at least ten – for I had got my bonnet and spencer on, just ready to come out – I was only gone down to speak to Patty again about the pork – Jane was standing in the passage – were not you, Jane? – for my mother was so afraid that we had not any salting-pan large enough. So I said I would go down and see, and Jane said, ‘Shall I go down instead? for I think you have a little cold, and Patty has been washing the kitchen.’ – ‘Oh! my dear,’ said I – well, and just then came the note. A Miss Hawkins – that’s all I know. A Miss Hawkins of Bath. But, Mr. Knightley, how could you possibly have heard it? for the very moment Mr. Cole told Mrs. Cole of it, she sat down and wrote to me. A Miss Hawkins – “

“I was with Mr. Cole on business an hour and a half ago. He had just read Elton’s letter as I was shewn in, and handed it to me directly.”

“Well! that is quite – I suppose there never was a piece of news more generally interesting. My dear sir, you really are too bountiful. My mother desires her very best compliments and regards, and a thousand thanks, and says

you really quite oppress her.”

“We consider our Hartfield pork,” replied Mr. Woodhouse – “indeed it certainly is, so very superior to all other pork, that Emma and I cannot have a greater pleasure than – “

“Oh! my dear sir, as my mother says, our friends are only too good to us. If ever there were people who, without having great wealth themselves, had every thing they could wish for, I am sure it is us. We may well say that ‘our lot is cast in a goodly heritage.’ Well, Mr. Knightley, and so you actually saw the letter; well – “

“It was short – merely to announce – but cheerful, exulting, of course.” – Here was a sly glance at Emma. “He had been so fortunate as to – I forget the precise words – one has no business to remember them. The information was, as you state, that he was going to be married to a Miss Hawkins. By his style, I should imagine it just settled.”

“Mr. Elton going to be married!” said Emma, as soon as she could speak. “He will have every body’s wishes for his happiness.”

“He is very young to settle,” was Mr. Woodhouse’s observation. “He had better not be in a hurry. He seemed to me very well off as he was. We were always glad to see him at Hartfield.”

“A new neighbour for us all, Miss Woodhouse!” said Miss Bates, joyfully; “my mother is so pleased! – she says she cannot bear to have the poor old Vicarage without a mistress. This is great news, indeed. Jane, you have never seen Mr. Elton! – no wonder that you have such a curiosity to see him.”

Jane’s curiosity did not appear of that absorbing nature as wholly to occupy her.

“No – I have never seen Mr. Elton,” she replied, starting on this appeal; “is he – is he a tall man?”

“Who shall answer that question?” cried Emma. “My father would say ‘yes,’ Mr. Knightley ‘no;’ and Miss Bates and I that he is just the happy medium. When you have been here a little longer, Miss Fairfax, you will understand that Mr. Elton is the standard of perfection in Highbury, both in person and mind.”

“Very true, Miss Woodhouse, so she will. He is the very best young man – But, my dear Jane, if you remember, I told you yesterday he was precisely the height of Mr. Perry. Miss Hawkins, – I dare say, an excellent young woman. His extreme attention to my mother – wanting her to sit in the vicarage pew, that she might hear the better, for my mother is a little deaf, you know – it is

not much, but she does not hear quite quick. Jane says that Colonel Campbell is a little deaf. He fancied bathing might be good for it – the warm bath – but she says it did him no lasting benefit. Colonel Campbell, you know, is quite our angel. And Mr. Dixon seems a very charming young man, quite worthy of him. It is such a happiness when good people get together – and they always do. Now, here will be Mr. Elton and Miss Hawkins; and there are the Coles, such very good people; and the Perrys – I suppose there never was a happier or a better couple than Mr. and Mrs. Perry. I say, sir,” turning to Mr. Woodhouse, “I think there are few places with such society as Highbury. I always say, we are quite blessed in our neighbours. – My dear sir, if there is one thing my mother loves better than another, it is pork – a roast loin of pork – “

“As to who, or what Miss Hawkins is, or how long he has been acquainted with her,” said Emma, “nothing I suppose can be known. One feels that it cannot be a very long acquaintance. He has been gone only four weeks.”

Nobody had any information to give; and, after a few more wonderings, Emma said,

“You are silent, Miss Fairfax – but I hope you mean to take an interest in this news. You, who have been hearing and seeing so much of late on these subjects, who must have been so deep in the business on Miss Campbell’s account – we shall not excuse your being indifferent about Mr. Elton and Miss Hawkins.”

“When I have seen Mr. Elton,” replied Jane, “I dare say I shall be interested – but I believe it requires that with me. And as it is some months since Miss Campbell married, the impression may be a little worn off.”

“Yes, he has been gone just four weeks, as you observe, Miss Woodhouse,” said Miss Bates, “four weeks yesterday. – A Miss Hawkins! – Well, I had always rather fancied it would be some young lady hereabouts; not that I ever – Mrs. Cole once whispered to me – but I immediately said, ‘No, Mr. Elton is a most worthy young man – but’ – In short, I do not think I am particularly quick at those sort of discoveries. I do not pretend to it. What is before me, I see. At the same time, nobody could wonder if Mr. Elton should have aspired – Miss Woodhouse lets me chatter on, so good-humouredly. She knows I would not offend for the world. How does Miss Smith do? She seems quite recovered now. Have you heard from Mrs. John Knightley lately? Oh! those dear little children. Jane, do you know I always fancy Mr. Dixon like Mr. John Knightley. I mean in person – tall, and with that sort of look – and not very talkative.”

“Quite wrong, my dear aunt; there is no likeness at all.”

“Very odd! but one never does form a just idea of any body

beforehand. One takes up a notion, and runs away with it. Mr. Dixon, you say, is not, strictly speaking, handsome?"

"Handsome! Oh! no – far from it – certainly plain. I told you he was plain."

"My dear, you said that Miss Campbell would not allow him to be plain, and that you yourself –"

"Oh! as for me, my judgment is worth nothing. Where I have a regard, I always think a person well-looking. But I gave what I believed the general opinion, when I called him plain."

"Well, my dear Jane, I believe we must be running away. The weather does not look well, and grandmama will be uneasy. You are too obliging, my dear Miss Woodhouse; but we really must take leave. This has been a most agreeable piece of news indeed. I shall just go round by Mrs. Cole's; but I shall not stop three minutes: and, Jane, you had better go home directly – I would not have you out in a shower! – We think she is the better for Highbury already. Thank you, we do indeed. I shall not attempt calling on Mrs. Goddard, for I really do not think she cares for any thing but boiled pork: when we dress the leg it will be another thing. Good morning to you, my dear sir. Oh! Mr. Knightley is coming too. Well, that is so very! – I am sure if Jane is tired, you will be so kind as to give her your arm. – Mr. Elton, and Miss Hawkins! – Good morning to you."

Emma, alone with her father, had half her attention wanted by him while he lamented that young people would be in such a hurry to marry – and to marry strangers too – and the other half she could give to her own view of the subject. It was to herself an amusing and a very welcome piece of news, as proving that Mr. Elton could not have suffered long; but she was sorry for Harriet: Harriet must feel it – and all that she could hope was, by giving the first information herself, to save her from hearing it abruptly from others. It was now about the time that she was likely to call. If she were to meet Miss Bates in her way! – and upon its beginning to rain, Emma was obliged to expect that the weather would be detaining her at Mrs. Goddard's, and that the intelligence would undoubtedly rush upon her without preparation.

The shower was heavy, but short; and it had not been over five minutes, when in came Harriet, with just the heated, agitated look which hurrying thither with a full heart was likely to give; and the "Oh! Miss Woodhouse, what do you think has happened!" which instantly burst forth, had all the evidence of corresponding perturbation. As the blow was given, Emma felt that she could not now shew greater kindness than in listening; and Harriet, unchecked, ran eagerly through what she had to tell. "She had set out from Mrs. Goddard's half an hour

ago – she had been afraid it would rain – she had been afraid it would pour down every moment – but she thought she might get to Hartfield first – she had hurried on as fast as possible; but then, as she was passing by the house where a young woman was making up a gown for her, she thought she would just step in and see how it went on; and though she did not seem to stay half a moment there, soon after she came out it began to rain, and she did not know what to do; so she ran on directly, as fast as she could, and took shelter at Ford's." – Ford's was the principal woollen-draper, linen-draper, and haberdasher's shop united; the shop first in size and fashion in the place. – "And so, there she had set, without an idea of any thing in the world, full ten minutes, perhaps – when, all of a sudden, who should come in – to be sure it was so very odd! – but they always dealt at Ford's – who should come in, but Elizabeth Martin and her brother! – Dear Miss Woodhouse! only think I thought I should have fainted. I did not know what to do. I was sitting near the door – Elizabeth saw me directly; but he did not; he was busy with the umbrella. I am sure she saw me, but she looked away directly, and took no notice; and they both went to quite the farther end of the shop; and I kept sitting near the door! – Oh! dear; I was so miserable! I am sure I must have been as white as my gown. I could not go away you know, because of the rain; but I did so wish myself anywhere in the world but there. – Oh! dear, Miss Woodhouse – well, at last, I fancy, he looked round and saw me; for instead of going on with her buyings, they began whispering to one another. I am sure they were talking of me; and I could not help thinking that he was persuading her to speak to me – (do you think he was, Miss Woodhouse?) – for presently she came forward – came quite up to me, and asked me how I did, and seemed ready to shake hands, if I would. She did not do any of it in the same way that she used; I could see she was altered; but, however, she seemed to try to be very friendly, and we shook hands, and stood talking some time; but I know no more what I said – I was in such a tremble! – I remember she said she was sorry we never met now; which I thought almost too kind! Dear, Miss Woodhouse, I was absolutely miserable! By that time, it was beginning to hold up, and I was determined that nothing should stop me from getting away – and then – only think! – I found he was coming up towards me too – slowly you know, and as if he did not quite know what to do; and so he came and spoke, and I answered – and I stood for a minute, feeling dreadfully, you know, one can't tell how; and then I took courage, and said it did not rain, and I must go; and so off I set; and I had not got three yards from the door, when he came after me, only to say, if I was going to Hartfield, he thought I had much better go round by Mr. Cole's stables, for I should find the near way quite floated by this rain. Oh! dear, I thought it would have been the death of me! So I said, I was very much obliged to him: you know I could not do less; and then he went back to Elizabeth, and I came round by the stables – I believe I did – but I hardly knew where I was, or any thing about it. Oh! Miss Woodhouse, I would

rather done any thing than have it happen: and yet, you know, there was a sort of satisfaction in seeing him behave so pleasantly and so kindly. And Elizabeth, too. Oh! Miss Woodhouse, do talk to me and make me comfortable again.”

Very sincerely did Emma wish to do so; but it was not immediately in her power. She was obliged to stop and think. She was not thoroughly comfortable herself. The young man's conduct, and his sister's, seemed the result of real feeling, and she could not but pity them. As Harriet described it, there had been an interesting mixture of wounded affection and genuine delicacy in their behaviour. But she had believed them to be well-meaning, worthy people before; and what difference did this make in the evils of the connexion? It was folly to be disturbed by it. Of course, he must be sorry to lose her – they must be all sorry. Ambition, as well as love, had probably been mortified. They might all have hoped to rise by Harriet's acquaintance: and besides, what was the value of Harriet's description? – So easily pleased – so little discerning; – what signified her praise?

She exerted herself, and did try to make her comfortable, by considering all that had passed as a mere trifle, and quite unworthy of being dwelt on,

“It might be distressing, for the moment,” said she; “but you seem to have behaved extremely well; and it is over – and may never – can never, as a first meeting, occur again, and therefore you need not think about it.”

Harriet said, “very true,” and she “would not think about it;” but still she talked of it – still she could talk of nothing else; and Emma, at last, in order to put the Martins out of her head, was obliged to hurry on the news, which she had meant to give with so much tender caution; hardly knowing herself whether to rejoice or be angry, ashamed or only amused, at such a state of mind in poor Harriet – such a conclusion of Mr. Elton's importance with her!

Mr. Elton's rights, however, gradually revived. Though she did not feel the first intelligence as she might have done the day before, or an hour before, its interest soon increased; and before their first conversation was over, she had talked herself into all the sensations of curiosity, wonder and regret, pain and pleasure, as to this fortunate Miss Hawkins, which could conduce to place the Martins under proper subordination in her fancy.

Emma learned to be rather glad that there had been such a meeting. It had been serviceable in deadening the first shock, without retaining any influence to alarm. As Harriet now lived, the Martins could not get at her, without seeking her, where hitherto they had wanted either the courage or the condescension to seek her; for since her refusal of the brother, the sisters never had been at Mrs.

Goddard's; and a twelvemonth might pass without their being thrown together again, with any necessity, or even any power of speech.

CHAPTER IV

Human nature is so well disposed towards those who are in interesting situations, that a young person, who either marries or dies, is sure of being kindly spoken of.

A week had not passed since Miss Hawkins's name was first mentioned in Highbury, before she was, by some means or other, discovered to have every recommendation of person and mind; to be handsome, elegant, highly accomplished, and perfectly amiable: and when Mr. Elton himself arrived to triumph in his happy prospects, and circulate the fame of her merits, there was very little more for him to do, than to tell her Christian name, and say whose music she principally played.

Mr. Elton returned, a very happy man. He had gone away rejected and mortified – disappointed in a very sanguine hope, after a series of what appeared to him strong encouragement; and not only losing the right lady, but finding himself debased to the level of a very wrong one. He had gone away deeply offended – he came back engaged to another – and to another as superior, of course, to the first, as under such circumstances what is gained always is to what is lost. He came back gay and self-satisfied, eager and busy, caring nothing for Miss Woodhouse, and defying Miss Smith.

The charming Augusta Hawkins, in addition to all the usual advantages of perfect beauty and merit, was in possession of an independent fortune, of so many thousands as would always be called ten; a point of some dignity, as well as some convenience: the story told well; he had not thrown himself away – he had gained a woman of 10,000 l. or thereabouts; and he had gained her with such delightful rapidity – the first hour of introduction had been so very soon followed by distinguishing notice; the history which he had to give Mrs. Cole of the rise and progress of the affair was so glorious – the steps so quick, from the accidental rencontre, to the dinner at Mr. Green's, and the party at Mrs. Brown's – smiles and blushes rising in importance – with consciousness and agitation richly scattered – the lady had been so easily impressed – so sweetly disposed – had in short, to use a most intelligible phrase, been so very ready to have him, that vanity and prudence were equally contented.

He had caught both substance and shadow – both fortune and affection, and was just the happy man he ought to be; talking only of himself and his own concerns – expecting to be congratulated – ready to be laughed at – and, with cordial, fearless smiles, now addressing all the young ladies of the place, to whom, a few weeks ago, he would have been more cautiously gallant.

The wedding was no distant event, as the parties had only themselves to please, and nothing but the necessary preparations to wait for; and when he set out for Bath again, there was a general expectation, which a certain glance of Mrs. Cole's did not seem to contradict, that when he next entered Highbury he would bring his bride.

During his present short stay, Emma had barely seen him; but just enough to feel that the first meeting was over, and to give her the impression of his not being improved by the mixture of pique and pretension, now spread over his air. She was, in fact, beginning very much to wonder that she had ever thought him pleasing at all; and his sight was so inseparably connected with some very disagreeable feelings, that, except in a moral light, as a penance, a lesson, a source of profitable humiliation to her own mind, she would have been thankful to be assured of never seeing him again. She wished him very well; but he gave her pain, and his welfare twenty miles off would administer most satisfaction.

The pain of his continued residence in Highbury, however, must certainly be lessened by his marriage. Many vain solicitudes would be prevented – many awkwardnesses smoothed by it. A Mrs. Elton would be an excuse for any change of intercourse; former intimacy might sink without remark. It would be almost beginning their life of civility again.

Of the lady, individually, Emma thought very little. She was good enough for Mr. Elton, no doubt; accomplished enough for Highbury – handsome enough – to look plain, probably, by Harriet's side. As to connexion, there Emma was perfectly easy; persuaded, that after all his own vaunted claims and disdain of Harriet, he had done nothing. On that article, truth seemed attainable. What she was, must be uncertain; but who she was, might be found out; and setting aside the 10,000 l., it did not appear that she was at all Harriet's superior. She brought no name, no blood, no alliance. Miss Hawkins was the youngest of the two daughters of a Bristol – merchant, of course, he must be called; but, as the whole of the profits of his mercantile life appeared so very moderate, it was not unfair to guess the dignity of his line of trade had been very moderate also. Part of every winter she had been used to spend in Bath; but Bristol was her home, the very heart of Bristol; for though the father and mother had died some years ago, an uncle remained – in the law line – nothing more distinctly honourable was hazarded of him, than that he was in the law line; and with him the daughter had lived. Emma guessed him to be the drudge of some attorney, and too stupid to rise. And all the grandeur of the connexion seemed dependent on the elder sister, who was very well married, to a gentleman in a great way, near Bristol, who kept two carriages! That was the wind-up of the history; that was the glory of Miss Hawkins.

Could she but have given Harriet her feelings about it all! She had talked her into love; but, alas! she was not so easily to be talked out of it. The charm of an object to occupy the many vacancies of Harriet's mind was not to be talked away. He might be superseded by another; he certainly would indeed; nothing could be clearer; even a Robert Martin would have been sufficient; but nothing else, she feared, would cure her. Harriet was one of those, who, having once begun, would be always in love. And now, poor girl! she was considerably worse from this reappearance of Mr. Elton. She was always having a glimpse of him somewhere or other. Emma saw him only once; but two or three times every day Harriet was sure just to meet with him, or just to miss him, just to hear his voice, or see his shoulder, just to have something occur to preserve him in her fancy, in all the favouring warmth of surprize and conjecture. She was, moreover, perpetually hearing about him; for, excepting when at Hartfield, she was always among those who saw no fault in Mr. Elton, and found nothing so interesting as the discussion of his concerns; and every report, therefore, every guess – all that had already occurred, all that might occur in the arrangement of his affairs, comprehending income, servants, and furniture, was continually in agitation around her. Her regard was receiving strength by invariable praise of him, and her regrets kept alive, and feelings irritated by ceaseless repetitions of Miss Hawkins's happiness, and continual observation of, how much he seemed attached! – his air as he walked by the house – the very sitting of his hat, being all in proof of how much he was in love!

Had it been allowable entertainment, had there been no pain to her friend, or reproach to herself, in the waverings of Harriet's mind, Emma would have been amused by its variations. Sometimes Mr. Elton predominated, sometimes the Martins; and each was occasionally useful as a check to the other. Mr. Elton's engagement had been the cure of the agitation of meeting Mr. Martin. The unhappiness produced by the knowledge of that engagement had been a little put aside by Elizabeth Martin's calling at Mrs. Goddard's a few days afterwards. Harriet had not been at home; but a note had been prepared and left for her, written in the very style to touch; a small mixture of reproach, with a great deal of kindness; and till Mr. Elton himself appeared, she had been much occupied by it, continually pondering over what could be done in return, and wishing to do more than she dared to confess. But Mr. Elton, in person, had driven away all such cares. While he staid, the Martins were forgotten; and on the very morning of his setting off for Bath again, Emma, to dissipate some of the distress it occasioned, judged it best for her to return Elizabeth Martin's visit.

How that visit was to be acknowledged – what would be necessary – and what might be safest, had been a point of some doubtful consideration. Absolute neglect of the mother and sisters, when invited to come, would be

ingratitude. It must not be: and yet the danger of a renewal of the acquaintance –
!

After much thinking, she could determine on nothing better, than Harriet's returning the visit; but in a way that, if they had understanding, should convince them that it was to be only a formal acquaintance. She meant to take her in the carriage, leave her at the Abbey Mill, while she drove a little farther, and call for her again so soon, as to allow no time for insidious applications or dangerous recurrences to the past, and give the most decided proof of what degree of intimacy was chosen for the future.

She could think of nothing better: and though there was something in it which her own heart could not approve – something of ingratitude, merely glossed over – it must be done, or what would become of Harriet?

CHAPTER V

Small heart had Harriet for visiting. Only half an hour before her friend called for her at Mrs. Goddard's, her evil stars had led her to the very spot where, at that moment, a trunk, directed to The Rev. Philip Elton, White-Hart, Bath, was to be seen under the operation of being lifted into the butcher's cart, which was to convey it to where the coaches past; and every thing in this world, excepting that trunk and the direction, was consequently a blank.

She went, however; and when they reached the farm, and she was to be put down, at the end of the broad, neat gravel walk, which led between espalier apple-trees to the front door, the sight of every thing which had given her so much pleasure the autumn before, was beginning to revive a little local agitation; and when they parted, Emma observed her to be looking around with a sort of fearful curiosity, which determined her not to allow the visit to exceed the proposed quarter of an hour. She went on herself, to give that portion of time to an old servant who was married, and settled in Donwell.

The quarter of an hour brought her punctually to the white gate again; and Miss Smith receiving her summons, was with her without delay, and unattended by any alarming young man. She came solitarily down the gravel walk – a Miss Martin just appearing at the door, and parting with her seemingly with ceremonious civility.

Harriet could not very soon give an intelligible account. She was feeling too much; but at last Emma collected from her enough to understand the sort of meeting, and the sort of pain it was creating. She had seen only Mrs. Martin and the two girls. They had received her doubtfully, if not coolly; and nothing beyond the merest commonplace had been talked almost all the time – till just at last, when Mrs. Martin's saying, all of a sudden, that she thought Miss Smith was grown, had brought on a more interesting subject, and a warmer manner. In that very room she had been measured last September, with her two friends. There were the pencilled marks and memorandums on the wainscot by the window. He had done it. They all seemed to remember the day, the hour, the party, the occasion – to feel the same consciousness, the same regrets – to be ready to return to the same good understanding; and they were just growing again like themselves, (Harriet, as Emma must suspect, as ready as the best of them to be cordial and happy,) when the carriage reappeared, and all was over. The style of the visit, and the shortness of it, were then felt to be decisive. Fourteen minutes to be given to those with whom she had thankfully passed six weeks not six months ago! – Emma could not but picture it all, and feel how justly they might resent, how naturally Harriet must suffer. It was a bad business. She would have given a

great deal, or endured a great deal, to have had the Martins in a higher rank of life. They were so deserving, that a little higher should have been enough: but as it was, how could she have done otherwise? – Impossible! – She could not repent. They must be separated; but there was a great deal of pain in the process – so much to herself at this time, that she soon felt the necessity of a little consolation, and resolved on going home by way of Randalls to procure it. Her mind was quite sick of Mr. Elton and the Martins. The refreshment of Randalls was absolutely necessary.

It was a good scheme; but on driving to the door they heard that neither “master nor mistress was at home;” they had both been out some time; the man believed they were gone to Hartfield.

“This is too bad,” cried Emma, as they turned away. “And now we shall just miss them; too provoking! – I do not know when I have been so disappointed.” And she leaned back in the corner, to indulge her murmurs, or to reason them away; probably a little of both – such being the commonest process of a not ill-disposed mind. Presently the carriage stopt; she looked up; it was stopt by Mr. and Mrs. Weston, who were standing to speak to her. There was instant pleasure in the sight of them, and still greater pleasure was conveyed in sound – for Mr. Weston immediately accosted her with,

“How d’ye do? – how d’ye do? – We have been sitting with your father – glad to see him so well. Frank comes to-morrow – I had a letter this morning – we see him to-morrow by dinner-time to a certainty – he is at Oxford to-day, and he comes for a whole fortnight; I knew it would be so. If he had come at Christmas he could not have staid three days; I was always glad he did not come at Christmas; now we are going to have just the right weather for him, fine, dry, settled weather. We shall enjoy him completely; every thing has turned out exactly as we could wish.”

There was no resisting such news, no possibility of avoiding the influence of such a happy face as Mr. Weston’s, confirmed as it all was by the words and the countenance of his wife, fewer and quieter, but not less to the purpose. To know that she thought his coming certain was enough to make Emma consider it so, and sincerely did she rejoice in their joy. It was a most delightful reanimation of exhausted spirits. The worn-out past was sunk in the freshness of what was coming; and in the rapidity of half a moment’s thought, she hoped Mr. Elton would now be talked of no more.

Mr. Weston gave her the history of the engagements at Enscombe, which allowed his son to answer for having an entire fortnight at his command, as well as the route and the method of his journey; and she listened, and smiled, and

congratulated.

“I shall soon bring him over to Hartfield,” said he, at the conclusion.

Emma could imagine she saw a touch of the arm at this speech, from his wife.

“We had better move on, Mr. Weston,” said she, “we are detaining the girls.”

“Well, well, I am ready;” – and turning again to Emma, “but you must not be expecting such a very fine young man; you have only had my account you know; I dare say he is really nothing extraordinary:” – though his own sparkling eyes at the moment were speaking a very different conviction.

Emma could look perfectly unconscious and innocent, and answer in a manner that appropriated nothing.

“Think of me to-morrow, my dear Emma, about four o’clock,” was Mrs. Weston’s parting injunction; spoken with some anxiety, and meant only for her.

“Four o’clock! – depend upon it he will be here by three,” was Mr. Weston’s quick amendment; and so ended a most satisfactory meeting. Emma’s spirits were mounted quite up to happiness; every thing wore a different air; James and his horses seemed not half so sluggish as before. When she looked at the hedges, she thought the elder at least must soon be coming out; and when she turned round to Harriet, she saw something like a look of spring, a tender smile even there.

“Will Mr. Frank Churchill pass through Bath as well as Oxford?” – was a question, however, which did not augur much.

But neither geography nor tranquillity could come all at once, and Emma was now in a humour to resolve that they should both come in time.

The morning of the interesting day arrived, and Mrs. Weston’s faithful pupil did not forget either at ten, or eleven, or twelve o’clock, that she was to think of her at four.

“My dear, dear anxious friend,” – said she, in mental soliloquy, while walking downstairs from her own room, “always overcareful for every body’s comfort but your own; I see you now in all your little fidgets, going again and again into his room, to be sure that all is right.” The clock struck twelve as she passed through the hall. “Tis twelve; I shall not forget to think of you four hours hence; and by this time to-morrow, perhaps, or a little later, I may be thinking of

the possibility of their all calling here. I am sure they will bring him soon.”

She opened the parlour door, and saw two gentlemen sitting with her father – Mr. Weston and his son. They had been arrived only a few minutes, and Mr. Weston had scarcely finished his explanation of Frank’s being a day before his time, and her father was yet in the midst of his very civil welcome and congratulations, when she appeared, to have her share of surprize, introduction, and pleasure.

The Frank Churchill so long talked of, so high in interest, was actually before her – he was presented to her, and she did not think too much had been said in his praise; he was a very good looking young man; height, air, address, all were unexceptionable, and his countenance had a great deal of the spirit and liveliness of his father’s; he looked quick and sensible. She felt immediately that she should like him; and there was a well-bred ease of manner, and a readiness to talk, which convinced her that he came intending to be acquainted with her, and that acquainted they soon must be.

He had reached Randalls the evening before. She was pleased with the eagerness to arrive which had made him alter his plan, and travel earlier, later, and quicker, that he might gain half a day.

“I told you yesterday,” cried Mr. Weston with exultation, “I told you all that he would be here before the time named. I remembered what I used to do myself. One cannot creep upon a journey; one cannot help getting on faster than one has planned; and the pleasure of coming in upon one’s friends before the look-out begins, is worth a great deal more than any little exertion it needs.”

“It is a great pleasure where one can indulge in it,” said the young man, “though there are not many houses that I should presume on so far; but in coming home I felt I might do any thing.”

The word home made his father look on him with fresh complacency. Emma was directly sure that he knew how to make himself agreeable; the conviction was strengthened by what followed. He was very much pleased with Randalls, thought it a most admirably arranged house, would hardly allow it even to be very small, admired the situation, the walk to Highbury, Highbury itself, Hartfield still more, and professed himself to have always felt the sort of interest in the country which none but one’s own country gives, and the greatest curiosity to visit it. That he should never have been able to indulge so amiable a feeling before, passed suspiciously through Emma’s brain; but still, if it were a falsehood, it was a pleasant one, and pleasantly handled. His manner had no air of study or exaggeration. He did really look and speak as if in a state of no common enjoyment.

Their subjects in general were such as belong to an opening acquaintance. On his side were the inquiries, – “Was she a horsewoman? – Pleasant rides? – Pleasant walks? – Had they a large neighbourhood? – Highbury, perhaps, afforded society enough? – There were several very pretty houses in and about it. – Balls – had they balls? – Was it a musical society?”

But when satisfied on all these points, and their acquaintance proportionably advanced, he contrived to find an opportunity, while their two fathers were engaged with each other, of introducing his mother-in-law, and speaking of her with so much handsome praise, so much warm admiration, so much gratitude for the happiness she secured to his father, and her very kind reception of himself, as was an additional proof of his knowing how to please – and of his certainly thinking it worth while to try to please her. He did not advance a word of praise beyond what she knew to be thoroughly deserved by Mrs. Weston; but, undoubtedly he could know very little of the matter. He understood what would be welcome; he could be sure of little else. “His father’s marriage,” he said, “had been the wisest measure, every friend must rejoice in it; and the family from whom he had received such a blessing must be ever considered as having conferred the highest obligation on him.”

He got as near as he could to thanking her for Miss Taylor’s merits, without seeming quite to forget that in the common course of things it was to be rather supposed that Miss Taylor had formed Miss Woodhouse’s character, than Miss Woodhouse Miss Taylor’s. And at last, as if resolved to qualify his opinion completely for travelling round to its object, he wound it all up with astonishment at the youth and beauty of her person.

“Elegant, agreeable manners, I was prepared for,” said he; “but I confess that, considering every thing, I had not expected more than a very tolerably well-looking woman of a certain age; I did not know that I was to find a pretty young woman in Mrs. Weston.”

“You cannot see too much perfection in Mrs. Weston for my feelings,” said Emma; “were you to guess her to be eighteen, I should listen with pleasure; but she would be ready to quarrel with you for using such words. Don’t let her imagine that you have spoken of her as a pretty young woman.”

“I hope I should know better,” he replied; “no, depend upon it, (with a gallant bow,) that in addressing Mrs. Weston I should understand whom I might praise without any danger of being thought extravagant in my terms.”

Emma wondered whether the same suspicion of what might be expected from their knowing each other, which had taken strong possession of her mind, had ever crossed his; and whether his compliments were to be considered

as marks of acquiescence, or proofs of defiance. She must see more of him to understand his ways; at present she only felt they were agreeable.

She had no doubt of what Mr. Weston was often thinking about. His quick eye she detected again and again glancing towards them with a happy expression; and even, when he might have determined not to look, she was confident that he was often listening.

Her own father's perfect exemption from any thought of the kind, the entire deficiency in him of all such sort of penetration or suspicion, was a most comfortable circumstance. Happily he was not farther from approving matrimony than from foreseeing it. – Though always objecting to every marriage that was arranged, he never suffered beforehand from the apprehension of any; it seemed as if he could not think so ill of any two persons' understanding as to suppose they meant to marry till it were proved against them. She blessed the favouring blindness. He could now, without the drawback of a single unpleasant surmise, without a glance forward at any possible treachery in his guest, give way to all his natural kind-hearted civility in solicitous inquiries after Mr. Frank Churchill's accommodation on his journey, through the sad evils of sleeping two nights on the road, and express very genuine unmixed anxiety to know that he had certainly escaped catching cold – which, however, he could not allow him to feel quite assured of himself till after another night.

A reasonable visit paid, Mr. Weston began to move. – “He must be going. He had business at the Crown about his hay, and a great many errands for Mrs. Weston at Ford's, but he need not hurry any body else.” His son, too well bred to hear the hint, rose immediately also, saying,

“As you are going farther on business, sir, I will take the opportunity of paying a visit, which must be paid some day or other, and therefore may as well be paid now. I have the honour of being acquainted with a neighbour of yours, (turning to Emma,) a lady residing in or near Highbury; a family of the name of Fairfax. I shall have no difficulty, I suppose, in finding the house; though Fairfax, I believe, is not the proper name – I should rather say Barnes, or Bates. Do you know any family of that name?”

“To be sure we do,” cried his father; “Mrs. Bates – we passed her house – I saw Miss Bates at the window. True, true, you are acquainted with Miss Fairfax; I remember you knew her at Weymouth, and a fine girl she is. Call upon her, by all means.”

“There is no necessity for my calling this morning,” said the young man; “another day would do as well; but there was that degree of acquaintance at Weymouth which – “

“Oh! go to-day, go to-day. Do not defer it. What is right to be done cannot be done too soon. And, besides, I must give you a hint, Frank; any want of attention to her here should be carefully avoided. You saw her with the Campbells, when she was the equal of every body she mixed with, but here she is with a poor old grandmother, who has barely enough to live on. If you do not call early it will be a slight.”

The son looked convinced.

“I have heard her speak of the acquaintance,” said Emma; “she is a very elegant young woman.”

He agreed to it, but with so quiet a “Yes,” as inclined her almost to doubt his real concurrence; and yet there must be a very distinct sort of elegance for the fashionable world, if Jane Fairfax could be thought only ordinarily gifted with it.

“If you were never particularly struck by her manners before,” said she, “I think you will to-day. You will see her to advantage; see her and hear her – no, I am afraid you will not hear her at all, for she has an aunt who never holds her tongue.”

“You are acquainted with Miss Jane Fairfax, sir, are you?” said Mr. Woodhouse, always the last to make his way in conversation; “then give me leave to assure you that you will find her a very agreeable young lady. She is staying here on a visit to her grandmama and aunt, very worthy people; I have known them all my life. They will be extremely glad to see you, I am sure; and one of my servants shall go with you to shew you the way.”

“My dear sir, upon no account in the world; my father can direct me.”

“But your father is not going so far; he is only going to the Crown, quite on the other side of the street, and there are a great many houses; you might be very much at a loss, and it is a very dirty walk, unless you keep on the footpath; but my coachman can tell you where you had best cross the street.”

Mr. Frank Churchill still declined it, looking as serious as he could, and his father gave his hearty support by calling out, “My good friend, this is quite unnecessary; Frank knows a puddle of water when he sees it, and as to Mrs. Bates’s, he may get there from the Crown in a hop, step, and jump.”

They were permitted to go alone; and with a cordial nod from one, and a graceful bow from the other, the two gentlemen took leave. Emma remained very well pleased with this beginning of the acquaintance, and could now engage to think of them all at Randalls any hour of the day, with full confidence in their

comfort.

CHAPTER VI

The next morning brought Mr. Frank Churchill again. He came with Mrs. Weston, to whom and to Highbury he seemed to take very cordially. He had been sitting with her, it appeared, most companionably at home, till her usual hour of exercise; and on being desired to chuse their walk, immediately fixed on Highbury. – “He did not doubt there being very pleasant walks in every direction, but if left to him, he should always chuse the same. Highbury, that airy, cheerful, happy-looking Highbury, would be his constant attraction.” – Highbury, with Mrs. Weston, stood for Hartfield; and she trusted to its bearing the same construction with him. They walked thither directly.

Emma had hardly expected them: for Mr. Weston, who had called in for half a minute, in order to hear that his son was very handsome, knew nothing of their plans; and it was an agreeable surprize to her, therefore, to perceive them walking up to the house together, arm in arm. She was wanting to see him again, and especially to see him in company with Mrs. Weston, upon his behaviour to whom her opinion of him was to depend. If he were deficient there, nothing should make amends for it. But on seeing them together, she became perfectly satisfied. It was not merely in fine words or hyperbolic compliment that he paid his duty; nothing could be more proper or pleasing than his whole manner to her – nothing could more agreeably denote his wish of considering her as a friend and securing her affection. And there was time enough for Emma to form a reasonable judgment, as their visit included all the rest of the morning. They were all three walking about together for an hour or two – first round the shrubberies of Hartfield, and afterwards in Highbury. He was delighted with every thing; admired Hartfield sufficiently for Mr. Woodhouse’s ear; and when their going farther was resolved on, confessed his wish to be made acquainted with the whole village, and found matter of commendation and interest much oftener than Emma could have supposed.

Some of the objects of his curiosity spoke very amiable feelings. He begged to be shewn the house which his father had lived in so long, and which had been the home of his father’s father; and on recollecting that an old woman who had nursed him was still living, walked in quest of her cottage from one end of the street to the other; and though in some points of pursuit or observation there was no positive merit, they shewed, altogether, a good-will towards Highbury in general, which must be very like a merit to those he was with.

Emma watched and decided, that with such feelings as were now shewn, it could not be fairly supposed that he had been ever voluntarily absenting himself; that he had not been acting a part, or making a parade of insincere

professions; and that Mr. Knightley certainly had not done him justice.

Their first pause was at the Crown Inn, an inconsiderable house, though the principal one of the sort, where a couple of pair of post-horses were kept, more for the convenience of the neighbourhood than from any run on the road; and his companions had not expected to be detained by any interest excited there; but in passing it they gave the history of the large room visibly added; it had been built many years ago for a ball-room, and while the neighbourhood had been in a particularly populous, dancing state, had been occasionally used as such; – but such brilliant days had long passed away, and now the highest purpose for which it was ever wanted was to accommodate a whist club established among the gentlemen and half-gentlemen of the place. He was immediately interested. Its character as a ball-room caught him; and instead of passing on, he stopt for several minutes at the two superior sashed windows which were open, to look in and contemplate its capabilities, and lament that its original purpose should have ceased. He saw no fault in the room, he would acknowledge none which they suggested. No, it was long enough, broad enough, handsome enough. It would hold the very number for comfort. They ought to have balls there at least every fortnight through the winter. Why had not Miss Woodhouse revived the former good old days of the room? – She who could do any thing in Highbury! The want of proper families in the place, and the conviction that none beyond the place and its immediate environs could be tempted to attend, were mentioned; but he was not satisfied. He could not be persuaded that so many good-looking houses as he saw around him, could not furnish numbers enough for such a meeting; and even when particulars were given and families described, he was still unwilling to admit that the inconvenience of such a mixture would be any thing, or that there would be the smallest difficulty in every body's returning into their proper place the next morning. He argued like a young man very much bent on dancing; and Emma was rather surprized to see the constitution of the Weston prevail so decidedly against the habits of the Churchills. He seemed to have all the life and spirit, cheerful feelings, and social inclinations of his father, and nothing of the pride or reserve of Enscombe. Of pride, indeed, there was, perhaps, scarcely enough; his indifference to a confusion of rank, bordered too much on inelegance of mind. He could be no judge, however, of the evil he was holding cheap. It was but an effusion of lively spirits.

At last he was persuaded to move on from the front of the Crown; and being now almost facing the house where the Bateses lodged, Emma recollected his intended visit the day before, and asked him if he had paid it.

“Yes, oh! yes” – he replied; “I was just going to mention it. A very successful visit: – I saw all the three ladies; and felt very much obliged to you for your preparatory hint. If the talking aunt had taken me quite by surprize, it must

have been the death of me. As it was, I was only betrayed into paying a most unreasonable visit. Ten minutes would have been all that was necessary, perhaps all that was proper; and I had told my father I should certainly be at home before him – but there was no getting away, no pause; and, to my utter astonishment, I found, when he (finding me nowhere else) joined me there at last, that I had been actually sitting with them very nearly three-quarters of an hour. The good lady had not given me the possibility of escape before.”

“And how did you think Miss Fairfax looking?”

“Ill, very ill – that is, if a young lady can ever be allowed to look ill. But the expression is hardly admissible, Mrs. Weston, is it? Ladies can never look ill. And, seriously, Miss Fairfax is naturally so pale, as almost always to give the appearance of ill health. – A most deplorable want of complexion.”

Emma would not agree to this, and began a warm defence of Miss Fairfax’s complexion. “It was certainly never brilliant, but she would not allow it to have a sickly hue in general; and there was a softness and delicacy in her skin which gave peculiar elegance to the character of her face.” He listened with all due deference; acknowledged that he had heard many people say the same – but yet he must confess, that to him nothing could make amends for the want of the fine glow of health. Where features were indifferent, a fine complexion gave beauty to them all; and where they were good, the effect was – fortunately he need not attempt to describe what the effect was.

“Well,” said Emma, “there is no disputing about taste. – At least you admire her except her complexion.”

He shook his head and laughed. – “I cannot separate Miss Fairfax and her complexion.”

“Did you see her often at Weymouth? Were you often in the same society?”

At this moment they were approaching Ford’s, and he hastily exclaimed, “Ha! this must be the very shop that every body attends every day of their lives, as my father informs me. He comes to Highbury himself, he says, six days out of the seven, and has always business at Ford’s. If it be not inconvenient to you, pray let us go in, that I may prove myself to belong to the place, to be a true citizen of Highbury. I must buy something at Ford’s. It will be taking out my freedom. – I dare say they sell gloves.”

“Oh! yes, gloves and every thing. I do admire your patriotism. You will be adored in Highbury. You were very popular before you came, because you were Mr. Weston’s son – but lay out half a guinea at Ford’s, and your popularity

will stand upon your own virtues.”

They went in; and while the sleek, well-tied parcels of “Men’s Beavers” and “York Tan” were bringing down and displaying on the counter, he said – “But I beg your pardon, Miss Woodhouse, you were speaking to me, you were saying something at the very moment of this burst of my amor patriae. Do not let me lose it. I assure you the utmost stretch of public fame would not make me amends for the loss of any happiness in private life.”

“I merely asked, whether you had known much of Miss Fairfax and her party at Weymouth.”

“And now that I understand your question, I must pronounce it to be a very unfair one. It is always the lady’s right to decide on the degree of acquaintance. Miss Fairfax must already have given her account. – I shall not commit myself by claiming more than she may chuse to allow.”

“Upon my word! you answer as discreetly as she could do herself. But her account of every thing leaves so much to be guessed, she is so very reserved, so very unwilling to give the least information about any body, that I really think you may say what you like of your acquaintance with her.”

“May I, indeed? – Then I will speak the truth, and nothing suits me so well. I met her frequently at Weymouth. I had known the Campbells a little in town; and at Weymouth we were very much in the same set. Colonel Campbell is a very agreeable man, and Mrs. Campbell a friendly, warm-hearted woman. I like them all.”

“You know Miss Fairfax’s situation in life, I conclude; what she is destined to be?”

“Yes – (rather hesitatingly) – I believe I do.”

“You get upon delicate subjects, Emma,” said Mrs. Weston smiling; “remember that I am here. – Mr. Frank Churchill hardly knows what to say when you speak of Miss Fairfax’s situation in life. I will move a little farther off.”

“I certainly do forget to think of her,” said Emma, “as having ever been any thing but my friend and my dearest friend.”

He looked as if he fully understood and honoured such a sentiment.

When the gloves were bought, and they had quitted the shop again, “Did you ever hear the young lady we were speaking of, play?” said Frank Churchill.

“Ever hear her!” repeated Emma. “You forget how much she belongs to Highbury. I have heard her every year of our lives since we both began. She

plays charmingly.”

“You think so, do you? – I wanted the opinion of some one who could really judge. She appeared to me to play well, that is, with considerable taste, but I know nothing of the matter myself. – I am excessively fond of music, but without the smallest skill or right of judging of any body’s performance. – I have been used to hear her’s admired; and I remember one proof of her being thought to play well: – a man, a very musical man, and in love with another woman – engaged to her – on the point of marriage – would yet never ask that other woman to sit down to the instrument, if the lady in question could sit down instead – never seemed to like to hear one if he could hear the other. That, I thought, in a man of known musical talent, was some proof.”

“Proof indeed!” said Emma, highly amused. – “Mr. Dixon is very musical, is he? We shall know more about them all, in half an hour, from you, than Miss Fairfax would have vouchsafed in half a year.”

“Yes, Mr. Dixon and Miss Campbell were the persons; and I thought it a very strong proof.”

“Certainly – very strong it was; to own the truth, a great deal stronger than, if I had been Miss Campbell, would have been at all agreeable to me. I could not excuse a man’s having more music than love – more ear than eye – a more acute sensibility to fine sounds than to my feelings. How did Miss Campbell appear to like it?”

“It was her very particular friend, you know.”

“Poor comfort!” said Emma, laughing. “One would rather have a stranger preferred than one’s very particular friend – with a stranger it might not recur again – but the misery of having a very particular friend always at hand, to do every thing better than one does oneself! – Poor Mrs. Dixon! Well, I am glad she is gone to settle in Ireland.”

“You are right. It was not very flattering to Miss Campbell; but she really did not seem to feel it.”

“So much the better – or so much the worse: – I do not know which. But be it sweetness or be it stupidity in her – quickness of friendship, or dulness of feeling – there was one person, I think, who must have felt it: Miss Fairfax herself. She must have felt the improper and dangerous distinction.”

“As to that – I do not – “

“Oh! do not imagine that I expect an account of Miss Fairfax’s sensations from you, or from any body else. They are known to no human being,

I guess, but herself. But if she continued to play whenever she was asked by Mr. Dixon, one may guess what one chuses.”

“There appeared such a perfectly good understanding among them all – “ he began rather quickly, but checking himself, added, “however, it is impossible for me to say on what terms they really were – how it might all be behind the scenes. I can only say that there was smoothness outwardly. But you, who have known Miss Fairfax from a child, must be a better judge of her character, and of how she is likely to conduct herself in critical situations, than I can be.”

“I have known her from a child, undoubtedly; we have been children and women together; and it is natural to suppose that we should be intimate, – that we should have taken to each other whenever she visited her friends. But we never did. I hardly know how it has happened; a little, perhaps, from that wickedness on my side which was prone to take disgust towards a girl so idolized and so cried up as she always was, by her aunt and grandmother, and all their set. And then, her reserve – I never could attach myself to any one so completely reserved.”

“It is a most repulsive quality, indeed,” said he. “Oftentimes very convenient, no doubt, but never pleasing. There is safety in reserve, but no attraction. One cannot love a reserved person.”

“Not till the reserve ceases towards oneself; and then the attraction may be the greater. But I must be more in want of a friend, or an agreeable companion, than I have yet been, to take the trouble of conquering any body’s reserve to procure one. Intimacy between Miss Fairfax and me is quite out of the question. I have no reason to think ill of her – not the least – except that such extreme and perpetual cautiousness of word and manner, such a dread of giving a distinct idea about any body, is apt to suggest suspicions of there being something to conceal.”

He perfectly agreed with her: and after walking together so long, and thinking so much alike, Emma felt herself so well acquainted with him, that she could hardly believe it to be only their second meeting. He was not exactly what she had expected; less of the man of the world in some of his notions, less of the spoiled child of fortune, therefore better than she had expected. His ideas seemed more moderate – his feelings warmer. She was particularly struck by his manner of considering Mr. Elton’s house, which, as well as the church, he would go and look at, and would not join them in finding much fault with. No, he could not believe it a bad house; not such a house as a man was to be pitied for having. If it were to be shared with the woman he loved, he could not think any man to be

pitied for having that house. There must be ample room in it for every real comfort. The man must be a blockhead who wanted more.

Mrs. Weston laughed, and said he did not know what he was talking about. Used only to a large house himself, and without ever thinking how many advantages and accommodations were attached to its size, he could be no judge of the privations inevitably belonging to a small one. But Emma, in her own mind, determined that he did know what he was talking about, and that he shewed a very amiable inclination to settle early in life, and to marry, from worthy motives. He might not be aware of the inroads on domestic peace to be occasioned by no housekeeper's room, or a bad butler's pantry, but no doubt he did perfectly feel that Enscombe could not make him happy, and that whenever he were attached, he would willingly give up much of wealth to be allowed an early establishment.

CHAPTER VII

Emma's very good opinion of Frank Churchill was a little shaken the following day, by hearing that he was gone off to London, merely to have his hair cut. A sudden freak seemed to have seized him at breakfast, and he had sent for a chaise and set off, intending to return to dinner, but with no more important view than that appeared than having his hair cut. There was certainly no harm in his travelling sixteen miles twice over on such an errand; but there was an air of foppery and nonsense in it which she could not approve. It did not accord with the rationality of plan, the moderation in expense, or even the unselfish warmth of heart, which she had believed herself to discern in him yesterday. Vanity, extravagance, love of change, restlessness of temper, which must be doing something, good or bad; heedlessness as to the pleasure of his father and Mrs. Weston, indifferent as to how his conduct might appear in general; he became liable to all these charges. His father only called him a coxcomb, and thought it a very good story; but that Mrs. Weston did not like it, was clear enough, by her passing it over as quickly as possible, and making no other comment than that "all young people would have their little whims."

With the exception of this little blot, Emma found that his visit hitherto had given her friend only good ideas of him. Mrs. Weston was very ready to say how attentive and pleasant a companion he made himself – how much she saw to like in his disposition altogether. He appeared to have a very open temper – certainly a very cheerful and lively one; she could observe nothing wrong in his notions, a great deal decidedly right; he spoke of his uncle with warm regard, was fond of talking of him – said he would be the best man in the world if he were left to himself; and though there was no being attached to the aunt, he acknowledged her kindness with gratitude, and seemed to mean always to speak of her with respect. This was all very promising; and, but for such an unfortunate fancy for having his hair cut, there was nothing to denote him unworthy of the distinguished honour which her imagination had given him; the honour, if not of being really in love with her, of being at least very near it, and saved only by her own indifference – (for still her resolution held of never marrying) – the honour, in short, of being marked out for her by all their joint acquaintance.

Mr. Weston, on his side, added a virtue to the account which must have some weight. He gave her to understand that Frank admired her extremely – thought her very beautiful and very charming; and with so much to be said for him altogether, she found she must not judge him harshly. As Mrs. Weston observed, "all young people would have their little whims."

There was one person among his new acquaintance in Surry, not so

leniently disposed. In general he was judged, throughout the parishes of Donwell and Highbury, with great candour; liberal allowances were made for the little excesses of such a handsome young man – one who smiled so often and bowed so well; but there was one spirit among them not to be softened, from its power of censure, by bows or smiles – Mr. Knightley. The circumstance was told him at Hartfield; for the moment, he was silent; but Emma heard him almost immediately afterwards say to himself, over a newspaper he held in his hand, “Hum! just the trifling, silly fellow I took him for.” She had half a mind to resent; but an instant’s observation convinced her that it was really said only to relieve his own feelings, and not meant to provoke; and therefore she let it pass.

Although in one instance the bearers of not good tidings, Mr. and Mrs. Weston’s visit this morning was in another respect particularly opportune. Something occurred while they were at Hartfield, to make Emma want their advice; and, which was still more lucky, she wanted exactly the advice they gave.

This was the occurrence: – The Coles had been settled some years in Highbury, and were very good sort of people – friendly, liberal, and unpretending; but, on the other hand, they were of low origin, in trade, and only moderately genteel. On their first coming into the country, they had lived in proportion to their income, quietly, keeping little company, and that little unexpensively; but the last year or two had brought them a considerable increase of means – the house in town had yielded greater profits, and fortune in general had smiled on them. With their wealth, their views increased; their want of a larger house, their inclination for more company. They added to their house, to their number of servants, to their expenses of every sort; and by this time were, in fortune and style of living, second only to the family at Hartfield. Their love of society, and their new dining-room, prepared every body for their keeping dinner-company; and a few parties, chiefly among the single men, had already taken place. The regular and best families Emma could hardly suppose they would presume to invite – neither Donwell, nor Hartfield, nor Randalls. Nothing should tempt her to go, if they did; and she regretted that her father’s known habits would be giving her refusal less meaning than she could wish. The Coles were very respectable in their way, but they ought to be taught that it was not for them to arrange the terms on which the superior families would visit them. This lesson, she very much feared, they would receive only from herself; she had little hope of Mr. Knightley, none of Mr. Weston.

But she had made up her mind how to meet this presumption so many weeks before it appeared, that when the insult came at last, it found her very differently affected. Donwell and Randalls had received their invitation, and none had come for her father and herself; and Mrs. Weston’s accounting for it with “I suppose they will not take the liberty with you; they know you do not dine out,”

was not quite sufficient. She felt that she should like to have had the power of refusal; and afterwards, as the idea of the party to be assembled there, consisting precisely of those whose society was dearest to her, occurred again and again, she did not know that she might not have been tempted to accept. Harriet was to be there in the evening, and the Bateses. They had been speaking of it as they walked about Highbury the day before, and Frank Churchill had most earnestly lamented her absence. Might not the evening end in a dance? had been a question of his. The bare possibility of it acted as a farther irritation on her spirits; and her being left in solitary grandeur, even supposing the omission to be intended as a compliment, was but poor comfort.

It was the arrival of this very invitation while the Westons were at Hartfield, which made their presence so acceptable; for though her first remark, on reading it, was that "of course it must be declined," she so very soon proceeded to ask them what they advised her to do, that their advice for her going was most prompt and successful.

She owned that, considering every thing, she was not absolutely without inclination for the party. The Coles expressed themselves so properly – there was so much real attention in the manner of it – so much consideration for her father. "They would have solicited the honour earlier, but had been waiting the arrival of a folding-screen from London, which they hoped might keep Mr. Woodhouse from any draught of air, and therefore induce him the more readily to give them the honour of his company." Upon the whole, she was very persuadable; and it being briefly settled among themselves how it might be done without neglecting his comfort – how certainly Mrs. Goddard, if not Mrs. Bates, might be depended on for bearing him company – Mr. Woodhouse was to be talked into an acquiescence of his daughter's going out to dinner on a day now near at hand, and spending the whole evening away from him. As for his going, Emma did not wish him to think it possible, the hours would be too late, and the party too numerous. He was soon pretty well resigned.

"I am not fond of dinner-visiting," said he – "I never was. No more is Emma. Late hours do not agree with us. I am sorry Mr. and Mrs. Cole should have done it. I think it would be much better if they would come in one afternoon next summer, and take their tea with us – take us in their afternoon walk; which they might do, as our hours are so reasonable, and yet get home without being out in the damp of the evening. The dews of a summer evening are what I would not expose any body to. However, as they are so very desirous to have dear Emma dine with them, and as you will both be there, and Mr. Knightley too, to take care of her, I cannot wish to prevent it, provided the weather be what it ought, neither damp, nor cold, nor windy." Then turning to Mrs. Weston, with a look of gentle reproach – "Ah! Miss Taylor, if you had not married, you would have staid at

home with me.”

“Well, sir,” cried Mr. Weston, “as I took Miss Taylor away, it is incumbent on me to supply her place, if I can; and I will step to Mrs. Goddard in a moment, if you wish it.”

But the idea of any thing to be done in a moment, was increasing, not lessening, Mr. Woodhouse’s agitation. The ladies knew better how to allay it. Mr. Weston must be quiet, and every thing deliberately arranged.

With this treatment, Mr. Woodhouse was soon composed enough for talking as usual. “He should be happy to see Mrs. Goddard. He had a great regard for Mrs. Goddard; and Emma should write a line, and invite her. James could take the note. But first of all, there must be an answer written to Mrs. Cole.”

“You will make my excuses, my dear, as civilly as possible. You will say that I am quite an invalid, and go no where, and therefore must decline their obliging invitation; beginning with my compliments, of course. But you will do every thing right. I need not tell you what is to be done. We must remember to let James know that the carriage will be wanted on Tuesday. I shall have no fears for you with him. We have never been there above once since the new approach was made; but still I have no doubt that James will take you very safely. And when you get there, you must tell him at what time you would have him come for you again; and you had better name an early hour. You will not like staying late. You will get very tired when tea is over.”

“But you would not wish me to come away before I am tired, papa?”

“Oh! no, my love; but you will soon be tired. There will be a great many people talking at once. You will not like the noise.”

“But, my dear sir,” cried Mr. Weston, “if Emma comes away early, it will be breaking up the party.”

“And no great harm if it does,” said Mr. Woodhouse. “The sooner every party breaks up, the better.”

“But you do not consider how it may appear to the Coles. Emma’s going away directly after tea might be giving offence. They are good-natured people, and think little of their own claims; but still they must feel that any body’s hurrying away is no great compliment; and Miss Woodhouse’s doing it would be more thought of than any other person’s in the room. You would not wish to disappoint and mortify the Coles, I am sure, sir; friendly, good sort of people as ever lived, and who have been your neighbours these ten years.”

“No, upon no account in the world, Mr. Weston; I am much obliged to

you for reminding me. I should be extremely sorry to be giving them any pain. I know what worthy people they are. Perry tells me that Mr. Cole never touches malt liquor. You would not think it to look at him, but he is bilious – Mr. Cole is very bilious. No, I would not be the means of giving them any pain. My dear Emma, we must consider this. I am sure, rather than run the risk of hurting Mr. and Mrs. Cole, you would stay a little longer than you might wish. You will not regard being tired. You will be perfectly safe, you know, among your friends.”

“Oh yes, papa. I have no fears at all for myself; and I should have no scruples of staying as late as Mrs. Weston, but on your account. I am only afraid of your sitting up for me. I am not afraid of your not being exceedingly comfortable with Mrs. Goddard. She loves piquet, you know; but when she is gone home, I am afraid you will be sitting up by yourself, instead of going to bed at your usual time – and the idea of that would entirely destroy my comfort. You must promise me not to sit up.”

He did, on the condition of some promises on her side: such as that, if she came home cold, she would be sure to warm herself thoroughly; if hungry, that she would take something to eat; that her own maid should sit up for her; and that Serle and the butler should see that every thing were safe in the house, as usual.

CHAPTER VIII

Frank Churchill came back again; and if he kept his father's dinner waiting, it was not known at Hartfield; for Mrs. Weston was too anxious for his being a favourite with Mr. Woodhouse, to betray any imperfection which could be concealed.

He came back, had had his hair cut, and laughed at himself with a very good grace, but without seeming really at all ashamed of what he had done. He had no reason to wish his hair longer, to conceal any confusion of face; no reason to wish the money unspent, to improve his spirits. He was quite as undaunted and as lively as ever; and, after seeing him, Emma thus moralised to herself: –

“I do not know whether it ought to be so, but certainly silly things do cease to be silly if they are done by sensible people in an impudent way. Wickedness is always wickedness, but folly is not always folly. – It depends upon the character of those who handle it. Mr. Knightley, he is not a trifling, silly young man. If he were, he would have done this differently. He would either have gloried in the achievement, or been ashamed of it. There would have been either the ostentation of a coxcomb, or the evasions of a mind too weak to defend its own vanities. – No, I am perfectly sure that he is not trifling or silly.”

With Tuesday came the agreeable prospect of seeing him again, and for a longer time than hitherto; of judging of his general manners, and by inference, of the meaning of his manners towards herself; of guessing how soon it might be necessary for her to throw coldness into her air; and of fancying what the observations of all those might be, who were now seeing them together for the first time.

She meant to be very happy, in spite of the scene being laid at Mr. Cole's; and without being able to forget that among the failings of Mr. Elton, even in the days of his favour, none had disturbed her more than his propensity to dine with Mr. Cole.

Her father's comfort was amply secured, Mrs. Bates as well as Mrs. Goddard being able to come; and her last pleasing duty, before she left the house, was to pay her respects to them as they sat together after dinner; and while her father was fondly noticing the beauty of her dress, to make the two ladies all the amends in her power, by helping them to large slices of cake and full glasses of wine, for whatever unwilling self-denial his care of their constitution might have obliged them to practise during the meal. – She had provided a plentiful dinner for them; she wished she could know that they had been allowed to eat it.

She followed another carriage to Mr. Cole's door; and was pleased to see that it was Mr. Knightley's; for Mr. Knightley keeping no horses, having little spare money and a great deal of health, activity, and independence, was too apt, in Emma's opinion, to get about as he could, and not use his carriage so often as became the owner of Donwell Abbey. She had an opportunity now of speaking her approbation while warm from her heart, for he stopped to hand her out.

"This is coming as you should do," said she; "like a gentleman. – I am quite glad to see you."

He thanked her, observing, "How lucky that we should arrive at the same moment! for, if we had met first in the drawing-room, I doubt whether you would have discerned me to be more of a gentleman than usual. – You might not have distinguished how I came, by my look or manner."

"Yes I should, I am sure I should. There is always a look of consciousness or bustle when people come in a way which they know to be beneath them. You think you carry it off very well, I dare say, but with you it is a sort of bravado, an air of affected unconcern; I always observe it whenever I meet you under those circumstances. Now you have nothing to try for. You are not afraid of being supposed ashamed. You are not striving to look taller than any body else. Now I shall really be very happy to walk into the same room with you."

"Nonsensical girl!" was his reply, but not at all in anger.

Emma had as much reason to be satisfied with the rest of the party as with Mr. Knightley. She was received with a cordial respect which could not but please, and given all the consequence she could wish for. When the Westons arrived, the kindest looks of love, the strongest of admiration were for her, from both husband and wife; the son approached her with a cheerful eagerness which marked her as his peculiar object, and at dinner she found him seated by her – and, as she firmly believed, not without some dexterity on his side.

The party was rather large, as it included one other family, a proper unobjectionable country family, whom the Coles had the advantage of naming among their acquaintance, and the male part of Mr. Cox's family, the lawyer of Highbury. The less worthy females were to come in the evening, with Miss Bates, Miss Fairfax, and Miss Smith; but already, at dinner, they were too numerous for any subject of conversation to be general; and, while politics and Mr. Elton were talked over, Emma could fairly surrender all her attention to the pleasantness of her neighbour. The first remote sound to which she felt herself obliged to attend, was the name of Jane Fairfax. Mrs. Cole seemed to be relating something of her that was expected to be very interesting. She listened, and found it well worth

listening to. That very dear part of Emma, her fancy, received an amusing supply. Mrs. Cole was telling that she had been calling on Miss Bates, and as soon as she entered the room had been struck by the sight of a pianoforte – a very elegant looking instrument – not a grand, but a large-sized square pianoforte; and the substance of the story, the end of all the dialogue which ensued of surprize, and inquiry, and congratulations on her side, and explanations on Miss Bates's, was, that this pianoforte had arrived from Broadwood's the day before, to the great astonishment of both aunt and niece – entirely unexpected; that at first, by Miss Bates's account, Jane herself was quite at a loss, quite bewildered to think who could possibly have ordered it – but now, they were both perfectly satisfied that it could be from only one quarter; – of course it must be from Colonel Campbell.

“One can suppose nothing else,” added Mrs. Cole, “and I was only surprized that there could ever have been a doubt. But Jane, it seems, had a letter from them very lately, and not a word was said about it. She knows their ways best; but I should not consider their silence as any reason for their not meaning to make the present. They might chuse to surprize her.”

Mrs. Cole had many to agree with her; every body who spoke on the subject was equally convinced that it must come from Colonel Campbell, and equally rejoiced that such a present had been made; and there were enough ready to speak to allow Emma to think her own way, and still listen to Mrs. Cole.

“I declare, I do not know when I have heard any thing that has given me more satisfaction! – It always has quite hurt me that Jane Fairfax, who plays so delightfully, should not have an instrument. It seemed quite a shame, especially considering how many houses there are where fine instruments are absolutely thrown away. This is like giving ourselves a slap, to be sure! and it was but yesterday I was telling Mr. Cole, I really was ashamed to look at our new grand pianoforte in the drawing-room, while I do not know one note from another, and our little girls, who are but just beginning, perhaps may never make any thing of it; and there is poor Jane Fairfax, who is mistress of music, has not any thing of the nature of an instrument, not even the pitifullest old spinet in the world, to amuse herself with. – I was saying this to Mr. Cole but yesterday, and he quite agreed with me; only he is so particularly fond of music that he could not help indulging himself in the purchase, hoping that some of our good neighbours might be so obliging occasionally to put it to a better use than we can; and that really is the reason why the instrument was bought – or else I am sure we ought to be ashamed of it. – We are in great hopes that Miss Woodhouse may be prevailed with to try it this evening.”

Miss Woodhouse made the proper acquiescence; and finding that

nothing more was to be entrapped from any communication of Mrs. Cole's, turned to Frank Churchill.

"Why do you smile?" said she.

"Nay, why do you?"

"Me! – I suppose I smile for pleasure at Colonel Campbell's being so rich and so liberal. – It is a handsome present."

"Very."

"I rather wonder that it was never made before."

"Perhaps Miss Fairfax has never been staying here so long before."

"Or that he did not give her the use of their own instrument – which must now be shut up in London, untouched by any body."

"That is a grand pianoforte, and he might think it too large for Mrs. Bates's house."

"You may say what you chuse – but your countenance testifies that your thoughts on this subject are very much like mine."

"I do not know. I rather believe you are giving me more credit for acuteness than I deserve. I smile because you smile, and shall probably suspect whatever I find you suspect; but at present I do not see what there is to question. If Colonel Campbell is not the person, who can be?"

"What do you say to Mrs. Dixon?"

"Mrs. Dixon! very true indeed. I had not thought of Mrs. Dixon. She must know as well as her father, how acceptable an instrument would be; and perhaps the mode of it, the mystery, the surprize, is more like a young woman's scheme than an elderly man's. It is Mrs. Dixon, I dare say. I told you that your suspicions would guide mine."

"If so, you must extend your suspicions and comprehend Mr. Dixon in them."

"Mr. Dixon. – Very well. Yes, I immediately perceive that it must be the joint present of Mr. and Mrs. Dixon. We were speaking the other day, you know, of his being so warm an admirer of her performance."

"Yes, and what you told me on that head, confirmed an idea which I had entertained before. – I do not mean to reflect upon the good intentions of either Mr. Dixon or Miss Fairfax, but I cannot help suspecting either that, after

making his proposals to her friend, he had the misfortune to fall in love with her, or that he became conscious of a little attachment on her side. One might guess twenty things without guessing exactly the right; but I am sure there must be a particular cause for her chusing to come to Highbury instead of going with the Campbells to Ireland. Here, she must be leading a life of privation and penance; there it would have been all enjoyment. As to the pretence of trying her native air, I look upon that as a mere excuse. – In the summer it might have passed; but what can any body's native air do for them in the months of January, February, and March? Good fires and carriages would be much more to the purpose in most cases of delicate health, and I dare say in her's. I do not require you to adopt all my suspicions, though you make so noble a profession of doing it, but I honestly tell you what they are."

"And, upon my word, they have an air of great probability. Mr. Dixon's preference of her music to her friend's, I can answer for being very decided."

"And then, he saved her life. Did you ever hear of that? – A water party; and by some accident she was falling overboard. He caught her."

"He did. I was there – one of the party."

"Were you really? – Well! – But you observed nothing of course, for it seems to be a new idea to you. – If I had been there, I think I should have made some discoveries."

"I dare say you would; but I, simple I, saw nothing but the fact, that Miss Fairfax was nearly dashed from the vessel and that Mr. Dixon caught her. – It was the work of a moment. And though the consequent shock and alarm was very great and much more durable – indeed I believe it was half an hour before any of us were comfortable again – yet that was too general a sensation for any thing of peculiar anxiety to be observable. I do not mean to say, however, that you might not have made discoveries."

The conversation was here interrupted. They were called on to share in the awkwardness of a rather long interval between the courses, and obliged to be as formal and as orderly as the others; but when the table was again safely covered, when every corner dish was placed exactly right, and occupation and ease were generally restored, Emma said,

"The arrival of this pianoforte is decisive with me. I wanted to know a little more, and this tells me quite enough. Depend upon it, we shall soon hear that it is a present from Mr. and Mrs. Dixon."

"And if the Dixons should absolutely deny all knowledge of it we must conclude it to come from the Campbells."

“No, I am sure it is not from the Campbells. Miss Fairfax knows it is not from the Campbells, or they would have been guessed at first. She would not have been puzzled, had she dared fix on them. I may not have convinced you perhaps, but I am perfectly convinced myself that Mr. Dixon is a principal in the business.”

“Indeed you injure me if you suppose me unconvinced. Your reasonings carry my judgment along with them entirely. At first, while I supposed you satisfied that Colonel Campbell was the giver, I saw it only as paternal kindness, and thought it the most natural thing in the world. But when you mentioned Mrs. Dixon, I felt how much more probable that it should be the tribute of warm female friendship. And now I can see it in no other light than as an offering of love.”

There was no occasion to press the matter farther. The conviction seemed real; he looked as if he felt it. She said no more, other subjects took their turn; and the rest of the dinner passed away; the dessert succeeded, the children came in, and were talked to and admired amid the usual rate of conversation; a few clever things said, a few downright silly, but by much the larger proportion neither the one nor the other – nothing worse than everyday remarks, dull repetitions, old news, and heavy jokes.

The ladies had not been long in the drawing-room, before the other ladies, in their different divisions, arrived. Emma watched the entree of her own particular little friend; and if she could not exult in her dignity and grace, she could not only love the blooming sweetness and the artless manner, but could most heartily rejoice in that light, cheerful, unsentimental disposition which allowed her so many alleviations of pleasure, in the midst of the pangs of disappointed affection. There she sat – and who would have guessed how many tears she had been lately shedding? To be in company, nicely dressed herself and seeing others nicely dressed, to sit and smile and look pretty, and say nothing, was enough for the happiness of the present hour. Jane Fairfax did look and move superior; but Emma suspected she might have been glad to change feelings with Harriet, very glad to have purchased the mortification of having loved – yes, of having loved even Mr. Elton in vain – by the surrender of all the dangerous pleasure of knowing herself beloved by the husband of her friend.

In so large a party it was not necessary that Emma should approach her. She did not wish to speak of the pianoforte, she felt too much in the secret herself, to think the appearance of curiosity or interest fair, and therefore purposely kept at a distance; but by the others, the subject was almost immediately introduced, and she saw the blush of consciousness with which congratulations were received, the blush of guilt which accompanied the name of

“my excellent friend Colonel Campbell.”

Mrs. Weston, kind-hearted and musical, was particularly interested by the circumstance, and Emma could not help being amused at her perseverance in dwelling on the subject; and having so much to ask and to say as to tone, touch, and pedal, totally unsuspecting of that wish of saying as little about it as possible, which she plainly read in the fair heroine’s countenance.

They were soon joined by some of the gentlemen; and the very first of the early was Frank Churchill. In he walked, the first and the handsomest; and after paying his compliments en passant to Miss Bates and her niece, made his way directly to the opposite side of the circle, where sat Miss Woodhouse; and till he could find a seat by her, would not sit at all. Emma divined what every body present must be thinking. She was his object, and every body must perceive it. She introduced him to her friend, Miss Smith, and, at convenient moments afterwards, heard what each thought of the other. “He had never seen so lovely a face, and was delighted with her naivete.” And she, “Only to be sure it was paying him too great a compliment, but she did think there were some looks a little like Mr. Elton.” Emma restrained her indignation, and only turned from her in silence.

Smiles of intelligence passed between her and the gentleman on first glancing towards Miss Fairfax; but it was most prudent to avoid speech. He told her that he had been impatient to leave the dining-room – hated sitting long – was always the first to move when he could – that his father, Mr. Knightley, Mr. Cox, and Mr. Cole, were left very busy over parish business – that as long as he had staid, however, it had been pleasant enough, as he had found them in general a set of gentlemanlike, sensible men; and spoke so handsomely of Highbury altogether – thought it so abundant in agreeable families – that Emma began to feel she had been used to despise the place rather too much. She questioned him as to the society in Yorkshire – the extent of the neighbourhood about Enscombe, and the sort; and could make out from his answers that, as far as Enscombe was concerned, there was very little going on, that their visitings were among a range of great families, none very near; and that even when days were fixed, and invitations accepted, it was an even chance that Mrs. Churchill were not in health and spirits for going; that they made a point of visiting no fresh person; and that, though he had his separate engagements, it was not without difficulty, without considerable address at times, that he could get away, or introduce an acquaintance for a night.

She saw that Enscombe could not satisfy, and that Highbury, taken at its best, might reasonably please a young man who had more retirement at home than he liked. His importance at Enscombe was very evident. He did not boast,

but it naturally betrayed itself, that he had persuaded his aunt where his uncle could do nothing, and on her laughing and noticing it, he owned that he believed (excepting one or two points) he could with time persuade her to any thing. One of those points on which his influence failed, he then mentioned. He had wanted very much to go abroad – had been very eager indeed to be allowed to travel – but she would not hear of it. This had happened the year before. Now, he said, he was beginning to have no longer the same wish.

The unpersuadable point, which he did not mention, Emma guessed to be good behaviour to his father.

“I have made a most wretched discovery,” said he, after a short pause. – “I have been here a week-to-morrow – half my time. I never knew days fly so fast. A week-to-morrow! – And I have hardly begun to enjoy myself. But just got acquainted with Mrs. Weston, and others! – I hate the recollection.”

“Perhaps you may now begin to regret that you spent one whole day, out of so few, in having your hair cut.”

“No,” said he, smiling, “that is no subject of regret at all. I have no pleasure in seeing my friends, unless I can believe myself fit to be seen.”

The rest of the gentlemen being now in the room, Emma found herself obliged to turn from him for a few minutes, and listen to Mr. Cole. When Mr. Cole had moved away, and her attention could be restored as before, she saw Frank Churchill looking intently across the room at Miss Fairfax, who was sitting exactly opposite.

“What is the matter?” said she.

He started. “Thank you for rousing me,” he replied. “I believe I have been very rude; but really Miss Fairfax has done her hair in so odd a way – so very odd a way – that I cannot keep my eyes from her. I never saw any thing so outree! – Those curls! – This must be a fancy of her own. I see nobody else looking like her! – I must go and ask her whether it is an Irish fashion. Shall I? – Yes, I will – I declare I will – and you shall see how she takes it; – whether she colours.”

He was gone immediately; and Emma soon saw him standing before Miss Fairfax, and talking to her; but as to its effect on the young lady, as he had imprudently placed himself exactly between them, exactly in front of Miss Fairfax, she could absolutely distinguish nothing.

Before he could return to his chair, it was taken by Mrs. Weston.

“This is the luxury of a large party,” said she: – “one can get near

every body, and say every thing. My dear Emma, I am longing to talk to you. I have been making discoveries and forming plans, just like yourself, and I must tell them while the idea is fresh. Do you know how Miss Bates and her niece came here?"

"How? – They were invited, were not they?"

"Oh! yes – but how they were conveyed hither? – the manner of their coming?"

"They walked, I conclude. How else could they come?"

"Very true. – Well, a little while ago it occurred to me how very sad it would be to have Jane Fairfax walking home again, late at night, and cold as the nights are now. And as I looked at her, though I never saw her appear to more advantage, it struck me that she was heated, and would therefore be particularly liable to take cold. Poor girl! I could not bear the idea of it; so, as soon as Mr. Weston came into the room, and I could get at him, I spoke to him about the carriage. You may guess how readily he came into my wishes; and having his approbation, I made my way directly to Miss Bates, to assure her that the carriage would be at her service before it took us home; for I thought it would be making her comfortable at once. Good soul! she was as grateful as possible, you may be sure. 'Nobody was ever so fortunate as herself!' – but with many, many thanks – 'there was no occasion to trouble us, for Mr. Knightley's carriage had brought, and was to take them home again.' I was quite surprized; – very glad, I am sure; but really quite surprized. Such a very kind attention – and so thoughtful an attention! – the sort of thing that so few men would think of. And, in short, from knowing his usual ways, I am very much inclined to think that it was for their accommodation the carriage was used at all. I do suspect he would not have had a pair of horses for himself, and that it was only as an excuse for assisting them."

"Very likely," said Emma – "nothing more likely. I know no man more likely than Mr. Knightley to do the sort of thing – to do any thing really good-natured, useful, considerate, or benevolent. He is not a gallant man, but he is a very humane one; and this, considering Jane Fairfax's ill-health, would appear a case of humanity to him; – and for an act of unostentatious kindness, there is nobody whom I would fix on more than on Mr. Knightley. I know he had horses to-day – for we arrived together; and I laughed at him about it, but he said not a word that could betray."

"Well," said Mrs. Weston, smiling, "you give him credit for more simple, disinterested benevolence in this instance than I do; for while Miss Bates was speaking, a suspicion darted into my head, and I have never been able to get it out again. The more I think of it, the more probable it appears. In short, I have

made a match between Mr. Knightley and Jane Fairfax. See the consequence of keeping you company! – What do you say to it?”

“Mr. Knightley and Jane Fairfax!” exclaimed Emma. “Dear Mrs. Weston, how could you think of such a thing? – Mr. Knightley! – Mr. Knightley must not marry! – You would not have little Henry cut out from Donwell? – Oh! no, no, Henry must have Donwell. I cannot at all consent to Mr. Knightley’s marrying; and I am sure it is not at all likely. I am amazed that you should think of such a thing.”

“My dear Emma, I have told you what led me to think of it. I do not want the match – I do not want to injure dear little Henry – but the idea has been given me by circumstances; and if Mr. Knightley really wished to marry, you would not have him refrain on Henry’s account, a boy of six years old, who knows nothing of the matter?”

“Yes, I would. I could not bear to have Henry supplanted. – Mr. Knightley marry! – No, I have never had such an idea, and I cannot adopt it now. And Jane Fairfax, too, of all women!”

“Nay, she has always been a first favourite with him, as you very well know.”

“But the imprudence of such a match!”

“I am not speaking of its prudence; merely its probability.”

“I see no probability in it, unless you have any better foundation than what you mention. His good-nature, his humanity, as I tell you, would be quite enough to account for the horses. He has a great regard for the Bateses, you know, independent of Jane Fairfax – and is always glad to shew them attention. My dear Mrs. Weston, do not take to match-making. You do it very ill. Jane Fairfax mistress of the Abbey! – Oh! no, no; – every feeling revolts. For his own sake, I would not have him do so mad a thing.”

“Imprudent, if you please – but not mad. Excepting inequality of fortune, and perhaps a little disparity of age, I can see nothing unsuitable.”

“But Mr. Knightley does not want to marry. I am sure he has not the least idea of it. Do not put it into his head. Why should he marry? – He is as happy as possible by himself; with his farm, and his sheep, and his library, and all the parish to manage; and he is extremely fond of his brother’s children. He has no occasion to marry, either to fill up his time or his heart.”

“My dear Emma, as long as he thinks so, it is so; but if he really loves Jane Fairfax – “

“Nonsense! He does not care about Jane Fairfax. In the way of love, I am sure he does not. He would do any good to her, or her family; but – “

“Well,” said Mrs. Weston, laughing, “perhaps the greatest good he could do them, would be to give Jane such a respectable home.”

“If it would be good to her, I am sure it would be evil to himself; a very shameful and degrading connexion. How would he bear to have Miss Bates belonging to him? – To have her haunting the Abbey, and thanking him all day long for his great kindness in marrying Jane? – ‘So very kind and obliging! – But he always had been such a very kind neighbour!’ And then fly off, through half a sentence, to her mother’s old petticoat. ‘Not that it was such a very old petticoat either – for still it would last a great while – and, indeed, she must thankfully say that their petticoats were all very strong.’”

“For shame, Emma! Do not mimic her. You divert me against my conscience. And, upon my word, I do not think Mr. Knightley would be much disturbed by Miss Bates. Little things do not irritate him. She might talk on; and if he wanted to say any thing himself, he would only talk louder, and drown her voice. But the question is not, whether it would be a bad connexion for him, but whether he wishes it; and I think he does. I have heard him speak, and so must you, so very highly of Jane Fairfax! The interest he takes in her – his anxiety about her health – his concern that she should have no happier prospect! I have heard him express himself so warmly on those points! – Such an admirer of her performance on the pianoforte, and of her voice! I have heard him say that he could listen to her for ever. Oh! and I had almost forgotten one idea that occurred to me – this pianoforte that has been sent here by somebody – though we have all been so well satisfied to consider it a present from the Campbells, may it not be from Mr. Knightley? I cannot help suspecting him. I think he is just the person to do it, even without being in love.”

“Then it can be no argument to prove that he is in love. But I do not think it is at all a likely thing for him to do. Mr. Knightley does nothing mysteriously.”

“I have heard him lamenting her having no instrument repeatedly; oftener than I should suppose such a circumstance would, in the common course of things, occur to him.”

“Very well; and if he had intended to give her one, he would have told her so.”

“There might be scruples of delicacy, my dear Emma. I have a very strong notion that it comes from him. I am sure he was particularly silent when Mrs. Cole told us of it at dinner.”

“You take up an idea, Mrs. Weston, and run away with it; as you have many a time reproached me with doing. I see no sign of attachment – I believe nothing of the pianoforte – and proof only shall convince me that Mr. Knightley has any thought of marrying Jane Fairfax.”

They combated the point some time longer in the same way; Emma rather gaining ground over the mind of her friend; for Mrs. Weston was the most used of the two to yield; till a little bustle in the room shewed them that tea was over, and the instrument in preparation; – and at the same moment Mr. Cole approaching to entreat Miss Woodhouse would do them the honour of trying it. Frank Churchill, of whom, in the eagerness of her conversation with Mrs. Weston, she had been seeing nothing, except that he had found a seat by Miss Fairfax, followed Mr. Cole, to add his very pressing entreaties; and as, in every respect, it suited Emma best to lead, she gave a very proper compliance.

She knew the limitations of her own powers too well to attempt more than she could perform with credit; she wanted neither taste nor spirit in the little things which are generally acceptable, and could accompany her own voice well. One accompaniment to her song took her agreeably by surprize – a second, slightly but correctly taken by Frank Churchill. Her pardon was duly begged at the close of the song, and every thing usual followed. He was accused of having a delightful voice, and a perfect knowledge of music; which was properly denied; and that he knew nothing of the matter, and had no voice at all, roundly asserted. They sang together once more; and Emma would then resign her place to Miss Fairfax, whose performance, both vocal and instrumental, she never could attempt to conceal from herself, was infinitely superior to her own.

With mixed feelings, she seated herself at a little distance from the numbers round the instrument, to listen. Frank Churchill sang again. They had sung together once or twice, it appeared, at Weymouth. But the sight of Mr. Knightley among the most attentive, soon drew away half Emma’s mind; and she fell into a train of thinking on the subject of Mrs. Weston’s suspicions, to which the sweet sounds of the united voices gave only momentary interruptions. Her objections to Mr. Knightley’s marrying did not in the least subside. She could see nothing but evil in it. It would be a great disappointment to Mr. John Knightley; consequently to Isabella. A real injury to the children – a most mortifying change, and material loss to them all; – a very great deduction from her father’s daily comfort – and, as to herself, she could not at all endure the idea of Jane Fairfax at Donwell Abbey. A Mrs. Knightley for them all to give way to! – No – Mr. Knightley must never marry. Little Henry must remain the heir of Donwell.

Presently Mr. Knightley looked back, and came and sat down by her. They talked at first only of the performance. His admiration was certainly very

warm; yet she thought, but for Mrs. Weston, it would not have struck her. As a sort of touchstone, however, she began to speak of his kindness in conveying the aunt and niece; and though his answer was in the spirit of cutting the matter short, she believed it to indicate only his disinclination to dwell on any kindness of his own.

“I often feel concern,” said she, “that I dare not make our carriage more useful on such occasions. It is not that I am without the wish; but you know how impossible my father would deem it that James should put-to for such a purpose.”

“Quite out of the question, quite out of the question,” he replied; – “but you must often wish it, I am sure.” And he smiled with such seeming pleasure at the conviction, that she must proceed another step.

“This present from the Campbells,” said she – “this pianoforte is very kindly given.”

“Yes,” he replied, and without the smallest apparent embarrassment. – “But they would have done better had they given her notice of it. Surprizes are foolish things. The pleasure is not enhanced, and the inconvenience is often considerable. I should have expected better judgment in Colonel Campbell.”

From that moment, Emma could have taken her oath that Mr. Knightley had had no concern in giving the instrument. But whether he were entirely free from peculiar attachment – whether there were no actual preference – remained a little longer doubtful. Towards the end of Jane’s second song, her voice grew thick

“That will do,” said he, when it was finished, thinking aloud – “you have sung quite enough for one evening – now be quiet.”

Another song, however, was soon begged for. “One more; – they would not fatigue Miss Fairfax on any account, and would only ask for one more.” And Frank Churchill was heard to say, “I think you could manage this without effort; the first part is so very trifling. The strength of the song falls on the second.”

Mr. Knightley grew angry.

“That fellow,” said he, indignantly, “thinks of nothing but shewing off his own voice. This must not be.” And touching Miss Bates, who at that moment passed near – “Miss Bates, are you mad, to let your niece sing herself hoarse in this manner? Go, and interfere. They have no mercy on her.”

Miss Bates, in her real anxiety for Jane, could hardly stay even to be grateful, before she stepped forward and put an end to all farther singing. Here ceased the concert part of the evening, for Miss Woodhouse and Miss Fairfax

were the only young lady performers; but soon (within five minutes) the proposal of dancing – originating nobody exactly knew where – was so effectually promoted by Mr. and Mrs. Cole, that every thing was rapidly clearing away, to give proper space. Mrs. Weston, capital in her country-dances, was seated, and beginning an irresistible waltz; and Frank Churchill, coming up with most becoming gallantry to Emma, had secured her hand, and led her up to the top.

While waiting till the other young people could pair themselves off, Emma found time, in spite of the compliments she was receiving on her voice and her taste, to look about, and see what became of Mr. Knightley. This would be a trial. He was no dancer in general. If he were to be very alert in engaging Jane Fairfax now, it might augur something. There was no immediate appearance. No; he was talking to Mrs. Cole – he was looking on unconcerned; Jane was asked by somebody else, and he was still talking to Mrs. Cole.

Emma had no longer an alarm for Henry; his interest was yet safe; and she led off the dance with genuine spirit and enjoyment. Not more than five couple could be mustered; but the rarity and the suddenness of it made it very delightful, and she found herself well matched in a partner. They were a couple worth looking at.

Two dances, unfortunately, were all that could be allowed. It was growing late, and Miss Bates became anxious to get home, on her mother's account. After some attempts, therefore, to be permitted to begin again, they were obliged to thank Mrs. Weston, look sorrowful, and have done.

“Perhaps it is as well,” said Frank Churchill, as he attended Emma to her carriage. “I must have asked Miss Fairfax, and her languid dancing would not have agreed with me, after yours.”

CHAPTER IX

Emma did not repent her condescension in going to the Coles. The visit afforded her many pleasant recollections the next day; and all that she might be supposed to have lost on the side of dignified seclusion, must be amply repaid in the splendour of popularity. She must have delighted the Coles – worthy people, who deserved to be made happy! – And left a name behind her that would not soon die away.

Perfect happiness, even in memory, is not common; and there were two points on which she was not quite easy. She doubted whether she had not transgressed the duty of woman by woman, in betraying her suspicions of Jane Fairfax's feelings to Frank Churchill. It was hardly right; but it had been so strong an idea, that it would escape her, and his submission to all that she told, was a compliment to her penetration, which made it difficult for her to be quite certain that she ought to have held her tongue.

The other circumstance of regret related also to Jane Fairfax; and there she had no doubt. She did unfeignedly and unequivocally regret the inferiority of her own playing and singing. She did most heartily grieve over the idleness of her childhood – and sat down and practised vigorously an hour and a half.

She was then interrupted by Harriet's coming in; and if Harriet's praise could have satisfied her, she might soon have been comforted.

“Oh! if I could but play as well as you and Miss Fairfax!”

“Don't class us together, Harriet. My playing is no more like her's, than a lamp is like sunshine.”

“Oh! dear – I think you play the best of the two. I think you play quite as well as she does. I am sure I had much rather hear you. Every body last night said how well you played.”

“Those who knew any thing about it, must have felt the difference. The truth is, Harriet, that my playing is just good enough to be praised, but Jane Fairfax's is much beyond it.”

“Well, I always shall think that you play quite as well as she does, or that if there is any difference nobody would ever find it out. Mr. Cole said how much taste you had; and Mr. Frank Churchill talked a great deal about your taste, and that he valued taste much more than execution.”

“Ah! but Jane Fairfax has them both, Harriet.”

“Are you sure? I saw she had execution, but I did not know she had any taste. Nobody talked about it. And I hate Italian singing. – There is no understanding a word of it. Besides, if she does play so very well, you know, it is no more than she is obliged to do, because she will have to teach. The Coxes were wondering last night whether she would get into any great family. How did you think the Coxes looked?”

“Just as they always do – very vulgar.”

“They told me something,” said Harriet rather hesitatingly; “but it is nothing of any consequence.”

Emma was obliged to ask what they had told her, though fearful of its producing Mr. Elton.

“They told me – that Mr. Martin dined with them last Saturday.”

“Oh!”

“He came to their father upon some business, and he asked him to stay to dinner.”

“Oh!”

“They talked a great deal about him, especially Anne Cox. I do not know what she meant, but she asked me if I thought I should go and stay there again next summer.”

“She meant to be impertinently curious, just as such an Anne Cox should be.”

“She said he was very agreeable the day he dined there. He sat by her at dinner. Miss Nash thinks either of the Coxes would be very glad to marry him.”

“Very likely. – I think they are, without exception, the most vulgar girls in Highbury.”

Harriet had business at Ford’s. – Emma thought it most prudent to go with her. Another accidental meeting with the Martins was possible, and in her present state, would be dangerous.

Harriet, tempted by every thing and swayed by half a word, was always very long at a purchase; and while she was still hanging over muslins and changing her mind, Emma went to the door for amusement. – Much could not be hoped from the traffic of even the busiest part of Highbury; – Mr. Perry walking hastily by, Mr. William Cox letting himself in at the office-door, Mr. Cole’s carriage-horses returning from exercise, or a stray letter-boy on an obstinate

mule, were the liveliest objects she could presume to expect; and when her eyes fell only on the butcher with his tray, a tidy old woman travelling homewards from shop with her full basket, two curs quarrelling over a dirty bone, and a string of dawdling children round the baker's little bow-window eyeing the gingerbread, she knew she had no reason to complain, and was amused enough; quite enough still to stand at the door. A mind lively and at ease, can do with seeing nothing, and can see nothing that does not answer.

She looked down the Randalls road. The scene enlarged; two persons appeared; Mrs. Weston and her son-in-law; they were walking into Highbury; – to Hartfield of course. They were stopping, however, in the first place at Mrs. Bates's; whose house was a little nearer Randalls than Ford's; and had all but knocked, when Emma caught their eye. – Immediately they crossed the road and came forward to her; and the agreeableness of yesterday's engagement seemed to give fresh pleasure to the present meeting. Mrs. Weston informed her that she was going to call on the Bateses, in order to hear the new instrument.

“For my companion tells me,” said she, “that I absolutely promised Miss Bates last night, that I would come this morning. I was not aware of it myself. I did not know that I had fixed a day, but as he says I did, I am going now.”

“And while Mrs. Weston pays her visit, I may be allowed, I hope,” said Frank Churchill, “to join your party and wait for her at Hartfield – if you are going home.”

Mrs. Weston was disappointed.

“I thought you meant to go with me. They would be very much pleased.”

“Me! I should be quite in the way. But, perhaps – I may be equally in the way here. Miss Woodhouse looks as if she did not want me. My aunt always sends me off when she is shopping. She says I fidget her to death; and Miss Woodhouse looks as if she could almost say the same. What am I to do?”

“I am here on no business of my own,” said Emma; “I am only waiting for my friend. She will probably have soon done, and then we shall go home. But you had better go with Mrs. Weston and hear the instrument.”

“Well – if you advise it. – But (with a smile) if Colonel Campbell should have employed a careless friend, and if it should prove to have an indifferent tone – what shall I say? I shall be no support to Mrs. Weston. She might do very well by herself. A disagreeable truth would be palatable through her lips, but I am the wretchedest being in the world at a civil falsehood.”

“I do not believe any such thing,” replied Emma. – “I am persuaded that you can be as insincere as your neighbours, when it is necessary; but there is no reason to suppose the instrument is indifferent. Quite otherwise indeed, if I understood Miss Fairfax’s opinion last night.”

“Do come with me,” said Mrs. Weston, “if it be not very disagreeable to you. It need not detain us long. We will go to Hartfield afterwards. We will follow them to Hartfield. I really wish you to call with me. It will be felt so great an attention! and I always thought you meant it.”

He could say no more; and with the hope of Hartfield to reward him, returned with Mrs. Weston to Mrs. Bates’s door. Emma watched them in, and then joined Harriet at the interesting counter, – trying, with all the force of her own mind, to convince her that if she wanted plain muslin it was of no use to look at figured; and that a blue ribbon, be it ever so beautiful, would still never match her yellow pattern. At last it was all settled, even to the destination of the parcel.

“Should I send it to Mrs. Goddard’s, ma’am?” asked Mrs. Ford. – “Yes – no – yes, to Mrs. Goddard’s. Only my pattern gown is at Hartfield. No, you shall send it to Hartfield, if you please. But then, Mrs. Goddard will want to see it. – And I could take the pattern gown home any day. But I shall want the ribbon directly – so it had better go to Hartfield – at least the ribbon. You could make it into two parcels, Mrs. Ford, could not you?”

“It is not worth while, Harriet, to give Mrs. Ford the trouble of two parcels.”

“No more it is.”

“No trouble in the world, ma’am,” said the obliging Mrs. Ford.

“Oh! but indeed I would much rather have it only in one. Then, if you please, you shall send it all to Mrs. Goddard’s – I do not know – No, I think Miss Woodhouse, I may just as well have it sent to Hartfield, and take it home with me at night. What do you advise?”

“That you do not give another half-second to the subject. To Hartfield, if you please, Mrs. Ford.”

“Aye, that will be much best,” said Harriet, quite satisfied, “I should not at all like to have it sent to Mrs. Goddard’s.”

Voices approached the shop – or rather one voice and two ladies: Mrs. Weston and Miss Bates met them at the door.

“My dear Miss Woodhouse,” said the latter, “I am just run across to

entreat the favour of you to come and sit down with us a little while, and give us your opinion of our new instrument; you and Miss Smith. How do you do, Miss Smith? – Very well I thank you. – And I begged Mrs. Weston to come with me, that I might be sure of succeeding.”

“I hope Mrs. Bates and Miss Fairfax are – “

“Very well, I am much obliged to you. My mother is delightfully well; and Jane caught no cold last night. How is Mr. Woodhouse? – I am so glad to hear such a good account. Mrs. Weston told me you were here. – Oh! then, said I, I must run across, I am sure Miss Woodhouse will allow me just to run across and entreat her to come in; my mother will be so very happy to see her – and now we are such a nice party, she cannot refuse. – ‘Aye, pray do,’ said Mr. Frank Churchill, ‘Miss Woodhouse’s opinion of the instrument will be worth having.’ – But, said I, I shall be more sure of succeeding if one of you will go with me. – ‘Oh,’ said he, ‘wait half a minute, till I have finished my job;’ – For, would you believe it, Miss Woodhouse, there he is, in the most obliging manner in the world, fastening in the rivet of my mother’s spectacles. – The rivet came out, you know, this morning. – So very obliging! – For my mother had no use of her spectacles – could not put them on. And, by the bye, every body ought to have two pair of spectacles; they should indeed. Jane said so. I meant to take them over to John Saunders the first thing I did, but something or other hindered me all the morning; first one thing, then another, there is no saying what, you know. At one time Patty came to say she thought the kitchen chimney wanted sweeping. Oh, said I, Patty do not come with your bad news to me. Here is the rivet of your mistress’s spectacles out. Then the baked apples came home, Mrs. Wallis sent them by her boy; they are extremely civil and obliging to us, the Wallises, always – I have heard some people say that Mrs. Wallis can be uncivil and give a very rude answer, but we have never known any thing but the greatest attention from them. And it cannot be for the value of our custom now, for what is our consumption of bread, you know? Only three of us. – besides dear Jane at present – and she really eats nothing – makes such a shocking breakfast, you would be quite frightened if you saw it. I dare not let my mother know how little she eats – so I say one thing and then I say another, and it passes off. But about the middle of the day she gets hungry, and there is nothing she likes so well as these baked apples, and they are extremely wholesome, for I took the opportunity the other day of asking Mr. Perry; I happened to meet him in the street. Not that I had any doubt before – I have so often heard Mr. Woodhouse recommend a baked apple. I believe it is the only way that Mr. Woodhouse thinks the fruit thoroughly wholesome. We have apple-dumplings, however, very often. Patty makes an excellent apple-dumpling. Well, Mrs. Weston, you have prevailed, I hope, and these ladies will oblige us.”

Emma would be “very happy to wait on Mrs. Bates, &c.,” and they did at last move out of the shop, with no farther delay from Miss Bates than,

“How do you do, Mrs. Ford? I beg your pardon. I did not see you before. I hear you have a charming collection of new ribbons from town. Jane came back delighted yesterday. Thank ye, the gloves do very well – only a little too large about the wrist; but Jane is taking them in.”

“What was I talking of?” said she, beginning again when they were all in the street.

Emma wondered on what, of all the medley, she would fix.

“I declare I cannot recollect what I was talking of. – Oh! my mother’s spectacles. So very obliging of Mr. Frank Churchill! ‘Oh!’ said he, ‘I do think I can fasten the rivet; I like a job of this kind excessively.’ – Which you know shewed him to be so very.... Indeed I must say that, much as I had heard of him before and much as I had expected, he very far exceeds any thing.... I do congratulate you, Mrs. Weston, most warmly. He seems every thing the fondest parent could.... ‘Oh!’ said he, ‘I can fasten the rivet. I like a job of that sort excessively.’ I never shall forget his manner. And when I brought out the baked apples from the closet, and hoped our friends would be so very obliging as to take some, ‘Oh!’ said he directly, ‘there is nothing in the way of fruit half so good, and these are the finest-looking home-baked apples I ever saw in my life.’ That, you know, was so very.... And I am sure, by his manner, it was no compliment. Indeed they are very delightful apples, and Mrs. Wallis does them full justice – only we do not have them baked more than twice, and Mr. Woodhouse made us promise to have them done three times – but Miss Woodhouse will be so good as not to mention it. The apples themselves are the very finest sort for baking, beyond a doubt; all from Donwell – some of Mr. Knightley’s most liberal supply. He sends us a sack every year; and certainly there never was such a keeping apple anywhere as one of his trees – I believe there is two of them. My mother says the orchard was always famous in her younger days. But I was really quite shocked the other day – for Mr. Knightley called one morning, and Jane was eating these apples, and we talked about them and said how much she enjoyed them, and he asked whether we were not got to the end of our stock. ‘I am sure you must be,’ said he, ‘and I will send you another supply; for I have a great many more than I can ever use. William Larkins let me keep a larger quantity than usual this year. I will send you some more, before they get good for nothing.’ So I begged he would not – for really as to ours being gone, I could not absolutely say that we had a great many left – it was but half a dozen indeed; but they should be all kept for Jane; and I could not at all bear that he should be sending us more, so liberal as he had been already; and Jane said the same. And when he was gone, she almost quarrelled

with me – No, I should not say quarrelled, for we never had a quarrel in our lives; but she was quite distressed that I had owned the apples were so nearly gone; she wished I had made him believe we had a great many left. Oh, said I, my dear, I did say as much as I could. However, the very same evening William Larkins came over with a large basket of apples, the same sort of apples, a bushel at least, and I was very much obliged, and went down and spoke to William Larkins and said every thing, as you may suppose. William Larkins is such an old acquaintance! I am always glad to see him. But, however, I found afterwards from Patty, that William said it was all the apples of that sort his master had; he had brought them all – and now his master had not one left to bake or boil. William did not seem to mind it himself, he was so pleased to think his master had sold so many; for William, you know, thinks more of his master's profit than any thing; but Mrs. Hodges, he said, was quite displeased at their being all sent away. She could not bear that her master should not be able to have another apple-tart this spring. He told Patty this, but bid her not mind it, and be sure not to say any thing to us about it, for Mrs. Hodges would be cross sometimes, and as long as so many sacks were sold, it did not signify who ate the remainder. And so Patty told me, and I was excessively shocked indeed! I would not have Mr. Knightley know any thing about it for the world! He would be so very.... I wanted to keep it from Jane's knowledge; but, unluckily, I had mentioned it before I was aware."

Miss Bates had just done as Patty opened the door; and her visitors walked upstairs without having any regular narration to attend to, pursued only by the sounds of her desultory good-will.

"Pray take care, Mrs. Weston, there is a step at the turning. Pray take care, Miss Woodhouse, ours is rather a dark staircase – rather darker and narrower than one could wish. Miss Smith, pray take care. Miss Woodhouse, I am quite concerned, I am sure you hit your foot. Miss Smith, the step at the turning."

CHAPTER X

The appearance of the little sitting-room as they entered, was tranquillity itself; Mrs. Bates, deprived of her usual employment, slumbering on one side of the fire, Frank Churchill, at a table near her, most deedily occupied about her spectacles, and Jane Fairfax, standing with her back to them, intent on her pianoforte.

Busy as he was, however, the young man was yet able to shew a most happy countenance on seeing Emma again.

“This is a pleasure,” said he, in rather a low voice, “coming at least ten minutes earlier than I had calculated. You find me trying to be useful; tell me if you think I shall succeed.”

“What!” said Mrs. Weston, “have not you finished it yet? you would not earn a very good livelihood as a working silversmith at this rate.”

“I have not been working uninterruptedly,” he replied, “I have been assisting Miss Fairfax in trying to make her instrument stand steadily, it was not quite firm; an unevenness in the floor, I believe. You see we have been wedging one leg with paper. This was very kind of you to be persuaded to come. I was almost afraid you would be hurrying home.”

He contrived that she should be seated by him; and was sufficiently employed in looking out the best baked apple for her, and trying to make her help or advise him in his work, till Jane Fairfax was quite ready to sit down to the pianoforte again. That she was not immediately ready, Emma did suspect to arise from the state of her nerves; she had not yet possessed the instrument long enough to touch it without emotion; she must reason herself into the power of performance; and Emma could not but pity such feelings, whatever their origin, and could not but resolve never to expose them to her neighbour again.

At last Jane began, and though the first bars were feebly given, the powers of the instrument were gradually done full justice to. Mrs. Weston had been delighted before, and was delighted again; Emma joined her in all her praise; and the pianoforte, with every proper discrimination, was pronounced to be altogether of the highest promise.

“Whoever Colonel Campbell might employ,” said Frank Churchill, with a smile at Emma, “the person has not chosen ill. I heard a good deal of Colonel Campbell’s taste at Weymouth; and the softness of the upper notes I am sure is exactly what he and all that party would particularly prize. I dare say, Miss Fairfax, that he either gave his friend very minute directions, or wrote to

Broadwood himself. Do not you think so?"

Jane did not look round. She was not obliged to hear. Mrs. Weston had been speaking to her at the same moment.

"It is not fair," said Emma, in a whisper; "mine was a random guess. Do not distress her."

He shook his head with a smile, and looked as if he had very little doubt and very little mercy. Soon afterwards he began again,

"How much your friends in Ireland must be enjoying your pleasure on this occasion, Miss Fairfax. I dare say they often think of you, and wonder which will be the day, the precise day of the instrument's coming to hand. Do you imagine Colonel Campbell knows the business to be going forward just at this time? – Do you imagine it to be the consequence of an immediate commission from him, or that he may have sent only a general direction, an order indefinite as to time, to depend upon contingencies and conveniences?"

He paused. She could not but hear; she could not avoid answering,

"Till I have a letter from Colonel Campbell," said she, in a voice of forced calmness, "I can imagine nothing with any confidence. It must be all conjecture."

"Conjecture – aye, sometimes one conjectures right, and sometimes one conjectures wrong. I wish I could conjecture how soon I shall make this rivet quite firm. What nonsense one talks, Miss Woodhouse, when hard at work, if one talks at all; – your real workmen, I suppose, hold their tongues; but we gentlemen labourers if we get hold of a word – Miss Fairfax said something about conjecturing. There, it is done. I have the pleasure, madam, (to Mrs. Bates,) of restoring your spectacles, healed for the present."

He was very warmly thanked both by mother and daughter; to escape a little from the latter, he went to the pianoforte, and begged Miss Fairfax, who was still sitting at it, to play something more.

"If you are very kind," said he, "it will be one of the waltzes we danced last night; – let me live them over again. You did not enjoy them as I did; you appeared tired the whole time. I believe you were glad we danced no longer; but I would have given worlds – all the worlds one ever has to give – for another half-hour."

She played.

"What felicity it is to hear a tune again which has made one happy! – If

I mistake not that was danced at Weymouth.”

She looked up at him for a moment, coloured deeply, and played something else. He took some music from a chair near the pianoforte, and turning to Emma, said,

“Here is something quite new to me. Do you know it? – Cramer. – And here are a new set of Irish melodies. That, from such a quarter, one might expect. This was all sent with the instrument. Very thoughtful of Colonel Campbell, was not it? – He knew Miss Fairfax could have no music here. I honour that part of the attention particularly; it shews it to have been so thoroughly from the heart. Nothing hastily done; nothing incomplete. True affection only could have prompted it.”

Emma wished he would be less pointed, yet could not help being amused; and when on glancing her eye towards Jane Fairfax she caught the remains of a smile, when she saw that with all the deep blush of consciousness, there had been a smile of secret delight, she had less scruple in the amusement, and much less compunction with respect to her. – This amiable, upright, perfect Jane Fairfax was apparently cherishing very reprehensible feelings.

He brought all the music to her, and they looked it over together. – Emma took the opportunity of whispering,

“You speak too plain. She must understand you.”

“I hope she does. I would have her understand me. I am not in the least ashamed of my meaning.”

“But really, I am half ashamed, and wish I had never taken up the idea.”

“I am very glad you did, and that you communicated it to me. I have now a key to all her odd looks and ways. Leave shame to her. If she does wrong, she ought to feel it.”

“She is not entirely without it, I think”

“I do not see much sign of it. She is playing Robin Adair at this moment – his favourite.”

Shortly afterwards Miss Bates, passing near the window, descried Mr. Knightley on horse-back not far off.

“Mr. Knightley I declare! – I must speak to him if possible, just to thank him. I will not open the window here; it would give you all cold; but I can go into my mother’s room you know. I dare say he will come in when he knows who is

here. Quite delightful to have you all meet so! – Our little room so honoured!”

She was in the adjoining chamber while she still spoke, and opening the casement there, immediately called Mr. Knightley’s attention, and every syllable of their conversation was as distinctly heard by the others, as if it had passed within the same apartment.

“How d’ye do? – how d’ye do? – Very well, I thank you. So obliged to you for the carriage last night. We were just in time; my mother just ready for us. Pray come in; do come in. You will find some friends here.”

So began Miss Bates; and Mr. Knightley seemed determined to be heard in his turn, for most resolutely and commandingly did he say,

“How is your niece, Miss Bates? – I want to inquire after you all, but particularly your niece. How is Miss Fairfax? – I hope she caught no cold last night. How is she to-day? Tell me how Miss Fairfax is.”

And Miss Bates was obliged to give a direct answer before he would hear her in any thing else. The listeners were amused; and Mrs. Weston gave Emma a look of particular meaning. But Emma still shook her head in steady scepticism.

“So obliged to you! – so very much obliged to you for the carriage,” resumed Miss Bates.

He cut her short with,

“I am going to Kingston. Can I do any thing for you?”

“Oh! dear, Kingston – are you? – Mrs. Cole was saying the other day she wanted something from Kingston.”

“Mrs. Cole has servants to send. Can I do any thing for you?”

“No, I thank you. But do come in. Who do you think is here? – Miss Woodhouse and Miss Smith; so kind as to call to hear the new pianoforte. Do put up your horse at the Crown, and come in.”

“Well,” said he, in a deliberating manner, “for five minutes, perhaps.”

“And here is Mrs. Weston and Mr. Frank Churchill too! – Quite delightful; so many friends!”

“No, not now, I thank you. I could not stay two minutes. I must get on to Kingston as fast as I can.”

“Oh! do come in. They will be so very happy to see you.”

“No, no; your room is full enough. I will call another day, and hear the pianoforte.”

“Well, I am so sorry! – Oh! Mr. Knightley, what a delightful party last night; how extremely pleasant. – Did you ever see such dancing? – Was not it delightful? – Miss Woodhouse and Mr. Frank Churchill; I never saw any thing equal to it.”

“Oh! very delightful indeed; I can say nothing less, for I suppose Miss Woodhouse and Mr. Frank Churchill are hearing every thing that passes. And (raising his voice still more) I do not see why Miss Fairfax should not be mentioned too. I think Miss Fairfax dances very well; and Mrs. Weston is the very best country-dance player, without exception, in England. Now, if your friends have any gratitude, they will say something pretty loud about you and me in return; but I cannot stay to hear it.”

“Oh! Mr. Knightley, one moment more; something of consequence – so shocked! – Jane and I are both so shocked about the apples!”

“What is the matter now?”

“To think of your sending us all your store apples. You said you had a great many, and now you have not one left. We really are so shocked! Mrs. Hodges may well be angry. William Larkins mentioned it here. You should not have done it, indeed you should not. Ah! he is off. He never can bear to be thanked. But I thought he would have staid now, and it would have been a pity not to have mentioned.... Well, (returning to the room,) I have not been able to succeed. Mr. Knightley cannot stop. He is going to Kingston. He asked me if he could do any thing....”

“Yes,” said Jane, “we heard his kind offers, we heard every thing.”

“Oh! yes, my dear, I dare say you might, because you know, the door was open, and the window was open, and Mr. Knightley spoke loud. You must have heard every thing to be sure. ‘Can I do any thing for you at Kingston?’ said he; so I just mentioned.... Oh! Miss Woodhouse, must you be going? – You seem but just come – so very obliging of you.”

Emma found it really time to be at home; the visit had already lasted long; and on examining watches, so much of the morning was perceived to be gone, that Mrs. Weston and her companion taking leave also, could allow themselves only to walk with the two young ladies to Hartfield gates, before they set off for Randalls.

CHAPTER XI

It may be possible to do without dancing entirely. Instances have been known of young people passing many, many months successively, without being at any ball of any description, and no material injury accrue either to body or mind; – but when a beginning is made – when the felicities of rapid motion have once been, though slightly, felt – it must be a very heavy set that does not ask for more.

Frank Churchill had danced once at Highbury, and longed to dance again; and the last half-hour of an evening which Mr. Woodhouse was persuaded to spend with his daughter at Randalls, was passed by the two young people in schemes on the subject. Frank's was the first idea; and his the greatest zeal in pursuing it; for the lady was the best judge of the difficulties, and the most solicitous for accommodation and appearance. But still she had inclination enough for shewing people again how delightfully Mr. Frank Churchill and Miss Woodhouse danced – for doing that in which she need not blush to compare herself with Jane Fairfax – and even for simple dancing itself, without any of the wicked aids of vanity – to assist him first in pacing out the room they were in to see what it could be made to hold – and then in taking the dimensions of the other parlour, in the hope of discovering, in spite of all that Mr. Weston could say of their exactly equal size, that it was a little the largest.

His first proposition and request, that the dance begun at Mr. Cole's should be finished there – that the same party should be collected, and the same musician engaged, met with the readiest acquiescence. Mr. Weston entered into the idea with thorough enjoyment, and Mrs. Weston most willingly undertook to play as long as they could wish to dance; and the interesting employment had followed, of reckoning up exactly who there would be, and portioning out the indispensable division of space to every couple.

“You and Miss Smith, and Miss Fairfax, will be three, and the two Miss Coxes five,” had been repeated many times over. “And there will be the two Gilberts, young Cox, my father, and myself, besides Mr. Knightley. Yes, that will be quite enough for pleasure. You and Miss Smith, and Miss Fairfax, will be three, and the two Miss Coxes five; and for five couple there will be plenty of room.”

But soon it came to be on one side,

“But will there be good room for five couple? – I really do not think there will.”

On another,

“And after all, five couple are not enough to make it worth while to stand up. Five couple are nothing, when one thinks seriously about it. It will not do to invite five couple. It can be allowable only as the thought of the moment.”

Somebody said that Miss Gilbert was expected at her brother's, and must be invited with the rest. Somebody else believed Mrs. Gilbert would have danced the other evening, if she had been asked. A word was put in for a second young Cox; and at last, Mr. Weston naming one family of cousins who must be included, and another of very old acquaintance who could not be left out, it became a certainty that the five couple would be at least ten, and a very interesting speculation in what possible manner they could be disposed of.

The doors of the two rooms were just opposite each other. “Might not they use both rooms, and dance across the passage?” It seemed the best scheme; and yet it was not so good but that many of them wanted a better. Emma said it would be awkward; Mrs. Weston was in distress about the supper; and Mr. Woodhouse opposed it earnestly, on the score of health. It made him so very unhappy, indeed, that it could not be persevered in.

“Oh! no,” said he; “it would be the extreme of imprudence. I could not bear it for Emma! – Emma is not strong. She would catch a dreadful cold. So would poor little Harriet. So you would all. Mrs. Weston, you would be quite laid up; do not let them talk of such a wild thing. Pray do not let them talk of it. That young man (speaking lower) is very thoughtless. Do not tell his father, but that young man is not quite the thing. He has been opening the doors very often this evening, and keeping them open very inconsiderately. He does not think of the draught. I do not mean to set you against him, but indeed he is not quite the thing!”

Mrs. Weston was sorry for such a charge. She knew the importance of it, and said every thing in her power to do it away. Every door was now closed, the passage plan given up, and the first scheme of dancing only in the room they were in resorted to again; and with such good-will on Frank Churchill's part, that the space which a quarter of an hour before had been deemed barely sufficient for five couple, was now endeavoured to be made out quite enough for ten.

“We were too magnificent,” said he. “We allowed unnecessary room. Ten couple may stand here very well.”

Emma demurred. “It would be a crowd – a sad crowd; and what could be worse than dancing without space to turn in?”

“Very true,” he gravely replied; “it was very bad.” But still he went on measuring, and still he ended with,

“I think there will be very tolerable room for ten couple.”

“No, no,” said she, “you are quite unreasonable. It would be dreadful to be standing so close! Nothing can be farther from pleasure than to be dancing in a crowd – and a crowd in a little room!”

“There is no denying it,” he replied. “I agree with you exactly. A crowd in a little room – Miss Woodhouse, you have the art of giving pictures in a few words. Exquisite, quite exquisite! – Still, however, having proceeded so far, one is unwilling to give the matter up. It would be a disappointment to my father – and altogether – I do not know that – I am rather of opinion that ten couple might stand here very well.”

Emma perceived that the nature of his gallantry was a little self-willed, and that he would rather oppose than lose the pleasure of dancing with her; but she took the compliment, and forgave the rest. Had she intended ever to marry him, it might have been worth while to pause and consider, and try to understand the value of his preference, and the character of his temper; but for all the purposes of their acquaintance, he was quite amiable enough.

Before the middle of the next day, he was at Hartfield; and he entered the room with such an agreeable smile as certified the continuance of the scheme. It soon appeared that he came to announce an improvement.

“Well, Miss Woodhouse,” he almost immediately began, “your inclination for dancing has not been quite frightened away, I hope, by the terrors of my father’s little rooms. I bring a new proposal on the subject: – a thought of my father’s, which waits only your approbation to be acted upon. May I hope for the honour of your hand for the two first dances of this little projected ball, to be given, not at Randalls, but at the Crown Inn?”

“The Crown!”

“Yes; if you and Mr. Woodhouse see no objection, and I trust you cannot, my father hopes his friends will be so kind as to visit him there. Better accommodations, he can promise them, and not a less grateful welcome than at Randalls. It is his own idea. Mrs. Weston sees no objection to it, provided you are satisfied. This is what we all feel. Oh! you were perfectly right! Ten couple, in either of the Randalls rooms, would have been insufferable! – Dreadful! – I felt how right you were the whole time, but was too anxious for securing any thing to like to yield. Is not it a good exchange? – You consent – I hope you consent?”

“It appears to me a plan that nobody can object to, if Mr. and Mrs. Weston do not. I think it admirable; and, as far as I can answer for myself, shall be most happy – It seems the only improvement that could be. Papa, do you not

think it an excellent improvement?"

She was obliged to repeat and explain it, before it was fully comprehended; and then, being quite new, farther representations were necessary to make it acceptable.

"No; he thought it very far from an improvement – a very bad plan – much worse than the other. A room at an inn was always damp and dangerous; never properly aired, or fit to be inhabited. If they must dance, they had better dance at Randalls. He had never been in the room at the Crown in his life – did not know the people who kept it by sight. – Oh! no – a very bad plan. They would catch worse colds at the Crown than any where."

"I was going to observe, sir," said Frank Churchill, "that one of the great recommendations of this change would be the very little danger of any body's catching cold – so much less danger at the Crown than at Randalls! Mr. Perry might have reason to regret the alteration, but nobody else could."

"Sir," said Mr. Woodhouse, rather warmly, "you are very much mistaken if you suppose Mr. Perry to be that sort of character. Mr. Perry is extremely concerned when any of us are ill. But I do not understand how the room at the Crown can be safer for you than your father's house."

"From the very circumstance of its being larger, sir. We shall have no occasion to open the windows at all – not once the whole evening; and it is that dreadful habit of opening the windows, letting in cold air upon heated bodies, which (as you well know, sir) does the mischief."

"Open the windows! – but surely, Mr. Churchill, nobody would think of opening the windows at Randalls. Nobody could be so imprudent! I never heard of such a thing. Dancing with open windows! – I am sure, neither your father nor Mrs. Weston (poor Miss Taylor that was) would suffer it."

"Ah! sir – but a thoughtless young person will sometimes step behind a window-curtain, and throw up a sash, without its being suspected. I have often known it done myself."

"Have you indeed, sir? – Bless me! I never could have supposed it. But I live out of the world, and am often astonished at what I hear. However, this does make a difference; and, perhaps, when we come to talk it over – but these sort of things require a good deal of consideration. One cannot resolve upon them in a hurry. If Mr. and Mrs. Weston will be so obliging as to call here one morning, we may talk it over, and see what can be done."

"But, unfortunately, sir, my time is so limited – "

“Oh!” interrupted Emma, “there will be plenty of time for talking every thing over. There is no hurry at all. If it can be contrived to be at the Crown, papa, it will be very convenient for the horses. They will be so near their own stable.”

“So they will, my dear. That is a great thing. Not that James ever complains; but it is right to spare our horses when we can. If I could be sure of the rooms being thoroughly aired – but is Mrs. Stokes to be trusted? I doubt it. I do not know her, even by sight.”

“I can answer for every thing of that nature, sir, because it will be under Mrs. Weston’s care. Mrs. Weston undertakes to direct the whole.”

“There, papa! – Now you must be satisfied – Our own dear Mrs. Weston, who is carefulness itself. Do not you remember what Mr. Perry said, so many years ago, when I had the measles? ‘If Miss Taylor undertakes to wrap Miss Emma up, you need not have any fears, sir.’ How often have I heard you speak of it as such a compliment to her!”

“Aye, very true. Mr. Perry did say so. I shall never forget it. Poor little Emma! You were very bad with the measles; that is, you would have been very bad, but for Perry’s great attention. He came four times a day for a week. He said, from the first, it was a very good sort – which was our great comfort; but the measles are a dreadful complaint. I hope whenever poor Isabella’s little ones have the measles, she will send for Perry.”

“My father and Mrs. Weston are at the Crown at this moment,” said Frank Churchill, “examining the capabilities of the house. I left them there and came on to Hartfield, impatient for your opinion, and hoping you might be persuaded to join them and give your advice on the spot. I was desired to say so from both. It would be the greatest pleasure to them, if you could allow me to attend you there. They can do nothing satisfactorily without you.”

Emma was most happy to be called to such a council; and her father, engaging to think it all over while she was gone, the two young people set off together without delay for the Crown. There were Mr. and Mrs. Weston; delighted to see her and receive her approbation, very busy and very happy in their different way; she, in some little distress; and he, finding every thing perfect.

“Emma,” said she, “this paper is worse than I expected. Look! in places you see it is dreadfully dirty; and the wainscot is more yellow and forlorn than any thing I could have imagined.”

“My dear, you are too particular,” said her husband. “What does all that signify? You will see nothing of it by candlelight. It will be as clean as

Randalls by candlelight. We never see any thing of it on our club-nights.”

The ladies here probably exchanged looks which meant, “Men never know when things are dirty or not;” and the gentlemen perhaps thought each to himself, “Women will have their little nonsenses and needless cares.”

One perplexity, however, arose, which the gentlemen did not disdain. It regarded a supper-room. At the time of the ballroom’s being built, suppers had not been in question; and a small card-room adjoining, was the only addition. What was to be done? This card-room would be wanted as a card-room now; or, if cards were conveniently voted unnecessary by their four selves, still was it not too small for any comfortable supper? Another room of much better size might be secured for the purpose; but it was at the other end of the house, and a long awkward passage must be gone through to get at it. This made a difficulty. Mrs. Weston was afraid of draughts for the young people in that passage; and neither Emma nor the gentlemen could tolerate the prospect of being miserably crowded at supper.

Mrs. Weston proposed having no regular supper; merely sandwiches, &c., set out in the little room; but that was scouted as a wretched suggestion. A private dance, without sitting down to supper, was pronounced an infamous fraud upon the rights of men and women; and Mrs. Weston must not speak of it again. She then took another line of expediency, and looking into the doubtful room, observed,

“I do not think it is so very small. We shall not be many, you know.”

And Mr. Weston at the same time, walking briskly with long steps through the passage, was calling out,

“You talk a great deal of the length of this passage, my dear. It is a mere nothing after all; and not the least draught from the stairs.”

“I wish,” said Mrs. Weston, “one could know which arrangement our guests in general would like best. To do what would be most generally pleasing must be our object – if one could but tell what that would be.”

“Yes, very true,” cried Frank, “very true. You want your neighbours’ opinions. I do not wonder at you. If one could ascertain what the chief of them – the Coles, for instance. They are not far off. Shall I call upon them? Or Miss Bates? She is still nearer. – And I do not know whether Miss Bates is not as likely to understand the inclinations of the rest of the people as any body. I think we do want a larger council. Suppose I go and invite Miss Bates to join us?”

“Well – if you please,” said Mrs. Weston rather hesitating, “if you think

she will be of any use.”

“You will get nothing to the purpose from Miss Bates,” said Emma. “She will be all delight and gratitude, but she will tell you nothing. She will not even listen to your questions. I see no advantage in consulting Miss Bates.”

“But she is so amusing, so extremely amusing! I am very fond of hearing Miss Bates talk. And I need not bring the whole family, you know.”

Here Mr. Weston joined them, and on hearing what was proposed, gave it his decided approbation.

“Aye, do, Frank – Go and fetch Miss Bates, and let us end the matter at once. She will enjoy the scheme, I am sure; and I do not know a properer person for shewing us how to do away difficulties. Fetch Miss Bates. We are growing a little too nice. She is a standing lesson of how to be happy. But fetch them both. Invite them both.”

“Both sir! Can the old lady?”...

“The old lady! No, the young lady, to be sure. I shall think you a great blockhead, Frank, if you bring the aunt without the niece.”

“Oh! I beg your pardon, sir. I did not immediately recollect. Undoubtedly if you wish it, I will endeavour to persuade them both.” And away he ran.

Long before he reappeared, attending the short, neat, brisk-moving aunt, and her elegant niece, – Mrs. Weston, like a sweet-tempered woman and a good wife, had examined the passage again, and found the evils of it much less than she had supposed before – indeed very trifling; and here ended the difficulties of decision. All the rest, in speculation at least, was perfectly smooth. All the minor arrangements of table and chair, lights and music, tea and supper, made themselves; or were left as mere trifles to be settled at any time between Mrs. Weston and Mrs. Stokes. – Every body invited, was certainly to come; Frank had already written to Enscombe to propose staying a few days beyond his fortnight, which could not possibly be refused. And a delightful dance it was to be.

Most cordially, when Miss Bates arrived, did she agree that it must. As a counsellor she was not wanted; but as an approver, (a much safer character,) she was truly welcome. Her approbation, at once general and minute, warm and incessant, could not but please; and for another half-hour they were all walking to and fro, between the different rooms, some suggesting, some attending, and all in happy enjoyment of the future. The party did not break up without Emma's being positively secured for the two first dances by the hero of the evening, nor without

her overhearing Mr. Weston whisper to his wife, "He has asked her, my dear. That's right. I knew he would!"

CHAPTER XII

One thing only was wanting to make the prospect of the ball completely satisfactory to Emma – its being fixed for a day within the granted term of Frank Churchill's stay in Surry; for, in spite of Mr. Weston's confidence, she could not think it so very impossible that the Churchills might not allow their nephew to remain a day beyond his fortnight. But this was not judged feasible. The preparations must take their time, nothing could be properly ready till the third week were entered on, and for a few days they must be planning, proceeding and hoping in uncertainty – at the risk – in her opinion, the great risk, of its being all in vain.

Enscombe however was gracious, gracious in fact, if not in word. His wish of staying longer evidently did not please; but it was not opposed. All was safe and prosperous; and as the removal of one solicitude generally makes way for another, Emma, being now certain of her ball, began to adopt as the next vexation Mr. Knightley's provoking indifference about it. Either because he did not dance himself, or because the plan had been formed without his being consulted, he seemed resolved that it should not interest him, determined against its exciting any present curiosity, or affording him any future amusement. To her voluntary communications Emma could get no more approving reply, than,

“Very well. If the Westons think it worth while to be at all this trouble for a few hours of noisy entertainment, I have nothing to say against it, but that they shall not chuse pleasures for me. – Oh! yes, I must be there; I could not refuse; and I will keep as much awake as I can; but I would rather be at home, looking over William Larkins's week's account; much rather, I confess. – Pleasure in seeing dancing! – not I, indeed – I never look at it – I do not know who does. – Fine dancing, I believe, like virtue, must be its own reward. Those who are standing by are usually thinking of something very different.”

This Emma felt was aimed at her; and it made her quite angry. It was not in compliment to Jane Fairfax however that he was so indifferent, or so indignant; he was not guided by her feelings in reprobating the ball, for she enjoyed the thought of it to an extraordinary degree. It made her animated – open hearted – she voluntarily said; –

“Oh! Miss Woodhouse, I hope nothing may happen to prevent the ball. What a disappointment it would be! I do look forward to it, I own, with very great pleasure.”

It was not to oblige Jane Fairfax therefore that he would have preferred the society of William Larkins. No! – she was more and more convinced that

Mrs. Weston was quite mistaken in that surmise. There was a great deal of friendly and of compassionate attachment on his side – but no love.

Alas! there was soon no leisure for quarrelling with Mr. Knightley. Two days of joyful security were immediately followed by the over-throw of every thing. A letter arrived from Mr. Churchill to urge his nephew's instant return. Mrs. Churchill was unwell – far too unwell to do without him; she had been in a very suffering state (so said her husband) when writing to her nephew two days before, though from her usual unwillingness to give pain, and constant habit of never thinking of herself, she had not mentioned it; but now she was too ill to trifle, and must entreat him to set off for Enscombe without delay.

The substance of this letter was forwarded to Emma, in a note from Mrs. Weston, instantly. As to his going, it was inevitable. He must be gone within a few hours, though without feeling any real alarm for his aunt, to lessen his repugnance. He knew her illnesses; they never occurred but for her own convenience.

Mrs. Weston added, “that he could only allow himself time to hurry to Highbury, after breakfast, and take leave of the few friends there whom he could suppose to feel any interest in him; and that he might be expected at Hartfield very soon.”

This wretched note was the finale of Emma's breakfast. When once it had been read, there was no doing any thing, but lament and exclaim. The loss of the ball – the loss of the young man – and all that the young man might be feeling! – It was too wretched! – Such a delightful evening as it would have been! – Every body so happy! and she and her partner the happiest! – “I said it would be so,” was the only consolation.

Her father's feelings were quite distinct. He thought principally of Mrs. Churchill's illness, and wanted to know how she was treated; and as for the ball, it was shocking to have dear Emma disappointed; but they would all be safer at home.

Emma was ready for her visitor some time before he appeared; but if this reflected at all upon his impatience, his sorrowful look and total want of spirits when he did come might redeem him. He felt the going away almost too much to speak of it. His dejection was most evident. He sat really lost in thought for the first few minutes; and when rousing himself, it was only to say,

“Of all horrid things, leave-taking is the worst.”

“But you will come again,” said Emma. “This will not be your only visit to Randalls.”

“Ah! – (shaking his head) – the uncertainty of when I may be able to return! – I shall try for it with a zeal! – It will be the object of all my thoughts and cares! – and if my uncle and aunt go to town this spring – but I am afraid – they did not stir last spring – I am afraid it is a custom gone for ever.”

“Our poor ball must be quite given up.”

“Ah! that ball! – why did we wait for any thing? – why not seize the pleasure at once? – How often is happiness destroyed by preparation, foolish preparation! – You told us it would be so. – Oh! Miss Woodhouse, why are you always so right?”

“Indeed, I am very sorry to be right in this instance. I would much rather have been merry than wise.”

“If I can come again, we are still to have our ball. My father depends on it. Do not forget your engagement.”

Emma looked graciously.

“Such a fortnight as it has been!” he continued; “every day more precious and more delightful than the day before! – every day making me less fit to bear any other place. Happy those, who can remain at Highbury!”

“As you do us such ample justice now,” said Emma, laughing, “I will venture to ask, whether you did not come a little doubtfully at first? Do not we rather surpass your expectations? I am sure we do. I am sure you did not much expect to like us. You would not have been so long in coming, if you had had a pleasant idea of Highbury.”

He laughed rather consciously; and though denying the sentiment, Emma was convinced that it had been so.

“And you must be off this very morning?”

“Yes; my father is to join me here: we shall walk back together, and I must be off immediately. I am almost afraid that every moment will bring him.”

“Not five minutes to spare even for your friends Miss Fairfax and Miss Bates? How unlucky! Miss Bates’s powerful, argumentative mind might have strengthened yours.”

“Yes – I have called there; passing the door, I thought it better. It was a right thing to do. I went in for three minutes, and was detained by Miss Bates’s being absent. She was out; and I felt it impossible not to wait till she came in. She is a woman that one may, that one must laugh at; but that one would not wish to slight. It was better to pay my visit, then” –

He hesitated, got up, walked to a window.

“In short,” said he, “perhaps, Miss Woodhouse – I think you can hardly be quite without suspicion” –

He looked at her, as if wanting to read her thoughts. She hardly knew what to say. It seemed like the forerunner of something absolutely serious, which she did not wish. Forcing herself to speak, therefore, in the hope of putting it by, she calmly said,

“You are quite in the right; it was most natural to pay your visit, then” –

He was silent. She believed he was looking at her; probably reflecting on what she had said, and trying to understand the manner. She heard him sigh. It was natural for him to feel that he had cause to sigh. He could not believe her to be encouraging him. A few awkward moments passed, and he sat down again; and in a more determined manner said,

“It was something to feel that all the rest of my time might be given to Hartfield. My regard for Hartfield is most warm” –

He stopt again, rose again, and seemed quite embarrassed. – He was more in love with her than Emma had supposed; and who can say how it might have ended, if his father had not made his appearance? Mr. Woodhouse soon followed; and the necessity of exertion made him composed.

A very few minutes more, however, completed the present trial. Mr. Weston, always alert when business was to be done, and as incapable of procrastinating any evil that was inevitable, as of foreseeing any that was doubtful, said, “It was time to go;” and the young man, though he might and did sigh, could not but agree, to take leave.

“I shall hear about you all,” said he; “that is my chief consolation. I shall hear of every thing that is going on among you. I have engaged Mrs. Weston to correspond with me. She has been so kind as to promise it. Oh! the blessing of a female correspondent, when one is really interested in the absent! – she will tell me every thing. In her letters I shall be at dear Highbury again.”

A very friendly shake of the hand, a very earnest “Good-bye,” closed the speech, and the door had soon shut out Frank Churchill. Short had been the notice – short their meeting; he was gone; and Emma felt so sorry to part, and foresaw so great a loss to their little society from his absence as to begin to be afraid of being too sorry, and feeling it too much.

It was a sad change. They had been meeting almost every day since his arrival. Certainly his being at Randalls had given great spirit to the last two

weeks – indescribable spirit; the idea, the expectation of seeing him which every morning had brought, the assurance of his attentions, his liveliness, his manners! It had been a very happy fortnight, and forlorn must be the sinking from it into the common course of Hartfield days. To complete every other recommendation, he had almost told her that he loved her. What strength, or what constancy of affection he might be subject to, was another point; but at present she could not doubt his having a decidedly warm admiration, a conscious preference of herself; and this persuasion, joined to all the rest, made her think that she must be a little in love with him, in spite of every previous determination against it.

“I certainly must,” said she. “This sensation of listlessness, weariness, stupidity, this disinclination to sit down and employ myself, this feeling of every thing’s being dull and insipid about the house! – I must be in love; I should be the oddest creature in the world if I were not – for a few weeks at least. Well! evil to some is always good to others. I shall have many fellow-mourners for the ball, if not for Frank Churchill; but Mr. Knightley will be happy. He may spend the evening with his dear William Larkins now if he likes.”

Mr. Knightley, however, shewed no triumphant happiness. He could not say that he was sorry on his own account; his very cheerful look would have contradicted him if he had; but he said, and very steadily, that he was sorry for the disappointment of the others, and with considerable kindness added,

“You, Emma, who have so few opportunities of dancing, you are really out of luck; you are very much out of luck!”

It was some days before she saw Jane Fairfax, to judge of her honest regret in this woeful change; but when they did meet, her composure was odious. She had been particularly unwell, however, suffering from headache to a degree, which made her aunt declare, that had the ball taken place, she did not think Jane could have attended it; and it was charity to impute some of her unbecoming indifference to the languor of ill-health.

CHAPTER XIII

Emma continued to entertain no doubt of her being in love. Her ideas only varied as to the how much. At first, she thought it was a good deal; and afterwards, but little. She had great pleasure in hearing Frank Churchill talked of; and, for his sake, greater pleasure than ever in seeing Mr. and Mrs. Weston; she was very often thinking of him, and quite impatient for a letter, that she might know how he was, how were his spirits, how was his aunt, and what was the chance of his coming to Randalls again this spring. But, on the other hand, she could not admit herself to be unhappy, nor, after the first morning, to be less disposed for employment than usual; she was still busy and cheerful; and, pleasing as he was, she could yet imagine him to have faults; and farther, though thinking of him so much, and, as she sat drawing or working, forming a thousand amusing schemes for the progress and close of their attachment, fancying interesting dialogues, and inventing elegant letters; the conclusion of every imaginary declaration on his side was that she refused him. Their affection was always to subside into friendship. Every thing tender and charming was to mark their parting; but still they were to part. When she became sensible of this, it struck her that she could not be very much in love; for in spite of her previous and fixed determination never to quit her father, never to marry, a strong attachment certainly must produce more of a struggle than she could foresee in her own feelings.

“I do not find myself making any use of the word sacrifice,” said she. – “In not one of all my clever replies, my delicate negatives, is there any allusion to making a sacrifice. I do suspect that he is not really necessary to my happiness. So much the better. I certainly will not persuade myself to feel more than I do. I am quite enough in love. I should be sorry to be more.”

Upon the whole, she was equally contented with her view of his feelings.

“He is undoubtedly very much in love – every thing denotes it – very much in love indeed! – and when he comes again, if his affection continue, I must be on my guard not to encourage it. – It would be most inexcusable to do otherwise, as my own mind is quite made up. Not that I imagine he can think I have been encouraging him hitherto. No, if he had believed me at all to share his feelings, he would not have been so wretched. Could he have thought himself encouraged, his looks and language at parting would have been different. – Still, however, I must be on my guard. This is in the supposition of his attachment continuing what it now is; but I do not know that I expect it will; I do not look upon him to be quite the sort of man – I do not altogether build upon his steadiness or

constancy. – His feelings are warm, but I can imagine them rather changeable. – Every consideration of the subject, in short, makes me thankful that my happiness is not more deeply involved. – I shall do very well again after a little while – and then, it will be a good thing over; for they say every body is in love once in their lives, and I shall have been let off easily.”

When his letter to Mrs. Weston arrived, Emma had the perusal of it; and she read it with a degree of pleasure and admiration which made her at first shake her head over her own sensations, and think she had undervalued their strength. It was a long, well-written letter, giving the particulars of his journey and of his feelings, expressing all the affection, gratitude, and respect which was natural and honourable, and describing every thing exterior and local that could be supposed attractive, with spirit and precision. No suspicious flourishes now of apology or concern; it was the language of real feeling towards Mrs. Weston; and the transition from Highbury to Enscombe, the contrast between the places in some of the first blessings of social life was just enough touched on to shew how keenly it was felt, and how much more might have been said but for the restraints of propriety. – The charm of her own name was not wanting. Miss Woodhouse appeared more than once, and never without a something of pleasing connexion, either a compliment to her taste, or a remembrance of what she had said; and in the very last time of its meeting her eye, unadorned as it was by any such broad wreath of gallantry, she yet could discern the effect of her influence and acknowledge the greatest compliment perhaps of all conveyed. Compressed into the very lowest vacant corner were these words – “I had not a spare moment on Tuesday, as you know, for Miss Woodhouse’s beautiful little friend. Pray make my excuses and adieu to her.” This, Emma could not doubt, was all for herself. Harriet was remembered only from being her friend. His information and prospects as to Enscombe were neither worse nor better than had been anticipated; Mrs. Churchill was recovering, and he dared not yet, even in his own imagination, fix a time for coming to Randalls again.

Gratifying, however, and stimulative as was the letter in the material part, its sentiments, she yet found, when it was folded up and returned to Mrs. Weston, that it had not added any lasting warmth, that she could still do without the writer, and that he must learn to do without her. Her intentions were unchanged. Her resolution of refusal only grew more interesting by the addition of a scheme for his subsequent consolation and happiness. His recollection of Harriet, and the words which clothed it, the “beautiful little friend,” suggested to her the idea of Harriet’s succeeding her in his affections. Was it impossible? – No. – Harriet undoubtedly was greatly his inferior in understanding; but he had been very much struck with the loveliness of her face and the warm simplicity of her manner; and all the probabilities of circumstance and connexion were in her

favour. – For Harriet, it would be advantageous and delightful indeed.

“I must not dwell upon it,” said she. – “I must not think of it. I know the danger of indulging such speculations. But stranger things have happened; and when we cease to care for each other as we do now, it will be the means of confirming us in that sort of true disinterested friendship which I can already look forward to with pleasure.”

It was well to have a comfort in store on Harriet’s behalf, though it might be wise to let the fancy touch it seldom; for evil in that quarter was at hand. As Frank Churchill’s arrival had succeeded Mr. Elton’s engagement in the conversation of Highbury, as the latest interest had entirely borne down the first, so now upon Frank Churchill’s disappearance, Mr. Elton’s concerns were assuming the most irresistible form. – His wedding-day was named. He would soon be among them again; Mr. Elton and his bride. There was hardly time to talk over the first letter from Enscombe before “Mr. Elton and his bride” was in every body’s mouth, and Frank Churchill was forgotten. Emma grew sick at the sound. She had had three weeks of happy exemption from Mr. Elton; and Harriet’s mind, she had been willing to hope, had been lately gaining strength. With Mr. Weston’s ball in view at least, there had been a great deal of insensibility to other things; but it was now too evident that she had not attained such a state of composure as could stand against the actual approach – new carriage, bell-ringing, and all.

Poor Harriet was in a flutter of spirits which required all the reasonings and soothing and attentions of every kind that Emma could give. Emma felt that she could not do too much for her, that Harriet had a right to all her ingenuity and all her patience; but it was heavy work to be for ever convincing without producing any effect, for ever agreed to, without being able to make their opinions the same. Harriet listened submissively, and said “it was very true – it was just as Miss Woodhouse described – it was not worth while to think about them – and she would not think about them any longer” but no change of subject could avail, and the next half-hour saw her as anxious and restless about the Eltons as before. At last Emma attacked her on another ground.

“Your allowing yourself to be so occupied and so unhappy about Mr. Elton’s marrying, Harriet, is the strongest reproach you can make me. You could not give me a greater reproof for the mistake I fell into. It was all my doing, I know. I have not forgotten it, I assure you. – Deceived myself, I did very miserably deceive you – and it will be a painful reflection to me for ever. Do not imagine me in danger of forgetting it.”

Harriet felt this too much to utter more than a few words of eager exclamation. Emma continued,

“I have not said, exert yourself Harriet for my sake; think less, talk less of Mr. Elton for my sake; because for your own sake rather, I would wish it to be done, for the sake of what is more important than my comfort, a habit of self-command in you, a consideration of what is your duty, an attention to propriety, an endeavour to avoid the suspicions of others, to save your health and credit, and restore your tranquillity. These are the motives which I have been pressing on you. They are very important – and sorry I am that you cannot feel them sufficiently to act upon them. My being saved from pain is a very secondary consideration. I want you to save yourself from greater pain. Perhaps I may sometimes have felt that Harriet would not forget what was due – or rather what would be kind by me.”

This appeal to her affections did more than all the rest. The idea of wanting gratitude and consideration for Miss Woodhouse, whom she really loved extremely, made her wretched for a while, and when the violence of grief was comforted away, still remained powerful enough to prompt to what was right and support her in it very tolerably.

“You, who have been the best friend I ever had in my life – Want gratitude to you! – Nobody is equal to you! – I care for nobody as I do for you! – Oh! Miss Woodhouse, how ungrateful I have been!”

Such expressions, assisted as they were by every thing that look and manner could do, made Emma feel that she had never loved Harriet so well, nor valued her affection so highly before.

“There is no charm equal to tenderness of heart,” said she afterwards to herself. “There is nothing to be compared to it. Warmth and tenderness of heart, with an affectionate, open manner, will beat all the clearness of head in the world, for attraction, I am sure it will. It is tenderness of heart which makes my dear father so generally beloved – which gives Isabella all her popularity. – I have it not – but I know how to prize and respect it. – Harriet is my superior in all the charm and all the felicity it gives. Dear Harriet! – I would not change you for the clearest-headed, longest-sighted, best-judging female breathing. Oh! the coldness of a Jane Fairfax! – Harriet is worth a hundred such – And for a wife – a sensible man’s wife – it is invaluable. I mention no names; but happy the man who changes Emma for Harriet!”

CHAPTER XIV

Mrs. Elton was first seen at church: but though devotion might be interrupted, curiosity could not be satisfied by a bride in a pew, and it must be left for the visits in form which were then to be paid, to settle whether she were very pretty indeed, or only rather pretty, or not pretty at all.

Emma had feelings, less of curiosity than of pride or propriety, to make her resolve on not being the last to pay her respects; and she made a point of Harriet's going with her, that the worst of the business might be gone through as soon as possible.

She could not enter the house again, could not be in the same room to which she had with such vain artifice retreated three months ago, to lace up her boot, without recollecting. A thousand vexatious thoughts would recur. Compliments, charades, and horrible blunders; and it was not to be supposed that poor Harriet should not be recollecting too; but she behaved very well, and was only rather pale and silent. The visit was of course short; and there was so much embarrassment and occupation of mind to shorten it, that Emma would not allow herself entirely to form an opinion of the lady, and on no account to give one, beyond the nothing-meaning terms of being "elegantly dressed, and very pleasing."

She did not really like her. She would not be in a hurry to find fault, but she suspected that there was no elegance; – ease, but not elegance. – She was almost sure that for a young woman, a stranger, a bride, there was too much ease. Her person was rather good; her face not unpretty; but neither feature, nor air, nor voice, nor manner, were elegant. Emma thought at least it would turn out so.

As for Mr. Elton, his manners did not appear – but no, she would not permit a hasty or a witty word from herself about his manners. It was an awkward ceremony at any time to be receiving wedding visits, and a man had need be all grace to acquit himself well through it. The woman was better off; she might have the assistance of fine clothes, and the privilege of bashfulness, but the man had only his own good sense to depend on; and when she considered how peculiarly unlucky poor Mr. Elton was in being in the same room at once with the woman he had just married, the woman he had wanted to marry, and the woman whom he had been expected to marry, she must allow him to have the right to look as little wise, and to be as much affectedly, and as little really easy as could be.

"Well, Miss Woodhouse," said Harriet, when they had quitted the house,

and after waiting in vain for her friend to begin; “Well, Miss Woodhouse, (with a gentle sigh,) what do you think of her? – Is not she very charming?”

There was a little hesitation in Emma’s answer.

“Oh! yes – very – a very pleasing young woman.”

“I think her beautiful, quite beautiful.”

“Very nicely dressed, indeed; a remarkably elegant gown.”

“I am not at all surprized that he should have fallen in love.”

“Oh! no – there is nothing to surprize one at all. – A pretty fortune; and she came in his way.”

“I dare say,” returned Harriet, sighing again, “I dare say she was very much attached to him.”

“Perhaps she might; but it is not every man’s fate to marry the woman who loves him best. Miss Hawkins perhaps wanted a home, and thought this the best offer she was likely to have.”

“Yes,” said Harriet earnestly, “and well she might, nobody could ever have a better. Well, I wish them happy with all my heart. And now, Miss Woodhouse, I do not think I shall mind seeing them again. He is just as superior as ever; – but being married, you know, it is quite a different thing. No, indeed, Miss Woodhouse, you need not be afraid; I can sit and admire him now without any great misery. To know that he has not thrown himself away, is such a comfort! – She does seem a charming young woman, just what he deserves. Happy creature! He called her ‘Augusta.’ How delightful!”

When the visit was returned, Emma made up her mind. She could then see more and judge better. From Harriet’s happening not to be at Hartfield, and her father’s being present to engage Mr. Elton, she had a quarter of an hour of the lady’s conversation to herself, and could composedly attend to her; and the quarter of an hour quite convinced her that Mrs. Elton was a vain woman, extremely well satisfied with herself, and thinking much of her own importance; that she meant to shine and be very superior, but with manners which had been formed in a bad school, pert and familiar; that all her notions were drawn from one set of people, and one style of living; that if not foolish she was ignorant, and that her society would certainly do Mr. Elton no good.

Harriet would have been a better match. If not wise or refined herself, she would have connected him with those who were; but Miss Hawkins, it might be fairly supposed from her easy conceit, had been the best of her own set. The

rich brother-in-law near Bristol was the pride of the alliance, and his place and his carriages were the pride of him.

The very first subject after being seated was Maple Grove, "My brother Mr. Suckling's seat;" – a comparison of Hartfield to Maple Grove. The grounds of Hartfield were small, but neat and pretty; and the house was modern and well-built. Mrs. Elton seemed most favourably impressed by the size of the room, the entrance, and all that she could see or imagine. "Very like Maple Grove indeed! – She was quite struck by the likeness! – That room was the very shape and size of the morning-room at Maple Grove; her sister's favourite room." – Mr. Elton was appealed to. – "Was not it astonishingly like? – She could really almost fancy herself at Maple Grove."

"And the staircase – You know, as I came in, I observed how very like the staircase was; placed exactly in the same part of the house. I really could not help exclaiming! I assure you, Miss Woodhouse, it is very delightful to me, to be reminded of a place I am so extremely partial to as Maple Grove. I have spent so many happy months there! (with a little sigh of sentiment). A charming place, undoubtedly. Every body who sees it is struck by its beauty; but to me, it has been quite a home. Whenever you are transplanted, like me, Miss Woodhouse, you will understand how very delightful it is to meet with any thing at all like what one has left behind. I always say this is quite one of the evils of matrimony."

Emma made as slight a reply as she could; but it was fully sufficient for Mrs. Elton, who only wanted to be talking herself.

"So extremely like Maple Grove! And it is not merely the house – the grounds, I assure you, as far as I could observe, are strikingly like. The laurels at Maple Grove are in the same profusion as here, and stand very much in the same way – just across the lawn; and I had a glimpse of a fine large tree, with a bench round it, which put me so exactly in mind! My brother and sister will be enchanted with this place. People who have extensive grounds themselves are always pleased with any thing in the same style."

Emma doubted the truth of this sentiment. She had a great idea that people who had extensive grounds themselves cared very little for the extensive grounds of any body else; but it was not worth while to attack an error so double-dyed, and therefore only said in reply,

"When you have seen more of this country, I am afraid you will think you have overrated Hartfield. Surry is full of beauties."

"Oh! yes, I am quite aware of that. It is the garden of England, you know. Surry is the garden of England."

“Yes; but we must not rest our claims on that distinction. Many counties, I believe, are called the garden of England, as well as Surry.”

“No, I fancy not,” replied Mrs. Elton, with a most satisfied smile. “I never heard any county but Surry called so.”

Emma was silenced.

“My brother and sister have promised us a visit in the spring, or summer at farthest,” continued Mrs. Elton; “and that will be our time for exploring. While they are with us, we shall explore a great deal, I dare say. They will have their barouche-landau, of course, which holds four perfectly; and therefore, without saying any thing of our carriage, we should be able to explore the different beauties extremely well. They would hardly come in their chaise, I think, at that season of the year. Indeed, when the time draws on, I shall decidedly recommend their bringing the barouche-landau; it will be so very much preferable. When people come into a beautiful country of this sort, you know, Miss Woodhouse, one naturally wishes them to see as much as possible; and Mr. Suckling is extremely fond of exploring. We explored to King’s-Weston twice last summer, in that way, most delightfully, just after their first having the barouche-landau. You have many parties of that kind here, I suppose, Miss Woodhouse, every summer?”

“No; not immediately here. We are rather out of distance of the very striking beauties which attract the sort of parties you speak of; and we are a very quiet set of people, I believe; more disposed to stay at home than engage in schemes of pleasure.”

“Ah! there is nothing like staying at home for real comfort. Nobody can be more devoted to home than I am. I was quite a proverb for it at Maple Grove. Many a time has Selina said, when she has been going to Bristol, ‘I really cannot get this girl to move from the house. I absolutely must go in by myself, though I hate being stuck up in the barouche-landau without a companion; but Augusta, I believe, with her own good-will, would never stir beyond the park paling.’ Many a time has she said so; and yet I am no advocate for entire seclusion. I think, on the contrary, when people shut themselves up entirely from society, it is a very bad thing; and that it is much more advisable to mix in the world in a proper degree, without living in it either too much or too little. I perfectly understand your situation, however, Miss Woodhouse – (looking towards Mr. Woodhouse), Your father’s state of health must be a great drawback. Why does not he try Bath? – Indeed he should. Let me recommend Bath to you. I assure you I have no doubt of its doing Mr. Woodhouse good.”

“My father tried it more than once, formerly; but without receiving any

benefit; and Mr. Perry, whose name, I dare say, is not unknown to you, does not conceive it would be at all more likely to be useful now.”

“Ah! that’s a great pity; for I assure you, Miss Woodhouse, where the waters do agree, it is quite wonderful the relief they give. In my Bath life, I have seen such instances of it! And it is so cheerful a place, that it could not fail of being of use to Mr. Woodhouse’s spirits, which, I understand, are sometimes much depressed. And as to its recommendations to you, I fancy I need not take much pains to dwell on them. The advantages of Bath to the young are pretty generally understood. It would be a charming introduction for you, who have lived so secluded a life; and I could immediately secure you some of the best society in the place. A line from me would bring you a little host of acquaintance; and my particular friend, Mrs. Partridge, the lady I have always resided with when in Bath, would be most happy to shew you any attentions, and would be the very person for you to go into public with.”

It was as much as Emma could bear, without being impolite. The idea of her being indebted to Mrs. Elton for what was called an introduction – of her going into public under the auspices of a friend of Mrs. Elton’s – probably some vulgar, dashing widow, who, with the help of a boarder, just made a shift to live! – The dignity of Miss Woodhouse, of Hartfield, was sunk indeed!

She restrained herself, however, from any of the reproofs she could have given, and only thanked Mrs. Elton coolly; “but their going to Bath was quite out of the question; and she was not perfectly convinced that the place might suit her better than her father.” And then, to prevent farther outrage and indignation, changed the subject directly.

“I do not ask whether you are musical, Mrs. Elton. Upon these occasions, a lady’s character generally precedes her; and Highbury has long known that you are a superior performer.”

“Oh! no, indeed; I must protest against any such idea. A superior performer! – very far from it, I assure you. Consider from how partial a quarter your information came. I am doatingly fond of music – passionately fond; – and my friends say I am not entirely devoid of taste; but as to any thing else, upon my honour my performance is mediocre to the last degree. You, Miss Woodhouse, I well know, play delightfully. I assure you it has been the greatest satisfaction, comfort, and delight to me, to hear what a musical society I am got into. I absolutely cannot do without music. It is a necessary of life to me; and having always been used to a very musical society, both at Maple Grove and in Bath, it would have been a most serious sacrifice. I honestly said as much to Mr. E. when he was speaking of my future home, and expressing his fears lest the

retirement of it should be disagreeable; and the inferiority of the house too – knowing what I had been accustomed to – of course he was not wholly without apprehension. When he was speaking of it in that way, I honestly said that the world I could give up – parties, balls, plays – for I had no fear of retirement. Blessed with so many resources within myself, the world was not necessary to me. I could do very well without it. To those who had no resources it was a different thing; but my resources made me quite independent. And as to smaller-sized rooms than I had been used to, I really could not give it a thought. I hoped I was perfectly equal to any sacrifice of that description. Certainly I had been accustomed to every luxury at Maple Grove; but I did assure him that two carriages were not necessary to my happiness, nor were spacious apartments. ‘But,’ said I, ‘to be quite honest, I do not think I can live without something of a musical society. I condition for nothing else; but without music, life would be a blank to me.’”

“We cannot suppose,” said Emma, smiling, “that Mr. Elton would hesitate to assure you of there being a very musical society in Highbury; and I hope you will not find he has outstepped the truth more than may be pardoned, in consideration of the motive.”

“No, indeed, I have no doubts at all on that head. I am delighted to find myself in such a circle. I hope we shall have many sweet little concerts together. I think, Miss Woodhouse, you and I must establish a musical club, and have regular weekly meetings at your house, or ours. Will not it be a good plan? If we exert ourselves, I think we shall not be long in want of allies. Something of that nature would be particularly desirable for me, as an inducement to keep me in practice; for married women, you know – there is a sad story against them, in general. They are but too apt to give up music.”

“But you, who are so extremely fond of it – there can be no danger, surely?”

“I should hope not; but really when I look around among my acquaintance, I tremble. Selina has entirely given up music – never touches the instrument – though she played sweetly. And the same may be said of Mrs. Jeffereys – Clara Partridge, that was – and of the two Milmans, now Mrs. Bird and Mrs. James Cooper; and of more than I can enumerate. Upon my word it is enough to put one in a fright. I used to be quite angry with Selina; but really I begin now to comprehend that a married woman has many things to call her attention. I believe I was half an hour this morning shut up with my housekeeper.”

“But every thing of that kind,” said Emma, “will soon be in so regular a train – “

“Well,” said Mrs. Elton, laughing, “we shall see.”

Emma, finding her so determined upon neglecting her music, had nothing more to say; and, after a moment's pause, Mrs. Elton chose another subject.

“We have been calling at Randalls,” said she, “and found them both at home; and very pleasant people they seem to be. I like them extremely. Mr. Weston seems an excellent creature – quite a first-rate favourite with me already, I assure you. And she appears so truly good – there is something so motherly and kind-hearted about her, that it wins upon one directly. She was your governess, I think?”

Emma was almost too much astonished to answer; but Mrs. Elton hardly waited for the affirmative before she went on.

“Having understood as much, I was rather astonished to find her so very lady-like! But she is really quite the gentlewoman.”

“Mrs. Weston's manners,” said Emma, “were always particularly good. Their propriety, simplicity, and elegance, would make them the safest model for any young woman.”

“And who do you think came in while we were there?”

Emma was quite at a loss. The tone implied some old acquaintance – and how could she possibly guess?

“Knightley!” continued Mrs. Elton; “Knightley himself! – Was not it lucky? – for, not being within when he called the other day, I had never seen him before; and of course, as so particular a friend of Mr. E.'s, I had a great curiosity. ‘My friend Knightley’ had been so often mentioned, that I was really impatient to see him; and I must do my caro sposo the justice to say that he need not be ashamed of his friend. Knightley is quite the gentleman. I like him very much. Decidedly, I think, a very gentleman-like man.”

Happily, it was now time to be gone. They were off; and Emma could breathe.

“Insufferable woman!” was her immediate exclamation. “Worse than I had supposed. Absolutely insufferable! Knightley! – I could not have believed it. Knightley! – never seen him in her life before, and call him Knightley! – and discover that he is a gentleman! A little upstart, vulgar being, with her Mr. E., and her caro sposo, and her resources, and all her airs of pert pretension and underbred finery. Actually to discover that Mr. Knightley is a gentleman! I doubt whether he will return the compliment, and discover her to be a lady. I could not

have believed it! And to propose that she and I should unite to form a musical club! One would fancy we were bosom friends! And Mrs. Weston! – Astonished that the person who had brought me up should be a gentlewoman! Worse and worse. I never met with her equal. Much beyond my hopes. Harriet is disgraced by any comparison. Oh! what would Frank Churchill say to her, if he were here? How angry and how diverted he would be! Ah! there I am – thinking of him directly. Always the first person to be thought of! How I catch myself out! Frank Churchill comes as regularly into my mind!” –

All this ran so glibly through her thoughts, that by the time her father had arranged himself, after the bustle of the Eltons’ departure, and was ready to speak, she was very tolerably capable of attending.

“Well, my dear,” he deliberately began, “considering we never saw her before, she seems a very pretty sort of young lady; and I dare say she was very much pleased with you. She speaks a little too quick. A little quickness of voice there is which rather hurts the ear. But I believe I am nice; I do not like strange voices; and nobody speaks like you and poor Miss Taylor. However, she seems a very obliging, pretty-behaved young lady, and no doubt will make him a very good wife. Though I think he had better not have married. I made the best excuses I could for not having been able to wait on him and Mrs. Elton on this happy occasion; I said that I hoped I should in the course of the summer. But I ought to have gone before. Not to wait upon a bride is very remiss. Ah! it shews what a sad invalid I am! But I do not like the corner into Vicarage Lane.”

“I dare say your apologies were accepted, sir. Mr. Elton knows you.”

“Yes; but a young lady – a bride – I ought to have paid my respects to her if possible. It was being very deficient.”

“But, my dear papa, you are no friend to matrimony; and therefore why should you be so anxious to pay your respects to a bride? It ought to be no recommendation to you. It is encouraging people to marry if you make so much of them.”

“No, my dear, I never encouraged any body to marry, but I would always wish to pay every proper attention to a lady – and a bride, especially, is never to be neglected. More is avowedly due to her. A bride, you know, my dear, is always the first in company, let the others be who they may.”

“Well, papa, if this is not encouragement to marry, I do not know what is. And I should never have expected you to be lending your sanction to such vanity-baits for poor young ladies.”

“My dear, you do not understand me. This is a matter of mere

common politeness and good-breeding, and has nothing to do with any encouragement to people to marry.”

Emma had done. Her father was growing nervous, and could not understand her. Her mind returned to Mrs. Elton's offences, and long, very long, did they occupy her.

CHAPTER XV

Emma was not required, by any subsequent discovery, to retract her ill opinion of Mrs. Elton. Her observation had been pretty correct. Such as Mrs. Elton appeared to her on this second interview, such she appeared whenever they met again, – self-important, presuming, familiar, ignorant, and ill-bred. She had a little beauty and a little accomplishment, but so little judgment that she thought herself coming with superior knowledge of the world, to enliven and improve a country neighbourhood; and conceived Miss Hawkins to have held such a place in society as Mrs. Elton's consequence only could surpass.

There was no reason to suppose Mr. Elton thought at all differently from his wife. He seemed not merely happy with her, but proud. He had the air of congratulating himself on having brought such a woman to Highbury, as not even Miss Woodhouse could equal; and the greater part of her new acquaintance, disposed to commend, or not in the habit of judging, following the lead of Miss Bates's good-will, or taking it for granted that the bride must be as clever and as agreeable as she professed herself, were very well satisfied; so that Mrs. Elton's praise passed from one mouth to another as it ought to do, unimpeded by Miss Woodhouse, who readily continued her first contribution and talked with a good grace of her being "very pleasant and very elegantly dressed."

In one respect Mrs. Elton grew even worse than she had appeared at first. Her feelings altered towards Emma. – Offended, probably, by the little encouragement which her proposals of intimacy met with, she drew back in her turn and gradually became much more cold and distant; and though the effect was agreeable, the ill-will which produced it was necessarily increasing Emma's dislike. Her manners, too – and Mr. Elton's, were unpleasant towards Harriet. They were sneering and negligent. Emma hoped it must rapidly work Harriet's cure; but the sensations which could prompt such behaviour sunk them both very much. – It was not to be doubted that poor Harriet's attachment had been an offering to conjugal unreserve, and her own share in the story, under a colouring the least favourable to her and the most soothing to him, had in all likelihood been given also. She was, of course, the object of their joint dislike. – When they had nothing else to say, it must be always easy to begin abusing Miss Woodhouse; and the enmity which they dared not shew in open disrespect to her, found a broader vent in contemptuous treatment of Harriet.

Mrs. Elton took a great fancy to Jane Fairfax; and from the first. Not merely when a state of warfare with one young lady might be supposed to recommend the other, but from the very first; and she was not satisfied with expressing a natural and reasonable admiration – but without solicitation, or plea,

or privilege, she must be wanting to assist and befriend her. – Before Emma had forfeited her confidence, and about the third time of their meeting, she heard all Mrs. Elton's knight-errantry on the subject. –

“Jane Fairfax is absolutely charming, Miss Woodhouse. – I quite rave about Jane Fairfax. – A sweet, interesting creature. So mild and ladylike – and with such talents! – I assure you I think she has very extraordinary talents. I do not scruple to say that she plays extremely well. I know enough of music to speak decidedly on that point. Oh! she is absolutely charming! You will laugh at my warmth – but, upon my word, I talk of nothing but Jane Fairfax. – And her situation is so calculated to affect one! – Miss Woodhouse, we must exert ourselves and endeavour to do something for her. We must bring her forward. Such talent as hers must not be suffered to remain unknown. – I dare say you have heard those charming lines of the poet,

‘Full many a flower is born to blush unseen,

‘And waste its fragrance on the desert air.’

We must not allow them to be verified in sweet Jane Fairfax.”

“I cannot think there is any danger of it,” was Emma's calm answer – “and when you are better acquainted with Miss Fairfax's situation and understand what her home has been, with Colonel and Mrs. Campbell, I have no idea that you will suppose her talents can be unknown.”

“Oh! but dear Miss Woodhouse, she is now in such retirement, such obscurity, so thrown away. – Whatever advantages she may have enjoyed with the Campbells are so palpably at an end! And I think she feels it. I am sure she does. She is very timid and silent. One can see that she feels the want of encouragement. I like her the better for it. I must confess it is a recommendation to me. I am a great advocate for timidity – and I am sure one does not often meet with it. – But in those who are at all inferior, it is extremely prepossessing. Oh! I assure you, Jane Fairfax is a very delightful character, and interests me more than I can express.”

“You appear to feel a great deal – but I am not aware how you or any of Miss Fairfax's acquaintance here, any of those who have known her longer than yourself, can shew her any other attention than” –

“My dear Miss Woodhouse, a vast deal may be done by those who dare to act. You and I need not be afraid. If we set the example, many will follow it as far as they can; though all have not our situations. We have carriages to fetch and convey her home, and we live in a style which could not make the addition of Jane Fairfax, at any time, the least inconvenient. – I should be extremely

displeased if Wright were to send us up such a dinner, as could make me regret having asked more than Jane Fairfax to partake of it. I have no idea of that sort of thing. It is not likely that I should, considering what I have been used to. My greatest danger, perhaps, in housekeeping, may be quite the other way, in doing too much, and being too careless of expense. Maple Grove will probably be my model more than it ought to be – for we do not at all affect to equal my brother, Mr. Suckling, in income. – However, my resolution is taken as to noticing Jane Fairfax. – I shall certainly have her very often at my house, shall introduce her wherever I can, shall have musical parties to draw out her talents, and shall be constantly on the watch for an eligible situation. My acquaintance is so very extensive, that I have little doubt of hearing of something to suit her shortly. – I shall introduce her, of course, very particularly to my brother and sister when they come to us. I am sure they will like her extremely; and when she gets a little acquainted with them, her fears will completely wear off, for there really is nothing in the manners of either but what is highly conciliating. – I shall have her very often indeed while they are with me, and I dare say we shall sometimes find a seat for her in the barouche-landau in some of our exploring parties.”

“Poor Jane Fairfax!” – thought Emma. – “You have not deserved this. You may have done wrong with regard to Mr. Dixon, but this is a punishment beyond what you can have merited! – The kindness and protection of Mrs. Elton! – ‘Jane Fairfax and Jane Fairfax.’ Heavens! Let me not suppose that she dares go about, Emma Woodhouse-ing me! – But upon my honour, there seems no limits to the licentiousness of that woman’s tongue!”

Emma had not to listen to such paradings again – to any so exclusively addressed to herself – so disgustingly decorated with a “dear Miss Woodhouse.” The change on Mrs. Elton’s side soon afterwards appeared, and she was left in peace – neither forced to be the very particular friend of Mrs. Elton, nor, under Mrs. Elton’s guidance, the very active patroness of Jane Fairfax, and only sharing with others in a general way, in knowing what was felt, what was meditated, what was done.

She looked on with some amusement. – Miss Bates’s gratitude for Mrs. Elton’s attentions to Jane was in the first style of guileless simplicity and warmth. She was quite one of her worthies – the most amiable, affable, delightful woman – just as accomplished and condescending as Mrs. Elton meant to be considered. Emma’s only surprize was that Jane Fairfax should accept those attentions and tolerate Mrs. Elton as she seemed to do. She heard of her walking with the Eltons, sitting with the Eltons, spending a day with the Eltons! This was astonishing! – She could not have believed it possible that the taste or the pride of Miss Fairfax could endure such society and friendship as the Vicarage had to offer.

“She is a riddle, quite a riddle!” said she. – “To chuse to remain here month after month, under privations of every sort! And now to chuse the mortification of Mrs. Elton’s notice and the penury of her conversation, rather than return to the superior companions who have always loved her with such real, generous affection.”

Jane had come to Highbury professedly for three months; the Campbells were gone to Ireland for three months; but now the Campbells had promised their daughter to stay at least till Midsummer, and fresh invitations had arrived for her to join them there. According to Miss Bates – it all came from her – Mrs. Dixon had written most pressingly. Would Jane but go, means were to be found, servants sent, friends contrived – no travelling difficulty allowed to exist; but still she had declined it!

“She must have some motive, more powerful than appears, for refusing this invitation,” was Emma’s conclusion. “She must be under some sort of penance, inflicted either by the Campbells or herself. There is great fear, great caution, great resolution somewhere. – She is not to be with the Dixons. The decree is issued by somebody. But why must she consent to be with the Eltons? – Here is quite a separate puzzle.”

Upon her speaking her wonder aloud on that part of the subject, before the few who knew her opinion of Mrs. Elton, Mrs. Weston ventured this apology for Jane.

“We cannot suppose that she has any great enjoyment at the Vicarage, my dear Emma – but it is better than being always at home. Her aunt is a good creature, but, as a constant companion, must be very tiresome. We must consider what Miss Fairfax quits, before we condemn her taste for what she goes to.”

“You are right, Mrs. Weston,” said Mr. Knightley warmly, “Miss Fairfax is as capable as any of us of forming a just opinion of Mrs. Elton. Could she have chosen with whom to associate, she would not have chosen her. But (with a reproachful smile at Emma) she receives attentions from Mrs. Elton, which nobody else pays her.”

Emma felt that Mrs. Weston was giving her a momentary glance; and she was herself struck by his warmth. With a faint blush, she presently replied,

“Such attentions as Mrs. Elton’s, I should have imagined, would rather disgust than gratify Miss Fairfax. Mrs. Elton’s invitations I should have imagined any thing but inviting.”

“I should not wonder,” said Mrs. Weston, “if Miss Fairfax were to have been drawn on beyond her own inclination, by her aunt’s eagerness in accepting

Mrs. Elton's civilities for her. Poor Miss Bates may very likely have committed her niece and hurried her into a greater appearance of intimacy than her own good sense would have dictated, in spite of the very natural wish of a little change."

Both felt rather anxious to hear him speak again; and after a few minutes silence, he said,

"Another thing must be taken into consideration too – Mrs. Elton does not talk to Miss Fairfax as she speaks of her. We all know the difference between the pronouns he or she and thou, the plainest spoken amongst us; we all feel the influence of a something beyond common civility in our personal intercourse with each other – a something more early implanted. We cannot give any body the disagreeable hints that we may have been very full of the hour before. We feel things differently. And besides the operation of this, as a general principle, you may be sure that Miss Fairfax awes Mrs. Elton by her superiority both of mind and manner; and that, face to face, Mrs. Elton treats her with all the respect which she has a claim to. Such a woman as Jane Fairfax probably never fell in Mrs. Elton's way before – and no degree of vanity can prevent her acknowledging her own comparative littleness in action, if not in consciousness."

"I know how highly you think of Jane Fairfax," said Emma. Little Henry was in her thoughts, and a mixture of alarm and delicacy made her irresolute what else to say.

"Yes," he replied, "any body may know how highly I think of her."

"And yet," said Emma, beginning hastily and with an arch look, but soon stopping – it was better, however, to know the worst at once – she hurried on – "And yet, perhaps, you may hardly be aware yourself how highly it is. The extent of your admiration may take you by surprize some day or other."

Mr. Knightley was hard at work upon the lower buttons of his thick leather gaiters, and either the exertion of getting them together, or some other cause, brought the colour into his face, as he answered,

"Oh! are you there? – But you are miserably behindhand. Mr. Cole gave me a hint of it six weeks ago."

He stopped. – Emma felt her foot pressed by Mrs. Weston, and did not herself know what to think. In a moment he went on –

"That will never be, however, I can assure you. Miss Fairfax, I dare say, would not have me if I were to ask her – and I am very sure I shall never ask her."

Emma returned her friend's pressure with interest; and was pleased enough to exclaim,

"You are not vain, Mr. Knightley. I will say that for you."

He seemed hardly to hear her; he was thoughtful – and in a manner which shewed him not pleased, soon afterwards said,

"So you have been settling that I should marry Jane Fairfax?"

"No indeed I have not. You have scolded me too much for match-making, for me to presume to take such a liberty with you. What I said just now, meant nothing. One says those sort of things, of course, without any idea of a serious meaning. Oh! no, upon my word I have not the smallest wish for your marrying Jane Fairfax or Jane any body. You would not come in and sit with us in this comfortable way, if you were married."

Mr. Knightley was thoughtful again. The result of his reverie was, "No, Emma, I do not think the extent of my admiration for her will ever take me by surprise. – I never had a thought of her in that way, I assure you." And soon afterwards, "Jane Fairfax is a very charming young woman – but not even Jane Fairfax is perfect. She has a fault. She has not the open temper which a man would wish for in a wife."

Emma could not but rejoice to hear that she had a fault. "Well," said she, "and you soon silenced Mr. Cole, I suppose?"

"Yes, very soon. He gave me a quiet hint; I told him he was mistaken; he asked my pardon and said no more. Cole does not want to be wiser or wittier than his neighbours."

"In that respect how unlike dear Mrs. Elton, who wants to be wiser and wittier than all the world! I wonder how she speaks of the Coles – what she calls them! How can she find any appellation for them, deep enough in familiar vulgarity? She calls you, Knightley – what can she do for Mr. Cole? And so I am not to be surprized that Jane Fairfax accepts her civilities and consents to be with her. Mrs. Weston, your argument weighs most with me. I can much more readily enter into the temptation of getting away from Miss Bates, than I can believe in the triumph of Miss Fairfax's mind over Mrs. Elton. I have no faith in Mrs. Elton's acknowledging herself the inferior in thought, word, or deed; or in her being under any restraint beyond her own scanty rule of good-breeding. I cannot imagine that she will not be continually insulting her visitor with praise, encouragement, and offers of service; that she will not be continually detailing her magnificent intentions, from the procuring her a permanent situation to the including her in those delightful exploring parties which are to take place in the barouche-landau."

“Jane Fairfax has feeling,” said Mr. Knightley – “I do not accuse her of want of feeling. Her sensibilities, I suspect, are strong – and her temper excellent in its power of forbearance, patience, self-control; but it wants openness. She is reserved, more reserved, I think, than she used to be – And I love an open temper. No – till Cole alluded to my supposed attachment, it had never entered my head. I saw Jane Fairfax and conversed with her, with admiration and pleasure always – but with no thought beyond.”

“Well, Mrs. Weston,” said Emma triumphantly when he left them, “what do you say now to Mr. Knightley’s marrying Jane Fairfax?”

“Why, really, dear Emma, I say that he is so very much occupied by the idea of not being in love with her, that I should not wonder if it were to end in his being so at last. Do not beat me.”

CHAPTER XVI

Every body in and about Highbury who had ever visited Mr. Elton, was disposed to pay him attention on his marriage. Dinner-parties and evening-parties were made for him and his lady; and invitations flowed in so fast that she had soon the pleasure of apprehending they were never to have a disengaged day.

"I see how it is," said she. "I see what a life I am to lead among you. Upon my word we shall be absolutely dissipated. We really seem quite the fashion. If this is living in the country, it is nothing very formidable. From Monday next to Saturday, I assure you we have not a disengaged day! – A woman with fewer resources than I have, need not have been at a loss."

No invitation came amiss to her. Her Bath habits made evening-parties perfectly natural to her, and Maple Grove had given her a taste for dinners. She was a little shocked at the want of two drawing rooms, at the poor attempt at rout-cakes, and there being no ice in the Highbury card-parties. Mrs. Bates, Mrs. Perry, Mrs. Goddard and others, were a good deal behind-hand in knowledge of the world, but she would soon shew them how every thing ought to be arranged. In the course of the spring she must return their civilities by one very superior party – in which her card-tables should be set out with their separate candles and unbroken packs in the true style – and more waiters engaged for the evening than their own establishment could furnish, to carry round the refreshments at exactly the proper hour, and in the proper order.

Emma, in the meanwhile, could not be satisfied without a dinner at Hartfield for the Eltons. They must not do less than others, or she should be exposed to odious suspicions, and imagined capable of pitiful resentment. A dinner there must be. After Emma had talked about it for ten minutes, Mr. Woodhouse felt no unwillingness, and only made the usual stipulation of not sitting at the bottom of the table himself, with the usual regular difficulty of deciding who should do it for him.

The persons to be invited, required little thought. Besides the Eltons, it must be the Westons and Mr. Knightley; so far it was all of course – and it was hardly less inevitable that poor little Harriet must be asked to make the eighth: – but this invitation was not given with equal satisfaction, and on many accounts Emma was particularly pleased by Harriet's begging to be allowed to decline it. "She would rather not be in his company more than she could help. She was not yet quite able to see him and his charming happy wife together, without feeling uncomfortable. If Miss Woodhouse would not be displeased, she would rather stay at home." It was precisely what Emma would have wished, had she deemed

it possible enough for wishing. She was delighted with the fortitude of her little friend – for fortitude she knew it was in her to give up being in company and stay at home; and she could now invite the very person whom she really wanted to make the eighth, Jane Fairfax. – Since her last conversation with Mrs. Weston and Mr. Knightley, she was more conscience-stricken about Jane Fairfax than she had often been. – Mr. Knightley’s words dwelt with her. He had said that Jane Fairfax received attentions from Mrs. Elton which nobody else paid her.

“This is very true,” said she, “at least as far as relates to me, which was all that was meant – and it is very shameful. – Of the same age – and always knowing her – I ought to have been more her friend. – She will never like me now. I have neglected her too long. But I will shew her greater attention than I have done.”

Every invitation was successful. They were all disengaged and all happy. – The preparatory interest of this dinner, however, was not yet over. A circumstance rather unlucky occurred. The two eldest little Knightleys were engaged to pay their grandpapa and aunt a visit of some weeks in the spring, and their papa now proposed bringing them, and staying one whole day at Hartfield – which one day would be the very day of this party. – His professional engagements did not allow of his being put off, but both father and daughter were disturbed by its happening so. Mr. Woodhouse considered eight persons at dinner together as the utmost that his nerves could bear – and here would be a ninth – and Emma apprehended that it would be a ninth very much out of humour at not being able to come even to Hartfield for forty-eight hours without falling in with a dinner-party.

She comforted her father better than she could comfort herself, by representing that though he certainly would make them nine, yet he always said so little, that the increase of noise would be very immaterial. She thought it in reality a sad exchange for herself, to have him with his grave looks and reluctant conversation opposed to her instead of his brother.

The event was more favourable to Mr. Woodhouse than to Emma. John Knightley came; but Mr. Weston was unexpectedly summoned to town and must be absent on the very day. He might be able to join them in the evening, but certainly not to dinner. Mr. Woodhouse was quite at ease; and the seeing him so, with the arrival of the little boys and the philosophic composure of her brother on hearing his fate, removed the chief of even Emma’s vexation.

The day came, the party were punctually assembled, and Mr. John Knightley seemed early to devote himself to the business of being agreeable. Instead of drawing his brother off to a window while they waited for dinner, he

was talking to Miss Fairfax. Mrs. Elton, as elegant as lace and pearls could make her, he looked at in silence – wanting only to observe enough for Isabella's information – but Miss Fairfax was an old acquaintance and a quiet girl, and he could talk to her. He had met her before breakfast as he was returning from a walk with his little boys, when it had been just beginning to rain. It was natural to have some civil hopes on the subject, and he said,

“I hope you did not venture far, Miss Fairfax, this morning, or I am sure you must have been wet. – We scarcely got home in time. I hope you turned directly.”

“I went only to the post-office,” said she, “and reached home before the rain was much. It is my daily errand. I always fetch the letters when I am here. It saves trouble, and is a something to get me out. A walk before breakfast does me good.”

“Not a walk in the rain, I should imagine.”

“No, but it did not absolutely rain when I set out.”

Mr. John Knightley smiled, and replied,

“That is to say, you chose to have your walk, for you were not six yards from your own door when I had the pleasure of meeting you; and Henry and John had seen more drops than they could count long before. The post-office has a great charm at one period of our lives. When you have lived to my age, you will begin to think letters are never worth going through the rain for.”

There was a little blush, and then this answer,

“I must not hope to be ever situated as you are, in the midst of every dearest connexion, and therefore I cannot expect that simply growing older should make me indifferent about letters.”

“Indifferent! Oh! no – I never conceived you could become indifferent. Letters are no matter of indifference; they are generally a very positive curse.”

“You are speaking of letters of business; mine are letters of friendship.”

“I have often thought them the worst of the two,” replied he coolly. “Business, you know, may bring money, but friendship hardly ever does.”

“Ah! you are not serious now. I know Mr. John Knightley too well – I am very sure he understands the value of friendship as well as any body. I can easily believe that letters are very little to you, much less than to me, but it is not your being ten years older than myself which makes the difference, it is not age,

but situation. You have every body dearest to you always at hand, I, probably, never shall again; and therefore till I have outlived all my affections, a post-office, I think, must always have power to draw me out, in worse weather than to-day."

"When I talked of your being altered by time, by the progress of years," said John Knightley, "I meant to imply the change of situation which time usually brings. I consider one as including the other. Time will generally lessen the interest of every attachment not within the daily circle – but that is not the change I had in view for you. As an old friend, you will allow me to hope, Miss Fairfax, that ten years hence you may have as many concentrated objects as I have."

It was kindly said, and very far from giving offence. A pleasant "thank you" seemed meant to laugh it off, but a blush, a quivering lip, a tear in the eye, shewed that it was felt beyond a laugh. Her attention was now claimed by Mr. Woodhouse, who being, according to his custom on such occasions, making the circle of his guests, and paying his particular compliments to the ladies, was ending with her – and with all his mildest urbanity, said,

"I am very sorry to hear, Miss Fairfax, of your being out this morning in the rain. Young ladies should take care of themselves. – Young ladies are delicate plants. They should take care of their health and their complexion. My dear, did you change your stockings?"

"Yes, sir, I did indeed; and I am very much obliged by your kind solicitude about me."

"My dear Miss Fairfax, young ladies are very sure to be cared for. – I hope your good grand-mama and aunt are well. They are some of my very old friends. I wish my health allowed me to be a better neighbour. You do us a great deal of honour to-day, I am sure. My daughter and I are both highly sensible of your goodness, and have the greatest satisfaction in seeing you at Hartfield."

The kind-hearted, polite old man might then sit down and feel that he had done his duty, and made every fair lady welcome and easy.

By this time, the walk in the rain had reached Mrs. Elton, and her remonstrances now opened upon Jane.

"My dear Jane, what is this I hear? – Going to the post-office in the rain! – This must not be, I assure you. – You sad girl, how could you do such a thing? – It is a sign I was not there to take care of you."

Jane very patiently assured her that she had not caught any cold.

“Oh! do not tell me. You really are a very sad girl, and do not know how to take care of yourself. – To the post-office indeed! Mrs. Weston, did you ever hear the like? You and I must positively exert our authority.”

“My advice,” said Mrs. Weston kindly and persuasively, “I certainly do feel tempted to give. Miss Fairfax, you must not run such risks. – Liable as you have been to severe colds, indeed you ought to be particularly careful, especially at this time of year. The spring I always think requires more than common care. Better wait an hour or two, or even half a day for your letters, than run the risk of bringing on your cough again. Now do not you feel that you had? Yes, I am sure you are much too reasonable. You look as if you would not do such a thing again.”

“Oh! she shall not do such a thing again,” eagerly rejoined Mrs. Elton. “We will not allow her to do such a thing again:” – and nodding significantly – “there must be some arrangement made, there must indeed. I shall speak to Mr. E. The man who fetches our letters every morning (one of our men, I forget his name) shall inquire for yours too and bring them to you. That will obviate all difficulties you know; and from us I really think, my dear Jane, you can have no scruple to accept such an accommodation.”

“You are extremely kind,” said Jane; “but I cannot give up my early walk I am advised to be out of doors as much as I can, I must walk somewhere, and the post-office is an object; and upon my word, I have scarcely ever had a bad morning before.”

“My dear Jane, say no more about it. The thing is determined, that is (laughing affectedly) as far as I can presume to determine any thing without the concurrence of my lord and master. You know, Mrs. Weston, you and I must be cautious how we express ourselves. But I do flatter myself, my dear Jane, that my influence is not entirely worn out. If I meet with no insuperable difficulties therefore, consider that point as settled.”

“Excuse me,” said Jane earnestly, “I cannot by any means consent to such an arrangement, so needlessly troublesome to your servant. If the errand were not a pleasure to me, it could be done, as it always is when I am not here, by my grandmama’s.”

“Oh! my dear; but so much as Patty has to do! – And it is a kindness to employ our men.”

Jane looked as if she did not mean to be conquered; but instead of answering, she began speaking again to Mr. John Knightley.

“The post-office is a wonderful establishment!” said she. – “The

regularity and despatch of it! If one thinks of all that it has to do, and all that it does so well, it is really astonishing!”

“It is certainly very well regulated.”

“So seldom that any negligence or blunder appears! So seldom that a letter, among the thousands that are constantly passing about the kingdom, is even carried wrong – and not one in a million, I suppose, actually lost! And when one considers the variety of hands, and of bad hands too, that are to be deciphered, it increases the wonder.”

“The clerks grow expert from habit. – They must begin with some quickness of sight and hand, and exercise improves them. If you want any farther explanation,” continued he, smiling, “they are paid for it. That is the key to a great deal of capacity. The public pays and must be served well.”

The varieties of handwriting were farther talked of, and the usual observations made.

“I have heard it asserted,” said John Knightley, “that the same sort of handwriting often prevails in a family; and where the same master teaches, it is natural enough. But for that reason, I should imagine the likeness must be chiefly confined to the females, for boys have very little teaching after an early age, and scramble into any hand they can get. Isabella and Emma, I think, do write very much alike. I have not always known their writing apart.”

“Yes,” said his brother hesitatingly, “there is a likeness. I know what you mean – but Emma’s hand is the strongest.”

“Isabella and Emma both write beautifully,” said Mr. Woodhouse; “and always did. And so does poor Mrs. Weston” – with half a sigh and half a smile at her.

“I never saw any gentleman’s handwriting” – Emma began, looking also at Mrs. Weston; but stopped, on perceiving that Mrs. Weston was attending to some one else – and the pause gave her time to reflect, “Now, how am I going to introduce him? – Am I unequal to speaking his name at once before all these people? Is it necessary for me to use any roundabout phrase? – Your Yorkshire friend – your correspondent in Yorkshire; – that would be the way, I suppose, if I were very bad. – No, I can pronounce his name without the smallest distress. I certainly get better and better. – Now for it.”

Mrs. Weston was disengaged and Emma began again – “Mr. Frank Churchill writes one of the best gentleman’s hands I ever saw.”

“I do not admire it,” said Mr. Knightley. “It is too small – wants strength.

It is like a woman's writing."

This was not submitted to by either lady. They vindicated him against the base aspersion. "No, it by no means wanted strength – it was not a large hand, but very clear and certainly strong. Had not Mrs. Weston any letter about her to produce?" No, she had heard from him very lately, but having answered the letter, had put it away.

"If we were in the other room," said Emma, "if I had my writing-desk, I am sure I could produce a specimen. I have a note of his. – Do not you remember, Mrs. Weston, employing him to write for you one day?"

"He chose to say he was employed" –

"Well, well, I have that note; and can shew it after dinner to convince Mr. Knightley."

"Oh! when a gallant young man, like Mr. Frank Churchill," said Mr. Knightley dryly, "writes to a fair lady like Miss Woodhouse, he will, of course, put forth his best."

Dinner was on table. – Mrs. Elton, before she could be spoken to, was ready; and before Mr. Woodhouse had reached her with his request to be allowed to hand her into the dining-parlour, was saying –

"Must I go first? I really am ashamed of always leading the way."

Jane's solicitude about fetching her own letters had not escaped Emma. She had heard and seen it all; and felt some curiosity to know whether the wet walk of this morning had produced any. She suspected that it had; that it would not have been so resolutely encountered but in full expectation of hearing from some one very dear, and that it had not been in vain. She thought there was an air of greater happiness than usual – a glow both of complexion and spirits.

She could have made an inquiry or two, as to the expedition and the expense of the Irish mails; – it was at her tongue's end – but she abstained. She was quite determined not to utter a word that should hurt Jane Fairfax's feelings; and they followed the other ladies out of the room, arm in arm, with an appearance of good-will highly becoming to the beauty and grace of each.

CHAPTER XVII

When the ladies returned to the drawing-room after dinner, Emma found it hardly possible to prevent their making two distinct parties; – with so much perseverance in judging and behaving ill did Mrs. Elton engross Jane Fairfax and slight herself. She and Mrs. Weston were obliged to be almost always either talking together or silent together. Mrs. Elton left them no choice. If Jane repressed her for a little time, she soon began again; and though much that passed between them was in a half-whisper, especially on Mrs. Elton's side, there was no avoiding a knowledge of their principal subjects: The post-office – catching cold – fetching letters – and friendship, were long under discussion; and to them succeeded one, which must be at least equally unpleasant to Jane – inquiries whether she had yet heard of any situation likely to suit her, and professions of Mrs. Elton's meditated activity.

“Here is April come!” said she, “I get quite anxious about you. June will soon be here.”

“But I have never fixed on June or any other month – merely looked forward to the summer in general.”

“But have you really heard of nothing?”

“I have not even made any inquiry; I do not wish to make any yet.”

“Oh! my dear, we cannot begin too early; you are not aware of the difficulty of procuring exactly the desirable thing.”

“I not aware!” said Jane, shaking her head; “dear Mrs. Elton, who can have thought of it as I have done?”

“But you have not seen so much of the world as I have. You do not know how many candidates there always are for the first situations. I saw a vast deal of that in the neighbourhood round Maple Grove. A cousin of Mr. Suckling, Mrs. Bragge, had such an infinity of applications; every body was anxious to be in her family, for she moves in the first circle. Wax-candles in the schoolroom! You may imagine how desirable! Of all houses in the kingdom Mrs. Bragge's is the one I would most wish to see you in.”

“Colonel and Mrs. Campbell are to be in town again by midsummer,” said Jane. “I must spend some time with them; I am sure they will want it; – afterwards I may probably be glad to dispose of myself. But I would not wish you to take the trouble of making any inquiries at present.”

“Trouble! aye, I know your scruples. You are afraid of giving me

trouble; but I assure you, my dear Jane, the Campbells can hardly be more interested about you than I am. I shall write to Mrs. Partridge in a day or two, and shall give her a strict charge to be on the look-out for any thing eligible."

"Thank you, but I would rather you did not mention the subject to her; till the time draws nearer, I do not wish to be giving any body trouble."

"But, my dear child, the time is drawing near; here is April, and June, or say even July, is very near, with such business to accomplish before us. Your inexperience really amuses me! A situation such as you deserve, and your friends would require for you, is no everyday occurrence, is not obtained at a moment's notice; indeed, indeed, we must begin inquiring directly."

"Excuse me, ma'am, but this is by no means my intention; I make no inquiry myself, and should be sorry to have any made by my friends. When I am quite determined as to the time, I am not at all afraid of being long unemployed. There are places in town, offices, where inquiry would soon produce something – Offices for the sale – not quite of human flesh – but of human intellect."

"Oh! my dear, human flesh! You quite shock me; if you mean a fling at the slave-trade, I assure you Mr. Suckling was always rather a friend to the abolition."

"I did not mean, I was not thinking of the slave-trade," replied Jane; "governess-trade, I assure you, was all that I had in view; widely different certainly as to the guilt of those who carry it on; but as to the greater misery of the victims, I do not know where it lies. But I only mean to say that there are advertising offices, and that by applying to them I should have no doubt of very soon meeting with something that would do."

"Something that would do!" repeated Mrs. Elton. "Aye, that may suit your humble ideas of yourself; – I know what a modest creature you are; but it will not satisfy your friends to have you taking up with any thing that may offer, any inferior, commonplace situation, in a family not moving in a certain circle, or able to command the elegancies of life."

"You are very obliging; but as to all that, I am very indifferent; it would be no object to me to be with the rich; my mortifications, I think, would only be the greater; I should suffer more from comparison. A gentleman's family is all that I should condition for."

"I know you, I know you; you would take up with any thing; but I shall be a little more nice, and I am sure the good Campbells will be quite on my side; with your superior talents, you have a right to move in the first circle. Your

musical knowledge alone would entitle you to name your own terms, have as many rooms as you like, and mix in the family as much as you chose; – that is – I do not know – if you knew the harp, you might do all that, I am very sure; but you sing as well as play; – yes, I really believe you might, even without the harp, stipulate for what you chose; – and you must and shall be delightfully, honourably and comfortably settled before the Campbells or I have any rest.”

“You may well class the delight, the honour, and the comfort of such a situation together,” said Jane, “they are pretty sure to be equal; however, I am very serious in not wishing any thing to be attempted at present for me. I am exceedingly obliged to you, Mrs. Elton, I am obliged to any body who feels for me, but I am quite serious in wishing nothing to be done till the summer. For two or three months longer I shall remain where I am, and as I am.”

“And I am quite serious too, I assure you,” replied Mrs. Elton gaily, “in resolving to be always on the watch, and employing my friends to watch also, that nothing really unexceptionable may pass us.”

In this style she ran on; never thoroughly stopped by any thing till Mr. Woodhouse came into the room; her vanity had then a change of object, and Emma heard her saying in the same half-whisper to Jane,

“Here comes this dear old beau of mine, I protest! – Only think of his gallantry in coming away before the other men! – what a dear creature he is; – I assure you I like him excessively. I admire all that quaint, old-fashioned politeness; it is much more to my taste than modern ease; modern ease often disgusts me. But this good old Mr. Woodhouse, I wish you had heard his gallant speeches to me at dinner. Oh! I assure you I began to think my caro sposo would be absolutely jealous. I fancy I am rather a favourite; he took notice of my gown. How do you like it? – Selina’s choice – handsome, I think, but I do not know whether it is not over-trimmed; I have the greatest dislike to the idea of being over-trimmed – quite a horror of finery. I must put on a few ornaments now, because it is expected of me. A bride, you know, must appear like a bride, but my natural taste is all for simplicity; a simple style of dress is so infinitely preferable to finery. But I am quite in the minority, I believe; few people seem to value simplicity of dress, – show and finery are every thing. I have some notion of putting such a trimming as this to my white and silver poplin. Do you think it will look well?”

The whole party were but just reassembled in the drawing-room when Mr. Weston made his appearance among them. He had returned to a late dinner, and walked to Hartfield as soon as it was over. He had been too much expected by the best judges, for surprize – but there was great joy. Mr. Woodhouse was

almost as glad to see him now, as he would have been sorry to see him before. John Knightley only was in mute astonishment. – That a man who might have spent his evening quietly at home after a day of business in London, should set off again, and walk half a mile to another man's house, for the sake of being in mixed company till bed-time, of finishing his day in the efforts of civility and the noise of numbers, was a circumstance to strike him deeply. A man who had been in motion since eight o'clock in the morning, and might now have been still, who had been long talking, and might have been silent, who had been in more than one crowd, and might have been alone! – Such a man, to quit the tranquillity and independence of his own fireside, and on the evening of a cold sleety April day rush out again into the world! – Could he by a touch of his finger have instantly taken back his wife, there would have been a motive; but his coming would probably prolong rather than break up the party. John Knightley looked at him with amazement, then shrugged his shoulders, and said, “I could not have believed it even of him.”

Mr. Weston meanwhile, perfectly unsuspecting of the indignation he was exciting, happy and cheerful as usual, and with all the right of being principal talker, which a day spent anywhere from home confers, was making himself agreeable among the rest; and having satisfied the inquiries of his wife as to his dinner, convincing her that none of all her careful directions to the servants had been forgotten, and spread abroad what public news he had heard, was proceeding to a family communication, which, though principally addressed to Mrs. Weston, he had not the smallest doubt of being highly interesting to every body in the room. He gave her a letter, it was from Frank, and to herself; he had met with it in his way, and had taken the liberty of opening it.

“Read it, read it,” said he, “it will give you pleasure; only a few lines – will not take you long; read it to Emma.”

The two ladies looked over it together; and he sat smiling and talking to them the whole time, in a voice a little subdued, but very audible to every body.

“Well, he is coming, you see; good news, I think. Well, what do you say to it? – I always told you he would be here again soon, did not I? – Anne, my dear, did not I always tell you so, and you would not believe me? – In town next week, you see – at the latest, I dare say; for she is as impatient as the black gentleman when any thing is to be done; most likely they will be there to-morrow or Saturday. As to her illness, all nothing of course. But it is an excellent thing to have Frank among us again, so near as town. They will stay a good while when they do come, and he will be half his time with us. This is precisely what I wanted. Well, pretty good news, is not it? Have you finished it? Has Emma read it all? Put it up, put it up; we will have a good talk about it some other time, but it will

not do now. I shall only just mention the circumstance to the others in a common way.”

Mrs. Weston was most comfortably pleased on the occasion. Her looks and words had nothing to restrain them. She was happy, she knew she was happy, and knew she ought to be happy. Her congratulations were warm and open; but Emma could not speak so fluently. She was a little occupied in weighing her own feelings, and trying to understand the degree of her agitation, which she rather thought was considerable.

Mr. Weston, however, too eager to be very observant, too communicative to want others to talk, was very well satisfied with what she did say, and soon moved away to make the rest of his friends happy by a partial communication of what the whole room must have overheard already.

It was well that he took every body's joy for granted, or he might not have thought either Mr. Woodhouse or Mr. Knightley particularly delighted. They were the first entitled, after Mrs. Weston and Emma, to be made happy; – from them he would have proceeded to Miss Fairfax, but she was so deep in conversation with John Knightley, that it would have been too positive an interruption; and finding himself close to Mrs. Elton, and her attention disengaged, he necessarily began on the subject with her.

CHAPTER XVIII

“I hope I shall soon have the pleasure of introducing my son to you,” said Mr. Weston.

Mrs. Elton, very willing to suppose a particular compliment intended her by such a hope, smiled most graciously.

“You have heard of a certain Frank Churchill, I presume,” he continued – “and know him to be my son, though he does not bear my name.”

“Oh! yes, and I shall be very happy in his acquaintance. I am sure Mr. Elton will lose no time in calling on him; and we shall both have great pleasure in seeing him at the Vicarage.”

“You are very obliging. – Frank will be extremely happy, I am sure. – He is to be in town next week, if not sooner. We have notice of it in a letter to-day. I met the letters in my way this morning, and seeing my son’s hand, presumed to open it – though it was not directed to me – it was to Mrs. Weston. She is his principal correspondent, I assure you. I hardly ever get a letter.”

“And so you absolutely opened what was directed to her! Oh! Mr. Weston – (laughing affectedly) I must protest against that. – A most dangerous precedent indeed! – I beg you will not let your neighbours follow your example. – Upon my word, if this is what I am to expect, we married women must begin to exert ourselves! – Oh! Mr. Weston, I could not have believed it of you!”

“Aye, we men are sad fellows. You must take care of yourself, Mrs. Elton. – This letter tells us – it is a short letter – written in a hurry, merely to give us notice – it tells us that they are all coming up to town directly, on Mrs. Churchill’s account – she has not been well the whole winter, and thinks Enscombe too cold for her – so they are all to move southward without loss of time.”

“Indeed! – from Yorkshire, I think Enscombe is in Yorkshire?”

“Yes, they are about one hundred and ninety miles from London, a considerable journey.”

“Yes, upon my word, very considerable. Sixty-five miles farther than from Maple Grove to London. But what is distance, Mr. Weston, to people of large fortune? – You would be amazed to hear how my brother, Mr. Suckling, sometimes flies about. You will hardly believe me – but twice in one week he and Mr. Bragge went to London and back again with four horses.”

“The evil of the distance from Enscombe,” said Mr. Weston, “is, that

Mrs. Churchill, as we understand, has not been able to leave the sofa for a week together. In Frank's last letter she complained, he said, of being too weak to get into her conservatory without having both his arm and his uncle's! This, you know, speaks a great degree of weakness – but now she is so impatient to be in town, that she means to sleep only two nights on the road. – So Frank writes word. Certainly, delicate ladies have very extraordinary constitutions, Mrs. Elton. You must grant me that.”

“No, indeed, I shall grant you nothing. I always take the part of my own sex. I do indeed. I give you notice – You will find me a formidable antagonist on that point. I always stand up for women – and I assure you, if you knew how Selina feels with respect to sleeping at an inn, you would not wonder at Mrs. Churchill's making incredible exertions to avoid it. Selina says it is quite horror to her – and I believe I have caught a little of her nicety. She always travels with her own sheets; an excellent precaution. Does Mrs. Churchill do the same?”

“Depend upon it, Mrs. Churchill does every thing that any other fine lady ever did. Mrs. Churchill will not be second to any lady in the land for” –

Mrs. Elton eagerly interposed with,

“Oh! Mr. Weston, do not mistake me. Selina is no fine lady, I assure you. Do not run away with such an idea.”

“Is not she? Then she is no rule for Mrs. Churchill, who is as thorough a fine lady as any body ever beheld.”

Mrs. Elton began to think she had been wrong in disclaiming so warmly. It was by no means her object to have it believed that her sister was not a fine lady; perhaps there was want of spirit in the pretence of it; – and she was considering in what way she had best retract, when Mr. Weston went on.

“Mrs. Churchill is not much in my good graces, as you may suspect – but this is quite between ourselves. She is very fond of Frank, and therefore I would not speak ill of her. Besides, she is out of health now; but that indeed, by her own account, she has always been. I would not say so to every body, Mrs. Elton, but I have not much faith in Mrs. Churchill's illness.”

“If she is really ill, why not go to Bath, Mr. Weston? – To Bath, or to Clifton?” “She has taken it into her head that Enscombe is too cold for her. The fact is, I suppose, that she is tired of Enscombe. She has now been a longer time stationary there, than she ever was before, and she begins to want change. It is a retired place. A fine place, but very retired.”

“Aye – like Maple Grove, I dare say. Nothing can stand more retired

from the road than Maple Grove. Such an immense plantation all round it! You seem shut out from every thing – in the most complete retirement. – And Mrs. Churchill probably has not health or spirits like Selina to enjoy that sort of seclusion. Or, perhaps she may not have resources enough in herself to be qualified for a country life. I always say a woman cannot have too many resources – and I feel very thankful that I have so many myself as to be quite independent of society.”

“Frank was here in February for a fortnight.”

“So I remember to have heard. He will find an addition to the society of Highbury when he comes again; that is, if I may presume to call myself an addition. But perhaps he may never have heard of there being such a creature in the world.”

This was too loud a call for a compliment to be passed by, and Mr. Weston, with a very good grace, immediately exclaimed,

“My dear madam! Nobody but yourself could imagine such a thing possible. Not heard of you! – I believe Mrs. Weston’s letters lately have been full of very little else than Mrs. Elton.”

He had done his duty and could return to his son.

“When Frank left us,” continued he, “it was quite uncertain when we might see him again, which makes this day’s news doubly welcome. It has been completely unexpected. That is, I always had a strong persuasion he would be here again soon, I was sure something favourable would turn up – but nobody believed me. He and Mrs. Weston were both dreadfully desponding. ‘How could he contrive to come? And how could it be supposed that his uncle and aunt would spare him again?’ and so forth – I always felt that something would happen in our favour; and so it has, you see. I have observed, Mrs. Elton, in the course of my life, that if things are going untowardly one month, they are sure to mend the next.”

“Very true, Mr. Weston, perfectly true. It is just what I used to say to a certain gentleman in company in the days of courtship, when, because things did not go quite right, did not proceed with all the rapidity which suited his feelings, he was apt to be in despair, and exclaim that he was sure at this rate it would be May before Hymen’s saffron robe would be put on for us. Oh! the pains I have been at to dispel those gloomy ideas and give him cheerfuller views! The carriage – we had disappointments about the carriage; – one morning, I remember, he came to me quite in despair.”

She was stopped by a slight fit of coughing, and Mr. Weston instantly

seized the opportunity of going on.

“You were mentioning May. May is the very month which Mrs. Churchill is ordered, or has ordered herself, to spend in some warmer place than Enscombe – in short, to spend in London; so that we have the agreeable prospect of frequent visits from Frank the whole spring – precisely the season of the year which one should have chosen for it: days almost at the longest; weather genial and pleasant, always inviting one out, and never too hot for exercise. When he was here before, we made the best of it; but there was a good deal of wet, damp, cheerless weather; there always is in February, you know, and we could not do half that we intended. Now will be the time. This will be complete enjoyment; and I do not know, Mrs. Elton, whether the uncertainty of our meetings, the sort of constant expectation there will be of his coming in to-day or to-morrow, and at any hour, may not be more friendly to happiness than having him actually in the house. I think it is so. I think it is the state of mind which gives most spirit and delight. I hope you will be pleased with my son; but you must not expect a prodigy. He is generally thought a fine young man, but do not expect a prodigy. Mrs. Weston’s partiality for him is very great, and, as you may suppose, most gratifying to me. She thinks nobody equal to him.”

“And I assure you, Mr. Weston, I have very little doubt that my opinion will be decidedly in his favour. I have heard so much in praise of Mr. Frank Churchill. – At the same time it is fair to observe, that I am one of those who always judge for themselves, and are by no means implicitly guided by others. I give you notice that as I find your son, so I shall judge of him. – I am no flatterer.”

Mr. Weston was musing.

“I hope,” said he presently, “I have not been severe upon poor Mrs. Churchill. If she is ill I should be sorry to do her injustice; but there are some traits in her character which make it difficult for me to speak of her with the forbearance I could wish. You cannot be ignorant, Mrs. Elton, of my connexion with the family, nor of the treatment I have met with; and, between ourselves, the whole blame of it is to be laid to her. She was the instigator. Frank’s mother would never have been slighted as she was but for her. Mr. Churchill has pride; but his pride is nothing to his wife’s: his is a quiet, indolent, gentlemanlike sort of pride that would harm nobody, and only make himself a little helpless and tiresome; but her pride is arrogance and insolence! And what inclines one less to bear, she has no fair pretence of family or blood. She was nobody when he married her, barely the daughter of a gentleman; but ever since her being turned into a Churchill she has out-Churchill’d them all in high and mighty claims: but in herself, I assure you, she is an upstart.”

“Only think! well, that must be infinitely provoking! I have quite a horror of upstarts. Maple Grove has given me a thorough disgust to people of that sort; for there is a family in that neighbourhood who are such an annoyance to my brother and sister from the airs they give themselves! Your description of Mrs. Churchill made me think of them directly. People of the name of Tupman, very lately settled there, and encumbered with many low connexions, but giving themselves immense airs, and expecting to be on a footing with the old established families. A year and a half is the very utmost that they can have lived at West Hall; and how they got their fortune nobody knows. They came from Birmingham, which is not a place to promise much, you know, Mr. Weston. One has not great hopes from Birmingham. I always say there is something direful in the sound: but nothing more is positively known of the Tupmans, though a good many things I assure you are suspected; and yet by their manners they evidently think themselves equal even to my brother, Mr. Suckling, who happens to be one of their nearest neighbours. It is infinitely too bad. Mr. Suckling, who has been eleven years a resident at Maple Grove, and whose father had it before him – I believe, at least – I am almost sure that old Mr. Suckling had completed the purchase before his death.”

They were interrupted. Tea was carrying round, and Mr. Weston, having said all that he wanted, soon took the opportunity of walking away.

After tea, Mr. and Mrs. Weston, and Mr. Elton sat down with Mr. Woodhouse to cards. The remaining five were left to their own powers, and Emma doubted their getting on very well; for Mr. Knightley seemed little disposed for conversation; Mrs. Elton was wanting notice, which nobody had inclination to pay, and she was herself in a worry of spirits which would have made her prefer being silent.

Mr. John Knightley proved more talkative than his brother. He was to leave them early the next day; and he soon began with –

“Well, Emma, I do not believe I have any thing more to say about the boys; but you have your sister’s letter, and every thing is down at full length there we may be sure. My charge would be much more concise than her’s, and probably not much in the same spirit; all that I have to recommend being comprised in, do not spoil them, and do not physic them.”

“I rather hope to satisfy you both,” said Emma, “for I shall do all in my power to make them happy, which will be enough for Isabella; and happiness must preclude false indulgence and physic.”

“And if you find them troublesome, you must send them home again.”

“That is very likely. You think so, do not you?”

“I hope I am aware that they may be too noisy for your father – or even may be some encumbrance to you, if your visiting engagements continue to increase as much as they have done lately.”

“Increase!”

“Certainly; you must be sensible that the last half-year has made a great difference in your way of life.”

“Difference! No indeed I am not.”

“There can be no doubt of your being much more engaged with company than you used to be. Witness this very time. Here am I come down for only one day, and you are engaged with a dinner-party! – When did it happen before, or any thing like it? Your neighbourhood is increasing, and you mix more with it. A little while ago, every letter to Isabella brought an account of fresh gaieties; dinners at Mr. Cole’s, or balls at the Crown. The difference which Randalls, Randalls alone makes in your goings-on, is very great.”

“Yes,” said his brother quickly, “it is Randalls that does it all.”

“Very well – and as Randalls, I suppose, is not likely to have less influence than heretofore, it strikes me as a possible thing, Emma, that Henry and John may be sometimes in the way. And if they are, I only beg you to send them home.”

“No,” cried Mr. Knightley, “that need not be the consequence. Let them be sent to Donwell. I shall certainly be at leisure.”

“Upon my word,” exclaimed Emma, “you amuse me! I should like to know how many of all my numerous engagements take place without your being of the party; and why I am to be supposed in danger of wanting leisure to attend to the little boys. These amazing engagements of mine – what have they been? Dining once with the Coles – and having a ball talked of, which never took place. I can understand you – (nodding at Mr. John Knightley) – your good fortune in meeting with so many of your friends at once here, delights you too much to pass unnoticed. But you, (turning to Mr. Knightley,) who know how very, very seldom I am ever two hours from Hartfield, why you should foresee such a series of dissipation for me, I cannot imagine. And as to my dear little boys, I must say, that if Aunt Emma has not time for them, I do not think they would fare much better with Uncle Knightley, who is absent from home about five hours where she is absent one – and who, when he is at home, is either reading to himself or settling his accounts.”

Mr. Knightley seemed to be trying not to smile; and succeeded without difficulty, upon Mrs. Elton's beginning to talk to him.

VOLUME III

CHAPTER I

A very little quiet reflection was enough to satisfy Emma as to the nature of her agitation on hearing this news of Frank Churchill. She was soon convinced that it was not for herself she was feeling at all apprehensive or embarrassed; it was for him. Her own attachment had really subsided into a mere nothing; it was not worth thinking of; – but if he, who had undoubtedly been always so much the most in love of the two, were to be returning with the same warmth of sentiment which he had taken away, it would be very distressing. If a separation of two months should not have cooled him, there were dangers and evils before her: – caution for him and for herself would be necessary. She did not mean to have her own affections entangled again, and it would be incumbent on her to avoid any encouragement of his.

She wished she might be able to keep him from an absolute declaration. That would be so very painful a conclusion of their present acquaintance! and yet, she could not help rather anticipating something decisive. She felt as if the spring would not pass without bringing a crisis, an event, a something to alter her present composed and tranquil state.

It was not very long, though rather longer than Mr. Weston had foreseen, before she had the power of forming some opinion of Frank Churchill's feelings. The Enscombe family were not in town quite so soon as had been imagined, but he was at Highbury very soon afterwards. He rode down for a couple of hours; he could not yet do more; but as he came from Randalls immediately to Hartfield, she could then exercise all her quick observation, and speedily determine how he was influenced, and how she must act. They met with the utmost friendliness. There could be no doubt of his great pleasure in seeing her. But she had an almost instant doubt of his caring for her as he had done, of his feeling the same tenderness in the same degree. She watched him well. It was a clear thing he was less in love than he had been. Absence, with the conviction probably of her indifference, had produced this very natural and very desirable effect.

He was in high spirits; as ready to talk and laugh as ever, and seemed delighted to speak of his former visit, and recur to old stories: and he was not without agitation. It was not in his calmness that she read his comparative difference. He was not calm; his spirits were evidently fluttered; there was restlessness about him. Lively as he was, it seemed a liveliness that did not satisfy himself; but what decided her belief on the subject, was his staying only a quarter of an hour, and hurrying away to make other calls in Highbury. "He had seen a group of old acquaintance in the street as he passed – he had not stopped, he

would not stop for more than a word – but he had the vanity to think they would be disappointed if he did not call, and much as he wished to stay longer at Hartfield, he must hurry off.” She had no doubt as to his being less in love – but neither his agitated spirits, nor his hurrying away, seemed like a perfect cure; and she was rather inclined to think it implied a dread of her returning power, and a discreet resolution of not trusting himself with her long.

This was the only visit from Frank Churchill in the course of ten days. He was often hoping, intending to come – but was always prevented. His aunt could not bear to have him leave her. Such was his own account at Randall’s. If he were quite sincere, if he really tried to come, it was to be inferred that Mrs. Churchill’s removal to London had been of no service to the wilful or nervous part of her disorder. That she was really ill was very certain; he had declared himself convinced of it, at Randalls. Though much might be fancy, he could not doubt, when he looked back, that she was in a weaker state of health than she had been half a year ago. He did not believe it to proceed from any thing that care and medicine might not remove, or at least that she might not have many years of existence before her; but he could not be prevailed on, by all his father’s doubts, to say that her complaints were merely imaginary, or that she was as strong as ever.

It soon appeared that London was not the place for her. She could not endure its noise. Her nerves were under continual irritation and suffering; and by the ten days’ end, her nephew’s letter to Randalls communicated a change of plan. They were going to remove immediately to Richmond. Mrs. Churchill had been recommended to the medical skill of an eminent person there, and had otherwise a fancy for the place. A ready-furnished house in a favourite spot was engaged, and much benefit expected from the change.

Emma heard that Frank wrote in the highest spirits of this arrangement, and seemed most fully to appreciate the blessing of having two months before him of such near neighbourhood to many dear friends – for the house was taken for May and June. She was told that now he wrote with the greatest confidence of being often with them, almost as often as he could even wish.

Emma saw how Mr. Weston understood these joyous prospects. He was considering her as the source of all the happiness they offered. She hoped it was not so. Two months must bring it to the proof.

Mr. Weston’s own happiness was indisputable. He was quite delighted. It was the very circumstance he could have wished for. Now, it would be really having Frank in their neighbourhood. What were nine miles to a young man? – An hour’s ride. He would be always coming over. The difference in that respect of Richmond and London was enough to make the whole difference of seeing him

always and seeing him never. Sixteen miles – nay, eighteen – it must be full eighteen to Manchester-street – was a serious obstacle. Were he ever able to get away, the day would be spent in coming and returning. There was no comfort in having him in London; he might as well be at Enscombe; but Richmond was the very distance for easy intercourse. Better than nearer!

One good thing was immediately brought to a certainty by this removal, – the ball at the Crown. It had not been forgotten before, but it had been soon acknowledged vain to attempt to fix a day. Now, however, it was absolutely to be; every preparation was resumed, and very soon after the Churchills had removed to Richmond, a few lines from Frank, to say that his aunt felt already much better for the change, and that he had no doubt of being able to join them for twenty-four hours at any given time, induced them to name as early a day as possible.

Mr. Weston's ball was to be a real thing. A very few to-morrows stood between the young people of Highbury and happiness.

Mr. Woodhouse was resigned. The time of year lightened the evil to him. May was better for every thing than February. Mrs. Bates was engaged to spend the evening at Hartfield, James had due notice, and he sanguinely hoped that neither dear little Henry nor dear little John would have any thing the matter with them, while dear Emma were gone.

CHAPTER II

No misfortune occurred, again to prevent the ball. The day approached, the day arrived; and after a morning of some anxious watching, Frank Churchill, in all the certainty of his own self, reached Randalls before dinner, and every thing was safe.

No second meeting had there yet been between him and Emma. The room at the Crown was to witness it; – but it would be better than a common meeting in a crowd. Mr. Weston had been so very earnest in his entreaties for her arriving there as soon as possible after themselves, for the purpose of taking her opinion as to the propriety and comfort of the rooms before any other persons came, that she could not refuse him, and must therefore spend some quiet interval in the young man's company. She was to convey Harriet, and they drove to the Crown in good time, the Randalls party just sufficiently before them.

Frank Churchill seemed to have been on the watch; and though he did not say much, his eyes declared that he meant to have a delightful evening. They all walked about together, to see that every thing was as it should be; and within a few minutes were joined by the contents of another carriage, which Emma could not hear the sound of at first, without great surprize. "So unreasonably early!" she was going to exclaim; but she presently found that it was a family of old friends, who were coming, like herself, by particular desire, to help Mr. Weston's judgment; and they were so very closely followed by another carriage of cousins, who had been entreated to come early with the same distinguishing earnestness, on the same errand, that it seemed as if half the company might soon be collected together for the purpose of preparatory inspection.

Emma perceived that her taste was not the only taste on which Mr. Weston depended, and felt, that to be the favourite and intimate of a man who had so many intimates and confidantes, was not the very first distinction in the scale of vanity. She liked his open manners, but a little less of open-heartedness would have made him a higher character. – General benevolence, but not general friendship, made a man what he ought to be. – She could fancy such a man. The whole party walked about, and looked, and praised again; and then, having nothing else to do, formed a sort of half-circle round the fire, to observe in their various modes, till other subjects were started, that, though May, a fire in the evening was still very pleasant.

Emma found that it was not Mr. Weston's fault that the number of privy councillors was not yet larger. They had stopped at Mrs. Bates's door to offer the use of their carriage, but the aunt and niece were to be brought by the Eltons.

Frank was standing by her, but not steadily; there was a restlessness, which shewed a mind not at ease. He was looking about, he was going to the door, he was watching for the sound of other carriages, – impatient to begin, or afraid of being always near her.

Mrs. Elton was spoken of. “I think she must be here soon,” said he. “I have a great curiosity to see Mrs. Elton, I have heard so much of her. It cannot be long, I think, before she comes.”

A carriage was heard. He was on the move immediately; but coming back, said,

“I am forgetting that I am not acquainted with her. I have never seen either Mr. or Mrs. Elton. I have no business to put myself forward.”

Mr. and Mrs. Elton appeared; and all the smiles and the proprieties passed.

“But Miss Bates and Miss Fairfax!” said Mr. Weston, looking about. “We thought you were to bring them.”

The mistake had been slight. The carriage was sent for them now. Emma longed to know what Frank’s first opinion of Mrs. Elton might be; how he was affected by the studied elegance of her dress, and her smiles of graciousness. He was immediately qualifying himself to form an opinion, by giving her very proper attention, after the introduction had passed.

In a few minutes the carriage returned. – Somebody talked of rain. – “I will see that there are umbrellas, sir,” said Frank to his father: “Miss Bates must not be forgotten:” and away he went. Mr. Weston was following; but Mrs. Elton detained him, to gratify him by her opinion of his son; and so briskly did she begin, that the young man himself, though by no means moving slowly, could hardly be out of hearing.

“A very fine young man indeed, Mr. Weston. You know I candidly told you I should form my own opinion; and I am happy to say that I am extremely pleased with him. – You may believe me. I never compliment. I think him a very handsome young man, and his manners are precisely what I like and approve – so truly the gentleman, without the least conceit or puppyism. You must know I have a vast dislike to puppies – quite a horror of them. They were never tolerated at Maple Grove. Neither Mr. Suckling nor me had ever any patience with them; and we used sometimes to say very cutting things! Selina, who is mild almost to a fault, bore with them much better.”

While she talked of his son, Mr. Weston’s attention was chained; but

when she got to Maple Grove, he could recollect that there were ladies just arriving to be attended to, and with happy smiles must hurry away.

Mrs. Elton turned to Mrs. Weston. "I have no doubt of its being our carriage with Miss Bates and Jane. Our coachman and horses are so extremely expeditious! – I believe we drive faster than any body. – What a pleasure it is to send one's carriage for a friend! – I understand you were so kind as to offer, but another time it will be quite unnecessary. You may be very sure I shall always take care of them."

Miss Bates and Miss Fairfax, escorted by the two gentlemen, walked into the room; and Mrs. Elton seemed to think it as much her duty as Mrs. Weston's to receive them. Her gestures and movements might be understood by any one who looked on like Emma; but her words, every body's words, were soon lost under the incessant flow of Miss Bates, who came in talking, and had not finished her speech under many minutes after her being admitted into the circle at the fire. As the door opened she was heard,

"So very obliging of you! – No rain at all. Nothing to signify. I do not care for myself. Quite thick shoes. And Jane declares – Well! – (as soon as she was within the door) Well! This is brilliant indeed! – This is admirable! – Excellently contrived, upon my word. Nothing wanting. Could not have imagined it. – So well lighted up! – Jane, Jane, look! – did you ever see any thing? Oh! Mr. Weston, you must really have had Aladdin's lamp. Good Mrs. Stokes would not know her own room again. I saw her as I came in; she was standing in the entrance. 'Oh! Mrs. Stokes,' said I – but I had not time for more." She was now met by Mrs. Weston. – "Very well, I thank you, ma'am. I hope you are quite well. Very happy to hear it. So afraid you might have a headache! – seeing you pass by so often, and knowing how much trouble you must have. Delighted to hear it indeed. Ah! dear Mrs. Elton, so obliged to you for the carriage! – excellent time. Jane and I quite ready. Did not keep the horses a moment. Most comfortable carriage. – Oh! and I am sure our thanks are due to you, Mrs. Weston, on that score. Mrs. Elton had most kindly sent Jane a note, or we should have been. – But two such offers in one day! – Never were such neighbours. I said to my mother, 'Upon my word, ma'am – .' Thank you, my mother is remarkably well. Gone to Mr. Woodhouse's. I made her take her shawl – for the evenings are not warm – her large new shawl – Mrs. Dixon's wedding-present. – So kind of her to think of my mother! Bought at Weymouth, you know – Mr. Dixon's choice. There were three others, Jane says, which they hesitated about some time. Colonel Campbell rather preferred an olive. My dear Jane, are you sure you did not wet your feet? – It was but a drop or two, but I am so afraid: – but Mr. Frank Churchill was so extremely – and there was a mat to step upon – I shall never forget his extreme politeness. – Oh! Mr. Frank Churchill, I must tell

you my mother's spectacles have never been in fault since; the rivet never came out again. My mother often talks of your good-nature. Does not she, Jane? – Do not we often talk of Mr. Frank Churchill? – Ah! here's Miss Woodhouse. – Dear Miss Woodhouse, how do you do? – Very well I thank you, quite well. This is meeting quite in fairy-land! – Such a transformation! – Must not compliment, I know (eyeing Emma most complacently) – that would be rude – but upon my word, Miss Woodhouse, you do look – how do you like Jane's hair? – You are a judge. – She did it all herself. Quite wonderful how she does her hair! – No hairdresser from London I think could. – Ah! Dr. Hughes I declare – and Mrs. Hughes. Must go and speak to Dr. and Mrs. Hughes for a moment. – How do you do? How do you do? – Very well, I thank you. This is delightful, is not it? – Where's dear Mr. Richard? – Oh! there he is. Don't disturb him. Much better employed talking to the young ladies. How do you do, Mr. Richard? – I saw you the other day as you rode through the town – Mrs. Otway, I protest! – and good Mr. Otway, and Miss Otway and Miss Caroline. – Such a host of friends! – and Mr. George and Mr. Arthur! – How do you do? How do you all do? – Quite well, I am much obliged to you. Never better. – Don't I hear another carriage? – Who can this be? – very likely the worthy Coles. – Upon my word, this is charming to be standing about among such friends! And such a noble fire! – I am quite roasted. No coffee, I thank you, for me – never take coffee. – A little tea if you please, sir, by and bye, – no hurry – Oh! here it comes. Every thing so good!"

Frank Churchill returned to his station by Emma; and as soon as Miss Bates was quiet, she found herself necessarily overhearing the discourse of Mrs. Elton and Miss Fairfax, who were standing a little way behind her. – He was thoughtful. Whether he were overhearing too, she could not determine. After a good many compliments to Jane on her dress and look, compliments very quietly and properly taken, Mrs. Elton was evidently wanting to be complimented herself – and it was, "How do you like my gown? – How do you like my trimming? – How has Wright done my hair?" – with many other relative questions, all answered with patient politeness. Mrs. Elton then said, "Nobody can think less of dress in general than I do – but upon such an occasion as this, when every body's eyes are so much upon me, and in compliment to the Westons – who I have no doubt are giving this ball chiefly to do me honour – I would not wish to be inferior to others. And I see very few pearls in the room except mine. – So Frank Churchill is a capital dancer, I understand. – We shall see if our styles suit. – A fine young man certainly is Frank Churchill. I like him very well."

At this moment Frank began talking so vigorously, that Emma could not but imagine he had overheard his own praises, and did not want to hear more; – and the voices of the ladies were drowned for a while, till another suspension brought Mrs. Elton's tones again distinctly forward. – Mr. Elton had just joined

them, and his wife was exclaiming,

“Oh! you have found us out at last, have you, in our seclusion? – I was this moment telling Jane, I thought you would begin to be impatient for tidings of us.”

“Jane!” – repeated Frank Churchill, with a look of surprize and displeasure. – “That is easy – but Miss Fairfax does not disapprove it, I suppose.”

“How do you like Mrs. Elton?” said Emma in a whisper.

“Not at all.”

“You are ungrateful.”

“Ungrateful! – What do you mean?” Then changing from a frown to a smile – “No, do not tell me – I do not want to know what you mean. – Where is my father? – When are we to begin dancing?”

Emma could hardly understand him; he seemed in an odd humour. He walked off to find his father, but was quickly back again with both Mr. and Mrs. Weston. He had met with them in a little perplexity, which must be laid before Emma. It had just occurred to Mrs. Weston that Mrs. Elton must be asked to begin the ball; that she would expect it; which interfered with all their wishes of giving Emma that distinction. – Emma heard the sad truth with fortitude.

“And what are we to do for a proper partner for her?” said Mr. Weston. “She will think Frank ought to ask her.”

Frank turned instantly to Emma, to claim her former promise; and boasted himself an engaged man, which his father looked his most perfect approbation of – and it then appeared that Mrs. Weston was wanting him to dance with Mrs. Elton himself, and that their business was to help to persuade him into it, which was done pretty soon. – Mr. Weston and Mrs. Elton led the way, Mr. Frank Churchill and Miss Woodhouse followed. Emma must submit to stand second to Mrs. Elton, though she had always considered the ball as peculiarly for her. It was almost enough to make her think of marrying. Mrs. Elton had undoubtedly the advantage, at this time, in vanity completely gratified; for though she had intended to begin with Frank Churchill, she could not lose by the change. Mr. Weston might be his son’s superior. – In spite of this little rub, however, Emma was smiling with enjoyment, delighted to see the respectable length of the set as it was forming, and to feel that she had so many hours of unusual festivity before her. – She was more disturbed by Mr. Knightley’s not dancing than by any thing else. – There he was, among the standers-by, where he ought not to be; he ought to be dancing, – not classing himself with the husbands, and fathers, and whist-

players, who were pretending to feel an interest in the dance till their rubbers were made up, – so young as he looked! – He could not have appeared to greater advantage perhaps anywhere, than where he had placed himself. His tall, firm, upright figure, among the bulky forms and stooping shoulders of the elderly men, was such as Emma felt must draw every body's eyes; and, excepting her own partner, there was not one among the whole row of young men who could be compared with him. – He moved a few steps nearer, and those few steps were enough to prove in how gentlemanlike a manner, with what natural grace, he must have danced, would he but take the trouble. – Whenever she caught his eye, she forced him to smile; but in general he was looking grave. She wished he could love a ballroom better, and could like Frank Churchill better. – He seemed often observing her. She must not flatter herself that he thought of her dancing, but if he were criticising her behaviour, she did not feel afraid. There was nothing like flirtation between her and her partner. They seemed more like cheerful, easy friends, than lovers. That Frank Churchill thought less of her than he had done, was indubitable.

The ball proceeded pleasantly. The anxious cares, the incessant attentions of Mrs. Weston, were not thrown away. Every body seemed happy; and the praise of being a delightful ball, which is seldom bestowed till after a ball has ceased to be, was repeatedly given in the very beginning of the existence of this. Of very important, very recordable events, it was not more productive than such meetings usually are. There was one, however, which Emma thought something of. – The two last dances before supper were begun, and Harriet had no partner; – the only young lady sitting down; – and so equal had been hitherto the number of dancers, that how there could be any one disengaged was the wonder! – But Emma's wonder lessened soon afterwards, on seeing Mr. Elton sauntering about. He would not ask Harriet to dance if it were possible to be avoided: she was sure he would not – and she was expecting him every moment to escape into the card-room.

Escape, however, was not his plan. He came to the part of the room where the sitters-by were collected, spoke to some, and walked about in front of them, as if to shew his liberty, and his resolution of maintaining it. He did not omit being sometimes directly before Miss Smith, or speaking to those who were close to her. – Emma saw it. She was not yet dancing; she was working her way up from the bottom, and had therefore leisure to look around, and by only turning her head a little she saw it all. When she was half-way up the set, the whole group were exactly behind her, and she would no longer allow her eyes to watch; but Mr. Elton was so near, that she heard every syllable of a dialogue which just then took place between him and Mrs. Weston; and she perceived that his wife, who was standing immediately above her, was not only listening also, but even

encouraging him by significant glances. – The kind-hearted, gentle Mrs. Weston had left her seat to join him and say, “Do not you dance, Mr. Elton?” to which his prompt reply was, “Most readily, Mrs. Weston, if you will dance with me.”

“Me! – oh! no – I would get you a better partner than myself. I am no dancer.”

“If Mrs. Gilbert wishes to dance,” said he, “I shall have great pleasure, I am sure – for, though beginning to feel myself rather an old married man, and that my dancing days are over, it would give me very great pleasure at any time to stand up with an old friend like Mrs. Gilbert.”

“Mrs. Gilbert does not mean to dance, but there is a young lady disengaged whom I should be very glad to see dancing – Miss Smith.” “Miss Smith! – oh! – I had not observed. – You are extremely obliging – and if I were not an old married man. – But my dancing days are over, Mrs. Weston. You will excuse me. Any thing else I should be most happy to do, at your command – but my dancing days are over.”

Mrs. Weston said no more; and Emma could imagine with what surprize and mortification she must be returning to her seat. This was Mr. Elton! the amiable, obliging, gentle Mr. Elton. – She looked round for a moment; he had joined Mr. Knightley at a little distance, and was arranging himself for settled conversation, while smiles of high glee passed between him and his wife.

She would not look again. Her heart was in a glow, and she feared her face might be as hot.

In another moment a happier sight caught her; – Mr. Knightley leading Harriet to the set! – Never had she been more surprized, seldom more delighted, than at that instant. She was all pleasure and gratitude, both for Harriet and herself, and longed to be thanking him; and though too distant for speech, her countenance said much, as soon as she could catch his eye again.

His dancing proved to be just what she had believed it, extremely good; and Harriet would have seemed almost too lucky, if it had not been for the cruel state of things before, and for the very complete enjoyment and very high sense of the distinction which her happy features announced. It was not thrown away on her, she bounded higher than ever, flew farther down the middle, and was in a continual course of smiles.

Mr. Elton had retreated into the card-room, looking (Emma trusted) very foolish. She did not think he was quite so hardened as his wife, though growing very like her; – she spoke some of her feelings, by observing audibly to her partner,

“Knightley has taken pity on poor little Miss Smith! – Very good-natured, I declare.”

Supper was announced. The move began; and Miss Bates might be heard from that moment, without interruption, till her being seated at table and taking up her spoon.

“Jane, Jane, my dear Jane, where are you? – Here is your tippet. Mrs. Weston begs you to put on your tippet. She says she is afraid there will be draughts in the passage, though every thing has been done – One door nailed up – Quantities of matting – My dear Jane, indeed you must. Mr. Churchill, oh! you are too obliging! How well you put it on! – so gratified! Excellent dancing indeed! – Yes, my dear, I ran home, as I said I should, to help grandmama to bed, and got back again, and nobody missed me. – I set off without saying a word, just as I told you. Grandmama was quite well, had a charming evening with Mr. Woodhouse, a vast deal of chat, and backgammon. – Tea was made downstairs, biscuits and baked apples and wine before she came away: amazing luck in some of her throws: and she inquired a great deal about you, how you were amused, and who were your partners. ‘Oh!’ said I, ‘I shall not forestall Jane; I left her dancing with Mr. George Otway; she will love to tell you all about it herself tomorrow: her first partner was Mr. Elton, I do not know who will ask her next, perhaps Mr. William Cox.’ My dear sir, you are too obliging. – Is there nobody you would not rather? – I am not helpless. Sir, you are most kind. Upon my word, Jane on one arm, and me on the other! – Stop, stop, let us stand a little back, Mrs. Elton is going; dear Mrs. Elton, how elegant she looks! – Beautiful lace! – Now we all follow in her train. Quite the queen of the evening! – Well, here we are at the passage. Two steps, Jane, take care of the two steps. Oh! no, there is but one. Well, I was persuaded there were two. How very odd! I was convinced there were two, and there is but one. I never saw any thing equal to the comfort and style – Candles every where. – I was telling you of your grandmama, Jane, – There was a little disappointment. – The baked apples and biscuits, excellent in their way, you know; but there was a delicate fricassee of sweetbread and some asparagus brought in at first, and good Mr. Woodhouse, not thinking the asparagus quite boiled enough, sent it all out again. Now there is nothing grandmama loves better than sweetbread and asparagus – so she was rather disappointed, but we agreed we would not speak of it to any body, for fear of its getting round to dear Miss Woodhouse, who would be so very much concerned! – Well, this is brilliant! I am all amazement! could not have supposed any thing! – Such elegance and profusion! – I have seen nothing like it since – Well, where shall we sit? where shall we sit? Anywhere, so that Jane is not in a draught. Where I sit is of no consequence. Oh! do you recommend this side? – Well, I am sure, Mr. Churchill – only it seems too good – but just as you please. What you direct in this house

cannot be wrong. Dear Jane, how shall we ever recollect half the dishes for grandmama? Soup too! Bless me! I should not be helped so soon, but it smells most excellent, and I cannot help beginning.”

Emma had no opportunity of speaking to Mr. Knightley till after supper; but, when they were all in the ballroom again, her eyes invited him irresistibly to come to her and be thanked. He was warm in his reprobation of Mr. Elton’s conduct; it had been unpardonable rudeness; and Mrs. Elton’s looks also received the due share of censure.

“They aimed at wounding more than Harriet,” said he. “Emma, why is it that they are your enemies?”

He looked with smiling penetration; and, on receiving no answer, added, “She ought not to be angry with you, I suspect, whatever he may be. – To that surmise, you say nothing, of course; but confess, Emma, that you did want him to marry Harriet.”

“I did,” replied Emma, “and they cannot forgive me.”

He shook his head; but there was a smile of indulgence with it, and he only said,

“I shall not scold you. I leave you to your own reflections.”

“Can you trust me with such flatterers? – Does my vain spirit ever tell me I am wrong?”

“Not your vain spirit, but your serious spirit. – If one leads you wrong, I am sure the other tells you of it.”

“I do own myself to have been completely mistaken in Mr. Elton. There is a littleness about him which you discovered, and which I did not: and I was fully convinced of his being in love with Harriet. It was through a series of strange blunders!”

“And, in return for your acknowledging so much, I will do you the justice to say, that you would have chosen for him better than he has chosen for himself. – Harriet Smith has some first-rate qualities, which Mrs. Elton is totally without. An unpretending, single-minded, artless girl – infinitely to be preferred by any man of sense and taste to such a woman as Mrs. Elton. I found Harriet more conversable than I expected.”

Emma was extremely gratified. – They were interrupted by the bustle of Mr. Weston calling on every body to begin dancing again.

“Come Miss Woodhouse, Miss Otway, Miss Fairfax, what are you all

doing? – Come Emma, set your companions the example. Every body is lazy! Every body is asleep!”

“I am ready,” said Emma, “whenever I am wanted.”

“Whom are you going to dance with?” asked Mr. Knightley.

She hesitated a moment, and then replied, “With you, if you will ask me.”

“Will you?” said he, offering his hand.

“Indeed I will. You have shewn that you can dance, and you know we are not really so much brother and sister as to make it at all improper.”

“Brother and sister! no, indeed.”

CHAPTER III

This little explanation with Mr. Knightley gave Emma considerable pleasure. It was one of the agreeable recollections of the ball, which she walked about the lawn the next morning to enjoy. – She was extremely glad that they had come to so good an understanding respecting the Eltons, and that their opinions of both husband and wife were so much alike; and his praise of Harriet, his concession in her favour, was peculiarly gratifying. The impertinence of the Eltons, which for a few minutes had threatened to ruin the rest of her evening, had been the occasion of some of its highest satisfactions; and she looked forward to another happy result – the cure of Harriet's infatuation. – From Harriet's manner of speaking of the circumstance before they quitted the ballroom, she had strong hopes. It seemed as if her eyes were suddenly opened, and she were enabled to see that Mr. Elton was not the superior creature she had believed him. The fever was over, and Emma could harbour little fear of the pulse being quickened again by injurious courtesy. She depended on the evil feelings of the Eltons for supplying all the discipline of pointed neglect that could be farther requisite. – Harriet rational, Frank Churchill not too much in love, and Mr. Knightley not wanting to quarrel with her, how very happy a summer must be before her!

She was not to see Frank Churchill this morning. He had told her that he could not allow himself the pleasure of stopping at Hartfield, as he was to be at home by the middle of the day. She did not regret it.

Having arranged all these matters, looked them through, and put them all to rights, she was just turning to the house with spirits freshened up for the demands of the two little boys, as well as of their grandpapa, when the great iron sweep-gate opened, and two persons entered whom she had never less expected to see together – Frank Churchill, with Harriet leaning on his arm – actually Harriet! – A moment sufficed to convince her that something extraordinary had happened. Harriet looked white and frightened, and he was trying to cheer her. – The iron gates and the front-door were not twenty yards asunder; – they were all three soon in the hall, and Harriet immediately sinking into a chair fainted away.

A young lady who faints, must be recovered; questions must be answered, and surprizes be explained. Such events are very interesting, but the suspense of them cannot last long. A few minutes made Emma acquainted with the whole.

Miss Smith, and Miss Bickerton, another parlour boarder at Mrs. Goddard's, who had been also at the ball, had walked out together, and taken a

road, the Richmond road, which, though apparently public enough for safety, had led them into alarm. – About half a mile beyond Highbury, making a sudden turn, and deeply shaded by elms on each side, it became for a considerable stretch very retired; and when the young ladies had advanced some way into it, they had suddenly perceived at a small distance before them, on a broader patch of greensward by the side, a party of gipsies. A child on the watch, came towards them to beg; and Miss Bickerton, excessively frightened, gave a great scream, and calling on Harriet to follow her, ran up a steep bank, cleared a slight hedge at the top, and made the best of her way by a short cut back to Highbury. But poor Harriet could not follow. She had suffered very much from cramp after dancing, and her first attempt to mount the bank brought on such a return of it as made her absolutely powerless – and in this state, and exceedingly terrified, she had been obliged to remain.

How the trampers might have behaved, had the young ladies been more courageous, must be doubtful; but such an invitation for attack could not be resisted; and Harriet was soon assailed by half a dozen children, headed by a stout woman and a great boy, all clamorous, and impertinent in look, though not absolutely in word. – More and more frightened, she immediately promised them money, and taking out her purse, gave them a shilling, and begged them not to want more, or to use her ill. – She was then able to walk, though but slowly, and was moving away – but her terror and her purse were too tempting, and she was followed, or rather surrounded, by the whole gang, demanding more.

In this state Frank Churchill had found her, she trembling and conditioning, they loud and insolent. By a most fortunate chance his leaving Highbury had been delayed so as to bring him to her assistance at this critical moment. The pleasantness of the morning had induced him to walk forward, and leave his horses to meet him by another road, a mile or two beyond Highbury – and happening to have borrowed a pair of scissors the night before of Miss Bates, and to have forgotten to restore them, he had been obliged to stop at her door, and go in for a few minutes: he was therefore later than he had intended; and being on foot, was unseen by the whole party till almost close to them. The terror which the woman and boy had been creating in Harriet was then their own portion. He had left them completely frightened; and Harriet eagerly clinging to him, and hardly able to speak, had just strength enough to reach Hartfield, before her spirits were quite overcome. It was his idea to bring her to Hartfield: he had thought of no other place.

This was the amount of the whole story, – of his communication and of Harriet's as soon as she had recovered her senses and speech. – He dared not stay longer than to see her well; these several delays left him not another minute to lose; and Emma engaging to give assurance of her safety to Mrs. Goddard, and

notice of there being such a set of people in the neighbourhood to Mr. Knightley, he set off, with all the grateful blessings that she could utter for her friend and herself.

Such an adventure as this, – a fine young man and a lovely young woman thrown together in such a way, could hardly fail of suggesting certain ideas to the coldest heart and the steadiest brain. So Emma thought, at least. Could a linguist, could a grammarian, could even a mathematician have seen what she did, have witnessed their appearance together, and heard their history of it, without feeling that circumstances had been at work to make them peculiarly interesting to each other? – How much more must an imaginalist, like herself, be on fire with speculation and foresight! – especially with such a groundwork of anticipation as her mind had already made.

It was a very extraordinary thing! Nothing of the sort had ever occurred before to any young ladies in the place, within her memory; no rencontre, no alarm of the kind; – and now it had happened to the very person, and at the very hour, when the other very person was chancing to pass by to rescue her! – It certainly was very extraordinary! – And knowing, as she did, the favourable state of mind of each at this period, it struck her the more. He was wishing to get the better of his attachment to herself, she just recovering from her mania for Mr. Elton. It seemed as if every thing united to promise the most interesting consequences. It was not possible that the occurrence should not be strongly recommending each to the other.

In the few minutes' conversation which she had yet had with him, while Harriet had been partially insensible, he had spoken of her terror, her naivete, her fervour as she seized and clung to his arm, with a sensibility amused and delighted; and just at last, after Harriet's own account had been given, he had expressed his indignation at the abominable folly of Miss Bickerton in the warmest terms. Every thing was to take its natural course, however, neither impelled nor assisted. She would not stir a step, nor drop a hint. No, she had had enough of interference. There could be no harm in a scheme, a mere passive scheme. It was no more than a wish. Beyond it she would on no account proceed.

Emma's first resolution was to keep her father from the knowledge of what had passed, – aware of the anxiety and alarm it would occasion: but she soon felt that concealment must be impossible. Within half an hour it was known all over Highbury. It was the very event to engage those who talk most, the young and the low; and all the youth and servants in the place were soon in the happiness of frightful news. The last night's ball seemed lost in the gipsies. Poor Mr. Woodhouse trembled as he sat, and, as Emma had foreseen, would scarcely be satisfied without their promising never to go beyond the shrubbery again. It was

some comfort to him that many inquiries after himself and Miss Woodhouse (for his neighbours knew that he loved to be inquired after), as well as Miss Smith, were coming in during the rest of the day; and he had the pleasure of returning for answer, that they were all very indifferent – which, though not exactly true, for she was perfectly well, and Harriet not much otherwise, Emma would not interfere with. She had an unhappy state of health in general for the child of such a man, for she hardly knew what indisposition was; and if he did not invent illnesses for her, she could make no figure in a message.

The gipsies did not wait for the operations of justice; they took themselves off in a hurry. The young ladies of Highbury might have walked again in safety before their panic began, and the whole history dwindled soon into a matter of little importance but to Emma and her nephews: – in her imagination it maintained its ground, and Henry and John were still asking every day for the story of Harriet and the gipsies, and still tenaciously setting her right if she varied in the slightest particular from the original recital.

CHAPTER IV

A very few days had passed after this adventure, when Harriet came one morning to Emma with a small parcel in her hand, and after sitting down and hesitating, thus began:

“Miss Woodhouse – if you are at leisure – I have something that I should like to tell you – a sort of confession to make – and then, you know, it will be over.”

Emma was a good deal surprized; but begged her to speak. There was a seriousness in Harriet’s manner which prepared her, quite as much as her words, for something more than ordinary.

“It is my duty, and I am sure it is my wish,” she continued, “to have no reserves with you on this subject. As I am happily quite an altered creature in one respect, it is very fit that you should have the satisfaction of knowing it. I do not want to say more than is necessary – I am too much ashamed of having given way as I have done, and I dare say you understand me.”

“Yes,” said Emma, “I hope I do.”

“How I could so long a time be fancying myself!...” cried Harriet, warmly. “It seems like madness! I can see nothing at all extraordinary in him now. – I do not care whether I meet him or not – except that of the two I had rather not see him – and indeed I would go any distance round to avoid him – but I do not envy his wife in the least; I neither admire her nor envy her, as I have done: she is very charming, I dare say, and all that, but I think her very ill-tempered and disagreeable – I shall never forget her look the other night! – However, I assure you, Miss Woodhouse, I wish her no evil. – No, let them be ever so happy together, it will not give me another moment’s pang: and to convince you that I have been speaking truth, I am now going to destroy – what I ought to have destroyed long ago – what I ought never to have kept – I know that very well (blushing as she spoke). – However, now I will destroy it all – and it is my particular wish to do it in your presence, that you may see how rational I am grown. Cannot you guess what this parcel holds?” said she, with a conscious look.

“Not the least in the world. – Did he ever give you any thing?”

“No – I cannot call them gifts; but they are things that I have valued very much.”

She held the parcel towards her, and Emma read the words Most precious treasures on the top. Her curiosity was greatly excited. Harriet unfolded

the parcel, and she looked on with impatience. Within abundance of silver paper was a pretty little Tunbridge-ware box, which Harriet opened: it was well lined with the softest cotton; but, excepting the cotton, Emma saw only a small piece of court-plaister.

“Now,” said Harriet, “you must recollect.”

“No, indeed I do not.”

“Dear me! I should not have thought it possible you could forget what passed in this very room about court-plaister, one of the very last times we ever met in it! – It was but a very few days before I had my sore throat – just before Mr. and Mrs. John Knightley came – I think the very evening. – Do not you remember his cutting his finger with your new penknife, and your recommending court-plaister? – But, as you had none about you, and knew I had, you desired me to supply him; and so I took mine out and cut him a piece; but it was a great deal too large, and he cut it smaller, and kept playing some time with what was left, before he gave it back to me. And so then, in my nonsense, I could not help making a treasure of it – so I put it by never to be used, and looked at it now and then as a great treat.”

“My dearest Harriet!” cried Emma, putting her hand before her face, and jumping up, “you make me more ashamed of myself than I can bear. Remember it? Aye, I remember it all now; all, except your saving this relic – I knew nothing of that till this moment – but the cutting the finger, and my recommending court-plaister, and saying I had none about me! – Oh! my sins, my sins! – And I had plenty all the while in my pocket! – One of my senseless tricks! – I deserve to be under a continual blush all the rest of my life. – Well – (sitting down again) – go on – what else?”

“And had you really some at hand yourself? I am sure I never suspected it, you did it so naturally.”

“And so you actually put this piece of court-plaister by for his sake!” said Emma, recovering from her state of shame and feeling divided between wonder and amusement. And secretly she added to herself, “Lord bless me! when should I ever have thought of putting by in cotton a piece of court-plaister that Frank Churchill had been pulling about! I never was equal to this.”

“Here,” resumed Harriet, turning to her box again, “here is something still more valuable, I mean that has been more valuable, because this is what did really once belong to him, which the court-plaister never did.”

Emma was quite eager to see this superior treasure. It was the end of an old pencil, – the part without any lead.

“This was really his,” said Harriet. – “Do not you remember one morning? – no, I dare say you do not. But one morning – I forget exactly the day – but perhaps it was the Tuesday or Wednesday before that evening, he wanted to make a memorandum in his pocket-book; it was about spruce-beer. Mr. Knightley had been telling him something about brewing spruce-beer, and he wanted to put it down; but when he took out his pencil, there was so little lead that he soon cut it all away, and it would not do, so you lent him another, and this was left upon the table as good for nothing. But I kept my eye on it; and, as soon as I dared, caught it up, and never parted with it again from that moment.”

“I do remember it,” cried Emma; “I perfectly remember it. – Talking about spruce-beer. – Oh! yes – Mr. Knightley and I both saying we liked it, and Mr. Elton’s seeming resolved to learn to like it too. I perfectly remember it. – Stop; Mr. Knightley was standing just here, was not he? I have an idea he was standing just here.”

“Ah! I do not know. I cannot recollect. – It is very odd, but I cannot recollect. – Mr. Elton was sitting here, I remember, much about where I am now.” –

“Well, go on.”

“Oh! that’s all. I have nothing more to shew you, or to say – except that I am now going to throw them both behind the fire, and I wish you to see me do it.”

“My poor dear Harriet! and have you actually found happiness in treasuring up these things?”

“Yes, simpleton as I was! – but I am quite ashamed of it now, and wish I could forget as easily as I can burn them. It was very wrong of me, you know, to keep any remembrances, after he was married. I knew it was – but had not resolution enough to part with them.”

“But, Harriet, is it necessary to burn the court-plaister? – I have not a word to say for the bit of old pencil, but the court-plaister might be useful.”

“I shall be happier to burn it,” replied Harriet. “It has a disagreeable look to me. I must get rid of every thing. – There it goes, and there is an end, thank Heaven! of Mr. Elton.”

“And when,” thought Emma, “will there be a beginning of Mr. Churchill?”

She had soon afterwards reason to believe that the beginning was already made, and could not but hope that the gipsy, though she had told no

fortune, might be proved to have made Harriet's. – About a fortnight after the alarm, they came to a sufficient explanation, and quite undesignedly. Emma was not thinking of it at the moment, which made the information she received more valuable. She merely said, in the course of some trivial chat, "Well, Harriet, whenever you marry I would advise you to do so and so" – and thought no more of it, till after a minute's silence she heard Harriet say in a very serious tone, "I shall never marry."

Emma then looked up, and immediately saw how it was; and after a moment's debate, as to whether it should pass unnoticed or not, replied,

"Never marry! – This is a new resolution."

"It is one that I shall never change, however."

After another short hesitation, "I hope it does not proceed from – I hope it is not in compliment to Mr. Elton?"

"Mr. Elton indeed!" cried Harriet indignantly. – "Oh! no" – and Emma could just catch the words, "so superior to Mr. Elton!"

She then took a longer time for consideration. Should she proceed no farther? – should she let it pass, and seem to suspect nothing? – Perhaps Harriet might think her cold or angry if she did; or perhaps if she were totally silent, it might only drive Harriet into asking her to hear too much; and against any thing like such an unreserve as had been, such an open and frequent discussion of hopes and chances, she was perfectly resolved. – She believed it would be wiser for her to say and know at once, all that she meant to say and know. Plain dealing was always best. She had previously determined how far she would proceed, on any application of the sort; and it would be safer for both, to have the judicious law of her own brain laid down with speed. – She was decided, and thus spoke –

"Harriet, I will not affect to be in doubt of your meaning. Your resolution, or rather your expectation of never marrying, results from an idea that the person whom you might prefer, would be too greatly your superior in situation to think of you. Is not it so?"

"Oh! Miss Woodhouse, believe me I have not the presumption to suppose – Indeed I am not so mad. – But it is a pleasure to me to admire him at a distance – and to think of his infinite superiority to all the rest of the world, with the gratitude, wonder, and veneration, which are so proper, in me especially."

"I am not at all surprized at you, Harriet. The service he rendered you was enough to warm your heart."

"Service! oh! it was such an inexpressible obligation! – The very

recollection of it, and all that I felt at the time – when I saw him coming – his noble look – and my wretchedness before. Such a change! In one moment such a change! From perfect misery to perfect happiness!”

“It is very natural. It is natural, and it is honourable. – Yes, honourable, I think, to chuse so well and so gratefully. – But that it will be a fortunate preference is more that I can promise. I do not advise you to give way to it, Harriet. I do not by any means engage for its being returned. Consider what you are about. Perhaps it will be wisest in you to check your feelings while you can: at any rate do not let them carry you far, unless you are persuaded of his liking you. Be observant of him. Let his behaviour be the guide of your sensations. I give you this caution now, because I shall never speak to you again on the subject. I am determined against all interference. Henceforward I know nothing of the matter. Let no name ever pass our lips. We were very wrong before; we will be cautious now. – He is your superior, no doubt, and there do seem objections and obstacles of a very serious nature; but yet, Harriet, more wonderful things have taken place, there have been matches of greater disparity. But take care of yourself. I would not have you too sanguine; though, however it may end, be assured your raising your thoughts to him, is a mark of good taste which I shall always know how to value.”

Harriet kissed her hand in silent and submissive gratitude. Emma was very decided in thinking such an attachment no bad thing for her friend. Its tendency would be to raise and refine her mind – and it must be saving her from the danger of degradation.

CHAPTER V

In this state of schemes, and hopes, and connivance, June opened upon Hartfield. To Highbury in general it brought no material change. The Eltons were still talking of a visit from the Sucklings, and of the use to be made of their barouche-landau; and Jane Fairfax was still at her grandmother's; and as the return of the Campbells from Ireland was again delayed, and August, instead of Midsummer, fixed for it, she was likely to remain there full two months longer, provided at least she were able to defeat Mrs. Elton's activity in her service, and save herself from being hurried into a delightful situation against her will.

Mr. Knightley, who, for some reason best known to himself, had certainly taken an early dislike to Frank Churchill, was only growing to dislike him more. He began to suspect him of some double dealing in his pursuit of Emma. That Emma was his object appeared indisputable. Every thing declared it; his own attentions, his father's hints, his mother-in-law's guarded silence; it was all in unison; words, conduct, discretion, and indiscretion, told the same story. But while so many were devoting him to Emma, and Emma herself making him over to Harriet, Mr. Knightley began to suspect him of some inclination to trifle with Jane Fairfax. He could not understand it; but there were symptoms of intelligence between them – he thought so at least – symptoms of admiration on his side, which, having once observed, he could not persuade himself to think entirely void of meaning, however he might wish to escape any of Emma's errors of imagination. She was not present when the suspicion first arose. He was dining with the Randalls family, and Jane, at the Eltons'; and he had seen a look, more than a single look, at Miss Fairfax, which, from the admirer of Miss Woodhouse, seemed somewhat out of place. When he was again in their company, he could not help remembering what he had seen; nor could he avoid observations which, unless it were like Cowper and his fire at twilight,

“Myself creating what I saw,”

brought him yet stronger suspicion of there being a something of private liking, of private understanding even, between Frank Churchill and Jane.

He had walked up one day after dinner, as he very often did, to spend his evening at Hartfield. Emma and Harriet were going to walk; he joined them; and, on returning, they fell in with a larger party, who, like themselves, judged it wisest to take their exercise early, as the weather threatened rain; Mr. and Mrs. Weston and their son, Miss Bates and her niece, who had accidentally met. They all united; and, on reaching Hartfield gates, Emma, who knew it was exactly the sort of visiting that would be welcome to her father, pressed them all to go in and

drink tea with him. The Randalls party agreed to it immediately; and after a pretty long speech from Miss Bates, which few persons listened to, she also found it possible to accept dear Miss Woodhouse's most obliging invitation.

As they were turning into the grounds, Mr. Perry passed by on horseback. The gentlemen spoke of his horse.

"By the bye," said Frank Churchill to Mrs. Weston presently, "what became of Mr. Perry's plan of setting up his carriage?"

Mrs. Weston looked surprized, and said, "I did not know that he ever had any such plan."

"Nay, I had it from you. You wrote me word of it three months ago."

"Me! impossible!"

"Indeed you did. I remember it perfectly. You mentioned it as what was certainly to be very soon. Mrs. Perry had told somebody, and was extremely happy about it. It was owing to her persuasion, as she thought his being out in bad weather did him a great deal of harm. You must remember it now?"

"Upon my word I never heard of it till this moment."

"Never! really, never! – Bless me! how could it be? – Then I must have dreamt it – but I was completely persuaded – Miss Smith, you walk as if you were tired. You will not be sorry to find yourself at home."

"What is this? – What is this?" cried Mr. Weston, "about Perry and a carriage? Is Perry going to set up his carriage, Frank? I am glad he can afford it. You had it from himself, had you?"

"No, sir," replied his son, laughing, "I seem to have had it from nobody. – Very odd! – I really was persuaded of Mrs. Weston's having mentioned it in one of her letters to Enscombe, many weeks ago, with all these particulars – but as she declares she never heard a syllable of it before, of course it must have been a dream. I am a great dreamer. I dream of every body at Highbury when I am away – and when I have gone through my particular friends, then I begin dreaming of Mr. and Mrs. Perry."

"It is odd though," observed his father, "that you should have had such a regular connected dream about people whom it was not very likely you should be thinking of at Enscombe. Perry's setting up his carriage! and his wife's persuading him to it, out of care for his health – just what will happen, I have no doubt, some time or other; only a little premature. What an air of probability sometimes runs through a dream! And at others, what a heap of absurdities it is! Well, Frank, your

dream certainly shews that Highbury is in your thoughts when you are absent. Emma, you are a great dreamer, I think?"

Emma was out of hearing. She had hurried on before her guests to prepare her father for their appearance, and was beyond the reach of Mr. Weston's hint.

"Why, to own the truth," cried Miss Bates, who had been trying in vain to be heard the last two minutes, "if I must speak on this subject, there is no denying that Mr. Frank Churchill might have – I do not mean to say that he did not dream it – I am sure I have sometimes the oddest dreams in the world – but if I am questioned about it, I must acknowledge that there was such an idea last spring; for Mrs. Perry herself mentioned it to my mother, and the Coles knew of it as well as ourselves – but it was quite a secret, known to nobody else, and only thought of about three days. Mrs. Perry was very anxious that he should have a carriage, and came to my mother in great spirits one morning because she thought she had prevailed. Jane, don't you remember grandmama's telling us of it when we got home? I forget where we had been walking to – very likely to Randalls; yes, I think it was to Randalls. Mrs. Perry was always particularly fond of my mother – indeed I do not know who is not – and she had mentioned it to her in confidence; she had no objection to her telling us, of course, but it was not to go beyond: and, from that day to this, I never mentioned it to a soul that I know of. At the same time, I will not positively answer for my having never dropt a hint, because I know I do sometimes pop out a thing before I am aware. I am a talker, you know; I am rather a talker; and now and then I have let a thing escape me which I should not. I am not like Jane; I wish I were. I will answer for it she never betrayed the least thing in the world. Where is she? – Oh! just behind. Perfectly remember Mrs. Perry's coming. – Extraordinary dream, indeed!"

They were entering the hall. Mr. Knightley's eyes had preceded Miss Bates's in a glance at Jane. From Frank Churchill's face, where he thought he saw confusion suppressed or laughed away, he had involuntarily turned to hers; but she was indeed behind, and too busy with her shawl. Mr. Weston had walked in. The two other gentlemen waited at the door to let her pass. Mr. Knightley suspected in Frank Churchill the determination of catching her eye – he seemed watching her intently – in vain, however, if it were so – Jane passed between them into the hall, and looked at neither.

There was no time for farther remark or explanation. The dream must be borne with, and Mr. Knightley must take his seat with the rest round the large modern circular table which Emma had introduced at Hartfield, and which none but Emma could have had power to place there and persuade her father to use, instead of the small-sized Pembroke, on which two of his daily meals had, for

forty years been crowded. Tea passed pleasantly, and nobody seemed in a hurry to move.

“Miss Woodhouse,” said Frank Churchill, after examining a table behind him, which he could reach as he sat, “have your nephews taken away their alphabets – their box of letters? It used to stand here. Where is it? This is a sort of dull-looking evening, that ought to be treated rather as winter than summer. We had great amusement with those letters one morning. I want to puzzle you again.”

Emma was pleased with the thought; and producing the box, the table was quickly scattered over with alphabets, which no one seemed so much disposed to employ as their two selves. They were rapidly forming words for each other, or for any body else who would be puzzled. The quietness of the game made it particularly eligible for Mr. Woodhouse, who had often been distressed by the more animated sort, which Mr. Weston had occasionally introduced, and who now sat happily occupied in lamenting, with tender melancholy, over the departure of the “poor little boys,” or in fondly pointing out, as he took up any stray letter near him, how beautifully Emma had written it.

Frank Churchill placed a word before Miss Fairfax. She gave a slight glance round the table, and applied herself to it. Frank was next to Emma, Jane opposite to them – and Mr. Knightley so placed as to see them all; and it was his object to see as much as he could, with as little apparent observation. The word was discovered, and with a faint smile pushed away. If meant to be immediately mixed with the others, and buried from sight, she should have looked on the table instead of looking just across, for it was not mixed; and Harriet, eager after every fresh word, and finding out none, directly took it up, and fell to work. She was sitting by Mr. Knightley, and turned to him for help. The word was blunder; and as Harriet exultingly proclaimed it, there was a blush on Jane’s cheek which gave it a meaning not otherwise ostensible. Mr. Knightley connected it with the dream; but how it could all be, was beyond his comprehension. How the delicacy, the discretion of his favourite could have been so lain asleep! He feared there must be some decided involvement. Disingenuousness and double dealing seemed to meet him at every turn. These letters were but the vehicle for gallantry and trick. It was a child’s play, chosen to conceal a deeper game on Frank Churchill’s part.

With great indignation did he continue to observe him; with great alarm and distrust, to observe also his two blinded companions. He saw a short word prepared for Emma, and given to her with a look sly and demure. He saw that Emma had soon made it out, and found it highly entertaining, though it was something which she judged it proper to appear to censure; for she said, “Nonsense! for shame!” He heard Frank Churchill next say, with a glance towards Jane, “I will give it to her – shall I?” – and as clearly heard Emma

opposing it with eager laughing warmth. “No, no, you must not; you shall not, indeed.”

It was done however. This gallant young man, who seemed to love without feeling, and to recommend himself without complaisance, directly handed over the word to Miss Fairfax, and with a particular degree of sedate civility entreated her to study it. Mr. Knightley’s excessive curiosity to know what this word might be, made him seize every possible moment for darting his eye towards it, and it was not long before he saw it to be Dixon. Jane Fairfax’s perception seemed to accompany his; her comprehension was certainly more equal to the covert meaning, the superior intelligence, of those five letters so arranged. She was evidently displeased; looked up, and seeing herself watched, blushed more deeply than he had ever perceived her, and saying only, “I did not know that proper names were allowed,” pushed away the letters with even an angry spirit, and looked resolved to be engaged by no other word that could be offered. Her face was averted from those who had made the attack, and turned towards her aunt.

“Aye, very true, my dear,” cried the latter, though Jane had not spoken a word – “I was just going to say the same thing. It is time for us to be going indeed. The evening is closing in, and grandmama will be looking for us. My dear sir, you are too obliging. We really must wish you good night.”

Jane’s alertness in moving, proved her as ready as her aunt had preconceived. She was immediately up, and wanting to quit the table; but so many were also moving, that she could not get away; and Mr. Knightley thought he saw another collection of letters anxiously pushed towards her, and resolutely swept away by her unexamined. She was afterwards looking for her shawl – Frank Churchill was looking also – it was growing dusk, and the room was in confusion; and how they parted, Mr. Knightley could not tell.

He remained at Hartfield after all the rest, his thoughts full of what he had seen; so full, that when the candles came to assist his observations, he must – yes, he certainly must, as a friend – an anxious friend – give Emma some hint, ask her some question. He could not see her in a situation of such danger, without trying to preserve her. It was his duty.

“Pray, Emma,” said he, “may I ask in what lay the great amusement, the poignant sting of the last word given to you and Miss Fairfax? I saw the word, and am curious to know how it could be so very entertaining to the one, and so very distressing to the other.”

Emma was extremely confused. She could not endure to give him the true explanation; for though her suspicions were by no means removed, she was

really ashamed of having ever imparted them.

“Oh!” she cried in evident embarrassment, “it all meant nothing; a mere joke among ourselves.”

“The joke,” he replied gravely, “seemed confined to you and Mr. Churchill.”

He had hoped she would speak again, but she did not. She would rather busy herself about any thing than speak. He sat a little while in doubt. A variety of evils crossed his mind. Interference – fruitless interference. Emma’s confusion, and the acknowledged intimacy, seemed to declare her affection engaged. Yet he would speak. He owed it to her, to risk any thing that might be involved in an unwelcome interference, rather than her welfare; to encounter any thing, rather than the remembrance of neglect in such a cause.

“My dear Emma,” said he at last, with earnest kindness, “do you think you perfectly understand the degree of acquaintance between the gentleman and lady we have been speaking of?”

“Between Mr. Frank Churchill and Miss Fairfax? Oh! yes, perfectly. – Why do you make a doubt of it?”

“Have you never at any time had reason to think that he admired her, or that she admired him?”

“Never, never!” she cried with a most open eagerness – “Never, for the twentieth part of a moment, did such an idea occur to me. And how could it possibly come into your head?”

“I have lately imagined that I saw symptoms of attachment between them – certain expressive looks, which I did not believe meant to be public.”

“Oh! you amuse me excessively. I am delighted to find that you can vouchsafe to let your imagination wander – but it will not do – very sorry to check you in your first essay – but indeed it will not do. There is no admiration between them, I do assure you; and the appearances which have caught you, have arisen from some peculiar circumstances – feelings rather of a totally different nature – it is impossible exactly to explain: – there is a good deal of nonsense in it – but the part which is capable of being communicated, which is sense, is, that they are as far from any attachment or admiration for one another, as any two beings in the world can be. That is, I presume it to be so on her side, and I can answer for its being so on his. I will answer for the gentleman’s indifference.”

She spoke with a confidence which staggered, with a satisfaction which

silenced, Mr. Knightley. She was in gay spirits, and would have prolonged the conversation, wanting to hear the particulars of his suspicions, every look described, and all the wheres and hows of a circumstance which highly entertained her: but his gaiety did not meet hers. He found he could not be useful, and his feelings were too much irritated for talking. That he might not be irritated into an absolute fever, by the fire which Mr. Woodhouse's tender habits required almost every evening throughout the year, he soon afterwards took a hasty leave, and walked home to the coolness and solitude of Donwell Abbey.

CHAPTER VI

After being long fed with hopes of a speedy visit from Mr. and Mrs. Suckling, the Highbury world were obliged to endure the mortification of hearing that they could not possibly come till the autumn. No such importation of novelties could enrich their intellectual stores at present. In the daily interchange of news, they must be again restricted to the other topics with which for a while the Sucklings' coming had been united, such as the last accounts of Mrs. Churchill, whose health seemed every day to supply a different report, and the situation of Mrs. Weston, whose happiness it was to be hoped might eventually be as much increased by the arrival of a child, as that of all her neighbours was by the approach of it.

Mrs. Elton was very much disappointed. It was the delay of a great deal of pleasure and parade. Her introductions and recommendations must all wait, and every projected party be still only talked of. So she thought at first; – but a little consideration convinced her that every thing need not be put off. Why should not they explore to Box Hill though the Sucklings did not come? They could go there again with them in the autumn. It was settled that they should go to Box Hill. That there was to be such a party had been long generally known: it had even given the idea of another. Emma had never been to Box Hill; she wished to see what every body found so well worth seeing, and she and Mr. Weston had agreed to chuse some fine morning and drive thither. Two or three more of the chosen only were to be admitted to join them, and it was to be done in a quiet, unpretending, elegant way, infinitely superior to the bustle and preparation, the regular eating and drinking, and picnic parade of the Eltons and the Sucklings.

This was so very well understood between them, that Emma could not but feel some surprise, and a little displeasure, on hearing from Mr. Weston that he had been proposing to Mrs. Elton, as her brother and sister had failed her, that the two parties should unite, and go together; and that as Mrs. Elton had very readily acceded to it, so it was to be, if she had no objection. Now, as her objection was nothing but her very great dislike of Mrs. Elton, of which Mr. Weston must already be perfectly aware, it was not worth bringing forward again: – it could not be done without a reproof to him, which would be giving pain to his wife; and she found herself therefore obliged to consent to an arrangement which she would have done a great deal to avoid; an arrangement which would probably expose her even to the degradation of being said to be of Mrs. Elton's party! Every feeling was offended; and the forbearance of her outward submission left a heavy arrear due of secret severity in her reflections on the unmanageable goodwill of Mr. Weston's temper.

“I am glad you approve of what I have done,” said he very comfortably. “But I thought you would. Such schemes as these are nothing without numbers. One cannot have too large a party. A large party secures its own amusement. And she is a good-natured woman after all. One could not leave her out.”

Emma denied none of it aloud, and agreed to none of it in private.

It was now the middle of June, and the weather fine; and Mrs. Elton was growing impatient to name the day, and settle with Mr. Weston as to pigeon-pies and cold lamb, when a lame carriage-horse threw every thing into sad uncertainty. It might be weeks, it might be only a few days, before the horse were useable; but no preparations could be ventured on, and it was all melancholy stagnation. Mrs. Elton’s resources were inadequate to such an attack.

“Is not this most vexatious, Knightley?” she cried. – “And such weather for exploring! – These delays and disappointments are quite odious. What are we to do? – The year will wear away at this rate, and nothing done. Before this time last year I assure you we had had a delightful exploring party from Maple Grove to Kings Weston.”

“You had better explore to Donwell,” replied Mr. Knightley. “That may be done without horses. Come, and eat my strawberries. They are ripening fast.”

If Mr. Knightley did not begin seriously, he was obliged to proceed so, for his proposal was caught at with delight; and the “Oh! I should like it of all things,” was not plainer in words than manner. Donwell was famous for its strawberry-beds, which seemed a plea for the invitation: but no plea was necessary; cabbage-beds would have been enough to tempt the lady, who only wanted to be going somewhere. She promised him again and again to come – much oftener than he doubted – and was extremely gratified by such a proof of intimacy, such a distinguishing compliment as she chose to consider it.

“You may depend upon me,” said she. “I certainly will come. Name your day, and I will come. You will allow me to bring Jane Fairfax?”

“I cannot name a day,” said he, “till I have spoken to some others whom I would wish to meet you.”

“Oh! leave all that to me. Only give me a *carte-blanche*. – I am Lady Patroness, you know. It is my party. I will bring friends with me.”

“I hope you will bring Elton,” said he: “but I will not trouble you to give any other invitations.”

“Oh! now you are looking very sly. But consider – you need not be

afraid of delegating power to me. I am no young lady on her preferment. Married women, you know, may be safely authorised. It is my party. Leave it all to me. I will invite your guests."

"No," – he calmly replied, – "there is but one married woman in the world whom I can ever allow to invite what guests she pleases to Donwell, and that one is –"

"– Mrs. Weston, I suppose," interrupted Mrs. Elton, rather mortified.

"No – Mrs. Knightley; – and till she is in being, I will manage such matters myself."

"Ah! you are an odd creature!" she cried, satisfied to have no one preferred to herself. – "You are a humourist, and may say what you like. Quite a humourist. Well, I shall bring Jane with me – Jane and her aunt. – The rest I leave to you. I have no objections at all to meeting the Hartfield family. Don't scruple. I know you are attached to them."

"You certainly will meet them if I can prevail; and I shall call on Miss Bates in my way home."

"That's quite unnecessary; I see Jane every day: – but as you like. It is to be a morning scheme, you know, Knightley; quite a simple thing. I shall wear a large bonnet, and bring one of my little baskets hanging on my arm. Here, – probably this basket with pink ribbon. Nothing can be more simple, you see. And Jane will have such another. There is to be no form or parade – a sort of gipsy party. We are to walk about your gardens, and gather the strawberries ourselves, and sit under trees; – and whatever else you may like to provide, it is to be all out of doors – a table spread in the shade, you know. Every thing as natural and simple as possible. Is not that your idea?"

"Not quite. My idea of the simple and the natural will be to have the table spread in the dining-room. The nature and the simplicity of gentlemen and ladies, with their servants and furniture, I think is best observed by meals within doors. When you are tired of eating strawberries in the garden, there shall be cold meat in the house."

"Well – as you please; only don't have a great set out. And, by the bye, can I or my housekeeper be of any use to you with our opinion? – Pray be sincere, Knightley. If you wish me to talk to Mrs. Hodges, or to inspect any thing –"

"I have not the least wish for it, I thank you."

"Well – but if any difficulties should arise, my housekeeper is

extremely clever.”

“I will answer for it, that mine thinks herself full as clever, and would spurn any body’s assistance.”

“I wish we had a donkey. The thing would be for us all to come on donkeys, Jane, Miss Bates, and me – and my caro sposo walking by. I really must talk to him about purchasing a donkey. In a country life I conceive it to be a sort of necessary; for, let a woman have ever so many resources, it is not possible for her to be always shut up at home; – and very long walks, you know – in summer there is dust, and in winter there is dirt.”

“You will not find either, between Donwell and Highbury. Donwell Lane is never dusty, and now it is perfectly dry. Come on a donkey, however, if you prefer it. You can borrow Mrs. Cole’s. I would wish every thing to be as much to your taste as possible.”

“That I am sure you would. Indeed I do you justice, my good friend. Under that peculiar sort of dry, blunt manner, I know you have the warmest heart. As I tell Mr. E., you are a thorough humourist. – Yes, believe me, Knightley, I am fully sensible of your attention to me in the whole of this scheme. You have hit upon the very thing to please me.”

Mr. Knightley had another reason for avoiding a table in the shade. He wished to persuade Mr. Woodhouse, as well as Emma, to join the party; and he knew that to have any of them sitting down out of doors to eat would inevitably make him ill. Mr. Woodhouse must not, under the specious pretence of a morning drive, and an hour or two spent at Donwell, be tempted away to his misery.

He was invited on good faith. No lurking horrors were to upbraid him for his easy credulity. He did consent. He had not been at Donwell for two years. “Some very fine morning, he, and Emma, and Harriet, could go very well; and he could sit still with Mrs. Weston, while the dear girls walked about the gardens. He did not suppose they could be damp now, in the middle of the day. He should like to see the old house again exceedingly, and should be very happy to meet Mr. and Mrs. Elton, and any other of his neighbours. – He could not see any objection at all to his, and Emma’s, and Harriet’s going there some very fine morning. He thought it very well done of Mr. Knightley to invite them – very kind and sensible – much cleverer than dining out. – He was not fond of dining out.”

Mr. Knightley was fortunate in every body’s most ready concurrence. The invitation was everywhere so well received, that it seemed as if, like Mrs. Elton, they were all taking the scheme as a particular compliment to themselves. – Emma and Harriet professed very high expectations of pleasure from it; and

Mr. Weston, unasked, promised to get Frank over to join them, if possible; a proof of approbation and gratitude which could have been dispensed with. – Mr. Knightley was then obliged to say that he should be glad to see him; and Mr. Weston engaged to lose no time in writing, and spare no arguments to induce him to come.

In the meanwhile the lame horse recovered so fast, that the party to Box Hill was again under happy consideration; and at last Donwell was settled for one day, and Box Hill for the next, – the weather appearing exactly right.

Under a bright mid-day sun, at almost Midsummer, Mr. Woodhouse was safely conveyed in his carriage, with one window down, to partake of this al-fresco party; and in one of the most comfortable rooms in the Abbey, especially prepared for him by a fire all the morning, he was happily placed, quite at his ease, ready to talk with pleasure of what had been achieved, and advise every body to come and sit down, and not to heat themselves. – Mrs. Weston, who seemed to have walked there on purpose to be tired, and sit all the time with him, remained, when all the others were invited or persuaded out, his patient listener and sympathiser.

It was so long since Emma had been at the Abbey, that as soon as she was satisfied of her father's comfort, she was glad to leave him, and look around her; eager to refresh and correct her memory with more particular observation, more exact understanding of a house and grounds which must ever be so interesting to her and all her family.

She felt all the honest pride and complacency which her alliance with the present and future proprietor could fairly warrant, as she viewed the respectable size and style of the building, its suitable, becoming, characteristic situation, low and sheltered – its ample gardens stretching down to meadows washed by a stream, of which the Abbey, with all the old neglect of prospect, had scarcely a sight – and its abundance of timber in rows and avenues, which neither fashion nor extravagance had rooted up. – The house was larger than Hartfield, and totally unlike it, covering a good deal of ground, rambling and irregular, with many comfortable, and one or two handsome rooms. – It was just what it ought to be, and it looked what it was – and Emma felt an increasing respect for it, as the residence of a family of such true gentility, untainted in blood and understanding. – Some faults of temper John Knightley had; but Isabella had connected herself unexceptionably. She had given them neither men, nor names, nor places, that could raise a blush. These were pleasant feelings, and she walked about and indulged them till it was necessary to do as the others did, and collect round the strawberry-beds. – The whole party were assembled, excepting Frank Churchill, who was expected every moment from Richmond; and Mrs. Elton, in

all her apparatus of happiness, her large bonnet and her basket, was very ready to lead the way in gathering, accepting, or talking – strawberries, and only strawberries, could now be thought or spoken of. – “The best fruit in England – every body’s favourite – always wholesome. – These the finest beds and finest sorts. – Delightful to gather for one’s self – the only way of really enjoying them. – Morning decidedly the best time – never tired – every sort good – hautboy infinitely superior – no comparison – the others hardly eatable – hautboys very scarce – Chili preferred – white wood finest flavour of all – price of strawberries in London – abundance about Bristol – Maple Grove – cultivation – beds when to be renewed – gardeners thinking exactly different – no general rule – gardeners never to be put out of their way – delicious fruit – only too rich to be eaten much of – inferior to cherries – currants more refreshing – only objection to gathering strawberries the stooping – glaring sun – tired to death – could bear it no longer – must go and sit in the shade.”

Such, for half an hour, was the conversation – interrupted only once by Mrs. Weston, who came out, in her solicitude after her son-in-law, to inquire if he were come – and she was a little uneasy. – She had some fears of his horse.

Seats tolerably in the shade were found; and now Emma was obliged to overhear what Mrs. Elton and Jane Fairfax were talking of. – A situation, a most desirable situation, was in question. Mrs. Elton had received notice of it that morning, and was in raptures. It was not with Mrs. Suckling, it was not with Mrs. Bragge, but in felicity and splendour it fell short only of them: it was with a cousin of Mrs. Bragge, an acquaintance of Mrs. Suckling, a lady known at Maple Grove. Delightful, charming, superior, first circles, spheres, lines, ranks, every thing – and Mrs. Elton was wild to have the offer closed with immediately. – On her side, all was warmth, energy, and triumph – and she positively refused to take her friend’s negative, though Miss Fairfax continued to assure her that she would not at present engage in any thing, repeating the same motives which she had been heard to urge before. – Still Mrs. Elton insisted on being authorised to write an acquiescence by the morrow’s post. – How Jane could bear it at all, was astonishing to Emma. – She did look vexed, she did speak pointedly – and at last, with a decision of action unusual to her, proposed a removal. – “Should not they walk? Would not Mr. Knightley shew them the gardens – all the gardens? – She wished to see the whole extent.” – The pertinacity of her friend seemed more than she could bear.

It was hot; and after walking some time over the gardens in a scattered, dispersed way, scarcely any three together, they insensibly followed one another to the delicious shade of a broad short avenue of limes, which stretching beyond the garden at an equal distance from the river, seemed the finish of the pleasure grounds. – It led to nothing; nothing but a view at the end over a low stone wall

with high pillars, which seemed intended, in their erection, to give the appearance of an approach to the house, which never had been there. Disputable, however, as might be the taste of such a termination, it was in itself a charming walk, and the view which closed it extremely pretty. – The considerable slope, at nearly the foot of which the Abbey stood, gradually acquired a steeper form beyond its grounds; and at half a mile distant was a bank of considerable abruptness and grandeur, well clothed with wood; – and at the bottom of this bank, favourably placed and sheltered, rose the Abbey Mill Farm, with meadows in front, and the river making a close and handsome curve around it.

It was a sweet view – sweet to the eye and the mind. English verdure, English culture, English comfort, seen under a sun bright, without being oppressive.

In this walk Emma and Mr. Weston found all the others assembled; and towards this view she immediately perceived Mr. Knightley and Harriet distinct from the rest, quietly leading the way. Mr. Knightley and Harriet! – It was an odd tete-a-tete; but she was glad to see it. – There had been a time when he would have scorned her as a companion, and turned from her with little ceremony. Now they seemed in pleasant conversation. There had been a time also when Emma would have been sorry to see Harriet in a spot so favourable for the Abbey Mill Farm; but now she feared it not. It might be safely viewed with all its appendages of prosperity and beauty, its rich pastures, spreading flocks, orchard in blossom, and light column of smoke ascending. – She joined them at the wall, and found them more engaged in talking than in looking around. He was giving Harriet information as to modes of agriculture, etc. and Emma received a smile which seemed to say, “These are my own concerns. I have a right to talk on such subjects, without being suspected of introducing Robert Martin.” – She did not suspect him. It was too old a story. – Robert Martin had probably ceased to think of Harriet. – They took a few turns together along the walk – The shade was most refreshing, and Emma found it the pleasantest part of the day.

The next remove was to the house; they must all go in and eat; – and they were all seated and busy, and still Frank Churchill did not come. Mrs. Weston looked, and looked in vain. His father would not own himself uneasy, and laughed at her fears; but she could not be cured of wishing that he would part with his black mare. He had expressed himself as to coming, with more than common certainty. “His aunt was so much better, that he had not a doubt of getting over to them.” – Mrs. Churchill’s state, however, as many were ready to remind her, was liable to such sudden variation as might disappoint her nephew in the most reasonable dependence – and Mrs. Weston was at last persuaded to believe, or to say, that it must be by some attack of Mrs. Churchill that he was prevented coming. – Emma looked at Harriet while the point was under consideration; she

behaved very well, and betrayed no emotion.

The cold repast was over, and the party were to go out once more to see what had not yet been seen, the old Abbey fish-ponds; perhaps get as far as the clover, which was to be begun cutting on the morrow, or, at any rate, have the pleasure of being hot, and growing cool again. – Mr. Woodhouse, who had already taken his little round in the highest part of the gardens, where no damps from the river were imagined even by him, stirred no more; and his daughter resolved to remain with him, that Mrs. Weston might be persuaded away by her husband to the exercise and variety which her spirits seemed to need.

Mr. Knightley had done all in his power for Mr. Woodhouse's entertainment. Books of engravings, drawers of medals, cameos, corals, shells, and every other family collection within his cabinets, had been prepared for his old friend, to while away the morning; and the kindness had perfectly answered. Mr. Woodhouse had been exceedingly well amused. Mrs. Weston had been shewing them all to him, and now he would shew them all to Emma; – fortunate in having no other resemblance to a child, than in a total want of taste for what he saw, for he was slow, constant, and methodical. – Before this second looking over was begun, however, Emma walked into the hall for the sake of a few moments' free observation of the entrance and ground-plot of the house – and was hardly there, when Jane Fairfax appeared, coming quickly in from the garden, and with a look of escape. – Little expecting to meet Miss Woodhouse so soon, there was a start at first; but Miss Woodhouse was the very person she was in quest of.

“Will you be so kind,” said she, “when I am missed, as to say that I am gone home? – I am going this moment. – My aunt is not aware how late it is, nor how long we have been absent – but I am sure we shall be wanted, and I am determined to go directly. – I have said nothing about it to any body. It would only be giving trouble and distress. Some are gone to the ponds, and some to the lime walk Till they all come in I shall not be missed; and when they do, will you have the goodness to say that I am gone?”

“Certainly, if you wish it; – but you are not going to walk to Highbury alone?”

“Yes – what should hurt me? – I walk fast. I shall be at home in twenty minutes.”

“But it is too far, indeed it is, to be walking quite alone. Let my father's servant go with you. – Let me order the carriage. It can be round in five minutes.”

“Thank you, thank you – but on no account. – I would rather walk –

And for me to be afraid of walking alone! – I, who may so soon have to guard others!”

She spoke with great agitation; and Emma very feelingly replied, “That can be no reason for your being exposed to danger now. I must order the carriage. The heat even would be danger. – You are fatigued already.”

“I am,” – she answered – “I am fatigued; but it is not the sort of fatigue – quick walking will refresh me. – Miss Woodhouse, we all know at times what it is to be wearied in spirits. Mine, I confess, are exhausted. The greatest kindness you can shew me, will be to let me have my own way, and only say that I am gone when it is necessary.”

Emma had not another word to oppose. She saw it all; and entering into her feelings, promoted her quitting the house immediately, and watched her safely off with the zeal of a friend. Her parting look was grateful – and her parting words, “Oh! Miss Woodhouse, the comfort of being sometimes alone!” – seemed to burst from an overcharged heart, and to describe somewhat of the continual endurance to be practised by her, even towards some of those who loved her best.

“Such a home, indeed! such an aunt!” said Emma, as she turned back into the hall again. “I do pity you. And the more sensibility you betray of their just horrors, the more I shall like you.”

Jane had not been gone a quarter of an hour, and they had only accomplished some views of St. Mark’s Place, Venice, when Frank Churchill entered the room. Emma had not been thinking of him, she had forgotten to think of him – but she was very glad to see him. Mrs. Weston would be at ease. The black mare was blameless; they were right who had named Mrs. Churchill as the cause. He had been detained by a temporary increase of illness in her; a nervous seizure, which had lasted some hours – and he had quite given up every thought of coming, till very late; – and had he known how hot a ride he should have, and how late, with all his hurry, he must be, he believed he should not have come at all. The heat was excessive; he had never suffered any thing like it – almost wished he had staid at home – nothing killed him like heat – he could bear any degree of cold, etc., but heat was intolerable – and he sat down, at the greatest possible distance from the slight remains of Mr. Woodhouse’s fire, looking very deplorable.

“You will soon be cooler, if you sit still,” said Emma.

“As soon as I am cooler I shall go back again. I could very ill be spared – but such a point had been made of my coming! You will all be going soon I

suppose; the whole party breaking up. I met one as I came – Madness in such weather! – absolute madness!”

Emma listened, and looked, and soon perceived that Frank Churchill's state might be best defined by the expressive phrase of being out of humour. Some people were always cross when they were hot. Such might be his constitution; and as she knew that eating and drinking were often the cure of such incidental complaints, she recommended his taking some refreshment; he would find abundance of every thing in the dining-room – and she humanely pointed out the door.

“No – he should not eat. He was not hungry; it would only make him hotter.” In two minutes, however, he relented in his own favour; and muttering something about spruce-beer, walked off. Emma returned all her attention to her father, saying in secret –

“I am glad I have done being in love with him. I should not like a man who is so soon discomposed by a hot morning. Harriet's sweet easy temper will not mind it.”

He was gone long enough to have had a very comfortable meal, and came back all the better – grown quite cool – and, with good manners, like himself – able to draw a chair close to them, take an interest in their employment; and regret, in a reasonable way, that he should be so late. He was not in his best spirits, but seemed trying to improve them; and, at last, made himself talk nonsense very agreeably. They were looking over views in Switzerland.

“As soon as my aunt gets well, I shall go abroad,” said he. “I shall never be easy till I have seen some of these places. You will have my sketches, some time or other, to look at – or my tour to read – or my poem. I shall do something to expose myself.”

“That may be – but not by sketches in Switzerland. You will never go to Switzerland. Your uncle and aunt will never allow you to leave England.”

“They may be induced to go too. A warm climate may be prescribed for her. I have more than half an expectation of our all going abroad. I assure you I have. I feel a strong persuasion, this morning, that I shall soon be abroad. I ought to travel. I am tired of doing nothing. I want a change. I am serious, Miss Woodhouse, whatever your penetrating eyes may fancy – I am sick of England – and would leave it to-morrow, if I could.”

“You are sick of prosperity and indulgence. Cannot you invent a few hardships for yourself, and be contented to stay?”

“I sick of prosperity and indulgence! You are quite mistaken. I do not look upon myself as either prosperous or indulged. I am thwarted in every thing material. I do not consider myself at all a fortunate person.”

“You are not quite so miserable, though, as when you first came. Go and eat and drink a little more, and you will do very well. Another slice of cold meat, another draught of Madeira and water, will make you nearly on a par with the rest of us.”

“No – I shall not stir. I shall sit by you. You are my best cure.”

“We are going to Box Hill to-morrow; – you will join us. It is not Swisserland, but it will be something for a young man so much in want of a change. You will stay, and go with us?”

“No, certainly not; I shall go home in the cool of the evening.”

“But you may come again in the cool of to-morrow morning.”

“No – It will not be worth while. If I come, I shall be cross.”

“Then pray stay at Richmond.”

“But if I do, I shall be crosser still. I can never bear to think of you all there without me.”

“These are difficulties which you must settle for yourself. Chuse your own degree of crossness. I shall press you no more.”

The rest of the party were now returning, and all were soon collected. With some there was great joy at the sight of Frank Churchill; others took it very composedly; but there was a very general distress and disturbance on Miss Fairfax's disappearance being explained. That it was time for every body to go, concluded the subject; and with a short final arrangement for the next day's scheme, they parted. Frank Churchill's little inclination to exclude himself increased so much, that his last words to Emma were,

“Well; – if you wish me to stay and join the party, I will.”

She smiled her acceptance; and nothing less than a summons from Richmond was to take him back before the following evening.

CHAPTER VII

They had a very fine day for Box Hill; and all the other outward circumstances of arrangement, accommodation, and punctuality, were in favour of a pleasant party. Mr. Weston directed the whole, officiating safely between Hartfield and the Vicarage, and every body was in good time. Emma and Harriet went together; Miss Bates and her niece, with the Eltons; the gentlemen on horseback Mrs. Weston remained with Mr. Woodhouse. Nothing was wanting but to be happy when they got there. Seven miles were travelled in expectation of enjoyment, and every body had a burst of admiration on first arriving; but in the general amount of the day there was deficiency. There was a languor, a want of spirits, a want of union, which could not be got over. They separated too much into parties. The Eltons walked together; Mr. Knightley took charge of Miss Bates and Jane; and Emma and Harriet belonged to Frank Churchill. And Mr. Weston tried, in vain, to make them harmonise better. It seemed at first an accidental division, but it never materially varied. Mr. and Mrs. Elton, indeed, shewed no unwillingness to mix, and be as agreeable as they could; but during the two whole hours that were spent on the hill, there seemed a principle of separation, between the other parties, too strong for any fine prospects, or any cold collation, or any cheerful Mr. Weston, to remove.

At first it was downright dulness to Emma. She had never seen Frank Churchill so silent and stupid. He said nothing worth hearing – looked without seeing – admired without intelligence – listened without knowing what she said. While he was so dull, it was no wonder that Harriet should be dull likewise; and they were both insufferable.

When they all sat down it was better; to her taste a great deal better, for Frank Churchill grew talkative and gay, making her his first object. Every distinguishing attention that could be paid, was paid to her. To amuse her, and be agreeable in her eyes, seemed all that he cared for – and Emma, glad to be enlivened, not sorry to be flattered, was gay and easy too, and gave him all the friendly encouragement, the admission to be gallant, which she had ever given in the first and most animating period of their acquaintance; but which now, in her own estimation, meant nothing, though in the judgment of most people looking on it must have had such an appearance as no English word but flirtation could very well describe. “Mr. Frank Churchill and Miss Woodhouse flirted together excessively.” They were laying themselves open to that very phrase – and to having it sent off in a letter to Maple Grove by one lady, to Ireland by another. Not that Emma was gay and thoughtless from any real felicity; it was rather because she felt less happy than she had expected. She laughed because she was

disappointed; and though she liked him for his attentions, and thought them all, whether in friendship, admiration, or playfulness, extremely judicious, they were not winning back her heart. She still intended him for her friend.

“How much I am obliged to you,” said he, “for telling me to come to-day! – If it had not been for you, I should certainly have lost all the happiness of this party. I had quite determined to go away again.”

“Yes, you were very cross; and I do not know what about, except that you were too late for the best strawberries. I was a kinder friend than you deserved. But you were humble. You begged hard to be commanded to come.”

“Don’t say I was cross. I was fatigued. The heat overcame me.”

“It is hotter to-day.”

“Not to my feelings. I am perfectly comfortable to-day.”

“You are comfortable because you are under command.”

“Your command? – Yes.”

“Perhaps I intended you to say so, but I meant self-command. You had, somehow or other, broken bounds yesterday, and run away from your own management; but to-day you are got back again – and as I cannot be always with you, it is best to believe your temper under your own command rather than mine.”

“It comes to the same thing. I can have no self-command without a motive. You order me, whether you speak or not. And you can be always with me. You are always with me.”

“Dating from three o’clock yesterday. My perpetual influence could not begin earlier, or you would not have been so much out of humour before.”

“Three o’clock yesterday! That is your date. I thought I had seen you first in February.”

“Your gallantry is really unanswerable. But (lowering her voice) – nobody speaks except ourselves, and it is rather too much to be talking nonsense for the entertainment of seven silent people.”

“I say nothing of which I am ashamed,” replied he, with lively impudence. “I saw you first in February. Let every body on the Hill hear me if they can. Let my accents swell to Mickleham on one side, and Dorking on the other. I saw you first in February.” And then whispering – “Our companions are excessively stupid. What shall we do to rouse them? Any nonsense will serve.

They shall talk. Ladies and gentlemen, I am ordered by Miss Woodhouse (who, wherever she is, presides) to say, that she desires to know what you are all thinking of?"

Some laughed, and answered good-humouredly. Miss Bates said a great deal; Mrs. Elton swelled at the idea of Miss Woodhouse's presiding; Mr. Knightley's answer was the most distinct.

"Is Miss Woodhouse sure that she would like to hear what we are all thinking of?"

"Oh! no, no" – cried Emma, laughing as carelessly as she could – "Upon no account in the world. It is the very last thing I would stand the brunt of just now. Let me hear any thing rather than what you are all thinking of. I will not say quite all. There are one or two, perhaps, (glancing at Mr. Weston and Harriet,) whose thoughts I might not be afraid of knowing."

"It is a sort of thing," cried Mrs. Elton emphatically, "which I should not have thought myself privileged to inquire into. Though, perhaps, as the Chaperon of the party – I never was in any circle – exploring parties – young ladies – married women –"

Her mutterings were chiefly to her husband; and he murmured, in reply,

"Very true, my love, very true. Exactly so, indeed – quite unheard of – but some ladies say any thing. Better pass it off as a joke. Every body knows what is due to you."

"It will not do," whispered Frank to Emma; "they are most of them affronted. I will attack them with more address. Ladies and gentlemen – I am ordered by Miss Woodhouse to say, that she waives her right of knowing exactly what you may all be thinking of, and only requires something very entertaining from each of you, in a general way. Here are seven of you, besides myself, (who, she is pleased to say, am very entertaining already,) and she only demands from each of you either one thing very clever, be it prose or verse, original or repeated – or two things moderately clever – or three things very dull indeed, and she engages to laugh heartily at them all."

"Oh! very well," exclaimed Miss Bates, "then I need not be uneasy. 'Three things very dull indeed.' That will just do for me, you know. I shall be sure to say three dull things as soon as ever I open my mouth, shan't I? (looking round with the most good-humoured dependence on every body's assent) – Do not you all think I shall?"

Emma could not resist.

“Ah! ma’am, but there may be a difficulty. Pardon me – but you will be limited as to number – only three at once.”

Miss Bates, deceived by the mock ceremony of her manner, did not immediately catch her meaning; but, when it burst on her, it could not anger, though a slight blush shewed that it could pain her.

“Ah! – well – to be sure. Yes, I see what she means, (turning to Mr. Knightley,) and I will try to hold my tongue. I must make myself very disagreeable, or she would not have said such a thing to an old friend.”

“I like your plan,” cried Mr. Weston. “Agreed, agreed. I will do my best. I am making a conundrum. How will a conundrum reckon?”

“Low, I am afraid, sir, very low,” answered his son; – “but we shall be indulgent – especially to any one who leads the way.”

“No, no,” said Emma, “it will not reckon low. A conundrum of Mr. Weston’s shall clear him and his next neighbour. Come, sir, pray let me hear it.”

“I doubt its being very clever myself,” said Mr. Weston. “It is too much a matter of fact, but here it is. – What two letters of the alphabet are there, that express perfection?”

“What two letters! – express perfection! I am sure I do not know.”

“Ah! you will never guess. You, (to Emma), I am certain, will never guess. – I will tell you. – M. and A. – Em-ma. – Do you understand?”

Understanding and gratification came together. It might be a very indifferent piece of wit, but Emma found a great deal to laugh at and enjoy in it – and so did Frank and Harriet. – It did not seem to touch the rest of the party equally; some looked very stupid about it, and Mr. Knightley gravely said,

“This explains the sort of clever thing that is wanted, and Mr. Weston has done very well for himself; but he must have knocked up every body else. Perfection should not have come quite so soon.”

“Oh! for myself, I protest I must be excused,” said Mrs. Elton; “I really cannot attempt – I am not at all fond of the sort of thing. I had an acrostic once sent to me upon my own name, which I was not at all pleased with. I knew who it came from. An abominable puppy! – You know who I mean (nodding to her husband). These kind of things are very well at Christmas, when one is sitting round the fire; but quite out of place, in my opinion, when one is exploring about the country in summer. Miss Woodhouse must excuse me. I am not one of those

who have witty things at every body's service. I do not pretend to be a wit. I have a great deal of vivacity in my own way, but I really must be allowed to judge when to speak and when to hold my tongue. Pass us, if you please, Mr. Churchill. Pass Mr. E., Knightley, Jane, and myself. We have nothing clever to say – not one of us.

“Yes, yes, pray pass me,” added her husband, with a sort of sneering consciousness; “I have nothing to say that can entertain Miss Woodhouse, or any other young lady. An old married man – quite good for nothing. Shall we walk, Augusta?”

“With all my heart. I am really tired of exploring so long on one spot. Come, Jane, take my other arm.”

Jane declined it, however, and the husband and wife walked off. “Happy couple!” said Frank Churchill, as soon as they were out of hearing: – “How well they suit one another! – Very lucky – marrying as they did, upon an acquaintance formed only in a public place! – They only knew each other, I think, a few weeks in Bath! Peculiarly lucky! – for as to any real knowledge of a person's disposition that Bath, or any public place, can give – it is all nothing; there can be no knowledge. It is only by seeing women in their own homes, among their own set, just as they always are, that you can form any just judgment. Short of that, it is all guess and luck – and will generally be ill-luck. How many a man has committed himself on a short acquaintance, and rued it all the rest of his life!”

Miss Fairfax, who had seldom spoken before, except among her own confederates, spoke now.

“Such things do occur, undoubtedly.” – She was stopped by a cough. Frank Churchill turned towards her to listen.

“You were speaking,” said he, gravely. She recovered her voice.

“I was only going to observe, that though such unfortunate circumstances do sometimes occur both to men and women, I cannot imagine them to be very frequent. A hasty and imprudent attachment may arise – but there is generally time to recover from it afterwards. I would be understood to mean, that it can be only weak, irresolute characters, (whose happiness must be always at the mercy of chance,) who will suffer an unfortunate acquaintance to be an inconvenience, an oppression for ever.”

He made no answer; merely looked, and bowed in submission; and soon afterwards said, in a lively tone,

“Well, I have so little confidence in my own judgment, that whenever I marry, I hope some body will chuse my wife for me. Will you? (turning to Emma.) Will you chuse a wife for me? – I am sure I should like any body fixed on by you. You provide for the family, you know, (with a smile at his father). Find some body for me. I am in no hurry. Adopt her, educate her.”

“And make her like myself.”

“By all means, if you can.”

“Very well. I undertake the commission. You shall have a charming wife.”

“She must be very lively, and have hazle eyes. I care for nothing else. I shall go abroad for a couple of years – and when I return, I shall come to you for my wife. Remember.”

Emma was in no danger of forgetting. It was a commission to touch every favourite feeling. Would not Harriet be the very creature described? Hazle eyes excepted, two years more might make her all that he wished. He might even have Harriet in his thoughts at the moment; who could say? Referring the education to her seemed to imply it.

“Now, ma’am,” said Jane to her aunt, “shall we join Mrs. Elton?”

“If you please, my dear. With all my heart. I am quite ready. I was ready to have gone with her, but this will do just as well. We shall soon overtake her. There she is – no, that’s somebody else. That’s one of the ladies in the Irish car party, not at all like her. – Well, I declare –”

They walked off, followed in half a minute by Mr. Knightley. Mr. Weston, his son, Emma, and Harriet, only remained; and the young man’s spirits now rose to a pitch almost unpleasant. Even Emma grew tired at last of flattery and merriment, and wished herself rather walking quietly about with any of the others, or sitting almost alone, and quite unattended to, in tranquil observation of the beautiful views beneath her. The appearance of the servants looking out for them to give notice of the carriages was a joyful sight; and even the bustle of collecting and preparing to depart, and the solicitude of Mrs. Elton to have her carriage first, were gladly endured, in the prospect of the quiet drive home which was to close the very questionable enjoyments of this day of pleasure. Such another scheme, composed of so many ill-assorted people, she hoped never to be betrayed into again.

While waiting for the carriage, she found Mr. Knightley by her side. He looked around, as if to see that no one were near, and then said,

“Emma, I must once more speak to you as I have been used to do: a privilege rather endured than allowed, perhaps, but I must still use it. I cannot see you acting wrong, without a remonstrance. How could you be so unfeeling to Miss Bates? How could you be so insolent in your wit to a woman of her character, age, and situation? – Emma, I had not thought it possible.”

Emma recollected, blushed, was sorry, but tried to laugh it off.

“Nay, how could I help saying what I did? – Nobody could have helped it. It was not so very bad. I dare say she did not understand me.”

“I assure you she did. She felt your full meaning. She has talked of it since. I wish you could have heard how she talked of it – with what candour and generosity. I wish you could have heard her honouring your forbearance, in being able to pay her such attentions, as she was for ever receiving from yourself and your father, when her society must be so irksome.”

“Oh!” cried Emma, “I know there is not a better creature in the world: but you must allow, that what is good and what is ridiculous are most unfortunately blended in her.”

“They are blended,” said he, “I acknowledge; and, were she prosperous, I could allow much for the occasional prevalence of the ridiculous over the good. Were she a woman of fortune, I would leave every harmless absurdity to take its chance, I would not quarrel with you for any liberties of manner. Were she your equal in situation – but, Emma, consider how far this is from being the case. She is poor; she has sunk from the comforts she was born to; and, if she live to old age, must probably sink more. Her situation should secure your compassion. It was badly done, indeed! You, whom she had known from an infant, whom she had seen grow up from a period when her notice was an honour, to have you now, in thoughtless spirits, and the pride of the moment, laugh at her, humble her – and before her niece, too – and before others, many of whom (certainly some,) would be entirely guided by your treatment of her. – This is not pleasant to you, Emma – and it is very far from pleasant to me; but I must, I will, – I will tell you truths while I can; satisfied with proving myself your friend by very faithful counsel, and trusting that you will some time or other do me greater justice than you can do now.”

While they talked, they were advancing towards the carriage; it was ready; and, before she could speak again, he had handed her in. He had misinterpreted the feelings which had kept her face averted, and her tongue motionless. They were combined only of anger against herself, mortification, and deep concern. She had not been able to speak; and, on entering the carriage, sunk back for a moment overcome – then reproaching herself for having taken no

leave, making no acknowledgment, parting in apparent sullenness, she looked out with voice and hand eager to shew a difference; but it was just too late. He had turned away, and the horses were in motion. She continued to look back, but in vain; and soon, with what appeared unusual speed, they were half way down the hill, and every thing left far behind. She was vexed beyond what could have been expressed – almost beyond what she could conceal. Never had she felt so agitated, mortified, grieved, at any circumstance in her life. She was most forcibly struck. The truth of this representation there was no denying. She felt it at her heart. How could she have been so brutal, so cruel to Miss Bates! How could she have exposed herself to such ill opinion in any one she valued! And how suffer him to leave her without saying one word of gratitude, of concurrence, of common kindness!

Time did not compose her. As she reflected more, she seemed but to feel it more. She never had been so depressed. Happily it was not necessary to speak. There was only Harriet, who seemed not in spirits herself, fagged, and very willing to be silent; and Emma felt the tears running down her cheeks almost all the way home, without being at any trouble to check them, extraordinary as they were.

CHAPTER VIII

The wretchedness of a scheme to Box Hill was in Emma's thoughts all the evening. How it might be considered by the rest of the party, she could not tell. They, in their different homes, and their different ways, might be looking back on it with pleasure; but in her view it was a morning more completely misspent, more totally bare of rational satisfaction at the time, and more to be abhorred in recollection, than any she had ever passed. A whole evening of backgammon with her father, was felicity to it. There, indeed, lay real pleasure, for there she was giving up the sweetest hours of the twenty-four to his comfort; and feeling that, unmerited as might be the degree of his fond affection and confiding esteem, she could not, in her general conduct, be open to any severe reproach. As a daughter, she hoped she was not without a heart. She hoped no one could have said to her, "How could you be so unfeeling to your father?—I must, I will tell you truths while I can." Miss Bates should never again—no, never! If attention, in future, could do away the past, she might hope to be forgiven. She had been often remiss, her conscience told her so; remiss, perhaps, more in thought than fact; scornful, ungracious. But it should be so no more. In the warmth of true contrition, she would call upon her the very next morning, and it should be the beginning, on her side, of a regular, equal, kindly intercourse.

She was just as determined when the morrow came, and went early, that nothing might prevent her. It was not unlikely, she thought, that she might see Mr. Knightley in her way; or, perhaps, he might come in while she were paying her visit. She had no objection. She would not be ashamed of the appearance of the penitence, so justly and truly hers. Her eyes were towards Donwell as she walked, but she saw him not.

"The ladies were all at home." She had never rejoiced at the sound before, nor ever before entered the passage, nor walked up the stairs, with any wish of giving pleasure, but in conferring obligation, or of deriving it, except in subsequent ridicule.

There was a bustle on her approach; a good deal of moving and talking. She heard Miss Bates's voice, something was to be done in a hurry; the maid looked frightened and awkward; hoped she would be pleased to wait a moment, and then ushered her in too soon. The aunt and niece seemed both escaping into the adjoining room. Jane she had a distinct glimpse of, looking extremely ill; and, before the door had shut them out, she heard Miss Bates saying, "Well, my dear, I shall say you are laid down upon the bed, and I am sure you are ill enough."

Poor old Mrs. Bates, civil and humble as usual, looked as if she did not

quite understand what was going on.

“I am afraid Jane is not very well,” said she, “but I do not know; they tell me she is well. I dare say my daughter will be here presently, Miss Woodhouse. I hope you find a chair. I wish Hetty had not gone. I am very little able – Have you a chair, ma’am? Do you sit where you like? I am sure she will be here presently.”

Emma seriously hoped she would. She had a moment’s fear of Miss Bates keeping away from her. But Miss Bates soon came – “Very happy and obliged” – but Emma’s conscience told her that there was not the same cheerful volubility as before – less ease of look and manner. A very friendly inquiry after Miss Fairfax, she hoped, might lead the way to a return of old feelings. The touch seemed immediate.

“Ah! Miss Woodhouse, how kind you are! – I suppose you have heard – and are come to give us joy. This does not seem much like joy, indeed, in me – (twinkling away a tear or two) – but it will be very trying for us to part with her, after having had her so long, and she has a dreadful headache just now, writing all the morning: – such long letters, you know, to be written to Colonel Campbell, and Mrs. Dixon. ‘My dear,’ said I, ‘you will blind yourself’ – for tears were in her eyes perpetually. One cannot wonder, one cannot wonder. It is a great change; and though she is amazingly fortunate – such a situation, I suppose, as no young woman before ever met with on first going out – do not think us ungrateful, Miss Woodhouse, for such surprising good fortune – (again dispersing her tears) – but, poor dear soul! if you were to see what a headache she has. When one is in great pain, you know one cannot feel any blessing quite as it may deserve. She is as low as possible. To look at her, nobody would think how delighted and happy she is to have secured such a situation. You will excuse her not coming to you – she is not able – she is gone into her own room – I want her to lie down upon the bed. ‘My dear,’ said I, ‘I shall say you are laid down upon the bed:’ but, however, she is not; she is walking about the room. But, now that she has written her letters, she says she shall soon be well. She will be extremely sorry to miss seeing you, Miss Woodhouse, but your kindness will excuse her. You were kept waiting at the door – I was quite ashamed – but somehow there was a little bustle – for it so happened that we had not heard the knock, and till you were on the stairs, we did not know any body was coming. ‘It is only Mrs. Cole,’ said I, ‘depend upon it. Nobody else would come so early.’ ‘Well,’ said she, ‘it must be borne some time or other, and it may as well be now.’ But then Patty came in, and said it was you. ‘Oh!’ said I, ‘it is Miss Woodhouse: I am sure you will like to see her.’ – ‘I can see nobody,’ said she; and up she got, and would go away; and that was what made us keep you waiting – and extremely sorry and ashamed we were. ‘If you must go, my dear,’ said I, ‘you must, and I will say you are laid down upon the bed.’”

Emma was most sincerely interested. Her heart had been long growing kinder towards Jane; and this picture of her present sufferings acted as a cure of every former ungenerous suspicion, and left her nothing but pity; and the remembrance of the less just and less gentle sensations of the past, obliged her to admit that Jane might very naturally resolve on seeing Mrs. Cole or any other steady friend, when she might not bear to see herself. She spoke as she felt, with earnest regret and solicitude – sincerely wishing that the circumstances which she collected from Miss Bates to be now actually determined on, might be as much for Miss Fairfax’s advantage and comfort as possible. “It must be a severe trial to them all. She had understood it was to be delayed till Colonel Campbell’s return.”

“So very kind!” replied Miss Bates. “But you are always kind.”

There was no bearing such an “always;” and to break through her dreadful gratitude, Emma made the direct inquiry of –

“Where – may I ask? – is Miss Fairfax going?”

“To a Mrs. Smallridge – charming woman – most superior – to have the charge of her three little girls – delightful children. Impossible that any situation could be more replete with comfort; if we except, perhaps, Mrs. Suckling’s own family, and Mrs. Bragge’s; but Mrs. Smallridge is intimate with both, and in the very same neighbourhood: – lives only four miles from Maple Grove. Jane will be only four miles from Maple Grove.”

“Mrs. Elton, I suppose, has been the person to whom Miss Fairfax owes – “

“Yes, our good Mrs. Elton. The most indefatigable, true friend. She would not take a denial. She would not let Jane say, ‘No;’ for when Jane first heard of it, (it was the day before yesterday, the very morning we were at Donwell,) when Jane first heard of it, she was quite decided against accepting the offer, and for the reasons you mention; exactly as you say, she had made up her mind to close with nothing till Colonel Campbell’s return, and nothing should induce her to enter into any engagement at present – and so she told Mrs. Elton over and over again – and I am sure I had no more idea that she would change her mind! – but that good Mrs. Elton, whose judgment never fails her, saw farther than I did. It is not every body that would have stood out in such a kind way as she did, and refuse to take Jane’s answer; but she positively declared she would not write any such denial yesterday, as Jane wished her; she would wait – and, sure enough, yesterday evening it was all settled that Jane should go. Quite a surprize to me! I had not the least idea! – Jane took Mrs. Elton aside, and told her at once, that upon thinking over the advantages of Mrs. Smallridge’s situation, she had come to the resolution of accepting it. – I did not know a word of it till it was all settled.”

“You spent the evening with Mrs. Elton?”

“Yes, all of us; Mrs. Elton would have us come. It was settled so, upon the hill, while we were walking about with Mr. Knightley. ‘You must all spend your evening with us,’ said she – ‘I positively must have you all come.’”

“Mr. Knightley was there too, was he?”

“No, not Mr. Knightley; he declined it from the first; and though I thought he would come, because Mrs. Elton declared she would not let him off, he did not; – but my mother, and Jane, and I, were all there, and a very agreeable evening we had. Such kind friends, you know, Miss Woodhouse, one must always find agreeable, though every body seemed rather fagged after the morning’s party. Even pleasure, you know, is fatiguing – and I cannot say that any of them seemed very much to have enjoyed it. However, I shall always think it a very pleasant party, and feel extremely obliged to the kind friends who included me in it.”

“Miss Fairfax, I suppose, though you were not aware of it, had been making up her mind the whole day?”

“I dare say she had.”

“Whenever the time may come, it must be unwelcome to her and all her friends – but I hope her engagement will have every alleviation that is possible – I mean, as to the character and manners of the family.”

“Thank you, dear Miss Woodhouse. Yes, indeed, there is every thing in the world that can make her happy in it. Except the Sucklings and Bragges, there is not such another nursery establishment, so liberal and elegant, in all Mrs. Elton’s acquaintance. Mrs. Smallridge, a most delightful woman! – A style of living almost equal to Maple Grove – and as to the children, except the little Sucklings and little Bragges, there are not such elegant sweet children anywhere. Jane will be treated with such regard and kindness! – It will be nothing but pleasure, a life of pleasure. – And her salary! – I really cannot venture to name her salary to you, Miss Woodhouse. Even you, used as you are to great sums, would hardly believe that so much could be given to a young person like Jane.”

“Ah! madam,” cried Emma, “if other children are at all like what I remember to have been myself, I should think five times the amount of what I have ever yet heard named as a salary on such occasions, dearly earned.”

“You are so noble in your ideas!”

“And when is Miss Fairfax to leave you?”

“Very soon, very soon, indeed; that’s the worst of it. Within a fortnight. Mrs. Smallridge is in a great hurry. My poor mother does not know how to bear it. So then, I try to put it out of her thoughts, and say, Come ma’am, do not let us think about it any more.”

“Her friends must all be sorry to lose her; and will not Colonel and Mrs. Campbell be sorry to find that she has engaged herself before their return?”

“Yes; Jane says she is sure they will; but yet, this is such a situation as she cannot feel herself justified in declining. I was so astonished when she first told me what she had been saying to Mrs. Elton, and when Mrs. Elton at the same moment came congratulating me upon it! It was before tea – stay – no, it could not be before tea, because we were just going to cards – and yet it was before tea, because I remember thinking – Oh! no, now I recollect, now I have it; something happened before tea, but not that. Mr. Elton was called out of the room before tea, old John Abdy’s son wanted to speak with him. Poor old John, I have a great regard for him; he was clerk to my poor father twenty-seven years; and now, poor old man, he is bed-ridden, and very poorly with the rheumatic gout in his joints – I must go and see him to-day; and so will Jane, I am sure, if she gets out at all. And poor John’s son came to talk to Mr. Elton about relief from the parish; he is very well to do himself, you know, being head man at the Crown, ostler, and every thing of that sort, but still he cannot keep his father without some help; and so, when Mr. Elton came back, he told us what John ostler had been telling him, and then it came out about the chaise having been sent to Randalls to take Mr. Frank Churchill to Richmond. That was what happened before tea. It was after tea that Jane spoke to Mrs. Elton.”

Miss Bates would hardly give Emma time to say how perfectly new this circumstance was to her; but as without supposing it possible that she could be ignorant of any of the particulars of Mr. Frank Churchill’s going, she proceeded to give them all, it was of no consequence.

What Mr. Elton had learned from the ostler on the subject, being the accumulation of the ostler’s own knowledge, and the knowledge of the servants at Randalls, was, that a messenger had come over from Richmond soon after the return of the party from Box Hill – which messenger, however, had been no more than was expected; and that Mr. Churchill had sent his nephew a few lines, containing, upon the whole, a tolerable account of Mrs. Churchill, and only wishing him not to delay coming back beyond the next morning early; but that Mr. Frank Churchill having resolved to go home directly, without waiting at all, and his horse seeming to have got a cold, Tom had been sent off immediately for the Crown chaise, and the ostler had stood out and seen it pass by, the boy going a good pace, and driving very steady.

There was nothing in all this either to astonish or interest, and it caught Emma's attention only as it united with the subject which already engaged her mind. The contrast between Mrs. Churchill's importance in the world, and Jane Fairfax's, struck her; one was every thing, the other nothing – and she sat musing on the difference of woman's destiny, and quite unconscious on what her eyes were fixed, till roused by Miss Bates's saying,

“Aye, I see what you are thinking of, the pianoforte. What is to become of that? – Very true. Poor dear Jane was talking of it just now. – ‘You must go,’ said she. ‘You and I must part. You will have no business here. – Let it stay, however,’ said she; ‘give it houseroom till Colonel Campbell comes back. I shall talk about it to him; he will settle for me; he will help me out of all my difficulties.’ – And to this day, I do believe, she knows not whether it was his present or his daughter's.”

Now Emma was obliged to think of the pianoforte; and the remembrance of all her former fanciful and unfair conjectures was so little pleasing, that she soon allowed herself to believe her visit had been long enough; and, with a repetition of every thing that she could venture to say of the good wishes which she really felt, took leave.

CHAPTER IX

Emma's pensive meditations, as she walked home, were not interrupted; but on entering the parlour, she found those who must rouse her. Mr. Knightley and Harriet had arrived during her absence, and were sitting with her father. — Mr. Knightley immediately got up, and in a manner decidedly graver than usual, said,

“I would not go away without seeing you, but I have no time to spare, and therefore must now be gone directly. I am going to London, to spend a few days with John and Isabella. Have you any thing to send or say, besides the ‘love,’ which nobody carries?”

“Nothing at all. But is not this a sudden scheme?”

“Yes — rather — I have been thinking of it some little time.”

Emma was sure he had not forgiven her; he looked unlike himself. Time, however, she thought, would tell him that they ought to be friends again. While he stood, as if meaning to go, but not going — her father began his inquiries.

“Well, my dear, and did you get there safely? — And how did you find my worthy old friend and her daughter? — I dare say they must have been very much obliged to you for coming. Dear Emma has been to call on Mrs. and Miss Bates, Mr. Knightley, as I told you before. She is always so attentive to them!”

Emma's colour was heightened by this unjust praise; and with a smile, and shake of the head, which spoke much, she looked at Mr. Knightley. — It seemed as if there were an instantaneous impression in her favour, as if his eyes received the truth from her's, and all that had passed of good in her feelings were at once caught and honoured. — He looked at her with a glow of regard. She was warmly gratified — and in another moment still more so, by a little movement of more than common friendliness on his part. — He took her hand; — whether she had not herself made the first motion, she could not say — she might, perhaps, have rather offered it — but he took her hand, pressed it, and certainly was on the point of carrying it to his lips — when, from some fancy or other, he suddenly let it go. — Why he should feel such a scruple, why he should change his mind when it was all but done, she could not perceive. — He would have judged better, she thought, if he had not stopped. — The intention, however, was indubitable; and whether it was that his manners had in general so little gallantry, or however else it happened, but she thought nothing became him more. — It was with him, of so simple, yet so dignified a nature. — She could not but recall the attempt with great satisfaction. It spoke such perfect amity. — He left them immediately afterwards

– gone in a moment. He always moved with the alertness of a mind which could neither be undecided nor dilatory, but now he seemed more sudden than usual in his disappearance.

Emma could not regret her having gone to Miss Bates, but she wished she had left her ten minutes earlier; – it would have been a great pleasure to talk over Jane Fairfax’s situation with Mr. Knightley. – Neither would she regret that he should be going to Brunswick Square, for she knew how much his visit would be enjoyed – but it might have happened at a better time – and to have had longer notice of it, would have been pleasanter. – They parted thorough friends, however; she could not be deceived as to the meaning of his countenance, and his unfinished gallantry; – it was all done to assure her that she had fully recovered his good opinion. – He had been sitting with them half an hour, she found. It was a pity that she had not come back earlier!

In the hope of diverting her father’s thoughts from the disagreeableness of Mr. Knightley’s going to London; and going so suddenly; and going on horseback which she knew would be all very bad; Emma communicated her news of Jane Fairfax, and her dependence on the effect was justified; it supplied a very useful check – interested, without disturbing him. He had long made up his mind to Jane Fairfax’s going out as governess, and could talk of it cheerfully, but Mr. Knightley’s going to London had been an unexpected blow.

“I am very glad, indeed, my dear, to hear she is to be so comfortably settled. Mrs. Elton is very good-natured and agreeable, and I dare say her acquaintance are just what they ought to be. I hope it is a dry situation, and that her health will be taken good care of. It ought to be a first object, as I am sure poor Miss Taylor’s always was with me. You know, my dear, she is going to be to this new lady what Miss Taylor was to us. And I hope she will be better off in one respect, and not be induced to go away after it has been her home so long.”

The following day brought news from Richmond to throw every thing else into the background. An express arrived at Randalls to announce the death of Mrs. Churchill! Though her nephew had had no particular reason to hasten back on her account, she had not lived above six-and-thirty hours after his return. A sudden seizure of a different nature from any thing foreboded by her general state, had carried her off after a short struggle. The great Mrs. Churchill was no more.

It was felt as such things must be felt. Every body had a degree of gravity and sorrow; tenderness towards the departed, solicitude for the surviving friends; and, in a reasonable time, curiosity to know where she would be buried. Goldsmith tells us, that when lovely woman stoops to folly, she has nothing to do

but to die; and when she stoops to be disagreeable, it is equally to be recommended as a clearer of ill-fame. Mrs. Churchill, after being disliked at least twenty-five years, was now spoken of with compassionate allowances. In one point she was fully justified. She had never been admitted before to be seriously ill. The event acquitted her of all the fancifulness, and all the selfishness of imaginary complaints.

“Poor Mrs. Churchill! no doubt she had been suffering a great deal: more than any body had ever supposed – and continual pain would try the temper. It was a sad event – a great shock – with all her faults, what would Mr. Churchill do without her? Mr. Churchill’s loss would be dreadful indeed. Mr. Churchill would never get over it.” – Even Mr. Weston shook his head, and looked solemn, and said, “Ah! poor woman, who would have thought it!” and resolved, that his mourning should be as handsome as possible; and his wife sat sighing and moralising over her broad hems with a commiseration and good sense, true and steady. How it would affect Frank was among the earliest thoughts of both. It was also a very early speculation with Emma. The character of Mrs. Churchill, the grief of her husband – her mind glanced over them both with awe and compassion – and then rested with lightened feelings on how Frank might be affected by the event, how benefited, how freed. She saw in a moment all the possible good. Now, an attachment to Harriet Smith would have nothing to encounter. Mr. Churchill, independent of his wife, was feared by nobody; an easy, guidable man, to be persuaded into any thing by his nephew. All that remained to be wished was, that the nephew should form the attachment, as, with all her goodwill in the cause, Emma could feel no certainty of its being already formed.

Harriet behaved extremely well on the occasion, with great self-command. What ever she might feel of brighter hope, she betrayed nothing. Emma was gratified, to observe such a proof in her of strengthened character, and refrained from any allusion that might endanger its maintenance. They spoke, therefore, of Mrs. Churchill’s death with mutual forbearance.

Short letters from Frank were received at Randalls, communicating all that was immediately important of their state and plans. Mr. Churchill was better than could be expected; and their first removal, on the departure of the funeral for Yorkshire, was to be to the house of a very old friend in Windsor, to whom Mr. Churchill had been promising a visit the last ten years. At present, there was nothing to be done for Harriet; good wishes for the future were all that could yet be possible on Emma’s side.

It was a more pressing concern to shew attention to Jane Fairfax, whose prospects were closing, while Harriet’s opened, and whose engagements now allowed of no delay in any one at Highbury, who wished to shew her kindness –

and with Emma it was grown into a first wish. She had scarcely a stronger regret than for her past coldness; and the person, whom she had been so many months neglecting, was now the very one on whom she would have lavished every distinction of regard or sympathy. She wanted to be of use to her; wanted to shew a value for her society, and testify respect and consideration. She resolved to prevail on her to spend a day at Hartfield. A note was written to urge it. The invitation was refused, and by a verbal message. "Miss Fairfax was not well enough to write;" and when Mr. Perry called at Hartfield, the same morning, it appeared that she was so much indisposed as to have been visited, though against her own consent, by himself, and that she was suffering under severe headaches, and a nervous fever to a degree, which made him doubt the possibility of her going to Mrs. Smallridge's at the time proposed. Her health seemed for the moment completely deranged – appetite quite gone – and though there were no absolutely alarming symptoms, nothing touching the pulmonary complaint, which was the standing apprehension of the family, Mr. Perry was uneasy about her. He thought she had undertaken more than she was equal to, and that she felt it so herself, though she would not own it. Her spirits seemed overcome. Her present home, he could not but observe, was unfavourable to a nervous disorder: – confined always to one room; – he could have wished it otherwise – and her good aunt, though his very old friend, he must acknowledge to be not the best companion for an invalid of that description. Her care and attention could not be questioned; they were, in fact, only too great. He very much feared that Miss Fairfax derived more evil than good from them. Emma listened with the warmest concern; grieved for her more and more, and looked around eager to discover some way of being useful. To take her – be it only an hour or two – from her aunt, to give her change of air and scene, and quiet rational conversation, even for an hour or two, might do her good; and the following morning she wrote again to say, in the most feeling language she could command, that she would call for her in the carriage at any hour that Jane would name – mentioning that she had Mr. Perry's decided opinion, in favour of such exercise for his patient. The answer was only in this short note:

"Miss Fairfax's compliments and thanks, but is quite unequal to any exercise."

Emma felt that her own note had deserved something better; but it was impossible to quarrel with words, whose tremulous inequality shewed indisposition so plainly, and she thought only of how she might best counteract this unwillingness to be seen or assisted. In spite of the answer, therefore, she ordered the carriage, and drove to Mrs. Bates's, in the hope that Jane would be induced to join her – but it would not do; – Miss Bates came to the carriage door, all gratitude, and agreeing with her most earnestly in thinking an airing might be of

the greatest service – and every thing that message could do was tried – but all in vain. Miss Bates was obliged to return without success; Jane was quite unpersuadable; the mere proposal of going out seemed to make her worse. – Emma wished she could have seen her, and tried her own powers; but, almost before she could hint the wish, Miss Bates made it appear that she had promised her niece on no account to let Miss Woodhouse in. “Indeed, the truth was, that poor dear Jane could not bear to see any body – any body at all – Mrs. Elton, indeed, could not be denied – and Mrs. Cole had made such a point – and Mrs. Perry had said so much – but, except them, Jane would really see nobody.”

Emma did not want to be classed with the Mrs. Eltons, the Mrs. Perrys, and the Mrs. Coles, who would force themselves anywhere; neither could she feel any right of preference herself – she submitted, therefore, and only questioned Miss Bates farther as to her niece’s appetite and diet, which she longed to be able to assist. On that subject poor Miss Bates was very unhappy, and very communicative; Jane would hardly eat any thing: – Mr. Perry recommended nourishing food; but every thing they could command (and never had any body such good neighbours) was distasteful.

Emma, on reaching home, called the housekeeper directly, to an examination of her stores; and some arrowroot of very superior quality was speedily despatched to Miss Bates with a most friendly note. In half an hour the arrowroot was returned, with a thousand thanks from Miss Bates, but “dear Jane would not be satisfied without its being sent back; it was a thing she could not take – and, moreover, she insisted on her saying, that she was not at all in want of any thing.”

When Emma afterwards heard that Jane Fairfax had been seen wandering about the meadows, at some distance from Highbury, on the afternoon of the very day on which she had, under the plea of being unequal to any exercise, so peremptorily refused to go out with her in the carriage, she could have no doubt – putting every thing together – that Jane was resolved to receive no kindness from her. She was sorry, very sorry. Her heart was grieved for a state which seemed but the more pitiable from this sort of irritation of spirits, inconsistency of action, and inequality of powers; and it mortified her that she was given so little credit for proper feeling, or esteemed so little worthy as a friend: but she had the consolation of knowing that her intentions were good, and of being able to say to herself, that could Mr. Knightley have been privy to all her attempts of assisting Jane Fairfax, could he even have seen into her heart, he would not, on this occasion, have found any thing to reprove.

CHAPTER X

One morning, about ten days after Mrs. Churchill's decease, Emma was called downstairs to Mr. Weston, who "could not stay five minutes, and wanted particularly to speak with her." – He met her at the parlour-door, and hardly asking her how she did, in the natural key of his voice, sunk it immediately, to say, unheard by her father,

"Can you come to Randalls at any time this morning? – Do, if it be possible. Mrs. Weston wants to see you. She must see you."

"Is she unwell?"

"No, no, not at all – only a little agitated. She would have ordered the carriage, and come to you, but she must see you alone, and that you know – (nodding towards her father) – Humph! – Can you come?"

"Certainly. This moment, if you please. It is impossible to refuse what you ask in such a way. But what can be the matter? – Is she really not ill?"

"Depend upon me – but ask no more questions. You will know it all in time. The most unaccountable business! But hush, hush!"

To guess what all this meant, was impossible even for Emma. Something really important seemed announced by his looks; but, as her friend was well, she endeavoured not to be uneasy, and settling it with her father, that she would take her walk now, she and Mr. Weston were soon out of the house together and on their way at a quick pace for Randalls.

"Now," – said Emma, when they were fairly beyond the sweep gates, – "now Mr. Weston, do let me know what has happened."

"No, no," – he gravely replied. – "Don't ask me. I promised my wife to leave it all to her. She will break it to you better than I can. Do not be impatient, Emma; it will all come out too soon."

"Break it to me," cried Emma, standing still with terror. – "Good God! – Mr. Weston, tell me at once. – Something has happened in Brunswick Square. I know it has. Tell me, I charge you tell me this moment what it is."

"No, indeed you are mistaken." –

"Mr. Weston do not trifle with me. – Consider how many of my dearest friends are now in Brunswick Square. Which of them is it? – I charge you by all that is sacred, not to attempt concealment."

“Upon my word, Emma.” –

“Your word! – why not your honour! – why not say upon your honour, that it has nothing to do with any of them? Good Heavens! – What can be to be broke to me, that does not relate to one of that family?”

“Upon my honour,” said he very seriously, “it does not. It is not in the smallest degree connected with any human being of the name of Knightley.”

Emma’s courage returned, and she walked on.

“I was wrong,” he continued, “in talking of its being broke to you. I should not have used the expression. In fact, it does not concern you – it concerns only myself, – that is, we hope. – Humph! – In short, my dear Emma, there is no occasion to be so uneasy about it. I don’t say that it is not a disagreeable business – but things might be much worse. – If we walk fast, we shall soon be at Randalls.”

Emma found that she must wait; and now it required little effort. She asked no more questions therefore, merely employed her own fancy, and that soon pointed out to her the probability of its being some money concern – something just come to light, of a disagreeable nature in the circumstances of the family, – something which the late event at Richmond had brought forward. Her fancy was very active. Half a dozen natural children, perhaps – and poor Frank cut off! – This, though very undesirable, would be no matter of agony to her. It inspired little more than an animating curiosity.

“Who is that gentleman on horseback?” said she, as they proceeded – speaking more to assist Mr. Weston in keeping his secret, than with any other view.

“I do not know. – One of the Otways. – Not Frank; – it is not Frank, I assure you. You will not see him. He is half way to Windsor by this time.”

“Has your son been with you, then?”

“Oh! yes – did not you know? – Well, well, never mind.”

For a moment he was silent; and then added, in a tone much more guarded and demure,

“Yes, Frank came over this morning, just to ask us how we did.”

They hurried on, and were speedily at Randalls. – “Well, my dear,” said he, as they entered the room – “I have brought her, and now I hope you will soon be better. I shall leave you together. There is no use in delay. I shall not be far off, if you want me.” – And Emma distinctly heard him add, in a lower tone, before he quitted the room, – “I have been as good as my word. She has not the

least idea.”

Mrs. Weston was looking so ill, and had an air of so much perturbation, that Emma’s uneasiness increased; and the moment they were alone, she eagerly said,

“What is it my dear friend? Something of a very unpleasant nature, I find, has occurred; – do let me know directly what it is. I have been walking all this way in complete suspense. We both abhor suspense. Do not let mine continue longer. It will do you good to speak of your distress, whatever it may be.”

“Have you indeed no idea?” said Mrs. Weston in a trembling voice. “Cannot you, my dear Emma – cannot you form a guess as to what you are to hear?”

“So far as that it relates to Mr. Frank Churchill, I do guess.”

“You are right. It does relate to him, and I will tell you directly;” (resuming her work, and seeming resolved against looking up.) “He has been here this very morning, on a most extraordinary errand. It is impossible to express our surprise. He came to speak to his father on a subject, – to announce an attachment – “

She stopped to breathe. Emma thought first of herself, and then of Harriet.

“More than an attachment, indeed,” resumed Mrs. Weston; “an engagement – a positive engagement. – What will you say, Emma – what will any body say, when it is known that Frank Churchill and Miss Fairfax are engaged; – nay, that they have been long engaged!”

Emma even jumped with surprise; – and, horror-struck, exclaimed,

“Jane Fairfax! – Good God! You are not serious? You do not mean it?”

“You may well be amazed,” returned Mrs. Weston, still averting her eyes, and talking on with eagerness, that Emma might have time to recover – “You may well be amazed. But it is even so. There has been a solemn engagement between them ever since October – formed at Weymouth, and kept a secret from every body. Not a creature knowing it but themselves – neither the Campbells, nor her family, nor his. – It is so wonderful, that though perfectly convinced of the fact, it is yet almost incredible to myself. I can hardly believe it. – I thought I knew him.”

Emma scarcely heard what was said. – Her mind was divided between two ideas – her own former conversations with him about Miss Fairfax; and poor

Harriet; – and for some time she could only exclaim, and require confirmation, repeated confirmation.

“Well,” said she at last, trying to recover herself; “this is a circumstance which I must think of at least half a day, before I can at all comprehend it. What! – engaged to her all the winter – before either of them came to Highbury?”

“Engaged since October, – secretly engaged. – It has hurt me, Emma, very much. It has hurt his father equally. Some part of his conduct we cannot excuse.”

Emma pondered a moment, and then replied, “I will not pretend not to understand you; and to give you all the relief in my power, be assured that no such effect has followed his attentions to me, as you are apprehensive of.”

Mrs. Weston looked up, afraid to believe; but Emma’s countenance was as steady as her words.

“That you may have less difficulty in believing this boast, of my present perfect indifference,” she continued, “I will farther tell you, that there was a period in the early part of our acquaintance, when I did like him, when I was very much disposed to be attached to him – nay, was attached – and how it came to cease, is perhaps the wonder. Fortunately, however, it did cease. I have really for some time past, for at least these three months, cared nothing about him. You may believe me, Mrs. Weston. This is the simple truth.”

Mrs. Weston kissed her with tears of joy; and when she could find utterance, assured her, that this protestation had done her more good than any thing else in the world could do.

“Mr. Weston will be almost as much relieved as myself,” said she. “On this point we have been wretched. It was our darling wish that you might be attached to each other – and we were persuaded that it was so. – Imagine what we have been feeling on your account.”

“I have escaped; and that I should escape, may be a matter of grateful wonder to you and myself. But this does not acquit him, Mrs. Weston; and I must say, that I think him greatly to blame. What right had he to come among us with affection and faith engaged, and with manners so very disengaged? What right had he to endeavour to please, as he certainly did – to distinguish any one young woman with persevering attention, as he certainly did – while he really belonged to another? – How could he tell what mischief he might be doing? – How could he tell that he might not be making me in love with him? – very wrong, very wrong indeed.”

“From something that he said, my dear Emma, I rather imagine – “

“And how could she bear such behaviour! Composure with a witness! to look on, while repeated attentions were offering to another woman, before her face, and not resent it. – That is a degree of placidity, which I can neither comprehend nor respect.”

“There were misunderstandings between them, Emma; he said so expressly. He had not time to enter into much explanation. He was here only a quarter of an hour, and in a state of agitation which did not allow the full use even of the time he could stay – but that there had been misunderstandings he decidedly said. The present crisis, indeed, seemed to be brought on by them; and those misunderstandings might very possibly arise from the impropriety of his conduct.”

“Impropriety! Oh! Mrs. Weston – it is too calm a censure. Much, much beyond impropriety! – It has sunk him, I cannot say how it has sunk him in my opinion. So unlike what a man should be! – None of that upright integrity, that strict adherence to truth and principle, that disdain of trick and littleness, which a man should display in every transaction of his life.”

“Nay, dear Emma, now I must take his part; for though he has been wrong in this instance, I have known him long enough to answer for his having many, very many, good qualities; and – “

“Good God!” cried Emma, not attending to her. – “Mrs. Smallridge, too! Jane actually on the point of going as governess! What could he mean by such horrible indelicacy? To suffer her to engage herself – to suffer her even to think of such a measure!”

“He knew nothing about it, Emma. On this article I can fully acquit him. It was a private resolution of hers, not communicated to him – or at least not communicated in a way to carry conviction. – Till yesterday, I know he said he was in the dark as to her plans. They burst on him, I do not know how, but by some letter or message – and it was the discovery of what she was doing, of this very project of hers, which determined him to come forward at once, own it all to his uncle, throw himself on his kindness, and, in short, put an end to the miserable state of concealment that had been carrying on so long.”

Emma began to listen better.

“I am to hear from him soon,” continued Mrs. Weston. “He told me at parting, that he should soon write; and he spoke in a manner which seemed to promise me many particulars that could not be given now. Let us wait, therefore, for this letter. It may bring many extenuations. It may make many things

intelligible and excusable which now are not to be understood. Don't let us be severe, don't let us be in a hurry to condemn him. Let us have patience. I must love him; and now that I am satisfied on one point, the one material point, I am sincerely anxious for its all turning out well, and ready to hope that it may. They must both have suffered a great deal under such a system of secrecy and concealment."

"His sufferings," replied Emma dryly, "do not appear to have done him much harm. Well, and how did Mr. Churchill take it?"

"Most favourably for his nephew – gave his consent with scarcely a difficulty. Conceive what the events of a week have done in that family! While poor Mrs. Churchill lived, I suppose there could not have been a hope, a chance, a possibility; – but scarcely are her remains at rest in the family vault, than her husband is persuaded to act exactly opposite to what she would have required. What a blessing it is, when undue influence does not survive the grave! – He gave his consent with very little persuasion."

"Ah!" thought Emma, "he would have done as much for Harriet."

"This was settled last night, and Frank was off with the light this morning. He stopped at Highbury, at the Bates's, I fancy, some time – and then came on hither; but was in such a hurry to get back to his uncle, to whom he is just now more necessary than ever, that, as I tell you, he could stay with us but a quarter of an hour. – He was very much agitated – very much, indeed – to a degree that made him appear quite a different creature from any thing I had ever seen him before. – In addition to all the rest, there had been the shock of finding her so very unwell, which he had had no previous suspicion of – and there was every appearance of his having been feeling a great deal."

"And do you really believe the affair to have been carrying on with such perfect secrecy? – The Campbells, the Dixons, did none of them know of the engagement?"

Emma could not speak the name of Dixon without a little blush.

"None; not one. He positively said that it had been known to no being in the world but their two selves."

"Well," said Emma, "I suppose we shall gradually grow reconciled to the idea, and I wish them very happy. But I shall always think it a very abominable sort of proceeding. What has it been but a system of hypocrisy and deceit, – espionage, and treachery? – To come among us with professions of openness and simplicity; and such a league in secret to judge us all! – Here have we been, the whole winter and spring, completely duped, fancying ourselves all

on an equal footing of truth and honour, with two people in the midst of us who may have been carrying round, comparing and sitting in judgment on sentiments and words that were never meant for both to hear. – They must take the consequence, if they have heard each other spoken of in a way not perfectly agreeable!”

“I am quite easy on that head,” replied Mrs. Weston. “I am very sure that I never said any thing of either to the other, which both might not have heard.”

“You are in luck – Your only blunder was confined to my ear, when you imagined a certain friend of ours in love with the lady.”

“True. But as I have always had a thoroughly good opinion of Miss Fairfax, I never could, under any blunder, have spoken ill of her; and as to speaking ill of him, there I must have been safe.”

At this moment Mr. Weston appeared at a little distance from the window, evidently on the watch. His wife gave him a look which invited him in; and, while he was coming round, added, “Now, dearest Emma, let me intreat you to say and look every thing that may set his heart at ease, and incline him to be satisfied with the match. Let us make the best of it – and, indeed, almost every thing may be fairly said in her favour. It is not a connexion to gratify; but if Mr. Churchill does not feel that, why should we? and it may be a very fortunate circumstance for him, for Frank, I mean, that he should have attached himself to a girl of such steadiness of character and good judgment as I have always given her credit for – and still am disposed to give her credit for, in spite of this one great deviation from the strict rule of right. And how much may be said in her situation for even that error!”

“Much, indeed!” cried Emma feelingly. “If a woman can ever be excused for thinking only of herself, it is in a situation like Jane Fairfax’s. – Of such, one may almost say, that ‘the world is not their’s, nor the world’s law.’”

She met Mr. Weston on his entrance, with a smiling countenance, exclaiming,

“A very pretty trick you have been playing me, upon my word! This was a device, I suppose, to sport with my curiosity, and exercise my talent of guessing. But you really frightened me. I thought you had lost half your property, at least. And here, instead of its being a matter of condolence, it turns out to be one of congratulation. – I congratulate you, Mr. Weston, with all my heart, on the prospect of having one of the most lovely and accomplished young women in England for your daughter.”

A glance or two between him and his wife, convinced him that all was as right as this speech proclaimed; and its happy effect on his spirits was immediate. His air and voice recovered their usual briskness: he shook her heartily and gratefully by the hand, and entered on the subject in a manner to prove, that he now only wanted time and persuasion to think the engagement no very bad thing. His companions suggested only what could palliate imprudence, or smooth objections; and by the time they had talked it all over together, and he had talked it all over again with Emma, in their walk back to Hartfield, he was become perfectly reconciled, and not far from thinking it the very best thing that Frank could possibly have done.

CHAPTER XI

“Harriet, poor Harriet!” – Those were the words; in them lay the tormenting ideas which Emma could not get rid of, and which constituted the real misery of the business to her. Frank Churchill had behaved very ill by herself – very ill in many ways, – but it was not so much his behaviour as her own, which made her so angry with him. It was the scrape which he had drawn her into on Harriet’s account, that gave the deepest hue to his offence. – Poor Harriet! to be a second time the dupe of her misconceptions and flattery. Mr. Knightley had spoken prophetically, when he once said, “Emma, you have been no friend to Harriet Smith.” – She was afraid she had done her nothing but disservice. – It was true that she had not to charge herself, in this instance as in the former, with being the sole and original author of the mischief; with having suggested such feelings as might otherwise never have entered Harriet’s imagination; for Harriet had acknowledged her admiration and preference of Frank Churchill before she had ever given her a hint on the subject; but she felt completely guilty of having encouraged what she might have repressed. She might have prevented the indulgence and increase of such sentiments. Her influence would have been enough. And now she was very conscious that she ought to have prevented them. – She felt that she had been risking her friend’s happiness on most insufficient grounds. Common sense would have directed her to tell Harriet, that she must not allow herself to think of him, and that there were five hundred chances to one against his ever caring for her. – “But, with common sense,” she added, “I am afraid I have had little to do.”

She was extremely angry with herself. If she could not have been angry with Frank Churchill too, it would have been dreadful. – As for Jane Fairfax, she might at least relieve her feelings from any present solicitude on her account. Harriet would be anxiety enough; she need no longer be unhappy about Jane, whose troubles and whose ill-health having, of course, the same origin, must be equally under cure. – Her days of insignificance and evil were over. – She would soon be well, and happy, and prosperous. – Emma could now imagine why her own attentions had been slighted. This discovery laid many smaller matters open. No doubt it had been from jealousy. – In Jane’s eyes she had been a rival; and well might any thing she could offer of assistance or regard be repulsed. An airing in the Hartfield carriage would have been the rack, and arrowroot from the Hartfield storeroom must have been poison. She understood it all; and as far as her mind could disengage itself from the injustice and selfishness of angry feelings, she acknowledged that Jane Fairfax would have neither elevation nor happiness beyond her desert. But poor Harriet was such an engrossing charge! There was little sympathy to be spared for any body else. Emma was sadly

fearful that this second disappointment would be more severe than the first. Considering the very superior claims of the object, it ought; and judging by its apparently stronger effect on Harriet's mind, producing reserve and self-command, it would. – She must communicate the painful truth, however, and as soon as possible. An injunction of secrecy had been among Mr. Weston's parting words. "For the present, the whole affair was to be completely a secret. Mr. Churchill had made a point of it, as a token of respect to the wife he had so very recently lost; and every body admitted it to be no more than due decorum." – Emma had promised; but still Harriet must be excepted. It was her superior duty.

In spite of her vexation, she could not help feeling it almost ridiculous, that she should have the very same distressing and delicate office to perform by Harriet, which Mrs. Weston had just gone through by herself. The intelligence, which had been so anxiously announced to her, she was now to be anxiously announcing to another. Her heart beat quick on hearing Harriet's footstep and voice; so, she supposed, had poor Mrs. Weston felt when she was approaching Randalls. Could the event of the disclosure bear an equal resemblance! – But of that, unfortunately, there could be no chance.

"Well, Miss Woodhouse!" cried Harriet, coming eagerly into the room – "is not this the oddest news that ever was?"

"What news do you mean?" replied Emma, unable to guess, by look or voice, whether Harriet could indeed have received any hint.

"About Jane Fairfax. Did you ever hear any thing so strange? Oh! – you need not be afraid of owning it to me, for Mr. Weston has told me himself. I met him just now. He told me it was to be a great secret; and, therefore, I should not think of mentioning it to any body but you, but he said you knew it."

"What did Mr. Weston tell you?" – said Emma, still perplexed.

"Oh! he told me all about it; that Jane Fairfax and Mr. Frank Churchill are to be married, and that they have been privately engaged to one another this long while. How very odd!"

It was, indeed, so odd; Harriet's behaviour was so extremely odd, that Emma did not know how to understand it. Her character appeared absolutely changed. She seemed to propose shewing no agitation, or disappointment, or peculiar concern in the discovery. Emma looked at her, quite unable to speak.

"Had you any idea," cried Harriet, "of his being in love with her? – You, perhaps, might. – You (blushing as she spoke) who can see into every body's heart; but nobody else –"

“Upon my word,” said Emma, “I begin to doubt my having any such talent. Can you seriously ask me, Harriet, whether I imagined him attached to another woman at the very time that I was – tacitly, if not openly – encouraging you to give way to your own feelings? – I never had the slightest suspicion, till within the last hour, of Mr. Frank Churchill’s having the least regard for Jane Fairfax. You may be very sure that if I had, I should have cautioned you accordingly.”

“Me!” cried Harriet, colouring, and astonished. “Why should you caution me? – You do not think I care about Mr. Frank Churchill.”

“I am delighted to hear you speak so stoutly on the subject,” replied Emma, smiling; “but you do not mean to deny that there was a time – and not very distant either – when you gave me reason to understand that you did care about him?”

“Him! – never, never. Dear Miss Woodhouse, how could you so mistake me?” turning away distressed.

“Harriet!” cried Emma, after a moment’s pause – “What do you mean? – Good Heaven! what do you mean? – Mistake you! – Am I to suppose then? – “

She could not speak another word. – Her voice was lost; and she sat down, waiting in great terror till Harriet should answer.

Harriet, who was standing at some distance, and with face turned from her, did not immediately say any thing; and when she did speak, it was in a voice nearly as agitated as Emma’s.

“I should not have thought it possible,” she began, “that you could have misunderstood me! I know we agreed never to name him – but considering how infinitely superior he is to every body else, I should not have thought it possible that I could be supposed to mean any other person. Mr. Frank Churchill, indeed! I do not know who would ever look at him in the company of the other. I hope I have a better taste than to think of Mr. Frank Churchill, who is like nobody by his side. And that you should have been so mistaken, is amazing! – I am sure, but for believing that you entirely approved and meant to encourage me in my attachment, I should have considered it at first too great a presumption almost, to dare to think of him. At first, if you had not told me that more wonderful things had happened; that there had been matches of greater disparity (those were your very words); – I should not have dared to give way to – I should not have thought it possible – But if you, who had been always acquainted with him – “

“Harriet!” cried Emma, collecting herself resolutely – “Let us

understand each other now, without the possibility of farther mistake. Are you speaking of – Mr. Knightley?”

“To be sure I am. I never could have an idea of any body else – and so I thought you knew. When we talked about him, it was as clear as possible.”

“Not quite,” returned Emma, with forced calmness, “for all that you then said, appeared to me to relate to a different person. I could almost assert that you had named Mr. Frank Churchill. I am sure the service Mr. Frank Churchill had rendered you, in protecting you from the gipsies, was spoken of.”

“Oh! Miss Woodhouse, how you do forget!”

“My dear Harriet, I perfectly remember the substance of what I said on the occasion. I told you that I did not wonder at your attachment; that considering the service he had rendered you, it was extremely natural: – and you agreed to it, expressing yourself very warmly as to your sense of that service, and mentioning even what your sensations had been in seeing him come forward to your rescue. – The impression of it is strong on my memory.”

“Oh, dear,” cried Harriet, “now I recollect what you mean; but I was thinking of something very different at the time. It was not the gipsies – it was not Mr. Frank Churchill that I meant. No! (with some elevation) I was thinking of a much more precious circumstance – of Mr. Knightley’s coming and asking me to dance, when Mr. Elton would not stand up with me; and when there was no other partner in the room. That was the kind action; that was the noble benevolence and generosity; that was the service which made me begin to feel how superior he was to every other being upon earth.”

“Good God!” cried Emma, “this has been a most unfortunate – most deplorable mistake! – What is to be done?”

“You would not have encouraged me, then, if you had understood me? At least, however, I cannot be worse off than I should have been, if the other had been the person; and now – it is possible – “

She paused a few moments. Emma could not speak

“I do not wonder, Miss Woodhouse,” she resumed, “that you should feel a great difference between the two, as to me or as to any body. You must think one five hundred million times more above me than the other. But I hope, Miss Woodhouse, that supposing – that if – strange as it may appear – . But you know they were your own words, that more wonderful things had happened, matches of greater disparity had taken place than between Mr. Frank Churchill and me; and, therefore, it seems as if such a thing even as this, may have occurred before

– and if I should be so fortunate, beyond expression, as to – if Mr. Knightley should really – if he does not mind the disparity, I hope, dear Miss Woodhouse, you will not set yourself against it, and try to put difficulties in the way. But you are too good for that, I am sure.”

Harriet was standing at one of the windows. Emma turned round to look at her in consternation, and hastily said,

“Have you any idea of Mr. Knightley’s returning your affection?”

“Yes,” replied Harriet modestly, but not fearfully – “I must say that I have.”

Emma’s eyes were instantly withdrawn; and she sat silently meditating, in a fixed attitude, for a few minutes. A few minutes were sufficient for making her acquainted with her own heart. A mind like hers, once opening to suspicion, made rapid progress. She touched – she admitted – she acknowledged the whole truth. Why was it so much worse that Harriet should be in love with Mr. Knightley, than with Frank Churchill? Why was the evil so dreadfully increased by Harriet’s having some hope of a return? It darted through her, with the speed of an arrow, that Mr. Knightley must marry no one but herself!

Her own conduct, as well as her own heart, was before her in the same few minutes. She saw it all with a clearness which had never blessed her before. How improperly had she been acting by Harriet! How inconsiderate, how indelicate, how irrational, how unfeeling had been her conduct! What blindness, what madness, had led her on! It struck her with dreadful force, and she was ready to give it every bad name in the world. Some portion of respect for herself, however, in spite of all these demerits – some concern for her own appearance, and a strong sense of justice by Harriet – (there would be no need of compassion to the girl who believed herself loved by Mr. Knightley – but justice required that she should not be made unhappy by any coldness now,) gave Emma the resolution to sit and endure farther with calmness, with even apparent kindness. – For her own advantage indeed, it was fit that the utmost extent of Harriet’s hopes should be enquired into; and Harriet had done nothing to forfeit the regard and interest which had been so voluntarily formed and maintained – or to deserve to be slighted by the person, whose counsels had never led her right. – Rousing from reflection, therefore, and subduing her emotion, she turned to Harriet again, and, in a more inviting accent, renewed the conversation; for as to the subject which had first introduced it, the wonderful story of Jane Fairfax, that was quite sunk and lost. – Neither of them thought but of Mr. Knightley and themselves.

Harriet, who had been standing in no unhappy reverie, was yet very glad to be called from it, by the now encouraging manner of such a judge, and

such a friend as Miss Woodhouse, and only wanted invitation, to give the history of her hopes with great, though trembling delight. – Emma's tremblings as she asked, and as she listened, were better concealed than Harriet's, but they were not less. Her voice was not unsteady; but her mind was in all the perturbation that such a development of self, such a burst of threatening evil, such a confusion of sudden and perplexing emotions, must create. – She listened with much inward suffering, but with great outward patience, to Harriet's detail. – Methodical, or well arranged, or very well delivered, it could not be expected to be; but it contained, when separated from all the feebleness and tautology of the narration, a substance to sink her spirit – especially with the corroborating circumstances, which her own memory brought in favour of Mr. Knightley's most improved opinion of Harriet.

Harriet had been conscious of a difference in his behaviour ever since those two decisive dances. – Emma knew that he had, on that occasion, found her much superior to his expectation. From that evening, or at least from the time of Miss Woodhouse's encouraging her to think of him, Harriet had begun to be sensible of his talking to her much more than he had been used to do, and of his having indeed quite a different manner towards her; a manner of kindness and sweetness! – Latterly she had been more and more aware of it. When they had been all walking together, he had so often come and walked by her, and talked so very delightfully! – He seemed to want to be acquainted with her. Emma knew it to have been very much the case. She had often observed the change, to almost the same extent. – Harriet repeated expressions of approbation and praise from him – and Emma felt them to be in the closest agreement with what she had known of his opinion of Harriet. He praised her for being without art or affectation, for having simple, honest, generous, feelings. – She knew that he saw such recommendations in Harriet; he had dwelt on them to her more than once. – Much that lived in Harriet's memory, many little particulars of the notice she had received from him, a look, a speech, a removal from one chair to another, a compliment implied, a preference inferred, had been unnoticed, because unsuspected, by Emma. Circumstances that might swell to half an hour's relation, and contained multiplied proofs to her who had seen them, had passed undiscerned by her who now heard them; but the two latest occurrences to be mentioned, the two of strongest promise to Harriet, were not without some degree of witness from Emma herself. – The first, was his walking with her apart from the others, in the lime-walk at Donwell, where they had been walking some time before Emma came, and he had taken pains (as she was convinced) to draw her from the rest to himself – and at first, he had talked to her in a more particular way than he had ever done before, in a very particular way indeed! – (Harriet could not recall it without a blush.) He seemed to be almost asking her, whether her affections were engaged. – But as soon as she (Miss Woodhouse) appeared

likely to join them, he changed the subject, and began talking about farming: – The second, was his having sat talking with her nearly half an hour before Emma came back from her visit, the very last morning of his being at Hartfield – though, when he first came in, he had said that he could not stay five minutes – and his having told her, during their conversation, that though he must go to London, it was very much against his inclination that he left home at all, which was much more (as Emma felt) than he had acknowledged to her. The superior degree of confidence towards Harriet, which this one article marked, gave her severe pain.

On the subject of the first of the two circumstances, she did, after a little reflection, venture the following question. “Might he not? – Is not it possible, that when enquiring, as you thought, into the state of your affections, he might be alluding to Mr. Martin – he might have Mr. Martin’s interest in view? But Harriet rejected the suspicion with spirit.

“Mr. Martin! No indeed! – There was not a hint of Mr. Martin. I hope I know better now, than to care for Mr. Martin, or to be suspected of it.”

When Harriet had closed her evidence, she appealed to her dear Miss Woodhouse, to say whether she had not good ground for hope.

“I never should have presumed to think of it at first,” said she, “but for you. You told me to observe him carefully, and let his behaviour be the rule of mine – and so I have. But now I seem to feel that I may deserve him; and that if he does chuse me, it will not be any thing so very wonderful.”

The bitter feelings occasioned by this speech, the many bitter feelings, made the utmost exertion necessary on Emma’s side, to enable her to say on reply,

“Harriet, I will only venture to declare, that Mr. Knightley is the last man in the world, who would intentionally give any woman the idea of his feeling for her more than he really does.”

Harriet seemed ready to worship her friend for a sentence so satisfactory; and Emma was only saved from raptures and fondness, which at that moment would have been dreadful penance, by the sound of her father’s footsteps. He was coming through the hall. Harriet was too much agitated to encounter him. “She could not compose herself – Mr. Woodhouse would be alarmed – she had better go;” – with most ready encouragement from her friend, therefore, she passed off through another door – and the moment she was gone, this was the spontaneous burst of Emma’s feelings: “Oh God! that I had never seen her!”

The rest of the day, the following night, were hardly enough for her

thoughts. – She was bewildered amidst the confusion of all that had rushed on her within the last few hours. Every moment had brought a fresh surprize; and every surprize must be matter of humiliation to her. – How to understand it all! How to understand the deceptions she had been thus practising on herself, and living under! – The blunders, the blindness of her own head and heart! – she sat still, she walked about, she tried her own room, she tried the shrubbery – in every place, every posture, she perceived that she had acted most weakly; that she had been imposed on by others in a most mortifying degree; that she had been imposing on herself in a degree yet more mortifying; that she was wretched, and should probably find this day but the beginning of wretchedness.

To understand, thoroughly understand her own heart, was the first endeavour. To that point went every leisure moment which her father's claims on her allowed, and every moment of involuntary absence of mind.

How long had Mr. Knightley been so dear to her, as every feeling declared him now to be? When had his influence, such influence begun? – When had he succeeded to that place in her affection, which Frank Churchill had once, for a short period, occupied? – She looked back; she compared the two – compared them, as they had always stood in her estimation, from the time of the latter's becoming known to her – and as they must at any time have been compared by her, had it – oh! had it, by any blessed felicity, occurred to her, to institute the comparison. – She saw that there never had been a time when she did not consider Mr. Knightley as infinitely the superior, or when his regard for her had not been infinitely the most dear. She saw, that in persuading herself, in fancying, in acting to the contrary, she had been entirely under a delusion, totally ignorant of her own heart – and, in short, that she had never really cared for Frank Churchill at all!

This was the conclusion of the first series of reflection. This was the knowledge of herself, on the first question of inquiry, which she reached; and without being long in reaching it. – She was most sorrowfully indignant; ashamed of every sensation but the one revealed to her – her affection for Mr. Knightley. – Every other part of her mind was disgusting.

With insufferable vanity had she believed herself in the secret of every body's feelings; with unpardonable arrogance proposed to arrange every body's destiny. She was proved to have been universally mistaken; and she had not quite done nothing – for she had done mischief. She had brought evil on Harriet, on herself, and she too much feared, on Mr. Knightley. – Were this most unequal of all connexions to take place, on her must rest all the reproach of having given it a beginning; for his attachment, she must believe to be produced only by a consciousness of Harriet's; – and even were this not the case, he would never

have known Harriet at all but for her folly.

Mr. Knightley and Harriet Smith! – It was a union to distance every wonder of the kind. – The attachment of Frank Churchill and Jane Fairfax became commonplace, threadbare, stale in the comparison, exciting no surprize, presenting no disparity, affording nothing to be said or thought. – Mr. Knightley and Harriet Smith! – Such an elevation on her side! Such a debasement on his! It was horrible to Emma to think how it must sink him in the general opinion, to foresee the smiles, the sneers, the merriment it would prompt at his expense; the mortification and disdain of his brother, the thousand inconveniences to himself. – Could it be? – No; it was impossible. And yet it was far, very far, from impossible. – Was it a new circumstance for a man of first-rate abilities to be captivated by very inferior powers? Was it new for one, perhaps too busy to seek, to be the prize of a girl who would seek him? – Was it new for any thing in this world to be unequal, inconsistent, incongruous – or for chance and circumstance (as second causes) to direct the human fate?

Oh! had she never brought Harriet forward! Had she left her where she ought, and where he had told her she ought! – Had she not, with a folly which no tongue could express, prevented her marrying the unexceptionable young man who would have made her happy and respectable in the line of life to which she ought to belong – all would have been safe; none of this dreadful sequel would have been.

How Harriet could ever have had the presumption to raise her thoughts to Mr. Knightley! – How she could dare to fancy herself the chosen of such a man till actually assured of it! – But Harriet was less humble, had fewer scruples than formerly. – Her inferiority, whether of mind or situation, seemed little felt. – She had seemed more sensible of Mr. Elton's being to stoop in marrying her, than she now seemed of Mr. Knightley's. – Alas! was not that her own doing too? Who had been at pains to give Harriet notions of self-consequence but herself? – Who but herself had taught her, that she was to elevate herself if possible, and that her claims were great to a high worldly establishment? – If Harriet, from being humble, were grown vain, it was her doing too.

CHAPTER XII

Till now that she was threatened with its loss, Emma had never known how much of her happiness depended on being first with Mr. Knightley, first in interest and affection. – Satisfied that it was so, and feeling it her due, she had enjoyed it without reflection; and only in the dread of being supplanted, found how inexpressibly important it had been. – Long, very long, she felt she had been first; for, having no female connexions of his own, there had been only Isabella whose claims could be compared with hers, and she had always known exactly how far he loved and esteemed Isabella. She had herself been first with him for many years past. She had not deserved it; she had often been negligent or perverse, slighting his advice, or even wilfully opposing him, insensible of half his merits, and quarrelling with him because he would not acknowledge her false and insolent estimate of her own – but still, from family attachment and habit, and thorough excellence of mind, he had loved her, and watched over her from a girl, with an endeavour to improve her, and an anxiety for her doing right, which no other creature had at all shared. In spite of all her faults, she knew she was dear to him; might she not say, very dear? – When the suggestions of hope, however, which must follow here, presented themselves, she could not presume to indulge them. Harriet Smith might think herself not unworthy of being peculiarly, exclusively, passionately loved by Mr. Knightley. She could not. She could not flatter herself with any idea of blindness in his attachment to her. She had received a very recent proof of its impartiality. – How shockèd had he been by her behaviour to Miss Bates! How directly, how strongly had he expressed himself to her on the subject! – Not too strongly for the offence – but far, far too strongly to issue from any feeling softer than upright justice and clear-sighted goodwill. – She had no hope, nothing to deserve the name of hope, that he could have that sort of affection for herself which was now in question; but there was a hope (at times a slight one, at times much stronger,) that Harriet might have deceived herself, and be overrating his regard for her. – Wish it she must, for his sake – be the consequence nothing to herself, but his remaining single all his life. Could she be secure of that, indeed, of his never marrying at all, she believed she should be perfectly satisfied. – Let him but continue the same Mr. Knightley to her and her father, the same Mr. Knightley to all the world; let Donwell and Hartfield lose none of their precious intercourse of friendship and confidence, and her peace would be fully secured. – Marriage, in fact, would not do for her. It would be incompatible with what she owed to her father, and with what she felt for him. Nothing should separate her from her father. She would not marry, even if she were asked by Mr. Knightley.

It must be her ardent wish that Harriet might be disappointed; and she

hoped, that when able to see them together again, she might at least be able to ascertain what the chances for it were. – She should see them henceforward with the closest observance; and wretchedly as she had hitherto misunderstood even those she was watching, she did not know how to admit that she could be blinded here. – He was expected back every day. The power of observation would be soon given – frightfully soon it appeared when her thoughts were in one course. In the meanwhile, she resolved against seeing Harriet. – It would do neither of them good, it would do the subject no good, to be talking of it farther. – She was resolved not to be convinced, as long as she could doubt, and yet had no authority for opposing Harriet's confidence. To talk would be only to irritate. – She wrote to her, therefore, kindly, but decisively, to beg that she would not, at present, come to Hartfield; acknowledging it to be her conviction, that all farther confidential discussion of one topic had better be avoided; and hoping, that if a few days were allowed to pass before they met again, except in the company of others – she objected only to a tete-a-tete – they might be able to act as if they had forgotten the conversation of yesterday. – Harriet submitted, and approved, and was grateful.

This point was just arranged, when a visitor arrived to tear Emma's thoughts a little from the one subject which had engrossed them, sleeping or waking, the last twenty-four hours – Mrs. Weston, who had been calling on her daughter-in-law elect, and took Hartfield in her way home, almost as much in duty to Emma as in pleasure to herself, to relate all the particulars of so interesting an interview.

Mr. Weston had accompanied her to Mrs. Bates's, and gone through his share of this essential attention most handsomely; but she having then induced Miss Fairfax to join her in an airing, was now returned with much more to say, and much more to say with satisfaction, than a quarter of an hour spent in Mrs. Bates's parlour, with all the encumbrance of awkward feelings, could have afforded.

A little curiosity Emma had; and she made the most of it while her friend related. Mrs. Weston had set off to pay the visit in a good deal of agitation herself; and in the first place had wished not to go at all at present, to be allowed merely to write to Miss Fairfax instead, and to defer this ceremonious call till a little time had passed, and Mr. Churchill could be reconciled to the engagement's becoming known; as, considering every thing, she thought such a visit could not be paid without leading to reports: – but Mr. Weston had thought differently; he was extremely anxious to shew his approbation to Miss Fairfax and her family, and did not conceive that any suspicion could be excited by it; or if it were, that it would be of any consequence; for “such things,” he observed, “always got about.” Emma smiled, and felt that Mr. Weston had very good reason for saying

so. They had gone, in short – and very great had been the evident distress and confusion of the lady. She had hardly been able to speak a word, and every look and action had shewn how deeply she was suffering from consciousness. The quiet, heart-felt satisfaction of the old lady, and the rapturous delight of her daughter – who proved even too joyous to talk as usual, had been a gratifying, y et almost an affecting, scene. They were both so truly respectable in their happiness, so disinterested in every sensation; thought so much of Jane; so much of every body, and so little of themselves, that every kindly feeling was at work for them. Miss Fairfax's recent illness had offered a fair plea for Mrs. Weston to invite her to an airing; she had drawn back and declined at first, but, on being pressed had yielded; and, in the course of their drive, Mrs. Weston had, by gentle encouragement, overcome so much of her embarrassment, as to bring her to converse on the important subject. Apologies for her seemingly ungracious silence in their first reception, and the warmest expressions of the gratitude she was always feeling towards herself and Mr. Weston, must necessarily open the cause; but when these effusions were put by, they had talked a good deal of the present and of the future state of the engagement. Mrs. Weston was convinced that such conversation must be the greatest relief to her companion, pent up within her own mind as every thing had so long been, and was very much pleased with all that she had said on the subject.

“On the misery of what she had suffered, during the concealment of so many months,” continued Mrs. Weston, “she was energetic. This was one of her expressions. ‘I will not say, that since I entered into the engagement I have not had some happy moments; but I can say, that I have never known the blessing of one tranquil hour:’ – and the quivering lip, Emma, which uttered it, was an attestation that I felt at my heart.”

“Poor girl!” said Emma. “She thinks herself wrong, then, for having consented to a private engagement?”

“Wrong! No one, I believe, can blame her more than she is disposed to blame herself. ‘The consequence,’ said she, ‘has been a state of perpetual suffering to me; and so it ought. But after all the punishment that misconduct can bring, it is still not less misconduct. Pain is no expiation. I never can be blameless. I have been acting contrary to all my sense of right; and the fortunate turn that every thing has taken, and the kindness I am now receiving, is what my conscience tells me ought not to be.’ ‘Do not imagine, madam,’ she continued, ‘that I was taught wrong. Do not let any reflection fall on the principles or the care of the friends who brought me up. The error has been all my own; and I do assure you that, with all the excuse that present circumstances may appear to give, I shall yet dread making the story known to Colonel Campbell.’”

“Poor girl!” said Emma again. “She loves him then excessively, I suppose. It must have been from attachment only, that she could be led to form the engagement. Her affection must have overpowered her judgment.”

“Yes, I have no doubt of her being extremely attached to him.”

“I am afraid,” returned Emma, sighing, “that I must often have contributed to make her unhappy.”

“On your side, my love, it was very innocently done. But she probably had something of that in her thoughts, when alluding to the misunderstandings which he had given us hints of before. One natural consequence of the evil she had involved herself in,” she said, “was that of making her unreasonable. The consciousness of having done amiss, had exposed her to a thousand inquietudes, and made her captious and irritable to a degree that must have been – that had been – hard for him to bear. ‘I did not make the allowances,’ said she, ‘which I ought to have done, for his temper and spirits – his delightful spirits, and that gaiety, that playfulness of disposition, which, under any other circumstances, would, I am sure, have been as constantly bewitching to me, as they were at first.’ She then began to speak of you, and of the great kindness you had shewn her during her illness; and with a blush which shewed me how it was all connected, desired me, whenever I had an opportunity, to thank you – I could not thank you too much – for every wish and every endeavour to do her good. She was sensible that you had never received any proper acknowledgment from herself.”

“If I did not know her to be happy now,” said Emma, seriously, “which, in spite of every little drawback from her scrupulous conscience, she must be, I could not bear these thanks; – for, oh! Mrs. Weston, if there were an account drawn up of the evil and the good I have done Miss Fairfax! – Well (checking herself, and trying to be more lively), this is all to be forgotten. You are very kind to bring me these interesting particulars. They shew her to the greatest advantage. I am sure she is very good – I hope she will be very happy. It is fit that the fortune should be on his side, for I think the merit will be all on hers.”

Such a conclusion could not pass unanswered by Mrs. Weston. She thought well of Frank in almost every respect; and, what was more, she loved him very much, and her defence was, therefore, earnest. She talked with a great deal of reason, and at least equal affection – but she had too much to urge for Emma’s attention; it was soon gone to Brunswick Square or to Donwell; she forgot to attempt to listen; and when Mrs. Weston ended with, “We have not yet had the letter we are so anxious for, you know, but I hope it will soon come,” she was obliged to pause before she answered, and at last obliged to answer at random, before she could at all recollect what letter it was which they were so anxious for.

“Are you well, my Emma?” was Mrs. Weston’s parting question.

“Oh! perfectly. I am always well, you know. Be sure to give me intelligence of the letter as soon as possible.”

Mrs. Weston’s communications furnished Emma with more food for unpleasant reflection, by increasing her esteem and compassion, and her sense of past injustice towards Miss Fairfax. She bitterly regretted not having sought a closer acquaintance with her, and blushed for the envious feelings which had certainly been, in some measure, the cause. Had she followed Mr. Knightley’s known wishes, in paying that attention to Miss Fairfax, which was every way her due; had she tried to know her better; had she done her part towards intimacy; had she endeavoured to find a friend there instead of in Harriet Smith; she must, in all probability, have been spared from every pain which pressed on her now. – Birth, abilities, and education, had been equally marking one as an associate for her, to be received with gratitude; and the other – what was she? – Supposing even that they had never become intimate friends; that she had never been admitted into Miss Fairfax’s confidence on this important matter – which was most probable – still, in knowing her as she ought, and as she might, she must have been preserved from the abominable suspicions of an improper attachment to Mr. Dixon, which she had not only so foolishly fashioned and harboured herself, but had so unpardonably imparted; an idea which she greatly feared had been made a subject of material distress to the delicacy of Jane’s feelings, by the levity or carelessness of Frank Churchill’s. Of all the sources of evil surrounding the former, since her coming to Highbury, she was persuaded that she must herself have been the worst. She must have been a perpetual enemy. They never could have been all three together, without her having stabbed Jane Fairfax’s peace in a thousand instances; and on Box Hill, perhaps, it had been the agony of a mind that would bear no more.

The evening of this day was very long, and melancholy, at Hartfield. The weather added what it could of gloom. A cold stormy rain set in, and nothing of July appeared but in the trees and shrubs, which the wind was despoiling, and the length of the day, which only made such cruel sights the longer visible.

The weather affected Mr. Woodhouse, and he could only be kept tolerably comfortable by almost ceaseless attention on his daughter’s side, and by exertions which had never cost her half so much before. It reminded her of their first forlorn tete-a-tete, on the evening of Mrs. Weston’s wedding-day; but Mr. Knightley had walked in then, soon after tea, and dissipated every melancholy fancy. Alas! such delightful proofs of Hartfield’s attraction, as those sort of visits conveyed, might shortly be over. The picture which she had then drawn of the privations of the approaching winter, had proved erroneous; no friends had

deserted them, no pleasures had been lost. – But her present forebodings she feared would experience no similar contradiction. The prospect before her now, was threatening to a degree that could not be entirely dispelled – that might not be even partially brightened. If all took place that might take place among the circle of her friends, Hartfield must be comparatively deserted; and she left to cheer her father with the spirits only of ruined happiness.

The child to be born at Randalls must be a tie there even dearer than herself; and Mrs. Weston's heart and time would be occupied by it. They should lose her; and, probably, in great measure, her husband also. – Frank Churchill would return among them no more; and Miss Fairfax, it was reasonable to suppose, would soon cease to belong to Highbury. They would be married, and settled either at or near Enscombe. All that were good would be withdrawn; and if to these losses, the loss of Donwell were to be added, what would remain of cheerful or of rational society within their reach? Mr. Knightley to be no longer coming there for his evening comfort! – No longer walking in at all hours, as if ever willing to change his own home for their's! – How was it to be endured? And if he were to be lost to them for Harriet's sake; if he were to be thought of hereafter, as finding in Harriet's society all that he wanted; if Harriet were to be the chosen, the first, the dearest, the friend, the wife to whom he looked for all the best blessings of existence; what could be increasing Emma's wretchedness but the reflection never far distant from her mind, that it had been all her own work?

When it came to such a pitch as this, she was not able to refrain from a start, or a heavy sigh, or even from walking about the room for a few seconds – and the only source whence any thing like consolation or composure could be drawn, was in the resolution of her own better conduct, and the hope that, however inferior in spirit and gaiety might be the following and every future winter of her life to the past, it would yet find her more rational, more acquainted with herself, and leave her less to regret when it were gone.

CHAPTER XIII

The weather continued much the same all the following morning; and the same loneliness, and the same melancholy, seemed to reign at Hartfield – but in the afternoon it cleared; the wind changed into a softer quarter; the clouds were carried off; the sun appeared; it was summer again. With all the eagerness which such a transition gives, Emma resolved to be out of doors as soon as possible. Never had the exquisite sight, smell, sensation of nature, tranquil, warm, and brilliant after a storm, been more attractive to her. She longed for the serenity they might gradually introduce; and on Mr. Perry's coming in soon after dinner, with a disengaged hour to give her father, she lost no time in hurrying into the shrubbery. – There, with spirits freshened, and thoughts a little relieved, she had taken a few turns, when she saw Mr. Knightley passing through the garden door, and coming towards her. – It was the first intimation of his being returned from London. She had been thinking of him the moment before, as unquestionably sixteen miles distant. – There was time only for the quickest arrangement of mind. She must be collected and calm. In half a minute they were together. The “How d'ye do's” were quiet and constrained on each side. She asked after their mutual friends; they were all well. – When had he left them? – Only that morning. He must have had a wet ride. – Yes. – He meant to walk with her, she found. “He had just looked into the dining-room, and as he was not wanted there, preferred being out of doors.” – She thought he neither looked nor spoke cheerfully; and the first possible cause for it, suggested by her fears, was, that he had perhaps been communicating his plans to his brother, and was pained by the manner in which they had been received.

They walked together. He was silent. She thought he was often looking at her, and trying for a fuller view of her face than it suited her to give. And this belief produced another dread. Perhaps he wanted to speak to her, of his attachment to Harriet; he might be watching for encouragement to begin. – She did not, could not, feel equal to lead the way to any such subject. He must do it all himself. Yet she could not bear this silence. With him it was most unnatural. She considered – resolved – and, trying to smile, began –

“You have some news to hear, now you are come back, that will rather surprize you.”

“Have I?” said he quietly, and looking at her; “of what nature?”

“Oh! the best nature in the world – a wedding.”

After waiting a moment, as if to be sure she intended to say no more, he replied,

“If you mean Miss Fairfax and Frank Churchill, I have heard that already.”

“How is it possible?” cried Emma, turning her glowing cheeks towards him; for, while she spoke, it occurred to her that he might have called at Mrs. Goddard’s in his way.

“I had a few lines on parish business from Mr. Weston this morning, and at the end of them he gave me a brief account of what had happened.”

Emma was quite relieved, and could presently say, with a little more composure,

“You probably have been less surprized than any of us, for you have had your suspicions. – I have not forgotten that you once tried to give me a caution. – I wish I had attended to it – but – (with a sinking voice and a heavy sigh) I seem to have been doomed to blindness.”

For a moment or two nothing was said, and she was unsuspecting of having excited any particular interest, till she found her arm drawn within his, and pressed against his heart, and heard him thus saying, in a tone of great sensibility, speaking low,

“Time, my dearest Emma, time will heal the wound. – Your own excellent sense – your exertions for your father’s sake – I know you will not allow yourself – .” Her arm was pressed again, as he added, in a more broken and subdued accent, “The feelings of the warmest friendship – Indignation – Abominable scoundrel!” – And in a louder, steadier tone, he concluded with, “He will soon be gone. They will soon be in Yorkshire. I am sorry for her. She deserves a better fate.”

Emma understood him; and as soon as she could recover from the flutter of pleasure, excited by such tender consideration, replied,

“You are very kind – but you are mistaken – and I must set you right. – I am not in want of that sort of compassion. My blindness to what was going on, led me to act by them in a way that I must always be ashamed of, and I was very foolishly tempted to say and do many things which may well lay me open to unpleasant conjectures, but I have no other reason to regret that I was not in the secret earlier.”

“Emma!” cried he, looking eagerly at her, “are you, indeed?” – but checking himself – “No, no, I understand you – forgive me – I am pleased that you can say even so much. – He is no object of regret, indeed! and it will not be very long, I hope, before that becomes the acknowledgment of more than your

reason. – Fortunate that your affections were not farther entangled! – I could never, I confess, from your manners, assure myself as to the degree of what you felt – I could only be certain that there was a preference – and a preference which I never believed him to deserve. – He is a disgrace to the name of man. – And is he to be rewarded with that sweet young woman? – Jane, Jane, you will be a miserable creature.”

“Mr. Knightley,” said Emma, trying to be lively, but really confused – “I am in a very extraordinary situation. I cannot let you continue in your error; and yet, perhaps, since my manners gave such an impression, I have as much reason to be ashamed of confessing that I never have been at all attached to the person we are speaking of, as it might be natural for a woman to feel in confessing exactly the reverse. – But I never have.”

He listened in perfect silence. She wished him to speak, but he would not. She supposed she must say more before she were entitled to his clemency; but it was a hard case to be obliged still to lower herself in his opinion. She went on, however.

“I have very little to say for my own conduct. – I was tempted by his attentions, and allowed myself to appear pleased. – An old story, probably – a common case – and no more than has happened to hundreds of my sex before; and yet it may not be the more excusable in one who sets up as I do for Understanding. Many circumstances assisted the temptation. He was the son of Mr. Weston – he was continually here – I always found him very pleasant – and, in short, for (with a sigh) let me swell out the causes ever so ingeniously, they all centre in this at last – my vanity was flattered, and I allowed his attentions. Latterly, however – for some time, indeed – I have had no idea of their meaning any thing. – I thought them a habit, a trick, nothing that called for seriousness on my side. He has imposed on me, but he has not injured me. I have never been attached to him. And now I can tolerably comprehend his behaviour. He never wished to attach me. It was merely a blind to conceal his real situation with another. – It was his object to blind all about him; and no one, I am sure, could be more effectually blinded than myself – except that I was not blinded – that it was my good fortune – that, in short, I was somehow or other safe from him.”

She had hoped for an answer here – for a few words to say that her conduct was at least intelligible; but he was silent; and, as far as she could judge, deep in thought. At last, and tolerably in his usual tone, he said,

“I have never had a high opinion of Frank Churchill. – I can suppose, however, that I may have underrated him. My acquaintance with him has been but trifling. – And even if I have not underrated him hitherto, he may yet turn out

well. – With such a woman he has a chance. – I have no motive for wishing him ill – and for her sake, whose happiness will be involved in his good character and conduct, I shall certainly wish him well.”

“I have no doubt of their being happy together,” said Emma; “I believe them to be very mutually and very sincerely attached.”

“He is a most fortunate man!” returned Mr. Knightley, with energy. “So early in life – at three-and-twenty – a period when, if a man chuses a wife, he generally chuses ill. At three-and-twenty to have drawn such a prize! What years of felicity that man, in all human calculation, has before him! – Assured of the love of such a woman – the disinterested love, for Jane Fairfax’s character vouches for her disinterestedness; every thing in his favour, – equality of situation – I mean, as far as regards society, and all the habits and manners that are important; equality in every point but one – and that one, since the purity of her heart is not to be doubted, such as must increase his felicity, for it will be his to bestow the only advantages she wants. – A man would always wish to give a woman a better home than the one he takes her from; and he who can do it, where there is no doubt of her regard, must, I think, be the happiest of mortals. – Frank Churchill is, indeed, the favourite of fortune. Every thing turns out for his good. – He meets with a young woman at a watering-place, gains her affection, cannot even weary her by negligent treatment – and had he and all his family sought round the world for a perfect wife for him, they could not have found her superior. – His aunt is in the way. – His aunt dies. – He has only to speak – His friends are eager to promote his happiness. – He had used every body ill – and they are all delighted to forgive him. – He is a fortunate man indeed!”

“You speak as if you envied him.”

“And I do envy him, Emma. In one respect he is the object of my envy.”

Emma could say no more. They seemed to be within half a sentence of Harriet, and her immediate feeling was to avert the subject, if possible. She made her plan; she would speak of something totally different – the children in Brunswick Square; and she only waited for breath to begin, when Mr. Knightley startled her, by saying,

“You will not ask me what is the point of envy. – You are determined, I see, to have no curiosity. – You are wise – but I cannot be wise. Emma, I must tell you what you will not ask, though I may wish it unsaid the next moment.”

“Oh! then, don’t speak it, don’t speak it,” she eagerly cried. “Take a little time, consider, do not commit yourself.”

“Thank you,” said he, in an accent of deep mortification, and not another syllable followed.

Emma could not bear to give him pain. He was wishing to confide in her – perhaps to consult her; – cost her what it would, she would listen. She might assist his resolution, or reconcile him to it; she might give just praise to Harriet, or, by representing to him his own independence, relieve him from that state of indecision, which must be more intolerable than any alternative to such a mind as his. – They had reached the house.

“You are going in, I suppose?” said he.

“No,” – replied Emma – quite confirmed by the depressed manner in which he still spoke – “I should like to take another turn. Mr. Perry is not gone.” And, after proceeding a few steps, she added – “I stopped you ungraciously, just now, Mr. Knightley, and, I am afraid, gave you pain. – But if you have any wish to speak openly to me as a friend, or to ask my opinion of any thing that you may have in contemplation – as a friend, indeed, you may command me. – I will hear whatever you like. I will tell you exactly what I think”

“As a friend!” – repeated Mr. Knightley. – “Emma, that I fear is a word – No, I have no wish – Stay, yes, why should I hesitate? – I have gone too far already for concealment. – Emma, I accept your offer – Extraordinary as it may seem, I accept it, and refer myself to you as a friend. – Tell me, then, have I no chance of ever succeeding?”

He stopped in his earnestness to look the question, and the expression of his eyes overpowered her.

“My dearest Emma,” said he, “for dearest you will always be, whatever the event of this hour’s conversation, my dearest, most beloved Emma – tell me at once. Say ‘No,’ if it is to be said.” – She could really say nothing. – “You are silent,” he cried, with great animation; “absolutely silent! at present I ask no more.”

Emma was almost ready to sink under the agitation of this moment. The dread of being awakened from the happiest dream, was perhaps the most prominent feeling.

“I cannot make speeches, Emma:” he soon resumed; and in a tone of such sincere, decided, intelligible tenderness as was tolerably convincing. – “If I loved you less, I might be able to talk about it more. But you know what I am. – You hear nothing but truth from me. – I have blamed you, and lectured you, and you have borne it as no other woman in England would have borne it. – Bear with the truths I would tell you now, dearest Emma, as well as you have borne with

them. The manner, perhaps, may have as little to recommend them. God knows, I have been a very indifferent lover. – But you understand me. – Yes, you see, you understand my feelings – and will return them if you can. At present, I ask only to hear, once to hear your voice.”

While he spoke, Emma's mind was most busy, and, with all the wonderful velocity of thought, had been able – and yet without losing a word – to catch and comprehend the exact truth of the whole; to see that Harriet's hopes had been entirely groundless, a mistake, a delusion, as complete a delusion as any of her own – that Harriet was nothing; that she was every thing herself; that what she had been saying relative to Harriet had been all taken as the language of her own feelings; and that her agitation, her doubts, her reluctance, her discouragement, had been all received as discouragement from herself. – And not only was there time for these convictions, with all their glow of attendant happiness; there was time also to rejoice that Harriet's secret had not escaped her, and to resolve that it need not, and should not. – It was all the service she could now render her poor friend; for as to any of that heroism of sentiment which might have prompted her to entreat him to transfer his affection from herself to Harriet, as infinitely the most worthy of the two – or even the more simple sublimity of resolving to refuse him at once and for ever, without vouchsafing any motive, because he could not marry them both, Emma had it not. She felt for Harriet, with pain and with contrition; but no flight of generosity run mad, opposing all that could be probable or reasonable, entered her brain. She had led her friend astray, and it would be a reproach to her for ever; but her judgment was as strong as her feelings, and as strong as it had ever been before, in reprobating any such alliance for him, as most unequal and degrading. Her way was clear, though not quite smooth. – She spoke then, on being so entreated. – What did she say? – Just what she ought, of course. A lady always does. – She said enough to shew there need not be despair – and to invite him to say more himself. He had despaired at one period; he had received such an injunction to caution and silence, as for the time crushed every hope; – she had begun by refusing to hear him. – The change had perhaps been somewhat sudden; – her proposal of taking another turn, her renewing the conversation which she had just put an end to, might be a little extraordinary! – She felt its inconsistency; but Mr. Knightley was so obliging as to put up with it, and seek no farther explanation.

Seldom, very seldom, does complete truth belong to any human disclosure; seldom can it happen that something is not a little disguised, or a little mistaken; but where, as in this case, though the conduct is mistaken, the feelings are not, it may not be very material. – Mr. Knightley could not impute to Emma a more relenting heart than she possessed, or a heart more disposed to accept of his.

He had, in fact, been wholly unsuspecting of his own influence. He had followed her into the shrubbery with no idea of trying it. He had come, in his anxiety to see how she bore Frank Churchill's engagement, with no selfish view, no view at all, but of endeavouring, if she allowed him an opening, to soothe or to counsel her. – The rest had been the work of the moment, the immediate effect of what he heard, on his feelings. The delightful assurance of her total indifference towards Frank Churchill, of her having a heart completely disengaged from him, had given birth to the hope, that, in time, he might gain her affection himself; – but it had been no present hope – he had only, in the momentary conquest of eagerness over judgment, aspired to be told that she did not forbid his attempt to attach her. – The superior hopes which gradually opened were so much the more enchanting. – The affection, which he had been asking to be allowed to create, if he could, was already his! – Within half an hour, he had passed from a thoroughly distressed state of mind, to something so like perfect happiness, that it could bear no other name.

Her change was equal. – This one half-hour had given to each the same precious certainty of being beloved, had cleared from each the same degree of ignorance, jealousy, or distrust. – On his side, there had been a long-standing jealousy, old as the arrival, or even the expectation, of Frank Churchill. – He had been in love with Emma, and jealous of Frank Churchill, from about the same period, one sentiment having probably enlightened him as to the other. It was his jealousy of Frank Churchill that had taken him from the country. – The Box Hill party had decided him on going away. He would save himself from witnessing again such permitted, encouraged attentions. – He had gone to learn to be indifferent. – But he had gone to a wrong place. There was too much domestic happiness in his brother's house; woman wore too amiable a form in it; Isabella was too much like Emma – differing only in those striking inferiorities, which always brought the other in brilliancy before him, for much to have been done, even had his time been longer. – He had stayed on, however, vigorously, day after day – till this very morning's post had conveyed the history of Jane Fairfax. – Then, with the gladness which must be felt, nay, which he did not scruple to feel, having never believed Frank Churchill to be at all deserving Emma, was there so much fond solicitude, so much keen anxiety for her, that he could stay no longer. He had ridden home through the rain; and had walked up directly after dinner, to see how this sweetest and best of all creatures, faultless in spite of all her faults, bore the discovery.

He had found her agitated and low. – Frank Churchill was a villain. – He heard her declare that she had never loved him. Frank Churchill's character was not desperate. – She was his own Emma, by hand and word, when they returned into the house; and if he could have thought of Frank Churchill then, he might have

deemed him a very good sort of fellow.

CHAPTER XIV

What totally different feelings did Emma take back into the house from what she had brought out! – she had then been only daring to hope for a little respite of suffering; – she was now in an exquisite flutter of happiness, and such happiness moreover as she believed must still be greater when the flutter should have passed away.

They sat down to tea – the same party round the same table – how often it had been collected! – and how often had her eyes fallen on the same shrubs in the lawn, and observed the same beautiful effect of the western sun! – But never in such a state of spirits, never in any thing like it; and it was with difficulty that she could summon enough of her usual self to be the attentive lady of the house, or even the attentive daughter.

Poor Mr. Woodhouse little suspected what was plotting against him in the breast of that man whom he was so cordially welcoming, and so anxiously hoping might not have taken cold from his ride. – Could he have seen the heart, he would have cared very little for the lungs; but without the most distant imagination of the impending evil, without the slightest perception of any thing extraordinary in the looks or ways of either, he repeated to them very comfortably all the articles of news he had received from Mr. Perry, and talked on with much self-contentment, totally unsuspecting of what they could have told him in return.

As long as Mr. Knightley remained with them, Emma's fever continued; but when he was gone, she began to be a little tranquillised and subdued – and in the course of the sleepless night, which was the tax for such an evening, she found one or two such very serious points to consider, as made her feel, that even her happiness must have some alloy. Her father – and Harriet. She could not be alone without feeling the full weight of their separate claims; and how to guard the comfort of both to the utmost, was the question. With respect to her father, it was a question soon answered. She hardly knew yet what Mr. Knightley would ask; but a very short parley with her own heart produced the most solemn resolution of never quitting her father. – She even wept over the idea of it, as a sin of thought. While he lived, it must be only an engagement; but she flattered herself, that if divested of the danger of drawing her away, it might become an increase of comfort to him. – How to do her best by Harriet, was of more difficult decision; – how to spare her from any unnecessary pain; how to make her any possible atonement; how to appear least her enemy? – On these subjects, her perplexity and distress were very great – and her mind had to pass again and again through every bitter reproach and sorrowful regret that had ever surrounded it. – She could only resolve at last, that she would still avoid a meeting with her, and

communicate all that need be told by letter; that it would be inexpressibly desirable to have her removed just now for a time from Highbury, and – indulging in one scheme more – nearly resolve, that it might be practicable to get an invitation for her to Brunswick Square. – Isabella had been pleased with Harriet; and a few weeks spent in London must give her some amusement. – She did not think it in Harriet's nature to escape being benefited by novelty and variety, by the streets, the shops, and the children. – At any rate, it would be a proof of attention and kindness in herself, from whom every thing was due; a separation for the present; an averting of the evil day, when they must all be together again.

She rose early, and wrote her letter to Harriet; an employment which left her so very serious, so nearly sad, that Mr. Knightley, in walking up to Hartfield to breakfast, did not arrive at all too soon; and half an hour stolen afterwards to go over the same ground again with him, literally and figuratively, was quite necessary to reinstate her in a proper share of the happiness of the evening before.

He had not left her long, by no means long enough for her to have the slightest inclination for thinking of any body else, when a letter was brought her from Randalls – a very thick letter; – she guessed what it must contain, and deprecated the necessity of reading it. – She was now in perfect charity with Frank Churchill; she wanted no explanations, she wanted only to have her thoughts to herself – and as for understanding any thing he wrote, she was sure she was incapable of it. – It must be waded through, however. She opened the packet; it was too surely so; – a note from Mrs. Weston to herself, ushered in the letter from Frank to Mrs. Weston.

“I have the greatest pleasure, my dear Emma, in forwarding to you the enclosed. I know what thorough justice you will do it, and have scarcely a doubt of its happy effect. – I think we shall never materially disagree about the writer again; but I will not delay you by a long preface. – We are quite well. – This letter has been the cure of all the little nervousness I have been feeling lately. – I did not quite like your looks on Tuesday, but it was an ungenial morning; and though you will never own being affected by weather, I think every body feels a north-east wind. – I felt for your dear father very much in the storm of Tuesday afternoon and yesterday morning, but had the comfort of hearing last night, by Mr. Perry, that it had not made him ill.

“Yours ever,

“A. W.”

[To Mrs. Weston.]

WINDSOR-JULY

MYDEAR MADAM,

"If I made myself intelligible yesterday, this letter will be expected; but expected or not, I know it will be read with candour and indulgence. – You are all goodness, and I believe there will be need of even all your goodness to allow for some parts of my past conduct. – But I have been forgiven by one who had still more to resent. My courage rises while I write. It is very difficult for the prosperous to be humble. I have already met with such success in two applications for pardon, that I may be in danger of thinking myself too sure of yours, and of those among your friends who have had any ground of offence. – You must all endeavour to comprehend the exact nature of my situation when I first arrived at Randalls; you must consider me as having a secret which was to be kept at all hazards. This was the fact. My right to place myself in a situation requiring such concealment, is another question. I shall not discuss it here. For my temptation to think it a right, I refer every caviller to a brick house, sashed windows below, and casements above, in Highbury. I dared not address her openly; my difficulties in the then state of Enscombe must be too well known to require definition; and I was fortunate enough to prevail, before we parted at Weymouth, and to induce the most upright female mind in the creation to stoop in charity to a secret engagement. – Had she refused, I should have gone mad. – But you will be ready to say, what was your hope in doing this? – What did you look forward to? – To any thing, every thing – to time, chance, circumstance, slow effects, sudden bursts, perseverance and weariness, health and sickness. Every possibility of good was before me, and the first of blessings secured, in obtaining her promises of faith and correspondence. If you need farther explanation, I have the honour, my dear madam, of being your husband's son, and the advantage of inheriting a disposition to hope for good, which no inheritance of houses or lands can ever equal the value of. – See me, then, under these circumstances, arriving on my first visit to Randalls; – and here I am conscious of wrong, for that visit might have been sooner paid. You will look back and see that I did not come till Miss Fairfax was in Highbury; and as you were the person slighted, you will forgive me instantly; but I must work on my father's compassion, by reminding him, that so long as I absented myself from his house, so long I lost the blessing of knowing you. My behaviour, during the very happy fortnight which I spent with you, did not, I hope, lay me open to reprehension, excepting on one point. And now I come to the principal, the only important part of my conduct while belonging to you, which excites my own anxiety, or requires very solicitous explanation. With the greatest respect, and the warmest friendship, do I mention Miss Woodhouse; my father perhaps will think I ought to add, with the deepest humiliation. – A few words which dropped from him yesterday spoke his opinion, and some censure I acknowledge myself liable to. – My behaviour to Miss Woodhouse indicated, I believe, more than it ought. – In order to assist a concealment so essential to me, I was led on to make more than an allowable use of the sort of intimacy into which we were immediately thrown. – I cannot deny that

Miss Woodhouse was my ostensible object – but I am sure you will believe the declaration, that had I not been convinced of her indifference, I would not have been induced by any selfish views to go on. – Amiable and delightful as Miss Woodhouse is, she never gave me the idea of a young woman likely to be attached; and that she was perfectly free from any tendency to being attached to me, was as much my conviction as my wish. – She received my attentions with an easy, friendly, goodhumoured playfulness, which exactly suited me. We seemed to understand each other. From our relative situation, those attentions were her due, and were felt to be so. – Whether Miss Woodhouse began really to understand me before the expiration of that fortnight, I cannot say; – when I called to take leave of her, I remember that I was within a moment of confessing the truth, and I then fancied she was not without suspicion; but I have no doubt of her having since detected me, at least in some degree. – She may not have surmised the whole, but her quickness must have penetrated a part. I cannot doubt it. You will find, whenever the subject becomes freed from its present restraints, that it did not take her wholly by surprize. She frequently gave me hints of it. I remember her telling me at the ball, that I owed Mrs. Elton gratitude for her attentions to Miss Fairfax. – I hope this history of my conduct towards her will be admitted by you and my father as great extenuation of what you saw amiss. While you considered me as having sinned against Emma Woodhouse, I could deserve nothing from either. Acquit me here, and procure for me, when it is allowable, the acquittal and good wishes of that said Emma Woodhouse, whom I regard with so much brotherly affection, as to long to have her as deeply and as happily in love as myself. – Whatever strange things I said or did during that fortnight, you have now a key to. My heart was in Highbury, and my business was to get my body thither as often as might be, and with the least suspicion. If you remember any queernesses, set them all to the right account. – Of the pianoforte so much talked of, I feel it only necessary to say, that its being ordered was absolutely unknown to Miss F –, who would never have allowed me to send it, had any choice been given her. – The delicacy of her mind throughout the whole engagement, my dear madam, is much beyond my power of doing justice to. You will soon, I earnestly hope, know her thoroughly yourself. – No description can describe her. She must tell you herself what she is – yet not by word, for never was there a human creature who would so designedly suppress her own merit. – Since I began this letter, which will be longer than I foresaw, I have heard from her. – She gives a good account of her own health; but as she never complains, I dare not depend. I want to have your opinion of her looks. I know you will soon call on her; she is living in dread of the visit. Perhaps it is paid already. Let me hear from you without delay; I am impatient for a thousand particulars. Remember how few minutes I was at Randalls, and in how bewildered, how mad a state: and I am not much better yet; still insane either from happiness or misery. When I think of the kindness and favour I have met with, of her excellence and patience, and my uncle's generosity, I am mad with joy: but when I recollect all the uneasiness I occasioned her, and how little I deserve to be forgiven, I am mad with anger. If I could but see her again! – But I must not propose it yet. My uncle has been too good for me to encroach. – I must still add to this long letter. You have not heard all that you ought to hear. I could not give any connected detail yesterday; but the

suddenness, and, in one light, the unseasonableness with which the affair burst out, needs explanation; for though the event of the 26th ult., as you will conclude, immediately opened to me the happiest prospects, I should not have presumed on such early measures, but from the very particular circumstances, which left me not an hour to lose. I should myself have shrunk from any thing so hasty, and she would have felt every scruple of mine with multiplied strength and refinement. – But I had no choice. The hasty engagement she had entered into with that woman – Here, my dear madam, I was obliged to leave off abruptly, to recollect and compose myself. – I have been walking over the country, and am now, I hope, rational enough to make the rest of my letter what it ought to be. – It is, in fact, a most mortifying retrospect for me. I behaved shamefully. And here I can admit, that my manners to Miss W., in being unpleasant to Miss F., were highly blameable. She disapproved them, which ought to have been enough. – My plea of concealing the truth she did not think sufficient. – She was displeas'd; I thought unreasonably so: I thought her, on a thousand occasions, unnecessarily scrupulous and cautious: I thought her even cold. But she was always right. If I had followed her judgment, and subdued my spirits to the level of what she deemed proper, I should have escaped the greatest unhappiness I have ever known. – We quarrell'd. – Do you remember the morning spent at Donwell? – There every little dissatisfaction that had occurred before came to a crisis. I was late; I met her walking home by herself, and wanted to walk with her, but she would not suffer it. She absolutely refused to allow me, which I then thought most unreasonable. Now, however, I see nothing in it but a very natural and consistent degree of discretion. While I, to blind the world to our engagement, was behaving one hour with objectionable particularity to another woman, was she to be consenting the next to a proposal which might have made every previous caution useless? – Had we been met walking together between Donwell and Highbury, the truth must have been suspected. – I was mad enough, however, to resent. – I doubted her affection. I doubted it more the next day on Box Hill; when, provoked by such conduct on my side, such shameful, insolent neglect of her, and such apparent devotion to Miss W., as it would have been impossible for any woman of sense to endure, she spoke her resentment in a form of words perfectly intelligible to me. – In short, my dear madam, it was a quarrel blameless on her side, abominable on mine; and I returned the same evening to Richmond, though I might have staid with you till the next morning, merely because I would be as angry with her as possible. Even then, I was not such a fool as not to mean to be reconciled in time; but I was the injured person, injured by her coldness, and I went away determined that she should make the first advances. – I shall always congratulate myself that you were not of the Box Hill party. Had you witnessed my behaviour there, I can hardly suppose you would ever have thought well of me again. Its effect upon her appears in the immediate resolution it produced: as soon as she found I was really gone from Randalls, she closed with the offer of that officious Mrs. Elton; the whole system of whose treatment of her, by the bye, has ever fill'd me with indignation and hatred. I must not quarrel with a spirit of forbearance which has been so richly extended towards myself; but, otherwise, I should loudly protest against the share of it which that woman has known. – 'Jane,' indeed! – You will observe that I have not yet indulged myself in calling her by that

name, even to you. Think, then, what I must have endured in hearing it bandied between the Eltons with all the vulgarity of needless repetition, and all the insolence of imaginary superiority. Have patience with me, I shall soon have done. – She closed with this offer, resolving to break with me entirely, and wrote the next day to tell me that we never were to meet again. – She felt the engagement to be a source of repentance and misery to each: she dissolved it. – This letter reached me on the very morning of my poor aunt's death. I answered it within an hour; but from the confusion of my mind, and the multiplicity of business falling on me at once, my answer, instead of being sent with all the many other letters of that day, was locked up in my writing-desk; and I, trusting that I had written enough, though but a few lines, to satisfy her, remained without any uneasiness. – I was rather disappointed that I did not hear from her again speedily; but I made excuses for her, and was too busy, and – may I add? – too cheerful in my views to be captious. – We removed to Windsor; and two days afterwards I received a parcel from her, my own letters all returned! – and a few lines at the same time by the post, stating her extreme surprize at not having had the smallest reply to her last; and adding, that as silence on such a point could not be misconstrued, and as it must be equally desirable to both to have every subordinate arrangement concluded as soon as possible, she now sent me, by a safe conveyance, all my letters, and requested, that if I could not directly command hers, so as to send them to Highbury within a week, I would forward them after that period to her at – : in short, the full direction to Mr. Smallridge's, near Bristol, stared me in the face. I knew the name, the place, I knew all about it, and instantly saw what she had been doing. It was perfectly accordant with that resolution of character which I knew her to possess; and the secrecy she had maintained, as to any such design in her former letter, was equally descriptive of its anxious delicacy. For the world would not she have seemed to threaten me. – Imagine the shock; imagine how, till I had actually detected my own blunder, I raved at the blunders of the post. – What was to be done? – One thing only. – I must speak to my uncle. Without his sanction I could not hope to be listened to again. – I spoke; circumstances were in my favour; the late event had softened away his pride, and he was, earlier than I could have anticipated, wholly reconciled and complying; and could say at last, poor man! with a deep sigh, that he wished I might find as much happiness in the marriage state as he had done. – I felt that it would be of a different sort. – Are you disposed to pity me for what I must have suffered in opening the cause to him, for my suspense while all was at stake? – No; do not pity me till I reached Highbury, and saw how ill I had made her. Do not pity me till I saw her wan, sick looks. – I reached Highbury at the time of day when, from my knowledge of their late breakfast hour, I was certain of a good chance of finding her alone. – I was not disappointed; and at last I was not disappointed either in the object of my journey. A great deal of very reasonable, very just displeasure I had to persuade away. But it is done; we are reconciled, dearer, much dearer, than ever, and no moment's uneasiness can ever occur between us again. Now, my dear madam, I will release you; but I could not conclude before. A thousand and a thousand thanks for all the kindness you have ever shewn me, and ten thousand for the attentions your heart will dictate towards her. – If you think me in a way to be happier than I deserve, I am quite of your

opinion. – Miss W. calls me the child of good fortune. I hope she is right. – In one respect, my good fortune is undoubted, that of being able to subscribe myself,

Your obliged and affectionate Son,

F. C. WESTON CHURCHILL.

CHAPTER XV

This letter must make its way to Emma's feelings. She was obliged, in spite of her previous determination to the contrary, to do it all the justice that Mrs. Weston foretold. As soon as she came to her own name, it was irresistible; every line relating to herself was interesting, and almost every line agreeable; and when this charm ceased, the subject could still maintain itself, by the natural return of her former regard for the writer, and the very strong attraction which any picture of love must have for her at that moment. She never stopt till she had gone through the whole; and though it was impossible not to feel that he had been wrong, yet he had been less wrong than she had supposed – and he had suffered, and was very sorry – and he was so grateful to Mrs. Weston, and so much in love with Miss Fairfax, and she was so happy herself, that there was no being severe; and could he have entered the room, she must have shaken hands with him as heartily as ever.

She thought so well of the letter, that when Mr. Knightley came again, she desired him to read it. She was sure of Mrs. Weston's wishing it to be communicated; especially to one, who, like Mr. Knightley, had seen so much to blame in his conduct.

"I shall be very glad to look it over," said he; "but it seems long. I will take it home with me at night."

But that would not do. Mr. Weston was to call in the evening, and she must return it by him.

"I would rather be talking to you," he replied; "but as it seems a matter of justice, it shall be done."

He began – stopping, however, almost directly to say, "Had I been offered the sight of one of this gentleman's letters to his mother-in-law a few months ago, Emma, it would not have been taken with such indifference."

He proceeded a little farther, reading to himself; and then, with a smile, observed, "Humph! a fine complimentary opening: But it is his way. One man's style must not be the rule of another's. We will not be severe."

"It will be natural for me," he added shortly afterwards, "to speak my opinion aloud as I read. By doing it, I shall feel that I am near you. It will not be so great a loss of time: but if you dislike it –"

"Not at all. I should wish it."

Mr. Knightley returned to his reading with greater alacrity.

“He trifles here,” said he, “as to the temptation. He knows he is wrong, and has nothing rational to urge. – Bad. – He ought not to have formed the engagement. – ‘His father’s disposition:’ – he is unjust, however, to his father. Mr. Weston’s sanguine temper was a blessing on all his upright and honourable exertions; but Mr. Weston earned every present comfort before he endeavoured to gain it. – Very true; he did not come till Miss Fairfax was here.”

“And I have not forgotten,” said Emma, “how sure you were that he might have come sooner if he would. You pass it over very handsomely – but you were perfectly right.”

“I was not quite impartial in my judgment, Emma: – but yet, I think – had you not been in the case – I should still have distrusted him.”

When he came to Miss Woodhouse, he was obliged to read the whole of it aloud – all that related to her, with a smile; a look; a shake of the head; a word or two of assent, or disapprobation; or merely of love, as the subject required; concluding, however, seriously, and, after steady reflection, thus –

“Very bad – though it might have been worse. – Playing a most dangerous game. Too much indebted to the event for his acquittal. – No judge of his own manners by you. – Always deceived in fact by his own wishes, and regardless of little besides his own convenience. – Fancying you to have fathomed his secret. Natural enough! – his own mind full of intrigue, that he should suspect it in others. – Mystery; Finesse – how they pervert the understanding! My Emma, does not every thing serve to prove more and more the beauty of truth and sincerity in all our dealings with each other?”

Emma agreed to it, and with a blush of sensibility on Harriet’s account, which she could not give any sincere explanation of.

“You had better go on,” said she.

He did so, but very soon stopt again to say, “the pianoforte! Ah! That was the act of a very, very young man, one too young to consider whether the inconvenience of it might not very much exceed the pleasure. A boyish scheme, indeed! – I cannot comprehend a man’s wishing to give a woman any proof of affection which he knows she would rather dispense with; and he did know that she would have prevented the instrument’s coming if she could.”

After this, he made some progress without any pause. Frank Churchill’s confession of having behaved shamefully was the first thing to call for more than a word in passing.

“I perfectly agree with you, sir,” – was then his remark “You did

behave very shamefully. You never wrote a truer line." And having gone through what immediately followed of the basis of their disagreement, and his persisting to act in direct opposition to Jane Fairfax's sense of right, he made a fuller pause to say, "This is very bad. – He had induced her to place herself, for his sake, in a situation of extreme difficulty and uneasiness, and it should have been his first object to prevent her from suffering unnecessarily. – She must have had much more to contend with, in carrying on the correspondence, than he could. He should have respected even unreasonable scruples, had there been such; but hers were all reasonable. We must look to her one fault, and remember that she had done a wrong thing in consenting to the engagement, to bear that she should have been in such a state of punishment."

Emma knew that he was now getting to the Box Hill party, and grew uncomfortable. Her own behaviour had been so very improper! She was deeply ashamed, and a little afraid of his next look. It was all read, however, steadily, attentively, and without the smallest remark; and, excepting one momentary glance at her, instantly withdrawn, in the fear of giving pain – no remembrance of Box Hill seemed to exist.

"There is no saying much for the delicacy of our good friends, the Eltons," was his next observation. – "His feelings are natural. – What! actually resolve to break with him entirely! – She felt the engagement to be a source of repentance and misery to each – she dissolved it. – What a view this gives of her sense of his behaviour! – Well, he must be a most extraordinary –"

"Nay, nay, read on. – You will find how very much he suffers."

"I hope he does," replied Mr. Knightley coolly, and resuming the letter. "Smallridge! – What does this mean? What is all this?"

"She had engaged to go as governess to Mrs. Smallridge's children – a dear friend of Mrs. Elton's – a neighbour of Maple Grove; and, by the bye, I wonder how Mrs. Elton bears the disappointment?"

"Say nothing, my dear Emma, while you oblige me to read – not even of Mrs. Elton. Only one page more. I shall soon have done. What a letter the man writes!"

"I wish you would read it with a kinder spirit towards him."

"Well, there is feeling here. – He does seem to have suffered in finding her ill. – Certainly, I can have no doubt of his being fond of her. 'Dearer, much dearer than ever.' I hope he may long continue to feel all the value of such a reconciliation. – He is a very liberal thinker, with his thousands and tens of thousands. – 'Happier than I deserve.' Come, he knows himself there. 'Miss

Woodhouse calls me the child of good fortune.’ – Those were Miss Woodhouse’s words, were they? – And a fine ending – and there is the letter. The child of good fortune! That was your name for him, was it?”

“You do not appear so well satisfied with his letter as I am; but still you must, at least I hope you must, think the better of him for it. I hope it does him some service with you.”

“Yes, certainly it does. He has had great faults, faults of inconsideration and thoughtlessness; and I am very much of his opinion in thinking him likely to be happier than he deserves: but still as he is, beyond a doubt, really attached to Miss Fairfax, and will soon, it may be hoped, have the advantage of being constantly with her, I am very ready to believe his character will improve, and acquire from hers the steadiness and delicacy of principle that it wants. And now, let me talk to you of something else. I have another person’s interest at present so much at heart, that I cannot think any longer about Frank Churchill. Ever since I left you this morning, Emma, my mind has been hard at work on one subject.”

The subject followed; it was in plain, unaffected, gentlemanlike English, such as Mr. Knightley used even to the woman he was in love with, how to be able to ask her to marry him, without attacking the happiness of her father. Emma’s answer was ready at the first word. “While her dear father lived, any change of condition must be impossible for her. She could never quit him.” Part only of this answer, however, was admitted. The impossibility of her quitting her father, Mr. Knightley felt as strongly as herself; but the inadmissibility of any other change, he could not agree to. He had been thinking it over most deeply, most intently; he had at first hoped to induce Mr. Woodhouse to remove with her to Donwell; he had wanted to believe it feasible, but his knowledge of Mr. Woodhouse would not suffer him to deceive himself long; and now he confessed his persuasion, that such a transplantation would be a risk of her father’s comfort, perhaps even of his life, which must not be hazarded. Mr. Woodhouse taken from Hartfield! – No, he felt that it ought not to be attempted. But the plan which had arisen on the sacrifice of this, he trusted his dearest Emma would not find in any respect objectionable; it was, that he should be received at Hartfield; that so long as her father’s happiness in other words his life – required Hartfield to continue her home, it should be his likewise.

Of their all removing to Donwell, Emma had already had her own passing thoughts. Like him, she had tried the scheme and rejected it; but such an alternative as this had not occurred to her. She was sensible of all the affection it evinced. She felt that, in quitting Donwell, he must be sacrificing a great deal of independence of hours and habits; that in living constantly with her father, and in no house of his own, there would be much, very much, to be borne with. She

promised to think of it, and advised him to think of it more; but he was fully convinced, that no reflection could alter his wishes or his opinion on the subject. He had given it, he could assure her, very long and calm consideration; he had been walking away from William Larkins the whole morning, to have his thoughts to himself.

“Ah! there is one difficulty unprovided for,” cried Emma. “I am sure William Larkins will not like it. You must get his consent before you ask mine.”

She promised, however, to think of it; and pretty nearly promised, moreover, to think of it, with the intention of finding it a very good scheme.

It is remarkable, that Emma, in the many, very many, points of view in which she was now beginning to consider Donwell Abbey, was never struck with any sense of injury to her nephew Henry, whose rights as heir-expectant had formerly been so tenaciously regarded. Think she must of the possible difference to the poor little boy; and yet she only gave herself a saucy conscious smile about it, and found amusement in detecting the real cause of that violent dislike of Mr. Knightley's marrying Jane Fairfax, or any body else, which at the time she had wholly imputed to the amiable solicitude of the sister and the aunt.

This proposal of his, this plan of marrying and continuing at Hartfield – the more she contemplated it, the more pleasing it became. His evils seemed to lessen, her own advantages to increase, their mutual good to outweigh every drawback. Such a companion for herself in the periods of anxiety and cheerlessness before her! – Such a partner in all those duties and cares to which time must be giving increase of melancholy!

She would have been too happy but for poor Harriet; but every blessing of her own seemed to involve and advance the sufferings of her friend, who must now be even excluded from Hartfield. The delightful family party which Emma was securing for herself, poor Harriet must, in mere charitable caution, be kept at a distance from. She would be a loser in every way. Emma could not deplore her future absence as any deduction from her own enjoyment. In such a party, Harriet would be rather a dead weight than otherwise; but for the poor girl herself, it seemed a peculiarly cruel necessity that was to be placing her in such a state of unmerited punishment.

In time, of course, Mr. Knightley would be forgotten, that is, supplanted; but this could not be expected to happen very early. Mr. Knightley himself would be doing nothing to assist the cure; – not like Mr. Elton. Mr. Knightley, always so kind, so feeling, so truly considerate for every body, would never deserve to be less worshipped than now; and it really was too much to hope even of Harriet, that she could be in love with more than three men in one year.

CHAPTER XVI

It was a very great relief to Emma to find Harriet as desirous as herself to avoid a meeting. Their intercourse was painful enough by letter. How much worse, had they been obliged to meet!

Harriet expressed herself very much as might be supposed, without reproaches, or apparent sense of ill-usage; and yet Emma fancied there was a something of resentment, a something bordering on it in her style, which increased the desirableness of their being separate. – It might be only her own consciousness; but it seemed as if an angel only could have been quite without resentment under such a stroke.

She had no difficulty in procuring Isabella's invitation; and she was fortunate in having a sufficient reason for asking it, without resorting to invention. – There was a tooth amiss. Harriet really wished, and had wished some time, to consult a dentist. Mrs. John Knightley was delighted to be of use; any thing of ill health was a recommendation to her – and though not so fond of a dentist as of a Mr. Wingfield, she was quite eager to have Harriet under her care. – When it was thus settled on her sister's side, Emma proposed it to her friend, and found her very persuadable. – Harriet was to go; she was invited for at least a fortnight; she was to be conveyed in Mr. Woodhouse's carriage. – It was all arranged, it was all completed, and Harriet was safe in Brunswick Square.

Now Emma could, indeed, enjoy Mr. Knightley's visits; now she could talk, and she could listen with true happiness, unchecked by that sense of injustice, of guilt, of something most painful, which had haunted her when remembering how disappointed a heart was near her, how much might at that moment, and at a little distance, be enduring by the feelings which she had led astray herself.

The difference of Harriet at Mrs. Goddard's, or in London, made perhaps an unreasonable difference in Emma's sensations; but she could not think of her in London without objects of curiosity and employment, which must be averting the past, and carrying her out of herself.

She would not allow any other anxiety to succeed directly to the place in her mind which Harriet had occupied. There was a communication before her, one which she only could be competent to make – the confession of her engagement to her father; but she would have nothing to do with it at present. – She had resolved to defer the disclosure till Mrs. Weston were safe and well. No additional agitation should be thrown at this period among those she loved – and the evil should not act on herself by anticipation before the appointed time. – A fortnight, at least, of leisure and peace of mind, to crown every warmer, but

more agitating, delight, should be hers.

She soon resolved, equally as a duty and a pleasure, to employ half an hour of this holiday of spirits in calling on Miss Fairfax. – She ought to go – and she was longing to see her; the resemblance of their present situations increasing every other motive of goodwill. It would be a secret satisfaction; but the consciousness of a similarity of prospect would certainly add to the interest with which she should attend to any thing Jane might communicate.

She went – she had driven once unsuccessfully to the door, but had not been into the house since the morning after Box Hill, when poor Jane had been in such distress as had filled her with compassion, though all the worst of her sufferings had been unsuspected. – The fear of being still unwelcome, determined her, though assured of their being at home, to wait in the passage, and send up her name. – She heard Patty announcing it; but no such bustle succeeded as poor Miss Bates had before made so happily intelligible. – No; she heard nothing but the instant reply of, “Beg her to walk up;” – and a moment afterwards she was met on the stairs by Jane herself, coming eagerly forward, as if no other reception of her were felt sufficient. – Emma had never seen her look so well, so lovely, so engaging. There was consciousness, animation, and warmth; there was every thing which her countenance or manner could ever have wanted. – She came forward with an offered hand; and said, in a low, but very feeling tone,

“This is most kind, indeed! – Miss Woodhouse, it is impossible for me to express – I hope you will believe – Excuse me for being so entirely without words.”

Emma was gratified, and would soon have shewn no want of words, if the sound of Mrs. Elton’s voice from the sitting-room had not checked her, and made it expedient to compress all her friendly and all her congratulatory sensations into a very, very earnest shake of the hand.

Mrs. Bates and Mrs. Elton were together. Miss Bates was out, which accounted for the previous tranquillity. Emma could have wished Mrs. Elton elsewhere; but she was in a humour to have patience with every body; and as Mrs. Elton met her with unusual graciousness, she hoped the rencontre would do them no harm.

She soon believed herself to penetrate Mrs. Elton’s thoughts, and understand why she was, like herself, in happy spirits; it was being in Miss Fairfax’s confidence, and fancying herself acquainted with what was still a secret to other people. Emma saw symptoms of it immediately in the expression of her face; and while paying her own compliments to Mrs. Bates, and appearing to attend to the good old lady’s replies, she saw her with a sort of anxious parade of

mystery fold up a letter which she had apparently been reading aloud to Miss Fairfax, and return it into the purple and gold reticule by her side, saying, with significant nods,

“We can finish this some other time, you know. You and I shall not want opportunities. And, in fact, you have heard all the essential already. I only wanted to prove to you that Mrs. S. admits our apology, and is not offended. You see how delightfully she writes. Oh! she is a sweet creature! You would have doated on her, had you gone. – But not a word more. Let us be discreet – quite on our good behaviour. – Hush! – You remember those lines – I forget the poem at this moment:

“For when a lady’s in the case,

“You know all other things give place.”

Now I say, my dear, in our case, for lady, read – – mum! a word to the wise. – I am in a fine flow of spirits, an’t I? But I want to set your heart at ease as to Mrs. S. – My representation, you see, has quite appeased her.”

And again, on Emma’s merely turning her head to look at Mrs. Bates’s knitting, she added, in a half whisper,

“I mentioned no names, you will observe. – Oh! no; cautious as a minister of state. I managed it extremely well.”

Emma could not doubt. It was a palpable display, repeated on every possible occasion. When they had all talked a little while in harmony of the weather and Mrs. Weston, she found herself abruptly addressed with,

“Do not you think, Miss Woodhouse, our saucy little friend here is charmingly recovered? – Do not you think her cure does Perry the highest credit? – (here was a side-glance of great meaning at Jane.) Upon my word, Perry has restored her in a wonderful short time! – Oh! if you had seen her, as I did, when she was at the worst!” – And when Mrs. Bates was saying something to Emma, whispered farther, “We do not say a word of any assistance that Perry might have; not a word of a certain young physician from Windsor. – Oh! no; Perry shall have all the credit.”

“I have scarce had the pleasure of seeing you, Miss Woodhouse,” she shortly afterwards began, “since the party to Box Hill. Very pleasant party. But yet I think there was something wanting. Things did not seem – that is, there seemed a little cloud upon the spirits of some. – So it appeared to me at least, but I might be mistaken. However, I think it answered so far as to tempt one to go again. What say you both to our collecting the same party, and exploring to Box

Hill again, while the fine weather lasts? – It must be the same party, you know, quite the same party, not one exception.”

Soon after this Miss Bates came in, and Emma could not help being diverted by the perplexity of her first answer to herself, resulting, she supposed, from doubt of what might be said, and impatience to say every thing.

“Thank you, dear Miss Woodhouse, you are all kindness. – It is impossible to say – Yes, indeed, I quite understand – dearest Jane’s prospects – that is, I do not mean. – But she is charmingly recovered. – How is Mr. Woodhouse? – I am so glad. – Quite out of my power. – Such a happy little circle as you find us here. – Yes, indeed. – Charming young man! – that is – so very friendly; I mean good Mr. Perry! – such attention to Jane!” – And from her great, her more than commonly thankful delight towards Mrs. Elton for being there, Emma guessed that there had been a little show of resentment towards Jane, from the vicarage quarter, which was now graciously overcome. – After a few whispers, indeed, which placed it beyond a guess, Mrs. Elton, speaking louder, said,

“Yes, here I am, my good friend; and here I have been so long, that anywhere else I should think it necessary to apologise; but, the truth is, that I am waiting for my lord and master. He promised to join me here, and pay his respects to you.”

“What! are we to have the pleasure of a call from Mr. Elton? – That will be a favour indeed! for I know gentlemen do not like morning visits, and Mr. Elton’s time is so engaged.”

“Upon my word it is, Miss Bates. – He really is engaged from morning to night. – There is no end of people’s coming to him, on some pretence or other. – The magistrates, and overseers, and churchwardens, are always wanting his opinion. They seem not able to do any thing without him. – ‘Upon my word, Mr. E.,’ I often say, ‘rather you than I. – I do not know what would become of my crayons and my instrument, if I had half so many applicants.’ – Bad enough as it is, for I absolutely neglect them both to an unpardonable degree. – I believe I have not played a bar this fortnight. – However, he is coming, I assure you: yes, indeed, on purpose to wait on you all.” And putting up her hand to screen her words from Emma – “A congratulatory visit, you know. – Oh! yes, quite indispensable.”

Miss Bates looked about her, so happily – !

“He promised to come to me as soon as he could disengage himself from Knightley; but he and Knightley are shut up together in deep consultation. –

Mr. E. is Knightley's right hand."

Emma would not have smiled for the world, and only said, "Is Mr. Elton gone on foot to Donwell? – He will have a hot walk."

"Oh! no, it is a meeting at the Crown, a regular meeting. Weston and Cole will be there too; but one is apt to speak only of those who lead. – I fancy Mr. E. and Knightley have every thing their own way."

"Have not you mistaken the day?" said Emma. "I am almost certain that the meeting at the Crown is not till to-morrow. – Mr. Knightley was at Hartfield yesterday, and spoke of it as for Saturday."

"Oh! no, the meeting is certainly to-day," was the abrupt answer, which denoted the impossibility of any blunder on Mrs. Elton's side. – "I do believe," she continued, "this is the most troublesome parish that ever was. We never heard of such things at Maple Grove."

"Your parish there was small," said Jane.

"Upon my word, my dear, I do not know, for I never heard the subject talked of."

"But it is proved by the smallness of the school, which I have heard you speak of, as under the patronage of your sister and Mrs. Bragge; the only school, and not more than five-and-twenty children."

"Ah! you clever creature, that's very true. What a thinking brain you have! I say, Jane, what a perfect character you and I should make, if we could be shaken together. My liveliness and your solidity would produce perfection. – Not that I presume to insinuate, however, that some people may not think you perfection already. – But hush! – not a word, if you please."

It seemed an unnecessary caution; Jane was wanting to give her words, not to Mrs. Elton, but to Miss Woodhouse, as the latter plainly saw. The wish of distinguishing her, as far as civility permitted, was very evident, though it could not often proceed beyond a look.

Mr. Elton made his appearance. His lady greeted him with some of her sparkling vivacity.

"Very pretty, sir, upon my word; to send me on here, to be an encumbrance to my friends, so long before you vouchsafe to come! – But you knew what a dutiful creature you had to deal with. You knew I should not stir till my lord and master appeared. – Here have I been sitting this hour, giving these young ladies a sample of true conjugal obedience – for who can say, you know,

how soon it may be wanted?"

Mr. Elton was so hot and tired, that all this wit seemed thrown away. His civilities to the other ladies must be paid; but his subsequent object was to lament over himself for the heat he was suffering, and the walk he had had for nothing.

"When I got to Donwell," said he, "Knightley could not be found. Very odd! very unaccountable! after the note I sent him this morning, and the message he returned, that he should certainly be at home till one."

"Donwell!" cried his wife. – "My dear Mr. E., you have not been to Donwell! – You mean the Crown; you come from the meeting at the Crown."

"No, no, that's to-morrow; and I particularly wanted to see Knightley to-day on that very account. – Such a dreadful broiling morning! – I went over the fields too – (speaking in a tone of great ill-usage,) which made it so much the worse. And then not to find him at home! I assure you I am not at all pleased. And no apology left, no message for me. The housekeeper declared she knew nothing of my being expected. – Very extraordinary! – And nobody knew at all which way he was gone. Perhaps to Hartfield, perhaps to the Abbey Mill, perhaps into his woods. – Miss Woodhouse, this is not like our friend Knightley! – Can you explain it?"

Emma amused herself by protesting that it was very extraordinary, indeed, and that she had not a syllable to say for him.

"I cannot imagine," said Mrs. Elton, (feeling the indignity as a wife ought to do,) "I cannot imagine how he could do such a thing by you, of all people in the world! The very last person whom one should expect to be forgotten! – My dear Mr. E., he must have left a message for you, I am sure he must. – Not even Knightley could be so very eccentric; – and his servants forgot it. Depend upon it, that was the case: and very likely to happen with the Donwell servants, who are all, I have often observed, extremely awkward and remiss. – I am sure I would not have such a creature as his Harry stand at our sideboard for any consideration. And as for Mrs. Hodges, Wright holds her very cheap indeed. – She promised Wright a receipt, and never sent it."

"I met William Larkins," continued Mr. Elton, "as I got near the house, and he told me I should not find his master at home, but I did not believe him. – William seemed rather out of humour. He did not know what was come to his master lately, he said, but he could hardly ever get the speech of him. I have nothing to do with William's wants, but it really is of very great importance that I should see Knightley to-day; and it becomes a matter, therefore, of very serious inconvenience that I should have had this hot walk to no purpose."

Emma felt that she could not do better than go home directly. In all probability she was at this very time waited for there; and Mr. Knightley might be preserved from sinking deeper in aggression towards Mr. Elton, if not towards William Larkins.

She was pleased, on taking leave, to find Miss Fairfax determined to attend her out of the room, to go with her even downstairs; it gave her an opportunity which she immediately made use of, to say,

“It is as well, perhaps, that I have not had the possibility. Had you not been surrounded by other friends, I might have been tempted to introduce a subject, to ask questions, to speak more openly than might have been strictly correct. – I feel that I should certainly have been impertinent.”

“Oh!” cried Jane, with a blush and an hesitation which Emma thought infinitely more becoming to her than all the elegance of all her usual composure – “there would have been no danger. The danger would have been of my wearying you. You could not have gratified me more than by expressing an interest – . Indeed, Miss Woodhouse, (speaking more collectedly,) with the consciousness which I have of misconduct, very great misconduct, it is particularly consoling to me to know that those of my friends, whose good opinion is most worth preserving, are not disgusted to such a degree as to – I have not time for half that I could wish to say. I long to make apologies, excuses, to urge something for myself. I feel it so very due. But, unfortunately – in short, if your compassion does not stand my friend – “

“Oh! you are too scrupulous, indeed you are,” cried Emma warmly, and taking her hand. “You owe me no apologies; and every body to whom you might be supposed to owe them, is so perfectly satisfied, so delighted even – “

“You are very kind, but I know what my manners were to you. – So cold and artificial! – I had always a part to act. – It was a life of deceit! – I know that I must have disgusted you.”

“Pray say no more. I feel that all the apologies should be on my side. Let us forgive each other at once. We must do whatever is to be done quickest, and I think our feelings will lose no time there. I hope you have pleasant accounts from Windsor?”

“Very.”

“And the next news, I suppose, will be, that we are to lose you – just as I begin to know you.”

“Oh! as to all that, of course nothing can be thought of yet. I am here till

claimed by Colonel and Mrs. Campbell.”

“Nothing can be actually settled yet, perhaps,” replied Emma, smiling – “but, excuse me, it must be thought of.”

The smile was returned as Jane answered,

“You are very right; it has been thought of. And I will own to you, (I am sure it will be safe), that so far as our living with Mr. Churchill at Enscombe, it is settled. There must be three months, at least, of deep mourning; but when they are over, I imagine there will be nothing more to wait for.”

“Thank you, thank you. – This is just what I wanted to be assured of. – Oh! if you knew how much I love every thing that is decided and open! – Good-bye, good-bye.

CHAPTER XVII

Mrs. Weston's friends were all made happy by her safety; and if the satisfaction of her well-doing could be increased to Emma, it was by knowing her to be the mother of a little girl. She had been decided in wishing for a Miss Weston. She would not acknowledge that it was with any view of making a match for her, hereafter, with either of Isabella's sons; but she was convinced that a daughter would suit both father and mother best. It would be a great comfort to Mr. Weston, as he grew older – and even Mr. Weston might be growing older ten years hence – to have his fireside enlivened by the sports and the nonsense, the freaks and the fancies of a child never banished from home; and Mrs. Weston – no one could doubt that a daughter would be most to her; and it would be quite a pity that any one who so well knew how to teach, should not have their powers in exercise again.

“She has had the advantage, you know, of practising on me,” she continued – “like La Baronne d’Almane on La Comtesse d’Ostalis, in Madame de Genlis’ Adelaide and Theodore, and we shall now see her own little Adelaide educated on a more perfect plan.”

“That is,” replied Mr. Knightley, “she will indulge her even more than she did you, and believe that she does not indulge her at all. It will be the only difference.”

“Poor child!” cried Emma; “at that rate, what will become of her?”

“Nothing very bad. – The fate of thousands. She will be disagreeable in infancy, and correct herself as she grows older. I am losing all my bitterness against spoilt children, my dearest Emma. I, who am owing all my happiness to you, would not it be horrible ingratitude in me to be severe on them?”

Emma laughed, and replied: “But I had the assistance of all your endeavours to counteract the indulgence of other people. I doubt whether my own sense would have corrected me without it.”

“Do you? – I have no doubt. Nature gave you understanding: – Miss Taylor gave you principles. You must have done well. My interference was quite as likely to do harm as good. It was very natural for you to say, what right has he to lecture me? – and I am afraid very natural for you to feel that it was done in a disagreeable manner. I do not believe I did you any good. The good was all to myself, by making you an object of the tenderest affection to me. I could not think about you so much without doating on you, faults and all; and by dint of fancying so many errors, have been in love with you ever since you were

thirteen at least.”

“I am sure you were of use to me,” cried Emma. “I was very often influenced rightly by you – oftener than I would own at the time. I am very sure you did me good. And if poor little Anna Weston is to be spoiled, it will be the greatest humanity in you to do as much for her as you have done for me, except falling in love with her when she is thirteen.”

“How often, when you were a girl, have you said to me, with one of your saucy looks – ‘Mr. Knightley, I am going to do so-and-so; papa says I may, or I have Miss Taylor’s leave’ – something which, you knew, I did not approve. In such cases my interference was giving you two bad feelings instead of one.”

“What an amiable creature I was! – No wonder you should hold my speeches in such affectionate remembrance.”

“‘Mr. Knightley.’ – You always called me, ‘Mr. Knightley;’ and, from habit, it has not so very formal a sound. – And yet it is formal. I want you to call me something else, but I do not know what.”

“I remember once calling you ‘George,’ in one of my amiable fits, about ten years ago. I did it because I thought it would offend you; but, as you made no objection, I never did it again.”

“And cannot you call me ‘George’ now?”

“Impossible! – I never can call you any thing but ‘Mr. Knightley.’ I will not promise even to equal the elegant terseness of Mrs. Elton, by calling you Mr. K. – But I will promise,” she added presently, laughing and blushing – “I will promise to call you once by your Christian name. I do not say when, but perhaps you may guess where; – in the building in which N. takes M. for better, for worse.”

Emma grieved that she could not be more openly just to one important service which his better sense would have rendered her, to the advice which would have saved her from the worst of all her womanly follies – her wilful intimacy with Harriet Smith; but it was too tender a subject. – She could not enter on it. – Harriet was very seldom mentioned between them. This, on his side, might merely proceed from her not being thought of; but Emma was rather inclined to attribute it to delicacy, and a suspicion, from some appearances, that their friendship were declining. She was aware herself, that, parting under any other circumstances, they certainly should have corresponded more, and that her intelligence would not have rested, as it now almost wholly did, on Isabella’s letters. He might observe that it was so. The pain of being obliged to practise concealment towards him, was very little inferior to the pain of having made

Harriet unhappy.

Isabella sent quite as good an account of her visitor as could be expected; on her first arrival she had thought her out of spirits, which appeared perfectly natural, as there was a dentist to be consulted; but, since that business had been over, she did not appear to find Harriet different from what she had known her before. — Isabella, to be sure, was no very quick observer; yet if Harriet had not been equal to playing with the children, it would not have escaped her. Emma's comforts and hopes were most agreeably carried on, by Harriet's being to stay longer; her fortnight was likely to be a month at least. Mr. and Mrs. John Knightley were to come down in August, and she was invited to remain till they could bring her back.

“John does not even mention your friend,” said Mr. Knightley. “Here is his answer, if you like to see it.”

It was the answer to the communication of his intended marriage. Emma accepted it with a very eager hand, with an impatience all alive to know what he would say about it, and not at all checked by hearing that her friend was unmentioned.

“John enters like a brother into my happiness,” continued Mr. Knightley, “but he is no complimenter; and though I well know him to have, likewise, a most brotherly affection for you, he is so far from making flourishes, that any other young woman might think him rather cool in her praise. But I am not afraid of your seeing what he writes.”

“He writes like a sensible man,” replied Emma, when she had read the letter. “I honour his sincerity. It is very plain that he considers the good fortune of the engagement as all on my side, but that he is not without hope of my growing, in time, as worthy of your affection, as you think me already. Had he said any thing to bear a different construction, I should not have believed him.”

“My Emma, he means no such thing. He only means —”

“He and I should differ very little in our estimation of the two,” interrupted she, with a sort of serious smile — “much less, perhaps, than he is aware of, if we could enter without ceremony or reserve on the subject.”

“Emma, my dear Emma —”

“Oh!” she cried with more thorough gaiety, “if you fancy your brother does not do me justice, only wait till my dear father is in the secret, and hear his opinion. Depend upon it, he will be much farther from doing you justice. He will think all the happiness, all the advantage, on your side of the question; all the merit

on mine. I wish I may not sink into 'poor Emma' with him at once. – His tender compassion towards oppressed worth can go no farther.”

“Ah!” he cried, “I wish your father might be half as easily convinced as John will be, of our having every right that equal worth can give, to be happy together. I am amused by one part of John’s letter – did you notice it? – where he says, that my information did not take him wholly by surprize, that he was rather in expectation of hearing something of the kind.”

“If I understand your brother, he only means so far as your having some thoughts of marrying. He had no idea of me. He seems perfectly unprepared for that.”

“Yes, yes – but I am amused that he should have seen so far into my feelings. What has he been judging by? – I am not conscious of any difference in my spirits or conversation that could prepare him at this time for my marrying any more than at another. – But it was so, I suppose. I dare say there was a difference when I was staying with them the other day. I believe I did not play with the children quite so much as usual. I remember one evening the poor boys saying, ‘Uncle seems always tired now.’”

The time was coming when the news must spread farther, and other persons’ reception of it tried. As soon as Mrs. Weston was sufficiently recovered to admit Mr. Woodhouse’s visits, Emma having it in view that her gentle reasonings should be employed in the cause, resolved first to announce it at home, and then at Randalls. – But how to break it to her father at last! – She had bound herself to do it, in such an hour of Mr. Knightley’s absence, or when it came to the point her heart would have failed her, and she must have put it off; but Mr. Knightley was to come at such a time, and follow up the beginning she was to make. – She was forced to speak, and to speak cheerfully too. She must not make it a more decided subject of misery to him, by a melancholy tone herself. She must not appear to think it a misfortune. – With all the spirits she could command, she prepared him first for something strange, and then, in a few words, said, that if his consent and approbation could be obtained – which, she trusted, would be attended with no difficulty, since it was a plan to promote the happiness of all – she and Mr. Knightley meant to marry; by which means Hartfield would receive the constant addition of that person’s company whom she knew he loved, next to his daughters and Mrs. Weston, best in the world.

Poor man! – it was at first a considerable shock to him, and he tried earnestly to dissuade her from it. She was reminded, more than once, of having always said she would never marry, and assured that it would be a great deal better for her to remain single; and told of poor Isabella, and poor Miss Taylor. –

But it would not do. Emma hung about him affectionately, and smiled, and said it must be so; and that he must not class her with Isabella and Mrs. Weston, whose marriages taking them from Hartfield, had, indeed, made a melancholy change: but she was not going from Hartfield; she should be always there; she was introducing no change in their numbers or their comforts but for the better; and she was very sure that he would be a great deal the happier for having Mr. Knightley always at hand, when he were once got used to the idea. – Did he not love Mr. Knightley very much? – He would not deny that he did, she was sure. – Whom did he ever want to consult on business but Mr. Knightley? – Who was so useful to him, who so ready to write his letters, who so glad to assist him? – Who so cheerful, so attentive, so attached to him? – Would not he like to have him always on the spot? – Yes. That was all very true. Mr. Knightley could not be there too often; he should be glad to see him every day; – but they did see him every day as it was. – Why could not they go on as they had done?

Mr. Woodhouse could not be soon reconciled; but the worst was overcome, the idea was given; time and continual repetition must do the rest. – To Emma's entreaties and assurances succeeded Mr. Knightley's, whose fond praise of her gave the subject even a kind of welcome; and he was soon used to be talked to by each, on every fair occasion. – They had all the assistance which Isabella could give, by letters of the strongest approbation; and Mrs. Weston was ready, on the first meeting, to consider the subject in the most serviceable light – first, as a settled, and, secondly, as a good one – well aware of the nearly equal importance of the two recommendations to Mr. Woodhouse's mind. – It was agreed upon, as what was to be; and every body by whom he was used to be guided assuring him that it would be for his happiness; and having some feelings himself which almost admitted it, he began to think that some time or other – in another year or two, perhaps – it might not be so very bad if the marriage did take place.

Mrs. Weston was acting no part, feigning no feelings in all that she said to him in favour of the event. – She had been extremely surprized, never more so, than when Emma first opened the affair to her; but she saw in it only increase of happiness to all, and had no scruple in urging him to the utmost. – She had such a regard for Mr. Knightley, as to think he deserved even her dearest Emma; and it was in every respect so proper, suitable, and unexceptionable a connexion, and in one respect, one point of the highest importance, so peculiarly eligible, so singularly fortunate, that now it seemed as if Emma could not safely have attached herself to any other creature, and that she had herself been the stupidest of beings in not having thought of it, and wished it long ago. – How very few of those men in a rank of life to address Emma would have renounced their own home for Hartfield! And who but Mr. Knightley could know and bear with Mr.

Woodhouse, so as to make such an arrangement desirable! – The difficulty of disposing of poor Mr. Woodhouse had been always felt in her husband's plans and her own, for a marriage between Frank and Emma. How to settle the claims of Enscombe and Hartfield had been a continual impediment – less acknowledged by Mr. Weston than by herself – but even he had never been able to finish the subject better than by saying – “Those matters will take care of themselves; the young people will find a way.” But here there was nothing to be shifted off in a wild speculation on the future. It was all right, all open, all equal. No sacrifice on any side worth the name. It was a union of the highest promise of felicity in itself, and without one real, rational difficulty to oppose or delay it.

Mrs. Weston, with her baby on her knee, indulging in such reflections as these, was one of the happiest women in the world. If any thing could increase her delight, it was perceiving that the baby would soon have outgrown its first set of caps.

The news was universally a surprize wherever it spread; and Mr. Weston had his five minutes share of it; but five minutes were enough to familiarise the idea to his quickness of mind. – He saw the advantages of the match, and rejoiced in them with all the constancy of his wife; but the wonder of it was very soon nothing; and by the end of an hour he was not far from believing that he had always foreseen it.

“It is to be a secret, I conclude,” said he. “These matters are always a secret, till it is found out that every body knows them. Only let me be told when I may speak out. – I wonder whether Jane has any suspicion.”

He went to Highbury the next morning, and satisfied himself on that point. He told her the news. Was not she like a daughter, his eldest daughter? – he must tell her; and Miss Bates being present, it passed, of course, to Mrs. Cole, Mrs. Perry, and Mrs. Elton, immediately afterwards. It was no more than the principals were prepared for; they had calculated from the time of its being known at Randalls, how soon it would be over Highbury; and were thinking of themselves, as the evening wonder in many a family circle, with great sagacity.

In general, it was a very well approved match. Some might think him, and others might think her, the most in luck. One set might recommend their all removing to Donwell, and leaving Hartfield for the John Knightleys; and another might predict disagreements among their servants; but yet, upon the whole, there was no serious objection raised, except in one habitation, the Vicarage. – There, the surprize was not softened by any satisfaction. Mr. Elton cared little about it, compared with his wife; he only hoped “the young lady's pride would now be contented;” and supposed “she had always meant to catch Knightley if she

could;" and, on the point of living at Hartfield, could daringly exclaim, "Rather he than I!" – But Mrs. Elton was very much discomposed indeed. – "Poor Knightley! poor fellow! – sad business for him." – She was extremely concerned; for, though very eccentric, he had a thousand good qualities. – How could he be so taken in? – Did not think him at all in love – not in the least. – Poor Knightley! – There would be an end of all pleasant intercourse with him. – How happy he had been to come and dine with them whenever they asked him! But that would be all over now. – Poor fellow! – No more exploring parties to Donwell made for her. Oh! no; there would be a Mrs. Knightley to throw cold water on every thing. – Extremely disagreeable! But she was not at all sorry that she had abused the housekeeper the other day. – Shocking plan, living together. It would never do. She knew a family near Maple Grove who had tried it, and been obliged to separate before the end of the first quarter.

CHAPTER XVIII

Time passed on. A few more to-morrows, and the party from London would be arriving. It was an alarming change; and Emma was thinking of it one morning, as what must bring a great deal to agitate and grieve her, when Mr. Knightley came in, and distressing thoughts were put by. After the first chat of pleasure he was silent; and then, in a graver tone, began with,

“I have something to tell you, Emma; some news.”

“Good or bad?” said she, quickly, looking up in his face.

“I do not know which it ought to be called.”

“Oh! good I am sure. – I see it in your countenance. You are trying not to smile.”

“I am afraid,” said he, composing his features, “I am very much afraid, my dear Emma, that you will not smile when you hear it.”

“Indeed! but why so? – I can hardly imagine that any thing which pleases or amuses you, should not please and amuse me too.”

“There is one subject,” he replied, “I hope but one, on which we do not think alike.” He paused a moment, again smiling, with his eyes fixed on her face. “Does nothing occur to you? – Do not you recollect? – Harriet Smith.”

Her cheeks flushed at the name, and she felt afraid of something, though she knew not what.

“Have you heard from her yourself this morning?” cried he. “You have, I believe, and know the whole.”

“No, I have not; I know nothing; pray tell me.”

“You are prepared for the worst, I see – and very bad it is. Harriet Smith marries Robert Martin.”

Emma gave a start, which did not seem like being prepared – and her eyes, in eager gaze, said, “No, this is impossible!” but her lips were closed.

“It is so, indeed,” continued Mr. Knightley; “I have it from Robert Martin himself. He left me not half an hour ago.”

She was still looking at him with the most speaking amazement.

“You like it, my Emma, as little as I feared. – I wish our opinions were

the same. But in time they will. Time, you may be sure, will make one or the other of us think differently; and, in the meanwhile, we need not talk much on the subject.”

“You mistake me, you quite mistake me,” she replied, exerting herself. “It is not that such a circumstance would now make me unhappy, but I cannot believe it. It seems an impossibility! – You cannot mean to say, that Harriet Smith has accepted Robert Martin. You cannot mean that he has even proposed to her again – yet. You only mean, that he intends it.”

“I mean that he has done it,” answered Mr. Knightley, with smiling but determined decision, “and been accepted.”

“Good God!” she cried. – “Well!” – Then having recourse to her workbasket, in excuse for leaning down her face, and concealing all the exquisite feelings of delight and entertainment which she knew she must be expressing, she added, “Well, now tell me every thing; make this intelligible to me. How, where, when? – Let me know it all. I never was more surprized – but it does not make me unhappy, I assure you. – How – how has it been possible?”

“It is a very simple story. He went to town on business three days ago, and I got him to take charge of some papers which I was wanting to send to John. – He delivered these papers to John, at his chambers, and was asked by him to join their party the same evening to Astley’s. They were going to take the two eldest boys to Astley’s. The party was to be our brother and sister, Henry, John – and Miss Smith. My friend Robert could not resist. They called for him in their way; were all extremely amused; and my brother asked him to dine with them the next day – which he did – and in the course of that visit (as I understand) he found an opportunity of speaking to Harriet; and certainly did not speak in vain. – She made him, by her acceptance, as happy even as he is deserving. He came down by yesterday’s coach, and was with me this morning immediately after breakfast, to report his proceedings, first on my affairs, and then on his own. This is all that I can relate of the how, where, and when. Your friend Harriet will make a much longer history when you see her. – She will give you all the minute particulars, which only woman’s language can make interesting. – In our communications we deal only in the great. – However, I must say, that Robert Martin’s heart seemed for him, and to me, very overflowing; and that he did mention, without its being much to the purpose, that on quitting their box at Astley’s, my brother took charge of Mrs. John Knightley and little John, and he followed with Miss Smith and Henry; and that at one time they were in such a crowd, as to make Miss Smith rather uneasy.”

He stopped. – Emma dared not attempt any immediate reply. To speak,

she was sure would be to betray a most unreasonable degree of happiness. She must wait a moment, or he would think her mad. Her silence disturbed him; and after observing her a little while, he added,

“Emma, my love, you said that this circumstance would not now make you unhappy; but I am afraid it gives you more pain than you expected. His situation is an evil – but you must consider it as what satisfies your friend; and I will answer for your thinking better and better of him as you know him more. His good sense and good principles would delight you. – As far as the man is concerned, you could not wish your friend in better hands. His rank in society I would alter if I could, which is saying a great deal I assure you, Emma. – You laugh at me about William Larkins; but I could quite as ill spare Robert Martin.”

He wanted her to look up and smile; and having now brought herself not to smile too broadly – she did – cheerfully answering,

“You need not be at any pains to reconcile me to the match. I think Harriet is doing extremely well. Her connexions may be worse than his. In respectability of character, there can be no doubt that they are. I have been silent from surprize merely, excessive surprize. You cannot imagine how suddenly it has come on me! how peculiarly unprepared I was! – for I had reason to believe her very lately more determined against him, much more, than she was before.”

“You ought to know your friend best,” replied Mr. Knightley; “but I should say she was a good-tempered, soft-hearted girl, not likely to be very, very determined against any young man who told her he loved her.”

Emma could not help laughing as she answered, “Upon my word, I believe you know her quite as well as I do. – But, Mr. Knightley, are you perfectly sure that she has absolutely and downright accepted him. I could suppose she might in time – but can she already? – Did not you misunderstand him? – You were both talking of other things; of business, shows of cattle, or new drills – and might not you, in the confusion of so many subjects, mistake him? – It was not Harriet’s hand that he was certain of – it was the dimensions of some famous ox.”

The contrast between the countenance and air of Mr. Knightley and Robert Martin was, at this moment, so strong to Emma’s feelings, and so strong was the recollection of all that had so recently passed on Harriet’s side, so fresh the sound of those words, spoken with such emphasis, “No, I hope I know better than to think of Robert Martin,” that she was really expecting the intelligence to prove, in some measure, premature. It could not be otherwise.

“Do you dare say this?” cried Mr. Knightley. “Do you dare to suppose

me so great a blockhead, as not to know what a man is talking of? – What do you deserve?”

“Oh! I always deserve the best treatment, because I never put up with any other; and, therefore, you must give me a plain, direct answer. Are you quite sure that you understand the terms on which Mr. Martin and Harriet now are?”

“I am quite sure,” he replied, speaking very distinctly, “that he told me she had accepted him; and that there was no obscurity, nothing doubtful, in the words he used; and I think I can give you a proof that it must be so. He asked my opinion as to what he was now to do. He knew of no one but Mrs. Goddard to whom he could apply for information of her relations or friends. Could I mention any thing more fit to be done, than to go to Mrs. Goddard? I assured him that I could not. Then, he said, he would endeavour to see her in the course of this day.”

“I am perfectly satisfied,” replied Emma, with the brightest smiles, “and most sincerely wish them happy.”

“You are materially changed since we talked on this subject before.”

“I hope so – for at that time I was a fool.”

“And I am changed also; for I am now very willing to grant you all Harriet’s good qualities. I have taken some pains for your sake, and for Robert Martin’s sake, (whom I have always had reason to believe as much in love with her as ever,) to get acquainted with her. I have often talked to her a good deal. You must have seen that I did. Sometimes, indeed, I have thought you were half suspecting me of pleading poor Martin’s cause, which was never the case; but, from all my observations, I am convinced of her being an artless, amiable girl, with very good notions, very seriously good principles, and placing her happiness in the affections and utility of domestic life. – Much of this, I have no doubt, she may thank you for.”

“Me!” cried Emma, shaking her head. – “Ah! poor Harriet!”

She checked herself, however, and submitted quietly to a little more praise than she deserved.

Their conversation was soon afterwards closed by the entrance of her father. She was not sorry. She wanted to be alone. Her mind was in a state of flutter and wonder, which made it impossible for her to be collected. She was in dancing, singing, exclaiming spirits; and till she had moved about, and talked to herself, and laughed and reflected, she could be fit for nothing rational.

Her father’s business was to announce James’s being gone out to put the horses to, preparatory to their now daily drive to Randalls; and she had, therefore,

an immediate excuse for disappearing.

The joy, the gratitude, the exquisite delight of her sensations may be imagined. The sole grievance and alloy thus removed in the prospect of Harriet's welfare, she was really in danger of becoming too happy for security. – What had she to wish for? Nothing, but to grow more worthy of him, whose intentions and judgment had been ever so superior to her own. Nothing, but that the lessons of her past folly might teach her humility and circumspection in future.

Serious she was, very serious in her thankfulness, and in her resolutions; and yet there was no preventing a laugh, sometimes in the very midst of them. She must laugh at such a close! Such an end of the doleful disappointment of five weeks back! Such a heart – such a Harriet!

Now there would be pleasure in her returning – Every thing would be a pleasure. It would be a great pleasure to know Robert Martin.

High in the rank of her most serious and heartfelt felicities, was the reflection that all necessity of concealment from Mr. Knightley would soon be over. The disguise, equivocation, mystery, so hateful to her to practise, might soon be over. She could now look forward to giving him that full and perfect confidence which her disposition was most ready to welcome as a duty.

In the gayest and happiest spirits she set forward with her father; not always listening, but always agreeing to what he said; and, whether in speech or silence, conniving at the comfortable persuasion of his being obliged to go to Randalls every day, or poor Mrs. Weston would be disappointed.

They arrived. – Mrs. Weston was alone in the drawing-room: – but hardly had they been told of the baby, and Mr. Woodhouse received the thanks for coming, which he asked for, when a glimpse was caught through the blind, of two figures passing near the window.

“It is Frank and Miss Fairfax,” said Mrs. Weston. “I was just going to tell you of our agreeable surprize in seeing him arrive this morning. He stays till tomorrow, and Miss Fairfax has been persuaded to spend the day with us. – They are coming in, I hope.”

In half a minute they were in the room. Emma was extremely glad to see him – but there was a degree of confusion – a number of embarrassing recollections on each side. They met readily and smiling, but with a consciousness which at first allowed little to be said; and having all sat down again, there was for some time such a blank in the circle, that Emma began to doubt whether the wish now indulged, which she had long felt, of seeing Frank Churchill once more, and of seeing him with Jane, would yield its proportion of

pleasure. When Mr. Weston joined the party, however, and when the baby was fetched, there was no longer a want of subject or animation – or of courage and opportunity for Frank Churchill to draw near her and say,

“I have to thank you, Miss Woodhouse, for a very kind forgiving message in one of Mrs. Weston’s letters. I hope time has not made you less willing to pardon. I hope you do not retract what you then said.”

“No, indeed,” cried Emma, most happy to begin, “not in the least. I am particularly glad to see and shake hands with you – and to give you joy in person.”

He thanked her with all his heart, and continued some time to speak with serious feeling of his gratitude and happiness.

“Is not she looking well?” said he, turning his eyes towards Jane. “Better than she ever used to do? – You see how my father and Mrs. Weston doat upon her.”

But his spirits were soon rising again, and with laughing eyes, after mentioning the expected return of the Campbells, he named the name of Dixon. – Emma blushed, and forbade its being pronounced in her hearing.

“I can never think of it,” she cried, “without extreme shame.”

“The shame,” he answered, “is all mine, or ought to be. But is it possible that you had no suspicion? – I mean of late. Early, I know, you had none.”

“I never had the smallest, I assure you.”

“That appears quite wonderful. I was once very near – and I wish I had – it would have been better. But though I was always doing wrong things, they were very bad wrong things, and such as did me no service. – It would have been a much better transgression had I broken the bond of secrecy and told you every thing.”

“It is not now worth a regret,” said Emma.

“I have some hope,” resumed he, “of my uncle’s being persuaded to pay a visit at Randalls; he wants to be introduced to her. When the Campbells are returned, we shall meet them in London, and continue there, I trust, till we may carry her northward. – But now, I am at such a distance from her – is not it hard, Miss Woodhouse? – Till this morning, we have not once met since the day of reconciliation. Do not you pity me?”

Emma spoke her pity so very kindly, that with a sudden accession of gay thought, he cried,

“Ah! by the bye,” then sinking his voice, and looking demure for the moment – “I hope Mr. Knightley is well?” He paused. – She coloured and laughed. – “I know you saw my letter, and think you may remember my wish in your favour. Let me return your congratulations. – I assure you that I have heard the news with the warmest interest and satisfaction. – He is a man whom I cannot presume to praise.”

Emma was delighted, and only wanted him to go on in the same style; but his mind was the next moment in his own concerns and with his own Jane, and his next words were,

“Did you ever see such a skin? – such smoothness! such delicacy! – and yet without being actually fair. – One cannot call her fair. It is a most uncommon complexion, with her dark eye-lashes and hair – a most distinguishing complexion! So peculiarly the lady in it. – Just colour enough for beauty.”

“I have always admired her complexion,” replied Emma, archly; “but do not I remember the time when you found fault with her for being so pale? – When we first began to talk of her. – Have you quite forgotten?”

“Oh! no – what an impudent dog I was! – How could I dare – “

But he laughed so heartily at the recollection, that Emma could not help saying,

“I do suspect that in the midst of your perplexities at that time, you had very great amusement in tricking us all. – I am sure you had. – I am sure it was a consolation to you.”

“Oh! no, no, no – how can you suspect me of such a thing? I was the most miserable wretch!”

“Not quite so miserable as to be insensible to mirth. I am sure it was a source of high entertainment to you, to feel that you were taking us all in. – Perhaps I am the readier to suspect, because, to tell you the truth, I think it might have been some amusement to myself in the same situation. I think there is a little likeness between us.”

He bowed.

“If not in our dispositions,” she presently added, with a look of true sensibility, “there is a likeness in our destiny; the destiny which bids fair to connect us with two characters so much superior to our own.”

“True, true,” he answered, warmly. “No, not true on your side. You can have no superior, but most true on mine. – She is a complete angel. Look at her. Is

not she an angel in every gesture? Observe the turn of her throat. Observe her eyes, as she is looking up at my father. – You will be glad to hear (inclining his head, and whispering seriously) that my uncle means to give her all my aunt's jewels. They are to be new set. I am resolved to have some in an ornament for the head. Will not it be beautiful in her dark hair?"

"Very beautiful, indeed," replied Emma; and she spoke so kindly, that he gratefully burst out,

"How delighted I am to see you again! and to see you in such excellent looks! – I would not have missed this meeting for the world. I should certainly have called at Hartfield, had you failed to come."

The others had been talking of the child, Mrs. Weston giving an account of a little alarm she had been under, the evening before, from the infant's appearing not quite well. She believed she had been foolish, but it had alarmed her, and she had been within half a minute of sending for Mr. Perry. Perhaps she ought to be ashamed, but Mr. Weston had been almost as uneasy as herself. – In ten minutes, however, the child had been perfectly well again. This was her history; and particularly interesting it was to Mr. Woodhouse, who commended her very much for thinking of sending for Perry, and only regretted that she had not done it. "She should always send for Perry, if the child appeared in the slightest degree disordered, were it only for a moment. She could not be too soon alarmed, nor send for Perry too often. It was a pity, perhaps, that he had not come last night; for, though the child seemed well now, very well considering, it would probably have been better if Perry had seen it."

Frank Churchill caught the name.

"Perry!" said he to Emma, and trying, as he spoke, to catch Miss Fairfax's eye. "My friend Mr. Perry! What are they saying about Mr. Perry? – Has he been here this morning? – And how does he travel now? – Has he set up his carriage?"

Emma soon recollected, and understood him; and while she joined in the laugh, it was evident from Jane's countenance that she too was really hearing him, though trying to seem deaf.

"Such an extraordinary dream of mine!" he cried. "I can never think of it without laughing. – She hears us, she hears us, Miss Woodhouse. I see it in her cheek, her smile, her vain attempt to frown. Look at her. Do not you see that, at this instant, the very passage of her own letter, which sent me the report, is passing under her eye – that the whole blunder is spread before her – that she can attend to nothing else, though pretending to listen to the others?"

Jane was forced to smile completely, for a moment; and the smile partly remained as she turned towards him, and said in a conscious, low, yet steady voice,

“How you can bear such recollections, is astonishing to me! – They will sometimes obtrude – but how you can court them!”

He had a great deal to say in return, and very entertainingly; but Emma’s feelings were chiefly with Jane, in the argument; and on leaving Randalls, and falling naturally into a comparison of the two men, she felt, that pleased as she had been to see Frank Churchill, and really regarding him as she did with friendship, she had never been more sensible of Mr. Knightley’s high superiority of character. The happiness of this most happy day, received its completion, in the animated contemplation of his worth which this comparison produced.

CHAPTER XVIII

If Emma had still, at intervals, an anxious feeling for Harriet, a momentary doubt of its being possible for her to be really cured of her attachment to Mr. Knightley, and really able to accept another man from unbiassed inclination, it was not long that she had to suffer from the recurrence of any such uncertainty. A very few days brought the party from London, and she had no sooner an opportunity of being one hour alone with Harriet, than she became perfectly satisfied – unaccountable as it was! – that Robert Martin had thoroughly supplanted Mr. Knightley, and was now forming all her views of happiness.

Harriet was a little distressed – did look a little foolish at first: but having once owned that she had been presumptuous and silly, and self-deceived, before, her pain and confusion seemed to die away with the words, and leave her without a care for the past, and with the fullest exultation in the present and future; for, as to her friend's approbation, Emma had instantly removed every fear of that nature, by meeting her with the most unqualified congratulations. – Harriet was most happy to give every particular of the evening at Astley's, and the dinner the next day; she could dwell on it all with the utmost delight. But what did such particulars explain? – The fact was, as Emma could now acknowledge, that Harriet had always liked Robert Martin; and that his continuing to love her had been irresistible. – Beyond this, it must ever be unintelligible to Emma.

The event, however, was most joyful; and every day was giving her fresh reason for thinking so. – Harriet's parentage became known. She proved to be the daughter of a tradesman, rich enough to afford her the comfortable maintenance which had ever been hers, and decent enough to have always wished for concealment. – Such was the blood of gentility which Emma had formerly been so ready to vouch for! – It was likely to be as untainted, perhaps, as the blood of many a gentleman: but what a connexion had she been preparing for Mr. Knightley – or for the Churchills – or even for Mr. Elton! – The stain of illegitimacy, unbleached by nobility or wealth, would have been a stain indeed.

No objection was raised on the father's side; the young man was treated liberally; it was all as it should be: and as Emma became acquainted with Robert Martin, who was now introduced at Hartfield, she fully acknowledged in him all the appearance of sense and worth which could bid fairest for her little friend. She had no doubt of Harriet's happiness with any good-tempered man; but with him, and in the home he offered, there would be the hope of more, of security, stability, and improvement. She would be placed in the midst of those who loved her, and who had better sense than herself; retired enough for safety, and

occupied enough for cheerfulness. She would be never led into temptation, nor left for it to find her out. She would be respectable and happy; and Emma admitted her to be the luckiest creature in the world, to have created so steady and persevering an affection in such a man; – or, if not quite the luckiest, to yield only to herself.

Harriet, necessarily drawn away by her engagements with the Martins, was less and less at Hartfield; which was not to be regretted. – The intimacy between her and Emma must sink; their friendship must change into a calmer sort of goodwill; and, fortunately, what ought to be, and must be, seemed already beginning, and in the most gradual, natural manner.

Before the end of September, Emma attended Harriet to church, and saw her hand bestowed on Robert Martin with so complete a satisfaction, as no remembrances, even connected with Mr. Elton as he stood before them, could impair. – Perhaps, indeed, at that time she scarcely saw Mr. Elton, but as the clergyman whose blessing at the altar might next fall on herself. – Robert Martin and Harriet Smith, the latest couple engaged of the three, were the first to be married.

Jane Fairfax had already quitted Highbury, and was restored to the comforts of her beloved home with the Campbells. – The Mr. Churchills were also in town; and they were only waiting for November.

The intermediate month was the one fixed on, as far as they dared, by Emma and Mr. Knightley. – They had determined that their marriage ought to be concluded while John and Isabella were still at Hartfield, to allow them the fortnight's absence in a tour to the seaside, which was the plan. – John and Isabella, and every other friend, were agreed in approving it. But Mr. Woodhouse – how was Mr. Woodhouse to be induced to consent? – he, who had never yet alluded to their marriage but as a distant event.

When first sounded on the subject, he was so miserable, that they were almost hopeless. – A second allusion, indeed, gave less pain. – He began to think it was to be, and that he could not prevent it – a very promising step of the mind on its way to resignation. Still, however, he was not happy. Nay, he appeared so much otherwise, that his daughter's courage failed. She could not bear to see him suffering, to know him fancying himself neglected; and though her understanding almost acquiesced in the assurance of both the Mr. Knightleys, that when once the event were over, his distress would be soon over too, she hesitated – she could not proceed.

In this state of suspense they were befriended, not by any sudden illumination of Mr. Woodhouse's mind, or any wonderful change of his nervous

system, but by the operation of the same system in another way. – Mrs. Weston’s poultry-house was robbed one night of all her turkeys – evidently by the ingenuity of man. Other poultry-yards in the neighbourhood also suffered. – Pilfering was housebreaking to Mr. Woodhouse’s fears. – He was very uneasy; and but for the sense of his son-in-law’s protection, would have been under wretched alarm every night of his life. The strength, resolution, and presence of mind of the Mr. Knightleys, commanded his fullest dependence. While either of them protected him and his, Hartfield was safe. – But Mr. John Knightley must be in London again by the end of the first week in November.

The result of this distress was, that, with a much more voluntary, cheerful consent than his daughter had ever presumed to hope for at the moment, she was able to fix her wedding-day – and Mr. Elton was called on, within a month from the marriage of Mr. and Mrs. Robert Martin, to join the hands of Mr. Knightley and Miss Woodhouse.

The wedding was very much like other weddings, where the parties have no taste for finery or parade; and Mrs. Elton, from the particulars detailed by her husband, thought it all extremely shabby, and very inferior to her own. – “Very little white satin, very few lace veils; a most pitiful business! – Selina would stare when she heard of it.” – But, in spite of these deficiencies, the wishes, the hopes, the confidence, the predictions of the small band of true friends who witnessed the ceremony, were fully answered in the perfect happiness of the union.

FINIS

JANE AUSTEN

JANE AUSTEN (1775-1817), escritora inglesa proeminente, nascida em 16 de dezembro de 1775, considerada geralmente como a segunda figura mais importante da literatura inglesa depois de Shakespeare. Ela representa o exemplo de escritora cuja vida protegida e recatada em nada reduziu a estatura e o dramatismo da sua ficção.

Nasceu na casa paroquial de Steventon, Hampshire, Inglaterra, tendo o pai sido sacerdote e vivido a maior parte de sua vida nesta região. Ela teve seis irmãos e uma irmã mais velha, Cassandra, com a qual era muito íntima. O único retrato conhecido de Jane Austen é um esboço feito por Cassandra, que se encontra hoje na Galeria Nacional de Arte (National Gallery), em Londres.

Seus irmãos, Frank e Charles, serviram na marinha britânica, alcançando o posto de almirantes. Em 1801, a família mudou-se para Bath. Com a morte do pai em 1805, Jane, sua irmã e a mãe mudaram-se para Chawton, onde seu irmão lhes tinha cedido uma propriedade. A “cottage” em Chawton, onde Jane Austen viveu, hoje abriga uma casa-museu. Jane Austen nunca se casou: teve uma ligação amorosa com Thomas Langlois Lefroy que não evoluiu; foi noiva ainda de um rapaz muito mais novo que ela, Harris Bigg-Wither, mas mudou de opinião no dia seguinte ao do noivado.

Tendo-se estabelecido como romancista, continuou a viver em relativo isolamento, na mesma altura em que a doença a afetava profundamente. Pensa-se que ela pode ter sofrido do Mal de Addison (doença que atinge as glândulas suprarrenais), Linfona de Hodgkin ou mesmo de tuberculose bovina. Viajou até Winchester para procurar uma cura, mas faleceu ali, em 18 de julho de 1817, aos 41 anos, sendo sepultada na catedral da cidade.

A fama de Jane Austen perdura através dos seus seis melhores trabalhos: “Razão e Sensibilidade” (1811), “Orgulho e Preconceito” (1813), “Mansfield Park” (1814), “Emma” (1815), “The Elliots”, mais tarde renomeado como “Persuasão” (1818) e “Susan”, mais tarde renomeado como “A Abadia de Northanger” (1818), publicados postumamente. “Lady Susan” (escrito entre 1794 e 1805), “The Brothers” (iniciado em 1817, deixado incompleto e publicado em 1925 com o título “Sanditon”) e “Os Watsons” (escrito por volta de 1804 e deixado inacabado; foi terminado por sua sobrinha Catherine Hubback e publicado na metade do século XIX, com o título “The Younger Sister”) são outras de suas obras. Deixou ainda uma produção juvenil (organizada em 3 volumes), uma peça teatral, “Sir Charles Grandison, or The Happy Man: a Comedy in Six Acts” (escrita entre 1793 e 1800), poemas, registros epistolares e

um esquema para um novo romance, intitulado “Plan of a Novel”.

EDIÇÃO BILÍNGUE INGLÊS / PORTUGUÊS



EMMIA

JANE AUSTEN - EMMIA - A NOVEL IN THREE VOLUMES



**BIBLIOTECA
DO EXILADO**

Table of Contents

[Copy right © by Editora LandmarkLTDA.](#)

[VOLUME I](#)

[CAPÍTULO I](#)

[CAPÍTULO II](#)

[CAPÍTULO III](#)

[CAPÍTULO IV](#)

[CAPÍTULO V](#)

[CAPÍTULO VI](#)

[CAPÍTULO VII](#)

[CAPÍTULO VIII](#)

[CAPÍTULO IX](#)

[CAPÍTULO X](#)

[CAPÍTULO XI](#)

[CAPÍTULO XII](#)

[CAPÍTULO XIII](#)

[CAPÍTULO XIV](#)

[CAPÍTULO XV](#)

[CAPÍTULO XVI](#)

[CAPÍTULO XVII](#)

[CAPÍTULO XVIII](#)

[VOLUME II](#)

[CAPÍTULO I](#)

[CAPÍTULO II](#)

[CAPÍTULO III](#)

[CAPÍTULO IV](#)

[CAPÍTULO V](#)

[CAPÍTULO VI](#)

[CAPÍTULO VII](#)

[CAPÍTULO VIII](#)

[CAPÍTULO IX](#)

[CAPÍTULO X](#)

[CAPÍTULO XI](#)

[CAPÍTULO XII](#)

[CAPÍTULO XIII](#)

[CAPÍTULO XIV](#)

[CAPÍTULO XV](#)

[CAPÍTULO XVI](#)

[CAPÍTULO XVII](#)

[CAPÍTULO XVIII](#)

[VOLUME III](#)

[CAPÍTULO I](#)

[CAPÍTULO II](#)

[CAPÍTULO III](#)

[CAPÍTULO IV](#)

[CAPÍTULO V](#)

[CAPÍTULO VI](#)

[CAPÍTULO VII](#)

[CAPÍTULO VIII](#)

[CAPÍTULO IX](#)

[CAPÍTULO X](#)

[CAPÍTULO XI](#)

[CAPÍTULO XII](#)

[CAPÍTULO XIII](#)

[CAPÍTULO XIV](#)

[CAPÍTULO XV](#)

[CAPÍTULO XVI](#)

[CAPÍTULO XVII](#)

[CAPÍTULO XVIII](#)

[CAPÍTULO XIX](#)

[EMMA: A Novel in Three Volumes](#)

[VOLUME I](#)

[CHAPTER I](#)

[CHAPTER II](#)

[CHAPTER III](#)

[CHAPTER IV](#)

[CHAPTER V](#)

[CHAPTER VI](#)

[CHAPTER VII](#)

[CHAPTER VIII](#)

[CHAPTER IX](#)

[CHAPTER X](#)

[CHAPTER XI](#)

[CHAPTER XII](#)

[CHAPTER XIII](#)

[CHAPTER XIV](#)

[CHAPTER XV](#)

[CHAPTER XVI](#)

[CHAPTER XVII](#)

[CHAPTER XVIII](#)

[VOLUME II](#)

[CHAPTER I](#)

[CHAPTER II](#)

[CHAPTER III](#)

[CHAPTER IV](#)

[CHAPTER V](#)

[CHAPTER VI](#)

[CHAPTER VII](#)

[CHAPTER VIII](#)

[CHAPTER IX](#)

[CHAPTER X](#)

[CHAPTER XI](#)

[CHAPTER XII](#)

[CHAPTER XIII](#)

[CHAPTER XIV](#)

[CHAPTER XV](#)

[CHAPTER XVI](#)

[CHAPTER XVII](#)

[CHAPTER XVIII](#)

[VOLUME III](#)

[CHAPTER I](#)

[CHAPTER II](#)

[CHAPTER III](#)

[CHAPTER IV](#)

[CHAPTER V](#)

[CHAPTER VI](#)

[CHAPTER VII](#)

[CHAPTER VIII](#)

[CHAPTER IX](#)

[CHAPTER X](#)

[CHAPTER XI](#)

[CHAPTER XII](#)

[CHAPTER XIII](#)

[CHAPTER XIV](#)

[CHAPTER XV](#)

[CHAPTER XVI](#)

[CHAPTER XVII](#)

[CHAPTER XVIII](#)

[CHAPTER XVIII](#)

[JANE AUSTEN](#)